3 1761 08116430 3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/portugaleosestra01bran

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

SEGUNDA PARTE

POR

MANUEL BERNARDES BRANCO

VOLUME I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1895

LIBRARY
OCT 12 1971
UNIVERSITY OF TORONTO

Z
2726
B522
v.1

HOMENAGEM CONSAGRADA

AO

GENTILISSIMO ESPIRITO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O MAXIMO MESTRE

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PROLOGO

«Louis Camoens, né dans le plus beau siècle du Portugal, a laissé dans sa Lusiade un monument plus durable que les conquêtes et la grandeur ephemère de sa patrie.»

ESMENARD, *La navigation*, poëme, pag. 41, vol. II.

Certo que não conheço eu outro paiz que traga mais vezes á lembrança a famosa Grecia do que é Portugal.

É este um dos mais pequenos ou microscopicos paizes da Europa; mas, cousa digna de admiração, é ao mesmo tempo um dos paizes que mais vastos territorios possuem nas regiões ultramarinas. Cortae, amigo leitor, no mappa, o papel em que estiverem marcadas as possessões portuguezas, e uni-as umas ás outras, e vêde quão immensa é a area dos territorios que alem mar ainda recebem as leis de Portugal, e dizei se nossos maiores foram ou não verdadeiros heroes! Elles que, ao passo que descobriam e civilisavam, tinham ao mesmo tempo de empunhar continuamente a espada desembainhada contra os francezes, contra os inglezes, contra os normandos, contra os hespanhoes, contra os hollandezes, contra os turcos, e n'uma palavra contra todos e contra tudo!

Tambem a Grecia pôde, por meio de sacrificios extraordinarios, salvar seu territorio das duas invasões persas. Mas não pôde, em tempos mais chegados a nós, salval-a de outras invasões, em que a perfidia e a traição representavam um papel mui proeminente.

A Grecia succumbiu, mas os livros compostos por seus illustres filhos fizeram com que ella não podesse esquecer. O que de mais celebre ha nas letras foi obra dos gregos: e as palavras scientificas gre-

gas vão até onde alem dos gregos nenhum povo até hoje pôde ainda chegar em todo o genero de litteratura. O nome Grecia, só de per si, é sympathico, é um sonho dourado!

E por fim chegou um tempo em que as nações da Europa, embora a tarefa tivesse bastantes espinhos, desejaram ver a Grecia liberta de seus barbaros senhores, e o conseguiram, embora um livramento de tal ordem viesse a custar pelagos de sangue derramado. E a Grecia a pouco e pouco tem augmentado sua area, e quer queiram, quer não, a Grecia ha de vir, com o decorrer dos annos, a ser senhora d'aquelles territorios que n'outros tempos possuiu.

Recuperar, porém, todos os territorios possuidos outr'ora pelos portuguezes, é tarefa mui ardua, espinhosissima, e mesmo chimerica ou irrealisavel. Contente-se porém Portugal com o civilisar os immensos territorios que ainda possue, principalmente na Africa, onde é senhor de um vastissimo imperio, e seu nome ainda se tornará menos olvidavel, depois de uma tão despendiosa e ardua empreza.

Portugal com suas descobertas e navegações prestou grandes serviços á civilisação. Se os portuguezes ao embarcarem levavam armas para se defenderem de todo o genero de inimigos, levavam tambem papel e tinta bastante para escreverem o que viam fazer aos outros povos, pois de si eram um pouco descuidados, ou modestos de mais.

Mas é principalmente n'este genero de escriptos que os portuguezes são originaes. Não vinha muito a proposito, depois de um cerco horroroso, em que a fome tinha ceifado centenares de victimas, fallar de gregos ou de romanos, mas sim descrever, com os cabellos hirtos, um Manuel de Sousa de Sepulveda, a sepultar cada um dos membros de sua familia, mortos pela fome, n'um sertão da Cafraria, e por fim como lá ficou estirado o pae, sem haver quem o enterrasse.

Quando os portuguezes, talvez com as lagrimas nos olhos, descreviam as horrorosas scenas descriptas nas *Historias tragico-maritimas*, não precisavam para nada dos gregos, nem dos romanos. Elles sabiam perfeitamente quaes as causas d'aquellas catastrophes, e como ellas começavam e acabavam. Um rombo mais aqui, mais acolá; a agua a entrar para a embarcação, o padre com o Christo arvorado animando os passageiros a pedirem perdão a Deus, o navio cada vez mais afundado pela agua abaixo, os passageiros a marinharem furiosos, e com os cabellos hirtos pelas enxarcias, e depois o navio, como que puxado do abysmo, a sumir-se pela agua abaixo n'uma carreira vertiginosa. Depois alguns remos e alguns cadaveres boiando á flor da agua, diziam eloquentemente como as cousas se tinham passado.

Para descrever, pois, scenas taes, não precisavamos de imitar os gregos.

Os portuguezes possuiam já então preciosos escriptos. E a lucta entre dois irmãos, querendo ambos morrer um pelo outro, no alto mar, é bem conhecida d'aquelles que se entregam á leitura dos livros antigos, e até mesmo bem conhecida dos estrangeiros.

Onde é que se encontra a historia de um D. João de Castro, prestes a fallecer, dizendo a S. Francisco Xavier e ao senado de Goa: «Senhores, peço-vos que me mandeis dar uma esmola, pois não tive hoje dinheiro para comprar uma gallinha!

«Para salvar a fortaleza de Diu, empenhei as barbas por nada mais possuir de valioso, hoje nada tenho, nem o espero tão cedo.»

Mas este pae tinha feito mais alguma cousa, tinha mandado um filho por entre as furiosas ondas salvar a fortaleza de Diu; o proprio pae tambem para ali tinha ido, e tinha visto outro filho feito em estilhaços ao rebentar de uma mina!

Mas fez mais alguma cousa D. João de Castro:

Escreveu um roteiro, em que descreve a viagem que fizeram os portuguezes no anno de 1541, partindo da cidade de Goa até Suez.

Escreveu outro roteiro da costa de Goa, até Diu, narrando a viagem que fez o vice-rei D. Garcia de Noronha, em soccorro d'esta cidade nos annos de 1538 e 1539. E alem d'estes ainda escreveu um terceiro roteiro de Lisboa a Goa, o qual foi annotado pelo sr. João de Andrade Corvo.

E eis porque não é raro vermos estrangeiros, que ao virem visitar Portugal, não deixam de ir a Cintra e a Bemfica recordar os feitos do grande D. João de Castro, o qual nos deixou tambem um grande numero de cartas importantes, mas até hoje ainda ineditas.

Não ha duvida que os gregos tratavam de assumptos botanicos, mas não foi este verdadeiramente aquelle de que tratou o nosso Garcia da Horta. Na qualidade de portuguez escreveu a sua obra intitulada *Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India*.

E com effeito a nós cumpria tratar de assumptos taes, pois percorriamos a Asia na qualidade de senhores e dominadores, e d'elles não tinham tratado os Gallenos e os Dioscorides.

Afigura-se-me tambem que um povo que possue as *Decadas* de Barros e de Couto; *As peregrinações* de Fernão Mendes Pinto; a *Vida de S. Francisco Xavier*, por Lucena; o *Atlas*, do visconde de Santarém; as *Lendas da India*, por Gaspar Correia; a *Historia do grande D. Luiz de Athayde*; o *Japão*, por Pedro Gastão Mesnier; os sete volumes das

Noticias ultramarinas; a *Chorographia brazilica;* a *Vida do famoso heroe Luiz de Loureiro,* capitão general das praças de Santa Cruz do Cabo de Aguer, Çafim, Mazagão, Arzilla e Tanger; o *Tratado breve dos rios de Guiné, desde o rio do Sanagá até aos baixos de Santa Anna;* os *Quadros navaes,* de Celestino Soares; as *Memorias dos estabelecimentos portuguezes a leste do Cabo da Boa Esperança,* por Manuel José Gomes Loureiro; as *Cartas do Japão;* a celebre *Historia da Ethiopia Alta,* por Balthazar Telles; o *Livro da fazenda,* por Luiz de Figueiredo Falcão; As *Cartas do grande Affonso de Albuquerque*; a *Historia insulana;* a *Vida do grande D. João de Castro,* por Jacinto Freire de Andrade; o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama;* a *Vida de D. Paulo de Lima,* capitão mór das armadas do estado da India, por Diogo do Couto; *Uma viagem ao Valle das Furnas,* por Bernardino José de Senna Freitas; a *Guerra brazilica,* por Francisco de Brito Freire; o *Tratado das drogas,* por Garcia da Horta; os *Lusiadas;* o *Fr. Luiz de Sousa;* a *Historia de S. Domingos* ... Mas basta, que o assumpto é interminavel.

De um tal povo não se póde dizer que não prestou serviços ás letras e ás sciencias.

Mesmo esses homens que, tendo professado em ordens religiosas, eram depois mandados para prégarem o Evangelho em paizes distantes, sendo encarregados de escrever suas viagens, não se esquecem de nos darem informações nas *Chronicas.* Fr. Luiz de Sousa não deixa de nos dar informações preciosissimas ácerca de varios paizes distantes, e o mesmo praticaram os outros chronistas.

Mas os chronistas tinham rasão. Por toda a parte se ouviam louvores e elogios aos portuguezes, por toda a parte os portuguezes tinham influencia, por toda a parte se viam recordações portuguezas.

Carlos José Caldeira, no seu livro *Apontamentos da viagem de Lisboa á China,* diz-nos «que por toda a costa do Malabar é commum a lingua portugueza; e que os habitantes conservavam muito affecto á nossa nação, apesar de terem passado ha tanto tempo para dominio estranho.»

E o abbade de Choisi nos falla mui por miudo dos feitos de nossos maiores em Siam.

Na ilha de Salsete o portuguez é mais vulgar do que o inglez, e seus habitantes ufanam-se de serem portuguezes.

Outros escriptores ainda nos dizem que em Siam se conserva o bairro chamado dos portuguezes.

Em Singapura mais de duzentas pessoas portuguezas ou descen-

dentes dos nossos foram esperar o bispo de Malaca, que por ali tinha de passar no anno de 1876.

O auctor de um trabalho intitulado *Mémoire sur l'état des missions de la Chine, présenté en latin au P. général des jesuites l'an 1703, par le P. Noël,* nota que, ao tempo em que os jesuitas francezes chegaram á India, havia cousa de uns vinte annos, viram que os jesuitas portuguezes já n'aquelle sitio possuiam um grande numero de bellas igrejas. Só em Cham-hai, em San Kiam, em Cham-cho, mais de cem igrejas. E mais de 100:000 christãos só na provincia de Nankin.

E mesmo depois da chegada dos jesuitas francezes, os mencionados jesuitas portuguezes estabeleceram casas nas cidades de Pao-tin, de Chintin, e em varias outras. E até mesmo em Pekim fundaram uma igreja para mulheres [1].

Ida Pfeiffer assevera que os naturaes de Amboino, e das pequenas ilhas vizinhas, eram christãos, catholicos no tempo dos portuguezes, e protestantes nos correntes tempos [3].

E esta mesma celebre viajante e escriptora nos assevera, que a dansa chamada tjakalele, postas de parte algumas modificações, era do tempo dos portuguezes [2].

E ainda esta escriptora nos assevera que nos tempos dos portuguezes havia em Menchassa, nas ilhas Celebes da Oceania, muitos christãos, mas que a falta de padres fizera com que aquelles povos caíssem no paganismo, por falta de pessoas que lhes ensinassem as maximas da religião [3].

O nosso Fernão Mendes Pinto vem citado a pag. 84 da obra *L'esprit de l'Encyclopédie*, vol. XI, pag. 84.

Na lingua japoneza foram introduzidas palavras portuguezas. E foi esta asserção estampada n'uma obra impressa em Macau.

Stanley assevera-nos que na Africa a lingua mais conhecida no sertão é a dos brancos, isto é, a lingua portugueza.

Um grande numero de livros e opusculos foram, em o nosso idioma, estampados na typographia de José Homem Carvalho e Irmão.

---

[1] *Journal des sçavants,* année 1707, pag. 7.

[2] «Esta dansa, executada ao principio por um só dansarino, e depois por dez, é tão linda que a podemos comparar com os bailados modernos.» Ida Pfeiffer, *Mon second voyage autour du monde,* pag. 268.

[3] *Mon second voyage autour du monde,* Paris, 1880, pag. 242.

E o mesmo caso se deu nas typographias de Deltim de Noronha, na de Sousa em Hong-Kong, e na de Almeida em Singapura. Alfred Russell Wallace, na sua obra *L'archipel malaisien*, assevera que em Amboino o elemento portuguez era o predominante nos christãos.

Que lindissimas edições de obras em lingua portugueza são dadas á estampa em Nova York, na casa de Einsiden! E o mesmo pratica em Bombaim a casa Furtado e Irmão. A *America*, jornal de luxo, em portuguez, é na realidade uma verdadeira belleza.

Tambem em varias partes do mundo ha quem faça conferencias ácerca de nossas cousas e pessoas.

D. Fernando de Guevara fez em junho de 1889 uma conferencia no atheneu hispano-portuguez de Madrid, sobre a importancia da historia de Portugal. E uma outra fez o sr. Labra.

Emile Deschautel mette em scena um portuguez na obra *Les courtisanes grecques*[1]. Montaigne, a pag. 98 do vol. III das suas obras, lembrou-se de fazer um elogio a Moley Moluk, trazendo assim á lembrança o nosso desditoso rei D. Sebastião.

O portuguez Antonio de Almeida era medico, e membro effectivo do real collegio dos cirurgiões em Londres. E a obra d'este nosso medico, o *Investigador portuguez*, dá-nos muitas noticias ácerca do nosso Almeida[2].

O *Diario de noticias*, do dia 1 de novembro de 1882, dá-nos a ler o seguinte artigo:

«O sr. Francisco Banzá, illustrado diplomata e litterato da republica oriental do Uruguay, acaba de publicar em Montevideu o terceiro e ultimo volume da interessante obra que tem por titulo *Historia de la dominacion española en el Uruguay*.

«N'esta obra, cheia de erudição, aprecia com fino criterio os acontecimentos historicos d'aquelle paiz, tão convulsionado por commoções politicas desde a sua descoberta.

«Ahi consagra um capitulo especial á intervenção e influencia portugueza n'aquella região. E tanto no livro respectivo, como n'uma carta que teve a bondade de dirigir-me, offerecendo-me a sua obra, é o sr. Banzá, sem se distanciar da verdade historica, muito amavel

---

[1] De pag. 113 a pag. 117.

[2] Vol. VI, pag. 46. As do pianista Bomtempo apparecem na mesma obra e volume, a pag. 384. E no *Investigador portuguez* encontrâmos noticias de Alexandre de Gusmão, vol. II, pag. 246.

para com os portuguezes, attribuindo-nos a origem dos progressos do Uruguay. Enriquece esta publicação grande copia de documentos com que o auctor abona a fidelidade das suas asserções, e que lhe serviram, á custa de trabalhosas indagações, para recompôr a notavel historia d'aquelle formoso paiz ...»

Fr. Luiz de Sousa, esse admiravel mestre da lingua portugueza, repara em que o convento dominicano de Ara Cœli, em Cordova, fôra fundado por um frade portuguez por nome fr. Alvaro, muito estimado da imperatriz D. Izabel, mulher do imperador Carlos V.

Propagaram pela Europa as antigas relações portuguezas que o rio da Abyssinia, por nome Abaï, era a nascente do Nilo, erro que só foi bem reconhecido em nossos dias.

São, porém, as nascentes, do Abaï as que Bruce visitou em 1770: e como consequencia d'esta visita foi que elle pretendeu haver descoberto as nascentes do Nilo, embora não podesse elle ignorar que alguns missionarios portuguezes, mórmente o padre Paes, e o padre Lobo tinham visto e descripto muito bem estas nascentes desde a primeira metade do seculo XVII.

E perto d'este logar acha-se Mertola Mariam com as ruinas de um mosteiro e de uma igreja, que pertencem ao numero dos mais bellos restos dos edificios religiosos, que os portuguezes erigiram na Abyssinia [1].

Na praça dos Martyres em Bruxellas existe um monumento erigido em honra das victimas que fizeram da Belgica um reino independente.

Lêem-se em tábuas de marmore preto o nome das victimas, que são mais de quatrocentas e cincoenta.

Entre estes nomes encontra-se uma recordação de Portugal (que ainda assim não é a unica n'aquelle paiz). N'uma das tábuas (a da di-

---

[1] Lorenzo Gracian diz o seguinte ácerca dos portuguezes: «... los hidalgos portugueses serian famosos, si non fuesen fumosos: pero respondieron ellos que no puede dexar de haver humo, donde hay mucho fuego.

«Llamanles sebosos vulgarmente: pero ellos echando á crueles en sus memorables batallas. Tomaron mucho de su fundador Ulises, con que no se halla jamas portugués, ni bobo, ni cobarde.

«Los portugueses alaban sus cosas á todo hyperbole, á superlativa satisfacion, cosa famosa, cosa grande, la primera del mundo, no se hallará otra como ella en todo el orbe, que eso de Castella, es poca cosa.» Assim o diz Lorenzo Gracian, a pag. 374 das suas obras impressas em Barcelona no anno de 1753.

reita) fronteira á porta da entrada, figura do seguinte modo um filho da ilha da Madeira, que pelo nome parece de origem ingleza:

BANGER — JOHN — ILE DE MADÈRE[1]

O conde da Ericeira[2] trouxe para aqui uma rapariga de dezesete annos, que veiu ao mundo sem lingua, e nem por isso deixa de fallar.

Nasceu em Monsaraz, districto de Elvas.

Nenhum vestigio tem de lingua, nem de cousa parecida. Mas não é quando quer fallar que percebe estar privada d'este membro, mas sim quando quer comer, pois é obrigada a metter um dedo na bôca para fazer as funcções, que faz ordinariamente a lingua, que é — o engulir os alimentos.

Diz que sente muito bem os differentes gostos.

Os dentes dos dois lados da queixada inferior estão de tal modo mettidos para dentro, que pouco logar fica entre as duas ordens de dentes. O que ha de surprehendente é que articula bem, embora com um som de voz um pouco parecido com o das pessoas velhas, que perderam os dentes.

O conde da Ericeira fez o seguinte epigramma ácerca d'este phenomeno.

In fœminam Mansarascam sine lingua loquentem:
Non mirum, elinguis mulier, quod verba loquatur:
Mirum, cum lingua, quod taceat, mulier.

No *Journal des sçavants* de 1880, pag. 263 tambem lemos o seguinte:

«A academia de París ha de conferir de tres em tres annos, a partir de 1882, o premio *Gama Machado* ás melhores memorias ácerca das partes coloridas do systema tegumentario dos animaes, ou ácerca da materia fecundante dos seres animados. O premio consistirá em 1:200 francos.»

Na Schatrkaummer, de Vienna (cat., pag. 100, n.º 5, ed. de 1873),

---

Mas, verdade, verdade — os hespanhoes a censurarem os portuguezes de exagerados e hyperbolicos, é cousa que deverá fazer arrebentar com riso mesmo o mais melancholico e pensativo, mesmo o mais macambuzio que nunca houvesse rido em sua vida.

[1] *Archivo pittoresco*, vol. II, pag. 350.

[2] Supplemento ao *Journal des sçavants*, ultimo de junho de 1708.

existe uma das rarissimas obras da ourivesaria portugueza dos fins do seculo XV.

É uma salva de prata dourada: a parte figurativa, que representa scenas da biblia, cobrindo não só o fundo, mas ainda as bordas da salva, está admiravelmente trabalhada. E na rodela do fundo vêem-se as armas dos condes de Oriola.

Na galeria de Dresde (n.º 526, cat., pag. 170) está um bello quadro authentico, e bem conservado, e assignado, da escola portugueza de pintura do seculo XVI: a *Communhão de Santo Onofre*, obra de Vasco Pereira [1].

Em Vienna (cat., n.os 18, 21 e 48) encontram-se tres quadros provavelmente portuguezes, do seculo XV, e um bello retrato de D. João I, e ainda mais dois outros ainda bellos de sua neta a infanta D. Leonor, filha de el-rei D. Duarte, e casada com o imperador da Allemanha, Frederico III.

Na galeria ducal de Gotha guarda-se uma das raras joias de Josefa de Obidos [2].

O professor Angelo de Gubernatis escreve na *Revista européa*, de Florença, as seguintes palavras: «Os portuguezes tornaram-se assás benemeritos da litteratura indiana pelos muitos conhecimentos que os seus viajantes divulgaram na Europa ácerca da India. O dr. Gerson da Cunha, auctor da *Historia de Baçaim*, de uma douta memoria sobre o *Dente de Budha*, e de uma das memorias que foram premiadas no concurso de Florença (no congresso dos orientalistas), tem preparado um trabalho importante sobre a litteratura portugueza na India, uma parte do qual, sendo lida na sessão indiana dos orientalistas, muito agradou».

Os auditores da Rota são prelados *ex officio;* mas não se lhes exige idade, nem qualidades particulares para desempenharem tal mister. Não ha muito tempo que um individuo contando apenas vinte annos de idade tinha assento n'este tribunal. É um caso extraordinario que a eleição d'estes auditores não pertence exclusivamente ao papa, ou ao seu governo, mas sim aos governos de alguns estados estrangeiros. A Allemanha nomeia dois, Portugal, Hespanha, França e Florença elegem um cada um d'estes. E assim o disse lady Morgan na sua obra *L'Italie*, vol. IV, pag. 89, Paris, 1821.

---

[1] Vasco Pereira, pintor, 1583.

[2] Nossa Senhora com o menino dentro de uma cercadura de flores.

As riquezas da familia Chigi e os thesouros de seus palacios foram em grande parte produzidas por uma grande quantidade de baixellas de oiro offerecidas pelo rei de Portugal a Alexandre VII.

Por sua morte os cardeaes nepotes saquearam o palacio do Vaticano, e diz-se que venderam as tapeçarias, e até mesmo os laranjaes do Quirinal.

E assim tambem o diz lady Morgan a pag. 311 da obra já citada, no vol. III.

Stendhal, no seu livro *Promenades dans Rome*, pag. 42 (Paris, 1858), falla-nos do nosso marquez de Funchal, embaixador de Portugal. «É (diz ella), um espirito singular, que afugenta o enfado de um salão, até mesmo diplomatico, e onde se póde fallar ácerca de tudo quanto póde servir para o assumpto habitual de uma conversa» [1].

E emquanto ao nosso compatriota o padre Santo Antonio, todos sabem que é de todos os santos do kalendario o mais popular.

Tambem d'elle nos falla Lady Morgan na sua obra *L'Italie* (vol IV, pag. 250), dizendo: «Em Napoles a festa de Santo Antonio é concorrida por todos quantos possuem vida, quer brutos, quer gente, e as cocheiras do rei fornecem a maior parte d'esta pompa.

«Santo Antonio de Padua (diz ainda a mesma celebre escriptora, a pag. 363 do vol. IV) é um dos maiores santos do kalendario, e sua igreja uma das mais brilhantes da Italia.

«Visitámos aquelle templo n'um momento feliz, durante a celebração da missa cantada, n'um domingo.

«Era a primeira vez que eu via uma igreja italiana agglomerada de um auditorio italiano, do qual um terço parecia pertencer ás classes superiores, pois as mulheres estavam elegantemente vestidas á franceza, assestavam os oculos, e depois olhavam em volta de si com ar de enfado, e dando-se tanto á importancia, que imaginei estar antes n'um templo protestante inglez.»

«Os saraus, diz Stendhal (*Promenades dans Rome*, pag. 164, première série), de mr. Torlonia são mais bellos e melhor dirigidos que os da maior parte dos soberanos da Europa. A elles comparece muita gente, mas a chusma não incommoda. Notae, porém, no meio dos grupos formados pelas mais bellas mulheres da Inglaterra e de Roma, um velhinho com olhar buliçoso, e com um compridissimo colete branco: é o dono da casa.

---

[1] Lady Morgan, *L'Italie*, vol. IV, pag. 250.

«Está sem duvida contando aos estrangeiros alguma anecdota caseira. Por exemplo, a d'aquelle portuguez baixinho com a cabeça tão bem frisada, e com um espirito tão scintillante.

«Quando fomos á opera (diz ainda Stendhal, a pag. 390 do vol. IV da sua *Italia*), o publico, suppondo que a ex-imperatriz de França estivesse ali com seu pae, começou a dar palmas á entrada do imperador, mas cessaram logo que viram que ella não tinha chegado. E logo que ella appareceu, soltaram-se applausos vivos e prolongados. Em Padua foram ambos visitar a universidade, e ao saírem separaram-se, uma para ir a Santo Antonio, e o outro á escola de chimica.»

Diz Gaume na sua obra *As tres Romas*, que, apenas haviam deixado S. Germano, e se tinham mettido na bella estrada do valle, parou subitamente a carruagem, recuou, e ficou suspensa á borda de um precipicio. O conductor, porém, nada mais fez do que gritar: — Santo Antonio! Santo Antonio!

Em Napoles encontrou o conego Alves Mendes duas estatuas no escadorio do palacio real, representando o Tejo e o Ebro. Na igreja dos dominicanos em Florença, ha uma estatua representando o padre Santo Antonio. Em Padua a basilica consagrada a este portuguez é uma das obras mais bellas da Italia. Suas primorosas esculpturas são de Sansovino e de Roselli. Mas para descrever este sumptuoso templo são necessarios livros, e não algumas paginas.

Cumpre, porém, não esquecer que no templo de S. Francisco, em Padua, tambem jaz um notabilissimo portuguez, nada menos do que o famoso fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo. Em Turim encontrâmos a larga via do Porto, recordação do rei Carlos Alberto, que se finou na cidade d'este nome em Portugal. Em Santa Maria de Veneza encontraes o confessionario destinado só para francezes, allemães, inglezes, hespanhoes e portuguezes.

O tumulo de Pico de Mirandola, em Florença, tem o seguinte epitaphio:

Johannes jacet hic Mirandula. Caetera norunt
Et Tagus et Ganges: forsan et Antipodas.

Em Neuchatel, na Suissa, todos os seus principaes estabelecimentos de beneficencia e de instrucção devem-se a um legado importantissimo deixado pelo suisso David de Parry, que no seculo XVIII viera estabelecer-se em Lisboa, e aqui grangeou uma fortuna colossal.

A imagem, porém, e quadros representando o nosso compatriota

Santo Antonio são innumeros, e alguns d'elles obras artisticas de primeira ordem.

Mas não só pelas descobertas e conquistas se tornavam conhecidos os nossos nos paizes estrangeiros.

O abbade Correia da Serra, um dos botanicos europeus mais conhecidos, tornou-se notavel por suas *Memorias botanico-physiologicas,* impressas na obra *Philosophical transactions,* estampadas na *Royal Society of London,* e nos *Annales du muséum de París.* Foi um dos collaboradores da *Biographie universelle,* de Michaud.

Era doutor em direito canonico pela universidade de Roma, socio correspondente do instituto de França, da sociedade philomatica de París, da sociedade real de Londres, das academias de Turim, Florença, Bordeus, Leão, Marselha, Liége, Sena, Mantua, Cortona; das sociedades reaes de agricultura do Piemonte, da Toscana, da Linneana de Inglaterra, dos antiquarios de Londres, e da sociedade real e economica de Valencia.

Silvestre Pinheiro Ferreira era tambem um compatriota distinctissimo. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos falla d'elle na obra *Glorias de Portugal,* do teor seguinte:

«O viajante portuguez que ha poucos annos percorresse a Europa, não encontraria homem de estado conspicuo, sabio distincto, philosopho afamado ou publicista notavel, que lhe não fallasse de Silvestre Pinheiro Ferreira com profundo respeito e sincera veneração. Ainda hoje não ha bibliotheca publica na Europa, ou livraria particular escolhida, em que não estejam devidamente estimadas as obras do nosso benemerito compatriota.»

O duque de Lafões entregou-se constantemente aos estudos, discorrendo por quasi toda a Europa, e por algumas partes da Asia, não lhe esquecendo o Egypto, a Turquia e a propria Laponia, á busca de leis, costumes, litteratura, monumentos, que examinasse e estudasse profundamente, e a procurar os homens mais celebres d'aquelle tempo, com quem praticasse, enriquecendo e cultivando o espirito.

No intervallo d'estas custosas e longas digressões residia na Allemanha, onde serviu dignamente, como voluntario, no exercito austriaco durante a guerra dos sete annos, distinguindo-se na batalha de Maxen, e ganhando a singular estima e affeição do rei da Prussia, de todos os homens insignes da Europa, e especialmente do imperador José II, que se ficou correspondendo com elle até á morte.

O alto engenho de D. Leonor de Almeida *(Glorias portuguezas,* pag. 133) encontrou em París apreciadores competentes, e mais que

uma vez nas salas de m.me Necker os primeiros homens da espirituosa côrte de França admiraram a graça e talento da illustre fidalga portugueza. Não a esperavam menores testemunhos de consideração em Vienna de Austria. Recebeu-a com grandes demonstrações de estima a imperatriz Maria Thereza, espirito varonil, que desde as primeiras entrevistas descortinou os altos dotes da condessa de Oeynhausen, mostrando-lhe sempre particular affeição.

O celebre botanico francez Saint-Hilaire apreciou os trabalhos do padre Leandro, professor de botanica no Rio de Janeiro, e tratou-o com intima amisade, quando esteve no Brazil. Balbi, *Essai statistique*, vol. II, pag. 414.

João Antonio Monteiro, lente de Coimbra, era muito estimado do celebre Haüy, e publicou algumas memorias nas *Actas da academia de Munich*, e no *Journal des mines*.

Joaquim Lobo era um dos melhores mineralogos portuguezes, e como tal considerado na Allemanha por causa de umas sabias memorias sobre diversos assumptos de mineralogia. Balbi, vol. II, pag. 54.

Padre José Mariano da Conceição Velloso, segundo Balbi, foi um dos maiores botanicos do seculo XIV, conhecido e citado por Wildenow.

Luiz Pinto de Sousa Coutinho, primeiro visconde de Balsemão, membro da sociedade real de Londres, tinha correspondencia com varios sabios estrangeiros de primeira ordem, e entre outros com Linneo, e é citado de Robertson e Reynal.

Manuel Ferreira da Camara Bettencourt era chimico notavel, e membro da academia de historia natural de Edimburg.

João da Silveira Caldeira foi um medico conhecido pelos seus trabalhos, a que se entregou juntamente com Dubois, e por varios outros por elle feitos no jardim das plantas, e pela amisade com que o honravam os celebres chimicos Vauquelin e Laugier.

João Francisco de Oliveira, medico, exerceu sua profissão nos Estados Unidos americanos, durante dezeseis annos.

Francisco Solano Constancio publicou varias memorias sobre medicina nos jornaes de París, cidade em que viveu por muitos annos. Em 1795 publicou em Edimburg o jornal *The Ghost*, juntamente com Bannontgue e Campbell.

José Romão Rodrigues Nilo, medico em París, apresentou alguns escriptos á sociedade de medicina d'aquella cidade, que os acolheu muito bem. Foi tambem cavalleiro da Legião de Honra.

Manuel do Espirito Santo Limpo é conhecido fóra da sua patria

por se ter applicado a resolver alguns problemas propostos pela academia real das sciencias de París. Balbi, vol. II, pag. LXXXIX.

Manuel Pedro de Mello alcançou em 1806 o premio offerecido pela academia de Copenhague, pela sua memoria sobre a composição das forças.

O conde da Barca, Antonio de Araujo de Azevedo, estava relacionado com os maiores sabios da Allemanha, como se vê pela *Correspondencia astronomica* de Zarch.

Miguel Marino Franzini pela sua carta maritima das costas de Portugal, publicada em Londres e reimpressa em París, teve a honra de ser admittido ao numero dos candidatos ao instituto de París.

Goes de Andrade, em 1815 era um dos redactores do *Diligent*, em París, e no anno de 1817 do *Constitutionnel*, e depois do *Quotidienne*.

A traducção feita por Targini do *Ensaio sobre o homem* foi elogiada pelo *L'Ape in Londra*, *The magazine*, *Morning Chronicle*, *Star*, *Times* e *Revue encyclopédique*.

Alexandre Herculano, socio da real academia de historia de Madrid, de Turim, e membro do instituto historico de França, é conhecidissimo em toda a Europa.

Alexandre Magno de Castilho, membro do instituto historico de París.

Antonio de Almeida, membro do real collegio dos cirurgiões de Londres.

Antonio Feliciano de Castilho, membro do instituto historico de París, da academia das sciencias e bellas artes de Rouen, da dos ardentes de Viterbo, e arcadia romana.

Quem haverá que desconheça o nosso Felix de Avellar Brotero, da sociedade Linneana de Londres? não fallando de um grandissimo numero de compatriotas que foram lentes em universidades estrangeiras!

Em Amsterdam os judeus constituem approximadamente a decima parte da população, e possuem dez sinagogas. E a mais importante e a maior de todas é a dos judeus portuguezes, cuja fundação data de 1670.

Antonio Jacinto de Araujo, membro correspondente da academia imperial de S. Petersbourg.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, conselheiro d'estado da côrte da imperatriz da Russia, socio honorario da academia de S. Petersbourg.

Antonio José de Lima Leitão, membro correspondente honorario

da associação medico-cirurgica provincial de Inglaterra, da sociedade medico-physica de Florença, da academia nacional de medicina de Cadiz.

Antonio Vieira Transtagano, professor regio das linguas ingleza, hespanhola, italiana, arabe e persa, no collegio da Santissima Trindade na cidade de Dublin, e socio da academia real das sciencias da Irlanda.

Francisco de Borja Garção Stockler, socio da sociedade real de Londres.

Francisco Tavares, socio da academia de medicina de Barcelona.

Francisco Xavier de Oliveira, é um dos portuguezes mais conhecidos dos estrangeiros. Sua biographia póde ver-se no vol. III do *Diccionario bibliographico.*

Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza, membro da academia dos arcades de Roma.

Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, socio da academia medica de Madrid.

Izidoro Emilio Baptista, membro vitalicio da sociedade geologica de França.

Jacob de Castro Sarmento, membro do collegio real dos medicos de Londres, socio da sociedade real da mesma cidade, doutor pela universidade de Aberdeen.

Jacob Rodrigues Pereira, mestre de surdos mudos em París. Socio da sociedade real de Londres. Luiz XV conferiu-lhe uma pensão e o seu nome é muito conhecido entre os estrangeiros. V. *Diccionario bibliographico,* vol. III, pag. 250. É porém melhor ver as *Memorias da academia de Toulouse,* vol. II.

Ácerca d'este portuguez escreveram os estrangeiros muitos livros e opusculos.

Duque de Saldanha, membro da sociedade geologica de França, da academia das sciencias e bellas letras de Anvers, da sociedade estatistica de França.

João Jacinto de Magalhães, membro da sociedade real de Londres, socio da academia das sciencias de París, Madrid e S. Petersbourg.

Padre João de Loureiro, socio da sociedade real de Londres.

João Mendes Sachetti Barbosa, socio da academia medica de Madrid.

Padre Joaquim Affonso Gonçalves, membro da real sociedade asiatica.

Joaquim Cesar de Figanière e Mourão, socio honorario da academia de sciencia e litteratura de Maryland, da sociedade historica de Philadelphia, do instituto nacional de Washington, membro effectivo da sociedade ethnologica americana de New York.

Fr. Joaquim Forjaz Pereira Coutinho, socio da arcadia de Roma.

Joaquim José da Costa de Macedo, foi socio de mais de quarenta associações e academias estrangeiras. V. *Diccionario bibliographico*, vol. IV, pag. 96.

Padre Joaquim José Leite, membro da sociedade asiatica britannica.

Joaquim Pedro Fragoso da Motta e Siqueira, membro das sociedades economicas de Leipzic, Madrid, e da Linneana tambem de Leipzic.

Joaquim Possidonio Narciso da Silva, socio correspondente da sociedade archeologica de Madrid e de um grande numero de outras, estrangeiras.

Joaquim da Rocha Mazarem, socio da sociedade de medicina e cirurgia de Cadiz.

José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, da academia de historia, de Madrid.

José Basilio da Gama, socio da academia romana.

José Custodio de Faria, ensinou philosophia em Marselha e Nimes, e chegou a adquirir reputação de grande magnetisador.

José Feliciano de Castilho Barreto Noronha, membro da sociedade real dos antiquarios do norte, e da academia de historia de Copenhague.

José Henriques Ferreira, da sociedade de medicina de Madrid.

José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos, das academias de Berlim e de París.

José Liberato Freire de Carvalho, do instituto historico de París.

José Maria Dantas Pereira de Andrade, da sociedade philosophica de Philadelphia.

José Maria Grande, socio correspondente da academia real das sciencias de Madrid, da academia medico-cirurgica de Genova, da sociedade nacional e central de París, da academia de cirurgia e medicina de Cadiz, do instituto medico valenciano.

Padre José da Silva Tavares (vulgo Sacra Familia), professor de lingua e litteratura portugueza no pritaneo do principe Joseph de Chimay em Menars du Chateau, e depois director de um collegio em Fontenoy-aux-Roses. Passou mais tarde para parocho da igreja catholica de Santa Helena de Brent-Wood, na Inglaterra.

Levy Maria Jordão, do instituto nacional da Suissa, da academia imperial das sciencias de Toulouse, da de estudos diversos do Havre, da dos antiquarios de Amiens, da de historia de Argel.

Lino Augusto de Macedo e Valle, socio correspondente da academia medico-cirurgica de Madrid, do instituto medico valenciano, da academia real de medicina, de Sevilha.

Visconde de Santarem, socio da academia real de Berlim, do instituto de França, das sociedades de geographia de Berlim, Francfort, Londres, Paris e S. Petersbourg.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva, socio da academia real das sciencias de Stockholm, da de medicina de Madrid, da sociedade economica de Harlem.

Padre Theodoro de Almeida, socio da sociedade real de Londres e da de Biscaia.

Mas ponhamos ponto, que esta lista já se vae tornando excessivamente longa, e digamos ainda que se Portugal não póde hombrear nas artes e sciencias com outros paizes, comtudo n'este genero ainda enumera alguns filhos, que com seus trabalhos têem obrigado os estrangeiros a escrever muitas paginas a respeito d'elles.

Não serão gloriosos os nomes de Bomtempo, natural de Lisboa, mas professor de piano em Paris e Londres[1]; Arthur Napoleão, Croner, Noronha, Marcos de Portugal, Todi, Constantino, Moura, Glama, Grão Vasco, D. João IV, Sequeira, Machado de Castro, Vieira Lusitano, academico de merito da academia de S. Lucas em Roma? Não é notorio que em todas as exposições internacionaes, Portugal tem ganhado sempre um grande numero de premios? Ide a Turim, Florença, Nuremberg, Tanger, Malaca, Malta, Burgos, Toledo, Madrid, Paris, Londres, Jerusalem, que em todas essas povoações haveis de encontrar recordações portuguezas.

«Nós pronunciâmos (diz Voltaire) ainda com uma admiração respeitosa os nomes dos argonautas, que fizeram cem vezes menos que os nomes de Gama ou Albuquerque.» *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations.*

«A nação portugueza é naturalmente gloriosa; ciosa de sua independencia, e nutrida com uma particular aversão ao dominio caste-

---

[1] A respeito do nosso famoso Bomtempo V. *Investigador portuguez*, vol. VI, pag. 384.

lhano.» Padre Joseph de Orleans, *Histoire des révolutions d'Espagne*, vol. II, pag. 332.

«Os portuguezes no seculo XV eram inspirados pelo genio das descobertas.» Guinguenet, *Histoire de la littérature italienne*, vol. III, pag. 592.

«Les portugais ont eu pendant plus de deux siècles, et ont encore des notions sur l'Afrique orientale entièrement inconnues au reste de l'Europe.» Walcknaer. *Geographie ancienne des gaules*, vol. I, pag. 104.

«Dans des terres qui avoisinent Arzilla et Tanger c'est dans la langue de Camoens, que l'on maudit le nom Chretien.» F. Dinis, *Chroniques chevaleresques*, vol. I, pag. 378.

«Os francezes de 1842 não eram os primeiros europeus, que tivessem tentado estabelecer-se no Gabaon. Já no meiado do ultimo seculo os portuguezes, attrahidos pela esperança de acharem ali minas de oiro, se tinham apossado da ilha de Coniquet. Depois de pesquizas infructuosas retiraram-se, deixando como vestigios de sua passagem duas pequenas peças, que ainda se vêem em Coniquet, e um forte, cujas ruinas custam a encontrar.» Griffon du Bellay, *Le Gabon*.

«En littérature, comme en politique, les portugais ont trop de considération pour les étrangers, et pas assez de prejugés naturaux. C'est une qualité dans les individus, que l'abnegation de soi même, et l'estime des autres: mais le patriotisme des nations doit être egoiste.» Madame Staël.

Un roi de Portugal s'avisa d'envoyer en France une ambassade solemnelle pour demander au roi des poètes et des chansonniers provençaux un chansonnier. Guinguenet, *Histoire littéraire d'Italie*, vol. I, pag. 283[1].

---

[1] N'uma noticia communicada á sociedade academica indo-china encontrâmos um trabalho de Aristide Marre ácerca das palavras de origem portugueza de que se faz uso na India franceza:

	Indo-china		Francez	Portuguez
1	Ajudant,	ou	Adjudant,	Ajudante.
2	Agostú,		Août,	Agosto.
3	Beludo,		Velours,	Veludo.
4	Bizurez,		Vice-roi,	Vice-rei.
5	Bolate,		Boule, bille,	Bola.
6	Bomba,		Pompe,	Bomba.
7	Boneka,		Poupée,	Boneca.

Cousa estranha, e todavia facil de comprehender! As descobertas de Christovão Colombo, proseguidas e proclamadas durante mais de

---

	Indo-china	Francez	Portuguez
8	Bossetta,	Boite,	Boceta.
9	Boza,	Boite,	Boia.
10	Dadu,	Dé à jouer,	Dado.
11	Deidal,	Dé à coudre,	Dedal.
12	Fita,	Rubans,	Fita.
13	Garfu,	Fourchette,	Garfo.
14	Gredja,	Église,	Igreja.
15	Inteiro,	Entier,	Inteiro.
16	Istingarda,	Ancien fuzil,	Espingarda.
17	Jandella,	Djandela,	Janella.
18	Jalu,	Djulu, juillet,	Julho.
19	Jun,	Djun, juin,	Junho.
20	Kamar,	Chambre,	Camara.
21	Kameja,	Chemise,	Camisa.
22	Karetta,	Charrette,	Carreta.
23	Kejo,	Zhedio, fromage,	Queijo.
24	Kowelo,	Lapin,	Coelho.
25	Lingru,	Tissu de fil.	Lenço.
26	Mantega,	Beurre,	Manteiga.
27	Marmor,	Marbre,	Marmore.
28	Medja, mesa,	Table à manger,	Mesa.
29	Milu,	Maïs,	Milho.
30	Minggzo,	Dimanche,	Domingo.
31	Murang,	Mèche à canon,	Murrão.
32	Orgaon,	Orgues,	Orgão.
33	Padri,	Père, prêtre,	Padre.
34	Pasezar,	Se promener,	Passeiar.
35	Peluro,	Bollet, grosse balle,	Pelouro.
36	Pombaq,	Colombe,	Pomba.
37	Prada,	Argenture, mince feuille d'argent,	Prata.
38	Pulan,	Un tel. Quelqu'un.	Fulano.
39	Renda,	Dentelle,	Renda.
40	Roda,	Roue,	Roda.
41	Sangrah,	Seigner,	Sangrar.
42	Sapatu,	Soulier, chaussure,	Sapato.
43	Sekula,	École,	Escola.
44	Sinnor,	Seigneur,	Senhor.
45	Soldado,	Soldat,	Soldado.
46	Sumaka,	Remaque,	Embarcação.
47	Tchinela,	Pantouffe,	Chinela.
48	Tempo,	Temps,	Tempo.

dez annos [1], deixaram Veneza quasi indifferente, pois não affectavam as vias e os objectos ordinarios do seu negocio. Uma só viagem de Vasco da Gama á India assustou o governo veneziano, e despertou desconfianças da nação inteira. A evidencia do perigo feriu o paiz, de pasmo, como se fôra uma faisca electrica n'uma trovoada.

Prevenido por um despacho do seu embaixador, recebido em Veneza no dia 24 de julho de 1501, participando a chegada a Lisboa das embarcações de Vasco da Gama, o Conselho dos Dez se reuniu immediatamente para deliberar com os da commissão.

Não se sabe quaes foram as primeiras resoluções, que a gravidade da situação lhe inspirou, nem tão pouco se se julga deverem então proceder sem esperarem outras informações. Um contemporaneo, porém, faz-nos conhecer a inquietação subita e profunda que se apossou da cidade ás noticias de occorrencias taes.

«Quando os avisos chegados de Lisboa se espalharam por Veneza, diz Priuli, a cidade inteira ficou como gelada com o susto. As pessoas mais sensatas exclamavam que jamais desgraça tão horrorosa tinha ferido a republica. Cada um comprehendia que a Allemanha, a Hungria e a França, obrigadas até então a virem comprar as mercadorias a Veneza, íam d'aqui por diante encontrar taes generos muito mais baratos em Lisboa. As especiarias, que chegavam a Veneza pelo Egypto, Syria e outros paizes do Sultão, pagando em diversas paragens direitos tão elevados, de modo que aquillo que em primeira mão custava um ducado, Veneza vendia depois por sessenta, e algumas

---

	Indo-china	Francez	Portuguez
49	Tenda,	Tente,	Tenda.
50	Terigu,	Blé,	Trigo.
51	Tangkeira,	Palissade,	Tranqueira.
52	Trinquet,	Misaine,	Trinquete.
53	Tuala,	Serviette,	Toalha.

V. R. Francisque Michel. *Les portugais en France,* et *Les français en Portugal,* pag. 164.

Nos *Annaes do extremo oriente,* 1881, vem um artigo sobre a lingua portugueza na India franceza e na malasia.

«A palavra *abrolhos,* que significa em portuguez litteralmente *abre os olhos,* tornou-se nome proprio de varios grupos de recifes. Os que mais vezes se mencionam são os da Australia e do Brazil.» Vivien de Saint Martin: *Dictionnaire de Histoire universelle,* vol. I, pag. 7.

[1] Comte de Mas Latrie: *Relations et commerce de l'Afrique Septentrionale ou Magreb avec les nations christiennes au moyen âge,* pag. 504.

vezes até por mais ducados. Vindo de ora ávante taes mercadorias por mar para Lisboa, poderia esta cidade vender por preços moderados aquillo que Veneza jamais poderia vender senão por preços exorbitantes.

Perante os perigos que ameaçavam seu commercio com uma crise incalculavel, dois expedientes se offereciam á republica de Veneza.

Entrar resoluta, mas pacificamente, na lucta commercial, apesar da melhor e incomparavel posição dos portuguezes, quer acceitando as offertas de el-rei D. Manuel para monopolisar o commercio das especiarias em Lisboa, com detrimento do Egypto, quer negociando isoladamente por sua propria conta, e procurando levar vantagem a seus rivaes por meio da livre concorrencia. Ali podia Veneza empregar vantajosamente seus immensos recursos maritimos e sua influencia politica. Avançando ao mesmo tempo por dois caminhos e pelos dois mares que cingem a Africa, podia ella obter com que a admittissem na India, pelo mesmo motivo pelo qual admittiam os portuguezes.

Ou então recusar as propostas de Portugal, que necessariamente subordinavam o mercado de Veneza ao de Lisboa; recusar igualmente a cordialidade e a acção isolada nas vias commerciaes; acceitar a guerra, e tentar com violencia deter e arruinar, se fosse possivel, o novo commercio dos portuguezes. Quaes foram nos conselhos da republica os defensores, se os houve, da concorrencia pacifica e commercial? Porque tempo hesitou a republica, se é que hesitou, entre as duas politicas, que se offereciam perante ella? Não sabemos. Apenas conhecemos suas determinações n'uma epocha posterior uns dois ou tres annos, pelo despacho de 1501, quando os progressos continuos das explorações portuguezas e a depreciação enorme dos preços das especiarias redobravam a anciedade do governo e da nação.

A republica só procurava então uma cousa, sem ousar tental-a ás descancaras. A todo o custo ella queria crear embaraços ao novo commercio dos portuguezes; mas não queria ainda fazer guerra a D. Manuel, e, esperando, procurava trabalhar nas Indias por mediação e influencia dos sultões do Cairo.

Mas aos sultões do Cairo ia-lhes saindo bem cara uma tal mediação e influencia. O rei de Portugal veiu a ficar sciente dos ardís e traições dos sultões do Egypto ou do Cairo. E não poucas vezes ficaram sem suas esquadras, ás quaes os nossos lançavam fogo, mas até

mesmo el-rei D. Manuel pensou em conquistar o Egypto, cousa que n'aquelle tempo, não só não era impossivel para Portugal, mas até mesmo seria de grande bem para a causa do christianismo [1].

E vejam o que a tal respeito nos diz Olivier Ritti, na sua *Historia do isthmo de Suez*, Paris, 1869: «Desde o começo do seculo XV tinham os portuguezes feito incessantes excursões para reconhecerem a costa de Africa, com o fim de rodearem este continente, como outr'ora os phenicios, em tempo de Necos . . . Em 1506, Almeida, pri-

---

[1] Vide o curioso opusculo publicado em Paris por M. de Hoffmanns, em 1840, com o titulo: *Memoire de Leibnitz à Luiz XIV sur la conquête de l'Egypte*, publié avec une preface et notes.

A opinião que este illustre sabio fazia de el-rei D. Manuel é tão importante para a nossa historia exterior, que me parece opportuno transcrever aqui algumas passagens d'esta interessante memoria. A pag. 18, diz a Luiz XIV: «A Castella acabava de se unir ao Aragão, e os sarracenos eram por fim expulsos de Hespanha. O talento de Ximenes concebeu o projecto de uma estreita alliança entre os mais sabios reis do seu tempo, e conseguiu executal-o. Digo os mais sabios, porque se póde com justiça segurar que cada um d'elles tinha lançado os fundamentos de uma nação poderosa; eram estes, Fernando, rei de Castella e de Aragão; Manuel, rei de Portugal, e Henrique VII, rei de Inglaterra. A opinião de se apossar do Egypto, tomando primeiramente Alexandria, celebre pelo seu porto, foi adoptada pelo conselho. E esta opinião do cardeal foi adoptada pelos reis alliados. Tenho d'isto uma prova nas *Cartas de el-rei D. Manuel*, dirigidas ao celebre cardeal, que me surprehenderam, quando li a vida do cardeal. Citarei (continua Leibnitz) só duas passagens:

«Quanto ao que me dizeis do que se deve obrar n'esta guerra, vós fallaes de um modo tão habil, e arranjaes as cousas com tanta força e energia, que parece que vós nunca tratastes de outra materia.

«No que diz respeito á expedição da Alexandria, sobre a qual vós discorreis sabiamente, pareceu-nos uma excellente entrepresa, cujo successo será mui vantajoso. Não nos esqueceremos que é a vós que deveremos as vantagens e proveitos. Segundo a opinião dos homens instruidos, cousa alguma será tão facil, se todavia vos encarregardes de a dirigir. Parece-me opportuno dizer-vos que, segundo a relação trazida por um navio, que tocou em Rhodes, esta nos vem confirmar na opinião, em que estamos da faculdade do successo, e de tal sorte que dariamos desde já ordem de tental-o, se a expedição de que nos occupâmos, nos não tivesse impedido: *mas virá tempo em que nos possamos occupar exclusivamente d'este assumpto.*»

Leibnitz acrescenta: «Taes são as expressões d'este illustre rei, o qual em outra parte dizia: Que durante o ataque do Egypto pelo Mediterraneo, *uma segunda esquadra effectuaria um desembarque no mar Roxo.*»

«Mas todos estes projectos se desvaneceram pela morte de el-rei Fernando Catholico, e a Hespanha convertendo-se em uma provincia da Austria, a rivalidade das duas poderosas casas produziu uma multiplicidade de projectos diffe-

meiro vice-rei das Indias, consolida o estabelecimento dos portuguezes n'aquellas paragens. Seu filho é morto n'um combate desigual contra uma frota do sultão do Egypto. Almeida reune suas forças, encontra em Diu toda a esquadra do sultão, e com uma victoria decisiva, descarrega um golpe mortal no commercio musulmano e veneziano nas Indias.

«Albuquerque, primeiramente logar-tenente, e depois successor de Almeida, acaba gloriosamente a descoberta assim começada. Não contente com oppor pelo novo caminho aos dois antigos caminhos do transito do oriente uma concorrencia irresistivel desde seus co-

---

rentes, e Ximenes deixando-se influir pelos conselhos de Vianelli, atacou a Africa, apossou-se de Oran.» Visconde de Santarem, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal,* vol. II, pag. 405.

«Tambien es digno de no passarse en silencio el insigne y memorable intento de Fernando de Magallanes, portuguez de nacion, en la navigacion que hizo para buscar y descubrir el estrecho, que oy tiene su nombre; pues aunque perdió en ella la vida, conseguió lo que avia imaginado por la fantasia y alcançó immortal gloria.» D. Juan de Solorzano Pereira, *Politica indiana,* pag. 2.

«O convento de Santo Agostinho, em Damão, é um bello mosteiro, onde se vê um soberbo claustro com doze columnas de pedra.» Gemelli, *Voyages en 1695,* Este auctor diz que os portuguezes viviam magnificamente na India.

Brotero diz que as maiores cidades da Europa são Constantinopla, Paris e Lisboa. *Razon d'estado,* Burgos, 1603, fl. 170.

O que, porém, é certo, é que o clero na India não vivia em harmonia com as maximas do evangelho. O mesmo, porém, succedia nas possessões hespanholas. Saint Croix, na sua *Voyage commercial et politique aux indes orientales,* Paris, 1810, vol. II, pag. 66, diz:

«A parte religiosa não apresenta para assim dizer nenhum caso de interesse maior. São disputas entre as differentes ordens que, empolgando o governo espiritual, permittiam aos indios diversas praticas censuradas por outras ordens, querendo cada uma salvar, ou condemnar a seu bello prazer. Os augustinhos contra os franciscanos; os dominicanos lançando anathema contra os recolletos. Os frades, em geral, combinavam-se para fulminar o clero secular, e este formando um corpo contra a auctoridade dos frades, e os frades por toda a parte combinando-se contra o arcebispo.

«A Historia de Portugal desde 1539 a 1544 abrange a de uma grande parte do universo. O genio lusitano, levado pelo mar a impulsos de sua civilisadora dacia até aos paizes mais remotos, diffunde a gloria em todas as partes e o immenso imperio que conquistou á sua patria não é mais do que um accessorio.» Hernandez Raymundo, *Historia militar.*

meços, quer fechar aos musulmanos e a Veneza ao mesmo tempo, o caminho da Asia central e o caminho da India. A tomada de Ormuz, na entrada do golfo persico, e a tomada de Socotora, na entrada do Mar Vermelho, consolidam, n'uma campanha, esse duplo resultado. É mister uma cidade, facil para se defender, e bem central para servir de defeza aos portuguezes. Albuquerque apodera-se de Goa em 1510, e faz tambem a conquista de Malaca em 1511. Finalmente, com o reconhecimento das Molucas, estende a influencia do seu paiz até uma parte do mundo ainda desconhecida, a Oceania.

«Todavia os turcos, ajudados pelos venezianos, que viam sua ruina n'aquelles progressos inauditos, fazem um novo esforço, e tornam a tomar Ormuz. Albuquerque, porém, não a deixa por muito tempo estar em poder d'estes. Em 1514 d'ella se apossa outra vez. Resolvido a aniquilar as esperanças dos inimigos das novas possessões portuguezas, e persuadido de que, a não haver um desastre completo, o transito pelo Egypto ha de conservar ainda alguma vitalidade, Albuquerque ousa conceber o projecto, de accordo com o negus da Abyssinia, de desviar o curso do alto Nilo para o mar Roxo, e assim destruir o Egypto. Só a morte obstou a que Albuquerque levasse a cabo esta empreza inconciliavel com as idéas generosas, e com os principios economicos de nossos dias, mas que prova a que ponto a passagem dos productos do oriente pelo Egypto preoccupava ainda os portuguezes chegados ao mais alto grau de potencia!

«A submissão da costa do Malabar e a conquista de Ceylão, por Suares, em 1518; a de Diu por Nuno da Cunha, 1531; completaram a immensa rede occupada pelos portuguezes, que d'este modo se viram senhores de todos os mercados commerciaes, desde Lisboa até ao cabo da Boa Esperança, desde este cabo até ao Indostão, do Indostão até Malaca, e, mais tarde, da Indo-China até ao Japão, pelo mercado do Cantão. Maravilha o vermos, no começo do seculo XVI, um estado de alguns milhões de homens apenas, com marinha ainda imperfeita, e percorrendo mares desconhecidos, conquistarem assim em menos de meio seculo 4:500 leguas de costa, e, esmigalhando qualquer resistencia, desviarem para proveito d'elles n'um instante, para assim dizermos, um movimento commercial experimentado e organisado, havia mais de vinte seculos...»

A Persia tambem não escapou á invasão portugueza.

Antes da descoberta do cabo da Boa Esperança por Vasco da Gama, todos os thesouros do oriente estavam amontoados em Ormuz, cuja riqueza Milton cita no seu *Paraizo perdido*. Abdalrazzac, embai-

xador de Schah-Rokh, rei da Persia, que visitou Ormuz em 1442, quando se encaminhava para a India, affirmava que esta cidade não tinha igual na face da terra; e os auctores orientaes concordam em dizer que os habitantes de Ormuz sabiam, no seu rochedo esteril, fazer acquisição de todos os gosos do luxo mais requintado. Todavia, depois de um combate furioso, Ormuz passou para o dominio de Portugal, e entre Ormuz e Kischm está a ilhota de Larec, hoje deshabitada, mas onde, todavia, ainda se conserva uma fortaleza, construida pelos portuguezes, e ainda hoje em bom estado[1].

Foi D. João II (conforme assevera Damião de Goes) quem deu a D. Manuel por divisa a Esphera. E com effeito nenhuma outra divisa podia ser mais apropriada, e o proprio chronista acrescenta: «cousa é de espantar, e parece que não careceu de mysterio prophetico».

Mostrou-se este rei generoso, diz ainda Goes, quando confirmou todas as mercês arrancadas á hora da morte a el-rei D. João II, que assignou, quando n'uma das mãos tinha a candeia, e na outra a pena com que assignava.

D. Manuel cumpriu tudo da maneira que seu antecessor ordenava, cousa de que foi muito louvado, e «se lhe teve muito em bem», segundo assevera o chronista.

A cruel expulsão dos judeus e mouros n'aquelle reinado foi proveniente do estupido fanatismo, sempre intolerante em toda a parte. Para este passo, que tão nocivo foi a Portugal, contribuiu tambem muito a falta do estudo, que então não havia, da economia politica.

Mas é bom acrescentar, que nem hoje, o paiz está bem administrado, e que em geral os empregos são dados por empenhos, e até ás vezes os programmas são amoldados ás circumstancias em que se encontra um ou outro individuo que tem empenhos, para o que haja vista o estado em que se encontra o ensino das humanidades n'este paiz, onde ás vezes as injustiças praticadas, são para qualquer individuo ficar pasmado. Nós os modernos não temos, emquanto a injustiças, muito direito para censurarmos os antigos. Porém mesmo depois do reinado de el-rei D. Manuel, os judeus continuaram pelo espaço de tres seculos a serem alvo das furias inquisitoriaes. Tolerancia para aquelles infelizes só appareceu n'este paiz no começo do seculo actual. E todavia os descendentes dos judeus ou queimados ou assassinados ainda hoje nos paizes estrangeiros, e mórmente na Hol-

---

[1] Louis Dubeux, *La Perse*, na collecção *Univers pittoresque*, pag. 55.

landa, fallam o portuguez do tempo de el-rei D. Manuel! e Goes parvamente acrescenta: «que nenhuma perda podia vir ao reino pela conversão d'esta gente, que se podesse estimar perda em comparação do que se ganhou em conhecerem a verdade do que haviam de crer».

D. Manuel, porém, pensando como na realidade pensava em descobertas e navegações, pensava tambem nos frades, que eram seus predilectos, quaes elles tambem o foram mais tarde para com D. João V. Porém os frades d'aquelle rei eram muito mais intriguistas, do que os do amante da madre Paula e da Flor da Murta.

Não se pense, porém, que D. Manuel estava sempre desde pela manhã até á noite na companhia dos frades; ás vezes tambem os deixava, e ia lá para os lados em que se encontra hoje o cemiterio dos Prazeres, com o fim de estar algumas horas com uma amante. Ao regressar, porém, dos seus colloquios amorosos, mandava que o declarassem (19 de janeiro de 1497) protector dos frades franciscanos nas ilhas dos Açores, ou mandava conceder grandes immunidades ao boticario que no Porto preparava os remedios para os frades da Conceição em Mathosinhos.

Isto por um lado; por outro, D. Martinho Castello Branco, segundo conde de Villa Nova de Portimão, camareiro mór de el-rei D. Manuel, vedor de sua fazenda, e tambem seu privado, e a quem, segundo diz Duarte de Rezende, el-rei sempre dava parte de todas as suas cousas de segredo, e de quem confiou sua filha a infanta D. Beatriz, quando foi para Saboya, pediu ao monarcha o privilegio exclusivo de estabelecer um lupanar ou mancebia em Villa Nova de Portimão, e de cobrarem elle e seus descendentes os rendimentos d'este estabelecimento, ainda que a villa viesse á corôa. Requereu ao rei, e assim lhe foi outorgado por carta passada em Almeirim aos 6 de maio de 1516.

Ha tambem quem diga que D. Manuel saía muitas vezes sem ceremonial, dos paços da Ribeira, e ía comer bolos a casa de uma comadre que tinha na Ribeira Nova. Sentava-se nas lojas dos mercadores, e ali via os reis do Oriente captivos, e recebia as cartas de homenagem dos maiores principes asiaticos.

Tudo, porém, veiu a mudar com o decorrer dos seculos. E essa India de el-rei D. Manuel, com o decorrer dos annos, veiu passar para a Inglaterra.

A Inglaterra, porém, deve lembrar-se de que, durante a revolta da India, o unico asylo que os soldados inglezes muitas vezes acharam foram as igrejas portuguezas.

Mas em summa a lingua portugueza, embora barbarisada, ainda na India é vulgar. Em 1717 dizia-nos um dinamarquez, estabelecido em Trangambar, que os malabares so fallavam com estrangeiros em portuguez[1].

E este estado de cousas ainda hoje é quasi o mesmo.

Todavia, cumpre não pôr o remate a este prologo sem dizermos alguma cousa ácerca dos serviços prestadas pelos nossos nas linguas orientaes, serviços na realidade reconhecidos por estrangeiros distinctissimos, que confessam ser devido aos portuguezes os primeiros passos dados no estudo das linguas orientaes.

Fr. Jeronymo de Belem, a pag. 387 do segundo volume da sua *Chronica seraphica*, falla-nos de um bispo de Nankin, que em 1742 se applicou ao estudo do chinez, e para este idioma verteu um livrinho que em portuguez tinha composto com os titulos de *Optativo do Santissimo nome de Jesus*, e *Conjunctivo do Santissimo nome de Jesus*.

Monsenhor Petitjean, vigario apostolico no Japão, reproduziu em 1868 o *Diccionario latim, portuguez e japonez*, estampado pela primeira vez em Amacasa, no Japão, no anno de 1595.

No anno de 1859 tinha sida impresso em Colombo a obra: *A Dictionary of the Ceylon-portuguese, singalese and english languages. A Compendium of the Ceylon-portuguese language*, outra obra sobre o mesmo assumpto, fôra tambem impressa em Colombo, no anno de 1820. Em Toulouse existe uma sociedade academica, denominada *franco-hispano-portugueza*, de que é presidente mr. Clément de Sipière. Um ecclesiastico do collegio de França annuncia que vae publicar um trabalho ácerca do prégador portuguez Antonio Vieira. E embora os portuguezes não alcançassem a gloria de descobrirem o nascimento do Nilo, ainda assim no livro de Ferdinand de Lanoze, intitulado *Le Nil*, a historia das tentativas dos nossos para uma tal descoberta occupa umas sessenta paginas in 8.º Thompson, no seu poema *As estações*, eleva até ás nuvens o nosso immortal D. Henrique. Quantas e quantas vezes não foram os hollandezes derrotados pelos nossos antepassados? Quantas e quantas vezes, não tiveram os

---

[1] *Journal des sçavants* pour 1717, pag. 438.

N'uma obra ingleza, *Bible of Every Land*, e impressa em Londres, diz-se o seguinte: «a linguagem indo-portugueza é mais ou menos entendida em todas as classes da ilha de Ceylão, e ao longo de toda a costa da India. Sua extrema simplicidade de construcção, e facilidade em se aprender, fez com que n'um vasto territorio se tornasse como um meio para commerciarem».

nossos de arcar peito a peito com os amoucos, que tinham tanto medo da morte, que, atravessados de uma lança, ainda assim avançavam para matar o portuguez.

«O portuguez patriota (diz em fevereiro de 1847 o *Dublin university magazine advertiser*) póde ainda consolar-se com a idéa de que a lingua de Camões, logo depois de Milton, é a mais extensamente fallada no continente americano. Portugal, mais que nenhuma outra nação da Europa, nos espanta pela energia do seu povo, e pelo contraste entre a pequenez e fraqueza de seus meios e a grandeza dos resultados e feitos que obrou.»

Os jardins irregulares (chamados mais tarde *Quodlibets*) foram no século XVI e ainda até mais tarde denominados *Jardins de D. João de Castro* [1].

Em Greenwich la temos o retrato de Vasco da Gama, e em 1843 mr. Jules Droz executa primorosamente o busto do grande infante D. Henrique, para offertar á sociedade geographica de Paris. Á entrada de Odivellas se nos deparam os pelouros com que os turcos nos combateram a fortaleza de Ormuz em 1557. Na capella mór de Telheiras encontra-se do lado do evangelho a sepultura do principe de Candia, e de Tilheiras póde o leitor ir a Bemfica ver o jazigo dos Castros.

No anno de 1881 fundou-se no Zanzibar um club portuguez, para o qual foram eleitos, presidente o dr. Augusto Braz de Sousa, thesoureiro Domingos Pereira e secretario Cazimiro de Sousa.

A inauguração realisou-se no dia 11 de agosto, assistindo a colonia portugueza, mahometana, hindus, e os padres da missão franceza. Houve discursos, e a musica do sultão de Zanzibar tocou varios hymnos portuguezes, acompanhados pelo canto das senhoras D. Guilhermina de Sousa e D. Emilia Mascarenhas. Havia tambem no club bibliotheca e gabinete de leitura.

Em 1881 publicava-se em Yokohama (Japão) um jornal portuguez intitulado *Argus*.

Vogel, na sua obra *Le monde terrestre,* vol. I, pag. 751, diz-nos: «Nas regiões longiquas, que o povo portuguez outr'ora enchia em sua gloria, deixou elle sua lingua, que não sómente reina como soberana no Brazil, mas até mesmo está muito propagada pelas costas de Africa, e pela India, e d'aqui por Macau chegou ao territorio chinez.

---

[1] *Revista universal lisbonense,* anno de 1847, pag. 82.

O *Diario de noticias* de 6 de setembro de 1880 informa-nos de que a colonia portugueza de Philadelphia e Boston festejaram tambem condignamente o tricentenario de Camões, fundando-se por essa occasião um club musical Camões, em Philadelphia, e um club litterario recreativo em Boston, assistindo a esta ultima festividade a philarmonica portugueza.

O *Commercio de Lisboa* do dia 8 de outubro de 1879 informa-nos tambem que o periodico de Madrid intitulado *La democracia* está publicando em folhetim o explendido romance de Julio Diniz (Gomes Coelho) intitulado a *Morgadinha dos Cannaviaes.*

Outras vezes dão-nos noticia de uma geographia impressa em Londres, na qual o compilador diz o seguinte: «Os portuguezes não são tão graves nem tão silenciosos como os hespanhoes, porém como estes extremamente amigos do seu bem estar. Não têem tanto orgulho, e diz-se geralmente que não são tão honestos nem tão verdadeiros. Têem olhos e cabellos negros, a tez morena como os hespanhoes, e os dentes mais brancos, porque não fumam, emquanto que o incessante habito de fumar charutos estraga os dentes aos hespanhoes.

«Mas não obstante os portuguezes não fumarem, têem outro habito quasi tão mau como este; tomam rapé continuamente, tanto pobres, como ricos, tanto jovens, como velhos.

«Quando algum portuguez desejar ter em vós um amigo, offerecer-vos-ha rapé, e julgar-se-ha muito offendido, se lhe não acceitardes uma pitada.»

A *India portugueza* do dia 3 de abril de 1869 elogia o padre Soares, um dos grandes defensores do padroado portuguez na India.

A *Sentinella da liberdade,* jornal publicado em Benaulim, no dia 19 de setembro de 1867, informa-nos de que o missionario Vicente Avelinho da Cunha, prestou grandes serviços nas missões de Mahableswur e Sattara.

Outro jornal do dia 7 de fevereiro do 1880 discorreu ácerca do barbaro assassinio de um judeu portuguez em Fez, e participou que mr. Mésières apresentaria brevemente uma these ácerca do prégador portuguez Antonio Vieira.

«Houve ha dias, refere um jornal do dia 2 de janeiro de 1880, uma conferencia na sociedade de philosophia de Londres, onde o principe Luiz Luciano Bonaparte leu um ensaio sobre a pronuncia e accentuação da lingua portugueza, comparada com a hespanhola, italiana franceza.»

Em summa os estranhos fallam de nós! Prova de que não somos um povo morto.

E o que tambem é muito notavel, é que os rapazes francezes ainda n'algumas escolas da França, aprendem estes versos de cór, os quaes se encontram na obra de Gustave Herpin, intitulada *Précis memento de l'histoire de Portugal,* pag. 15, impressa em Paris no anno de 1879, em 2.ª edição.

«Emmanuel (Beja) rend aux grands l'influence,
Et fait (quatorze cent quatre-vingt-quinze) en France,
Benir son droit de paix. Sous ce roi *Fortuné,*
Vasco de Gama part, et, vers l'Inde entrainé,
Deux fois, doublant le Cap, à Calicut arrive,
Lorsque Cabral, jeté par les vents sur la rive
Du Brésil inconnu, semble imiter Vasco.
L'Inde ouverte, Albuquerque, Edouard, Pacheco,
Francisco de Almeida, sont vainqueurs à Mascate,
Daboul, Goa, Cochim, Ormuz et Guzerate;
Leur flotte aussi soumet les Moluques, Ceylan,
Et disperse ou détruit l'escadre du Soudan
Des portugais alors le faste, à Rome, étonne
Et leur rigueur s'étend sur les juifs de Lisbonne,
Où, tandisque le monde y verse ses produits,
Les arts sont cultivés, des monuments construits.»

Como recordação, porém, de nossas glorias indiaticas, temos em Lisboa dois becos da India, e a casa que nos recorda Affonso de Albuquerque a ir desapparecendo a pouco e pouco!

Na Esperança, em Lisboa, dormem o ultimo somno alguns dos grandes navegadores que andaram lidando pelas regiões asiaticas.

«En litterature, comme en politique, les portugais ont trop de consideration pour les étrangers, et pas assez de prejugés naturaux. C'est une qualité dans les individus que l'abnegation de soi même, et l'estime des autres: mais le patriotisme des nations doit être égoiste.» Madame Staël.

Philaréte Charles foi um imminente critico no seculo corrente. E no seu livro intitulado *Voyage d'un critique à travers la vie et les livres,* apresenta um extenso juizo critico sobre D. Francisco Manuel de Mello como historiador, comparando o seu livro *Historia das guerras da Catalunha* com o merecimento dramatico de Thucydides, e de Herodoto, sem esforço e sem imitação da antiguidade.

«C'est en Portugal surtout que la poësie a payé à la valeur nationale un juste tribut d'élogies. Les limites de la Péninsule ne l'ont pas

arrêtée; elle a suivi les vainqueurs par delà les mers, sur les côtes de l'Afrique et de l'Asie: et partout elle a trouvé des exploits à rappeler à l'admiration de tous les âges. C'est peu de les avoir célébrés dans la langue vulgaire, connue à peine d'une étroite partie du continent: ils méritaient des vers destinés, comme ceux des chantres d'Enée et de César, à parcourir les siècles et recueillir les hommages du monde. Diu, Malaca, Arzille, ont eu des panégyristes. Chaul était bien digne d'en trouver.» *Guerre de Tripoli,* pag. XXXVI.

O abbade Carrel, francez, em 1880 fez uma conferencia na Sorbonne ácerca do nosso orador sagrado, o padre Antonio Vieira.

Presidiu á conferencia o academico Mésières, e a concorrencia foi grande.

Estiveram presentes Mendes Leal, o marquez de Penafiel, e bastantes individuos da colonia portugueza.

Em Portugal foi que o celebre Buchanan escreveu a famosa versãs dos *Psalmos penitenciaes.*

A pag. 145 da publicação *Annaes das sciencias e das lettras,* vol. VIII, anno de 1820, se lê o seguinte:

«Com muito gosto participâmos que o sr. J. D. Bomtempo, actualmente residente n'esta capital, terminou a composição de uma missa de defuntos em musica, a quatro vozes, com coros e grande orchestra, consagrada á memoria de Camões. Esta obra, de um genero severo, summamente difficil, e no qual apenas dois ou tres auctores têem levado a palma, nos parece, por partes d'ella que temos ouvido executar, dever augmentar a bem merecida reputação de seu auctor. Este nosso distincto compatriota, dedicando á commemoração do grande Camões o fructo de um assiduo e longo trabalho, bem mostra que a patria é o alvo constante das suas fadigas, e até na gloria, que pela sua arte adquire, quer que tenham parte os seus conterraneos.»

Lê-se no *Temps:*

«O sr. abbade Carrel, parente de Armand Carrel, sustentou hontem (30 de abril), na Sorbonne, uma these sobre o padre Vieira, grande prégador portuguez, muito pouco conhecido em França. O sr. Mésières presidiu á sessão, que attrahiu os principaes membros da colonia portugueza em Paris. O sr. Mendes Leal, ministro de Por-

tugal, e o sr. marquez de Penafiel, par do reino, assistiram até ao fim do discurso do conferente, que não durou menos de quatro horas.»

Armand Carrel, a quem o *Temps* allude, era o celebre publicista francez, companheiro que foi de Thiers nas lides jornalisticas, morto n'um duello que teve á pistola com Emilio de Girardin, por causa de uma discussão que entre os dois se levantou na imprensa.

De Viris illustribus:

N'este manuscripto da bibliotheca da Vaticana, publicado na *Collecção de Stuttgart* em 1842, acha-se uma honrosissima referencia ao infante D. Pedro, por ter combatido junto com o imperador Segismundo contra os turcos. (Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga).

«Nous remarquerons en passant qu'il y a une grammaire japonaise et un dictionnaire japonnais-latin, imprimés l'un et l'autre à Rome, en 1632, in 4°, et qu'on a publié aussi dans la même ville, en 1561, une grammaire annamitique et un dictionnaire annamitique, portugais-latin, l'un et l'autre in 4° *Journal des Sçavants* de 1709, Supplément, pag. 51.»

E a pag. 51 falla do *Vocabulario brazileiro,* composto pelo portuguez Manuel de Moraes «versadissimo na lingua do Brazil». E falla tambem na *Grammatica brazileira* do jesuita Anchieta, impressa em Coimbra em 1595. Este mesmo volume do *Journal des Sçavants,* pag. 242, informa o leitor de que o professor de theologia, Bashaussen, no Hanover, montou uma typographia para n'ella imprimir as obras do judeu portuguez Abarbanel, e começára pela impressão do doutissimo commentario ao *Pentatheuco,* desejado tanto pelos christãos como pelos judeus.

Burnay, na sua obra *A general history of music,* London, 1776–1789, 4 vol. in 4.° gr., descreve com assombro o celebre theatro da Ribeira, destruido pelo terremoto de 1755, e revela-nos a existencia de um grande theorico portuguez, o abbade Costa, que convivia com as mais celebres illustrações musicaes na côrte de Vienna.

«But neither the permission of a free entry into all the harbours of the Turkish empire to goods conveyed direct from Alexandria, nor the imposition of heavy duties upon such as were brought from Lisbon, tended in any considerable degree to stem the torrent. The por-

tuguese continued, in spite of every opposition, to be the great medium of intercourse between Europe and the East, whilst the humiliation of Venice which tock place soon afterwards, left them more decidedly than ever without a competitor.» Glei, *History of the British Empire*, vol. I, pag. 321.

Chauvet, professor de mathematicas transcendentes em Buenos Ayres, no dia 23 de abril de 1845, realisou em plena reunião da academia real das sciencias em Lisboa, com assistencia de muitos professores das escolas polytechnica, exercito, e de outras pessoas distinctas, uma sua nova theoria mathematica, importantissima, segundo elle affirmava, pelas suas preciosas e numerosissimas applicações.

V. *Revista universal lisbonense*, anno 1845, pag. 490.

No dia 15 de abril de 1888, leu-se na academia das sciencias de Modena um trabalho do portuguez João da Silveira, ácerca da orthographia italiana, e encontram-se as seguintes palavras na competente acta: «Tutti gli accademici presenti udirono con piacere encomiarsi un lavoro di multo pregio in se stesso, e di non poca utilità per gli studiosi di questo ramo interessantissimo della nostra letteratura, se l'autore del medessimo venisse nel divisamento di publicarlo per le stampe [1]».

E no volume 4.º d'estas memorias, falla-se de obras que os discipulos de Cellini fizeram para Portugal, pag. 11.

V. Campori Giuseppe, *Notizie inedite delle relazione tra il cardinale Ippolite d'Este e Benevenuto Cellini*.

Em Amsterdam os judeus constituem approximadamente a decima parte da população, e possuem dez synagogas. A mais importante e a maior de todas é a dos judeus portuguezes, cuja fundação data de 1670. Foi construida, segundo se affirma, pelo prospecto do templo de Salomão, e tem alfaias de oiro e prata de grandissima estimação. Estes judeus portuguezes são descendentes dos que foram expulsos de Portugal na primeira metade do seculo XVII, e que levaram para Amsterdam o nucleo das grandes riquezas que os actuaes judeus agora possuem. Apesar de expulsos, os judeus portuguezes

---

[1] *Memorie della regia accademia di scienze, lettere ed arti di Modena*, tomo III, Modena, 1861.

conservaram sempre muito amor a Portugal, e causa hoje verdadeira satisfação o ver que esses homens, no fim de duzentos annos de ausencia, fallam ainda a lingua portugueza, que têem transmittido de paes a filhos durante umas poucas de gerações.

A seguinte inscripção que se encontra na synagoga attesta o que fica dito.

«Em 6.ª F.ª 10 Menachem do anno 5435
sendo Parnassim os senhores:
Yshac Levy Ximenes presidente.
Mosseh Curiel — Daniel Pinto — Abraham
Jesurun Espinoza
Mosseh Ysrael Pereira — Joseph de Azevedo
Abraham Zagache gabay
Se estreou esta esnoga construida
segundo o projecto do
architecto Elias Bouman.
Zelosos favorecedores da fabrica forão:
O sr. Habam Yshac Aboab da Fonseca
O sr. Yshac de Pinto
O sr. Mosseh Curiel
As quatro primeiras pedras as
puzeram
Os senhores
Mosseh Curiel, Joseph Ysrael Nunes,
Ymanuel de Pinto, David Ymanuel
de Pinto
A commissão da construcção se compoz
dos senhores
Yshac de Pinto, Samuel Vaz, David
Salom de Azevedo
Abraham da Veiga, Jahacob Aboab
Osorio, Jahacob Ysrael Pereyra
Yshac Henriques Coytino.»

«A obra do sr. dr. Alvarenga, ácerca do *beri-beri*, foi julgada digna do premio no concurso de 1877, da sociedade medico-cirurgica de Liège. Foram nove os concorrentes, dos quaes um obteve o titulo de membro correspondente, e outro uma medalha de oiro; só a obra do sr. Alvarenga foi considerada na altura de merecer o premio pecuniario.»

Uma folha, a *Presse*, redigida por mr. Émile de Girardin, hospede bem acceito de Napoleão III em Compiègne, não se mostra menos favoravel e lisonjeira para com o soberano e o paiz, chegando a escrever: «Insondaveis mysterios, ou inexplicaveis puerilidades encerra a diplomacia! Escolham. E se não digam: como se explicará que a carta do rei de Portugal, tão judiciosa e notavel, datada de 18 de novembro, só fosse publicada no *Moniteur* de 27 de dezembro, depois de ter dormido quarenta dias no limbo do ministerio dos negocios estrangeiros?

«E no emtanto, se havia resposta que devesse publicar-se logo, era esta, pois soberanamente e sem hesitar, prefere os congressos *antes da guerra* aos congressos *depois da guerra*, preferencia que nunca devêra ser objecto da minima duvida, se o bom senso e a boa fé servissem de norma á politica.»

Annuario do archivo pittoresco, janeiro de 1864.

A questão dos ducados, que o velho e espirituoso lord Palmerston pinta como a faisca, de que póde ateiar-se o incendio geral da Europa, veiu confundir todos os calculos da chancellaria britannica. O gabinete das Tulherias, prevalecendo-se da vantagem, que lhe asseguram os acontecimentos, parece decidido a não ceder.

A carta de ei-rei D. Luiz I, em resposta ao convite de Napoleão III, foi das ultimas publicadas no *Moniteur*. A linguagem e os principios que realçam este documento mereceram os applausos dos jornaes mais illustrados de Paris. O rei de Portugal, «declarando adherir sem hesitação á proposta conciliadora do imperador, e associar-se de todo o coração aos sentimentos que a inspiraram, observa com sisudez, que a convocação de um congresso antes da guerra, celebrado no intuito de a prevenir, significa um nobre pensamento de progresso, e que, seja qual for o resultado, sempre ficará cabendo á França a gloria de haver lançado os fundamentos d'este novo principio tão altamente philosophico.»

A carta é datada do paço da Ajuda, em 18 de novembro de 1863, e o periodico a *Patrie*, no seu numero de 28 de dezembro, citando-a como exemplo, exclama: «É um estado secundario quem envia ao imperador esta adhesão tão claramente formulada; mas é um estado que directa, ou indirectamente, pelas suas allianças, ou pelas suas relações coloniaes, muitas vezes tem occupado logar importante no mundo politico».

Em Madrasta é mui vulgar o uso da lingua portugueza, e na mesma cidade ha muitos vestigios do antigo dominio portuguez.

Assim me asseverou o ex.^{mo} sr. arcebispo primaz D. João Chrysostomo, a quem fui pedir varios esclarecimentos para este meu trabalho, em 10 de abril de 1879.

Marejon na sua obra *Medicina hespanhola* falla amplamente ácerca dos portuguezes.

O judeu portuguez Pinto, estabelecido em Amsterdam, onde falleceu no meiado do seculo XVIII [1], adquiriu tanta celebridade pela vastidão de suas especulações commerciaes, como pela immensidade de suas riquezas; o seu testamento não é menos notavel pela somma a que avultam os legados, do que por sua generosa applicação.

«Lego á cidade de Amsterdam (diz o testamento) por minha morte a somma de 500:000 florins (perto de 444:000 cruzados). Empresto á mesma cidade por dez annos e sem juros, 1.500:000 florins (1.256:000 cruzados). Deixo a cada igreja christã que houver em Amsterdam e bem assim a cada uma que existir em Haya, a quantia de 10:000 florins (quasi 9:000 cruzados), e á igreja do Sul em Amsterdam a de 20:000 florins. Deixo a cada casa christã de orphãos, que houver em ambas as cidades, 10:000 escudos (17:000 cruzados). Deixo aos pobres quarenta navios carregados de turfa [2]. E ao que sair immediatamente depois 600:000 florins (213$000 réis).

«Deixo á synagoga de Amsterdam 250:000 florins (quasi 222:000 cruzados). Deixo á casa dos orphãos portuguezes 30:000 escudos, (51:000 cruzados). Empresto ao governo 1.000:000 de florins (perto de 888:000 cruzados) com a condição de pagar juros de 3 por cento, que reverterão a favor dos judeus domiciliados em Jerusalem: estes fundos pertencerão sempre ao governo.

«Deixo á synagoga allemã 5:000 florins (mais de 4:000 cruzados). Deixo a meu sobrinho Ors 3.000:000 (quantia approximada de 2.752:000 cruzados) alem de todas as minhas casas e suas dependencias. Deixo á minha viuva 1.000:000 de florins (888:000 cruzados). Deixo aos meus outros parentes 10:000 escudos (17:000 cruzados). Deixo a cada um dos meus vizinhos, que assistir ao meu enterro, 100 ducados (186$300 réis). Deixo a toda a pessoa não casada, de um ou outro sexo, que assistir ao meu enterro, 100 florins (35$500

---

[1] *Universo pittoresco,* vol. I, pag. 35.

[2] Bola de terra bituminosa para queimar, e servir de carvão.

réis), a cada sacerdote christão de Amsterdam e de Haya, 100 ducados (6$800 réis), e a cada sacristão 50 ditos.»

«Mais les prodigieuses découvertes qui avaient signalé les dernières années de ce siècle ne pouvaient rester longtemps sans historien. Peut-être cependant devons-nous donner la première place aux voyages du vénetien Cadamosto, qui en 1455 et sous la protection du prince Henri de Portugal explora la côte occidentale de l'Afrique, et prit part à la découverte de ses deux grands fleuves, ainsi qu'à celle des îles du Cap Vert. La relation de ses voyages est un véritable modèle: elle ne perdrait rien à être comparée à celles des plus habiles navigateurs de notre temps. Il y règne un ordre admirable.» Hallam, *Histoire de la littérature de l'Europe,* vol. I, pag. 267.

Mr. Ferdinand Denis, offereceu em 1843 á sociedade geographica de Paris um busto do infante D. Henrique, primorosamente executado por mr. Jules Droz, e tirado fielmente do retrato authentico que se achou na *Historia Ms. da conquista de Guiné,* por Gomes Eannes de Azurara, ultimamente descoberta na bibliotheca real de Paris. *Revista universal lisbonense,* 1845, pag. 283.

«...Mas as descobertas reaes dos portuguezes na costa de Africa sob a protecção do infante D. Henrique, são incomparavelmente mais importantes, pois contribuiram ellas a estimular e a dirigir o espirito aventureiro. Foi na academia fundada por este illustre principe, que as cartas nauticas foram feitas pela primeira vez em harmonia com um methodo mais util ao piloto, e o qual consistia na projecção dos meridianos em linhas rectas parallelas, em vez de curvas, sobre a superficie da esphera. Este primeiro passo dado na sciencia hydrographica póde fazer considerar, com titulos legitimos, o infante D. Henrique como seu fundador. E, embora essas antigas cartas apenas nos apresentem um cahos de erros e de confusão, foi sobre ellas que os olhos de Colombo estiveram fitos durante longas horas de meditação, tempo em que a duvida luctava ainda em sua alma contra a possante inspiração do genio [1].»

«Os portuguezes cultivavam a poesia n'uma data tão antiga como os castelhanos, e d'isto restam provas n'uma data anterior ao se-

---

[1] Henri Hallam, *Histoire de la littérature de l'Europe,* Paris, 1839, pag. 191.

culo XIV. Não parece porém, que se tenham occupado do romance heroico, e não se vê que entre elles tenha existido. O amor foi o thema favorito da musa lusitana, e os poetas applicavam-se principalmente a seguirem o fio d'essa paixão através de todos os seus labyrinthos, a descreverem suas penas em canticos repassados de uma languidez melancholica. Isto foi encaminhando para a invenção do romance pastoril, baseado em antigas tradições relativas á felicidade dos pastores e á sua amorosa disposição, e algumas vezes adubada com certos interesses de occasião, por meio de personagens e de occorrencias reaes, introduzidas com um certo disfarce.

«Este genero artificial e effeminado que póde de vez em quando não ser desagradavel, mas cuja monotonia não poderia deixar de fatigar o leitor moderno, é originaria de Portugal, e depois de haver sido adoptada nas linguas mais conhecidas, gosou na Europa por muito tempo de uma grande popularidade.» Henri Hallam, *Histoire de la littérature de l'Europe,* vol. I, pag. 238.

O eminente philologo italiano Comparetti, no seu livro *Virgilio nel medio evo,* cita os modernos trabalhos sobre poesia popular portugueza.

«Propagaram pela Europa as antigas relações portuguezas, que o rio *Abai* na Abyssinia era a nascente do *Nilo,* erro que só foi bem reconhecido em nosso tempo. São as nascentes do *Abai* que Bruce visitou em 1770, e em consequencia d'esta visita foi que elle pretendeu haver descoberto as nascentes do Nilo, embora não podesse elle ignorar que alguns missionarios portuguezes, mórmente o padre Paes e o padre Lobo, tinham visto e descripto muito bem estas nascentes desde a primeira metade do seculo XVII.

«Perto d'este logar acha-se Mertola Mariam com as ruinas de um mosteiro e de uma igreja que pertencem ao numero dos mais bellos restos dos edificios religiosos que os portuguezes erigiram na Abyssinia.»

Em Demerara publica-se um jornal em portuguez com o titulo de *A monarchia.*

O inglez Joule deu de presente á bibliotheca nacional de Lisboa em 1865, um exemplar do *Velho testamento,* conforme o codice ale-

xandrino, manuscripto grego do seculo XII, existente no museu de Londres, 6 vol. fol. max. publicado por esforços de Henrique Hervei Bater, bibliothecario do referido museu. *Antiguidades arabicas de Hespanha*, por James Cavanah.

Cancioneiro de Stuniga. Na publicação d'este cancioneiro, manuscripto do seculo XV (Madrid, 1873) acham-se alguns poetas pertencentes á aristocracia portugueza, e referencias a Portugal.

«O marquez do Lavradio em Roma, na qualidade de pastor da Arcadia, recitou em louvor de S. Pedro um soneto italiano que se encontra a pag. 166 do 6.º volume da traducção dos *Fastos de Ovidio*, por Castilho.»

«Na *Lisboa antiga,* vol. VI, parte 2.ª, vem noticia de portuguezes que viveram em Florença.»

«O bispo portuguez Osorio, no seu tratado *de Nobilitate Christiana,* declamou com violencia contra o secretario florentino, Machiavel.» *Guinguené,* 8.º, pag. 73.

«M. de Gamma, advogado no parlamento de Paris, e antigo lente de direito na universidade de Coimbra em Portugal, e n'outras terras, está mandando imprimir as lições que deu outr'ora a seus alumnos *Praelectiones legum, pandectarum et codicis imperatoris justiniani positionesque Juris Civilis secundum morem academicum enucleatum.*» — *Journal des Sçavants*, anno 1708, pag. 239.

«A cidade de Mamora em Marrocos nada contém de notavel. Porém, ainda possue a muralha que tinha em tempo dos portuguezes.» Guilherme Lempriére, *Viagem em Marrocos,* pag. 46.

Em 1889, foi o gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro honrado com a visita do ministro da Belgica no Brazil.

O ministro foi recebido pelo primeiro secretario, e deixou seu nome inscripto no livro des visitantes, com as seguintes palavras:

«Je suis plein d'admiration à la vue de ce superbe cabinet de lecture, dont l'architecture est superbe, et qui fait honneur à la ville de Rio.»

Boileau, tambem falla do nosso Tejo:

«N'importe, lève-toi.— Pour quoi faire après tout?
Pour courir l'Océan de l'un à l'autre bout,
Chercher jusqu'au Japon la porcelaine et l'ambre,
Rapporter de Goa le poivre et le gingembre.» Pag. 68.

«Le Danube s'émeut, le Tage s'épouvante.» Pag. 239.

«O convento dominicano de Ara Cœli em Cordova foi fundado por um frade portuguez, por nome fr. Alvaro, muito estimado da imperatriz D. Izabel, mulher do imperador Carlos V.» Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, liv. v, cap. XIII.

«Na sua *Viagem á Italia* traz algumas anecdoctas de portuguezes que residiram em Roma, no anno de 1581, sobretudo ácerca de uma confraria, em que *s'epousaient masle à masle.*»

V. *Journal du voyage en Italie,* pag. 156, edição do anno de 1774.

No dia 13 de setembro de 1889, o sr. Jayme Batalha Reis ergueu sua voz em New Castle, na secção de geographia da *British Association,* presidida pelo coronel sir Francis Winton, antigo administrador do estado independente do Congo, e recordou o que os portuguezes tinham outr'ora praticado no Congo:

«As explorações dos portuguezes em Africa n'este seculo começaram com os primeiros annos d'elle. Em 1802 a expedição commandada pelo coronel Honorato da Costa, de Angola, que atravessou todo o continente africano desde a bacia do *Kassai* ás do *Lualaba, Luapula, Bangueolo, Bemba* e *Luangua Norte,* chegou a Tete em 1811. De 1831 a 1832, Monteiro e Gamito exploraram a região que demora entre os lagos *Nyassa, Bembe, Bangueolo, Moero,* e o rio *Zambeze.*

«Em 1838 e 1848, o major Francisco J. Coimbra, levou a cabo a sua viagem através de Africa, de Moçambique a Benguella, e visitou os lagos ao norte de Calaari.

«Em 1843 até 1847, Joaquim Rodrigues Graça foi do Golungo ao Bié, e d'ahi a Lunda, quasi ao extremo da bacia de *Kassai.* Durante muitos annos, Silva Porto viajou e explorou os territorios entre os vales de Quanza, e os de Siambai no alto *Zambeze.*

«Em 1852 a 1855, as suas explorações estenderam-se do *Zambeze* superior ao alto Luangué, e passando entre as bacias do *Zam-*

beze, e do *Zaire*, atravessou ao sul do *Nyassa*, e cortou diagonalmente a região entre o *Nyassa*, o *Rovuma*, e o mar.

«Em 1855 e 1856, Mutanha e Teixeira exploraram os territorios entre o *Inhambane*, o *Limpopo*, e o norte do Transvaal.

«Em 1877, o governo portuguez mandou a todas as suas colonias de Africa expedições de engenheiros, e instituiu investigações e trabalhos que se continuaram até ao presente, e dos quaes nasceram os primeiros caminhos de ferro n'estas regiões, e advieram para a sciencia mais perfeitos conhecimentos de muitos d'esses paizes.

«Em 1877–1878, Serpa Pinto atravessou de lés a lés o continente africano de Benguella ao Bié, e d'ahi pelos afluentes do *Cuando* ao alto *Zambeze*, aos lagos ao norte de Kalaaria, e através de Bechuanaland, ao Transvaal e Natal.

«Em 1877–1880, Capello e Ivens foram do valle do *Cunene* ao valle do *Quanza*, e d'ahi ao *Cuango*, que exploraram até 6° de latitude sul.

«Em 1883, Antonio Cardoso visitou os districtos que jazem entre o rio *Save* e os valles do *Buzi* superior.

«Desde 1880 que Paiva de Andrada está explorando as terras que demoram entre o *Zambeze* e os valles do *Save* e do *Buzi*.

«Em 1884 a 1885, Capello e Ivens atravessaram a Africa de Mossamedes aos rios *Cunene*, *Cubango*, *Liambai*, *Lualaba*, *Luapúla*, *Lago Bemba*, e d'ahi ao *Zambeze*, desde a bôca do *Cafué* até ao mar.

«Em 1885 a 1886, Augusto Cardoso atravessou do Ibo ao *Nyassa*, e d'ahi pelo *Chire* ao *Zambeze*.

«Em 1884 a 1888, Henrique de Carvalho e Sezinando Marques exploraram os territorios entre o *Quanza* e o *Rena* no districto de Lunda.

«Estas eram as viagens mais conhecidas, mas os portuguezes tinham emprehendido muitas mais explorações, que por mais pequenas em extensão não eram de certo menos importantes.»

«Rodrigues Figueiredo, missionario portuguez, natural de Coruche. Contava quatorze annos quando entrou para o noviciado de Evora no anno do 1608. Partiu para a India em 1618, entrou para a China em 1622, e consagrou vinte annos da sua vida á conversão dos pagãos. Morreu em 1642, e todas as suas obras são em chinez.»

I *Nien king çung to*. — Livro de varias orações e devoções.

II *Xing kiao zuen liu*. — Explicação de toda a fé christã e cathecismo.

III Exhortação para bem resar.

IV Traduziu em 1625 os livros compostos por Aristoteles, ácerca do ceu.

«O celebre cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, que tão fallado foi na Europa, no reinado de D. Affonso V e D. João, alem de muitissimas outras dignidades, com que tinham galardoado seus merecimentos, era tambem arcipreste de Burgos [1].

«Este mesmo D. Jorge da Costa, foi promovido a cardeal em dezembro de 1476, com o titulo dos santos martyres Marcellino e Pedro. Teve o beneficio de Santa Maria *trans Tiberim,* uma abbadia em Veneza, entrou em Navarra, e em 1481 foi nomeado bispo albanense, e em 1501 bispo tusculano.

«Julio II deu-lhe o bispado portuense ou ostiense e Santa Rufina. Foi decano do collegio apostolico, legado de Veneza e Ferrara, e senhor da villa de Arpanica.»

Diz-nos o padre Labat [2] que em Livorno havia no anno de 1710 22:000 judeus, os quaes consideravam Livorno e o resto dos estados do grão duque, como uma nova terra da Promissão. Ali estavam livres, e nenhum distinctivo tinham que os distinguisse dos christãos. Que não estavam fechados no seu bairro, mas que eram ricos e tinham um commercio mui extenso, sendo arrendatarios de quasi todas as herdades do principe, e com tal prosperidade que se dizia como proverbio na Toscana que valia mais bater no grão duque, do que n'um judeu.

Não deixavam de ser odiados, mas não faziam caso, zombavam e eram cada vez mais arrogantes e soberbos.

O seu bairro tinha tres ruas, e as casas mui bellas, mas mais sujas do que nas outras ruas da cidade.

Em 1716, quando o padre Labat tornou a estar em Livorno, tinham os judeus medrado muito, e seu numero crescia a olhos vistos, tomando até mesmo de aluguer casas que nunca tinham sido habitadas senão por christãos, e «se o principe não desse providencias, viriam a occupar toda a cidade». Eram todos ou quasi todos, ricos, bem vestidos.

A lingua portugueza era muito usada por elles (pag. 135). Ti-

---

[1] *Memorias da academia real das sciencias de Lisboa,* vol. VIII, pag. 152.

[2] *Voyages en Espagne et en Italie,* tom. II, pag. 133, Paris, 1730.

nham escolas, ás quaes mandavam seus filhos para aprenderem o portuguez, lingua da qual se serviam no seu commercio, e n'ella faziam sua escripturação.

D'isto, porém, não gostava o padre dominicano Labat. Parecia-lhe não dar isto grande honra á nação portugueza, e que o principe que a governava, e que «era tão poderoso nas quatro partes do mundo, e tão zeloso da gloria de seus vassallos, deveria de tudo lançar mão para òbstar a que elles se servissem da lingua portugueza, e de se dizerem portuguezes em todos os logares onde não têem a liberdade de se conservarem debaixo do nome de judeus. Esta tolerancia não dá honra a uma nação christã, que de nada se esquece para conservar em si a fé em toda a sua pureza».

Ao contrario a lingua hebraica não era muito usada, e tão sómente os rabinos e um diminuto numero de judeus a sabiam explicar, embora quasi todos a soubessem ler.

Os judeus, no dizer do mesmo padre, eram muito velhacos e matreiros, e o proprio diabo teria manhas que aprender d'elles.

O padre passeou tambem muitas vezes pela rua que serve de bolsa, e na qual todos os negociantes se reuniam pelas dez horas da manhã com o fim de ter o prazer de ver os paes judeus a ensinarem seus filhos, e a fazerem-lhes tomar gosto ao negocio. Se lhes apresentavam uma letra de cambio, mostravam-n'a a seus filhos, faziam com que elles a examinassem, e lhes perguntavam se estava no caso de ser acceita, se podiam ou não deviam descontar alguma cousa áquelle que a apresentava. Se se encontrava alguma pedra preciosa para vender, faziam tambem com que os filhos a examinassem, mostravam-lhes o defeito, e assim todo o resto do negocio, a respeito do qual, segundo as apparencias, lhes davam as lições mais amplas em casa, e faziam com que as pozessem em pratica na praça.

A synagoga era bella, e as ceremonias são com alguma minuciosidade descripta pelo padre Labat, o qual assevera comtudo «que os judeus portuguezes de Livorno cheiravam mal!»

A mesma asserção tinha feito, em geral, dos judeus, o italiano Cataldo Siculo, n'uma carta ao rabbino de Napoles, carta escripta uns dois seculos antes.

New-Bedford Mass fica situada no rio *Acuscnel,* umas 9 ou 10 milhas acima da foz, e 60 a sueste da cidade de Boston, e é notavel como porto principal, d'onde sáe um grande numero de navios para a pesca dos cetaceos.

E é n'esta cidade que se encontra a mais numerosa e importante colonia dos Estados Unidos.

É principalmente composta de açorianos: sustenta uma igreja, cujo orago é S. João Baptista, com dois curas: o monte pio luso-americano, a sociedade de beneficencia com perto de 1:000 socios, e uma philarmonica composta de artistas.

E a questão do padroado portuguez na India para quantos opusculos e livros não tem fornecido assumpto?

Ernesto Rossi, entendeu dever prestar á litteratura portugueza uma homenagem honrosa, fazendo interpretar pela companhia que dirigia, e interpretando elle proprio, o *Frei Luiz de Sousa,* de Garrett, joia do theatro portuguez.

Os sentimentos nacionaes, as tradições gloriosas de uma historia e da arte portugueza, tão desprezadas pelos que tinham obrigação de os affirmar, mais por obras, do que por palavras, veiu um artista estrangeiro acordal-os no coração dos portuguezes, hoje tão absorvidos nas luctas egoistas do interesse individual e mesquinho.

O nosso theatro nacional, onde, aliás, ha artistas de reconhecido merito, na ambição de caminharem *a la moda*, vae se afrancezando cada vez mais; cultiva-se ali exclusivamente a facil comedia moderna, que póde divertir o publico, mas não constitue de modo algum uma escola.

E, no entanto, era mister manter sagradas as tradições, não cortarmos, pela indifferença e pelo desleixo, o fio que nos liga a um passado cheio de legitimas glorias.

No nosso collega *O Portuguez*, folha que se publica em Georgetown, Demerara, encontrâmos a seguinte interessante noticia que transcrevemos com satisfação:

«No dia 22 do mez de dezembro do corrente anno, reuniu-se na sala da associação de beneficencia d'esta colonia, um certo numero de portuguezes, com o intento de levar a effeito a edificação de uma igreja catholica, completamente portugueza, e para n'ella exercerem o culto, sacerdotes catholicos, do habito de S. Pedro, vindos da Madeira ou Portugal. O sr. Alipio A. Ferreira fez conhecer aos circumstantes a urgente necessidade de effectuar-se este projecto, as conveniencias de curarmos por este meio da nossa verdadeira religião e os inconvenientes, que ha muitos annos encontrâmos com os sacerdotes da companhia de Jesus, tanto por serem de idioma estranho ao nosso, como por especularem com a religião.

«Mais alguns dos circumstantes fizeram tambem algumas ponderações, fundados nos mesmos principios.

«Em seguida foi deliberado, que os meios mais urgentes a adoptar, para começo d'esta grande empreza, era a nomeação de uma commissão a quem se encarregassem os trabalhos preparatorios d'esta edificação, taes como obter de Portugal a competente auctorisação; prover n'esta colonia aos meios de adquirir fundos sufficientes, etc.

«Em vista do que foram propostos e approvados por unanimidade para compôrem a dita commissão os srs. Alipio A. Ferreira, para presidente, José Simão da Costa, para vice-presidente; Porfirio de Oliveira, para thesoureiro; José Martins, Manuel F. do Nascimento, Manuel de Sousa Coelho, para vogaes, e Luiz M. Leal, para secretario.»

Celebraram-se exequias solemnes no real templo de Santo Antonio dos portuguezes em Roma, pelo repouso eterno de El-Rei D. Luiz.

A bellissima igreja estava decorada com o rigor devido á solemnidade funebre que se celebrava.

O elevado catafalco, encimado com as insignias reaes, corôa, sceptro e manto sobre o athaude, coberto de crepes.

Nos degraus depoz o embaixador de Portugal uma cruz de flores, violetas e rosas, com fita negra, tendo n'esta, a letras de oiro, a seguinte inscripção:

«*A S. M. El-Rei D. Luiz I*, XIX–LXXXIX. *Rex justus erigit terram*» (do livro da sabedoria).

Do outro lado:

«*Tributo de respeito e de gratidão, J. B. de Martens Ferrão, sua esposa e filha.*»

O primeiro secretario da embaixada, commendador Augusto de Andrade, depoz uma corôa de flores, rosas, saudades, violetas e fitas brancas com a seguinte inscripção:

«*Á saudosa memoria de Sua Magestade El-Rei D. Luiz I, a administração do instituto de Santo Antonio de Roma. Tributo de respeitosa homenagem e dedicação ao seu real protector.*»

Os membros do sacro collegio, com o cardeal secretario d'estado, occuparam a tribuna grande do lado esquerdo.

Na tribuna do cruzeiro estava a ordem soberana de Malta, em uniforme.

Na abside, em posto distincto, os prelados que deviam lançar as

absolvições, sendo a quinta absolvição lançada pelo cardeal secretario d'estado.

Fóra da abside, do lado direito, a embaixada portugueza, e na tribuna junta todo o corpo diplomatico, de uniforme.

Na tribuna do lado esquerdo, o primeiro assistente no solio pontificio, o mordomo de sua santidade, prelatura pontificia, nobreza romana, e mais pessoas de distincção.

Assistiu tambem, como representante da recente missão do Nyassa, o secretario do cardeal Lavigerie.

Assistiram igualmente alguns ecclesiasticos subditos do padroado portuguez de Bombaim e de Goa, e outros portuguezes que ali estão a estudar.

Quem lançar a vista para o mappa da Europa, com certeza ha de julgar que os portuguezes não poderiam em tempo algum representar um papel brilhante no mundo, aperreados como estavam pelo oceano e pela Hespanha. E, no emtanto, foi a esta mesma aperreação que Portugal deveu o papel importante que tem representado no mundo. Por meio de guerras e de brilhantissimas victorias escorraçou e afugentou os hespanhoes. E quando viu os hespanhoes contidos e sopeados tratou de se expandir e alargar. E não tardou muito que seus desejos fossem coroados de glorioso exito, pois o Porto Santo e a Madeira, tão poeticas, não tardaram em ser descobertas e em fornecer assumpto para o romance do Alcanforado, e para muitos livros de poesias e de viagens.

As ilhas de Cabo Verde, as guerras com os marroquinos, o captiveiro do Infante Santo, a descoberta do cabo das Tormentas, a conquista da India, a expulsão dos mouros para fóra do Cairo, nossas batalhas navaes e nossos horrorosos naufragios deram assumpto para muitos e encantadores livros, bem conhecidos dos estrangeiros. E se El-Rei D. Sebastião não tivesse morrido nas plagas africanas teria Portugal apresentado ao mundo os admiraveis *Trabalhos de Jesus,* compostos por fr. Thomé de Jesus, cujas numerosas edições e reimpressões em tantos idiomas são comparaveis ás d'esse outro livro tão apreciado em todo o mundo a *Imitação de Christo,* attribuida a Kempis, obra de um estrangeiro, mas emquanto á uncção religiosa podendo ser posta a par do mystico livro do portuguez fr. Thomé de Jesus, livro que no seu genero é um verdadeiro monumento, um verdadeiro primor!

E quão numerosas são tambem as chronicas monasticas, as

chronicas de nossos Reis e de varões illustres, relatando feitos heroicos que deram brado em todo o mundo! E qual será o portuguez instruido que deixe ao menos uma vez na vida de ler essa elegantissima e poetica chronica de Fernão Lopes, onde elle descreve de um modo tão encantador e poetico os amores da formosa e seductora D. Leonor Telles?

E que variedades de scenas! Agora é esse gigantesco Affonso de Albuquerque levantando a mão ao céu e exclamando: «Mal com os homens por causa de El-Rei, e mal com El-Rei por causa dos homens!» Logo é o grande D. João de Castro exclamando: «Não tenho, senhor, pejo de vos affirmar que n'esta casa não houve dinheiro para comprar uma gallinha!» E no emtanto este grande vice-rei, que no cerco de Diu tinha perdido um filho, compozera tres roteiros e estudára as causas da côr do mar vermelho. Logo, é a lucta n'um fragil batel no meio do mar encapelado sobre qual dos dois irmãos ha de dar a vida pelo outro!

E como era quasi sempre grande a ingratidão dos Reis para com os seus vassallos que no meio dos mais horrorosos trabalhos arriscavam a vida em gloria do Rei e do paiz!

É na realidade a leitura da historia de Portugal um feitiço encantador. O bom portuguez ufana-se com rasão ao ler as proezas praticadas tanto por homens como por mulheres, no meio d'essa chusma, dando nas vistas, por causa das suas virtudes christãs, um Anchieta e um Francisco Xavier, cuja biographia tão bellamente foi descripta pelo nosso João de Lucena.

Os dois cercos de Diu foram horrorosos; mas felizmente houve poetas para os cantarem. E por isso a India ainda hoje impressiona os que prezam as glorias patrioticas.

Sim, portuguezes: ainda d'aqui a centenares de leguas existem restos de habitações, onde residiram heroes portuguezes. Ainda na India se falla o nosso idioma, embora aqui mais correcto do que acolá! Ainda no portuguez incorrecto, a par do incenso, se erguem as vozes dos christãos que a Deus elevam seus hymnos em nossa linguagem. Ainda por ali encontraes milhares de recordações de nossos gloriosos antepassados, e ainda mais numerosas seriam ellas se os nossos paes houvessem melhor zelado o que d'elles era.

Mas, em summa, ainda hoje quasi por toda a Asia ouvis fallar a linguagem de Camões, e a de Garcia da Horta e a de D. Francisco de Almeida. E eis porque tambem é vulgar que os viajantes ali se encontrem extaticos e absortos, tendo a memoria pejada do muito

que ali nossos maiores operaram, e do que os estrangeiros ainda bem se lembram. E nenhum estrangeiro desconhece que por ali andou um D. Affonso de Albuquerque.

E com effeito muitos e muitos estrangeiros se lembram, como o leitor verá, do muito que os nossos antepassados fizeram.

Segura canta nossas glorias no *Romancero de los Reys de Portugal*. E esses versos encontram-se no *Romancero Geral de Duran*.

Quando o nosso famoso Jorge de Montemór publicou a sua celebre obra *La Diana de Monte Major*, não havia praça, nem casa, nem conversação de nobres e plebeus, onde não fosse lida e celebrada *La Diana de Monte Major*. E seus versos eram exaltados até ás nuvens.

Achou-se na celebre merenda que uma duqueza dera por aquelles tempos ás primeiras damas de Madrid, as quaes fizeram um delicioso prato das suas discretas respostas, e que o provocavam com perguntas não menos discretas. E dizendo-lhe a marqueza de Comares: «Señor Montemajor, si escrivisteis cosas tam discretas tratando de pastores rusticos y de campos agrestes, que harieis se escrivisseis de aquelle jardin, fuentes y nymphas?»

Ao que elle respondeu:

«Esso, señora, mas es para la admiracion que para la pluma.»

O celebre poeta inglez Thompson exalta até ás nuvens, no seu poema *As estações*, os gloriosos feitos do nosso famoso infante D. Henrique.

O portuguez patriota (disse em fevereiro de 1847 o *Dublin University Magazine Advertiser)* póde ainda consolar-se com a lembrança de que a lingua de Camões, logo depois da de Milton, é a mais extensamente fallada no continente americano. Portugal, mais que nenhuma outra nação da Europa, nos espanta pela energia do seu povo, e pelo contraste entre a pequenez e a fraqueza de seus meios e a grandeza dos resultados e feitos que obrou [1].

E que direi eu das batalhas travadas tanto em Portugal como no estrangeiro, tanto por terra como por mar?

Dizia-se que nossos antepassados preferiam a vida serena e tranquilla do claustro ás luctas ou por terra ou por mar; mas a verdade é que no claustro tambem havia luctas e rixas, e que os proprios

---

[1] Os jardins irregulares, chamados mais tarde *quodlibets*, foram no seculo XVI, e ainda até mais tarde denominados «Jardins de D. João de Castro».

frades em occasião de guerras tambem combatiam em prol da patria ou da causa que defendiam.

Diz-nos o conde da Ericeira que em 1642 foram cento e cincoenta clerigos de Vizeu, em que entravam tambem conegos e abbades, sob a capitania do thesoureiro mór da referida sé Gomes de Andrade Cabral para Pinhel, em ajuda dos nossos que andavam em guerra com os hespanhoes [1].

Tambem no anno de 1643, durante a guerra da independencia, os frades bentos de Ganfey, tocando a rebate, salvaram algumas povoações do Minho de serem atacadas pelos gallegos.

Todavia, felizmente, nem sempre havia guerras, e era na realidade preferivel a vida claustral para a composição da *Historia de S. Domingos* e da *Vida de fr. Bartholomeu dos Martyres*, ou para escrever as *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto* ou a *Vida de S. Francisco Xavier* por Lucena. E as *Decadas* de Barros e Couto dariam honra a qualquer litteratura.

Muitos auctores estrangeiros dizem que os portuguezes são mui sabios [2], por dizer o auctor da *Bibliotheca Hispana* que elles reinam na poesia.

Guiviard e Zuinger reconhecem-lhes grande vantagem na arte de marear. Acosta da-lhes o primeiro logar emquanto ao engenho. O padre Mariana diz que são dados ao estudo da sabedoria de toda a humanidade e policia.

Justo Lipsio assevera serem famosos nas artes e nas letras: e que em nenhuma outra parte da Hespanha florescem mais as artes. E Juan de Pina dizia: «que sus raros y divinos engenios son horror de otras naciones hasta lo no sugeto».

A João de Barros chamaram grave escriptor Juan de Pineda e o celebre padre Maffejo. Preclaro lhe chamou Pineda. E o auctor das *Viagens do mundo* lhe chamou diligentissimo.

João Baptista Lavanha lhe deu o epitheto de «escriptor famoso».

Antonio Possivino chamou-lhe «egregio».

E fr. Antonio de S. Roman cognominou-o Livio portuguez. E Alonso de Ulloa assevera serem as *Decadas* de João de Barros uma das melhores obras que se escreveram no mundo. E eis porque man-

---

[1] Conde da Ericeira: *Portugal restaurado*, vol. I, in-fol., pag. 353.

[2] Antonio de Sousa de Macedo: *Flores de Hespanha, Excellencias de Portugal*, pag. 78.

daram pôr em Veneza o seu busto entre os dos varões mais famosos, e porque o papa Pio IV o mandou collocar tambem no palacio do Vaticano, junto do de Ptolomeo.

Um outro portuguez a quem os estrangeiros deram grande testemunhos de apreço por causa da grammatica por elle composta, foi ao padre Manuel Alvares [1].

Vossio, ao fallar de um tal grammatico, chama-lhe habilissimo grammatico. Scioppio, no discurso ácerca da origem, dignidade e uso da grammatica latina, tanto antiga como moderna, escreve que o padre Manuel Alvares merecia o primeiro logar entre aquelles que trataram de uma tal arte; que escreveu com mais exactidão, força e belleza que todos os antigos, que nenhuma cousa valiosa tinham feito ácerca de grammatica latina, e que até mesmo supplantava a maioria dos modernos n'um tal assumpto. E acrescenta ainda: que soube servir-se dos exemplos dos antigos com muita destreza e escolha; e que não serviu isto pouco para conseguir a solidez das regras de uma tal arte, para d'ella dar uma intelligencia mais inteira e mais facil aos estudantes. E ainda acrescenta: que varias pessoas trabalharam depois n'esta grammatica, mas que Antonio Vellez, nosso compatriota, fizera um commentario gabado até por D. Nicolau Antonio. E que sobre um tal commentario fizera um trabalho o padre jesuita Richard Richardi. E que depois ainda fôra feito um outro commentario por um jesuita allemão por nome Richard Heinsio. E que, passado tempo, um outro commentario em latim appareceu, composto por Antonio Maria Torrigia, estampado em Roma no anno de 1606.

Porém, a verdade é esta, durante muitos annos só estudavam latim na Europa pela grammatica do nosso compatriota Manuel Alvares.

Poissevin affirma que o jesuita portuguez Pedro da Fonseca, fallecido em 1599, traduzira tambem as *Methaphysicas* de Aristoteles, e que d'ahi por diante não foi mister o recorrer aos commentarios para se perceber o texto e os pensamentos de um tal philosopho.

Por uma outra grammatica latina, composta por um portuguez, estudaram tambem os hespanhoes e os francezes, e foi pela de fr. Diogo de Mello e Menezes.

---

[1] *Jugements des Sçavants*, vol. II, pag. 573. V. a explendida edição da *Grammatica* de P. Manuel Alvares, estampada em Paris no anno de 1859.

Porém, nos seculos XVI e XVII a mais usada era a de Bento Pereira, em latim, e estampada em Lugduni e varias outras cidades.

E parece-me ainda poder asseverar que nenhuma universidade houve em que a eloquente voz do portuguez se não fizesse ouvir no ensino.

E tambem os portuguezes que vivem longe da patria que lhes deu o ser, fazem a diligencia por matarem as saudades que os pungem.

E eis tambem a descripção do festejo celebrado em 11 de agosto de 1887 na soberba cidade de Hong-Kong:

No dia 11 de agosto de 1887 foi festejado pela primeira vez o quinquagesimo anniversario da inauguração do instituto luso-indianno, por meio de um sarau musical, custeado por uma subscripção entre os membros.

O sarau teve logar nas casas da *anglo-portuguese school,* e foi coroado de um brilhante successo, devido aos esforços e reconhecidas aptidões dos illustres amadores que tão prompta e generosamente offereceram os seus prestimos a essa sympathica festa. O presidente abriu a reunião com um elegante e apropriado discurso, muito applaudido pela assembléa [1]. E o programma foi o seguinte que se executou:

1.ª Parte

Marcha

Abertura.—*Regina.*— Orchestra..... J. J. H. de P. Menezes. S. J. das Neves e Menezes. S. Pinto. A. Cunha. B. Vaz.

Abertura.— O presidente.

2.º Coro.— *Carnavale* — De Rossini..... Dr. L. J. Pinto. A. E. da Silva. B. Noronha. Dr. C. P. de Mello. H. Rodrigues. A. A. Pinto.

3.º Solo de piano —*A maidon's*—Prazer..... D. Leopoldina Quadros.

---

[1] Relatorio e contas da gerencia do instituto luso-indiano desde agosto de 1886 até 31 de dezembro de 1887.

Vocal — Bell Brandon.

4.º Dueto Vocal.—*Mother, can this the glory be...* { Dr. E. J. Pinto, J. R. Martins.
5.º Solo tenor.—*Ah for est lui* (Traviata)..... J. R. Martins.
6.º Solo de piano.— *Home Sweet home*..... D. Maria de Sousa.
7.º Cantico comico.—*The Bloated Aristocrat* .... P. V. de Sousa.

Intervallo de dez minutos.

2.ª Parte

1.º Abertura.— *La Italiana* — Algieri..... Orchestra de amadores.
2.º Côro.— *Gipsy chorus*..... Amadores.
3.º Solo de piano.— *Fantesie sur la zampa*..... D. Adelaide de Sousa.
4.º Solo de tenor.—*Last rose of summer*..... Dr. L. J. Pinto.
5.º Solo de piano.— *Carnaval de Veneza*..... D. Adelina Quadros.
6.º Sôlo comico.— *Pretty little dark blue eyes*.... J. R. Martins.

Intervallo de dez minutos.

3.ª Parte

1.º Aria.— *Carlota*..... Orchestra de amadores.
2.º Solo.—*The Village blac-smith*..... A. C. da Silva.
3.º Solo de piano.— *Silvery Waves*..... D. Adelaide de Sousa.
4.º Solo de tenor.— *Gambler's Wife*..... P. da Silva.
6.º Canto comico.—*Medicine Jack*..... P.V. de Sousa.
6.º Côro.— *Hymno da industria*..... Orchestra de amadores.

Tocou tambem o distincto organista Philip da Silva, que, a pedido do dr. L. J. Pinto, generosamente offereceu seus valiosos serviços n'essa occasião.

A direcção declarou que não se tem poupado a esforços para augmentar a livraria do instituto, fazendo acquisição de novos livros portuguezes, possuindo já 717 n'este idioma.

E de Goa recebia já os seguintes:

O boletim do governo, A India portugueza, A patria, O correio de Goa, A convicção, O crente, A discussão, O ultramar.

E o redactor d'este relatorio acrescenta (pag. 15): «Uma instituição como esta, fundada no meio de uma communidade tão numerosa como a nossa, deve por certo contar no seu rol muitos centenares de membros com que constitue a sua verdadeira riqueza. O actual numero dos membros é ainda insignificante relativamente á vastidão da colonia portugueza».

O relatorio conclue d'este modo:

«Sala do instituto luso-indiano. Bombaim, 31 de dezembro de 1887.=*Acacio G. Viegas* = *Leandro Mascarenhas* = *Antonio Clau-*

dio da Silva = *João Antonio da Fernandes* = *Emygdio J. Lobo,* vogaes = *Leopoldo Francisco,* thesoureiro = *José de Sant'Anna Pinto,* secretario.»

Cento e noventa e um eram os membros d'este instituto luso-indiano, e duzentas e quarenta e tres as obras existentes na sua bibliotheca.

E pomposos foram tambem os festejos celebrados por occasião do centenario de Camões. Ali existe um grande patriotismo.

Onde, porém, o leitor encontra innumeras noticias ácerca dos nossos compatriotas existentes nas mais remotas partes do mundo, é nas *Viagens* da celebre m.me Ida Pfeiffer. Emquanto a este assumpto são mui interessantes as noticias que nos fornece uma tão celebre viajante.

D. Nicolau Antonio (hespanhol) diz-nos ser Achilles Estaço um grande homem de letras, e o colloca na primeira classe dos excellentes criticos de Hespanha, preferindo-o até mesmo n'este ponto a Vives, a Delvio e a varios outros [1].

Lipsio dá o testemunho de que elle tinha um grande genio, muita leitura, e o põe na primeira classe dos excellentes criticos de Hespanha, preferindo-o até mesmo n'este ponto a Vives, a Delvio e a varios outros.

Lipsio assevera que possuia elle um grande genio e muita leitura, e que fizera um grande numero de observações ácerca de differentes auctores, e Schott assevera que tomava a Denys de Halicarnaso por modelo da sua critica. E acrescenta que é mais correcto e mais abundante do que o proprio Muret no que escreveu de Tibullo. E que, embora as notas que elle primeiramente tinha apresentado ácerca de diversos auctores não fossem para desprezar, todavia a continuação do tempo e a experiencia fizeram com que elle achasse muitas cousas necessitadas de correcções, e lhe forneceram ensejo para fazer acrescentamentos.

O caracter do seu estylo é o da gravidade por toda a parte. Elle, porém, affectava com excesso distinguir-se do vulgo, escrevendo á maneira dos antigos, isto é, segundo o que se encontra nas inscripções das pedras, das medalhas e dos outros monumentos, fazendo no conteúdo alterações, addições e córtes de letras.

O nosso judeu portuguez Thomás Pinedo já não caiu tanto na graça de Baillet, pois diz: «Imprimiram na Hollanda em 1678 suas

---

[1] Adrien Baillet: *Jugements des Sçavants,* vol. I, pag. 325.

annotações ás obras de Estevão de Bysancio com sua versão. Todavia, nada de bem raro se encontra, ou nas suas conjecturas ou nas suas observações [1]».

Manuel Sueiro, nascido em Antuerpia e de paes hespanhol e portuguez, traduziu com elegancia do latim para hespanhol as obras de Sallustio e de Paterculo. E, não estando contente com a versão mediocre que de Cornelio Tacito fizera Herrera, nem tão pouco com as que depois fizeram Balthasar Alamos e Carlos Coloma, fez uma nova versão accurada.

Tambem o já citado Baillet na sua conhecida obra *Jugements des Sçavans*, não se esquece do nosso Arias Barbosa, a quem exalta como hellenista [2].

«Foi elle quem (diz Baillet) introduziu na Hespanha o conhecimento do grego e das humanidades, em tempo de Fernando e de Izabel. Possuimos d'elle um commentario ácerca do poema de Arato, algumas questões quodlibeticas relativas a differentes ramos de humanidades e tambem de grammatica e de versificação, que eram mui uteis para aquelles tempos tão toscos, e que lhe renderam elogios dos escriptores mais sabios d'aquelle seculo, como foram Lebrixa, Resende, Gyraldi e Honcala.

«Barbosa era inferior a Lebrixa, emquanto á erudição: supplantava-o, porém, no tocante ao grego e á poetica.»

«Nada, porém, torna os portuguezes mais recommendaveis (diz Lafitau [3]) do que as descobertas e as conquistas que fizeram nas tres partes do mundo, Asia, Africa e America pelos fins do seculo XV e começo do seculo XVI. Ficâmos surprehendidos como um reino encerrado em limites tão acanhados pôde levar ao cabo tão vastas emprezas, abranger uma tão grande extensão de paizes e fornecer um tão grande numero de talentos necessarios para fazer com que os projectos d'elles tenham vingado.»

Francisco de Monçon comparou Lisboa com Jerusalem. Mas Francisco de Segura cantou o seguinte:

«Qual del Artico al Antartico,
Ni del Persiano hasta el Chile
Gran ciudad puede igualarte,
Ni en todo lo que el Sol rige.

---

[1] Adrien Baillet: *Jugements des Sçavants*, vol. I, pag. 469.
[2] Vol. I, pag. 259. Paris, 1722.
[3] *Journal des Sçavants*, agosto de 1734, pag. 481.

«Tudo en tu presencia cesse,
Que en rason no se permite,
Que igualarte pueda oy,
Ciudad, á quien muros ciñen,

«Oy tus grandezas son tantas,
Que para poder dezirse,
Es le mejor el callar
Pues callando, mas se dire.»

Fr. Luiz de Leon fez versos ao Tejo: mas Herrera em suavissimas poesias chorou a morte de El-Rei D. Sebastião. E Antonio de Sousa de Macedo chega a dizer: «No disen mal de los portuguezes sino hereges e moros[1]».

«Todos los reynos de que en Europa, Asia, Africa y America se intitula Rey el de Portugal, fueron tomados á fuerza de armas a moros y gentiles enemigos de Dios, e no heredados ó tomados de christianos como los que tienen otros Reyes, como advertio fray Seraphim, los portuguezes estan siempre contra turcos, moros, gentiles y herejes por mar y tierras armadas.»

A Palestina ou Terra Santa era a predilecta dos portuguezes, como se vê no *Paraizo Serafico,* para suas esmolas e offertas de obras artisticas.

Fray Antonio de S. Roman exclama: «De Africa quiso Dios llevar su santo nombre á las Indias orientales y a toda Asia: y para esto tomó por vasos, como los llama fray Antonio de San Roman a los portuguezes que predicando el Evangelio en la Asia quasi toda, hazen mucho fruto siendo (como dize el maestro en sus grandesas de Madrid) los primeros hombres que sembraram en el Indo la semilla de la palabra divina, aumentada com el riego de su sangre, habiendose mas gloriosos con los del martyrio, convertiendo milhares de almas».

O licenciado Francisco de Herrera Maldonado exclama fallando a respeito dos portuguezes: «Nacion gloriosa en dilatar la fé catholica por partes remotas, causando admiracion el embiar al cielo tantos martyres y a la Iglesia innumerables fieles».

«Y aqui quiero advertir (diz um escriptor hespanhol) que es tan proprio del dinero de Portugal servir para hacer monasterios y hospitales, que para qualquiera parte que vaya, lleva anexa con-

---

[1] *Flores de España y excellencias de Portugal,* pag. 93.

sigo esta qualidad: assi vemos que en la famosa villa de Madrid los mejores conventos fueron hechos a costa de Portugal. El uno es el real de las descalças con su hospital, que hizo la Princeza de Portugal Doña Juanita, madre del Rey D. Sebastian con el dinero de las rentas que tenia en esto reyno.

«Otro es el real de la Encarnation que hizo la Catholica Reyna D. Margarida de Austria, mujer de Filippe III con dinero que le vino de la India de Portugal, los quales son dós conventos grandiosos de christiandad. Y D. Leonor Mascareñas fundó el convento de los Angelos en Madrid: y ahora se va haciendo en la misma corte el hospital de San Antonio de los Portugueses.»

O portuguez Manuel Faria e Sousa é um dos bons traductores da lingua castelhana. Traduziu a *Vida de S. Paulo, primeiro eremita,* e ainda outras obras, taes como a philosophia de Alberto Magno, as guerras de Appianno Alexandrino e a *Chronica de El-Rei D. João II,* vertida para castelhano.

A maneira como Jacinto Freire de Andrade começou a *Vida de D. João de Castro,* quarto vice-rei da India, converteu-se em moda. E muitos escriptores o imitaram:

«Escreverei a vida da veneravel madre Thereza da Annunciada [1], assumpto digno de mais sublime penna que a minha, cujas acções heroicas foram, emquanto viveu, um perfeito exemplar ás religiosas, e hoje serão de admiração ao mundo... Nós para gloria de Deus e commum edificação ajudaremos a ler em periodos não bem limados esta historia.»

A moda de taes exordios tambem passou á Hespanha.

---

[1] José Clemente: *Vida da veneravel madre Thereza da Annunciada,* Lisboa, 1763.

Data de epochas bem remotas o irem os portuguezes estudar fóra do nosso paiz.

No vol. I, pag. 252 do excellente trabalho *Elementos para a historia do municipio de Lisboa,* encontra-se a noticia de que El-Rei D. Fernando I houve por bem que o concelho de Lisboa subsidiasse fr. Rodrigo de Cintra, frade franciscano para ir estudar fóra do paiz. E foi este mesmo frade que em 1384 prégou o sermão de acção de graças, na igreja da Trindade em Lisboa, pelo levantamento do assedio que o exercito castelhano pozera a Lisboa.

O famoso archeologo Henry Schliemann estudou tambem o portuguez antes de se dirigir para as suas tão famosas descobertas archeologicas. V. *Ithaque, le Peloponése, Troie.* Paris, 1869.

E ao tempo que eu estava escrevendo este prologo, achava-se o tenor Alvaro Roquette de Salvaterra cantando no theatro lyrico de Brescia, onde era alvo de ruidosas acclamações e applausos sempre que fazia ouvir sua voz.

O poema de Centenera *La Argentina*, celebra nos ultimos cantos a victoria dos portuguezes contra o almirante Thomás Candis, que se tinha apossado de Santos e de S. Vicente. E mesmo os nossos antigos escriptores portuguezes tinham incomparavelmente muito maior erudição do que era para esperar de tempos tão caliginosos e tão pouco propicios para as letras.

Ruy de Pina, na *Chronica do conde D. Pedro,* cita a auctoridade de Tito Livio.

Falla-nos do barqueiro do lago infernal, isto é, de Charonte, no capitulo LXXX.

Cita o capitulo I do livro II de Vegecio.

E ainda mais o capitulo IV do livro II de Valerio Maximo.

E tambem no prologo da *Chronica de El-Rei D. Affonso V* é citado Demetrio Phalero. E cumpre tambem notar que n'aquelles tempos não eram as citações feitas sobre traducções francezas, mas sim sobre os originaes gregos e latinos.

O mesmo Rei de Portugal D. Affonso V, ao ler uma carta que lhe mandou D. Duarte de Menezes, exclamou: «Certamente, assim como alguns auctores escrevem que Philippo escrevia a Aristoteles, que não sómente folgava de lhe Deus dar filho, mas ainda porque lh'o dera em seu tempo».

E actualmente é obrigatorio o estudo de portuguez na França para os que se destinam á vida commercial. E tambem isto ainda não é muito para admirar, pois só em Amsterdam ha vinte mil judeus portuguezes, fallando portuguez melhor ou peior, e tendo uma riquissima synagoga. E andam por seis mil em Paris os judeus que professam identico rico.

E que direi eu ácerca da brilhantissima figura que no estrangeiro têem feito centenares de compatriotas nossos?

Não quero fallar do visconde de Santarem. Todos os litteratos o conhecem e respeitam.

Tambem não quero fallar do nosso conego Roquette, que ali residiu por uma grande parte da sua vida.

Tambem não fallarei de Mendes Leal, nem de Sacra Familia.

Tambem não quero fallar do nosso Constantino, rei dos floristas e sem rival no seu tempo.

Direi, porém, que o portuguez Antonio José Reicha, natural de Braga, compositor de musica, e professor de contra ponto no conservatorio de Paris, era membro do instituto de bellas artes n'aquella cidade, e tambem cavalleiro da Legião de Honra.

O nosso astronomo F. A. Oom publicou varias memorias sobre os eclypses, na collecção das memorias da academia imperial das sciencias de S. Petersburgo.

Numerosos são os trabalhos compostos por Antonio Nunes Ribeiro Sanches, conselheiro d'estado da côrte da imperatriz da Russia, seu primeiro medico, socio honorario da academia de S. Petersburgo, e membro de varias corporações scientificas na França.

Eram tambem numerosas as associações estrangeiras a que pertencia Antonio Feliciano de Castilho. A academia das sciencias e bellas artes de Rouen, a arcadia de Roma, a academia dos ardentes de Viterbo, o instituto historico de Paris e o instituto geographico brazileiro, contavam-no como seu socio. E d'este socio foram traduzidas para sueco as *Cartas d'Echo a Narciso* no anno de 1836.

E por conhecer bem os portuguezes foi que o theatino D. Raphael Bluteau, inglez, soltou a voz entoando:

Não temas, não que o barbaro ottomano
Despregue as thracias luas arrogante,
Ó Roma excelsa, d'onde a fé triumphante
Tem collocado o solio soberano,

Emquanto o forte peito lusitano
Por escudo tiveres de diamante,
Despedaçado o perfido turbante
Verás aos pés do numen Vaticano.

Reuniu-se a colonia portugueza de Demerara para fundar uma igreja: e eis o que nos diz a tal respeito *O portuguez*, jornal que se publica em George Town:

«No dia 22 do mez de dezembro se reuniu na sala da associação de beneficencia d'esta Guiana, um certo numero de portuguezes com o intento de levarem a effeito a edificação de uma igreja catholica, completamente portugueza, e para n'ella exercerem culto sacerdotes catholicos do habito de S. Pedro, vindos da Madeira ou de Portugal.

«O sr. Alipio A. Ferreira fez conhecer aos circumstantes a urgente necessidade de effectuar-se este projecto, as conveniencias de

curarmos por este meio da nossa verdadeira religião, e os inconvenientes que ha muitos annos encontrâmos com os sacerdotes da companhia de Jesus, tanto por serem de idioma estranho ao nosso, como por especularem com a religião.

«Mais alguns dos circumstantes fizeram tambem algumas ponderações, fundadas nos mesmos principios.

«Em seguida foi deliberado que os meios mais urgentes a adoptar para o começo d'esta grande empreza eram a nomeação de uma commissão a quem se entregassem os trabalhos d'esta edificação, taes como obter de Portugal a competente auctorisação; prover n'esta colonia os meios de adquirir fundos sufficientes.

«Em vista do que foram propostos e approvados por unanimidade para comporem a dita commissão Alipio A. Ferreira para presidente, José Simão da Costa para vice-presidente, Porfirio de Oliveira para thesoureiro, José Martins, Manuel F. do Nascimento e Manuel de Sousa Coelho para vogaes, e Luiz M. Leal para secretario.»

O abbade Durand tambem escreveu ácerca das descobertas portuguezas, e ao seu livro poz o titulo de *Os precursores de Livingstone, nos seculos* XIIII, XVI *e* XVII.

«Notemos, diz o abbade Durand, a posição das estações de Concombella e de Sandi n'esta região vizinha de Lagos. Estas localidades eram como armazens portuguezes, ligados com as feiras que estes tinham estabelecido nos territorios occidentaes da sua possessão: em seguida as missões de Cahenda, situada no paiz de Cassange nas bordas septentrionaes do Cuanza, e de Bango de Aquitamba no Bengo superior, formavam uma cadeia ininterrupta de estações, com escalas desde Loanda até o Zaire superior. O mercado dos portuguezes desde a capital da sua colonia seguia uma serie de linhas.»

A nacionalidade do Amadis de Gaula tem dado bastante que fazer aos eruditos e aos bibliophilos; todavia ainda não poderam demonstrar que sua nacionalidade não provenha de Portugal.

O que, porém, é certo é que no real theatro de Malta, cidade onde por toda a parte se nos deparam recordações portuguezas, se cantou em 1870 a opera *A Africana,* musica de Meyerber, sendo os executantes os seguintes artistas:

D. Pedro, presidente do conselho do Rei de Portugal... Mazzarini.
D. Diogo, almirante ..... G. Zambellini,
Ignez, sua filha..... E. Cinti.
Vasco da Gama..... ..... Pavani.

D. Alvaro..... Signora Fleri.
Selika, escrava..... R. Pantaleoni.
O summo sacerdote de Brahma..... G. Olivieri.
Anna, confidente de Ignez..... C. Leonardis.
Inquisidor mór..... L. del Riccio.
Um sacerdote..... B. Perez.

O nosso conde da Ericeira tambem teve a gloria de possuir um pomposo elogio, qua se encontra em lingua latina nas *Memorias da academia real das sciencias de S. Petersburgo no anno de 1744*[1].

Os poetas hespanhoes, diz Adrien Baillet, têem um caracter completamente singular: e é para sentir que não tenham empregado bastante arte, e que tenham desprezado a condição, segundo o testemunho do proprio D. Nicolau Antonio, que pretende que seus compatriotas apenas se applicaram a limar suas palavras e phrases sem se importarem com o ir beber o espirito poetico na Aganipe, nem de se regularem pelos antigos gregos e romanos. Nem sequer se deram ao trabalho de estudarem a fabula, nem as bellas letras, cousas absolutamente indispensaveis para os poetas. Eis porque não têem sido bem succedidos no poema epico, pelo menos emquanto á maioria. E se alguma cousa soffrivel fizeram no genero dramatico, não é por terem seguido as regras nem de Aristoteles nem de Horacio; mas por se ter algumas vezes deixado ir, assás felizmente, atraz de seu proprio genio, cujos ápartes, por mais regulares que fossem, não deixariam de conquistar os applausos dos povos. E é o que vemos em Garcilaso, Lope de Vega Carpio, Gongora, os dois Argensolas e o portuguez Camões[2].

Tambem no bem conhecido *Journal des Sçavans* se falla do nosso Camões.

No anno de 1735, e a pag. 437, informando o publico da appa-

---

[1] «Sed inter omnes qui magni hujus Viri (Comitis Ericeiræ) et totius Academiæ Historiæ Lusitanæ dignitatem, doctrinam et merita in patriam penitus intuentur, potestate quisquam esse tam a litterarum studis alienus aut omnis humanitatis expers atque ignarus, quin Regis Lusitanorum Joannis V fortitudinem atque sapientiam veneretur, qui toto regni sui tempore terra marique inclitus, classes lusitanas tum Venetis tum Persis subsidio misit, Mombaciam recepit, Afros prædones in fugam egit, sicarios severis legibus sustulit, immensis opibus ex India advectis populum ditavit, magnam præterea argenti vim in egenos distribuit...»

[2] Adrien Baillet: *Jugements des Sçavans*, vol. I, pag. 143.

rição da traducção franceza dos *Lusiadas*, diz, entre outras asserções, o seguinte[1]: «O auctor, no seu prefacio, faz tanto maiores elogios ao poema, do qual é traductor, quanto elle não póde ignorar que os louvores dos traductores e dos commentadores não são cousa de grande monta».

E é sem duvida, em virtude d'este duplo titulo, que elle se julga habilitado para asseverar ao publico que os *Lusiadas* são um dos mais bellos poemas que têem sido jamais lidos desde Homero e Virgilio. Camões tem pelo menos esta parecença com Homero, como nota mr. de Casterá na vida d'este poeta, que elle collocou no principio da sua traducção, que algumas cidades disputam umas com as outras a gloria de lhe haverem dado o nascimento. Todavia nunca houve uma vida mais agitada que a d'este poeta.

... Gama continúa no canto III a historia de Portugal, e narra de que maneira foi escolhido por D. Manuel para ir descobrir as Indias, e tudo quanto lhe tinha acontecido durante sua navegação até Cabo Verde. É ali que vê saír das aguas uma especie de phantasma chamado Adamastor, irmão de Encelado e de Briareo. Era o guarda ou o Deus d'esse famoso promontorio, ao qual davam então o nome de Cabo das Tormentas. A descripção d'este gigante fórma um dos quadros mais extraordinarios e mais poeticos que a imaginação pôde a si mesma representar.

A idéa é nova e pintada com uma força de pincel que arrebata e eleva o espirito. Mas este personagem tão singular como a maior parte de quantos Camões introduz no seu poema, não está ali senão para fallar, e não para operar; e torna a mergulhar-se nas ondas depois de ter predito aos portuguezes os perigos e desgraças que elles a si proprios preparam e á sua posteridade, abrindo um caminho tão perigoso. E o poeta termina o canto V por meio de uma invectiva contra o seu seculo.

Vê-se que não ha nada de novo nem de regular na disposição d'este poema. Mas a belleza dos episodios, a força de expressão, a poesia do estylo, a variedade disseminada em sua narração, a nobreza e elevação de seus sentimentos hão de fazer com que Luiz de

---

[1] «King Emanuel played so important a part in the voyages to the New World that the book of Osorio cannot be missed to any Bibliotheca Americana.» Karl W. Hiersemann.

Camões tenha de ser em todos os tempos sempre considerado como um grande poeta, mesmo por aquelles que estão persuadidos haver sómente um interesse nacional em querer que os *Lusiadas* sejam um poema superior ao de Tasso.

Ha, porém, escriptores que dizem não serem de grande monta as victorias dos portuguezes, por combaterem elles contra povos effeminados e dominados pelos costumes asiaticos, debelladores das forças corporaes.

Fallaremos então ácerca das guerras em que os nossos tomaram parte, e vejamos o que a tal respeito dizem os escriptores estrangeiros, mórmente os inglezes, ao lado dos quaes combatemos innumeras vezes.

Badajoz tem estreitas relações com a historia de Portugal.

Foi n'essa cidade que em 1299 assentaram pazes el-rei D. Diniz e seu irmão que andavam desavindos e em guerra aberta.

Foi a santa rainha D. Izabel que promoveu a concordia entre os dois irmãos, cuja guerra assolava o Alemtejo.

Em 1801 se ajustaram as pazes com a Hespanha tambem na cidade de Badajoz, figurando no tratado o celebre principe da Paz D. Manuel Godoy, e d'ahi data a usurpação de Olivença.

Por muitas vezes os exercitos de Portugal pozeram cerco á referida cidade hespanhola; mas nunca lograram a conquista da praça senão em 1812.

Durante a guerra da restauração de 1640 duas vezes os terços portuguezes tentaram apoderar-se da praça, chave da Extremadura hespanhola. Em 1657 o exercito do conde de S. Lourenço sitiou Badajoz, e a assaltou sem resultado. Em 1658, outra vez as tropas portuguezas pretenderam assenhorear-se d'esta forte praça, mas ainda foram infructiferos os seus esforços.

O general João Mendes de Vasconcellos, contra a opinião do conde de Sabugal e de D. Luiz de Menezes, emprehendeu o assedio.

Constava o seu exercito de 14:000 infantes, 3:000 cavallos, 20 peças e 2 morteiros, e saíu de Elvas aos 12 de junho.

Houve muitos e renhidos combates, e repetidos assaltos ao forte de S. Christovão, sempre com mau exito.

Quatro mezes durou o assedio: e durante este tempo as balas do inimigo e a epidemia que acommetteu o acampamento pozeram fóra do combate 12:000 homens, incluindo 3 generaes e 600 officiaes. Muitas levas reforçaram o exercito que entrou em tão desgra-

çada empreza. A final Pedro Jacques de Magalhães propoz o levantamento do cerco, e assim se resolveu [1].

Foi um dos successos mais contrarios d'essa porfiada, mas gloriosa guerra para Portugal, porque com ella assentou em solidas bases a sua independencia.

Para tornar mais triste o exito d'esse commettimento, aconteceu no arsenal do exercito o luctuoso caso do duello do barão de Alvito e seu irmão; D. Francisco Lobo, por um lado, e por outro lado Luiz de Miranda Henriques e D. Vasco da Gama. Tão encarniçado foi este desafio e tão enraivecido o combate, que o barão de Alvito, seu irmão e Luiz de Miranda Henriques ficaram mortos no campo, e D. Vasco da Gama sobreviveu muito mal ferido. E o conde da Ericeira diz que se ficaram sempre ignorando as causas d'este estranho e sanguinolento desafio.

Em 2 de junho de 1705 o exercito combinado, na guerra da successão de Hespanha, quiz investir a praça, mas em breve abandonou a empreza. Porém, nos principios de outubro d'esse mesmo anno o marquez das Minas sitiou a praça, e a 11 do referido mez começou a batel-a para abrir brecha. Ainda d'esta vez o exercito lusitano teve de retirar por causa dos ameaçadores movimentos do inimigo.

Tres vezes o exercito anglo-luso sitiou a referida praça, e á terceira conquistou-a. Mas devemos antes referir a sublevação que os de Badajoz intentaram contra os francezes no dia 30 de maio de 1807.

Era dia de S. Fernando, e o governador mandava que se não içasse a bandeira hespanhola, e se não dessem salvas.

E como fosse satisfeita a sua patriotica vontade, uma mulher pegando em um murrão deu fogo a uma peça, reprehendendo os artilheiros que se recusavam a este serviço.

Aquelle tiro da peça foi o signal para continuar a salva ao som dos vivas ao rei e morras aos francezes. Estes estavam em Elvas. E foi este um ousado commettimento e que teve bastantes resultados sobre o espirito do povo.

Em 26 de janeiro de 1811 começou o assedio de Badajoz, posto por uma divisão do exercito do marechal Soult, que se compunha de 9:600 infantes e 2:000 cavallos.

Em 11 de março capitulou a praça com assombro geral. E lord

---

[1] Ribeiro Guimarães: *Summario de varia historia.*

Wellington, no seu officio de 14 de março, estranha aquelle resultado, e diz que os hespanhoes em menos de dois mezes, sem sufficientes causas, haviam perdido tres praças de guerra e um exercito de 22:000 homens: e que Soult conseguíra só com 20:000 homens todas essas vantagens.

O governador D. José Imaz, muito censurado pela capitulação da praça, que aliás foi honrosa, fôra de parecer que se resistisse até á ultima extremidade; mas a maioria do conselho dos officiaes opinou pela capitulação.

Os francezes fizeram 7:155 prisioneiros, e com os enfermos e feridos completavam o numero de 9:000 homens que havia na praça.

Soult declarou que, durante o assedio, a guarnição consumíra 250:000 libras de polvora, 2.000:000 de cartuchos, e que os soldados apanharam 8:000 balas de 24, e mais de 600 bombas.

A praça estava guarnecida com 170 peças de artilheria, morteiros e obuzes. A brecha tinha a extensão de 32 varas.

Em maio de 1811 já lord Beresford sitiava a praça, mas teve de levantar o sitio, porque Soult marchava para a desembaraçar. O general anglo-luso foi ao encontro dos francezes, e então se deu a batalha de Albuera a 16 do referido mez.

Poucos dias depois, a 25, outra vez Beresford investiu a praça, abriu brecha e a assaltou, mas sem fructo: até que a 17 de junho se retirou cautelosamente, porque Soult estava já reunindo forças consideraveis.

Em 1812 temos o ultimo assedio de Badajoz: e d'esta vez a victoria coroou os heroicos esforços do exercito alliado. Em 18 de março começou a ser investida a praça com um exercito de 25:000 homens, e a 7 de abril estava conquistada. Custou cara d'esta vez a victoria. A guarnição franceza seria de 5:000 homens ás ordens do general Philippon, e poz fóra do combate durante o cerco e o assalto 4:885 homens, quasi homem por homem.

E eis porque ainda hoje lemos com jubilo na ordem do dia de 11 de agosto de 1813, estando o quartel general em Zaraus:

«Com infinito prazer tem outra vez o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. marechal Beresford, marquez de Campo Maior, de dar agradecimento em nome de sua alteza real o principe regente nosso senhor, ao exercito portuguez pela sua conducta em todos os differentes encontros com o inimigo desde a batalha de Victoria, e mais particularmente pelas provas que deu de sua disciplina, valor e adhesão á causa publica, e á da sua patria na grande batalha de 28 do mez passado, junto ao

commandante em pessoa pelo ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. marechal general duque da Victoria, e na de 30 do mesmo mez, debaixo das ordens de s. ex.ª o sr. tenente general Rowland Hill, assim como em todos os ataques feitos pelo inimigo e contra este depois da sua ultima entrada até á sua expulsão do territorio hespanhol, o que deu logar a uma lucta de tanta honra e gloria para as armadas alliadas.

«O sr. marechal felicita s. ex.ª o sr. tenente general conde de Amarante pela brilhante conducta da sua divisão, e porque as suas brigadas, ainda que separadas, se portaram de modo que pareciam rivalisar entre si sobre qual havia de mostrar melhor conducta e ganhar maior honra.

«O sr. marechal declara que o exercito portuguez cumpriu bem e valorosamente o seu dever, e continuará assim a cumpril-o, e a sua nação tem rasão para ficar ufana com elle.» *Gazeta de Lisboa,* do anno de 1813.

Extracto do officio do marechal duque da Victoria, dirigida do seu quartel general em S. João da Luz, em 14 de dezembro de 1813:

«Desde que o inimigo se retirou do rio Nivelle, occupou uma posição em frente de Bayonna, que com grande cuidado e trabalho tem estado entrincheirado...

«A força do choque contra os postos avançados de sir John Hope tocou á primeira brigada portugueza do commando do brigadeiro general A. Campbell, que estava de serviço, e á brigada da quinta divisão britannica, do commando do general Rabragon, que passou a suster a dita brigada portugueza.

«O tenente general sir John Hope elogia a conducta d'estas tropas e a de todas quantas tiveram parte na acção do modo mais favoravel, e eu tive a maior satisfação em ver que esta tentativa que o inimigo fez com o fim de fazer que retirassemos a nossa direita, fosse tão completamente rechassada por um numero, comparativamente fallando, tão pequeno das nossas tropas.

«O tenente general sir John Hope elogia altamente a conducta de todos os officiaes e tropas, e particularmente recommenda a da brigada portugueza do commando do brigadeiro A. Campbell.

«O ataque principal foi feito sobre o caminho real de Bayonna e Saint Jean Petit Port, o que fez com que as brigadas de infanteria ingleza do commando do major general Barnes, e a quinta brigada portugueza do commando do major general Ashwort tivessem a maior parte do choque com o inimigo n'este ponto. E a conducta d'estas tropas foi admiravel.

«A divisão portugueza do commando do marechal de campo F. Lecor marchou para sustel-as sobre a sua esquerda do modo mais bizarro, e retomou uma posição importante entre estas tropas e a brigada do general Pringle, que se batia com o inimigo em frente de Ville Franche.

«Tive grande satisfação em ver a conducta da brigada de infanteria britannica do commando do major general Byng, sustida pela quarta brigada portugueza do commando do brigadeiro general Buchan, que atacou e tomou uma altura importante sobre a direita da nossa posição, que conservou, apesar dos maiores esforços que o inimigo fez para retomal-a.»

Ustaritz, 20 de dezembro do mesmo anno. Officio do duque da Victoria:

«O exercito portuguez adquiriu uma gloria superior mesmo á que já tinha, posto que esta fosse tão explendida.» *(Gazeta de Lisboa*, anno de 1813.)

Durante o sitio e o assalto só o exercito portuguez perdeu entre mortos e feridos 1:071 homens.

O assalto e conquista da praça custou ao exercito combinado 3:749 homens. Os prisioneiros que vieram para Lisboa foram 2:200; as peças tomadas 142, e grande quantidade de balas e de cartuchame.

Ahi se praticaram actos de incrivel heroismo. Foi um dos commettimentos mais gloriosos d'aquella guerra e que teve para a causa nacional os mais proficuos resultados. Enumeremos os batalhões portuguezes que tomaram parte no sitio e assalto de Badajoz, os regimentos de infanteria 3, 9, 11, 14, 15, 21 e 23, os batalhões de caçadores 1, 3, 7 e 8, e artilheria 1, 2, 3 e 4.

Os que mais se distinguiram pelas posições que occupavam foram os regimentos 11, 23, 15, 9 e 21 e os de caçadores 1, 3 e 8.

O general Champalimaud foi ao assalto do castello, e houve-se com inaudito valor.

As memorias de Badajoz entrelaçam-se na historia de Portugal com vinculos muito estreitos. Ali soffremos revezes, mas tambem ali tivemos alguns dias de gloria e de immortal renome. E de immortal renome será sempre a noite de 6 de abril.

De Badajoz vê-se distinctamente a nossa praça de Elvas tão louçã e garrida. Distam apenas 3 leguas uma da outra. E todavia parece que estas duas cidades foram ali collocadas em frente uma da outra para designarem o caracter dos dois povos. Uma alegre e jovial com seu aspecto festivo; outra sombria e carrancuda e de feia catadura.

Badajoz symbolisa a historia tantas vezes sanguinolenta da Hespanha e a indole aspera e rude de seus habitantes. Elvas, os costumes brandos, a indole bondosa, e a tolerancia dos portuguezes, que actualmente póde servir de modelo a todos os povos, portuguezes furiosos na guerra, mas lhanos e affaveis para todos em tempo de paz. E por isso estimados em toda a parte e em todos os paizes, deixando recordações e lembranças da sua existencia.

Em Florença, por exemplo[1]:

Na escola de medicina havia um museu em que a historia natural estava distribuida por varias salas. Abrangia a mais brilhante collecção em todos os ramos da sciencia, comprehendendo o gabinete de conchas de Rumphius e as collecções mais recentes de Giuseppe Baddi, que, por occasião do casamento de uma archiduqueza de Austria com o principe herdeiro de Portugal, foi remettido para o Brazil, de proposito para enriquecer o museu. Depois de uma curtissima ausencia voltou carregado de um numero consideravel de plantas que faltavam no herbario amplissimo do lyceu, de uma soberba collecção de insectos, de alguns quadrupedes e passaros raros, peixes ainda em maior numero, e muitos reptis com series completissimas de grãos e de fructos, e uma escolha de mineraes dos mais importantes que se encóntram no museu.

Emquanto a Roma, um escriptor italiano por nome Frascarelli, escreveu dois livrinhos em oitavo grande sobre as recordações portuguezas existentes na mencionada cidade. Todavia um extraordinario numero de livros nos fallam dos portuguezes e das cousas portuguezas existentes em Roma.

Por exemplo, Mariano Vasi, *Itinerario Instruttivo di Roma,* pag. 457:

---

[1] Lady Morgan: *Viagens na Italia,* vol. IV, pag. 459.

«A igreja de Santo Antonio dos portuguezes foi restaurada no primeiro periodo do seculo XVII, á custa da nação portugueza, segundo os desenhos de Martin Longhi Junior. É em fórma de cruz latina; a profusão de marmores escolhidos e de varias côres e os estuques dourados que a decoram, dão-lhe um aspecto agradavel.

«A primeira capella á direita tem um bello quadro de auctor desconhecido, representando Santa Catharina, e outras duas Santas. Contém outrosim o tumulo do illustre portuguez Alexandre de Sousa, fallecido em Roma no anno de 1803.

«O baptismo de Nossa Senhora, na segunda capella, é de Calandrucci: Nicolau de Lorena pintou o nascimento de S. João Baptista; Graziani a prégação; e o sobredito Calandrucci executou as pinturas das duas claras-boias *(lunettes)*.

O busto de S. João Baptista Cimini é de auctor desconhecido, e não de André Bolgi, segundo diz o Carrarino, e tambem como alguns têem pretendido. Cimini, romano, a quem pertenceu a capella, n'ella deixou em 1683 um legado de cerca de 50:000 escudos, a fim de que com os juros d'esta quantia fossem dotadas meninas pobres, suas patricias, que quizessem abraçar a vida monastica.

O quadro do altar mór, que representa Nossa Senhora e Santo Antonio de Lisboa ou de Padua, como dizem na Italia, é do mencionado Calandrucci. Por cima do altar mór, á direita do cruzeiro, admirâmos uma bellissima urna de verde do Egypto. O quadro é de Luiz Agricola, e representa Santa Izabel rainha de Portugal. A Conceição, no altar da frente, é de Zoboli. Bracci esculpiu os dois tumulos, dos quaes o da direita é do commendador Sampayo, fundador d'esta capella; e a urna do altar é de marmore rarissimo, ao qual dão o nome de brèche grise.

Na capella seguinte ha tres bellos quadros de Nicolai de Lorrena, representando a adoração dos pastores, o descanso no Egypto, e a adoração dos Magos.

Ha quem pense que o quadro da ultima capella é de Marcel Venusti.

Fazem n'esta igreja algumas festinhas varios padres que residem nas casas contiguas, e onde havia em tempos mais antigos um hospicio para os pobres peregrinos e para os doentes da nação portugueza [1].

---

[1] Antonio Nibbi: *Itineraire de Rome et ses environs.* Roma, 1863, pag. 363

No mausoleu de Xisto V, na basilica de Santa Maria Maior, estão, alem de outras, uma estatua de Santo Antonio de Lisboa e outra de S. Francisco[1].

São legados de primeira ordem os de Allemanha, França, Hespanha e Portugal, e ordinariamente são elevados ao cardinalado quando sáem da sua legação. Assim o diz Gaume na sua obra *As tres Romas*. E este mesmo escriptor ainda diz: «Apenas haviamos deixado San German e proseguido, a correr, a bella estrada do valle, quando a nossa carruagem pára subitamente, recua, e fica suspensa na borda do fosso: Santo Antonio! Santo Antonio! Foram então as unicas exclamações do conductor».

E dirigia-se o nosso desgraçado caleceiro assim a Santo Antonio, porque, segundo o antigo costume, os animaes eram benzidos no dia da sua festa, e postos sob sua protecção especial. Assim o diz tambem o padre Gaume na sua obra *As tres Romas*, dia 3 de março.

Tendo o chan da cidade de Surás dado a morte em odio da religião catholica á princeza Chetavanne, mãe do principe Taimiraz, por meio do seu impio ministro Emanculican, e enfurecido contra o mesmo cadaver da gloriosa princeza, não consentiu que este fosse sepultado; mas antes ordenou que fosse lançado em um muito vil e immundo cano de despejos. D'este logar foram vistos saír por muitas noites grandes resplendores de luz. E correndo esta noticia pela cidade de Surás, chegou aos ouvidos de alguns portuguezes, que em rasão de commercio ahi assistiam. Estes, unidos pelo zêlo da religião, em hora opportuna, foram ao dito logar, e d'elle tiraram o corpo da martyr princeza, e o collocaram em outro decente logar, cuja guarda e defeza entregaram á vigilancia e cuidado do padre fr. Antonio dos Anjos, religioso augustiniano, missionario n'aquellas terras.

Por morte de Sciá Abbas, rei da Persia, entrou na posse de seus estados Gudiel, Geregia, etc., o principe Taumiraz, a quem o padre fr. Ambrosio fez presente dos ossos de sua mãe a princeza Chetavanne. Estimou este muito a dadiva, e os recebeu com grandes honras, e ao padre fr. Ambrosio, em remuneração do obsequio, lhe fez mercê de algumas terras com vassallos.

D. Thomás Caetano do Bem, *Memorias historicas*, vol. I, pag. 94.

«La paraphrase du psaume *Super flumina Babylonis*, c'est un

---

[1] Marie Joseph de Garamb: *Voyage de Trappe à Rome*. Paris, 1838, pag. 202.

des plus beaux morceaux, mais il perdrait singulièrement à la traduction.»

Raynouard, *José Indio.*

«Le roi de Portugal a des états immenses. Son domaine s'étend sur les quatre parties du globe. Il règne, pour ainsi dire, sur l'univers. Son sceptre unit à l'Europe, l'Asie, l'Afrique et l'Amérique.

«La couronne de ce monarque couvre le monde entier. Les romains, qui conquirent toutes les nations de la terre, ne portaient pas si loin leur empire.»

Espion chinois, vol. VI, pag. 28.

«Em muitos reinos da Asia, principalmente nos portos maritimos, se falla um dialecto portuguez com linguagem commum entre aquelles povos, quasi da mesma maneira que na Europa nos servimos do francez.

«O capitão inglez King refere que na primeira visita que fez á ilha Melville, na costa do norte da Australia, os naturaes que saíram á praia o chamavam dizendo *vem acá,* o que bem mostra que já conheciam os portuguezes, e d'elles tinham aprendido estas, e porventura outras palavras.»

O celebre historiador Brantôme refere que o delphim, filho de Francisco I, costumava beber á mesa excessiva quantidade de agua, e que uma dama da rainha D. Leonor, por nome D. Ignez Beatriz Pacheco, teve o desvelo de mandar buscar a Portugal, para o principe, vasos de barro que faziam a agua mais fresca e sadia, e que na côrte portugueza se usavam.

E o italiano que escreveu a relação da viagem do cardeal Alexandrino a estes reinos, diz que de certo barro d'aquella vizinhança fazem vasos mui lindos e jarros, pelos quaes costumam beber os fidalgos e até o proprio rei.

E o naturalista Ulysses Aldrovando, no seu *Museum metallicum,* louva grandemente a virtude do referido barro.

Quando o nosso famoso Jorge de Montemór publicou a sua famosa obra *La Diana de Monte-Maior,* não havia praça, nem casa, nem conversação de nobres ou plebeus, onde não fosse lida e celebrada *La Diana de Monte-Maior.* Os versos eram exaltados até ás nuvens.

Achou-se na celebre merenda que a duqueza de Sera deu por aquelles tempos ás primeiras damas de Madrid, as quaes fizeram delicioso prato das suas discretas respostas, e que o provocavam com perguntas não menos discretas, dizendo-lhe a marqueza de Comares: «Señor Montemayor, si escrevisteis cosas tan discretas tratando de pastores rusticos y de campos agrestes, que harieis si escriviesseis de aquelle jardin, fuentes y nynphas?»

Ao que elle respondeu:

«Esso, señora, más es para la admiracion que para la pluma.»

«Os portuguezes reinam na musica e na poesia, como arrastados por uma admiravel propensão de animo, ou de enthusiasmo.»

Bibliotheca hispanica, tom. II.

O abbade Andrés, a pag. 241 do 4.º tomo da obra que intitula *Del origine dei progressi dello stato attuale d'ogni letteratura*, diz «que o nosso Luiz de Camões é o primeiro epico entre os modernos que arrebatou os applausos de todas as nações, e o primeiro que mereceu o estudo dos verdadeiros poetas».

D. João V, se em Lisboa mandou fazer o aqueducto das aguas livres, tambem o Rio de Janeiro a elle deve o aqueducto que despeja suas aguas no largo do paço.

O celebre padre Florez não se esquece no tomo VII da sua *España sagrada*, de fallar ácerca da nossa infanta D. Branca, a qual foi pedida para abbadessa do celebre mosteiro de las Huelgas, em Burgos.

Qual será o estrangeiro que não saiba um ou outro facto relativo ao grande, mas cruel, marquez de Pombal?

Carlos IX de França pedia ao rei de Portugal o habito de Christo para o poeta francez Ronsard.

No tempo de Francisco I, rei de França, mandavam do estrangeiro buscar a Portugal pucaros de barro de Extremoz, pois no verão tomavam a agua deliciosissima e frigidissima.

«Nel pubblicare tutte in un corpo queste iscrizioni io credo di fare un servizio qualunque siasi a quella nazione avventurata, che aprì all' Europa le porte dell'Asia, a quella nazione, che fu grande, po-

tente e generosa, siccome le altre più civilizzate del monde, a quella nazione, che fu madre ai Vaschi da Gama, agli Alfonsi de Albuquerque, di Pietri Alvarez Cabral, ai Giovanni de Castro, ai Franceschi de Almeida, di Luigi de Camoens, e ad altri sommi uomini, che sanno nel corrente dei secoli l'onore e la gloria dell' umanitá.»

Gaetano Frascarelli, *Inscrizioni portoghesi che esistono in diversi luoghi di Roma*. Roma. 1868.

Não se pôde ainda provar que existisse do *Amadis de Gaula* uma edição anterior áquella que foi impressa em Sevilha no anno de 1519, e que julgam, todavia, não ser a primeira. Este famoso romance, quasi no seu tempo tão popular como o *Orlando furioso*, foi vertido para francez por Herberay, entre os annos de 1540 e 1557, e para inglez em 1619 por Munday. E os quatro livros do *Amadis* por meio de addições successivas chegaram a vinte... *Amadis* obteve a palma na opinião de Cervantes, expressa pelas palavras do barbeiro, ao passo que um grande numero de imitadores de Lobeira eram condemnados ás chammas.»

Henri Hallam, *Histoire de la littérature de l'Europe*, vol. I, pag. 311.

Quem haverá que ignore que a existencia da academia dos Lynceos, em Roma, deve sua existencia aos portuguezes entre os quaes se distinguiu o marquez de Funchal?

Antonio Joaquim Pontes de Campos, de S. Miguel de Machede, Portugal, docteur en médecine.

Thèse pour le doctorat en médicine, présentée et soutenue à la faculté de médicine de Paris. Paris. Imprimerie et fonderie de Rignoux, 1840, in 4.° largo, 21 pag.

As theses versavam ácerca dos seguintes assumptos:

I Ácerca da stomatite erythematosa.

II Como distinguir os corpos fibrosos desenvolvidos nos ossos maxillares das outras doenças de taes ossos? Como tratar d'elles?

III Determinar se existem communicações mediatas ou immediatas entre as ultimas ramificações dos canaes excretores das glandulas e dos vasos sanguineos. Existe porventura relação de côr entre o tecido da glande e o fluido secreto?

IV Do centro de gravidade considerado n'um systema de corpos moveis, uns em relação aos outros.

Applicações ao corpo do homem.

Se fordes alguma vez a Malta, amigo leitor, não vos esqueçaes de irdes ver o busto d'esse portuguez que foi respeitado por todos os soberanos da Europa, quero dizer D. Antonio Manuel de Vilhena, a quem Malta e a christandade d'aquelles tempos devem innumeros serviços.

O commendador Suzo lhe mandou erigir uma estatua, em bronze, na sala de armas do palacio dos grão mestres, entre as armaduras dos mais celebres principes.

E reparae que as recordações portuguezas se encontram ali por toda a parte, assim como tambem ellas se encontram por toda a parte na ilha de Rhodes.

«Amo e venero a esta nobilissima nação (diz o celebre escriptor hespanhol Feijó, o auctor do *Theatro critico)* pelas rasões que a fazem gloriosa em todo o mundo. O nascimento me fez seu vizinho, e o conhecimento, apaixonado. Os que sabem a primeira cousa estranharão a segunda, porque entre povos limitrophes sujeitos a diversas corôas, costuma reinar certa especie de emolução que os torna mal avindos. Porém, como o céu me deu um espirito desembaraçado d'estas preoccupações vulgares, estimo o merito em qualquer parte que o encontre. Nem o paiz onde o sujeito nasce, nem o partido que segue, ajuntam um só grão de peso na balança em que examino o que vale.

«Pelo que toca á eloquencia que persuade — diz o padre Isla, auctor do engraçado e judicioso livro da *Historia de Fray Gerundio de Camparas,* em que mette á bulha o depravado gosto dos prègadores do seculo XVII, e fez inteira justiça ao nosso Antonio Vieira — (que é a unica que merece o nome de eloquencia castiça e de lei), quizera que me apontassem outra mais activa, mais vigorosa, mais triumphante do que a do padre Antonio, nomeadamente em todos os sermões exclusivamente moraes, e ainda em muitos dos panegyricos. Leiam com reflexão os assumptos capitaes que trata nos sermões do Advento, e da Quaresma, onde esmiuça os novissimos, e digam-me se algum orador dos antigos ou modernos tratou estes pontos com maior viveza, com maior solidez, com maior valentia, ou com mais triumphante efficacia.»

E não admira que Feijoo assim falasse, pois os sermões do nosso padre Vieira eram os predilectos da rainha da Suecia, essa Christina tão fallada em todo o mundo.

O celebre escriptor em economia politica, João Baptista Say, que comprehende observações soltas sobre os homens e a sociedade, diz o seguinte: «N'um auctor fecundo cada situação, cada facto, recorda uma multidão de idéas e de sentimentos, e, quando esse auctor possue ao mesmo tempo gosto e arte, essas idéas, esses sentimentos roboram a idéa principal. D'esta maneira quando Camões pinta a partida de Vasco da Gama e seus companheiros para uma navegação aventurosa, os representa preparando-se para a morte com orações, e acompanhados de procissões religiosas, que por elles fazem votos: pinta o tropel que enche as praias, repete os discursos da mãe ao filho que vae partir, da esposa ao esposo, do prudente velho que discerne as causas e consequencias de tão vasta empreza, a vaidade da gloria, e os desastres que acompanham as conquistas: isto é mais alguma cousa do que narrar um embarque».

A obra do sr. dr. Alvarenga, ácerca do *beri-beri,* foi julgada digna do premio no concurso de 1877, da sociedade medico-cirurgica de Liège.

Foram nove os concorrentes, dos quaes um obteve o titulo de membro correspondente, e outro uma medalha de oiro: só a obra do sr. Alvarenga foi considerada na altura de merecer o premio pecuniario, o qual comtudo não pôde ser adjudicado ao auctor, porque a obra tinha já sido publicada em portuguez, o que em nada diminue os seus meritos. Eis como a commissão do concurso, composta de sete membros, se exprime no seu relatorio.

«É um trabalho largamente concebido, completo, claro, rico em observações originaes, emfim é um trabalho novo. Nós íamos propor-vos que lhe concedesseis uma recompensa consideravel, mas a isso se oppõem as condições do concurso.»

Tambem alguem tratou em um dos seus romances um assumpto portuguez, e esboçou-o com as brilhantes côres com que seu pincel divino sabia retocar os seus melhores quadros: *A morte do poeta.*

«É a historia do nosso Luiz de Camões, contada com um enthusiasmo, com uma graça de estylo e tal riqueza de imaginação, que difficilmente se poderiam descrever e avaliar todas as suas bellezas nos acanhados e estreitos limites de uns apontamentos biographicos.»

Na cidade de Toulon encontra-se um monumento, e entre os no-

mes de muitos ousados navegadores, tambem se lêem os deGama, Cabral, Zarco e Magalhães.

Andreossi, um dos sabios da expedição franceza que foi ao Egypto, assevera que se podia realisar o plano do grande Affonso de Albuquerque, que era mudar o curso da corrente do rio Nilo.

Ayres Barbosa, discipulo de Angelo Policiano, é reputado como o primeiro que introduziu o estudo da lingua grega na Hespanha. Ensinou latim, grego e rhetorica por mais de vinte annos, em Salamanca, e em 1521 foi chamado para Portugal para mestre dos filhos de el-rei D. Manuel.

Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Do começo, progresso e decadencia da litteratura grega em Portugal. Memorias da academia,* vol. VIII.

Em fevereiro de 1889 recitou Charles Friedel um discurso funebre em honra do fallecido portuguez Roberto Duarte Silva, lente mui distincto em Paris.

«Sed inter omnes qui magni hujus Viri (Comitis Ericeirae) et totius Academiae Historiae Lusitanae dignitatem, doctrinam et merita in patriam penitus intuentur, potestate quisquam esse tam a litterarum studiis alienus aut omnis humanitatis expers atque ignarus, quin Regis Lusitanorum Joannes V, fortitudinem atque sapientiam veneretur, qui toto regni sui tempore terra marique inclitus, classes Lusitanas tum Venetis tum Persis subsidio misit, Mombaciam recepit, Afros praedones in fugam egit, Sicarios severis legibus sustulit, immensis opibus ex India advectis populum ditavit, magnam praeterea argenti vim in egenos distribuit...

Memorias da academia real das sciencias de S. Petersburgo, anno 1744.

D. Jorge da Costa, vulgo cardeal de Alpedrinha [1]. Nasceu D. Jorge da Costa na villa de Alpedrinha, na provincia da Beira, no anno de

---

[1] Francisco Nunes Franklin, *Memoria breve de D. Jorge de Castro,* cardeal de Lisboa, do titulo de S. Marcellino e de S. Pedro, ou como outros chamavam o cardeal de Portugal, e vulgarmente o cardeal de Alpedrinha, produzindo-se um dos raros documentos originaes do mesmo cardeal, de muita erudição e sentença. *Memorias da academia real das sciencias de Lisboa,* vol. VIII, pag. 153.

1406. Foram seus paes Martim Vaz e Catharina Gonçalves, nobres, que lhe deram boa educação. Vindo para Lisboa foi recebido por escolar no hospital de Santo Eloy, onde estudou, dando provas de grande engenho; e, tendo-se ordenado de sacerdote foi pelos conegos seculares provido em uma capellania do dito hospital, onde disse a primeira missa e prégou o primeiro sermão.

Pela sua vida exemplar e sciencia nas letras divinas e humanas, e altos pensamentos, foi nomeado por D. Affonso V mestre da infanta D. Catharina, filha do rei D. Duarte, de cuja senhora foi tambem capellão e confessor.

Foi igualmente confessor de D. Affonso V, do seu conselho, e o seu maior valído, e como tal recebeu d'elle tantas dignidades e rendas ecclesiasticas, como nenhum outro ainda teve. Foi arcipreste da collegiada de Santarem, deão de Lisboa, de Braga, da Guarda, do Porto, de Lamego, de Vizeu, de Silves, e de Burgos com seu chantrado; abbade da ordem de S. Bento de Tibães, Rendufe, Torre, S. Romão, Adaufe, Gondar e Pombeiro.

O abbade d'este ultimo mosteiro era obrigado a pagar ao cardeal D. Jorge 70 ducados, imposto de pensão nos fructos do dito mosteiro por bulla de 19 de outubro de 1501.

Entre os conegos regrantes teve os priorados de Grijó, Vanho, S. Jorge, Roriz, Caramos, Junqueira, Landim, Oliveira, Macellos e Longovares; e na ordem de S. Bernardo as abbadias de Alcobaça, Tarouca, Bouro, Ceiça, Fiães e S. Pedro das Aguias. Foi mais dom prior de Guimarães, bispo de Ceuta, Silves, Porto, Vizeu e Evora, e arcebispo tambem nos dois arcebispados, que então havia em Portugal, de Braga e de Lisboa.

D. Affonso V o mandou a Roma para tratar de negocios. Em 1464, achando-se com el-rei em Gibraltar, e el-rei D. Henrique VI de Castella, ambos estes soberanos juraram nas suas mãos guardarem os artigos entre si ahi concordados. N'este mesmo anno era elle arcebispo de Evora, d'onde foi transferido para Lisboa.

«Que serie de impressões e ensinos reserva Roma ao viajante[1]! Por mais affeito que o homem seja ás grandes scenas, nunca penetra na cidade eterna, sem que o coração se lhe tome de pavor, e de admiração o espirito; sem que fique confundido e espantado. Aqui

---

[1] Conego Alves Mendes, *Italia*, Porto, 1878, pag. x.

apparecem-lhe as pedras cyclopicas, sobre as quaes levantaram os seus braços ao céu aquelles que formaram a primeira tribu, d'onde nasceu a auctoridade e o direito. Alem ostenta-se-lhe o panteon e seu vestibulo, cuja abobada tem alguma cousa dos horisontes infinitos, e cujas columnas se assimilham ás selvas gigantescas. N'uma parte mostra-se-lhe o Colyseu, da elevação das montanhas e da graça e ligeireza das joias. N'outra parte, as thermas de Tito, pintadas de arabescos encantadores como qualquer camarim da renascença. Aos dois lados, e quasi a igual distancia, surgem-lhe as termas de Diocleciano e de Caracalla, que antes parecem ser obras da natureza, do que obras dos homens.

«Junto do theatro do Marcellus, a columna colossal de Trajano, e ao pé do obelisco de Heliopolis, o monumento de Antonino.

«No monte Palatino alastram-se pela terra, como restos de um grande combate, os ossos da Roma antiga, e no monte Vaticano perde-se nos ares, como uma oração universal da christandade, a Basilica da Roma moderna.

«No palacio Farnese, encanta-o a obra capital dos Carraccis; no casino Rospiglosi maravilha-o a celeste aurora de Guido.

«Nas *villas* espalhadas por dentro e por fóra da cidade, legiões de estatuas revelam-lhe todos os primores da belleza hellenica.

«No Capitolio brilha a famosissima Venus, que servirá de eterno modelo a quantos amem as artes plasticas.

«Na residencia incomparavel dos pontifices deleitam, extasiam e assombram todos os grandes milagres da inspiração e do genio, desde o gymnasta atheniense, que limpa o suor do seu corpo nu, offegante e cansado das correrias e dos jogos, até ao Apollo de Belvedere, que resplende na serenidade immortal dos antigos deuses; e desde as figuras tranquillas de Raphael, cheias de formosura e de vida, absortas na ideal contemplação de um ideal harmoniosissimo, cujas melodias se bebem n'aquelles labios divinos até ás tragicas figuras de Miguel Angelo, que parecem sacudidas pelo furacão de todas as paixões, e atravessadas pelos raios faiscantes de todas as dores!

«Por toda a parte avultam igrejas pomposas e riquissimas; palacios esplendidos, e nunca vistos, basilicas cobertas de marmore reluzentes de oiro e pedraria, recamadas de mosaicos e de frescos; as catacumbas envoltas nas trevas e ensopadas em mares de sangue e de lagrimas; as ruinas em plena luz, coroadas por festões de saramagos e de ortigas; e, por ultimo, essas duas fileiras de sepulchros, que bordam a via Appia, e se estendem até aos montes Albanos, ou

melhor, até ás praias maritimas, com as suas columnas destroçadas, as suas estatuas caidas, as suas inscripções gastas, os seus fragmentos denegridos, os seus baixos disseminados; perdidos os seus ossos e as suas cinzas; como se tudo aquillo fosse um Apocalypse em pedra, ou antes, o resto pavoroso de algum planeta destruido nos espaços, e definitivamente julgado pela justiça do Eterno!

«Cidade de taes contrastes, de tamanhas transições, de variedade tão infinita, de grandezas tão prestigiosas, de memorias e ensinamentos tão grandes, será eternamente immortal e eternamente indescriptivel! Como é assombrosa esta Roma!

«Por mais affeito que seja ás grandes emoções, o animo pasma sempre quando a contempla! A sua voz, como o vento do céu, resoava em todas as regiões, o seu braço fortissimo foi unindo todas as raças, e a sua espada invencivel regeu-as, como o rebanho é regido pelo cajado do pastor; o seu poder soube attrahir pouco e pouco todas as crenças e fazer residir todas as divindades debaixo do seu escudo; o seu carro de guerra passou triumphante por cima de todas as fronteiras, e esmigalhou os diademas de todos os monarchas; á ponta do cinzel escreveu no marmore e no bronze esses codigos suberbos, que ainda espantam as gerações; dentro de seus muros poderam accumular-se todos os elementos da antiga civilisação, e depois que a terra lhe tremeu aos pés, abalada pelo furacão dos barbaros; passada a negra noite, em que se vira reluzir o ferro candente de seus inimigos, esse cauterio de fogo que a Providencia costuma empregar para atalhar a gangrena das sociedades corrompidas; aquelle enorme colosso chamado Roma, aquelle gigante sem rival, aquelle cyclope, cujo olho era como o sol do universo moral, querendo desposar a humanidade com Deus por meio do christianismo como já a tinhá desposado por intermedio do direito, vae-se aos templos antigos, ás columnas, ás pyramides, aos obeliscos, que lhe adornavam o solo, e forma com os seus fragmentos preciosissimos um santuario unico, grandioso, immenso, diante do qual cáem de joelhos, prostradas e mudas, todas as nações da terra, é a basilica de S. Pedro [1].»

---

[1] «Pour comprendre le grand incident qui forme le nœud de ce conclave, il faut savoir que quatre puissances ont le droit de donner l'exclusion á un cardinal qui va être elu pape, ces puissances sont l'Autriche, la France et l'Espagne et le Portugal. Stendhall, *Promenades dans Rome.* Deuxième serie. Paris, 1858, pag. 182.

Ernesto Rossi entendeu dever prestar á litteratura portugueza uma homenagem honrosa, fazendo interpretar pela companhia que dirigia e interpretava elle proprio, o fr. Luiz de Sousa, de Garrett, joia do theatro portuguez.

Os sentimentos nacionaes, as tradições gloriosas de uma historia e da arte portugueza, veiu um artista estrangeiro acordal-os nas luctas egoistas do interesse individual e mesquinho. Mario Proth no seu livro *Les Vagabonds*, mostra-se conhecedor das glorias de Portugal, e a este paiz chama *uma nova Grecia*[1].

E que não poderiamos nós dizer ácerca dos canteiros da Batalha e de Belem, e de Bomtempo, de Arthur Napoleão, de Emilia das Neves, e de Todi?

E quanto se não poderá dizer ácerca de Marcos de Portugal?

Mas nós temos tido homens grandes em todos os generos.

Quanto se não poderá dizer ácerca de Anastacio José da Cunha?

Que botanicos tão famosos não foram Brotero e José Correia da Serra?

Como a mineralogia se deve orgulhar de José Bonifacio de Andrada e Silva!

Quanto não devem as sciencias historicas a cultores de um cunho de Alexandre Rodrigues Ferreira e Lacerda de Almeida!

Quanto não devem as nossas letras a João Pedro Ribeiro, a Antonio Caetano do Amaral, e a Santa Rosa de Viterbo!

As sciencias politicas encontram em Silvestre Pinheiro Ferreira um nome europeu. E a musica encontrou um visconde de Arneiro e um Augusto Machado.

Em Napoles, porém, temos no escadorio do palacio real duas estatuas representando o Tejo e o Elbo[2].

Em Florença, na igreja dos dominicanos temos a capella e a estatua de Santo Antonio, por João de Bolonha.

A basilica de Santo Antonio de Lisboa em Padua foi inaugurada em 1237, começada em 1259, terminada em 1575, restaurada em 1749. A sua enorme e elegantistima fabrica, as suas preciosas esculpturas de Sausovino e Roselli, os seus frescos de Giotto e Mantegna, os seus baixos relevos de bronze e soberbas figuras de Donatello e Campagna, os seus quatro immensos orgãos, o seu thesouro divino provam

---

[1] *Les Vagabonds*. Paris, 1865, pag. 46.

[2] Conego Alves Mendes: *Italia*, pag. 182. Porto, 1878.

exuberantemente a reunião de todas as artes para sublimar na terra o humilde portuguez.

Entre as assombrosas notabilidades da basilica, cada uma das quaes daria assumpto para um largo capitulo, sobresáem especialmente o côro, as capellas do Sacramento e de S. Felix, e sobretudo a sumptuosa de Santo Antonio, que é, sem contestação, uma das mais ricas do mundo.

O côro é admiravel: para que o seja, bastará dizer que possue, no altar mór, um crucifixo em bronze, a estatua da Virgem e dos protectores de Padua, o frontal com baixos relevos em bronze, e os quatro symbolos dos evangelistas, obras primas de Donatello, assim como a disposição no tumulo, tambem em baixo relevo do mesmo auctor; mais possue doze baixos relevos em bronze, com assumptos tirados do antigo Testamento, esmeradas producções de Vellano; tem ainda o candelabro monumental de bronze, de $3^{m},60$ de altura, recamado de magnificos relevos que reproduzem assumptos religiosos, trabalho surprehendente e magnifico que consumiu dez annos a André Riccio, do qual são tambem o David e Judith, que ali se acham: tem, finalmente, o retrato de Santo Antonio, de corpo inteiro, que se diz fôra tirado em vida do thaumaturgo, e é considerado o mais parecido que existe.

Ennobrecem a capella do Sacramento, que é a primeira na nave da direita, os magnificos adornos de bronze do Tabernaculo, feitos por Campagna, e os quatro anjos executados por Donatello.

Opulentam a capella de S. Felix, no cruzeiro da direita, e de uma architectura notavel, as formosas pinturas decorativas, traçadas por Altichieri e Avanro.

Defronta com esta, no cruzeiro da esquerda, a esplendida capella do Santo; começada em 1500 por João e Antonio Minelli, continuada por Sausovino e Falconeto, adornada de graciosos arabescos por Matheus e Thomás Garvi, e de delicados baixos relevos por Campagna, Tullio e Antonio Lombardo. Apresenta, primeiro, aos olhos deslumbrados do espectador, o admiravel e rico altar de *verde antigo*, isolado e sob um *baldaquino*, sustentado por columnas e pilares elegantes, entre as quaes apparecem as estatuas dos quatro evangelistas.

Repousa debaixo do altar a urna que contém os despojos venerandos do Santo portuguez, e que é resguardada por uma porta de bronze. Aos lados vêem-se dois soberbos candelabros de prata sustentados por dois primorosos anjos do mesmo metal.

As tres antigas lampadas de oiro maçisso, que eram uma maravilha d'este altar, fundiram-se em 1797 para pagamento da contribuição de guerra.

Ostentam-se em volta da capella nove compartimentos decorados de valiosissimos altos relevos em marmore, do seculo XVI, representando os factos prodigiosos da vida do Santo. São sobre tudo apreciaveis a *Profissão religiosa de Santo Antonio,* por A. Minelli: a resurreição de uma creança, por J. Campagna: e o menino provando a innocencia de sua mãe, por A. Lombardo. Os estuques da abobada correspondem em tudo á magnificencia da capella.

Numerosos tumulos se erguem junto da capella, na igreja e até nos clastros, os de Alexandre Contarini, do cardeal Pedro Bembo, do almirante Machiel, e especialmente de Roycellis,

O santuario ou thesouro da basilica apresenta ao viajante um thuribulo e uma naveta de oiro, dados por Sixto V, e que são de um merito extraordinario. O thuribulo, de fórma gothica, é uma linda cathedral em miniatura com as suas torres e ogivas, com as suas graciosas columnasinhas e galerias rendilhadas. A naveta corresponde rigorosamente ao seu nome; é uma nave perfeita, com os seus mastros e vèlas, com os seus cabos e marinheiros!

Mostram-se tambem os habitos e sermões autographos do Santo, por letra, ás vezes emendada, mas sempre muito legivel, e até elegante, e o bello relicario scintillante de rica pedraria, que contém a sua maxilla inferior e a sua lingua incorrupta. Foi encontrada n'este estado por S. Boaventura, ido a Padua de proposito para presidir á trasladação dos seus restos mortaes. Vendo a frescura que tornava incontestavel a conservação do resto do Santo exclamou: «O lingua benedicta, quae dominum semper benedixisti: et aliis benedicere docuisti: nunc perspicue cernitur quanti meriti fueris apud Deum[1]!»

Na famosa igreja de S. Marcos de Veneza ha um confessionario só destinado para os penitentes francezes, allemães, inglezes, hespanhoes e portuguezes (pag. 417).

Roma.—O arco de Portugal, em Roma, perto do palacio Fiano, foi mandado demolir por Alexandre VII em 1660 (Stendhall, *Promenades dans Rome,* 2.ª serie, vol. I, pag. 76).

---

[1] Conego Alves Mendes: *Italia,* pag. 417.

Fallar das desordens em Roma entre portuguezes e hespanhoes, no reinado de D. João IV, combatendo uns em prol de Portugal, e outros em prol de Hespanha, é assumpto ácerca do qual fallam centenares de livros.

Em Roma têem um cardeal protector cada uma das seguintes nações ou povos, França, Austria, Hespanha, Duas Sicilias, Portugal, Polonia, Sardenha, Inglaterra, Escocia, Irlanda, Ragusa, Illyria, Grecia, Armenia, e os Maronitas (Gaume, *Tres Romas,* dia 3 de janeiro).

No dia 10 de janeiro, na festa das linguas em Roma, fizeram-se discursos nos seguintes idiomas: hebreu, syriaco, samaritano, chaldeu, arabe, turco, armenio, persa, sabeu, grego, peruano, tamul, kurdo, georgiano, irlandez, escocez, illyrio, bulgaro, polaco, allemão, inglez, hollandez, indiano, hespanhol, portuguez, francez, albano, copa, ethiopio e chinez de todas as especies (Gaume, *Tres Romas,* 6 de janeiro).

Veneza.—Igreja de S. Nicolau de Frati. Um admiravel quadro de Ticiano, representando S. Nicolau, Santa Catharina, S. Francisco e Santo Antonio de Padua e S. Sebastião (Nugent, *The grand Tur lenden,* 1778, pag. 68, vol. III).

Padua.—Igreja de Santo Antonio. «A igreja de Santo Antonio de Padua é uma bella e grande construcção, adornada com differentes bellas peças de pintura e esculptura, e muitos e grandes e bellos monumentos. Na capella de Santo Antonio jaz seu corpo debaixo do altar, o qual é extraordinariamente rico, e toda a capella é adornada com baixos relevos de marmore, por Tullio Lambardello e Donatello, representando os principaes milagres de Santo Antonio. Em volta do altar ardem tanto de dia como de noite trinta e nove grandes alampadas de prata.

A pintura em mosaico na capella de S. Felix, pintura feita pelo famoso Gioto, é muito notavel. E notaveis são as estatuas feitas por Vallano de Padua. E a livraria é rica em manuscriptos e impressos.

Verona.—Igreja dos capuchinhos. Um Santo Antonio de Padua, por Guercino (Nugent, 3.º, pag. 110).

Parma.— Igreja dos capuchinhos. Santo Antonio, por Tadeo Zuccaro (Nugent, 3.º, pag. 129).

Igreja de Santa Clara e Santo Antonio, por Caravigio, no palacio de Fontana.

Rimini.—S. Francisco, Santo Antonio, por Guercino, outro por Giovane Bellino.

Pesaro.— Igreja de Santo Antonio. Um quadro d'este Santo, por Paulo Veronese.

«Tis true they (Rome) have an inquisition, but it is neither so severe as those of Portugal and Spain» (Nugent, 3.º, pag. 289).

Bolonha.— Igreja de Santo Antonio. No altar mór um quadro de Santo Antonio, por Luiz Casacci (Nugent, 3.º, pag. 314).

A pag. 205 do vol. II da obra *Fêtes et courtisanes de la Grèce*, Paris, 1801, falla-se de uma imagem de S. Francisco Xavier que estava no collegio dos jesuitas na Flêche, que na frente representava as feições d'este Santo, pelo profil da direita e da esquerda, as de Christo.

Santo Antonio.— Em Roma este Santo é o protector dos cavallos e dos outros animaes.

Um postilhão italiano, vendo morrer seu cavallo, orava por elle exclamando: «*O Sant Antonio, abbiate pieta dell'anima sua*» (Madame Stäel, *Corinna ou a Italia*, vol. II, pag. 250).

Mas a verdade é esta: rarissimas foram as familias que deram gloria a um paiz inteiro como foi a dos Gouveias, brilhantissimo luzeiro que tanta gloria derramou sobre o nosso solo. Todavia parece que tal familia era de origem italiana, pois um escriptor nos assevera: Que fôra nobilissima aquella familia dos Gouveias, tendo tomado o nome da villa de Gouveia, que jaz entre os Pesures, nas faldas do monte Astrifero, região amenissima. E o nosso Carvalho da Costa descreve mais por miudo aquella povoação, no tomo II da *Chorographia portugueza*, vol. II, pag. 373. E muitos varões de primeira nobreza tiveram o berço n'aquella familia, como se faz notorio da genealogia a favor de Manfredo Gouveia, filho de Antonio, composta por Luiz Ferreira de Azevedo, no anno de 1603.

Se a lingua portugueza, manejada por tão habeis escriptores, se fixou no seculo XVI por uma fórma tão invariavel, ella deveu ainda mais ás musas, que inspiravam os poetas. O unico de todos os generos que não foi cultivado pelos portuguezes é o Apologo. Porém em todos os outros distinguiram-se.

Castro na sua grammatica ingleza-portugueza, para uso dos inglezes, estampada em Londres no anno de 1752 diz: «Que havia uns trinta annos se tinha tambem publicado uma outra grammatica tambem para o ensino do portuguez aos inglezes.

E tambem a lingua japoneza adoptou algumas palavras portuguezas.

N'um dia em que a situação do celebre explorador americano Stanley era mais desesperada (anno 1877), vendo-se perdido, escreveu duas cartas, uma em portuguez, e outra em francez, expondo o que fizera e as circumstancias em que se achava, e expediu-as por expressos com a recommendação de verem se poderiam fazel-as chegar a mãos de brancos.

E com effeito as cartas foram parar ás mãos de portuguezes estabelecidos em Rema, e immediatamente os nossos compatriotas se pozeram a caminho, acompanhados de guias, viveres, e outros recursos, indo encontrar Stanley a dois dias de jornada.

Conheceu então que effectivamente descêra o Zaire. Mostrou-se mui grato para com os portuguezes, e confessou «que a nossa lingua é a mais conhecida no sertão, tendo de se valer d'ella muitas vezes em que lhe diziam haver por ali certas tribus que conheciam a lingua dos brancos, a qual vinha a ser a lingua portugueza.

No lunch e baile que os officiaes da corveta *Sá da Bandeira* deram no dia 16 de setembro aos exploradores portuguezes e ao americano, declarou este, alto e bom som, que durante sua longa travessia tinham sido os portuguezes os *unicos europeus*, cujo nome lhe tinha chegado aos ouvidos; que, pelo que da sua historia conhecia, muito bem sabia e desde longo tempo que foram elles os primeiros que por aquellas barbaras regiões tinham andado.

Mas se não queremos ler descripções antigas e de epochas remotas, podemos faliar tambem de victorias mais modernas, e uma d'ellas é com certeza a do cabo de Matapan. Temos o bloqueio de Malta, o desembarque em Napoles e em Gaeta, a paz de Tunis e a de Tripoli cantada por um escriptor francez e obtidas no anno de 1716 e 1799.

Se estes resultados de esforços maritimos pertencessem aos annaes de outros povos, quantas trombetas, quantas ovações estrondo-

sas levariam o estrondo das armas, e o echo dos canhões lusitanos pelas quatro partes do mundo.

Lá, onde o merito individual se aprecia e inculca para realçar o dos respectivos paizes, nada esquece que o exalte e torne notorio de idade em idade.

E d'aqui os quadros representando e apregoando o desembarque de Duguay Trouin no Rio de Janeiro, as magnificas gravuras do cabo de S. Vicente por lord Jervis, as de Abukir e Trafalgar por Nelson, a defeza de Corfu pelos venezianos; e até os combates singulares, sem escapar o do brigue inglez *Alacrity* apresado pelo francez *l'Abeille*.

Inglezes, francezes, hespanhoes e italianos todos têem reproduzido com mais ou menos força de luz propria e sombra alheia, as suas façanhas sobre a agua salgada; só não apparece um quadro, onde se veja ondular triumphante a bandeira portugueza!

Recordemo-nos, porém, só de um facto, embora sejam infinitos os que dão gloria ao nosso paiz, e seja este aquelle em que a instancias do papa Clemente XI duas vezes largou do Tejo a esquadra do conde do Rio Grande, a primeira no anno de 1716, composta de 5 naus, 1 fragata, 1 brulote, 1 transporte e 1 tartana, montando 390 bôcas de fogo e 2:581 praças, sem ter a boa sorte de medir-se com a dos infieis por diversas eventualidades.

E a segunda teve cabimento no anno immediato, em que lhe coube essa gloria.

Compunha-se a esquadra portugueza da nau *Conceição*, de 80 peças e de 700 homens; da nau *Senhora do Pilar*, de 84 peças, com 700 homens; *Assumpção*, com 66 bôcas de fogo e 500 homens; da *Senhora das Necessidades*, com 66 peças e 500 homens; de *Santa Rosa*, com 66 canhões e 500 homens; da *Rainha dos Anjos*, com 56 peças e 350 homens; de *S. Lourenço*, com 350 homens, e do brulote *Santo Antonio de Padua*, e de outro brulote tambem com o nome do mesmo Santo e cada um d'estes dois com 40 homens e 8 peças cada um.

Havia, outrosim, o transporte *S. Thomás*, de 20 peças e 100 homens; 1 tartana de 8 peças, 16 pedreiros e 60 homens, ao todo 11 navios, 518 bôcas de fogo e 3:840 praças.

Esta esquadra pelejou na batalha do cabo Matapan mais do que a veneziana, pontificia, napolitana, malteza e hespanhola reunidas, ao todo 177 navios, sendo 62 de linha.

E n'essa brilhante victoria do dia 14 de julho de 1717, em que

o bailio e tenente general Bellefontaine desamparou o seu posto, teve o conde de Rio Grande, na *Conceição*, de bater-se com a *Sultana*, do grão pachá, que era de 110 peças e 1:500 homens; o conde de Vicente, em a nau *Pilar*; o capitão de mar e guerra Pedro de Sousa, na *Assumpção;* Rolhano, na *Santa Rosa*, com as sultanas capitaneas inimigas, de maneira tal que lhe fizeram uma mortandade de 5:000 homens, custando aos portuguezes a perda do capitão de mar e guerra Manuel André, da nau *Pilar* e 198 praças de outros navios. E d'este arrojo resultou a salvação da armada ligeira de Veneza, e a derrota das forças turcas, egypcias e barbarescas, merecendo que o papa mandasse agradecer a el-rei D. João V aquelle serviço prestado á christandade, e ao conde do Rio Grande um breve, que principiava por estas palavras: *Dilecte fili, nobilis vir, salutem*, etc.

E não merecia, exclama Celestino Soares, ser representada n'um bello quadro, esta batalha naval, forçando a galhardia portugueza com sete naus a esquadra ottomana e ter por fim de fugir derrotada?

E eis agora um extracto do officio do marechal duque da Victoria, dirigido do seu quartel general de S. João da Luz, em 14 de dezembro de 1813:

«Desde que o inimigo se retirou do rio Nivelle, occupou uma posição em frente de Bayonna, que, com grande cuidado e trabalho, tem sido entrincheirada...

«A força do choque contra os postos avançados de sir John Hope tocou á primeira brigada portugueza do commando do brigadeiro general A. Campbell, que estava de serviço, e a brigada da quinta divisão britannica, do commando do general Robinson, passou a suster a dita brigada portugueza.

«O tenente general sir John Hope elogia a conducta d'estas tropas, e de todas que tiveram parte na acção do modo mais favoravel.

«Na manhã do dia 12 o inimigo renovou o ataque.

«O tenente general sir John Hope elogia altamente a conducta de todos os officiaes e tropas, e particularmente recommenda a da primeira brigada portugueza, do commando do brigadeiro A. Campbell.

«O ataque principal foi feito sobre o caminho real de Bayonna a Saint Jean Pied Port, o que fez que as brigadas de infanteria ingleza do commando do general Ashwort tivessem a maior parte do choque com o inimigo n'este ponto: e a conducta d'estas tropas foi admiravel.

«A divisão portugueza, do commando do marechal de campo F.

Lecor, marchou para sustel-as sobre a sua esquerda do modo mais bizarro, e retomou uma posição importante entre estas tropas e a brigada do major general Pringle, que se batia com o inimigo em frente de Ville Franche.

«Tive grande satisfação em ver a conducta da brigada de infanteria britannica, do commando do major general Bying, sustida pela quarta brigada portugueza, do commando do brigadeiro general Buchan. que atacou e tomou uma altura importante á direita da nossa posição, que conservou, apesar dos maiores esforços que o inimigo fez para retomal-a. Ustaritz, 20 de dezembro.»

Em respeito á brevidade sómente acrescentaremos ainda duas palavras copiadas de um officio do duque de Victoria: «O exercito portuguez adquiriu uma gloria superior mesmo á que já tinha, posto que esta fosse tão esplendida!» *(Gazeta de Lisboa,* de 1813).

Mas, passando a dizer alguma cousa de varões que se abalisaram em estudos mais predilectos dos dias que vão correndo, qual será o portuguez que possa desconhecer o nome do nosso famoso physico João Jacinto de Magalhães, e cuja biographia e noticia de suas obras se encontra na *Bibliographie universelle* de Firmin Didot?

Sua residencia habitual era em Londres, seu elogio foi feito pelo celebre mathematico francez Lalande, e uma das suas obras mais conhecidas é a annotação em inglez ao *Systema de mineralogia* composto em sueco por Axel Frederic Cronsted, vertido para inglez por Gustav Von Engestrom, e impresso em dois volumes na cidade de Londres, no anno de 1788.

Este nosso compatriota, natural de Aveiro, era socio das academias de Londres, S. Petersbourg, Bruxellas, Madrid, Berlim, Philadelphia, Harlem, Manchester, e correspondente da de Paris.

O nosso tão conhecido fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo teve a honra de ver no seculo XVII a sua tragedia intitulada *Orpheus tragicus*, representada na presença de Luiz XIV, e na França foi impressa em 1647.

Nomes de muitos outros portuguezes distinctissimos se podem ver mencionados no *Ensaio estatistico*, de Balbi.

Mas quem poderá deixar de citar o nome de Damião de Goes, correspondendo-se com os sabios mais famosos do seu tempo? Ah! Que mathematico não era aquelle José Monteiro da Rocha!

Verdade é que não podemos citar muitos nomes distinctos nas bellas-artes: mas ainda assim quantos notabilissimos canteiros não

teve Portugal! E um Sequeira! E o auctor da custodia de Belem! E o nosso grande actor José Carlos dos Santos? E a nossa Emilia das Neves? E a nossa Soller?

Lourença Correia era uma cantora que em 1790 se estreiou no theatro real de Madrid, alcançando aqui um triumpho completo, repetido depois em Veneza, e no theatro de S. Carlos em Napoles.

O *Diario de las musas*, em janeiro de 1791, publicado em Madrid, traz um soneto encomiastico a esta cantora distincta, a qual em 1810 se achava na Opera buffa de Paris.

Celestino andava a cantar nos theatros da America, e n'aquella parte do mundo se finou.

Rodrigo Antonio de Menezes passava por ser um guitarrista de primeira ordem. Seus concertos na Allemanha, e principalmente em Leipsick deram brado no anno de 1760 [1].

Ribas foi do Porto para um theatro de Londres; e quão grande pianista não foi o portuense Arthur Napoleão, embora já o tenhamos citado?

Emilia das Neves não duvidou representar no theatro de D. Maria II na companhia da grande Ristori.

E quantos applausos não teve o visconde de Arneiro (e poderei eu esquecer-me dos dois irmãos Andrades?) no anno de 1877 em Milão, na primeira representação da sua opera *L'elisire di giovinezza?*

Mas quando haverá um livro biographico e digno da grande cantora Todi, natural de Setubal?

Celestino Soares, na sua obra *Quadros navaes*, falla-nos de navios portuguezes que serviram de modelo aos inglezes para a construcção de outros para a Inglaterra [2]. E D. Juan Vitrian, fallando dos nossos, exclama: «Estupiendas navigaciones e incomparables haçañas de los portuguezes en la fundacion de su imperio en las Indias orientales!»

O amigo dos portuguezes, Ferdinand Denis, n'um artigo, ácerca dos nossos Côrtes Reaes, do *Magasin pittoresque*, vol. XXVIII, tambem diz: «Quando se passam em revista as grandes descobertas maritimas feitas pelos portuguezes, o pensamento segue de ordinario as costas aridas da Africa ou as margens americanas, adornadas com

---

[1] Na *Biographia universal dos musicos*, por Fetis, encontra-se nada menos do que o nome de oitenta ou noventa musicos portuguezes.

[2] Vol. III, pag. 56.

todos os esplendores da vegetação tropical, perde-se a maior parte das vezes ainda no meio das magnificencias do mundo asiatico; mas nunca pensa nas terras desoladas do norte, e todavia no mesmo tempo em que Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, e Duarte Barbosa exploravam as mais bellas partes do mundo, um emulo dos Verrazani, dos Cabot e dos Jacques Cartier, ia baptisar com um nome portuguez uma das terras mais glaciaes e estereis do novo mundo, descoberta então havia poucos annos [1].

«Póde-se asseverar (diz Quien de Neufville [2]) que não existe no mundo principe na Europa, cujo poder seja tão deslumbrante como o do rei de Portugal. Tem vassallos em toda a parte do mundo. Possue o Brazil na America, as ilhas de Cabo Verde e da Madeira, a cidade e castello de Mazagão na Africa, os da Mina e Arguim nas costas de Berberia; Damão, Diu e varias outras cidades da Asia lhe obedecem e o reconhecem por seu soberano.»

E tambem poderia ser senhor da Catalunha se os nossos houvessem empregado os meios conducentes para tal fim.

Em 14 de setembro de 1516, Henrique VIII, rei de Inglaterra, escreveu a el-rei D. Manuel recommendando-lhe João Wallop, nobre cavalleiro inglez, recommendavel por sua virtude e nobreza, que tinha feitos grandes serviços a Inglaterra, tanto por mar como por terra, o qual, constando-lhe as grandes victorias que os portuguezes tinham alcançado por sua coragem, e ter a nação portugueza descoberto um mundo inteiro desconhecido e levado o estandarte de Christo vencedor ás praias do Oceano, submettendo povos até ao mar Roxo, o dito cavalleiro experimentava um tal enthusiasmo de servir a el-rei D. Manuel, que desejava empregar no mesmo serviço todas as forças que lhe restavam, em consequencia do que lhe recommendava o dito cavalleiro para o admittir no serviço de Portugal [3].

O brado do poderio portuguez (diz certo auctor) contribuiu mais do que tudo para a celebridade do almirante Duguay Trouin. Os francezes consideram a tomada do Rio de Janeiro por este homem do mar como um dos mais bellos feitos dos seus *Annaes maritimos*,

---

[1] Ferdinand Denis: «Os Côrtes Reaes», a pag. 187 do vol. XXVIII do *Magasin pittoresque*.

[2] *Histoire de Portugal*, vol. I, pag. 63.

[3] Visconde de Santarem: *Quadro elementar*, vol. XV, pag. 23.

para o que contribuem tambem as magnificas amplificações de mr. Thomaz.

O estado ou imperio lusitano indico (diz o padre Manuel Godinho na *Relação do novo caminho que fez por terra e mar da India para Portugal no anno de 1663)* que em outro tempo dominava o oriente todo, constava de 8:000 leguas de senhorio, de 29 cabeças de provincia, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios.»

E n'outra parte acrescenta: «No reinado de D. João III cresceu o estado da India e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas e logares nas terras que os reis amigos nos largavam e os que com as armas conquistavam.

«Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão, cabeça do reino.

«Na ilha de Ceilão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticalor e Triquimalé.

«Na costa do sueste as cidades de Baçaim e Damão, com muitas villas e aldeias por toda a costa do reino de Cambaya.

«Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chalé no Malabar, e a de Macau na China.

«As victorias foram tantas quantas as batalhas, e estas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencemos por vezes o çamorim ou rei de Bintão, o sultão Badur, rei de Cambaya, seu neto sultão Mamude, ao Hidalcão, aos reis de Moluco, ao do Achem, ao de Pam, ao Cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore e Bachão: fóra outros muitos que por menos conhecidos deixo de nomear. E para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, castelhanos e turcos sentiram o rigor do nosso ferro e o favor da fortuna que nos assistia n'aquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Moluco [1].»

E tambem em Bormio, villa na Italia, banhada pelo Fradolfo, ha uma igreja de Santo Antonio na qual existem quadros de Antonio Canolino. Richard, *Guide du voyageur en Italie*, París, pag. 158.

Tendes ou não, amigo leitor, visto como por toda a parte se encontram monumentos recordativos do nome portuguez?

---

[1] P. Godinho, pag. 4.

Vêde, porém, o que ainda alguns estrangeiros dizem a nosso respeito. Antonio Albisio na sua obra *Stemmata principum christianorum*, exclama: «*Lusitanum nomen moriturum nunquam fama!*»

O hespanhol, mas escriptor celebre, Mariana, fallando de nós, tambem diz em latim, idioma universal por aquelles tempos: «*Regnum Lusitaniæ magnitudine rerum gestarum cum primis nobile*».

Centenares, porém, de escriptores, n'um grande numero de idiomas teceram os mais soberbos elogios a Portugal, a este paiz que possue um Tejo, um Porto, uma Cintra, um Bussaco, uma ilha chamada Madeira, e que tem um idioma que é fallado nas cinco partes do mundo, e no qual escreveram um Camões, um Garrett, um fr. Luiz de Sousa, um Fernão Lopes, um Rebello da Silva, um Herculano e tantos e tantos outros, entre os quaes tambem ha um logar honroso para um Camillo Castello Branco, o escriptor que com os seus romances em nobilissima linguagem portugueza tanto engrandeceu e exaltou o nosso idioma.

E julga o leitor que os feitos de nossos antepassados não se encontram tambem narrados nos livros asiaticos?

«É realmente, diz Sané, prestar um serviço á republica das letras o fazer-lhe conhecer a lingua bella de Camões, e os numerosos thesouros que ella possue.

Se tivessem folheado as obras dos grandes escriptores que appareceram em Portugal n'uma epocha em que a aurora das letras começava apenas a despontar para o resto da Europa, ter-se-ia visto que a sua litteratura não é tanto para desdenhar como se teria podido crer. E assim o diz tambem Sané na sua obra *Poesie lyrique portugaise*.

Foram os contemporaneos de Ferreira, Camões e Rodrigues Lobo, que deram á litteratura portugueza um novo rumo, compondo a historia das conquistas de seus compatriotas na India.

O talento do escriptor de viagens e do geographo ali se encontra de mãos dadas com o de historiador, e um interesse de um genero inteiramente novo é despertado por feitos heroicos que não têem similhante na historia antiga.

Qual a nação que se não ufanaria com os bellos escriptos de João de Barros, de Lucena, de Diogo do Couto, e de Goes?

Na frente de taes historiadores devemos pôr João de Barros, que nos ensinou a conhecer esses vastos e ricos paizes, separados da nossa Europa por uma tão extensa multidão de mares, e dos quaes antes d'elle não tinha havido mais do que noticias vagas, confusas e

quasi sempre contradictorias. E serve elle ainda hoje de base, não sómente á historia das descobertas portuguezas e das communicações europêas, mas a toda a geographia e a toda a estatistica da India no seculo XVI.

Um trabalho obstinado, uma investigação infatigavel da verdade, um credito, um poder prolongado por mais de quarenta annos nos mesmos paizes que elle quizera estudar o tinham habilitado para conhecer a fundo, não só as occorrencias, mas tambem os logares e as pessoas.

Descreve a indomavel coragem dos portuguezes, seu forte apego á gloria, á novidade e ao perigo.

Se algum individuo, algum chefe, commetteu uma acção vil, uma perfidia, condemna-o sem escrupulo, para que a vergonha d'essa villeza não recáia sobre o seu povo; mas se o crime é nacional, se é approvado pela opinião publica dos portuguezes, gloria-se com um tal crime.

Barros foi continuado por Couto; e Fernão Lopes de Castanheira e Bocarro escreveram tambem a relação das conquistas dos portuguezes.

Mas como é divina aquella admiravel toada musical do grande fr. Luiz de Sousa?

Um dos maiores homens d'esta epocha assombrosa foi sem duvida Affonso de Albuquerque, o qual tambem deixou commentarios, dados á luz por seu filho Affonso de Albuquerque. Foram redigidos em portuguez, ao mesmo tempo e no mesmo idioma em que Damião de Goes escrevia uma *Chronica de El-Rei D. Manuel*. De todas as partes, emfim, esses mesmos homens que tinham assombrado o mundo com suas conquistas, esforçavam-se por transmittirem a lembrança d'ellas á posteridade [1].

Quando se lêem as obras primorosas da litteratura portugueza, e quando se admiram n'uma lingua nobre e harmoniosa, poetas, historiadores e romancistas que existiam muito antes de nossos escriptores soltarem o vôo a seu genio: quando nos recordamos do numero de povos, aos quaes os portuguezes tinham levado seus costumes e linguagem, perguntamos a nós mesmos como é possivel que a litteratura portugueza seja tão parcamente conhecida [2]?

---

[1] Sismondi de Sismondi: *De la litterature du midi de l'Europe.*

[2] Ferdinand Denis.

Quando o celebre arcebispo de Evora, D. fr. Manuel do Cenaculo, sendo ainda provincial da ordem de S. Francisco, foi n'essa qualidade enviado a Valencia, ao capitulo geral da ordem, que n'essa cidade estava sendo celebrado, e achando-se todos os frades e auditorio contristados por causa do repentino impedimento do orador, a quem fôra incumbida a oração da abertura de um tal capitulo, e havendo-se já muitos recusado a acceitar uma tal missão, allegando a falta de tempo, e a magestade do auditorio, no qual se achavam pessoas de todos os paizes, e o desaire que por isso recairia sobre a ordem franciscana, por causa da incompetencia do orador, Cenaculo acceitou o encargo, dando-se-lhe apenas onze horas para preparar o discurso, e isto depois das grandes fadigas da jornada, e no emtanto compoz e decorou uma eloquente oração latina, accommodado ao evangelho do dia, a qual attrahiu de um modo singular as attenções d'aquelle congresso entendido e emulo dos portuguezes. Os applausos rompiam de todas as partes, e o historiador d'este capitulo, fr. João Baptista Severo, exclama: «Lusitanus Cœnaculo, siquidem sua oratione, veluti repentino lumine nobis orto, a caligine communis anxietatis et molestiæ nos laetanter eripuit, et omnibus clarissimis sapientissimisque audientibus viris, qui de hoc testimonium perhibent diem lætissimum dedit».

Os nossos theologos e canonistas distinguiram-se sempre nos paizes estrangeiros, e a respeito do celebre Francisco Foreiro diz o catechismo do concilio de Trento, impresso em Avinhão no anno de 1772, o seguinte: «Franciscus Forerius lusitanus, olisbonensis, qui omnes quantæ pietatis, quantique nomine extiterint, tum in ipsa synodo, tum extra illam in exercitandis muneribus ecclesiasticis plurimis exhibere, mihi satis est unus S. Carolus Borromœus, in epistola sua ad cardinalem Warniensem Stanislaum Hosium, ut credam eos inter patres Concilii doctissimos: et meam utique confirmat fidem Josephus Ripalmontius, dum haec ait: Sed Concilium erat Caroli ut divinitas et altitudo rerum atque sententiarum verborum dignitate explicaretur, adhibitisque latinis linguæ summis, ea tempestate, hominibus per eos absolvit opus quod meliore romanorum sæculo natum videri posset[1]...»

Passando, porém, a dizer mais alguma cousa ácerca dos varões que se abalisaram em estudos mais predilectos dos tempos que vão

---

[1] «Regnum Lusitaniæ magnitudine rerum gestarum cum primis nobile». Mariana: *Historia de España.*

correndo, qual será o portuguez que possa desconhecer o nome do famoso physico João Jacinto de Magalhães, cuja biographia se encontra na *Biographie universelle* de Firmin Didot?

Sua residencia habitual era em Londres, seu elogio funebre foi composto pelo famoso mathematico francez Lalande, e uma das suas obras mais conhecidas é um livro de annotações ao systema de mineralogia, composto em sueco por Axel Frederic Cronsted, vertido para inglez por Gustav Von Engestrom, e impresso em dois volumes em Londres, no anno de 1788.

Este nosso compatriota, natural de Aveiro, era socio das academias de Londres, S. Petersburgo, Bruxellas, Madrid, Berlim, Philadelphia, Harlem, Manchester e correspondente da de París.

André Rodrigues, mathematico e astronomo, achava-se nos fins do seculo passado empregado no observatorio de Pekim, e dos seus trabalhos scientificos dá noticia o *Journal des Sçavants.*

O nosso tão conhecido fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo teve a honra do ver no seculo XVII a sua tragedia *Orphuæs tragicus*, representada na presença de Luiz XIV.

Nomes de muitos outros portuguezes illustres se podem ver no *Ensaio statistico*, de Balbi, mas quem poderá esquecer-se de Damião de Goes em correspondencia com os maiores sabios do mundo?

Os nossos artistas (ia-me esquecendo fallar de José Monteiro da Rocha), que tantos e tantos premios têem ganho nas exposições internacionaes, não serão dignos de que d'elles haja um livro que falle condignamente?

«Esteve de visita em Macau esta semana o sr. D. Heribesto Garcia de Quevedo, ministro de Hespanha na China. S. ex.ª partiu sabbado para Cantão. Quando o vapor que o conduzia passou em frente da Praia Grande salvou o fortim de S. Pedro com quinze tiros. Visitou s. ex.ª a gruta de Camões, onde deixou o seguinte recuerdo:

«Io poeta tambien, tambien soldado,
Si bien no por la fama enaltecido;
Tamblen de hados adversos combatido:
En el altar á tu estro consagrado,
Menos augusto á fé que merecido,
Susoendo de mi amor esta memoria
Tributo exiguo de tan alta gloria.»

Boletim de Macau, 1870.

«No dia 1.º de novembro de 1755 foi o globo abalado por uma das mais violentas convulsões de que a historia nos conservou a lembrança. Mais de metade da cidade de Lisboa caíu por terra. Dentro de alguns minutos pereceram perto de trinta mil pessoas, e o resto d'esta infeliz cidade ficou reduzida á mais horrorosa miseria.

«Setubal foi quasi inteiramente derribada. O mar, erguendo-se acima da calçada de Cadiz, arrastou os homens e os objectos que se encontravam na sua passagem.

«Toda a Europa foi advertida d'este medonho phenomeno por meio de tremores de terra mais ou menos consideraveis, á proporção da proximidade e do afastamento do principal foco da explosão.» *Choix de anecdotes anciennes et modernes*. Paris, 1803, pag. 97.

«Quoique ces progrès de la navigation et la découverte des deux Indes fissent un des plus mémorables événements de ce siècle et de beaucoup d'autres, ce ne fut pas le seul qui le distingua.

«En 1453, Constantinople fut prise par les turcs.

«Les grés, parmi lesquels quelques restes de savoir s'étaient conservés, dispersés par les barbares, se refugierent en Italie. Ils y porterent, avec leur langue sublime, une teinture de leurs sciences et de leur gout exquis pour la poesie et l'eloquence. Environ dans le même temps la pureté de la langue latine sembla renaître; l'étude de l'antiquité devint à la mode, et le goût de la litterature se repandit chez toutes les nations de l'Europe.» (David Hume: *Histoire de la maison de Tudor sur le trone d'Angleterre*. Amsterdam, 1763, tomo I, pag. 207.)

Mr. Lepelletier publicou no *Echo de Paris,* um dos mais lidos jornaes da capital franceza um enthusiastico artigo sobre o major Serpa Pinto, que não só honra a sua patria, mas tambem a Europa inteira.

O opusculo, impresso em Goa, intitulado *Representações*, enviadas pelas christandades do varado de Saautwari, etc., ao Santo Padre, a Sua Magestade Fidelissima, ao governador geral de Goa e arcebispo de Goa e primaz do oriente, mostra como é grande o numero das igrejas catholicas na India, e quão submissos estão a Portugal aquelles povos tão distantes da Europa.

Vemos no *Journal des Sçavants* (julho de 1737), pag. 419, que o escriptor Stephanius Fourimont, professor regio de lingua arabica,

baseára algumas supposições suas com as auctoridades de nossos compatriotas Semedo e Magalhães, viajantes.

E n'esse mesmo volume do *Journal des Sçavants* (pag. 508) se diz que o celebre bibliographo hespanhol Nicolau Antonio, para a composição da sua *Bibliotheca hispanica,* recorrêra tambem a sabios italianos e portuguezes.

Lemos (Luiz de).— «Mil annos depois dois sabios se occuparam de um trabalho critico ácerca de Hippocrates: foram Jeronymo Mercuriale, medico celebre e philologo italiano do seculo XVI, e um portuguez por nome Luiz de Lemos. Estes dois litteratos tiveram, ao mesmo tempo, a idéa de classificar as obras de Hippocrates. O professor de Padua estabeleceu quatro categorias:

«1.ª Obras em que se reconhece ao mesmo tempo a doutrina e o estylo d'este grande escriptor, e que, por conseguinte, são indubitavelmente authenticas;

«2.ª Obras escriptas por Hippocrates, mas publicadas por seus filhos e discipulos;

«3.ª Obras redigidas pelos filhos e pelos discipulos de Hippocrates, mas cujo conteúdo é conforme á sua doutrina;

«4.ª Obras que nem sequer são redigidas segundo o seu espirito.

«Lemos depois de ter pesado todas as obras attribuidas a Hippocrates na balança da critica, apenas reconhecemos como authenticas dezenove. *De optima prædicandi ratione; item judicium operum magni Hippocratis liber unus,* Salmanticæ. 1585, in 12.º [1].

João Jacinto de Magalhães.— *An Essai towards a System of mineralogy by Axel Frederic Cronstedt, mine master or superintendent of mines in Sweden. Traslated from original Swedish, with annotations, and an additional treatise on the Blow-Pipe. By Gustav von Engestrom. Counselor of the College of mines in Sweden. The second edition, greatly enlarged and improved by the addition of the modern discoveries; and by a new arrangement of the articles, by John Hyacinth de Magellan.* Tulabrico Lusitanus, et Reg. Soc. Londin. Academiarum Imp. Sientiar. Petropolit. et Bruxell. Reg. Ulisipon. Madrit et Berolin. Societ. Philos. Philadel. Harl. e Manchest. Socius.

---

[1] Schœll: *Histoire de la litterature grecque profane, depuis son origine, jusqu'à la prise de Constantinople par les turcs.* Paris, 1824, vol. I, pag. 17.

et Acad. Reg. Paris. Scientiar. Correspondens. In two volumes. London. Printed for Charles Dilly, in the Poultry, 1788. Vol. I, 41 — 432 pag. Vol. II, continua a paginação até 1:040.

Quantas pessoas ha hoje que tenham noticia d'este illustre filho de Aveiro, apesar de ser tão conhecido dos estrangeiros, que sua biographia e noticia de suas notaveis obras occupa um espaço relativamente não mui pequeno na *Biographie universelle* de Firmin Didot?

Em a noite de 17 de janeiro de 1889, segundo diz um jornal, foi representada por portuguezes na sala dramatica de S. Francisco da California o drama *Santo Antonio*, composto pelo fallecido dramaturgo e actor Braz Martins.

No real museu de Turim temos as seguintes recordações portuguezas: um Santo Antonio de Lisboa, por Macrino d'Alba; n'outra sala outro Santo Antonio, por alguem attribuido a Filippo Lippi.

Temos tambem em Turim a rua Oporto, que recorda a cidade onde morreu Carlos Alberto.

A fachada da nossa igreja da Estrella em Lisboa traz-nos á lembrança a basilica de Superga na Italia. Em Turim ha tambem uma ponte de Leça, pag. 59.

Magalhães (Gabriel).— Missionario da mesma familia que o illustre navegador, tinha nascido em 1609 na villa de Pedrogão, perto de Coimbra.

Entrou para a companhia em 1624, e a seu pedido foi enviado para Goa em 1634, e penetrou na China em 1640. Exerceu as funcções de missionario na provincia de Sse-tchuen, com tanto mais fructo, quanto uma applicação continuada lhe deu um conhecimento profundo da litteratura chineza.

Depois de uma prolongada residencia em Pekin, foi apresentado ao imperador Chum-tchi, cujo favor ganhou pelo seu talento na mechanica.

Magalhães foi victima de grandes perseguições e chegou a ser preso; mas depois da tempestade soube manter-se nas boas graças de Kang-hi até á sua morte occorrida a 6 de maio de 1677. O proprio monarcha compoz seu epitaphio, e lhe mandou fazer honras funebres.

Magalhães deixou por sua morte um manuscripto portuguez intitulado *Doze excellencias da China*. Era esta obra dividida em doze capitulos, mas estava incompleta. O padre Couplet a levou da China a Roma, e communicação d'ella a Bernou, que a traduziu para francez com este titulo:

«*Nouvelle relation de la Chine*, contenant la description des particularités les plus remarquables de ce grand empire. Composée en l'année 1668 par le R. P. Gabriel de Magaillans, de la compagnie de Jesus, missionaire apostolique, et traduite du portugais en français par le mr. B. A Paris, chez Claude Barbin, 1688, in-4.°, 385 paginas. No fim: imprimerie de P. Chenault fils.»

Nas pag. 370 a 385 se acha um resumo da vida e da morte do P. G. de Magaillans, por P. Louis Buglio. A Paris, chez Estienne Castin on Louis Lucas, 1690, in-4.°

Esta obra foi tambem traduzida para inglez. Londres, 1688, in-8.°

Bernou mudou o titulo do livro de P. Magalhães, fez n'elle córtes, e o enriqueceu com annotações contendo esclarecimentos ácerca dos objectos que d'elles tinham necessidade, da vida do auctor pelo padre Buglio, e de um plano de Pekin, composto segundo as informações dadas por Magalhães. Este plano, no qual o nosso auctor não tomou nenhuma parte, differe muito dos de Gaubil e de Duhalde. O livro de Magalhães trata por ordem da descripção das antiguidades, da litteratura, dos costumes, dos edificios publicos, do commercio, das manufacturas, da navegação e do governo da China. Um extenso capitulo consagrado aos palacios do imperador encerra pormenores relativos aos officiaes do imperio de diversas graduações. A longa residencia d'este missionario na China, seu conhecimento do idioma, e a frequentação com pessoas as mais consideraveis do estado, o habilitaram para inserir na sua obra informações exactas. Não põe difficuldade em corrigir os erros que encontra no padre Martini, e se explica com muita moderação sobre varios pontos, nos quaes outros missionarios se tinham entregado aos exageros. N'uma palavra, seu livro é um dos melhores que possuimos ácerca da China, e dá honra á sua sensatez [1].

Carta escripta a 2 de janeiro de 1669, de Pekin, em que relata a perseguição succedida no anno de 1664.

---

[1] Augustin et Alois de Backer: *Bibliotheque des Ecrivains de la compagnie de Jesus*, vol. II, pag. 378.

Foi traduzida pelo padre Prospero Intorceta na *Compendiosa relatione dello stato della missione chinese, etc.* (Roma, por Francesco Tirroni, 1672, in 8.º)

Antonio de Saldanha, natural de Mazagão. Partiu para a India com o projecto de abraçar a carreira das armas, mas em Goa mudou de resolução, e se fez religioso no anno de 1615. Passou quarenta annos nas missões de Salsette, aprendeu perfeitamente a lingua indigena, na qual escreveu suas obras, e fez muito bem entre os infieis.

Morreu em Goa a 2 de dezembro de 1663.

Tratado dos milagres que pelos merecimentos do glorioso Santo Antonio assim em vida do Santo como depois de sua morte é Nosso Senhor servido obrar, com a vida do mesmo Santo, traduzidos e compostos na lingua da terra corrente para serem de todos mais facilmente entendidos. (No collegio de Rachol, 1655, in 4.º)

Rosas e boninas deleitosas do ameno rosal de Maria e seu rosario, traduzido e composto com proveitosos moraes para bem das almas. (Rachol, in 4.º, sem data.)

Sebastião Gomes de Figueiredo, professor de philosophia em Salamanca.

Manuel da Veiga, jesuita portuguez, foi lente na universidade de Vilna. (Cenaculo, *Restabelecimento das letras*, vol. II, pag. 147.)

P. Estevão Dias Cabral alcançou grande nomeada na Italia, e em Roma, onde foi lente de mathematica.

Escreveu ácerca d'elle Luk, e Cretineau Joly.

O governo de D. Maria I encarregou-o de canalisar o Tejo e o Mondego.

Rodrigues Gusmão escreveu ácerca d'elle.

Marcial de Gouveia foi professor de rhetorica em Poitiers. (Quicherat, vol. I, pag. 129.)

Luiz de Lemos, lente de philosophia em Salamanca e depois em Ellenena urbe. (Nicol. Ant., *B. Nova*, vol. I, pag. 45.)

Chronica del moro Rasis, traduzida do arabe para portuguez por

mandado de D. Diniz, pelo clerigo Gil Peres, com o auxilio do mouro Maese Mahomed el Alazil ou architecto.

No tomo VIII das *Memorias da academia de historia de Espanha* vem publicada parte d'esta chronica por Gayangos. A chronica é authentica; está provado por varios escriptores arabes, posteriores, que copiam d'ella paragraphos.

Cienfuegos, na *Vida de S. Francisco de Borja*, falla-nos de um portuguez Manuel de Sá, lente na universidade de Gandia.

Antonio de Almeida, traductor do *Quadro elementar da historia natural dos animaes*, por Cuvier. Londres, 1815. Era membro effectivo do real collegio dos cirurgiões de Londres.

Nas *Transacções dos eruditos*, Saxonia, vol. LIII, encontrâmos uma memoria escripta por Jacob de Castro Sarmento, *Dissertação sobre o enxerto e inoculação das bexigas*. Esta memoria foi reimpressa em Londres em 1731.

Veiga (Joaquim José da), irmão do visconde de Arreiro e proprietario do jornal *Il Figaro*, que se publicava em Milão, falleceu em Caltanisetta, na Sicilia, no anno de 1879.

Rodrigues (André) *Societatis Jes., Observationes astronomicae habitæ.*

Estas observações astronomicas, feitas em Pekin, foram publicadas no vol. II das *Memorias da academia real das sciencias de Lisboa*. 1798.

«Accedit observatio eclipsis solis die 15 julii 1730 habita Pekini in publico ejus regiæ observatorio, a P. P. Ignatio Kegler et Andrea Pereira.»

Sampayo (D. Sebastião), conego lateranense de Santo Agostinho da congregação de Santa Cruz de Coimbra, lente de theologia.

Compendio da vida do glorioso Pontifice S. Pio V, illustrada com reflexões moraes, politicas e predicaveis. Offerecida a El-Rei nosso senhor D. João V. Roma, MDCCXXVII. Na officina de João Zempel e João de Meiz, impressores, in 4.º, 336 paginas.

É precedida de um soneto de D. Ignacio Garcez Ferreira, e de outro de D. Antonio Gouveia.

O auctor, apesar de escrever a vida de um estrangeiro, não se esquece de que é portuguez, e sempre que julga a proposito, recorda os feitos ou ditos memoraveis de algum seu compatriota.

O *Journal des Sçavants,* tomo II, diz o seguinte ácerca de uma obra bem conhecida do nosso Faria e Sousa:

«É a continuação das conquistas e das bellas acções que os portuguezes praticaram na sua entrada na Asia. Basta o exemplo de João Botelho, que atravessou todo o oceano, e veiu do fundo das Indias n'um pequeno bergantim trazer a noticia a El-Rei D. Manuel, de que tinham permettido aos portuguezes o levantarem uma fortaleza em Diu, para se poder julgar da bravura e da intrepidez dos outros.

«O que se conta de João de Castro, que era um d'esses primeiros conquistadores, não é menos agradavel, quanto o outro é surprehendente. Este bom homem, achando-se n'uma extrema falta de dinheiro, a si cortou as barbas, e sobre este penhor precioso pediu aos habitantes de Goa 20:000 pardaos: foram-lhe estas emprestadas, e pouco tempo depois os restituiu com muita fidelidade, e desempenhou as barbas.

«Mas entre todas estas acções surprehendentes ou agradaveis, encontrâmos n'esta obra mil raridades da natureza que os portuguezes nos descobriram na Asia por meio de suas conquistas. Como aquella pedra que se encontra na cabeça de um animal que os indios chamam bulgodaff, que é antidoto contra toda a sorte de venenos: esses ossos que se encontram n'um outro chamado cabal, que faz parar o sangue e o impede de correr, sejam quaes forem as feridas que se recebam. A fonte que se acha na ilha de Sumatra, que dá incessantemente oleo. A figueira famosa que vemos no imperio dos Abexins, que tem as folhas tão grandes que uma só póde cobrir um homem inteiro, e cujos figos trazem dentro de si uma cruz...»

Journal des Sçavants, 19 de julho de 1677.

Varios periodicos de Novara, onde Veiga cantou a *Favorita* no theatro Corcia, disseram que o nosso barytono tinha boa escola, excellente methodo de canto e sobejos recursos vocaes. E eram unanimes em taes apreciações *Il progresso*, *La regione* e *Il mundo artistico.* E este ultimo periodico, alludindo tambem á execução da *Favorita*, diz que Veiga se mostrou artista completo, conhecedor dos segredos da arte e pisando perfeitamente o palco.

No livro intitulado *La filosophia española, indicaciones bibliograficas* por Don Luiz Vidart. Madrid, imprenta europea, 1866, encontra-se o seguinte a respeito de philosophos portuguezes:

«Jorge Gomes Pereira (1524), que, segundo uns auctores, nasceu em Portugal, e segundo outros em Galliza, publicou em Medina del Campo, no anno de 1554, uma obra intitulada *Margarita Antoniana*, onde se acha o seguinte silogismo: o que conhece existe, eu conheço, logo existo, repetindo o até ha pouco tempo olvidado pensamento de Santo Agostinho, um seculo antes de Descartes escrever o seu famoso *Cogito ergo sum*. Gomes Pereira sustenta tambem na sua obra a absurda theoria dos animaes machinas, que, apresentada depois por Descartes, chegou a ser admittida por escriptores cuja elevada intelligencia parece que os devia afastar de similhantes dislates. (Pag. 67.)

«*De multum nobili et prima universali scientia, quod nihil scitur*, é o nome de um livro que se imprimiu no anno de 1526, escripto pelo portuguez Francisco Sanchez, residente, ha muito, em Tolosa de França, onde exercia a sua profissão de medico.»

O titulo d'esta obra não se acha confirmado no seu conteúdo, pois que ainda que n'ella se combata, talvez com excesso, na sciencia escolastica se respeitam quasi sempre as noções eternas da verdade.

A interpretação das doutrinas do philosopho portuguez tem sido objecto de controversias entre os criticos allemães, o que indica a sua alta significação scientifica.

Aquelle que pouco vale, se alguma vez alcança adquirir o applauso dos contemporaneos, nunca poderá fixar a attenção dos doutos em epochas posteriores, quando as paixões se calam, e levanta a sua poderosa voz a justiça dos seculos.

Sobre este celebre philosopho portuguez, escreveu na excellente revista de Madrid *La academia* um artigo o sr. Theophilo Braga.

Gaspar dos Reis.— «Ha mais de cem annos que o medico portuguez Gaspar dos Reis escrevia que os males venereos diminuiam de dia para dia, e que havia motivo para esperar seu fim. *Elysius Jucundus, quaestionum campus, quaest. 59*. Esta opinião é baseada sobre um principio defeituoso de que todas as doenças venereas têem sua origem n'um mesmo contagio, e são de uma igual antiguidade: ao passo que todos os dias nascem outras novas, e que são muito mais terriveis do que as que se afastam da sua origem».

Gilbert Charles le Gendre: *Traité historique et critique de l'opinion*, vol vi, pag, 45. Paris, 1741.

E falla-se tambem com elogio d'este nosso compatriota a pag. 234 do vol. ii, parte primeira das *Memorias da academia real das sciencias de Bolonha.*

A cidade de Lisboa tem recebido innumeros encomios tanto de nacionaes como de estrangeiros, porém, um dos mais notaveis é o seguinte:

Mappa do mundo, em que se vê cifrado
O mundo todo em partes dividido:
Das sete maravilhas não excedido,
Maravilha maior, proprio traslado.

Retrato do universo, em que pintado
Se vê de pólo a pólo o desmedido.
De norte a sul um ponto tão unido,
Que em ti contemplo o mundo abreviado.
Prodigioso imperio dos viventes,
A quem todo esse céu serve de copa,
Babel das linguas, confusão das gentes.

Lisboa digo, aonde a vista topa
O mundo todo em partes differentes
Asia, America, Africa e Europa.

O nosso excentrico Machado, protector nato dos animaes, é fallado, alem de outras, na obra de Louis Desnoyers intitulada *Les étrangers à Paris.*

No vol. i das *Transactions of the Grant college medical society of Bombaim,* logo no primeiro numero, encontrâmos o trabalho de um portuguez *Memoria sobre o tratamento da dysenteria,* pelo sr. A. de Carvalho, graduado no collegio medico de Grant.

Noticia de um caso de menstruação succedanea com observações pelo sr. Paulo de Andrade, graduado no mesmo collegio.

Na cidade de Toulon encontra-se um monumento, e entre os nomes de muitos ousados navegadores tambem se lêem os de Gama, Cabral, Zarco e Magalhães.

Mas, amigo leitor, se fordes portuguez, e vos achardes em Paris, não deixeis de ir visitar a synagoga portugueza, que é um soberbo

edificio, e ao mesmo tempo vos devereis recordar de que os judeus portuguezes se consideram innegavelmente mais nobres e distinctos do que os judeus allemães. Possuem aquelles tambem livros escriptos em lingua portugueza, mas estes são considerados como verdadeiras raridades bibliographicas.

É, porém, inquestionavel que um dos vultos mais notaveis no magisterio e nas letras foi o celeberrimo Antonio de Gouveia, natural de Beja.

Firmin Didot diz-nos que este celebre jurisconsulto, philosopho e litterato estimavel, fallecido em Turim em 1566, pertence pelo seu nascimento a Portugal, e por seus trabalhos e ensino á França, onde passou a maior parte da sua vida.

Ramus começava então seus ataques contra a dialectica de Aristoteles, e Gouveia mostrava-se um acirrado paripatetico.

E tres mezes depois da publicação das *Animadversiones in dialecticam Aristotelis,* apresentou em publico uma refutação.

Esta polemica chegou até mesmo a interessar o parlamento.

Francisco I chamou a si a discussão e auctorisou os dois adversarios a escolherem cada um dois arbitros.

Gouveia escolheu Pedro Danés e Francisco de Vicomercat, e o rei encarregou a Jean de Salignac de presidir á discussão. O presidente pendia visivelmente para Aristoteles: os dois arbitros oppostos se retiraram, e Ramus foi o condemnado por uma decisão confirmada pelo pae das letras.

Depois retirou-se Gouveia para Tolosa, onde se entregou ao ensino do direito e passou a ser lente em Cahors. Em 1554 passou para a universidade de Valencia, epocha em que estava gosando de uma grande reputação.

Cujas, seu successor, proclamava-o o maior de todos os interpretes do direito romano.

Depois os habitantes de Grenoble convidaram-no para o ensino com o honorario de 800 libras.

Em seguida passou Gouveia para a Saboya, e foi ensinar direito em Montpellier.

E a superioridade juridica de Gouveia nunca foi posta em duvida, mesmo pelos seus contemporaneos.

O presidente Favre, seu maior admirador, chegou a dizer que nenhum homem houve jamais tão felizmente dotado para a jurisprudencia. Gouveia, no dizer do tal presidente, teria passado alem de Cujas (ou Cujacio) se, confiando com excesso na força natural do

seu genio, não houvesse desprezado o trabalho como inutil, ou como proprio para rebaixar a idéa que faziam do seu talento.

E a *Narração latina* de Loisel, que viu em 1559 Gouveia em Grenoble, affirma que na bibliotheca d'elle nem se via tinta nem penna.

Era, porém, pouco amigo do trabalho, e por isso Cujas disse: «Houvera renunciado á interpretação do *Direito romano*, se Gouveia fosse capaz de aturar um trabalho serio e continuo».

Suas lições attrahiam um grande numero de estudantes, e em 1560 a cidade de Grenoble foi obrigada a tomar providencias para o alojamento dos estudantes, porque as hospedarias já não podiam receber maior numero.

E é grandissima a lista das obras d'este celeberrimo portuguez.

Francisco Solano Constancio escreveu em inglez, em Edimburgo.

Na universidade de Salamanca estudava-se pela summula de Pedro Hispano (Vidal, *Historia da universidade de Salamanca*, pag. 74.)

José Avellino Canongia deu concertos pela Europa (V. Balbi, vol. II).

Na *Poblacion general* de Rodrigo Mendes da Silva, impressa em Madrid em 1764, na afamada typographia de Joaquim Ibarra, acha-se o seguinte, no prologo do tom. I, ampliado pelo novo editor d'esta obra originaria de Echard, addicionada por Vasgien e La Serra:

«Ainda que Francisco Lomsol publicou uma *Descripcion de los rios de España;* Geronymo Roman, uma *Geographia universal de este reino;* Gaspar Terreiros uma *Topographia de algunos lugares de Espana;* e Antonio de Vasconcellos *La descripcion del reyno de Portugal,* póde-se affirmar, sem receio de nos enganarmos que a geographia hespanhola não deve a todos estes juntos tanto como a Rodrigo Mendes da Silva.

«Suas memorias têem sido a verdadeira base sobre que se têem formado os mappas da nossa nação.

«Em 1460, Antonio Nebrija, a quem as sciencias devem tanto, publicou uma *Cosmographia*. Em 1496 João de Barros apresentou uma *Descripção de Portugal*. O padre Fernando Oxea, dominico, que morreu em 1490, foi quem publicou pela primeira vez um *Mappa de*

Galicia, que se encontra no Atlas de Abraham Ortelio, e que foi aperfeiçoado em 1620 pelo padre Pedro de Sierra, da mesma religião.

Pedro de Medina fez um *Mappa de España* em 1560, e o padre Albano de Roxas, em 1539 compoz um *Mappa do reyno de Aragão.*

Porém, todos estes *Mappas,* depois que se publicou a obra de Rodrigo Mendes da Silva, foram corrigidos dos erros que n'elles se tinham introduzido e que o sabio Mendes da Silva tornou patentes [1].»

Caldas (Giuseppe Gioachino da Silva Pereira).— *Lettera del professor di matematica nel liceo nazionale di Braga, al suo chiarissimo collega del instituto archeologico di Roma, l'excellentissimo signor conte Salvatore Fenicia, gran dignitario e gran croce dell'ordine capitolare dell'antica nobiltà dei quattro imperatori d'Allemagna, e membro della società dell'union dei poeti di Francia, etc.* Braga, tipografia di Domenico G. Gouveia, in 8.º, 8 paginas).

O auctor n'esta carta declara-se amantissimo da lingua italiana, e agradece um exemplar de um poemetto intitulado *San Luigi Gonzaga.*

João Rodrigues Amato Lusitano.—*Index Doscoridis. Ejusdem historiales campi cum expositione Joannis Roderici Castelli albi lusitani.* Amberes. *Por la vinda de Cesar,* 1536 folhas. Citado por Don Miguel Colmeiro, *La botanica y los botanicos de la peninsula hispano-lusitana,* pag. 1. Madrid, 1858.

In Dioscoridis Anazarbei de materia medica libros enarrationes, por Amato Lusitano, ou seja João Rodrigues.

Venecia, por Scoto, 1553, tomo I, in 4.º

Strasburgo, por Richel, 1554, in 4.º de 536 paginas.

Venecia, por Ziletto, 1557, in 4.º de 514 paginas.

Lion, pela viuva Annolleti, 1558, in 8.º de 807 paginas e mais 76 no principio e 16 no fim, cheias de figuras. Idem, pag. 2.

Abbade C. da Serra (José Francisco Correia da Serra):

I. «On the fructification of the submersed Algae». *Philosophical Transactions.* London, 1796.

II. «On a submarine forest en the coast of England.» *Philosophi-*

---

[1] Professor Pereira Caldas na reimpressão da *Raridade bibliographica, Favores do céu a Portugal.* Porto, 1871, pag. 26.

cal Transation. London, 1799. *Nicholrons Journal,* vol. III. *Philosophical Magazin*, vol. IV.

III. «Observations sur la famille des orangers et sur les limites qui la circonscrivent.» *Annales du museum,* tomo VI. Paris, 1805.

IV. «Observations carpologiques.» *Annales du museum,* tomo VIII. Paris, 1800.

«Es una memoria en francés, acompañada de tres laminas y del *Observationum carpologicarum fasciculus prior,* que en el mismo tomo se continua con el titulo de *Suites des observations carpologiques,* en latin, ocompañadas de trés laminas.

V. «Vues carpologiques». *Annales du museum,* tomo IX. Paris, 1807.

«En el mismo tomo se hallan otras *Suites des observations carpologiques,* en latin, acompañadas de trés laminas.

VI. «Sur la germination du Nelumbo». *Annales du museum,* tomo XIV. Paris, 1809. Memoria acompanhada de uma lamina.

VII. «Note sur la valeur du perisperme consideré comme caractere d'affinité des plantes». *Annales du museum,* tomo XVIII. Paris, 1811. *Bulletin de la societé philomatique,* tomo XI.

Felix de Avellar Brotero.—«An account of the frutification of Lycopodium denticulatum.» *Transactions of Linnean society,* vol. V. Londres, 1800.

J. J. Gama Machado.—*Theorie des ressemblances, ou essai philosophique sur les moyens de determiner les dispositions physiques et morales des animaux d'après les analogies de formes de robes et de couleurs.* Paris, 1831.

Impulso ás letras. Publicação mensal. Redactor J. M. da Silva e Sousa (Novembro 10 de 1865, n.º 2).

Hongkong: Na typographia Union Printing office, in 4.º de pag. 27 a 62.

Só possuo este numero, e ignoro se esta publicação continuou.

É uma collecção de artigos sobre varios assumptos, como estudo da religião, sobre a educação, sobre a litteratura, poesias, infidelidade de um amante, etc.

Parece-me, porém, que o leitor não levará a mal que eu ainda por mais alguns minutos lhe tome a attenção para que veja quão bri-

lhante é a immensa aureola de gloria que cinge o nome de Portugal em todos os paizes europeus.

Nicolau Antonio na sua *Bibliotheca nova* falla-nos de um Pedro Lopes, lente de medicina em París [1]. Tambem menciona um Rodrigo da Fonseca, lente em Padua e portuguez de nação [2]. Falla-nos outrosim de um celebre advogado, nosso compatriota, em Sevilha e Malaga [3]. Tambem nos menciona um Luiz de Souto Mayor, professor celebre de latim, em Londres [4]. Tambem nos falla de um Luiz Rodrigues de Pedrosa, medico portuguez em Salamanca.

Innocencio Francisco da Silva falla-nos a pag. 224 do vol. VII do seu *Diccionario bibliographico,* de um regente de estudos em Napoles, por nome Sebastião Toscano.

E tambem não deixa de ser notorio para os estudiosos que D. João Froes, tambem nosso compatriota, ensinou na universidade de París, segundo nol-o refere José Maria de Andrade no seu *Curso de litteratura portugueza.*

O nosso Rodrigo de Castro tambem foi socio da antiga e celebre academia de Lincei, fundada no anno de 1603 pelo principe de Santo Angelo, segundo vemos na obra *Atti dell'accademia pontificia de Nuovi Lincei,* Roma, tomo I, pag. 10 e 19.

Tiveram tambem as universidades de Leon, Veneza e Padua por lente a um portuguez por nome Manuel Soares de Ribeira.

Ainda o mencionado Nicolau Antonio [1] nos falla de um Henrique Henriques, jesuita, natural do Porto, e professor de philosophia e theologia em Salamanca e Cordova [5].

Ainda um outro lente portuguez em Salamanca nos menciona Nicolau Antonio no vol. I da *Bibliotheca nova,* a pag. 433, o qual tinha o nome de Francisco Homem de Abreu.

Gabriel da Fonseca foi em Pisa lente de philosophia e em Roma lente de medicina.

O tenor portuguez Alfredo Gazul tem cantado em quasi todos os theatros lyricos da Italia, conquistando os maiores applausos e as mais enthusiasticas ovações.

---

[1] Tomo II, pag. 208.
[2] *Bibliotheca Nova,* vol. I, pag. 267.
[3] *Idem,* vol. I, pag. 62.
[4] *Idem,* vol. I, pag. 63.
[5] *Idem,* vol. I, pag. 563.

São unanimes os jornaes de Milão, Roma, Florença, Turim, Parma, Trieste, etc., em elogiar o tenor portuguez, admirando-o no seu incomparavel methodo de canto, na sua sciencia e educação musical, quer como cantor, quer como violinista, elevando-se os seus reaes merecimentos sobre a sua grande modestia.

Do seu vasto repertorio tem arrancado grandes enthusiasmos na *Somnambula, Lucia, Elixir de Amor, Barbeiro de Sevilha, Rigoleto, Puritanos, Sapho, Fausto, Força do destino*, etc.

Quasi todos os jornaes escrevendo do nosso tenor dizem: «L'egregio primo tenore assoluto Alfredo Gazul, portughese di natali, ma italiano per sentimento artistico».

Convidado em março de 1879 para substituir, por motivo de doença, o tenor Del Passo, no theatro Bellini, de Palermo, fez sua estreia na *Lucia,* resistindo a uma pateada preparada pelos numerosos amigos de Del Passo, merecendo um enthusiastico triumpho que se tem repetido em todas as noites que elle canta, sendo Del Passo obrigado a rescindir da sua escriptura com desprezo publico.

Em Roma segue da estação do caminho de ferro para o theatro, onde canta sem o mais leve ensaio a *Somnambula*, em companhia da celebre Donadio, causando um verdadeiro fanatismo.

Não conhecemos cantor portuguez que saiba modular mais artisticamente a voz, e que com mais belleza e poesia saiba ornar o canto, principalmente em *smorzamentos.*

Nunca poderemos esquecer o magico effeito que sentimos ao ouvir Gazul cantar as arias do *Elixir de amor:* Una furtiva lagrima (a da *Favorita)*, Spirito gentile, e outras...

Voltando, porém, outra vez a fallar de lentes portuguezes em paizes estrangeiros, Vidal na sua *Historia de Salamanca*, a pag. 512, falla-nos de um Fernando Cardoso, natural de Celorico, o qual fôra lente em Valladolid e em Madrid.

O barão de Castello de Paiva, Antonio da Costa Paiva, fallecido em 1879, era socio das academias de medicina e de cirurgia de Marselha, Toulouse e Montpellier.

Fernando Costa foi reitor da universidade de Bordeus [1], e ainda varios outros nossos compatriotas foram lentes n'aquella universidade.

---

[1] *Étude sur Nicolas de Grouchy*, pag. 28.

Isaac Osorio de Castro foi lente em Sevilha, Tolosa e Salamanca.

Amato Lusitano foi lente de medicina em Ancona e Ferrara; Cabral, lente de hydraulica em Roma, onde muito se distinguiu:

Fernando Cardoso, natural de Celorico da Beira, foi lente de medicina em Pincia e depois em Madrid. *Laudatus doctrinæ nomine atque ingenio* [1].

E tambem tivemos em Salamanca um lente por nome Francisco Martins [2].

Mas, antes que passemos adiante, lancemos uns olhares para as obras, onde se encontram elogios ao barão de Castello de Paiva, já fallecido:

I. *Manual Flora of Madeira and the adjacent Islands,* by Rev. T. Lowe. Londres, 1862.

II. *Extrait des annales des sciences naturelles,* par Fournier.

III. *Ann. and Mag. of Nat. Hist. Descriptions of two caleopterous insects from the north of Chine,* by Wollaston, Londres, 1859.

IV. *Journal of Entom. 1860, On the Halticidae of the Canary Islands.* London.

On the coleoptera of the savages Islands.

On the additions to the Madeiran coleoptera from the Ann. and Mag. of natural history for 1860. London.

V. *Trans. Entom. Soc.* (maio de 1861) Londres. *On the Euphorbia infesting coleoptera of the Canary Islands.*

VI. *Ann. and Mag. of nat. history. On certain coleoptera from the Island of Saint Vincent.*

VII. *Ann. and Mag. of nat. history* by R. T. Lowe. *List of the sheels observed at Mogador. Diagn. of new Canar. Islands mollusc., 1862. On the fossil helix coronula recent. 1863. Description of two new Madeira land sheels. 1867. Description of a new Madeira Pupa.*

VIII. *Curti's Botanical Magazine,* by J. D. Hooker.

IX. *Catalog. of the coleopt. Inset. of the Canaries,* by Wallaston. Londres, 1864.

X. *Malakozoclogische Blater.* Cassel von dr. L. Pfeiffer.

XI. *Bonplandia,* by C. Bolle. Hanover, 1859.

---

[1] Nicolau Antonio: *Bibliotheca Nova,* vol. I, pag. 371.

[2] Idem, pag. 445.

XII. *Journal de Conchyliologie*, par M. M. Crosse et Fischer. Paris, 1864 e 1866.

XIII. *Ann and Mag. of nat. history*. by Blackwall.

XIV. *Insectis nuevos*, por D. L. P. Arcas. Madrid, 1865.

XV. *Flora Ratisbonna*, de Reichenbach, 1865.

Abel Maria Jordão era da sociedade de sciencias medicas de Metz, da sociedade medica do pantheon de Paris, e do circulo pharmaceutico de Montpellier.

Considérations sur un cas de diabète. Paris, 1837. Dizem que este trabalho fôra muito fallado nos livros estrangeiros que tratam de taes assumptos.

Um frade portuguez, que escrevia sob o psendonymo de D. Victor Felicissimo Francisco Nabantino, e que residiu por alguns annos em Napoles, mandou estampar, n'aquelle paiz, algumas obras, taes como:

I. *Compendio del Desideroso, ossia Spechio de Religiosi*. Napoles, 1841.

II. *Compendio da dignidade episcopal*. Napoles 1853.

III. *Monopanton das cartas de S. Paulo Apostolo*. Napoles, 1843, etc.

Cypriano Soares, lente em Alcalá de Henares, foi tambem um compatriota que nos honrou no estrangeiro. (Vide Nicolau Antonio, *Bibliotheca Nova*, vol. I, pag. 261.)

José Francisco Correia da Serra, socio da sociedade real de Londres, da Linneana, da dos antiquarios de Londres, membro correspondente do instituto de França, da sociedade philomatica de París, das academias de Turim, Florença, Bordeus, Lyão, Marselha, Liège, Sena, Mantua, e Cortona; das sociedades reaes da agricultura do Piemonte e da Toscana e da economica de Valencia.

I. «On the fructification of the submersed Alge.» (Nas *Philosophical transactions*, de 1796.)

II. «On a submarine forest on the east coast of England.» *(Philosophical Transactions*, 1799.)

III. «On two genera of plants belonging to the natural family of the Aurantia.» *(Transactions of Linnean society*, vol. v.)

IV. «On the doryanthes, a new genus of plants from New Hol-

land next akin to the Agave.» *(Transactions of Linnean society,* vol. VI.)

V. «Observations sur la famille des orangers et sur les limites qui la circonscrivent.» *(Annales du muséum,* vol. VI.)

VI. «Memoires sur la germination du nelumbo.» *(Annales du muséum.)*

VII. «Observations carpologiques». *(Annales du muséum,* vol. VIII, IX e X).

VIII. «Memoire sur la valeur du perisperme, consideré comme caractère d'affinités des plantes.» *(Bulletin de la société phìlomatique,* vol. XI.)

IX. «De l'état des sciences et des lettres en Portugal, à la fin du dix-huitième siècle.» *(Archives litteraires de l'Europe.)*

X. «Sur l'agriculture des arabes en Espagne.» *(Idem,* tomo II.)

XI. «Sur les vrais successeurs des Templiers et sur leur état actuel.» *(Idem,* tomo VII.)

XII. «Observations and conjectures on the formation and nature of the roil of Kontucky.» *(Transaction of the american philosophical society,* Philadelphia, 1811.)

XIII. «Considérations generales sur l'état passé et futur de l'Europe.» *(The american review,* Philadelphia 1812.)

Nicolau Pimenta, da diocese de Lisboa, entrou para a companhia de Jesus em 1562, na idade de dezeseis annos. Ensinou primeiramente theologia em Evora e em Coimbra: em 1596 foi enviado na qualidade de visitador para as Indias orientaes, e governou por muito tempo as provincias de Goa e de Malabar. Morreu em Goa no anno de 1614.

Escreveu duas cartas ao padre Claudio Aquaviva, nas quaes descreveu a visita feita em 1599 e 1600. Foram publicadas primeiramente em italiano por Luiz Zanneto, 1601 e 1602, in 8.°, e d'ahi a pouco em latim.

Eis a noticia das traducções:

«*Epistola Patris Nicolai Piuentæ visitatoris societatis Jesu in India orientali ad R. P. Claudium Aquavivam, ejusdem societatis praepositum generalem.* Goæ, 8 kal. Januarii, 1599. Mediolani, 1601, in 12.°, 160 paginas.

«*Nova relatio historica de rebus in India orientali a patribus societatis Jesu, anno 1598 et 1599 gestis a R. P. Nicolai Pimentæ visitatore, societatis Jesu, ad R. P. Claudium Aquavivam, ejusdem societa-*

tis, præpositum generalem missa. Moguntiæ, ex officina typographica Joannis Albini, 1601, in 8.°, 200 pag. Esta carta é datada de Goa, oito das kal. Jan. 1598.»

«*Lettres du R. P. Nicolas Pimente, visiteur de la compagnie de Jesus en l'Inde orientale au R. P. Claude Aquaviva, general de la dicte societé. Escrites à Goa, le 25 jour de decembre 1599. Traduictes de latim en français.* A Anvers, chez Joachim Tragnese, 1601, in 12.°, 201 paginas.»

«*Lettres du P. Nicolas Pimente au P. Claude Aquaviva, datées de Goa, 1599. Traduites du latin.* Lyon, Jean Pillehotte, 1602, 8.° pequeno.»

«*Exemplum epistolæ P. Nicolai Pimenta provinciæ orientalis Indiæ visitatoris ad admodum R. P. Claudium Aquavivam, præpositum generalem societatis Jesu, de statu rei christianæ in India orientali. Calendis decembris, anno 1600 datæ. Excusum primo Romæ apud Ludovicum Zannetti 1601, nunc vero Moguntiæ, apud Joannem Albinum, anno eodem,* in 8.°, 123 paginas.»

«*Pimentæ, de felici statu et proyressu rei christianæ in India orientali.* Constantiæ, 1603, in 8.°»

«Pimenta. *Sendschreiben von dem glückselingen Fortgang der christenheit in den orientalischen Indien.* Constanz, 1602, in 8.°»

Outro lente de direito notavel houve em Madrid, e este foi o portuguez Miguel da Silveira [1].

Frederico Augusto Oom, no verão de 1860, fez uma viagem ao norte de Hespanha na qualidade de membro da expedição scientifica anglo-russa, encarregada da observação do eclipse do sol. N'esse estudo foi Oom encarregado de observar a corôa luminosa, uma das mais importantes partes do phenomeno: o resultado das suas observações foi publicado nas *Memorias da academia real das sciencias de S. Petersburgo.*

O famoso professor inglez de astronomia Airy celebrou em 9 de setembro de 1861 uma conferencia muito numerosa, na qual descreveu com o maior desenvolvimento scientifico o phenomeno dos eclipses em geral, os quaes observára nos annos de 1842, 1851 e 1860.

Airy, reportando-se aos largos diagrammas que tinha preparado,

---

[1] *Historia da universidade de Salamanca,* pag. 561.

descreveu as representações da corôa luminosa, confessando que as varias informações offereciam grande discordancia. Apontou, porém, determinadamente para duas perspectivas, as de M. Bonami, e do tenente Oom, official da marinha portugueza, e ligado então ao observatorio imperial de Pulkova, e declarou que aquellas duas representações se corroboravam uma á outra e eram uma admiravel reproducção da corôa *(extremely fair representations of the corona)* e ambas, demais d'isso, confirmadas pelas do talentoso engenheiro M. Weedou. *The Atheneum*, n.º 1:769 de 21 de setembro de 1861, pag. 375 a 377.

Vê-se, pois, que no *Boletim* da mencionada academia e no periodico scientifico *Astronomiske nachritchten* foram publicados alguns trabalhos que Oom executou no observatorio de Pulkova, e que o trabalho em que Oom se occupou ultimamente em Pulkova foi o da determinação das declinações de todas as estrellas até á setima grandeza inclusive, comprehendidas na zona de 58°,46′ de D.C. a 59°,46′, empregando para aquelle fim o grande instrumento de passagens, de Repuld, estabelecido no primeiro vertical, pelo processo de observação que o sr. W. Struve seguira, quando com o mesmo instrumento determinou a velocidade da luz.

Este trabalho foi archivado para opportunamente ser publicado nos *Annaes do observatorio de Pulkova.*

José Silvestre Ribeiro, *O real observatorio astronomico de Lisboa*, pag. 22:

«Oom distingue-se por um notavel talento para o manejo dos instrumentos e em geral para a exactidão das observações.» *Otto Struve.*

Revista das leis e sciencias juridicas de paizes estrangeiros, publicada na universidade de Heidelberg no anno de 1836.

Silvestre Pinheiro Ferreira publicou, a pag. 470 e seguintes, um artigo ácerca do *Codigo commercial* de Ferreira Borges:

«O auctor é o sr. Ferreira Borges, jurisconsulto portuguez, já avantajadamente conhecido por diversas obras, principalmente as relativas a direito mercantil, e derradeiramente por uma obra sobre *Medicina forense*, geralmente estimada: o sabio auctor colheu proveitosamente, não só das melhores collecções legislativas sobre commercio, mas aproveitou as observações que se acham espalhadas por todos os escriptores d'este direito sobre os erros e omissões que se encontram nos diversos *Codigos commerciaes,* principalmente do

francez, eis-aqui a rasão por que nenhum outro *Codigo* existente póde ser equiparado ao novo *Codigo* portuguez, não só quanto ao numero e á importancia das determinações legislativas, como á escolha dos argumentos que lhe servem de fundamento.»

Falla depois o texto sobre o methodo e termina com estas palavras:

«Mas por desejarmos outro methodo na ordem das materias, d'ahi não se segue que não devamos sustentar, como sustentâmos, que n'este *Codigo* se acha ampla provisão para todas as necessidades do commercio.»

Outro lente portuguez houve na universidade de Salamanca, e este foi Henrique Jorge Henrique [1].

Royal astronomical society of London, vol. IV, novembro 11 de 1836.

«On the formulae for the computation of procession. By M. Matheus Valente do Couto, director of the observatory at Lisbon.

«The object of this memoir is to correct an error into which Delambre had fallen respecting the value to be assigned to the variation of the obliquity of the ecliptic in the formulae for the annual procession of a star in right ascension and declination.»

Couto pretende fazer ver que Delambre não avaliou bem a variação da obliquidade da ecliptica, quando asseverou devia entrar na formula da precessão annua de uma estrella em ascensão recta e declinação.

O astronomo portuguez pretende demonstrar que aquella variação tem um valor muito menor do que aquelle que lhe dá mr. Delambre, e por isso não deve entrar na formula d'aquella processão annua, como praticam os astronomos que a desprezam.

Cabral (Abate D. Stefano).—«*Richerche istoriche ed idrostatiche sopra la caduta del Velino nella Nera colla dichiarazione di un nuovo metodo per determinare la velocità e la quantità delle acque correnti ed altro nuovo metodo di elevare l'acqua nè sifoni a grande altura dedicale All'Illmõ. mõ. monsignore Benedetto Passionei clerico della rev. camera apostolica.* In Roma, 1786. Per Antonio Fulgoni. Con

---

[1] Nicolau Antonio: *Bibliotheca Nova*, pag. 563.

licensa de' superiore. Si trovano presso Benedetto Settari libraro a S. Ignacio», in 8.°, XII, 82 pag. com 2 mappas.

«Ho avuto il parece di ammirarvi l'esatteza con cui il diligentissimo autore ha saputo raccogliere ad insieme ordinare tutte le notisie, tanto storiche che idrostatiche, spetianti a quella celebre caduta, egualmente il di lui ingegno singolare che apparisce nelle due Machinette, le quall si derevivono nulle due appendice.»

Assim se exprimiu o censor d'esta obra do padre Estevão Cabral, o professor dos cadetes nobres de S. Petersburgo, e n'aquelle tempo professor em Roma, Gioacchino Pessuti.

E ninguem o póde negar. Cabral era um hydraulico de primeira ordem.

Stacio (Achilles).—D'este nosso famoso escriptor encontra-se uma poesia latina em honra da victoria da celebre batalha de Lepanto, a pag. 37 da collecção que tem por titulo *In fœdus et victoriam contra Turcas juxta sinum Corinthiacum Non. Octob.* MDLXXI *partam, poemata varia.* Venetiis, 1572.

D. fr. Jorge de S. Thiago, dominicano, estudou em París, doutorou-se na mesma cidade na faculdade de theologia e foi lente de theologia na mesma.

Foi chamado para Portugal por D. João III, mandado por este ao concilio do Trento no anno de 1545.

Figueredo (Doctor Sebastian Gomez de).—Lusitano, cathedratico que fue de philosophia en la universidad de Salamanca, y collegial en el collegio de Santa Maria Magdalena, y rector que es del collegio de S. Pedro de Braga y canonigo predicador de la cathedral y primacial iglesia de la misma ciudad.

«*Melicia christiana de los tres enemigos del alma*, dividida en tres libros. Con privilegio. En Salamanca, en casa de Juan Fernandez, 1596, in 4.°, 454 paginas.»

Esta obra é dedicada ao arcebispo de Braga D. fr. Agostinho de Castro, successor de D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

Serzedo (Conego Manuel da Silva).—«*Meditações sobre as maximas eternas e sobre a paixão de Jesus Christo para todos os dias da semana, do Beato Affonso M. de Liguori com outros actos devotos e uteis a todo o christão. Segundo a edição de Roma na typographia*

Marini 1832. Traduzidas do italiano para portuguez. Roma, typographia Ferretti, 1839, in 8.°, 125 paginas.

Fragoso (D. Juan de Matos).—*Ver y crer, comedia fanosa de*— Segunda parte de *Doña Ignez de Castro*. Sevilha, por Francisco de Leefdael, en la casa del Correo Viejo, em verso, 32 paginas.

O celebre Francisco Xavier de Oliveira escreveu no estrangeiro todos os seguintes trabalhos.

I. *Memorias das viagens*. Amsterdam, 1741.

II. *Cartas familiares*, vol. I, Amsterdam, 1741. Vol. II e III, Haya, 1742.

III. *Viagem á ilha do Amor*. Haya, 1744.

IV. *Carta ao sr. Isaac de Sousa Brito*. Haya, 1741.

V. *Mille et une observation*. Amsterdam, 1741, vol. II.

VI. *Memoires de Portugal*. Amsterdam, 1741, vol. II. Haya, 1742, vol. II.

VII. *Reponse à la lettre de mr. C. D. M. M.* Amsterdam, 1741.

VIII. *Oeuvres melées*. Londres.

«Pereira (Jonathan) M. D. F. R. S. & L. S., fellow of the royal college of physicians in London; associate of the college of physicians of Philadelphia; honorary member of the pharmaceutical societies of Great Britain, Saint Petersburg and Portugal; of the physico-medical society of Erlangen; and of the association of hessian physicians; corresponding member of the society of pharmacy of Paris; examiner in materia medica and pharmacy to the university of London; professor of materia medica to the pharmaceutical society; and physician to the London hospital.

«*The element of materia medica and therapeutica*. Fourth edition, enlarged and improved, including notices of most of the medicinal substances in use in the civilised world and forming an *Encyclopaedia of materia medica*. London. Printed for Longman, Brown, etc., 1854, tres volumes in 4.°, 982 paginas.

Manuel Mendes da Costa, socio da academia real das sciencias na Inglaterra.

No vol. X das *Acta physico-medica academiæ Caesareæ Leopoldino Carolinæ naturæ*, Norimberg, 1754, vem a noticia da admissão

a socio d'este homem em 1753, da qual academia era socio, debaixo do nome de Plinius IV.

Jocobi Tevii Bracarensis.— «*Opuscula aliquot in laudem Joannis tertii lusitaniæ. Regis, et principis ejus filii, et fratris Ludovici, atque item Sebastiani primi Regis ejustem nepotis.* Salmanticæ, Excudebant haeredes Joannis a Junta. Florentiæ, 1558».

Antonio de Gouveia.— «*Innocentia victrix, sive Sententia comitum imperii sinici pro innocentia christianæ religionis, lata juridice per annum 1669 et jussu Antonii de Govea S. J. ibidem* v *provincialis, unico latine exposita.* Cantão, 1671».

«*Garciæ Lopii lusitani, Portalegrensis medici, Commentarii de varia Rei Medicæ Lectione, Medicinæ studiosis non parum utiles.* Antuerpiæ, apud Viduam Martini Nutii, 1564. Cum gratia et privilegio», in 8.º, 86 paginas.

Portuguezes que foram lentes em paizes estrangeiros

Hespanha

Salamanca

Lentes de theologia.....	Fr. Diogo Fernandes. Alvaro Gomes.
Lentes de canones.....	Fernão Ayres de Mesa. Pedro Margalho. Miguel da Costa. D. João Altamirano. Vasco Rodrigues.
Lentes de leis.....	Manuel da Costa. Ayres Pinhel. Heytor Rodrigues. Ascencio Gomes. Nuno da Costa.

Lentes de leis . . . . . D. Francisco de Puga.
Ayres Barbosa.
Francisco Caldeira Phebo.
Antonio Gomes.
Amador Rodrigues.

Lentes de medicina . . . . . Duarte Fernandes.
Ambrosio Nunes.
Francisco Fernandes.
Luiz de Lemos.

Lentes de philosophia . . . . . Agostinho Nunes.
João Soares de Brito.
Sebastião Gomes de Figueiredo.

Lente de mathematica . . . . . Raphael Nogueira.

Lente de astrologia . . . . . Gabriel Gomes.

Lente de rhetorica . . . . . Francisco Homem de Abreu.
João Fernandes.

Lentes de humanidades . . . . . Francisco Martins.
Manuel de Azevedo.
Gaspar Alvaro da Veiga.
Manuel de Oliveira.

Lente de grego . . . . . Ayres Barbosa.

Barcellona

Lerida

Lente de theologia . . . . . Fr. Thomas Tostado.
Fr. Agostinho Osorio.

Ossuna

Lente de theologia . . . . . Fr. Pedro de Abreu.
Lente de medicina . . . . . Affonso Nunes de Castro.

Saragoça

Lente de theologia . . . . . Fr. Pedro de Alverca.

S. Thiago

Lente de theologia ..... Fr. Placido de Lima.

Alcalá

Lente de theologia ..... Fr. Timotheo de Seabra.
Paulo Correa.
Fr. João de S. Thomás.

Lente de medicina ..... Thomás de Aguiar.

Sevilha

Lente de medicina ..... Dionysio Velho.

Valladolid

Lente de theologia ..... Fr. Nicolau Coelho do Amaral.
Fr. Serafim de Freitas.
Fr. Gaspar de Mello.

França

Paris

Lentes de theologia ..... D. João Froes.
D. Pedro Sardinha.
Fr. Gaspar dos Reis.
Fr. Jorge de S. Thiago.
Fr. João da Cruz.
Fr. Duarte.
D. Fr. Diogo Soares de Santa Maria.
Diogo de Gouveia.

Artes e humanidades ..... Diogo de Gouveia.
D. Antonio Pinheiro.

Lente de medicina ..... Diogo da Silva.

Montpellier

Lentes de medicina ..... Fernão Mendes.
Lazaro Ribeiro.
André Lourenço

Avinhão

Lente de leis	Antonio de Gouveia, que depois tambem ensinou em Tolosa.

Bordeus

Lente de theologia e philosophia	D. Francisco Soares de Vilhega.

Italia

Lentes de theologia	Fr. Gregorio Nunes. Francisco da Costa.
Lentes de canones	Diogo Secco. Jorge Calhandro.
Lentes de humanidades	Thomás Correia. Achilles Estaço.
Lente de historia ecclesiastica	Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo.
Lentes de rhetorica e philosophia	Manuel Constantino. João Vaz da Motta.

Piza

Lentes de leis	Bento Pinhel. Diogo Lopes de Ulhoa.
Lentes de philosophia	Filippe Elisio Montalto. Martinho de Mesquita. Gabriel da Fonseca.
Lentes de medicina	Jorge de Moraes. Estevão Rodrigues de Castro. Rodrigo da Fonseca.

Bolonha

Lentes de canones	D. fr. Alvaro Paes. Manuel Rodrigues Navarro.

Lente de escriptura..... Fr. Luiz de Beja.

Lente de rhetorica..... Thomás Correia.

Ferrara

Lente de leis ..... Luiz Teixeira.

Lente de medicina ..... Amato Lusitano e João Rodrigues de Castello Branco.

Padua

Lente de leis..... Estevão das Neves Cardeira.

Lente de medicina..... Rodrigo da Fonseca.
Duarte Madeira.

Lente de philosophia ..... Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo.

Turim

Lente de medicina ..... Pedro de Barros.

Tolosa

Lente de leis ..... Antonio de Gouveia.

Lente de medicina ..... Pedro Vaz Castello.
Francisco Sanches.

Inglaterra

Na universidade de Canterbury

Lente de theologia..... Fr. Thomé de Portugal.

Belgica

Louvain

Lente de theologia..... Fr. Antonio de Sena.
Fr. Luiz de Soto Mayor.
Fr. Agostinho da Graça.

Lente de controversia ..... Fr. Diogo Soares de Santa Maria.

Gand

Lente de medicina..... Filippe Montalto.
Padre Manuel de Sá.

Gomes Freire de Andrade andou na campanha da Russia contra a Turquia, e Catharina II conferiu-lhe distincções.

Marquez de Alorna ao serviço de Napoleão I.

Duque de Lafões, ao serviço da Austria; distinguiu-se em varias campanhas na guerra dos «sete annos».

Sobre linguas americanas

Antonio de Araujo, *Cathecismo,* na lingua brazilica. Lisboa, 1618, segunda edição, ibid. 1686.

Bernardo Nantes, *Cathecismo indico,* da lingua Kariri, dos Indios do Brazil. Lisboa, 1709.

Diccionario portuguez braziliano. Lisboa, 1795.

José de Anchieta, *Arte da grammatica mais usada na costa do Brazil.* Coimbra 1595.

Luiz Figueira: *Grammatica da lingua brazileira.* Lisboa, 1687.

Luiz Vicencio Mamiani, *Grammatica da lingua brazilica da nação Kariri.* Lisboa 1699.

E se mais exemplos não aponto, não é porque não haja mais obras para citar, mas sim porque tenho tão sómente de apresentar exemplos, não me devendo deter n'um assumpto do qual apenas falle incidentemente.

E que dirá o leitor ácerca d'essas furiosas guerras que os nossos tiveram com os hollandezes, já na Europa, já nas regiões americanas?

Dirá, com certeza que parece um prodigio estupendo o poderem arcar com tantos povos ao mesmo tempo?

E entre esses povos topavam-se os mouros e os turcos, que por

toda a parte nos perseguiam, e sobre os quaes nossos antepassados incessantemente descarregavam certeiras espadeiradas.

E quantas recordações de nossos antepassados não encontra ainda hoje o portuguez em Roma?

Mas não só em Roma: por todas as partes as encontraes. Ide a Mascate, ide a Ormuz, e vereis como ellas por ali abundam, assim como tambem abundam na Palestina.

Muitos dos templos que se erguem no solo hespanhol foram erigidos com o dinheiro enviado de Portugal para taes construcções.

Em todas as regiões asiaticas encontraes recordações nossas. Tambem as encontraes na Russia, e ali muitos dos nossos compatriotas succumbiram luctando com denodo contra os exercitos de Napoleão.

Um ramo de conhecimentos humanos houve, ao qual os portuguezes se entregavam com alma, vida e coração. Foi ao estudo das linguas estrangeiras. Não sómente escreveram obras primorosas em latim, lingua em que se abalisou Jeronymo Osorio, mas tambem se entregaram ao estudo do grego. Mas ainda os nossos theologos se tornaram distinctissimos no conhecimento da lingua hebraica. Estes idiomas, porém, poder-se-hão dizer indispensaveis para os theologos. Mas os portuguezes cultivaram muitos outros idiomas como, por exemplo, linguas americanas.

Todi cantou no baptisado da princeza da Beira. *Memorias historicas.*

Arator (Cardinalis).— *Historia apostolica cum commentariis Arii Barbosæ, Lusitani.* Salamanticæ, 1516.

Cabral (Estevão).— *Delle Ville e de' piu notabili monumenti antichi della Citta e del territorio di Tivoli.* Roma, 1779, in 8.º com um mappa.

E na Italia temos actualmente Alfredo de Andrade que tambem sabe honrar o nome portuguez.

Sarmento (J. de Castro).— Doutor em medicina, do collegio real dos medicos de Londres e socio da sociedade real.

«*Do uso e abuso das minhas aguas de Inglaterra, ou Directorio e Instrucçam, para se saber seguramente quando se deve ou não*

usar d'ellas, assim nas enfermidades agudas, como em algumas chronicas, e em casos propriamente de cirurgia. Pello inventor das mesmas aguas, impresso em Londres, em casa de Guilherme Strahan, no anno 1756, in 8.º grande, XXXIV, 288 paginas, terminando por uma advertencia ao publico, não paginada.»

Soromenho (Augusto).— «Professeur d'histoire à l'école superieure de lettres, membre honoraire de la societé des antiquaires de Londres, de l'institut royal archéologique de la Gran-Brétagne et de l'Irlande, correspondent de la société archéologique de Berlin, de l'institut archéologique de Rome, officier de l'ordre de la Couronne royale de Prusse, et membre demissionaire de l'académie royale des scéences de Lisbonne.

La table de bronze d'Aljustrel. Rapport adressé à monsieur le ministre de l'intérieur. Lisbonne, imprimérie nationale, 1876, in 8.º grande, 11 paginas com estampas.

Em Florença tambem Portugal deixou recordações historicas.

A familia Ximenes de Aragão provém de um certo Fernão Ximenes, a quem os portuguezes aprisionaram na batalha de Toro. Fixou-se depois na Covilhã, onde casou com Joanna Nunes de Aragão. Tiveram filhos, e um d'elles foi um dos primeiros jesuitas portuguezes [1].

Duarte Nunes de Aragão viveu na Covilhã pelos annos de 1500. Acompanhou a Saboya a infanta D. Brites, filha de el-rei D. Manuel.

Em Lisboa achava-se em 1530 casado com D. Izabel Rodrigues de Veiga.

Teve um filho por nome Fernão Ximenes de Aragão, rico, e que viveu por muito tempo em Colonia e em Antuerpia, d'onde fugiu por causa das luctas dos calvinistas para Florença, e aqui deixou um legado importante [1] á irmandade dos homens bons de S. Martinho em Lisboa, pelo que o papa o galardoou de um modo não vulgar.

Nicolau Ximenes, filho quarto de Ruy Nunes Ximenes, viveu em Florença, e foi um dos quarenta e oito senhores da governança. Chegou até mesmo a ser primeiro senador e presidente de justiças. Falleceu em 1611, e foi sepultado na capella mór de S. Pedro de

---

[1] Visconde de Castilho: *Lisboa antiga*, vol. II.

Florença, da qual era padroeiro, por a ter edificado á sua custa juntamente com seu primo Sebastião Ximenes.

Casou com Maria Antonori, irmã do padre Antonori, geral da religião de S. Domingos.

D. Rodrigo Ximenes viveu em Florença, casou com Flavia Mancini, filha de Paulo Mancini, fundador da academia dos humoristas.

Thomás Ximenes, filho terceiro do dr. Duarte Ximenes de Aragão, nasceu em Lisboa em 1534, foi contratador de pimentas, e n'esse trafego grangeou grandes riquezas. Por vezes prestou serviços de dinheiro aos dois primeiros Filippes, elevando-se os seus emprestimos á quantia enorme, para aquelles tempos, de 300:000 cruzados.

Sebastião Ximenes de Aragão passou a viver em Florença, e ahi succedeu na casa de Fernão Ximenes, senhor do Rochedo, de Samerano e da cidade de Saturnia, cavalheiro da ordem militar de Santo Estevão Papa, e prior dos cavalleiros d'ella, na provincia da Romagna, priorado e commenda por elle instituidos com licença do terceiro grão duque de Florença Fernando I, em 20 de setembro de 1593, constituindo para fundo da sua renda 40:000 escudos de 7 libras cada um.

Fundou em Florença um grande palacio com quatro frentes cada uma para differente rua, e foi um dos quarenta e oito senadores do governo. Falleceu em Piza no anno de 1633.

Na casa succedeu Thomás Ximenes. E Rodrigo Ximenes, seu irmão, morreu em Flandres no anno de 1611.

Fr. Jorge Ximenes vivia no mosteiro de S. Thomás de Aquino, onde fundou um seminario para a propagação da fé catholica, e para collegiaes gregos.

E em Napoles existia até não ha muitos annos um egresso portuguez, que ali se entretinha a escrever livros em italiano.

O joven Arthur Napoleão esteve mais de doze mezes na Gran-Bretanha, e ajuntou mais dinheiro com o producto de seus concertos do que pianista algum conhecido.

Como genio creador, seria um absurdo o querer comparar qualquer talento precoce ao joven Mozart, porém, considerando as enormes difficuldades que apresentam os solos para piano forte tocados pelo joven Arthur, não hesitâmos em o proclamar superior em execução ao proprio Mozart.

Este menino fallava tres linguas e mostrava uma intelligencia es-

pantosa sobre qualquer assumpto de que se tratava. Em summa, considerado por todos, era a maior maravilha que tinha apparecido desde a visita de Mozart a este paiz.

Musical union. London, janeiro de 1852.

Vieyra (Anthony).— *Dictionary of de portuguese and english languages*, in two parts; portuguese and english, and english and portuguese: wherein I. The words are explained in their different meanings, by examples from the best portuguese and english Writers. The etymology of the portuguese generally indicated from the latin, arabic and other languages. Throughout the whole are interspersed a great number of phrases and proverbs. Parte II. By Transtagano, Teacher of the latin, arabic, etc. A new edition, carefully revised and improved. London. 1794. Printed for F. Wingrave, etc.

Felix de Avellar Brotero:

I. *Transactions of Linnean society,* vol. VI. London, 1802.

II. Description of Callicocca Ipecacuanha. *Transactions of Linnean society,* vol. VI. London, 1802.

III. Description of a new genus of plants named Aranja, and of a new species of Passiflora. *Transactions of Linnean society*, vol. XII. London, 1817.

III. Description of two new species Erythrina. *Transactions of Linnean society,* vol. XIV. London, 1824.

Compendio elementar de geographia para uso da mocidade que frequenta as escolas. Traduzido do inglez por J. F. de Gouveia. Bombaim. Na typographia de E. & Job Printing Press. 1866. in 8.º grande e muito largo.

Na capa lê-se:

«Ao publico:

«Devem saír brevemente a publico os seguintes livros adoptados á instrucção da mocidade:

«*Leitura para as escolas* (traducção do francez).

«*Noções geraes de grammatica portugueza.*

«*Historia de Inglaterra* (traducção do inglez) e juntamente *Historia de Portugal,* adoptada ás escolas de instrucção primaria.

«*Miscellanea,* coordenação.

«*Noções geraes de arithmetica*, idem.

«*Noções geraes de civilidade.*

«*Rudimentos de lingua franceza.*

«*As duas irmãs* (traducção do francez) obra adoptada ás meninas.

«*Conselhos a minha filha* (traducção do francez), obra igualmente adoptada ás meninas.

«*Viagem á roda do mundo, por uma senhora* (traducção do inglez).

José Francisco Correia da Serra foi innegavelmente o mais celebre botanico que Portugal produziu. E d'elle se encontram os trabalhos seguintes em obras inglezas scientificas:

I. On two genera of plants belonging to the natural family of the aurantia. *Transactions of linnean society*, vol. v. Londres, 1800.

II. On the Doryanthes a new genus of plants from New Holland next akin to the Agave. *Transactions of Linnean society*, vol. vi, com 2 estampas. Londres, 1802.

III. De l'état des sciences et des lettres en Portugal à la fin du dix huitième siècle. No jornal francez *Archives litteraires*. Paris, 1804, pag. 63 a 77, e continúa depois desde pag. 269 a 290.

Fr. João de Sousa, religioso da congregação da terceira ordem da penitencia de Portugal, secretario e interprete da dita lingua, era um valente arabista, e sua grammatica arabe ainda hoje gosa de boa reputação. Assim como ainda encontram merecimento na *Grammatica indostana*, a mais vulgar que se pratíca no imperio do Grão Mogol, para uso dos muitos reverendos padres missionarios do dito imperio, e estampada com 149 paginas, in 8.º, na impressão regia. Anno de 1805.

Tambem estamparam em Bombaim, no anno de 1866, o *Compendio elementar de geographia para uso da mocidade que frequenta as escolas*, estampado na G. Job Printing Press, in 8.º grande com 80 paginas. E foi ou traductor ou auctor um J. F. de Gouveia.

Porém, annos antes, fôra estampada em Calcutá, na officina typographica, 1797, in 8.º com 87 paginas, a traducção, por Vicente Ferreira, da *Arte de conciliar os affectos das mulheres a seus maridos*, E tem ainda uma dedicatoria ao sr. José Barreto, não paginada.

Mas já desde longas datas se estampavam livros em Goa. *O flagello dos mentirosos*, em lingua da Abyssinia, foi dado á estampa em 1642 por Antonio Fernandes.

Amigo leitor, nas regiões orientaes ainda se não esqueceu o nosso

idioma, e ainda n'elle muitas e muitas obras veem á luz da publicidade.

E eis alguns exemplos:

Pedro Gastão Mesnier: *Viagem do visconde de S. Januario ás praças do norte, Bombaim, Praganá e Surrate.* Nova Goa, 1871.

Idem, idem, o Japão e Macau, 1874.

Albino Manuel Pacheco: *Uma viagem de Tete ao Zumbo.* Moçambique, 1883.

Novena especial em honra da Immaculada Conceição de Maria para obter, pela invocação d'este glorioso titulo, qualquer graça assignalada. Traduzida do francez por J. M. da Silva e Sousa. Hong-Kong. Impressa na typographia de D. Noronha, 1857, in 8.º de 25 paginas.

Cartilha com estampas para uso da mocidade. New-York. Publicado pela sociedade americana de Tratados. N.º 150, rua de Nassam, 64 paginas.

É um methodo para aprender a ler na lingua portugueza.

Em summa nada mais vulgar do que encontrar livros impressos em portuguez em todas as grandes cidades asiaticas.

A voz do Salvador

Alma, ouve ao Senhor,
A Jesus, o Salvador;
Jesus falla, e a ti;
Peccador, amas a mim?

Estando preso te soltei,
E ferido te curei;
Eu vim salvar a ti
Peccador, amas a mim?

Minha graça tu terás,
Minha gloria tu verás;
Vida eterna dou a ti:
Peccador, amas a mim?

Bem me pesa, Ó Senhor,
Que não tenha mais amor.
Mas vos amo, bem sabeis;
Oxalá amarmos mais.

Plenitude de Jesus

Todo o meu vil peccado
Ponho, Jesus, sobre ti:
Um Cordeiro immaculado
Padeceste tu por mim.

Sou immundo, sou manchado,
Venho, Jesus, para ti:
Teu sangue derramado
Póde bem lavar a mim.

Pobre, cego, nu, coitado,
Olho, Jesus, para ti:
Em Jesus enthesourado,
Tudo fica para mim.

Triste sou, mui carregado;
Quero descansar em ti,
Pelo que sou consolado;
Allivias tu a mim.

Este coração cansado
Ponho, Jesus, sobre ti:
Assim fique reclinado,
Abraçando tu a mim.

Jesus! nome bem amado!
É mais suave que senti
Do que balsamo espalhado
Todo ao redor de mim.

Oxalá qu'assimilhado
Fosse já, Jesus, a ti!
Tu és tão immaculado,
Tão humilde! Ai de mim!

És de Deus o amado,
Bem amado filho tu,
Todo livre do peccado:
Faças tal a mim, Jesu.

Quero ver-me levantado
Para ti acima já,
Onde sempre tu louvado
És dos anjos: Oxalá!

Soliloquio de uma alma penitente ao sepulcro de Nosso Senhor Jesus Christo. Do illustrissimo e mui reverendo abbade Maria José de Gérambe, monge da Trapa, intitulado *Ao sepulcro do meu Salvador*. Traduzido do francez para italiano pelo reverendissimo abbade Lingi de Biradelle, e vertido d'este em lingua portugueza por um emigrado da mesma nação. Roma, 1846. Na typographia de Frederico Lampate, rua das Convertidas, n.º 19, in 8.º grande, 32 paginas.

Um pensamento ao Sepulcro de Nosso Senhor Jesus Christo

Sepulcro augusto, que da raça humana
D'esperança firme és penhor superno,
E de um Deus de piedade, sempiterno
Momento vivo de dilecção soberana!

Ah! quanto dos mortaes a quéda insana
Seria de exasperar no fundo Averno,
Se o crime, que purgou resgate eterno,
Damnasse a vida na escravidão tyranna!

O meu bom Deus e Pae; Jesus, Libertador,
Se co'a vossa morte redimiste o mundo,
Revocando á vida eterna o peccador,

Eis-aqui, Senhor, prostrado o mais immundo:
Perdão por esse sangue! E ouvindo meu clamor,
Salvae minha alma do Barathro profundo.

Voltemos, porém, outra vez a fallar dos livros estampados na Asia:

Philosophia, logica, metaphysica e moral. Do novo manual completo dos aspirantes ao bacharelado em letras, por E. Ponelle, 4.ª edição, Paris, 1732. Traduzida pelo dr. João Candido de Deus e Silva. Compendio n.º 2. Bombaim, na typographia portugueza do *Pregoeiro,* impresso por John Stephens, 1838, in 8.º de 151 paginas.

«... Em segundo logar, mister é que cultivemos a nossa bella lingua, e augmentemos a nossa industria dando occupação ás nossas typographias e livreiros, dispensando a importação de tantos livros estrangeiros que consomem grande cabedal nosso. Demos a ganhar aos nossos operarios o que lucram estranhos.

«Para que traduzem francezes todos os livros de todas as nações da Europa e America para a sua lingua?

«Em terceiro logar, o Brazil é já independente, e faz uma nação ha onze annos, e ainda não lançou os fundamentos de uma litteratura propria e nacional: os americanos hespanhoes nossos confinantes têem já começado este trabalho, traduzindo infinidade de obras francezas para a lingua hispanica, as quaes formam já grande catalogo, e typographias ha em França e Estados Unidos que só se occupam de multiplicar aquellas versões.

«E nós devemos ainda ficar-lhes atraz?

«Creio que nenhum brazileiro dirá que sim. Mettamos, pois, hombros á empreza. Eu com minhas poucas forças n'isto as tenho empregado, e se mais não faço é por falta de meios, e não de vontade, porque a impressão de livros exige despeza, e por ora não ha entre nós muito quem os compre.

«*A arte de ser feliz, As applicações da moral á politica, A philosophia moral* e a *Economia politica de José Droz,* a *Theoria das*

assembléas legislativas de provincia de Frilot e outras, foram já por nós traduzidas...»

Antonio José dos Reis Lobato: *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Macau, 1838, 213 paginas.

João Ferreira de Almeida: *Differencia da christandade*. Batavia, 1668, in 8.º, 160 paginas.

José Baptista de Miranda e Luria: *Alectere Philomena invicta, Eustaquio magnanimo e o Desenganado*, poemas precedidos de uma breve noticia da vida do auctor. Hong-Kong, 1866, in 8.º 61, XIII-24, 26, 7 paginas.

Victorio F. de Santa Maria: *Doutrina christã e rosario de Nossa Senhora, composto em metro. Segunda impressão*. Roma, 1776, 12.º, 84 pag.

J. J. Rodrigues de Freitas: *Noticia ácerca de Portugal*. Traduzida em portuguez. Bombaim, 1873, in 8.º, 148 paginas.

Joaquim Ferreira de Almeida: *O novo testamento*. Trangambar, 1765, 765 paginas n'um tomo.

Novo testamento. Amsterdam, 1712, 1 vol; de 425 paginas.

Funeral que pela infausta e sentida morte da senhora D. Maria II de saudosissima memoria fizeram os portuguezes residentes n'esta cidade. Recife, 1854, in 8.º, 1 vol., 128 paginas innumeradas.

Dr. Jacob de Castro Sarmento: *Sermam funebre ás deploraveis memorias do muy reverendo e doutissimo Haham Asaleem Morem e R. David Nieto*. Londres, 1728, in 4.º, XI, 64 paginas.

Marem Verabem Acohem: *Triumpho da virtude*. Sermão prégado á occasião do natalicio de Sua Alteza Serenissima Guilherme V, principe de Orange. Nassau, 26 paginas, in folio.

João Ferreira de Almeida: *A Biblia sagrada, contendo o novo e*

o velho testamento. New-York, 1854, in 8.°, 1 tomo de 886-283 paginas.

José Rodrigues Nello: *De rusticis Brasiliæ rebus.*

Bernardo Maria Cannecatim: *Diccionario da lingua bunda ou angolense.* Lisboa, 1805.

Doutrina christã, composta na lingua do reino do Congo. Lisboa, 1624.

Pedro Dias: *Arte da lingua de Angola.* Lisboa, 1697.

Antonio de Couto: *O gentio de Angola, instruido nas cousas da fé,* em portuguez e angolense. Lisboa, 1621.

Vaz (Francisco dos Santos) professor da cadeira da lingua franceza na villa de Margão: *Lições praticas para se aprender a fallar e escrever correctamente o idioma francez e a traduzil-o com propriedade em portuguez.* Offerecidas aos seus alumnos pelo presbytero—. Nova Goa, 1860. Na imprensa nacional, in 8.° grande, 212 paginas.

Rivara (Joaquim Heliodoro da Cunha).— Bacharel formado na faculdade de medicina pela universidade de Coimbra, professor de philosophia no lyceu nacional de Evora, bibliothecario da bibliotheca publica eborense, paleographo approvado na escola do archivo nacional da Torre do Tombo, socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, socio correspondente do instituto geographico e historico brazileiro, secretario do governo geral do estado da India, ex-deputado da nação portugueza, etc.

Ensaio historico da lingua concani. Nova Goa, 1858. Na imprensa nacional, in 4.°, XLIII-496 paginas.

Dias (P. Pascoal).—Natural de Carmona, provincia de Salsete:

I. *Stabat Mather,* vertido em linguagem com varias orações, tudo em versos. É um folheto de 32 paginas, in 32.°, sem declaração de anno, nem logar de impressão, mas impresso em Goa na imprensa nacional, no anno de 1855.

É em lingua concani.

II. *Novas meditações em lingua de Goa* (concani) *para visitar a via sacra.* Nova Goa, imprensa nacional, 1856, 32 paginas de 12.º

III. *Preparação da oração mental, seguida de quinze mysterios do rosario e da magnificat, e oração de S. Francisco Xavier.* Nova Goa, imprensa nacional, 1857, 32 paginas in 32.º

Joseph (P. Theotonio) da companhia de Jesus, escreveu:

Compendio da doutrina christã, ordenado pelo padre— em lingua bramana goana para ensinar os meninos. Lisboa, na offic. patr. de Francisco Luiz Ameno, com as licenças necessarias, 1758, in 32.º

Consta este compendio de tres capitulos: o primeiro contém o texto das orações e elementos da doutrina christã; no segundo se explica o nome, obrigação e signal do christão, as virtudes theologaes e a graça de Deus; no terceiro (que é pela maior parte tirado de uma *Instrucção*, composta pelo padre Joseph Pereira da companhia de Jesus) se explicam os principaes mysterios da fé de Christo, a disposição necessaria para a confissão e communhão sacramental.

Os segundo e terceiro capitulos são em portuguez [1].

Pedrosa (P. João de), natural de Coimbra, no bispado de Leiria, e filho de João Fernandes e Antonia Pedrosa. Entrou para a companhia de Jesus no noviciado de Coimbra a 26 de fevereiro de 1632, quando contava dezeseis annos de idade. Esteve muitos annos na missão de Salsete, e foi reitor do collegio de Rachol. Falleceu em Goa a 10 de maio de 1672.

Soliloquios divinos. Compostos pelo padre Bernardino de Vilhegas, da companhia de Jesus, cathedratico de prima de theologia em o seu collegio de Santo Estevão de Murcia, e *calificqdor do santo officio*, traduzidos em lingua bramana pelo padre da mesma companhia, missionario em Salsete da provincia de Goa. Impresso no collegio novo de S. Paulo, 1660, 128 folhas.

Alegre (Marianno Mont'), natural de Goa:

Noção originaria da India. Dada á luz em 1852.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, diz que lhe parece este opusculo ser impresso em Bombaim.

---

[1] Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara: *Grammatica da lingua concani*, pag. CLXV.

Rivara (Joaquim Heliodoro da Cunha):

Grammatica da lingua concani, composta pelo padre Thomás Estevão, e acrescentada por outros padres da companhia de Jesus. Segunda impressão correcta e annotada; a que precede como introducção a *Memoria sobre a distribuição geographica das principaes linguas da India,* por sir Erskine Perry, e o *Ensaio historico da lingua concani* pelo editor. Nova Goa. Na imprensa nacional, 1857, in 8.° grande, ccxxxvi–251 paginas.

Rodrigues (João), tambem lhe chamam Girão, nasceu em Alcochete, na diocese de Lisboa, em 1559. Entrou para a companhia de Jesus em 1576, e partiu para o Japão em 1583, onde passou o resto de seus dias. Fez um estudo particular da lingua japoneza, e soube conciliar a estima de Taïkosana. Rodrigues morreu em 1633[1].

I. *Arte da lingua do Japão,* composta pelo padre João Rodrigues, portuguez, da companhia de Jesus, dividida em tres livros. Com licença do ordinario e superiores. Em Nangasaqui no collegio do Japão, da companhia de Jesus, anno de 1604, in 4.°

Esta obra, impressa em papel do paiz, é um 8.° grande de 240 folhas, entrando n'ellas o indice, mas não o rosto, o privilegio, o prefacio e a advertencia. O privilegio, datado de 22 de abril de 1604, acha-se na *frente* da segunda folha, as approvações estão no *verso,* o prefacio assignado pelo auctor occupa a terceira folha: vem a seguir a advertencia em duas folhas; a totalidade do volume é, portanto, de 245 folhas.

Lê-se no fim da tábua: «Com licença do ordinario e superiores em Nangasaqui no collegio de Japam da companhia de Jesu. Anno 1608».

A folha 81 não é paginada e segue-se immediatamente a folha 84, sem que por isso esteja falta. A obra é em caracteres italicos muito maus. A impressão não sómente não é nitida, mas até mesmo é má, e até uma palavra se acha cortada e separada em duas, ao passo que duas palavras se acham juntas e parecem não formar mais do que uma só. É, porém, certo que este livro é rarissimo, e que se vendeu em Paris por 640 francos no leilão Langlès.

II. *Arte breve da lingua japoa, tirada da arte grande da mesma*

---

[1] Augustin et Alois de Backer: *Bibliothèque des ecrivains de la compagnie de Jesus,* vol. I. pag. 638.

lingua para os que começam a aprender os primeiros principios d'ella, pelo padre João Rodrigues. Amaco, 1624, in 4.°

Este compendio é igualmente tão raro como a obra grande acima mencionada, da qual é extrahida.

Elémens de la grammaire japonaise, par le pêtre Rodrigues; traduits du portugais sur le manuscrit de la bibliothèque du roi, et soigneurement collationnés avec la grammaire publiée par le même auteur à Nangasaki en 1604, par M. C. Landresse, membre de la société asiatique; précédés d'une explication des syllabaires japonais et de deux planches contenant les signes de ces syllabaires, par mr. Abel Remusat. (Ouvrage publiée par la société asiatique.) Paris, à la librairie orientale de Dondey, Dupre, père et fils, 1825, in 8.° xv–142 paginas.

Supplement à la grammaire japonaise, du pêtre Rodrigues, ou remarques additionelles sur quelques points du système grammatical des japonais, tirées de la grammaire composée en espagnol par le pêtre Oyanguren et traduits par M. C. Landresse, membre de la société asiatique, precédés d'une notice comparative des grammaires japonaises des pêtres Rodrigues et Oyanguren, par mr. le baron G. de Humboldt. (Ouvrage publié par la société asiatique.) Paris, à la librairie orientale de Dondey, Dupré, père et fils, 1826, in 8.°, 31 paginas.

Abel Remusat *(Biog. univ.,* tom. xxxviii, 1824), avaliava assim estes livros:

«É uma obra confusa, prolixa e muito mal dirigida, feita como todas as outras do mesmo genero que foram redigidas por aquella epocha, pelo plano das más grammaticas latinas, que tinham curso na Hespanha e Portugal.

«O auctor desprezou totalmente as diversas escripturas do Japão, e não distinguiu sufficientemente o que tem relação com a lingua propria dos japonezes, do que diz respeito aos chinezes, lingua sabia, e, até certo ponto, usual n'estes povos. A orthographia que seguiu na representação das palavras japonezas e a ausencia total dos caracteres originaes, para os quaes o auctor nenhuma regra estabeleceu de transcripção, tornam o uso do seu livro absolutamente impraticavel para todo aquelle que não tivesse antecipadamente alguma tintura dos elementos da lingua escripta e fallada.

«Parece que Rodrigues percebeu os principios de sua grammatica; pois elle proprio redigiu um contrato, no qual procurou dispor as materias n'uma melhor ordem, e supprimir as minuciosidades superfluas.

«O manuscripto d'este extracto existe na bibliotheca do rei, e a sociedade asiatica, com o fim de fazer com que fossem conhecidos os elementos do japonez, julgou nenhuma outra poder escolher mais apropriada para este fim. Mandou traduzir para francez este manuscripto, e actualmente acha-se no prelo.

«Mas, como o auctor tinha principalmente querido ser util a seus confrades, que se destinavam para a prégação e para a confissão, e como tinha, por esta rasão, feito recair os córtes sobre as noções litterarias que tinha reunido na sua grande obra, houve o cuidado de comparar esta e de extrahir d'ella tudo quanto podia ser de algum interesse.»

A obra de Melchor Oyanguren appareceu com este titulo: *Arte de la lengua japona, segun el arte de Nebrixa*. Mexico, 1738, in 4.º

Os jesuitas publicaram tambem um diccionario japonez.

Vocabulario de lingua de Japam com a declaração em portugues, feitos por alguns padres i ermãos da companhia de Jesu. Em Nangasaqui no collegio de japam da companhia de Jesu. Anno de 1603, in 4.º Impresso em papel do paiz e vendido por 639 francos no leilão Langlès.

Vocabulario de Japon declarado primero en portugues por los padres de la compania di Jesus de aquel reyno y aora en castellano en el collegio de Santo Thomás de Manila. En Manila, por Thomás Pimpin y Jacinto Magauriva, 1630, 4.º pequeno.

Esta traducção, quasi tão rara como o original portuguez, foi vendida por 599 francos no já referido leilão.

Suothwell não cita a grammatica japoneza, e diz tão sómente: «*Scripsit litteris japonicis plurium annorum, 1604, 1605, 1606, 1609, 1610, 1611, 1612 e 1625, quarum aliquæ reditæ.*» Italice impressæ sunt Romæ typis Zannetti, 1610, in 8.º aliæ iisdem typis, 1625, in 8.º

Eis quanto encontrei do texto e das traducções:

Matteo Couros et Gio. Rodrigues Giron: *Tre lettere annue del Giapone, de gli anni 1603, 1604, 1605, 1606, mandate dal P. Francesco Pasio al P. Claudio Aquaviva.* Bologna, Gio. Battista Bellagamba, 1609, in 12.º

Relatio historica rerum in Japoniæ regno gestarum anno Domini 1603, 1604, 1605 et parte 1606, ternis annis litteris comprehensa, et a P. Francisco Pasio illarum partium V. Provinciale ad R. P. N. Claudium Aquavivam, societatis Jesu Praepositum Generalem missa. Edita primum. Romæ, 1608, apud Bartholomæum Zannetum italice,

nunc vero latine reddita. Moguntiæ, ex officina Balthasari Lippii. Anno de 1610, in 8.º, 300 paginas.

Contém este volume:

«Annuæ litteræ anni MDCIII. Ad P. Claudium Aquavivam Societatis Jesu, Generalem datæ... Nangasaki, 6 octobris 1603, V. Paternitatis Filius in Christo Mathæus Couros, pag. 1 a 66.

«Litteræ annuæ ex Japonia datæ ad P. Claudium Aquavivum, Præpositum Generalem societatis Jesu, anno 1604... Nangasaci, 23 nov. 1604. Ex commissione P. Provincialis P. V. filius indignus in Domino Joan. Rodericus Giron, pag. 67 a 128.

«Annuæ litteræ e Japonia conscriptæ ad P. Claudium Aquavivam, Generalem Societatis Jesu de anno 1605... Ex commissione P. Vice Provincialis Vestræ Paternitatis filius et servus in Christo Joannes Rodericus Giron, pag. 128 a 300.»

Lettres annales du Japon. Envoyées par le R. P. François Pasio, Vice Provinciale de ces quartiers là, au R. P. Claude Aquaviva Général de la Compagnie de Jesus. Nouvellement traduites d'italien en français par les pères de la même Compagnie. A Lyon, chez Pierre Rigaud, en rue Mericére, au coing de rue Ferrandiere, à l'Horloge, MDCIX. Avec privilege du roi, in 12, 496 paginas.

Contém este volume:

«I. Lettres Annales, escriptes du Japon au R. P. Claude Aquaviva, Général de la Compagnie de Jesus, de l'an 1602. De Nangasachi, le 6 octobre 1603. Mathieu Couros, pag. 1 a 100.

«II. Lettres Annales, escriptes du Japon au R. P. Claude Aquaviva, Général de la Compagnie de Jesus de l'an 1604... De Nangasachi, 27 de novembro de 1604. João Rodrigues Girão, pag. 101 a 193.

«III. Lettres Annales, escriptes du Japon au R. P. Claude Aquaviva, Général de la Compagnie de Jesus, de l'année 1605... João Rodrigues Girão, pag. 194 a 496.»

Novena de S. Francisco Xavier, apostolo do oriente, para alcançar por sua intercessão as graças que se desejam. Nova edição. Acrescentada com a versão portugueza das antiphonas e orações. Nova Goa, imprensa nacional, 1859. Reimpresso em Shangae, na typographia de A. M. de Carvalho, 1862, 18 paginas.

A avidez com que têem solicitado os devotos exemplares da novena do grande apostolo das Indias, e a grande escassez que se tem sentido d'elles, chegando a ponto de se não encontrar, mesmo em

casos em que se tem mandado pedir á capital da India portugueza, onde ella primeiro veiu á luz, foram os motivos que induziram a offerecer á piedade christã portugueza esta nova edição que tem por unico intento preencher a falta que se sente em diffundir em maior escala esta devoção, em a qual se glorifica a Deus, honrando-o com o seu Santo.»

Quadros (A. I. de), *Ensaio litterario, O odio do homem e a justiça de Deus*. Paraphrase da biblia. Benaulim 1665, na typographia da *Sentinella da liberdade*, in 8.º, 76 paginas.

Labeleye (Emilio).— Professor de economia politica na universidade de Liège, membro do instituto de direito internacional, das academias reaes da Belgica, de Madrid e de Lisboa, correspondente do instituto de França, official de academia da universidade de França, etc.

Do futuro dos povos catholicos. Estudo de economia social, traduzido do francez pelo dr. Miguel Vieira Ferreira. New-York. Typographia do Novo Mundo, 1876, in 8.º, 43 paginas.

Tratado sobre as partidas dobradas, por meio do qual podem aprender a arrumar as contas nos livros, e conhecer d'ellas todos os curiosos impossibilitados de cultivar as aulas d'esta importantissima sciencia. Turin, na officina de Diogo José Avondo, impressor do eminentissimo senhor cardeal arcebispo e da illustrissima cidade, 1764, in 8.º grande, 157 paginas.

O mez de junho consagrado á devoção do Santissimo Coração de Jesus. Traduzido do italiano por Manuel J. M. G. da Silva. Hong-Kong, impresso por Sousa & C.ª, in 8.º grande, 29 paginas.

Almeida (Fr. Angelo de): *Sermão de acção de graças a Nossa Senhora da Victoria, em satisfacão de um voto que se lhe fez por um beneficio alcançado por intercessão da mesma Senhora,* prégado na Santa Igreja da cidade de Elvas e offerecido ao rev. sr. Fernando Madeira Grazia, dignissimo arcediago da mesma Santa Igreja. Impresso em Madrid por Gabriel Ramirez, dicho anno, 1738, in 4.º, 32 paginas.

Retrato de Mortecór que em romance quer dizer noticia do con-

jectural, das principaes qualidades do auctor de uns papeis, que aqui andam, mas não correm com o titulo de *Verdadeiro methodo de estudar*, e de uma carta escripta com boa intenção em resposta ás *Reflexões* do padre F. Arsenio da Piedade. Exposta em outra *Carta* do rev. D. Alethophilo Candido de Lacerda, e a dedica a todos os que a lerem, seu amigo P. V. de M. e C. Em Sevilha, en la imprenta de Antonio Buccaferro, in 4.°, 71 paginas.

Carneiro (F. Christovão), filho da mui santa provincia de Portugal, *Ordinis minorum, em 2 de fevereiro de 1612, na igreja de Santa Maria da Veiga, collegio de conegos regulares de Santo Agostinho; na festa da confraria dos estudantes portuguezes*. Dedicado ao ill.^{mo} e rev.^{mo} sr. D. Frei Hieronymo de Govea, bispo das cidades de Africa, confessor da imperatriz, do conselho del rey, etc.

Con licencia. En Salamanca, por Francisco de Cea Tera, año 1612, in 4.°, 23 paginas.

Puranna da bibliotheca. É um livro em verso portuguez e concani, do qual se guarda um exemplar na bibliotheca publica de Goa. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Grammatica da lingua concani*, pag. CLXVIII.

Vaz (Francisco Xavier dos Santos), presbytero, professor da cadeira da lingua franceza na villa de Margão. *Lições praticas para se aprender a fallar e a escrever correctamente o idioma francez, a traduzil-o com propriedade em portuguez*. Offerecidas aos seus alumnos. Nova Goa, 1860, na imprensa nacional, 312–XVI paginas.

Faria (Pascoal Gomes de), presbytero da ordem e habito do principe dos apostolos S. Pedro, natural de Batthim, freguezia de Nossa Senhora de Guadalupe, da ilha de Goa. *Paixão de Christo nosso redemptor*, composta pelo padre Thomás Estevão da companhia de Jesus, acrescentada por—, com algumas cantigas que vão no fim. Anno de 1722.

Almeida (P. Miguel), natural da villa de Gouveia, na provincia da Beira. Entrou para a companhia em Goa, a 12 de setembro de 1624, quando contava dezeseis annos de idade. Foi professo de quarto voto, reitor do collegio de S. Paulo de Goa, e depois provincial. Morreu no collegio de Rachol a 17 de setembro de 1683.

I. *Jardim dos pastores ou festas do anno*, na lingua brahmina. Livro doutrinal. Goa, 1658, no collegio da companhia, in 8.º.

II. *Cinco praticas sobre as palavras «Exsurgens Maria»*. Goa, no dito collegio.

Manual de devoções e doutrina christã. Em portuguez e na lingua do paiz, acrescentada com outros uteis exercicios da piedade christã. Impresso em Bombaim, anno 1848, 18.º, 123 paginas em concani e portuguez.

Compendio de doutrina christã, em lingua portugueza e goana. Bombaim, á custa de Manuel da Cruz, no anno de 1820.

Vaz (P. Francisco), natural de Guimarães [1]. *Declaração novamente feita da muito dolorosa morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Christo. Conforme a escreveram os quatro evangelistas. Feito por um devoto padre chamado Francisco Vaz de Guimarães*. Goa.

Fomos grandes. Os povos foram obrigados a obedecer ás leis dos portuguezes. Por qualquer paiz em que o viajante girasse, via, e ainda vê, recordações do nosso Portugal. Mas nossos antepassados em seus feitos eram tão gigantescos, que muitas e muitas recordações d'elles se encontram ainda por toda a parte.

N'uma carta dirigida ao auctor d'esta obra [2] diz Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara: «Respondendo á sua carta, digo que pouco tenho a acrescentar ao que disse na *Grammatica da lingua concani* sobre o uso da lingua portugueza na Asia. É certo, porém, que n'estes ultimos annos ella vae perdendo terreno pela maior vulgarisação do inglez, e pela maior cultura das linguas vernaculas: comtudo, julgo-a por mais persistente e arreigada em Bombaim e costa occidental, e em Ceilão, onde tem um dialecto especial, mas portuguez, e n'elle se imprimem cada dia livros e jornaes, se pregam os sermões, e é frequente no uso vulgar entre os catholicos...»

A mesma asserção fez o arcebispo resignatario de Goa, a quem na cidade de Braga fui consultar a tal respeito: «que muitos opusculos

---

[1] Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara: *Grammatica da lingua concani*, pag. CCVIII.

[2] Carta a Manuel Bernardes Branco.

e alguns livros eram todos os annos estampados na India em lingua portugueza mais ou menos correcta».

E eu, collecionador de livros escriptos em lingua portugueza nas regiões asiaticas, posso comprovar tambem uma tal asserção. E isto não só na parte que ainda nos pertence, mas tambem nas grandes cidades pertencentes aos inglezes, e o leitor que veja:

São innumeros os livros e opusculos estampados n'um immenso imperio obediente á Inglaterra, mas onde os descendentes dos portuguezes preferem ainda hoje fallar no idioma d'estes,e n'elle dirigir suas preces ao Omnipotente.

E Daguesseau já dizia: «Je ne vous parle point non plus de la langue portugaise qui n'exige pas un article separé, parceque sera un jeu pour vous de l'apprendre quand vous saurez une fois l'espagnol[1]».

Milhares de individuos pertencentes a diversas nacionalidades a têem aprendido, e até mesmo ensinado.

Vamos, porém, ver mais alguns opusculos e livros portuguezes estampados nas provincias e reinos asiaticos:

Levantamento topographico, por Claudio Augusto Carneiro de Sousa e Faro, segundo engenheiro do exercito do estado da India e lente da escola mathematica e militar de Goa, 1869.

Vocabulario portuguez-concani para uso dos meninos, coordenado por J. M. Dias, director da typographia da India. Goa, 1869.

Sobre o tratamento da asthma pela belladona, por José Gerson da Cunha, licenciado na medicina pelo real collegio dos cirurgiões de Inglaterra, licenciado na obstetricia e membro da sociedade medico-physica de Bombaim. No *Archivo de pharmacia,* Goa, 1869.

Estatistica da gente europea existente na India portugueza com referencia aos annos de 1869 e 1870, por A. Gomes Roberto.

Soliloquios divinos traduzidos na lingua bramene. S. Paulo em Goa, 1640.

Representações enviadas pelas christandades do varado de Sawantwary, etc., ao Santo Padre, a Sua Magestade Fidelissima, ao governador geral de Goa, e arcebispado de Goa, primaz do Oriente. Goa.

Miguel Vicente de Abreu:

I. *Constituições do arcebispado de Goa.* Sem data nem logar de impressão.

---

[1] Daguesseau: *Oeuvres,* vol. I, pag. 578. Yverdun, 1772.

II. *Relação das alterações politicas de Goa desde 16 de setembro de 1821 até 18 de outubro de 1822.* Nova Goa, 1862.

III. *O governo do vice-rei conde do Rio Pardo no estado da India portugueza, desde 1816 até 1821.* Nova Goa, 1869, in 4.°

Marquez de Alorna: *Instrucção dada ao seu secretario d'este estado da India o ex.mo marquez de Torres Novas.* Goa, 1836.

Acta do comicio de 21 de outubro de 1886, reunido em Nova Goa, com os discursos e representações. Nova Goa, 1886.

Relatorio da commissão encarregada de demarcar os terrenos na provincia de Satary. Nova Goa, 1866.

Demonstratio Juris patronatus regum Portugaliæ. Novæ Goæ, 1860.

Alfredo Augusto Caldas: *A Zambezia; estudos coloniaes.* Nova Goa, 1888.

Filippe Nery Xavier: *Collecção de bandos.* Pangim, 1840.

Roberto Franzel: *Medicina racional. Critica positiva dos progressos medicos.* Nova Goa, 1855.

Conselheiro Mourão: *Feições meteorologicas de Goa.* Goa, 1868.

Dellon: *Narração da inquisição de Goa.* Nova Goa, 1866.

Decretos sobre a extincção do arsenal do exercito d'este estado e fundação das colonias penaes no ultramar. Nova Goa, 1870.

Miguel Vicente de Abreu: *O governo do vice rei conde do Rio Pardo no estado da India portugueza, official da secretaria do governo do mesmo estado.* Nova Goa, 1870.

Tirocinio litterario. Jornal publicado em Goa, 1866.

Grammatica nacional elementar por Francisco Julio Caldas Aulete, adoptada pelo conselho geral de instrucção publica e additada com os *Elementos da lingua çoncani,* por J. M. Dias. Nova Goa, 1870.

A colonisação europea ou ligeiro cavaco sobre a decadencia e aspirações da India portugueza. Nova Goa, 1882.

C. Lagrange Monteiro de Barbuda: *Uma viagem de 2:000 leguas.* Nova Goa, 1848, in 8.°

Eduardo Augusto de Sá Nogueira: *Os portuguezes no Oriente.* Nova Goa, sem data,

Philoteio Francisco Santa Rita Pereira de Andrade:

I. *Esboço biographico.* Margão, 1883.

II. *Introducção ao estudo de jurisprudencia portugueza.* Margão, 1887, in 8.°

Antonio Joaquim Alvares: *Relatorio sobre o cholera nos concelhos de Sanguem e Quepem.* Nova Goa, 1855.

Denis L. Cottineau de Kloguen: *An historical sketch of Goa.* Madras, 1831. E vertido depois em portuguez. Nova Goa, 1858.

D. Ayres de Ornellas e Vasconcellos: *Apontamentos historico-bibliographicos.* Nova Goa, 1880, in 8.°

José Antonio Ismael Gracias: *Agulha fixa da invenção de Jeronymo Osorio da Fonseca no seculo* XVII. Nova Goa, 1882.

A imprensa em Goa nos seculos XVI, XVII *e* XVIII. *Apontamentos historico-bibliographicos.* Nova Goa, 1880.

José Augusto de Abranches Garcia: *Archivo da relação de Goa, contendo varios documentos dos seculos* XVII, XVIII *e* XIX. Nova Goa, vol. II, in 4.°

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara:

I. *Brados a favor das communidades das aldeias do estado da India.* Nova Goa, 1870, 102 paginas.

II. *Archivo portuguez oriental.* Nova Goa.

Illustração Goana. Jornal litterario.

Justiniano Augusto da Piedade Barreto: *Summario chronologico da legislação portugueza desde 1608 até 1860.*

Julio Gonçalves: *O ultramar.*

Jeronymo Emiliano de Andrade: *Primeiros elementos das quatro partes da grammatica portugueza.* 1865.

Cathecismo historico da religião christã, mandado publicar pelo arcebispo primaz D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa. Nova Goa.

A India portugueza. Orlim. Em 1869. Contava já nove annos de existencia.

Instituto Vasco da Gama. Jornal litterario, o qual contava já quatro annos de existencia em 1875. Nova Goa.

Mappa da India portugueza (em fórma de toalha).

A sentinella da liberdade. Benaulim.

João de Mello de Sampaio: *Dominico Cimarosa vertido do francez em portuguez.* Nova Goa, 1867.

José de Vasconcellos Guedes de Carvalho: *Leis de Manu.* Nova Goa, 1859.

Additamento ás reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente. Nova Goa, 1859.

Diccionario portuguez-concani. Nova Goa, 1868.

D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa. Obras. Nova Goa, 1871.

Codigo dos usos e costumes dos habitantes das Novas Conquistas. Em portuguez e Marata. Nova Goa, 1854.

Querubino Francisco da Gloria Furtado: *O moço instruido*. Goa, 1866.

Filippe Nery Xavier: *Instrucção do vice-rei marquez de Alorna a seu successor o vice-rei marquez de Tavora*. Nova Goa, 1856.

Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto: *Memorias sobre as possessões portuguezas da Asia*. Nova Goa, 1859.

Filippe Nery Xavier: *Resumo historico da vida de S. Francisco Xavier*. Nova Goa, 1861.

José de Vasconcellos Guedes de Carvalho: *Discurso recitado na Sé primacial de Goa, em 3 de dezembro de 1855 na acclamação de D. Pedro V*. Nova Goa, 1855.

Cottineau de Kloguen: *Bosquejo historico de Goa*. Nova Goa, 1858.

Nova organisação dos serviços da India ingleza. Orlim, 1883.

Kalendario civil e ecclesiastico para 1861. Nova Goa.

Folhinha civil e ecclesiastica de Goa. Nova Goa, 1850.

Reflexões sobre o padroado portuguez no Oriente, applicadas á proclamação pastoral do rev. fr. Angelico. Nova Goa, 1858.

Filippe Nery Xavier: *Defensora dos direitos das Grão-Carias e Grão-Cares e seus privilegios*. Nova Goa, 1856.

Joaquim Bernardino Catão da Costa: *O triumpho da verdade*. Nova Goa, 1857.

Defesa do appendice do triumpho da verdade. Goa.

Resposta ao folhetinho que tem por titulo Theological opinion of an eminent catholic divine, the very rev. father Jarrige, missionary apostolic at Pondichery. Goa, 1838.

Pastoral do arcebispo eleito de Goa, primaz do Oriente, mostrando que um denominado Breve Apostolico, datado de 24 de abril de 1838, é supposto. Nova Goa, 1838.

Filippe Nery Xavier:

I. *Esboço de um diccionario historico-administrativo, contendo os principios geraes de administração civil, ecclesiastica e militar*. Nova Goa, 1850.

II. *Collecção de bandos e outras differentes providencias*. Goa, 1851.

III. *Collecção de fac-similes das assignaturas e rubricas dos vice-reis e governadores geraes da India*. Nova Goa, 1853.

IV. *Collecção de fac-similes das assignaturas e rubricas dos arcebispos primazes do Oriente e dos vigarios capitulares do arcebispado*. Nova Goa, 1853.

V. *Codigo dos usos e costumes dos habitantes das Novas Conquistas em portuguez e marata.* Nova Goa, 1854.

VI. *Codigo dos usos e costumes dos habitantes não christãos de Damão.* Nova Goa, 1854.

VII. *Codigo dos usos e costumes dos habitantes não christãos de Diu.* Nova Goa, 1854.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara:

I. *Grammatica da lingua concani.* Nova Goa, 1857.

II. *Grammatica da lingua concani no dialecto do norte.* Nova Goa.

Cartas de Luiz Antonio Verney e Antonio Pereira de Figueiredo. Nova Goa, 1858.

Novas meditações em lingua de Goa para evitar a Via Sacra. Goa, 1856.

Preparação da oração mental seguida de quinze mysterios do rosario e oração de S. Francisco Xavier. Nova Goa, 1857.

Manual da missa e da confissão. Nova Goa, 1860.

Memorias ou trabalhos escolasticos do mez de maio. Nova Goa, 1847.

Thomás Estevão: *Grammatica da lingua concani.* Nova Goa, 1857.

Ensaio da lingua concani. Nova Goa, 1858.

Apontamentos sobre a provincia de Satary do estado da India portugueza: Nova Goa, 1864.

Padre Antonio Pereira:

I. *Sacerdote santificado pelos exercicios espirituaes compostos por Santo Ignacio.* Goa, 1861.

II. *Amante da boa morte.* Goa, 1863.

III. *O dévoto das sete dores.* Goa, 1863.

IV. *Anno liturgico das festas.* Goa, 1864, 5 tomos.

V. *Pius sacerdos.* Goa, 1865.

VI. *Memoria sobre a allocução de Pio IX.* Goa, 1851.

Bernardo Francisco da Costa: *Manual de juiz de paz.* Goa, 1859.

Livros para meninos. Goa, 1846, 3.ª edição.

O investigador (jornal). Goa.

O observador. Goa.

Candido José Morão Palha: *Compendio das lições theoricas do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto anno da cadeira de desenho da escola mathematica e militar.* Goa, 1843 a 1847.

Carlos Pedro Barahona e Costa:

I. *A governação e opposição em Goa no anno de 1867*. Goa, 1867.

II. *Os dois seductores logrados* (comedia). Nova Goa, 1865.

O chronista de Tissuary (periodico mensal). Nova Goa, 1869.

Diccionario portuguez-concani. Nova Goa, 1869.

Elisabeth Joanna Lobato de Faria: *Noções preliminares de geographia*. Nova Goa, 1866.

Filippe Nery Xavier:

I. *Regulamento das confrarias do estado da India*. Nova Goa, 1845.

II. *Libello e replica com o titulo de desenvolvimento dos bens dos dessaiados das Novas Conquistas*. Nova Goa, 1845.

III. *Synopse por ordem alphabetica e chronologica dos objectos mais salientes que comportam os boletins do governo geral do estado da India*. Nova Goa, 1846.

Resenha circumstanciada das passagens dos rios nos tres concelhos das ilhas Salsete e Bardez.

Francisco João Xavier: *Repertorio alphabetico e remissivo para administração da justiça nas provincias ultramarinas*. Nova Goa, 1867.

Legislação sobre a alheação dos terrenos baldios pertencentes ao estado. Nova Goa, 1867.

Relatorio e contas da gerencia das confrarias da igreja de Pangim. 1868.

Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto: *Memorias sobre as possessões portuguezas*, publicadas na Asia. Nova Goa, 1859.

Mas basta.

Esta lista podia ser mui ampliada, mas o ensejo não é mui proprio para um tal fim.

Ficou, porém, provado até á evidencia que na historica cidade de Goa e n'outras povoações asiaticas os prelos gemem com a impressão de obras escriptas no portuguez fallado na Europa.

O portuguez, em tempos antigos era intolerante até ao extremo, não só reduziu ao seu dominio grande extensão de solo asiatico, mas até exigiu que os povos asiaticos tomassem o Deus dos christãos para o logar que por muitos seculos fôra occupado pelos deuses gentios. D'aqui mil crueldades e mil infamias, e tambem as furias inquisitoriaes.

E comtudo a lingua portugueza propagou-se e lá ficou em grande

extensão da India. E a isto acresce que em muitas cidades asiaticas annualmente são dados ao prelo um grande numero de livros em linguagem portugueza.

«Os portuguezes, segundo diz o barão de Bielfeld, não deixam de possuir talento, pois não querendo nós agora recordar, como uma prova d'essa verdade, o poema immortal de Camões e algumas obras estimaveis das academias de Santarem e de Thomar, assim como varias outras de Portugal, o proprio povo tem imaginação e vivacidade.

«Vemos em certas epochas do anno grupos de mancebos descerem das montanhas, vestidos á hespanhola, com a capa pendente dos hombros, o chapéu enfeitado de flores e a guitarra na mão, encantando a toda a gente com a musica e cantigas por elles compostas e acompanhamento do seu instrumento com todo o gosto possivel.»

Ainda hoje na Persia, mas principalmente em Ormuz e em Mascate, existem vestigios do dominio portuguez n'aquella região. É o filho de D. Miguel quem o assevera nas suas *Viagens*.

João de Lucena na *Vida de S. Francisco Xavier* falla de varios portuguezes já mui versados na lingua japoneza.

Chegou a Lisboa, em março de 1890, o sr. Ojeda, ministro plenipotenciario da republica argentina, encarregado da missão de depôr uma corôa de oiro, em nome do seu governo, sobre o jazigo do Rei D. Luiz I.

O amigo leitor conhece essa obra chamada *La clef du cabinet des princes de l'Europe?*

Conhece sem duvida, e sabe tambem que uma tal obra consta de um grandissimo numero de volumes?

Sabe, por conseguinte, tambem que têem a honra de serem postos em primeiro logar os artigos que tratam de Portugal e de Hespanha.

Na obra intitulada *Lyderic, premier forestier de Flandres, ou philosophie morale de la victoire de nos passions,* obra estampada em Lion no anno de 1633, a pag. 215, começa o auctor a fallar dos anjos, exclamando: «Oh! Como os anjos são guias fieis e bons amigos!

«Manuel, Rei de Portugal, pondo de verga d'alto a frota que foi a primeira que fez a descoberta das Indias orientaes, e que dobrou o cabo da Boa Esperança, quiz que a almirante tivesse o nome de Anjo Gabriel, porque do mesmo modo que este principe celeste fez a viagem do céu á terra para nos trazer novas de salvação, da mesma arte esta frota era destinada á conversão dos infieis, e lhes trazia o conhecimento do Evangelho.

«A segunda embarcação da frota foi por ordem do mesmo Rei baptisada com o nome de S. Raphael, nome d'aquelle que serve de guia aos viajantes e peregrinos.

«O sr. Gama, capitão de toda a frota, depois de haver dobrado o cabo, foi fazer aguada n'uma ribeira chamada dos Bons Signaes, e foi erigida no alto de uma bella columna uma bella cruz gravada com o nome de S. Raphael e tambem as armas de Portugal.»

O esculptor portuguez José Pereira Lima Santos recebeu uma grande prova da maneira como os seus meritos artisticos são conhecidos no estrangeiro, sendo nomeado socio honorario do instituto das bellas artes de Urbino, e na qual apenas se contam quinze socios honorarios e entre elles o professor Monteverde, o illustre Grandi Taracchi e Sacconi, o celebre auctor do notavel monumento de Victor Manuel em Roma.

Por aquella nomeação, proposta pelo proprio director do instituto, fica sendo o nosso portuguez professor honorario do mesmo estabelecimento, onde Barabino, Bacchari, Michetti e outros pintores dão tambem grande lustre ao instituto de bellas artes de Urbino!

Por occasião das guerras os mosteiros padeciam muito menos que os particulares.

Em 1682 passou o general castelhano o seguinte documento ao convento de Santo Antonio de Ponte de Lima: «D. Fernando de Toledo, gran prior de S. Juan en los reynos de Castella y Lyon, capitan general de su magestad. Siendo justo y conveniente al serviço de Dios que las iglezias y casas de religion sean tan respectadas, favorecidas e reservadas que de nadie recivan ningun genero de molestia, ni agravio, nos ha parecido tomar, como en virtude de la presente tomamos, debajo de nuestro amparo, proteccion y salva guardia el monasterio de San Antonio de Ponte de Lima, y ordenamos a los coroneles, maestres de campo, capitanes, alferes, officia-

les, soldados y a todas y quaesquier personas que sirven en este felicissimo exercito, que salven, respeten, amparen, defendan y guarden el dicho monasterio de qualquer genero de alocamiento y no permitan que se toque en arbol, ni cosa ninguna del directa ni indirectamente, y nadie hasa lo contrario sob pena de que en los transgressores se executaram las que parecere convenir como contra infractores de nuestros mandatos. Dato em agosto a 1642.»

Chronica da Conceição, vol. II.

Cumpre dizer, porém, que se o numero de livros escriptos em latim pelos portuguezes é maior que os estampados em portuguez, é porque o latim era então a lingua universal. Quem soubesse latim era entendido em todos os recantos do globo. E para comprovar uma tal asserção vou apresentar a versão de um trecho da obra do barão de Bienfield, tomo I, pag. 22.

Diz, pois, nas suas *Instituições patrioticas*, estampadas no anno de 1768: «A vida é tão curta que, no tocante ao estudo, tudo quanto é inutil se torna pernicioso.

«Não poderemos, porém, prescindir do latim. N'esta lingua possuimos excellentes obras que servem para formar o gosto; e tambem no mesmo idioma temos alguns tratados, pelo menos até ao fim do seculo passado, que são escriptos em latim, e ainda hoje ha nações com as quaes só n'um tal idioma poderiamos negociar. E alem d'isto os estudos não podem ser bons e solidos sem sabermos o latim; e, quando mesmo não houvesse outra rasão, esta só bastaria para provar que se torna indispensavel sabel-o a fundo. Mas só com o conhecimento do francez poder-se-ia viajar desde Portugal até á Russia.»

Um escriptor por nome Gulielme Grataroroli, exclama: «É notorio que na Lusitania, a que tambem chamam Portugal, os homens pela maior parte nascem melancolicos e sanguineos. Muitos d'elles são dotados de mui grandes forças, embora não sobresáiam na viveza de engenho [1].

O cavalleiro de Oliveira nas suas *Cartas* dá-nos preciosissimos esclarecimentos ácerca dos judeus portuguezes na Allemanha.

---

[1] Lugduni: *Opuscula*, 1758, pag. 146.

«No hay opera mala con un Caffareli, una Gabrieli, una Todi, una Banti, ó un Crescentini.»

Batteaux: *Principios filosoficos de la litteratura,* traduzidos por Arrieta, vol. v, pag. 215.

Murphy exclama: «Aquelles que declamam contra os frades e contra sua opulencia faziam bem se examinassem se por acaso ha na Europa um fidalgo ou um cavalheiro possuidor de uma fortuna igual á que possuem os frades de Alcobaça, e que faça tanto bem ao seu proximo, como fazem os frades d'este mosteiro.»

James Murphy: *Travels in Portugal through the provinces of entre Douro and Minho, Beira, Extremadura and Alemtejo in the years 1789 and 1790.* London, 1795.

1285. Fr. Nicolau, da ordem dos menores, acha-se em Portugal com poderes do Papa para proceder contra El-Rei D. Diniz por este dilatar o cumprimento de isenções e mais cousas em que o Papa mandava prover os ecclesiasticos.

1286. Por este anno anda em Portugal desavindo com El-Rei D. Sancho de Castella D. Alvaro Nunes de Lara, filho de D. João Nunes de Lara. Portugal era então o valhacouto dos cavalleiros do reino de Castella. Acompanhavam a D. Alvaro dois cavalleiros da familia dos Novaes e Barundos. *Mon. Lusit.,* vol. v, pag. 197.

1287. Vem a Portugal D. Sancho, Rei de Castella, ajudar D. Diniz no cerco de Arronches contra o infante D. Affonso. Foi renhidissimo o cerco, mas o infante fugiu por fim para Badajoz.

1287. Vem a Portugal D. Branca, tia do Rei de França, mulher de pensamentos altivos, e que queria ver antes os filhos litigar pela corôa que se lhe tinha usurpado, que aquietar-se com uma parte tão pequena, pedir favor a El-Rei D. Diniz contra Castella. *Mon. Lusit.*, v. pag. 212.

1287. Encontra-se El-Rei D. Sancho de Castella com El-Rei D. Diniz no Sabugal, pedindo auxilio contra o Rei de Aragão.

1288. Parece que por este tempo ainda vivia em Portugal um hespanhol celebre D. Raymundo de Cardona, cavalleiro aragonez, a

quem no dia 12 de março de 1284 a Rainha D. Brites de Portugal deu o logar de Mourão, doação confirmada por D. Diniz em 1313 para seu filho D. Guilherme. Dizem que D. Raymundo viera para este paiz na companhia da Rainha Santa Izabel.

1289. Vem a Portugal, enviados pelo Papa Martinho IV, o bispo de Leão e os arcediagos de Osma e Salamanca com o fim de tratarem de varios negocios relativos á concordata entre El-Rei D. Diniz e o clero portuguez.

1291. N'este anno morreu em Lisboa D. Nuno Gonçalves de Lara, filho de outro, a quem chamaram o *Bom*, e de D. Tereja Affonso, filho de El Rei D. Affonso de Leão. Levaram-no a enterrar no mosteiro de S. Domingos em Palencia.

1291. Avista-se El-Rei D. Sancho de Castella com D. Diniz para ajustarem o casamento da nossa infanta D. Constança com o infante D. Fernando de Castella.

É o seguinte o titulo da primeira gazeta que parece ter sido estampada em Portugal:

Gazeta em que se relatam as novas todas que ouve n'esta côrte e que vieram de varias partes no mez de novembro de 1641. Com todas as licenças necessarias e privilegio real. Em Lisboa, na officina de Lourenço Anveres, in 8.º grande, 5 folhas alphabetadas e taxadas em 6 réis.

«N'um logar da Beira se affirma que houve um homem que, ouvindo dizer n'uma conversação de amigos que na feliz acclamação de El-Rei Nosso Senhor fizera o crucifixo da Sé o milagre que a todos é notorio, disse que podia acaso a imagem do Senhor despregar o braço, e assim que acabou de dizer estas palavras caiu uma parede junto da qual estavam todos os da conversação, e só a elle matou.»

Janeiro, 1642. «Entre os gallegos que vieram da Beira prisioneiros, veiu um soldado castelhano, o qual diz que trouxera da sua terra umas poucas de patacas que seu pae lhe havia dado para o caminho, e que tanto que chegára á fronteira, estando já para saír a campanha, fôra ter com o cura do logar e lhe deu as patacas, dizendo-lhe que lh'as guardasse, e que se elle morresse na guerra ficariam para elle, com condição que dissesse vinte missas pela sua alma; e que se escapasse lh'as tornaria outra vez a dar.

«Veiu ao campo, travou-se a batalha, venceram os nossos, e trouxeram tantos castelhanos prisioneiros que lhe foi necessario ao soldado untar a cara com sangue e metter-se entre os mortos para não vir captivo como os mais: d'esta maneira ficou no campo até que o mesmo cura, a quem elle fez depositario do seu dinheiro veiu a retirar os mortos, e tanto que o soldado o viu pegou-lhe da capa e muito mansamente lhe disse que estava vivo e que se fizera morto para não o captivarem.

«N'este ponto olhou o cura para os nossos, que estavam perto e defronte d'elle, e começou a dizer em gritos altos: — Senhores portuguezes, aqui está uno castellano vivo entre estes muertos; acudan vueças mercedes y llebenselo, que yo no traigo comicion para retirar vivos, y no quiero engañar a nadie, que soi christiano y temo a Dios.

«Vieram logo os nossos e trouxeram-no preso, e o cura se foi para o logar com mortos e patacas.»

Fevereiro, 1642. Na comarca de Miranda fallou um menino mudo e disse: «Viva El-Rei D. João IV». Isto se sabe de certo, e agora se está fazendo um instrumento de testemunhas por ordem da Sé de Miranda.

N'um dos ultimos numeros da *Revue géographique*, de Paris, apresenta mr. Drapeyron, seu director, uma larga referencia ao trabalho recentemente concluido de mr. Gabriel Marcel, que justamente aprecia os serviços e sacrificios feitos pelos portuguezes na exploração da Africa Austral. Mr. Drapeyron, resumindo o trabalho de mr. Marcel diz:

«Mr. Marcel, bibliothecario da bibliotheca nacional de Paris, demonstrou com provas na mão, os direitos historicos dos portuguezes em Africa.»

De entre os documentos de que elle se serviu, o mais precioso é um mappa manuscripto, que, a julgar pela calligraphia, pela orthographia e pela qualidade do papel, data dos ultimos vinte annos do seculo XVII.

«Duvido de que exista, mesmo em Portugal, um mappa mais antigo e mais circumstanciado da Africa Austral. Faz parte de uma collecção de cartas gravadas e manuscriptas, procedente de um geographo francez, o abbade Michel Antoine Boudrand, fallecido em 1700.

«Essa collecção passou para a abbadia de Saint Germain des

Près, e depois da revolução foi transferida para a bibliotheca do tribunal, cujo sêllo conserva, existindo actualmente na bibliotheca nacional, secção de geographia, onde tem o n.º 388.

«O mappa de Monomotapa mede $0^m,54$ por $0^m,35$. Mr. Marcel publicou-o, reduzido ao quarto d'essas dimensões.

«O curso do Zambeze está traçado com perfeita exactidão. Estão marcadas as cataractas e os rapidos do rio, assim como os portos e os mercados ou feiras.

«Tambem foram indicados os jazigos de oiro e até os de oiro mais fino.

«O curso do Chire, affluente do Zambeze, apparece desenhado atravez de um paiz, representado como fertil e populoso. Dos muitos documentos compulsados por mr. Marcel deduz-se que o curso do Zambeze, pelo menos até ao Zumbo, foi conhecido pelos portuguezes desde o fim do seculo XVII, até ao meiado do XVIII, e que os portuguezes tinham numerosos estabelecimentos fortificados, não só nas margens do rio, senão tambem no interior do paiz e em toda a Mashonalande.

Mas no seculo passado já os estrangeiros fallavam muito das possessões portuguezas, e o *Journal des Sçavans* de 1747, pag. 294, e em muitos outros logares, falla tanto das descobertas e navegações dos portuguezes que é um nunca acabar.

«Twiss na sua obra *Journey through Portugal,* London, 1801, pag. 207, diz que não devemos censurar o nosso Rei D. Affonso VI por mandar que dessem aos soldados inglezes que pelejaram tão bravamente em prol do referido monarcha na batalha do Ameixial, 2 *pounds* de tabaco a cada um d'elles.»

Vemos na carta citada na *Collecção de Hackluit*, que desde 1526 alguns mercadores inglezes tinham relações commerciaes com as ilhas Canarias. Mas foi sómente no meiado do seculo XVI que o ardor dos inglezes para com o commercio dos mares remotos se reanimou, e ampliou seu progresso para o sul.

Em 1552 Thomás Windham, que os inglezes consideram como o pae da navegação nos paizes longiquos, emprehendeu uma viagem a Safim e a Santa Cruz.

Como era desviar-se do Estreito, este arrojo enfureceu de tal modo a corôa de Portugal, que ella ameaçou com os mandar tratar como a inimigos todos os inglezes que tornassem a apparecer n'aquelles logares.

Esta ameaça, porém, não obstou a que o mesmo Windham, acompanhado de um portuguez por nome Anés Penteado, não fosse á Guiné com tres navios tripulados por cento e quarenta homens. E fez o commercio do oiro ao longo da costa. Mas, não pondo limites á sua ambição, quiz, contra a opinião de Penteado, avançar até Berin para fazer um carregamento de pimenta.

O portuguez, conhecendo o perigo d'esta empreza, representou em vão ao capitão inglez que expunha sua tripulação a uma perda certa.

Windham, avido e colerico, bem longe de escutar tão sensatos conselhos, aproveitou-se do ensejo para maltratar Penteado.

Foi punido com a morte da maioria dos seus tripulantes que não poderam aguentar o excessivo calor do clima n'essa estação, e ali morreu.

E se o leitor quizer ver como os inglezes já então se queriam apoderar das colonias portuguezas leia a continuação d'este artigo no *Journal des Sçavans*, de 1747, pag. 69 e seguintes.

Em 1882 foi impresso em Amsterdam, na typographia Binger Frères, um opusculo relativo á India christã, refutação dos livros de Jacoliot, *La bible dans l'Inde et les fils de Dieu*, por monsenhor Pinto de Campos, brazileiro, e o padre Pedro Gual.

O viajante Taylor, a pag. 203 do vol. I de suas *Viagens*, descreve-nos o palacio real de Queluz: e no vol. II nos descreve o de Cintra.

O auctor da obra *Andaloucie et Portugal*, diz a pag. 434:

«Espinho, villa que data da epocha troyana, pois seus habitantes conservavam o costume grego com o bonet phrygio.»

E muitos outros escriptores asseveram que n'este solo estancearam os gregos. E o celebre epigraphista Hübner alguma cousa diz em apoio de uma tal asserção.

«A gente ordinaria ajunta-se em ranchos nas ruas, em frente de nichos, onde rezam e dão bofetadas em si mesmos.

«Nas procissões de quaresma azurragam-se a si proprios horrivelmente, ou arrastam, ao andarem, cadeias presas ás pernas, trazem barras de ferro com os braços em cruz e outras penitencias similhantes.

«Comtudo, n'essas mesmas occasiões, alguns trazem uma fita no hombro para serem reconhecidos de suas namoradas. E Dellon na sua *Historia da inquisição em Goa* assevera o mesmo. Outros namoram, por signaes, na igreja, e isto diariamente, e entregam cartinhas de namoro.

Discripcion de Lisbonne.

L'Esprit de l'encyclopedie, vol. VI, pag. 128, descreve a inquisição em Portugal.

«As excursões nocturnas foram o passatempo de mais de um principe; e, sem citarmos aqui Nero e Messalina, vemos nos tempos modernos o filho da duqueza de Bragança que lhe succedeu no throno, renovar taes scenas extravagantes.»

Heliogabale ou esquisse morale de la dissolution romaine sous les empereurs. Paris, 1802, pag. 16.

O medico inglez Andrew Halliday falla-nos de uma colonia de gregos que se estabeleceram entre Douro e Minho. E que a religião d'aquelles povos era um arremedo da dos egypcios e gregos, e que prestavam cultos a Marte, Minerva e Hercules.

Andrew Halliday: *The present state of Portugal,* pag. 7.

«A um judeu portuguez foi promettido o reino de Chypre logo que fosse conquistada para os christãos aquella ilha.

Alexandre Blanchet: *La Grèce depuis la conquête romaine,* pag. 74.

Em 1507 os portuguezes appossaram-se de Ormuz, na Persia, e introduziram n'aquelle paiz o culto catholico, e a devoção á Senhora da Persia.

A imagem da Senhora da Persia tinha culto, e ainda o tem na igreja de S. Vicente e na da Graça em Lisboa.

Tendo o Papa feito canonisação de alguns Santos Dominicanos, os frades francezes d'esta ordem que em taes occasiões têem que dar alguma cousa para as despezas, não tinham dinheiro. Foram então os frades italianos, hespanhoes e portuguezes que fizeram prodigios. E eis porque não sómente se ajuntaram 30:000 escudos, que eram necessarios para a despeza, mas ainda ficou com que mandar fazer

fogos de artificio que marcavam a alegria e o interesse que os frades francezes tomavam n'aquelle acto.»

Labat: *Voiages,* vol. VI, pag. 184.

Gaspar Ferreira, jesuita, passou para a China em 1608 com o padre Ricci, e prégou em Pekin mais de quarenta annos.

Escreveu em chinez:

I. *Quinze meditações do rosario.*

II. *Exercicios de piedade.*

III. *Diccionario da lingua chineza portugueza.*

IV. *Vinte tratados sobre varios assumptos.*

D. Gregorio Mayens e Ciscar, bibliothecario de El-Rei Filippe V, no *Orador Christiano,* 1733, a pag. 23 da dedicatoria diz:

«Tinha-me valido do mais illustre orador que no seculo passado teve a Hespanha, o padre Antonio Vieira, varão de admiravel engenho e singular eloquencia, e como este padre é o principe da prégação hespanhola, e o meu intento é que se melhore esta, approximando-se mais ao natural modo de orar dos Demosthenes gregos e Ciceros romanos, ou, para melhor dizer, ao methodo de orar dos mais eloquentes padres da igreja grega e latina, tenho allegado varios testemunhos do dito padre.»

Conversação familiar.

Na Cartuxa de Burgos existe uma bella imagem de S. Bruno, maravilha artistica do portuguez Pereira.

Louis Ulbach: *Espagne et Portugal,* pag. 318.

Na obra impressa em Ludgduni com o titulo *Dissertationes ad academicos christianos:*

«P. Antonius Vieira in Lusitania totaque Hispania concinator celebratissimus... has Conciones habuit, quibus vir modestissimus laboris sui fructus tulit, non repetitos quidem, meritus tamen literatorum omnium plausus et admirationem... authoritate examinandi penitiores sacrarum voluminum sensus, subtilitate incredibili, etc., explicanda difficiliora quæque Sacrae scripturae loca ad stuporem divina prope felicitate, etc., facilitate clarissimus.»

Manuel Barreto, jesuita, compoz um *Vocabulario portuguez-japonez,* que ficou manuscripto.

Sabia muito bem o japonez, conforme se lê na bibliotheca dos padres da companhia de Jesus, vol. 3.º, pag. 115.

A deserção de muitas familias portuguezas para Hespanha no tempo d'aquelle valoroso monarcha; a expulsão dos judeus de Portugal no tempo de El-Rei D. Manuel, um sem numero de fundações de familias religiosas que n'este tempo edificaram suas casas, as guarnições que era preciso manter nas praças de Africa, a gente que todos os annos era enviada para o Oriente, todas estas cousas despovoavam Portugal; e o luxo asiatico infeccionando o reino e destruindo o amor da lavoura, da vida simples, frugal e campestre, deu o ultimo golpe á agricultura portugueza.

O Investigador portuguez em Inglaterra, anno de 1811, pag. 86.

A D. Filippe Ibarra, conego na basilica dos Santos Lourenço e Damaso, que se achava em Lisboa, El-Rei D. João V fez mercê do habito da ordem de Christo com 1:000$000 réis de pensão na mesa mestral das tres ordens militares.

Gazeta de Lisboa, julho de 1719.

A colonia portugueza no Hawai era em 1886 superior a 10:000 pessoas. Em 1884 a emigração açoriana e madeirense para ali foi de 63 familias apenas.

Rodrigues Figueiredo escreveu em chinez:

I. *Livro das orações e varias devoções.*

II. *Livro contendo a explicação de toda a fé e do catechismo.*

III. *Exhortação a orar bem.*

IV. *Traducção para chinez do livro de Aristoteles ácerca do céu.*

«The portuguese have many pretty vocal melodies, but the fund of singing is vague among the peasantry of Madeira, scarcely deserves the name of music.»

Robert White: *Madeira*, Edinburg, 1860, pag. 78.

Em 1880 houve uma conferencia na sociedade de philologia de Londres, onde o principe Luiz Luciano Bonaparte leu um ensaio sobre a pronuncia e accentuação da lingua portugueza, comparada com a hespanhola, franceza e varias outras. E um portuguez por nome

Azevedo tomou parte na discussão, discorrendo ácerca do dialecto do Porto comparado com a pronuncia de Lisboa.

O reinado, tão ostentoso, e tão de espavento, do nosso D. João V não podia deixar de dar nas vistas aos estrangeiros, e por isso não admira que muitas cousas se leiam nas *Lettres de Wortley Montegue.*

No *Livro das linhagens*, attribuido ao nosso infante D. Pedro, incessantemente estamos encontrando noticias ácerca dos trovadores que entravam e saiam de Portugal n'aquelles remotos e poeticos tempos.

E quando lemos n'algum livro estrangeiro que os portuguezes do seculo passado eram credulos e fanaticos, abramos-lhe o *Journal des Sçavants* do anno de 1728, e mostremos-lhe a pag. 65 e seguintes, nas quaes apresenta as investigações ácerca do fogo do inferno e dos logares onde este inferno está situado.

Outros estrangeiros, porém, não pensavam no fogo do inferno, e, como Hoffmanseg, iam visitar Tibães, ou mesmo, como fez Pyrard iam á India ver os frades portuguezes, e as bulhas e desordens que elles por lá faziam.

Luiz Antonio Verney, no seu *Verdadeiro methodo de estudar,* analysa os sermões do nosso padre Santo Antonio.

As cartas judias apparecem repletas de anecdotas, e com a leitura d'ellas se distrahiam os vassallos de El-Rei D. João V.

Em 1614, segundo nos diz o padre Labat (vol. I, pag. 217), os religiosos de S. João de Deus, aos quaes o nosso povo chamava os seringas, foram estabelecer-se em Cadiz, no dia 2 de maio.

O cavalleiro de Oliveira, nos paizes estrangeiros desabafava suas lastimas fallando ácerca do amor, ou escrevendo em portuguez intraduzivel.

Ernesto Rossi entendeu dever prestar á litteratura portugueza uma homenagem honrosa, fazendo interpretar pela companhia que dirigia e interpretava elle proprio, o *Fr. Luiz de Sousa,* de Garrett, joia do theatro portuguez.

Os sentimentos nacionaes, as tradições gloriosas de uma historia, e da arte portugueza, veiu um artista estrangeiro acordal-os nas luctas egoistas do interesse individual e mesquinho: Mario Proth, no seu livro *Les vagabonds*, mostra-se conhecedor das glorias de Portugal, e a este paiz chama «uma nova Grecia» [1].

E que poderiamos nós dizer ácerca dos canteiros da Batalha e de Belem: e de Bomtempo, de Arthur Napoleão, de Emilia das Neves, e das Todis [2]?

E quanto se poderá dizer ácerca de Marcos Portugal?

Mas nós temos tido homens grandes em todos os generos.

Quanto se poderá dizer ácerca de Anastacio José da Cunha?

Que botanicos tão famosos não foram Brotero e José Correia da Serra?

Como a mineralogia se deve orgulhar de José Bonifacio de Andrada e Silva!

Quanto não devem as sciencias historicas a cultores de um cunho de Alexandre Rodrigues Ferreira e Lacerda de Almeida!

Quanto devem as nossas letras a João Pedro Ribeiro, a Antonio Caetano do Amaral, e a Santa Rosa de Viterbo!

As sciencias politicas encontram em Silvestre Ribeiro Ferreira um nome europeu.

E a musica encontrou um visconde de Arneiro e um Augusto Machado.

Em Napoles, porém, temos no escadorio do palacio real duas estatuas representando o Tejo e o Ebro.

Em Florença, na igreja dos dominicanos temos a capella e a estatua de Santo Antonio, por João de Bolonha.

Em março de 1890 um tenor absoluto do theatro grão-ducal de Carlsruhe celebrou em Stuttgart o quinquagesimo anniversario da sua entrada em scena, interpretando com grande exito o papel de Vasco na *Africana*.

---

[1] Pour comprendre le grand incident qui forme le noeud de ce conclave, il faut savoir que quatre puissances ont le droit de donner l'exclusion à un cardinal qui va être elu pape: ces puissances sont l'Autriche, la France et l'Espagne et le Portugal.»

Stendhall: *Promenades dans Rome*, serie 12e, pag. 182. Paris, 1858.

[2] *Les vagabonds*, pag. 46. Paris, 1865.

O nome do cantor era Heinrich Southeum, e sua idade setenta annos bem puxados.

Nas *Cartas de Justo Lipsio*, impressas em Paris em 1602, tambem algumas se encontram dirigidas a portuguezes.

Belchior Belliago, na oração recitada em Coimbra no anno de 1548, chama ao nosso famoso Gouveia, varão respeitabilissimo, perito em todo o genero de conhecimentos e doutor famosissimo.

Na obra franceza intitulada *Memoires pour servir à l'histoire des hommes illustres dans la republique des lettres*, Paris, 1730, encontra o leitor duas resumidas biographias, uma de João de Barros e outra de Diogo do Couto.

No vol. IX da *Histoire général des voyages*, livro IX, anno de 1747, encontram-se innumeras noticias ácerca dos feitos dos nossos nas mais remotas regiões africanas.

Todavia, o redactor d'esta obra queixa-se de não apresentarem os auctores das *Viagens africanas* outras memorias ácerca do Monomotapa senão as que se encontram no *Viajante portuguez Barreto*.

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos: *Oração funebre*, recitada nas exequias de Pedro Alexandrino da Cunha. Loanda, imprensa do governo, 1851.

Achilles Statio pertence ao pequeno numero dos sabios portuguezes, pag. 12 [1].

Morhof e varias auctoridades citadas por Baillet fallam com elogio da grammatica latina de Manuel Alvares, como sendo a primeira na qual pozeram de parte as phantasias de nossos antigos grammaticos.

Um auctor mais celebre foi Osorio, bispo portuguez, a quem seu tratado de gloria, e sua historia mais conhecida de El-Rei D. Manuel

---

[1] Hallam: *Histoire da la litterature de l'Europe*, vol. II.

collocou n'um logar distincto entre os imitadores do seculo de Augusto.

Encontraremos alguns extractos de Osorio de Gloria no vol. I da *Retrospectiva ingleza*. E Dupin chama-lhe o Cicero de Portugal.

Alguns graus abaixo de Cujaccio, mas n'uma gerarchia ainda honrosa[1], encontrâmos entre os grandes legistas francezes d'aquella epocha, a Suares, tão dedicado como Cujacio ao estudo da antiguidade, mas differindo d'elle por considerar a pratica do fôro necessaria para formar um jurisconsulto completo: Gouveia, foi portuguez de nascimento, mas residente na França, em quem certos criticos pretenderam reconhecer um talento superior mesmo ao de Cujaccio, e de quem disse Gennari ser elle o unico jurista que devia escrever mais.

Portugal, porém, vira surgir um poeta junto do qual Ercilla se vê inteiramente eclypsado.

O nome de Camões tem uma reputação verdadeiramente europêa; mas os *Lusiadas* estão escriptos n'um idioma que não é geralmente familiar.

E não seria rasoavel o pedir aos criticos portuguezes uma opinião isenta de prevenção a favor de um poeta tão illustre e de um poema tão eminentemente racional.

A *Eneida* reflete a gloria de Roma como n'um espelho: os *Luziadas* são directa e exclusivamente o que seu titulo indica: os portuguezes, isto é, o elogio do povo portuguez.

Sua historia passada vem encaixilhar-se, por meio de episodios, no grande resultado da viagem de Vasco da Gama ás Indias.

Os defeitos de Camões na disposição de sua fabula, e na escolha do seu maravilhoso são bem evidentes: mas foi este o primeiro ensaio feliz feito na Europa moderna para construir um poema epico sobre o modelo antigo: pois a *Jerusalem libertada*, embora incomparavelmente superior, não foi escripta ou publicada tão cedo. É em rasão, talvez, d'esta fórma epica que, mesmo quando era imperfeitamente desempenhada, obteve durante muito tempo da parte dos criticos, e por causa da veneração geral para com a antiguidade, mais respeito do que ella merecia, que a celebridade de Camões foi sempre grande.

---

[1] Hallam, vol. II, pag. 171.

Emquanto á fama vem Camões, entre os poetas do meio dia, immediatamente depois dos primeiros nomes da Italia, e em nenhuma parte esse typo distinctivo que caracterisa a poesia das linguas meridionaes é mais sensivel do que nos *Lusiadas*. Este poema considerado no seu conjuncto parecerá algum tanto fraco e prosaico, os promenores geographicos e historicos são insipidos e fatigantes, o auctor parece ignorar o segredo de tirar partido dos artificios da poesia. Raras vezes nossa admiração póde deter-se sobre os ornatos do estylo, sobre o brilho dos pensamentos e sobre as imagens brilhantes, uma certa negligencia que nos contraria nas mais bellas passagens, e só n'uma segunda leitura seu encanto acha o caminho para nosso coração.

E as famosas estancias relativas a D. Ignez de Castro nos fornecem um exemplo d'isso.

Taes defeitos, que pelo menos parecem taes a um gosto formado na escola ingleza, ou na da antiguidade classica, são grandemente resgatados, e muito mais sem duvida aos olhos dos portuguezes, que não podem ser os nossos, pela ausencia de tudo quanto desgosta, pois não encontrâmos n'este poema nem inchação, nem affectação, nem obscuridade; por uma narração de uma facilidade e de uma limpidez perfeita, por meio de scenas e de descripções que possuem um certo encanto de colorido, que nem por isso deixam de ser menos agradaveis por apresentarem vestigios de uma certa negligencia de toque, por um estylo que se mantem acima da linguagem vulgar, por uma versificação corrente e harmoniosa, e mormente por uma especie de suave desleixo, que, até certo ponto, dá tom a toda a obra, e que recorda incessantemente no nosso espirito o caracter poetico e a sorte interessante do auctor.

Como espelho de um coração tão repleto de amor, de coragem, de generosidade, de patriotisto, como era o coração de Camões, os *Lusiadas* hão de agradar em todos os tempos, seja aliás qual for a ordem que lhe assignarem nos fastos do genio poetico.

E em todas as linguas (diz mr. Southey, provavelmente no *Quarterley Review*, n.º 27, pag. 38) ha uma magia de palavras tão intraduzivel como o sesamo do conto arabe.

Podemos recordar o sentido, mas sendo tomadas as palavras, o encanto desapparece.

Esta magia só tem effeito sobre aquelles para os quaes a lingua é tão familiar como o seu proprio idioma, talvez mesmo sobre aquelles sómente para quem é lingua materna.

Possue Camões uma tal arte na perfeição que é para elle um dom particular.

O episodio mais celebre dos *Lusiadas* é aquelle em que o poeta representa o genio do Cabo erguendo-se do meio do seus mares borrascosos para ameaçar o temerario aventureiro que sulca suas ondas ainda virgens.

Para bem apreciarmos esta concessão, cumpre que procuremos esquecer todas as concessões ás quaes deu origem.

Nada é hoje mais usado em poesia do que um de seus mais sublimes meios, a personificação de objectos sobrenaturaes, e da mesma fórma que vemos os meninos traçarem figuras monstruosas, quando não podem fazer alguma cousa que se approxime da fórma humana, assim tambem qualquer mau rimador, incapaz de descrever um unico objecto em a natureza, acha-se muito á sua vontade desde que trata de um objecto imaginario.

Considerada em si mesma, a idéa é impressiva, e até mesmo sublime.

Acrescentarei que nenhuma cousa conheço que nos possa fazer duvidar de sua originalidade, na unica accepção que se póde dar a esta palavra applicada á invenção poetica: é uma combinação que nos fere com a força da novidade, e que nós não podemos resolver de prompto em seus elementos constituintes.

A *Prophecia de Nereo,* á qual já fizemos allusão, encerra talvez o germen d'esta concepção; mas sob o ponto de vista do grandioso, da apropriação das circumstancias, ella está muito longe da passagem de Camões.

A idéa, todavia, parece bem superior ao genio do auctor. Terno, gracioso, melancholico, em nenhuma outra parte deu signaes de uma imaginação tão vigorosa. E, quando lemos estes versos ácerca do genio do Cabo, é impossivel não percebermos que o poeta, como Frankensten, não póde dominar o monstro que elle creou.

O formidavel Adamastor é encurtado por uma descripção extraordinariamente minuciosa, na qual nem sequer deixa de fallar de seus dentes amarellos.

O discurso posto na bôca d'elle é fraco e prolixo: e uma censura mais grave que podemos fazer a toda esta passagem é que esta terrivel visão sómente serve como ornato, e que ella é impotente contra o bom exito e gloria dos navegadores.

Um genio, sejam quaes forem suas dimensões, que não póde sequer fazer sossobrar uma embarcação, nem mesmo levantar um

temporal, é infinitamente menos temivel do que uma verdadeira tempestade.

Camões é tambem, nas suas poesias ligeiras, o primeiro poeta portuguez d'aquella epocha, e talvez de todas as outras: seus compatriotas o consideram como seu modelo, e julgam as poesias mais modernas comparadas com as de Camões.

Em todos os generos de composição usados por aquelles tempos em Portugal, o poeta deixou provas de sua superioridade. A maioria de seus sonetos, diz Bouterwek, versam sobre o amor, e são elles de um merecimento mui desigual: uns foram modelados com uma correcção classica e respiram uma ternura e uma graça dignas de Petrarca, os outros são impetuosos e romanticos ou desfigurados por um falso saber, ou cheios de eternos quadros dos combates do amor com a rasão.

N'uma palavra, nenhum poeta portuguez comprehendeu tambem o caracter do soneto como foi Luiz de Camões. Seu esforço apparente, sem outro artificio mais do que o contraste engenhoso dos oito primeiros versos com os seis ultimos, soube elle dar uma unidade poetica de idéas e de impressões á imitação dos melhores sonetos italianos, e isto com tanta naturalidade que os primeiros versos ou quadras despertam uma suave esperança que é harmoniosamente cheia pelos tercetos ou seis ultimos versos.

E o mesmo critico falla com elogio de algumas outras composições de Camões em diversos generos [1].

A historia das conquistas dos portuguezes no Oriente, historia mais variada e quasi tão maravilhosa como um romance, foi narrada na *Asia*, de João de Barros, e na de Castanheda, que appareceu no mesmo anno e nos dois seguintes.

E a *Grande viagem de Magalhães* tinha sido escripta por um de seus companheiros Pigatefa.

Em summa em Portugal ha, na realidade, vida e animação. Os estrangeiros fallam de nós, e notabilissimas obras têem escripto ácerca de nossas cousas.

O doutor Manuel Pedro de Mello, lente de hydraulica na universidade de Coimbra, obteve da academia real das sciencias de Cope-

---

[1] *Hallam*, vol. II, pag. 209.

nhague em 1806 o premio do programma sobre o parallelogrammo das forças.

O *Compendio da vida de S. Gonçalo de Lagos*, estampado em Lisboa no anno de 1778, diz-nos, a pag. 12, que o collegio de Nossa Senhora da Graça, incorparado á universidade de Coimbra por alvará regio de 12 de outubro de 1549, só lentes da universidade de Coimbra tinha creado vinte e tres, afora outros muitos que tinham ido ensinar publicamente em outras muitas, e até mesmo nas mais celebres nniversidades da Europa.

O padre João de Lucena, na *Vida de S. Francisco Xavier*, liv. x, cap. xix, descreve o viver d'este homem notavel como possuidor das mais acrisoladas virtudes, affirmando que logo depois de sua morte todos o começaram a invocar navegando. E assim, diz Lucena, fez Deus maravilhoso o nome de seu servo, dando-lhe não pequena parte na virtude e efficacia dos santos martyres.

Nas famosas festas celebradas em Roma por occasião da canonisação de S. João Francisco Regis em 1739 tambem compareceram alguns padres portuguezes, e entre outros o padre Francisco Gomes.

Em Nossa Senhora de Populo, mosteiro da ordem de Santo Agostinho, visitou o celebre arcebispo de Braga o tumulo do famoso cardeal portuguez D. George da Costa, natural de Alpedrinha, e varão famoso em tempo d'El-Rei D. João II de Portugal.

N'uma igreja em Milão havia o tumulo do beato Amadeu, portuguez, o qual na Italia fundou bastantes conventos.

Em Nice encontra-se o tumulo de D. Beatriz, infanta de Portugal.

Fr. João Freire escreveu um livro intitulado *A Cortezã da Gloria* ou *Vida da Beata Veronica*, religiosa do convento de Santa Martha de Milão. E como os duques de Bragança eram protectores da provincia de Santo Agostinho em Portugal e da ordem dos eremitas, exclama o auctor d'esta biographia: «Pois Veronica no convento das religiosas de Santo Agostinho de Milão, tem por protectora uma descendente da Serenissima Casa de Bragança que a imita nas virtudes

e perfeições! Estampe-se sua admiravel vida e gloriosa morte em Portugal, que em Portugal teve a mesma Serenissima Senhora tambem por protectora para com o mesmo affecto e obrigação amparar.

O conde de Tarouca João Gomes da Silva, achando-se ministro na Haya, mandou ali fazer á sua custa um hospital para amparo e remedio dos catholicos, fundação que o papa Clemente XI lhe mandou agradecer n'um breve [1].

Segundo noticiam os jornaes allemães, continuam sendo muito festejados por toda a Allemanha e Hollanda os nossos distinctos patricios, irmãos Andrades.

Francisco de Andrade tem recebido ovações enthusiasticas em Rotterdam, onde tem causado um verdadeiro delirio e excitado a admiração pelo seu bello talento como cantor e actor de primeira plana.

E Antonio de Andrade, que aqui em Lisboa se tem deixado dominar por um mal entendido receio que nunca o tem deixado revelar todo o seu merecimento e saber, na sua *tournée* artistica pela Allemanha tem sabido manter-se a uma grande altura, excitando grande enthusiasmo e promovendo ruidosas ovações. No dia 7 d'este mez cantou em Elberfel a *Carmen*e no dia 8 cantou o *Lohengrin*, sendo em ambas as noites victoriado delirantemente e chamado ao proscenio vezes sem conto, recebendo ricas corôas, *bouquets* e varios objectos de valor. No dia 11 devia ter-se estreiado em Dusseldorf com os *Huguenotes*.

O celebre arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres encontrou em Saragoça uma igreja antiquissima, onde lhe disseram pousavam os restos mortaes da virgem portugueza Santa Engracia. E em Aranda do Douro tambem encontrou um convento da ordem de S. Domingos, começado por fr. Pedro do Soto, e continuado por mandado do bispo de Osma D. Pedro da Costa, famoso prelado portuguez. Fôra tambem bispo de Leon, e ultimamente de Osma, onde fundou um collegio para clerigos, e ao qual deu uma cruz que valeria vinte mil cruzados.

---

[1] Vida e obras da madre Marianna Josepha Joaquina de Jesus, carmelita descalça do convento de Carnide, pag. 19.

O grande tremor de terra que em 1755 arrasou uma grande parte de Lisboa deu origem a que em 1757 estampassem em Paris a obra *Mémoire sur les tremblemens de terre, qui a remporté le prix physique au jugement de l'academie des sciences, belles lettres et arts de Rouen, le 3 août 1757, in* XII, *92 paginas.*

A condessa de Tarouca fôra ao Varatojo, e deixára suas filhas confiadas á marqueza de Angeja, sua filha. E fôra n'uma tarde merendar á quinta da marqueza Ravara D. Anna Maria Guido, já então viuva de um negociante veneziano Pedro Francisco Ravara, a quem o imperador Carlos III dera o titulo de marquez, por lhe ter emprestado, quando esteve em Portugal, uma quantiosa somma de dinheiro [1].

A Vida de S. João de Deus, estampada em Madrid no anno de 1669 termina com o seguinte appendice:

Relacion del piadoso y religioso afecto con que los Christianissimos Reyes de Francia, en Paris, recebieron el braço de nuestro Padre San Juan de Dios, que nuestro Catolico Rey D. Felippe IV embió a la Christianissima Reyna Madre su hermana, e de la grande solemnidad con que fue trasladado del convento de la abadia de S. German, del orden de San Benito, à nuestro convento y hospital de la Caridad.

A imperatriz de Austria Maria Thereza de Austria escrevia á madre Marianna Josepha Joaquina de Jesus, freira professa no convento de Santa Thereza em Carnide, não só por ser irmã do seu conselheiro d'estado e grande privado o duque Manuel Telles de Silva, mas tambem por causa da aureola de virtudes que cingia uma tal freira [2].

Em Roma celebrou-se a festa da beatificação do nosso S. João de Deus por nove dias com assistencia: em primeiro logar, de 26 cardeaes. Prégou o padre mestre fr. Nicolau Ricarte, mestre do sacro palacio, da ordem dos prégadores: e nos seguintes honraram muitos prelados nossa casa, celebrando missas, e no povo devoto fez assignaladas demonstrações, dando a entender o muito que estimava a humildade do nosso habito e gloria do nosso Santo.

---

[1] Vida da serva de Deus a madre Marianna Josepha Joaquina de Jesus, pag. 70.

[2] Vida e obras da serva de Deus a Madre Marianna Josepha Joaquina de Jesus, religiosa carmelita de Santa Theresa do logar de Carnide.

Em Hespanha, Filippe IV mandou celebrar á sua custa a festa do primeiro dia do oitavario, comparecendo a esta festividade. A rainha D. Izabel de Bourbon mandou fazer de riquissima tela e adornou com delicadas joias o habito do Santo.

E o celebre escriptor Yepes diz:

«De Montemayor el Nuevo, villa notable de Portogal salio aquelle gran penitente y de encendida caridad para el soccorro de pobres, Juan de Dios, por cuyas manos fueron distribuidas tantas lismonas, casadas tantas donzellas, sustentadas tantas viudas necessitadas: la memoria d'este santo varon durará para siempre en la ciudad de Granada, como testigo de la orden que en ella instituio.»

D. João de Austria deu-lhe cinco mil ducados, e com estes fundou o hospital na cidade de Napoles, e depois fundou o de Milão. Arrebatado, porém, pela morte não pôde mais.

E o hospital em Lisboa foi fundado em 1629.

O *Journal des Sçavants* em abril de 1762 (pag. 219) falla-nos de um diccionario tunquinez, portuguez e latino.

Os mouros detestam principalmente os hespanhoes e os portuguezes por haverem sido perfidos usurpadores dos territorios outr'ora pertencentes a seus antepassados. *Journal des Sçavants*, outubro de 1757, pag. 685.

O *Journal des Sçavants*, em setembro de 1757, informa nos de que o presidente Henault tinha muito adiantado o *Resumo chronologico da historia de Portugal*, e que depois este presidente entregára o manuscripto a mr. Macquer.

Mr. Gromier escreveu um artigo muito lisonjeiro para Portugal sob o titulo de *Le Portugal en 1890*.

Les portuguais appellent les Sabeens, c'est-à-dire Sobi, chrétiens de S. Jean. *Journal des Sçavants*, décembre 1756, pag. 807.

Fr. Bartholomeu dos Martyres, alem de grande arcebispo, foi outrosim um notavel escriptor de livros mysticos. E a obra *Stimulus Pastorum* apenas appareceu á luz, foi logo mandada imprimir pelo celebre S. Carlos Borromeu. E em Paris se fez uma terceira impressão d'esta obra.

Fallando-se da sé de Goa, diz o *Dictionaire géographique universelle*, Bruxelles, 1830, que é digna das principaes cidades da Europa. E um outro nota que pertence ao numero dos mais soberbos e monumentaes edificios grandiosos d'aquella soberba cidade.

O *Journal des Sçavants*, a pag. 504 no anno de 1759, recorda-nos a lucta de Ramus contra o nosso famoso Antonio de Gouveia.

E ainda não ha muitos annos que o protestante Leopoldo Rank escreveu:

«Vejo nas Indias Orientaes esse centro immenso conquistado pelo catholicismo em Goa, e em volta do qual se contavam em 1565 perto de trezentos mil novos christãos; no Japão em 1579 outros trezentos mil christãos; depois, em 1606, trezentas igrejas e trinta casas de jesuitas, fundação do padre Valignano. Depois nos annos 1603 a 1622, 239:339 japonezes convertidos, não obstante a furiosa perseguição na China: a consagração da primeira igreja em Nankin, um anno depois da morte do celebre padre Ricci, que começava sempre por lições de mathematica para acabar pelo ensino da religião; e em 1616 as igrejas christãs nas cinco provincias do imperio[1].

«Não passava anno que não convertessem milhares de pessoas, e isto apesar da viva resistencia das religiões nacionaes, que dominavam no Oriente: 70 brahmanes convertidos em 1609 pelo padre Nobili: na côrte do Mogol em 1595 principes da familia imperial de Akbar, convertidos por Jeronymo Xavier, sobrinho de S. Francisco Xavier: a communidade nestoriana reduzida á fé: em Abyssinia Sela Christos, irmão do imperador, seguido de grande numero de outros, depois o imperador Seltan Segneld commungando segundo o rito catholico.»

Os Brazileiros tambem sabem ufanar-se com as glorias de Portugal:

> « Os mais experimentados levantae-os,
> Se com a experiencia tem bondade,
> Para o vosso conselho, porque sabem
> O como, o quando e onde as cousas cabem. »

repete o visconde do Uraguay a pag. 195 do *Ensaio sobre o direito brazileiro*.

---

[1] Historia do Papado no seculo XVI e XVII. Berlim, 1834.

E a pag. 256 do segundo da mencionada obra tambem cita os seguintes versos do nosso Camões:

«... quando embebidos
N'uma apparencia branda que os contenta
Dae os premios de Ajace merecidos
Á lingua fraudulenta.»

Igrejas na India portugueza

Nas ilhas

Primeira classe

Pangim, Calapor, Ribandar.

Segunda classe

Taleigão, Mercês, S. Lourenço, Goa Velha, Piedade, S, Mathias, Santo Estevão, S. Bartholomeu.

Terceira classe

Neurá, Naroa, Curca, Batim, S. Braz, Carambolim, Corlim. S. Pedro, Santa Ignez.

Quarta classe

Siridão, Telaulim, Bambolim, Mandur, Azossim, Graça.

Em Bardez

Primeira classe

Calangute, Nagoa, Parrá, Anjuna, Siolim, Mapuçá, Aldoná.

Segunda classe

Soccorro, Tivin, Candolim, Colnale, Assagao, Guirim, Uccassaim, Revorá, Moirá, Pomburpá.

Terceira classe

Reis Magos, Nerul, Pilerne, Salvador, Penda de França. Oxel, Nachinolá.

Quarta classe

Simquerim.

Em Salcete

Primeira classe

Margão, Navelim, Curtorim, Raia, Loutolim, Chinchinim, Cuncolim, Majordá, Verná.

Segunda classe

Cortalim, Rachol, Chandor, Cançaulim, Benaulim, Orlim, Assolnã, Betalbatim, Coluá, Varcá, Carmoná.

Terceira classe

Mormugão, Seraulim, Velção, Velim, Macasana, Areal.

Quarta classe

Chicalim, S Jacinto, Sancoale.

Novas Conquistas

Terceira classe

Pondá, Sanguem, Bicholim, Arambol, Pernem, Canacona.

Quarta classe

Galgibága, Marcella, Parodá, Quepem, Sanquelim, Sirodá.

Dominios Portuguezes

Segunda classe

Sé matriz de Damão.

Terceira classe

Sé matriz de Diu, Senhora do Mar de Damão.

Quarta classe

Brancavará em Diu, Angediva.

E cumpre tambem que os brazileiros se lembrem que se El-Rei D. João V, mandou fazer um magestoso aqueducto em Lisboa, tambem mandou fazer outro no Rio de Janeiro que despeja suas aguas no largo do Paço.

É, porém, mister pôr o remate a este prologo, e lh'o porei exclamando: Fomos grandes!

E os monumentos em todos os paizes e nos mais remotos recantos do universo comprovam esta asserção.

Fomos grandes, porque ao principio, senhores tão sómente de um territorio que mal abrangia 90 leguas de comprimento e 30 de largura, fizemos tremer Marrocos e enfiar a Persia.

A Índia foi nossa, e as mais remotas regiões do universo de nós recebiam as leis.

Fomos grandes, porque isso é comprovado pelos monumentos de todo o genero, existentes em todos os paizes.

Fr. Luiz de Sousa, na *Vida do arcebispo de Braga*, livro II, cap. XVIV, falla-nos de uma portugueza que tinha ido á Terra Santa, e que jazia na igreja de S. Domingos em Bolonha.

Um aúctor da vida da nossa rainha Santa Izabel no seu enthusiasmo chega a dizer: «E póde Portugal esperar que, acabando de levar pelo universo o crucifero estandarte da Cruz, seja o seu glorioso sceptro a total monarchia do mundo!»

O padre mestre fr. Jeronymo Roman, da ordem de Santo Agostinho, homem de estudos, e incansavel no trabalho para a chronica que estava compondo da sua ordem, não duvidou visitar muitas provincias com o fim de obter apontamentos e esclarecimentos para a *Vida do portuguez S. Gonçalo de Lagos,* que estava escrevendo, indo de proposito ao convento da Graça em Lisboa, e de Torres Vedras com o fim de obter os indispensaveis conhecimentos.

Na *Collecção de cartas latinas,* escriptas por Justo Lipsio, tambem se encontra uma dirigida ao portuguez Manuel Ximenes.

Os portuguezes (diz Henri Hallam, na sua *Historia da litteratura da Europa durante os seculos* XV, XVI *e* XVII) reclamaram o estylo culto como propriedade d'elles, portuguezes. E um de seus escriptores, que d'elle fez uso, quero dizer, Manuel de Faria e Sousa, attribue a el-rei D. Sebastião a honra de ter sido o primeiro que o introduziu na prosa.

Em Milão ainda existe quem acredita que achando-se o nosso thaumaturgo Santo Antonio de Lisboa n'aquella cidade, e tendo conhecimento de que seu pae era levado a enforcar por um crime commettido, apparecêra Antonio em Lisboa, e alto e bom som proclamára a innocencia do pae.

E ainda hoje Antonio de Lisboa é um dos vultos mais notaveis

da Italia. Innumeras são as lendas, e algumas bem graciosas, que lhe attribuem. E innumeras, e tambem por vezes bem poeticas são as tradições attribuidas a outro nosso compatriota, que se finou longe da sua patria, isto é, S. João de Deus, vulto popularissimo tanto na Hespanha como na Italia e na França, e fundador do grande hospital da Caridade em Granada.

Lope Felix de Vega Carpio o exaltou n'uma canção hespanhola. O bispo portuguez D. fr. Antonio de Gouveia lhe escreveu a vida no idioma hespanhol. E a grandeza com que foram celebradas suas exequias traz-nos á lembrança os antigos triumphos dos romanos[1]. E mais ainda attribuem-lhe innumeros milagres, e um d'elles vem citado na *Relazione d'un miracolo del glorioso S. Giovanni di Dio succeduto nel territorio di Cremona nell'agosto del 1737*, stampada in Milano, in Firenze, e in Lucca nel 1739.

Os portuguezes, porém, distinguiram-se na Europa pelos seus gloriosos feitos, e que o digam a Hespanha, a França e até mesmo a Russia. Mas o verdadeiro theatro de suas proesas foram as regiões asiaticas, africanas e americanas. Ali eram os portuguezes verdadeiros vultos homericos. Em toda a Italia se encontram recordações dos nossos, mas a gloria que d'ellas resulta é tenuissima quando comparada com a que grangearam um Affonso de Albuquerque, um Vasco da Gama, um Bartholomeu Dias, um D. João de Castro, um Paulo de Lima, um Duarte Pacheco.

E é com effeito a India a região em que os feitos portuguezes mais deslumbram. As scenas ali são variadissimas. Na India foi que o grande D. João de Castro, proximo á morte, e na presença de S. Francisco Xavier, pede que lhe dêem uma esmola, com se possa alimentar durante sua doença, pois o vice-rei da India não tinha com que podesse comprar uma gallinha. E no emtanto D. João de Castro era tambem um escriptor celebre, como comprovam tres roteiros por elle compostos, e já dados á estampa, e tambem suas numerosas cartas, até hoje ineditas.

E mais ainda, rarissimo é o estrangeiro, principalmente sendo francez, que, vindo a Lisboa, não vae ainda hoje visitar em Bemfica e em Cintra as recordações que n'aquelles logares existem do grande D. João de Castro.

---

[1] Vide *Vita di San Giovanni di Dio*, fondatore dell'Ordine dell'Ospitalita scritta in francese del Girard de Villethierry. Ponza. 1861.

Na India o grande Affonso de Albuquerque immortalisa seu nome e a sua patria. Para esta grangeia um imperio immenso. E um filho escreve os commentarios d'este grande homem. Affonso de Albuquerque, porém, é portuguez e heroe, e por isso não se póde eximir á sorte que aguarda todos os heroes nacionaes, e, perseguido, morre exclamando: «Mal com el-rei por causa dos homens, e mal com os homens por causa de el-rei». Foi na realidade um vulto gigantesco, e eis talvez porque lhe sumiram os ossos, ou talvez no Tejo lhe despejassem as cinzas!

A India, sim, foi um verdadeiro theatro de nossa gloria, e os protogonistas incessantemente variados apparecem em scena. Agora vemos um Pacheco Pereira desacreditado, pedindo esmola, e morrendo no hospital, mas deixando-nos um livro monumental, pois os heroes d'aquelle tempo sabiam jogar as armas, escrever livros e fallar em linguagem purissima. E alguns tambem, como D. João de Castro, sabiam desprezar as riquezas.

E agora, parece-me tambem ouvir Luiz de Camões no hospital, não se carpindo contra a patria ingrata, mas prestes a morrer e ainda a recitar os seguintes versos:

Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes

Olhai que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e a pelouros:
A quentes regiões a plagas frias,
A golpes de idolatras e de mouros;
A perigos incognitos do mundo;
A naufragios, a peixes, ao profundo.

Para servir-vos a tudo apparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes
A quaesquer asperos mandados,
Sem dar resposta promptos e contentes.
Só com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes,
Commetterão comvosco e não duvido
Que vencedor vos façam não vencido.

Não recitava, porém, versos um Fernão Mendes Pinto, que tambem na pobreza viveu. Fernão Lopes de Castanheda, depois de estar

na India vinte annos, uma grande parte dos quaes empregou em escrever a historia d'aquellas regiões, tambem acabou na miseria.

Havia, porém, cousa peior ainda, pois havia a fogueira inquisitorial, e não foi pequeno o numero d'aquelles a quem o fanatismo, não só crestou, mas queimou as azas para se não poderem elevar a longiquas regiões [1].

---

[1] Fr. Luiz de Sousa na sua *Vida do arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres*, liv. II, cap. VI, descreve uma pomposa festa feita em Padua em honra de Santo Antonio.

DICCIONARIO

DOS

ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM ÁCERCA DE ASSUMPTOS PORTUGUEZES

A

ABBADIE. V. (D. JOÃO MARIA N. A.).

E. *Nova Grammatica para aprender a traduzir, fallar e escrever a lingua Franceza, com perfeição e brevidade, por hum methodo inteiramente distincto dos demais:*

Tirada dos melhores Authores Francezes modernos, como a Encyclopedia, Condillac, Wailli, Port-Royal e o Diccionario das regras da Lingua Franceza, com algumas observações sobre a orthographia de Voltaire, que he a mais exacta. Por... Lisboa, typographia Rollandiana, 1809, 8.º, 234 pag.

ABBTS (THOMAS).

Fragment der Portugiesischen Geschichte. Berlin et Stettin, 1781, 8.º (Fragmento dos feitos dos portuguezes.)

ABBEVILLE (CLEMENT FOULLON CLAUDE D') — Missionario capuchinho francez.

E. *Histoire de la mission des PP. Capucins à l'ile de Maragnon et terres circonvoisines, où il est traité des singularités admirables et des mœurs merveilleux des Indiens.* Paris, 1614[1].

ABEILLE (L') — Jornal interessante publicado em Lisboa no anno de 1836. Desde pag. 1 até 30 inclusive foi escripto em portuguez; depois, desde esta pagina, entraram a redigil-o em francez.

Melle Pauline Flaugergues, gouvernante des enfants de S. A. R. l'Infante D. Anna de Jesus Maria, n'elle escreveu poesias francezas, o *Romance do Frade de Leiria,* e verteu para francez as celebres cartas de Lord Beckford. 1.º vol., 154 pag.; vol. II, 240 pag.

---

[1] Firmin Didot, *Nouvelle Biographie Universelle*, t. III x pag 655

ABEILLON (MR. JULIO) — Professor n'esta côrte.

E. *Methodo ou principios de pronuncia franceza applicaveis e offerecidos aos portuguezes e brazileiros.* Por... Lisboa, typographia Franceza-Portugueza, rua Formosa, 67, 8.º 16 pag.

ABEILLON (MR. DE) — Professor da lingua franceza em Lisboa.

Publicou no *Ramalhete,* jornal de instrucção e recreio estampado em Lisboa, vol. v, 1842, pag. 23, uma poesia em francez, intitulada *Le Suicide.*

Foi vertida para verso portuguez por João Xavier Pereira da Silva.

O auctor agradeceu ao traductor n'uma carta publicada a pag. 42 do mesmo jornal e anno.

ABLANCOURT (MONSIEUR D') — Envoyé de Sa Majesté Très Chrétienne Louis XIV, en Portugal.

E. *Mémoires de... Contenant l'Histoire de Portugal, Depuis le Traité des Pyrenées de 1659, jusqu' à 1668. Avec les Révolutions arrivées pendant ce temps-là à la Cour de Lisbonne, & un détail des Batailles données & des Sièges formés sous les ordres & le commandement du Duc de Schomberg, Avec le Traité de Paix, fait entre les Rois d'Espagne & de Portugal, & celui de la Ligue offensive & défensive, conclu entre Sa Majesté Très-Chrétienne & cette Couronne. A la Haye, Chez Abraham de Hondt, Marchand Libraire, près de la Porte de la Prison* MDCCI in 12.º, 382 pag.

O mesmo exemplar tem um segundo rosto, no fundo do qual se lê:

A Paris, Chez les Héritieres de la Veuve de Marbré Cramoisi, rue S^t. Jacques, MDCCI

«Depois de haver lido tudo quanto tem sido impresso ácerca dos ultimos annos das guerras dos hespanhoes e dos portuguezes, não pude consentir que a inveja sob pretexto de uma falsa politica attribua a gloria das mais importantes occorrencias, a pessoas que n'ellas pouca ou nenhuma parte tomaram; estou por isso tentado a dar a cada um o que lhe é devido, a escrever o que se passou entre estas duas nações desde a paz des Pyreneus de 1659 até ao anno de 1668, em que a paz foi concluida em Lisboa entre Portugal e Castella. Envolverei n'estas oito ou nove campanhas, algumas revoluções assombrosas occorridas entre estas duas corôas, o que acabará de formar a idéa que se deve ter ácerca d'estes povos. Como nada espero, e nada receio, pretendo fazer uma narração sincera, pois só tenho por alvo o dizer a verdade, nada asseverando que não tenha visto e ouvido de pessoas dignas de fé; pois se não faço ver as cousas em toda a sua extensão, é porque nas historias mais recentes ha circumstancias que basta tocar de leve, sem as aprofundar, e porque para os bons olhos basta abrir as gretas da janella para que bons olhos enxerguem vastas regiões.»

Esta obra tem sido consultada, e ha de sel-o em todos os tempos por aquelles que pretendam escrever circumstanciadamente a historia dos reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II. Fremont d'Ablancourt, segundo nos diz o visconde de Santarem [1],

---

[1] *Quadro elementar de relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo,* vol. iv, parte ii, pag. 145.

era individuo algum tanto enfatuado, e mal acceito aos portuguezes. O auctor d'estas memorias faz uma horrivel descripção da indole de Affonso VI, elogia extraordinariamente os feitos de Schomberg, apesar de ser quasi sempre contrariado pelos portuguezes, e lamenta o pouco desejo que os nossos tinham de augmentar o territorio, pois toda a Galliza até á Corunha deveria pertencer a Portugal, na opinião d'este escriptor.

ABLANCOURT (MONSIEUR D').

Suite du Neptune François ou Atlas nouveau des Cartes marines levées par ordre exprès des roys de Portugal sous qui on a faite la découverte de l'Afrique etc. Et données au public par les soins de feu... Dans le quel on voit la description exacte de toutes les côtes du Monde, du Detroit de Gibraltar, de la Mer Oceane meridionale, etc. Amsterdam, 1:700 frag., fol. max.

N'esta obra apparece a declaração de que M. d'Ablancourt copiou os mappas da Africa do gabinete do rei de Portugal, por ordem de quem *Africa foi descoberta.*

ABOAB (ISCHAK DE M.).

E. — *Advertencias.*

Começa este folheto de 7 pag. in 12.º da fórma seguinte:

«Amado Filho: O muito que vos estimo, e o quanto desejo vosso bem; são os motivos de fazervos este Catalogo de virtudes; Antidoto do bem d'esta vida; E seguro para gozardeis (*sic*) a gloria; E assy vos pesso que estimeis e observeis as advertencias que n'esta vos relato: com o que, dando honra ao Señor Deos, vos fareis bem a vos mesmo e me causareis contento n'esta e na outra vida.»

As advertencias são 26, e o opusculo termina pelas seguintes palavras:
«Amsterdam a 10 de Elul, 5447.
«Vosso Pay Ischak de M. Aboab.»

ABRABANEL SEFER BERECHITH.

I *Livre de la Genèse. Les cinq livres du Pentatheuque et le Tiquoun Sofrim, avec commentaire d'Abrabanel et les Haftaroth,* Amsterdam, 5528 (1768), 5 vol., in 4.º (Todo em hebraico.)

II *Selecta rabbinico-philologica:* I *Commentar. Rasche in Parsch Breschith;* II *Commentar. R. Abrabanel in Haggaeum* III *R. Mos. Maimon. Mercaba sive doctrinam de Deo et angelis, quae quondam cum versionibus et annotationibus studio Jo: Adami Scherzeri sub nomine* TRIFOLII ORIENTALIS... *edita, jam vero recisa et aucta sunt;* IV *Commentar. Rasche in Parsch. Neach;* V *Commentar. R. Aben Esrae in Haggaeum, quae cum versionibus, annotationibus Talmudicis, nec non indicibus adjecta sunt a Jo: Georg. Abicht.* Lipsia, 1705.

III *Commentarius Rabbi Ishak Abarbanel super Isaiam, Jeremiam et Prophetas* XII *minores, cui Index accessit.* Amstaelodami, 1642, 1 vol. fol. (Todo hebraico.)

IV *D. Isaaci Abrabanielis et R. Mosis Alschechi comment. in Esaiae prophetiam 30 subjuncto hujus modi refutatione et textus nova versione: authore Constantino l'Empereur ab Oppzik.* Lugduni Batavorum, 1631, 1 vol.

V *R. Abrabanelis commentarius in prophetiam Habacuc, hebraico et latine.* Trajecti ad Rhenum, 1722.

VI *Commentarius celeberrimi Rabbi Ishak Abrabanel super Danielem prophetam* (sem logar) 1647, 1 vol. (Caracteres rabbinicos.)

ABRANTES (MADAME LA DUCHESSE).

I *Mémoires de Souvenirs historiques sur Napoléon, la Révolution, le Directoire, le Consulat, l'Empire, et la Restauration.* Paris. Chez Ladvocat, 1831-1834, 16 vol. in 8.º

Extractos

«Acabava de chegar a Paris um portuguez por nome D. Alexandre de Sousa, que ou ia na qualidade de embaixador a Roma ou de lá voltava. Não me lembro bem d'esta parte da sua posição politica. Lembro-me muito melhor d'aquella em que o vi.

«O tal sr. Sousa, um homem baixo, da altura de quatro pés, e umas dez a onze pollegadas, tendo em toda a sua franzina pessoa uma exiguidade inteiramente particular: era não só magro, mas de modo tal que parecia um esqueleto. Tinha no emtanto um ar inteiramente de gentil-homem, e suas maneiras eram as de um fidalgo. Acolheram-no as auctoridades com toda a cordialidade, que se devia testemunhar a um *amigo* de nossos *inimigos,* e na verdade o sr. Sousa não teve de que se queixar dos francezes, por occasião da sua passagem por París.

«O segundo consul não queria deixar escapar este ensejo para dar um jantar apparatoso. Convidou não sómente as auctoridades que podiam pretender tomar parte n'elle por jerarchia de posição, mas tambem as pessoas de quem elle mais gostava. Junot e eu fomos do numero dos admittidos, bem como alguns outros, taes como Duroc, Lannes e o general Mortier, hoje duque de Trevise, e naquelle tempo commandante da primeira divisão militar. Ainda não fallei deste excellente homem, e de sua mulher, tão boa, tão simples e tão meiga. É um individuo, que merece uma attenção particular. Direi tão sómente por agora, que o general Mortier era o chefe de Junot, por ser commandante da primeira divisão militar, e Junot ser tão sómente commandante de París. Viviamos em boa harmonia, e nossas relações eram amigaveis. O general Mortier era o que ainda é, o mais digno e o melhor dos homens. A unica differença é que n'aquelle tempo era amigo de rir como uma creança, e muitas vezes a dignidade da banda achava-se compromettida.

«O sr. Sousa jantava, pois, n'um sabbado em casa do consul Cambacères, e o general Mortier e Duroc tambem ali jantavam como nós. O sr. Sousa trazia uma casaca de panno de Segovia, bordada a oiro com uma perfeição que nós não podemos attingir na França. Uns bofes de fina cambraia saíam de um modo imperceptivel pelo alto da casaca, á moda ingleza, e na cabeça via-se uma cabelleira feita *á Pitt,* para patentear bem claramente que Portugal era não sómente humilimo servo da Inglaterra, mas até mesmo que ficaria bem pezaroso de o não ser servilmente do ministro.

«Estava o sr. Sousa sentado á mesa, ao lado de mim e de madame Jolivet, mulher de um conselheiro d'estado. O esquipatico viajante, apesar de todos os obsequios com os quaes o accumulavam, era extraordinariamente circumspecto. Era phlegmatico por *calculo* na casa onde se achava. O aborrecimento, que elle parecia experimentar n'esta terra republicana, communicava-se á roda d'elle,

sem fazer no emtanto participar da sua natureza; eu bocejava de um modo extraordinario ao responder a algumas perguntas assaz ridiculas, e estava bem longe de suspeitar que o jantar havia de terminar mais divertidamente, quando um incidente, que, com certeza, Cambacères não tinha posto na lista do seu mordomo, mudou a direcção, que as cousas tomavam. Era tempo, pois com as palmadinhas bondosas do segundo consul dadas na cara, e com as palmadinhas cortezãs do sr. Sousa, por outra parte, era uma cousa de morrer.

«Havia muito tempo que o consul Cambacères tinha posto sua casa n'um estado respeitavel de representação. Seus creados tinham todos a grande libré dos consules, e os mordomos tinham tido no começo fatos pretos, como os creados de quarto e os meirinhos; mas havia já algum tempo que tinha Cambacères augmentado a magnificencia, e seus mordomos trajavam fatos de panno côr de castanha com botões encastoados em oiro. Esta observação é indispensavel para intelligencia do que se vae seguir.

«Havia sempre dois serviços em casa do segundo consul, e como cada serviço se compunha de dezoito ou vinte entradas ou pratos de meio, percebe-se que o braço do *maître d'hotel* passava e tornava a passar muitas vezes entre cada serviço para tirar os pratos. Quando elle chegava a Junot, a Duroc, ou então ao general Mortier, por exemplo, passava por entre elles, e não pela parte superior. Mas o sr. Sousa era de tal sorte pequenino, que nem sequer vinha ao pensamento que elle ali se achasse. O primeiro serviço foi levantado sem nenhuma occorrencia notavel; mas quando se chegou aos pratos de meio, o caso foi mais tempestuoso. Ao passar por cima do portuguez, o *official de bóca* roça com algum excesso pela cabeça do estrangeiro um dos botões encastoados do canhão da sua casaca, o qual se achava desmanchado, e se prendeu ao chinó do embaixador no topete á *Pitt*, e puxando pela ligadura, com uma grande porção de doce de amendoa que elle tinha ido buscar, o mordomo deixa ao sr. Sousa, como a um menino de côro de cincoenta annos.

«É impossivel descrever a subita mudança da physionomia d'esta pequena figura secca e melancholica, tornando-se de repente furioso, ancioso, e, por conseguinte, um objecto de riso. A vista theatral foi rapida, mas teve um effeito completo. Comtudo toda a gente se teria ainda comportado com moderação, se o sr. Sousa se tivesse levantado da mesa para ir tornar a pôr tranquillamente sua cabelleira na sala proxima; mas em vez de ir atraz do seu chinó na sua ascensão, poz-se a olhar para onde ella podia estar, ou o que tinha sido feito d'ella; para o conseguir estava olhando para o ar, e, se é mister dizer a verdade, o chinó tinha sido como que puxado por um anzol: ninguem tinha visto como elle tinha assim mudado de logar, e só depois de ter andado alguns passos foi que o mordomo deu fé do seu roubo involuntario. Durante o curto espaço de tempo empregado pelo sr. Sousa em procurar no ar, do lado do lustre, como se o chinó tivesse deitado a voar, os olhos de trinta pessoas, que nenhuma rasão tinham para ser benevolos, fixaram-se n'aquella figura furibunda, e acabaram por lhe dar um embaraço, que findou por o tornar burlesco. Queria ser digno no seu infortunio, e julgou impôr muito, dizendo ao mordomo que vinha todo esbaforido desculpar-se.

«Senhor, tende a bondade de me restituir o meu chinó!

«E elle principiou a tornar lh'o a pôr. Mas a perturbação em que se achava embora fizesse de valente, obstou a que elle podesse calcular o logar que era pre-

ciso dar á poupa *á Pitt*, e eis porque o chinó, tornado a pôr ao acaso, e para minha eterna alegria, inteiramente de lado, de maneira que a poupa se achava exactamente na orelha direita. Tinha eu evitado olhar para meu marido, e principalmente para o general Mortier; eu estava certa de arrebentar de riso; mas emfim era preciso, ou morrer ou rir, era um verdadeiro supplicio. Parece que esta necessidade dominava todos os convivas, pois logo que a gargalhada, que eu continha com grande difficuldade, fez explosão, um rir louco, inextinguivel rompeu de todos os lados da mesa. Mas o que se tornou superior a todos os outros foi o general Mortier; emfim chegaram as cousas a ponto que não houve outro remedio senão saír da mesa. Junot o seguiu, e confesso que foi necessario todo o soccorro da minha rasão para poder moderar essa louca alegria produzida pela vista extraordinaria da figura do sr. Sousa. Emfim sua vizinha, madame Jolivet, com essa outra figura que nós lhe temos todos conhecido, e que não tinha nenhuma necessidade de não ter cabelleira para ser extraordinaria, lhe disse com uma expressão ainda mais desgraçada que de costume, pois ella estava indignada com a incivilidade do seu vizinho que não lhe tinha dirigido uma palavra sequer, depois de a ter acompanhado para a mesa: Meu senhor, o vosso chinó está de esguelha.

«E ao mesmo tempo que lhe dizia isto com um tom de enfado, para o obsequiar, levou a mão á cabeça do homemsinho, que deu um tal pulo que esteve a ponto de me deitar ao chão.

«Toda esta scena ridicula leva tempo a escrever, e no emtanto toda ella se passou em dois minutos. Durante todo aquelle tempo, o segundo consul, cuja vista era quasi a de um dos noventa e cinco, não tinha podido apreciar o divertido da scena. Contentava-se com olhar ás furtadellas mui attentamente. Quando porém soube o que se tinha passado, deu desculpas sem numero ao sr. Sousa, que eu ouvia roncar de colera como um tubarão, ao mesmo tempo que se inclinava para dizér que não era nada. Mas a desgraçada cabelleira continuava sempre a estar de esguelha, apesar dos cuidados obsequiadores de madame Jolivet, e as reverencias do sr. Sousa cada vez eram mais caricatas; mas era principalmente o seu serio que augmentava o seu comico e diminuia a dignidade do caracter de estrangeiro, que nós teriamos respeitado, se elle tivesse tão sómente querido rir comnosco por um momento.

«M. de Brancas era muito mais rapaz, quando a sua cabelleira se prendeu n'um dos lustres do Louvre, n'uma noite em que foi apresentar seus comprimentos á rainha, mas ria com todos os outros, perguntando qual era a cabeça á qual faltava a sua cobertura, quando era a elle. Mas ria com todas as forças, descobrindo não só a verdade, mas tambem a sua distracção. O sr. Sousa não procedeu da mesma fórma, e fez com que escarnecessem d'elle tanto quanto é possivel escarnecer-se de um homem. Pelo que toca ao general Mortier, estou certa que mesmo hoje ainda se ha de lembrar d'aquelle jantar, e do grande riso que elle lhe causou.

*
* *

«Vi um dia chegar Junot com ar preoccupado e quasi triste. Disse-me que o imperador queria dar-lhe uma prova de confiança, com a qual elle se achava muito commovido, mas que o fazia quasi tremer, a elle, que no emtanto quasi que não tremia.

«Tratava-se de uma embaixada a Portugal. Ao principio só vi o lado brilhante da cousa, e disse-lhe: E então! Porque não estás contente?

«Porque não sou feito para a diplomacia; porque Lannes, esse bravo e excellente rapaz me disse que essa côrte de Lisboa é uma verdadeira casa de orates, e que d'ali pouco resultado posso tirar. N'aquelle paiz é a Inglaterra omnipotente, a Austria começa a voltar-nos as costas, bem como a Prussia e a Russia. E tu bem sabes que não é ao ribombo da artilheria, nem ao disparar das espingardas que hei de ir dormir a sesta a Portugal.

«Eu conhecia o genio de Junot, e não repliquei; esta ultima objecção fechava-me a bôca. Pelo que me diz respeito, só a idéa de deixar a França me lançava no desespero, e nem sequer eu podia aguentar com a idéa de uma tal possibilidade. Todavia, como se tratava de uma embaixada que devia collocar Junot n'uma posição em que, segundo o meu pensar, havia provar quanto era capaz de fazer, não quiz desvial-o de um caminho franco á sua reputação como homem discreto e de merecimento; exhortei-o, pelo contrario, a reflectir antes de tomar um partido, e principalmente a consultar um dos nossos amigos, homem de um merecimento superior, e do qual ainda não fallei, ou pelo menos mui imperfeitamente, o qual era M. de Lageard de Cheval.

«O abbade de Lageard, parente de M. de Talleyrand, seu mais intimo e mais caro amigo durante os annos da mocidade, que elles ambos passaram juntos no seminario, é um dos homens mais distinctos que eu jamais encontrei na ultima epocha *sociavel*. Tem vigor na alma, ternura no coração, finura no espirito, um extremo calor na imaginação, e tem setenta e sete annos. É a amabilidade personificada. Minha confiança n'elle era grande, eu amava-o e respeitava-o ao mesmo tempo. Junot pensava da mesma fórma; e todas as vezes que apparecia um caso um pouco serio em nossa casa, M. de Cheval era chamado para julgar.

«Elle é meu inimigo, tinha dito certo dia o imperador a Junot: real senhor, só tenho uma resposta a dar a vossa magestade, é que eu não conheço um dos seus inimigos. M. de Talleyrand póde ser fiador como eu de M. de Lageard, e creio que nossas duas fianças valem bem uma accusação do ministro da policia.

«O imperador nada replicou n'aquelle dia, mas sua prevenção contra M. de Lageard nunca foi destruida, e toda a sua existencia se resentiu d'isto. Sabe-se que foi a M. Bourrienne que M. de Cheval ficou na obrigação de tal pensar.

«Quando Junot lhe fallou ácerca da embaixada de Lisboa, foi da opinião de M. de Narbonne, que o aconselhava a acceitar. Havia uma cousa desagradavel: era o *antecedente*. O general Lannes, que já estava enfadado de viver em Lisboa, e queria retirar-se, tinha formado, dizem, o projecto de fazer com que o chamassem, fosse de que maneira fosse; e eis, segundo contavam as mas linguas do arrabalde Saint-Germain, o que occorreu entre elle e o ministro de Inglaterra.

«Era então sir Robert Fitz Gérald secretario da embaixada em Paris no anno de 1790, o qual occupava em Lisboa o logar de ministro da Inglaterra. É difficil o ter maneiras mais polidas, embora frias, uma apresentação mais digna do que tinha lord Robert; sua figura era ainda notavel, e fazia sobresair com mais effeito a de lady Robert Fitz Gérald, que juntava a um physico verdadeiramente desagradavel um odio contra a França, que lhe dava de vez em quando ares de furia, que não a embellezavam. Ella só fallava do imperador como de um salteador digno da fogueira; e tudo quanto ella dizia ácerca d'elle era no mesmo

gosto. É bem de suppor que o general Lannes[1], que não ouvia de bom grado senão o que era a bem do imperador, não gostasse nem do marido nem da mulher, embora o primeiro fosse escrupulosamente comedido; mas tinha seu genio, e toda a embaixada ingleza ficou comprehendida no mesmo anathema, até mesmo lord Strangford, que por aquella epocha, embora andassse a traduzir Camões, dormia uma boa parte de suas vinte e quatro horas.

«Cumpre ter conhecido o marechal Lannes para termos uma idéa justa do odio que elle tinha á Inglaterra; seu nobre coração não comprehendia, que fosse possivel transigir com seus sentimentos, e os manifestava com a franqueza de seu caracter. Devemos pensar que no meio de uma côrte estrangeira, onde as ceremonias obsequiosas passam como dever, primeiro que tudo, as do marechal Lannes deviam parecer estranhas. A marechala tinha introduzido no commercio habitual da vida diplomatica que existe n'uma côrte, toda a doçura do seu caracter, sua candura virginal e sua belleza admiravel, mas estes encantos, este attractivo, eram um defeito a mais n'uma franceza aos olhos de lady Fitz Gérald, e a guerra á surdina que ella fazia ao nosso partido era cada vez mais activa.

«Uma das offensas que o general Lannes não podia supportar, por ter uma apparencia de direito, era a pretensão que tinha lord Robert de passar adiante d'elle, quer de uma sala para a outra em Queluz, quer no caminho; em summa havia uma pretensão de passagem. O general Lannes considerou ponto de honra esta prerogativa, baseado sobre a antiguidade, ou sobre qualquer outra cousa parecida, e para cortar a difficuldade procedeu do seguinte modo:

«Iam fazer a côrte ao principe regente (o pae de D. Pedro) a um palacio de recreio chamado Queluz, e situado a quatro leguas de Lisboa. Iam a esta residencia, como teriam ido a Malmaison, ou a St-Cloud, em um caleche puxado a quatro cavallos. O ministro de Inglaterra tinha uma equipagem ligeira e bem fardada, que fazia o desespero e o ciume dos creados do general Lannes. O general encontrava-o na estrada como elle encontrava lord Robert á porta do aposento do principe regente, e isto causava-lhe enfado

«Certo dia disse a um dos seus cocheiros, rapaz intelligente, mas que ás vezes ainda percebia mais do que se lhe dizia: Como é que tu então, ó velhaco, não me has de descobrir o meio de eu passar adiante d'aquelle inglez?

«O cocheiro não era mais amigo dos inglezes do que seu patrão, e alem d'isso fazia tambem entrar os cavallos no anathema.

«No domingo seguinte, conduzindo o general, encontra o trem de lord Robert, e, para obedecer a seu amo, e ao mesmo tempo dar alegrão ao seu espirito vingativo, roça pela carruagem ingleza que, toda ligeira, e alem d'isso offerecendo o lado ao ataque, não pôde resistir ao choque, e caiu dentro de uma cova. O general ficou, dizem, raivoso por causa da pouca destreza de seu cocheiro, mas seus cavallos corriam de tal modo, que foi impossivel fazel-os parar para prestar soccorro ao collega na diplomacia. Tendo chegado a Queluz, ficaram á espera por algum tempo antes da passagem para a sala da audiencia, pois esperavam o ministro de Inglaterra. Não o espereis, disse o general, não creio que venha.

---

[1] O principe Augusto de Inglaterra, que estava em Lisboa na epocha da residencia de madamo Lannes e do general, foi muito grosseiro para com elles.

«Seja como for, Junot nenhum desejo tinha de ir ao fim da Europa fazer politica e dissimulação, elle que era o mais franco e o mais communicativo dos homens. E alem d'isso desejava ficar em Paris, tinha um extremo desejo ou de fazer seu serviço como primeiro ajudante de campo do imperador, ou de tornar a tomar o commando da primeira divisão militar, que se tivesse separado do governo de Paris. Eis quaes eram então seus desejos.

«Eu tambem não podia deixar Paris sem grandes ancias. Era eu muito nova. Paris era então um logar de fadas, ali tinha eu todos os meus amigos, minha filha mais nova, que eu me via constrangida a deixar ali, por ser ainda tenra de mais para lhe fazer emprehender uma tão longa viagem, tudo isto me dilacerava a alma. E alem d'isso, madame Lannes não me contava cousas muito agradaveis ácerca de Lisboa. Parecia que a cidade era nulla, ou então que estava debaixo da influencia ingleza. E a amostra que tinhamos da nobreza portugueza, que felizmente valia mais do que ella, e que era representada pelo sr. Lima, embaixador do principe regente, não era apropriada para fazer com que eu depositasse grande confiança nos attractivos que eu devia achar no seio da bella Lusitania. Comtudo, só a respeito de algumas excepções me tinha eu enganado, como farei ver mais tarde.

«Emfim a viagem foi decidida. O imperador decidiu a Junot, fallando-lhe com confiança ácerca do que d'elle exigia. Encarregava-o, não sómente da embaixada de Lisboa, mas até mesmo de uma commissão delicada e secreta na côrte de Madrid, onde no emtanto tinha ao general Beurnonville por embaixador. Mas tomavam os negocios um aspecto de tal maneira serio, que toda a attenção do imperador se dirigia principalmente para seus alliados do meio dia. Portugal estava neutro, mas de tal modo cauteloso, que era mister vigilancia intima, e a Hespanha estava tão lastimosamente governada, que era mais do que necessario espiar igualmente seus passos. A Inglaterra agitava-se e ameaçava transformar de novo a Europa. Tinha-lhe a Hespanha declarado guerra a 12 ou a 15 de dezembro d'este mesmo anno; mas o ministro que reinava na Hespanha andaria elle de boa fé por tanto tempo quanto o demandavam nossos interesses? Eis a questão que era mister esclarecer. A nação hespanhola era desde logo o que foi dois annos mais tarde, o que foi depois, grande e bella nação, mas ha excepções por toda a parte.

«Logo que a partida de Junot foi resolvida, logo que eu soube que me cumpria deixar a França, occupei-me, apesar das ancias do meu coração, nos preparativos de nossa viagem. Fallou-me o imperador por muito tempo n'um dia a respeito do procedimento que era preciso ter para com a nobreza hespanhola e para com a nobreza portugueza. Uma embaixatriz, me disse elle, é *uma peça mais importante* do que se julga n'uma embaixada. E é assim por toda a parte, e entre nós mais do que em nenhum outro paiz, por causa do preconceito que existe contra a França. Pertence-vos, portanto, dardes ás portuguezas uma idéa justa das maneiras da côrte imperial. Não sejaes altiva, não sejaes vã, e ainda menos susceptivel, mas empregae nas vossas relações com as mulheres da nobreza portugueza uma grande reserva e uma grande dignidade. Achareis em Lisboa varias mulheres emigradas da côrte de Luiz XVI, tambem as encontrareis em Madrid, e ponde uma attenção escrupulosa nos vossos passos para com ellas. Em taes circumstancias, é mister que vos recordeis das lições de madame Permon *no que ellas tinham de bom*. Tende principalmente muito cuidado em não mofardes

dos usos do paiz, quando os não comprehenderdes, nem do interior da côrte. Dizem que zombar é dizer mal d'ellas. Se não poderdes deixar de fazer uma e outra cousa, *dizei mal,* mas não escarneçaes. Lembrae-vos de que *os soberanos nunca perdoam uma zombaria.* Andae muito bem para com a Hespanha, haveis de ser apresentada na côrte; sêde circumspecta, sendo desconfiada, vós deveis comprehender-me. E como eu o encarava como para o interrogar, disse-me com uma apparencia de enfado:

«Entendo por *circumspecta* o não ser *falladora,* e o não ser *tagarella.* A rainha de Hespanha ha de fazer-vos perguntas ácerca da imperatriz, a respeito da princeza Luiza, sobre a princeza Carolina, relativamente á princeza Joseph. O interior da minha familia póde ser exposto a todos os olhos..., comtudo não me seria agradavel que minhas irmãs fossem pintadas por um mau pintor. (Nunca me esqueci d'estas expressões.) Vossa magestade, disse eu então deve pensar què não posso ser accusada mesmo da intenção de pintar mal. Bem o sei, bem o sei..., mas sois escarnecedora, gostaes de contar, e é uma cousa que deveis evitar. A rainha de Hespanha ha de fazer-vos tanto mais perguntas, quanto a embaixatriz de França em Madrid de modo nenhum conhece a côrte imperial, e muito pouco a França, tendo passado toda a sua vida na emigração. A rainha ha de fazer-vos, pois, muitas perguntas a respeito da imperatriz e da côrte. Emquanto ellas não tiverem por assumpto mais do que a maneira como se veste um chambre, tudo isso vae bem, mas apenas a conversa tomar um caminho mais serio, o que ha de acontecer, porque Maria Luiza é uma pessoa fina e sagaz, então tende cuidado comvosco. Pelo que me diz respeito, bem sabeis que o meu nome sómente deve ser pronunciado, como se achar no *Moniteur.*

«Podemos julgar n'este tempo da amabilidade particular de alguns portuguezes. O conde Araujo, ministro de Portugal em Berlim, acaba de ser chamado para desempenhar em Lisboa o logar importante de ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros; tinha estado quasi toda a sua vida ausente de Portugal, e eis talvez a rasão por que elle era tão amavel. Fallava francez com uma grande facilidade. O italiano e o inglez lhe eram tambem familiares, e era conhecedor igualmente da litteratura d'estes tres paizes, assim como da de Inglaterra.

«Eu gostava muito do sr. Araujo. Fazia uma comparação entre elle e o sr. Lima, embaixador de Portugal em Paris; e vendo essa jactancia de um, essa basofia embusteira, essa segurança de mau tom proclamando as boas fortunas dos bastidores da Opera, essa caricatura dos heroes de Marmontel, essa maneira de existir se me tornava odiosa. O sr. Lima divertia muito as pessoas, cujo espirito de bom gosto sómente podia escarnecer, sabendo, por exemplo, que o sr. Lima trazia tesouras na algibeira para cortar os cordões das campainhas. Mas na verdade, dizia elle, olhando para a sua figura amulatada, nunca tive necessidade de o fazer.

«Riam d'aquellas toleimas, e eu zangava-me. É um facto que a tolerancia concedida ás maneiras do sr. Lima causou um pessimo effeito em Portugal, para onde elle escrevia a suas irmãs, as duas mulheres mais imbiocadas e mais austeras da côrte de Portugal[1]. O sr. Araujo, que nunca ouvia o sr. Lima sem o sorriso nos labios, mas sorriso que deveria conter a um narrador menos intre-

---

[1] Duchesse d'Abrantes, *Mémoires,* vol. VII, pag. 330.

pido do que o sr. Lima, destruiu algum tanto a prevenção que o embaixador tinha dado á sua côrte.

«Mas que pretendeis vós fazer de pessoas que têem dez ouvidos para ouvirem o mal, e nem sequer um para ouvirem o bem? me dizia um dia em Portugal o sr. Araujo.

«Tinha o sr. Araujo por esta epocha cincoenta e tantos annos. Nunca fôra bello, mas sua physionomia era viva, espirituosa e ao mesmo tempo boa e affavel, seu porte era o de um homem de boa familia, que sempre representou seu soberano.

«O sr. Araujo precedeu-nos algumas semanas. Aconteceu-lhe na sua viagem um episodio á maneira de Gil Braz. Foi apanhado pelos ladrões, roubado e muito maltratado. Era habitualmente mui pacifico. Quando foi agarrado, tiraram-no os salteadores brutalmente da sua carruagem, e lhe perguntaram onde estava o dinheiro. O conde de Araujo tinha um secretario indignamente cobarde. Quando os ladrões tiraram tanto a seu amo, como a elle da carruagem, lançaram-no para o fundo de uma cova, onde o pobre rapaz ficou de bruços n'um estado de agonia, que não inspira interesse n'um homem quando é o medo que o causa; emquanto ao sr. Araujo estava elle tão tranquillo quanto uma similhante aventura o podia permittir, e pensava principalmente na maneira de poder salvar um relogio, que madame de Talleyrand mandava á senhora duqueza de Ossuna, e uma outra joia igualmente preciosa da qual estava encarregado para a marqueza de Ariza, mãe do duque de Berwick. O sr. Araujo pensava, pois, no meio dos salteadores que o cercavam, em salvar estas duas joias. O relogio estava já dentro de uma das botas, e a cadeia n'um logar em que, a não ser que houvesse tentações de lhe darem açoites, os ladrões não iriam procurar. Alem d'isso, o que elles principalmente queriam, era dinheiro; e estas desgraçadas joias, tendo sido vistas em Bayonna com algumas outras, tinham feito com que se dissesse que o sr. Araujo fôra encarregado de mandar concertar na França os diamantes da corôa de Portugal. Fôra sua prudencia que tinha causado o mal. Para pôr em maior segurança os objectos que lhe haviam sido confiados, levava-os comsigo; pois então a Hespanha achava-se tão bem administrada, que se não podia dar um passeio a uma legua de Madrid sem medo de ser apanhado por uma bella quadrilha de salteadores, bem vestidos, bem armados, que apresentavam um aspecto muito superior ao das tropas reaes, as quaes nem tinham pão, nem calçado, nem dinheiro; e por isso, quando se encontravam cara a cara com os salteadores, toda a vergonha ficava do lado dos soldados do rei. Ninguem se punha a caminho sem uma escolta de sete ou oito homens pelo menos. As mais seguras eram aquellas que se compunham de aragonezes e de asturianos. O sr. Araujo teria tomado esta escolta, mas não vendo nada, e alem d'isso pouco assustadiço, partiu uma manhã sem esta escolta, que devia ir ter com elle ao meio dia por occasião do jantar. Mal tinha andado duas leguas, quando foi apanhado como já disse. Os ladrões roubaram immediatamente as carruagens, quebraram todos os cofres do ministro; mas não encontrando o que procuravam, puxaram das navalhas e começaram a ameaçar o sr. Araujo, o qual tendo emfim posto ao abrigo, como já disse, o relogio e a cadeia, mandou-os passeiar; disse-lhes que elles eram uns tratantes, e que havia de mandal-os enforcar. Não era maneira analoga á sua posição; mas era preciso sempre, dizia-me elle, impor aos homens por meio de uma attitude estranha a seus costumes, em circumstancias, como aquella em que se achava.

«Mas vós arrostaveis com a morte, lhe disse eu, e permitti-me então dizer-vos que é loucura; porque, em summa, da navalha ao vosso peito a distancia não era grande.

«Oh! não, não o creio. E alem d'isso, acrescentou elle depois de ter por um momento reflectido, era a mesma cousa. Eu não devia abaixar-me com scelerados taes. Podiam elles *tirar*, mas eu nunca devia dar-lhes.

«Parece que o seu secretario não era tão absoluto como seu amo nas idéas de dignidade pessoal, pois fazia as supplicas mais humildes aos ladrões. Porém quando ouviu o conde recusar peremptoriamente entregar o dinheiro e as joias que tinha comsigo, esqueceu-se de todo o respeito e conveniencias.

«Meu senhor, exclama elle, mas não pensa em que... Meus bons senhores eu vou dizer-vos onde é que o dinheiro está. E levantava metade do corpo da cova aonde os ladrões o tinham deitado. Vede, observae, acolá, á esquerda, debaixo da almofada, um pequeno botão na almofadinha da sella. É isso, meus bons senhores. Levae tudo, mas não nos mateis. As joias tambem lá estão.

«E todo este discurso era dito com os dentes que batiam uns contra os outros de modo tal que se podiam quebrar. O pobre homem estava pallido como um espectro, e durante alguns mezes elle esteve como louco.

«Mas, meu senhor, vós não pensaveis n'isso, dizia elle, quando se tornaram a metter dentro da carruagem. Foi então que elle veiu no conhecimento de que seu amo havia salvado o relogio e a cadeia; ficou assustado a ponto de querer tornar a chamar os ladrões para lhes entregar, emfim elles contavam com a victoria, dizia elle.

«Apenas vi o sr. Araujo, formei uma melhor opinião da côrte de Lisboa.

«O principe que escolhe bem seus ministros, dizia eu commigo mesmo, não é jamais um homem sem merecimento.

«Partimos de Madrid para Lisboa a 29 de março de 1805. Não tinhamos podido apresentar nossos respeitos á embaixada de Portugal em Madrid por não ter ella ainda chegado; era o conde da Ega, um dos mais pobres fidalgos portuguezes, que vinha a Madrid para representar aqui o reino roubado durante o ministerio do famoso conde-duque. O conde da Ega trazia comsigo sua joven mulher, a senhora de Oyenhausen, a pessoa mais encantadora de Lisboa[1].

«Uma particularidade que me impressionou foi a differença que existe entre Hespanha e Portugal[2]. Deixou-se ver esta differença de um modo sensivel apenas transpozemos o Caia. Olhos, cabellos negros, uma pelle morena, são as unicas feições similhantes entre portuguezes e hespanhoes. Têem os primeiros os labios grossos, o nariz um pouco negro, os cabellos pretos, mas muitas vezes encarapinhados; e, em tudo, nos seus maneios, nas suas mãos, e principalmente nas suas unhas, reconhece se o sangue *mestiço*. É isto principalmente notavel ao deixar a Hespanha, cujos habitantes têem tambem a tez fusca e os olhos negros, mas ao menos o aspecto *europeu*. Todavia, ao entrarmos em Portugal ficámos á primeira vista agradavelmente impressionados pelo espectaculo de uma natureza mais cultivada. Saindo-se d'essas grandes charnecas, d'essas pastagens devastadas pela *mesta*, acha-se um paiz coberto de habitações rusticas, mas bem construidas,

---

[1] Duchesse de Abrantes, *Mémoires*, vol. VIII, pag. 82.
[2] Duchesse de Abrantes, *Mémoires*, vol. VIII, pag. 150.

e sempre de uma alvura deslumbrante, por causa do cuidado que os camponezes põem em as rebocarem todos os annos na primavera.

«Mesmo o povo portuguez é por si mesmo mais cuidadoso da sua pessoa. Uma camisola de lã cinzenta substitue a manta e a veste de couro, e um chapéu faz as vezes da montera. As mulheres têem os cabellos simplesmente atados com uma fita, ou então bem cobertos com um lenço atado debaixo da barba. Seu aspecto é gracioso, o que não é vulgar na Hespanha. Em summa, não é pelo povo que é preciso julgar a nação portugueza: tem ella dois caracteres bem distinctos.

«Encontrámos, antes de chegarmos a Elvas, o primeiro pomar de laranjas que vimos antes de chegarmos á Hespanha. Tudo quanto cerca em geral esta fronteira de Portugal é de uma opposição frisante com o que deixámos ficar atrás.

«Achámos em Elvas um bello aqueducto com o comprimento de uma legua. É formado por arcos muito altos, e atravessa um valle de uma fertilidade admiravel, todo coberto de quintaes perfeitamente cultivados, e de pequenos pomares de laranjeiras. Chamam-se a estes aqueductos *arcos de amoreira*. Mas esta cultura, este bello aspecto, não passa de um enfeite garrido que Portugal toma para poder humilhar sua rival, tudo desapparece dentro em pouco depois de termos deixado Elvas nada mais vimos do que serras nuas e estereis.

«Extremoz, pequena praça de guerra na qual esta uma guarnição, foi o segundo logar em que fomos comprimentados com salvas de artilheria. Era o commandante da praça um bravo velho, que julgava ver um anjo de luz ao contemplar o primeiro ajudante de campo do imperador Napoleão; pois é bom fazer observar de passagem que Junot punha na frente de tudo quanto formava uma lista de seus titulos, aquelle que elle amava tanto pelo menos quanto o venerava, que vinha a ser o de *primeiro ajudante de campo do imperador Napoleão;* parece comtudo que este titulo obrava da mesma fórma sobre o velho veterano, e elle testemunhava sua admiração para com a França e para com seu heroe por um accento que nunca engana, pois saia da alma. Fiz com que Junot reparasse n'isso, quando deixámos Extremoz. Estou certa que este bravo homem não teria mandado fazer *fogo* contra nós, assim como estou certa que o teria mandado fazer o commandante de Elvas. Fez com que nós passeassemos pela sua *villa* e *praça de armas* inteiramente leal. Junot sensibilisou-se. Tinha elle uma alma feita para sentir tudo quanto era nobre e generoso.

«A tres leguas de Extremoz encontrámos uma horrivel *venda*, chamada *venda do duque*, e na verdade bem pouco apropriada para receber um duque. Os arrabaldes estão cobertos de giestas e de laudanos, os quaes, apesar de suas bellas flores e do seu cheiro suave, acabou por fatigar com sua extrema abundancia. Em Arraiollos não tivemos salvas de artilheria, por não a haver, mas sim escopetas, salvas de espingarda, comprimentos, e uma recepção que queria ser cordial. Via se que o governo portuguez, se não gostava da França, pelo menos temia-a. É de notar que de Extremoz a Arraiolos ha seis leguas, e que não achámos sequer uma aldeia. D'ali dirigimo-nos para Montemór-o-Novo, linda, mas pequena villa, cujos arrebaldes são bem cultivados, e sua posição risonha. Fomos n'ella recebidos maravilhosamente, segundo o costume, o qual parecia ter sido adoptado para nós.

«Não sei se já dei uma idéa d'esta provincia tão particularmente marcada com um sainete especial, quando fallei da Hespanha. Desejo fazel-o, por ser uma

cousa inteiramente apropriada á propria provincia, e o fallar da sua physionomia é fazel-a conhecer. Agora, tudo quanto posso invocar de minhas lembranças, não póde dar uma idéa precisa do encanto que apresentam as charnecas do Alemtejo no momento da florescencia das admiraveis plantas, que as cobrem inteiramente. É verdade, que sendo eu amante apaixonadamente da botanica, achava um grande encanto em encontrar debaixo dos meus pés as mais raras, as mais bellas plantas bulbosas, as estevas as mais notaveis que nós cultivâmos nas estufas das larangeiras, geramios de todas as especies, bem como todos os cistos da Europa meridional. É principalmente a variedade dos arbustos e das plantas que é infinita, e alegra não sómente a vista do botanico, mas até mesmo os olhos do viajante, o qual atravessa aquelle deserto encantado: a *erica australis*, com suas grandes flores purpureas; a *erica umbellata*, mais pequena, mas de côres mais vivas, e os cistos com petalas amarelladas, com as gotas sanguineas no fundo de sua corolla: alem d'essas ainda essa outra de flores vermelhas de fórma e da grandeza de uma rosa. Uma ainda mais rara, e que ficámos surprehendidos de vermos com as outras, é o cisto de grandes flores[1] de uma alvura deslumbrante, com porte tão gracioso, e alem d'isso o lindo arbustosinho com flores côr de violeta[2], o rosmaninho odorifero e buxos matagaes inteiros de murta, bordando os riachos, e cobertos então com suas lindas flores brancas, ao passo que a seus pés estão sarças e campos de rosmaninho escondidos pelos carvalhos. Não posso continuar minha descripção a respeito das flores, pois conheço ser tão fraca que me deixarei arrastar pela lembrança d'aquelles bellos dias da mocidade, nos quaes, sem inquietação a respeito do futuro, sem cuidados a respeito do presente, pisava flores debaixo dos meus pés de mulher nova, esquecida de que estava então com difficuldade de alguma cousa viva. Porque é então a sorte um credor tão inexoravel? Porque vem ella pedir seu tanto de desgraça para se pagar do que vos lhe tendes tirado no vosso destino? Parece que esse pequeno numero de momentos que a mocidade passa a rir, de dôr, lhe é mais tarde contado por ella com uma barbaridade que dá seus ares de vingança, e principalmente de *usura*. E quem melhor do que eu póde ser uma prova disso? Talvez me levem a mal o deter-me eu com excesso no meio d'aquellas charnecas tão floridas, mas pensei que póde ser permittido sem difficuldade áquella que tem bastantes vezes virado as tristes paginas da sua vida, o conservar-se por algum tempo n'aquellas que só fallam das horas serenas e felizes. E alem d'isto aquelles campos da Extremadura, onde aquellas mesmas plantas estão floridas, são um theatro, no qual o nome do imperador por bastante tempo teve echo, onde seu genio, desgraçadamente encaminhado pelo erro, fez representar scenas, cujo desenlace era sempre a França quem o dava, e esse desenlace era muitas vezes glorioso. A Hespanha é um nome magico, não sómente para despertar lembranças n'uma alma capaz de as ter; mas hoje um tal nome está associado a uma parte do que havemos conservado em nossa memoria de ditas e de desventuras. É uma segunda patria para uma chusma de francezes, direi até mesmo, para seus paes. N'essas mesmas charnecas revestidas de flores, n'essas mesmas serranias aridas, nas margens do Henil, nas margens do Tejo, ás bordas do Ebro, por toda a parte na

---

[1] Cistus verticillatus.

[2] Lithospermum fonticosum.

Hespanha, em torno das cidades, nos desertos, não ha sequer uma só familia na França que deixe de saber que uma cabeça querida está sepultada entre aquelles rochedos e aquellas flores. Nada em vão é invocado nas recordações da Hespanha e de Portugal: tudo solta uma voz e responde.

«Uma causa de zanga muito pronunciada nasceu em mim dentro em pouco contra Portugal, foi o incommodo que diariamente experimentava batendo com a testa, hombros e braços, nos caixilhos da minha carruagem. Todos conhecem as torturas causadas por uma longa jornada, sómente pelo motivo de estarmos fechados n'uma boceta rolante pelo espaço de uma longa serie de dias. Ajunte-se a isto sermos balouçados por um caminho dos mais medonhos. Pensei algumas vezes ser aquillo um calculo de fraqueza portugueza para assim se isolar da Hespanha. O que é positivo, e Junot o notou, é que n'uma grande parte do Alemtejo, os caminhos são maus, com uma sorte de regularidade, e que a artilheria não poderia transpor seus barrancos, nem os fossos nos quaes carros ligeiros ficam enterrados. Do lado de Campo de Ourique não se sabe o que seja uma estrada real. A mim mesmo perguntava como, quatro annos antes, tinha podido o principe do Brazil deixado tão voluntariamente desconjuntarem-se-lhe as costellas, quando foi a Badajoz para ter uma entrevista com seu augusto sogro o rei de Hespanha. Emquanto a este ultimo era a causa bem differente. Tudo quanto está calçado desde Madrid até Badajoz, é de uma belleza que deve ser louvada com justiça. Fallei a este respeito com o commandante de Badajoz, o qual me disse que o principe da Paz dera antecipadamente ordens para que se concertasse a estrada em todos os sitios de que houvesse necessidade para a viagem de Suas Magestades.

«Bem o vês! dizia Junot.

«Mas emquanto ao principe do Brazil, como não tinha *privado*[1], a não ser que fosse Lobato, o qual, em boa consciencia, não se podia entranhar nas estradas reaes, senão para n'ellas representar um papel bem differente d'aquelle do ministro gerente, ia aquelle por este abominavel caminho levando amolgaduras na testa como o marquez de B... Mas estava tão bem habituado a ellas tanto elle como os outros, que nem elle, nem pessoa alguma n'isso fizeram reparo. Pobre reino! D'elle com rasão se poderia dizer com o nosso Anacreonte.

Si je sais, ma foi, comment on s'y comporte,
Je veux, mes amis, que le diable m'importe,

«Sim digamol-o de passagem, era um paiz burlescamente governado; e provava infelizmente que um estado póde algumas vezes caminhar sem cabeça, sem braços e sem pernas. Gira então como uma bola pelo mundo, recebendo pontapé de um, sopapo de outro, e, em summa, muito mal tratado de todos. Não é a primeira vez que vemos cousas como esta.

«Foi na quinta feira santa do anno de 1805, pelas quatro horas da tarde que cheguei finalmente defronte de Lisboa. Fiquei penetrada de admiração, e sem me lembrar de nenhum dos louvores que me tinham sido repetidos mil vo-

---

[1] Creado de camara favorito do principe do Brazil. Na occasião da partida do principe a chegada do exercito francez, affixaram uma caricatura na qual Lobato representa um papel importante. É feita á penna esta caricatura, e dá uma idéa do que a nação pensava.

zes de Paris em Madrid, deixei-me encantar por essa magnifica e esplendida decoração que se me apresentou. Não existe cidade alguma, creio eu, que apresente um panorama como o de Lisboa, vista ao chegarmos da Hespanha; essa planicie de agua, formada pelo Tejo, que n'alguns sitios tem legua e meia de largura, bordado do outro lado por uma cidade immensa construida em fórma de amphitheatro sobre collinas limitadas pelo rio, ao passo que sua bahia, cheia de uma quantidade innumeravel de navios, apresenta uma floresta de mastros fluctuando as côres de cem nações differentes, porque Portugal, na epocha de que estou fallando, estava em paz com o universo. Póde-se escrever, póde-se dizer que Lisboa é uma grande e bella cidade, fundada na margem de um rio magnifico, possuindo deslumbrantes arrabaldes, um bello céu, aromas; póde-se fallar de tudo isso; mas pintar com palavras, ou com uma penna por mais eloquente que seja, ou pelo menos que se queira sel-o, o aspecto de Lisboa, quando ali se chega por Aldeia Gallega, por Cacilhas, ou por a Moita, é impossivel. A admiração que senti, deixou em mim lembranças de tal modo inextinguiveis, que os annos se passaram, mas a impressão d'ellas nunca foi alterada. Creio ver ainda essa magnifica cidade, seu rio, seus jardins, seus zimborios, seus mosteiros, seus palacios, esse quadro unico talvez, com qual o sol de Portugal, um sol radiante e calido, sem ser importuno na epocha em que cheguei a Lisboa, illuminava e coloria as bellezas.

ABRÉGÉ DE L'HISTOIRE DE PORTUGAL *dédié à monseigneur le marquis de Cascaes, Comte de Monsanto, Ambassadeur Extraordinaire de Portugal à la Cour de France. A Paris, au palais, Chez Henry Charpentier, dans la Grand'Salle, au bon Charpentier.* 1707, 8.º, 420 pag. e mais 30 pag. para *Description du Royaume de Portugal,* afóra o indice e epistola dedicatoria, pela qual vemos que esta obra foi composta por Maugin.

N'outros exemplares lemos:

A Paris, Chez Martin C George Jouvenel, rue de la vieille Bouclerie, près le Pont S. Michel, à l'image St. Augustin, 1699, 420 pag. e mais 30 para *Description de Portugal.* Parece ser a mesma edição, havendo tão sómente differença no rosto.

ABRÉGÉ CHRONOLOGIQUE DE L'HISTOIRE DE LA SOCIÉTÉ DE JÉSUS, *sa naissance, ses progrès, sa décadence et autres principaux événements qui affectent la Société, avec des notes et anecdotes. Pour servir d'instruction du procés que le public fait aux Jésuites, et à la Justification des Edits du Roi de Portugal contre ces pères. En France.* 1760, in 12.º 112 pag.

ABRÉGÉ CHRONOLOGIQUE DE L'HISTOIRE D'ESPAGNE ET DE PORTUGAL, *avec des remarques particulières à la fin de chaque période.* Paris, 1765, 2 vol., 1.º 745 pag., 2.º 704 pag.

Dizem que o auctor d'esta obra é um certo Filippe Macquer.

ABRÉGÉ *succinct d'une infinité de maux lamentables et de dégâts déplorables que la violence et la conjuration des quatre éléments ont fait éprouver à la grande ville et à la cour de Lisbonne, le premier novembre de cette année 1755. Traduction littérale de l'imprimé espagnol.* Orleans, 1756, folheto.

ABLANCOURT, envoyé de Louis XIV en Portugal.

E. I. *Mémoires 1659.* Amsterdam, 1711.

II. *Contenant l'Histoire de Portugal, 1659 à 1668.* Paris, 1701.

III. *Containing a history of Portugal from the Pyrenean treaty to 1668, with a relation of the war between Spain and Portugal, etc., translated from the french.* London, 1703.

ABT (THOM.)

E. *Fragment der portugiesisch geschicht.* Berlin, 1781.

ABRIANI (PAOLO).

Poesie di... All' Illustriss. ed Eccellentiss. Sig. il Signor Prencipe D. Camillo Pamphilio. In Venetia, 1663. Per Francesco Valuasense. 214 e mais 60 pag.

Al glorioso Sant' Antonio di Padova Protettore delle cose perdute, pag. 97.

Che à sacri detti Tuoi stupido arresti
L'angello il volo, e i pesci eseã dall' onde
Fuggan febri crudeli, e lebbre immonde,
Et hor pioggia, hor sereno il Cielo appresti;
Che si cangino in gioie horror funesti,
Non ancidano altrui piaghe profonde,
Cerchi vinto Satan le Stigie sponde,
Sono, *Antonio,* al tuo crin fregi celesti
Ma se all' hor che per Te lieto ritorna
Chi bramò ritrovar cosa smarrita,
Fai di luce immortal Tua gloria adorna;
Deh porgi anco al mio duol pietosa vita;
E se nel Mondo oue ogni error soggiorna,
La via del Ciel perdei, Tu me l' addita.

Ad Divum Antonium de Padua, pag. 236.

Perdita qui cunctis, Dive, exorantibus affers,
Celsum, a quo flexi, Tu mihi pandis iter:
Martis namque die, fractus dum crure recumbo,
Per cultum disco pergere ad astra tuum.

ABRIDGED HISTORY OF THE DISCOVERY OF ISLAND OF MADEIRA, *abridged from the Portugal with description.* London, 1750.

ABREGÉ CHRONOLOGIQUE DE L'HISTOIRE D'ESPAGNE ET DE PORTUGAL, *divisé en huit périodes; avec des remarques particulières à la fin de chaque période sur le génie, les mœurs, les usages, le commerce, les finances de ces monarchies: ensemble la notice des princes contemporains et un précis historique sur les sçavans et illustres.* Paris, chez Jean Thomas Herissant & Fils, 2 vol., 4.°, 746 pag., 2.°, 704 pag.

Vem no *Journal des Sçavans,* anno de 1766, pag., 76, uma analyse d'esta obra.

ACADEMIA (LA)—*Revista de la cultura hispano-portuguesa, latino-americana,* 1874, in 4.º

ACATORRE (FELICE ANTONIO)—Lettore e Predicatore de' Min. Osserv. Cappellano d'onore, ed Istoriografo di Sua Maestà Cesarea.

Il tributo delle dee alla Serenissima Archiduchessa Marianna, Regia Sposa della Sacra Real Maestà di Don Giovanni V Re di Portogallo, d'Algarbia, etc., etc. A Sua Eccelenza il Signor Don Ferdinando Telles de Sylva, Conte di Villarmayor, Cavaliere d'ella chiave d'oro di Sua Maestà, e suo Straordinario Ambasciatore alla Cesarea Corte di Vienna, etc., Consagruto in segno d'umilissimo ossequio, dal Padre. Vienna d'Austria, Appresso Gio. Gorgio Schlegel, 1708, 8.º grande de 164 pag.

ACCOUNT (AN) *of the European, & c. C'est-à-dire, Relation des établissements des européens en Amérique,* 2 vol. in 8.º chez Dodsley.

Trata esta primeira parte da historia da America e das expedições de Colombo, e d'ella nos falla o *Journal des Sçavans,* junho de 1758, pag. 443.

ACCOUNT (AN) *of the life of Luis de Camoens, the celebrated portuguese poet. Extracted from the introduction to the english translation of the Lusiad. By William Julius Mickle.*

Vem no *Asiatic Annual Register, or a View of the History of Industan for the year 1800.* London, 1801, pag. 30 até 41.

O auctor diz ao findar a vida do nosso poeta:

Camœns the greatest literary genius ever produced by Portugal. In martial courage, and spirit of honour, nothing inferior to her greatest heroes, pag. 37.

ACCOUNT *of the dreadful earthquake and fire, which destroyed Lisbon.* London, 1755.

ACCOUNT *of the War in Spain and the South France, 1808-1814.* London, 1818.

ACCOUNT (AN) *of the Court of Portugal, under the Reign of the present King Dom Pedro II. With some discourses on the interests of Portugal, with regard to other Sovereigns, containing a relation of the most considerable transactions that have passed of late between that Court, and those of Rome, Spain, France, Vienna, England, & c.* London, Printed for Thomas Bennet, 1700, 8.º, 180 pag.

2.ª parte: *Of the interests of Portugal with relation to other sovereigns: containing an account of the most considerable transactions that have passed of between that Court, and those of Rome, Spain, France, Vienna, England, &c.* 172 pag.

N'esta obra, que é muito interessante, fazem-se grandes elogios ao nosso padre Antonio Vieira como orador.

ACCOUNT *of the discovery of the Madeira Island. Letter to a friend.*

Nunca encontrei um exemplar d'esta obra, a qual vi mencionada n'um catalogo de livros antigos sem mais pormenores.

ACCOUNT (AN) *of the Earl of Galway's conduct in Spain and Portugal.* London, Printed and sold by J. Baker, 1711, 8.º 88 pag.

Seguem-se: *Remarks upon the Account lately published, of the Earl of Galway's conduct in Spain and Portugal in a letter to a friend in Holland,* London, sem data.

N'este opusculo defende o auctor anonymo os portuguezes de algumas accusações que o conde de Galway lhes faz na obra acima citada.

ACCOUNT (AN) *of the Earl of Peterborow's conduct in Spain, chiefly since the raising the siege of Barcelona, 1706.* To which is added the campagne of Valencia. The second edition. London, 1707, Printed for Jonah Bowier, 8.º 280 pag.

Nomes de portuguezes tambem por aqui apparecem de vez em quando.

ACCOUNT (AN) *of the European Settlements in America, in six parts:* I *A short history of the Discovery of that part of the World;* II *Manners and Customs of the original inhabitants;* III *Of the Spanish Settlements;* IV *Of the Portuguese;* V *Of the French, Dutch, and Danish;* VI *Of the English.* In two volumes, London. The fifth edition, with improvements, Printed for J. Dodsley, 1770, 8.º XII. 324 pag. XII, 308 pag.

ACCOUNT *of the most remarkable places and curiosities in Spain and Portugal.*

ACCOUNT *of the Earl of Galway's conduct in Spain and Portugal.* London. Printed and sold by J. Baker, 1711, 8.º 88 pag., alem de um prologo não paginado.

No mesmo volume:

Remarks upon the account lately published of the Earl of Galway's conduct in Spain and Portugal. In a letter to a friend in Holland. London, Printed for John Morphew.

Estas obras são relativas á guerra da successão em Hespanha no principio do seculo actual, guerra em que Galway foi nomeado general em chefe das forças inglezas em Portugal, indo substituir o duque de Schonberg. Embarcou a bordo da nau *Tartar* e chegou a este paiz em 30 de julho de 1704.

ACCOUNT (AN) *of the Court of Portugal, under the reign of the present King Dom Pedro* II. *With some discourses on the interests of Portugal, with regard to other Sovereigns; containing a relation of the most considerable transactions that have passed of late between that Court and those of Rome, Spain, France, Vienna, England, &c.*

London. Printed for Thomas Bennet, 1700, 8.º, VIII. 180 pag.

Segue-se: *Of the interest of Portugal with relation to other Sovereigns containing An Account of the most considerable transactions that have passed between that Court and those of Rome, Spain, France, Vienna, England, &c.,* 172 pag.

ACEVEDO (D. ANTONIO TELLEZ DE) vecino de esta corte.

Carta humilde que en estilo heroyco ceñido a el rasgo de temerosa pluma expresa, en octavas el magnifico lucimiento con que el Excellentissimo Señor

Marqués de Abrantes, Embaxador Extraordinario y Plenipotenciario de la Magestad de el Rey Don Juan el Quinto de Portugal, executó su entrada publica en esta Corte de Madrid en el dia 25 de diciembre de el año pasado de 1727, con las demás funciones consecutivas. Escrita y dedicada á la Excelentisima Señora Doña Ana de Lorena, hija de dicho Excellentisimo Señor Marqués y viuda de el Excelentisimo Señor Don Rodrigo de Melo, hijo de el Excelentisimo Señor Duque de Cadaval. Por .. em verso. Poema heroyco.

A dedicatoria foi escripta em Madrid a 9 de janeiro de 1728.

ACEVEDO (D. ANTONIO TELLEZ), vecino de esta corte.

Carta humilde que en estilo heroyco, ceñido a el rasgo de temerosa pluma expresa en octavas el magnifico luciniento con que el Excelentisimo Señor Marqués de Abrantes, Embaxador Extraordinario y Plenipotenciario de la Magestad de el Rey Don Juan el Quinto de Portugal executó su entrada publica en esta Corte de Madrid en el dia 25 de diciembre de el año pasado de 1727, con las demás funciones consecutivas. Escrita y dedicada á la Excelentisima Señora Doña Ana de Lorena, Hija de dicho Excelentisimo Señor Marqués y viuda de el Excelentisimo Señor D. Rodrigo de Melo, hijo del Excelentisimo Señor Duque de Cadaval. Por... Parece uma reimpressão.

É um poema em 24 pag. de 4.º sem data nem logar de impressão.

ACOSTA (CHRISTOVAL).

Nasceu em Africa, de paes portuguezes, e tendo-se estabelecido na Hespanha foi medico titular da cidade de Burgos. Tinha-se dedicado especialmente á botanica, e nas suas viagens, tanto na Africa como na Asia, teve occasião de observar muitas plantas, passando não poucos trabalhos, e perdendo sua liberdade mais de uma vez. Depois de se ter estabelecido em Burgos, terminou e publicou ali mesmo em 1578, um *Tractado das drogas y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debujadas al vivo.* Foi esta obra fructo da emulação nascida das relações. que teve com Garcia da Horta, cujos *Colloquios* elle mesmo lhe mostrou, mas nem por isso se deve inferir que o seguisse servilmente. Seu tratado tem a originalidade que lhe podia dar quem tinha visto as cousas com seus proprios olhos, e as tinha debuxado por sua mão nas proprias terras, como elle diz. Embora tivesse respeitado muito a Garcia da Horta, fez-lhe algumas vezes correcções, e tambem a obra de Acosta pôde sair mais perfeita que a d'aquelle.

ACOSTA (EMANUELIS LUSITANI).

Historia rerum a Societate Jesu in Oriente gestarum, ad annum usq; à Deipara Virgine MDLXVIII, *recognita et latinitate donata.*

Accesere de Japonicis rebus Epistolarum libri IV, *item recogniti & in latinum ex Hispanico sermone conversi.*

Et recentium de rebus Indicis epistolarum liber usque ad annum 1570. Parisiis, Apud Michaëlem Sonnium, Via Jacobœa, sub serto Basiliensi 1572. Cum privilegio regis. 8.º 246 ff. B. P. 4.

ACOSTA (NICOLAU DE) —Era procurador das missões no Japão pelo meiado do seculo XVII.

E. *Relacion Breve del Martirio del Padre Francisco Marcello Mastrillo, de la Compañia de Jesus, Martirisado en Nangasaqui, ciudad del Xapon, en 17 de Octu-*

bre, de 1637, embiado por el Padre Nicolas de Acosta, Procurador del Xapon, al Padre Francisco Manso, Procurador General de las Provincias de Portugal de la dicha Compañia de Jesus. Va al principio añadido el insigne Milagre que hizo el Apostol de las Indias San Francisco Xavier en Napoles à 3 de Enero de 1631, dando Salud al mismo Venerable Padre Mastrillo. Al muy Reverendo Padre Nicolas Mastrillo Duran, Provincial de la Compañia de Jesus en el Perú. Con licencia del Excellentisimo Señor Marquès de Maurera y del Ordinario. Impresso em Lima, por Pedro de Cabrera, Año de 1640, in 4.º 13 pag., afóra duas innumeradas.

ACOSTA (CHRISTOVAL) medico y cirurjano que las vio ocularmente sus plantas debuxadas al bivo por...

E el qual se verifica mucho de lo que escrivio el Doctor Garcia de Orta. Dirigido à la muy noble y muy mas leal ciudad de Burgos, cabeça de Castilla y camara de Su Majestad. En Burgos, por Martin de Victoria impresor de Su Majestad. MLXXVIII in 4.º

Consta: 1.º de 12 folhas innumeradas, em uma das quaes está o retrato do auctor gravado em madeira, com este nome por baixo: *Christophorus Acosta Africanus*. 448 pag. de texto, com gravuras, representando arbustos, arvores da India, seus fructos e dois elephantes; 2.º dois indices, um do conteúdo, e outro das gravuras, com paginas numeradas a seguir de 1 a 38.

O texto compõe-se: 1.º *Libro que trata de las drogas medicinalis y de sus provechos*: 2.º *Tratado del Elephante y sus calidades.*

Esta obra se não é tão rara como a de Garcia da Horta, nem por isso deixa de ser igualmente estimada. E merece sel-o pelo seu conteúdo, que reputâmos classico no seu genero, e digna de jamais se deixar de ter por auctoridade n'este ramo de conhecimentos humanos, que se chamava Historia natural das drogas medicinaes. Escripta n'uma linguagem simples e clarissima é esta obra cheia de muita erudição; o auctor enleia e confronta as noticias e provas que colheu na India, com o que escreveram os mais insignes medicos e naturalistas antigos e do seu tempo: a proposito de cada assumpto chama á barra para esclarecer a verdade, os enganos, os erros ou as faltas de sciencia certa de Plinio, Dioscorides, Aristoteles, Galeno, d'entre os gregos e os romanos: Avicena, Mesne, e Averroes d'entre os arabes; Amato Lusitano e Garcia da Orta d'entre os nossos; a respeito d'este ultimo, porém, são abundantes por toda a obra os maiores louvores, que bem mostram o muito auxilio que Christovam teve no livro d'elle para as suas indagações scientificas. No emtanto sou levado a crer, ao contrario do que alguns auctores pensam, que os dois livros, o de Garcia da Horta e o de Christovam da Costa, são dois monumentos de sciencia de lei, inteiramente distinctos não só na fórma, mas na substancia, cada qual muito para ser estimado pelo muito que vale.

Christovam foi mais feliz do que Horta no methodo com que escreveu seu livro, a forma puramente descripta, sem divagações alheias ao assumpto tornam a leitura d'elle mais amena e proveitosa; acresce que está bem impresso se attendermos á epocha, e com gravuras que, posto que imperfeitas, esclarecem o texto e convidam a lel-o: qualidades estas que infelizmente faltam nos *Colloquios*, cuja leitura é por vezes problematica, e outras tantas inintelligivel.

Se não estivessemos todos tão estrangeirados e tão afrancezados n'estas cousas da sciencia, se no meu paiz houvesse mais amor pelas nossas cousas que foram

a nossa honra e nos deram nome, estes monumentos de sciencia de lei não andariam tão esquecidos, como são de nós os portuguezes. De ha muito que se teria feito a reimpressão de ambos, e vel-os-iamos collocados para sempre no logar de honra da pequena livraria do pharmaceutico portuguez.

A sociedade pharmaceutica lusitana, e os collegios dos pharmaceuticos de Hespanha, e em primeira linha o de Madrid, pelos seus creditos, fariam um bom serviço em levantar, por mutuo accordo, do pó do esquecimento, estes dois monumentos de antiga sciencia, o de Garcia e o de Christovam.

Quanto mais bem empregadas não seriam as despezas da reimpressão d'estas preciosidades da pharmacia da peninsula hispanica, do que tantas outras, a que o modernismo não consegue dar mais vida, do que um pirilampo dá luz em noites de calmaria.

Quem dera que a nossa fugitiva lembrança fosse abraçada por aquellas distinctas corporações.

Clusio traduziu tambem o livro de Christovam da Costa, dando-lhe o seguinte titulo:

Christophori a Costa Medici et Chirurgi aromatum et medicamentorum Orientali India nascentium liber plurimum lucis afferens iis quae a D. Garcia ab Horta in hoc genere scripta sunt Caroli Clusu Atrebatis opera ex Hispane latinus factus. Antuerpiae, ex officina plantiniana apud Joanem Moretum 1852. Reimpresso posteriormente varias vezes.

Barbosa Machado diz que a obra de Christovam da Costa foi igualmente traduzida em italiano e em francez.

Os livros de Garcia da Horta e de Christovam da Costa são os subsidios classicos da historia natural medica das Indias Orientaes ou possessões portuguezas.

ADAMI (ANNIBAL).

E. *Il Santo fra Grandi di Spagna grande di Quattro Grandati, cioé S. Francesco Borgia esprimente n'ella sua Santità, e nel suo nome le virtù di quattro Santi Franceschi di Assisi, di Paola, di Savier e di Sales, giust'al detto dell' Ecclesiasiastico «Fuit magnus juxta nomen suum». Panegirico detto nella Chiesa del Giesù di Roma dal P. nel giorno festivo di esso Santo. Dedicato alla Sacra Real Maestà di Cristina Regina di Suetia. Roma, presso il Varese, 1672,* in 4.º 28 pag.

ADAMS (JOHN)—Captain.

Remarks on the country extending from Cape Palmas to the river Congo, including observations on the manners and customs of the inhabitants. With an appendix containing an account of the European trade with the West coast of Afrika. By... London, Printed for G. and W. B. Whittaker, 1823, 8.º grande IX, 265 pag.

Póde esta obra ser de alguma utilidade para aquelles que tratarem dos feitos dos nossos no Dahomey, no Congo, e n'outros logares de Africa.

ADAMS.

E. *A Guide to Madeira with an account of the climate, London, 1801.*

ADAMSON (J).

Reply of Camoens, Newcastle, 1845.

É uma folha de 4 pag. com gravura.

ADAMSON (JOHN).

Alem d'estas obras publicou tambem as seguintes:

Bibliotheca Lusitana or Catalogue of Books and Tracts relating to the History, Litterature and Poetry of Portugal; forming part of the Library of John Adamson, New Castle on Tyne, 1836, 8.º 115 pag.

ADEMOLLO (ALESSANDRO).

Da questione della independenza portoghese a Roma dal 1640 al 1670. Florenzia, 1878.

ADLERHOLD (GERMANUM).

Die macht des Portugiegischen Scepteres oder Umstandlich Beschreibung des Konigreichs Portugal, etc. (O titulo é extensissimo) *Franckfurt und Leipzig*. 12.º. 1702. 667 pag. afóra as do prologo e indice não paginadas.

Traz retratos dos reis e rainhas de Portugal, e de D. Antonio, prior do Crato.

1 Uma prégação dentro da igreja n'um auto de fé.
2 Torre de Belem.
3 Vista exterior do convento dos Jeronymos.
4 Braga.
5 Caseaes.
6 Coimbra.
7 Evora.
8 Lisboa.
9 Terreiro do Paço.
10 Portalegre.

ADMINISTRATION (L') *de Sebastien Joseph de Carvalho et Mêlo, Comte d'Oeyras, Marquis de Pombal, Secrétaire d'État, & Premier Ministre du Roi de Portugal Joseph I. A Amsterdam, 1786*, 8.º 4 vol.

1.º XII, 351 pag.
2.º 192 pag. e *Pièces justificatives*, 119 pag.
3.º 380 pag.
4.º 204 pag. *Documents*, 188 pag.

«Quando attentamente reflectimos sobre as revoluções de Portugal, vemos que teve um destino unico. Desde seu nascimento experimenta vicissitudes que não são vulgares. No seculo XV faz a conquista da India. A Asia inteira passa para debaixo do seu dominio. Desde então a fortuna de Portugal é prodigiosa! Não diz a historia que alguma outra nação se tenha elevado com mais rapido vôo ao cume das grandezas. A propria Roma, no auge da sua gloria, em tempo nenhum conquistou tantos sceptros, ou lançou ferros a tantos reis. É assombroso o ver o mais pequeno estado da Europa tornar-se a primeira potencia do mundo!

«A descoberta do Cabo da Boa Esperança pelos portuguezes transfigurou a sorte da republica geral. Vemos grandes imperios converterem-se em pequenos estados, e estados mediocres elevarem-se á altura de grandes potencias. O commercio é quem produz esta mudança. Começa então essa famosa revolução, cuja influencia se estende por todas as partes do globo.

«O mundo antigo e novo não formam mais do que um theatro de riquezas. Até então a Asia sómente forma um emporio de ricas producções, das quaes os

portuguezes são os unicos possuidores. Mas dentro em pouco a ambição, ou a avareza das outras nações procura attrahil-as para si. A Hollanda, a Inglaterra, a França e a Suecia querem ter seu quinhão nos thesouros da India, procurando estabelecerem-se n'esta região.

«Por esta epocha começam as guerras, das quaes se não acham exemplos nos antigos annaes militares. Os combates que se ferem n'este novo campo de batalha, são tanto mais sanguinolentos, quanto o inimigo vencido não tem abrigo.

«A descoberta do Brazil dá um novo esplendor a Portugal. Alem da gloria pessoal de acrescentar um novo mundo ao antigo, suas producções bastam para elevar sua potencia acima de todas as potencias.

«Refuto em primeiro logar um libello que se publicou com o titulo de *Memorias do Marquez de Pombal*, onde este grande homem é de tal modo desfigurado, que pelo retrato que d'elle fazem não se póde de modo algum reconhecer.

«Um membro d'essa sociedade banida de Portugal, do fundo do seu exilio agglomera um montão de mentiras, e de calumnias, com as quaes enche quatro volumes, a que dá o titulo de *Memorias*. É uma satyra dictada por uma negra vingança. Espera que o ministro já não exista para atacar sua memoria. Desce ao seu tumulo, onde espalha a bilis sobre sua cinza; declara guerra a uma sombra. Nada patenteia melhor a vileza de um escriptor, do que o aggredir os mortos.

*
* *

«O ex-jesuita lança os alicerces (pag. 9) do seu libello n'um mau terreno. Pretende que podemos accusar o marquez de Pombal de todas as sortes de crimes, por isso que se tornou culpado do maior de todos, o de ter expulsado a sociedade de que era membro. Eis como se expressa:

«Quando não houvesse outra prova da crueldade do marquez de Pombal mais que o tratamento que deu aos jesuitas, seria isso bastante para justificar todas as nossas imputações. Dá como abonador de sua asserção a Europa inteira. Acreditam que ella o queira ser?

«Não fallariamos das primeiras imputações, com as quaes o auctor do libello carregou o prefacio do seu livro, se elle ahi as não houvesse posto para servirem de fundamento a essa chusma de satyras, que depois publica no corpo da obra. Começa por querer amesquinhar o nascimento d'este ministro, com o fim de dar uma sorte de mediocridade a seus talentos; como se o genio tivesse necessidade de ser de um sangue illustre. Diz que Sebastião José de Carvalho, marquez de Pombal, era um pobre gentil-homem. A satyra é tão mal disparada que nem sempre acerta no alvo. Acontece que muitas vezes realça aquellas pessoas, ás quaes procura rebaixar. De todos os titulos de nobreza o gentil-homem é o mais nobre. Sabemos que Henrique IV ufanava-se em usar d'elle. Qualquer póde vir a ser nobre, mas não fica sendo gentil-homem. Este titulo traz de seus antepassados a origem. Os reis, que tudo podem, não podem fazer um gentil-homem. A fortuna perde aqui sua influencia: é só a cousa que o dinheiro não póde grangear.

«Sebastião José ainda era mais nobre pelo lado de sua mãe, que pelo de seu pae. D. Thereza de Mendonça, que lhe deu o ser, era uma dama da primeira nobreza, cujo brilho ella realçava pelas maiores virtudes. Mazarin, que foi primeiro ministro na França, não era de um nascimento superior ao do marquez, e o

d'Alberony, que occupou o mesmo logar na Hespanha, ficava-lhe muito inferior.

«O cargo de secretario d'estado tem esta vantagem, o não exigir antepassados illustres. A carreira ministrial está patente a quantos têem bastante capacidade para a desempenhar, d'ahi procede haver menos ministros gentis-homens do que generaes do exercito. Tal é o preconceito inherente das armas, ser mais glorioso servir o estado com a espada, do que com a pena.

*
* *

«Da Europa estende suas vistas para o novo mundo, anima a navegação, augmenta os generos do Brazil, regula a administração d'esta colonia, vela sobre seus empregados, e obsta á prevaricação d'estes.

«Lisboa é engulida por um terremoto, tira-a do abysmo aonde este phenomeno a tinha mergulhado. Restabelece a ordem no meio da perturbação e da confusão. Estabelece uma nova administração, reprime os malfeitores, castiga os criminosos. Funda uma cidade soberba sobre os entulhos da antiga.

«Sopeia a sedição da cidade do Porto. Castiga os culpados, e faz com que cada um entre no seu dever.

«Descobre a conjuração contra o rei, estabelece um tribunal para punir os criminosos, manda prender todos quantos tomaram parte no crime de lesa-magestade.

«Expulsa os jesuitas de Portugal, atreve-se áquillo a que os maiores potentados nunca se atreveram, accusa-os no tribunal dos reis, elle mesmo se encarrega de os accusar e ganha um grande processo. Oppõe-se aos projectos e aos designios da Hespanha, declara-lhe guerra, faz um tratado com a Inglaterra, allia o poder d'este paiz ao de Portugal, repara as praças do reino, põe em segurança as principaes provincias, faz frente ao inimigo, expulsa o regimento real estrangeiro que se tornou culpado pelo seu mau procedimento, degrada todos os soldados, manda matar o coronel, cria novos regulamentos de commercio, diminue o numero dos padres e dos frades, obriga a restituir os bens usurpados á corôa, estabelece limites ao poder de Roma, regula a jurisdicção do nuncio apostolico, reforma a universidade de Coimbra, muda a ordem de suas escolas, estabelece mestres em todas as cidades do reino, manda construir um canal para facilitar a communicação das provincias, estabelece feiras, e faz com que ellas floresçam, restabelece os negocios da India, supprime os tribunaes inuteis em Goa, protege os devedores insolviveis, declara o commercio do tabaco livre, educa estudantes, trata da paz com o rei de Marrocos para tornar livre a navegação da Africa.

«O agente de uma corôa, que, em menos de quatro lustros, pratica tantas acções, é homem d'estado, os das outras côrtes não passam de ministros, pelo menos a historia não nos diz que nenhum outro homem em um tal logar tenha descarregado tão grandes golpes em tão pouco tempo.

«Durante vinte e dois annos que dura o reinado de Joseph I, Portugal não tem outro ministro senão o marquez de Pombal.

«Em conformidade com as primeiras satyras, o ex-jesuita accusa o marquez de Pombal de peculato. Lança-lhe em rosto suas riquezas. No seu dizer, são ellas enormes. Com effeito, tel-o-iam podido ser se este grande cidadão não houvesse tido tanta generosidade no caracter, quanto desinteresse na alma. Todos os

rendimentos do estado são em oiro. O ministro de Portugal está collocado á porta do templo da Fortuna, cuja chave elle empunha. Apesar d'esta facilidade de accumular um grande thesouro, suas riquezas estão muito longe de se poderem comparar com as de outros ministros da Europa, que, como elle, dirigiam as finanças regias. Conhecemos a opulencia de Olivarez, sabemos qual a fortuna de Mazarin. Ninguem ha que, tendo lido o *Seculo de Luiz XIV*, não saiba que Fouquet, superintendente das finanças, deu uma festa a este principe, que, entrando na conta o edificio e os jardins encantadores do palacio em que a dava, custou trinta e seis milhões, pag. 30.

ADOLPHUS (JOHN LEYCESTER) M. A.

E. *Letters from Spain in 1856 and 1857. London, John Murray, 1858.* 8.º 409 pag.

«...*and Lisbon itself opens upon you, mass after mass of white houses and churches, entirely covering, as it seems, a succession of undulating hills: to the noble river below wide enough, and not too wide, to be the theatre of such a scene. As a mere pile of buildings it is grander, I think, than Naples,* pag. 14.

O auctor esteve em Portugal no anno de 1856.

ADOLPHUS (JOHN LEYCESTER) M. A.

E. *Letters from Spain by... London, John Murray, 1858,* 8.º grande 409 pag.

«*From the Minho to the Douro we coasted a green country, thickly scattered with white houses and villages, and showing the level line of vineyards. At the mouth of the Douro a recess opened upon us in which is Oporto. The town occupies a point of the bay, and seems a stately mass of buildings, but the banks of the river as far as you see up, seem also full of habitations. I had not yet seen any place on the Peninsula which had so much the appearance of being wealthy and inhabitable.*»

ADRIANO ROMANO E. A.

Parvum Theatrum urbium sive Urbium praecipuarum totius Orbis Brevis et Methodica Descriptio. Authore — Francoforti, Ex Officina Typographica, Nicolai Bassaei, 1595.

«Lisboa é chamada vulgarmente Lisbona. Jaz no logar em que o rio Tejo se perde no oceano; dizem que seu nome se deriva das peregrinações de Ulysses, das quaes teve principio. É a metropole de Portugal, séde dos reis, e a maior de toda a Hespanha. Foi outrora mais acanhada, abrangendo apenas um monte, mas com as victorias dos reis cresceu de um modo extraordinario, encerrando dentro de seus muros montes e valles. Ao meio dia fica o palacio real, construido com grande despeza e engenho, e ao ocaso o mosteiro de Santa Clara, o qual se prolonga até ao Tejo. A parte da cidade que olha para o meio dia é banhada pelo mar, o restante continente é de uma fertilidade incrivel e abundante em fructos de todo o genero e as muralhas dilatam-se pelo espaço de sete mil passos. Contavam antigamente até vinte mil edificios urbanos, mas este numero está muito augmentado. A cada passo brotam fontes. Ha na mesma cidade muitas cousas dignas de se verem. Nada ha mais brilhante do que o templo da Misericordia, construcção estupenda de pedra lavrada...

Goa, civitas in medio insulae ejusdem nominis continenti vicinae in parte Indiae temperatissima, clavis est hujus orientis. Hac negotiatione superat omnes civitates orientales cum ad eam defecantur navibus Lusitanorum merces omnes totius Europae, atque etiam insularum Maluccarum, atque etiam omnium civitatum maritimarum totius Orientis, pag. 327.

ADUNANZA *tenuta in campidoglio dagli Arcadi ad onore della Santità di N. P. Clemente XIV, P. M. e di S. M. F. Giuseppe I, re di Portogallo*. Roma 1771, 4.º grande.

ADUNANZA *tenuta in Campidoglio dagli Arcadi ad onore d'ella Santità di N. S. Clemente Pontefice Massimo e di S. M. Fedelis Giuseppe I, Re di Portogallo*. Roma, Per il Casaletti, in 4.º

ADVENTURE ADMIRABLE *par-dessus toutes les autres des siecles passez et presens, par laquelle il appert évidemment que Don Sebastien, vray et legitime roy de Portugal, incognu depuis la bataille qu'il perdit contre les infideles en Afrique, l'an 1578, est celuy mesme que les seigneurs de Venise ont retenu prisonnier deux ans et vingt-deux jours, finie du 15 decembre dernier passé*. Paris.

Em quanto a trabalhos ácerca da nossa Archeologia ha uma immensidade de obras que tratam de tal assumpto. Porém apresentaremos mais tarde um trabalho, no qual o leitor hade ver que os estrangeiros, em todo o genero de lettras nos tecem os maiores elogios.

ADVENTURE *admirable par dessus tortes autres des siecles passez & presents. Qui contient un discours touchant le succez du Roy de Portugal, Dom Sebastian depuis son voyage d'Aphrique, auquel il se perdit en la bataille qu'il eut cõtre les Infideles, l'an* MDLXXVIII, *iusques au 6 de Janvier, au present, 1601. Auquel discours y a plusieurs histoires curieuses, quelques anciennes propheties, & autre choses, par lesquelles apperts evidemment, celuy que la Seigneurie de Venise a detenu prisonnier l'espace de deux ans & vingtdeux iours, estre le propre & vray Roy de Portugal, Dom Sebastian. Plus une letre qui declaire par quelle maniere il fut mis en liberté le 15 Decembre dernier passé. En outre, comme il sortit de Venise, & s'en veint à Florence. Le tout traduict de Castillan en François. A Domino factum est istud, & mirabile in oculis nostris. Psalm.* CXVII, MDCI, in 8.º, 126 pag.

Trata dos seguintes assumptos:

I Traducção de uma carta escripta por um gentil homem veneziano a Sua Magestade Christianissima, trasladada do italiano para francez, pag. 8 a 16, assignada por Gioanne Capvgnano.

II Copia de um discurso relativo aos successos do Rei de Portugal D. Sebastião desde que elle começou a emprehender a viagem de Africa, até a 6 de janeiro do presente anno de 1601, pag. 17 a 34.

III Oraculo divino, digno de ser publicado e sabido por todo o mundo, impresso em Lisboa em latim, com licença do Santo Officio, anno de 1600.

Fr. Estevão de Sampaio portuguez da Ordem dos Frades Pregadores, leitor em Theologia na Universidade de Tolosa, pag. 35.

Juramento de D. Affonso Henriques, pag. 36.

Testemunho de vassallagem e feudo de Affonso Henriques, pag. 42.

Prophecias antigas que não podémos mais convenientemente applicar do que a D. Sebastião, pag. 47.

Explicação de alguns pontos contidos n'este discurso, pag. 50.

Traducção da carta do padre dr. Sampaio ao mui reverendo padre dr. fr. Joseph Teixeira, conselheiro e esmoler do Christianissimo Rei, em o nosso convento dos frades prégadores, em Paris, pag. 69.

Outra carta de D. João de Castro ao sr. dr. Teixeira, conselheiro e esmoler do Rei Christianissimo, primeiro esmoler do senhor principe, e confessor da senhora princeza sua mãe, pag. 71.

Copia de uma outra carta do dito padre ao mesmo bispo, pag. 95. Marcas e signaes que o rei de Portugal D. Sebastião traz naturalmente no seu corpo, pag. 111.

Copia de uma carta escripta por um gentil homem portuguez ao excellentissimo principe o senhor D. Manuel, filho do senhor D. Antonio, eleito rei de Portugal, e residente em Delf na Hollanda, traduzida do portuguez para castelhano e de castelhano para francez, pag. 113. É assignada por Pantaleão Pessoa de Neyva.

ADVENTURE *admirable par dessus toutes les autres des siecles passez & presents. Par la lecture de laquelle il appert evidemment, Celuy que la Seigneurie de Venise a detenu captif l'espace de deux ans & vingt deux jours, estre le propre & vray Roy de Portugal, Don Sebastian. Qui perdit la bataille qu'il eut contre les Infideles en Aphrique l'an 1578. En outre, comme il fut mis en liberté le 15 Decembre dernier passé; & sortant de Venise s'en veint à Florence. Le tout traduit de Castillan en François, reveu & augmenté de plusieurs choses, & de l'admirable natirité dudict Roy Dom Sebastian, exposée l'an* MDC *par l'incomparable Astrologue & Mathematicien, Carlo Lavro, nouellement apportée de Rome, & mise en François pour le contentement des plus curieux. Seigneur a fait cecy, & est chose admirable deuant nos yeux. Psalm* CXVII, MDCI, 8.º, 97 pag. B. P. Lisboa.

A seguir:

Suyte d'vn discours intitulé Adventure Admirable, & touchant Dom Sebastian Roy de Portugal, auec vn narré de son succez, & de ses peregrinations depuis qu'il se perdit en Aphrique, combatant contre les Infidelles l'an MDLXXVIII, *iusques auiourd'huy Mil six cents deux,* MDCII, 8.º 59 fol.

ADVENTURES *of a young Rifleman in the french and english armies, during the war in Spain and Portugal.*

ADVICE *to the gentlemen in the army of Her Majesty's forces in Spain and Portugal.* London, 1708, in 8.º, 90 pag. 2 estampas.

O *Journal des Sçavans* de 1709 a pag. 103, julga que o auctor d'esta obra é Mr. Jean Polus Lecaan.

É uma serie de conselhos hygienicos para os militares que estiverem servindo na Hespanha e Portugal, e falla dos costumes e plantas d'estes dois paizes, etc., etc.

AEPIN (F. V. T.)
Descriptio novi phaenomeni Electrici delecti in Chrysolitho sive Smaragdo Brasiliensi.
No vol. XII pag. 351 a 355 dos *Novi Commentarii Academiae Scientiarum Imperialis Petropolitanae.* Petropoli, 1768.

AF *Beeldingue van d'eerste cowe der Soc. Jesu voor coghen ghestelt door de Duyts. Nederlantsche Provincie d. selver Soc. Antwerpen, Plantyn.* Druck, 1640.
De pag. 377 a 381, falla dos jesuitas na Arabia, Indias Occidentaes, Brazil, Florida, Mexico e Paraguay.

AFFAIRES (LES) *Espagnoles, Hispano-Coloniales, Portugaises et Sud-Américaines, etc.* Paris, 1883.
É um periodico mensal que se occupa largamente de assumptos respeitantes á peninsula iberica, publicando dados estatisticos muito importantes, tanto relativos a Hespanha, como a Portugal[1].

A FEW REMARKS *on the present state of the Commercial relations of England with Portugal, Spain, and Italy, and on the means of improving them.* Second edition. London, Effingham Wilson, 1872, 8.º grande, 118 pag.

AFFLITTO (TOMASO D').
Ragguaglio de gli Apparati, e feste fatte in Palermo per la Canonizatione de' Santi Ignatio e Francesco Xaverio l'anno 1622. Per In Palermo per Gio. Bat. Maringo, 1722, 21 fol.
L'idea dell' apparato fatto per la Canonizatione de' Santi Ignatio Loiola, e Francesco Xavier nella Chiesa della Casa Professa della Compagnia di Giesu in Palermo l'anno Mille seicento vintidue. Dove quelle cose solo si tocano, che d'esposizione hanno bisogno. Per lo Signor. In Palermo, Appresso Giovan Battista Maringo, in 4.º, 54 pag.

AFRICANISCHEN *Kriegs Beschreibung sampt der Portugallesern schrockenlichen Niderlag die sich kurz verschienen jaren verloffen darinn zwen Mauritanische König sampt Konig Sebastian auk Portugal mit mehr dann 1200 Christen auff eynen Tag seind erschlagen und uber 14000 gefangen worden Dekgleichen von Eroberung und Einnemung des Konigreichs Portugals durch Konig Philippum u Hispanien. Erstlich Auk Portugallesischer Sprach in die Frankosische demnach auk der selbigen in die Latinische von Herrn Doctorn Johān Thoma Freigletstlichen auk Latinischer in die Teutsche Sprach gebracht und jek zum ersteumal in Fruct gegeben. Durch Nicolaum Honiger Tanberkonigshofen. Getrucht zu Basel.*
Historia da guerra de Africa e da espantosa derrota dos portuguezes, etc. Basilea, 1581, 8.º CCXXII fol.
Possuo um exemplar d'esta obra.

---

[1] O *Occidente* de 21 de fevereiro de 1883, pag. 48

AGRADECIMENTO *de Portugal ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca Primeiro de Lisboa pelo vigilantissimo zélo, com que se oppoz contra huma erronea e prejudicial doutrina que n'elle se hia propagando.* Praga & Norimberg. Chez Frederic Rudiger, anno de 1746, 4.°

AGUILAR *hijas del Sol. Que buelan sobre la Luna. Las banderas.*

É o titulo de uma comedia composta não sei onde, em honra do infante portuguez D. Manuel, que n'aquelle tempo estava ao serviço do imperador da Allemanha.

AGUILERA (D. VENTURA RUIZ).

E. *Camino de Portugal. Drama en un acto, original y en verso, por... representado con estraordinario aplauso en el teatro de la Cruz, el año de 1849,* in 4.° grande, 8 pag.

Este drama faz parte da Biblioteca Dramatica.

JUAN

Perdonadme mi locura:
tal era mi desventura
que el sentido iba perdiendo.
Asi pues no es tanto el mal
que produjo vuestra espada,
y la noche va abanzada,
y habeis de ir á Portugal...
Martin el Aguila ensilla
y no deje mal su apodo,
que se va a llevar a todo
un infante de Castilla.
Oh! os salvará, cierto estoy,
aunque no sienta la espuela,
que un relámpago no vuela
como el caballo que os doy.

INFANTE

Eso mas? Ia, Juan Tabera.
es de lealtad esceso.

JUAN

No os pudiera dar mas que eso,
don Enrique, aunque quisiera,
Martin va con vos.

MARTIN

(Ay triste!)

JUAN

El os guiara a la raya.

MARTIN

Que siempre a estas cosas vaya!
En hora mala naciste! *(vase)*

INFANTE

Y á la corte no habeis de ir,
si el trono conquisto un dia?

JUAN

No, porque á la corte iria,
señor infante, á sufrir.
Labrador soy: labrador
he nascido; conque asi
bien estaremos yo aqui
vos en la corte, señor,
Ah! si supierais que paz
en estes campos se goza,
pronta os viera yo en mi choza
de vuelta de la ciudad.
No os envidio, no por Dios,
del trono el fulgor estraño...
sentado yo en este escaño
seré tan rey como vos.
Ya os dije, aqui he de estar;
que aqui tan libre me siento,
como el pajaro en el viento
y como el pez en el mar.

INFANTE

Está bien, ya no porfio;
pero dos hijos teneis,
y espero que les dareis
un solo recuerdo mio.

JUAN

Prenda será muy preciada
si es de vós.
Vale algo, á fe,
pues de Alfonso ha herede,
mi padre... Vedla... esta espada *(le da' la espada)*

JUAN

Mal señor, la merecí.

INFANTE

Si un dia cambia mi estrella,
paso se abrirá con ella
quien la llevaré, hasta mi.

Escena XV

Dichos, Martin

MARTIN

Dispuesta está la partida.
Pues no hay tiempo que perder;
salid de aqui a mas correr,
y Dios guarde vuestra vida.
España por vos está,
el rey odia la ley dura;
y cuando un pueblo murmura...
alguna razon tendrá.
Sobre el nuestro yugo fiero
pera, y su suerte maldice:
no soy yo quien os lo dice...
os lo dice el reino entero.
Asi, pues, la gloria os siga:
ojalá que en todas partes
alcen por vos estandartes,
os aclame gente amiga!
¡Luzca el ansiado sol
para que, con virtud alta,
le deis la paz que le falta
al noble pueblo Español.

AGUILERA (P. EMMANUEL) S. J.

Bagnarius Paedagogus ad Scholam revocatus, et in ea egregie elisus et castigatus a Fabio, et pueris infimae classis, ob ineptissimas animadversiones, et notas in Emmanuelis Alvari Grammaticas Institutiones. Vindice Cornelio Ferrandino Castaldensi Human: Litter: publico Professore. Taurini, 1704 (sem nome de impressor). Superiorum permissu, in 12, 447 pag. não fallando na epistola dedicatoria e no prefacio. Tem no fim uma collecção de epigrammas satiricos, datados de Augustae Vindelicorum, 1705, que dizem ser do mesmo P. Aguilera. *(Melesii,* 1, 403.

AGUIRRE (JOSEPH SAENZ DE) *Benedictinae Congregationis Hispanorum Magistri Generalis, Regi ac Supremi Fidei Senatus Consultoris, in Salmaticensi Academia Doctoris Theologi ac post plures alias Cathedras Primarii sacrorum Bibliorum Interpretis.*

Nasceu em Logrogno, cidade de Hespanha, em 1630, e falleceu em Roma no de 1699. Era frade bento.

Collectio maxima Conciliorum omnium Hispaniae, et novi Orbis, epistolarumque Decretalium Celebriorum, necnon plurium monumentorum veterum ad illam spectantium. Cum notis et dissertationibus, quibus Sacri Canones, Historia et Disciplina Ecclesiastica, et Chronologia, accurate illustrantur. Cura et studio Editio altera in sex Tomos distributa et novis Additionibus aucta. Tomus primus ad Sanctissimum Patrem Benedictum XIV Pontificem Maximum. Auctore Josepho Catalano Oratoris S. Hieronymi Charitatis presbytero. Romae. 1753. Ex typographia Antonii Fulgonii apud Sanctum Eustachium 8.

No tomo terceiro, pag. 79 a 80:

Concilium Bracarense Praeside Paacratio, primae Sedis Bracarensis Episcopo, anno circiter Christi CDXI. *Ex Capitulo* II *Libri* VI *Monarchiae Lusitanae, F. Bernardi de Brito, Monachi Ordinis Sancti Bernardi et Chronologi Generalis; nunc Collectioni Conciliorum Hispaniae additum.*

Seguem se as annotações do cardeal Aguire a este Concilio, de pag. 80 a 83. Aguire inclina-se a que na realidade houve um tal Concilio, e diz:

...Admittatur itaque per me licet Concilium istud, quamvis longe inferiori auctoritatis gradu, quam reliqua apud omnes explorata, et a priscis illis temporibus continua saeculorum serie recepta...

Synodus Bracarensis I *Regnante D. N. Jesu Christo, currente era* DXCIX *anno tertio Ariamiri Regis, die Kalendarum Majarum. Nimirum Anno Christi* DLXI, pag. 177.

Synodus Bracarensis II. XII *Episcoporum, Anno Christi* DLXXII. *Sub Mirone Sacerorum Rege Celebratum tempore inter-regni Pontificii, post obitum Joannis Papae* III.

Epistola Martini Episcopi Bracarensis ad Bonifacium Episcopum de trina mersione, nunc primum edita ex MS. Ecclesiae Toletanae, pag. 402.

Epistola Raymundi Gallaeciae et Henrici Portugalliae Comitum Hugoni Abbati Cluniacensi, anno Christi 1093. Tomo V, pag. 17.

Epistola I *Gelasii Papae* II *ad Gallos contra Mauricium Episcopum Bracarensem, anno Christi 1118,* pag. 40.

Epistola Alphonsi Regis Portugalliae ad Lucium II *Papam, anno Christi 1141,* pag. 60.

Responsoria Lucii II. *anno 1145,* pag. 61.

Epistola Eugenii III *Papae ad Joannem Bracarensem Archiepiscopum incerto anno,* pag. 64.

Anastasii IV *Papae Epistola* I *ad Bracarensem Archiepiscopum anno 1151,* pag. 69.

Hadriani IV *Papae Epistola ad Bracarensem Archiepiscopum, circa annum 1156,* pag. 70.

Epistola Innocentii III *Regi Portugalliae,* pag. 108.

Epistola Lamecensi Episcopo, pag. 109.

Epistola Bracarensi Archiepiscopo et Abbati de Bacon, pag. 111.

Epistola Abbati Alcobatiensis Fr. Menendi et Patr. Exodi Monachis Alcobatiae, pag. 111.

Epistola Episcopo et Priori Elborensi, pag. 111.

Epistola Decano Ulixbonensi, Priori et Patri Fradiz Monacho de Alcobatia, pag. 111.

Epistola Abbatibus de Sazeta et de Manzenera et Fratri Menendi Monacho de Alcobatia, pag. 112.

Decano Ulixbonensi, de Alcobatia et S. Mariae de Carcadae Prioribus, pag. 116.

Sancio illustri Regi Portugallensi, pag. 118.

Regi Portugalliae, pag. 118.

Petro Colimbriensi Episcopo, pag. 120.

Colimbriensi et aliis Episcopis in Regno Portugalliae constitatis, pag. 120.

Petro Colimbriensi episcopo, pag. 121.

Innocentii III *Bracarensi Archiepiscopo*, pag. 129.

Martino Bracarensi Archiepiscopo, pag. 131.

Bracarensi Archiepiscopo, pag. 132.

Ulixbonensi, Eiborensi etc. Lamecensi Episcopis et Clero et populo Egitaniensi, pag. 132.

Martini Bracarensi Archiepiscopo, pag. 133.

Martini Bracarensi Archiepiscopo, pag. 135.

Toletano et Bracarensi Archiepiscopo, etc., pag. 136.

Bracarensi Archiepiscopo, pag. 137.

Portugallensi, et Lamacensi Episcopis et Abbati de Burio, pag. 137.

Oxomensi, Portugallensi et Placentinensi Episcopis, pag. 138.

Bracarensi Archiepiscopo et Priori Ecclesiolae et Fratri Menendi Monacho de Alcobatia, pag. 138.

Terraconensi, Bracarensi etc. Compostellano Archiepiscopis, pag. 143.

Archiepiscopo Tolet. et Tyrasson. Coimbriensi et Zamorensi Episcopis, pag. 157.

Illustri Regi Portugalensi, pag. 158.

Illustri Regi Portugalensi, pag. 160.

Sancio illustri Regi Portugalensi, pag. 161.

Compostellano Archiepiscopo et Bracarensi electo et Zamorensi Episcopo, pag. 161.

Nobili mulieri M. filiae Sancii quondam Regis Portugalensis, pag. 161.

Archiepiscopo Compostellano et Ulixbonensi et Egitaniensi episcopis, pag. 162.

Nobilibus mulieribus Tarasiae Reginae et S. filiabus S. quondam Regis Portugallensis, pag. 162.

Priori et Conventui Sancti Vincentii Ulixbonensis, pag. 162.

Abbati, Superiori et Sachristae Alcobatiae, pag. 163.

Zamorensi et Portugalensi episcopis, pag. 173.

Ad Archiepiscopum et Capitulum Bracarense, anno 1217, pag. 182.

Concilium Bracarense provinciale celebratum ab Episcopis Lusitaniae eodem anno 1565, pag. 462.

Concilium Eborense provinciale in Lusitania celebratum praeside D. Joanne Melo Archiepiscopo Eborensi, pag. 473.

No volume 4.º traz igualmente documentos muito importantes relativos ao nosso paiz, e pelo que fica exposto conhece perfeitamente o leitor quanto impor-

tante é a consulta d'esta collecção de Aguire para aquelles que desejarem escrever acerca dos antigos tempos do nosso paiz.

Da collecção dos *Concilios de Hespanha* ha varias edições. Porém a *Biographia universal* de Firmin Didot, diz que o auctor tem falta de critica.

AGUIRRE (MICHAEL AB.)

Nasceu em Azpeitia, na diocese de Pamplona em Hespanha, e morreu em Granada no anno de 1588. Foi doutor em ambos os direitos, membro do collegio de S. Clemente em Bolonha, juiz em Napoles, e membro do conselho soberano de Granada.

Alexandre Bandense, napolitano, qualificou-o de *varão eruditissimo* e illustrissimo, na obra *De Analogis*, capitulo XXVI.

A obra por elle escripta em favor dos pretendidos direitos de Filippe II á corôa de Portugal, tem o titulo seguinte:

Responsum pro successione regni Portugalliae pro Philippo Hispaniarum rege adversus Bononiensium, Patavinarum et Perusionorum collegia. Venetiis, 1581 fol.

Esta obra foi reproduzida no *Consilia* de Besold, no tomo I.

AGUIRRE (MICHAELE AB.) *I. V. D. et in sacro Hispanorum Collegio Bononiae, collega auctore.*

Jurisconsulto hespanhol natural de Pamplona, e fallecido em Granada no anno de 1588. Foi successivamente membro do Collegio de S. Clemente, juiz em Napoles, e membro do conselho soberano em Granada.

E. *Responsum de Successione Regni Portugalliae pro Philippo Hispaniarum Rege Principum omnium potentissimo, Adversus Bononiensium, Patavinorum, et Perusinorum Collegia... In qua quoque disseritur de successione feudorum et aliorum id genus similium. Cum Indice rerum memorabilium locupletissimo. Cum privilegio. Venetiis. Apud Franciscum Zilettum,* fol. 1581, 108 folhas, afóra o indice e dedicatoria, não paginado.

A obra é dedicada: *Illustrissimo atq. Excellentissimo D. Joanni Astunica, Principi Petrae Persiae, militiq. S. Jacobi in Castella supremo commendatori, et in Neapolitano Regno Proreye, ac generali Duci.*

No prologo diz Aguirre estas palavras: *Post vero* (acaba de fallar do conde D. Henrique) *Henricus ac Tyresia eius uxor Alfonsum filium sibi procrearunt, qui Regis nomen ac dignitatem ob incredibilem Regis Castelli liberalitatem sibi comparavit, ut quod hac tributi onere eum liberaverit...*

Vê-se comtudo que o jurisconsulto desconhecia completamente a paternidade d'el-rei D. João I.

Pretende pois n'esta obra provar que o reino pertence ao rei Philippe, com tanta clareza, como claro é a luz do dia o que em latim diz por estas palavras: *Ex quo Philippi Domini nostri jus tanquam ex equo Troiano pendet.*

AHLWARDT.

Chrestomathia e diccionario portuguez. Leipzig, 1808.

AILLAUD (J. P.).

Notice sur l'État actuel de la Publication de l'Atlas de M. Vicomte de Santarem composé de mappemondes, de portulans et de cartes historiques, depuis le XI

jusqu'au XVII *siècle, pour la plupart inédites, tirées de manuscrits des différentes bibliothèques de l'Europe, pour servir de preuves à l'histoire de la géographie du moyen-âge et à celle des découvertes des Portugais. Notice suivie du jugement porté sur cet ouvrage par les journaux et revues scientifiques de l'Europe.* Por...

Paris, Imprimerie Maulde et Renou, 1846, 8.º grande, 56 pag.

«M. le vicomte de Santarem est le premier qui a formé une collection de monuments géographiques du moyen âge, et qui, en commençant par les publier systématiquement, rendit à la science un service éminent, ayant déjà mis à la portee des savants et des géographes 54 de ces monuments pour la plupart inédits, et qui se trouvent disséminées dans les bibliothèques de France, dans le Museé Britannique, dans la Bibliothèque du Vatican, dans celles de Weimar, de Vienne, de Leipzig, de Stockholm, de Parme, de Florence et autres, formant ainsi la véritable et la meilleure histoire de la géographie, comme l'a tres bien observé un savant académicien, *puisqu'au moyen-âge,* elle est presque entièrement dans les cartes.» Pag. 4 ..

Os artigos nos quaes se fazem os maiores elogios ao nosso sabio visconde foram copiados dos seguintes jornaes para esta collecção.

I *Le Moniteur Universel. Annee 1842.* 20 de julho, pag. 8 a 12.

II *Foreign and colonial Quarterly Review.* N.º 4, outubro de 1843. Londres, pag. 12 a 32.

III *Journal de la Société Royale de Géographie de Londres.* Tome XII, 1842, 1.ª parte (pag. 32 a 38).

IV *Extrait du feuilleton de la Quotidienne du 16 février 1843* (pag. 39 a 44).

V *Extrait du feuilleton du National du 16 septembre 1843* (pag. 44 a 52).

VI *Extrait, Berlin, Sonnabend den 24 Abril* (pag. 52 a 56).

A... J...

E. *A Complet Account of the Portuguese Language. Being a copious Dictionary of English with Portuguese, and Portuguese with English.* London, Printed by R. Janeway, 1701. fol. 300 pag.

Encontrei esta obra com o mencionado titulo em um catalogo estrangeiro de livros para serem vendidos em leilão, mas d'ella nunca pude ver um só exemplar, por isso que não existe na bibliotheca publica de S. Francisco em Lisboa, nem na academia real das sciencias, nem na da Ajuda.

O sr. Camillo Castello Branco asseverou ser obra de D. Raphael Bluteau, primeiramente no *Boletim biographico* do sr. Chardron do Porto, e depois tambem a pag. 16 e 17 do 2.º volume dos Narcoticos, Porto, 1882.

Affirmando-o um tão illustre escriptor eu não devo hesitar em acreditar que seja obra do famoso theatino, mas é certo que não se encontra mencionada entre as obras de D. Raphael Bluteau, nem nas *Memorias dos theatinos,* nem na Bibliotheca Lusitana, de Barbosa, n'esta talvez por ser estrangeiro, nem tão pouco no *Diccionario bibliographico,* de Innocencio.

AKBARNAMAH (HISTORIA DO MOGOL) refere a morte do rei Bahadur, e dá alguma noticia das missões dos jesuitas na côrte de Akbar. É provavel que contenha mais algumas referencias aos portuguezes, mas não examinei ainda o Akbarnamah. Espero que Mr. Blochmann, que é tão familiar com as historias persianas d'aquelle periodo, acrescentará mais algumas noticias a estas referencias.

O *Insha i Abulfazl* contém uma carta de Akbar, cuja traducção da Hough, no seu segundo volume, pag. 261. Diz-se ter sido dirigida ao rei de Portugal, mas a direcção na minha copia do *Insha* é *Danazan i Farang*, o que indica ter sido dirigida aos jesuitas.

ALAMANDINI (P. FORTUNATO) da Bologna, Predicatore dell' istesso Ordine.

Historica Descritione de tre Regni, Congo, Matamba et Angola situati n'ell Etiopia Inferiore Occidentale e delle missioni apostoliche exercitateci da Religiosi Capuccini accuratamente compilata dal P. Gio. Antonio Cavazzi da Montecuccolo Sacerdote Cappuccino. Il quale fu Prefetto, e nel presente stile ridotta dal P. .

All' Ill.mo Signore il Signor D. Cesare Visconti Dottor Collegiato di Milano, Regio Feudatario di Creua, Cedrate & Albusciago e Regio Ducal Senatore nello Stato di Milano.

In Milano, MDCXC. Nelle Stampe dell' Agnelli. 4.º grande, 785 pag., afóra a dedicatoria e prefacio não paginados.

Esta obra é adornada com grande numero de estampas representando os usos e costumes dos povos d'aquellas remotas regiões.

AL *Excellentissimo Señor Don Juan Almeyda, Conde de Assumar, del Consejo de su Magestad Portuguesa, Veador de su Casa Real, Deputado de la Junta de los tres Estados, y Capitan de sus Guardas del Cuerpo, y Alcalde Mayor de las Villas de Santarem, Golegam, y Almeyrin, y Comendador de las Comiendas de San Julian de Cambres, San Salvador de Soutto, Santa Maria de Loures, San Pedro de Farinha podre, todas de la Orden de Christo, y Embaxador Extraordinario del Serenissimo Señor Rey de Portugal Don Pedro Segundo, à nuestro Invicto y Catholico Monarcha Carlos Tercero (que Dios guarde & en dia que Nuestro Amado Rey Carlos hare en la Excelentissima Barcelona, Reales Exequias à la Serenissima Señora Dona Catalina, Hermana del Rey de Portugal, y Reyna de Inglaterra, passa una obsequiosa Pluma à consegrarle este Soneto.*

En Barcelona, Por Bartholomé Giralt, Impressor, Año 1706.

A LA *muerte de la Ex.ma Señora Doña Maria de Portugal que por su devocion quiso llamarse de Guadalupe, Duquesa de Aveiro y Maqueda.*

Romance heroico, 12 paginas.

A LA *muerte de la Ex.ma Señora Doña Maria de Lancaster y Cardenas, que por su devocion quiso llamarse de Guadalupe, Duquesa de Aveyro y Maqueda. Hypothiposis del dolor del Ex.mo Señor Duque de Arcos, con quien conspira el de los Excellentissimos Señores Duque de Baños, y de la Excellentissima Señora, mi Señora, Duquesa de Alca sus hermanos, en la muerte de su gran Madre. Soneto.*

Traz tambem um romance heroico do padre Joseph Butron y Muxica, da Companhia de Jesus. 15 paginas.

ALARCON (GASPAR GARCIA DE).

La victoriosa conquista q̃ dõ Alcaro Baçan Marques de Santa Cruz General de la Armada y exercito de Su Mag. hizo en las Islas de los Açores, el año de 1583. Dirigida al Illustrissimo Senor dõ Diego Hurtado de Mendoça Marques de Cañete, señor de las ocho Villas, guarda de la ciudad de Cuenca, Alcalde mayor de

sacas y cosas vedadas por Su Mag. Compuesta por Gaspar Garcia de Alarcon, natural de ciudad de Cuenca. Impresso em Valencia cõ Privilegio, junto al molino de la Ruella, 1858, in 8.º, 136 folhas.

Vem descripta esta obra a pag. 118 do livro *La conquista de los Azores en 1583*, por Cesareo Fernandes Duro, Madrid, 1886.

A. L. (KNT).

E. *Contribution to an historical sketch of the portuguese Settlements in China, principaly of Macao, of the portuguese envoys & ambassadors to China, of the Roman Catholic Mission in China and of the papal legates to China.* By, Macao, China, 1832, 8.º XII, 174 paginas.

O auctor pretende provar que os portugueses não têem direito a Macau, porque nenhum documento podem apresentar pelo qual provem que têem direito áquella cidade. Que os portuguezes até mesmo pagavam um tributo para poderem estar estabelecidos na referida cidade, e que, como signaes de vassalagem, até mesmo a artilheria em 1722 disparava tiros de hora em hora pela morte de Kanghe, e que a elevação de Iung ching ao throno em 1732 foi festejada com salvas e repiques de sinos.

ALARCON (D. ANTONIO SUAREZ DE) hijo del Marques de Trocifal, Conde de Torres Vedras.

I *Comentarios de los hechos del Señor Alarcon, Marques de la Valle Siciliana, y de Renda, y de las guerras en que se halló por espacio de cinquenta y ocho años. Escriviolos—Dedicados al Rey Nuestro Señor. Publicalos Don Alonso de Alarcon, Canonigo de la Santa Iglesia de Ciudad-Rodrigo, y los ofrece al Excellentissimo Señor Don Juan Suarez de Alarcon, Marques de Trocifal, de los Consejos de Guerra de España, y del de Estado de Portugal, &. Con licencia.* En Madrid, Por Diego Diaz de la Carrera, Impressor del Reyno, Año de 1665, fol. 460 paginas.

Pode-se consultar esta obra para a historia das guerras do nosso D. Affonso V na Hespanha.

II *Relaciones genealogicas de la Casa de los Marqueses de Trocifal, Condes de Torres Vedras, su varonia Zevallos de Alarcon, y por la casa, y primer apellido Suarez, Escriviolas—primogenito de esta casa; Ofrecelas al rey Catolico Don Felippe IV. el grande N. S. Con licencia,* En Madrid: Por Diego Diaz de la Carrera Impressor del Reyno, Año de 1656, fol. 435 pag.

Apendice de las escrituras y privilegios, 335 paginas. (É erro de imprensa, deve ler-se 135 paginas.)

ALARCONI (D. JUAN SOARES DE).

La Iffanta coronada por el rey D. Pedro. D. Iguez de Castro. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1606, 4.º

ALAUX (G. D.).

Le Portugal en 1850 et le Comte de Thomar. Paris, imprimerie de G. Stapleaux, in 12.º, 46 paginas.

Este folhéto tem por fim exaltar o conde de Thomar e a sua administração.

AL *Defensor de la Fe: Al Padre del Español Orbe, dado por el Altissimo al Catolico Monarca nuestro el Señor Don Felippe V que Dios guarde. Dedicaue este papel ainedado dos fieles vassalos suyos en nombre de todos los Catolicos y Leales Españoles. Desengaño de engaño, triunfos de la Fe, creditos de el valor, aplausos de la lealtad en los Campos de Almansa. En ora buena al Rey Nuestro Señor por la victoria, y total ruyna de sus enemigos, restauracion de Requena, Valencia y Aragon, por su Alteza Real de Orleans, y del Excellentissimo Señor Mariscal Duque de Berwick.* Romance endecasyllabo.

ALLA *Signora Angela Falchi che nella Tragedia Portoghese intitolata D. Agnesa di Castro rappresenta la parte della medesima D. Agnesa nel Teatro della Comedia.* É um folheto.

ALARCON (DON ANTONIO SUAREZ DE) primogenito d'esta casa.

Relaciones Genealogicas de la Casa de los Marqueses de Tracifal, Condes de Torres Vedras, su varonia Zerallos de Alarcon, y por la Casa, y primer apellido Suarez. Escreviolas — Offerecelas al Rey Catolico Don Felipe IV. El Grande. En Madrid: Por Diego Diaz de la Carrera, Impressor del Reyno, Año de 1656, Fol. 435 pag.

Apendice de las Escrituras, 335 paginas. Esta ultima paginação porém está errada.

Esta obra póde ser muito interessante para a *nossa antiga* aristocracia.

ALAMANDINI (P. FORTUNATO).

Istorica descrittioni de tre Regni, Congo, Matamba et Angola, situati nell' Etiopia infriori occidentale. In Milano, nelle Stampe dell' Agnelli, 1690, in 4.°

ALEMAN (MATHEUS), romancista hespanhol, celebre, natural dos arrabaldes de Sevilha, e author do celebre romance *La vida y hechos del Picaro Guzman de Alfarache,* Madrid, 1599.

E. *San Antonio de Padua de Mateo Aleman Dirigido al Reyno y nacion Lusitana. Con licencia del Santo Oficio de la inquisicion, y Previlegios de su Magestad para Castilla y Portugal.* Impresso em Sevilha por Clemente Hidalgo, ano 1604.

O exemplar por mim examinado, e pertencente á Academia real das sciencias de Lisboa esta falto, e chega tão sómente a folhas 408. Mas vê-se que a obra tinha continuação. Firmin Didot falla de outra edição impressa em Valença no anno de 1609.

A edição de Sevilha por mim examinada consta do seguinte:

1.° *Dedicatoria.*

2.° *Juan Lopez del Valle en alabança de Matheo Aleman.* Elogio. Não paginada.

3.° *A Matheo Aleman Lope de Vega Carpio Cancion.*

4.° *D. Rodrigo de Ayala y Castro,* soneto.

5.° *D. Hieronymo Corte Real, nieto del gran Cortes,* soneto.

6.° *Ana de la Puente devota de San Antonio y gloria de Peñafiel su patria.*

7.° *Juan Lopez del Valle,* soneto.

8.° *Ao leitor,* especie de prologo.

9.º *In praelucentissimum Coelicolam sanctissimum olim mortalem immortalis memoriae. Divum Antonium. Quem Tagus suum esse, quem Padus gratulatur, gaudet. Encomiasticon.* É uma estiradissima poesia latina.

10.º *Ad B. Antonium de Padua carmen.* Outra poesia em latim.

Traz esta obra uma noticia circumstanciada do estado em que estava Lisboa no tempo que o auctor escreveu a *Vida de Santo Antonio.*

ALEGAMBE (P. PHILIPPO) ex eadem Soc. Iesu.

E. *De vita & moribus P. Joannis Cardim Lusitani e Societate Iesu. Liber. Authore—Romae. Typis Francisci Caballi, 1645. Superiorum permissu,* in XII, 135 pag.

II. *Heroes et victimae Charitatis Societatis Iesu, seu Catalogus eorum qui e Societate Iesu Charitati animam devoverunt; ad id expositi & immortui peste infertorum obsequio ex Charitate, obedientiaque suscepto. Autore—. Extremum decennium adjecit usque ad exactum annum 1657. Joannes Nadasi ejusdem Societatis Jesu.* Romae, ex typographia Varesii, 1658, in 4.º

Trata de um grande numero de jesuitas portuguezes, e no mesmo caso está a obra seguinte:

III. *Mortes illustres et gesta eorum de Societate Jesu qui in odium fidei, pietatis, aut cujuscumque virtutis, occasione Missionum, Sacramentorum administratorum, fidei, aut virtutis propagatae; ab Ethnicis, Haereticis, vel aliis, veneno, igne, ferro, aut morte alia necati, aerumnisve conferti sunt. Autore. — Extremus aliquot annos, mortes que illustres usque ad annum* MDCLV *adjecit Joannes Nadasi, Ejusdem Societatis Jesu.* Romae, anno 1657, fol. max

IV *Bibliotheca Scriptorum Societatis Jesu Opus inchoatum a R. P. Pietro Ribadeneira Ejusdem Societatis Theologo, anno Salutis 1602. Continuatum a R. P. Philippo Alegambe ex eadem Societate usque ad annum 1642. Recognitum et productum ad annum jubilaei 1675 a Nathaele Sotuello Ejusdem Societatis Presbytero.* Romae, 1676, fol.

ALEXANDER (JAMES EDWARD) K. L. S. Captain 42d Royal Highlanders, Lieut. Col. Portuguese Service, Author of *Travels in the East, &c.*

E. *Sketches in Portugal during the civil war of 1834. With observations on the present state of future prospects of Portugal.* London, James Cochrane and Co. 1835, 8.º grande XVI, 328 pag.

Esta obra é dedicada ao major general Sir Nicholas Trant.

O auctor ia em direcção á Africa, e de caminho visitou Portugal.

O auctor é adversario de D. Miguel, e na sua obra talvez se possa encontrar alguma cousa util para os que escreverem a historia d'aquelles desgraçados tempos.

II *Narrative of a voyage of observation among the colonies of Western Africa, in the flag ship «Thalia» and of a Campaign in Kaffir Land, on the Staff of the commander in chief in 1835. By... Illustrated with maps and plates by Major C. C. Michell K. H. Surveyor General and Civil Engineer, Cape of Good Hope.* In two vol. London, Henry Colburn, Publisher, 1837, 1.º XXII, 328 pag. 2.º, XI, 352 pag.

Trata com algum desenvolvimento da ilha da Madeira, e da ilha do Principe.

ALEXANDER.

Narrative of a voyage of observation among the colonies of Western Africa in the Flag Ship «Thalia» and of a campaign in Kaffir Land, on the Staff of the Commander in Chief in 1835 by.. Illustrated with maps and plates by Major C. C. Michell, K. H. Surveyor General and Civil Engineer, Cape of Good Hope. In two vol., London, Henry Colburn, 1837, 8.º grande.

Trata esta obra largamente das nossas possessões africanas, mórmente da ilha da Madeira.

ALEXANDRI RAUDENSIS EX DOMINIS BURGHETI.

Responsum Secundum de Legitima Successione in Portugaliae Regnum. Mediolani, 1580, in 8.º

Vi esta obra mencionada em um catalogo de livros, impresso no Porto.

ALBA (ENRIQUE DEL CASTILLO Y).

La Literatura dramatico-hispano-portuguesa desde el siglo XV *hastá mediados del* XVIII.

Apparece este trabalho no *Instituto* de 1876, (jornal de Coimbra).

ALBERTI (DOMINICO STANISLAU) jesuita italiano.

L'apostolo Taumaturgo dell' Oriente S. Francesco Saverio dell Compagnia di Giesù, riverito da suoi divoti con rarii ossequii. In Palermo, presso Onofrio Gramignani, 1704, in 24.

ALBERTI (JEAN ANDRÉ) natural de Nice, iremita.

Encode panegirica della a S. Francesco Saverio. In Bologna per Carlo Zeneira, 1650, in 12.º

ALBERTI (AGOSTINO).

Idea Generale delle Cattedrali dell' Europa publicato da sotto gli auspicii dell' Illustrissimo e Reverendissimo Signore Monsignore Francesco Giacinto Valperga di Masino Vescovo di Moriana. In Torino, 1718.

«...Soto il domini portoguese é Goa Citta di sette parechie, e alcuni Chiostri, eretta in Vescovato nel 1540, ad onore di S. Catterina, e la Metropoli nel 1559 sotto cui li Vescovati di Barace, Cokino, Macao, Malaca, Meliapora, e Nangasaki nell' Isola di Xaino, instituti á questo fine nel predetto 1559, tutti à nomina d l Rè di Portogallo. Come pure l'Arcivenovato di S. Tomaso, o Angamala, fundata nel 1609, pag. 2.»

*
* *

«Congo, capitale del Reyno di questo nome, fu soggugata nel 1491, da Portoghesi, e quali vi dedicarono á S. Croce, una Chesa servita da 18 Canonici, eretta indi in Vescovato á favore di Antonio di S. Etefano, Domenicano.

«Li Venovati di S. Gracimo de Capoverde; e di Pavoasano nell' Siola di S. Tomaso; e dell' Isola di Angola, ó Loanda, ó Dondo, hebbero loro principi del secolo XVI, e sono sulfraganei dell' Arcivesco di Lisbona.

«Sotto il dominio de Portoghese nel Brazile S. Salvatore ó Baia d'Ognissanti, eretto nel 1550 in Metropoli l'anno 1676, nell' intesso anno, che furono creati li Vescovati di Maragnano, di Olinda, e di S. Sebastiano di Rio Janeiro e fatti suoi suffraganei.

ALBIZIO (ANTONIO) nobre florentino.

E. *Principum Christianorum Stemmata.*

A fol. 24 traz os Reys de Portugal. Impresso em Argenterato, 1627.

ALBON (COMTE L') de la plupart des Académies.

Discours sur l'Histoire, le gouvernement, les usages, la Littérature & les Arts, de plusieurs nations de l'Europe par M. le Paris, Chez Montard, libraire imprimeur de la Reine, Ruedesellatharins, 4 vol. 8.º 1782.

No vol. 4.º de pag. 201 até 319 ha um *Discours sur le Portugal.*

O auctor detem-se principalmente fallando do marquez de Pombal.

«A nação portugueza colheu em alguns generos de litteratura mais louros do que se crê vulgarmente. Se os auctores imitaram emquanto ao gosto o tom dos Hespanhoes, outrora seus mestres; a mesma exageração de figuras, a mesma emphasis nos tons, a mesma gravidade que marcha a passos lentos, rodeada de um nobre apparato, a mesma imaginação mais forte, e mais elevada do que graciosa, mais propria para os grandes quadros, como para as pinturas *d'agrement,* o mesmo espirito, mais amador das altas sciéncias que da litteratura fina e ligeira, mais propensos a reflectir do que a agradar, a alumiar, do que a deslumbrar com lavaredas vivas. Os portuguezes tiveram em proporção tantos auctores asceticos, commentadores da *Sagrada Escriptura,* casuistas, theologos e prégadores como os hespanhoes; passaremos porém por alto esta turba arida e ingrata. Os nomes de Sá, Henriques, Magalhães, Fonseca, Fagundes, Osorio, Dias, etc., não podem illustrar uma nação. Manuel Costa, Pedro e principalmente Manuel Barbosa são jurisconsultos vantajosamente conhecidos, não sómente em Portugal, mas até mesmo entre os estrangeiros, os quaes n'este ramo se distinguiram, como foram os italianos.

«Ha todo o motivo para crer que Vasco de Lobeira é o auctor do *Amadis de Gaula,* esse romance de genio, ao qual a imaginação embellezou com um brilhante colorido, e ao qual a alma tem aquecido com accentos inflammados. É d'esta obra que M. de Tressan apresentou uma imitação, na qual, embora em uma idade muito avançada, teve o talento de conservar a nobreza dos sentimentos, a elevação dos pensamentos, a vivacidade das descripções, a frescura e as graças da elocução, que ornam o original. As poesias de Vasco de Lobeira apresentam o mesmo attractivo.

*
* *

«Os *Lusiadas,* poema de Camões, fez com que o appellidassem o Virgilio dos portuguezes, apesar de se achar a uma distancia muito grande do auctor. Alguns defeitos nos ferem n'esta obra sem destruirem o interesse d'ella. Camões não passa de um historiador poeta, o qual não circumscreve seu assumpto em justos

limites, nenhuma unidade, nenhuma acção, nenhuma regularidade no encaminhamento e na ligação das partes. Sua louca imaginação amontua absurdos sobre absurdos; aqui são prodigios inverosimeis e encantamentos, acola e um mixto estravagante das divindades do Paganismo com os assumptos da nossa religião. Seu estylo, bem longe de ter clareza e a pureza das ondas do Tejo, como elle o deseja em uma invocação dirigida ás Nymphas d'este rio, é algumas vezes inchado com expressões requintadas, que lançam n'elle a perturbação e a obscuridade. Mas tambem que bellezas de vez em quando! Uma arte admiravel de graduar os tons, e de passar sem esforço do sublime para o agradavel, do serio para o jocoso, uma variedade surprehendente de imagens, uma nobreza de ficções, uma escolha feliz de comparações, um modo forte de exprimir os costumes, as paixões, os caracteres, uma grandeza de idéas, um calor ardente de sentimentos, todos os distinctivos do genio distinguem os *Lusiadas*, e o porão para todo o sempre ao abrigo do fatal esquecimento.»

ALBA (EL DUQUE DE).

E. *Discurso del duque de... al Catolico Filipe* IV *sobre el conseio que se le dió en Abril passado para la recuperation de Portugal, con su parecer en la misma materia,* in 4.º de 24 pag., sem logar nem anno de impressão.

ALBERONI.

The political Testament of the Cardinal Julius Alberoni exhibiting a general View of the Politics and Interests of the several Courts of Europe. Extracted from different Memoirs, Letters, and other Papers of his Eminence. To which is prefixed a short Account of the Cardinal Life. Translated from the Italian. London, printed for J. Nourse, 1753, 8.º grande, XXVII, 343 pag.

«O rei das duas Sicilias, o duque de Milão, o rei de Portugal, o soberano dos Paizes Baixos estavam sempre seguros de tirarem dos affectos de seus vassallos e do commercio feito nos seus dominios um fundo sufficiente para pagarem as despezas do governo». Pag. 8.

*
* *

«Quando Filippe II fez a conquista de Portugal, tinha elle estado a suspirar pela monarchia universal, e imaginava que tinha finalmente attingido aquelle *supra summum* de poder que faria com que elle haveria de manter a Europa algemada.» Pag. 11.

*
* *

«A providencia tem repartido os bens da terra entre as nações, em harmonia com o genio e indole d'estas: aos hespanhoes e portuguezes deu minas de oiro e de prata; aos francezes, inglezes, hollandezes e allemães, deu terras fructiferas e o espirito da industria.» Pag. 11.

*
* *

O capitulo 4.º trata das forças terrestres da Hespanha e dos seus interesses relativamente a Portugal e das divergencias entre Portugal e a Hespanha ácerca da colonia do Sacramento.

*
* *

Capitulo 6.º Plano do cardeal Alberoni para tornar a casa de Bourbon senhora do mar e do commercio de ambas as Indias.

*
* *

«É de mediocre importancia que o rei da Suecia, ou o rei da Dinamarca, a republica de Veneza, ou a de Genova, o rei de Portugal, ou o rei da Sardenha se declarem por um ou por outro lado. Cada estado deve regular sua politica pelos acontecimentos, e os acontecimentos frequentemente dependem da fortuna. Na ultima guerra, o rei das duas Sicilias ficou neutral, ainda que no systema geral elle devesse tomar grande parte n'ella; mas a neutralidade do rei de Portugal manteve o equilibrio.» Pag. 225.

ALCUNE *Lettere delle Cose del Geappone, dell' anno 1579, insino al 1581.* In Roma, appresso Francesco Zannetti, 1584, in 8.º, 159 pag.

ALDENBURGK.

E. *Relação da tomada da Bahia pelos Hollandezes e sua restauração.* Coburgo, 1627.

D'esta obra falla-nos Varnhagen no seu livro intitulado: *Historia das luctas com os Hollandezes no Brazil*, pag XXI.

Nunca pude encontrar um exemplar d'esta obra.

ALDONI.

Grammatica portugueza para allemães. Leipzig, 1813

ALDONI (J.).

E. *Portugiesische Sprachlehre: eine vollständige und fassliche Anweisung zur Erlernung der Portugiesischen Sprache. Ausgabe.* Leipzig, sem data, mas é de 1813.

Traz poesias de Camões em portuguez.

ALFARO (ALONSO DE).

El hombre de Portugal. Madrid, 1662, *nas Comedias nuevas escogidas*, vol. XVI.

ALFF (BALTHASAR), jesuita.

E. I. *Handbuchlein oder Enchiridion Grammaticorum de partibus orationis in supplementum Rudimentorum posteriorum Emmanuelis Alvari e Societate Jesu. Zum Dienst, und Behuff der dritten, zweyten, ersten, ja auch Kinder-Schul zusammengetragen durch B. P. Balthasarem Alff Societatis Jesu. Coloniae Agrippinae. Sumptibus Viduae Wil Metternich et filii.* anno 1781. 127 pag.

II *Rudimenta Declinationum et Conjugationum, ex variis tam veterum quam recentium Grammaticorum, ac praesertim Emmanuelis Alvari ex Societate Jesu Institutionibus excerpta, ordinatim disposita, pluribus necessariis Declarationibus et Scholiis illustrata, ex Scriptoribus Classicis elimata atque emaculata, studio R. R. Balthasaris Alff Societatis Jesu.* Ibid. id., 1681, in 8.°, 125 pag.

III *Grammatica Emmanuelis Alvari Societatis Jesu, additis accurate Authoribus Classicis, substitutis versibus clarioribus, adjectis plurimis animadversionibus multa quam antea, studiosorum usibus accommodatior studio, R. P. Balthasaris Alff, Societatis Jesu.* Ibid. id. in 8.° 200 pag.

IV *Emmanuelis Alvari e Societate Jesu. Syntaxes in versus et meliorem ordinem, cum interpretatione Germanica, appositisque Classicis Authoribus, plurimisque annotationibus utilissimis et crisibus redacta studio R. P. Balthasaris Alff, Societatis Jesu.* Ibid. id. in 8.°, 172 pag.

ALIENTOS *de la verdad en los clarines de la fama para que pregone con inextinguibles ecos por el Orbe la politica, generosidad y acierto con que eternizó su nombre en la Europa el excelentissimo Don Manuel Telles da Silva Conde de Vilar Mayor nupcial embaxador del invicto monarcha lusitano a la magnifica Corte del Serenissimo elector Palatino desde el dia que llegó S. E. a Manhei hasta la hora de embarcarse en Roterdam para Lisboa conduziendo á la inclita Maria Sophia Esposa del Augusto Don Pedro Segundo Rey de Portugal.* Em Amsterdam en Casa de Iacomo de Cordova, 8.°, 52 pag.

ALLAIN (ÉMILE).

E. *Rio de Janeiro. Quelques données sur la capitale et sur l'administration du Brésil.* Havre, 1886. 8.° IX 324 pag.

É um livro mui curioso e noticioso, e embora pelo rosto se não deprehenda, trata do Brazil tanto colonia portugueza como imperio independente.

ALLATIUS (LEO).

Apes Urbanae sive de viris illustribus qui ab anno MDCXXX *per totum* MDCXXXII *Romae adfuerunt, ac typis aliquid evulgarunt.* Romae, Excudebat Ludovicus Grignanus, 8.°, 1633.

De pag. 30 a 34 apparece a biographia e lista das obras compostas pelo nosso insigne André Bayão.

A respeito da traducção latina dos *Lusiadas,* encontram-se n'esta obra as seguintes palavras:

«*Poema Epicum,* latine reditum ex Rhythmo Lusitani Poetae celebris Ludovici Camoenii inscriptum Lusiadae Indiae Orientalis Argonautae, in decem libros divisum, quod opus Auctor multis ab hinc annis elaboravit, diu expectatum a suis civibus praecipue a duobus magni nominis ac splendoris Archiepiscopis Olyssiponensi Metropolitano, et Bracharensi Primate Regni Lusitaniae, ut ex

eorum literis ad Auctorem scriptis, quae leguntur in volumine literarum ejusdem Auctoris, manifesto constat, Olyssiponensia verba in calce Epistolae haec sunt: Omnem operam studiumque adhibe, ut tam opus Camoenii, quam Epigrammatum e tuis manibus purgatum, seu purgatissimum in lucem prodeat, ut dignus habearis laude et praeconio. Favebit, non dubito, D. O. M. tuis incoeptis. Vale, Olyssipone, 17 Maii 607. Braccharenses vero ita se habent: Debiterem me tibi magnum confiteor, siquidem ex locis ita longinquis, Roma, ad rem tanti pretii et ponderis, nimirum traductionem Lusiadum latine a te factam me requires, opus sane, quod ingenium tuum probe commendat, cujus notitiam et memoriam ex eo tempore, quo nostrae Conimbriae interfui.»

Conimbriae Academiae interfui. 21. Januarii, 1628.

De pag. 52 a 54, noticia de Agostinho Barbosa.

ALLEN (H.).

The great cathedrals of the world. Boston, 1886, in fol.

Appresenta tambem a cathedral de Lisboa.

ALLENDESALAZAR (D. RAMIRO MAZARREDO Y).

E. *Geografia militar de España, Portugal y islas adjacentes.* Madrid, 1879, in 8.º

ALLERSTEIN ou **HALLERSTEIN (AGUSTINHO),** missionario jesuita e mathematico, nascido em Carniole em 1703.

Em 1735 partiu para as missões estrangeiras. Chegou á China em 1738, e foi dentro em pouco enviado para a côrte de Pekim.

Foi nomeado mandarim, e, depois da morte do P. Ignacio Kagler, presidente do tribunal de mathematica.

Falleceu em Pekin no anno de 1774.

E. I. *Observationes astronomicae ab anno 1717 ad annum 1752 a Patribus Societatis Jesu Pekini Sinarum factae, et a R. P. Agustino Hallerstein e S. J. Pechini Sinarum Tribunalis Praeside et mandarino collectae. Vindobonae. Typis Joannis Thomae Nob. de Trattnern, Soc. Caes. Reg. Aulae.* Typogr. 1768 in 4.º

O relatorio d'esta obra foi apresentado na *Nova acta eruditorum Lipsiae, ann. 1772, pag. 155 a 159.*

As observações foram feitas pelos padres Pereira (portuguez), Koegler, Hallerstein, Slaviesek.

II. Um mappa geographico da cidade de Macau e das suas circumvizinhanças, 1739. Por ordem do governador.

III. Oito cartas escriptas de Lisboa, Goa e Pekim, datadas de 7 de dezembro de 1735 até 28 de novembro de 1749, insertas no *Welt-Bott* do padre Stöcklein, sob os n.os 584 a 588, 675, 681 e 696.

ALLUT (P.).

Aloysia Sygea et Nicolas Chorier. Lyon, 1862, 8.º

Dizem que d'esta edição se publicaram apenas 112 exemplares.

AL ILL.mos & EX.mos *Signore Don Rodrigo Annes de Saa, Almeido* (sic) *e Menezes Marchese di Fontes, Conte di Pennaghiano, Capitano maggiore della Cita del Porto, e delle Forterrie di S. Gio. della Foce del Doro, e Nostra Signora*

delle Nevi in Leça de Matosignos, Signore del Conseglio di Sever Pennaghiano, Fontes, Gerdin e Gondomar Sñor di Villa Nuova, Terra di Vaca e Aghiar di Sousa di Bousas, di Gaja e della Honra di Sobrado Signore della Casa de Abrantes, e delle Ville di Sardoal, Alcaide maggiore delle Ville d'Abrantes, Pugnete, Amendoa e di Massam, Commendatore di S. Giacomo di Cassem, e S. Pietro di Faro dell' Ordine di S. Giacomo, Gentiluomo della Camera della Maestà del Rè di Portogallo e del suo Consiglio, e suo Ambasciadore Straordinario appresso la Santità di Nostro Sinhore Papa Clemente XI nel giorno di suo Natale. In Roma. N'ella Stamperia di Giov: Francesco Chracas presso S. Marco al Corso. 4.°

A. L. (KNT.).

Contribution to an historical sketch of the portuguese settlements in China, principally at Macao of the Portuguese envoys and ambassadors to China of the Roman Catholica Mission in China and of the papal legates to China. By ... Macao: China, 1832. 8.° XII, 174 pag.

ALMANAQUE *hispano-lusitano* para 1872. *Coleccion de chistes, anecdotas, articulos, epigramas, versos y pensamientos &c., tomados de los mas distinguidos escritores, asi de España como de Portugal, adornada con varias viñetas y con noticias curiosas é interesantes de ambas,* in 8.° 132 pag., com um grande numero de artigos em hespanhol e portuguez. Madrid, imprenta de los Señores Rojas.

ALMEIDA.

The manager, now in earnest, acted a tragedy by Miss Lee, called Almeyda, it is a Moorish fable sufficiently regular, poetically and even pathetically written: but Kemble and Siddons could notkeep the play alive longer than four nights, such is the destructive effect of burlesque, when it preceds even respectable composition.

ALMEIDA (JOÃO FERREIRA), ministro pregador (*sic*) d'o S. Euangelho.

Dedicatoria, serração e Crescimento d'o Estado d'a Illustre Companhia nestas partes Orientaes: como de Veras lhes deseja aquelle que sempre faz, he, e ha de ser De Vossas Senhorias Mui humilde e affeiçoado Servo em Christo, Batavia, 30 de novembro de 1668.

Parece porém que esta pagina pertence à dedicatoria, e que o verdadeiro titulo da obra é *Differencia da christandade.*

Sei que este João de Almeida era portuguez: menciono, porém, o livro por causa da sua raridade, e pelo logar em que foi estampado.

ALMÈS (DR. LUCIEN PAPILLAUD HENRI), commandeur de l'ordre du Christ du Portugal, et du Nichan-Iftikhar, membre de plusieurs societés scientifiques régnicoles et étrangères.

1. *Notice sur le voyage au Brésil du Docteur Pedro Francisco da Costa Alvarenga, Professeur à l'école de médecine, membre titulaire de l'académie des sciences, et honoraire et correspondant de plusieurs sociétés savantes, grand croix et*

commandeur de plusieurs ordres nationaux et étrangers, &c., Traduit en français par... Lisbonne, imprimerie, rue du Crucifixo, 1873, in 4.°

II. *Rapport sur la Statistique des hôpitaux de S^t. Joseph, S^t. Lazaro, et Desterro de Lisbonne pour l'année de 1805.* Lisbonne, 1869.

ALPHABETUM *Thibetanum Missionum Apostolicarum commodo editum: Praemissa est disquisitio qua de vario Literarum ac Regionis nominae, Gentis origine, moribus, superstitione ac Manichaeismo fuse disseritur. Beausobri calumniae in sanctum Augustinum aliosque Ecclesiae Patres refutantur. Studio et labore fr. Augustini Antonii Georgii Eremitae Augustiniani.* Romae 1762, typis Sacrae Congregationis de Propaganda fide. Superiorum facultate, in 4.° 820 pag.

Journal des Sçavants, anno 1765, pag. 823.

ALPHONSE.

Histoire portugaise arrivée lors du tremblement de terre de Lisbonne. Paris, an VII.

ALTHEMENES *Tragœdia, Sub auspiciis Emi. ac Rmi. Principis Nunnii S. R. E. Cardinalis Acunha, Totius Lusitaniae, Regnorumque ipsi subjectorum supremi Inquisitionis &. Habita a Collegii Rom. Scolasticis in Aula Maxima, cum eorum praestantissimi publico premio donarentur.* XIV *Kal. Octobris 1721.* Romae, typis Georgii Plachi, in 4.°

O P. Carpani dedicou sua tragedia ao cardeal.

AMATIS (FRANCISCO MARIA AMATO D'), jesuita natural de Roma.

La vita del P. Gonsalvo Silueira martyre della Compagnia di Giesu. Roma, pressa Giacomo Mascardi, 1615.

AMAURY (JACQUES LAZARE).

Escreveu, sob o nome de D. Diogo da Piedade, os seguintes livros:

I. *Arte franceza para uso dos portuguezes.* Coimbra, 1826.

II. *Dialogo sobre a Historia de Portugal, em portuguez e francez, para uso de todos aquelles que querem aprender uma das duas linguas por meio da outra.* Lisboa, 1830 (já segunda edição).

AMAZONAS (LAS) *de España, fiesta que se representó en el palacio del Marqués de los Balbase, Embaixador Extraordinario de S. Magestad Catholica (que Dios guarde) de haver echo su entrada publica, y de obsequiar el felix tratado matremonial del Serenissimo D. Fernando princepe de Asturias con la Serenissima Señora Infanta de Portugal D. Maria Barbara, glorioso assumto de su comision. Lisboa.* Offic. da Musica, 1727, 4.°, 52 pag.

AMBSCHELL (ANTONIO), jesuita hungaro.

E. *Predigt an dem Festtage des heil Antonius von Padua gehalten zu Laybach in Krain. Wien, gedruckt Schmidschen Scriften, 1782,* in 8.°

A MESSIEURS *les magistrats et avocats portugais refugiés en France.* Rennes, 1832.

Conheço ainda as seguintes obras impressas em Rennes:

Les émigrés portugais et le rédacteur de l'Auxiliaire. Bréton, 1831.

Au rédacteur de l'Auxiliaire. Bréton, Rennes, 1831.

Courrier des émigrés portugais. Rennes, 1831.

Representação do deposito de Rennes á Rainha. Rennes, 1831.

Senhor perguntador bruxelense. Lista dos subsidios recebidos por alguns emigrados em Paris. Rennes, 1830.

AMOR *augmenta el valor. Fiesta que se executó en el Palacio del Marquès de los Balbases Embaxador Extraordinario de su Magestad Catholica (que Dios guarde) en esta Corte, con el plausible motivo de haverse effectuado los Desposorios del Serenissimo Señor Principe de Asturias Don Fernando con la Serenissima Señora Infanta de Portugal Doña Maria en ... de Henero de 1728.* Lisboa Occidental. En la Patriarchal, Officina de la Musica, 1728.

AMPACH (ROCH), jesuita nascido no Tyrol.

E. *Synopsis Vitae S. Francisci Xaverii ex hispanico.* Vienna, in-8°

ANALYSE *de trois lettres du Chevalier *** sur la question de la succession de Miguel I.* Lyon, 1843.

ANCHIETA (P.).

E. *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil.* Leipzick, por Platzmann. 1876.

Ha varias outras edições.

Grammatik der brasilianischen Sprache, mit Zugrundlegung des Anchieta. Leipzick, 1874.

ANDALOUSIE *et Portugal par l'Auteur des Horizons prochains.* Paris, 1886, in-8.° 439 pag.

Andalousie et Portugal

«Au pied des monts qui gardent les Castilles,
Preux chevaliers, l'aigrette blanche au front,
Se tient un peuple armé de ses faucilles,
Qui d'aucun joug n'a su porter l'affront.

Envahisseurs, redoutez les faucilles!
La lance plie et le glaive se rompt.
Le vent du siècle emporte les bastilles;
Le seul rempart, c'est une nation.»

*
* *

«Quereis vós saber em que o dialecto portuguez, aquelle que se falla nas ruas, differe da lingua hespanhola?

«Tomae a lingua castelhana, e substitui as consoantes d'ella por *ch, bsch e psch,* fallareis portuguez.

«E fallando seriamente, quando se trata de me fazer entender, ponho *ch* em todas as palavras e comprehendem-me». Pag. 397.

Diz que no Porto havia inquisição, e que os camponios nas proximidades d'aquella cidade grangeavam ganhos enormes, pag. 432.

Espere e *ámanhã* são as duas palavras que em Portugal tudo resumem, ibid.

ANDERSEN *and Tugman. Mercantile Correspondence. Containing a Collection of Commerrial Letters in Portuguese and English with their translation on opposite pages for the Use of Business Men and of Students in either of the languages, treating in Modern Style of the System of Business in the principal Commercial Cities of the World. Accompanied by,* pro forma, *Accounts, Sales, Invoices Bills of Lading, Drafts, &c. With an Introduction and Copious Notes. By William Anderson and James Tugman.* 1867, 6 s.

ANDERSEN (HANS CHRISTIAN).

Nos seus contos existe um intitulado: *A vereda espinhosa da gloria,* no qual figura Camões como exemplo de genio estimulado pela desgraça.

Andersen veiu a Portugal em 1866, e no livro das suas viagens ha um capitulo ácerca de Portugal: *Et besoeg i Portugal.*

Alguns dos contos de Andersen foram traduzidos do dinamarquez pelo escriptor eborense Gabriel Pereira.

D'Orsey.—Practical grammar of portuguese and english. Exhibiting in a series of exercises, in double traduction, the idiomatic structure of both languages, as now written and spoken. Third edition, 1868.

D'Orsey.— Colloquial portuguese; or words and phrases of every-day life. Compiled from dictation and conversation. For the use of english tourists in Portugal, Brazil, Madeira and the Açores. With a brief collection of epistolary phrases. 1868.

Notley.— Comparative grammar of the French, Italian, Spanish and Portuguese languages. With a copious vocabulary. 1868.

ANDERSON.

No *Bombay Quarterly Review,* vol. IV, apresenta uma interessante memoria composta por Anderson ácerca da tomada de Baçaim e d'outras fortalezas portuguezas entre Bombaim e Damão pelos marathas.

ANDERSON.

Portuguese Commercial. London, 1879.

ANDREE (JOHN).

E. *Comparative vocabulary in 6 languages: english, latin, italian, french, spanish and portuguese.* London, 1725.

ANDREONE (P. JOÃO ANTONIO).—Jesuita, que da Italia foi para o Brazil.

E. Oratio panegyrica sub effigie Illustrissimi, ac Reverendissimi D. Archiepiscopi Bahiensis D. Sebastiani Monterii a Vite describenda.

Foi publicada esta oração latina na obra intitulada: *Vida chronologica de S. Ignacio de Loyola,* composta pelo P. Francisco de Matos, e impressa em Lisboa no anno de 1718.

ANDREONI (JOÃO ANTONIO).—Jesuita, natural de Lucca. Missionou no Brazil.

E. I. *De rebus Brasiliæ justum volumen.*

II. *Orationes duæ latinæ Protoparenti nostro Ignatio altera, D. Francisco Xaverio, cum iconibus.* Romæ.

III. *Synagoga erroribus libera et convicta, edita Italiæ a P. Joanne Pinamonte lusitanice a se reddita, opus posthumum recusum Ullyssipone, typis Musices,* 1720, in-4.º

IV. *Ubertas et opulentia Brasiliensis per assiduam mercium, aurique commutationem aliarumque rerum notitiæ ad confectionem sacchari et beti, vulgo* Tabaco *culturam, methodus nitide effodiendi aurum, argentique fodinas indagandi annui redditus et proventus Lusitaniæ Coronæ ex Americano statu provenientes. Opus V. P. Josephi de Anchieta publicæ venerationis studiosis nuncupatum, editum suppresso nomine auctoris Lusitanice,* Lisboa, Deslandes, 1711, in-4.º *(Quia tamen liber plus incommodi quam utilitatis Lusitano allaturus videbatur, jussu Serenissimi Regis suppressus est.)*

ANDRES (D. CARLOS), individuo de las reales academias Florentina, y del derecho español y publico matritense. En Madrid. Año de 1785. Por Don Antonio de Sancha, in-8.º, 8 vol.

... Esta gloria se la adquirió justamente Camoens (pag. 270. vol. III), con las celebradas Lusiadas, y obtuvo entre sus nacionales el lisonjero nombre de Virgilio. La atrevida empresa de los portugueses de doblar el Cabo de Buena Esperanza, de descubrir las Indias Orientales, de fundar en ellas colonias, y de establecer el comercio y la religion, en el vasto argumento de las *Lusiadas* de Camoens, superior ciertamente á los viajes de Ulises, á la etiqueta de Aquiles, y á las cortas navigaciones y pequeñas guerras de Eneas. La novedad de las ficciones, la variedad de los accidentes, la belleza y la verdad de las descripciones, algunos rasgos maravillosos y mui singulares y sobre todo la gracia, la elegancia, la nobleza y la fuerza del estilo sublime sin hinchazon, y culto sin afectacion, hacen que todas las naciones sabias gusten del poema portugués y que dure la memoria de su autor en todos los siglos... En efecto nosotros hemos visto aun en nuestros dias, que en todas las naciones se han dado las debidas alabanzas al poema portugués: se ve en Inglaterra al erudito Guillermo Jones alabar la poesia de Camoens como la más pulida y dulce, sublime e sonora[1].

---

[1] Com. *Poes. asiat.*, c. XII.

ANDRES (MARQUES DE LA VILLA DE SAN——), VIR-CARDE DE BUEN PASO.

Carta del —— á un caballero su pariente, en respuesta de una en que le daba la enhorabuena de su llegada a Lisboa. 4 pag., 4.º Sem data, nem logar de impressão. B. P. L.ª

ANDRY (M.).

Observations sur les maladies vénériennes, par feu M. Antoine Nunes Ribeiro Sanchès. Publiées par —— A Paris. Chez Théophile Barras le Jeune, 1785. Paris, 1795. XXXVI, 204, in-8.º

ANECDOTES *du ministère de Sebastian Joseph de Carvalho, comte d'Oeyras, marquis de Pombal. Nouvelle édition.* 2 vol. Orange, 1843.

ANECDOTES *du ministère de S... J... C... C... d'O..., marquis de Pombal.* Varsovie, 1783, 12.º

—— Idem. Varsovie, 1784, 8.º

ANECDOTES *du ministère de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello &.*

O titulo completo da mencionada obra é o seguinte:

Marquis de Pombal, sous le règne de Joseph I, Roi de Portugal. Nouvelle édition, revue & vérifiée sur les décrets emanés du trone, sur d'autres pièces justificatives & sur le témoignage des auteurs imparciaux. A Varsovie. Chez Janosrovki, imprimeur libraire. 1784, in-8.º XXXI, 432 pag.

ANECDOTES *espagnoles et portugaises depuis l'origine de la nation jusqu'à nos jours,* 2 vol. Paris, 1773.

ANECDOTES *of Spain and Portugal. With portraits.* London, 1823.

ANEDDOTI *del ministerio di Sebastiano Giuseppe Carvalho, conte di Oeyras, marchese di Pombal sotto il regno di Giuseppe I, Re di Portugallo. Pervire di supplemento alla vita del medesimo.* MDCCLXXXVII. 8.º Tom. I, 297 pag.; II, 251 pag.

Lê-se no fim do II:

«La presente opra in due tomi se vende in Venezia presso Pietro Savioni al ponte de' Baretteri, all'insegna della Nave. Com o retrato do marquez.

«Imprehendo uma Collecção de Anecdotas, as quaes hão de surprehender o seculo presente, e hão de parecer incriveis á edade futura. Basciam-se ellas na oppressão e tyrannia exercida em Portugal debaixo do ministerio de Sebastião José de Carvalho, conde de Oeiras, e marquez de Pombal». Quem poderá acreditar, diz o abbade Guarnier, que um só homem, abusando da confiança e auctoridade do Rei, podesse pelo espaço de vinte annos encadear todas as linguas, amorraçar todas as boccas, esfriar todos os corações, escravisar a verdade, levar em triumpho a mentira, calcar a justiça, fazer com que a iniquidade fosse respeitada e a barbaridade, e zombar da fama publica por toda a Europa? Ah!

Quão formidavel é a vida da iniquidade, e extenso o seu poder! » Assim dizia este orador francez na oração funebre de Joseph I, recitada em Lisboa no anno de 1777.

ANEDDOTI *del ministro Seb. G. Carvalho, conte de Oeyras, marchese di Pombal.* 2 vol. (Com retrato.) Venezia 1787.

ANEDOTTI *del ministerio di S... G .. C..., marchese di Pombal.* 1878. 8.º 2 tom.

ANGELERIA (PETRI MARTYRIS AB ——) Mediolanensis Protonotarii Cæsaris senatoris.

De Orbe Novo. Cum privilegio imperiali. Compluti apud Michaelem & Eguia. Anno 1530. Fol.

Trata muito das antigas navegações dos portuguezes.

ANGELES (PEDRO DE LOS).

Coleccion de obras y documentos relativos á la historia antigua y moderna de las provincias del Rio de La Plata, ilustrados con notas y disertaciones por ——. Buenos Aires. Imprenta del Estado. 1836. in-fol.

ANGELICO (P. —— DA VICENZA). *Minor Riformato Vita di Santo Antonio de Padova.*

ANGELO (ENGEL, ARNOULD), missionario jesuita, natural d'Utrecht.

I. *Elegantarum libri duo. Continent Obitum et Epitaphium S. Francisci Xaveri diverso carmine.* Praga, 1657. Typis Universitatis.

II. *Oratio de S. Francisco Xaverio.* Pragæ. Typis Universitatis, 1657.

ANGHIERA (D. PIETRO MARTIRE D').— Natural de Arona, terra sobre o Lago Maior, onde nasceu em 1455[1].

E. I. *De Insulis nuper inventis et incolarum morum.* Basilea, 1521, in-4.º 1533 in-fol. Coloniæ, in-8.º

II. *De rebus oceanicis et Orbe novo Decades.* Parisiis, 1536. Fol. *Ibid.*, 1587. in-4.º

Estas obras foram traduzidas para diversas linguas.

ANGRE (DE BRIOIS D').

Actualités Européennes.— Le Portugal vis-à-vis de la question espagnole. Paris, librairie internationale de Lacroix, 1870. 8.º 32 pag.

ANGUIANO (FRAY MATTEO DE).— Predicador capuchino, de la Santa Provincia de la Encarnacion de las dos Castillas, procurador y secretario que ha sido de ella y guardian de sus conventos de las ciudades de Alcalá de Henares, y de lo Imperial de Toledo.

---

[1] Guinguené, *Histoire litteraire d'Italie*, vol. VIII, pag. 368.

Epitome historial y conquista espiritual del imperio abyssino, en Etiopia la alta ó sobre Egypto, á cuyo emperador suelen llamar Preste Juan, los de Europa, Consagrale rendido al Eterno y Divino Padre, primera persona de la Trinidad Beatisima. En Madrid. Por Antonio Gonzalez de Reys. Año de 1706, in-8.º grande. 204 pag.

O auctor declara ir continuar a obra de Balthazar Telles (a quem tece grandes elogios), e a de Ludolf.

ANNALS *of the Peninsular campaigns; from* MDCCCVIII *to* MDCCCXIV. *By the author of Cyril Thornton.* In three volumes.

William Blackwood, Edinburgh, 1829, 3 vol. in-8.º

1.º XI — 388 pag.

2.º IV — 366 pag.

3.º V — 450 pag.

ANNICHINI (PEDRO ANTONIO).— Jesuita, natural de Veneza.

E. *Illustri miracoli di S. Francesco Saverio Prodigioso in Oberburgo nella Stiria Inferiore ex latino idiomate in italium versus.* Venetiis. Josephus Corona, 1738, in-12.[1]

ANNONI (ANTONIO).

E. *Di alcune città ed industria di Spagna e Portogallo.— Setembre.* Ottobre 1888.[2]

«Vivissimo é o contraste por entre as aridas e desertas planicies de Castella e Extremadura, e o amplo, rico e verdejante valle do Tejo portuguez, que ao longo de Lisboa corre suavemente para o mar. Acolá vastas solidões onde as exhalações não encontram por aqui e por acolá mais do que vastas montanhas, escaldadas pelo sol, um solo pedregoso, arido e ardente, grupos por aqui e por acolá de arbustos definhados, raros viandantes, e ainda mais raras habitações: aqui um jubilo de colorido, da verdejante profundidade de carvalhos até á loura videira e ao amarello das ferteis searas. O contraste do solo anda de par a par com o contraste dos habitantes: os hespanhoes, graves e carrancudos percorrem silenciosos e isolados as tristes campinas.

«O contraste do solo corre parelhas com o contraste dos habitantes: os hespanhoes graves e severos percorrem silenciosos e macambuzios as tristes planuras; porém os portuguezes em bandos ou grupos, alegres, folgasões, e gritadores enxameam pelas estradas, e junto das estações, onde as suas vozearias jubilosas e acompanhadas do grave, se bem que distante som dos instrumentos rusticos.

«O Tejo, esse rio cantado pelos poetas e trovadores, só em Portugal tem verdadeira importancia commercial, se bem que grande parte do seu curso, perto de dois terços, os percorra pelas provincias da Hespanha.....

«Sua corrente é impetuosa, rapida. No dominio romano, na Iberia e na Lusitania teve o Tejo nomeada por causa do ouro que se apanhava nas suas areias: «*Tagus auriferis arenis celebratur.* (Plinio, *Historia natural*, IV, 22.) E identica

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. VI, pag. 45.

[2] *Bolletim de la società geographica italiana.* Serie 3.ª, vol. II, fasc. 4.º Aprile 1889.

asserção fazem Silio Italico, Ovidio e outros. Sua riqueza aurifera é hoje uma recordação, quando não seja um mytho. E fallando eu ácerca de um tal assumpto, em Talavera, Alcantara, Santarem e Lisboa, de todos recebi identica resposta. E até mesmo varios estudos para tornarem o Tejo navegavel até Abrantes, ficaram sempre no estado de projecto.

«Abrantes, Thomar, Alcobaça, Batalha, quantas memorias recordam taes nomes! Arte e riqueza: batalhas e victorias, canções, poemas, legendas, amores e delictos... ruinas de castellos, de fortalezas, de conventos, de torres, de pontes de todas as epochas, desde a romana até á arabica e gothica, são testemunhas vivas da grande vida, que fervia nos seculos passados n'esta provincia.

«Coimbra! Quão jubilosas recordações evoca o teu nome! A antiquissima Coimbra que os romanos encontraram já florescente, a residencia de tantos reis, que ali tiveram côrte gloriosa e esplendida, residencia de ferozes barões, de opulentos prelados, de damas orgulhosas da sua belleza e aventuras, de soberbos guerreiros, vencedores tanto por terra como por mar contra godos, arabes, gallegos e leonezes: centro da civilisação lusitana na idade media, pharol de luz por causa da celebre e antiquissima universidade cantada pelos poetas e pelos romanceiros, descripta em poemas e balladas... quantas recordações enlevam o viajante pelas suas viellas tortuosas, estreitas, e empinadas, já percorridas n'outros tempos por uma turba folgazã e jovial de commerciantes, reis, rainhas, voluptuosos guerreiros, estudantes, padres, barões e soldados... e os teus estupendos valles, o *eden* descripto nas sagradas cartas, banhada pelas serenas aguas do Mondego, rica da mais variada e luxuriante vegetação, das palmeiras dos tropicos, até aos soberbos abetos dos altissimos montes... quantas lendas alegres e tristes, quantos contos de aventuras de amores e de guerra se sentem sussurrar vezes innumeras.

«E de tanta gloria, e de tanto brilhantismo, que resta ágora? Bem pouco, para fallar verdade: só a celebre universidade existe, como na realidade um valle estupendo e rico de vinhedos... emquanto ao mais tudo mudou: silencio por toda a parte, quietação propria de um convento. As antigas officinas estão mudas, e as estradas e praças desertas.

«Mais do que o Belgrado merecia Coimbra o nome de cidade Branca. A vasta agglomeração das suas casas caiadas, encostadas á collina e de uma deslumbrante alvura: todas as casas parecendo acabadas na vespera: tudo é branco desde os alicerces até o tecto, brancas as portas e as persianas, brancas até as officinas, e brancas até as mestras.

«O rio Mondego lambe suavemente a vasta e suave collina sobre a qual se prolonga a cidade: no mais alto ponto ergue-se soberbo e imponente o palacio da universidade, para o qual a torre central destaca-se nitida para o azul do céu; que esplendido panorama se gosa d'aquella torre... os olhos não sabem onde primeiro pousar.

«Em muitos pontos Coimbra traz á lembrança Nuremberg, com as ruas estreitas, ingremes e tortuosas, e com os seus antigos e silenciosos palacios, ornados de esculpturas curiosas.

«A velha cathedral parece uma fortaleza normanda, quadrada e cingida de torres nos lados e nos angulos, com as janellas estreitas como setteiras.

«Bem pouca é a importancia commercial e industrial de Coimbra: sua unica riqueza é a fertilissima campina que a cerca, o rio abundante em peixe, e a uni-

versidade, que entre professores, estudantes, e empregados conterá umas duas mil e duzentas pessoas.

As livrarias são numerosas e bem sortidas, onde passei bastantes horas das manhãs. Alem das edições portuguezas são ali numerosas as francezas. E mesmo creio que toda a sciencia portugueza vem da França, por isso que n'aquella sumptuosa bibliotheca da universidade o numero das obras francezas anda a par com o numero das latinas e das portuguezas.

«Alem das obras portuguezas achei um grande numero que são relativas á historia; porém muito poucas as geographicas e estatisticas. Tambem para mim foi de grande difficuldade encontrar narrações de viagens em Portugal, fossem ellas em que lingua fossem. E pensar eu que os portuguezes foram os mais arrojados e afortunados navegadores e conquistadores de imperios longiquos, e que ainda possuem colonias ricas e numerosas na Asia e na Africa!

«O seu grande historiador Alexandre Herculano doou a Portugal uma perfeita narração de quanto succedeu no solo lusitano; mas emquanto aos feitos dos navegadores e viajantes portuguezes, achei uma narração mais minuciosa no allemão Sophus Ruge, na sua obra magistral: *Storia dell' Epoca delle scoperte.*

«Nos seculos anteriores eram celebres em Portugal os azulejos de Coimbra. E ainda se encontram bellissimos nas igrejas daquella cidade e formam varias galerias artisticas, inalteraveis e sempre frescas de colorido. No Porto vêem-se alguns famosos nos claustros da Sé.

«Em Coimbra tudo falla da infeliz Ignez de Castro, esposa do infante D. Pedro, a quem o segro D. Affonso IV mandou que Alvaro Gonçalves e Pedro Coelho fossem barbaramente assassinar. A bella princeza immortalisada por Camões nos seus *Lusiadas*, o poema nacional por excellencia!

«A pequena distancia da cidade visitei o jardim (hoje propriedade particular), chamado Quinta das Lagrimas, abundante em luxuriante vegetação, de cedros oliveiras...

«Uma limpida fonte banha o logar onde os malvados trucidaram a amantissima esposa do principe...

«Alem do Mondego ergue-se o magestoso e imponente mosteiro de Santa Clara.

«Os lisboetas dizem que o Porto é triste: e os portuenses sustentam que Lisboa é pobre. A mim o Porto deixou a mais grata impressão, a recordação mais viva e querida pela sua estupenda posição, pelo seu commercio, pela sua multiplice industria, pela vivacidade dos habitantes, e pela vida alegre e laboriosa nas estradas, nas praças e nos misteres publicos.

«Essa merece e recebe com orgulho o nome de rainha do Douro: o vasto rio coalhado de navios de todas as nações civilisadas, a divide em duas partes: á direita o Porto, á esquerda Villa Nova de Gaia, ambas abarrotadas de habitantes, ricas em estabelecimentos industriaes de todo o genero, mechanicos, fundições, saboarias, refinações, estaleiros, etc., enormes armazens de generos coloniaes, petroleo, oleo de palmeira, de azeite, de carvão, de lenha... E mais do que tudo isto os famosos armazens vastissimos que encerram os famosos vinhos do Porto já com alguns seculos. Esses formam o subsolo de toda Villa Nova, construida sobre uma aspera collina, por baixo da qual erguem-se vastas collinas, onde ha communicações directamente para o rio, pelo qual é incessante o movimento de embarcações.

«O commercio de vinho fórma a principal riqueza d'aquella cidade: todo o territorio é um vinhedo estupendo. Casas riquissimas chamadas inglezas ha seculos têem sabido infiltrar nos portuenses seu espirito de emprezas e de associações: até mesmo bancos e sociedades, casas de cambio, associações commerciaes, e industriaes, mercantis, agricolas, horticolas: o que vae completamente de encontro ao ocio e a apathia que reinavam como soberanos nas outras provincias ibericas, não entrando, porém, n'este quadro, Barcelona, Sevilha, e tambem algum tanto Aragão e Valencia.

«No Porto se construiu em 1865 um grandioso palacio de crystal no meio d'um riquissimo parque. É um tanto arrevezado no desenho, mas apresenta com altivez o verbo *progredior*, que em letras d'oiro orna o *rosone* central. Serviu para muitas exposições, e algumas internacionaes.

«Possue o Porto as duas mais arrojadas pontes de ferro, construidas n'estes ultimos annos. Uma serve para o caminho de ferro e inaugurou-se em 1877, em tempo da rainha D. Maria Pia, cujo nome apresenta. Começa n'um viaducto em curva, com altura de 23 metros, depois segue-se uma galeria de 420 metros. Tem outrosim a ponte de comprimento 353 metros e de altura sobre o nivel do rio 61 metros. O arco central d'esta ponte mede a enorme largura de 160 metros. A ponte foi construcção da casa Eiffel, de Paris, o arrojado constructor da grande torre, que de altura tinha 300 metros, e que ha de ser a maior maravilha da exposição de Paris em 1889, e o custo total da ponte subiu a 1.340 000 francos.

«Mais arrojada é ainda a ponte d'El-Rei D. Luiz, que une a cidade alta e a cidade baixa posta na frente. Tem 117 metros de cumprido, e o custo d'uma tal ponte foi alem de 2.000:000 francos. Do alto da ponte superior gosa se um estupendo panorama tanto das duas povoações, como do porto e do rio.

«O palacio da bolsa é vastissimo, e isolado. Contém como o Tergesteo de Trieste, amplas salas para reuniões, onde se encontram os melhores jornaes commerciaes do mundo. A sala dos contratos, de forma e desenho arabe, é, ainda que pequena, a mais rica da Europa, e com certeza não inferior á tão celebrada de Bruxellas.

«Este porto é vastissimo, abrangendo todo o rio, desde a sua foz até á ponte Maria Pia alguns kilometros de comprimento.

«E sua largura anda por uns 500 metros. E o fundo póde bastar para qualquer colosso maritimo.

«A entrada, porém, é mui difficil por causa d'uma barra ou lingueta de areia que obstrue a barra de S. a N., como o Tejo em Lisboa, deixando uma estreita passagem. E alem d'isto algumas rochas estão espalhadas alem da barra.

Quando o mar está encapellado faz-se sentir fortemente o barulho do rio, e torna-se então mui perigoso o entrar ou sair d'aquelle porto. Muitas vezes os habitantes foram espectadores de terriveis naufragios, sem que a sua coragem podesse levar algum soccorro, e acontece isto frequentes vezes. Por varias vezes formaram o projecto de fazer arrebentar as rochas, e escavarem a barra, porém os habitantes a isso sempre se oppozeram, porque aquelles obstaculos formam o mais forte baluarte do porto e da cidade no caso d'um assalto pelo lado do mar. Qualquer pequenina embarcação ou navio couraçado ficaria infallivelmente exposto a varios fogos se quizessse entrar a barra. Possantes baterias o defendem por todos os lados. Os cachopos são terriveis sem um mar sereno, e um piloto conhecedor d'aquellas regiões.

«Para proteger o commercio contra os perigos da barra, estão agora construindo em Mathosinhos, pequena villa á borda do mar, só conhecida pelos estabelecimentos frequentadissimos dos banhos do mar, um novo porto com pontes, docas e tambem diques, os quaes darão ingresso a navios alterosos. E d'aqui a poucos annos tambem ali estará erigida uma nova cidade industrial.

«Possue o Porto os mais bellos jardins de Portugal, e a paixão para com a floricultura é muito forte em quantos possuem alguns palmos de terra. As quintas ou jardins estão espalhados por toda a parte, e uma rua inteira d'ellas tem o nome. E tambem uma rua inteira para o lado do mar tem o mesmo nome, e para uma tambem repleta de flores se retirou Carlos Alberto depois da infeliz batalha de Novara.

«O jardim da cidade é um verdadeiro paraizo de quietação e de belleza: e d'ali se descobre parte da cidade, toda a bahia, a collina opposta e uma vasta extensão do irascivel oceano.

«Todos estes jardins assombreados, ricos em plantas de todos os climas e de todos os generos, formam uma das mais caras recordações dos viajantes.

«Varias sociedades floricolas, exposições annuaes diffundem o amor e gosto á jardinagem: dois importantes estabelecimentos são conhecidissimos mesmo no estrangeiro, e especialmente na Italia — o estabelecimento de horticultura do sr. Loureiro, e a sociedade portuense de horticultura do Palacio de Crystal estão em correspondencia directa com todos os jardineiros da Europa, e fazem um grande commercio naquelle genero.

«Os costumes do Porto muito se assimilham aos de Coimbra, nas cores dos vestuarios, quer dos homens, quer das mulheres, são mais vivas e scintillantes: o amor aos atavios em oiro, e em prata é assaz saliente no povo ordinario, e uma das ruas mais rica e frequentada é a dos ourives. As casas, amplas, bem construidas e bem distribuidas no interior, especialmente nas ruas novas, são pela maior parte revestidas de azulejos, de bellissimo effeito, de desenhos variados, e de côres as mais brilhantes. E um systema tal permitte o ter as paredes sempre asseiadas. Na parte da velha cidade estes azulejos formam muitas vezes desenhos de figura, animaes e folhagens de bellissimo effeito. O claustro da cathedral na cidade alta possue um verdadeiro thesouro artistico de taes azulejos, que seria bem feito introduzil-os entre nós sob o aspecto artistico e industrial. Em varias partes da Italia, especialmente entre os napolitanos, fazem uso de taes azulejos nos pavimentos.

«São de riquissimo desenho alguns.

«A população do Porto, que era de 8:360 habitantes em 1417, subiu a 70:000 em 1848, a 86:300 em 1863, a 106:000 em 1878, e agora passa muito de 150:000 habitantes.

«Os portuguezes que existiam no Brazil no anno de 1872 eram 121:246.

«Em 1888 seu numero total passava alem de 300:000, estabelecidos no vasto imperio e na maior parte com bons resultados economicos.

«Na Argentina, no dizer de Diego de la Fuente, encontravam-se em 1880 cerca de 4:000.

«Na Hespanha em 1886 encontravam-se 7:941.

«Nos Estados Unidos em 1880 existiam 8:138.

«Desde a mais remota antiguidade os fenicios comprehenderam e avaliaram a forte posição de Lisboa, e em breve a converteram em emporio vasto do seu

commercio e do seu imperio maritimo. Os gregos em breve a conheceram, engrandeceram e embellezaram. Seu mythico Ulysses foi seu segundo fundador, e lhe poz o nome de Ulyssipo. Os romanos acharam-na rica, commerciante e populosissima, e até mesmo a fizeram capital da região lusitana a esse tempo conquistada, augmentando-lhe a população, os privilegios, as isenções, e commercio, e a tornaram séde de suas frotas e praça de guerra. Os arabes, que lhe pozeram o nome de Ashbunah, della fizeram uma cidade opulenta, séde de sua potencia, e capital de um estado independente. Por occasião da vinda dos reis libertadores era já Lisboa uma cidade celebre na Europa, e durante varios seculos foi a cidade mais rica e commerciante do mundo, desthronando Veneza e Alexandria depois da descoberta do Cabo, e as costas americanas do sul.

«Seus audazes navegadores regressavam de todas as viagens com descobertas e conquistas novas nos longiquos mares da India: as costas de Africa e da Asia, as ilhas de Sunda, e as praias da India e da China obedeciam aos arrojados aventureiros portuguezes. Lisboa era o emporio de todas as mercadorias que vinham d'aquellas remotas e ricas paragens. Era Lisboa que servia para fazer as trocas com as cidades anseaticas, com Londres e com os mares septentrionaes. Suas riquezas tornaram-se fabulosas: os soberanos construiam palacios, igrejas, conventos, fortalezas, torres, aqueductos, estradas, embarcações com tanta magnificencia, sumptuosidade e profusão de dinheiro, que as descripções deixadas pelos contemporaneos chegam a parecer fabulosas. A conquista do Brazil compensou as perdas soffridas na Asia, e calcula-se que desde 1714 até 1716 os valores do oiro importado do Brazil subiram a 96.044:628$415 réis (533.527:911 liras).

«Com taes riquezas bem podiam os soberanos construir edificios taes: bem podia El-Rei D. João V em 1740 mandar construir em Roma a capella que se vê na igreja de S. Roque em Lisboa, capella de finissimos e rarissimos marmores, ornamentos e candelabros dourados, com cinzeladuras de oiro e prata, contendo tres mosaicos, reproducção fidelissima do Baptismo de Jesus, por Miguel Angelo: da Annunciação, de Guido Reni: e da descida do Espirito Santo, de Raphael. As riquezas artisticas e commerciaes d'esta capella fazem com que seja considerada a primeira na Europa depois da capella Sixtina no Vaticano. O papa Benedicto XIV a sagrou e ali disse a primeira missa. E depois, desmontada, foi remettida para Lisboa para o faustoso freguez, que pagou a enorme quantia de quatorze milhões de cruzados, isto é, 37.240:000 liras, alem de um tapete por 28:000$000 réis, isto é, 155:400 liras.

«Durante o reinado d'este soberano erigiram-se sumptuosas fabricas, obras de utilidade publica, não fallando do aqueducto, admirado pelos estrangeiros de todas as nações, com 18 kilometros de comprimento, principiado em 1719 pelo engenheiro Manuel da Maia, e terminado em 1738. Custou 5.100:000$000 réis (28.305:000 liras), mas foi construido com tal solidez, que nenhum damno experimentou por occasião do tremendo terremoto de 1755, que arrasou quasi toda a cidade. O aqueducto atravessa o valle de Alcantara junto de Lisboa, sobre uma serie de arcos arrojadissimos, 127, dos quaes o central tem 77 metros de altura, e 33 de largura, e tudo de cantaria.

«O aqueducto póde percorrer-se em todo o seu comprimento.

«A mãe de agua ou o grande reservatorio, onde termina o aqueducto, é um vasto edificio contendo no meio uma enorme sala quadrada, cercada de columnas, medindo 672 metros quadrados, e contendo 5:000 metros cubicos de agua.

«Pouco distante de Lisboa o rei faustuoso, emulo de Luiz XIV na protecção ás artes, letras e sciencias, e em malbaratar o thesouro publico, construiu o enorme mosteiro de Mafra, copia bruta do Escurial, e, como aquelle, rico em obras de arte, devidas aos mais celebres artistas d'aquella epocha, principalmente italianos. O edificio occupa 4 hectares, é quadrado, contendo no meio a igreja aos lados o convento e o palacio real, a bibliotheca, e os tumulos regios, e os jardins do parque o cercam com suas verduras.

«O desenho geral é em estylo classico romano, obra que dá honra ao architecto Joanne Federico Ludovic, de Ratisbona, onde nasceu em 1670, e morreu em Lisboa em 1750 depois de ter creado uma escola de architectos, esculptores, entalhadores, desenhadores portuguezes, necessarios para passarem á execução o sonho do monarcha.

O qual leito de verdura contém 4:500 portas e janellas, 880 salas, dois campanarios com 68 metros, duas torres colossaes, aos lados do edificio, e a grande cupula central da igreja; pagou alegremente 54 milhões de cruzados (188 milhões de liras).

«Tinha elle começado na Hollanda os 114 campanarios, dos quaes os dois mais grossos têem de peso 12:000 kilogrammas cada um. Os dois mechanismos do relogio foram um portento da mechanica hollandeza: as rodas são de bronze, os eixos de ferro e aço polido: a caixa é só de ferro que contém o mechanismo; é rica em sculptura, statuetas, ornamentos em bronze dourado: os cylindros da musica são de bronze, com eixos de $2^{m},40$ e a circumferencia $5^{m},05$. Estes mechanismos e os carrilhões foram construidos por Levache, do peso total de 217:000 kilogrammas, e custaram ao rei 2.500:000 liras cada um.

«É celebre a phrase com que o rei respondeu ao artista, que lhe fazia o projecto, e que o prevenia de quão enorme era aquella quantia: «Por Deus que não julgava eu que custassem tão pouco. Fazei dois.» Mas o artista quiz que lhe pagassem os primeiros, não acreditando que um tão pequeno estado podesse pagar quantia tamanha.

«Mas depois do terremoto de 1755, da guerra de Napoleão, da perda do Brazil, o commercio e a riqueza de Portugal diminuiram velozmente. O porto de Lisboa que dictára leis a todos os mercados do mundo, que mandára grandes esquadras aos mais distantes mares, que fôra o arbitro do mercado das especiarias, dos aromas das colonias, e das pedras preciosas, que via nas suas aguas as bandeiras e os navios de todas as nações, que era visitado pelas embaixadas dos potentados mais longiquos da India, da China, do Japão, do Khan da Asia, do grão Mogol, dos sultões do Bosphoro, do Nilo, da Persia, de Marrocos, vê-se deserto de navios e de mercadorias.

«N'estes ultimos annos o commercio cada vez se desenvolveu mais: a longa paz, a construcção de estradas e caminhos de ferro, a melhor distribuição e applicação dos impostos, a reorganisação dos officios publicos, o regulamento bem estudado do credito, o estabelecimento de linhas de navegação, o governo e melhores organisações das colonias, especialmente africanas, têem todos os annos dado um maior desenvolvimento á industria e ao commercio portuguez. E os paquetes chegam a Lisboa vindos de Hamburgo, Amsterdam, Anvers, Londres, Liverpool, Havre, Bordeaux, e de outros portos atlanticos. E navios hollandezes, inglezes, e francezes, provenientes das Indias, da China, do Japão, e da Australia tocam em Lisboa antes de chegarem aos portos do norte.

«A massa da nação interessa-se muito com as questões coloniaes e commerciaes.

«Na recente e riquissima exposição industrial portugueza feita em Lisboa, as salas mais frequentadas eram aquellas que continham os projectos do novo porto de Lisboa.

«A grande actividade demonstrada pelo vizinho e novo Estado do Congo, despertou a emulação portugueza nas colonias longiquas, e será ella resistente e perseverante na exploração das colonias do Congo, de Angola, de Loanda, Benguella e Mossamedes, sobre o Atlantico, Moçambique, Quelimane, Sofala, etc., sobre o oceano Indico, e voltarão para Portugal os tempos gloriosos dos Gamas, dos Albuquerques, e de outros conquistadores dos seculos passados.

«Durante a minha residencia em Portugal festejou-se o fim das dissidencias seculares com a China a respeito da pequena colonia de Macau, havia seculos possuida pelos portuguezes, e havia seculos exigida pelos chinezes, os quaes não só não tinham reconhecido a posse por parte dos portuguezes d'aquella pequena peninsula, e não queriam de modo algum marcar os limites. E por fim a China reconheceu formalmente o direito dos portuguezes áquelle retalho de terra, e já não ha que temer da animosidade damninha dos commerciantes usuaes.

«Por aquelles mesmos tempos havia uma questão com o sultão de Marrocos, por causa de injurias e damnos causados aos subditos portuguezes. Um navio de guerra, que então se achava em Genova — o couraçado *Vasco da Gama*,— recebeu ordem de sair para as aguas marroquinas com outros navios para exigir satisfações, ameaçando com um prompto bombardeamento das cidades litoraes.

«Depois de muitas e inuteis tentativas para um accordo, depois de infinitas tergiversações da parte dos marroquinos temia-se bem depressa o rompimento das hostilidades: mas o sultão teve de ceder e dar uma prompta satisfação. O povo portuguez andava então contente e soberbo, e via n'estas duas questões diplomaticas a primeira serie de outros maiores triumphos maritimos, commerciaes e industriaes. E eu ficarei bem jubiloso em tomar parte nas suas esperanças, e nos seus desejos de gloria, e em se tornarem uteis á desherdada gente africana.

«Lisboa é construida sobre varias collinas não excessivamente altas: ao longo do Tejo o terreno é plano, e não largo, mas onde as casas se unem umas ás outras como em Genova, e umas sobre as outras, com bello effeito artistico. O augmento sempre crescente da população obrigou a escalar a collina, e a construir novos quarteirões nos valles internos.

«A collina a monte do rio encaminha para a velha cidade, em grande parte destruida pelo terremoto de 1755.

«Alguns palacios, conventos, igrejas, prisões, mostram ainda o tracto da antiga catastrophe. Montões enormes de pedra e terra, cobertos de vegetação, massas informes, pilastras derrubadas; depois que a grave quéda do marquez de Pombal, que então guiava a sorte do reino, levou a nova cidade mais para baixo, no grande vallado entre as duas collinas.

«O terreno foi nivel do, e novos palacios, praças, estradas, quarteirões de casas se viam sair, como por encanto, em fórma regular, em angulo recto.

«A praça do Commercio, da qual um lado é formado pelo rio, é a mais vasta da Europa, e cercam-na os novos palacios da administração publica. Um arco triumphal se ergue defronte do Tejo, com outra frente para o lado do Rocio.

«A avenida da Liberdade, com o monumento que recorda a expulsão dos

hespanhoes depois de uma oppressão de sessenta annos, é sem amplificações nem enphasis a mais bella e estupenda avenida da Europa, digna das maiores e mais ricas capitaes. 100 metros tem de largura, e 1:400 de comprimento.

«Aos lados novos palacios, palacetes e predios riquissimos em enfeites architectonicos, em pinturas e em esculpturas: no meio caminhos para carruagens, trens e peões. A estrada vae terminar na Penitenciaria, isto é, tem um percurso de 3 kilometros.

«As collinas que cercam esta estupenda avenida, têem desde poucos annos ascensores mechanicos hydraulicos, que em todas as horas do dia estão em movimento: o povo dá-lhes o nome de—americano da companhia. A cidade é percorrida em todas as direcções, por americanos puxados por mulas vigorosas. As lojas das modas são riquissimas, e estão fornecidas de fazendas inglezas e francezas.

«As fazendas italianas são ali quasi desconhecidas, apenas ali se encontram sedas de Como, velludos de Genova, porcelanas de Ginori e Ricard, estas mesmas em pequena quantidade. Faltam-nos communicações regulares, rapidas e faceis com a Italia.

«Durante os festejos de maio de 1886, por occasião das bodas do principe real, varios navios de guerra italianos ancoraram no porto de Lisboa, e entre elles o famoso *Duilio,* cujo tamanho, e cuja artilheria causaram grande maravilha e surpreza. Por muitos dias a população não se fartava de olhar para aquelle colosso, e ainda hoje muitas pessoas me fallavam d'elle como da cousa mais maravilhosa que jamais tinham visto.

«Muitos portuguezes assistiram aos festejos de Barcelona, em maio de 1888, para a inauguração da exposição internacional: todas as nações maritimas do globo estavam representadas n'aquellas sumptuosas festas de varias embarcações, mas entre todas dava nas vistas a italiana pelo numero e pujança dos apparatos guerreiros: os quatro mais valentes couraçados eram o *Dandalo,* o *Duilio,* o *Italia* e o *Lepanto,* escoltados por um cortejo de torpedeiros, os destruidores modernos e terriveis das embarcações as mais colossaes.

«A vista d'aquelles navios, as honras tributadas por todo o mundo culto á memoria de Christovão Colombo, a quem Barcelona erigíra o marmoreo monumento, deixaram aos hespanhoes e portuguezes a mais alta idéa da Italia, das suas forças, da parte importante que lhe reserva na partilha do pensamento, do trabalho, do commercio, da industria, defendidos e protegidos por taes embarcações.

«É um peccado o não se aproveitarem de taes sympathias para propagarem o nosso commercio pela peninsula iberica: se em Portugal nós, os italianos, não podermos fazer concorrencia aos productos francezes e inglezes, todavia para muitos generos podemos ali estabelecer um rasoavel campo de consumo, mórmente para os de luxo, e muito mais para os artisticos.

«Um paiz, onde o sentimento religioso é vivissimo, onde o povo ama as sumptuosas funcções de igreja, onde os paramentos sacerdotaes formam tanta parte do culto, poderiam as nossas fabricas de paramentos ecclesiasticos, recamados de oiro, seda e lã, encontrar consumo em Portugal. Milão, Genova, Turim, e Fiorenza, contam bom numero de fabricas taes. E, todavia, rarissimas são as nossas embarcações que tocam em Lisboa, Porto e Faro, ou outros portos mais pequenos, pois as despezas de transporte são ali muitissimo elevadas.

«Nós, porém, os italianos, dever-nos-iamos lembrar e sempre que Portugal se lançou na via de commercio com as suas colonias africanas e que estas dentro em poucos annos hão de ser grandes consumidoras dos productos da industria européa: e não tardará muito que nos seja necessario possuirmos em Lisboa depositos das nossas mercadorias, facilmente vendaveis na Africa. Lisboa desde alguns annos para cá é o verdadeiro armazem para venda para os ricos productos naturaes dos valles do Congo. Os preços cotados em Lisboa servem tambem para os mercados de Hamburgo, Amsterdam, Anvers, Londres e Liverpool[1].

«O mercado do cacau tem o primeiro logar nas transacções, e vae em continuo augmento.

«A vida em Lisboa vae correndo alegre e risonha. Os contornos d'esta cidade são ricos em quanto áquella poesia, e áquella fascinação que dão o socego, a solidão, e a exhuberante vegetação, desconhecidos em nossos climas septentrionaes.

«Rapidos vaporzinhos pelo rio giram por meio de panoramas sempre variados em fórma e belleza: de uma á outra extremidade vendo-se jardins e povoações, revestidas de arvoredo; e na cidade, museus, galerias, arsenaes, exposições de quadros, livrarias, ruinas, theatros, escolas, fazendo tudo isto agradavel companhia ao forasteiro.

«Embora os portuguezes não tenham produzido nenhum auctor de musica ou de comedia[2], são todavia amantissimos do theatro. O theatro real de S. Carlos gosa desde bastante tempo de grande fama artistica, e no inverno ali encontrâmos a gente abastada, folgazã e amante da musica, e ali se cantam as mais celebres producções musicaes de Italia, França e Allemanha. Emquanto ao theatro de declamação, lamentam ali, assim como na Italia, o vil servilismo das producções francezas, embora tambem ali se aproveitem do theatro hespanhol, ainda hoje desconhecido na Italia, embora rico nas scenas e no dialogo.

«São agradaveis as immediações de Lisboa, e devem-se percorrer e estudar. Temos a foz do rio, ou o principio do mar interno; um passeio a Setubal, ou a Mafra, ou um passeio a Cintra. Aqui ha um palacio, onde D. Fernando, de Saxonia, o Mecenas das bellas-artes, estabeleceu um verdadeiro eden, o qual anteriormente era apenas um reles convento de frades Jeronymos, com o qual nada temos de comparavel na Europa, assim transformado com grande despendio de tempo, dinheiro, intelligencia e amor á botanica e ás bellezas da natureza, sobre uma montanha arida e deserta, rica em limpidas aguas, em lagos, alegretes, cascatas e ornatos de tudo quanto a deusa Flora tem de mais precioso para offerecer aos mortaes. O castello sobre o alto pincaro da serra, donde gosâmos uma amplissima vista, tanto de terra, como de mar até ás Berlengas; castello da mais bizarra *(sic)* architectura, no qual o estylo arabe se mistura admiravelmente com o gothico manuelino, abobadas curiosas, com a igreja rica em quadros e estatuas de artistas italianos, em grandes salões de armas *(sic)* e em armas curiosas de todas as epochas.

«E mais longe o antiquissimo e curiosissimo ermo dos frades capuchos, agora deserto, que o nosso Baretti assim descreveu em 1760:

---

[1] O auctor a pag. 362 apresenta exemplos das referidas cotações.

[2] Os portuguezes, na verdade, não são dos primeiros povos na musica; mas o auctor devia ter lido a obra do sr. Joaquim de Vasconcellos: *Os musicos portuguezes*.

«Ao fim de duas horas chegámos ao cume de um outro monte chamado Rocha de Lisboa, na qual rocha a natureza é tão caprichosa, fazendo tantas bôcas na rocha que, addicionado algum tanto de arte se converteram no mais bello ermo que a imaginação póde formar.

A maravilha começa onde a gente se desmonta do gerico, onde duas grandissimas rochas, cobertas de folhas e de verde musgo, formam uma especie de arco, muito de encontro ás regras de Vignola, mas que na realidade serve de portà para entrarmos no ermo, no qual, por outro sitio não póde ter accesso a não ser para algum passaro... Os padres conduziram para uma especie de atrio. em cujo topo se encontra uma grande abertura na rocha, onde fizeram um embrechado com as conchas e buzios marinhos em volta da sagrada imagem. Do lado esquerdo de uma tal abertura entrâmos em outra abertura, que é a igreja d'elles, e em seguida ainda n'outra, que vem a ser a sacristia: outra abertura ou excavação é seu dormitorio, a um canto do qual se encontram duas bôcas quadrangulares, nas quaes uma pessoa de barriga não muito pansuda tem difficuldade em entrar, e por taes aberturas ou bôcas se introduz nas cellas, que são outras tantas aberturas, onde os religiosos tinham suas caminhas tão pequenas, que apenas podiam n'ellas ser contidos quando deitados, e aquellas cellas têem uns buracos nas portas, os quaes servem de janellas. O refeitorio é na realidade uma abertura, no meio de uma pedra massiça desde muito serve de mesa aos padres.

«Uma outra abertura serve de confissionario, e outra ainda mais tenebrosa servia de casa de disciplina, ou de prisão. Mas de tudo isto apenas se póde ver alguma cousa por aqui e por acolá, porquanto tudo está coberto por sobereiros e por varios moveis e utensilios.

«A causa d'um tão grande uso de cortiça é a humidade contínua do logar, e as frigidissimas friagens do inverno. E todavia fr. Honorio teve a coragem de passar ali uns vinte annos.

«É porem mais alegre um passeio até Mafra, e ao seu colossal convento, ou a Setubal, por entre um territorio rico de ruinas e de recordações historicas de luctas contra os mouros.

«As laranjas de Setubal são enviadas para todo o mundo. E fallam em fazer um porto militar, unido ao Tejo por meio de um canal de alguns kilometros através de Alcochete, sobre o Tejo e a foz do rio Sado. De tal maneira as duas bacias do Tejo e Sado, tendo, como têem, alguns kilometros de superficie, poderiam dar franco asylo ás mais possantes e poderosas esquadras; e unidas que fossem, poderiam coadjuvar-se nas operações commerciaes e nauticas.

«E com verdadeira tristeza deixei Lisboa, da qual conservarei sempre as mais gratas recordações. Em poucas cidades da Europa passei dias mais alegres. Suas collecções artisticas, os museus, as galerias, a gentileza dos habitantes, sua affabilidade, e mais do que tudo sua convivencia, me fizeram agradabilissima minha residencia em tal cidade[1].»

ANNUAL REGISTER (THE).

Era um jornal publicado em Londres, no qual tambem se tratava de politica portugueza.

---

[1] O auctor tambem esteve em Beja; diz, porém, mal do Alemtejo.

E ouvi dizer que n'este jornal escrevia o visconde de Figaniere.

E a pag. 225 lê-se n'esta obra o seguinte:

«Os regulos ou chefes de Tailacor ou Bibissusso, e de Laicere reconheciam a vassallagem ao rei de Portugal, e pagavam a sua homenagem em junho ao governador de Timor.»

ANNUNCIO *feliz de el nacimiento de un principe deseado en el de una princeza aplaudido. Sermon gratulatorio por la dichosa entrada de la A.ª princeza, infanta de Portugal á las luces de la vida.* Salamanca, 1746. 4.º

ANONYME.

A Monsieur le Commendeur De Gama Machado. A propos d'une fleur fanée. Paris. Imprimerie de Gab. Jousset. 1846. 8.º gr. 19 pag.

Na folha seguinte:

A Monsieur le Commandeur de Gama Machado, Conseiller de la Légation de S. M. Très Fidèle près S. M. Très Chrétienne, Membre de l'Académie des Sciences de Lisbonne, Auteur de la Théorie des Ressemblances, &c.— Hommage du plus dévoué Disciple — Au plus auguste Maître.— Paris, 26 mai 1846.

«A proposito de uma flor murcha.

«Junquilho.— Nos germens são iguaes. Linneo patenteou nossos amores, e Ovidio celebrou os vossos. Illuminados ácerca das propriedades especificas de nossa origem, não estabelecemos nenhum *livre arbitrio:* assim, nenhuma exprobração dirijo á rosa: a seu turno não me exprobra ella de ser junquilho: menos instruidos ácerca da origem de vossa organisação, vós tendes creado um *livre arbitrio,* e por este erro, a paz desappareceu para sempre do vosso interior!!! Por uma cultura physica obtemos nós a saude e a belleza; e offerece-vos as mesmas vantagens a vossa cultura moral?

«Nossa materia e a vossa são similhantes, crystallisadas. Pegae no vosso microscopio, examinae.»

(Gama Machado: *Théorie des Ressemblances, similitudes d'origine,* vol. II.)

Hélas! pâle et fanée,
Bientôt je vais mourir...
Ce matin j'étais née
De fraîcheur couronnée:
Ce soir me vient flétrir.

Oh! pourquoi donc la vie
Dure-t-elle si peu?
Quand le bonheur convie
L'existence ravie,
Pourquoi lui dire adieu?

Sur sa tige couchée,
C'est ainsi qu'un beau soir,
Une rose penchée,
La feuille desséchée,
Disait son désespoir.

Il me semblait entendre,
Triste et la contemplant,
Sa voix plaintive et tendre;
Il me semblait comprendre
Cette fleur s'effeuillant.

Et moi qui l'avais vue
S'entr'ouvrir le matin
Pompeusement vêtue,
La retrouvant si nue,
J'éprouvais son chagrin.

Existence éphémère!
Se montrer et passer.
Vivre un moment pour plaire,
Puis rentrer dans la terre...
Que c'est triste à penser!

Et pourtant, pauvre rose,
Sans regrets disparaît;
La vie est peu de chose:
Une métamorphose
Sans suite, sans progrès.

On paraît, on s'efface,
Et le néant sait bien
Qu'il gouverne l'espace.
Comme toi l'homme passe,
Sans qu'il en reste rien.

Rien qu'un peu de poussière
Qui s'agite en tous sens
Comme une fourmillière,
Et qui, divisée, erre
Dans tous les élémens.

Pour l'homme, esprit superbe,
C'est bien peu que cela.
Mais la plus belle gerbe
Est faite de brins d'herbe;
Matière, tout est là.

Matière dispersée
En milliers de façons,
Tantôt claire ou foncée,
Produisant la pensée
Suivant ses divers tons.

Car pensée et matière
Ne feront toujours qu'un.
Tout pense à sa manière.
L'homme, un grain de poussière,
Ont leur penser chacun.

Jamais l'intelligence
N'exista sans lieu.
C'est une dépendance
Propre à chaque substance.
Sans matière il n'est rien.

De même en la matière
On retrouve partout
Une idée ouvrière,
Propre et particulière :
La pensée est dans tout.

Fleur, croirais-tu ta vie
Inscrite quelque part ?
Au destin asservie,
De point en point suivie ?
Va, ne crois qu'au hasard.

Au hasard qui limite
Le libre arbitre étroit
Dans le lequel on s'agite,
Et qui fait que *mérite*
N'est pas ce que l'on croit.

Le hasard est le père
De la fatalité.
C'est par lui que prospère,
Que demeure ou s'altère
Le principe arrêté.

Calme-toi, tu succombes
Pour renaître bientôt.
On fait des catacombes !
Mais il n'est point de tombes
Qui gardent leur dépôt.

Tout se fond, tout se vide.
Il reste de la chair
La matière solide,
Et la partie humide
S'évapore dans l'air.

Tes feuilles étaient pierre,
Animal, pluie et bois,
Et sans forme première,
Car la même matière
A vécu tant de fois.

Tout renaît de sa cendre,
Et fleurs et nations.
A quoi veut-on prétendre?
Il ne faut que s'attendre
Aux transformations.

Le germe seul demeure,
Se transmettant toujours.
Empêchant qu'il ne meure,
Sa force intérieure
Malgré tout suit son cours.

Laissons là l'origine,
On ne peut l'expliquer.
Est-ce action divine?
Est-ce action machine?
Rien ne peut l'indiquer.

Chaos, profond mystère,
Toujours plus incertain,
Que l'on devrait bien taire
Ces deux mots qu'on profére :
Commencement et *fin!*

Inventeur du barême,
Homme, il te faut, honteux,
Si certain de toi même,
Toi, qui n'es qu'un problème,
T'incliner devant eux!!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Prends la vie au passage,
Telle qu'elle est prends là;
Lis-en plus d'une page;
Mais si tu te dis sage,
Ne va pas au delà.

Au delà, c'est le vide,
Le doute et le néant.
Dans cet espace vide
Tout s'égare sans guide,
L'atome et le géant.

. . . . . .
. . . . . .

Changeant d'avis sans cesse...
Mais cela devrait bien
Te prouver ta faiblesse,
Fou, prêchant la sagesse,
Savant, qui ne sait rien!!!

Mais pardon, pauvre rose,
Des déclamations
Que, pensif, je t'impose,
A toi, candide cause
De ces réflexions.

Ma pauvre fleur fanée,
Je t'oublie en chemin,
Tandis que chagrinée
Tu perds, cette journée,
Ta fraîcheur, ton carmin.

Tes feuilles, pièce à pièce,
Dans le gouffre béant
Retombent de vieillesse;
Le vent qui te caresse
Les reporte au néant.

Nul ne se peut soustraire
A la terrible loi.
Il faut, douleur amère,
Se courber et se taire!
Tout est fini pour toi.

Quitte donc l'existence:
Adieu, ma rose, adieu;
Mais non sans espérance;
Tu ne fais qu'une absence:
Elle durera peu.

Sous des formes nouvelles
Tu nous reparaîtras,
Mais peut-être moins belles,
Moins touchantes que celles
De ce matin, hélas!

Rose, combien j'envie
Ta vie, instant d'amour !
Celle qui t'est ravie.
Oh ! voyons cette vie
Qui n'a duré qu'un jour.

Voyons-là toute entière ;
Repassons-là, partant
De ton heure première
Jusqu'à la dernière,
Sans en perdre un instant !

Le matin, quand l'aurore
Arrose de ses pleurs
Tout ce qui vient d'éclore,
Qu'un parfum s'évapore
Des herbes et des fleurs ;

Qu'une légère brise
Balance chaque nid,
Et qu'une vapeur grise
S'élève et se divise,
Alors elle naquit.

Le bouton vert et rose
Entr'ouvrit sa prison ;
Bientôt parut la rose
Froissée et demi close
Au travers du gazon.

Ainsi plein de délire,
D'amour et de bonheur,
Sur des traits qu'on admire,
Paraît un doux sourire,
Un sourire enchanteur.

Sa tige était pressée
De riches vêtemens,
Sa corolle arrosée,
De gouttes de rosée
Comme de diamants.

Et les fleurs, ses voisines,
Envieuses d'amours,
Voyaient, toutes chagrines,
Ses feuilles purpurines
Plus douces qu'un velours.

L'hymne, pleine de joie
De mille oiseaux joyeux,
S'élève et se déploie
Sous ce rideau de soie
Que nous nommons les cieux.

Une brillante aurore
Présageant un jour pur,
Luit comme un météore,
Et les flots, qu'elle dore
Dorent les flots d'azur.

Là s'ouvrait son calice
Odorant et vermeil.
Lorsque, plein de délice,
Sur elle vient et glisse
Un rayon de soleil.

Ce rayon fantastique
L'entourant de tiédeur,
Par un effet mystique,
Lui donna, magnétique,
Un peu de sa chaleur.

Bientôt cette rosée
Qui brillait du dehors,
Se fut vaporisée ;
L'enveloppe brisée
S'épanouit alors.

Seule, une perle humide
Demeura dans son sein,
Blanche, rose, limpide :
Parure plus splendide
Que le plus riche écrin.

Trop prodigues jumelles,
Ses feuilles en s'ouvrant,
Répandaient autour d'elles,
En vapeurs infidèles
Un parfum enivrant.

Puis dans l'adolescente,
Bientôt l'astre du jour,
Par sa chaleur croissante,
Et subtile et puissante,
Développa l'amour.

L'amour, moteur magique,
Qui nous dirige tous !
Sentiment sympathique
Sans règle ni logique !
Tyran, cruel et doux !

L'amour, grain de folie
Que chacun porte en soi,
Sans jamais qu'il l'oublie !
Dieu devant qui tout plie :
Honneur, usage, loi !

Aimant indestructible !
Penchant, puissant et fort,
Par qui tout est possible !
Lieu imperceptible
Que ne rompt pas la mort !

Car c'est dans la matière
Que réside l'amour.
Jusque dans la poussière
Que renferme une bière,
L'amour fait son séjour.

Il n'est de laides choses,
Tout pour lui devient beau ;
Partout l'amour se pose :
Dans cette fraîche rose,
Dans le ver du tombeau.

Voyez dans ce calice,
Voyez l'amour germer
L'étamine qui glisse
Le pistil qui se plisse...
Tout semble s'animer.

Le pollen sur l'ovaire
Tombe en effusion ;
C'est alors que se opère
Ce sublime mystère,
La fécondation !

Ma rose est-elle heureuse !
Elle a tout en un jour,
Tout ce dont, sumptueuse,
La vie est désireuse :
Éclat, parfum, amour.

Aussi quand on raisonne
Ce bonheur émié,
Mais, que rien n'empoisonne,
Un trône, une couronne,
C'est à prendre en pitié !

Mais sa durée est brève,
Et le but accompli,
Tout bien vite s'achève,
Pour n'être plus qu'un rêve,
Une mort et l'oubli.

On peut ainsi traduire
Toute création :
Boire, manger, détruire,
Aimer, se reproduire.
Le reste est fiction.

Voyez une par une
Ses feuilles s'envoler,
En emportant chacune
La joie et l'infortune
Qu'un jour a pu mêler.

O destin, loi fatale !
Encore un coup de vent,
C'en est fait, elle exhale
Son unique pétale...
C'est son dernier moment.

Adieu, donc, adieu rose,
Adieu, ma belle fleur !
Adieu ce qui compose
Ta vie à jamais close,
Forme, parfum, couleur !

Chacun sa destinée,
Et pour tous le temps court.
Une seule journée
M'est, peut-être donnée,
Puis ce sera mon tour.

Oh ! va, rien ne demeure.
Moi, que suis existant,
Il se peut que je meure
Aujourd'hui... Dans une heure...
Qui sait même ?... A l'instant !...

Paris, 26 de maio de 1846.

ANONYMO.

Camoens!

10 juin 1880

Gloire à toi, Portugal! grande âme émancipée
Qui ouvris tout rivage au flux européen,
Toi le divin chanteur de l'immense Épopée
Qui s'est faite l'anneau du globe nôtre éden.

Ne voyez-vous, donc, pas dans la vague profonde,
Partout où nous passons, sur les gouffres béants,
La route des vainqueurs donnant la clef du monde,
Conquise aux grands périls des exploits de géants?!

Camoens et Gama, Dias et tants des notres!
Pléiades de héros qui vinrent tout exprès
Pour former le choral en glorieux apôtres,
Et marquer ce beau rhythme à l'hymne du progrès!

Et, présidant toujours à l'œuvre qui chemine,
Ce groupe s'est formé en constellation
Brillante à tout jamais! et que Dieu examine...
Du sein des profondeurs de la création!...

Immortel Camoens! ô grande âme-Patrie,
Astre de liberté greffé sur tous nos cœurs!
Après tánt de tourments d'existence meurtrie,
Tu sens tous les bourgeons éclore en pleines fleurs!

Foram estes versos enviados de Breteville-sur-Caen á redacção do *Diario de noticias,* e publicados nesse jornal no dia 31 de maio de 1880.

ANONYMO.

Mensagem a Camões

I saw, though all unseen, the solemn train
That spread in couloured grandeur o'er the breast
Of Tagus, carrying to their final rest
My bones and his, our hero of the main.

And Tagides were there, and ah! once more
It seemed to me that I could sound a strain
Among my countrymen: but that was vain,
Only my bones lying by the shore.

Oh! Lusitania, still my native land,
Though now three hundred years ago I died,
Oh! bear in constant mind the strength and pride
Of ours, who owned the patriot's heart and hand.

These have I sung, and all that could inspire
Remembrance of our never numerous band.
But always mighty heart, steeled to withstand
The ocean's storms, the foeman's sword and fire.

Thou hast thy Freedom; this was their bequest;
No Ocean Passage there remains to find;
And for a record of their naval mind,
Behold two spreading Empires, East and West.

My country! O 'neath the smiles of Peace, secure
Name worthy that our earlier sons possessed;
With freedom, science, arts and commerce blessed,
A people noble, and your rulers pure.

Mark well your solemn pledge: these festive days
Are more than empty joys; they are a vow,
That as our fathers strove, so you will now,
Midst Europe's nations this, our own, to raise.

Why fills my statue one large Square, alone?
Why are its brows adorned with Poet's bays?
'Tis that this vow, this purpose it displays,
Or 'tis a Nothing; 'tis but carved stone.

Ye are its spirit: I have ceased to live;
And if the sufferings of neglected years
Drew from my living eyes some bitter tears,
Your hearts to-day have taught me to forgive.

Farewell! I watch you with a Spirit's eyes,
Your higher thoughts and acts shall still survive,
For as yourselves, and sons shall faint or strive,
Our Land, our Lusitania, falls or flies! [1]

ANSALONE (PIERRE). — Jesuita, natural de San Severino.

I. *L'Angelo d'Apocalissi S. Francesco Saverio predicato ne i dieci Venerdi precedente la sua Festa, nella Chiesa della Casa Professa di Napoli.*

II. *L'Angelo dell'Apocalissi S. Francesco Saverio predicato ne i dieci Venerdi precedente la sua Festa, nella Chiesa della Casa Professa di Napoli.* In Napoli, 1700. Nella Nuova Stampa di Michele Luigi Nutio, in-12.°

ANSALONI. — Missionario nas Indias. Em 1782 ainda residia em Goa.

E. *Extrait d'une lettre du P. Ansaloni à *** Reconnaissance faite du corps de Saint François Xavier.* Goa, le 21 mars 1782.

(*Recueil des lettres édifiantes.* Paris, 1843, in-8.° tom. II, pag. 790—791) [2]

---

[1] *Diario de Noticias* do dia 9 de julho de 1880.

[2] Augustin et Alois de Baker, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 16.

ANSELMO (P.) — Religioso eremita descalço de Santo Agostinho.

E. *Histoire généalogique de la maison royale de France.*

«Impressa diversas vêzes: a primeira em 1672, 2 vol. in-4.º, e a segunda em Paris, no anno de 1712, em 2 grandes volumes de folha; no tomo I, a fl. 263, trata da casa real de Portugal como ramo da de França; o auctor é mais succinto, que os irmãos Luiz e Sievolo Santa Martha, mas fez-se mais estimavel a segunda impressão por consideravelmente augmentada; porém este auctor tem a mesma falta que observámos n'outros estrangeiros, pois, ou por não entenderem bem a lingua portugueza, ou por não terem memorias fieis, tem algumas equivocações consideraveis: entre ellas se vê no tomo I, fl. 284, a da pessoa e familia de Francisco de Mello, marquez de Ferreira, porque se equivoca com Francisco de Mello, monteiro mór, pondo nos marquezes este officio, a embaixada de França, e o posto de general de cavallaria [1].

ANSPACH (MARGRAVE D'). — *Mémoires de la —— Écrites par elle-même; contenant les observations recueillies par cette princesse dans les divers cours de l'Europe, ainsi que des anecdotes sur la plupart des princes et d'autres personnages célèbres de la fin du* XVIIIe *siècle. Traduits de l'anglais, par J. T. Parisot, traducteur des lettres de Junius, des Mémoires de Shéridan, &c. Ornés de portraits.* Paris, Arthur Bertrand, libraire, 1826. 8.º gr. 2 vol. 1.º 391 pag., 2.º 305 pag.

Margrave d'Anspach, nascida em 1750, era filha mais nova de Augusto, quarto conde de Berkeley, cavalleiro da ordem real do Cordão, e de sua esposa Elisabeth, filha de Henrique Drax, de Charborough, no condado de Doset; casou primeiramente com lord Craven [2], e em segundas nupcias em Lisboa com Christiano Frederico Carlos Alexandre, Margrave de Brandebourg, Anspach e Bareith, duque da Prussia, conde de Sayn, o qual tinha nascido em Anspach no anno de 1736.

«CAPITULO X. — Passámos por Inglaterra, tanto eu como o Margrave, de caminho para Lisboa — Nossa chegada á capital — Os ministros vem visitar-nos — A rainha de Portugal me escreve — Caracter da rainha — D. Pedro — O principe da Beira — As princezas — A marqueza de Tavora — Anecdotas — A opera — O marquez de Pombal — O conde de Oeiras — O conde de Obidos — O duque de Lafões — Meu casamento com o Margrave.

«Como tinhamos formado o projecto de ir á Inglaterra, encaminhando-nos para Lisboa, partimos acompanhados do barão e da baroneza de Derkaw, e de Mastefield, filho do escudeiro mór. Fomos retidos durante tres dias em Calais pelas auctoridades francezas. Luiz XVI havia fugido de Paris, e não nos deixaram mexer antes d'elle ter sido tirado de Varennes.

«Havendo-nos resolvido fazer uma viagem a Lisboa, fretámos um paquete para esse fim. Quando nos quizemos fazer á véla, disse-nos o capitão que se devia estar na vespera de algum acontecimento extraordinario, pois tinha recebido ordem de não partir antes que um correio extraordinario lhe viesse entregar despachos na sua propria mão; cousa que não tinha ainda acontecido, vindo ordinariamente todos os despachos pela posta.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 216.

[2] *Mémoires*, vol. I, pag. 47. Id., pag. 158.

«Mal o correio chegou, fizemos nos de vela, e gastámos sete dias em chegar a Lisboa. Á nossa chegada o capitão apressou-se a desembarcar, e a ir á casa de campo de M. Walpole, embaixador de Inglaterra.

«Pinto, que fôra ministro de Portugal em Inglaterra durante alguns annos, e era agora ministro dos negocios estrangeiros no seu paiz, veiu ver-me, e trouxe comsigo o filho do marquez de Marialva. Todos os ministros estrangeiros, á excepção de M. Walpole, vieram apresentar-me seus respeitos, e todo o mundo pareceu animado de uma solicitude extraordinaria em meu favor.

«Descobri com o decorrer do tempo que, quando o Margrave deu parte da sua intenção ao ecclesiastico inglez, ficou este homem por isso tão assustado, que foi ter com M. Walpole para lhe dar parte. Veiu a saber que tivera este conhecimento da morte de lord Craven, cinco dias antes de eu receber a noticia, mas que, como vil sycopanta m'a tinha occultado.

«Recebi uma carta da rainha de Portugal, na qual me pedia que nunca mandasse as cartas para o correio, e me participava que tinha dado ordens para que aquellas que me fossem dirigidas, a ninguem fossem entregues senão a mim propria. Um dos ministros portuguezes achando-se só commigo n'este momento, pedi-lhe que me dissesse qual o motivo por que eu era tratada com tanta bondade. Disse-me que apenas eu tinha chegado, a rainha havia mandado chamar Pinto, e lhe tinha perguntado se eu era essa lady Craven, que se tinha casado tão nova, e de quem M. Faulkner, quando estava em Lisboa, lhe tinha contado cousas tão deliciosas. Pinto lhe respondeu: «Não ha mais do que uma lady Craven.» «N'esse caso, replicou a rainha, quero protegel-a; porque a rainha de Inglaterra devia, como mãe, protegel-a, e não perseguil-a.» Disse então Sua Magestade a Pinto, que Walpole tinha recebido ordem de me não ir visitar, e que se tinha espalhado em Lisboa o boato de que lord Craven estava de perfeita saude, mas que eu tinha tido a esperteza de dizer que esperava todos os dias a noticia de sua morte, com o fim de viver como me aprouvesse.

«O facto é que antes d'esta conversa eu tinha recusado ir a qualquer baile ou sarau, dizendo que estava á espera de uma tal noticia, e que, como eu não estava legalmente separada de lord Craven, seria mui digna de reprehensão se eu tivesse um modo de viver divertido e dissipado no momento em que cada correio me poderia informar do fallecimento de meu esposo.

«Comtudo a inveja dentro em pouco principiou a morder na minha pessoa, e formaram-se dois partidos no grande mundo de Lisboa. Todas as pessoas de bem e sensiveis, bem como o partido da rainha, eram a meu favor; ao passo que as pessoas vis e corrompidas lançavam contra mim todas as settas da sua mordacidade.

«Seja como for, no mez de outubro, a veracidade de lady Craven obteve um triumpho completo. Tendo o tempo estado muito mau durante alguns dias, não tinha eu podido ir ao correio buscar as minhas cartas, as quaes, segundo as ordens, como ja disse, não se entregavam senão a mim propria. A primeira vez que eu pude sair achei lá cinco, que me participavam a morte de lord Craven.

«O clima de Lisboa produziu em mim um singular effeito: fez crescer e tornar mais espessos meus cabellos, e a salubridade do ar tornou a dar vigor a minha constituição.

«Maria Francisca Izabel, rainha de Portugal, era a primogenita das tres filhas do rei Joseph. Não tendo este monarcha herdeiro varão, casou sua primeira

filha, com dispensa do papa, com seu tio D. Pedro, irmão do rei, para obstar a que viesse a corôa a cair n'uma outra familia. Subiu esta rainha ao throno por morte de seu pae, a 24 de fevereiro de 1777. Um dos primeiros actos do seu reinado foi a demissão do marquez de Pombal, acontecimento que pareceu causar grande alegria no reino, por causa das medidas arbitrarias e oppressivas que tinham assignalado sua administração.

«A feição principal do caracter da rainha Maria, de Portugal, era a superstição, proveniente, provavelmente, da impressão que lhe tinha causado o fim tragico do duque de Aveiro e de seus companheiros, cuja sorte ella pensava não ser merecida. A suas reflexões sobre aquellas terriveis execuções, e ás exprobrações do seu confessor, se póde attribuir a alienação mental da qual foi accommettida mais tarde. A innocencia d'estes infelizes foi depois claramente demonstrada.

«Em todas as circumstancias da vida privada, o procedimento da rainha era exemplar. Emquanto á sua pessoa era ella mais alta e mais magra que suas irmãs, e tinha a tez muito pallida, o que lhe dava um ar tristonho; as feições do seu rosto eram fortemente pronunciadas.

«Apesar de não ser mui natural a união da rainha com seu tio, foram elles modelos de felicidade conjugal. Embora este casamento tivesse podido parecer contrario ás vistas da natureza, foi fecundo, e d'elle provieram dois filhos e uma filha. O desejo de remover uma contestação por causa da successão ao throno, dictou esta especie de casamento, incestuoso; mas, embora sanccionado por exemplos tomados dos tempos antigos, não era desculpavel nas vistas dos soberanos da Europa.

«Parece que, longe de haver necessidade de usar de constrangimento para se celebrar este hymeneu, a princeza desde a sua mais tenra infancia, tinha concebido uma affeição muito viva a seu tio.

«D. Pedro era alguns annos mais novo do que o rei, e não tinha, como elle, disposição para a corpulencia. Sua tez era amarellada, e dizem que era inteiramente falto de graça e de elegancia nas suas maneiras; seu espirito tambem não era ornado com nenhum dos dons brilhantes da natureza; sua physionomia nenhuma intelligencia annunciava, e o seu espirito acanhado o tornava improprio para os negocios do estado. Na côrte tinha sido sempre considerado como uma nullidade, e nunca fôra investido n'algum emprego civil ou militar.

«Era de um caracter doce, bom, amante e religioso. Pela morte de seu irmão José, foi escolhido para *rei matrimonial*, com o nome de Pedro III, da mesma fórma que Darnley, por occasião do seu casamento com Maria, rainha da Escossia. Morreu em 1786, tendo sobrevivido a seu irmão apenas nove annos.

«O principe da Beira, filho primogenito da rainha e de D. Pedro, era de estatura alta e de uma constituição vigorosa, embora seu rosto fosse pallido e suas feições delicadas; tinha a vista curta, e este defeito dava a seu olhar uma expressão fina e espirituosa. Concordavam geralmente em que possuia intelligencia e capacidade, e citam muitos exemplos de sua liberalidade e de seu bom coração.

«Embora isto pareça pouco natural, tinha desposado em 1777 sua tia, que contava então mais de trinta annos, porquanto podia ella eventualmente ser chamada ao throno de Portugal. Viveram bem alguns annos um com o outro, mas nunca tiveram filhos. Parece não haver desculpa valiosa para este repugnante casamento, tendo os portuguezes raramente filhos, quando se casam depois da idade de vinte

e oito annos. A casa de Bragança offereceu o espectaculo extraordinario de um joven principe de quinze annos desposando sua tia, que tinha mais de trinta. O principe morreu em 1788.

«A rainha tinha duas irmãs. Anna Francisca Antonia e Maria Francisca Benedicta. Foi esta ultima quem casou com seu sobrinho o principe da Beira.

«Todos os talentos das mulheres da familia estavam concentrados n'uma só pessoa, a segunda das tres filhas do rei José, isto é, a primeira das irmãs da rainha. Era ella de estatura mais baixa, e tinha melhor figura do que esta soberana; suas feições eram mais agradaveis, e sua tez mais bella; emfim, sua physionomia era mais expressiva e mais animada. Seu espirito era superior á superstição do seu sexo e do seu paiz, e passava uma grande parte do seu tempo a cultivar a litteratura; seu espirito era ornado, e seu juizo tinha vistas largas. Alem d'estas qualidades solidas era dotada de grande talento e de um gosto delicado para a musica, e tinha uma voz mui excellente. Apesar, porém, de suas perfeições e de seus attractivos, estava condemnada a não se casar.

«A terceira irmã era muito mais moça, mas muito baixa e com grande tendencia para a gordura. Sua figura era bella, seus olhos negros e cheios de fogo, suas feições miudas e delicadas; tinha o rosto redondo e a tez branca. Haviam projectado casal-a com o imperador Joseph II, depois da morte da primeira mulher; mas as intrigas de Hespanha obstaram a este consorcio.

«A terrivel catastrophe de 1755 deixou por muito tempo em Lisboa por toda a parte signaes de seus horrorosos estragos. Ali encontrei muitos edificios no estado em que o terremoto os havia deixado. Os pormenores d'este funesto acontecimento echoaram por toda a Europa. Fizeram subir o numero das victimas a 40:000. O rei, a rainha e a familia real n'aquella occasião não se achavam no seu palacio de Lisboa, mas no de Belem, situado duas milhas mais abaixo, sobre a mesma margem do Tejo. O rei, que estava nos aposentos do andar inferior, saltou por uma janella ao primeiro movimento que sentiu. As princezas, suas filhas, que ainda não estavam vestidas por ser muito cedo, acompanharam-n'o tapadas com seus lençoes e cobertas. Mediou pouco mais ou menos uma hora entre os dois primeiros abalos. A velha cidade mourisca, que fica situada mais alto sobre o rio, como Belem fica mais em baixo, experimentou, assim como esta, muito menos estragos do que Lisboa. Os principaes edificios d'estas duas cidades ficaram de pé, e quasi que não foram maltratados.

«As circumstancias que fizeram com que a rainha perdesse o riso, foram os horriveis attentados contra a vida do rei. O duque de Aveiro, que descendia da familia real, era um homem de um talento mui vulgar, e cuja coragem era muito equivoca, mas de um caracter vingativo, feroz e indomavel. Era capaz de tudo emprehender para saciar a sua vingança. O rei esteve por um triz a ser assassinado, havendo muitos tiros sido disparados contra a sua carruagem, o que tinha feito com que o duque suppozesse que o rei tinha sido morto. Outros quatro conspiradores com armas estavam emboscados perto de um logar por onde a carruagem do rei devia passar, e sem o sangue frio e intrepidez do cocheiro, que desviou os cavallos e tomou outro caminho, o rei teria caido na cilada que lhe haviam armado.

«A velha marqueza de Tavora era a alma da conspiração, que conduziu a uma morte ignominiosa os principaes d'aquelles que n'ella tinham tomado parte. O rei tinha, segundo parece, recusado elevar o marquez de Tavora a dignidade

de duque; e esta recusa, junto a um odio pessoal que tinha concebido contra Sua Magestade, tinha-o arrastado, bem como a seus cumplices, a este crime atroz.

«Se os conspiradores, em vez de esperarem que o rei tivesse passado, tivessem disparado emquanto sua carruagem avançava para elles, tel-o-iam infallivelmente matado. Comtudo ficou ferido. Uma bala acertou, e lhe levou um bocado de carne sem lhe fazer outro mal.

«O duque de Aveiro e o marquez de Tavora, para occultarem seu crime depois do occorrido, dirigiam-se todos os dias ao aposento do rei para se informarem de sua saude, exprimindo a maior indignação contra os traidores que tinham ousado contra os dias de seu soberano. Eram admittidos todas as vezes á presença de Sua Magestade, e a côrte conservou-se por muito tempo na ignorancia ácerca dos auctores d'este attentado.

«O marquez de Pombal, por algumas palavras fugidas por inadvertencia da bôca do duque de Aveiro, foi levado a pensar que este senhor entrava na conspiração, e outras circumstancias lhe deram logar para suspeitar da cumplicidade do marquez de Tavora e de seus dois filhos. Prenderam e processaram a estes quatro personagens.

«Todos os quatro foram declarados culpados e condemnados ao supplicio da roda. A velha marqueza, em consideração para com o seu sexo, foi condemnada a ser decapitada; subiu ao cadafalso com a maior firmeza, e mostrou uma coragem digna de uma causa mais honrosa.

«Os conciliabulos dos conspiradores tinham logar n'uma estufa do jardim do marquez de Tavora, em Lisboa, e foram descobertos por uma mulher que pereceu debaixo das pancadas da marqueza, cuja crueldade não conhecia limites quando se tratava de saciar sua vingança. Esta joven infeliz tinha ouvido uma parte da conversa d'elles. Era de familia nobre, mas tinha-se visto reduzida á miseria, e obrigada a entrar para o serviço da marqueza. Fôra attrahida do lado da estufa pela luz que tinha visto, e que tinha despertado sua curiosidade. A marqueza observou-a, escutando perto da porta; no dia seguinte encontraram seu cadaver n'uma das ruas de Lisboa, quasi frio, coberto com um fato ensanguentado, e furado por algumas punhaladas.

«A joven marqueza de Tavora, filha do duque de Aveiro, e esposa do joven marquez, foi a unica que escapou á morte; encerraram-na n'um convento.

«Esta tentativa, bem como a que depois occorreu contra a vida do rei, e as numerosas execuções que foram seu resultado, produziram um fatal effeito sobre o espirito da rainha.

«Os portuguezes não formam uma nação tão grande como antes do tempo em que a casa de Bragança subiu ao throno. Parecem ter degenerado, ainda que certamente haja muitas excepções a fazer. Esta degeneração é devida á fraqueza de sua monarchia, que os tornou inactivos; inactividade que é a origem do seu orgulho. Formam um povo muito supersticioso; mas provavelmente suas relações com a Inglaterra lhe hão de restituir gradualmente o espirito de independencia que os distinguia outr'ora.

«As damas portuguezas são de pequena estatura, e têem a tez morena; seus olhos são geralmente pretos e expressivos; são ao mesmo tempo modestas e espirituosas, e passam por ser generosas. São magnificas no seu vestuario, mas toscas nas suas maneiras; têem seus domesticos a uma distancia extremamente respeitosa, e exigem d'elles homenagens que não são devidas senão talvez a testas

coroadas. A mobilia de suas casas é de um esplendor acima de toda a idéa, e mantêem um numero immenso de creados, pois não despedem nunca nenhum d'aquelles que têem servido na sua familia com fidelidade.

«O celebre diamante que fez parte das joias da corôa, é considerado como o maior que existe no mundo, mas disseram-me até mesmo em Lisboa não ser elle dos mais preciosos.

«Em nossas excursões pelos arrabaldes de Lisboa, fomos ver o convento da igreja em que se enterram os reis de Portugal. São estes edificios de magnificencia tal que é superior a toda a expressão. A capella de S. Roque é tambem uma das mais bellas e das mais ricas que existem no mundo; ali vi soberbos mosaicos. Bebi na côrte vinho chamado de Collares; é o vinho do Porto sem falsificação, e tal como o fazem para os nobres; nunca o mandam para o estrangeiro. Tem o gosto do Hermitage, mas talvez um pouco mais aspero: os portuguezes fazem d'elle grande caso, e dizem ser o melhor vinho do seu paiz.

«Em Cintra, villa pouco distante de Lisboa, em direcção da embocadura do Tejo, e construida n'um dos sitios mais deliciosos da Europa, acha-se o magnifico palacio, no qual o infeliz Affonso foi preso, e terminou sua desgraçada existencia. Umas cinco leguas ao norte d'esta villa, perto das margens do Atlantico, está um outro palacio, cuja construcção importou em mais de 4.000:000 de libras esterlinas (mais de 100.000:000 de francos): é o de Mafra. Reune elle, como o Escurial, nos arrabaldes de Madrid, um palacio, um convento e uma igreja. Occupa esta ultima o centro, e é rodeada do claustro e das cellas dos frades; apresenta assim este edificio um mixto de superstição e prodigalidade.

«O aqueducto de Alcantara, distante de Lisboa cousa de uma milha, fornece agua a esta capital; póde ser comparado com as obras primorosas dos antigos romanos n'este genero. Ergueram-no sobre um barranco mui profundo; o arco do centro tem 300 pés de altura e 90 de largura. Resistiu ao terramoto de 1755.

«A torre de Belem, a torre do Bugio e a de S. Julião são logares que têem, em differentes epochas, encerrado as desgraçadas victimas dos caprichos da auctoridade. Nos subterraneos d'esta ultima foi preso o famoso Malagrida, jesuita italiano, a quem accusaram de ter conhecido e animado o attentado da marqueza de Tavora (de quem era confessor), contra a vida do rei Joseph. Depois de ter definhado por muito tempo n'esta prisão, foi queimado vivo. Era antes um visionario e um fanatico do que um homem de talento; contava mais de setenta annos quando foi executado. Na sua elevação ao throno, a rainha poz em liberdade todos os outros individuos implicados na conspiração; havia um grande numero d'elles e de todas as classes.

«O marquez de Pombal, que foi despedido do ministerio por occasião da morte do rei, tinha primeiramente sido creado conde de Oeiras. Quando chegou ao apogeu do poder mostrou um odio violento contra a antiga nobreza de Portugal. Fez exasperar seu amo contra a ordem inteira, representando-lh'a como um corpo faccioso, e permittiram-lhe que o tyrannisasse como julgasse a proposito. Entre as primeiras pessoas a quem mandou prender e encerrar, foi o conde da Ribeira, cujo crime ficou desconhecido. Cagliaris, capitão das guardas do rei, veiu a ser depois a sua victima. Era um homem dotado de grandes talentos, e de muita integridade e resolução. Estava doente de uma febre aguda quando o prenderam; n'este estado enterraram-no n'um carcere humido, situado sobre um rochedo na embocadura do Tejo, e ao qual o mar mundava nas marés cheias. A

morte pôz bem depressa fim a seu soffrimento, não tendo as auctoridades feito caso algum das representações do medico ácerca dos perigos que lhe fazia correr a insalubridade da prisão.

«O conde de Oeiras tinha feito uma lei que declarava crime de alta traição o acto de ter dito mal do ministerio. Concederam-lhe um regimento de dragões para a guarda da sua pessoa, assim como isto mesmo se tinha praticado na França para com o cardeal Richelieu.

«Não contente de deixar perecer Cagliaris, exilou sua viuva. Nunca lhe foi permittido regressar á sua patria, e seus dois filhos foram encerrados provavelmente para toda a vida no castello de Setubal. Cagliaris tinha dois irmãos: um que era cavalleiro de Malta, achava-se então em Paris; o outro estava em Portugal; este ultimo foi exilado para Mertola; emquanto ao primeiro, recebeu ordem de voltar para Lisboa, mas, conhecendo o caracter do ministro, recusou obedecer.

«O conde de Oeiras fez igualmente sentir os terriveis effeitos de seu odio ao velho conde de Obidos, que era de sangue real. Este ancião respeitavel era tão zeloso da gloria da sua patria e da dignidade de seu soberano, que tinha sacrificado uma grande parte da sua fortuna para os ajudar. O conde de Obidos nunca tinha gostado d'este favorito. Certo dia fez o rei na presença d'elle a observação de que a casa de Carvalho tinha escapado ao terremoto, e pareceu attribuir isto á protecção do céu em recompensa das virtudes d'este ministro. O conde disse gracejando, que se aquillo assim era, as prostitutas de Lisboa deviam tambem ser consideradas como modelos de virtude, não tendo a rua que ellas habitavam principalmente soffrido cousa alguma.

«Tinha o conde de Obidos experimentado perdas immensas por occasião do terremoto, tendo sido completamente destruidas duas ruas que lhe pertenciam; este gracejo fez com que fosse lançado na prisão. Foi este velho tratado com crueldade pelo magistrado que o veiu prender. Entrou na casa d'elle pela manhã muito cedo, e tendo sahido, como era de esperar, que ainda não estava levantado, entrou pelo quarto de dormir com o punhal erguido, depois pondo a mão sobre o peito do conde, lhe disse que estava preso em nome d'el-rei, e que, se pretendesse fugir, seria um homem morto.

«O conde levantando-se então, disse a quem o prendia, que seu punhal lhe não mettia medo, mas que a ordem do rei o obrigava a submetter-se. O conde tinha sido militar desde sua infancia.

«O duque de Lafões, principe de sangue e herdeiro da corôa pela extincção do ramo que occupava então o throno, foi tambem mandado para o desterro, e conta se de differentes maneiras a causa. Pretendem algumas pessoas ter isto sido devido a ter amado a neta da marqueza de Tavora, que fôra decapitada; outros, que por ter aconselhado a seu irmão primogenito, herdeiro d'um apanagio estabelecido pelo rei D. Pedro para o segundo ramo da familia, que não o abandonasse. Residiu por algum tempo na Inglaterra com o nome de duque de Bragança. Houve muitas outras victimas da crueldade do ministro.

«A sala da opera em Lisboa é muito grande. Iamos muitas vezes ao theatro e iamos para o camarote do rei. Ao domingo havia corridas de touros n'um vasto amphytheatro capaz de conter alguns milhares de espectadores. Ostentavam os cavalleiros então uma ligeireza prodigiosa, e os homens que combatiam a pé, um sangue frio e habilidade extraordinaria. Não me alongo mais ácerca d'este

assumpto, por isso que tenciono apresentar mais adiante uma descripção de taes corridas como as vi em Madrid. Comtudo digo desde já que nunca achei prazer n'aquelles divertimentos barbaros.

«Tendo-me a morte de lord Craven libertado de todos os laços e restituido a liberdade de proceder como julgasse conveniente, acceitei a mão do Margrave sem temor nem remorsos. Casámo-nos na presença de uma centena de pessoas, e de todos os officiaes da marinha ingleza presentes em Lisboa, os quaes ficaram encantados de nos servirem de testemunhas.

. . . . . .

«Lembro-me de que o governador de uma cidade de Portugal conversou commigo n'um dia, durante um jantar inteiro, ácerca das qualidades do roastbeef do nosso paiz; julgava elle superfluo fallar da intrepidez dos inglezes, de sua generosidade e das outras virtudes notaveis que os distinguem; julga, com rasão, que tudo estava comprehendido no elogio do roastbeef.»

ANSTETTPS.

E. *Portugiesische Sprachlehre nach Ollendorff's methode Zweite vermehrte und verbesserte Auflage.* Frankfurt a. M. 1875. Carl Jugel's Berlag.

ANTI-LADRERIE *des jésuites de France, ou lettre de M... à M... sur le silence des jésuites de France.* 1780, 22 pag.

Traz varias noticias relativas aos jesuitas de Portugal.

ANTIST (FR. VICENCE JUSTINIANO).—Natural de Valencia.

E. *V. de S. Pedro Gonzalez Telmo, de la orden de Santo Domingo.* Valentiæ, 1587, 8.º *Additiones*, ibid., 1593, in-8.º

O frade Pedro Gonzalez Telmo nasceu na Hespanha, mas perfilhado pelo convento de S. Domingos de Santarem, onde falleceu, ficou considerado como portuguez. V. Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, tom. I.

ANTOINE (DON).

Roi du Portugal. Son histoire et ses monnaies. Bruxelles, 1868.

Apparece esta obra citada nos *Narcoticos*, do sr. Camillo Castello Branco, vol. II, pag. 43.

APERÇU *de la guerre des français.* A data é de 1818.

APERÇU *géographique sur le Portugal.* Paris, 1827, in-4.º

APERÇU *nouveau sur les campagnes des français en Portugal.* Paris, 1818.

APERÇU *nouveau sur les campagnes des français en Portugal en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811.*

Esta obra não é composição de um estrangeiro, mas sim de um portuguez, o general Pamplona.

APOCALYPSE (L') *d'un jesuite, ou relation véritable d'un voyage merveilleux à Lisbonne.* A la Fleche, chez Ignace Xavier Xiple, 1761.

E em seguida:

Les larmes de Saint-Ignace, ou dialogue entre Saint-Thomas et Saint-Ignace. L'an de la destruction du Colosse de Rhode 9999. Par un cousin du prophète (sic) *Malagrida. Sur la copie.* A Arevalo. en Castille. 2 parties.

APOCALYPSE (L') *d'un jésuite, ou relation véritable d'un voyage merveilleux du F. R. P. B** à Lisbonne, par lui même.* A la Flèche, chez Ignace Xavier Xiplé, imprimeur ordinaire du Collège et de la Société. 1761. Aux dépens de la compagnie, in-12. 32 pag.

Este libello narra o supplicio do P. Malagrida.

APONTE (JERONYMO DE).—Viveu em tempo d'El-Rei D. Filippe II, de quem foi notario ou tabellião no Supremo Tribunal de Granada, pelos annos de 1560. Falleceu no de 1580.

E. *Lucero de la nobleza de España.*

«É atinado, e d'elle diz D. Luiz de Salazar: «Es Aponte sin duda el mejor, y el mas cumplido que tenemos en España, apoyado de nuestras historias, y de mucho numero de escrituras»; e assim é a sua obra louvada dos historiadores de Castella, e universalmente de todos. Porém não posso deixar de dizer, que nas familias que tocam ao nosso reino, como são Silvas, Cunhas e outras, seguiu os ramos, que ficaram em Castella; na de Menezes pouco mais se alargou. Á casa de Bragança dá o appellido de Portugal. Pereira escreveu esta serenissima casa, n'este titulo; mas este erro é tão commum, que universalmente os nossos tambem fazem fundador da casa de Bragança ao Santo Condestavel, o que é absurdo. D'elle trata D. Nicolau Antonio na *Bibliotheca historica,* Franckeneau na *Genealogia.*» [1]

APOTHÉOSE *pastorelle, par laquelle se représente allegoriquement le débat des Ages, Saisons et Planetes, pour honorer à qui mieux la canonisation des SS. Ignace et Xavier. Exhibée par la jeunesse du Collège de la Compagnie de Jesus à Saint Omer.* De l'imprimerie de Charles Boscart, in-4.° 4 pag.

APOTHEOSIS *oft canonisatie van de Heylige Vaeders Ignatius de Loyola ende Franciscus Xaverius. Aen myn Heere de Gouverneur, en de Surintendent ende de Heere Hoochscholteten, Borgemeesters, Schepenen, Raedt, ende vroeme Borgherye der Stadt Maestricht. Tot een teeckeen van danckbaerheyt opghedraeghen, van het Collegie der Societeyt Jesu der selver Stadt. Sal vertoont worden door de Jonckheyt van het selve Collegie den 26 ende 27 julij.* Tot Luyck, by Ian Ouwerx ghesworen Boek drucker. 1622. 6 folhas.

APPLAUSO *genealogico alla Realle Altezza del Signor Infante de Portugallo, da cantarsi nel palazzo del Marchese di Fontes.* In Lucca, per Girolamo Baletti. 1714.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. CCVI.

ARATORIS *cardinalis historiæ apostolicae cum commentariis Arie Barbosae Lusitani.* Impressum Salamanticae in aedibus Joannis de Porris, mense Aprili. MDXVI. Fol.

ARBUSTI (P. AGOSTINO) M. C.

Vita di Santo Antonio.

«Quella del P. Arbusti dottissimo e critico escritore è la più esatta e senza paragon la meliore in quanto á la serie de' fatti, e l'ordine cronologico; ma non può soddisfare i divoti del Santo, escritta singolarmente alle persone dotte e non ad ogni gente, e piuttosto come compendio, onde ommette alcune azioni del Santo non meno autentiche di quelle, ch'egli racconta, oltrecchè in alcuni punti storici prende anch'egli alcune volte a mio parere qualche sbaglio.» [1]

ARCATORRE (FELICE ANTONIO).

Il tributo dell Dee alla Seren. Archiduchessa Marianna, Regia Sposa di D. Giovan V, Re di Portugallo. Vienna d'Austria, ap. Gio. Giorgio Schegel. 1708.

ARCERI LUIGI .— Advogado.

E. *Novo systema elementar da pronuncia da lingua italiana, composto pelo —— e pelo mesmo auctor offerecido ao illustrissimo senhor Joaquim José de Almeida Lima, precedido de uma biographia do auctor desde que está em Lisboa; e de uma apologia da lingua italiana; seguido de alguns rasgos de eloquencia, compostos pelo mesmo auctor para exercicio da pronuncia.* Lisboa. Typographia franco-portugueza. 1862. 8.° 80 pag.

ARCHIDEKIN.— Jesuita irlandez.

Of miracles and the new miracles, done by the relics of St. Francis Xaviers, in the jesuits' college at Mechlin. Louvan, Andreas Bouvet, 1667. 8.°

ARCHEOLOGIA *or miscellaneous tracts relating to Antiquity published by the Society of Antiquaries of London.* Falla muito ácerca das antiguidades portuguezas e hespanholas.

ARDISONUS (NATALIS).

A. R. F. Josephum Mariam Fonseca, ab Ebora... S. M. Joannis V Portugalliæ Regis apud Sanctam Sedem ministrum plenipotentiarium epigramma. Romae, 1735.

ARDIZONE (DOM ANTONIO).— Clerigo Regular Theatino da Divina Providencia; neapolitano, doutor em a sagrada theologia e missionario apostolico em a India oriental.

Nascimento da Magestade del Rey nosso Senhor D. João IV de Portugal, emparados pela Divina Providencia e celebrados na solemnidade do Esposo da Virgem, Sam Joseph, aos 19 de março de 1649, em que cumprio 45 annos. Pregou-os em a capella real o R. P.

Em Lisboa. Na officina de Paulo Craesbeeck, 1649. 4.°, 28 pag.

---

[1] Emmanuel de Azevedo *Vita del taumaturgo portughese Santi Antonio di Padova*

ARDIZONE SPINOLA (D.)—Neapolitano, doutor na sagrada theologia, vigario geral dos Clerigos Regulares Theatinos da Divina Providencia, missionario apostolico e prefeito das missões da India, fundador dos conventos de Nossa Senhora da Divina Providencia da cidade de Lisboa, e da de Goa.

E. *Portugal restituido na decima sexta geração de seus reis naturaes, promettida por Deus ao santo e invicto rei D. Affonso Henriques e emparada do céu com prodigios e milagres; epilogo de louvores do mui alto e poderoso rei e senhor nosso D. João IV, expostos em quatro sermões, que na publicação e festas grandiosas que se celebraram de sua feliz acclamaçon prégou na India, na cidade de Goa, na Sé Primacial o —— Livro* I. *Assistiu o excellentissimo senhor João da Silva Tello de Menezes, Conde de Aveiras, vizo-rei e capitão general do estado da India; o illustrissimo senhor D. fr. Francisco dos Martyres, arcebispo de Goa e primaz do mesmo estado; o muito illustre senado, senhores inquisidores, o reverendo cabido, nobreza e povo.* 8.º gr., 224 pag.

AREVALO (EPISCOP. PALENTINUS &).

Historia hispanica in qua de ejus situ et descriptione, salubritate, etc.

Apud Waldricum Gallum.

A (REVEREND).

Annuaire de l'électricité et du gaz, en France, Belgique, Danemark, Espagne, Italie, Pays-Bas, Portugal, Suède, Norvège et Suisse. Année 1888. In-8.º, XVI 318. Paris, 1889.

ARGENSOLA (BARTOLOME LEONARDO DE ——).—Capellan de la magestad de la emperatriz y retor de Villa Hermosa.

Conquista de las islas Molucas. Al Rey Felipe III nuestro señor. Escrita por el licenciado. Madrid. Alonso Martinez. 1609. Fol. 407 folhas.

250 francos no leilão Solar. 105 francos um exemplar em mau estado no de D. José Miró.

Por causa d'estas ilhas houve grandes questões entre Portugal e Hespanha.

Foi vertida para francez:

Histoire de la conquête des îles Moluques par les espagnols, par les portugais, et par les hollandais. Amsterdam, 1707. 3 vol.

Para allemão:

Beschreibung der Molukischen Insuln, und derer zwischen den Spaniern, Portugiesen und Hollandern darum gefuhrten Kriege. Franchfort und Leipzig, bey der Wilib M. Horlachs. 1710-1711. 8.º

ARGOMENTO *dell' apoteosi o consegratione de' Santi Ignatio Loiola, Francesco Saverio, rappresentata nel Collegio Romano, nelle feste della loro canonizatione.* Roma. Appresso Alessandro Zanetti, 1622, in-4.º

ARGUELLÉS (VEGA Y ——).

Na *Escuela poetica sevillana*, diz que Juan de la Cueva, auctor do rarissimo

livro *Côro Febeo*, morrendo-lhe sua namorada D. Brigida de Lucia Belmonte, fugira de Sevilha para a provincia de Traz-os-Montes.[1]

ARJONA (DON JUAN DE QUEVEDO).

Augusta demonstracion y solemne festejo que á la noticia del nacimiento de el serenisimo principe de Portugal hizo en la real corte de Castilla el muy illustre señor Don Joseph de Faria, enviado extraordinario de la corona de Lusitania, cavallero de la orden de Christo. A quien la dedica, ofrece y consagra —— que la escreviò

ARJONA (DON JUAN DE QUEVEDO).

I. *Loa al nacimiento del serenisimo señor Don Francisco Xavier, infante de Portugal*, Madrid, 1691. 4.º

II. *Festiva demonstracion al nacimiento del señor infante D. Francisco.*

ARKOSSY (BOOCH).

Camoens. Biographische Abhandlangin. Neuestes. Universal Conversations. Lexikon. 6. Aufl. v. Prierers Universal. Lexikon. Oberhausen und Leipzig 1870. vol. IV.

ARKOSSI (BOOCH).

I. *Portugiesische Literatur*. Berlim, Leipzig, 1878.

Neuestes Universal Lexikon, vol. XIV, pag. 587. Camões.

II. *Die Lusiaden*. Berlin und Leipzig, 1877. In-8.º gr.

Artigo do *Neuestes Universal-Conversations. Lexikon*, vol. XII.

ARNAULT (LUCIEN EMILE).

Pierre de Portugal. Tragédie.

Foi impressa em Paris no anno de 1823.

ARNAYA (NICOLAU DE).—Jesuita hespanhol.

E. *Sermo habitus Mexici in canonisatione S. P. N. Ignatii et S. Francisci Xaverii*. Mexici, 1622.

ARNOULD.

Système maritime et politique des européens, pendant le XVIII *siècle*. Paris, 1797.

Falla de Portugal desde pag. 24 a 46.

ARNULPHO (WILLEBRORDIO).

Entretenimento politico-historico e proreptico, com que dois amigos indo de jornada faziam mentirosas as verdadeiras fadigas do caminho; prosopopeia sobre a presente controversia entre o venerando tribunal do santo officio e os fautores dos sygillistas interlocutores Felizardo e Antonio. Posto em forma por ——. Rouen, chez Belogne, 1746.

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga

ARNU (MAXIMILIANO).—Jesuita natural de Gratz. Morreu em Judenbourg no anno de 1703.

E. *Secundum aetatis sæculum Tirnaviensis Apolonis S. Francisci Xaverii scholæ poescos patroni a novem musis romanorum pontificum noveme logiis celebratum Tirnaviae.* 1697, in-8.º [1]

ARREST *des inquisiteurs ordinaires et députés de l'inquisition contre le P. G. Malagrida, jésuite.* Traduction du portugais. Lisbonne, 1761.

ARRIGHI (JOÃO BAPTISTA).—Jesuita, nascido no anno de 1667, no territorio de' Bagni della Porreta. Entrou para a companhia em 1682, prégou em Vienna nos annos de 1713 e 1726, e por muito tempo em Bolonha, onde morreu em 1736.

E. *Il gran limosinero di Dio. Panegirico in onore di S. Antonio di Padova, detto in Bologna el giorno della sua festa nella chiesa di S. Francesco de' minori conventuali l'anno* 1733. Bologna, per Lelio della Volpe. 1733, in-4.º [2]

ARTHUS (M. GOTARDO —— DANTISCANO).

E. *Historia Indiæ Orientalis, ex variis auctoribus collecta et juxta seriem topographicam regnorum, provinciarum et insularum, per Africae Asiaeque littora ad extremos usque japonios deducta, qua regionum et insularum situs et commoditas; regum et populorum mores et habitus; religionum et superstitionum absurda varietas; lusitanorum item hispanorum et batavorum res gestae atque commercia varia, cum rebus admiratione et memoratu dignissimis aliis, jucunda brevitate percensentur atque describuntur. Autore ——.*

Coloniae Agrippinae Sumptibus Wilhelmi Lutzenkirch. Anno MDCVIII, in-8.º, 616 pag., alem do prefacio não paginado. Um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

Esta obra nada mais é do que a descripção das regiões orientaes descobertas pelos portuguezes, e dos feitos dos nossos n'essas regiões.

ARTIEDA (LOPEZ DE).—Jesuita aragonez.

E. *Colloquia meritoria et utilia tam vitae quam morti.* Traz tambem no fim: *Novenarium Sancti Francisci Xaverii.* Saragoça, Pedro Carreras, 1704, in-8.º

ASCENDENCIA *de la Casa de Azambuja.* Folheto escripto em lingua hespanhola, in-8.º gr.

A *Don Gaspar de Guzman, Conde de Olivares.*

Ha na bibliotheca publica de Lisboa um exemplar d'este opusculo de 22 folhas, não se podendo ver, talvez por falta de rosto, se é impresso em Portugal ou na Hespanha.

ASCHBACH (JOS.).

Geschichte spaniens und Portugal zur zeit der Herrschaft der Almoraviden und Almohaden; von ——. Franckfurt am Main, 1833 et 1837. 2 vol.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus,* vol. VI, pag. 21.

[2] Augustin et Alois de Baker, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus,* vol. II, pag. 42.

ASENSIO (G. CALVO).

El teatro hispano-lusitano en el siglo XIX. *Apuntes historicos.* Madrid, 1879.

ASIATIC (THE) *manual register or a view of the history of Hindustan and of the politics, commerce and litterature of Asia for the year 1800.* London, 1801.

De pag. 1 até pag. 34, trata das descobertas e navegações dos portuguezes.

ASIATIC RESEARCHES.

Contém artigos sobre o Malabar, os christãos syriacos, a imitação do Veda, por Nobili e Bijapur.

Instituto Vasco da Gama. Agosto de 1874. Nova Goa. Pag. 187.

ASPECTO *del real palacio de Madrid y su plaza, como estuvo en el dia 4 de marzo de 1704, en que el Rey Catolico N. R. O. Señor D. Felipe Quinto salió á la campaña de Portugal.*

É uma linda e interessantissima estampa, da qual vi um exemplar em poder do sr. Castro. Representa a saída do rei do seu palacio em Madrid, e indica os logares em que havia de pernoitar. Os coches n'aquelle anno de 1704 eram exactissimamente como alguns dos que se guardam nas cocheiras reaes em Lisboa.

ASQUERINO (EUSEBIO).

Al Tajo

Poesia composta por occasião do consorcio de SS. MM. D. Luiz I com D. Maria Pia.

I

Quien no te admira Tajo majestuoso
Brillante espejo de la azul esfera,
Si de tus ondas el raudal copioso
Á millares los astros reverbera!

Ay! yo le vi nacer humilde rio
Allá en los montes de mi amada España,
Y el mismo Tajo con pujante brio
De la imperial ciudad los campos baña.

Testigo fué del español denuedo,
Y el triunfo ensabran sus arenas de oro
Del rey cristiano que ganó á Toledo,
En las sangrientas lides contra el moro.

Reflejan sus cristales transparentes
De la antigua ciudad los torreones
Que abran gallardos sus altivas frentes.
De sus glorias perinclitos blasones.

La catedral, del genio obra divina;
Al alcazar de piedra, audaz gigante,
Se miran en el agua cristalina;
Y del Tajo el caudal crece arrogante.

El dique rompe que su sien circunda;
Se estiende el rio como inmenso lago,
Los arboles degarra, el campo inunda,
Y en su curso veloz siembra el estrago.

Del crudo invierno acrece los rigores;
Impetuoso torrente se desata;
Espanto de los pobres labradores
Los ganados y mieses arrebata.

Mas tambien en la dulce primavera
Contemplé enagenado su onda pura,
De rosas esmaltada la ribera
Quando Aranjuez ostenta su hermosura;

Y claro y terso copia los primores
De frondosos, magnificos jardines,
Paraiso de amor, Eden de flores,
Y encanto de tres bellos serafines.

De alamos gigantescos enlazados
Sus anchas copas escalando el cielo
Esmalta el rio en hilos plateados,
Su vapor exhalando en blanco velo.

De nivea espuma en lluvia de diamantes
En cascada desciendo cadencioso,
Y sus gotas resaltan cual brillantes
A los rayos del sol esplendoroso.

Oh! cuan ufano entonces se engalana
Retratando beldades seductoras,
Flores de nacar y purpurea grana,
Luceros de oro y nitidas auroras!

Torna veloz, risueña primavera,
Y al apacible son de la onda pura
Gosaré al ver la placida ribera
Cuando Aranjuez ostenta su hermosura.

¿Pero es el Tajo que suberbio avanza
A las costas del reino lusitano?
Con noble majestad suas ondas lanza
En el profundo seno del Oceano.

¿Que mole gigantesteca le domina?
Del Tajo corona la sien ferrea corona,
Un puente obra del arte peregrina
Que el ingenio de Page audaz pregona.

Genio del siglo, espíritu moderno
Que el progreso y las ciencias enaltece;
El vigoroso aliento del eterno
En tantas maravillas resplandece.

Aumentan la corriente de los mares
Las claras linfas de bruñida plata:
Lejos el rio de los patrios lares
Se engrandece, se estiende y se dilata:

En un inmenso mar. Ved cual descuella
Al albor matinal rica en palacios
La esplendida Lisboa, ciudad bella
Ornada de zafiros y topacios.

Matrona que gallarda y vaporosa
Se mece en la onda azul como su cielo,
Al rayo de la luna misteriosa
Hada divina envuelta en blanco velo.

Faro de la esperanza, puerto hermoso,
Libras de las borrascas al marino,
Y en tu seno le acoges cariñoso
Estrella tutelar de su destino.

Diosa cual Venus de las aguas brotas
Tus piés besando la onda cortesana,
Te rinden homenage islas remotas,
Y eres del Tajo la feliz sultana.

Cuna de reyes de animo esforzado;
Alfonso y D. Manoel, nobles campeones,
Sueñan en un imperio dilatado,
Y tremolan triunfantes sus pendones

Las naves surcan el revuelto seno;
Del remar de los botes la porfia
Llenava el corazon bajo un sereno
Firmamento, radiante de alegria.

Camino un tiempo de esplendentes glorias
Fuiste, ó sagrado rio, á Magallanes;
Que abrió campo á las celebres historias
De invencibles, ardientes capitanes.

Asia, America, y Africa, y el mundo
Pregonan su valor y excelsa fama,
La sien ornando con laurel fecundo,
Al heroe, al inmortal Vasco de Gama.

Ataïde, Albuquerque, Almeida y Castro
Cruzan armados de la fé divina
Los vastos mares; de la gloria el astro
Sus frentes victoriosas ilumina.

Y la estrella del noble pensamiento,
Genio admirable se abre majestuoso,
De Portugal magnifico ornamento
De los Lusiadas el cantor famoso.

De sus lauros, venturas y grandezas
Resonó el éco en la nacion hispana
¡Y se admira la España sus proezas,
¡Como no ha de quererla, si es su hermana!

España y Portugal triunfos iguales
En ambos hemispherios realizaron,
Y juntas en combates inmortales
Su sangre y sus tesoros derramaron.

Los huesos de sus hijos confundidos
Cubre la misma tierra infortunada,
Los llama heroes la historia aunque vencidos
De Alcazar en la tragica jornada.

Entre pueblos idolatras, lejanos
Difundieron la luz del Christianismo,
Las dos tambien en dias mas cercanos
Combatieron al fiero despotismo.

Ramas de un arbol, de una misma raza,
Como si se confunden en la historia,
Y un territorio mismo los enlaza,
El porvenir no hará comun la gloria!

El poeta henchido de entusiasmo santo
Consagra un himno á tan glorioso emblema:
Ay! si estampara con su debil canto
Una flor de oro en tu imperial diadema!

II

¿Mas porque reflejando la alegria
Se viste Tajo de brillante gala?
¿Porque puebla las ondas de armonia
Y majicos conciertos hoy exhala?

Le surcan en tropel naves veleras
Ostentando bellissimos colores,
Flamulas, gallardetes y banderas
Como pensil de peregrinas flores.

A quien rinden tributo respetuoso
Las ondas de ese rio alborozadas?
Y con grato murmullo cadencioso
Caen ante una nave posternadas?

Es una nave airosa y esplendente,
Que al rasgar con su quilla las espumas
Mecida por la ola trasparente
Semeja un cysne de nevadas plumas.

Besan las auras la ligera lona,
El pabellon de Italia flota al viento,
Y ostenta el pabellon regia corona,
Tronando el bronce con robusto acento.

¿A quien rinden sonoras tanta salva?
A virgen bella en cuna real mecida,
Primer rayo purissimo del alba,
Flor del vergel de Italia desprendida.

Salve, futura reina! Astros de amores
Brillarás en el cielo Lusitano;
Te brinda la ciudad palmas y flores
Al ascender al solio soberano.

Princeza ilustre de la Italia bella,
No llores de tu patria al abandono;
Porque otra patria encuentras y con ella
De un joven rey el corazon y el trono.

Será prende de union tu hermosa mano
Que enlace los colores en la historia
Del pabellon de Italia y lusitano:
Blanco, verde y azul, signos de gloria.

De paz el blanco, el verde de esperanza,
Y de cielo el azul; ay! del consuelo
Eres el angel; pues tu reino alcanza
La esperanza, y la paz tambien el cielo.

Un rey y tierno hermano hondo tributo
Rinde á triste memoria, y tu alma pura
Tras dias de dolor y amargo luto
Aparece cual iris de ventura.

Hija de un pueblo libre y esforzado
Que conquistó la santa independencia,
Y á un porvenir glorioso está llamado:
La libertad es tu preciosa herencia.

Radiante sol, fecundo á las naciones,
Sus grandiosos destinos ilumina;
Y pues del cielo san tan ricos dones
Sella tu con tu amor la obra divina.

Tambien te acoge en sus amantes brazos
Un pueblo libre; madre cariñosa,
Del pueblo y trono estrecharás los lazos
Y Dios bendicirá tu union dichosa;

Mientras la sombra veneranda y pia
Del noble rey, tu generoso abuelo,
Sobre esta hospitalaria tierra envia
Inefable mirada de consuelo.

ASSARINI (LUCAS).—Natural de Sevilha.[1]

Vita et miraculi di S. Antonio de Padua. Genuae apud Petrum Joannem Calenzani. In-8.º *Cum additione autem secundae partis de miraculis post Sancti obitum patratis.* Venetiis, tertium, 1659, apud Nicolaum Perzana. In-12.

ASSE (EUGENE).

Lettres du XVII *et du* XVIII *siècle.*

Lettres portugaises avec les réponses.

Lettres de mademoiselle Aïssé suivies de celles de Montesquieu, et de madame du Deffand au chevalier d'Aydie, etc. Revues avec le plus grand soin sur les éditions originales, acompagnées de nombreuses notes, suivies d'un index et précédées de deux notices biographiques et littéraires par ——. Edition ornée d'un portrait de mademoiselle Aïssé. Paris, Charpentier, 1873, 8.º xx. 423 pag.

ASSEMANI (STEFANO EVEDIO).—Arcivesco de Apamea.

E.· *Delle lodi di Giovanni V Re Fedelissimo de Portogallo.*

Orazione recitata l'anno 1751 nella solenne adunanza degli Arcadi tenuta nel Bono Parrasio in morte del medessimo. Roma, stamp. di Angelo Rotili, e Filippo Bacchelli. Fol., max. XXII. pag. 1750.

Tem duas bonitas vinhetas, uma no rosto, e tambem as armas portuguezas, e outra no principio da oração, e um medalhão, tendo de um lado o busto de D. João V, e do outro a figura da Igreja.

ASTLEY.

General collection of voyages and travels. 1745.

Apparece n'esta collecção uma descripção da ilha da Madeira, segundo assevera Robert White na sua obra: *Madeira,* Edinburg, 1860 (pag. 142).

---

[1] Nicol. Antonio, *Bibliotheca nova scriptorum hispaniae,* vol. II, pag. 16.

ASTUCIAS *de Lucifer y desengaño de los aliados.*
Poesia allusiva á entrada do exercito portuguez em Madrid.

ATTIRET (JEAN DENIS). — Jesuita e pintor da missão de Pekin.
Lettre du père Attiret, peintre au service de l'empereur de la Chine à M. D'Assaut. Voyage de Macao et de Canton à Pékin. Description des palais et jardins de l'Empereur. Effets du bref du Pape contre les cérémonies chinoises. A Pekin, le 1er novembre 1743. (Nas *Lettres édifiantes et curieuses.* Paris, 1843, in-8.° Tomo III, 786 a 795).

Foi vertida para allemão no *Welt-Bott* do P. Stöcklein, tomo XXXIV, pag. 57 e 67, n.° 679.

Brief des Ehwurdigen Frater Attiret, Französischen Jesuiten, &c. V. P. Amiot, no *Journal des savants,* 1771, mez de junho.

AUBANO (JOANNE BOEMO).
Teutonico super collecti et novissime recogniti. Tribus libris absolutum opus, Aphricam, Asiam et Europam describentibus. Non sine indice locupletissimo. Parisiis. Apud Ambrosium Girault. 1536. 8.°, 115 folhas, afóra o indice.

Falla por alto este livrinho ácerca dos egypcios, carthaginezes, troglodytas, ichthiophagos ou que se alimentam com peixes, panchaios, tartaros (que acreditavam que a vida era eterna), polacos, russos, persas, indos, babilonios e varios outros.

E a folhas 109, capitulo XXV, traz uma pequena descripção da Lusitania:

«Sunt Lusitani, diz o livro, Hispanorum fortissimi, scrutatores, insidiosi, veloces, agiles, et versatiles.

«Aliquos Durio amni vicinos Spartano ritu degere tradunt duobus utuntur unguentis, ad calefaciendumque ignitis utuntur lapidibus, et frigida levantur.»

AUGER (EDMOND). — Jesuita francez.
Histoire des choses mémorables sur le fait de la Religion Chrêtienne, dites et exécutés ès pays et royaumes des Indes Orientales. Par ceux de la compagnie de Jesus, depuis l'an 1542, jusqu'à présent. Avec certaines épistres notables et concernantes l'état des affaires du pays et du Japon. Traduit du latin de Jean Pierre Maffeo, en françois par M. Emond Auger, de la compagnie du nom de Jésus. Dédié à Monsieur. A Lyon, par Benoist Rigaud, 1571, 8.° 91 folhas.

AUGER (L'ABBÉ).
E. *Rapport sur la traduction en vers des Lusiades de Camöens par Mr. Ragon.*

AUGUSTA *demonstracion y solemne festejo que á la noticia del nascimiento del Serenisimo Principe de Portugal hizo en la Real Corte de Castilla D. Joseph de Faria, embiado extraordinario de la Corona de Lusitania.* Madrid.

AURIAC. — Sub-bibliothecario de Paris.
Escreveu uma obra acerca de D. João IV, mencionada no *Progresso* (jornal de Lisboa), do dia 21 de março de 1884.

AUTHENTIC (AN) *account of mr. Canning's policy with respect to the constitutional charter of Portugal, in reply to «Observations on the papers laid before Parliament».* London, 1830.

AVENTURES *d'un portugais en Afrique.* Limoges, 1850.

AVENTURES (LES) *de Jacques Sadeur dans la découverte et le voyage de la terre Australe, contenant les coutumes et les mœurs des australiens, leur religion, leurs exercices, leurs études, leurs guerres, les animaux particuliers à ce pays, et toutes les raretés curieuses qui s'y trouvent.* 12. A Paris, chez Claude Barbiis, 1692.

Aquelles que tomaram parte n'esta relação, asseveram que foi ella baseada nas *Memorias* de Jacques Sadeur, encontradas no gabinete de um grande ministro.

Sadeur era oriundo da Champagne, e das proximidades de Retel. Foi concebido na India, e nasceu sobre o Oceano, onde seu pae e mãe tinham embarcado para regressarem á França, onde morreram.

O menino foi sustentado pela caridade dos estranhos. E na idade de oito annos foi posto pelos jesuitas portuguezes ao serviço da condessa de Villa Franca, que o mandou educar conjunctamente com o conde seu filho.

Sadeur, porém, viajando com este conde, foi apanhado pelos piratas francezes nas costas de Hespanha. Em summa, esta obra trata em grande parte das viagens dos portuguezes em regiões remotas.[1]

AVENTURES *portugaises. P. I. Speculum jesuiticum.* 1540. 12. Bragança, 1756.

AVERTISSEMENS *nouveaux des royaumes de la Chine et du Giapon, escrits sur la fin de 1586, extraits des lettres des jésuites et traduits d'italien en français.* Lyon, Jean Veyrat, 1588, in-12.

AVEZAC.

E. I. *Les îles phantastiques de l'Océan occidental au moyen âge.* 1845.

II. *Deux notes sur d'anciennes cartes historiées, mss. de l'école catalane.*

Notice des découvertes faites au moyen âge dans l'Océan Atlantique, antérieurement aux grandes explorations portugaises du XVe *siècle.* Paris, 1845.

AVISOS *de la China y del Japon del fin del año de 1587.* Madrid, A. Gomes. 1589, in-12.

A VOYAGE *to the Islands Madera, Barbados, Nieves, S. Christophers and Jamaica. With the natural history of the herbs and trees, four footed beasts, fishes, birds, insectes, reptiles, &c.* London, 1725, in-fol, 2 vol.

Vem esta obra annunciada no *Journal des Sçavans,* de 1728, pag. 525.

AVVENTURIERI (GLI).

Dramma comico en lingua italiana e portoghesa. Lisbona, 1826.

---

[1] *Journal des Sçavans,* 1692, pag. 261.

AVVISI *del Giapone degli anni 1582, 1583, 1584; con alcuni altri della Cina del 1583, 1584, cavati dalle lettere della Compagnia de Giesu.* Roma. Franc. Zannetti. 1586, in-12.°

AVVISI *della Cina et Giapone del fine dell' anno 1586. Con l'arrivo delli Signore Giaponesi nell' India. Cavati dalle lettere della Compagnia de Giesu. Ricevute in mese d'ottobre 1588.* In Roma. Appresso Francesco Zannetti. 1588. 8.° grande, 68 pag.

AVVISI (NUOVI ——), *dell' Indie de Portugallo, ricevuti dalli Reverendi Padri della Compagnia de Giesu, tradotti dalla lingua spagnuola nell'italiana.* 1568, in-8.°, 59 pag. No fim: *In Venetia per Michele Tramezzino.* É dedicada á Ex.ma e Ill.ma Signora la Signora Vittoria Farnese dalla Rovere, Duchessa d'Urbino.

AVVISI *particulari dell' Indie de Portogallo. Nuovamente hauti quest' anno del 1557, dalli Padri della Compagnia di Jesu, dove s' ha informatione, delle gran cose che si fanno per aumento della santa fede & conversione de quelle genti infideli a Christo N. Signore.* Romae, in aedibus Societatis Jesu. Anno Domini 1557 100 pag.

AZPICUELTA (D. MARTIN DE —— NAVARRO).

Escreveu um elogio da infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel, o qual se encontra a fl. 131 v. e 132 da vida d'esta infanta, impressa em Lisboa no anno de 1675.

AZPICUELTA (MARTIN DE ——).

Paschoal José de Mello, a pag. 83 da *Historia Juris Civilis Lusitani,* falla do referido padre.

AZPICUELTA (MARTINUS).

Relectio sive iterata praelectio non modo tenebrosa. Conimbricae, 1547, 8.° 1 vol., 274 pag. Versa sobre questões de direito canonico.

Azpicuelta era lente na universidade de Coimbra.

B

A Jorge de Montemór

Quando Montemayor con su Diana
Ennobleció la lengua Castellana
Lugar noble tuviera;
Mas ya pasó la edad en que pudiera
Llamarse el mayor monte de Parthenio.
Si le ayudaran letras, el ingenio
Con que escribió su Pyramo divino,
Hurtado ó traducido del Marino.
Pero por donde fué sin esta guia
Quien tuvo tan dulcissima Thalia?

LOPO DA VEGA

BACHIN (LEONARD).—Jesuita, natural de Gratz e admittido na companhia de Jesus em 1618.

E. *D. Franciscus Xaverius Indiarum Apostolus, Potamiensium Patronus, miraculis clarus*[1].

BADAONI.

E. *Muntakhal ul tawarich.*

Obra escripta em lingua persa, e na qual se trata dos feitos dos nossos no Oriente. Falla-se no cerco de Diu, e das missões dos jesuitas na côrte de Akbar. É obra muito interessante para a historia das nossas relações com a Persia.

Parece-me que parte d'esta obra foi vertida em inglez por Blochmann.

BADAONI.

Muntakhal ul tawarich (historia do Mogol).

Tambem se refere a Diu, e ás missões jesuitas na côrte de Akbar. Os extra

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des ecrivains de la compagnie de Jesus* vol. VI, pag. 27

ctos que mr. Blochmann põe n'uma nota ao 77.º *Aiu*, confrontados com as relações dos jesuitas, dão uma viva imagem de Akbar e sua côrte [1].

BAGATTA (GIO. BONIFACIO ——).

E. *Vita del Venerable Servo di Dio D. Alberto Maria Ambiveri da Bergamo, Clerico Regolare Teatino e Missionario Apostolico All' Indie Orientali. Descritta da D. Gio. Bonifacio Bagatta, dell' istesso Ordine.* In Venetia, 1683. Per Gio. Battista Tramontina S. Rocco. 4.º, 287 pag.

Esta obra é dedicada a D. Maria di Guadalupe, Duchessa d'Avero, Maquedo, etc. No capitulo XXII mostra-se quão grande era a devoção da casa de Aveiro para com este padre. O capitulo XIX contém um grande numero de poesias latinas em honra do mesmo Ambiveri. *V.* Ambiveri.

BAGNARIO (FRANCISCO —— VISTULO). — J. U. D., Humaniorum Literarum Professore Publico.

E. *Animadversiones et notae in Emmanuelis Alvari Grammaticas institutiones. Authore —— Illustrissimo et Reverendiss. Domino Benedicto Monaldino S. Rav. Ecclesiae Praeposito dicata. Caesenae, typis Digni,* 1704, in-12, 213 pag.

É provavelmente a obra de Dominique Lazzarini de Macerata: *Vennero dal Facciolluti e dal P. Zaccaria attribuite all' abbate Domenico Lazzarini, ma a tale sentimento si oppone il Fabroni nella vita che di lui scrisse, Vitae Ital.,* tomo XIV, pag. 110, nota 1.ª (Melzi, *Dizionario di Anonimi,* ec. I, 109).

BAGUER (DR. D. JOSEPH).—Cathedratico de medicina en la universidad de Valencia, academico experimental del Circulo Valentino, y autor de la *Floresta Medica* [2].

E. *Discurso gratulatorio dirigido a la Academia Portopolitana por* ——.

*
* *

«..... Parece-me que, sem adulação, se póde affirmar que Portugal é o domicilio da piedade, o paiz do engenho, a patria do valor e o solo nativo da generosidade: porque os portuguezes são doceis para o que é bom, advertidos, agudos, espirituosos, intrepidos, garbosos e de uma grande propensão genial para cultivarem todas as boas artes que podem servir de adorno. Qualquer exercicio decente que demande coragem, presença de espirito, agilidade e presteza, é mui do genio da nação portugueza.

«Em summa, por mais que a geographia resuma este reino, por mais que as serranias o cinjam, e tambem os mares que o apertam, sabe, todavia, estender venturosamente suas inclitas armas nas mais remotas e incognitas provincias do mundo inteiro, onde é venerado como Senhor. E isto á similhança de um rio

---

[1] Talbot, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India,* no *Instituto Vasco da Gama,* 1874, pag. 186.

[2] Vem este discurso na obra: *Diario universal de medicina, cirurgia, pharmacia, etc.,* por Manuel Gomes de Lima. Lisboa, 1764, pag. 256.

caudaloso, que aperta em estreita margem immenso fundo. Deixa talvez que a mãe esteja descuidada, e enganando margens e diques, ainda que a mãe natural seja Portugal, sabe tambem escapar-se de repente, e entregando-se a Deus e á ventura, sem determinação fixa a respeito do paiz aonde se deve encaminhar, estende se de repente com a mais laboriosa vigilancia, e destra e notoria maestria a descobrir os climas mais estranhos, remotos e incognitos, e escondidas regiões, não por terra firme, mas sulcando mares inconstantes e não conhecidos, e ainda não navegados, sem que bastassem a reprimir seu honorifico, orgulhoso e constante espirito, a immensa multidão dos inaccessiveis e terribilissimos escolhos, nem as formidaveis contingencias mais perigosas; antes, como se tiveram algum de algum anjo de um novo descobrimento, firmado por sua mão, referendado por outro anjo descobridor, seu secretario, proseguiram como destros e peritissimos argonautas por uma tão desabrida e espinhosa viagem, como quem deita sortes para a rifa de uma preciosissima joia, que, se sáe, sáe; se não sáe, não sáe. E como a fortuna, com a sua mesma ligeireza, com que faz girar o eixo da sua roda para as desgraças, a guia tambem para a felicidade, favoreceu-a, divina misericordia, com a singularissima e não esperada dita de engolphar-se nas correntes mais impetuosas até introduzir-se no mar Atlantico, Ethiopico e Oceano Indico, e, depois de haver ganhado insignes victorias sem que lhes podessem resistir nações tão barbaras, submetteram com invencivel valor e presteza as margens de todo Oriente até á China com as ilhas immediatas, sem que bastassem para os deter as interpostas e formidaveis serranias de aguas, nem a fereza de tão barbaras e indomitas nações.»

*
* *

«Lo hasta aqui expresado no es más que un tosco extracto, ó un mal formado especimen, que mi embotada pluma tiene hecho del inimitable valor, y profundisima ciencia de la Nacion Lusitana; no me detengo más, porque ya sabe el mundo lo que és el reyno de Portugal, y lo sabe tan de allá, que quando el mundo andava á la escuela, aprendió á leer por las glorias de este reyno; y asi la historia de Portugal és la historia del mundo universal, o por decirlo mas bien, la historia del mundo universal és la historia de Portugal; por que no havrá imperio, no havrá reyno, no havrá provincia en todo lo descubierto, en cuyas glorias no anden mezclados los Portuguezes, como dicen que anda la sal elemental en todos los mixtos.» Idem, idem, pag. 261.

BAILLEUL (GASPAR).
Le Portugal et ses frontières.
É um mappa de Portugal.

BALAGUER (D. VICTOR).
Estudios historicos y políticos por ——. Madrid. Libreria de A. de San Martin. 1876, in-8.º, 528 pag.

A pag. 69 diz que um illustrado historiador moderno, D. Luiz Cutchet, teve o nobre valor de atar o historiador portuguez Mello, na sua serra de Cataluña.

BALAGUER (VICTOR).

Historia politica y literaria de los trovadores. 3 vol. 1878.

Trata esta obra: Dos trovadores e da influencia que exerceram na sua epocha; da grammatica e poetica dos trovadores; das escolas litterarias da epocha; das côrtes de amor; da influencia que teve a poesia provençal em Castella, Leão, Aragão, Catalunha, Portugal, Galliza, Italia, França, Allemanha e Inglaterra.

BALBI (GASPARO).—Gioilheiro venetiano.

Viaggio dell' Indie Orientali di ——, nel quale si contiene quanto egli in detto viaggio ha veduto per lo spatio di 9 anni consumati in esso dal 1579 fino al 1588. Con relatione de i datii, pesi, & misure di tutti la Citta di tal viaggio & del governo del Re del Pegu, & delle guerre fatte da lui con altre Re d'Arva, & di Sion. Con la Tavola delle cose più notabile. Con privilegi. In Venetia, 1590, apresso Camillo Burgominieri, in-8.º, 159 folhas, afóra dedicatoria ao clarissimo signor Theodoro Balbi, nobile venetiano, proemio, indece, e tariffa del monette di tutta l'India.

Esta viagem foi emprehendida com vistas commerciaes, e descreve a India dos portuguezes.

BALDÉ (PHILIPPE).

Description des côtes des Indes Orientales, Malabar, Coromandel, Ceylon, &c. Par ——. Amsterdam, in fol.

«O auctor d'esta nova historia é um ministro hollandez mui habil, que residiu por muito tempo nas Indias orientaes, e particularmente em Ceylão. Propoz-se não sómente a relatar o que se passou entre os hollandezes e as outras nações n'aquelles paizes remotos; mas quiz ainda ensinar a maneira de procederem n'aquellas regiões, e o meio de se aproveitarem das riquezas naturaes, das quaes estes paizes estavam cheios.

«Falla das negociações, dos tratados, da maneira como os hollandezes traficam, tanto com os indios como com os da Europa. Apresenta a relação de tudo quanto se tem passado entre os hollandezes, inglezes, portuguezes, mouros e outras nações; descreve todas as terras, cidades e praças fortes, que os hollandezes ali adquiriram; apresenta os planos e os mappas geographicos de todos aquelles paizes, as quaes são tanto mais curiosas, quanto ellas se não encontram n'outra parte.

«Nota que a cidade de Goa, a qual jaz a 16º de latitude septentrional, é um logar mui doentio, e exposto a grandes mortalidades, embora por outro lado mui commoda para o grande trafico que ali se faz com Pegú, Sião, Japão, Persia, Camboja, Arabia, Malabar, Coromandel, Bengala, etc.[1]

BALINGHEM (ANTOINE DE ——).— Jesuita francez.

Abrégée de la vie de Saint François Xavier. Douay, Balthazar Beltère, 1622, in-12.

BALZO (ANTONIO DEL ——).— Jesuita napolitano. Vivia no principio do seculo XVIII.

---

[1] *Journal des Sçavans*, juin, 1672.

E. I. *Panegirico di S. Francesco Saverio, ed un sermone domestico sopra la rinovazione dello spirito, detto nella solenne rinovazione de' Voti* (*Na Raccolta di alcuni Discorsi d'insigni Oratori della Compagnia de Gesù.* Napoli, 1718, tomo v, pag. 176.

II. *Penegirico di S. Francesco Saverio.* Reimpressão na mesma Raccolta. Decada quinta. Napoli, 1722, pag. 172.[1]

BARBIER (C. A).— Jesuita francez do seculo XVIII, superior da missão do Carnate.

E. *Lettre du P. Barbier. Sur l'état de la religion et des mœurs dans le Diocèse du R. P. Laynez, évêque, dont la jurisdiction s'étend du Cap Comorin jusqu'aux confins de la Chine.* Nas *Lettres édifiantes et curieuses,* édition de Paris, 1843, pag. 588 a 598.

Vertidas para allemão em as *Neue-Welbolt* du P. Stöcklein, n.os 124, 235 e 336.[2]

BARCA (CALDERON DE LA ——).

I. *Comedia famosa. A secreto agravio secreta venganza,* por outro titulo: *Vengar-se con fuego y agua.*

Os protogonistas são portuguezes, entre os quaes El-Rei D. Sebastião.

II. *El falso nuncio de Portugal.*

*
* *

Comedia famosa de el Principe Constante. De D. Pedro Calderon de la Barca.

Personas que hablan en ella:

Don Fernando;
Don Enrique;
Don Juan;
Rey Moro;
Muley, Rey de Fez;
Fenix;
Rosa;
Zara;
Tarudante;
Don Alonso;
Soldados.

O *Principe Constante,* ou para melhor dizer o Principe inabalavel (Sismondi, *De la litterature du Midi de l'Europe,* vol. II, pag. 421), o Regulo hespanhol, é um dos dramas mais commoventes de Calderon. Traduzido por M. Schlegel é actualmente representado com acceitação nos theatros da Allemanha; creio devel-o escolher para d'elle apresentar uma analyse completa.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus,* vol. VI, pag. 30.
[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus,* vol. VI, pag. 31

Os portuguezes, depois de terem expulsado os mouros de toda a costa occidental de Hespanha, passaram á Africa, para n'aquella região ainda perseguirem os inimigos da sua fé; emprehenderam a conquista dos reinos de Fez e de Marrocos; o mesmo ardor fez com que depois procurassem o caminho das Indias e erigissem os estandartes de Portugal na costa de Guiné, no reino do Congo, em Moçambique, Diu, Goa e Macau.

O rei D. João I conquistára Ceuta; por sua morte deixára varios filhos, todos os quaes se queriam distinguir contra os infieis. Duarte, que lhe succedeu, enviou em 1438 dois de seus irmãos com uma frota tentar a conquista de Tanger; um d'elles era Fernando, o heroe de Calderon, o *Principe Constante* por excellencia, e outro, esse Henrique, que depois se illustrou com os seus longos esforços para descobrir Guiné e o caminho das Indias. Sua expedição é o assumpto d'esta tragedia.

Abre-se a scena nos jardins de Fez: as mulheres de Phenicia, princeza mourisca, obrigam alguns escravos christãos a cantarem para encantar os enfados de sua ama. «Como, respondem elles, musica da qual todos os acompanhamentos são ferros e grilhões que nos retêem, póde ella ser agradavel?» Cantam, comtudo, até que apparece Phenicia cercada de todas as suas creadas.

Dirigem-lhe estas os comprimentos os mais lisonjeiros n'esse estylo oriental que a lingua hespanhola ousa conservar, e que a sua exageração tornaria ridiculo em a nossa.

Phenicia repelle tristemente taes homenagens: falla da sua dor, e a attribue a um sentimento que não póde vencer, e que alguns presentimentos tristes parecem crear. Seu discurso é tambem todo em quadros, todo em imagens brilhantes.

Cumpre considerar a tragedia de Calderon, não como uma imitação da natureza, mas como uma imagem d'esta natureza no mundo poetico, assim como a opera é d'elle uma imagem no mundo musical; é necessario admittir uma convenção tacita dos espectadores que se prestam a ouvir uma linguagem que não está em a natureza, para gosarem da união das bellas artes n'uma acção real.

Phenicia ama Muley-Cheik, primo do rei de Fez, seu almirante e seu general; porém seu pae quer casal-a com Farudant, principe de Marrocos; apenas ella tem recebido esta noticia, que Muley chega de um cruzeiro e annuncia ao rei a approximação de uma frota portugueza, a qual, commandada por dois infantes, e transportando 14:000 peões, vem atacar Tanger. Seu discurso, que deve servir de exposição á acção principal, tem uma extensão de 210 versos, todas as flores da poesia que n'elles estão semeadas não bastariam para fazer com que se prestasse attenção a uma tão estirada arenga.

Muley, porém, recebe ordem de se oppor ao desembarque dos portuguezes com a cavallaria da costa.

É um tal desembarque o assumpto da scena seguinte: vem-no effectuar-se junto de Tanger ao som dos clarins e das trombetas. No meio d'esta pompa militar, cada um dos heroes christãos que abordam á praia, manifesta seu caracter, suas esperanças, seus temores, e a maneira como elle está affectado pelos tristes presagios, que se lhe offereceram durante a navegação. Emquanto Fernando se esforça por dissipar no coração de seus cavalleiros todo o temor supersticioso, é elle atacado por Muley Cheik, mas obtem uma facil victoria sobre esta cavallaria reunida á pressa. O proprio Muley cáe entre suas mãos, e Fernando, não menos generoso do que bravo, quando vem no conhecimento de que seu prisioneiro, por

causa de seu captiveiro, está em risco de perder para sempre sua namorada, entrega sem resgate a Muley sua liberdade.

Todavia os reis de Fez e de Marrocos tinham reunido seus exercitos; avançam com forças infinitamente superiores, a retirada torna-se impossivel aos portuguezes, e nada mais lhes resta do que a confiança de morrerem como valentes e como cavalleiros christãos. Até esta mesma esperança falha: os mouros obtém a victoria, e Fernando, depois de ter valentemente combatido, se entrega ao rei de Fez, que se lhe dá a conhecer. Seu irmão Henrique tambem se rendeu com a flor do exercito portuguez. O rei mouro usa generosamente de sua victoria; trata o principe com os respeitos e cortezias que são devidos a um igual, desde que cessou de ser seu inimigo; todavia declara que lhe não ha de entregar a liberdade senão em troca da restituição de Ceuta, e que vae enviar Henrique a Portugal para tratar por um tal preço do resgate de seu irmão.

É aqui onde para Fernando começam as peripecias: não quer que a sua liberdade custe a Portugal a sua mais bella conquista, e encarrega a Henrique de recordar a el-rei seu irmão, que é christão e de que é principe christão. Assim termina o primeiro acto.

No segundo acto vemos D. Fernando em Fez, cercado dos captivos christãos que o reconheceram: correm para se deitarem a seus pés; esperam sair com elle do captiveiro.

«Amigos, lhes diz Fernando, dae-me vossas mãos; Deus bem o sabe: quizera eu com ellas romper os laços que vos prendem; é a vós, antes do que a mim mesmo, que eu quizera dar a liberdade. Qualquer que seja a decisão do céu, crêde que uma protecção certa nos espera, e dentro em pouco ella ha de melhorar a nossa sorte... Ai de mim! Não são conselhos que devemos dar aos necessitados, mas, na realidade, nenhuma cousa tenho commigo, cousa alguma que eu possa dar; meus amigos, perdoae-me... Ide trabalhar; adeus, não descontenteis a vossos amos.»

O rei de Fez prepara festejos em honra de Fernando; convida-o para caçadas, e tem a bondade de lhe dizer que os captivos taes como elle honram o amo que os retem.

N'este comenos regressa de Portugal D. Henrique; a dor da perda de Tanger causou a morte do rei D. Duarte; mas, ao morrer, deu ordem para que entregassem Ceuta ao rei de Fez, com o fim de, por meio de um tal preço, resgatar os captivos; e Affonso V, que lhe succedeu, mandou Henrique a Africa, para proceder a esta troca.

«Não continues, exclama Fernando; detem-te, Henrique, suspende! Essas palavras são indignas de um infante de Portugal, de um grão mestre da ordem de Christo, ainda mais, de um homem vil, de um barbaro privado das luzes e da fé eterna dos christãos! Meu irmão não inseriu uma tal condição no seu testamento para que ella se cumprisse, mas sim para mostrar sómente quanto desejava minha liberdade; procuremol-a por outros meios, por outras condições, quer de paz, quer de guerra. Como poderia um rei catholico ceder a um mouro uma cidade que lhe custa seu sangue? pois foi elle o primeiro que, armado sómente de um leve escudo e de uma espada, hasteou sobre suas muralhas o estandarte de Portugal. Esqueçâmos mesmo sua gloria pessoal: como largaria elle uma cidade, a qual reconhece Deus na fé catholica? que mereceu ter igrejas consagradas ao seu culto! seria uma acção catholica? seria a ordem da religião, seria a

da piedade christã, seria proceder proprio de portuguez o permittir que os templos soberanos que supportam as espheras celestes, em logar de nossas lampadas douradas, imagens do verdadeiro sol, não vissem mais do que as trevas dos mussulmanos, mais que seus crescentes oppostos á Igreja? As capellas de Deus seriam transformadas em estrebarias, seus altares em manjadouras para os cavallos, ou, o que ainda é peior, seriam convertidas em mesquitas... Aqui Deus teve sua morada, e hoje recusal-a-hão aos christãos para a largarem ao demonio?... Os catholicos que, com suas familias e seus bens, habitam em Ceuta, prevaricaram, talvez, na fé, para não perderem sua fortuna, e havemos nós de ser a causa d'este crime? Os mouros hão de arrastar as creanças christãs que nascerem n'esta terra para viverem em conformidade com a seita d'elles, com seus ritos e costumes; e será, portanto, conveniente que, em troca de uma só vida, se percam tantas vidas n'uma miseravel escravidão? Que sou eu? Nada mais do que um homem. Um escravo já não póde conservar nobreza; eu já não sou infante; já não sou grão mestre; e a vida de um escravo não deve ser resgatada por tão elevado preço... Oh rei! eu sou teu escravo; dispõe de mim, porque para minha liberdade não a peço, não é possivel que eu a obtenha. Henrique, volta para tua patria; dize que me deixaste enterrado na Africa, porque eu procederei de sorte que minha vida não se pareça senão com a morte. Christãos, D. Fernando morreu! Mouros, um escravo vos fica; captivos, um companheiro se uniu a vossas miserias, e vós, rei, irmão, mouros, christãos, sabei que hoje um principe constante, um principe inabalavel no meio das desgraças e dos soffrimentos, sustentou a fé catholica e respeitou a lei de Deus.»

«Orgulhoso! Ingrato! respondeu-lhe o rei. É pois, assim, que mostras o reconhecimento das attenções e respeitos, para com os desvelos que achaste no meu reino; recusas-me o que mais hei desejado; mas, dar-se-ha o caso de que não sintas tu a escravidão, pois te deixei maiores poderes no meu reino, do que os que tinhas no teu? Agora, que tu te nomeias, que te reconheces por meu escravo, tratar-te-hei como a um escravo; que teu irmão, que todos os teus vejam que, como um vil escravo, já estás reduzido a beijar-me os pés.»

Depois d'essa altercação bem renhida, depois de solicitações em vão, o rei chama um de seus officiaes: «Que esse captivo, diz-lhe, seja immediatamente igualado a todos os outros; que uma cadeia agrilhoe não sómente seu pescoço, mas tambem seus pés; que trate de meus cavallos; á grilheta no jardim, será rebaixado até ficar nivelado com o mais abjecto; despojae-o de seus fatos de seda, revestindo-o em troca de um humilde e pobre gibão; que sómente coma pão de rala, que sómente beba agua, e durma n'uma masmorra humida e escura, e que da mesma sorte sejam tratados todos os seus creados e vassallos.»

Vê-se depois Fernando no jardim, em que deve trabalhar com os escravos. Um dos captivos, que o não conhece, canta diante d'elle um romance, cujo heroe é o principe; um outro o exhorta a regosijar-se, pois Fernando prometteu a todos grangear-lhes a liberdade.

D. João Coutinho, conde de Marialva, um dos cavalleiros portuguezes que, desde o desembarque, mais se tinham assignalado pela bravura e por seu amor para com Fernando, se dedica a elle, faz votos de nunca mais o deixar, e faz com que todos os captivos o reconheçam; todos, no meio de suas miserias, se esforçam ainda de lhe prestarem honras.

Muley Cheik sobrevem, e afasta todas as testemunhas: «Sabe, diz-lhe, que

no coração de um mouro póde resistir a lealdade e a fé. Não venho fazer um favor, venho pagar uma divida. Avisa-o em breves palavras de que ha de achar no vão de uma janella de sua prisão, alguns instrumentos para quebrar seus ferros, que elle proprio ha de ter o cuidado de arrombar as grades, que um barco o ha de esperar na praia e o ha de levar á patria».

Porém o rei surprehende-os n'esta conferencia, e em logar de manifestar desconfianças, induz Muley a fazer sua vontade em harmonia com as leis da honra e do dever; confia a elle só a guarda do principe D. Fernando, certo de que só aquelle está acima de toda a corrupção, e de que, nem amisade, nem temor, nem interesse hão de poder seduzil-o. Muley, com effeito, comprehende que seus deveres mudaram desde que o rei depositou confiança n'elle. Hesita, comtudo, ainda entre a honra e o reconhecimento; Fernando, a quem elle consulta, o decide contra elle proprio; este principe declara que em tempo algum se ha de aproveitar de seus offerecimentos, e que, até mesmo ha de recusar a liberdade, se qualquer outro lh'a vier offerecer; e Muley se decide finalmente com pezar ao que elle considera como a lei do dever e da honra.

Já não podendo dar a liberdade ao seu libertador, esforça-se Muley a obter pelo menos alguma generosidade do rei mouro.

No principio do terceiro acto vemol-o de novo implorar sua piedade em prol de seu prisioneiro. Faz uma pintura horrivel do estado a que este desditoso principe se acha reduzido, dormindo em masmorras humidas, trabalhando nos banhos e nas cavallariças, e privado de sustento foi atacado de paralysia; deitam-no n'uma esteira a porta de uma estrumeira, e os pormenores de sua miseria são taes, que o gosto francez nem sequer póde soffrer a indicação d'elles. Um só creado e um cavalheiro fiel se juntaram a elle, e não o deixam, repartem com elle da sua mesquinha ração, que mal poderia bastar para o sustento de um só.

O rei escuta estes horriveis pormenores; mas como nada mais vê do que obstinação no procedimento do principe, só responde com duas palavras: «Isso está bem, ó Muley.»

Phenicia vem por sua vez implorar seu pae em favor de Fernando, mas elle impõe-lhe silencio.

Annunciam depois os dois embaixadores, o de Marrocos e o de Portugal, e são os proprios dois principes, Turedant e Affonso V que se põem debaixo da protecção do direito das gentes, para pessoalmente tratarem de seus interesses.

São admittidos á audiencia ao mesmo tempo. Affonso V offerece ao rei de Fez duas vezes o valor em prata da cidade de Ceuta, pelo resgate de seu irmão, e declara ao mesmo tempo, que, se o rejeitarem, sua frota está prestes já, e que ha de pôr Africa a fogo e sangue.

Turedant, que ouve estas ameaças, considera-as como uma provocação pessoal; responde que, com o exercito de Marrocos vae bem depressa entrar em campanha, e que estará em estado de repellir os ultrajes dos portuguezes.

O rei, todavia, recusa a Affonso a liberdade de Fernando, se não obtiver como paga a restituição de Ceuta. Concede a Tarudant sua filha, e da ordem a Muley que o acompanhe a Marrocos.

Por maior que seja a dor que sinta Muley em assistir ás bodas da sua namorada, e que abandone seu amigo na ultima miseria, dispõe-se a obedecer. As ordens de um rei, em Calderon, são sempre consideradas como ordens da divindade, é uma das feições pelas quaes se reconhece um cortesão de Filippe IV.

A scena muda. D. João, com outros captivos, trazem D. Fernando sobre uma esteira, e o põem no chão. É a ultima vez em que elle deve apparecer no theatro; acha-se acabrunhado debaixo do peso do captiveiro, da doença e da miseria; sua situação faz arripiar; talvez seja até excessivamente forte para o theatro, onde os males physicos não devem ser expostos senão com uma grande reserva. Para suavisar em tudo uma situação dolorosa de mais, Calderon lhe empresta a linguagem de um santo no martyrio; considera todos seus soffrimentos como provas, e dá graças a Deus por cada um de seus padecimentos, como por outros tantos penhores de sua proxima glorificação.

Todavia o rei de Fez, Tarudant e Phenicia, atravessam a rua em que elle se acha estendido, e D. Fernando se lhes dirige: «Dae hoje a um pobre, lhes diz elle, o soccorro de alguma esmola; vêde se eu sou um homem de vossa especie; estou doente, attribulado e morrendo de fome; homens, compadecei-vos de mim; um animal feroz teria piedade de um outro animal».

O rei lhe lança em rosto sua obstinação. «Sua liberdade, lhe diz este, depende só d'elle ainda; dá-se ainda pelo mesmo preço.

A resposta de Fernando é n'um estylo oriental; não é por meio de rasões, quasi que não é por meio de sentimentos que procura commover seu senhor; é por meio d'essa poesia figurada, que, para os arabes, era de eloquencia, e que podia, talvez, com effeito, melhor enternecer um rei mouro, do que um discurso mais conforme á natureza e á situação. «A compaixão, lhe diz o principe, é o primeiro dever dos reis; a terra inteira traz em todas as classes de creaturas alguns emblemas de realeza, e sempre a estes emblemas anda inherente a virtude real, e a generosidade. O leão, rei dos quadrupedes; a aguia, rei das aves; o golphinho, rei dos peixes; a romã, rainha das fructas; o diamante, rei dos mineraes; são todos, conforme as tradições que Fernando desenvolve, sensiveis á piedade para com os infortunios dos humanos. Entre os homens, o sangue real approxima Fernando do rei de Fez, a despeito da differença de religião. Em todas as religiões a crueldade é igualmente condemnada. Todavia, emquanto o principe considera como um dever o supplicar em prol da conservação da sua propria vida, não é a vida que elle deseja, é o martyrio, e espera-o do rei de Fez.

Este rei responde-lhe que todas as amarguras só provém d'elle, principe: «Se tu, oh D. Fernando, tiveres piedade de ti, então eu tambem de ti a terei.

Depois de se retirarem os principes mouros, D. Fernando participa a D. João Coutinho, que lhe traz pão, que tantos cuidados e uma tão generosa dedicação dentro em pouco já lhe não hão de ser necessarios, pois está chegando á sua ultima hora. Pede sómente que o vistam com os fatos da sua religião, por ser grão mestre da ordem religiosa e militar de Aviz, e recommenda a seus amigos que marquem bem o logar da sua sepultura: «Embora eu morra hoje captivo, diz elle, espero que me resgatem, e espero vir um dia a gosar dos suffragios do altar. Oh meu Deus! Visto ter-vos dado tantas igrejas, espero que vós tambem me concedereis uma.» Seus companheiros o levam depois em seus braços.

O theatro muda, e representa a praia de Africa, na qual D. Affonso, D. Henrique e os portuguezes acabam de desembarcar. Annunciam-lhes que o exercito de Tarudant se approxima, e que elle conduz Phenicia a Marrocos; D. Affonso anima seus soldados e os prepara para o combate. A sombra de D. Fernando nos seus fatos de capitulo lhes apparece, e promette lhes a victoria. As vistas mudam

outra vez, e representam as muralhas de Fez. No alto das muralhas o rei se mostra rodeado das suas guardas; D. João Continho manda trazer á sua presença o caixão de D. Fernando, que acaba de morrer. A noite cobre o theatro, mas uma musica militar se faz ouvir ao longe; approxima-se, e a sombra de D. Fernando apparece, empunhando um brandão, acompanhando até ao pé das muralhas o exercito portuguez.

D. Affonso chama o rei e lhe annuncia que acaba de fazer prisioneiros a Phenicia, sua filha, e a Tarudante, seu futuro genro, e offerece dal-os em troca pelo principe D. Fernando.

O rei fica penetrado de uma profunda dor quando vê sua filha nas mãos dos mesmos inimigos, contra os quaes tinha abusado tão cruelmente dos direitos da victoria; já não tem meios para a resgatar, e annuncia, suspirando, ao rei portuguez, a morte de D. Fernando.

Mas se Affonso tinha desejado a liberdade de seu irmão, não deseja menos rehaver hoje seus despojos mortaes, que, para Portugal, tornar-se-hão uma preciosa reliquia; julga até mesmo que é o designio do milagre, que fez apparecer a sombra do principe aos olhos de todo o exercito, e acceita a troca do corpo de seu irmão pelo de Phenicia e de todos os captivos. Pede tão sómente que Phenicia seja dada em casamento a Muley, com o fim de remunerar esse bravo mouro por ter sido o amigo e o protector de seu irmão. Agradece a D. João a generosa ajuda que deu a D. Fernando, e manda que as santas reliquias do novo santo portuguez sejam levadas pelo seu exercito.

*
* *

MULEY

Ni hablar, ni callar podré.
Sali, como me mandaste,
con dos gaberas solas,
gran señor, á recorrer
de Barberia las costas,
fué tu intento que llegase
á aquella ciudad famosa,
llamada en un tiempo Elisa,
aquella que está á la boca
del Preto Eurelis, fundada,
y de Ceydo, y nombre toma,
que Ceydo, Ceuta en hebreo
buelto el Arabe idioma,
quiere decir, hermosura,
y ella es ciudad tan hermosa
aquella pues, que los cielos
quitaron á tu Corona,
quizá por justos enojos
del gran Profeta Mahoma,
y en oprobrio de las armas
nuestras, avemos agora,

que pendones Portugueses
con sus torres se enarbolan,
tenidos siempre á los ojos
un padrasto, que valdona
nuestros aplausos: un freno,
que nuestro orgullo reposa:
un caucaso, que detiene
al Nilo de tus vitorias
la corriente, y puesta en medio,
el paso á España le estorva.
Iba con ordenes pues
de mirar, y inquirir todas
sus fuerzas, para decirte
la disposicion, y forma,
que hoy tiene, y como podrás
á menos peligro y costa
emprender la guerra, el cielo
te conceda la vitoria.
Con esta restitucion
aunque la dilate ahora
mayor desdicha, pues creo,
que está su empresa dudosa,
y con más necessidad
te está apellidando otra.
Pues las armas prevenidas
para la gran Ceuta, importa
que sobre Tanger acudan,
porque amenazada llora
de igual pena, igual desdicha,
igual ruina, igual congoja:
y lo sé, porque en el mar
una mañana á la hora,
que medio dormido el Sol,
atropelando las sombras
del Ocaso demaraña
sobre jazmines y rosas
rubios cabellos, que enjuga
con paños de oro á la Aurora
lagrimas de fuego y nieve,
que el sol convirtió en aljofar,
que á largo trecho del agua
venia una gruessa tropa
de naves, si bien entonces
no pudo la vista absorta
determinarse á decir,
si eran naos, ó si eran rocas,
porque como en las raizes
sutiles pinceles logran

unos visos, unos lexos,
que en perspetiva dudosa
parecen montes talvez,
y tal ciudades famosas,
porque la distancia siempre
monstruos imposibles fórma,
asi en paises azules
hicieron luzes y sombras,
confundiendo mar y cielo
con las nubes y las ondas,
mil engaños á la vista,
pues ella entonces curiosa,
solo apercebió los bultos,
y no distinguió las formas.
Primero nos pareció,
viendo que sus puntas tocan
con el cielo, que eran nubes
de las que á la mar se arrojan,
á concebir en zafir
lluvias, que el crystal aborta:
y fué bien pensado, pues
esta inumerable copia
pareció, que pretendia
sorberse el mar gota á gota.
Luego de marinos monstruos
nos pareció errante copia,
que acompañar á Neptuno
salian de sus alcobas,
pues sacudiendo las velas,
que son del viento lisonja,
pensamos, que sacudian
las alas sobre las olas:
ya parecia más cerca
una inmensa Babilonia
de quien los pensiles fueron
flamulas que el viento azotan;
aqui ya desengañada
la vista, mejor se informa
de que era armada, pues vió
á los surcos de las proas,
quando batidas espumas,
ya se encrespan, ya se entorchan,
rizar-se montes de plata,
de cristal quaxarse rocas.
Yo que vi tanto enemigo,
volvi á su rigor la proa,
que tambien saber huir
es linage de vitoria:

y así como más experto
en estos mares la boca
tomé de una cala, adonde
al abrigo y á la sombra
de dos montecillos pode
resistir la poderosa
furia de tan gran poder,
que mar, cielo, tierra asombran.
Pasan sin vernos, y yo
deseoso, quien lo ignora,
de saber donde seguia
esta armada su derrota,
á la campaña del mar
sali otra vez, donde logra
el cielo más esperanzas
en esta ocasion dichosa:
pues vi, que de aquella armada
se avia quedado sola
una nave, y que en el mar
mal defendida zozobra,
porque según después supe
de una tormenta, que todas
corrieron, avia salido
deshecha, rendida y rota,
y así llena de agua estava,
sin que bastasen las bombas
á agotalla, y titubeando,
ya aquella parte, ya á estotra,
estava á cada bayben,
si se ahoga.
Llegué á ella, y aunque moro,
les di alivio en sus congojas,
que el tener en las desdichas
compañia, de tal fórma
consuela, que el enemigo
suele servir de lisonja:
el deseo de vivir
tanto á alguno le provoca,
que haciendo animoso escalas
de gumeras, y maromas
á la prision se venieron,
si bien otros los valdonan,
deciendoles, que el vivir
eterno, es vivir con honra,
y aun así se resistieron,
Portuguesa vanagloria.
De los que salieron, uno
muy por extenso me informa:

dice pues que aquella armada
ha salido de Lisboa
para Tanger, y que viene
á sitiarla con heroica
determinacion, que veas
en sus almenas famosas,
las Quinas que ves en Ceuta
cada vez que el Sol se asoma
Duarte de Portugal
cuya fama vencedora
ha de volar con las plumas
de las Aguilas de Roma,
envia á sus dos hermanos,
Enrique y Fernando, gloria
deste siglo, que los mira
coronados de vitorias.
Maestro de Christo, Avis
son, los dos pechos adornan
Cruzes de perfiles blancos,
una verde, y otra roja.
Catorze mil Portugueses
son, gran señor, los que cobran
sus suelos, sin los que vienen
serviendolos á su costa.
Mil son los fuertes caballos
que la soberbia Española
los vestió para ser tigres,
los calzó para ser onzas.
Ya á Tanger habran llegado,
y esta, señor, és la hora,
que si su arena pisan,
al menos sus mares cortan.
Salgamos á defenderla,
tu mismo las armas toma,
baje en tu valiente brazo
el azote de Mahoma,
y del libro de la muerte
desate la mejor hoja,
que quizá se complete hoy
una profecia heroica
de Morabitos, que dicen,
que en la margen arenosa
de Africa ha de tener
la Portuguesa Corona
sepulcro infeliz, y vean,
que aquesta cuchilla corba
campañas verdes y azules
bebió con su sangre roja.

*
* *

D. Alfonso

Ahora yo seré breve.
Alfonso de Portugal,
Rey famoso, á quien celebre
la fama en lenguas de bronce
á pesar de envidia y muerte;
salud te envia, y te ruega,
que pues libertad no quiere
Fernando, como su vida
la ciudad de Ceuta cueste,
que remitas su valor
hoy á quantos intereses
el más avaro codicie,
el más liberal deprecie.
Y que dará en plata y oro
tanto precio como pueden
valer dos ciudades: esto
te pide amigablemente.
Pero sino se le entregas,
que ha de librarle promete
por armas, á cuyo efecto
ya sobre la espalda leve
del mar ciudades fabrica
de mil armados baxeles;
y jura que á sangre y fuego
ha de librarle, y vencerte
dejando aquesta campaña
llena de sangre, de suerte,
que quando el Sol se levante
halle los matizes verdes
esmeraldas, y los pierda
rubies, quando se acueste.

Tarudante

Aunque como Embajador
no me toca responderte,
en quanto toca á mi Rey
puedo, christiano, atreverme,
porque ya es suyo este agravio,
como hijo que obedece
al Rey mi señor, y así
decir de su parte puedes,

a don Alonso que venga,
porque en termino más breve
que ay de la noche á la Aurora,
vea en purpura caliente
agonizar estos campos,
tanto que los cielos piensen,
que se olvidaron de hacer
otras flores, que claveles.

BARCIA (D. ROQUE).

Poesia á el Tajo por ——. *Con el juicio crítico de* La Ilustracion Ultramarina. *Periodico que ve la luz publica en Londres, en el cual fué inserta dicha poesia.* Lisboa. Typographia Franco-Portugueza. 8.° grande, 70 pag.

Al pié sentado de árboles umbrosas
Casi me consolé de mis reveses:
Que floridos, que alegres, que frondosos
Son los hermosos campos portugueses!

De romero cercado y de tumillo
Oigo el rumor de proxima cascada,
Y de pintado amante pajarillo
La cancion no aprendida ni estudiada.

Declina el sol: celages agoreros
Entoldan el ocaso con su bruma,
Y miro entre los verdes limoneros
De blanco cisne la esponjosa pluma.

Bajo mis piés, en concavo sombrio
Duerme el aura con placido letargo,
Y sirven de corona al manso rio
Las frescas vides de sarmiento largo.

Y como flor que nace entre las flores
Ó como planta que entre plantas crece,
Distingo una casita de colores
Que un nido de paloma me parece.

Ah! quien viviera alli con su deseo
Al amparo de cálida palmera
Lejos de un mundo carcomido y feo
En que suspira el alma prisionera!

Aqui es más pura el aura y más suave;
Y alumbra más la luz y es mas hermosa:
Y es más sonoro el arrullar del ave,
Y huele mas la colorada rosa.

Y amo mas, soy mejor, mirando el rio
O del monte la rustica aspereza,
Y hasta parece que me dás, Dios mio,
Algo de tu misterio y tu grandeza,

Miro aquí el Tajo que á las playas corre;
Allá una nave de pujante proa;
Allá á lo lejos la morisca torre
De una bella ciudad. Salve, Lisboa!

Sobre tu clara faz se precipitan
Del alto firmamiento mil centellas.
Bajo tus ondas trémulas se agitan
Otra luna, otra noche, otras estrellas.

Y un mundo miro alli que baja y sube
Cual se mira á una virgen tras un velo,
Cual un astro se ve tras una nube,
Cual se adivina á un Dios detrás de un cielo

Quien sabe lo que habrá bajo ese fondo!
Esclamo, contemplando tu corriente;
Y después á mi mismo me respondo:
Quien sabe lo que habrá sobre mi frente!

Pára, Tajo! no sé que voz me nombra:
Miro una aparicion que se aproxima;
Es una sombra, formidable sombra,
Que me llena de horror y me sublima.

Y cuando al alto la mirada fijo,
Mi vista hirió la antorcha de un lucero:
Pasa, arcano de Dios, que yo colijo!
Pasa, arcano de Dios, que yo venero!

Que genio es ese que mi afan concibe?
Que genio es ese que mi afan no halla?
Que genio es ese que en la estrella vive
Y en los los abismos del silencio calla?

Quien dá, señor, su vago curso errante
Y su esfera indecisa á ese nublado,
Que parece del cielo algun gigante
O un fantasma del cielo desterrado?

Que artifice trabaja en nuestra mente?
Quien infunde en el alma luz eterna?
Quien enseñó esperanza al que está ausente?
Quien enseñó á llorar á madre tierna?

Quien dá canto á inocentes ruiseñores?
Quien dá amor á la flor en cierto modo?
Porque es divina ley que hasta las flores
Hayan de amar donde el amor es todo.

Quien dá espiritu y forma á quanto existe?
Quien inspira la gloria del martyrio?
Quien dá á la tarde su ministerio triste?
Quien dá su casto olor al casto lirio?

Quien mueve (sin moverse) nuestro suelo?
Quien duerme (sin dormir) en dura peña?
Oh bosque! oh fuente! oh rio! oh mar! oh cielo!
Dadme esa vida que mi vida sueña.

Dadme ese genio, esa escondida palma,
Ese arcano de Dios que aqui me nombra,
Esa sublime confusion del alma
En donde hay luz sin luz, sombra sin sombra.

Calla el sol, calla el mar, calla la tierra;
El rio calla á mi ferviente anhelo;
Pero yo busco al Dios que el mundo encierra
Aun que calle la tierra y calle el cielo.

No calla el cielo, no: grave, velada,
Miro otra sombra que no tiene nombre:
Viene sedienta, herida, ensangrentada:
E un Calvario, un Crucifijo, El Hombre.

Se extiendeis las tinieblas pavorosas
Alumbram las estrellas amarillas,
Y tus aguas se arrastran silenciosas
En médio de estas santas maravillas.

Pasa de abril el aura bonancible,
Y pasan con su nieve los inviernos,
Y del tiempo en la atmosphera movible
Gira un instante en circulos eternos.

Y el pensamiento humano no envegece,
Ni enferma el aire que sin alas flota,
Ni se mengua el calor, ni el cielo crece,
Ni la tierra se va, ni el mar se agota.

Ni pierde el arenal un grano solo,
Ni un atomo de luz la luz primera,
Ni su rabio gobierno pierde el polo,
Ni pierde el orbe su redonda esfera.

Ni pasas tu, corriente embatida;
Tu que viste humear el cáos profundo;
Tu que miraste amanecer la vida
En las mañanas virgenes del mundo.

Ni pasas tu, fanal resplandeciente,
Que más allá del polo se columbra:
No pasas tu, Dios grande, Dios potente,
Alma del alma, que mi frente alumbra.

Antes de que en las costas lusitanas
Tan rico y grande te amanezca el dia,
De sauces coronado tu engalanas
Campos y bosques de la patria mia.

Por ti me acuerdo con amarga pena
Del gran pueblo señor del Oceano:
Aun ese fondo en su revuelta arena
Siente la quilla del bagel hispano!

Alli batió la lona: tu lo viste.
Alli estubo el piloto, alli el romero.
Alli noche tranquilla escucho, ay triste!
La agorera cancion del marinero.

Alli rompieron tu corriente aviessa
Las poderosas naves españolas,
Y la brisa del mar que tu onda besa
Rizaba sus flotantes banderolas.

De alli partieron para el mar fecundo
Llevado por divisa un hombre solo;
Por empresa, el valor; por patria, el mundo;
Por conquista, la mar; por rumbo, el polo.

Pergunta al sud que arroja nube parda;
Pergunta al mar que junto a si suspira;
Pergunta al monte que tu arena guarda;
Pergunta al sol que en tu cristal se mira.

BARCO CENTENERA (D. MARTIN ——).

Argentino y conquista del Rio de la Plata, con otros acaecimientos... del Peru, Tucuman... y Bresil, Lisboa, 1602, in-4.º

Vem citada esta obra na *Esperanza de Israel,* Madrid, 1881, pag. XVIII.

BARET.—Professeur de littérature étrangère à la faculté des lettres de Clermont, associé étranger de l'académie d'histoire, de Madrid.

Les Troubadours et leur influence sur la littérature du midi de l'Europe, avec

des extraits et des pièces rares ou inédites, par ——. Deuxième édition. Paris, Didier & C°, 1867, 8.° grande, 483 pag.

BARET (E).

Études sur la réduction espagnole de l'Amadis de Gaule de Garcia Ordonez de Montalvo. Paris, 1853.

BARETTI (JOSEPH).

A Journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain and France. London, 1770, 4 vol., 8.° [1]

BARILLOT.

E. I. *Poésie Camoens.* No tomo I, pag. 283 a 291.

II. *Commencement d'une traduction en vers des Lusiades, fait exprès pour la Revue.* Tomo II.

Vem estes trabalhos na *Révue espagnole, portugaise, brésilienne et hispano-américaine. Religion, histoire, littérature, &c.* Paris, tome I, II, III, IV et V.

BARK (ERNST ——.)

E. *Wanderungen in Spanien und Portugal.* 1881-1882. Berlin, 1883.

Na pag. 124 e seguintes falla do nosso Luiz de Camões.

BARLAEI (GASPARIS) ANTUERPIANI.

Poemata. Editio V, altera plus parte auctior. Amstolodami, apud Joannem Blaev., 1655.

O poeta está a cada passo fallando do Tejo, ufano por terem os hollandezes destroçado as frotas que d'este rio saíam contra elles.

Ora diz:

Concutitur fortuna Tagi, convellimus arces,
Vincimus indomitas urbes, spoliavimus arces.

Ora:

Truculenta cient insomnia Bœtin
Frondentemque Tagum.

Pouco depois:

Tuque intimi Rheni
Accola, qui gemino spatiosam gurgite Tethyn
Neptunumque bibis, Catthis illisus arenis,
Sprevisti mandata Tagi, dominique potentem
Jam cogis meliora loqui.

A pag. 288:

Lothauringica sensi
Imperia, et nostro manans ex ordine primum
Ostendit diadema Tago.

---

[1] *This is chiefly valuable for the description, which the author gives of various public festivals held at Lisbon during his visit to that capital.*

E logo a pag. 306:

Excussit modo frena Tagus, sed poscit ab isto
Praesidem viresque toro.

Poucas paginas adiante:

Tot silvae periere Tago, tot robora Baeti,
Tot quercus sorpsere faces tot ab ignibus Arctos
Arsit et in gelidis incendia fecimus undis.

A pag. 315:

Eminet hostiles inter Praetoria, claro
Missa Tago, centumque vomens incendia portis,
Saeva Mimalloniis tonuit per littora bombis.

Pag. 337:

Sic fruimur rapto, et quae quondam regna fuere
Capta Tago, nostris spolium cessere Batavis.

A pag. 340, fallando da tomada de Pernambuco:

Tu per spatiosa vagantes
Aequora, fatalesque minas & bella ferentes
Mersisti & multo damnasti funere fortes
Baeticolas, fastumque Tagi.

E logo na seguinte pag.

Magne Comes, stitit una tuos pax obvia cursus,
Et Lusitanis veniens Concordia terris,
Suspendit Mavortis opus.

Fallando da restauração do castello de Schenk, exclama:

Dic Scaldi, dic fama Tago: Virtute tueri,
Quae potuit casu vincere, nescit Iber.

E na pag. immediata:

Supererarис amando,
Et tumidum frangunt arma thorusque Tagum

E n'outros logares:

Hesperio cum Rege solum partimur et undas,
Et formidati frangimus arma Tagi.
Hic aperit portus, Gangisque & divitis Indi,
Hostilisque Tagi spoliis exultat opimis.

BARLAEUS.

Geschichte der Brasilien unter der Regierung des durchleuchtigen fursten Johannis Mauritii fursten zu Nassau-Clêves. Tobias Siberling, 1659, in-8.º, de 890 pag., com gravuras, mappas e um extracto de Mauricio Nassau.

BARNOIN (JOÃO ANTONIO).

E. *Nova grammatica franceza, e portugueza, para se aprender com facilidade a fallar, ler, escrever, traduzir e pronunciar na ultima perfeição, e por um plano que não tem apparecido até agora; com as regras mais simples, e verdadeiras sobre a pronunciação, etymologia ou declinação dos nomes, verbos, syntaxe, e dialogos do uso familiar por* ——. Porto. Na typographia de Antonio Alvares Ribeiro, 1796, 8.º, 298 pag.

BARONE (ANTONIO).—Jesuita natural de Tropea, onde nasceu em 1632.

E. *Triumviratus Sanctimoniae Societatis Jesu tribus Epigrammatum libris ad imitationem praepositos.* Neapoli, apud de Bonis, 1695, in-8.º, 170 pag.

Este triumvirato compõe-se de S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borgia, e S. Luiz Gonzaga.

BARRIOS (D. MIGUEL DE —— Y DON JOSEPH DE LA VEGA).

Epitalamio regio á la feliz union del invicto Don Pedro Segundo Rey de Portugal con la inclita Maria Sophia, Princeza de Niewburg, á cuyas plantas lo consagra el capitan ——. Sem data nem logar de impressão. 4.º, 15 pag.

BARROS (ANTONIO LUIZ RIBERO DE ——).—Moço fidalgo en la casa real de Portugal. Nascêra portuguez, mas parece que por fim se nacionalisára hespanhol.

El muerto victorioso, advertido por ——. *Ofrecido á la Magestad de la Serenissima y augusta Reyna Doña Maria Ana Josepha, de Austria.* Impresso em Madrid. Año de 1671, 8.º gr., 44 pag., alem de 3 pag. não numeradas.

*
* *

O auctor d'este opusculo diz que o rei de Hespanha Filippe IV era tão catholico e amigo de Deus, que podendo apoderar-se de Evora cortando as aguas e destruindo a canalisação, todavia vendo que em Evora havia tantos templos, conventos, cathedral e ministros de Deus, e uma universidade fundada por um rei irmão da imperatriz sua progenitora, fizera a Deus o sacrificio de não tomar a cidade, assim como David outr'ora, sequioso, entornou na terra a agua, fazendo a Deus um sacrificio. E alem d'isso manda tratar da paz. Pag. 11.

BARROW (JEAN).

E. *Abrégé chronologique ou Histoire des découvertes faites par les Européens dans les différentes parties du monde. Extrait des relations les plus exactes et de voyageurs les plus véridiques, par* ——. *Traduit de l'anglais par Targe.* A Paris, 1766, in-8.º, 12 vol.

Vol. I.-- *Découvertes de Vasco da Gama,* de pag. 243 a 293.

II. *Découverte de Pedro Alvares de Cabral,* 294 a 329.

III. *Descoberta da Florida por Fernando Souto,* 147 a 316.

Id. *Descoberta de Fernão de Magalhães,* 317 a 358.

Id. *Barbosa,* 358 a 373.

V. *História da descoberta e das guerras do Brazil,* por Nieuhoff, de pag. 222 até 434 d'este volume. E de pag. 1 do vol. immediato até pag. 210.

VI. Baldaeus: *Costas de Malabar e de Coromandel,* pag. 239 a 335.

Id. *De l'isle de Ceylan et récit abrégé des disputes qui s'y sont élevés entre les portugais et les hollandois,* pag. 334 a 427.

VII. E no tomo seguinte desde pag. 1 até 57.

Tomo IX. *Viagem de Gemelli á India portugueza,* pag. 153 a 232, &c.

BARROW (JOHN).

Voyage á la Cochinchine, par les îles de Madère, de Teneriffe, et du Cap Vert, le Brésil et l'ile de Java. Par ——. Paris, 1807, 1 vol. in-4.º Com 18 estampas, algumas coloridas.

BARTIANSE (J. H. VAN BOUDYCK ——).— Capitaine de frégate.

Voyage à la côte de Guinée dans le golfe de Biafra, à l'ile de Fernando Po, l'ile de Sainte Helène, et autres iles, dans le passage à bord du brick-goelette, le Lancier, par le ——. La Haye, 1853.

Traz informações relativas á Madeira, Açores e Guiné.

BARTOLI.

Asia.

Tolbert, no *Instituto Vasco da Gama,* Nova Goa, 1874, pag. 133, diz ser a principal auctoridade jesuitica ácerca das missões dos portuguezes na Asia.

BARTOLI (DANIEL).— Jesuita, natural de Ferrara, fallecido em Roma no anno de 1685.

I. *Dell'Istoria della Compagnia de Giesù. L'Asia.* Parte prima. In Roma, 1653, nella stamperia de Lazzeri, fol., 904 pag.

Id., id. Genova, 1656, nella stamperia di Benedeto Guasco, 4.º, 894 pag.

Dell' Istoria della Compagnia de Giesù. L'Asia. Parte prima. Editione terza accresciuta della missione al Mogor e della vita e morte del P. Ridolfo Aquaviva. In Roma, della stamperia Varese, 1667, fol., 663 pag.

Foi n'esta primeira parte da *Asia* que Bartoli tratou amplamente da vida de S. Francisco Xavier.

II. *De vita et gestis S. Francisci Xaverii e Societate Jesu, Indiarum Apostoli libri quatuor, ex R. P. Danielis Bartoli e Societate Jesu italico Romae approbato et edito latino a P. Ludovico Janino ex eadem Societate. Lugduni, sumptibus Adami.* Demen, 1666, in-4.º, 332 pag.

III. *Miracoli di S. Francesco Saverio, Apostolo dell' Indie, della Compagnia de Giesù, estratti dalla sua Vita intitolata l'Asia, scritta dal P. Daniello Bartoli della medesima Compagnia. Con l'aggiunta de' miracoli operati dallo stesso santo in Potami picciola terra della Calabria, raccolti e scritti da D. Francesco Natoli, per ordine di Monsignor Vescovo di Mileto.* In Messina, per Giacomo Mattei, 1656, in-8.º, 163 pag.

IV. *Les miracles de S. François Xavier Apostre des Indes. Traduit de l'italien du P. Bartoli. Avec un discours sur la créance des miracles.* A Paris, chez Michel le Petit, 1673, in-8.°, 312 pag. (O traductor foi o padre Ignace Gaston Pardies.)

V. *Viaggi e miracoli del grande apostolo dell' Oriente S. Francesco Saverio, tratti dalle storie del padre Daniello Bartoli, della Compagnia di Giesù.* Voghera, typ. Sormani, 1841, in 16, 290 pag.

VI. *Dell' Istoria della Compagnia de Giesù, il Giappone, parte secunda dell' Asia.* In Roma, 1660, nella stamperia d'Ignazio de Lazzeri, in-fol., 839 e 508 pag.

Heindrich cita ainda uma outra edição de 1670.

VII. *Asiaticae Historiae Societatis Jesu, Pars Posterior, libris quatuor consequentibus pertinens, quae post beatum S. Xaverii obitum Soc. Patres ad Dei gloriam in iisdem provinciis gessere. Ex italico R. P. Danielis Bartoli Romae excuso, latine reddita a R. P. Ludovico Janino, utroque Societatis ejusdem Sacerdote Lugduni, sumptibus Adami Demen,* 1667, in-4.°, 414 pag.

VIII. *Ristretto del miracolo operato da S. Francesco Saverio in persona del P. Marcello Mastrilli della Compagnia de Giesù, nell' anno 1663. E della di lui gloriosa morte nel Giappone nel anno 1637. Cavato della seconda parte dell' Istoria dell' Asia, nel libro quinto descritto dal P. Daniello Bartoli, della medesima Compagnia.* In Napoli, nella stamperia di Felice Mosca, 1714, in-12, 33 pag.

IX. *Missione al gran Mogor del P. Ridolfo Aquaviva della Compagnia di Giesù, sua vita e morte, e d' altri quattro Compagni, uccisi in odio della fede in Salsete di Goa.* In Roma, per il Varese, 1663, in-12, 218 pag. In Milano, appresso Ludovico Monza, 1664, in-12, 193 pag. In Bologna, per l'erede del Benacci (sem data), in-32, 264 pag. In Piacenza, Maino, 1819, in-8.°

Missione al gran Mogor, del Padre Ridolfo Aquaviva, della Compagnia di Giesù, sua vita e morte, e d' altri quattro Compagni, uccisi in odio della fede in Salsete di Goa. Descritta dal P. Daniello Bartoli della medesima Compagnia, e dedicata all' Eminentiss. e Reverendiss. Principe Signor Cardinal D. Francesco Aquaviva d' Aragona, Prottetore de' Regni di Spagna. Roma, dalla stamperia di Gio. Maria Salvioni, 1714, in-4.°, 228 pag.

BARTOLI (P. DANIELO ——).—Della medesima Compagnia.

E. *Dell' Istoria della Compagnia di Giesù a l' Asia, descritta dal P.—— Parte I, edizione terza, accresciuta.* Rome, nelle stamperie de Varese, 1667.[1]

BARTOLO (DANIEL ——).—Jesuita italiano.

I. *Asiae partem primam, ubi fuse de vita S. Francisci Xaverii.* Romae, typis Ignatiis de Lazzaris, 1653, fol.— Augmentada, 3.ª edição. Romae, typis Varesii, 1667, fol.—Genuae, in-4.°, Lugduni, 1666. Ibid., 1667.

II. *Asiae secundam partem de Japonia.* 2. tom., fol. Romae, typis Ignatii de Lazaris, 1660.

III. *Asiae tertiam partem de China, Cochinchina, Tunchino.* Romae, typis Varesii, 1663, fol. Lugduni, 1670.

---

[1] Cenaculo, *Memorias historicas dos progressos e restabelecimento das letras na Ordem Terceira de S. Francisco, em Portugal e seus dominios*, vol. II, pag. 39.

BARZEO (GASPAR ——).

Epistolae indicae. Levanii, 1566.

Falla d'esta obra o bispo Cenaculo no seu livro: *Memorias historicas dos progressos e restabelecimento das letras em Portugal.*

Trata a referida obra de Barzeo dos feitos dos nossos na India.

BARZIA (DON JOSEPH DE —— Y ZAMBRANA).—Natural de la ciudad de Malaga, conigo de la insigne Iglesia del Sacro Monte de Granada, y cathedratico de Sagrada Escritura de sus Escuelas.

I. *Compendio de los cinco tomos del Despertador Christiano, que dedica al Ilustrisimo y Reverendisimo Señor Don Luiz de Sousa, Arçobispo de Lisboa, del Consejo de Estado de Su Majestad y Capellan Mayor de su real Capilla, su author* ——. Em Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, 8.º, 476 pag.

II. *Despertador Christiano de Sermones doctrinales, sobre particulares assuntos, dispuesto para que vuelva en su acuerdo el pecador, y venza el peligroso letargo de sus culpas, animandose á la penitencia.* Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, 1681. Á custa de Francisco de Sousa y Antonio Leite Pereira. 4.º, 5 tomos.

III. *Sermon en la accion de gracias al S. Christo de la coluna... por la preservacion de los grandes daños que amenazó a Granada el extraordinario terremoto del dia 9 de este mez de octobre de 1680 años.* Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, 1681, 4.º, 24 pag.

BASILICA *in honorem S. Francisci Xaverii, extructa a Domino de Noyers in Domo Probationis, Laudata y descripta a Collegii Claramontani alumnis.* Parisiis, apud Sebastianum Cramoisy, 1641, in-fol., 1665 in-12.

BASSO (CARLO ——).—Cavaliere di Portogallo, & Academico Umorista.

Della Dama immascharata con habito di Giove, in tempo di Carnevale. Oda di ——, dedicata all' Illustrissimo Signor Marchese Nicolo Landi. In Piacenza, per Giouanni Barachi. 1654, 4.º, em verso.

BATTY (LIEUT. COLONEL——, F. R. S.).

Select views of the principal cities of Europe. From original paintings by ——.

Oporto. Parte I, January 1, 1830. London, Moon, Bays, and Graves Printsellers, 4.º grande. É dedicada a Sir William Henry Clinton.

«The tower dos Clerigos was erected in the year 1748, and is built entirely of the finest masonry, an art in which the Portuguese are almost unrivalled.»

1.ª Vista do Porto, tomada de Villa Nova;

2.ª Porto, visto do caes de Villa Nova;

3.ª Vista da barra do Porto, tomada de Massarellos;

4.ª Porto, visto das Fontainhas;

5.ª Porto, visto do Monte da Arrabida;

6.ª Caes da alfandega.

Esta obra é acompanhada de uma traducção franceza.

BAUR (S.)

E. I. *Neues historisch-biographisch-literarisches Handwörterbuch von der Schöpfung der Welt Schluss des 18. Jahrhunderts.* Ulm, 1807-10. 5 vol.

No vol. I trata de Camões. Sua vida e litteratura.

II. *Kleines historisch-literarisches Wörterbuch uber alle denk wurdige Personen, die vom Anfange der Welt bis zum Schlusse des achtzehnten Jahrhunderts gelebt haben. Zum Handgebrauche in zwei Banden.* Ulm, 1813-14. 2 vol. gr. in-8.° *Allgemeines historisch-biographisch-literarisches Handworterbuch aller merkwurdigen Personen, die in dem ersten Jahrzehent des neunzehnten Jahrhunderts gelebt haben. Zum Handgebrauch in zwei Banden.* Ulm, 1813, 2 vol. 8.° gr. *Allgemeines historisch-biographisch-literarisches Handwörterbuch aller merk-würdigen Personen, die in dem ersten Jahrzehent des neunzehnten Jahrhunderts gestorben sind.* Ulm, 1816, 2 vol., 8.° gr.

No vol. I traz a biographia de Camões.

B. C.ne

Croquis de Cintra, dessinés d'après nature et lithographiés par ——. Lisbonne, 1840, fol.

É uma collecção de 13 lithographias.

BEAU (JEAN BAPTISTE ——).—Jesuita francez. Entrou para o noviciado em 1616. Ensinou bellas letras em Tolosa, e morreu em Montpellier em 1670.

E. *Historia de vita et rebus Bartolomaei de Martyribus Archiepiscopi Bracharensis.* Parisiis, in-4.° [1]

BEAUVAIS (GILLES FRANÇOIS ——).—Jesuita francez, nascido na Bretagne, em 1695. Parece que morreu octogenario em Paris no anno de 1773.

I. *La vie du vénérable Père Ignace Azevedo, de la Compagnie de Jésus; l'histoire de son martyre et de celui de trente-neuf autres de la même Compagnie. Le tout tiré des procès-verbaux dressés pour leur canonisation.* Paris, Hyppolyte Louis Guérin, 1774, in-12, 300 pag.

Foi ella primeiramente composta em italiano pelo P. Febei, jesuita; o P. Cabral, tambem jesuita, a imprimiu em Roma, em 1743. Foram estes os alicerces para a edição franceza.

II. *La vie du vénérable père Jean de Britto, de la Compagnie de Jésus, mis à mort aux Indes dans le Madurè en haine de la foi.* Paris, Gissey et Bordelet, 1746, in-12, 314 pag. [2]

BEAWES'S.

E. *History of Spain and Portugal.* In-folio.

BECKER (U. H. J.).

E. *Viriath und die Lusitanier.* Altona, 1826.

BECKFORD.

No jornal *A Abelha,* publicado em Lisboa, vol. II, n.° 19, 1836, encontra-se a seguinte carta de Beckford, em francez:

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 53.
[2] Id.

«Lisbonne, le 13 novembre 1787.— Marialva et son premier aumônier, missionaire célèbre, et un des plus éloquents prédicateurs des possessions de Sa Majesté, étaient à ma porte à dix heures, pour me mener à Boa Morte.

C'est un véritable Golgotha ou Calvaire, car, quoique ses habitants respirent, se meuvent et ont une espèce d'existence, ils ne valent guère mieux que des squelettes. Le prêtre qui officia, était si maigre et si cadavéreux, que j'eus peine à croire qu'il aurait la force de porter le calice. Il ne le laissa pas échapper pourtant, et, lorsqu'il eut dit sa messe, un second fantôme vint en commencer une autre en chancellant. D'après, les tableaux et les statues, d'une paleur plus qu'ordinaire, qui garnissaient les cloîtres et les chapelles, et d'après la profonde contrition qui se faisaient voir dans les larmes, les gestes, et les éjaculations, des fidèles qui s'y rendent, j'imagine qu'aucun des couvents de Lisbonne n'égale celui-ci en austérité et en dévotion.

«Marialva était dans une véritable convulsion religieuse, ainsi que son compagnon, dont les genoux sont calleux à force de s'agenouiller, et qui si on doit croire ce qu'on dit Verdeil, terminera ses jours dans un hermitage où deviendra fou. Il prétend aussi que c'est cette barbe grise qui a nourri la pieuse flamme de Marialva, et qu'en s'encourageant mutuellement, ils produiront bientôt des fruits dignes de Bedlam, sinon du Paradis. Il est vrai que ce père peut se vanter d'un fanatisme rare, ainsi que d'une manière énergique de se frapper la poitrine, mais il ne doit pas avoir trop d'amour propre.

«Il y en a cinquante ou soixante mille bonnes âmes, qui, sans avoir voyagé aussi loin, se frappent encore avec plus de force que lui. Ce matin à Boa Morte, un pêcheur décrepit resta les bras étendus pendant toutes les messes, dans la position et avec toute l'inflexible raideur d'un candelabre antique. Un autre personnage contrit était si affecté au moment de la consécration, qu'il applatit son nez sur le pavé et lécha la poussière et la boue dont il était incrusté. J'avoue que malgré ce grand étalage de sainteté, je ne fus pas faché d'echapper aux sombres cloîtres du couvent, pour respirer un air plus frais et pour contempler l'azur éclatant du ciel. Le temps étant délicieux, nous allâmes à plusieurs endroits que je ne connaissais pas encore.

«En revenant par le Bairro Alto, nous fûmes voir une maison qui vient d'être bâtie à des frais énormes par João Ferreira, qui d'un petit marchand de cuir, s'est élevé par la protection de l'Archevèque, à posséder les contrats les plus lucratifs de Portugal. Je ne vis jamais d'appartments aussi biscornus que ceux que le brave homme aux souliers s'est fait faire. Les tentures sont de satins du bleu le plus foncé et du jaune le pus vif. Tous les plafonds sont barbouillés de peintures allégoriques, très mal exécutées et chargées de dorures comme les enseignes qui faisaient autrefois la gloire des marchands de la Cité.

«Nous nous lassâmes bientôt de toutes ces belles choses, et comme il était déjà tard, nous retournâmes vite à Belem. Pendant que le marquis écrivait des lettres, je me promenais avec Don Pedro sur les terrasses du palais, qui sont baignées par les eaux du Tage et flanquées de tourelles. La vue qu'on en découvre est enchanteresse, et comme le temps était doux et serein, ce fut pour moi une véritable jouissance. Plusieurs vaisseaux passèrent pendant que nous étions penchés sur la balustrade, et leurs banderoles nous effleurerent presque. Même les bâtiments de guerre viennent très près du palais.

«Il y avait aujourd'hui plus de gens à servir le dîner qu'à l'ordinaire, et les

immenses plats massifs étaient apportés par une longue suite de gentils hommes et des chapelains, dont plusieurs étaient décorés des ordres de Christ et d'Aviz. Ce service avait l'air tout à fait feudal et rappelait les temps de la chevalerie quand les grands chefs étaient servis comme les rois, par de nobles vassaux.

«Il faut bien que les Portugais aient des estomacs d'autruche pour digérer l'immensité de mets assaisonnés dont ils bourrent. Leurs légumes, leur riz et leurs volailles, sont toujours cuits dans l'essence de jambon, et si fortement épicés, que le quart d'un ognon ou une cuillerée de pois, suffit pour emporter la bouche. Avec une semblable nourriture et la quantité de sucreries qu'ils prennent, il n'est pas étonnant qu'ils se plaignent si souvent de maux de tête et de maux de nerfs.

«Plusieurs confidents et bouffons du vieux marquis de Marialva se glissèrent dans l'appartement pour jeter un regard à la dérobée sur l'étranger, et pour entendre le fameux missionaire parler des miracles et du martyre. Il songeait à Boa Morte et ses descriptions furent vives et effrayantes. Don Pedro, ses sœurs et son cousin, le jeune comte d'Atalaya (depuis marquis de Tancos), se pressèrent autour de lui avec l'ardeur tremblante d'enfants qui sont affamés de contes de revenants. Soyez sûr qu'il ne les renvoya pas à vide. Il leurs administra la dose le plus noire de superstition. La marquise me parut avaler ces terribles narrations avec autant d'avidité que ses enfants, et le vieil abbade, laissant tomber son menton d'une manière piéteuse, présenta un énorme rosaire qu'il roulait dans ses doigts en marmottant des prières.

«Heureusement que Marialva fut appellé par son auguste maîtresse, car s'il avait été de la partie, je crois bien que la prédiction de Verdeil se serait accomplie, puisque, je ne vis jamais personne parler d'une manière aussi foudroyante que ce prédicateur fanatique. Il cita les plus terribles menaces de colère divine, qui aient jamais été lancées par des écrivains anciens ou modernes, de sermons, et d'homélies, et il les répandit autour de lui avec une malédiction. Pendant la dernière partie du discours, nous étions dans une obscurité parfaite — personne n'avait songé à demander de la lumière : les enfants étaient rapprochés les uns des autres, sans oser remuer, ni respirer. C'était un bien singulier spectacle.

«Frappé des images effrayantes que le bon père avait suscitées dans mon imagination, je retournai chez moi, seul dans ma voiture, et en frissonnant. Mes amis étaient sortis, et rien n'était plus triste que l'aspect de mes appartements, privés de la douce chaleur des foyers.»

BECKFORD.
Italy with sketches of Spain and Portugal. 2e edition. 2 vol. London, 1834.

BECKFORD (W.).
Souvenirs de la Cour de Lisbonne. 15 pag.
Extrait de la revue de Paris.

BECNOPT *Tafereel van Spanje en Portugal, met betrekking tot derzelver tegenwoordigen toestand met eene nieuwe Kaart van dere twee rijken.* Te Amsterdam, bij Johannes van der Hei. 1809, 4.°, 132 pag.

BEDLER (JOÃO ——).
Vida do Serenissimo Principe Eleitor D. Filippe Wilhelmo, Conde Palatino

do Rheno, Archithesoureiro do Imperio Romano, Duque de Baviera, de Julia, de Clivia e dos Montes: Conde de Veldencia, de Spanhemis, de Marquia, de Ravenspurgo, &c., de Mersia: Senhor de Ravenstein, &c., Pay da Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Izabella, a quem a dedica por seus Religiosos a Provincia de Portugal da Companhia de Jesus. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, impressor de Sua Magestade. Anno de 1692. 8.º gr. 303 pag.

Foi este livro composto em allemão pelo confessor do conde Palatino, confessor que tinha o nome de João Bodler, jesuita. Do allemão foi vertido para latim, e d'este idioma para portuguez, e n'esta ultima versão, desde pag. 124 até 135 se encontram noticias relativas á vida e casamento de D. Maria Sofia Isabella, em 1687, com El-Rei D. Pedro II de Portugal.

BEER (GUSTAV DE ——).

Prinz Heinrich der Seefahrer und seine Beit. Douzig, 1864, 8.º xx, 268 pag.

BEJAZET.

Dramma per musica da representarsi in Lisbona nel Teatro nuovo della Rua dos Condes. L' anno di 1742. Dedicato alla Nobilità di Portugalo. In Bologna. Nella stamperia di Giuseppe Luighi. Anno 1742.

Foram actores:

Bejazeto	Annibale Rio Fabri.
Asteria, filha de Bejazeto	Sr.ª Angela Pacchetti.
Tamerlão	» Gaetano Valetta.
Irene	» Francesca Poli.
Andronico	» Laura Bambini.
Clearco	» Giovanna Franchi.

BELINFANTE (M. C.).

Lições de litteratura portugueza para uso da escola dos pobres, e dos Israelitas portuguezes em Amsterdam. Amsterdam, 1816, 48 pag.

BELLATI (ANTONIO FRANCISCO ——).—Jesuita, natural de Modena, fallecido em 1742.

S. Francesco Saverio chiamato da Dio a vita più perfetta. Piacenza, presso il Giacopazzi, 1729. Venezia, per Gio. Batista Recurti, 1730, in-12.

BELLERMANN (DR. CHRIST ——. FR.).

Die alten liederbücher der Portugiesen oder beitrage zur Geschichte der portugiesischen Poesie herausgegeben, von ——. Berlim, 1840, fol.

BELLIN.

Description géographique de la Guyanne, contenant les possessions des Français, des Espagnols, des Portugais, des Hollandais dans ces vastes pays. Paris, 1763.

BEMBI (PETRI ——).

E. *Epistolarum Leonis Decimi Pont. Max. nomine scriptarum libri* xvi. *Pla-*

cunt praeterea ejusdem autoris epistolas aliquot sane doctas adnectere. Videlicet ad Longolium III, Ad Budaeum II, Ad Erasmum I.

Lugduni, Apud haeredes Simonis Vincentii. 8.º

*
* *

Duas cartas latinas se topam n'este volume, as quaes mais ou menos directamente nos interessam:

Uma (pag. 262), vertida do latim, sôa na seguinte fórma:

«Havendo Francisco, rei de França, tratado commosco diligentemente por meio de cartas, para que annuissemos a que viesse elle á presença; e como nos houvessemos considerado no animo benevolo d'elle muitas cousas justas para commosco e para com toda a republica, as quaes faziam com que tivessemos esperança de que elle se houvesse approximado de nós, que a nossa entrevista com certeza havia de produzir alguma cousa de bom para utilidade commum: de bom grado lhe permitti que viesse á minha presença em Bolonha.[1]

«Tendo elle, portanto, chegado a Bolonha no dia terceiro antes dos idus de dezembro, de tal modo patenteou verdadeiramente todos os dotes de um rei bom e pio, e respeitador da republica e de nós, que nenhuma cousa ficou desejada, nem por mim nem por algum de meus irmãos cardeaes, que estavam quasi todos commigo.

«Porém nas entrevistas e conferencias mais intimas commosco, tendo eu mais diligentemente perscrutado o animo e tenções d'elle, reconheci que todos seus projectos e tenções eram admiravelmente assestadas e dirigidas para a defeza, protecção e amplificação da republica christã. Ao mesmo, porém, ainda conheci bom, e segundo a epocha o permitte, tambem prudente e dotado de magnanimo e varonil espirito: e ainda o conheci facil em sobreestar em todos seus cuidados, desejos, esperanças e tentativas, comtanto que se emprehendesse aquella guerra tão pia, tão justa, e na realidade tão necessaria, contra os turcos, não por palavras e cartas, como muitas vezes antes, mas com obras e com acções, com unanime consenso e conspiração.

«As quaes cousas como eu visse e como estivesse senhor do seu coração, o qual se apalpa quasi com a mão, pois na realidade é bom, isto é — de um genio franco e liberal, em primeiro logar dobrando os joelhos no chão, dei muitas graças a Deus, Optimo Maximo, o qual deu um tal filho a mim, seu vigario no mundo, que eu contemplava como enviado do Céu a um tão grande rei com tanta virtude, no começo de tão grandes cousas a emprehender, n'uma tal idade, e com tantas riquezas, tão prompto a emprehender uma tal jornada, tão intimo e tão unido commosco.

«Em seguida quiz remetter-te estas letras, não só para todas as cousas te patentear, as quaes não duvidei que te hão de ser agradabilissimas, á vista da tua religião, piedade, e muitas despezas, singular perseverança, incrivel trabalho, e pelas viagens e guerras novas, desusadas, e que nunca se ouviu que houvessem antes sido emprehendidas; mas tambem para te rogar e supplicar com o maximo

---

[1] Esta carta é dirigida ao rei de Portugal.

empenho, visto estares vendo quasi montado em nossos pescoços, o aguerrido e bellicosissimo rei dos turcos, que te prepares para uma tal guerra, de modo que, postos de parte quaesquer outros projectos, em nada mais penses senão n'isto de que te fallei, o que na verdade, mais do que nenhuma outra cousa, deve ser pensado, emprehendido e posto em execução. Deposito, portanto, esperanças n'aquelle mesmo, cuja causa defendemos, de que se á nossa e identica vontade do rei da França, associares tambem com animo prazenteiro e grande a tua vontade, tua prudencia, auctoridade e tuas forças, ha de acontecer que aquillo que todos os outros reis por muitos seculos difficilmente ousaram desejar, nós isso consigamos dentro em pouco e com facillidade, e sobretudo com grande gloria para ti e para a republica christã. Pois nenhum dos outros reis e principes christãos haverá, comtanto que seja verdadeiramente christão, que ao ver-nos unidos e animados não se prepare para, quanto em suas forças couber, ser benemerito do nome christão n'uma causa e empreza commum. Eis porque ácerca de todas estas cousas fallámos com o teu embaixador.

«Prepara-te, pois, sob o auspicio e nome de Deus para emprehender uma facção e feito tão preclaro; e põe em serviço de Deus, que tão grandes reinos te deu, as forças d'esses mesmos reinos, com o fim de que possamos recuperar, perdidos tão vergonhosamente pelos nossos antepassados, aquelles logares e terras verdadeiramente santas, nos quaes elle mesmo quiz nascer e viver entre os mortaes, e finalmente, pela nossa salvação, padecer a morte. De modo que tu, que te mostraste grato a elle, ampliando tanto os limites nos ultimos confins e terras desconhecidas, por aqui e por alli por tua virtude, sem teres alliados nem coadjutores alguns; tu mesmo no meio da Europa, grato recuperando conjunctamente comnosco a Asia; possas á tua propria e antiga gloria associar tambem o cumulo da commum gloria, seja entre todos igualmente o mais grato e o mais accumulado de verdadeira e solida gloria.

«Escripta aos 19 das calendas de janeiro, 1515.—Anno terceiro.—Bolonha.»

*
* *

«A Vicente Martins, portuguez, commandante da frota:

«Como dentro em pouco tens de commandar dois navios em direcção á Italia e á cidade, queremos que embarques nos teus navios a Alvaro Rodrigues e Garcia Ribeiro, portuguezes, os quaes, ha pouco, renegando da religião hebréa, se baptisaram; com aquelles, que juntamente com os mesmos quizerem embarcar, os recebas nos teus navios, e os leves á Italia com toda a sua bagagem, onde te procurarem para embarcar. Para com todos os quaes homens, se me quizeres fazer uma cousa muito agradavel, faze e procura conseguir, cuida e faze a diligencia que nenhum genero de incommodo lhe seja feito, de modo que, quanto na tua alçada estiver, nenhum genero de incommodo lhe seja causado por algum genero de homens, de sorte que até onde te for possivel, intactos cheguem a Roma.

«Escripto a 18 das calendas de janeiro.—Anno terceiro.—Bolonha.»

BEMBO (MATHEUS ——).—Jesuita, natural de Posen.

E. *Gloria S. Ignatii Fundatoris, seu S. Francisci Xaverii, ejus socii vita*, Cracoviae, officina A. Petricovie, 1622.

BEMMEL (GABRIEL ——).— Natural de Bruxellas.

Triumphi Sanctorum Ignatii et Francisci Xaverii in Divos relatorum. Bruxellis, 1622, in-8.º [1]

BENCI ou **BENCIO (GEORGE ——).**— Natural de Rimini. Entrou para a companhia de Jesus em Bolonha, a 17 de outubro de 1665, na idade de quinze annos. Algum tempo depois da morte de seu irmão, pediu para ser enviado para as missões. Em 1684 foi mandado para o Brazil, ensinou na Bahia theologia scolastica pelo espaço de tres annos. Mandaram-no regressar á Europa, e ficou em Lisboa encarregado dos negocios das missões da provincia. Morreu em Lisboa a 10 de junho de 1708.

Escreveu em lingua portugueza:

I. *Sermão das Dores de Nossa Senhora, recitado na Sé da Bahia.* Lisboa, 1699, 4.º

II. *Sermão em quinta feira Santa.* Lisboa, 1701.

III. *Panegyrico de S. Filippe Nery, recitado em Pernambuco.* Lisboa, 1702.

IV. *Economia Christã dos senhores no governo dos escravos. Deduzida das palavras do capitulo* XXXIII *do Ecclesiastico: «Panis et disciplina et opus servo.» Reduzida a quatro discursos moraes pelo padre ——, Missionario da provincia do Brazil. E offerecida á Alteza Real do Serenissimo Gran Duque de Toscana, pelo padre Antonio Maria Bonucci da mesma Companhia.* Em Roma, na officina de Antonio Rossi, 1705, in-12.

BENEDICT (JULES ——).— De origem israelita, filho de um banqueiro opulento, natural de Stuttgard, onde nasceu em dezembro de 1804. Falleceu em 1885. [2]

E. *I Portoghese a Goa.*

É uma composição theatral. Fétis, na *Biographia universal dos musicos,* diz que fôra representada em Napoles em 1830. E Felix Clemente, no seu *Diccionario,* que fôra representada em Stuttgard no anno de 1831.

BENGAL *Asiatic Society's Journal.*

É singularmente deficiente em artigos tocantes ao nosso assumpto. O volume de 1841 menciona os portuguezes em relação a Arakan; o de 1843 contém uma interessante relação da Abyssinia, e das missões portuguezas ali; e o volume de 1844 contém um artigo intitulado: «Successos politicos no Carnatico, desde 1561 até 1687», que se póde considerar como tendo uma distante connexão com a historia da India portugueza n'aquelle periodo. Ha tambem ali uma correlação moderna de Socotorá, mas não ha um só artigo dedicado especialmente á Asia portugueza. [3]

BENINC (SIMÃO ——) DE BRUGES.

«No seculo XVI, o infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel e da rainha

---

[1] Nicol. Ant. *Bibliot. Nov.*, vol. II, pag. 378.

[2] V. *Le Menestrel* de 7 de junho de 1885.

[3] *Instituto Vasco da Gama*, de 1874, pag. 187.

D. Maria de Castella[1], encarregou Damião de Goes, quando esteve em Flandres, de mandar fazer uma arvore genealogica dos personagens ascendentes e descendentes dos reis de Portugal, desde Magog, neto de Noé, até D. Manuel.

«Foi Simão Benine, natural de Bruges, quem fez ou dirigiu aquelle trabalho, que se compõe de uma serie de folhas de pergaminho, estendidas sobre laminas de chumbo, forradas de marroquim, com ricas illuminações, de bons desenhos e bellissimas côres.

«Existia esta obra em Lisboa, aonde foi comprada em leilão pelo preço de 40 libras esterlinas, por Newton Smith, addido á embaixada ingleza n'esta côrte, o qual o vendeu pela somma de 600 libras ao British Museum de Londres, onde hoje se acha.

«Tem a obra de Simão Benine o n.º 12:531 dos manuscriptos addicionaes, e é conhecida com o nome de *Portuguese drawings*.

«É evidente que os retratos da obra de Simão Benine não são genuinos na maior parte; o desenho mostra serem alguns de epocha posterior, e os trajos nem sempre são exactos.

«Na bibliotheca nacional de París existem varios retratos de rainhas de Portugal; entre outros encontram-se alguns em uma collecção feita nos principios do seculo XVII, no tempo de Luiz XIII, conhecida com o nome de *Collection collée;* tem o volume a data de 1622; não apresentam, porém, taes retratos authenticidade alguma, e alem d'isso no texto ha varios erros historicos.

BENSENVAL (BARON DE ——).—Lieutenant général des armées du roi, sous Louis XV et Louis XVI.

E. *Mémoires de Mr. le* ——. Paris, an troisième, 1805, 3 vol in-8.º

*
* *

«Vivia D. João V publicamente com uma freira, e, quando ía estar com ella, ia acompanhado do seu confessor e do seu medico. O medico tomava o pulso ao rei, e quando o achava n'um estado conveniente, dizia ao monarcha que podia ir passar a noite com a freira. Se, pelo contrario, o pulso não estava proprio para as circumstancias, o medico pedia ao confessor que deitasse absolvição ao rei, e voltava para o palacio.

«Certa noíte[2] que o rei estava com a sua freira, aproveitou-se esta, para lhe pedir um favor, d'esses momentos em que os amantes ordinariamente nada recusam. E, vendo que lhe não respondia: «Como, pergunta ella, podeis vós demorar-vos em me conceder uma cousa que eu desejo com ardor? E serieis vós capaz de m'a recusar?»

«Não, respondeu D. João V, prometto-vos que ámanhã fallarei ácerca d'ella com o rei.»

BENTHAM (JOHN ——).

Tree tracts relative to Spanish and Portuguese affairs with a continual eye to english ones. London, 1821, 54 pag.

---

[1] Sr. Francisco da Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal*, vol. I.

[2] Vol. I, pag. 222.

BERCA (P. FRANCISCO DE HAMAL ——).

Litterae annuae Provinciae Paraguariae Societatis Jesu ad admodum R. P. Mutium Vitellescum ejusdem Societatis praepositum generalem missae a R. P. Jacobo de Beroa Paraguariae Praeposito Provinciali ex hispanico authographo latine redditae a ——. Insulis typis Tossani. Le Clerc, 1642.

Dizem ser obra de grandissima importancia, mórmente para a historia do Brazil, do Paraguay, da republica Argentina, e da America do sul em geral.

BERCHTOLD (LEOPOLDO ——).—Cavalleiro da ordem militar de Santo Estevão de Toscana.

E. *Ensaio sobre a extensão dos limites da beneficencia, a respeito, assim dos homens como dos mesmos animaes, pelo Conde ——. Para se distribuir gratuitamente a bem da humanidade.* Lisboa, na regia officina typographica, anno 1793. XVI, 309 pag.

BERENGER FÉRAUD (L. J. B.)

Les peuplades de la Sénégambie. Histoire, ethnographie, mœurs, et costumes. Légendes. Paris, 1879, 1 vol., 8.º gr., XVI, 420 pag.

BERETTARI (SEBASTIÃO ——).—Jesuita, florentino. Foi admittido na Companhia em 1565, com vinte e dois annos de idade. Ensinou por muito tempo bellas letras, e morreu em Roma no anno de 1622.

I. *Litterae Societatis Jesu duorum annorum 1594 et 1595. Ad patres et fratres ejusdem Societatis. Superiorum permissu.* Neapoli, apud Tarquinium Longum, 1604, in-8.º, 868 pag.

II. *Annuae Litterae Societatis Jesu, anni 1596.* Neapoli, ex typographia Tarquini Longi, 1605, in-8.º, 1:063 pag.

III. *Joseph Anchietae Societatis Jesu Sacerdotis in Brasilia defuncti vita. Ex iis, quae de eo Petrus Roterigius Societatis Jesu Praesidens Provincialis, in Brasilia quatuor libris Lusitanico idiomate collegit, aliisque monumentis fide dignis. Prodit nunc primum.* Lugduni, sumptibus Horatii Cardon, 1617, in-8.º, 277 pag. *Prodit nunc primum in Germania.* Coloniae, apud Joannem Kinkium, 1617, in-12, 427 pag.

Foi traduzida para italiano. V. *Vita del ——, &c.*

IV. *Efflatio pulveris adversus Emmanuelis Alvarez Grammaticas Institutiones, Veronae, excitati ab Orlando Pescetto.* Monachii, typis Bergianis, 1616, in-8.º[1]

BERKA (ZDISLAW ——).— Natural de Reichstadt, na Bohemia, admittido ao noviciado em Praga, no anno de 1610, na idade de dezesete annos. Professou successivamente humanidades, philosophia e Escriptura Sagrada.[2]

E. *De laudibus S. Francisci Xaverii, et duorum Imperatorum Ferdinandi II et Ferdinandi III.* Olumucii, typis Nicolai Hradezki, 1629.

BERLANGA (CHRISTOVÃO ——).

Epitome da vida, virtudes e milagres de S. Francisco Xavier. Valencia, 1698.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. I, pag. 87

[2] Id. vol. VI, pag. 46.

BERMINGHAM (GULIELMO —— HIBERNO).

Messias Ecloga sacra Auctore Alex. Pope latine reddita a R. ——. Linguae Graecae in Academia Conimbricensi olim professore. Olissipone. Ex typographia regia. Anno 1810, 4.º, 11 pag.

BERMINGHAM (GULIELMUS).

In dedicatione Statuae equestris poesia. Olissipone, 1775.

BERMUDO (FR. JOANNES ——).

Libro de la declaration de instrumentos ad Joannem III Portugalliae Regem. Ursaone apud Joannem Leonem, Universitatis typographum, 1549, in-4.º, Granatae, 1555.[1]

BERNARD (E.).

Briefe während meiner Hausenhalter in England und Portugal. Hamburgh, 1803, 2 vol. 8.º

BERNARD.

Vie du vénérable Dom Barthélemy des Martyrs, Archéveque de Brague, nouvelle édition ornée d'un portrait. Paris, 1870, in-8.º

BERNARD (GAD).

E. *Briefe während m. Aufenthalter in England a Portugal.* Hamburgh, 1802.

BERNARDO (FR. JUAN DE S. ——).

Chronica de la vida de S. Pedro de Alcantara.

S. Pedro de Alcantara residiu em Portugal.

BERNIER (FRANÇOIS ——).—Docteur en médicine de la faculté de Montpellier.

E. *Voyages de ——, contenant la description des États du Grand Mogol. Où il traite des richesses, des forces, de la Justice, & des causes principales de la décadence des États de l'Asie & de plusieurs événements considérables. Et où l'on voit comment l'or & l'argent, après avoir circulé dans le Monde, passent dans l'Hindoustan, d'où ils ne reviennent plus. Nouvelle édition, revue & corrigée.* A Amsterdam, chez Paul Marret, 1724, 2 vol.: 1.º 220 pag., 2.º 358 pag., 8.º, com grande numero de estámpas.

Devem consultar está obra os que desejarem escrever dos portuguezes na India no tempo de Bernier. Apesar de muito decaídos do seu antigo poder e prestigio, eram os nossos ainda numerosissimos, e d'elles se serviam os principes asiaticos nas suas guerras.

N'esta obra se encontram tambem amplas noticias ácerca do famoso Sevagy.

*
* *

«Sevagy chegou a saquear a ilha de Bardez, que pertence aos portuguezes, e a qual está ás portas de Goa.» (Vol. I. pag. 266). Já se vê que n'esta asserção vae de encontro ao que affirma Cosme da Guarda na vida de Sevagy.

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nov.*, vol. I, pag. 660.

«Tel a vingt roupies le mois, tel en a quinze, tel en a dix, néanmoins il y a des canoniers qui ont de grandes payes, et sur tous de nos Franguis ou Chrétiens, Portugais, Anglois, Hollandois, Allemans, et François, qui s'y rendent de Goa, ou fuyent de ces compagnies hollandoises et angloises.»

«O mais ridiculo, a meu ver, de todos aquelles astrologos era um mestiço portuguez, fugido de Goa, o qual estava n'esta praça sentado gravemente, como os outros, sobre o seu tapete, e que não deixava de ter muitos freguezes, embora não soubesse ler nem escrever, e de quem todos os instrumentos e livros de astrologia consistiam n'um velho compasso de marinha e n'um velho *paire de heures* (?) á portugueza, cujas imagens elle mostrava como figuras do Zodiaco do Franguistan. «A taes bestas, tal astrologo», dizia elle ao reverendo padre Buzé, jesuita, que o encontrou n'esta praça [1].

«A manga de Goa é maravilhosa; tem uma certa doçura tão particular, que não sei se ha doce no mundo mais agradavel [2].

BERNIERE (A. J.).

Grammatica anglo-lusitana: or a short and compendious system of an english and portuguese grammar. London, 1702.

BERNINZONE.

A Su Maestà Maria Pia, Principessa di Savoia, sposa a S. M. Don Luigi I, Re di Portugallo; il Municipio di Turino. Addì, 27 settembre 1862.

Alem de um programma de concerto, contém uma *Cantata Populare*, de H. Berninzone, e um *Addio alla Principessa Maria Pia*, poema de G. Prati.

BERR. (M.).

Éloge de M. Abraham Furtado, juif portugais. Paris, 1817.

BERTOUX (L'ABBÉ ——).

Anecdotes espagnoles et portugaises.

BERTRAND (PERE ——).— De la compagnie de Jésus, missionaire du Maduré. Paris, 1847–1854, 4 vol. Chez Poussielgue Rusand.

E. *La Mission du Maduré d'après des documents inédits.* Paris, 1847 a 1854, in-8.º, 4 vol.

Esta obra é notavel. Contém as noções ácerca da India e das missões. O auctor responde ás numerosas accusações publicadas contra as missões das ordens religiosas em geral, e mais particularmente contra as da companhia de Jesus. Os volumes seguintes são consagrados a cartas até hoje ineditas de nossos antigos missionarios [3].

Tome II:

I. *Lettre du P. Jean Borges au R. P. Provincial.* Vospar, 31 décembre 1608, pag. 26.

---

[1] François Bernier, *Voyages dans le Gran Mogol*, vol. II, pag. 14.

[2] Id., id., pag. 24.

[3] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. IV, pag. 475.

II. *Lettre du P. Emmanuel Leitan au P. Provincial.* Maduré, 26 septembre 1609, pag. 51.

III. *Lettre du P. Emmanuel Leitan au P. Provincial.* 20 novembre 1609, pag. 59.

IV. *Lettre du P. Robert de' Nobili au P. Mascuregnas, assistant du Portugal.* Maduré, 1627, pag. 261.

V. *Lettre du P. Em. Martinz, missionaire de la Compagnie de Jésus, au R. P. M. Vitellerchi, général de la même Compagnie.* 18 octobre 1638, pag. 294.

VI. *Lettre du P. Em. Martinz, missionaire de la Compagnie de Jésus aux Pères du Portugal.* Tirouchirapalli, 1639, pag. 299.

VII. *Lettre du P. Sébastien de Maya, missionaire de la Compagnie de Jésus, au R. P. Azévédo, de la même Compagnie, Provincial du Malubare.* Maduré, 1640, pag. 308.

VIII. *Lettre du P. Balthazar da Costa, missionaire du Maduré, au P. Provincial.* Tirouchirapalli, 1643, pag. 317.

IX. *Lettre du P. Bulthazar da Costa, missionaire de la Compagnie de Jésus, au R. P. Caraffa, général de la même compagnie.* Tirouchirapalli, 1644, pag. 340.

X. *Lettre du P. Balthazar da Costa, missionaire du Maduré, au R. P. V. Caraffa, général de la même Compagnie.* Cochim, 1648, pag. 365.

XI. *Lettre du P. Em. Martinz, supérieur de la mission du Maduré, au R. P. V. Caraffa, général de la même Compagnie.* Sattiamangalan, 1641, pag. 393.

Tome III :

I. *Lettre du P. Balthazar da Costa, missionaire du Maduré, aux PP. et FF. des Collèges de Coimbra et d'Evora.* Tanjaour, 1653, pag. 1.

II. *Lettre du P. Antoine de Proënza, de la Compagnie de Jésus, au R. P. Gosvin Nikel, général de la même Compagnie.* Tirouchirapalli, 1659. *Événements politiques,* pag. 41. *Événements de la Mission,* pag. 54.

III. *Lettre du P. Antoine de Proënza, missionaire du Maduré, au R. P. Gosvin Nikel, général de la Compagnie de Jésus.* Tirouchirapalli, 1650. *Succès de la Mission,* pag. 76.

IV. *Lettre du P. Antoine de Proënza, missionaire de la Compagnie de Jésus, au R. P. Gosvin Nikel, général de la même Compagnie.* Tirouchirapalli, 1660. *Mort de quelques missionaires et de plusieurs chrétiens,* pag. 100. *Notice sur le P. Emm. Martinz,* pag. 106. *Notice sur le P. Robert de' Nobili,* pag. 100. *Ouvrages qu'il a composée,* pag. 116.

V. *Lettre du P. Antoine de Proënza, missionnaire du Maduré, au R. P. Paul Oliva, général de la Compagnie de Jésus.* Tirouchirapalli, 1662. *Événements politiques,* pag. 119. *Évenements de la mission,* pag. 124.

VI. *Lettre du P. Antoine de Proënza, missionaire du Maduré, au R. P. Oliva, général de la Compagnie de Jésus.* Cangoupatti, 1665, pag. 158.

Lettre du P. André Freire, missionaire du Maduré, au R. P. Paul Oliva, général de la Compagnie de Jésus. Candalour, 1666, pag. 201.

Lettre du P. André Freire, missionaire du Maduré, au R. P. Oliva, général de la Compagnie de Jésus. Colei, 1670, pag. 246.

Lettre du P. André Freire, missionaire du Maduré, au R. P. Paul Oliva, général de la Compagnie de Jésus. Viranam, 1678, pag. 268.

Lettre du P. André Freire, missionaire du Maduré, au R. P. Paul Oliva, général de la Compagnie de Jésus. (Renfermant plusieurs lettres du V. P. Jean de Britto), pag. 301.

Lettre du V. Jean de Britto, missionaire du Madure, au R. P. Paul Oliva, général de la Compagnie de Jésus. L'an 1683, pag. 357.

Lettre du P. Louis de Mello, missionaire du Maduré, au R. P. de Noyelle, général de la Compagnie de Jesus. Maduré, 1683, pag. 376.

Notice sur la vie du V. P. Jean de Britto, missionaire et martyr du Maduré, pag. 405.

Tome IV :

Relation de ce que s'est passé dans les Missions de Morara et du Tanjaour, pendant les années 1714 et 1715. Tirée d'un Mémoire portugais adressé au Très Réverend P. Michel Ange Tamburini, général de la Compagnie de Jésus, pag. 233.

BERUHMTHEITEN (DIE ——) *der Welt nach Stand und Beruf geordnet und mit kurzen biographischen Notizen versehen.* Leipzig, 1882, 158, in-12. Leipzig, 1882.

A pag. 103 e seguintes trata do nosso Camões.

BESCH (JOSEPH CONSTANT ——).— Jesuita. No anno de 1700 foi encarregado da missão do Maduré.

E. *Kitteri-ammalle saritirum.* (Historia em verso de Santa Catharina de Portugal). É um poema em lingua tamul. [1]

II. *Dictionnaire latin-portugais-tamul.*

Tinha composto uma grammattica tamul-portugueza, mas saiu á luz com o titulo: *Grammatica latino-tamulica.* Trangabariae, 1738. in-8.°

BESCHRYOUIG *der voornaamste Havens en Baaren ap de Kusten van Spanjs en Portugal.* Amsterdam, 1783, 4,°, 1 vol. 111 pag.

BESTENTE (ISIDORO ——).

E. *Riunione della Reale Famiglia in Torino nell' autunno 1865. Epigrafi del Cavaliere Uffiziale.* Tipographia di Tito Giuliani, 1865. Torino. Edição de luxo.

BETANCOR (A.)

Anti-Diana, sive admonitio apologetica ad R. P. ——.

Ant. Dianam circa suum Tractatum de potestate exauthorandi Reges decimae parti suarum resolutionum nuper additum. (Traz continuas referencias a Portugal.)

BETSCHON. — Jesuita missionario no Paraguay.

E. *Brief P. Betschon, Soc. Jes. in Paraguaria, Anno 1719. Seine Reis aus dem Platten-Strom nach denem Missionen. Americanische Fahrzeug. Lob etlicher Teutschen Missionarien allda. Die Missiones werden samt denen Neubekehrten daselst beschrieben. Unzähliche Menge des Rind-Viehes. Die Pest hauffet übel,* pag. 62-67.

No *Welt-Bott do P. Stöcklein,* tomo VIII, n.° 162

BETUCCI (PAOLO ——).

Il Complimenti del Febro nella partenza dell' Illustriss. ed Excellentiss. Signore Don Rodrigo Annes de Sau Almeida e Menezes, Marchese di Fontes, Conte di

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus,* vol. III, pag. 158.

Pennaghiano, Capitano maggiore e Alcaide maggiore della Città del Porto, e delle fortezze di S. Gio. della Foce del Doro, e Nostra Signora delle Nevi in Leza di Matosignos, Signore del Conseglio di Sever, Pennaghiano, Fontes, Gudim e Gondomar, Signore di Villa Nuova, Terra di Vaca, e Aghiar di Souza, di Bousas, di Gaja, e della Honra di Sobrado, Signore della Casa d'Abrantes e delle Ville di Sardoal, Alcaide maggiore delle Ville d'Abrantes, Puguete, Amendoa e di Massam, Commendatore di S. Giacomo di Cassem e S. Pietro di Faro dell' Ordine di S. Giacomo, Gentiluomo della Camera della Maestà del Re di Portogallo, e del suo Consiglio, e suo Ambasciatore Straordinario appresso la Santità di Nostro Signore Papa Clemente XI. Il Signore Ambasciatore di Portugallo. Elogio Anagrammatico alfabetico purissimo in verso allusivo allo splendore che Sua Eccelenza ha diffuso nella sua Cárica qui in Roma, ad onore della Maestà di Giovanni V suo Re. C. Gesti Porto la Gloria di Lisbon' a Roma. A cui applaudendo prende motivo d' accompagnarlo el seguente Acrostico. In Roma, per Francesco Gonzaga, 1717, fol.

BIANCHI (G. P.)

Frammenti d'una Cantata

Coro

Forte, temuta; e bella
Quale romita stella
Eri mi Lisia un dì;

Fiorivi ed il tuo core
Tal chiudea valore
Che mai non fú così.

Deli sorgi; e nel passato
Vede il futuro fato
Che il spirito non muor;

Ma più rinasce baldo
Si per la patria caldo
Amor si nutre in cor.

Il Genio della Lusitana

Ben grato, o Dive, é il ricordarsi altero
Dei giorni che già fur, giorni di gloria,
E rincorarsi nelli fasti aviti.

Ma il passato non è d' invidia oggetto
A chi nella presente etade all' aura
Vive del Grande Luigi, certa spene
Di gloria antica e di presente bene.

Perchè vaga splende in cielo
Una stella oltre l' usato?
Perchè il raggio suo infocato
Palpitar fa più d' un cor?

Ma d' un palpito represso
Che provar fa a un tempo istesso
Gaudio, amor, speme e timor?

Quella stella, quel fulgore,
Fisso, ó Lisia, ha il tuo destino;
E predice un dì vicino,
Giusto premio al tuo valor,

Fia quel dì giorno di gloria,
Fia del senno la vittoria,
Di Braganza fia l' onor.

Coro e Ballabile

Temprian le cetere;
Spargiamo ai venti
D'amore e giubilo
Dolci contenti:
Dovuto omagio
Si porga al Re.

Tuoi dì celebrinsi
Per lunga etade,
Felici varchino
Rosee contrade;
Tuo cor magnanimo
Sia guida a te.

Nell' alme susciti
Conforto e speme;
Da te il tuo popolo
Spera ogni bene,
Tuo nome é oroscopo
Di gran splender.

L' etade tenera
Di scienza onusta,
Che il senno accopia
D' età vetusta,
La luce accrescere
Fa al tuo fulgor.

Tue gesta attendono
Calliope e Clio;
Sarai la gloria
Del suol natio.
Tu nome ai posteri
D' amor sarà.

Don Luigi accrescere
Chi può tu fama?
Dal Rege il modulo
Già ognun ti chiama;
Sall' ali ai secoli
Tuo nome andra.

FAMA

Spiriti di Lusitania, a voi che in petto
La prisca avete ancor virtù latina
Grata novella arreco
La dell' Ansonio suol, terra d' eroi,
Il popolo con ira giusta e santa
Scuote un antico giogo, e di fortuna
Menda il capriccio col valor del braccio.
Tel veggonsi d' eroici fatti esempli
Che la lontana etade altri non veda
E questi que vedian forse non creda.

GENIO LUSITANO

Che mai ne dici tu?

FAMA

Taci e m' ascolta:
Giaceva l'Italia — dall' ire del fatto
Lanciata in catene — che mai non mertò;
Ma il prisco valore — il braccio fatato
Tra despoti e schiavi — possente serbò.
E un rammentando — la patria degli avi
Il brando temuto — di nuovo impugnò;
E sorse sclamando — che terra di schiavi
Che vinse già il mondo — giammai si chiamò.
Allora Vittorio — lo scettro gettando,
I prodi alle pugne — al trionfo guidò,
E Regi stranieri — e squadre fuggando
E libera e unita — l' Italia formò.

CORO

Sia gloria a Vittorio — che scettro e corona
E spada e persona — a Italia donò.

. . . . . .

SCENA III

IL GENIO D' ITALIA

Eccomi giunto in Lusitania! Oh terra
Sacro cener di prodi, io ti saluto!
Bello e ridente è il suolo tuo che un riso
Par dell' Eterno, e ove germoglian tante
Di sublime virtù inclita gesta.
Oh come all' eco del valore antico
Tu grande, tu magnanima rispondi
Col senno, col pensier che in pace effondi!

Bello è il tuo cielo, ó Lisia,
Son forti i figli tuoi,
Superba andar ne puoi
Lo dice Italia a te.

No arrestare il passo
Varca il segnato calle,
Mai nun discere a valle
Chi volse ad alto il piè.

. . . . . .
. . . . . .

TUTTI

Copia Eletta ascendi al soglio
Degli Augusti tuoi maggiori,
E per te di nuovi allori
Lusitania avrá fulgor.

Regal serto il crin ti cinge
D' una stirpe ognor famosa,
Ma corona più gloriosa.
Hai del popol nell' amor.

*
* *

Savoja e Braganza

Poema in dieci canti

(Frammento)

. . . . . .

Nell' antica del mondo nota parte
Due Penisole sonvi rinomate
A cui si eguali doni il ciel riparte
Che col nome d' Esperia fur chiamate.
Non sai al vederle se natura od arte
Tali dovizie in loro abbia versate,
E una si tanto all' altra rassomiglia,
Che due non vedi, ma una maraviglia.

Italia e Iberia quindi fur chiamate
Coll' alterno seguirsi degli eventi,
Che il cielo non permise lunga etate
Che a' suoi imperscrutabili portenti,
Ma quante sono al mondo cose nate
Deggion sparir siccome nebbia ai venti,
Che da distruzion quanto nasce ha vita
E da cosa fu cosa ognor sortita.

Dann' ivi legge ai popoli soggetti
Con savio, forte, giusto, umano impero
Dal popolo e da Dio due Tronchi eletti
Che pregiansi seguir le vie del vero.
Già Braganza e Savoja furon detti,
E ognum può andar del proprio nume altiero
Che per quanto su terra il ciel si spande
Stirpe non vedi né più eccelsa e grande.

....

Nel bel giardin che a sua difera ha l' Alpi
E a cui il mar lambe mollemente il piede
La bella Pia s' inspirava agli alti
Pensieri di virtù. Quanti concede
L' Eterno al male oprar solidi spalti,
Intelletto, vigor, saggeza e fede
Tutto ha Maria; ne sai se van lodate
Più in lei virtù acquisite o doti innate.

Giace la reggia degli avi antichi
Appiè del bel paese subalpino;
Di colli é circondata e luoghi aprichi
E fà come puntello al giogo alpino;
La bagna il Pò, che par che al mondo indichi
Che pari al suo ingrandirsi nel cammino
Un dì il Sabando Prence fia sovrano
Di quanto acchiude Italia in monte e in piano.

Duri, impetuosi assalti ella sostenne,
E in prove di valor sorti vincente,
Che mai non valle alla crudel bipenne
Piegare il capo di straniera gente.
Contra un oste agguerrita essa sol tenne
Alta la fronte, e la scacciò perdente;
Di Pietro Micca il patrio amor, l'ardire
É ben noto, ne val or qui ridire.

Là nacque, s' educò, la visse e crebbe
Quella che in noi or fa tanta esultanza,
La di virtude gli alti sense accrebbe
Dei patri colli alla gentil fragranza
Per un angiolo presa ognun l' avrebbe
Ai modi eletti, alla genial sembranza;
Là, al povero e al tapino era sua cura
Render la sorte prava meno dura.

Figlia a Vittorio, cui vittoria arride
E a Adelaide Ranier nacque la Pia;
La luce il dì sedici Ottobre vide
Siccome fior che ad altar s' apria.
Quando l' Italia del bel don s' avvide
Che in quell' Angiol de cielo il ciel l' invia
Anni faceano allor mille ottocento
Quarantasette ch' era l' uom redento

Godeva in pace la gentil donzella
In grembo della Madre i suoi verd' anni,
Quando sorse improvisa gran procella
Che in un mar la gettò di crudo affanni;
Perchè invidiando il ciel l' anima bella
D' Adelaide, di questo mondo ai danni
Che restasse più tempo Egli non volse
E quel ch' era suo come suo si tolse.

. . . . . .

Prima ch' io canti degli sposi egregi
L' alte virtù che dan splendore al soglio,
E quanti sono in lor sovrani pregi,
Narrar le imprese gli alti sensi io voglio
Degli avi illustri dei due tronchi regi,
Dei popoli soggetti onore e orgoglio,
Le cui sublimi gesta in guerra e in pace
Non giunge a cancellare il tempo edace.

Narrar le gesta! mi perdoni Iddio
Se tant' osa volare il mio pensiero!
Più che a mie forze guardisi al desio
Che il ver vuol dir in olocausto al vero.
Se nell' agone generoso e pio
Mancan sublimi voli a un cor sincero
Di Luigi e Pia la bontà mi affida
Che nel mio viaggio io prendo a scorta e guida.

. . . . . .

Giaceva Italia ritagliata in lembi
Qual mantello sdrucito d' un perzente,
E benchè alcuni fosser torti o sghembi
Trovato avean l' uncino d' un potente.
Squadre non già, ma distruttori nembi
Di stranier l' invaden qual lava ardente
Ed era premio dato al suo coraggio
Ruini, incendi, dolor, morte o servaggio.

Di sovrani stranieri ancella e schiava
Vietato le era aver speme e desio;
Dell' iniquo tiran la voglia prava
Era spacciata volontà di Dio.
Dritto e legge or non più, bensì imperava
La volontà d' un re crudele e rio
E a chi d' opporsi ardia, sola ragione
D' assoluto signor era il cannone.

Povera Italia! Tu soffrivi tanto
Ed eran tutti sordi al tuo dolore,
Che le Nazion ti deridevan quanto
Avevan già tremato al tuo valore;
Qual maraviglia or dunque se al tuo pianto
Rispondea collo scherno il tuo signore,
Se a te che sonno avevi e alti pensieri
Di governarti, dicean, degna non eri?

Degna no eri tu! dunque in obblio
Era già andata la virtù latina?
Forse il valor, il senno tuo per Dio,
Maledetti gli avea l' ira divina?
Dunque perchè con sprezzo crudo e rio
A te serbavan sol stragi e rovina,
E chi te fral dicea, esse sol forti,
Non davati una sol, ma mille morti?

Ah! perchè unita eri potente e forte
E l' avevan ben già provato in guerra!
Dunque non fia che cangi la tua sorte
Finchè lo stranio calcherá tua terra,
Ma il giusto Dio, che i rei potenti atterra
E dei deboli spezza le ritorte,
A re Carlo inspiró santo desire
Di far redenta Italia oppur morire.

E il voto egli adempii. Là di Superga
Tra le tombe degli avi or giace in pace.
Ben ei tentò morir quando le terga
Volse fortuna e si mostrò fallace;
Ma invan cerca sul campo chi gl' immerga
Nel petto un ferro e slacci l' alma andace,
Che da acerbo dolor sempre in cor punto
In esiglio morrì tristo e consunto.

Ha la sua patria ogn' uom, sol l'italiano
Erane privo. Schiavo vil rejetto
Nel proprio solo era tenuto estrano
Simil de Giuda al popol maledetto
Di rose e gigli à lui spargeva in vano
Pronubo amor il marital suo letto
Ch' ei malediva il seme suo, se schiavi
Erano i figli sul terren degli avi.

Delle gravezze il peso sol portava
E il demandar giustizia gli era tolto,
Chè l' aquila sovrana depredava
Del tristo agricoltor tutto il raccolto.
Se chi era, qualcun gli domandava,
Chinava il guardo ed arrossiva in volto
Chè per crudo destin malvaggio e rio
No potea dir: questo paese è mio.

E mentre og' uomo dice: io son germano,
Altri io son anglo, son spagnuol, francese,
Ei sol non puote dir: sono italiano!
Chè estrano in proprio suol violenza il rese.
Oh! Come vorrebb' ei di propria mano
Far vendetta di sì crudeli offese!
Ma invan; che sospettosa tirannia
Di quanti l' avvicinan fè una spia.

Sapete voi qual duol porta nel core
Chi non ha patria? È un spasimar violento
Come chi cerca il guardo del Signore;
È del bastardo l' onta ed il tormento
Che un padre cerca invano a tutte l' ore;
È d' orribili fantasma lo spavento;
Sono le ambasce, i patimenti e l' onte
D' abbieto schiavo che ha vil marchio in fronte.

E Carlo al grande di si preparava
Con un saggio governo forte e retto;
Codici attinti al vero egli dettava
E leggi che tendeano a giusto oggetto;
Consigli e tribunali decretava
Ove giustizia avea tempio e ricetto,
Si che vedeasi andare in stretta unione
Giustizia ed equità, dritto e ragione.

Non trascurò, però, nelle soavi
Cure di pace, il militar governo;
Anzi con sforzi i più indefessi e gravi
Nell' armi introducea il progresso odierno;
E quella armata che già sotto gli avi
Aveva il chiaro nome reso eterno
Ei preparava a più gloriose imprese
E a quel valor che si chiara la rese.

A tale di governo saggio impero
Che d' un picciol faceva un forte stato
I popoli drizzavano il pensiero
Come a un ben lungamente invan desiato.
Minaccioso il vedean sorger foriero
Di punizion, mostrando il braccio armato,
E con nobile e generoso ardire
Sdegnar dell' austro agli ordini ubbidire.

Scuote ogni mente quel desio di guerra
Che da lungo represso or fà esplosione;
Stendesi ratto per l' itala terra
E ognum ne fà suo altare e religione;
E a quel feroce fremito che atterra
Resta il tiranno privo di raggione
E incrudelisce allo scrollar dee trono
Contro colui cui chieder dee perdono.

Per tutta Italia un grido sol s' udiva
Che potente sortiva d' ogni petto;
D' emancipar la patria ognuno ambiva
E volea col desir anche l' effeto.
Al sacrificio ognum se stesso offriva,
E quanto avea più caro e più diletto,
Che di patria l' amor quando è verace
Bruccia ben più che su dell' esca brace.

Dal casolar ù tacito attendea
Lieto i ignoto agli agricoli lavori
Parte il villan, e va ove ogni uom correa
A mieter per la patria santi allori.
Scagliasi ardito su la gente rea,
E in petto non ha un cor ma mille cori,
E da forte soccombe col contento
Per la patria d' aver la vita spento.

Nell' aule aurato ove tutto è incanto
Armasi il titolar dagli avi antichi;
Corre pedone coi pedoni al campo
E dona sue ricchezze ai più mendichi;
Sembra ogn' indugio alla vittoria inciampo
E si scaglian furiosi sui nemichi,
E con un santo e temerario ardire
Disciplinate squadre fan fuggire.

. . . . . .

Nell' invitta e fedel città d' Oporto
Chiuse l' estremi luci il prò guerriero;
Lontan dalla famiglia, sol conforto
Ebbe in trovarsi il cor leale e sincero;
Tranquillo con sè stesso giunse al porto
Ove l' uom trova la maestà del vero;
Ma prima di morir sacro legato
A Vittorio lasciò, su figlio amato.

Vittorio l' accetò. Scorsi dieci anni
Ecco un' armata sorge ed una squadra,
Che dell' austriaco s' apparecchia ai danni
E a rintuzzare la sua voglia ladra;
Plaudono i popoli che ai loro affanni
Voglion por fine ed a loro sorte adra,
Infiammasi ogni cor qual face al vento
Che il fuoco sopito era, ma non spento.

Freme ogni petto, e a lavar l' onta antica
Già apprestasi ogni braccio ed ogni core;
Col guardo e coll' andar par che ognun dica,
Non guerra, schiavitù avere a orrore,
E se fortuna mostrasi nemica
Renderalla benigna il suo valore;
Di cittadin, guerrier, fanti e cavalli
Ingombre son le vie, colline e valli.

Spettacolo sublime era il vedersi
Dal Tebro, dal Ticin, dalle Lagune,
Dal Sebeto, dall' Arno, e dai diversi
Ducati ove il tiran rendeasi immune,
Da quanti Italiá ha mai luoghi dispersi,
Sia villa, sia città, borgo o comune,
Infiammati di patrio e santo ardire
Giovani prodi d' ogni età partire.

Ahi! forse scosso invan le sue ritorte
Ora avrebb' anco la virtù latina,
Chè di gran lunga era il nemico forte,
Se non pensava a lei pietà divina,
Chè mentre sparge l' austro stragi e morte
Scagliandosi d' Italia a estrema ruina
Appar sull' Alpi minaccioso e irato
Il Grande Napoleon di brando armato.

Siccome al sovrastar di gran periglio
D' incendio, di tremuoto o di naufragio
Stupido è ogum, nè sà prender consiglio
E col malo confonde anche il più saggio.
Nè s' arrischia a parlar, nè a mover siglio
Nè sà che sia virtù, che sia corraggio,
Stupidita restò l' austriaca gente
All' apparir d' un nembro si repente.

. . . . . .

BIANFURDI (F. J.).
Sucessos de la provincia del Alemtejo.

BIELSKI (P. JOANNES ——).—Soc. Jesu in Scholis Primitialibus Publicus Artis Rhetoricae Professor.

Pro Institutione Grammatica Emmanuelis Alvari Oratio, in recurrente post ferias Augusti studiorum instauratione, habitae Calissii. An. 1746, in-4.°, 26 pag.

BIGLAND (JEAN ——).

E. *Précis de l'Histoire politique et militaire de l'Europe, depuis l'année 1783, jusqu'à l'année 1814, contenant le récit des troubles de Hollande, du Brabant, des guerres entre la Russie et l'Autriche, la Porte-Ottomane et la Suède, du partage de la Pologne, de la révolution française et des événemens qui en ont été la suite, des révolutions d'Espagne, de Portugal, et de Suède, de l'abdication de Napoléon et du rétablissement des Bourbons sur le trône de France, &c., &c., par ——. Traduit de l'anglais, augmenté quant à la partie militaire, et continué jusqu'à 1819. Par J. Mac.-Carthy, chef du Bataillon d'infanterie en non activité.* 3 vol.

BINDOCCI (ANTONIO ——).

Addio (L'). Poesia del Cavalier Avvocato ——. Musica del Cavaliere Angelo Mariani.

E. *Carlo Alberto in Oporto, poema di ——.*

BINET (ESTIENNE ——).— De la Compagnie de Jésus.

E. *L'abbregé de la vie admirable de Saint François Xavier de la Compagnie de Jésus, surnommé l'Apostre des Indes. Par le R. P. ——. Canonisé le 12 mars 1622, par N. S. Père le Pape Grégoire XV.* A Paris, chez Sébastien Chappelet, 1622, 144 pag.

BIOGRAPHISCHE *Abhandlung in: Allgemeine Real Encyklopädie oder Conversations lexikon für alle Stände.*

Trata do nosso Camões.

BIRAGO (GIO BAT. —— AVOGARO).— Cittadino Veneto.

E. *Historia della desunione del Regno di Portogallo della Corona di Castiglia. Scritta dal Dottore ——. Nuovamente corretta, emendata & illustrata. Con l'aggiunta di molte cose notabile dal molto Reverendo P. Maestro Fra Ferdinando Hedero, dell' Ordine de Predicatori. Con l' Apendice di una Scrittura d' un Ministro di Spagna.* In Amsterdam. Appresso Nicolau van Ravesteyn, 1647, in-8.°, 796 pag. Indice não paginado. E no fim: *Manifesto per la partenza di Ministri Apostolici della Corte di Portogallo.* 44 pag. Privilegio e prefacio tambem não é paginado. É dedicada a D. Vasco Luiz da Gama, marquez de Niza.

Esta obra é favoravel aos portuguezes, e o auctor declara que por toda a parte não se ouvia mais do que: «Viva El-Rei D. João IV.»

BIRCH.

Mémoires de la Reine Elisabeth.

Trata de D. Antonio Prior do Crato.

BIRO (ESTEVÃO ——).— Jesuita, natural de Polyan na Transilvania.

E. *Panegyricus D. Francisco Xaverio.* Tyrnaviae, 1750, in-12.

BIRO (GEORGE ——).— Jesuita, natural de Kedzi-Polan, na Transilvania.

E. *Oratio panegyrica D. Francisco Xaverio dicta.* Tyrnaviae, 1735, in-12.

BITTNER (DR. —— FRZ).

Lebensgeschichte des selingen Martyrers Joannes Britto aus der Gesellschaft Jesu. Aus dem Franzosischen uberset zt und herausgegeben von ——. Regensburg, Manz, 1854, in 8.° gr. XXXIII. 432 pag. e um retrato.

BIVAR (F. FRANCISCUS DE ——).— Monge de Cister, e natural de Madrid.

E. *Historias admirables de las mas dustres entre las menos conocidas Santas que hay en el Cielo. Nempe Beatricis Silviae. Lusitaniae, Ordinis Conceptionis Dei-*

parae fundatricis, et Sanctae Julianae Corneliensis, sacrae Virginis Cisterciensis, festi Dei corporis Christi institutricis. Piciae, apud Hieronymum Murillo, 1618, 4.° [1]

BLAIR (HUGH ——).
Lectures on rhetoric and belles letres. 3 vol. Com retratos. London, 1790.
No vol. III, de pag. 273 até 276, falla-se de Camões.

BLANC (SIEUR VINCENT LE ——).— Marseillois.
Les voyages fameux du ——, qu'il a faits, depuis l'âge de douze ans jusques à soixante, aux quatre parties du monde; à sçavoir aux Indes orientales et occidentales, en Perse et Pégu, aux royaumes de Fez, de Maroc et de Guinée, et dans toute l'Afrique intérieure depuis le Cap de Bonne-Espérance jusques en Alexandrie par les terres de Monomotapa, du Preste Jean et de l'Egypte; aux îles de la Mediterranée et aux principales provinces de l'Europe, avec les diverses observations qu'il a faites. Le tout recueilli de ses mémoires par le sieur Coulon. Paris, Gervais Clousier, 1648.

BLANC (THOMAS ——).— Abbé, curé de Domazan [2].
Epître à Monsieur A. de Assis Teixeira de Magalhães, Membre de l'Institut de Coïmbre.

Cher Teixeira, ton nom a réveillé ma Muse
De son trop long sommeil; peut-être que je m'abuse;
Mes vers vont exciter ton rire ou ta pitié;
N'importe, mes vieux doigts vont essayer encore
Pour toi, de moduler sur mon luth peu sonore
Un hymne à l'Amitié

Dieu plaça ton berceau dans la Lusitanie
Où fleurit l'oranger, cette terre bénie,
Qu'échauffe le soleil, que carressent les flots,
Dont les antiques fils, jusques au Nouveau Monde
Portèrent de la Foi la lumière féconde,
Apôtres et héros.

Son nom était connu des plus vastes empires:
On voyait l'Océan couvert de ses navires;
Le commerce rendait son nom florissant;
On respectait son nom, on vantait ses prouesses;
Et ses ports regorgeaient de toutes les richesses
Que produit l'Orient...

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova*, vol. I, pag. 407.
[2] *O Instituto*, jornal de Coimbra, 1877, pag. 77.

Mais du Temps destructeur la puissance suprême
A brisé les rayons de son beau diadème ;
Et pour te consoler de cet insigne affront,
Aujourd'hui tes enfants, riche Lusitane,
Te refont ta couronne, et l'art et le génie
La posent sur ton front.

Si leurs bras redoutés ne font plus de conquêtes ;
Et s'ils ne doublent pas le noir cap des Tempêtes,
Emportant de la Foi le céleste Flambeau ;
Par d'immenses travaux leur noble intelligence
Élargit chaque jour le champ de la science
Et si vaste et si beau.

L'un déroule à nos yeux les pages de l'histoire,
De vos braves aïeux raconte la victoire
Sur le Maure effrayé, chassé de vos remparts ;
L'autre porte, à son tour, des savants, des poètes,
Des esprits éminents, sublimes interprètes
Des lettres et des arts.

Celui-ci, s'envolant vers les plus hautes sphères,
Des astres nous décrit les lois et les mistères,
Et révèle à nos yeux des secrets inconnus ;
Des nombres celui là parcourut le champ aride,
Résout, en se jouant, comme un nouvel Euclide,
Des problèmes ardus.

Et toi, cher Teixeira, qu'un feu sacré dévore,
Qui travailles la nuit, souvent jusqu'à l'aurore,
Veillant, comme un soldat devant les ennemis,
Tu déroules le fil qui dirige sans crainte
Le juriste égaré dans un noir labyrinthe,
Dans les lois de Thémis.

Grâce à toi, cher ami, malgré mon ignorance,
Dans le temple sacré des arts, de la science,
Dans l'illustre Institut me voilà donc admis.
Compte, bon Teixeira, sur ma reconnaissance ;
A l'amour de ton nom, je dois cette indulgence
De tes savants amis.

Adieu, mon cher Collègue, en mon nom remercie
De l'honneur qu'on m'a fait, la docte Académie.
Si les vers du vieillard, façonnés à moitié,
Sont froids et languissants, privés du feu céleste,
Son cœur est toujours jeune, une flamme lui reste,
Celle de l'amitié.

BLANC (TH). — Cura em Domazan (França).

Épitre à mon excellent ami mr. Antonio de Assis Teixeira de Magalhães, &c, à l'occasion du troisième centenaire de la mort de Camoens. Coïmbre, Imprimerie de l'Université, 1880.

BLOCK.

Revölkerung Spaniens Portugals nach den Original quellen in ihren wichtigsten Verhältnissön statistisch dargestellt. Gotha, 1861, 8.º, 1 vol., 65 pag.

BLOXAM (J. M.).

E. *The Climate of the Island of Madeira.* London, 1855.

BLUTEAU (D. RAPHAEL ——). — C. R.

In editione libri qui inscribitur Vita Divae Victoriae scripta a patre D. Francisco Xaverio Reyo Plausus Triumphalis. Na *Vida de Santa Victoria Virgem e Martyr portugueza.* Lisboa, 1721.

BLUTEAU (D. RAPHAEL ——). — Clerigo Regular Theatino da Divina Providencia.

Oração funebre que disse nas exequias annuaes do Serenissimo Rey de Portugal D. Manuel, de gloriosa memoria. Offerecida ao Ex.mo Sr. Marquez de Fronteira, dos Conselhos d'Estado, &c., Guerra, &c. Em Lisboa. Na officina de Joam da Costa, 1672, 4.º, 30 pag.

BLUTEAVIUS (D. RAPHAEL ——). — Clericus Regularis.

E. *Vaticinium festivum in placidissima electione R. P. M. Antonii do Quental, Insignis Alcobatiae Cœnobii Domni Abbatis. Totius Cisterciensis Familiae in Lusitaniae et Algarbiorum Regnis Generalis Reformatoris, Regiae Majestatis a Conciliis, ac Eleemosynarii maximi, Tredecim oppidorum Domini amplissimi, absolutissimi Praenuntiatum. Reverendissimo Patri D. Fr. Bernardo Tellesio, In Academia Collimbriensi Sacrae Theologiae Lectori conducto, Sancti Officii Censori Collegii Cisterciensis in eadem Academia Domno Abbati Rectori.* Ulyssipone. Apud Valentinum a Costa Deslandes, Serenissimi Regis Typographum. 1708, 8.º gr.

BLUTEAVIUS (P. D. RAPHAEL ——). — Clericus Regularis et Regiae Academiae socius.

I. *Quinquaginta epigrammata quibus Joannis V. Lusitaniae Regis, depictam nuper imaginem celebrat.* Ulyssipone Occidentali, ex praelo Josephi Antonii a Sylva. 1726, 4.º, 8 pag.

II. *Aliis quinquaginta epigrammatis, eadem Joannis V Lusitaniae regis effigies celebratur a Patre —— per quinquaginta Rhetoricae figuras patheticas, &c.* 1726, 4.º 13 pag.

BLYTH (F.).

Recitou nas exequias de El-Rei D. João V, em Londres, na capella dos ministros de Portugal, uma oração funebre escripta em latim.

Falla d'esta oração a *Gazeta de Lisboa*, no anno de 1751, pag. 652, mas d'ella ainda não encontrei nenhum exemplar.

B. (M. P.). [1]

Déclaration du droit de légitime succession sur le royaume de Portugal, appartenant à la reyne mère Catherine de Medicis. Anvers, 1582.

BOADEN (JAMES ——). — Author of the *Life of Kemble.*

E. *The life of Mrs. Jordan.* London, 1831, 2 vol.

A pag. 74 do 1.º volume falla se da representação de uma peça intitulada *Bragança*, no theatro Drury Lane, assumpto que parece portuguez.

BODLER (JOÃO ——).

Vida do Serenissimo Principe Eleitor D. Felippe Wilhelmo, Conde Palatino do Rheno. Lisboa, 1692.

Foi este livro composto primeiramente em allemão por João Bodler, da companhia de Jesus, e vertido depois para portuguez por um padre jesuita.

Diz o auctor que o referido conde palatino tinha grande devoção com o thaumaturgo portuguez Santo Antonio de Lisboa.

De pag. 125 até 130 abrange um discurso que o principe eleitor Felippe Wilhelmo fez em Heidelberg á princeza abaixo citada.

*
* *

«Em primeiro logar nossa filha carissima por toda a sua vida, não só cada dia, mas ainda sendo possivel, em todas as horas, terá vivo cuidado de trazer a memoria quanto deve a seu Creador, Redemptor e Conservador, medindo esta obrigação por quantos beneficios tem recebido da liberal mão de sua Divina Magestade, e dando-lhe por todos infinitos louvores e graças. E, passando-os pela lembrança, fará especial reflexão sobre os da vocação ao Gremio da Igreja Christã, por meio de Paes Catholicos: e do illustre sangue, que por elles herdou, nascendo das serenissimas casas dos Eleitores Palatinos e Principes Hassiacos: e de haver tido na sua aquella educação, a qual em quanto observar os preceitos da verdadeira religião e fé em que n'ella foi instruida, lhe segurará o premio da Gloria e bemaventurança eterna. Os meios para chegar a este ditoso fim, serão depois do Patrocinio da Santissima Virgem Mãe e da protecção do Santo Anjo da Guarda, a pureza da sua vida, que procurará, seja sempre agradavel aos olhos de Deus, assistindo com diligencia e devoção devida aos divinos officios: frequentando os Santos Sacramentos da Penitencia e da Sagrada Communhão: dando sempre a todos louvavel exemplo em suas acções: e sobretudo alentando a esperança e confiança em Deus em todas as adversidades, e tribulações de sua vida; porque só n'este Senhor achará todo o allivio e consolação, entendendo que nunca a ha de desamparar a sua paternal Providencia.

«E, supposto que bem consta a mesma nossa Carissima Mãe e Senhora, applicâmos sempre, para que fosse creada em santo temor de Deus, bondade de costumes e em todas as virtudes, que são o decente ornato de principes; e especialmente com que ancioso desejo, incansavel trabalho e liberalissimo despendio,

---

[1] Monsieur Pe e Belov

nos viu em todo o tempo solicitos de seu conveniente estado, para que ainda em nossa vida o tivesse na sua felicissimo; cremos, esperâmos de nossa carissima filha, já que brevemente se ha de ausentar da nossa presença para reinos e regiões muito distantes, de onde a nossa communicação se difficulta, que não se esquecerá do quarto preceito da Lei Divina, observando d'aqui em diante aquelle mesmo respeito que a Nós, como a Pae e a sua Amantissima Mãe e Senhora até agora guardou inviolavel com ternissima consolação nossa.

«E na confiança de havermos de experimentar este mesmo amor e filial correspondencia, lhe promettemos a nossa reciproca união dos affectos de paes sem que n'elles possa haver diminuição alguma por toda a vida, que Deus for servido conceder-nos. Nem d'esta nossa communicação se poderá excluir o amor de seus irmãos e irmãs, nas occasiões que se offerecerem para o continuar, ao qual sem differença alguma responderá o seu, não menos com a lembrança, que com a beneficencia.

«E porque dispoz a Divina Providencia que o Serenissimo e Poderosissimo Rei de Portugal, admittindo segundo matrimonio se inclinasse com especial affecto para a nossa casa eleitoral, e com real animo fizesse eleição em nossa Carissima Filha, para perpetua esposa sua, destinado já logar e dia a este feliz desposorio; Nós, e sua Amantissima Mãe e Senhora pedimos com o amor de Pae á Magestade Divina toda a felicidade de bens celestes, e affluencias de divinas graças para tão augusto matrimonio. E é a principal entre todas a fecunda benção de successão masculina tão desejada d'aquella Monarchia para firmissima estabilidade de seus reinos e senhorios, nos quaes, conservada a propagação da Religião Catholica, será dada a devida gloria ao Auctor de todas as felicidades, continuando sempre o amor e vinculo d'esta real união com saudade, concordia e annos.

«Quando a nossa carissima filha admittir a alguns sujeitos no serviço de beneficios ecclesiasticos ou outros cargos dos que pertençam a sua distribuição, attenderá principalmente á qualidade e merecimentos de quem os ha de servir, preferida sempre a quaesquer respeitos a equidade d'estas remunerações: e nem as deve expedir sem preceder o conselho dos que n'estas disposições possam ter voto, para que a falta de maduro exame não seja causa de perigar o agradecimento d'estes premios, havendo em seu logar sentidas queixas dos mais benemeritos, fundadas no desprezo de sua justiça. E porque em taes casos resultam muito pesadas obrigações nos que se apressam a pagar merecimentos sem receiar a injuria que os possa deslustrar pelos exceder a gratificação: é necessario nos Reis, ainda que lhes seja muito decente o attributo de agradecidos, uma especial attenção sobre a real beneficencia, para que, quando despendem, não incorram no dever de inconsiderados com as mesmas acções, que lhes haviam de grangear o nome de magnificos. Esta cautela, porém, não tem logar quando os principes abrem as mãos para soccorro dos necessitados; porque não só os premios da outra vida, mas tambem as felicidade d'esta mais dependem do amor e benevolencia dos vassallos, e principalmente da oração dos pobres, cuja efficacia penetra o Céu, assegurando-nos com maior certeza os beneficios que lhe pedimos.

«E se a nossa Filha Carissima attender a estas advertencias paternas nascidas de um sincero amor com aquella obediencia, filial respeito, prompta obediencia, filial respeito, prompta observancia e fiel amor, que até agora temos visto, e não duvidamos ver em diante, certamente nós, porque assim o fazem esperar, e crer

as promessas divinas, lhe segurâmos um feliz desposorio, afortunado e enriquecido dos bens do Céu.

«Para assim o chegarem a ver um e outro desposado, rogâmos a Divina bondade se digne de lh'o conceder, lograda inteira saude, quietação pacifica, vida larga e fecunda successão, o que nós, Pae e Mãe com summo gosto e consolação nossa desejâmos, e para maior felicidade e esplendor da nossa Casa Eleitoral, esperâmos succeda.

«Pelo que, entre estes desejos de tão amantes Paes, e debaixo da protecção da purissima Virgem Maria e patrocinio do Santo Anjo da Guarda, e intercessão dos mais santos patronos, abraçando finalmente com todos os affectos a nossa Carissima Filha a encommendâmos de todo o coração á Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo.

«Em Heidelberg, nosso palacio eleitoral aos 28 de junho de 1687.= Com o sêllo eleitoral subscreveu esta escriptura, *Felippe Wilhelmo,* Principe Eleitor.»

Fez tambem um voto a Santo Antonio de Padua, obrigando se á fundação de uma casa para os religiosos reformados da ordem Serafica, se vencida a esterilidade de tanto tempo, lhe impetrasse de Deus os descendentes desejados.

E, porque a rogativa era tão justificada, e a patrocinavam os merecimentos de um tão grande intercessor, satisfez a Providencia Divina aos santos intentos de S. A. com maior graça que a pedida. Não se lhe fertilisou tanto a successão de varões, como consta, mas logo principiada a sua fecundidade no filho primogenito, lhe mostrou em casa alheia uma segunda firmeza do que pediu para a sua.

Foi esta reducção do Principe Christiano Augusto, Conde Palatino do Rheno Solisbacense, que por ser de consaguinidade mais proxima á de Neuburgo, d'esta linha levaria á sua os dominios de S. A. fechando-se de todo a porta por onde podessem voltar a herdeiros herejes.

E alem d'isto erigiu tambem o Eleitor um convento e templo aos religiosos de S. João de Deus, que todos sabem ser portuguez.

E a pag. 252 traz a noticia dos ascendentes paternos da Rainha na Casa Palatina.

E a pag. 256 os ascendentes paternos da Rainha, na Casa de Baviera.

Pag. 259, Felippe Wilhelmo pae da Rainha.

Pag. 261, ascendentes maternos da Rainha na casa de Langrave de Hassya.

Pag. 266, ascendentes maternos da Rainha na casa Saxonica, 267.

E a pag. 273 começam as Lianças d'estas mesmas familias, principalmente da casa de Austria com a corôa lusitana.

Pag. 277, affinidades e consanguinidades entre as casas da ascendencia da Rainha Nossa Senhora com a de Bragança.

BOEHMER (PROF. ED.).

No anno de 1873 este illustre romancista fez um curso acerca de Camões, na universidade de Strasburgo, servindo-lhe de texto a edição dos *Lusiadas* feita n'esse anno pelo dr. Karl von Rheinhardstoetner.

BOERO (P. GIUSEPPE ——), della compagnia di Giesu.

Relazione della gloriosa morte di ducento e cinque beati martiri nel Giappone, compilata dal ——. Roma. Coi tipi della Civitta Cattolica. 1867.

Compendio della Vita del Beato Giovanni de Britto, martire della Compagnia

di Gesù, scritto dal ——, della medesima Compagnia. Roma, co' tipi della Civitta Cattolica, Via del Quirinale, n.º 56. 1853, in 8.º

BOID (CAPTAIN).

A description of the Azores or Western Islands. London, 1835, 8.º 1 tomo, 373 pag., 1 mappa e 3 estampas.

Ha outra edição. London, 373 pag.

BOINNETTE.

E. *Le Portugal. Histoire, Géographie, Commerce, Agriculture. Le Brésil.* Bar le Duc, 1822.

BOIS (ROBERT ——).

E. *Les généreux ennemis.* 12. Paris, 1655. Comédie.

A scena passa-se em Lisboa.

BOISSONNADE.

Possuia as seguintes obras portuguezas:

Lobato, *Grammatica portugueza.* Lisboa, 1814;

Os Lusiadas. Nova edição conforme a de 1817, por D. José Maria de Sousa Botelho. Paris, 1819;

Georgicas portuguezas, por Mousinho de Albuquerque. Paris, 1820;

Adozinda. Londres, 1828;

Lyrica de João Minimo. Londres, 1829. 2 tomos.

Possuia tambem a traducção italiana dos *Lusiadas,* por N. N. Piemontese. Torino, 1772; a traducção franceza de Millié. Paris, 1825, 2 vol.; e a traducção ingleza de Strangford. London, 1803.

Renato, episodio do genio do christianismo, traduzido por Bento Luiz Vianna. Paris, 1818;

Hymno de Cleantes a Jupiter, acompanhado de uma traducção parafrastica em vulgar por ***. Lisboa, 1816;

Vianna, *Breve resposta á critica da nova edição dos Lusiadas.* Paris, 1819.

BOISSONNADE (JEAN FRANÇOIS ——).—Nascido em Paris no anno de 1774, e fallecido em 1855. Um dos mais celebres hellenistas francezes, e grande cultor da litteratura portugueza.

Alem da traducção para francez do *Hyssope,* escreveu na *Biographie Universelle,* de Firmin Didot, os seguintes artigos relativos a portuguezes: [1]

Tomo XI:

Pag. 297 — Balthazar Dias;

Pag. 300 — Francisco Dias Gomes;

Pag. 305 — Gaspar Dias;

Pag. 392 — Diogo Bernardes.

---

[1] *Catalogue des livres composant la Bibliothèque du feu M. J. Fr. Boissonnade, dont la vente aura lieu le jeudi 3 mars 1859 et jours suivants.* Paris, 1859, 8.º gr., LXIV, 655 pag.

XIII:

Pag. 248 — D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira;
Pag. 249 — D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira;
Pag. 249 — D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira;
Pag. 250 — D. Joanna Josefina de Menezes, condessa da Ericeira,
Pag. 354 — Achilles Estaço;
Pag. 355 — Balthazar Estaço.

XIV:

Pag. 156 — Thomé de Faria;
Pag. 379 — Alvaro Fernandes;
Pag. 382 — Antonio Fernandes;
Pag. 418 — Antonio Ferreira;
Pag. 419 — Alvaro Ferreira de Vera;
Pag. 421 — Antonio Ferreira.

XV:

Pag. 170 — Antonio da Fonseca;
Pag. 172 — Pedro da Fonseca;
Pag. 174 — Antonio Soares da Fonseca.

XVI:

Pag. 431 — Pedro Antonio Correia y Salema Garção.

XVII:

Pag. 566 — Manuel Godinho.

BOLLAERT (WILLIAM ——).

E. *The wars of succession of Portugal and Spain.* 1826. Com mappas e quatro estampas. London, 1870.

BOMBAY *Litterary Transactions.*

O vol. II contém uma relação turca de uma expedição naval no seculo XVI, com referencia aos portuguezes. Não vi o vol. III, mas creio que contém uma descripção de Bijapur, e talvez alguns outros artigos connexos com o assumpto.[1]

BOMBAY *Quarterly Review.*

O volume IV contém um interessante artigo pelo fallecido Mr. Anderson, tocante á tomada de Baçaim, e outras fortalezas portuguezas entre Bombaim e Damão, pelos marathas.[2]

BONAPARTE (LUIZ LUCIANO ——). — Principe.

E. *El Evangelio segun San Mateo, traducido al dialecto Gallego de la version castellana de Don Felix Torres Amat, por Don José Sanchez de Santa Maria. Precedido de algunas observaciones comparativas sobre la pronunciacion gallega, asturiana, castellana y portuguesa, por el ——.*

---

[1] *Instituto Vasco da Gama*, 1874 pag. 188.
[2] Ibi., pag. 188.

Falla d'esta obra Antonio Ribeiro Saraiva, no seu livro *Saraiva e Castilho*, a proposito de Ovidio. London. 1862, pag. 267.

Falla tambem Saraiva (pag. 291), de um Guilherme Lukin, o qual sabia grego, latim, inglez, portuguez, hespanhol, francez, italiano, allemão e dinamarquez.

BONAPERGER (JOSEPH ——).—Jesuita, natural de Kambach.

E. *Patrata Oberlurgi per intercessionem S. Xaverii Miracula in unum collecta ab anno 1716 ad 1730, et idoneis testimoniis roborata.*[1]

BONCOMPAGNI (BALDASSARRE ——).

E. *Della vita e delle opere di Gherardo Cremonese, traduttore del secolo duodecimo, e di Gherardo da Sabbionetta, astronomo del secolo decimoterzo. Notizie racolte da ——.*

Apparece este trabalho na obra: *Atti dell' Accademia Pontificia de' nuovi Lincei. Sessione* VII.ª *del 27 giugno 1851.*

Desde pag. 408 até 411 encontram-se noticias relativas ás obras do nosso famoso Pedro Nunes.

BONDT.

E. *Jacobi Bontii Medicina Indorum, lib.* IV. Lugduni Batavorum, E. Hack, 1642.

O primeiro dos quatro livros em que se divide esta obra de Bontius, intitula-se *Notae in Garciam ab Orta,* e contém simplesmente algumas reflexões suggeridas ao medico neerlandez pela sua longa permanencia no archipelago malaio, pelo seu conhecimento das plantas orientaes. Não ha, pois, uma edição das obras de Orta, em 1642, com as notas de Boncio; mas apenas a publicação destacada de algumas notas de Jacques ou Jacob de Bondt.

BONI (MAUR ——).—Jesuita genovez. Professor de bellas letras em Ragusa.

E. *Sancti Francisci Borgiae et Sancti Francisci Xaverii Societatis Jesu de praedicatione evangelica parenesis ad viros apostolicos coelestis sapientiae artibus atque copiis instruendos nunc primum simul editae.* Venetiis, typis Francisci Andraeolae, 1802, in-12, VIII, 72 pag.[2]

BONNARD.

E. *Horticulture et arboriculture. Végétaux introduits dans les cultures du Jardin Royal das Necessidades depuis sa restauration. 1841. A Monsieur le Directeur de la Revue Lusitanienne.* Lisbonne, 1852.

De pag: 66 a 68, 135 a 144, 292 a 304, 369 a 384.

BONNEJOY PERIGNON (LA DUCHESSE DE ——)

E. *La duchesse Louise de Bragance.* Paris, 1820, 2 vol.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 52.
[2] Ibi., vol. IV, pag. 59.

BONSCHAB (IGNACIO ——).—Jesuita allemão.

E. *Der englische Wundermann S. Franciscus Xaverius fur die zehen Freitagliche, oder neuntagige Xaverianische Andacht in Marz.* Burghausen...

Muitas vezes reimpresso no mesmo logar, e ultimamente em Augsbourg.[1]

BONTIER (J.).

The Canarian, by Bettencourt, 1402. Translated into english and edited in French, by Major ——. With portrait. London, Hakl, Soc. 1872.

BONUCCI (ANTONIO MARIA ——).—Natural de Arezzo. Entrou para a companhia em 1671. Depois de ter passado alguns annos no Brazil, voltou a Italia, onde exerceu o mister de prégador. Morreu em Roma no anno de 1729.[2]

E. *Vida de Santa Rosalia, Virgem Palermitana, advogada contra a peste, recopilada de varios e veridicos auctores pelo P. ——, e dedicada á Senhora Marqueza de Montebello.* Lisboa, na officina de Manuel Lopes Ferreira, 1701, in-8.º, 102 pag, alem de outras não numeradas.

Innocencio não conheceu esta obra.

Epitome Chronologico, Genealogico & Historico, dividido em quatro livros, e composto pelo P. ——. Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galram, 1706, 8.º gr. 555 pag.

I. *L' idea de la carità, ovvero S. Giovanni di Dio fondatore del sagro Ordine dell' Ospitalidà, descritto in un breve ragguaglio della sua ammirabile vita, implorato in una novena di meditationi.* Roma, 1705, in-12.

II. *L' infermo di Santo amore divenuto Medico di molti infermi. Panegirico in honore di S. Giovanni di Dio, Patriarcha del sagro Ordine dell' Hospitalità, detto in Roma l' anno de 1708, nel giorno della sua Festa.* In Roma, per Antonio di Rossi, 1708, in-8.º, 56 pag.

III. *L' Eroe portoghese S. Antonio di Padova, che predica a suoi divoti, cogl' esempi della vita.* In Roma, Bernabó, 1709, in-4.º

IV. *Discorsi Panegirici ed ascetici del P. Antonio Vieyra, Portoghese della Compagnia de Gesù, intitolati* Il Saverio addormentato, e il Saverio vegliante, *tradotti dalla lingua Portoghese nella italiana da ——.* In Venezia, presso a Paolo Boglioni, 1712, in-12.

V. *Fiamme di Celeste Dottrina raccolte dalle infuocate Lettere di S. Francesco Saverio.* In Roma, 1723, in-8.º

BOONAERT (NICOLAU ——).—Jesuita, natural de Bruxellas e fallecido em Valladolid em 1640.

E. *Mare liberum, sive Demonstratio Juris Lusitanici ad Oceanum et Commercium Indicum contra Batavicam Hugonis Grotii assertionem.*[3]

BORGIAE (SANCTI FRANCISCI ——), *et Sancti Francisci Xaverii Societatis Jesu de praedicatione Evangelica parenesis ad viros apostolicos cœlestis*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. v, pag. 88.
[2] Ibi., vol. i, pag. 113.
[3] Ibi., vol. iii, pag. 180.

sapientiae artibus atque copiis instruendos nunc primum editae. Venetiis, typis Francisci Andreolae, 1802, in-12, VIII, 72 pag.

BORNIS (CHRISTOVÃO ——).— De Milão.

E. I. *Relatione della nuova missione delli Padri della Compagnia de Giesù, al regno della Cocincinae. Ad Urbanum VIII.* Romae, apud Franciscum Corbelletum, 1631, 8.°

II. *Relatione à Sua Santità delle cose dell' India Orientale, del Giappone, della China, dell' Etiopia, dell' Isola di S. Lorenzo, del Regno di Monomotapa, e della terra incognita Australe.*[1]

BÖSCHE (EDUARDO THEODORO ——).

E. *Novo diccionario portatil das linguas portugueza e allemãu, con particular menção dos termos de sciencias, artes, industria, commercio, navegação, composto por* ——. Hamburgo, 1884. Editor, Roberto Kittler. 2 vol.

Neue portugiesische Sprachlehre oder gründliche anveisung zur praktischen Erlernung der portugiesichen Sprache. (Nova grammatica portugueza ou methodo solido para praticar o estudo da lingua portugueza). *Zum Schulgebrauch und Selbstunterricht von Eduard Theodor Bösche.* (Para uso das escolas e até mesmo para instrucção, por Eduardo Theodoro Bösche.) Hambourg, 1853. Verlag von Robert Kittler. (Edição de Roberto Kittler).

BOSCHIUS (JACQUES ——).— Jesuita allemão.

E. *Panegyrici Joannis Pauli Olirae et Antonii Vieirae S. J. B. Stanislao Kostka festa ejus luce dicti, ex italico latine redditi a J. B. (Joanne Boschio), ejusdem Societatis.* Cracoviae, typ. Schedel., 1776, in-8.°, 10-134 pag.

BOSMAN (GUILLAUME ——), depuis peu Conseiller et premier Marchand dans le Château de S. George d'Elmina, & Sous Commandeur de la Côte. Enrichie d'un grand nombre de figures.

E. *Voyage de Guinée, contenant une description nouvelle & très exacte de Cette Côte, où l'on trouve & où l'on trafique l'or, les dents d'Elephans & des Esclaves : De ses Pays, Royaumes & Républiques ; des mœurs des Habitans, de leur Réligion, Gouvernement, administration de la Justice, de leurs Guerres, Mariages, Sepultures, &c. Comme aussi de la nature & qualité du Terroir, des Arbres fruitiers & sauvages, de divers Animaux tant domestiques que sauvages, des bêtes à quatre pieds, des reptiles, des oiseaux, des poissons & de plusieurs autres choses rares, inconnuës jusqu'a présent aux Européens. Par* ——. A Utrecht, chez Antoine Schouten, Marchand Libraire. 1705, in-12, 520 pag.

BOSSIO (FR. FRANCISCO DE PAULA ——).— Da ordem dos minimos de S. Francisco de Paula. Natural de Hespanha, e veiu para Portugal no anno de 1744, com o caracter de vigario provincial da sua ordem.[2]

E. *Vida prodigiosa, e portentosos milagres do glorioso thaumaturgo S. Fran-*

---

[1] Leonis Allatii, *Apes urbanae*, pag. 67.

[2] Innocencio Francisco da Silva *Diccionario bibliographico*, vol. III, pag. 21

cisco de Paula, Fundador da Ordem dos Minimos, em que se referem os progressos do seu Instituto, e se dá uma summaria noticia das suas Provincias e Conventos: E tambem dos Varoens mais distinctos em virtudes e letras que nelles floreceram. Extrahida dos Escritores da vida do mesmo Santo. Obra posthuma composta pelo Reverendissimo Padre Mestre ——. Dada á luz pelo Reverendissimo Padre Fr. Thomas de Aquino, Pregador Jubilado e actual Vigario Geral nos mesmos Reinos. E dedicada á muito alta e muito poderosa Senhora D. Marianna Victoria, Rainha Mãi, Nossa Senhora. Lisboa. Na officina de Antonio Rodrigues Galhardo. 1779, 4.º, 614 pag.

BOTERO (JUAN ——).

Razon d'Estado con tres libros de la Grandeza de las Ciudades de Juan Botero: traduzido de Italiano em Castellaño por ——. Dirigido al Condestable de Castilla y Leon. En Burgos, en casa de Sebastian de Canas. Año 1603, in-8.º, 175 folhas.

*
* *

«..... unidos llamo aquellos cuyos miembros tienen continencia entre se, y se tocan el uno al otro: divididos, los que sus miembros no hazen cuerpo continuo, como fué el Imperio de Ginoveses, quando señorearan a Famagosta, Tolomayda, Fallavieja, Pera y Cafa, y el señorio de los Portugueses, por los Estados que tienen en Etiopia, Arabia, en la India y en el Brazil: y ansi mismo el Rey Catolico.» Fol. 2.

«..... De lo qual se sigue que siendo este dominio acometido en una parte, las otras, que estaran seguras, siempre podran socorrer a las acometidas: como se ha visto, que Portugal ha socorrido los Estados de las Indias y las discordias de los señores y levantamientos del pueblo, no seran tan universales.» Fol. 8.

«..... y los Catalanes, Vizcayos, Gallegos y Portugueses, son tan diestros en la mar, que se pueden llamar señores de la navegacion.» Fol. 8 v.

«..... Assi son las grandezas humanas, que en su cumbre engẽdran los gusanos de los deleites, y el orin de la iuxuria, que poco a poco las va acabando. De lo qual ha sido grande ejemplo en nuestros tiempos el Reyno de Portugal, que fué arruinado, no de los Moros, sino de las delicadezas y gustos de la India.» Fol. 52.

«Las pompas fomentan el ambicion, y la vanidad, y aun la honestidad, y arruinan las haziendas de los maridos, y creciendo las pompas crecen los gastos y los dotes: y por esto es necesario reglar la superfluidad del vestir y del comer, lo qual se puede hazer en dos maneras. La una con prohibiren lo que toca al vestir cierta suerte de paños y sedas, como hicieron los Portugueses y los Genoveses.» Pag. 53.

«Y los Reys de Ormuz, antes que los Portugueses tomasen aquel Reyno, matavan sus parientes.» Pag. 61.

«Vemos que en los Reynos de España, Francia y Portugal, en los Principes de Alemania y en los otros Estados de la Christiandad, aunque hay muchas personas de la sangre, y que tienen derecho á la Corona, no nacen tantas guerras, ni levantamientos, como entre los barbaros.» Pag. 62.

«Y leese de Sertorio que con sustentar buenos maestros y tener cuydado de la crianza de los muchachos, ganó los animos de los Portugueses: ganaise los muchachos, porque con ocasion de las escuelas, facilmente aprenden la virtud, y la Fé Christiana. A este proposito, los Reyes de Portugal, especialmente D. Juan III, fundaron en la India colegios y seminarios, en los quales crian mucho numero de muchachos de differentes naciones con la disciplina de los Padres de la Compañia de Jesus: y no se puede creer la muchedumbre de gente que se ha convertido en el Brasil. Constantino de Braganza, Visorey de la India, con regalar y honrar por diversas vias nuevos convertidos, adelantó mucho la Fé en aquellas partes.» Pag. 72.

«Las colonias requieren mucha industria y prudencia... pero en fin se conoce que son mas seguras las colonias y de virilidad perpetua, como lo muestran Ceuta y Tanger, plazas de Portugueses, en la costa de Mauritania, que reduzidas en forma de colonias se han mantenido contra el impetu y fuerzas del Xerife y de los Barbaros.» Fol. 84 v.

«Y no quiero callar que el Rey Don Manuel de Portugal fué muy dichoso en las empresas de Africa y de la India, y todas sus cosas le succedian prosperamente, y despues á sugestion de algunos se les antojou de sacar buena suma de dinero del Estado Eclesiastico, y alcanzó para ello licencia del Papa Leon: y entendido en Portugal causó muchas murmuraciones; por lo qual, y porque el Reyno se hallava en necesidad, determinó de no usar de la gracia, y el Clero, por esto, determinó de hacerle un donativo de 150:000 escudos, y desde entonces acá, sus empresas y su reputacion fueron siempre declinando.» Fol. 94 v.

«El Rey de Granada, en la guerra con el rey Don Fernando el Católico, tenia debajo de sus estandartes cincuenta mil caballos, que hoy no hay tantos en toda España y Portugal.» Fol. 97 v.

«Y demas de esto, por los ordenes del Rey Don Fernando, y del Rey D. Manuel de Portugal, salieron de España ciento y veynte quatro mil familias de Judios, que se juzgava eran ochocientas mil personas, por lo qual Bayareto Gran Turco, sin considerar, ni ahondar el negocio, dijo que se maravillava de la prudencia del Rey Don Fernando, porque se privava de lo que engrandecia y enriquecia los Estados, que era la gente.» Fol. 98.

«Don Dionisio, Rey de Portugal, llamava a los labradores, niervos de la Republica.» Fol. 99.

«De Portugal nace bien el gengibre traydo en la India.» Fol. 99 v.

«Los Romanos embiaron infinitas colonias con cuyas fuerzas sustentaron

grandes guerras. Y siguiendo este exemplo los castellanos y portugueses han fundado diversas colonias en las Indias Orientales y Occidentales y en sus Islas, aunque todos ellos han seguido en esto, mas la necesidad de sus empresas, ni a la razon, ni al exemplo de Romanos, porque las colonias son de poco provecho para la patria, si se llevan a tierras muy remotas, de donde no se puede recebir socorro ni ayuda.» Fol. 104 v.

«Demas desto nunca embiava las colonias sino la gente mala y vil, y mas baja que tenian, que era de embarazo y estorvo para la ciudad; y los Portugueses y Españoles no embian los que les sobra, sino lo que les podria ser de ayuda, y quizá de necesidad, y se sacan, no la sangre corrompida y sobrada, sino parte de la mejor y mas sana, y por esto las Provincias se debilitan mucho.» Fol. 105.

«Juan Galeazo Vizconte solia decir que no avia en el mundo mas noble mercaderia que aquella con la qual se ganan y traen a su servicio los hõbres excelentes: y por esto no mirava en dinero adonde se atravessava llevar a su servicio hombres de todas naciones, y esto se hace de muchas maneras. La mas ordinaria es levantar gente estrangera para servirse en la guerra, y aliende desta se conduze tambien los hombres para poblar la tierra y tambien se levantan para cultivar la tierra, como el Rey Don Juan III de Portugal, que llevó algunos alemanes para labrar la tierra, para enriquecerse con sus hechuras y trabajos.» Fol. 106 v.

«Ludovico decimo, Rey de Francia, tomó en prendas el condado de Ruysellon, del Rey Don Juan de Aragon, por quatrocientos mil ducados, y despues lo volvió sin nada Carlos octavo al Rey Don Fernando el Catolico; y los Florentinos tomaron em prendas el Burgo de Sansepulcro de Eugenio Papa quarto, por veynte y cinco mil ducados. Y Don Juan tercero, Rey de Portugal, las Islas Molucas, del Emperador Don Carlos V, por trescientos y cincuenta mil escudos.» Fol. 107.

«Tambien son buenos para enriquecer de lo ageno, los parentescos y los matrimonios, porque se gana el amor de los Princepes, se adquieren derechos y pretensiones importantes. Tarquinio Superbo notablemente acrecentó sus fuerzas con casar á una hija con Octavio Mamilio, hombre de gran autoridad con los Latinos... Felippe Maria Vizconte recuperó el Estado, que los Capitanes de su padre avian usurpado, y dividido entre ellos, con quatrocientos mil ducados, que le dió de dote Beatriz de Tenda... Y en nuestros tiempos Don Felipe, que ha heredado a Portugal, y lo que le pertenece, que es mucho, por causa de doña Isabel, su madre.» Fol. 108.

«Es muy ordinaria manera de enriquecer de lo ageno la mercancia: pero porque esta es cosa mas conveniente para hombres particulares que para Principes, no será fuera de proposito ver en que casos será bien que el Principe la exercite, los quales son tres. El primero, quando el hazienda de los particulares, no basta para mantener el comercio ó por gasto excessivo, ó por respecto de los enemigos, ó por otras razones semejantes. Y desta manera los Reyes de Portugal han adquirido con grandes armadas y con gloriosas vitorias, sustentado el co-

mercio de Ethiopia y de la India, y no es cosa descoveniente para un Rey, empreza ninguna, en la qual se requieren fuerzas de Rey.» Fol. 110 v.

«Homar, que seguia a Mahometo, porque prometió libertad a los esclavos, le acudieron infinitos: y por la necesidad que los Portugueses tienen de gente, embian cada año sus carabelas carregadas de mercaderias a los puertos de Guinea, y en trueco de sus mercancias traen muchos esclavos, que llevan para trabajar en los ingenios del azucar, y para cultivar la tierra en el Brazil y otras partes de su dominio, y muchos venden a Castellanos, que se sirven de ellos para el mismo effecto.» Fol. 111.

«Los Portugueses, que en su tierra han mostrado tan poco valor, en la India contra los Mamelucos, Turcos y Persianos, han hecho cosas maravillosas y ganado el Imperio del Oceano, con los riquisimos Estados de Ormuz, Diu, Goa, Malaca, y Maluc, porque hallando-se esta nacion tan lexos de su patria, pelean sin esperanza de remedio.» Fol. 122.

«Y esta ha sido cierto grandisima falta de los Castellanos, porque aviendo hecho cosas muy dignas de memoria, corrido tantos mares, descubierto tantas Islas, y tierras firmes, y sugetado tantas Provincias, no se les ha dado nada que estas emprezas, que con mucho sobrepujan a los de los Gregos y de Alexandro Magno, se escreviesen por personas que lo supiesen hacer. En lo qual, como en otras cosas han tenido mas dicha los Portugueses, porque han tenido muchos, que en la lengua Latina, y en la Portuguesa han sacado a luz sus hazañas, y nuevamente las ha escrito el padre Juan Pedro Mafeo, de la Compañia de Jesus, con tanta elegancia, que no puede ser bastantemente loado de persona menos eloquente de lo que lo es el.» Fol. 126 v.

«Los Portugueses tuvieron en la India dos excelentes Capitanes, Francisco de Almeida y Alonso de Albuquerque, los quales tuvieron en las guerras de aquellas partes diferentes opiniones. El Almeyda no se queria ocupar en ganar ciudades, ni provincias, sino atendia con una poderosa armada a hazerse señor del Oceano, y señorear por este camino el trato y comercio, forzando a los mercaderes, y a los señores de los puertos, a que le pagasen tributo, si querian navegar. El Albúquerque, considerando que una tempestad podia anegar el armada, y que no era posible conservar el señorio de la mar, sin fuerzas de tierra, tomó los Reynos de Malaca, Ormuz, la famosa ciudad de Goa, y aviendo hecho en ella un arsenal, y puesto una Colonia de Portugueses, y ayudado todo lo posible la conversion de los infieles, se puede decir que plantó el fundamento del Imperio Portugués en la India: porque si la Provincia de Goa y la misma ciudad no huviera ayudado con las cosas necesarias para sustentar las armadas navales, no se huviera podido conservar en el medio de tan poderosos enemigos.» Fol. 142.

«Una cosa semejante se platica hoy dia en el Brazil, porque viven aquellas gentes por los campos, derramados en cuevas, ó canañas de rama y hojas de arboles: y porque el vivir desta manera parece que es causa que se esten en su groseria de animos y costumbres, y es de gran dificultad para la predicacion

del Evangelio, conversion de los infieles, é instruccion de los que de mano en mano se van convertiendo. Los Portugueses y los Padres de la Compañia de Jesus procuran reduzillos en ciertos logares, adonde viviendo con policia sean mas facilmente dotrinados en la Fé, como se ha hecho en Pernambuc, Piratininga, São Salvador, Puerto Seguro, y otras partes.» Fol. 145.

«... No ha avido jamas ciudad muy famosa, pero si los logares adonde se han recogido los hombres por necesidad, demas de la seguridad, tienen algun emolumento de sustancia, facilmente creceran, de pueblo, de riquezas, y de habitacion: y por esto han crecido muchas ciudades de Levante y de Berberia, con la muchedumbre de los Judios que fueron echados de España y Portugal, y en especial Salonic y Rodas, y en nuestros tiempos han aumentado muchas ciudades de Inglaterra con los rebeldes del Rey Católico que han salido de los Estados de Flandes, especialmente Londres.» Fol. 146.

«Y aunque Ullisinga está en un paso muy necesario para el comercio de Flandes, é Inglaterra y de otras gentes, es chico logar: y por el contrario es grand ciudad Genova y Venecia, porque participan de los extremos, y no solamente sirven de paso pero tambien de Almacen, y lo mismo Lisboa, Amberes y otras.» Fol. 149.

«Y los Portugueses escriven que en alguno, muy grandes llanos de la China, se usan coches con la vela, lo qual ha querido provar alguno, no ha muchos años en España.» Fol. 150.

«Quien negará que las treinta colonias que salieron casi de una cepa de Albalonga, y las muchas que embió Roma no les causasen magnificencia y grandesa? Y que los Portugueses que salieron de Lisboa para cultivar y habitar las islas de los Azores, Cabo Verde, la Madera y las otras, no la hayan engrandecido mucho mas, que sino hubieran salido? «Fol. 156 v.

«Algunas otras ciudades son señoras de otros tratos, y no porque la mercaderia nazca en su tierra, ni se labre en ella, sino porque tienen el señorio de la tierra, ó estan cerca de la mar: como Sevilla, adonde está el trato de las Indias, y Lisboa, adonde acude la especeria de Oriente. Y noventa años ha que casi la misma manera era Venecia, señora de la especeria, porque primero que los Portugueses ocupasen la India, se llevava por el mar Roxo a Suez, y de aqui con las requas de camellos al Cayro, y despues por el Nilo en Alexandria, adonde Venecianos las compravan, y con suas galearas las llevavan a Venecia, y con gran provecho suyo se repartian desde alli por toda a Europa: y agora casi todo este trato se ha buelto a Lisboa, adonde por un nuevo camino, quitando la especiaria de las manos de los Moros y Turcos, la llevan cada año los Portugueses, que la venden a Españoles, Franceses y Ingleses, y a todo el Setentrion. Y este trato es de tanta importancia, que basta el solo para enriquecer a Portugal Fol. 126 v.

«Cantan, que es la mas conocida ciudad, y no es de las mayores, los Portugueses, que de muchos años acá tratan en ella, confiesan que es mayor que Lisboa, que fuera de Paris y de Constantinopla, es la mayor ciudad de Europa.» Fol. 166 v.

«Viqueo dice que es mayor que ella, y Quinqueio, aunque es de las medioeres, pareció a los padres de San Augustin, que la vieron ciudad de setenta mil vecinos; y estas cosas no se deven de tener por increybles, porque demás que las relaciones de Marco Polo afirman cosas mayores, se tienen por verdaderas, por los avisos que se tienen de diversas personas de la nacion portugueza.» Fol. 167.

«Tienen (los Chineses), tanta abundancia de las cosas humanas, que dan mucha parte a otras provincias, especialmente de seda, que para sola la India de Portugal se sacan tres mil quintales al año, y quinze navios se cargan para las Filipinas, y se llevan tambien al Japon, y al Catayo.» Fol. 162 v.

«Francisco Alvarez escrive que aunque en Etiopia es la tierra muy ancha, no ay logar que passe de mil y seiscientos vecinos.» Fol. 168 v.

«Los Reynos de Inglaterra, Napoles, y Portugal, Boemia, los Estados de Flandes, el Ducado de Milan, son Estados casi iguales de grandeza y de poder, y asi han sido casi iguales las ciudades adonde sus Principes han residido, que son Londres, Napoles, Lisboa, Praga, Milan, y Gante; las quales poco mas ó menos tienen cada una ciento y sessenta mil personas; y es verdad que el trato de Etiopia, India y Brazil, causa que Lisboa sea algo mayor que las otras.» Fol. 169 v.

«En el Imperio de Moscovitas hay tres ciudades grandisimas: Valodimeyra, la grand Navaguardia y Moscovia: porque reside en ella el gran duque, tiene cinco millas casi de largo, pero no es ancha: y hay en ella un gran castillo que sirve de palacio Real, y es tan poblada, que algunos la ponen en el numero de las mayores quatro ciudades de Europa, que son esta y Constantinopla, Paris y Lisboa.

«Los pueblos de Guinea venden por su mucha pobreza, sus proprios hijos por poco precio á los Moros, que los llevan a Berberia, y los Portugueses que los llevan a sus Islas, los venden a Castellanos, para el Nuevo Mundo.» Fol. 176.

BOTTERO BENESE.

I capitani con alcuni discorsi curiosi. Cioè relatione de Spagna, dello stato della Chiesa di Piamonte, della Contea de Niza, dell' Isola Taprobana. Saggio discorso de prencipi e capitani illustri; dell' excellenza della monarchia.

De pag. 168 a 170 falla de Portugal.

BOTTEAU (MADEMOISELLE ANNE MARIE ——).

E. *Recueil de Notices historiques sur les femmes remarquables depuis la création jusqu'à nos jours.* Strasbourg. 8.º gr.

Falla de 450 mulheres das mais notaveis, e entre estas tambem de algumas portuguezas, entre as quaes as rainhas D. Maria I e D. Maria II. XVI, 174 pag.

BOUCHARLAT (J. E.).

Le Géant Adamastor, traduction d'un 8e de feuille (pour être joint à la Mort

d'Abel, par le même auteur.) Paris, imprimerie de Bobée, 1819, 2 vol. in 8.º Ao todo 61 folhas.

V. *Journal des Sçavans*, pag. 124.

BOUCHOT (JEAN VENANT ——).—Jesuita francez, missionario no Maduré.

E. *Lettre du P. Bouchet au P. Le Gobien. Efforts des ouvriers évangéliques. Succès croissans.* A Maduré, le 1er décembre 1700.

No *Recueil des Lettres Édifiantes*, e tambem na edição de Paris de 1843, tomo II, pag. 285. Reimpressa pelo P. Bertrand na *Mission du Maduré*. Paris, 1854. Tomo IV. Pag. 61.

Lettre du P. Bouchet, Missionaire de Maduré et Supérieur de la Nouvelle mission de Carnate, à l'ancien évêque d'Avranches. Croyances des Indiens comparées à celles des Hebreux. Ibid., pag. 344 a 353, &c.

BOUCLIER (LE), *d'État et de justice, contre le dessein manifestement découvert de la Monarchie Universelle, sous le vain prétexte des prétentions de la rayne de France.* MDLXVII. In-12. Parece impresso nos Paizes Baixos Austriacos.

Este opusculo que é relativo ás pretensões de D. Antonio á corôa de Portugal, teve em resposta o seguinte:

La Meduse, bouclier de Pallas, ou defance... pour qui concerne le Portugal, traduction du portugais en français, jouxte la copie imprimée à Lisbonne. In-12.

BOUGARD.

The little sea torch or guide for coasting pilots along the coasts of England, Ireland, France, Spain, Portugal, &c. Translated by J. T. Serres. With 32 coloured plates with 147 appearances of head lands and light-houses. In-fol. London, 1801.

BOUHOURS (R. P.)

Vie de Saint François Xavier, Apôtre des Indes et du Japon, par le ——, suivie de l'Éloge de ce Saint, de son petit office et de ses litanies, en latin et en français. Nouvelle édition, augmentée du Précis de la Vie du P. Charles Spinola, et de la Relation du grand Martyre du Japon, en 1622; par le R. P. d'Orléans. Poitiers, chez François-Aimé Barbier, 1839, XI, 504 pag.

O auctor serviu-se dos trabalhos de Turselin, d'Orladin, de Lucena e de Bartoli, e tambem das *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto.

Termina o volume com os seguintes trabalhos:

I. *Éloge de Saint François Xavier;*

II. *Petit Office de Saint François Xavier;*

III. *Précis de la vie du père Charles Spinola, et relation du grand martyre du Japon en 1622.*

BOUHOURS (DOMINIQUE ——).—Litterato francez distincto, natural de Paris, onde nasceu em 1628. Entrou na companhia de Jesus, e falleceu em 1702.

E. *Vie de Saint François Xavier, de la Compagnie de Jésus, Apôtre des Indes et du Japon.* A Paris, chez Sébastien Mabre, Cramoisy, 1682, in-8.º, 634 pag.

—— Conforme a copia de Paris, impressa em Liége chez Guillaume Henri Streel, 1683, in-12, 633 pag.

—— *Nouvelle édition.* Paris, chez Guillot, 1687, in-12, 2 vol.

—— *Nouvelle édition, augmentée de quelques opuscules de pieté, par l'abbé F. X. de T. (François Xavier de Telles).* A Paris et à Liège, chez Desoer, 1788, in-12, 2 vol., 442 pag. e 488 pag.

—— Reimpresso em Avignon, chez Fr. Séguin aîné, 1817, in-12, 2 vol., 306 e 308 pag.

—— Paris, Méquignon, fils aîné, 1813.

—— Liége, Duvivier, 1815, in-12.

—— Avignon, Séguin, 1819, in-12.

—— Paris, 1820, in-12, 2 vol.

—— Lyon, 1820.

—— Lyon, 1821, Boget.

—— Louvain, 1822, Van Linthout et Van de Zande, 8.º

—— *Nouvelle édition, augmentée de la Neuvaine en son honneur et de quelques opuscules de piété, par l'abbé F. X. de T. Alais.* Chez Martin, 1825, in-12, XXIV. 308 e XII, 352 pag.

—— Idem, Paris, *Société Catholique des bons livres,* 1825.

—— *Nouvelle édition, augmentée de quelques opuscules de piété, par Feller.* Paris, Dufour & C.e (Méquignon-Havard), 1826, in 2 vol.

—— *Nouvelle édition, augmentée du Précis de la Vie du Père Charles Spinola et du grand Martyre du Japon en 1622, par le P. P. J. d'Orléans.* Avignon, chez Séguin aîné, 1828, in-12, 2 vol., 306 e 351 pag.

Vita S. Francisci Xaverii, Societatis Jesu, Indiarum et Japoniae Apostoli, a P. Dominico Bouhours, Societatis Jesu, gallice scripta, a P. Petro Python ejusdem Societatis Sacerdote, latine reddita. Monachii, sumptibus Jean. Jacoby Remy, typis Mathiae Riedl, 1712, in-12, 816 pag.

Life of S. Francis Xavier, of the Society of Jesus. Translated from the french of Dominick Bouhours into english, by Dryden. London, 1683, in-8.º

Lebensgeschichte des heiling Apostels von Indien und Japan Franz Xaver von P. Bouhours. Frankfurt am Main, in der Andreaischen Buchandlung. 1830, in-8.º, 535 pag.

Maximes de Saint Ignace avec les sentiments de S. François Xavier. Paris, Sébastien Mabrè Cramoisy, 1683, in-12, 160 pag.

BOULLIAU (ISMAEL ——).— Fallecido em 25 de novembro de 1694. Vein o elogio d'este escriptor no *Journal des Sçavans,* fevereiro de 1695.

Compoz um tratado a favor das igrejas de Portugal que se achavam sem pastor, e que tinham sacudido o jugo de Castella.

O P. Boulliau conclue que os reis de Hespanha e de Portugal são legitimos possuidores do direito que têem na nomeação dos bispos, por isso que o obtiveram com consentimento, pelo menos tacito, do clero e do povo, ao qual pertencia.

Alem d'este tratado, que Mr. Boulliau compoz no ultimo mez do anno de 1649, compoz um outro no mez de março de 1651, nome do rei João IV, para pedir ao clero de França seu conselho e mediação perante a Santa Sé.

BOURDIEC (MIGUEL LE ——). — Reitor de um collegio francez estabelecido em Lisboa.

Elementos da grammatica franceza, por Lhomond, traduzidos por ——. Lisboa. Na Impressão Regia. 1828. 8.º gr., IX, 313 pag.

BOURGEOIS (M. JOLY ——).

E. *Études sur les insectes d'Angola qui si trouvent au Muséum National de Lisbonne.*

Em o n.º 27 do *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, publicado sob os auspicios da academia real das sciencias de Lisboa. (Fevereiro de 1880).

BOUTERWEK (FRED).

History of Spanish Literature. Translated from the original german by Th. Ross. With additional notes by the translator. London, 1847. 450 pag.

Falla de Camões. Como o leitor vê, é uma nova edição.

Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhundersts. Gottingen, 1804. 2 tomos.

1.º XX — 618 pag.

2.º XIV — 412 pag.

BOUTROUE (M. A.)

Portugal. Conferencia de ——, na sociedade de geographia, em sessão de 19 de junho de 1891.

«Minhas senhoras e meus senhores.— Portugal é um dos mais pequenos estados soberanos da Europa, comquanto durante um curto periodo de sua historia tenha sido um dos mais poderosos, e isso graças á sua força de expansão e ás suas descobertas geographicas. Tem uma superficie de 90:000 kilometros quadrados, igual proximamente a quinze departamentos francezes, mas a sua população é apenas de 4.000:000 de habitantes. Se esta fosse tão densa como a população da França, deveria passar um pouco de 6.500:000 habitantes. Ella é geralmente rarefeita, excepto no norte, onde são as provincias mais ricas.

«Vou mostrar-vos o mappa de Portugal. Infelizmente, é um pouco pequeno.

«Ao norte Portugal é separado da Hespanha pelo rio Minho e pela serra do Gerez, que é um prolongamento dos Pyreneus. Um pouco mais abaixo encontra-se a cordilheira chamada Serra da Estrella, que vae de éste a oeste e fórma o prolongamento da aresta mediana da peninsula; o pico mais elevado da Serra da Estrella eleva-se a 2:294 metros. Esta pequena cadeia de montanhas divide a provincia portugueza em duas partes: Beira Alta e Beira Baixa, isto é, planicie alta e planicie baixa, pois que tal é a significação da palavra «beira».

«Ao sul da serra da Estrella estende-se uma vasta planicie em muitos pontos deserta, cortada pelo Tejo e descendo até á pequena cadeia de montanhas que se chama serra de Monchique, cujo mais elevado pincaro não excede a 850 metros. Esta serra de Monchique vae igualmente de leste a oeste; fica a pequena distancia do litoral do Mediterraneo, e limita ao sul a provincia do Alemtejo, que quer dizer: provincia «para lá do Tejo».

«Aquella pequena cadeia de montanhas separa esta provincia do antigo reino

tornado provincia do Algarve, que, apesar de ter sido um reino, é a menor provincia de Portugal.

«Este nome de Algarve é um verdadeiro nome arabe. «El Gharb», que quer dizer «O oeste». Era assim que os arabes designavam Marrocos e este reino na epocha em que reinavam na peninsula. Para elles, vindos do leste, Marrocos e todas estas regiões eram os territorios mais ao oeste; de onde o nome que deram a este paiz. Na epocha em que os arabes eram assim os senhores da peninsula iberica, como tambem no periodo mais curto em que Portugal dominou por seu turno em alguns territorios da costa de Africa, houve dois reinos do Algarve, o Algarve de áquem mar, e o Algarve de alem mar: é por isso que na moeda os reis tomam o titulo de *Rei de Portugal e dos Algarves.*

«Os portuguezes, na epocha em que tinham colonias em Marrocos, chamavam Algarve de áquem mar á actual provincia, e de alem mar ás provincias que possuiam no territorio de Marrocos.

«Esta pequena região do Algarve é protegida dos ventos do norte pela serra de Monchique, de que vos fallei ha pouco, e pertence, com a costa de Andaluzia e da provincia hespanhola de Murcia, á zona europêa dos calores mais torridos. É lá, como na Andaluzia e no antigo reino de Murcia, que faz mais calor na Europa.

«Na provincia do Algarve as cidades são pouco numerosas e em geral situadas á beira mar; são brancas e offerecem um verdadeiro aspecto africano. A sua população foi fortemente influenciada pelo dominio dos arabes, que se prolongou muito mais n'esta região que no resto de Portugal; conservou, por isso, alguma cousa dos costumes arabes. Assim é que, no principio d'este anno, em Faro, capital do Algarve, que é uma cidade situada á beira mar, encontrei nas ruas algumas mulheres que iam veladas; não como as de Constantinopla ou do Cairo, isto é, com *féredjé* preso na fronte e descendo pelo peito, mas sim com um véu arranjado por fórma que não deixava ver nem mesmo os olhos.

«Emfim, a sueste de Portugal, e por conseguinte da Europa, encontra-se o cabo de Sagres, o cabo «Sacrum», dos antigos, no qual se erguia um templo dedicado a Hercules, que era celebre. Um pouco mais longe, a oeste d'este cabo, isto é, no extremo sul-occidental da Europa, está o cabo de S. Vicente, onde o infante D. Henrique, de quem d'aqui a pouco vos fallarei, estabelecêra a sua escola de marinha e de hydrographia.

«O norte de Portugal, por causa das montanhas e das chuvas que estas attrahem, pertence mais á zona da Europa central que á do Mediterraneo; mas o centro e o sul do paiz pertencem já á Africa.

«Em Lisboa a temperatura é branda; raras vezes desce a zero, e este inverno escapámos lá ao intenso frio que reinava no resto da Europa. É verdade que se sente lá frio com 6 ou 7 graus acima de zero, porque não ha fogões nas casas.

«Vou indicar-vos o itinerario que seguimos: fomos de Bordéus a Lisboa por mar, depois fomos a Cintra, a 6 leguas de Lisboa, depois a Thomar, ao norte de Lisboa, d'ahi a Guimarães, ao norte de Portugal, e a Braga, que lhe fica proximo, em seguida fomos ao Porto, sobre o Douro, a Vizeu, na provincia da Beira Alta, de que já fallámos, a Alcobaça, depois ao convento da Batalha, e em seguida a Mafra, na vizinhança do mar e a pequena distancia de Lisboa. Passei depois o Tejo e fui á provincia do Alemtejo, onde visitei a capital, Evora. Descendo mais ao sul, fui a Beja e a Faro, da qual já tive a honra de vos fallar.

«A provincia que se chama Entre-Minho-e-Douro, que é muito bem deno-

minada, porque é limitada ao norte pelo Minho, que a separa de Hespanha, e ao sul pelo Douro, sobre o qual é situado o Porto, e a mais rica e povoada de Portugal. Se a França tivesse a mesma densidade de população que esta provincia, contaria 70.000:000 de habitantes. Assim, a emigração é mui frequente n'esta provincia, que envia para o Brazil todos os annos um grande numero de seus filhos; esta emigração é fructuosa, pois que quasi sempre os emigrados regressam á sua terra com dinheiro nos bolsos. Esta emigração é tão numerosa, que em muitas aldeias não se encontram senão mulheres. É lá que existe o berço da monarchia portugueza, como adiante o veremos.

«Vemos ahi em primeiro logar a velha cidade de Braga, *Bracara Augusta*, como lhe chamavam os romanos, cidade então muito importante, que se achava no extremo de uma estrada romana, e que contém ainda hoje algumas ruinas romanas e muitos marcos milliarios. Braga foi por um momento, no VI seculo, a capital do paiz, na epocha em que os barbaros, suevos e wisigodos, eram senhores do territorio.

«Eis-aqui a cathedral de Braga.

«A leste de Braga encontra-se a pequena cidade de Guimarães, da qual já vos fallei, e que foi no XII seculo, a primitiva capital de Portugal.

«Ao sul e sobre a margem esquerda do Douro, mesmo em frente do Porto, havia um porto com o nome de Porto Calle, e que se chama hoje Villa Nova de Gaia; foi esta pequena villa que deu o nome a Portugal.

«Vou mostrar-vos em que se tornou o antigo Porto Calle. É uma villa prospera, rica, de uns 15:000 habitantes, separada do Porto pelo Douro, de 200 metros de largura: é ali que se concentra o commercio de vinhos do Porto. Visitei ali uma adega, porque deveis saber que os portuguezes e os hespanhoes não guardam os seus vinhos em subterraneos, mas sim em armazens acima do solo. Vi um d'esses armazens que continha cerca de 10.000:000 de francos de vinho do Porto. Por aqui podeis fazer idéa da importancia d'este commercio.

Isto é a photographia do Porto. É nas cercanias do Porto que se colhe, e no Porto que se fabrica o vinho a que os inglezes chamam *Port-wine*; é uma fabricação importantissima: o vinho do Porto não se vende natural, mas sim sempre misturado com uma forte dóse de aguardente. Esta cultura do vinho do Porto não se tornou importante senão a partir de 1703; hoje está quasi completamente nas mãos de algumas casas inglezas; exportam-se annualmente para Inglaterra mais de 50.000:000 de francos de vinho do Porto. Hoje, infelizmente, os vinhos são devastados pela phylloxera; mas, socegae: nem por isso bebereis menos vinho do Porto... mais ou menos authentico.

«A historia ensina-nos que foi do Porto que partiu a iniciativa quando uma ou outra mudança politica se preparava no paiz. Isso provém de ser a população do Porto mais activa, mais movimentada e mais rica do que a das outras provincias de Portugal.

«Aqui vos mostro agora a foz do Douro, a 4 kilometros do Porto.

«Como vêdes, esta cidade é situada no flanco dos escarpados montes que bordam o rio, cujo curso é mui sinuoso. A barra é muito estreita, e um cabedello, que todos os annos augmenta, cada vez a aperta mais, por tal modo que ao presente ella é difficil e quasi perigosa. É por isso que se construiu um novo porto, a 6 kilometros do Porto; é feito com capitaes francezes, e já se gastaram n'elle cerca de 10.000:000 francos; o total da obra deve custar uns 20.000:000.

«Ao sul do Porto temos Coimbra, celebre por sua universidade. Eis-aqui a sua cathedral, bello monumento do XII seculo, que foi successivamente igreja, depois mesquita, e depois outra vez igreja. As muralhas do templo têem ameias.

«Eis-aqui a vista geral de Coimbra. Camões celebrou justamente a belleza dos campos de Coimbra, que são banhados pelo rio Mondego. Vêem-se ali pomares de laranjeiras, casas de campo e um jardim botanico com plantas tropicaes.

«Depois de Guimarães foi Coimbra a capital até 1385, epocha em que Lisboa a substituiu.

«Em frente de Coimbra encontra-se a Quinta das Lagrimas; é um pequeno territorio banhado por uma fonte fresca e assombreada por arvores magnificas; é ali que foi assassinada Ignez de Castro em 1355. É este um dos episodios mais commoventes da historia de Portugal, e que foi cantado por Camões nos mais bellos versos; peço-vos licença para vol-o recordar n'algumas palavras, e despojando-o da magnificencia da poesia de Camões.

«O infante D. Pedro, filho do rei Affonso IV, havia desposado secretamente após a morte de sua primeira mulher, uma joven da nobreza portugueza, Ignez de Castro. Isto despertou a inveja dos outros fidalgos portuguezes e a colera do rei, o qual não quiz auctorisar nem reconhecer este casamento, que reputava desigual, ordenando, por isso, a morte de Ignez, que foi assassinada entre os braços dos filhinhos. Dois annos depois, em 1357, havendo fallecido Affonso IV, seu filho subiu ao throno. Cognominaram-no D. Pedro, o *Justiceiro*. Tirou ruidosa vingança dos assassinos de sua mulher; fez exhumar o cadaver d'esta em Coimbra, e fel-o transportar, de corôa na cabeça a hombros de homens, no meio de archotes accêsos e rodeado de toda a sua côrte, a 25 leguas d'alli, ao mosteiro de Alcobaça, que de aqui a pouco veremos, e fez-lhe erigir este monumento.

«Este tumulo é formosissimo. É um monumento do meado do seculo XIV. Ignez está deitada sobre a tampa do sarcophago. Este é precioso sob o ponto de vista iconographico, considerando que a estatua foi esculpida á vista do rei, que de certo exigiu a mais perfeita similhança. Defronte d'esta estatua vê-se o tumulo do proprio rei; este não quiz collocal-o ao lado do de Ignez, porque desejou que no dia do juizo final, quando soasse a trombeta, elle podesse ao erguer-se, ver primeiro que tudo o rosto d'aquella que tanto amára. *(Applausos.)*

«Abaixo de Coimbra acha-se Lisboa, que, a acreditar na lenda, foi fundada pelo sabio Ulysses, cujo nome se descobre, — difficilmente, é certo —, no de Olysippo, que era dantes o da capital de Portugal.

«Lisboa só veiu a ser, como vos disse, capital do reino depois de Coimbra, em 1385. No tempo de seu maior esplendor, no seculo XVI, tinha ella uma população dupla da que tem hoje (?), isto é, cerca de 500:000 habitantes. As ruas são extremamente ingremes, porque a cidade é construida ao longo de uma collina bastante escarpada. Lisboa é muito extensa de leste a oeste, mas pouco de norte a sul. Hoje a população de Lisboa é de 270:000 habitantes. Como sabeis, a cidade é situada na margem direita do Tejo, e ao chegar-se lá por mar, tem-se uma vista esplendida, que se parece um pouco á de Stamboul, visto da Corne d'Or ou de Pera; mas Lisboa é um Stamboul sem mirantes.

«O Tejo, em frente de Lisboa tem uma largura de 1:000 a 1:500 metros, e a cidade toda um desenvolvimento de 15 kilometros de éste a oeste, isto é, desde a torre de Belem, que d'aqui a pouco veremos, até ao extremo oriente da cidade.

«Os mais antigos habitantes de Portugal foram os celtas e os iberos. In-

fluenciaram pouco os gregos, os phenicios e os carthaginezes, os quaes não tinham estabelecimentos no interior do paiz. Pelo contrario, foi muito mais consideravel a influencia exercida sobre elles por parte dos romanos, que lhes impozeram sua lingua, sua fórma de governo e suas leis. Elles tiveram um heroe nacional, uma especie de Vercingetorix, Viriato, que combateu heroicamente para se eximir á dominação romana, de tal fórma que os romanos, para se desembaraçarem d'elle, se viram obrigados a mandal-o assassinar por dois de seus logar-tenentes, que se lhes venderam.

«Um seculo antes de Jesus Christo, Sertorio, revoltado contra a sua nação, refugiou-se em Portugal, e resistiu por onze annos aos exercitos romanos de Metello e Pompeu. Attribue-se-lhe a construcção do templo de Evora, de cujas ruinas vos apresento uma photographia. É um templo que não remonta a epocha tão antiga como a de Sertorio. As columnas são corinthias; é claro que as ameias que aqui se vêem, não foram construidas pelos romanos. Em summa, a obra é bastante notavel porque chegou até nós, mas está longe de se poder comparar com os bellos monumentos que ha em Roma, na Italia e mesmo no sul da França.

«No anno 68 depois de Jesus Christo, Othão era questor na Lusitania, quando foi chamado ao imperio por seus soldados; deixou o paiz a fim de ir para Roma, e foi imperador apenas tres annos.

«Os antigos chamavam a Portugal Lusitania, mas a provincia romana da Lusitania não coincidia exactamente com o Portugal actual; não comprehendia as provincias do norte de Portugal; a de Entre-Minho-e-Douro, designadamente, dependia de uma outra provincia romana, que se chamava Tarragonesia. Em compensação, a Lusitania romana estendia-se muito mais para leste, e tinha por capital uma cidade que os romanos chamavam Emerita Augusta, e que pertence hoje á Hespanha, Mérida, onde estão as mais bellas ruinas romanas que se encontram na peninsula iberica.

«Após a quéda do imperio romano, Portugal foi invadido pelos barbaros, suevos e wisigodos, que ali se estabeleceram durante muitos seculos; depois foi fortemente influenciado pelos musulmanos provenientes de differentes regiões, Bagdad, Syria, Egypto, Numidia, Marrocos, os quaes se mantiveram menos tempo em Portugal que em Hespanha. Já quasi não restam ruinas arabes em Portugal; quasi todas foram destruidas, bem como as ruinas romanas, por um sentimento de perseguição religiosa que se exerceu absurdamente até nos monumentos. Comtudo, eis-aqui as ruinas de um castello arabe que se encontram em Cintra, a 6 leguas de Lisboa.

«Em 1195 nasceu em Lisboa Santo Antonio de Padua, que, comquanto morresse na idade de trinta e seis annos, foi de certo uma das grandes figuras do seculo XIII.

«Os judeus, que os hespanhoes haviam expulsado do seu paiz, refugiaram-se em Portugal, e muitos converteram-se, mas a sua conversão não foi em geral sincera; eram conhecidos pelo nome de christãos novos. Essa conversão não os poz ao abrigo da perseguição; foram expulsos em massa no seculo XVI, e levaram então para França, Inglaterra, Hollanda e para diversas regiões do Oriente, a sua industria, o seu commercio e o seu espirito de iniciativa e de especulação.

«Ha por toda a parte judeus portuguezes; têem um rito especial, e em Paris ha uma synagoga affecta a esse rito. Eu não sou forte em theologia israelita, mas creio que elles pretendem não ter tomado parte na paixão de Nosso Senhor Jesus

Christo, e que estavam estabelecidos em Portugal antes da morte de Christo. Encontram-se d'esses judeus em Constantinopla, no Egypto, em Amsterdam, onde são numerosissimos. Quando foram expulsos de Portugal, os judeus eram os escriptores, os medicos, os lojistas, os grandes exploradores do paiz. Spinosa, o grande philosopho hollandez, era originario de uma familia de judeus portuguezes, e sob o nome de Pereira, não é difficil reconhecer uma das familias mais ricas do Paris actual.

«No seculo XVI Portugal importou de Africa um grande numero de negros que só mais tarde foram transportados para a America; de modo que no seculo passado a quinta parte da população de Lisboa era composta de pretos.

«A mistura de todos estes elementos não produziu uma raça formosa; é deveras delicado para se exprimir, mas devemos constatar que, salvo honrosas excepções, as portuguezas não têem a pretensão de rivalisar, no que respeita a belleza, com as suas vizinhas de Andaluzia, que Alfredo de Musset cantou.

«Far-se-ia um estudo interessantissimo ácerca das influencias exercidas pelos estrangeiros em Portugal. Vou citar-vos algumas. No seculo VI de nossa era, um rei suevo, Theodomiro, que occupava o paiz, tendo abjurado o arianismo pelo christianismo, obteve uma reliquia do corpo de S. Martinho de Tours, e mandou construir a toda a pressa na cidade do Porto uma egreja para encerrar essa reliquia. Esta igreja existe ainda; foi reconstruida no seculo X, e é um dos monumentos mais antigos de Portugal: chama-se «Cedofeita». Sob este nome escondem-se duas palavras latinas: «cito facta», que querem dizer a igreja «feita de pressa», tanta foi a pressa que teve o novo proselyto em edificar esta igreja para receber as reliquias do santo.

«Eis-aqui outro exemplo da influencia estrangeira. Até ao seculo XII os destinos de Portugal e de Hespanha estiveram reunidos sob o mesmo sceptro; mas em 1095 o conde Henrique, filho do duque de Borgonha, desposou a filha do rei de Leão e recebeu como apanagio a actual provincia do Douro. Tomou o titulo de conde de Porto Calle, d'aquella pequena villa cuja photographia vos mostrei, e que se acha em frente do Porto, e de cujo nome se fez o de Portugal. É verdade que outros etymologistas querem ver n'esta palavra o Portus-Gallorum, o porto dos francos, mas esta etymologia é mais do que duvidosa. O conde Henrique estabeleceu a sua pequena côrte em Guimarães, no norte de Portugal e a pequena distancia de Braga, e ahi jaz sepultado.

«Seu filho, o rei D. Affonso Henriques, foi o primeiro rei de Portugal. Tinha elle grande tarefa a desempenhar: todo o paiz ao sul do Douro estava occupado pelos arabes; tinha de conquistar o seu reino. Ficou vencedor n'uma grande batalha onde houve centenas de milhares de combatentes, nos campos de Ourique, para alem do Tejo, e em 1147 o novo rei expulsou os mouros de Santarem, pequena cidade que fica ao nordeste de Lisboa. Quiz então construir um mosteiro, e, lembrando-se que era de origem franceza, pediu a S. Bernardo, que acabava de prégar em França, em Vezelay, perto de Nevers, a segunda cruzada, que lhe enviasse monges. N'aquella epocha os padres e os monges eram quem tinham todas as luzes; eram elles os sabios e os artistas da epocha.

S. Bernardo enviou os monges, que construiram o convento e a igreja de Alcobaça, um dos mais bellos monumentos de Portugal. Assim, como vêdes, a primeira dynastia é uma dynastia franceza, e o seu primeiro monumento é de estylo francez. Eis-aqui o mosteiro de Alcobaça. Este convento foi o maior da

Europa e do mundo: foi construido para conter 999 frades, e um auctor disse que a igreja era uma basilica, a sacristia uma igreja e os claustros cidades.

«Agora está bastante arruinado, e os claustros transformaram-se em quartel. A parte que vêdes, a excepção do muro acastellado da igreja, não remonta a Affonso Henriques; as torres foram reconstruidas no seculo XVII, e este claustro é do seculo XIII, quer dizer, cem annos posterior á construcção da igreja. Tenho pena de não vos poder mostrar o interior do templo, que é de um estylo mui puro; mas aqui está um outro claustro que é da epocha da construcção do convento. É architectura franceza do seculo XII, a mesma que vemos no nosso paiz, da mesma epocha.

«Eis ainda outro exemplo da influencia estrangeira em Portugal. Saltemos dois seculos. Em 1383 morre o rei D. Fernando, e, não deixando descendente masculino legitimo, o rei de Hespanha, seu genro, invade o paiz e quer fazer-se acclamar rei. Conheceis o odio que existe entre portuguezes e hespanhoes: os portuguezes não querem ouvir fallar de dominação hespanhola e valem-se de um filho natural do fallecido rei, o Mestre de Aviz, isto é, o chefe de uma ordem religiosa e militar, cuja principal séde era em Aviz, pequena villa de Portugal. O chefe de Aviz foi um verdadeiro heroe: combateu contra os hespanhoes e alcançou sobre elles, com um numero de soldados muito inferior, uma grande victoria em Aljubarrota. Em recordação d'esta victoria fez erigir um mosteiro magnifico, a que deu o nome de «mosteiro da Batalha», e que é extremamente celebre. Este mosteiro parece-se no estylo com o gothico inglez e com o gothico francez: a explicação d'isto é muito simples: a rainha, mulher do Mestre de Aviz, que fôra acclamado rei, — apresso-me em vol-o dizer —, com o nome de João I, e que foi um dos grandes reis do paiz, a rainha era uma princeza ingleza. Mandára vir artistas do norte; eis o que explica a influencia septentrional que se nota n'este monumento.

«Vamos agora ver a fachada da igreja da Batalha. Eil-a. Este monumento foi construido de 1388 a 1416; é gothico francez do fim do seculo XIV, não sendo, por conseguinte, da epocha mais bella, nem por conseguinte comparavel ao nosso gothico do seculo XIII de Reims, d'Amiens ou de Nôtre-Dame de Paris; é o inicio do gothico florido.

«Eis-aqui o tumulo do fundador, o rei João I, n'uma capella da igreja da Batalha. Este monumento funerario é extremamente precioso, especialmente sob o ponto de vista iconographico, porquanto estas duas estatuas deitadas são o retrato fiel do rei e de sua mulher, Philippa de Lencastre. Vêem-se ali as divisas do rei e da rainha; a d'esta é, como era natural, *Honni soit qui mal y pense*; quanto ao rei, tinha duas divisas: *Il me plait*, e a outra em portuguez: *Por bem*. A circumstancia em que elle tomou esta ultima divisa é que é muito analoga áquella em que o rei Eduardo III de Inglaterra, avó da rainha Philippa de Lencastre, tomára a sua divisa: *Honni soit qui mal y pense*. Um dia a rainha surprehendeu seu marido em conversação com uma das suas damas de honor, e o rei disse-lhe «Por bem», para bem.

«Estamos, porém, chegados a epocha mais gloriosa de Portugal. Na navegação os portuguezes seguiram os pisões, os genovezes e os venezianos, que foram os grandes navegadores da idade media, e supplantaram-os mesmo quando deixaram a navegação costeira e se arriscaram no alto mar. Precederam os hespanhoes na navegação, e não foram talvez antecedidos senão pelos nossos bravos

marinheiros de Dieppe, que desde o seculo XIV haviam descoberto de novo as ilhas Afortunadas, hoje ilhas Canarias, e que tinham já n'essa epocha estabelecimentos na costa occidental de Africa. Infelizmente, porém, os marinheiros de Dieppe inauguraram uma obra esteril e que não teve para elles os mesmos resultados das descobertas dos portuguezes.

«Em 1420, isto é, setenta e dois annos antes de Christovão Colombo descobrir a America, o infante D. Henrique, *o Navegador*, quarto filho do rei João I, cujo monumento funerario acabaes de ver, installava no cabo de S. Vicente, na ponta sudoeste da Europa, que vos mostrei ha pouco, uma escola maritima e hydrographica dirigida por Jacome de Maiorca. N'aquelle tempo os habitantes das ilhas Baleares, e especialmente os maiorquenses, gosavam de grande reputação como navegadores. O infante D. Henrique cerca-se de sabios e de marinheiros; faz levantar cartas, e envia arrojados capitães á descoberta. Em 1420 descobre-se a ilha de Porto Santo, um pouco mais tarde a da Madeira, depois os Açores, e cabo Bojador em Marrocos, e em seguida o reino de Angola, que pertence ainda hoje a Portugal.

«Em 1486 Bartholomeu Dias descobre o cabo das Tormentas, ao qual o rei João II dá o nome de Cabo da Boa Esperança.

«Eis-aqui está o tumulo do infante D. Henrique, *o Navegador*, que jaz sepultado, como seu pae, na capella dos fundadores, no convento da Batalha. Rodeiam-no seus tres irmãos, que não reinaram, e cada um dos quatro infantes tem uma divisa gravada no seu monumento: todas essas divisas são francezas. A do infante D. Henrique é: «*Talent de bien faire.*» *Talent*, n'aquella epocha, queria dizer «desejo».

«Finalmente, no reinado de D. Manuel, a 8 de julho de 1497, após uma noite passada em lagrimas e em orações n'uma pequena capella situada perto de Lisboa, n'uma praia denominada praia das Lagrimas (?), embarca Vasco da Gama; este regressa dois annos mais tarde, a 29 de julho de 1499. Descobrira o caminho maritimo para a India. Até então passava-se pela Asia Menor, Persia, etc., para ir á India. Vasco da Gama dobrára o Cabo da Boa Esperança, que já o tinha sido por Bartholomeu Dias; tocára na costa oriental de Africa, no reino de Moçambique, que pertence ainda hoje a Portugal.

«Atravessára o mar que se estende entre a costa oriental de Africa e a India, e aportára a Calicut.

«Em 1500, um outro portuguez, Cabral, descobriu o Brazil. Foi, emfim, outro portuguez, Magalhães, que em 1519 emprehendeu, ainda que sob o pavilhão hespanhol, a primeira viagem á volta do mundo. Esse pereceu no decurso da sua viagem, mas seus companheiros concluiram-na depois de sua morte.

«Falta-me o tempo para vos narrar todas estas descobertas feitas por tão audazes navegadores, e do poderio que ellas deram a Portugal, bem como para vos fallar das vastas possessões que Portugal tinha em Africa, na Asia, nas ilhas da Polynesia e no extremo Oriente. Similhantes conquistas eram do dominio da epopeia; era preciso um Camões para as cantar, e Camões era com certeza de pulso para isso. Como sabeis, elle escreveu o poema *Os Lusiadas*, cujo nome vem de um heroe lendario, Luso, que os portuguezes pretendem ser o pae da sua raça. Sabeis, tambem, que n'aquelle poema cantou Camões a descoberta da India por Vasco da Gama, e que podia fallar com conhecimento de causa, porquanto, depois de ter combatido em Marrocos e de ahi ter perdido um olho, fôra mandado

para a India, ali vivêra alguns annos, e depois, por causa de uns versos que desagradaram, fôra desterrado pelo vice-rei da India portugueza, que governava em Goa. Camões vagueou pelas ilhas Molucas, pelas da Sonda, pela China, residindo em Macau, e, ao regressar da China, naufragou no cabo de S. Thiago, em frente de uma terra que hoje é franceza, perto da Cochinchina-Saignon. Sabeis tambem que a tradição diz que elle se salvou a nado, levando na mão as folhas do seu poema.

«N'essa epocha as possessões portuguezas tinham um litoral de um desenvolvimento muito mais consideravel que a superficie do territorio propriamente dito. Estas descobertas geographicas exerceram uma influencia consideravel sobre a arte em Portugal, e crearam mesmo a unica arte portugueza verdadeiramente original: é o que se chama o estylo manuelino, do nome do rei D. Manuel, em cujo reinado foram construidos os monumentos d'esse estylo. Eis-aqui uma amostra d'essa arte; é o portico da igreja de Belem, edificada no sitio da pequena capella em que Vasco da Gama e seus companheiros passaram a noite antes de embarcarem para a descoberta da India. Entre as duas portas vê-se uma estatua de pedra: é a do infante D. Henrique, de que vos fallei ha pouco.

«Foi posta ali por el-rei D. Manuel, que fôra, depois do infante D. Henrique, grão-mestre da ordem de Christo, ordem religiosa e militar poderosissima, e cujos recursos tinham permittido ao infante o dirigir as grandes descobertas do seculo XV. Esta arte manuelina é um composto de gothico florido e de Renascença, com algumas reminiscencias do estylo arabe e indiano; mas o que lhe é peculiar é que n'elle os motivos de decoração são tirados dos instrumentos de navegação, das espheras, do cordame das embarcações; ali se vêem ancoras, conchas, arvores da India, coqueiros, etc.

«A prosperidade que Portugal deveu a estas grandes descobertas não foi de grande duração. Em 1580 o rei D. Sebastião caia morto no campo de batalha em Marrocos; não tinha filhos, e póde dizer-se que a fortuna do seu paiz sossobrava com elle. Portugal passou para o jugo hespanhol; e que jugo! o de Philippe II. Os portuguezes não sacudiram esse jugo senão em 1640, na epocha do advento de D. João IV, chefe da casa de Bragança, que reina ainda hoje. A este periodo, durante o qual os hespanhoes estiveram senhores de Portugal, chamam os portuguezes o captiveiro de sessenta annos, em recordação do captiveiro de Babylonia. É d'elle que data a sua rapida decadencia.

«No seculo passado, no 1.º de novembro, dia de Todos os Santos, ás nove horas da manhã, quando todas as igrejas estavam cheias de gente, um horroroso terremoto arrasou n'alguns segundos a maior parte de Lisboa, fazendo um grande numero de victimas, 15 a 20:000, alguns vão mesmo até 40:000. Por felicidade havia então um grande ministro, o marquez de Pombal, que, com indomavel energia, pôz um dique á pilhagem, fazendo erguer a forca mesmo no meio das ruinas.

«Eis-aqui as ruinas de uma igreja destruida pelo terremoto de 1755; é n'ella que está hoje installado o museu archeologico de Lisboa.

«No principio d'este seculo Portugal foi theatro de acontecimentos importantes; foi lá que os inglezes organisaram a resistencia contra Napoleão I. Wellington desembarcou em Portugal em 1808, e, unindo-se aos portuguezes e hespanhoes, não lhe foi difficil bater os logar-tenentes de Napoleão, que lhes tirava a maior parte de seus soldados, a fim de os enviar para a Russia. Foi por aqui que principiaram os desastres que trouxeram os alliados a Paris em 1815.

«O auxilio que a Inglaterra dava ao povo portuguez não era desinteressado; esse auxilio serviu-lhe de pretexto para se arvorar quasi em suzerana e protectora: frequentes vezes mais tarde abusou de seu papel, e Portugal ainda não conseguiu emancipar-se completamente d'esta pesada protecção.

«Devo, infelizmente, reconhecer que os nossos soldados durante esta campanha da peninsula commetteram em Portugal excessos mui lamentaveis contra os monumentos, e comtudo ser-me-ia quasi desculpavel o passar isso em silencio, em presença da insistencia e do prazer com que nos guias inglezes se faz a narração, muitas vezes exagerada, dos actos de vandalismo commettidos pelos nossos exercitos em Portugal.

«Ha entre os portuguezes e hespanhoes um contraste e uma antipathia que vão muitas vezes até ao odio e ao desprezo.

«O portuguez não é alegre, apesar da canção, que cuidou mais da rima que da rasão. Possue antes um caracter reflectido e grave; é mansо, é honesto, é intelligente. Posso citar-vos numerosas provas da brandura do seu caracter. Por exemplo: em Portugal os habitantes não jogam a navalhada com a mesma vivacidade, com a mesma impetuosidade que em Hespanha.

«Em Portugal ha corridas de touros, mas os animaes são embolados, e não se mata o touro. Não ha salteadores, e ha vinte annos que os portuguezes poderam abolir a pena de morte, sem que esta abolição tenha sido causa de recrudescencia de crimes. Os portuguezes são honestos, de relações faceis e agradaveis. Em Portugal não ha preços falsos. Nos cafés, nos caminhos de ferro, nos omnibus, nenhuma tentativa se faz para explorar o estrangeiro, para lhe fazer pagar mais caro do que se fosse indigena, o que nem sempre acontece entre os seus vizinhos da peninsula. São intelligentes, aprendem facilmente as linguas vivas, e especialmente o francez, que se falla muito mais em Portugal que em Hespanha.

«Que lhes falta, pois? Falta-lhes o gosto pelo trabalho; estragaram-lh'o os escravos que elles trouxeram de Africa e que faziam todo o trabalho material; o oiro do Brazil e as especiarias da India, que os enriqueciam tão depressa; não comprehenderam a necessidade da lei do trabalho. Para nos dar uma idéa d'isto não posso fazer melhor que ler-vos algumas linhas de Edgard Quinet, escriptas em 1857. Ha n'ellas um certo exagero, mas o fundo é verdadeiro. Edgard Quinet diz:

«Retirado detrás de gelosias de grades estreitas, o povo permanece invisivel; «conservou de suas longas viagens, de sua soberania, e sobretudo do seu com«mercio de escravos, um horror invencivel por tudo quanto pareça trabalho «servil. 30:000 gallegos são os unicos que em Lisboa consentem em deshonrar-se servindo-se publicamente dos braços.»

«Alem d'isto falta-lhes o espirito de iniciativa. Têem escriptores, poetas, oradores, mas faltam-lhes pensadores ousados, sabios, artistas originaes, engenheiros emprehendedores. Não desconheço que a fé que animava os navegadores e conquistadores dos seculos XV e XVI lhes fez produzir grandes feitos; mais tarde, porém, a independencia do pensamento foi morta pelas perseguições religiosas. A inquisição, muito mais terrivel lá do que em França, expulsou os mouros que continuavam a residir no paiz, os judeus e os christãos novos; perseguiu, exilou, envenenou, queimou os philosophos, os espiritos ousados, os livre-pensadores, e, por uma especie de selecção artificial, os portuguezes são filhos de homens que foram obrigados a pensar todos a mesma cousa e a seguir os caminhos trilhados.

«Assim, d'esta rapida revista dos destinos de Portugal resulta uma grande lição de tolerancia, de onde resulta que o espirito de opposição, de contradicção, de livre exame e de livre investigação no campo religioso, politico, philosophico e scientifico não se extingue impunemente, e que uma das vantagens da liberdade é permittir a um povo o gosar de todos os recursos intellectuaes que possue.

«Esta ausencia de iniciativa no seu caracter, explica a facilidade com que os portuguezes soffreram a influencia estrangeira, e com que adoptaram tão facilmente as fórmas artisticas que os artistas estrangeiros lhes levaram.

«Quereis que vos diga algumas palavras ácerca da lingua portugueza? Procede ella do latim, com o qual se parece muito. Approxima-se igualmente do hespanhol pelos radicaes da construcção grammatical, mas differe profundamente d'elle pela pronuncia. Tão facil é de comprehender quando se lê, quão difficil para fallar e ouvir. Em portuguez ha uma serie de sons mudos, de vogaes que se não pronunciam. Esta lingua, tão bella no papel, onde se vêem tantos *oo*, tantos *aa*, tantos sons em *os* e em *as* não os faz resoar. Ha letras sibilantes, sons nasaes, abuso do *ch*: em vez de dizerem Martin *(Martan)*, os portuguezes dizem *Martinsch*. Não têem os sons gutturaes nem o jota, *j*, dos hespanhoes.

«Disse-se que Henrique de Borgonha importara comsigo as regras de pronuncia franceza: isto é de todo o ponto inverosimil e eu não o creio. Comtudo, é certo que entre os sons da lingua portugueza se encontram sons da nossa lingua, mas não os mais bellos, e taes como o *e* mudo e as nasaes em *in*, *en*, *on*. Em summa, uma lingua meridional, mas que não tem a harmonia nem o numero da italiana ou da hespanhola. Camoens pronuncia-se *Camoench*; o mosteiro de Belem, contracção de Bethlem, do qual veremos d'aqui a pouco as photographias, pronuncia-se *B'lin*; isto não é muito euphonico, e comtudo não impediu os portuguezes de terem a rara boa fortuna, dada a poucos povos da Europa moderna, de possuirem um poeta epico, Camões, isto é, um homem cujo elevado genio póde tratar um vasto assumpto, e soube embellezal-o por arrojadas e potentes imagens e por expressões plasticas que fallam vivamente ao espirito e á imaginação.

«Tenho pressa de vos mostrar alguns sitios e monumentos de Portugal; entretanto, e antes de fazer desfilar perante vós essas photographias, peço licença para fazer algumas observações ácerca da arte portugueza.

«Em Portugal, mais do que em qualquer outra parte, póde-se dizer que os monumentos referem a historia do paiz: quasi todos elles foram construidos em memoria de grandes acontecimentos. Vistes a prova d'isto com os conventos de Alcobaça e da Batalha, que recordam victorias sobre os arabes e sobre os hespanhoes; vereis ainda outros exemplos. Depois, sendo Portugal uma nação mui catholica, que teve de luctar contra os mouros e contra os judeus, e que estava sujeita a um poder sacerdotal mui severo, não vos surprehendereis sabendo que seus principaes monumentos pertencem á architectura religiosa. Outro tanto succede no resto da Europa, mas em Portugal da-se a particularidade de serem os monumentos religiosos principalmente conventos, e conventos enormes, que possuiam avultados recursos e chegavam a comportar 999 frades, como em Alcobaça, onde a cozinha do convento é gigantesca. Passa por ella um ribeiro de agua corrente, para n'elle se lavar a baixella: isto mostra quantas bôcas ali comiam. Alem dos conventos de que ja fallamos, devo ainda citar os de Thomar, Belem, Mafra e Bussaco.

«Finalmente, muitos d'estes monumentos foram construidos por artistas estrangeiros; francezes, italianos, allemães, inglezes, e n'elles se encontram mais de uma vez os traços da nossa architectura franceza da idade media.

«Eis-aqui o castello de Beja. Esta cidade fica perto do Algarve, ao sul de Portugal. É um monumento levantado pelo rei D. Diniz, no seculo XIII, e no estylo francez: póde ser comparado aos nossos monumentos de architectura militar da mesma epocha.

«Aqui está agora a vista geral do convento da Batalha. Já vos mostrei a fachada principal; este convento contém edificações de duas epochas. Até á parte que está por acabar, todo o lado esquerdo foi construido pelo rei João I; o lado direito foi continuado por D. Manuel, mas não chegou a ser acabado: é a obra prima da architectura manuelina; chamam-lhe capella imperfeita e é extremamente celebre. A parte concebida pelo rei João I remonta a fins do seculo XIV e principios do XV, ao passo que a capella imperfeita é do começo do seculo XVI, quero dizer, é posterior uns cem annos á primeira.

«Eis-aqui o interior da capella imperfeita; esta capella era destinada pelo rei D. Manuel a conter o seu tumulo; podeis talvez distinguir as armas, repetidas á saciedade, d'este protector dos navegadores; consistem n'uma esphera armillar, isto é, cortada por um circulo maximo no plano da elliptica.

«Aqui tendes a torre de Belem. É um singular monumento, que produz no estrangeiro, ao chegar por mar, um effeito maravilhoso: é o primeiro monumento que se lhe depara ao entrar no Tejo. Está situada a 6 kilometros da foz do rio e a 5 kilometros de Lisboa. Pára-se diante d'ella, e é d'ahi que se recebe a visita da saude. Este monumento foi construido por D. João II e pelo rei D. Manuel, que lhe succedeu; é um mixto singular dos estylos gothico, bysantino, arabe e renascimento, e exprime bem o sentimento predominante nos portuguezes no tempo em que foi construida como para dominar o mar. Podeis ver n'ella a cruz da ordem de Christo, á qual pertenciam os infantes de Portugal, e da qual eram muitas vezes grão mestres.

«Peço-vos de novo licença para citar algumas linhas que Edgard Quinet consagrou a este monumento. Edgard Quinet foi, como nós, por mar a Portugal.

«No dia seguinte, diz elle, entrámos no Tejo. As collinas, arredondando-se «ao longe, formavam uma concha immensa onde a cidade se desenrola em espiraes «nacaradas até aos cimos.

«Eu procurava com a vista algum denegrido muro coevo de Camões: des«cobri á proa do navio um velho monumento, cuja impressão se confundirá «sempre com a de Portugal. Imaginae no Tejo, uma velha cidadella cujas torres «gothicas são sustentadas por gigantescos tripopotamos de granito, alguns na«dando á flor de agua, e outros espojando-se na areia. Eu via aquella velha for«taleza avançar pelo rio ao encontro do mar. Das ventas de pedra batidas pelas «ondas saía como que o mugido de um povo amphibio. Figurava me a cidadella «levada ao longe pelos rebanhos marinhos através dos estreitos e dos oceanos «de Vasco da Gama, de Magalhães, de Albuquerque, e *Os Lusiadas* naufragados «appareciam e elevavam-se com os ruidos e as vagas, de envolta com o som dos «sinos da tarde. Quando os antigos navegadores, depois de terem conquistado «mundos, regressavam ao seu paiz, desembarcavam no limiar do mosteiro de «Belem; era esta a porta pela qual deviam entrar todos os triumphos de Portu«gal, como disse um historiador do seculo XVI». *(Applausos.)*

«Eis-aqui a igreja do mosteiro dos Jeronymos de Belem, cujo portico já vos mostrei. Lembro-vos que esta igreja substituiu a pequena capella em que Vasco da Gama passou a noite antes de partir para a India.

«Aqui tendes agora o interior d'esta igreja, monumento originalissimo, de estylo manuelino: não se parece com nenhum outro; e ainda estylo gothico, mas sente-se já n'elle o começo do renascimento; mas, vêde estes pilares: são coqueiros, recobertos de instrumentos de navegação. Este sim, que é um monumento verdadeiramente original e bem portuguez.

«Eis a arte portugueza no que ella produziu de mais bello.

«Isto é o claustro do mesmo convento, tambem de estylo manuelino.

«Aqui está agora a vista geral do convento e do castello de Thomar: era aqui que a ordem religiosa e militar de Christo, que substituiu a dos templarios, tinha o seu principal estabelecimento.

«Ha aqui construcções de diversas epochas, que vão desde o XIII até ao XVII seculo; seria deveras interessante restaurar este monumento, que foi extremamente bello, porque a ordem de Christo era muito rica.

«Eis-aqui o palacio real de Cintra, a 6 leguas de Lisboa, construido segundo o plano e no proprio sitio de um castello arabe. Estas exquisitas torres conicas que vêdes, são as chaminés da cozinha construida por D. Manuel. Foi n'este palacio que se assignou a paz de 1808, em virtude da qual os francezes tiveram de evacuar o paiz.

«Eis o castello da Pena, tambem em Cintra, reconstruido em grande parte ha quarenta annos. Corôa o mais elevado cume d'esta pequena cadeia de montanhas, na altura 589 metros; estamos a pequena distancia do mar, que se distingue perfeitamente. Esta pequena serra de Cintra é em extremo pittoresca; ha n'ella bellissimas arvores, e é cheia de camelias, fétos arboreos, etc.

«Isto é o pateo do castello da Pena; podeis ver a torre, que reproduz a que D. Manuel mandára construir, e a cujo cimo elle muita vez subiu para ver se via chegar os navegadores.

«Este é o palacio e convento de Mafra. Este é uma grande loucura; é o Versailles e o Escurial de Portugal. O rei D. João V, que subiu ao throno em 1706, não tendo filhos, fez voto de dotar com o mais magnifico convento a ordem monastica mais pobre do seu reino, se tivesse um filho. Teve-o de facto, e foi o rei D. José, em cujo reinado se deu o terremoto de 1755, e que tão bem servido foi por seu ministro, o marquez de Pombal. Para celebrar este nascimento, o rei construiu o monumento que vêdes, á imitação de Versailles, de 1717 a 1730. Confiou a sua construcção a Ludovici, architecto allemão, que o encheu de grande quantidade de estatuas devidas a um italiano, Giussi, e aos discipulos d'este. Ha 866 quartos n'este palacio de Mafra, o qual comprehende tambem um convento que podia conter 300 frades. O tecto é em fórma de terraço; dizem que se póde ali passar revista a 10:000 homens a um tempo. O palacio custou 50 milhões, mas quando morreu D. João V não havia um real nos cofres do thesouro.

«Eis-aqui a praça do Commercio de Lisboa; é o centro da cidade e foi reconstruida em 1760, depois do tremor de terra, pelo marquez de Pombal. Ao meio d'ella está a collossal estatua equestre de bronze, do rei D. José. É uma obra portugueza; o fundidor e o esculptor eram portuguezes. No sócco mandou o rei, reconhecido e justo, collocar o medalhão do seu grande ministro, o marquez de Pombal.

«Diante da estatua, a uma distancia de 60 metros, fica o Tejo, e tambem ali se vêem duas columnas que recordam um acontecimento horroroso: n'aquelle sitio, e depois dos primeiros abalos do tremor de terra de 1755, refugiou-se grande numero de habitantes aterrados: produziu-se então um grande fluxo da maré, combinado com um novo abalo, e todos aquelles habitantes foram engulidos, sem que depois apparecesse um só cadaver.

«Aqui tendes uma peixeira de Lisboa: o seu trajo é quasi o unico pittoresco de Portugal. Como vêdes, traz ao pescoço uma grande cruz de oiro, e usa as saias atadas debaixo da cintura, o que lhe permitte levar um grande peso á cabeça (?).

«Este é o aqueducto construido no seculo XVIII, e que traz a agua potavel para Lisboa. Como vêdes, os arredores de Lisboa são, como os de Constantinopla e tambem um pouco como os de Roma, mui despidos. Não têem quasi arvore alguma; é preciso ir a Cintra, a 6 leguas d'ali, para se encontrar uma vegetação luxuriante.

«Esta vista é a da rua de Santo Antonio, no Porto; é a rua principal, cujo declive é extremamente rapido, tão rapido que não se comprehende como podem ali trotar os cavallos. Um cavallo parisiense não seria capaz de andar em similhantes ruas: esta termina n'uma torre, a dos Clerigos, que foi edificada pelo clero e a expensas suas no meiado do seculo passado. Esta photographia é tirada do ponto em que se achavam as tropas fieis por occasião da revolta militar de 31 de janeiro ultimo. As tropas sublevadas vieram para a especie de fosso que fica entre as duas ruas; avançaram para o sitio de onde é tirada esta photographia, de modo que foi facil dirigir sobre ellas um fogo mortifero, que as dispersou rapidamente.

«Eis aqui a ponte de D. Maria, rainha viuva e mãe do actual rei; é uma ponte construida pelo sr. Eiffel; é muito elegante, delicada e arrojada.

«Esta é a mata do Bussaco, que pertencia a um convento; tem cedros e outras arvores magnificas; muitas nasceram de sementes trazidas da India no seculo XVI.

«Finalmente, vae grande distancia da Grecia a Portugal, e maior distancia ainda da arte grega á portugueza; comtudo, eu não resisto á tentação de vos mostrar dois baixos relevos gregos achados em Herculanum, e que pertencem a um fidalgo portuguez, o duque de Loulé, que me fez a honra de me enviar estas duas photographias.

«Resta-me agora agradecer-vos, minhas senhoras e meus senhores, e pedir-vos desculpa de ter por tanto tempo abusado da vossa benevola attenção. *(Applausos.)*

BOWDICH (T. EDWARD ——)

Excursions in Madeira and Porto Santo, during the autumn of 1823, while on third voyage to Africa. To which is added by Mr. Bowdich:

I. *A narrative of continuance of the voyage to his complection, together with the subsequent occurrences from Mr. Bowdich's arrival in Africa to the period of his death.*

II. *A description of the english settlements of the river Gambia.*

III. *Appendix containing zoological and botanical descriptions and translations from the arabic. Illustrated by sections, wiews, costumes and zoological figures.* London, 1825, 4.º, 1 tomo, XII, 278 pag.

BOWLES (W. LISLE ——).
Last Song of Camões. London, 1809.

BOWRING (JOHN ——).
E. Ácerca das cadeias de Portugal e da Hespanha no *Pamphleteer.*
V. Americus: *Cartas politicas,* Londres, 1826, vol. II, pag. 73.

B. P. S.
Per le bene augurate noze di Sua Maestà Don Pedro V de Braganza, re del Portogallo con sua altezza Donna Stefania di Hohenzollern principessa de Hohenzollern Stgmarigen &&. Omagi poetici. Livorno. Tipografia de Giulio Sardi.

BRADFORT (WILLIAM ——).
Esquisse du pays, du caractère, et du costume en Portugal et en Espagne, prises pendant la campagne de l'armée anglaise en 1808 et 1809.

BRAGANZA. *A tragedy performed at the Theatre Royal in Drury-Lane. Written by Robert Jephson, Esquire.* London, Printed for T. Evans. 8.º gr., 76 pag. em verso, sem data.

É dedicado á viscondessa de Nunekam, cuja dedicatoria tem a data de fevereiro de 1775, em Dublin Castle.

Personagens

D. João, duque de Bragança	Mr. Reddish.
Almada	» Aickin.
Ribeiro	» Palmer.
Mendonça	» Brereton.
Antonio.....	» Wrighten.
Mello	» Wheeler.
Rodrigo.....	» Wright.
Fernando	» Norris.
Lemos	» Usher.
Correia.....	» Hurst.
Velasquez, ministro de Hespanha	» Smith.
Pizarro.....	» Davies.
Ramirez.....	» Packer.
Um official	» Keen.
Primeiro cidadão.....	» Wright.
Segundo cidadão..... ...	» Griffiths.
Ignez.....	Mrs. Johnston.
Luiza, duqueza de Bragança....	» Yates.

BRANDOLINI (BROGLIA ANTONIO ——).— Jesuita.
E. I. *Giustificazione del praticato sin' ora da' Religiosi della Compagnia di Giesù, nelle missioni del Madurey, Mayssur e Carnate, presentata alla Santa Sede Apostolica, in occasione del Decreto, loro intimato, in Pudiciery dalla chiara memoria del Sig. Card. di Tournon a' di 8 di Luglio. dell' anno 1704.* In Roma, 1724, Nella Stamperia della Rev. Camera Apost. in fol. 210 pag.

II. *Risposte alle accuse date al praticato sin' ora da' Religiosi della Compagnia de Giesù, nelle Missione del Madurey, Mayssur, e Carnate, in due libri diversi dal Reverendissimo Padre Fra Luigi Maria Lucino del Venerabil' ordine de' Predicatori, Maestro di Sacra Teologia e Commissario Generale del Santo Ufizio in Roma. Opera d' un Professore della medesima Sacra Teologia. Parte prima.* In Colonia, 1729, in-4.°, 3 vol.

Trata esta obra d'aquella interminavel questão dos ritos no Maduré, assumpto ácerca do qual tanto se escreveu em varios idiomas.

BRAUN *et Hogenberg, civitates orbis terrarum, in aes incisae et excusae et descriptione topograph. morali et polit. illustratae.* 3 vol. gr. fol.

Contém esta obra 362 estampas com perto de 500 vistas de cidades, entre as quaes umas 50 de Hespanha e de Portugal.

BRAUNFELS (DR. LUDWGI ——).

E. *Kritischer Versuch über den Roman Amadis von Gallien.* Leipsik, 1876.

«Ensaio critico sobre o romance de Amadiz de Gaula, no qual sustenta a prioridade da redacção castelhana, repetindo os argumentos já refutados que traz Gayangos, sem o conhecimento dos novos trabalhos publicados em Portugal.[1]»

BRAVAIS (RAOUL ——).—Chimiste, lauréat de l'école de médicine et de pharmacie, lauréat de l'école supérieure des sciences et lettres, membre de la société des amis des sciences naturelles de Rouen, etc., membre de la Société française d'hygiène (section de chimie), etc.

Contribution à l'étude de l'anémie en Espagne et en Portugal, par ——. Paris. V. Adrien de Lahaye et Ce 1879, 4.°, 29 pag.

*
* *

«CAPITULO IV.—*A anemia em Portugal.*—O papel preponderante que assignei ás causas telluricas e ás causas sociaes na producção da anemia na Hespanha, obriga-me a dar, começando este capitulo, alguns pormenores ácerca do que se passa em Portugal.

«Este paiz (Lusitania dos romanos), situado na extremidade occidental e meridional da Europa, faz parte da peninsula hispanica, conservando ao mesmo tempo alguns caracteres particulares.

«Seu clima é doce e agradavel, e a neve só raras vezes apparece sobre as cristas das montanhas.

«As producções do solo são representadas por vinhos deliciosos, azeites de primeira qualidade, romãs, laranjas, e figos em grande quantidade. Estes productos são exportados para o estrangeiro, e principalmente para a Inglaterra e para o Brazil, dando logar a um movimento de commercio de exportação mui lucrativo.

---

[1] Theophilo Braga, *O Cancioneirinho da Vaticana*, pag. LXXIV.

«A industria propriamente dita é muito limitada, porque o paiz carece de materias primas, exceptuando o ferro, que é tirado das minas da Extremadura. D'aqui provém que as populações em geral são menos desditosas, que se alimentam melhor, e que se alojam em habitações mais confortaveis. Por outro lado, a instrucção e a educação são melhor entendidas, e mais generalisadas. Por occasião da fundação da universidade de Coimbra o rei D. João III tinha promettido a si mesmo o levantar, sob este ponto de vista, Portugal á altura das nações civilisadas da Europa. Mais instruidos, os portuguezes estão menos sujeitos a influencia do baixo clero.

«O impaludismo exerce sobre uma escala mais limitada seus desastrosos inconvenientes sobre a saude geral. Os quatro grandes rios hespanhoes que atravessam o paiz, lançando-se no oceano Atlantico, são navegaveis até um certo ponto da sua embocadura. Os movimentos do fluxo e do refluxo do oceano fazem desapparecer as principaes causas da stagnação das aguas, que se encontram sobre todo o litoral Mediterraneo.

«A averiguação summaria d'estes factos e estas circumstancias nos levam forçosamente a reconhecer que a anemia, n'estas modalidades diversas, não é nem tão grave, nem tão generalisada como ella se apresenta na Hespanha.

«A disseminação de 6.000:000 de habitantes por provincias ricas, alem dos grandes centros de agglomeração, não produz essa anemia por *malaria urbana*, que se encontra nas grandes capitaes da Europa.

«Se a morbidade se mantem nos limites medios, se a mortalidade que d'ella deriva é representada por um algarismo medio inferior, não ficaremos espantados ao admittirmos que as anemias resultantes das longas convalescenças, são da mesma fórma menos consideraveis.

«Acrescentemos ainda que as idéas therapeuticas de Broussais não lançaram no espirito das gerações medicas tão profundas raizes, e que o povo não professa um enthusiasmo tão marcado para com o barbeiro phlebotomista.

«A ausencia de exploração das minas de chumbo ou de mercurio faz desapparecer a etiologia das affecções profissionaes que estão debaixo da sua dependencia directa.

«Em resumo, as condições climatologicas cosmotelluricas, commerciaes e sociaes de Portugal, são de natureza para conservarem essas populações de intrepidos navegantes, n'um estado geral de saude mais satisfactorio do que na Hespanha.

«Achâmos n'ellas as manifestações da anemia que são inherentes ao proprio organismo humano, mas não encontrâmos n'ellas as causas que estão debaixo da dependencia directa da má alimentação, da miseria, da ignorancia e da profissão.

«Em condições tão favoraveis, o mal resiste com menos energia, dando mais logar á medicação marcial intelligentemente applicada, quer no periodo de prevenção e de prophylaxia, quer no periodo de acção therapeutica.»

BRAY.

The Talba or Moor of Portugal. Romance. 3 vol. London, 1830.

BRAZILIAN *Improvements more particularly as regard the province of Espirito Santo.* London, 1825, in-8.º

BRÉHIER (MADAME JULIE DELAFAYE ——).—Auteur des *Nouveaux Petits Béarnais*, du *Verger des Écoliers*, des *Orphelins Piemontais*, *&c.*

E. *Les Portugais d'Amérique. Souvenirs de la guerre du Brésil en 1635, contenant un tableau intéressant des mœurs et usages des tribus sauvages, des détails instructifs sur la situation des colons dans cette partie du Nouveau Monde. Ouvrage destinée à la jeunesse par ——. Illustré de 12 dessins imprimés en deux couleurs.* Paris. P. C. Lhuby, libraire éditeur. 1847, 8.°, 354 pag.

*
* *

«Portugal, já celebre pelos bons resultados de seus navegadores guerreiros nas Indias orientaes, parecia dever acolher e favorecer o projecto arrojado de Christovão Colombo, mais do que os outros reinos da Europa. Foi tambem a seu monarcha D. João II, que o genovez se dirigiu, quando se viu desprezado por sua propria patria; mas Portugal, embriagado com a sua gloria, repelliu como a um insensato esse obscuro republicano que lhe offerecia um mundo, deixando assim á Hespanha a vantagem de associar seu nome ao nome immortal de um homem de genio. O navio que trazia a Colombo, tendo aproado ás praias de Portugal, indignos cortezãos aconselharam o rei a mandar matar o navegante, e aniquilar assim sua descoberta: João repelliu esta nefanda suggestão, e quiz, pelo contrario, que fosse recebido em triumpho na sua capital.

«Os estados do principe, apesar da imprudencia que tinha commettido, não deviam ser desherdados d'esta parte do mundo. No reinado de seu successor, Manuel, Pedro Alvares Cabral, dirigindo-se para as Indias, foi arrojado pela tempestade ás costas do Brazil, e fez a vã ceremonia usada de tomar posse d'elle em nome de seu soberano.

«Situado entre o immenso rio Amazonas ao norte, e o da Prata ao meio dia, o Brazil, formando uma extensão de 1:200 leguas de costa, era então habitado por uma chusma de nações, agora destruidas ou dispersas pelos desertos. Viviam estas nações ou tribus do producto da caça e da pesca, aos quaes ajuntavam a cultura da mandioca, e os fructos que abundam em varios terrenos. Hospitaleiros, bravos, fieis nas suas promessas, affeiçoados á sua familia, eram estas as suas virtudes. Crueis na guerra, implacaveis na vingança, e não lhes faltando a paciencia para a porem em execução, taes eram seus vicios. Se, porém, entre estes não contámos a anthropophagia, costume quasi universal no Brazil selvagem, e que inspira um tão justo horror ao homem civilisado, é porque ella não era mais do que o resultado de sua insaciavel sêde de vingança. Não devoravam mais do que seus prisioneiros de guerra, dos quaes se apoderavam vivos, e aos quaes immolavam com muitas ceremonias. Estes atrozes festins, destinados a manter entre elles a exaltação da bravura, eram de tal modo aferrados aos pontos de honra, que mesmo aquelles que abraçaram o Christianismo, tiveram bastante trabalho em renunciarem a tal costume. No começo do seculo XVII ainda este uso horroroso reinava com toda a sua força entre os indigenas do interior, onde ainda mesmo hoje ha quem diga que se encontram alguns restos.

«Os viajantes de todos os tempos concordam em representar o Brazil como um dos mais bellos e mais ferteis paizes da terra. É n'elle a temperatura tão amena, tão favoravel á saude, que não são ali raros os centenarios, mórmente

entre os indigenas. Na verdade existem no interior das florestas e nas immediações dos grandes rios, que transbordam na estação das chuvas, alguns pantanos infectos; mas sobre as montanhas e na vizinhança do mar, é por toda a parte o ar agradavel e puro; ventos temperados o refrescam até debaixo do equador. Os fructos de todas as outras partes do mundo n'aquelle paiz amadurecem ao lado dos que naturalmente crescem n'esta rica região. Seu solo humido e quente favorece a vegetação de suas immensas florestas, cujos destroços continuos mantêem alternadamente todos os principios vivificantes da terra. Passaros pintados com as mais soberbas côres animam a solidão d'estas florestas, onde reina uma eterna verdura, não tendo a folha mais delicada tempo para mais do que para cair antes que a folha nascente a substitua, havendo até mesmo arvores que jamais as perdem. Emquanto as flores, a natureza liberal ali as espalhou ás mãos cheias, e debaixo d'esta terra favorecida se acham minas de oiro inexgotaveis e pedras preciosas. Comtudo as mesmas causas que concorrem para a extrema fertilidade do Brazil, n'elle têem dado nascimento a uma multidão de enormes e perigosos reptis, que se occultam nas florestas e á borda das aguas.

. . . . . .

«Alguns missionarios consideraram bem depressa como um dever o instruir os miseraveis selvagens: mas seu zêlo foi mallogrado por aquelles que se nomeavam christãos. Os exemplos dissolutos d'estes davam ao Evangelho um desmentido deploravel: sua cobiça achava interesse em deixar na ignorancia um povo que elles destinavam para a escravidão, pois bem cedo os reis de Portugal declararam subditos livres aos brazileiros convertidos ao Christianismo. Tambem o proselytismo fez poucos progressos entre elles, e as conversões verdadeiras foram mui raras. Attrahidos primeiramente pelas ceremonias pomposas que ostentavam a seus olhos, reduzidos pela palavra affectuosa dos padres christãos, se elles consentiam em receber o baptismo, as perseguições dos colonos, impios e barbaros, os punham promptamente em fuga, e iam esquecer no centro das florestas as obrigações e deveres que não tinham tido tempo para comprehender.

«Os brazileiros, apaixonados da independencia, corajosos por indole, e a quem suas proprias rixas de tribu contra tribu tinham exercitado na guerra, não cederam facilmente aos portuguezes a posse do Brazil. Como todos os povos da America, passaram elles successivamente, em relação aos estrangeiros, de uma admiração ingenua para o temor, do temor para um odio implacavel: disputaram-lhes com furor esta terra, que recebêra os ossos de seus maiores, e apesar da desvantagem das suas armas, teriam talvez ficado vencedores, se a desunião os não houvesse entregado a seus inimigos.

«Desembaraçados pela destruição e pelo exilio das tribus as mais indomaveis, tendo reduzido os outros a não serem mais do que alliados timidos, ou a tornarem-se escravos, os portuguezes da America, tranquillos possuidores de sua conquista, começaram a colher o fructo d'ella. Numerosas cidades se erigiram por toda a parte aonde o mar podia encaminhar seus baixeis. Magnificos engenhos se multiplicaram na capitania de Pernambuco, da qual Olinda era a capital. Uma colonia de francezes perseguidos por causa da religião, tentou estabelecer-se na vizinhança, mas o ciume dos portuguezes se patenteou bem depressa, reanimado por nobreza, e a colonia franceza foi destruida. Um inimigo mais tenaz, se não mais valoroso e melhor protegido pelo seu governo, atacou Pernambuco no tempo da sua maior prosperidade: foi a Hollanda. Os colonos portuguezes, acostumados

a todos os gosos, grangeados pelas riquezas e por uma longa paz, não se mostraram, comtudo, nem cobardes nem timidos. Ligam-se á epocha d'esta lucta memoravel, as occorrencias que eu emprehendi narrar.

«Tinham se os hollandezes apossado da cidade de Olinda, que seus principaes habitantes haviam abandonado, quando a não poderam defender por mais tempo. Embaraçados por causa d'esta conquista, cuja conservação os teria impedido de levarem para outro logar suas forças, os hollandezes a reduziram a cinzas, acto de vandalismo que não tentaremos desculpar, qualquer que houvesse sido o motivo. O nome d'esta cidade explica a sua feliz situação sobre um rochedo á borda do mar. O portuguez que primeiro desembarcou n'esta praia, encantado com o seu aspecto, exclamou: — Oh que linda situação para se fundar uma cidade! E a que se fundou ficou tendo o nome de Olinda.

«Em 1633, n'uma planicie vizinha d'esta cidade, que nenhuma outra cousa mostrava que não fossem ruinas, Mathias de Albuquerque, general do exercito portuguez, tinha estabelecido um acampamento, para o qual se tinham refugiado todos aquelles a quem a guerra tinha afugentado de suas moradas, e que preferiam ao jugo de um vencedor detestado as mais duras privações. Faziam d'ali uma guerra de guerrilhas propria para interromper as operações dos generaes hollandezes; luctando com tanta coragem como patriotismo, contra a penuria, a que os reduzia a indifferença de seu monarcha, que se contentava com vãs promessas em vez de os soccorrer efficazmente, os portuguezes do Brazil tinham-se todos convertido em soldados para a defeza de suas possessões. Teriam podido conserval-as submettendo-se; mas grandes motivos de odio separavam os dois povos, e do lado dos portuguezes, da nobreza principalmente, reinavam preconceitos orgulhosos, aos quaes nenhuma cousa podia vencer. D'ahi procedia o phenomeno historico de se encaminhar em massa para uma longa e perigosa emigração um povo civilisado, como aconteceu no decurso d'esta guerra.

«No momento em que principia esta narração, a capitania de Pernambuco estava quasi na totalidade caída em poder da Hollanda. A fortaleza da Nazareth, a unica que resistia ainda, cercada pelo general Segismond Van-Schopp, estava prestes a succumbir aos horrores da fome. É para este local que devemos transportar o leitor.»

BRÉSIL (LE ——) *sous la domination portugaise. Le Portugal et l'unité ibérique. Espagne et Gibraltar.* Paris, 1872 a 1873, in-12.

BREVE *compendio da doutrina e Religião Christã. Composto pelos Ministros Pregadores do Santo Evangelho da Igreja Reformada de Batavia, no anno de 1685.* Batavia, 1720, 8.º, 1 vol., 39 pag.

BREVE *descripcion de la entrada que sus Majestades y Altesas Lusitanas hicieron por el Rio Tajo en la corte de Lisboa el dia doce de febrero del año de 1729. Compuesta por um ingenio portugués. Dedicada al Señor Joseph Victorino Holbeche, hidalgo y Tesorero de la Casa Real de sus Majestades Portuguesas. Y sacada á luz por Don Manuel Bernardo de Acuña.* Madrid. En la imprenta de Antonio Sanz. 4.º Em verso.

BREVE *idea de las fiestas que se han de celebrar en esta M. N. I. L. Ciudad de Sevilla, con el plausible motivo de la entrada de SS. AA. RR. las Señoras*

Infantas de Portugal Doña Maria Isabel Francisca y Doña Maria Francisca de Assis Imprenta Real, 1816, 4.º de 8 pag. Bibliotheca da Ajuda

BREVE *relacion que da un tronco de las fiestas, que hizo en la Plaza de la Colonia del Sacramento el Governador de ella, Antonio Pedro de Vasconcellos, Caballero de la Orden de Christo, Hidalgo de la Casa de Su Majestad Portuguesa, y Ayudante General de sus Ejercitos en la Provincia de Alemtejo, à los felicissimos Desposorios do Potentissimo, muy Excelso, y Augusto Señor Principe del Brasil, el Señor Don Joseph, con la Serenisima Señora Doña Maria Anna Vittoria, Infanta de Castilla.* Em verso. Lisboa, 1732. Officina de Pedro Ferreyra.

BREVE *relatione delle feste, apparati e trionfi fatti in Torino, in honore de' gloriosissimi Santi Canonizati dal gran Pontefici Gregorio XV. Ignatio Loola fondatore, e Francesco Saverio Apostolo dell' Indie, della Compagnia di Giesù.* In Torino, appresso Albertino Meruli, 1622, in-4.º

BREVE *relatione delle solennissime feste, apparati et allegrezze fatte nella Città di Milano per la Canonizatione de' Sancti Ignatio Loyola, fondatore della Companhia di Giesù e Francesco Saverio, suo compagno. Data in luce da Melchior Malatesta e Gio. Battista Piccaglia. Dedicata all' Illustrissima e Excellentissima Signora la Duchessa di Feria.* In Milano, per Pandolfo Malatesta, e Gio. Battista Piccaglia. 1622, in-4.º, 90 pag.

BREVE *resumen de la vida del Venerable P. Antonio de Vieyra, de la Compagnia de Jesus, sacada de las obras que se imprimiran en Barcelona en 1734.* Barcelona. Sem data e com o retrato.

BREVIS *et fida narratio et continuatio rerum omnium a Drako et Norreysio (post felicem ex occidentalibus insulis reditum) in sua expeditione* PORTUGALLIENSI *singulis diebus gestarum.* Francofurti, Apud Paulum Brachfeldium, 1590, 4.º, 29 folhas. Ha um exemplar na Bibliotheca publica de Lisboa.

BRICHETTI (ERNESTO MAGGIORA VERGANO ——).—Cav. de de S. Mauricio e S. Lazaro.

E. *Due componimenti già umiliati a S. M. la Regina di Portogallo Maria Pia di Savoia.* Ancona, Tipog. Erede Sottoletti. 1865. 8.º gr. 24 pag

BRICOLANI (A.).

I Lusiadi del Camoens recati in Ottava rima da Parigi Co' Tipi di Firmin Dulot. 1826. 32. 377 pag. *A Sua Altezza Imperiale D. Maria da Gloria Principessa del Brazile.*

*
* *

. . . . . .

CANTO III

CXX

Il frutto, Ignes gentil, de' tuoi begli anni
Stavi cogliendo in placido riposo,
Tra que' ciechi dell' alma e dell' inganni
Che assai lunghi non vuol destin ritroso;

Per cui di stille d' amorosi affanni
Festi al Mondego il margin rugiadoso,
Quel nome ai colli ai prati a tutte l' ore
Insegnando, che in sen ti sculse Amore.

CXXI

Là rimembranze là ti rispondieno
Del prense c' ha di te l' immagin viva,
Che innazi agli occhi sempre te gli offrieno
Lungi da' tuoi be' rai quando languiva,
A te in sogni fallaci, all' ombre in seno
A te d' Amor su l' ale il di veniva:
Quanto pensava o pur vedea tutt' era
Memoria in fin per lui di gioia vera.

CXXII

D' altre e illustre belta schivo queli core
La man disgna ch' altre si desia:
Che tutto al fin tu sprezzi, o puro amore,
Quando su te un bel volto a signoria:
Veggendo il vecchio austero genitore
Si pertinace affetto, insiem vorria
E rispettar del popolo il bisbiglio,
E d' esser d' altre il ricusar del figlio.

CXXIII

Ines dal mondo torre al fin disegna,
Per tor da' lacci ond' era il figlio preso;
Spegner credendo sol se a morte indegna
Lei danna col suo sangue il foco acceso.
Qual mai furor l' altera spada e degna,
Che contra i Mori avea si ben difeso
L' oppresso regno, al sen fosse diretta
D' imbelle delicata donzelletta.

CXXIV

Traenla innanzi i manigoldi atroci
Al re che già parea mosso a pietate;
Ma il popol con adur false e feroci
Ragioni, a cruda morte il persuade.
Ella con triste lamentose voci
Dal desio mosse sol di libertade
Pel prence e pe' suoi figli che lasciava,
Che angoscia piu che 'l suo morir le dava.

CXXV

Pietosissimamente al cielo alzando
Gli occhi pregni di lacrime dolenti,
Gli occhi, poiche le man le gia legando
Un de ministri barbari inclementi
Teneramente, poi quegli abassando
Sopra i suoi cari pargoli innocenti,
Ch' orfani abbandonar gran doglia avea,
Volta all' avo crudel cosi dicea:

. . . . . .

BRIDEL (FREDERICO ——).— Jesuita bohemio.

E. *Frantjssek Swaty Xaverius Towarysstwa Gez' issowcho obywartelnu Potamskych zazraczny, Patron.* Praze, 1659, in-8.º W. Typis Universitatis.

(É a exposição dos milagres operados em Potamos pela intercessão de S. Francisco Xavier[1].)

BRIEF *exposition of the foreign policy of Canning.* London, 1830.

Esta obra diz respeito a Portugal.

BRIEF *R. P. Antonii Jozè, eines Portugesischen Jesuiten, und Missionarii in China, an R. P. Dominicum Pinheyro, der Chinesischen Vice-Provinz S. J vorgesetzten Provincial, geschrieben zu Chamxo, dem 6 September 1744. Inhalt Herrliches Zeugnuss von denen Ruhmwurdigen Thaten und Tugenden R. P. Romani Hinderer, Missionarii Soc. Jesu in China, aus der Ober-Teutschen Provintz, welcher dem 26 Tag des Augustmonats dieses Jahrs seelig in dem Herrn verschieden.*

Vem este trabalho no *Neue Weltbolt* do P. Stöcklein, tomo XXXIV, n.º 685, pag. 101 a 107.

BRITISH *Merchant: containing the sentiments of the most eminent merchants of the city of London, concerning the trade and commerce of these kingdoms particularly with Spain and Portugal.* London, 1748.

BRITONIUS. — (Poeta celeberrimus candidissimus).

Ulysbonae regiae Lusitaniae urbis Carmen, ad optimum pontificem Paulum tertium et maximum. Romae, 1546.

É um pomposo elogio feito em latim á cidade de Lisboa.

BRITTO (JOSEPH CORREIA DE ——).

Tumulo Apollineo erigido as saudosas memorias do Senhor D. Francisco Mascarenhas, Conde de Cucolim, e dedicado ao Senhor D. Francisco Xavier Joseph de Menezes, Prodigioso Primogenito dos Esclarecidos Condes da Ericeira. Escreveu ——. Em Lisboa. Na officina de Miguel Deslandes, 4.º 35.

É um collecção de poesias em hespanhol, e só o titulo é em portuguez[1] B P. LX.º

[1] Augustin et Alois de Backer. *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 61

BRIZZI (GIACOMO ——).

E. *Al Portogallo. Versi del Autore dramatico* ——. Lisbonne. Lallemant Frères, typographes. 1869. 4.º 8 pag.

BROMELL (MAGNO VON ——).—S. R. M. um Archiatro, Coll. Med. Stockh. Praeside, & Soc. Rog. Lit. &., Scient. Soc.

Descriptio testudinis Americanae terrestris; forte Jaboti Brasiliensibus, CÁGADO DE TERRA *Lusitanis dictae, Marcgravii.*

A pag. 38 do vol. III, das: *Acta Literaria et Scientiarum Sueciae.* Anno 1730.

BROWN (JOHN MURRAY ——).

E. *Historical view of the revolutions of Portugal since the close of the Peninsular War.* London, 1827.

BRUCKER (R. P. J.).—Da companhia de Jesus.

E. *Benoit de Goès, Missionaire Voyageur dans l'Asie Centrale (1603 a 1607). Extrait des Études Religieuses.* Lyon, Imprimerie Pitrat Aîné. 1879.

*
* *

«Bento de Goes não é um desconhecido na historia das viagens e das descobertas geographicas. Em nossos dias, o pae da «sciencia da terra», no sentido moderno, Karl Ritter, prestou uma leal homenagem a esse heroico irmão da missão dos jesuitas no Indostão, que foi encarregado da difficil tarefa de abrir e explorar o caminho continental, então completamente desconhecido, da India ao Catay por Kabul, Kachgar, Ierken, Aksu, Khamil (Hami)[1]. Alem d'isto consagrou Ritter varias paginas da sua *Asia* á elucidação do caminho do viajante. «Tentamos, diz Ritter a tal proposito, *pela primeira vez,* marcar no mappa esta viagem notavel, que se tem conservado até hoje incomprehensivel e por explicar.[2]

N'isto, o illustre geographo acha-se algum tanto illudido; pois, muito antes d'elle, desde 1667, o erudito P. Kircher tinha tentado fixar o itinerario de Goes, sobre uma carta da Asia central e oriental[3].

É certo que este ensaio, que apresentava de um modo bastante proximo da verdade a direcção geral do trabalho, era mui imperfeito nos pormenores. A sabia discussão de Ritter não esclareceu todas as obscuridades; mas, seguindo suas pegadas, não têem outros geographos eminentes tido em pouco estudarem de novo a relação do padre jesuita[4]. Foi principalmente na Inglaterra e na Russia que lhe prestaram uma tal honra. Sabemos o interesse que anda ligado, emquanto a estes dois paizes, ás investigações ácerca da geographia da Asia central, e que.

---

[1] C. Ritter, *Asien*, tomo I, sec., § 218. Torna a fallar na viagem de Goes na 2.ª secção, § 29, pag. 362; tomo V, liv. III, 1.ª secção; § 5.º n.º 2, pag. 391, 503 a 506, e n'outros logares.

[2] O. l. l. v. pag. 503.

[3] Ath. Kircher, *China illustrata*, parte II. Tabula geodobrica itinerum a variis in Cathaium suscipiorum rationem exibens. (Anvers e Amsterdam, 1667.)

[4] Será mister principalmente nomear M. Henry Yule, *Cathay and the way thither*. Londres, 1867.

importantissimas questões andam aqui entrelaçadas com a questão scientifica. Desde então a emulação d'estes dois grandes povos que disputam um ao outro a hegemonia politica e commercial no extremo oriente, tem produzido uma rapida successão de reconhecimentos arrojados, de explorações sabiamente organisadas, que foram a pouco e pouco fazendo com que a luz despontasse sobre os principaes caracteristicos da região intermediaria entre a India ingleza e as possessões russas da Asia central. Não é necessario agora ir procurar em Goes muitas informações que lhe tenham escapado.

Mas, em compensação, será sempre interessante, segundo nos parece, vermos como as descobertas contemporaneas confirmam as observações do modesto peregrino de 1603:

«Pertence a viagem de Goes ao numero d'aquellas que merecem não ser esquecidas, mesmo depois das brilhantes expedições dos Burnes, dos John Wood, dos Shaw, dos Hayward, dos Gordon, e dos Trotter, dos Fedchenko, dos Semenow, dos Kostenko e dos Przevalsky. Exaltaím com rasão a coragem que mostraram com fortunas diversas todos esses arrojados peões da sciencia geographica: todavia a maioria nada mais tem feito do que repetir uma pequena parte da viagem de Goes; e julgar-se-ha, pela simples narração que se vae seguir, se o frade encontrou diante de si menos obstaculos do que os nossos contemporaneos. A totalidade de caminho que percorreu, de Lahore, no Pendjabo a Su-tcheu, na fronteira da China, ao passar por Kabul, Talikhan, Iarkand, Khamil, póde ser calculada, sem exageração, em perto de quatro mil kilometros; e todo este caminho o percorreu elle atravez dos paizes os menos propicios aos viajantes, o Afghanistan, a Bulkharia e o Badakhan, a cumiada de Pamir, a Kachgaria e o Turkestan oriental, o deserto Gobi.

Mas a expedição de Bento de Goes não é sómente notavel por causa da extensão e da difficuldade do caminho. O que a torna mais do que tudo digna de figurar para todo o sempre nos annaes da geographia, é que foi ella feita pelo meio de paizes e de povoações até então quasi inteiramente incognitas: é porque ella fez uma brecha luminosa através as espessas trevas que ainda occultavam á Europa o centro da Asia.

E com effeito, o viajante jesuita tinha sido precedido n'este terreno desde o seculo XIII pelo celebre veneziano Marco Polo; não fallando dos buddhistas chinezes, cujas peregrinações da China á India, do seculo IV até ao XIII, só foram conhecidas em nossos dias, graças aos esforços combinados dos sinologos e dos geographos [1]. Mas não é deixar de conhecer o verdadeiro valor das narrações de Marco Polo, o affirmar que d'ellas pouco proveito resultou para a geographia propriamente dita, no que diz respeito a Asia central. Para isso basta apenas ver as cartas compostas em harmonia com o livro do viajante veneziano, pelos melhores geographos do seculo XVI, Mercator, Ortelius e outros. N'ellas encontrámos-ja, embora um pouco desfigurados, a maior parte dos nomes de cidades, e de paizes, que a relação de Goes apresenta: mas em que desordem se apresentam

---

[1] Fahian, *Foe koue ki ou Relation des royaumes bouddhiques*, traduit du chinois par Abel Rémusat, avec notes completées par Klaproth et Landresse. Paris, 1836. Hiouen Thsang, *Histoire de la vie et Mémoires sur les contrées occidentales*, traduit par Stanislas Julien, accompagné d'un Mémoire geographique de M. Vivien de Saint Martin. Paris, 1858. Bretschneider, *Chinesische Reisende Mittelalter nach West Asien* (em Petermann, Geogr. Mitthedlungen, 1875, pag. 377 e outros especialmente do mesmo autor).

elles a nós! Posições relativas e posições absolutas estão igualmente afastadas da realidade. E se nos reportarmos ao proprio texto de Marco Polo, seremos obrigados a dizer que aos cartographos era impossivel tirar um melhor partido d'ellas: porquanto, sempre picante e instructivo no que elle «conta» das maravilhas de cem cidades e provincias diversas, Marco Polo não se preoccupou em dar ás suas lembranças uma disposição methodica. Por exemplo, depois de ter fallado successivamente de *Balaciam* (Badakhchak), de *Pamier* (Pamir) e de *Cascar* (Kachgar), tornará a levar seu leitor, sem o prevenir, uns oitocentos kilometros para traz, para Samarcan (Samarkand). D'aqui resulta que os geographos, que, por meio dos arabes, conheciam vagamente a situação de Samarkand, mas ignoravam completamente a de Kachgar, collocaram esta segunda povoação na visinhança da primeira, não longe do mar Caspio, e depois lhe addicionaram, para se manterem consequentes no erro, todo o paiz dependente de Kachgar, isto é: Iarkand, Khotan, Aksu, etc.

«Góes, pelo contrario, sem ser um sabio e sem pensar nas exigencias da sciencia, applicou-se o mais que poude a tornar sua viagem util ao progresso de nossos conhecimentos ácerca da terra e dos homens; e o conseguiu, segundo cremos, de um modo notabilissimo. Avançando á maneira *dos descobridores,* seus compatriotas, redige um diario exacto e circumstanciado da sua jornada. N'elle dia a dia nota o cumprimento de suas paragens, a natureza do caminho, o nome das cidades e dos paizes aonde elle toca: e, a tal proposito, notar-se-ha a fidelidade com a qual aquelles nomes orientaes são transcriptos. Uma de suas cartas mostra que elle se esforça em marcar as distancias, não sómente em dias de jornada, mas tambem em *cosses* ou milhas: segundo toda a verosimilhança, não desprezou marcar as direcções, embora a indicação de tal cousa não se encontre no que do seu diario foi publicado. Os differentes povos que topa, dão-lhe ensejo para fazer varias observações importantes no tocante á ethnographia.

«Desgraçadamente o diario de Goes não chegou até nós tal como elle o tinha redigido; d'elle apenas possuimos insignificantes restos. Com effeito, quando o padre expirou no remate de sua viagem em Su-tcheu, o precioso documento foi rasgado pelos mercadores mahometanos, e os companheiros christãos de Bento a muito custo poderam salvar os fragmentos que levaram ao padre Matheus Ricci, em Pekin.

«Foram estes fragmentos collados bocadinho a bocadinho, e com a ajuda das lembranças do armenio Isaac, que fôra o fiel companheiro do padre, de Lahore a Su-tchu, que o celebre missionario compoz a relação inserta nas suas *Memorias,* publicadas pelo padre Trigault. Os restos da herança de Goes não podiam cair em mãos mais piedosas e mais intelligentes. Não esperaram, comtudo, que o padre Ricci tivesse sempre podido reconstituir o sentido e a continuação dos fragmentos mutilados que tinha á vista.

«A isso teve de renunciar em muitos logares, e deixar n'esse ponto uma parte dos manuscriptos do irmão. E além d'isto podemos mostrar na sua redacção algumas inexactidões bem notaveis, que não podiam provir de Goes: assim, por exemplo, uma paragem, pelo menos (aquella que teve por termo Djelalabad, no Afghanistan), está transportada para fóra do seu logar; alguns numeros indicando a duração das jornadas e das paragens devem estar inexactos, principalmente no que é respectivo á viagem de Lahore a Kabul, e a residencia n'esta cidade. Talvez tenhamos de lamentar que o padre Ricci, ou algum outro depois

d'elle, não tivesse pura e simplesmente publicado o que restava das notas do irmão viajante, deixando ao progresso dos estudos geographicos darem lhe ordem e ligação. D'esta maneira, pelo menos, é verosimil que se tivessem conservado algumas observações interessantes que o padre Ricci teve de desprezar, e as quaes hoje seria facil marcar seu logar na viagem.

«Seja como for, a narração compilada pelo fundador da missão da China, senão unica, abrange tudo quanto foi escripto ácerca da expedição de Bento de Goes. Notemos, todavia, que ainda existem outros documentos. Durante sua viagem, Goes encontrou o meio de fazer chegar a seus confrades da India, pelo menos quatro cartas, duas das quaes datadas de Iarkand.

«D'ellas apenas possuimos dois extractos, curtos de mais, publicados pelo padre Guerreiro nas suas preciosas *Relações*, e que o padre du Jarric traduziu em francez. O proprio padre Ricci, recebeu em Pekin uma carta que o irmão lhe escreveu de Soutcheou; tambem lhe ponde servir de guia na recomposição do diario esfarrapado.

«É mister ainda acrescentar que o padre Ricci tinha apresentado duas redacções de seu trabalho n'este diario: uma mui apanhada, que elle teve de mandar aos jesuitas da India em 1608, e que o padre Fernão Guerreiro reproduziu em 1611 em Portugal; a outra, mais circumstanciada, é a que faz parte de suas *Memorias*, e a qual um dos seus companheiros do apostolado, o padre Nicolau Trigault, traduziu do italiano para latim, e publicou pela primeira vez em 1615. A despeito da sua concisão, a primeira redacção não nos será inutil para se confrontar com a primeira.

«Bento de Goes nasceu em 1562 em Villa Franca, na ilha de S. Miguel, uma dos Açores. Havendo assentado praça no exercito portuguez da India, teve durante algum tempo uma vida de estravagante. Porém, depois da sua conversão, acompanhada de occorrencias extraordinarias, pediu que o recebessem na companhia de Jesus. N'ella foi admittido no grau de coadjuctor. Não tardaram, porém, seus superiores em darem attenção a seu raro talento, e quizeram fazel-o sacerdote; porém não poderam triumphar de sua humildade. E quando o celebre imperador Akbar, «Grão Mogol», como então diziam, convidou pela terceira vez alguns missionarios jesuitas a estabelecerem-se na sua côrte, Bento de Goes foi escolhido para acompanhar os padres Jeronymo Xavier e Manuel Pinheiro n'esta delicada missão. Todos tres chegaram a Lahore, capital do imperio Mogol a 5 de maio de 1594[1].

«Sem jamais sair da posição modesta de servo dos missionarios, Goes contribuiu muito com o seu zêlo e intelligencia para o bom exito da missão. Com a affeição dos neophytos, aos quaes catechisava, adquiriu a estima dos proprios pagãos e mahometanos. O imperador Akbar tomou-lhe uma verdadeira amisade, e até mesmo asseveram que este principe conquistador poz de parte seu projecto de annexar a si as possessões portuguezas da India, por causa das sensatas representações do irmão[2].

«E eis porque, quando enviou uma embaixada ao vice-rei de Goa, fez Bento

---

[1] Carta do P. Pinheiro, de Lahore, 3 de setembro de 1595, na obra *Recueil du P. Jean Hay: De rebus Japonicis, Indicis, et Peruanis epistolae recentiores*. Antuerpiae, 1605, in-12, pag. 721.

[2] Irmão, é leigo.

de Goes parte d'ella, igualmente com o titulo de embaixador, e por esta occasião permittiu-lhe, como um presente, que levasse comsigo todos os portuguezes captivados na guerra precedente.

«Foi durante esta viagem a Goa que o padre Nicolau Pimenta, superior (visitador), das missões da India, lançou suas vistas sobre Bento de Goes, para a descoberta de Carthayo.

«Os padres empregados na missão do Mogol tinham sido os que haviam suggerido a idéa d'esta expedição. Havia já alguns annos que elles ouviam fallar de um vasto paiz, quasi inteiramente christão, situado ao nordeste da India. Designavam-lhes sob o nome de Cathayo, e a cidade principal, onde o rei fazia sua residencia, que era chamada Chambalu. Um velho commerciante mahometano, que affirmava ter morado por treze annos em Chambalu, forneceu ao padre Xavier os mais circumstanciados pormenores ácerca d'esta pretendida christandade. Este missionario, digno primo de S. Francisco Xavier, comprehendeu que, se o commerciante fallasse verdade, abria-se um novo e magnifico campo ao zêlo dos apostolos. Depois de ter confrontado por differentes modos estas assombrosas noticias, convenceu-se finalmente de que deviam ter um fundo de verdade. Comtudo pareceriam menos assombrosas, se se lembrassem que os relatorios de todos os viajantes da idade media, que tinham visitado a Asia oriental, attestavam a presença de numerosos christãos em todas estas paragens, mas principalmente n'um grande paiz, ao qual davam o nome de Cathay, e cuja capital era chamada Cambalu.

«O padre Xavier pensava principalmente em Marco Polo e nos religiosos franciscanos e dominicanos enviados pelo papa Innocencio IV e por S. Luiz, como embaixadores junto do grão khan dos Tartaros Mongoes (1245-1253)[1].

«Eram, com effeito, estes religiosos que tinham sido os primeiros a fallar do Cathayo na Europa, notando ali a existencia de algumas christandades consideraveis, mas infectadas da heresia nestoriana, e, alem d'isso, muito corruptas nos seus costumes. Emquanto a Cambalu, Marco Polo o apresenta debaixo da fórma de Cambaluc, o intrepido fra Odorico, de Udina, frade franciscano debaixo de Chambalec, e taes viajantes que visitaram ambos com poucos annos de distancia, Marco Polo nos fins do seculo XIII e Odorico no começo do XIV, d'ella fazem a capital do grão khan (dos Mogoes), ao mesmo tempo que a *maistre cité* do Cathayo.

«Cambalec, Cambaluc ou Cambalu, não passa de uma alteração da palavra mogol *Kaan-balikhi*, a qual nenhuma outra cousa significa senão cidade do Khan. Pekin, que occupa a area d'esta antiga capital, tem conservado este nome entre os Tartaros e os Mahometanos occidentaes, muito tempo depois de ter a China sacudido o jugo dos successores de Djinis-Khan. O Cartayo, como o provará Goes, é um nome pelo qual os Tartaros e os Mahometanos da Asia Central designavam a China.

---

[1] *Relations de Jean de Plan-Carpin, d'Ascelin, de Guillaume de Rubruquis, ou Rubrouck*, muitas vezes reproduzidas, e mais recentemente com annotações sabias de M. d'Avezac, nas *Memorias da sociedade de geographia de Paris*, tomo IV. Rubrouc observa: «Em quinze cidades de Carthayo vemos Nestorianos, e n'aquella em que se chama Segin, está seu bispo.» M. Louis de Backer, em as annotações da sua edição de Rubrouck, pag. 310 (Paris, Leroux, 1877), diz que Segin é Pekin; mas é antes Sigan (Si-ngan-fou), no Chansi, onde foi descoberta em 1625, uma celebre inscripção chineza christã, que narra a introducção do Evangelho no seculo VII.

BRUDER (CAROLUS HERMANUS ——). — Philosophiae doctor, Theologiae Licenciatus.

Spinoza Benedictus.

E. *Opera quae supersunt omnia. Ex editionibus principibus edidit et profatus est.*

Vol. I. — *Principia Philosophica, Metaphysica, Ethica. Editio stereotypica.* Lipsiae, sumptibus Bernh. Fauchnitz, junho, 1843, 8.º

Vol. II. — XIV. 354 pag.

Vol. III. — XVIII. 406 pag.

Embora Bento Spinosa não seja portuguez, mas sim um judeu descendente de portuguezes, e homem que no mundo deu brado, todavia devemos patentear o que d'elle sabemos.

Amando Saintes lhe chama «Fondateur de la philosophie moderne».

Spinosa nasceu em Amsterdam no dia 24 de novembro de 1631.

Uma das obras notaveis ácerca do referido philosopho, foi escripta por Joh. Calerus: *Vita*. Ultrajecti, 1698.

BRUN (CORNEILLE LE ——).

Voyages de ——, par la Moscovie, en Perse, et aux Indes Orientales... Amsterdam, 1718, 2 vol., fol.

B. (SIEUR ——).

Nouvelle Rélation de la Chine, contenant la description des particularités les plus considérables de ce grand Empire, composée par le P. de Magaillans, & traduite de Portugais en François par le ——. A Paris. Chez Cl. Barbin, au Palais, 1688 [1].

*
* *

«A relação do padre Magalhães merece tanto mais credito, quanto elle com seus proprios olhos viu a maior parte das cousas que refere.

«Entrou na China no anno de 1636, e n'aquelle paiz se conservou até o anno de 1677, que foi o da sua morte. Para testemunhar seu reconhecimento ao Rei (sic) da China, o qual tinha dado aos padres da Companhia com que construirem uma casa e uma igreja, occupou-se tanto de dia como de noite em compor obras curiosas e propriàs para o divertirem. Não o impediu, porém, este emprego, de trabalhar de viva voz e por escripto, nas funcções da Missão, de compor Relações, e de verter para chinez o livro de S. Thomaz ácerca da «resurreição dos corpos.»

«Foi accusado falsamente de ter dado alguns presentes a um mandarim privado do seu cargo: o que é um grande crime n'aquelle paiz. Por esta causa duas vezes foi submettido á tortura, e, embora nada houvesse declarado, foi condemnado a ser estrangulado; o que houvera sido posto em pratica, se os regentes que tinham o direito de tomarem conhecimento da sentença, não houvessem annullado a accusação.

---

[1] *Journal des Savans*, de 1688, 12 juillet, pag. 89.

«Tres annos depois foi perseguido por causa da sua Fé, carregado de cadeias quatro mezes, e degredado para a Tartaria. Um tremor de terra sentido em Pekin fez com que o livrassem. Morreu por falta de poder respirar. O rei, que se tinha recreado com suas obras, honrou sua memoria, fez seu elogio por escripto, deu duzentos escudos e duas peças de damasco para serem empregadas nas suas exequias, e mandou tres pessoas para chorarem diante do seu corpo, e para assistirem ao enterro.

«O padre Magalhães compoz sua relação por ordem do padre Fiertado, vice-provincial na China. Começa-a por uma descripção d'este vasto imperio, ao qual dá 750 leguas francezas de comprimento, e 500 de largura, o qual elle divide em 15 provincias, ás quaes sua grandeza e belleza poderiam fazer passar por outros tantos reinados. Contam-se n'elle 331 pontes, quasi todas de marmore, 2:099 montanhas talhadas em fórma de idolos, 2:099 estatuas, e outras peças antigas, 1:159 torres e arcos triumphaes, 709 templos erigidos pelos chinezes em honra de seus antepassados, 1:685 tumulos famosos pela excellencia de sua architectura e pelo preço do seu material.

«A cidade de Pekin é a mais bella de todo o Imperio. A principal rua d'esta cidade tem 30 toezas de largura, e chama-se a rua do «Repouso Perpetuo». O recinto exterior tem duas milhas italianas de comprimento e uma milha de largura. Ao oriente corre no interior um riacho que se atravessa em pontes de marmore, exceptuada a da arcada do meio, que é uma ponte levadiça. Tem este palacio 20 aposentos de sul a norte, e quantidade de outros palacios encerrados no seu primeiro recinto.

«Ha em Pekin sete templos celebres, cada um dos quaes é visitado pelo rei uma vez em cada anno. Quando o rei toma posse do imperio, vae ao segundo d'estes templos, ao qual se dá o nome de «Templo da Terra», com uma charrua envernizada de vermelho com filetes dourados, e puxada por bois, cujos paus estão dourados. Emquanto está lavrando, a rainha lhe está no seu palacio preparando um jantar mui simples.

BUACCIONI (CONDE DE ——) MAJODIM.

E. *Historia delle guerre civili d'Inghilterra, Catalugna, Portogalle, Palermo, &c.* Veneza, 1655, 4.º [1]

É apreciavel.

BUCH (DAS ——) DER BÜCHER.

Aphorismen der Welt —— Literatur. Gesammelt und geordnet von Egon Berg (Leopold Auspitz). Tomo II. *Herz und Natur.* Wien, 1884, pag. 282, 400, 793. Apresenta estrophes e extractos dos *Lusiadas.*

BUCH (DAS GOLDENE ——).

Ein Universal-Lexikon zur Unterhaltung und Belehrung für Jedermann aus dem Volke. Berlim, 1852, 5. 6 vol.

Vol. II: *Luiz de Camoens, der grösste Dichter der Portugiesen.*

Vol. V: *Marquez de Pombal,* pag. 205 a 209. Portugal.

---

[1] Sr. Camillo Castello Branco, *Narcoticos,* vol. II, pag. 42.

BUFFIER (P.) — Da companhia de Jesus.

E. *Introduction à l'Histoire des Maisons Souveraines de l'Europe 1717*

No tomo III, fl. 486, trata dos reis de Portugal, porem tão succintamente, que é uma breve instrucção do principio e existencia d'esta real casa [1].

BUGLIO (LUIZ——).— Jesuita, siciliano. Fallava e escrevia o chinez com uma facilidade pasmosa. Tomou parte, conjunctamente com os padres Verbiest e Gabriel Magalhães, na reforma do calendario chinez.

E. *Vita, mors et exequiae P. Gabrielis de Magalhães.*

Foi esta vida traduzida para francez, e se encontra de pag. 370 a 385 da obra: *Nouvelle relation de la Chine, contenant la description des particularités les plus remarquables de ce grande empire. Composée en l'année 1668 par le R. P. Gabriel de Magalhaens, de la Compagnie de Jésus. Et traduite du portugais en français par mr. B. (Bernon).* A Paris, chez Claude Barbin, 1688, in-4.°, 385 pag. No fim: Imprimerie de P. Chenault, fils. A Paris, chez Estienne Custin ou Louis Lucas. 1609, in-4.°

BUON (H. ——).— *Raziocinio dimostrato in due scritti o siamo saggi critico-apologetici sul famoso processo e tragico fine del fu P. Malagrida.* Lugano, 1781, 8.°

BURGAIN (L. A.)—Membro do conservatorio dramatico e auctor dos dramas *Pedro Sem, Tres Amores, Amores de um Padre, &c.*

E. *Luiz de Camões. Drama em 5 actos por ——. Approvado pelo Conservatorio Dramatico Brazileiro, e representado em muitos theatros, tanto no Brazil como em Portugal. Quinta edição.* Rio de Janeiro, em casa de Eduardo & Henrique Laemmert 8.°, XIII, 125 pag.

No fim traz o seguinte soneto:

Le cœur percé des traits acerés de l'Envie,
Un poëte accablé d'ennuis et de travaux,
Heureux en succombant, d'échapper à ses maux,
Atteignait sans regrets le terme de la vie.

«Lysia! Lysia! trop ingrate patrie,
Disait-il, de mon sang j'ai rougi tes drapeaux,
Ma lyre a celebré ta gloire, tes héros...
Qu'en ai-je recueilli? Durs fers, l'ignominie.»

Froide et sombre est la nuit. Sur son lit de douleurs
Le poëte s'endort. Les yeux baignés de pleurs,
Un esclave est sorti de la triste retraite,

Et le dernier ami du Chantre Lusitain
Au passant dedaigneux timidement repéte:
«Portugais! à Camões donnez un peu de pain.

[1] F. Antonio Caetano de Sousa *Historia Genealogica da Real Casa Portugueza*, vol. I ccxxi

As pessoas que representaram n'este drama, foram as seguintes:

Luiz de Camões	Germano.
Carlos de Mendonça	Paula Dias.
D. Pedro de Atayde.....	José Candido.
Fernando de Noronha	Pedro Joaquim.
Ruy da Silveira	Pimentel.
D. Rodrigo.....	Passos.
Antonio, escravo	Luiz Monteiro.
D. Catharina de Atayde	D. Grata Nicolini.
Um creado	D. Clotilde Benedicta.

As cinco edições foram de 1:000 exemplares cada uma.

BURGE (WILLEN VANDEN ——).

Nieuwe historische en Geographische Reis Beschryvinge van Spanjen en Portugal, &c. Gravenhage, 1705, 4.°, 2 vol.: 1.° 394 pag., 2.° 236 pag.

BURGOS (FRANCISCO ——).—Missionario na America meridional, no começo do seculo XVIII.

E. *États des missions des pères jésuites de la province de Paraguay, parmi les Indiens appelés Chiquites, et de celles qu'ils ont établies sur les rivières de Parana et Uruguay, dans le même continent; tiré d'un mémoire espagnol, envoyé à sa Majesté Catholique par le Père ——.*

Na *Collecção de Cartas Edificantes.* Paris, 1843, tomo II, pag. 133, 142[1].

Vertido em allemão: *Bericht an Ihro Majestät den König in Spanien, von Patre Francisco Burgos, Soc. Jesu, abgesttatet, Anno 1703. Von denen Missionen Soc. Jesu, so in Sud America, von neuem sind gestifftet worden; absconderlich denen Schikiten, dero Wohnung, Land, Nohning, Lager, Lufft, Artzney-Kunst, Aufzug, Regiment, Krieg, Ehe, Kinder Zucht, Tag-Ordnung, Feld-Bau, Music, Gäst-und Mahlzeiten, Täntze, Bether, Arbeit, Jagt, Witterung, Aberglauben, und Wahn werden beschrieben. Herr de Campero stifftet ein Collegium zu Bekehrung dieser Heyden, welchen Pater Ace und Pater Gea, Soc. Jesu, die erste Christum verkundigen; aber die meisten Spanier widersetzten sich aus Geitz ihrem Vorhaben. Zwey Missionen werden bey denen Tschiriquanen angelegt; eine dritte, aber bey denen Pignoken welche Patrem de Arce höflichst empfangen und ihm eifferigst folgen, er wird krank und die Portugesische Mamelucken fallem in das Land, werden aber geschlagen. Weg deren Mamelucken in das Schikiter Land. Die Spanier selbst zerstöhren ihre eigene Missionen, welche von dem Hunger und Pest noch mehr verdebt werden. Viel andere Missiones und Völcker zwischen Peru, Buenos-Ayres und Brasilien werden angezogen. Neuer Krieg deren Portugesischen Indianern, wieder die Spanischen, blutige Treffen, in welchen die Letztere obsiegen. Mühseligkeit deren Missionarien,* pag. 41, 48. No *Neue Welt Bott,* do P. Stöcklein, tomo IV, n.° 90.

BURNETT'S *view of Cintra.* London, 1810.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus,* vol. VI, pag. 67.

BURRIEL (ANDRÉ MARC ——).— Jesuita, natural de Buenache, fallecido em Madrid no anno de 1762[1].

I. *Instructiones sive tractatus de Tagi navigatione, rogatu Caroli Pontero; qui consilium super hac re suum proponere decreverat ministerio regis Catholici et supremo Castellae senatori.* Parece que ficou inedita.

II. *Dissertationes de Brazilii limitibus inter Hispanos et Lusitanos, jussu Marchionis de la Enzenada scriptae, quae in Collegio Imperiali anno 1767 asservantur.*

BURRUS (CHRISTOVÃO ——).— Jesuita, natural de Milão. Foi recebido na companhia de Jesus, em 1601, esteve alguns annos na India, e ensinou depois mathematica em Coimbra e Lisboa. Morreu em 1632.

E. *Relazione a Sua Santità delle cose dell' India Orientale, del Giappone, della China, dell' Etiopia, dell' Isola di San Lorenzo, del Monomotapa, e della Terra incognita australe.* Manuscripto que se guardava na bibliotheca do collegio de Brera[2].

BURTON (RICHARD F. ——).

Goa and the blue mountains; or six months of sick leave. London, 1851, 8.º 1 vol. 368 pag., com 4 estampas e um mappa.

Camoens Lusiads: Episode of Dona Ignez de Castro, in english verse by——. Printed for private circulation. 1879.

BURY (M. DE ——).— 1759.

E. *Lettre au sujet de la découverte de la conjuration formée contre le Roi de Portugal.* 1759, in-12.

BUSCAYOLO (EL MARQUÉS DE ——).

E. *Relacion del sitio y rencuentro de Castel-Rodrigo, y discurso sobre la conquista de Portugal.* 1664, 8 pag. 249 a 308. Bibliotheca da Ajuda.

BÜSCHING (A. F. ——).

E. *Neue Erdbeschreibung.* II *Portugal. Spanien.* Frenkreich. Hamburg, 1777.

BUSQUETS (D. LUIZ VERMELL Y ——).— Esculptor, natural de Barcelona.

E. *Poner el dedo en la llaga y remedio para curarla, ó reflecciones ácerca de las causas de la desmoralizacion actual.* Coimbra, imprenta de la universidad, 1872, 8.º, 19 pag

Tem este livro o seguinte offerecimento: *Al ex.mo sr. dr. D. Raymundo Venancio Rodrigues, Lente catedratico de la facultad de Matematica en la Universidad de Coimbra, off. en testimonio de amistad.— El auctor.*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. v, pag. 108.
[2] Id., vol. I, pag. 115.

Este livro é impresso em duas linguas, portugueza e hespanhola, sendo a traducção feita pelo sr. Augusto Cesar da Cruz[1].

BUSSCHE (EMILE VANDEN ——).

Flandre et Portugal.

Fez-se d'esta obra traducção flamenga, impressa em 1879.

V. R. Francisque Michel: Les Portugais en France, les Français en Portugal. pag. 8.

BUSSIERES (JEAN DE ——).—Jesuita. Nasceu em Villefranche no anno de 1607, e falleceu em 1678.

Vie de S. François Xavier, Apostre des Indes, de la Compagnie de Jésus. Lyon, Antoine Molin, 1670, in-12.

Na bibliotheca de Lyon guardava-se a seguinte obra manuscripta: *Voyage de S. François Xavier dans le Japon, ses travaux qui le firent surnommer l'Apôtre des Indes, ses miracles et les persecutions que les Bonzes lui firent éprouver.*

Les voyages de Louis Almeida, des PP. Torres, Frœz, Acosta, Fernandes, Villela, Monti, Valla, Cabral, Lopes, Gueseti, Vellegnan e Mesquita: la constance des nouveaux Chrétiens, leur zèle a soutenir leur croyance, le martyre de plusieurs, et le détail de leur tourment. L'ouvrage comprend tous les événements arrivés au Japon depuis 1549 jusqu'à 1598[2].

BUSTEN, BUSTON; de Bubsten, segundo Alegambe; Estevão, segundo Machado, conhecido por estas differentes denominações, chamava-se na realidade Stephens. Nasceu na diocese de Salisbury em 1549, acabou seus estudos de philosophia em Roma; foi recebido em o noviciado a 11 de outubro de 1578, e chegou a Goa em 24 de outubro de 1579. Morreu n'esta cidade no anno de 1619, depois de ter trabalhado quarenta annos nas missões de Salsete[3].

Nossos bibliographos o citam como um habil linguista: «Primus, Canarinum idioma in regulas ordinemque digessit. Indostanum etiam quo nobiliores utantur, perfecit et caluit... scripsit:»

I. *Grammatica Linguae Canarinae, cujus in India Orientali usus est, atque aucta a nostro Didaco de Ribeiro.* Racholii, 1640, in-4.º

II. *Opus magnum cui Purana titulus est idiomate indostano, in quo praecipua Fidei mysteria metro exponit, quod tanto plausu exceptum fuit, ut Dominicis festisque diebus in Templis a Sacro praelegatur, magna omnium approbatione et voluptate».* (Sotwel.)

III. *Jesu Maria. Arte da lingua Canarim composta pelo P. Thomaz Estevão da Compagnia de Jesus, e acrescentada pelo Padre Diogo Ribeiro da mesma Cõpanhia. E novamente revista e emendada por outros quatro Padres da mesma Companhia. Com licença da S. Inquisiçam e Ordinario.* Em Rachol, no collegio de S. Ignacio da Companhia de Jesus, anno de 1640, in 4.º, 111-108 folhas.

Tal é o titulo exacto d'esta grammatica, que é rarissima, e ordinariamente mal citada pelos bibliographos. Brunet, II, 20, a cita por estes termos: *Estevano (Thom.). Arte de lingua Canara.* Rachol (Goa), 1650, in-4.º peq.

---

[1] *Instituto,* setembro de 1874. Coimbra, pag. 238.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. I, pag. 158.

[3] Id., vol. IV, pag. 79.

Esta grammatica da lingua que se falla na costa do Canará, é uma das mais antigas do Indostão. Foi ella dada pelo P. Didade de Ribeiro, segundo o trabalho do P. Thomaz Estevão Buston, ou de Buten, jesuita cognominado com o nome de Thomaz Estevano.

Santuel, Bibliot. Soc. Jesu, 768, e Ebert, 6:956, datam este livro de 1640, a Bibliot. Marsden traz esta mesma data.

Existe na realidade a edição de 1650? Hoje sabemos qual o verdadeiro nome do P. Stephens; Dr. Olivier cita uma carta MS. datada de Goa a 4 de novembro de 1579, e dirigida a seu irmão Richard Stephens; alem d'isto, na vida MS. do P. Edmond Campian, principiada pelo P. Parsons, lê-se esta passagem: «Mr. Thomas Stephens, of Oxford University, had lived and laboured divers years most fruitfully in the East Indies.»

Barbosa Machado tomou este auctor por portuguez, e apenas d'elle cita uma obra: *Thomaz Estevam, Doutrina Christãa em lingua Bramana Canarim, ordenada á maneira de Dialogo para ensinar os meninos.* Rachol, in-8.º

BYRON (LORD ——).

E. *Correspondence with a friend, including his letters to his mother, written from Portugal, Spain, Grece, and the shores of the Mediterranean. 1809 a 1811.* 3 vol. Paris, 1825.

C

«At Lusitani, quorum linguae etiam inter Europae vulgares, ut Castellanae vere germanae sorori, aut potius veteri Castellae idiomati pretium et honorem suum non invidemus, tot habent elegantiarum suae hujus linguae admiratores et sectatores, ut Livios suos & Fabios, Ciceronesque, Sallustiosque monstrare digito peregrinis domique extollere laudibus ad cœlum valeant.»

Nicolau Antonio, *Bibliot. Nova*, I, pag. VIII.

CÁ MASSER.

Relazione alla Serenissima Republica di Venezia, sopra il commercio dei Portoghesi nell' India dopo la scoperta del Cabo de Buona Esperanza (1497 a 1506).

Vem no tomo XXII da collecção italiana intitulada: *Archivizio Storico Italiano.*

CABALLEROS (MARQUEZ DE JEREZ DE LOS ——).

Obra que nos informa sobre Camões, diz a *União Federal* do Rio de Janeiro, e deverá ser altamente apreciada por todos aquelles que prezam as glorias do eminente epico portuguez [1].

CABANES (FR. X. DE ——).

E. *Campaña de Portugal 1810 y 1811. Traducion del francès al castellano.* Madrid, 1815.

---

[1] *União federal*, de 3 de março de 1891, n.º 53.

CADAVALLIS GRAVIUS.

E. *In praeclarissimo atque beneficentissimo episcopo Juliani de Alba, rerum sacrarum Regni praefecti corporis et animi egregias dotes, brevis apographia.* Apud Franciscum Corream, 1566. 4.º, 8 folhas.

CAIGNIEZ.

E. *Jean de Calais. Melodrame à spectacle, en trois actes et en prose.* Paris, 1810.

A scena d'este *João de Calais* passa-se em Lisboa.

CAILLE (M. L'ABBÉ DE LA ——).— De l'academie des sciences. Nasceu este astronomo celebre no anno de 1713, em Rumigni, diocese de Rheims, e falleceu em 1762. Suas primeiras observações começaram no anno de 1737.

E. *Journal historique du voyage fait au cap de Bonne Esperance, par feu ——. Précédé d'un discours sur la vie de l'Auteur, suivi de remarques & de réflexions sur les coûtumes des Hottentots et des Habitants du Cap. Avec figures.* A Paris, chez Guillyn, 1763, 8.º, XXXVI, 380 pag.

*
* *

Tendo arribado por caso de força maior ao Rio de Janeiro em 1751, ali fez observações de toda a especie, ácerca da altura do polo, da declinação da agulha tocada no iman, sobre a latitude e longitude da pendula [1].

Depois de ter examinado o planispherio levantado por M. Halley, e tambem as observações de Ptolomeu e as dos pilotos portuguezes, achou M. de la Caille logar para quatorze novas constellações melhor fornecidas e mais exactas do que as antigas. Era necessario dar a estas constellações nomes novos.

Bayer tinha levantado seu planispherio sobre o catalogo de Ptolomeu e sobre as observações dos primeiros pilotos portuguezes, M. de la Caille refundiu a obra de Bayer, e restabeleceu as constellações d'Eridan, do grão cão, da hydra femea e do Sagittario, e dividiu em tres partes a bella constellação do *Navio*, composta de mais de 160 estrellas, todas faceis de reconhecer.

M. de la Caille apresenta uma descripção do Rio de Janeiro. Diz que os Portuguezes têem um extremo cuidado de fechar aos estrangeiros todo o commercio do Brazil. Desde o momento da chegada do navio em que se achava la Caille até sair a bahia, estiveram de guarda a bordo do navio, um capitão, um sargento e oito soldados. Diz outrosim que o Rio de Janeiro era uma cidade mui consideravel, e que tinha uns 50:000 habitantes. Que as ruas eram muito bellas, alinhadas, a maior parte das casas mui bem construidas, as igrejas mui bellas. Em summa, emprega onze paginas na descripção d'esta cidade.

CAILLEMER (M. E.).

Publicou nas *Mémoires de l'Academie de Caen* um *Étude sur Antoine de Gouveia*, 1868, pag. 79, 120 [2].

---

[1] *Journal historique du voyage*, pag. 47. A pag. 113 encontra-se uma pequena descripção da ilha de Porto Santo. A pag. 115 a de S. Thiago. Diz que os habitantes d'esta ilha são refinados ladrões.

[2] Vicomte de Grouchy, *Étude sur Nicolas de Grouchy*, pag. 25. Paris, 1878.

Será este exactamente o mesmo trabalho que mencionei em o n.º 208 do 1.º volume do meu *Portugal e os Estrangeiros*, ou haverá ampliações, e será uma nova edição?

CAILLOT (PARANT ——).

E. *Vie de Dom Barthelemy des Martyrs, Archevêque de Braga, en Portugal. Traduite de l'Espagnol et du Portugais. Par Isaac Le Maître de Sacy, et abregée par Ant. Caillot.* Paris. Dufour et C.ª, rue du Paon. N.º 1:826. 8.º, 379 pag. Com quatro lindas estampas, representando passagens da vida de D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

CAIMI (EUGENIO ——).

Braganza e Savoia. Cantata di ——. Torino, Typ. Italiana di Fr. Martinengo & C.ª 1862. 4.º, 14 pag.

Bibliotheca de Ajuda.

CALCOEN.

A ducht narrative of the second voyage of Vasco da Gama to Calicut, printed at Antwerpia circa 1504. With introduction by J. H. Berjeau. London, 1874, in-4.º

CALCUTTA REVIEW.

N.º 3 — Missões dos jesuitas.
N.º 10 — Os portuguezes no norte das Indias.
N.º 51 — A familia Shirlei.
N.º 57 — A inquisição de Goa.
N.º 77 — Vida de S. Francisco Xavier.
N.ºs 102 e 103 — Topographia do imperio Mogol.
N.º 105 — Os Feringhins de Chittagong.

CALDERON DE LA BARCA.—V. BARCA (CALDERON DE LA).

Brazil, Hespanha, Portugal.

Centenario do egregio e inspirado poeta hespanhol D. Pedro Calderon de la Barca. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1891.

Os portuguezes no Brazil de combinação com os brazileiros, festejaram o centenario de tão celebre poeta. E Carlos Perdigão escreveu o seguinte artigo:

* * *

«A Hespanha é uma das terras bemditas.

«Deus creou sem duvida para todos o sol, a lua e as estrellas; mas parece tel-as creado mais especialmente para os povos que não conhecem as nevoas espessas, e só têem dias serenos e esplendidos.

«São esses dias e essas noites que a Providencia concedeu a Hespanha.

«Ahi tudo convida a contemplação e ao arroubo da phantasia, pela belleza dos sitios, pela grandeza das recordações.

«Se seu aspecto é caro aos poetas e aos artistas, ainda é mais caro aos poetas e aos eruditos; e a erudição duplica a existencia, ennobrecendo-a e adornando-a.

«Os povos novos, como os das Americas e outros, são como a infancia e a

adolescencia, olham para o futuro; os antigos, porém, como a Hespanha, contemplam não só o futuro, como principalmente o passado, porque d'este é que vem a sabedoria para prevenir as alternativas d'aquelle.

«Na Hespanha os velhos são jovens pela imaginação, os jovens são velhos pela recordação!

«Basta só o XVII seculo, que deu esse prodigio de erudição chamado D. Pedro Calderon de la Barca!

«É o genio que ha de durar, emquanto durarem os tempos!

«Na lyra suavissima do sentimento afina a eloquencia.

«N'esse clima deleitoso sob céu scintillante, foi poeta, philosopho, mathematico, historiador, politico e jurisconsulto.

«Calderon foi tres vezes hespanhol do seu seculo: soldado, poeta e padre. Mas, soldado ou padre, foi sempre o amado das musas. Levou-as para a guerra, como para o templo. Assim é que, após dois seculos da morte d'esse grande homem, não celebrâmos o soldado nem o padre, mas sómente o poeta, que recebeu de Lopo de Vega o sceptro da comedia castellana, e o passou á posteridade.»

* * *

«O terceiro volume da obra de Schack, consagrado principalmente á analyse dos trabalhos de Calderon, excede todas as memorias publicadas sobre este auctor. Antes d'esta publicação, o trabalho mais digno de consultar-se a este respeito, fôra dado á luz em 1822, por Valentim Schmidt nos *Annales de Vienne*, e reproduzido quasi na sua integra por Rosenkranz, na interessante *Histoire de la poésie*, Halle, 1833. Os autos sacramentaes e as comedias divinas mais importantes foram traduzidos com o maior primor pelo barão de Eichendorf. M. Hartzenbuch publicou tambem na *Biblioteca de auctores españoles*, a mais completa edição que hoje possuimos das comedias de Calderon [1].

* * *

Attendendo á importancia d'este grande poeta hespanhol, damos aos leitores mais alguns extractos do *Infante Santo*, extractos nos quaes o poeta hespanhol engrandece as virtudes e glorias do nosso Infante.

* * *

(Salen dos cautivos cantando lo que quisieren, y Zara.)

ZARA

Cantad aqui, que ha gustado,
mientras toma de vestir
Fenix hermosa, de oir
las canciones que ha escuchado.
Talvez en los baños llenas
de dolor y sentimiento.

---

[1] *O Instituto*, jornal de Coimbra. 1855, pag. 314.

CAUTIVO I

Musico, cuyo instrumento,
son los hierros y cadenas
que nos aprisionan,
puede averla alegrado?!

ZARA

Si, ella escucha desde aqui
cantad.

CAUTIVO

Esa pena excede,
Zara hermosa, quantas son,
pues só un rudo animal,
sin discurso racional
canta alegre en la prision.

ZARA

No cantais vosotros? És
para divertir las penas
proprias, mas no las agenas.
Ella escucha, cantad pues.

(Cantan.)

Al peso de los años
lo eminente se finde
que a lo facil del tiempo
no hay conquista dificil.

ROSA

Despejad, cautivos, dad
a vuestras canciones fin,
porque sale a este jardin
Fenix, a dar vanidad
al campo con su hermosura,
segunda Aurora del prado.

(Salen las moras vestiendo a Fenix.)

ZARA

No blasone el Alva pura,
que la debe ese jardin
la luz y fragancia hermoso
ni la purpura la rosa,
ni blancura el jasmin.

FENIX

El espejo.

ESTRANHO

Es escusado
querer consultar con el
los borrones que el pinzel
sobre la tez ha dejado.

(Danle un espejo.)

FENIX

De que sirve la hermosura,
quando lo fuese la mia,
si me falta la alegria?
si me falta la ventura?

ZARA

Que tienes?

FENIX

Si yo supiera,
hay Celima, lo que siento,
de mi mismo sentimiento
lisonja al dolor hiziera.
Pero de la pena mia
no sé la naturaleza,
que entonces fuera tristeza
lo que hoy es melancolía.
Solo sé, que sé sentir,
lo que sé sentir no sé,
que ilusion del alma fué.

ZARA

Pues pueden te divertir
tu tristeza estos jardines,
qual la Primavera hermosa
labra en estatuas de rosa,
sobre templos de jasmines.
Hazte al mar, un barco sea
dorado carro del Sol.

ROSA

Y quando tanto arrebol
errar por ses ondas vea,
con grande melancolia
el jardin al mar dirá,
Ya el Sol en su centro está,
muy breve ha sido este dia.

FENIX

Pues no me puedo alegrar
formando sombras y lexos
la emulacion que en reflexos
tienen la tierra y el mar.
Quando con grandezas sumas
compiten entre esplendores
las espumas a las flores,
las flores a las espumas.
Porque el jardin invidioso
de ver las ondas del mar,
su curso quiere imitar
y asi el zefiro amoroso
matizes rinde y olores,
que soplando en el las bebe
hazen las hojas que muebe
un Oceano de flores
quando el mar triste de ver
la natural compostura
de jardin, tanbien procura
adornar e componer.
Su playa la pompa pierde,
y a segunda ley sugeto,
compite con dulce efeto
campo azul, y golfo verde,
siendo ya con rizas plumas,
ya con mezclados colores
el jardin un mar de flores
y el mar un jardin de espumas.
Sin duda mi pena es mucha,
no la pueden lisonjear,
campo, cielo, tierra y mar.

ZARA

Gran pena contigo lucha.

(Sale el rey con un retrato.)

REY

Si acaso permitte el mal
quartana de tu belleza,
dar treguas a tu tristeza,
que este bello original,
que no es retrato el que tiene
alma y vida: es del Infante
de Marruecos, Tarudante,
a rendir a tus piés viene

su corona, embaxador
es de su parte, y no dudo,
que Embaxador, que habla mudo,
trae embaxadas de amor,
favor en su amparo tengo,
diez mil ginetes alista,
que enbiar a la conquista
de Ceuta, que ya prevengo
de la verguenza esta vez
licencia permite amar
a quien se ha de coronar
Rey de tu hermosura en Fez.

FENIX

Valgame Ala.

REY

Que rigor
te suspende de esa suerte?

FENIX

La sentencia de mi muerte.

REY

Que es lo que dices?

FENIX

Señor
si sabes que siempre has sido
mi dueño, mi padre, y Rey,
que he de decir?

(Aparte.)

Ay Muley,
gran ocasion has perdido.
El silencio, ay infeliz,
hace mi humildad imnensa,
miente el alma, si lo piensa,
miente la voz si lo dice.

REY

Toma el retrato.

FENIX

Forzada
la mano, le tomará,
pero el alma no podrá.

(Disparan una pieza.)

ZARA

Esta salva es a la entrada
de Muley, que hoy ha surgido
del mar de Fez.

REY

Justa es.

(Sale Muley con baston de general.)

MULEY

Dadme, gran señor, los piés.

REY

Muley, seas bien venido.

MULEY

Quien penetra el arrebol
de tan soberana esphera,
y a quien, en el, puerto espera
tal Aurora, hija del Sol,
fuerza es, que venga con bien;
dadme, señora, la mano,
que este favor soberano
puede mereceros quien,
con amor, lealtad y fé
nuevos triunfos te previene,
y fué a serviros y viene
tan amante como fué.
Valgame el cielo que veo?

FENIX

Tu, Muley? Estoy mortal.
Vengas con bien.

MULEY

No, con mal
sera, si a mis ojos creo.

REY

Entín, Muley, que hay del mar?

MULEY

Hay tu sufrimiento pruevas,
de pesar te traigo nuevas,
porque ya todo es pesar.

REY

Pues quanto supieres di,
que en un animo constante
siempre se halla igual semblante
para el bien, y el mal: aqui
te sienta, Fenix.

FENIX

Si haré.

REY

Todos os sentad: prosigue,
y nada a callar te obligue.

*
* *

REY

Calla, no me digas mas,
que de mortal furio lleno,
cada vez es un veneno,
con la muerte que me dás.
Mas sus brios arrogantes
haré, que en Africa tengan
sepulcros, aunque armados vengan
sus Maestros, los Infantes.
Tu, Muley, con los ginetes
de la costa, parte luego,
mientras yo en tu amparo llego,
que si como me promettes
en escaramuças diestro
le ocupas, puesque tan presto
no tomen tierra, y en esto
la sangre heredada muestras.
Yo tan veloz llegaré
como tu, con lo restante
del ejercito arrojante,
que en ese campo se ve.
Porque la sangre concluya
tantos duelos duelo en un dia,
Porque Ceuta hade ser mia,
Y Tanger no hade ser suya.
(Retiram-se.)

MULEY

Aunque de paso, no quiero
dejar, Fenix, de decir,
ya que tengo de morir,
la enfermedade de que muero.
. . . . . .

O *Principe Constante* foi traduzido para allemão por Schelegel, e em annos mais chegados a nós, por Pertz, professor, e representada em todos os theatros da Allemanha. V. *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. VIII, pag. 171.

CALDERON (ESTEBANEZ —— EL SOLITARIO).

De la conquista y perdida de Portugal. Madrid. Imprenta de A. Perez Dubrull. 1885. 2 vol. in-8.º pequeno; 1.º 350 pag., 2.º 416.

*
* *

«..... Em nosso entender, póde colligir-se, depois de examinadas bem taes accusações e suas respostas, que nem a culpa foi toda de Carracena, nem elle fez os esforços de valor e de intelligencia militar de que havia mister n'uma occasião tão grave: E com a escassez de recursos e outras contrariedades que o rodeavam, tivera, por aquelles tempos, a falta de brios, o desalento e a imprudencia, que eram geraes, desde o governo que dirigia, até aos homens de guerra e soldados encarregados da execução. Em conclusão: pelo que diz respeito a Carracena, podemos dizer que todas estas accusações e outras muitas que lhe dirigiu a voz publica ou a rivalidade de seus inimigos, por mais que em parte fossem apaixonadas e injustas, deveria tomar-se em conta o não haverem conservado no seu posto a este general, depois da derrota de Montes Claros, embora não haja cousa que mais desanime o soldado, do que o descredito de seu general; assim como a fama d'este, bom nome e prestigio enchem-no de confiança, e lhe prestam poderoso estimulo para a victoria.»

CALLEMANT (DR. ROBERT AVÉ ——).

Luiz de Camoens Portugal's grosster dichter gest 1579. Eine festschrift zen gedachtnisszfeier der 300 sten wiederker seines tadesjahres von ——. Leipzig, 1879, in-8.º

CALLEVILLE (J. P. CATTEAU ——). — Membre de la academie royale de sciences de Stockholm, de celle des belles lettres, histoire et antiquités de la même ville, et de plusieurs autres societés savantes et littéraires. ..... Paris, chez Pillet, 1815, 2 vol., 8.º

*
* *

«Christina ia deixar de exercer o poder supremo; mas, alguns dias antes de se demittir d'elle, praticou um acto de auctoridade, que deu motivo a uma surpreza geral. Tendo mandado vir o introductor dos embaixadores a Upsal, entregou-lhe ella um escripto, com ordem de dar uma copia d'elle ao residente de Portugal. Por este escripto fazia a rainha saber ao residente, que seu emprego junto da côrte da Suecia era inutil, visto ter ella resolvido de nunca mais reconhecer o duque de Bragança como rei de Portugal, não podendo convir este titulo senão a Filippe IV, rei de Hespanha, e a seus successores; no emtanto, o residente, que tinha vindo sob fé publica, havia de gosar de uma protecção inviolavel.

«O motivo secreto d'este procedimento, fôra porque a rainha queria captar a amizade do rei de Hespanha, pois tinha o designio de fixar primeiramente sua residencia nos Paizes Baixos hespanhões. Tinha esperado até aos ultimos dias de seu governo para fazer a declaração, persuadida, no que ella mesmo concordou, de que seu successor daria o remedio.

«Com effeito, o principe Carlos Gustavo e o senado fizeram saber ao residente que podia elle deixar-se ficar em Stockholm, e que depois da abdicação da rainha, que não estava longe, os tratados de amizade e de commercio com Portugal, seriam confirmados.» Vol. I, pag. 367.

*
* *

«Parece, pela leitura de algumas memorias, que a rainha Christina tivera com Descartes e Chanut, algumas conferencias ácerca da religião catholica. Não poderiamos, porém, crer que estes dois homens, tolerantes tanto um como o outro, a tivessem persuadido a mudar de religião. Chanut póde tanto menos ser citado, quanto elle deu á rainha o conselho de se deixar ficar sobre o throno, o que ella sómente poderia fazer conservando a religião do seu paiz. É mais provavel que tivesse sido Pimentel quem contribuiu para a decidir por meio de suas conversas, e mandando vir a Stockholm missionarios disfarçados. Segundo a relação de um hespanhol, o jesuita Godefroi Francken, esmoler do conde de Robelledo, embaixador de Hespanha em Copenhague, foi o primeiro que emprehendeu fazer com que ella conhecesse a religião catholica durante uma viagem que fez para este fim á Suecia, e foi seguido dos missionarios, que chegaram sob os auspicios de Pimentel, entre os quaes se distinguiu, por seu zêlo e sua intelligencia, o dominicano Guémès. Segundo uma outra relação, foi o jesuita portuguez Antonio de Macedo, chegado com o ministro de Portugal, quem, desde o anno de 1650, instruiu Catharina nos dogmas e ceremonias da igreja romana, e que, tendo partido da Suecia, procedeu de sorte que enviaram dois jesuitas para terminarem a obra: e eram, segundo a relação, o padre Francisco Malines, que ensinava theologia em Turim, e Paulo Cavati, que professava as mathematicas em Roma.» Vol. II, pag. 12.

*
* *

«D. João, rei de Portugal, escreveu uma carta a Christina, dizendo-lhe que tinha inveja a esta rainha, por isso que tinha um ministro tão illustrado como era o chanceller Oxenstiern.» Vol. II. pag. 19.

CALVO (MR. CHARLES ——).—Ancien ministre, membre correspondant de l'Academie des Sciences Morales et Politiques de l'Institut de France, de l'academie royale de histoire de Madrid, membre fondateur de l'institut.

E. *Recueil Historique, complet, des traités, conventions, capitulations, armistices, questions de limites et autres actes diplomatiques, de tous les États de l'Amérique Latine, compris entre le golphe du Mexique et le Cap de Horn, depuis l'année 1493 jusqu'à nos jours, précédé d'un mémoire sur l'état actuel de l'Amérique.*

de tableaux statistiques, d'un dictionnaire diplomatique et d'une notice historique sur chaque traité important.

Divide-se esta obra em tres periodos: o primeiro abrange a epocha colonial, e forma 11 volumes in-8.º Os quatro ultimos narram as antigas questões entre Hespanha e Portugal.

Le droit international, &c. Troisième édition, complétée. Tome I. Paris. Guillaumin et C.ᵉ, éditeur. In-4.º, 1880, 712 pag. xxxiv, 712 pag.

*
* *

«A descoberta da America por Christovão Colombo, á qual a Hespanha foi devedora do engrandecimento de seu poder e de sua riqueza, deu um forte impulso a esse espirito de emprezas e de colonisação que caracterisou o seculo XV. Abaixo da Hespanha, nação sobre a qual esta descoberta do novo mundo exerceu maior influencia, foi Portugal, que tambem para si quiz abrir um novo caminho para a India (pag. 17). Antes mesmo de Colombo emprehender sua segunda viagem, tinha o governo portuguez tentado organisar uma expedição para America: mas a attitude tomada pela Hespanha obstou á realisação d'este projecto. Todavia Portugal de nada deixou de deitar mão para obstar as descobertas de seus rivaes. D'ahi procederam as graves questões que por tanto tempo dividiram e perturbaram estes dois paizes.

«Mal a descoberta de Christovão Colombo foi conhecida na Europa, logo o papa Alexandre VI expediu a favor dos reis catholicos sua celebre bulla de 4 de maio de 1493, na qual declarava que na sua qualidade de soberano pontifice, concedia ao rei Fernando e á rainha Izabel, bem como a seus successores nos thronos de Castella e Aragão, todas as terras ou ilhas descobertas e por descobrir no occidente e no meio dia, de uma linha ficticiamente traçada do polo arctico ao polo antarctico, e a 100 leguas a oeste do grupo dos Açores e das ilhas de Cabo Verde. Ainda a mesma bulla estabelecia que o dominio sobre estas terras e estas ilhas era concedido aos reis de Hespanha, a não ser que houvessem ellas sido occupadas por outro principe christão antes do dia de Natal de 1492. Reservava assim as conquistas de Portugal e dos outros soberanos da Europa. Uma segunda bulla do mesmo papa decretou que os reis de Castella e de Aragão gosassem nos paizes descobertos e que viessem a conquistar, dos mesmos direitos e privilegios, que tinham sido concedidos pela Sé Apostolica aos Reis de Portugal, para suas conquistas, tanto na costa de Africa como nas Indias.

«No fim d'este mesmo anno de 1493 o soberano pontifice confirmou por uma terceira bulla o teor das duas precedentes; e, para melhor garantir aos vassallos dos reis de Castella e de Aragão o direito exclusivo de fazer descobertas, annullou todas as outras concessões, das quaes as novas terras teriam podido ser o objecto. D. João II de Portugal reclamou em vão, pretendendo que taes bullas estavam em opposição directa com as concessões reconhecidas anteriormente pela Santa Sé em favor de Portugal. Uma vez convencido da inutilidade de proseguir nos seus queixumes e censuras junto da côrte de Roma, pensou o governo portuguez em encetar directamente negociações com os reis de Castella, com o fim de regularem a questão por meio de um accordo amigavel.

«A 4 de junho de 1494 reuniram-se em Tordesillas os representantes de Por-

tugal e de Hespanha. Terminaram tão promptamente suas conferencias, que a 7 do mesmo mez assignaram o tratado, que estavam encarregados de negociar. Convieram, por este accordo, em darem maior extensão á linha traçada pelo papa Alexandre VI, fixando-a a trezenta e setenta leguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. E ao mesmo tempo, para melhor assegurar a execução d'esta clausula, estipularam que todas as descobertas que podessem ter sido feitas por um ou outro dos dois paizes dentro da linha de repartição, ficariam pertencendo com plena soberania áquelle que a ellas tivesse direitos. E finalmente foi decidido que se procederia á determinação exacta do meridiano de demarcação nos dez primeiros mezes, que se começariam a contar desde o dia 7 de junho de 1494, e que seria esta missão confiada a dois ou quatro navios de uma e da outra nação, tripulados por pessoas versadas nas sciencias geographicas, astronomicas e nauticas.

«Tal foi, em substancia, o tratado de Tordesillas, que poz termo, por alguns momentos, á primeira discussão internacional causada na Europa pela descoberta da America, mas que suscitou, mais tarde, interminaveis questões de limites entre as possessões transatlanticas da corôa de Hespanha e da de Portugal.»

*
* *

Vejâmos agora a lista dos auctores citados por Calvo:

I. Fernando Colon — *Vida del almirante;*
II. Oviedo — *Historia;*
III. Benzoni — *Historia;*
IV. Acosta — *Historia;*
V. Vega — *Florida del Inca;*
VI. Herrera — *Historia;*
VII. Prescott — *Historia;*
VIII. Robertson — *Historia;*
IX. Irving — *Historia;*
X. Campe — *Historia;*
XI. Marianna — *Historia:*
XII. Navarrette — *Collecção:*
XIII. Lorgues — *Historia:*
XIV. Lafuente — *Historia;*
XV. Cantu — *Historia universal;*
XVI. Reynal — *Historia philosophica;*
XVII. — *Arte de verificar as datas;*
XVIII. Barros Arana — *Compendio;*
XIX. Cauchy — *Exercices de Mathématique;*
XX. Hautefeuille — *Historia;*
XXI. Cadoret — *Vida de Christovão Colombo:*
XXII. Torquemada — *Monumentos indianos:*
XXIII. Garden — *Historia geral:*
XXIV. Calvo — *Collecção, &c., &c.*

Esta importante questão do direito de posse e de soberania sobre as terras descobertas de novo, indica-nos o caracter das relações politicas que os estados da Europa mantinham com o pontifice romano, pois que no momento de um

accordo especial e directo, Hespanha não hesitou, bem como não hesitou Portugal, em acceitar plenamente a competencia e auctoridade de Alexandre VI, dispondo a seu modo de entender da propriedade das regiões, das ilhas e dos continentes que o genio dos navegadores tinha de revelar ao mundo.

Á descoberta da America ligam-se duas grandes questões internacionaes, que, mesmo em nossos dias, ainda não receberam uma solução definitiva: uma é a do trafico da escravatura, que deve seu nascimento ás medidas adoptadas por Carlos V para a organisação do trabalho nas colonias hespanholas. E a outra é o livre percurso dos mares.

Fazendo fincapé nos seus direitos de descoberta, de conquista e de primeiros occupantes, Hespanha e Portugal aspiravam ao dominio exclusivo do Oceano e ao monopolio do commercio com as suas novas possessões transatlanticas. É, pois, nos resultados das viagens de Colombo, e da passagem do Cabo da Boa Esperança, que é mister procurar os antecedentes historicos da questão, que, algum tempo depois occupou tão vivamente a attenção de Grocio e de Selden.»

....

....

Como era facil de prever, a influencia que a auctoridade pontificia tinha arrogado a si sobre as questões internacionaes, não podia deixar de, com o tempo, ter consequencias fataes para os diversos estados europeus. Uma d'estas consequencias, e não foi ella a menos grave, devia ser o isolar estes estados, concedendo a uma auctoridade estrangeira a faculdade de se ingerir nas relações reciprocas d'elles e até nos negocios de sua politica interior. E com effeito, mal vemos despontar no horisonte do seculo XIII a sombra da constituição das monarchias absolutas, que se levantam immediatamente contra a supremacia usurpada pelos pontifices romanos energicos protestos que, juntos a outras causas puramente religiosas, vieram a produzir a grande reforma do seculo XVI.

No ponto de vista do direito internacional, a reforma de Luthero e de Calvino é um dos acontecimentos mais notaveis da historia do mundo. Não inaugura sómente a constituição das monarchias soberanas no centro da Europa: significa, primeiro que tudo, que d'ora ávante as relações de povo para povo já não dependem da vontade do chefe da Igreja, mas entram no dominio proprio de cada estado em particular. Não se limitam a isto os effeitos salutares da reforma: imprime ella, outrosim, no direito internacional, um caracter positivo que se reflecte em todas as obras dos auctores d'esta epocha.

Entre os publicistas que precederam a Grocio, figura em primeiro logar Machiavel, nascido em Florença no anno de 1460, e fallecido em 1527, o qual occupou importantes situações politicas e desempenhou numerosas missões. Na sua obra intitulada *O principe*, descreve de um modo tão lugubre a sociedade, no meio da qual vivia, que sem difficuldade comprehendemos que a corrupção e a miseria devia dominar n'ella.

Aos olhos de Gentilis, a obra de Machiavel não passa de uma satyra mordente dos vicios dos principes, e uma exposição completa dos meios de que os tyrannos lançam mão para consolidarem seu dominio. O que é certo é que a obra provocou apreciações as mais oppostas; suscitou ardentes polemicas, e que o nome do celebre florentino serviu para designar um systema completo de governo e de politica, que tinha por base o despotismo, o poder absoluto sem freio, e por meios de acção a mentira, a hypocrisia, e os processos mais avêssos á equidade.

O grande defeito de Machiavel é o separar completamente, mesmo pôr em opposição directa a politica e a moral. São-lhe indifferentes os meios: só enxerga um alvo — o poder e o dominio sobre os outros...

Um outro publicista notavel do seculo XVI, foi o jesuita hespanhol Francisco Suarez, nascido em 1548, e fallecido em 1617, o qual no seu livro *De legibus et Deo legislatore,* foi o primeiro que assignalou a distincção existente entre o direito natural e os principios convencionaes observados pelas nações. Comprehendeu e demonstrou que o direito internacional se compõe não sómente dos principios de justiça applicados ás relações mutuas dos estados, mas ainda dos usos observados durante muito tempo pelos povos da Europa em suas relações internacionaes e consagrados mais tarde como lei consuetudinaria das nações christãs da Europa e da America.

Um livro importante foi publicado pela mesma epocha, o do professor da universidade de Salamanca, Francisco Victoria, intitulado *Relectiones Theologicae,* e publicado pela primeira vez em Lyon no anno de 1557, obra de theologia casuistica, na qual o auctor discorre ácerca dos titulos pelos quaes os hespanhoes possuiam o dominio do novo continente, assim como tambem trata dos direitos da guerra.

A respeito dos direitos da guerra, Victoria examina se os povos christãos a podem fazer com inteira justiça, a quem pertence o direito de a declarar, quaes causas podem justificar o exercicio d'este direito, e quaes são os effeitos que uma guerra justa produz sobre o inimigo. Resolve a primeira questão n'um sentido affirmativo. Pelo que toca á segunda, depois de ter comparado os direitos do individuo com os do estado, conclue que o estado tem o direito, não sómente de se defender, mas até mesmo de pedir uma reparação dos prejuizos que houver experimentado. Examinando a terceira questão, conclue que a differença de religião não póde ser considerada como um justo motivo de guerra.

É de opinião que em tempo de guerra é permittido fazer tudo quanto for necessario para defeza e conservação do estado, e que, quando a guerra for justa, nos podemos apossar do territorio dos inimigos e de suas fortalezas, para o possuirmos e obrigarmos a fazer a paz. Discute depois a natureza e o alcance dos actos que constituem a hostilidade, e estabelece que não devemos matar mulheres nem creanças, que, até mesmo na guerra contra os turcos devem ser consideradas como innocentes. Victoria termina esta parte de seu livro estabelecendo tres regras:

«1.ª Que o soberano que possuir o direito de fazer a guerra, não deve procurar pretextos para fazer com que as hostilidades rompam; deve, pelo contrario, esforçar-se por viver em paz com todo o mundo, sem perder jamais de vista que a declaração de guerra nunca se póde justificar senão pela necessidade.

«2.ª Que, quando mesmo uma guerra fosse justa, nunca deveria ter como alvo a destruição completa do inimigo, mas tão sómente o infligir-lhe prejuizos na medida necessaria para assegurar a conclusão da paz.

«3.ª Que o vencedor deve fazer uso da victoria com moderação e humildade christã.»

A obra de Balthazar de Ayala, intitulada *De jure et officiis belli,* é talvez o tratado mais completo que tenha sido publicado por esta epocha (1581), ácerca dos principios da guerra.

Ayala sustenta que as formulas a observar na declaração de uma guerra são

de tal modo essenciaes, que o esquecimento d'ellas obstaria a que uma guerra fosse considerada como justa. Concordando n'isto com Victoria, reconhece que o poder de declarar e fazer guerra é um direito exclusivo do estado, e que nem os rebeldes nem os piratas podem ser considerados como inimigos publicos. Diz tambem que a differença de religião não é uma causa justa da guerra, e que os infieis possuem tambem, como os christãos, os direitos de soberania e de dominio admittidos pelo direito das gentes . .

Mas, e com rasão, considerou-se a paz de Westphalia como o ponto de partida da historia do direito internacional moderno, e como a base das relações de povo a povo até á revolução franceza.

Uma das questões que surgiram (pag. 37), pelos fins do seculo XVII, foi a da liberdade dos mares suscitada pelas pretensões exorbitantes de Hespanha e Portugal, que, tanto uma como outra, animadas pela famosa bulla de Alexandre VI, pareciam querer attribuir a si a soberania do mundo. Grocio, no seu *Mare liberum* resolve a questão no sentido de liberdade absoluta dos mares, e foi o primeiro que combateu os direitos que a si arrogavam os portuguezes emquanto ao commercio exclusivo das Indias. Seu livro foi refutado por Selden, que, na obra intitulada *Mare clausum*, defendeu e pretendeu justificar a pretensão do governo inglez ao dominio soberano dos mares chamados britannicos [1]. Podemos dizer que a questão da liberdade dos mares, a qual tivera nascimento desde a epocha da descoberta da America, e cuja solução os governos de Hespanha e Portugal pareceram mais tarde favorecer a solução n'um sentido liberal, continuou a ser o objecto da attenção particular dos estados europeus durante todo o curso do seculo XVII, por causa das pretensões exageradas da Gran-Bretanha.

CAMBDEN'S.

The history of the present war in Spain and Portugal. With portraits and plates. London, 1812.

CAMBERLYN D'AMOUGIES (JEAN BAP. GUILL. ——).

E. *Joanni VI Portugaliae et Algarbiae Regi amantissimo Poesia.* Gandae. Typis J. N. Houdin, 1824, in-8.º, 16 pag.

CAMDEN'S (THOMAS ——).

E. *History of the present war in Spain and Portugal.* London, 1812.
Tem mais de 800 paginas.

CAMERON (LE COMMANDANT ——).

A travers l'Afrique. Voyage de Zanzibar à Benguella, traduit de l'anglais par Madame Loreau. 1 vol. 139 gravuras em madeira. Paris, 1878.

CAMOENS.

Biographisch literarischer Aufsatz. Leipzig, 1872. Orbis Pictus, III.

CAMOGLI (FREI LUIZ DE ——).

Retiro dos dez dias, ou Exercicios espirituaes. Para todos os Religiosos e

---

[1] O auctor francez deveria fallar tambem da celebre obra do portuguez Freitas.

Religiosas, e tambem devotos seculares que se quizerem aproveitar d'elles. Genova, 1726, 8.º, 592.

Vi esta obra citada no catalogo manuscripto do biblomaniaco Pedro José da Silva, e estava n'elle tambem escripto que este livro fôra traduzido do italiano para portuguez pelo padre Aloysio.

CAMPADELLI (F.).

Á Sa Majesté Très Fidèle Louis I, Roi du Portugal. Ode. Paris, le 25 septembre 1862. Paris, in-8.º

A Sa Majesté Très Fidèle Maria Pia, Reine du Portugal. Ode. Paris, in-8.º

CAMPAGNE *de l'armée française en Portugal, 1810-1811.* Paris. 1815, em duas partes.

CAMPAGNES *de Portugal, 1833 et 1834, par un officier français.* Paris, 1835.

CAMPOS (ANTONIO JOAQUIM PORTES DE —— DE S. MIGUEL DE MACHADO PORTUGAL).—Docteur en médicine.

E. *These pour le Doctorat en Médicine, présentée et soutenue à la Faculté de Médicine de Paris.* Paris. Imprimerie et fonderie de Rignoux, 1840, in-4.º largo, 21 pag.

As theses versavam ácerca dos seguintes assumptos:

I. *Ácerca da stomatite erythematosa;*

II. *Como distinguir os corpos fibrosos desenvolvidos nos ossos maxillares das outras doenças de taes ossos? Como tratar d'elles?*

III. *Determinar se existem communicações mediatas ou immediatas entre as ultimas ramificações dos canaes excretores das glandulas e dos vasos sanguineos. Existe, porventura, relação de côr entre o tecido da glande e o fluido secreté?*

IV. *Do centro de gravidade considerado n'um systema de corpos moveis. Applicações ao corpo do homem.*

CANALLEJAS (FRANCISCO DE PAULA ——).

E. *Aperçus sobre los Lusiadas.* 1858.

CANCIONEIRO *geral. Altportugies. Liedersammlung des Garcia de Rezende. Neuherausgeg. v. E. H. v. Kauler.* Stuttgart. 1846-1852. In-4.º

CANEPA (L'AVV. PIETRO ——).

Per le auspicatissime nozze di S. A. R. Maria Pia, Principessa di Savoya, con S. M. Luigi I, Re di Portogallo. Serto poetico por ——. Genova, 1862. 23 pag. 4.º gr.

CANINI (MARCO ANTONIO ——).

E. *O livro do amor. Poesias amorosas que se conhecem.* Veneza, 1886.

CANIZARES (D. JOSEPH DE ——).

E. *Fiesta que se representó al nascimiento de el Serenissimo Señor Infante D. Pedro, hijo de los muy altos y muy poderosos Señores D. João el V y Doña*

Mariana Josepha de Austria, Reys de Portugal, en el Palacio del Ex.mo Señor D. Pedro de Basconcellos . . su Embaxador Extraordinario na córte de Madrid, domingo 12 de setiembre de 1714. 4.º de 84 pag. Sem logar de impressão.

Bibliotheca real da Ajuda.

CANNECATTIM (FR. BERNARDO MARIA DE ——).—Capuchinho italiano da provincia de Palermo, missionario apostolico, ex-prefeito das missões de Angola e Congo, e superior actual do hospicio dos missionarios capuchinhos italianos de Lisboa.

E. I. *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua Bunda ou Angolense, composta por* ——. Lisboa, na impressão regia. Anno MDCCCV. Por ordem superior. XX, 218 pag.

As vinte paginas do prologo contêem uma leitura mui instructiva, versando principalmente sobre a utilidade do conhecimento da lingua bunda, e sobre as regiões em que ella é fallada.

II. *Diccionario abbreviado da lingua Congueja, a que acresce uma quarta columna, que contém os termos da lingua bunda, identicos e similhantes á lingua congueja, colligido e ordenado por* ——. Começa a pag. 149 da obra acima mencionada.

CANNING (G.).

I. *Report of speeches in the house of commons 12 dec. 1826, on the motion for an address to the King relative to the affairs of Portugal. Fourth edition.* London, 1827.

II. *Relevé des discours dans la chambre des communes 12 décembre 1826, à l'occasion de l'adresse au roi, en réponse au message de S. M. sur le Portugal.* Paris, 1827.

III. *A Brief exposition of the foreign policy of Ms. (with regard to Portugal).* London, 1830.

CANNING (LADY ——).

Authentic account of Mr. Canning's policy with respect to the constitution charter of Portugal. London, 1830.

CANNING (RICHT. HON. GEO.)

Speeches, 12 dec. 1826, on the affairs of Portugal. London, 1827.

CANNING, WILSON, HUME, BROUGHAM, &.

Discours complets sur les affaires de D. Miguel et D. Pedro. Paris, 1826.

CANONIZATIO *Beatae Elisabethae Lusitanorum Reginae.* Romae, 1742. Ex typographia R. Camerae Apostolicae. Fol. 24 pag.

CAPDEVILLA (ANTONIO ——).

Conspecto cronologico de los escriptores españoles y portugueses que han escrito de Ciencias naturales hasta 1770. Apuntaciones para la historia critica de estos.

Manuscripto que não chegou a ser publicado, e que não se sabe onde se encontra actualmente.

Deveria ter Capdevilla enumerado muitos escriptores que não foram natura-

listas na realidade, para poder n'aquelle tempo, 1149, reunir hespanhoes e portuguezes [1].

CAPICIUS (ANTONIUS ——).— Eques Napolitanius.

I. *Apotheosis Ignatio Sancto et Francisco Xaverio ad melicos concentus decantata cum de Universa Philosophia disputaret in Collegio Neapolitano Soc. Jes.* Neapoli, apud Dominicum Maccaranum. 4.º, 1624.

II. *Relatione delle solennità fatte in Neapoli in honore di S. Francesco Saverio Apostolo dell' Indie. Con l' ocazione del possesso preso della Padronanza di questa Città.* In Neapoli, per Luc' Antonio di Fusco, 1657, in-4.º, 8 folhas.

CARAVITA (GIUSEPPE ——).

E. *Imene trionfante. Cantata in due atti per i fausti sponsa del Baron de Manique do Intendente con l' Ecc.ma Signora D. Maria da Gloria da Cunha.* Lisbona, 1806. Nella stamperia de Simone Taddeo Ferreira.

CARAYON (AUGUSTE ——).

I. *Les prisions du marquis de Pombal, Ministre de S. M. le Roi du Portugal (1759-1777). Journal publié par ——.* Paris, 1865.

II *Lettres inédites du R. P. Joseph Delvaux sur le retablissement des Jésuites en Portugal. (1829-1834).* Paris, l'Ecureux.

CARDAMA (LOURENÇO ——).— Mercador de livros na rua da Tocha.

Relação da grandiosa Embaixada que em nome das Magestades, dos Senhores Reys de Portugal, deu nesta côrte de Madrid, ás Magestades dos Senhores Reis Catholicos, o Excellentissimo Senhor D. Rodrigo Annes de Sá Almeyda y Menezes, Marquez de Abrantes, em dia de Natal de 25 de Dezembro de 1727. Escrita na lingua portugueza, em obsequio do mesmo Excellentissimo Embaixador, e de todos os seus nacionaes. Por ——. Impressa em Madrid na Officina da Musica, por Miguel de Rézzola. Año, 1728. 4.º, 16 pag. B. P. Lx.ª

CARDON (L.)

E. *Luigi Camoens 300 anni dopo la sua morte.* Appareceu este trabalho em a *Nuova Antologia, revista de scienze, lettere e arti,* vol. XXIV e XXV. Roma, 1880.

CAREL (E.)— Docteur ès lettres, professeur de rhétorique au Collège de Juilly.

E. *Vieira. Sa vie et ses œuvres. Par ——.* Paris. Gaume et C.e, éditeurs. 8.º XII. 460 pag.

Esta obra é dedicada ao abbade Thénon, antigo superior da escola dos carmelitas, e superior da escola Bossuet.

*
* *

«A litteratura portugueza conta grandes poetas e até mesmo grandes prosadores. Não fica tudo dito quando se fallou em Camões. Ao lado do pae das nossas modernas epopeias, ha os creadores tão originaes do theatro portuguez, Gil Vi-

---

[1] D. Miguel Colmeiro, *La botánica y los botanicos de la Peninsula Hispano-Lusitana,* pag. 102.

cente, cognominado o *Plauto portuguez*[1], Sá de Miranda, reputado mesmo durante a sua vida como um antigo, por causa do encanto e harmonia dos seus versos, Antonio Ferreira, que fez a primeira comedia de caracter que appareceu em Portugal e talvez na Europa, *O Cioso*[2].

«As obras de M. Magnin e de M. Ferdinand Denis, principalmente o bello artigo ácerca de Camões posto antes dos *Lusiadas*, dissiparam já bastantes preconceitos Não contestam já hoje o merecimento e a originalidade dos poetas portuguezes. Portugal, todos o reconhecem, foi uma nação essencialmente poetica e cavalheiresca. Tudo o mostra: sua litteratura, suas descobertas e suas conquistas.

«Mas como admittir que um povo tenha luctado durante seculos, para recuperar ou defender seu solo e sua religião, tenha estabelecido seu imperio sobre as tempestades do Oceano, descoberto e conquistado um mundo inteiro, sem deixar d'essas façanhas mais lembranças do que algumas composições poeticas? Confessemol-o — seria isto um phenomeno inexplicavel. Sem duvida, debaixo do sol da gloria e da liberdade, a doce poesia se colore e amadurece por si propria; mas vemos ordinariamente marchar após ella suas duas irmãs: a historia e a eloquencia. A musa da historia tinha outr'ora despertado nas viagens de Herodoto com as narrações dos padres egypcios.

«Poderia ella conservar-se muda e manter um vergonhoso silencio perante as maiores occorrencias dos tempos modernos? As maravilhosas expedições do infante D. Henrique e de D. João II, que preparavam a descoberta dos mundos oriental e occidental, imperios immensos fundados nas tres partes do globo, um punhado de soldados oppostos a exercitos inteiros, e esses exercitos dispersos, uma legião de grandes homens: os Vasco da Gama, os Almeidas, os Albuquerques, os Joões de Castro, estabelecendo por toda a parte o poder e o terror do nome portuguez; as producções e as riquezas dos climas novos patenteadas perante os olhos maravilhados dos europeus, eis o que tiveram para cantar e contar os historiadores e os poetas, eis o que solicitava as mais vivas côres da imaginação, e desenvolvia a originalidade dos escriptores. Raro e feliz privilegio! A verdade era essencialmente poetica, e os escriptores, era este seu unico ideal, esforçavam-se para não ficarem áquem da realidade. Eis porque a litteratura portugueza offerece um phenomeno, unico talvez na historia litteraria: o principe dos historiadores precedeu o principe dos poetas. João de Barros apparece antes de Camões. Clio tornou se a primeira das musas. No seu prefacio, de Froissart, M. Buchon nos contou os momentos de surpreza que experimentou com a leitura dos historiadores portuguezes; ficou encantado da franqueza ingenua da sua narração, da dignidade simples do seu estylo, e do enthusiasmo cavalheiresco que da vida ás suas composições.

«Estes preciosos elogios quem os mereceu mais do que o Froissart de Portugal, Fernão Lopes (1380-1449), o primeiro que escreveu dignamente a historia na Europa, chronista exacto e consciencioso, e, por causa das suas qualidades de estylo, grande escriptor[3].

---

[1] Erasmo aprendeu o portuguez para gosar as bellezas occultas nas obras de Vicente. Depois de as ter lido confessou que nenhum poeta tinha imitado melhor o estylo de Plauto e de Terencio.

[2] Sua *Ignez de Castro* tem alguma cousa de antigo. Pela serena tranquillidade que reina n'esta tragedia, julgar-se-ia ler a *Antigone*, de Sophocles.

[3] Emquanto ás grandes qualidades do historiador, diz Buchon: «Froissart pode sem parcialidade ser citado ao lado de Fernão Lopes.»

«João de Barros, a quem a admiração de seus contemporaneos proclamou o Tito Livio de Portugal, soube nas suas Decadas da Asia alliar a elegancia com a energia, e preparar esse alto estylo, do qual fizeram uso os poetas epicos da sua nação. O papa Paulo IV mandou collocar seu busto no Vaticano ao lado do de Ptolomeu.

«Mencionemos ainda um nobre filho da nossa universidade de Paris, a quem o talento, um grande caracter, e a delicada bondade de sua alma, pozeram na primeira classe dos escriptores portuguezes, Jeronymo Osorio, ou Osorius. Critico sensato e escriptor brilhante, compoz em bello latim a maior parte de suas obras, assim como a sua vida de D. Manuel Cicero não teve um mais feliz imitador.

«Até mesmo os biographos nos encantam com suas obras, que são verdadeiramente primorosas. Fr. Luiz de Sousa soube derramar em S. Domingos e em Fr. Bartholomeu dos Martyres todas as graças de uma dicção pura, limpida e admiravel em elegancia. É um classico.

João de Castro, quarto vice-rei das Indias, revive igualmente debaixo da pena de Jacintho Freire de Andrade, com uma grandeza e uma simplicidade inteiramente antigas.

«Igual a todos estes escriptores no caracter e no genio, Antonio Vieira ainda lhe é superior pela universalidade de suas possantes aptidões. A grandeza e a extrema variedade de suas acções, lançam um vivo clarão sobre o seculo XVII, que elle encheu todo inteiro.

«Que quadro não seria o da sua vida, se o nosso pincel o podesse pintar com as côres dignas d'ella! Que vicissitudes inauditas, e que grandes occorrencias das quaes elle foi alternadamente auctor e testemunha! Prégador dos reis e das tribus mais selvagens do novo mundo, vel-o-iamos umas vezes levado em triumpho no meio de cem mil barbaros, que o proclamam o arbitro da paz e da guerra, outras perseguido, ultrajado por seus concidadãos, e lançado preso no porão de um navio. Dir-se-iam as tribulações e o zêlo de um novo Paulo. Mas, como Paulo, appella para a justiça de Cesar, e só desembarca do seu navio para ir na capella dos reis em Lisboa trovejar, segundo a bella expressão de um geographo «contra a caçada e venda de homens, com accentos dignos de um Chrysostomo ou de um Bossuet». Grande orador e pacifico conquistador de seiscentas leguas de paizes, é, por suspeito de heresia, encerrado vinte e seis mezes nos carceres da inquisição portugueza. Seus inimigos quizeram, deshonrando-o, pôr uma mordaça na sua bôca. Mas o papa Clemente X, subtrahiu-o ás perseguições d'elles. Suas pregações em Roma excitam um applauso geral, e a admiração publica o proclama o principe dos oradores catholicos do seu tempo[1].

«Nem o favor da côrte romana, nem as propostas da rainha Christina podem fixal-o na Cidade Eterna; como um velho propheta, volta para as solidões do Novo Mundo, e morre cheio de dias e de merecimentos no meio de seus queridos selvagens (1697).

«Tudo tinha de ser extraordinario na vida d'este grande homem, e, ao lado de trabalhos, de prosperidades, de perseguições inauditas, encontrâmos ainda o encanto mais doce de uma amizade a toda a prova. Ao ver tão grande genio, de

---

[1] Estamos nos annos de 1674 a 1675. A grande voz de Bossuet, nomeado preceptor, tinha cessado de se fazer ouvir, ou já não retumbava senão em raros intervallos.

tanta gloria, e no meio dos perigos, tanta grandeza de alma, o padre José Soares estava penetrado para com Antonio Vieira de uma candida admiração: tinha-se juntado com elle, e tinha obtido seguil-o para toda a parte, para Portugal, para Roma, para o meio dos selvagens do Brazil. Durante mais de quarenta annos foi constantemente o companheiro, e como o anjo da guarda do seu glorioso amigo. Contam que, esquecendo-se de suas proprias enfermidades, velava pelas do seu querido mestre com uma filial solicitude, chegando até a visital-o de noite, e a prestar-lhe os mais humildes serviços. Ainda fez mais, e por isso ficou sendo benemerito da posteridade. Gemia com o pensamento de que o padre Vieira morreria dentro em pouco, não deixando de sua maravilhosa eloquencia mais do que uma lembrança e alguns excerptos. Offereceu-se, embora velho, com mais de sessenta annos de idade, para ser o secretario do grande orador, e durante alguns annos escreveu, dictando elle, os doze volumes in-4.º dos sermões que possuimos.

«Que direi? N'esta vida tão agitada e tão gloriosa, o que mais me commove é a amavel figura d'este amigo fiel, que se dedica á gloria de seu amigo, não reclamando sua parte senão nas calumnias e nas perseguições! Temia, sem duvida, que esta natureza magnifica e altiva, revoltando-se contra a injustiça, não faltasse á sua gloria. Taes dedicações honram mais do que os dons do genio. Só os corações excellentes servem para este fim. Felizes amigos! Inseparaveis na morte como durante a vida! O logar tão modestamente escolhido pelo padre Soares, a historia e o reconhecimento lh'o hão de conservar. Da cubiça radiante do grande homem, um raio dardeja e illumina com um agradavel brilho o sereno vulto do amigo dos dias attribulados.

«Vieira foi, pois, um nobre e grande caracter, e eis porque elle se recommenda por um modo mui especial á attenção do nosso seculo. Nascido n'uma epocha de crise e de lucta furiosa, poz sua potente palavra ao serviço da religião e da patria ameaçada. Teria podido viver feliz no seio das honras que o chamavam. Teria até mesmo podido desempenhar os primeiros cargos do estado, se não tivesse passado de ser um ambicioso vulgar. Mas, persuadido de que as virtudes religiosas e sociaes eram as unicas que podiam restituir a Portugal sua antiga gloria, consagrou-se todo inteiro a esta obra de restauração. Ao mesmo tempo que despertava na sua patria o desinteresse, a generosidade, o amor do bem publico, melhorava a situação das colonias, e abolia a escravidão. Civilisar os negros e os indios pareceu-lhe necessario ao estado assim como á religião. D'isto teria feito a sua obra capital, se as perseguições dos colonos o houvesse permittido. A vida d'este illustre portuguez offerece, pois, mais do que um interesse litterario: ella nos apresenta o espectaculo do genio e de um grande caracter ao serviço da mais nobre das causas, espectaculo consolador, se jamais algum houve. Por isso emprehendemos sem hesitação biographar esta bella vida. Nos esforços heroicos feitos por Vieira para erguer sua patria, achavamos uma animação e um exemplo.

«Alem d'isso, para que serve occultal-o? Amâmos o nosso assumpto, e é porque o amâmos que o escolhemos. Esta affeição legitima para com um grande homem, não nos poz, assim o cremos, uma venda nos olhos. Quando uma acção nos parece bella e admiravel, graças ao Céu, e isto acontece muitas vezes, declarâmol-o com lealdade. Se se encontrar algum labéo devido ao enthusiasmo ou á fragilidade, patenteal-o-hemos com a mesma franqueza. Sem duvida vale mais ter que louvar do que censurar, e muitas vezes o nosso livro tem esta ditosa

fortuna. Mas vale ainda muito mais não dizer senão a verdade: a verdade é a alma da historia. Que não procurem, pois, aqui uma obra de espirito partidario, que faz muitissimas vezes da propria historia um panegyrico, um libello diffamatorio. Mas as grandes virtudes, que são a vida e a gloria das nações, o patriotismo, a dedicação, a eloquencia posta ao serviço da justiça e dos opprimidos, podemol-as procurar n'este livro: temos antecipadamente a certeza de as encontrarmos aqui.

«É tempo de declararmos quaes as fontes aonde fomos beber. A primeira, e a principal, são os opusculos de Vieira, seus sermões, e mórmente suas cartas tão ricas em particularidades de todo o genero.

«André de Barros deixou-nos um *in folio* ácerca da vida de Vieira. Apesar do tom hyperbolico da sua admiração, contém noticias de um grande interesse. Mas quando não cita textualmente, vê-se que teve á vista preciosos documentos, tanto seu estylo muda, e se tinge com côres desacostumadas. Mas sua vida é antes um panegyrico do que uma historia. D'este mixto soube o abbade Poiret extrahir uma interessante noticia, que muitas vezes consultámos com fructo.

«O *Discurso historico*, ou dissertação historica a respeito das obras de Vieira, é um trabalho serio e bem feito. Falta-lhe talvez extensão, mas apresenta passagens cheias de elegancia, e tudo quanto diz é substancioso e interessante. Apenas temos um pesar, é de o termos conhecido tão tarde. O bispo de Vizeu, Alexandre Lobo, litterato estimavel, tinha-o primeiramente publicado em volume separado: mas tendo-se esgotado a edição, veiu o *Discurso* occupar logar no tomo II das obras completas [1].

«Lisboa, na sua longa biographia, infelizmente por acabar, aproveitou-se dos trabalhos de seus predecessores. Seu merecimento consiste em ter esclarecido certos pontos até então obscuros. Porque não leu elle nossas velhas relações tão pittorescas e tão adubadas com picante interesse! Comprehendendo melhor os primeiros tempos do Brazil, teria melhor comprehendido o seu heroe, e não houvera descido a criticas ás vezes mesquinhas. Apesar dos seus esforços para se mostrar imparcial, nunca o foi. A seu ver, o ser jesuita fez mal ao grande homem. A verdade vinga-se. Desdenha apparecer em toda a sua magestade á intelligencia amesquinhada pelo espirito de partido.

«Este livro mesmo, temos d'isto a certeza, não é a ultima palavra ácerca de Vieira. Destinado a fazel-o conhecer, não poderia ter a pretensão de ser completo. Vieira, alem d'isto, é, como Bossuet, um d'esses homens que são mais admirados á medida que mais os conhecemos. N'elle podemos estudar o orador, o theologo, o eloquente interprete da escriptura, o missionario, o reformador social, o grande escriptor, &c., e cada um d'estes pontos de vista offerece um rico assumpto.

«Uma palavra agora relativa ao methodo por nós seguido. Multiplicâmos as citações, alguns leitores hão de achar talvez que abusâmos, e que o trama da narração está frequentes vezes sobrecarregado com ellas. A objecção é séria, e se não tivessemos querido fazer mais do que uma obra d'arte, ella nos derribaria. Não podemos negar que o interesse dramatico perde muito com estas numerosas citações, e que, emquanto á progressão, assim como emquanto á rapidez, houvera sido preferivel seguir um outro caminho. Baseando a narração com a de Vieira,

---

[1] Lisboa, 1849, 3 vol in-8.º

e não citando mais do que as palavras essenciaes, a unidade teria ganhado. A estatua teria parecido fundida de um só jacto. Nada era mais facil do que apropriarmo-nos do espirito do nosso auctor — e tem elle muito — e apresentar uma narrativa seguida, cheia de interesse e de rapidez. Mas teria sido conseguido o nosso fim? Tencionavamos fazer conhecer Vieira. Como, sem numerosas citações, fazer conhecer um homem envolvido em tantas occorrencias, e que escreveu ácerca de tantos assumptos diversos? O melhor meio para julgar um homem, é ouvil-o muitas vezes fallar a elle mesmo.

«Levámos ainda mais longe nosso escrupulo. Tendo por alvo mais a exactidão do que a elegancia, temo nos o menos possivel desviado do texto original. É facil embellezar um auctor por meio de suppressões habeis. A prosa portugueza tem menos brevidade e vivacidade do que a nossa; e por isso nossa traducção tem seu tanto de pesada. Mas que fazer? Debaixo da pena de sacrificarmos o util ao agradavel, não podiamos truncar, alterar nosso auctor, para darmos a este trabalho uma fórma mais elegante.

«Agradecemos aqui a todos os sabios que tiveram a bondade de nos fornecerem informações. Devemos um reconhecimento muito especial a M. Ferdinand Denis, conservador da bibliotheca de Sainte Geneviève, que poz tão generosamente a nosso serviço seu tempo, suas sabias obras, e sua bella bibliotheca. Um padre da diocese de Amiens, digno emulo do abbade Gorini, o senhor abbade Poiret, possue a respeito de Vieira muitas notas e manuscriptos. Graças a uma benevolencia superior a todo o elogio, d'ellas podemos dispor, como de bens nossos, e foram-nos de um grande soccorro.

«Em o nosso ensaio tivemos de tocar em alguns pontos de doutrina assás delicados. Inutil é declaral-o, não intentámos apresentar senão apreciações inteiramente pessoaes. Filhos submissos da Egreja, retractamo-nos antecipadamente de tudo quanto fosse avesso á letra, bem como ao espirito do seu ensino. Seria honrar bem pouco este grande religioso, o espirito mais livre e mais submisso que jámais existiu, o apresentarmos na sua vida um espirito de disputa e de contenda. Seu grande coração levar-nos-ia a mal o imitarmos a sua liberdade, sem imitarmos sua submissão.»

«Estes pormenores interessantes nós os tirámos quasi todos das cartas de Vieira, manancial precioso, aonde muitas vezes fomos beber com bom resultado. Nada iguala o encanto e a variedade d'esta correspondencia. N'um estylo simples, facil, e de uma inalteravel belleza, descreve ella dia por dia a historia d'esta epocha memoravel. João de Barros tinha elevado a lingua portugueza ao grande estylo da historia, e a maioria dos historiadores o tinham imitado. Mas o deixar ir de um auctor que escreve, como falla, com um tom simples e natural, essa doçura insinuante da conversação que se accommoda a todos os assumptos, não os encontravamos em nenhuma parte. Vieira apresentou o primeiro modelo. Suas cartas, nas quaes se observou a brandura e flexibilidade d'este grande espirito, apresentam-nos verdadeiras memorias a respeito dos negocios de Portugal e do Brazil: ellas sós nos mostram Vieira todo inteiro. São em toda a accepção da palavra verdadeiras *Cartas edificantes e curiosas*. Por isso Francisco dos Reis, que achava em Vieira[1] «um genio excellente em todos os generos a que se applicou»,

---

[1] *Curso de Litteratura*, tomo III. Liç. XI, III

não hesita em declarar que não tem rival em Portugal no genero epistolar, e que, tanto do fundo como no estylo de suas cartas, caminha a par com os grandes modelos da antiguidade. É tambem a opinião dos litteratos portuguezes. Põem-no, pela maior parte, ao lado de madame de Sevigné e de Cicero. Um d'elles chega até a pol o acima de Cicero no tocante ao interesse dos assumptos[1]. Sem nos decidirmos sobre estas comparações mais ou menos justas entre auctores que escreveram n'um genero tão differente, digâmos tão sómente que são modelos de estylo epistolar: têem a perfeição que devem ter — simples, elegantes ou elevadas, quando o assumpto o pede — não encerram nem pensamentos refinados, nem trocadilhos, nem paradoxos, defeitos que desfeiam muito os sermões. Alem d'isto são estas cartas uma mina inexgotavel de preciosos documentos. Negociações, pazes, guerras com a Hespanha e com a Hollanda, commercio, colonisação, politica interna e externa, estado social e religioso de Portugal e das colonias, missões evangelicas, submissão de tribus revoltadas, creação das aldeias ou parochias indianas, memoriaes para fundação da Companhia das Indias Orientaes e Occidentaes, para arruinar o commercio dos hollandezes, transportando para o Brazil os productos das Indias, protestos eloquentes ao rei e aos ministros a favor dos escravos e dos indios opprimidos: esta enumeração não dá mais do que uma fraca idéa d'esta collecção, unica no seu genero.»

«Christina de Suecia era summamente amiga do extraordinario em todas as cousas, e por isso não podia deixar de sentir sua curiosidade estimulada pelo que se contava d'este homem singular. Viu-o, ouviu-o e admirou-o. Pensamentos, linguagem e imaginação, tudo lhe pareceu novo n'esta natureza rica e possante.

«Dentro em pouco Vieira teve toda a sua confiança. Foi isto para a princeza uma verdadeira felicidade, e um favor da Providencia. Via nos discursos e procedimento d'este religioso a fé catholica offerecer-se a seus olhos tal como a concebia na sua alta rasão. Ao mesmo tempo um doutor tão sabio podia esclarecer sua consciencia e dissipar uns restos de duvidas. Com um espirito firme e habituado a não se deixar ficar na superficie das cousas, esta rainha tinha como suspeitas as praticas exteriores de piedade. No seu pensar, não havia verdadeiramente virtudes solidas, senão as que se occultam aos olhos do mundo. Era levar longe o amor ao bem, excessivamente longe talvez. Sem duvida não devemos procurar as attenções dos homens: a virtude, mesmo a mais austera, tem ainda bastantes encantos para nos attrahir. Mas ha circumstancias em que o bom exemplo e a edificação do proximo se tornam um imperioso dever, mórmente para os superiores. Não quer o Evangelho que os homens vejam nossas boas obras, com o fim de glorificarem ao Pae celeste? Como o hão de glorificar elles, se não se passar tudo nas impenetraveis profundidades da consciencia?

«A pedido da rainha fez Vieira um sermão ácerca da *pureza da intenção*. Era ir ao proprio principio, porquanto esta pureza é como o olho da alma, que projecta sua luz sobre o corpo inteiro de nossas acções. Proclamando em primeiro logar o que havia de louvavel e de generoso nas idéas de Christina, dizia: «A luz é o maior escolho das boas obras. A virtude é como o perfume: tendo escondido

---

[1] O elogio não podia ir mais longe. O nome do critico não me occorre, mas é conhecido em Portugal.

o perfume, conserva-se; pondo-a ao ar, perde-se.» Mostrava depois que as boas obras são a alma da fé, e abria ao ardor da princeza um vasto campo. Nunca obrar tendo em vista as attenções dos homens, é uma regra cheia de segurança, sem duvida, mas é o primeiro grau no bem. Não obrar senão com as vistas em Deus, ou melhor, proceder só para Deus, como se elle não estivesse olhando para nós, eis os dois outros graus, aos quaes dava o nome de perfeição e heroismo da virtude. Assim, explicando uma palavra de S. João: *Nemo in occulto quid facit*, descobria Vieira a rainha os cumes da perfeição christã.

«Havia Christina fundado no seu palacio uma academia, na qual folgava de reunir a flor dos sabios. Moral, litteratura, historia e philosophia, offereciam questões ás vezes subtis, e muitas vezes uteis para serem tratadas. Vieira foi admittido n'ella. Em 1674, perante a rainha e uma numerosa assembléa de prelados e de cardeaes, discutiu se este problema: «Presta-se o mundo mais ao riso ou ás lagrimas? Qual dos dois philosophos pagãos era mais sensato, Democrito, que estava sempre a rir, ou Heraclito, que estava incessantemente a chorar?»

«Vieira fez-se advogado das lagrimas. Mostra as mudas, tristes e cobertas de crepes, bem como os accusados perante o senado da antiga Roma... confiando muito menos na victoria, ou nos applausos, do que na piedade e commiseração dos corações nobres. Poderemos, sem derramar lagrimas, lançar um relance de olhos sobre o mundo, que é como o ponto de reunião de todos os generos de morte?

.....

«Acreditar-se-ha? Esta these moral poz o cumulo á fama de Vieira. Aos olhos de seus contemporaneos passou por se ter excedido a si proprio. Foi o opusculo dentro em pouco traduzido para hespanhol e portuguez.

«Inaugurámos com Vieira um genero inteiramente novo. Era o orador até então variado, grande e sublime muitas vezes. Mas, absorvido, e apesar da sua actividade devorante, arrastado pelas necessidades do momento, não podia dar a suas prégações essa continuação, essa bella disposição que asseguram a graça e fecundidade. Este rio impetuoso, com margens variadas e pittorescas, formava mil cataractas; mas, por causa da sua impetuosidade mesmo, faltava ás vezes profundidade a estas aguas excessivamente rapidas. Ajuntemos que os quadros, as pinturas dos costumes, e os ditos satyricos occupavam ás vezes um grande logar nos sermões. Estas paginas, assás numerosas, tão picantes para os portuguezes do seculo XVII, repletas de interesse para os moralistas e para o historiador, actuam menos sobre os homens de um outro seculo. Alem d'isso, o gosto dos contemporaneos, a propria admiração que Vieira inspirava, podia converter-se n'um escolho. Tão facil é deixar-se arrastar pela tendencia natural do seu genio, e pelo motim lisonjeiro dos applausos! Transplantado de repente para uma côrte estrangeira, Vieira não teve o soccorro d'esses retratos, que são sempre adoraveis á malignidade contemporanea. Viu-se obrigado, n'uma idade avançada, a vergar seu talento a uma lingua e a uma prégação inteiramente novas. Na maior parte de seus sermões contentava-se ordinariamente como seus contemporaneos, com estabelecer um principio geral, que seguia nas suas consequencias logicas e moraes.

«Quanta graça, que lembranças imprevistas, e que variedade attrahente realçavam taes applicações, nós o concebemos sem difficuldade. Este methodo de *deducção*, é o das idades de fé, o do maior numero dos prégadores. Parte-se de

um principio não contestado para se estabelecer uma verdade natural ou revelada. Mas não se póde igualmente seguir a ordem inversa, e das consequencias subir aos principios, como um viajante sóbe ou desce indifferentemente o curso de um rio? Sim, evidentemente. É este processo de *indurção* que Vieira empregou muitas vezes em Roma; é o que faz a originalidade da sua *Pequena Quaresma;* desde o seculo XVII põe em uso a conferencia, tão propagada em nossos dias, e as *Cinco pedras da Funda de David,* são verdadeiras conferencias.

«Durante a quaresma um piedoso uso tinha estabelecido na côrte de Roma *Oratorios,* nos quaes excellentes artistas representavam alguns passos da Escriptura Sagrada. No meio d'estas melodias, que dispõem tão bem as almas, uma curta allocução acaba de as edificar. É a lucta de David contra o gigante Golias. que o orador descreve a largos traços. Homem de combate, Vieira devia ser vivamente impressionado por essa guerra de morte da intelligencia contra a força bruta. Não era a de sua epocha não é a da nossa, ou, para melhor dizer, de todos os tempos? Não ha de lançar mão nos seus assumptos senão d'aquillo que houver de mais puro, de mais sublimado e de mais heroico. O cardeal Hugo nos seus sermões, subministra-lhe os cinco pontos de que ha de tratar: o conhecimento de si proprio, a dôr do bem perdido, a vergonha do mal commettido, o temor do castigo, e a esperança das alegrias eternas.

«Bem se vê: debaixo de uma fórma nova, é um verdadeiro curso de philosophia e de theologia christãs para uso da rainha Christina e dos grandes de Roma.

«O que logo impressiona nas *Pedras da Funda* é o olhar arrojado que Vieira fita no homem. Começa pelo axioma da sabedoria dos antigos: *Conhecer-se a si mesmo;* conhecer-se a si mesmo! Pois não é esta a sciencia por excellencia, tanto para o philosopho como para o theologo! As acções nascem dos pensamentos: mas de que pensamentos? Existem elles bem variados no homem: e aqui o orador não se arreceia de ir de encontro ás idéas geralmente recebidas. «Crê-se geralmente, diz elle, que as obras são filhas do pensamento e das idéas pelas quaes se concebem, e se conhecem estas mesmas obras. Porém eu digo: *que são filhas da idéa ou do pensamento pelo qual cada um se comprehende e conhece a si mesmo.*»

«Maravilhoso effeito d'este reconhecimento! David provoca, e sorrindo no meio de um exercito assustado, triumpha do gigante Golias, porque d'elle tinha triumphado primeiramente no pensamento.

«Vieira folga de ver as cousas por seus lados grandes. As idéas elevadas, os vastos horisontes casam-se maravilhosamente com esta natureza generosa, e de bom grado, se os defeitos do homem lh'o permittissem, da religião apenas apresentaria as bellezas e as sublimes grandezas. Não é por desconhecer as fraquezas do homem. Muitos de seus discursos mostram que elle tinha penetrado bem fundo no conhecimento do coração humano, e o tinha estudado em todos os recantos. Não é o pensamento que fazia com que elle dissesse no seu sermão para o quarto domingo do advento: «Quando eu estou defronte da imagem de Jesus na cruz, parece que tenho alguma rasão para me encher de orgulho, pois vejo o preço pelo qual elle me resgatou; mas quando me acho diante da imagem de um só de meus peccados, tenho mil rasões para humilhar me, pois vejo o preço pelo qual me vendi.»

«Clareza, logica possante, conhecimento profundo da Escriptura, transpa-

rente limpidez de um estylo perfeito, eis as qualidades que os amadores teem em todos os tempos reconhecido na *Fuada*. Reputação merecida, a respeito da qual nada mais podemos fazer do que applaudir.

«Não tem, porem, a visinhança d'estes pequenos discursos cansado detrimento a outros sermões da mesma epocha? E o habito de admirar os discursos recitados diante da rainha Christina não tem dispensado de estudarmos outros discursos de um merecimento igual, quando não seja superior? Singular coincidencia? A *Pequena Quaresma* de Vieira teve a mesma fortuna que a do bispo de Clermont. «Faz-se mal, diz um sabio e modesto prelado, Monseigneur Perraud, em apresentar a *Pequena Quaresma* de Massillon, como sua obra prima, e alguns sermões de suas grandes estações são incontestavelmente superiores aos discursos da *Pequena Quaresma*.» O mesmo se dá a respeito de Vieira. Um sermão, do qual nada se diz, o do *Mandato*, por exemplo, prégado em Santo Antonio dos Portuguezes, parece-nos verdadeiramente bello e tocante.

«Depois da *Pequena Quaresma* prégada no Vaticano, parecia Vieira achar-se no apogeo dos seus desejos: por toda a parte desejado, por toda a parte applaudido e admirado. Queria o geral nomeal-o para o seu logar de prégador no Vaticano: a rainha fazia inuteis esforços para o attrahir a si, na qualidade de confessor. Mas Vieira mostrava-se cioso até ao excesso da sua independencia.

«Não é sem um vivo sentimento de surpreza que vemos um grande orador, chegado ao termo de sua carreira, aprender uma nova lingua, e fallal-a com uma graça e uma eloquencia, que excitam a admiração dos conhecimentos os mais difficeis. Para se accommodar com o gosto de seus ouvintes e da rainha Christina, adoptando um novo modo de prégação, cede á rasão uma parte mais larga, e toma o genero *conferencia*. Mas este genero, temperado pela natureza, achava-se menos em harmonia com as grandes qualidades oratorias de Vieira. Estas theses academicas, que se prestavam maravilhosamente á graça espiritual de um espirito fino e penetrante, pareciam excluir o vôo e os arrojos proprios de uma aguia. Acrescentemos que o auditorio delicado ao qual era mister agradar a todo o preço, offerecia mais de um perigo para o orador. Era a epocha dos *seicentisti*, o reinado dos *concetti* e do mau gosto. Os numerosos imitadores de Marini, os Claudios Achilini, os Jeronymos Preti vinham, acabavam, pelo abuso do espirito e das metaphoras atrevidas, de conquistar uma immensa nomeada. As desgraças da Italia dilacerada, alvo das divisões, e o glorioso livramento de Vienna por João Sobieski, iam arrancar, é verdade, ao senador florentino Filacaia, canções de um ardor totalmente guerreiro: seu coração sangrando das feridas da patria, devia, dentro em pouco, deixar cair sobre ella o soneto sublime: «Italia, Italia!». A Italia não era menos inundada de sonetos tão vasios de pensamentos, como de sentimentos, e de uma estravagancia cada vez mais exagerada. O proprio Vieira nos offerece um exemplo do mau gosto da epocha. Acreditar-se-hia que a sua defeza das lagrimas de Heraclito, brinquedo discreto e encantador, lido perante a rainha Christina, excitou um enthusiasmo igual aquelle que saudou a apparição do Cid no theatro francez, e que durante algum tempo para designarem um assumpto, tratado com graça e profundidade, diziam á maneira de proverbio: «Bello como as lagrimas de Heraclito?»

«Comtudo a rainha Christina da Suecia não podia resignar-se á ausencia de Vieira. Têem muitas vezes accusado esta princeza de inconstancia, mas emquanto aos sentimentos de affectuosa estima que ella professava para com Vieira, nunca

variou. Cartas, supplicas, passos, tudo poz em pratica junto do geral com o fim de o obter como confessor. Paulo Oliva escreveu, pois, ao religioso portuguez, a quem tratava menos como subdito, do que como amigo. Limitava-se a transmittir-lhe os desejos da rainha, e a alegria que ellá havia de experimentar tendo-o junto da sua pessoa. O prudente superior não exprimia nenhum desejo, deixando a seu inferior toda a liberdade de acção. Não menos surprehendido do que afflicto, Vieira respondeu a 30 de janeiro de 1679. Não podia deixar de se regosijar com a generosa resolução da rainha de se consagrar a Deus, e com a gloria que d'aqui proviria á Egreja, mas em que podia elle d'aqui por diante ser util á princeza? Tinha elle muito mais trabalhado em Roma do que no Brazil, mas ella havia de achar em Roma pessoa mais digna do que elle, e com a prudencia e espirito necessarios para um tal mister. No emtanto esperava a decisão do geral.

«O geral não insistiu. Vieira apressa-se a fugir a novos pedidos, e desembarca na Bahia no mez de julho de 1681.

CARERI (M. DE GEMELLI ——).

Voyage autour du Monde. Par ——. Tome troisième. Paris, 1820. Chez Estienne Ganneau[1].

*
* *

«Acaba de apparecer este volume, que trata do Indostão, grande paiz das Indias Orientaes, que abrange o imperio do Grão Mogol e alguns outros Estados pertencentes a principes pagãos. Diversas provincias ou colonias possuidas pelos portuguezes e hollandezes; este volume é de 406 paginas in-12, comprehendendo os indices, e enriquecido de estampas.

«Mr. Gemelli, depois de haver percorrido o Egypto, a Terra Santa, e uma grande parte da Turquia, ou imperio ottomano, depois o bello e vasto reino da Persia, cujas relações enchem os dois primeiros tomos, resolveu passar ao Indostão. Informa-nos no principio do seu terceiro volume, que a 11 de janeiro de 1695 desembarcou em Damão, cidade consideravel e nova, na margem que tem o mesmo nome de Damão. Dá a descripção d'ella na pag. 3 e seguintes, e nos informa que o *inverno* começa ali em maio, e dura até ao fim de setembro. Esta primeira cidade, pela qual o auctor entrou no Indostão, pertence aos portuguezes. Na outra margem fica a antiga cidade de Damão, occupada por gentios e mouros, que são subditos do mesmo rei de Portugal; o porto separa as duas cidades; ha mais de cento e oitenta annos que os portuguezes subjugaram este paiz.

«Nosso auctor faz-nos saber que os portuguezes nas Indias Orientaes são muito mais magnificos do que na Europa, quer no que é relativo ás suas mesas e fatos, quer em quanto ao numero dos creados e escravos, dos quaes elles se fazem servir; um só exemplo bastará para provar o que avança. Raras vezes se verá n'aquelle paiz um religioso (o qual fez voto de pobreza, e que renunciou, por conseguinte, a todo o luxo mundano), andar a pé pelas ruas. Fazem-se levar por quatro escravos n'um palanquim, ou cadeirinha pintada e dourada conveniente-

[1] *Suite de la Clef ou journal historique sur les matières du temps.* Mars, 1720.

mente, coberta por um bello tapete da Persia, e por cima um couro da Moscovia para se livrar do sol, deitados sobre travesseiros cobertos de setim, e seguidos de varios creados ou irmãos conversos.

«Na pag. 16 dá-nos a descripção de Surrate, cidade mercantil, onde os francezes, inglezes e hollandezes têem bons estabelecimentos; é tambem d'ahi que se exportam as mais bellas e mais ricas mercadorias, emquanto a fazendas enriquecidas de oiro e prata, que veem das Indias para a Europa.

«A pag. 28 apresenta-nos o auctor algumas particularidades de Baçaim, cidade que os portuguezes occupam no Indostão, cujos arrabaldes nada mais são do que jardins, e cujo territorio é mui fertil.

A pag. 37, o auctor n'um capitulo particular que leva o leitor até á pag. 68, nos dá a descripção do *Pagode*, ou templo dos pagãos da ilha de Salsete, que os portuguezes chamam Canarim, que nenhum viajante portuguez tinha ido visitar antes d'elle. D'aqui tira motivo para censurar a curiosidade de Tavernier, mas justifica-o em parte, dizendo que elle não viajava para fazer descobertas relativas a antiguidades e curiosidades, nada mais sendo do que um mercador que seguia os caminhos nos quaes tinha a ganhar, antes de procurar instruir-se. N'esta viagem foi dirigido pelo visitador dos Agostinhos, ao padre Eduardo, que era então procurador do mosteiro de Deins, que se achava na estrada, mas não gaba a recepção que lhe fizeram.

«O pagode ou templo de Salcete é mui grande, e de uma só peça, pois que todas as salas, camaras, portas, janellas, grutas, columnas e outras obras, são talhadas na pedra...

«Nosso auctor dá a pag. 77 a descripção da cidade de Goa, que veiu a ser a capital e metropole de todos os paizes que os portuguezes possuem nas Indias Orientaes. Apoderaram-se d'ella no anno 1510, e os dominicanos foram os primeiros que ali propagaram o Evangelho. Ha presentemente algumas bellas igrejas e diversos mosteiros, tanto de homens como de mulheres. Unindo os motivos de religião com os de politica, foi ordenado ha mais de cento e cincoenta annos que baptisasseu todas as raparigas indianas, as quaes se dariam depois em casamento aos soldados portuguezes. Por esta união, em menos de quarenta a cincoenta annos, viram que as colonias portuguezas se povoavam, sem haver necessidade de desguarnecer o reino de Portugal, como o foram as provincias de Hespanha, quando os hespanhoes fizeram seus assentos na America.

«A cidade de Goa, que tem quatro leguas de circuito, está bem fortificada e muito rica, sendo, para assim dizer, a chave de todo o commercio do Oriente.

«Desde pag. 99 até 113 entretem o auctor seus leitores acerca do antigo e novo governo dos portuguezes nas Indias. Narra-nos que, depois de uma navegação de dez mezes, o capitão Gama foi o primeiro que chegou á provincia do Malabar, nas Indias Orientaes, a 18 de maio de 1498, e mudou o nome do Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança.

«O bom exito d'esta primeira navegação animou os reis de Portugal a mandarem mais tarde um grande numero de navios e de tropas, que, com o favor das armas de fogo e de sua artilheria, então desconhecidas dos povos do Indostão, facilitaram aos portuguezes a rapidez das conquistas que fizeram n'aquelle paiz, que foi para os portuguezes o que o Perú e o Mexico é para os hespanhoes: isto é, um manancial de riquezas immensas que de lá extrahiram e trouxeram para a Europa; mas desprezaram muito estes paizes orientaes quando descobriram o

Brazil. Os dizimos que se cobram nas provincias portuguezas do Indostão, são todos pagos ao rei, que dá algumas pensões certas para a manutenção dos prelados, dos padres, das missões, e outros ecclesiasticos, que são sufficientes para um subsidio conveniente ao seu estado.

«M. Gemelli, depois de ter percorrido os estados do Grão Mogol, voltou a Goa na occasião das festas da Paschoa no anno de 1695. Foi na quinta feira seguinte visitar a egreja dos jesuitas, onde repousa o corpo de S. Francisco Xavier. Diz o auctor a pag. 299, que, desde que, pela permissão do papa, tinham cortado um braço d'este santo, o resto do corpo tinha-se deteriorado muito, o que fazia com que os reverendos padres só mui raras vezes o deixavam ver; mas o nosso viajante, pela auctoridade do vice-rei de Goa, obteve a permissão do reverendo padre provincial, de ver este corpo, estando as portas fechadas; mudam-no de roupas todos os annos. D'este braço cortado fizeram duas porções: a desde a espadoa até ao cotovello, é guardada na igreja dos jesuitas em Macau, e o resto, ou a mão direita, na igreja professa dos mesmos padres em Roma.

«O auctor foi depois ver Malacca, que pertence aos portuguezes. Apresenta-nos o extracto da relação que fez ao rei de Portugal o padre Vintimiglia, de sua missão na ilha de Borneo.»

«O 4.º tomo contém 532 pag. com grande numero de estampas, dividido em 4 livros e 36 capitulos.

«O primeiro livro, que occupa 125 pag., está cheio de observações do auctor, na viagem que fez desde Macau, por onde entrou na China, até Pekin, capital do imperio. Começa pela descripção de Macau, e nos informa que foram os portuguezes que lançaram os fundamentos d'esta cidade em 1585, que o imperador da China lhes permittiu ali o estabelecimento de uma colonia para seu commercio: fizeram um bom porto para segurança de seus navios. Esta cidade é habitada por 15:000 chinezes, e cousa de 6:000 portuguezes; estes têem algumas bellas igrejas para o livre exercicio da religião catholica, como são as dos Agostinhos, Jesuitas, S. Francisco, S. Lourenço, Misericordia, e um convento para raparigas.

«O capitulo 2.º é uma narração que o auctor nos faz da tentativa inutil que os portuguezes de Macau fizeram em 1685 para tornarem a travar relações commerciaes com os japonezes, commercio prohibido desde a matança dos christãos pelos annos de 1630 no Japão.»

CARIGNAN (JACQUES MARTIN DE ——).

Grammaire française à l'usage des jeunes étudiants Portugais et Brésiliens. Lisbonne, 1855. 3e édition. 8.º

CARLETON (CHEVALIER ——).—Ambassadeur ordinaire de Jacques I Roi d'Angleterre, &c., auprès des États Generaux des Provinces Unies.

E. *Lettres, Memoires et Négociations. Dans le temps de son Ambassade en Hollande, depuis le commencement de 1616 jusqu'à la fin de 1620. Ouvrage traduite de l'Anglois.* A la Haye. Chez Pierre Gosse et Elie Luzac. 1759.

*
* *

Vol. 2.º pag. 140: «Ha probabilidades de que hão de propôr d'aqui outra

vez a S. M. que junte as duas companhias dos nossos negociantes das Indias Orientaes com as d'este estado.

«Embora o interesse presente seja a regra principal que está guiando os commerciantes, ha todavia duas considerações importantes a fazer. E a primeira que, se nos não quizermos ajuntar nem aos francezes, que actualmente nos estão procurando, nem aos hollandezes, que por muito tempo nos procuraram, poderia acontecer que elles se unissem para nosso prejuizo.

«É a segunda que, emquanto nós nos conservarmos assim separados, podem os hespanhoes e os portuguezes rehaverem suas antigas possessões contra nós todos, não sendo impedidos senão pelas forças dos hollandezes, que não podem continuar a aguentar as despezas sem soccorro.» Anno 1617.

«O principe de Orange foi a Utrecht para fazer uma nova reforma entre os magistrados. Vae acompanhado do conde D. Henrique, seu irmão, do principe de Portugal, e de M. Chastillon.» Anno 1618, pag. 397.

CARLETTI (FRANCESCO ——).

Ragionamenti de ——, fiorentino, sopra le cose da lui veduto ne suoi viaggi si dell' Indie occidentali, e orientali come d'altri paese. Firenze, 1701.

CARNARVON (LORD ——).

Portugal, Gallicia, and the Basque Provinces. New Edition. London. Published by Murray.

CARNÉ.

E. *Le Portugal au* XIX *siècle.*

CARNEIRO (MELCHIOR ——).—Natural de Coimbra. Entrou para a companhia de Jesus em 1543. Foi sagrado patriarcha da Ethiopia, e depois nomeado pelo Papa Pio V bispo da China e do Japão.

E. I. *Carta escrita de Goa em 24 de dezembro de 1557, ao Provincial d'esta Provincia, na qual faz menção do que lhe escrevera no anno antecedente, e narra a Missão que fez nas terras de Malabar, para disputar com o bispo nestoriano.*

II. *Carta escrita de Moçambique no anno de 1555 ao P. Geral, em que relata a boa disposição que ha na Ilha de S. Lourenço para receber a Fé, offerecendo-se para esta Missão, e de uma Vitoria que os portuguezes alcançarão dos Turcos na Asia.*

Estas duas cartas appareceram traduzidas para italiano com outras. Venetia, appresso Michaele Tramezzino, 1559, in-8.º

III. *Carta escrita de Macau a 20 de novembro de 1572, ao P. Geral, em que refere o fruto que fizera no Japão, e das esperanças que se tinhão do que se havia de colher na China.*

«Foi vertida para italiano com outras cartas. Roma, per Francesco Zannetti. 1578, in-8.º[1]

CARNOTA (CONDE DA ——).—Auctor of *Marquis of Pombal.*

E. *Memoirs of Field Marchal the Duke de Saldanha, with selections from his*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. IV, pag. 98.

Correspondence By the ——. In two volumes. London, John Murray, Albemarle Street. 1880. 8.° gr. — 1.°, XVIII, 469 pag.; 2.°. XII, 456 pag.

CARPANI (JOSEPH ——). — Natural de Roma.

E. I. *Tragœdiae sex, Lusitaniae et Algarbiorum Regi Joanni V dicatae.* Romae. Ex typographia Palladis, apud Fratres Palearinos. 1746. in-4.° 362 pag.

II. *Tragœdia sex Lusitani et Algarbiorum Regi Joanni V dicatae. Juxta exemplar Romanum. Sumptibus Joannis Gastl. Pedesponti.* Monachii, typis Mariae Magdalenae Riedlin, Viduae. 1746, in-8.°, 528 pag.

CARPIO (LOPO FELIX DE VEGA ——). — Poeta hespanhol celebre.

Nas obras d'este poeta encontram-se as seguintes sobre assumptos portuguezes:

Vol. III. *La Tragedia de Doña Ignez de Castro.* Madrid, 1613. Barcelona, 1615.

Vol. V. *El bastardo de Ceuta.* Madrid, 1615.

Vol. VI. *El Duque de Vizeu.* Madrid, 1615.

Vol. VIII. *El más galan Portugués, duque de Braganza.* Madrid, 1615.

Vol. XI. *La tragedia del Rey Don Sebastian, y bautismo del Principe de Marruecos.* Madrid, 1618.

Vol. XVII. *Segunda parte del principe perfecto.* Madrid, 1623.

Vol. XIX. *Don Juan de Castro.*

Escreveu uma descripção da Tapada dos duques de Bragança. Falla d'esta obra fr. Antonio da Purificação, a fl. 25 v. do 1.° vol. da *Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho.* Lisboa, 1642.

Fernan Mendes Pinto. Comedia famosa.

A Don Fernando Coutinho, Marechal de Portugal. Lisboa, Jôrge Rodrigues, 1605.

CARRÉ (LUIZ ——).

Portugal no seculo XIX, *por* ——. Publicado na *Revista dos Dois Mundos,* 1837.

CARRÉ (M).

E. *Voyage des Indes Orientales, suite de plusieurs histoires curieuses, par* ——. Deux tomes in-12, à Paris, chez la Veuve de Claude Barbin, au Palais, 1699.

*
* *

«Os que lerem esta viagem, nada encontrarão n'ella de inutil relativamente aos negocios publicos, e nada relativo ás aventuras do auctor, que não seja necessario. Começa pela descripção de Surrate, cidade do reino do Grão Mogol.

«Havendo Mr. Colbert resolvido estabelecer na França commercio com as nações mais remotas, formou a Companhia das Indias Orientaes debaixo da protecção do rei. Tinha esta companhia necessidade de um chefe capaz de instruir os francezes e de tratar com os estrangeiros. Este ministro lançou os olhos para M. Caron, hollandez, e que Mr. Carré embarcasse no mesmo navio.

«Chegaram felizmente a Madagascar, e ali se detiveram pouco tempo. Dirigiram se para Surrate. Embora esta cidade seja antiga, nunca foi tão grande nem tão povoada como é hoje. Antonio da Silveira, commandante dos portuguezes, a destruiu em 1520. O mau estado dos negocios dos portuguezes na India deu meios aos habitantes para a reconstruirem, e a porem acima das cidades mais florescentes. Em 1669 Surrate foi saqueada segunda vez por Sevagi, um dos maiores guerreiros que o Oriente viu havia muito tempo. Em seguida pretendeu fazer conquistas nos territorios portuguezes, e aspirou a estender seu dominio, desde o Indo até ao Ganges...

«O segundo tomo contém[1] uma longa relação dos negocios dos portuguezes na India: a revolta de D. Pedro de Castro e suas aventuras. Foi preso e levado a Portugal. O rei Affonso, em vez de o punir, lhe deu licença para voltar a Goa; ao mesmo tempo obteve do Papa absolvição da excommunhão, em que tinha incorrido por haver vendido duas damas christãs a um principe mahometano.

«A historia d'estas duas escravas faz uma parte consideravel d'este livro.

«D. Pedro, na sua volta á India, é provido no governo de um castello dependente de Goa; é preso por ordem do vice-rei, pelo emprego contra os Indios; assignala-se em tres combates, e em recompensa é tornado a lançar na prisão, de onde foge. Depois de ter pelo espaço de dois annos passado uma vida errante, retira-se para o reino de Visapur.

«Em 1673, Mr. Carré havendo chegado á cidade de Rhebac, trava n'ella conhecimento com D. Pedro, que lhe dá um aposento, onde caiu n'um lethargo que durou dois dias, e só deu signaes de vida, quando passados dois dias o iam enterrar. D. Pedro, que esperava aproveitar-se do seu espolio, quiz envenenal-o. Evitou este perigo pela vigilancia de seus creados, curou-se, e fez asperas exprobações a D. Pedro, que depois pereceu miseravelmente pelo punhal de um senhor de Visapur, de quem tinha deshonrado a mulher, e pretendido violar a filha.

«No fim d'este tomo se encontra a historia de quatro renegados francezes, que estavam ao serviço do principe mahometano, a quem D. Pedro tinha vendido as duas damas christãs. Mr. Carré fez o que poude para os converter: deu a um d'elles fato e dinheiro para se retirar a Surrate, e ali abjurar o mahometismo. O perfido acceitou o dinheiro e o fato, zombou de Mr. Carré, e voltou para casa de sou amo.

CARREÑO (D. PEDRO ——).

Viriato. Drama tragico em 4 actos, em verso, original de ——. Aviles, imprenta de D. Antonio Maria Pineda, 1866.

CARRILLO (D. JUAN CHUMACERO Y ——).

Pro legitimo Jure Philippi IV Hispaniarum et Portugalliae Regis. In-4.º

Parece que esta obra foi impressa em Salamanca.

CARTA *censoria em que se advertem as inadvertencias que contém a Pastoral do Excellentissimo e Reverendissimo Arcebispo Bispo do Algarve.* Madrid. Na officina dos herdeiros de Francisco Hierro. Anno de 1846. 4.º, 46 pag.

---

[1] *Journal des Sçavans*, 31 de agosto de 1699, pag. 406.

CARTA *de desafio do Infante D. Henrique ao Imperador de Constantinopla. Chronicas,* vol. 1.º, pag. 92.

CARTA *de hum curioso da Universidade de Evora, escrita a outro curioso da Universidade de Coimbra, que pela sua resposta mostra as consequencias terriveis que nascem de alguns confessores não guardarem o sigilo da Confissão Sacramental.* Madrid. Na officina dos herdeiros de Francisco del Hierro. Anno de 1746. 4.º

CARTA *de hum Estudante de Coimbra a outro em Lisboa. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Por Paulo Craesbeeck, Impressor & livreiro das tres Ordens Militares. Anno de* MDCXXXXII. *Á custa de Lourenço de Queiroz, livreiro do Estado de Bragança.* Folheto de quatro folhas só, com a do rosto em portuguez e as outras em hespanhol.

É uma troça ao Caramuel por haver escripto contra os direitos de D. João IV, e termina por estes versos:

Romance que daré al Maestro Matùla, para que lo canten los muchachos, a manera de satyra contra Caramuel y Lain Calvo:

Bien venuto, señor Abbad,
Desde los bajos paises,
El que con plumas de anade
Quiere volar como cisne.
Mas os hallareis acá,
Y este és aguero infelice,
Que quando llorando entraes
Todos saliendo se rien.
Temo que vuestra confianza
Manoseada se despinte,
Y que pretendiendo Reyes,
Azares se os multipliquen.
Ya los tragamos tanto año
A esos señores Filipes
No es menester cantimplora
En que la opinion se enfrie.
Del derecho y de los tuertos
Sobran experiencias viles:
Quien como vós ama tanto,
Bien tanto sueño finge.
Del aggravio y de la fuerza,
La ambicion madre se dije,
Yo desverguenza la llamo,
Que hay ambiciones humildes.
Si a la razon y a los años
No hay resistencia imposible,
Un imperio tan dudoso
Como podia estar firme?
En el retiro, y la plaza

El Rey su pesar alivie,
Si siente perder, quien no amo,
Si amo quien contento vive,
Leganés, gran capitan,
Castellanos acandille.
Yo sé que son mil los Calvos,
Y no se hallan dos Laynes.
A buen hora a Vinaro
Su resolucion applique
Mientras Perpiñam tremola
Las siempre triunfantes Lises.

Mas se viene el señor Abbad
El Caramuel, el Achilles,
Nadie empuñe espada y nadie
Ó ponga pica en hombro, ó lanza en riste.

CARTA *dirigida a D. Francisco de Sousa Coutinho.*

Existe em francez na bibliotheca publica de Lisboa, no fim do 1.º volume da collecção intitulada *Campanha de Portugal*. Falta-lhe o fim e não tem tambem o rosto. É escripta em francez e parece uma descompostura dirigida aos portuguezes por se terem subtrahido ao dominio castellano, e por haverem pedido soccorros á Suecia.

CARTA *enviada de Portugal en Barcelona, à un cavaller de dita ciutat, fentli relatio de tot lo que a succehit al Embaxador de Cataluña, desdel dia que arribà a la ciutat de Lisboa, fins lo dia present.* En Barcelona, en casa de Gabriel Nogues, 1641. 4.º

CARTA *geohydrographica da ilha de Porto Santo e dos ilheos e baixos adjacentes, levantada collectivamente em 1842–1843, pelos officiaes do vapor de guerra britannico* Styx, *e o capitão do corpo de engenheiros (hoje general de brigada), Antonio Pedro de Azevedo.*

CARTA *que le escrere Geromillo de Parla, à su amigo Bartolillo Cabrera, dandole cuenta de lo que ha pasado en Castilla, desde agosto hasta noviembre de 1710.* Madrid, 1710.

CARTA *que um anonymo mandou ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Principal de Mello, sobre a Sermão de S. João Nepomuceno, prégado pelo muito rèverendo Doutor D. Joachim Bernardes.* Madrid. En la oficina de los Herederos de Francisco del Hierro. Anno de 1746. 4.º, 11 pag.

CARTAILLAC (M. EMILE ——).—Representant au Congrès le Ministère de Instruction Publique, Directeur du Laboratoire de Anthropologie de Toulouse. Directeur des Matériaux pour l'Histoire primitive de l'Homme.

Notes sur l'Archeologie prehistorique en Portugal, par ——, d'après les tra-

vaux de MM. Pereira da Costa, Ribeiro, Delgado, Estacio da Veiga, G. Pereira, &c. Paris. Typographie A. Hennuyer, rue Darcet, 1881. 8.º 28 pag.

Essai sur l'Archéologie en Portugal. Rapport au Ministre de l'Instruction Publique. Avec 100 figures.

Les Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal. Par ——. Preface par M. A. de Quatrefages, de l'Institut. Avec quatre cents cinquante quatre planches. Paris. Ch. Reinwald, 1886, in-4.º xxxv. 347 pag. Edição luxuosa.

Ácerca de tal assumpto é o trabalho mais importante que tem sido publicado relativo ao nosso paiz.

A primeira estampa representa o tumulo da idade de pedra, existente em Paredes, perto de Evora.

Diz a pag. 149, que o padre Affonso da Madre de Deus Guerreiro apresentou á academia real de historia, no dia 1 de abril de 1734, a noticia de 315 antas existentes em Portugal, e que foi este o primeiro inventario megalitico feito na Europa.

A pag. 272 faz os maiores elogios ao sr. Martins Sarmento. Falla minuciosamente das Citanias descobertas em Portugal, e exclama: «Rien de semblable aux Citanias n'a été jusqu'ici découvert en Espagne!»

É, pois, uma obra importantissima, e que deverão ler com o maximo cuidado todos quantos quizerem escrever ácerca dos tempos prehistoricos n'este solo, ao qual damos hoje o nome de Portugal.

Congrès International d'Anthropologie & d'Archeologie Préhistoriques. Paris. Eugène Boban. 4.º 100 pag.

Teve logar a sessão de inauguração na magnifica sala da bibliotheca da academia real das sciencias, onde o congresso se devia reunir. S. M. o rei de Portugal, D. Luiz, e S. M. o rei D. Fernando, seu pae, tinham tomado logar n'um throno sumptuoso. O nuncio apostolico, os membros do corpo diplomatico, todos os ministros e principaes funccionarios do estado, de grande gala, e os sabios nacionaes e estrangeiros, enchiam o recinto reservado. Uma chusma elegante e de gala, curiosa e sympathica os rodeava, e enchia a galeria superior da bibliotheca.

A orchestra tocou em primeiro logar o hymno real, e depois algumas musicas nacionaes, e a marcha triumphal de Camões.

As eleições deram o seguinte resultado:

Presidente — Sr. João de Andrade Corvo (Portugal).

Presidentes honorarios:
Srs. G. Capellini (fundador);
G. de Mortillet (fundador).

Vice-presidente honorario — Sr. M. A. de Quatrefages.

Vice-presidentes:
Srs. A. M. Barbosa (Portugal);
B. du Bucage (Portugal);
Delgado (Portugal);
Evans (Gran-Bretanha);
Hildebrand (Suecia);

Henri Martin (França);
Pigorini (Italia);
Römer (Hungria);
Van Beneden (Belgica);
Villa Nova Juan (Hespanha);
Virchow (Allemanha);
Zawisha (Russia).

Secretarios:
Srs. Cazalis de Fondouce (França);
Chantre (França);
Gonçalves Vianna (Portugal);
Vasconcellos Abreu (Portugal).

Secretarios adjuntos:
Srs. De Baye (França);
A. Coelho (Portugal);
Estacio da Veiga (Portugal);
Ramalho Ortigão (Portugal).

Membros do conselho:
Srs. Antonovich (Russia);
Bellucci (Italia);
Cartailhac (França);
Chauffat (Suissa);
Cotteau (França);
Ploix (França);
Possidonio da Silva (Portugal);
Schaaffhausen (Allemanha);
Consiglieri Pedroso (Portugal).

Alem d'estes compareceram varios outros sabios, como: Harrisson, inglez; Lissauer e Langerhans, allemães; Ceuteneer e G. Washer, belgas; Pawinski, russo; Mogiotot, Alglave, Emile Guimet, Oppert, Laurière, Cotteau Edmond, Ponchet e Giard, francezes.

*
* *

«Os membros do congresso poderam comprovar por si mesmos, do modo o mais exacto e o mais positivo, não sómente a verdade da descoberta do sr. Carlos Ribeiro, mas tambem a posição geologica precisa de certos silices, em que a mão do homem tinha mechido.

«Dirigiram-se depois para Otta, para o meio de uma formação de agua doce, muito possante e muito ampla.

«É um grande lago lacustre, com areia e argila no centro, e com areia e calhaos nas bordas. O ser intelligente que talhava o silex não podia deixar vestigios da sua industria senão sobre as margens do lago, e eis porque nas margens do lago, as quaes banhavam o sopé de Monte Redondo, foi que procederam a pesquizas. E foram ellas coroadas de bom exito. O sr. Bellucci, o habil investigador da Ombria, descobriu um silex, que sem duvida alguma fôra talhado.

Antes de o retirar mostrou-o a um bom numero de nossos collegas. Este silex estava fortemente agarrado á rocha, e foi preciso um martello para d'ali o tirarem. Sua posição datava, com certeza, da epocha do deposito. É portanto impossivel uma demonstração mais completa no que diz respeito á presença do silex no jazigo.» Pag. 36.

Este relatorio é mui interessante.

CARTAS *sobre a educação da mocidade.* Em Coloniae, 1760. 4.º 130 pag.

CARTEL *de Desafio, y protestacion cavalleresca de Don Quijote de la Mancha, Cavallero de la triste figura en defension de sus Castellanos.* Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na officina de Domingos Lopes Rosa. A custa de Lourenço Queiroz, livreiro do estado de Bragança. Tem este papel em 4 réis. 23 de junho de 1642.= Ribeiro = Menezes.— 4 folhas

É uma satyra ao desafio do duque de Medina Sidonia a El-Rei D. João IV. B. P. Lx.ª

CARTILHA *com estampas para uso da mocidade.* Nova York. Publicada pela sociedade de tratadas (sic) americana. N.º 150, rua de Nassau. 64 pag.

É um methodo para aprender a ler na lingua portugueza.

A Voz do Salvador

Alma, ouve ao Senhor,
A Jesus, o Salvador;
Jesus falla, e a ti:
Peccador, amas a mim?

Estando preso te soltei,
E ferido te curei;
Eu vim salvar a ti —
Peccador, amas a mim?

Minha graça tu terás,
Minha gloria tu verás;
Vida eterna dou a ti:
Peccador, amas a mim?

Bem me pesa ó Senhor,
Que não tenho mais amor.
Mas vos amo, bem sabeis;
Óxalá amar-vos mais.

Plenitude de Jesus

Todo o meu vil peccado
Ponho, Jesus, sobre ti:
Um Cordeiro immaculado
Padeceste tu por mim.

Sou immundo, sou manchado,
Venho, Jesus, para ti:
Teu sangue derramado
Pode bem lavar a mim.

Pobre, cego, nu, coitado,
Olho, Jesus, para ti:
Em Jesus enthesourado,
Tudo fica para mim.

Triste sou, mui carregado;
Quero descançar em ti,
Pelo que sou consolado;
Allivias tu a mim.

Este coração cançado
Ponho, Jesus, sobre ti;
Assim fique reclinado,
Abraçando tu a mim.

Jesus! nome bem amado!
É mais suave que senti
Do que balsamo espalhado
Todo ao redor de mim.

Oxalá qu'assemelhado,
Fosse já, Jesus, a ti!
Tu és tão immaculado,
Tão humilde! Ai de mim!

És de Deus o amado,
Bem amado, Filho, tu,
Todo livre do peccado:
Faças tal, a mim, Jesu.

Quero ver-me levantado
Para ti, acima já,
Onde sempre tu louvado
És dos anjos: Oxalá!

CARVALLI (ATHANASIO ——). — In Gregoriana Universitate Collegii romani physicae experimentalis professore.

E. *In funere Josephi I. Lusitanorum et Algarbiorum Regis Fidelissimi Oratio Romae habita coram sacro E. E. ac in R. R. Cardinalium Collegio regali Ecclesia Lusitanorum Divi Antonii.* Romae, ex typographia Marci Palearini. 1777. in-4.° gr. 33 pag.

CASINI (FRANCESCO ——).

Al merito impareggiable del eminentissimo e reverendissimo Signor Cardinal Oddi Perugino Nunzio apostolico alla real Corte di Lisbona, promosso alla sagra porpora... il di 9 septembre 1743.

CASTELBRANCO (D. BERNARDO DI ——).

Monaco della Congregazione di S. Maria di Alcobaza dell' Ordine Cisterciensi di S. Bernardo ne' Regni di Portogallo, Abbate, e Rettore del Collegio del medesimo Ordine nella Università di Coimbra, Dottore in Sac. Teologia nell' istessa Università. Maestro Giubilato e Procuratore Generale della sua Congregazione nella Curia Romana. Colla Serie de' Discorsi nel principio, &c. Indice degl' Argomenti, e delle Materie, e de' principali punti, che si tratano. Fatti stampare nella sua Stamparia a propi spese da Rocco Bernabó, Stampatore. In Roma, l' anno 1706. 4.º gr. (Scritti in lingua portoghese & italiana).

Cada sermão tem a sua paginação especial.

O editor diz que andou sempre á procura de obras boas, para depois de vertidas para o italiano publicar, e que, entre ellas, considera estes sermões como dignos de terem uma tal honra.

CASTELLAR (EMILIO ——).— Celebre escriptor hespanhol, felizmente ainda vivo.

Escreveu ácerca da *Historia de Portugal* pelo sr. Oliveira Martins, um opusculo, no qual engrandece a obra do nosso compatriota, e onde se lêem os trechos seguintes:

*
* *

«Poucos escriptores, muito poucos, possuem hoje na Europa a universalidade de aptidões e a copia de conhecimentos de Oliveira Martins. A uma erudição vastissima e variada, por nenhum modo pesada e obscura, salvando quanto ha de vivido na sciencia, Oliveira Martins reune um estylo vibrante e animado, sem enfeites rhetoricos, fazendo da belleza como que um resplendor da verdade. Historiador de primeira ordem, evoca as idades com a virtude efficaz de resurreição que tem todo o numen historico, e vivifica as por um modo maravilhoso. As letras já têem quadros seus de primeira grandeza; e entre os mais animados e vivos, a critica ha de por certo contar os dois volumes da *Historia de Portugal.*

«Cheios de vastissimo saber, lêem-se como uma novella, pela emoção que os distingue, e enaltece. Tem, comtudo, Oliveira Martins, infelizmente, entre as grandes qualidades que o elevam ao fastigio dos primeiros escriptores do seculo, um pessimismo, especie de *atra bilis,* cuja influencia o leva, mau grado seu, a pôr sombras, e sombras espessas, nas glorias mais luminosas do Céu portuguez. Sei perfeitamente que as sciencias hoje em voga, propendem irremediavelmente para o pessimismo: a humanidade como que se sente presa na materia, e desconfia tanto de ter uma origem celeste, como um fim universal.

«Intelligencias, porém, de tão resistentes ázas, como as que vemos todos no grande auctor portuguez, deviam levantar-se com alto vôo sobre estas nevoas do nosso tempo, e pairar alem nos cimos de um idéal divino. Por muito que as dôres do nosso coração e as duvidas da nossa intelligencia queiram obscurecer o

azul da alma humana, é impossivel negar que todas as idéas da justiça, reflexos do ser divino da nossa consciencia, se realisam por lentas mas successivas gradações, na sociedade, cada vez mais profundamente penetrada pela idéa do direito, corollario de toda a metaphysica moderna, e mais livre da escravidão a que a condemnaram os males e imperfeições inherentes a uma larga infancia. O eximio historiador portuguez, que tão bem conhece a humanidade no seu desenvolvimento historico, ha de forçosamente verificar, como a historia universal, segundo disse um philosopho de primeira ordem, é o poema divino da liberdade humana.

«Oliveira Martins, ao contrario do seu grande predecessor, Alexandre Herculano, toma Portugal, não no momento de separar-se de nós, e arrastado pela corrente feudal constituir-se á parte e isolado em feudo patrimonial, mas nos alvores da vida commum, que decorre desde as idades prehistoricas até á infame doação de Affonso VI, inspirada em idéas e superstições trazidas de alem pelos malditos principes da nefasta Borgonha.

«... Não menor (pag. 6), que a nossa foi a decadencia de Portugal, povo entregue pelo destino ao dominio jesuitico. Desde a segunda metade do seculo x ate ao definitivo reinado da companhia, Portugal parecia dispor a seu arbitrio das forças creadoras do planeta. As suas naus maravilhosas cortavam totalmente o Oceano immenso, e volviam, carregadas de corôas orientaes, a lançal-as como tributos incriveis e phantasticos ás plantas dos seus reis. Capitaneavam essas esquadras homens como Vasco da Gama, e seguiam a sua esteira poemas como o de Camões.

«Emquanto a Grecia resuscitava em Ferrara, em Veneza, em Florença, a Asia resurgia por igual no Porto e em Lisboa.

«Aquellas côres deslumbrantes que cegavam a vista, e aquelles aromas exahalados pelas especiarias que transtornavam os sentidos, e aquellas pedras preciosas arrojadas aos pés da nação maritima, representavam alguma cousa mais do que fugazes conquistas ou dominios frageis. Representavam o dominio absoluto do homem sobre a natureza. Nada tão deslumbrante como a embaixada mandada por D. Manuel ao papa Leão X.

«O pavão de Juno com toda a sua suavidade, nunca teve as côres da sua cauda, como o rei da Lusitania possuia as pareas do seu imperio. Trezentos cavallos ajaezados de oiro e pedrarias, abriam o grande prestito, conduzidos á mão por tresentos pagens, qual mais bem vestido e pittoresco. Seguiam após os magnates portuguezes residentes em Roma, tanto seculares como ecclesiasticos, levando cada qual sobre si o valor de um reino, e a adormentação de todas as magnificencias da Asia. Seguiam os besteiros, frecheiros, lanceiros, estes da Suissa, aquelles da Grecia, postos ali para fazerem realçar com os seus adornos aquella orgia de côres. O estribeiro Nicolau de Faria, ostentava taes arnezes, coalhados de pedraria, que deslumbrou aquelle collegio riquissimo de cardeaes, acostumados a todos os esplendores do luxo. Sobre um elephante branco ia uma torre de marfim: sobre a torre um cofre de madeiras olorosas, e adiante, quasi por cima da cabeça do animal, um bronzeado indio, similhante a um indio asiatico. Atras do elephante, carregadissimo, vinha um gentil e ligeiro cavallo persa, montado por um habil caçador, que levava as costas um tigre domesticado e tranquillo. As caixas de cravo, pimenta e canella, perfumavam os ares e embriagavam os espectadores. Desde os tempos de Pyrrho que a cidade eterna não

vira entrar pelas suas portas tão estranhos animaes, nem havia aspirado essencias tão embriagadoras. Parecia então que sobre as suas cinzas, sobre as suas ruinas, sobre os ossos mondados dos seus heroes, sobre aquelle templo dos seculos, sobre aquelle cemiterio das raças, de onde póde ver-se o esqueleto da terra, nua, exhausta, estendia a urdidura maravilhosa da sua vida, a India immensa, com os seus rios carregados de ilhas fluctuantes, com os seus mares cingidos de perolas, com as suas selvas pertencentes ás antigas vegetações planetarias, com a sua multidão de aves pintadas, com as suas nevoas aureo-avermelhadas, com os seus Himalaias coroados por gelos e vulcões, com toda a sua excessiva seiva, similhante a um vinho novo, derramando-se pelas veias de tantas e tantas grandezas envelhecidas e antigas.

«Renascença havia sido como uma obra collectiva, chamem-lhe embora inconsciente, mas inspirada e luminosa, de toda a familia humana.

«Um polaco, Copernico, fixava o sol no foco dos elypses planetarios; um italiano, Colombo, protegido e amparado pela Hespanha, descobria o mundo; uma legião de portuguezes illustres lançava das suas caravellas á Europa os tributos da Asia extrema, recolhidos nas aguas e nas selvas indias; uma legião de artistas inspirados restaurava a fórma humana nos paineis de Vinci, de Raphael, de Sarto, com os buris de Buonaroti...

«Alguns escriptores contemporaneos da Peninsula, accordando na formação de uma liga litteraria, que ponha em communicação a actividade intellectual hespanhola e portugueza, resolveram contribuir, consoante as suas forças o permittam, para tornar reciprocamente conhecidas as duas litteraturas do extremo occidente, ou antes e melhor, os productos litterarios mais importantes de um e outro paiz.

«O sr. D. Leopoldo Alas, ao presente cathedratico em uma universidade hespanhola, e um dos moços escriptores mais apreciados em Hespanha pela justeza e severidade dos seus juizos criticos, enunciou modernamente a idéa d'esta liga, que, de resto, é, desde muito uma aspiração commum de muitos escriptores peninsulares, tentada já enthusiasticamente no jornalismo litterario de Portugal e Hespanha, sem vantagem, todavia, porque o enthusiasmo não dá logar a resultados praticos. Com effeito, estas ligas puramente litterarias não apresentam o largo alcance de fazer interessar no seu desenvolvimento pleno, o povo, a grande multidão anonyma: falta-lhes o principal elemento de propaganda — o theatro — e nem o sr. Alas, nos seus primorosos artigos do *Porvenir*, nem os demais criticos, que sob diversos aspectos têem apresentado idéas parallelas, se lembraram de interessar o publico portuguez, quasi exclusivamente alimentado de operas comicas e comedias traduzidas com o sublime arrebatamento, que ressumbra d'essa serie maravilhosa de obras de arte que constituem o theatro hespanhol, ou de fornecer ás platéas do paiz visinho o pouquissimo que nós temos...

«É essa, por ventura, a rasão de taes commettimentos estarem destinados a uma vida mais ou menos ephemera, desde que apenas interessam o mundo dos litteratos, e raro abrem campo á grande massa do publico.

«Vê-se a miude, realmente, um ou outro escriptor hespanhol apreciar uma ou outra obra portugueza, e vice-versa, entre nós tambem. Que quer dizer, porém, isso? que symptomas de estreitamento de relações presuppõem taes factos? Passa quasi desapercebido que Herculano discutisse Cárdenas, que Va-

lera combatesse a conclusão de alguns trabalhos de Theophilo Braga, que Amador de los Rios preconisasse *As raças historicas* de Julio de Vilhena, que Gayangos preconisasse a prioridade da redacção das novellas da cavallaria. Nada! Similhantes memorias não commovem o ardente temperamento peninsular, nem vão repercutir-se estranhadamente no coração dos povos que tiveram por destino desdobrar nas afastadas regiões americanas a expansão do genio iberico, e que são elementos que mais tarde levariam a uma alta perfeição o plano do sr. Alas.

«Ponham, porém, em face do profundo sentimento peninsular, amortecido agora, uma d'essas sublimes composições, immortalmente bellas, a cuja inspiração gloriosa Molière veiu buscar a consagração dos seculos: façam-nos assistir ao *Fr. Luiz de Sousa*, ou a qualquer dos dramas de Hartzembusch e Echegaray, para citarmos tambem contemporaneos, e digam-nos depois se o theatro não é o primeiro baluarte para o estabelecimento de uma liga litteraria que procure solidificar se nas camadas populares, antepondo as gloriolas do cartaz affixado nos jornaes, a sancção d'esse incommensuravel mundo que não conhece regras, nem escolas, mas que chora commovido diante do Bello eterno que lhe domina a alma!

«Querera isto, porventura, dizer que condemnemos o moço escriptor hespanhol, e a generosa idéa que apresenta? Por modo nenhum; a ella nos associámos jubilosos, e o nosso reparo é uma prova de quanto sinceramente a considerâmos. E, de caminho — como prova da attenção que lhe votámos — seja-nos permittido observar que labora em erro o sr. Alas, quando prevê uma influencia reciproca e uma penetração mutua nas duas litteraturas; deixem-nos fallar ainda de litteratura portugueza os que sabem quanto entre nós o franciscano impera. É erro, porque, como nos comprovava ainda ha pouco um dos mais notaveis publicistas dos tempos modernos, as litteraturas influem umas nas outras em rasão directa das dissimilhanças e não das similhanças. É a grande lei eterna dos contrastes.

«Um dos escriptores que no *Porvenir* se indicavam como adherindo ao plano traçado pelo sr. Alas, era o illustre orador sr. Emilio Castellar, esse radioso e vibrante poeta da democracia hespanhola; e pois que o amplo e sonoroso tribuno accorreu pressurosamente a honrar do mesmo passo, com o seu auxilio efficaz, o pensamento do sr. Alas, e com a sua admiração, a obra de um reputado auctor portuguez, seja licito ao traductor d'estas paginas, singularmente honrado pela nova geração litteraria do paiz visinho, chamar a attenção dos leitores de Portugal para o modo como o sr. Castellar julga dos altos merecimentos de um nosso compatriota, já consagrado entre hespanhoes pelas referencias de Fernandez de los Rios na sua *Mision*.

CASTERA (DU PERRON DE ——).

E. *Entretiens Litteraires et Galans; avec les aventures de Don Palmerin et de Thamire*. Amsterdam, 1783. 2 vol.

Tomo I.— *Noticia de Camões.*

Tomo II.— *Acerca dos criticos da traducção de Camões.*

CASTILLA GABRIEL DE ——).— Jesuita, natural das Canarias.

E. *Conciones aliquot de S. P. N. Ignatio; de S. Francisco Xaverio, de B. Francisco Borgia; de S. Hiscio Episcopo Carteiae, &c*[1].

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. II, pag. 79.

CASTILLA (LOPE DE ——).—Jesuita, natural de Lima. Entrou para a companhia na idade de vinte annos, em 1614, e passou a maior parte da vida no Paraguay, onde exerceu os cargos de mestre de noviços e de reitor do collegio S. Miguel.

E. *Grammatica et Vocabularium linguae Angolanae pro faciliori instructione Aethiopum, qui in Africa illuc tanquam mancipi deducuntur, ut in fide Christi erudiantur* [1].

CASTILLA (LOPO ——).

E. *Grammatica y Vocabulario de la lengua de Angola, para poder instruir mas facilmente a los Negros que se traen esclavos de Africa, en los mysterios de la Fée* [2].

CASTILLO (D. NICOLAS GALLO DEL ——).

Llanto universal de España, del orbe, y de la Iglesia. En la muerte de la Excellentisima Señora Doña Maria Guadalupe Lancaster y Cardenas, Duquesa de Aveyro y Maqueda. &c. De ——.

9 pag. em verso.

CASTLE (THE) *of Villa Flora. A portuguese tale.* London, 1819, 3 vol.

CASTNER (GASTNER) GASPAR.—Jesuita allemão, missionario na China, fallecido em 1709, na idade de quarenta e quatro annos. Gosou de uma grande reputação em Peking; foi presidente do tribunal de mathematicas e preceptor do principe herdeiro do throno. Defendeu, em Ingolstadt, a 22 de março de 1694, theses *de Universa Theologia*

E. *Relatio Sepulturae Magno Orientis Apostolo S. Francisco Xaverio erectae in Insula Sanciano anno saeculari* MDCC. Caderno chinez com as cartas representando a capella erguida em honra do Santo na ilha de Hang Chuen. 8.º gr. em lingua chineza [3].

*
* *

«Esta relação, assignada pelo P. Gaspar Castner, Soc. Jesu, compõe-se de 31 folhas impressas na China, em caracteres europeus, sobre papel do paiz.

«A folha 31.ª offerece no *recto* a *Iconographia sepulturae S. Francisci Xaverii*; no *verso* está o mappa da ilha de Sancian, em chinez Hang-Chuen, situada ao oeste da entrada do golpho de Cantão, perto da costa da China.» Abel Remusat, n.º 1:076.

Um exemplar manuscripto d'esta relação se guarda na bibliotheca publica de Lyon. Mr. Delandine o descreve assim: *Relatio sepulturae S. Francisci Xaverii, erectae in Sanciana insula, anno 1700.* In-4.º

«Este manuscripto latino tem por auctor a Gaspar Castner, jesuita e missio-

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nov.*, vol. I, pag. 75.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. V, pag. 126.

[3] Bibliothèque du feu M. Jules Thonnelier. Paris, 1880, pag. 63.

nario na China. Parece ter sido testemunha ocular das exequias de S. Francisco Xavier e da cerimonia que descreveu. Sua obra é escripta, ou para melhor dizer pintada com tinta da China, em papel de seda, fino, e de uma extrema alvura. Contem 60 paginas, e se acha terminado por um mappa, feito á mão, da ilha de Sancian, onde o Santo foi enterrado, e por um plano da capella, que lhe é consagrada.»

Bericht P. Gasparis Castner a S. J. gedruckt in China 1700, von der ersten Grabstatt der H. Franc. Xaverii auf der Insel Sanciano. Esta traducção allemã se lê em o n.º 309 do *Welt-Bolt, do P. Stöklein*, tomo XIV.

Brief P. Gastner S. J. an. R. P. Hallanet, zu Quito den 21 Moji 1722. Seine Reise von Carthagena biss dahim. Abtéilung dern neuankommenden Missionarien. Liebe und Gnad des Bischoffs von Popayan gegen die Teutche Jesuites. Na mesma collecção do P. Stöcklein, tomo VIII, pag. 33 a 35[1].

CASTRO (D. FERNANDO ALVIA DE ——).—Natural de Logroño, cavalleiro de Calatrava, vedor geral da gente de guerra e presidios de Portugal.

E. *Panegyrico Genealogico y moral al Excellentissimo Duque de Barcelos.* Impresso em Lisboa em 1628, in-4.º, é um excellente livro, que allega o conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, em uma memoria genealogica da sua casa, a qual trata das familias estrangeiras, principalmente das de Hespanha, que tiveram descendencia illustre em Portugal[2].

CASTRO (D. LUIZ DE SALAZAR Y ——).—Do conselho de S. M. Catholica, e do seu tribunal de ordens, e commendador de Zurita na ordem de Calatrava, chronista mór de Castella e Indias, cavalleiro da familia de seu appellido[3].

E. *Examen de la Crisis griega con que el R. P. Fr. Manuel Bautista de Castro intentó estabelecer el Instituto Bethlemitico.* Madrid, 1736.

Indice de las glorias de la Casa Farnese. Impresso em Madrid em 1716, in-fol.

Desde pag. 397 até 433, pretende e consegue, sem grande esforço, destruir a tradição das côrtes de Lamego, e principia n'este theor, para demonstrar os direitos violados da casa Farnese a Portugal:

«Yo entiendo .. que no huvo côrtes de Lamego, y que el fragmento que del Archivo del Monasterio de Alcobaza llegó a las manos de Fr. Antonio Brandão, es supuesto y fabricado, quando la infelis muerte del Rey D. Sebastian empezó la disputa de la succession ... &c.»

Fr. Antonio Brandão acreditava tanto no documento das côrtes de Lamego, como Salazar y Castro. Veja o que diz Fr. Antonio Brandão no tomo III da *Mon. port.*, liv. X, capitulo XIII. Todos os mais livros genealogicos de Salazar y Castro intendem com negocios de Portugal[4].

---

[1] Augustin et Aloys de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. IV, pag. 113.
[2] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 212.
[3] Id., vol. I, pag. 217.
[4] Sr. Camillo Castello Branco, *Nota*, vol. II, pag. 40.

N'este livro traz muitas cousas pertencentes a Portugal, e a fl. 666 trata da origem da casa real de Portugal, se bem que com differente opinião á que n'esta obra sigo, acostando-se ao desembargador Duarte Nunes de Leão, tambem a Manuel Constantino, que no seu livro: *Historia de origine et principio atque vita omnium Regnorum Lusitaniae*, a fl. 19, e ao dr. João Salgado de Araujo no *Marte Portuguez*, capitulo I, impresso em Lisboa em 1642, já tinha tomado aquella parte, não se póde negar que Salazar foi mui sciente na Historia, e que a soube bem; porém, n'esta parte, tomou o capricho de negar o manuscripto Floriacense sem mais fundamento que umas leves conjecturas que não podem destruir a fé, que lhe deram tão graves auctores, como os que d'elle se têem valido; e por isso não poude seguir a sua auctoridade n'esta parte, sem embargo que devi a este insigne auctor grande amizade, e por muitos annos nos tratámos com familiaridade, e lhe serei sempre obrigado; e tendo elle sómente tocado já esta materia levemente em diversas partes das suas obras a poz em publico na referida obra, sómente para me querer persuadir, porque, tendo-me annunciado esta materia, a que eu lhe respondi, seguindo a origem do conde D. Henrique, conforme agora a escrevo, respondeu que só por amor de mim trabalharia este ponto, para me fazer mudar de opinião, e com effeito, passados tempos, o imprimiu na referida obra, na qual tambem com pouca rasão nega a existencia das côrtes de Lamego, e toca outros pontos, que de nenhuma sorte prova o que seu engenho pretende, e se convence por demonstração contra os seus principios.

«Todas as obras d'este grande auctor são estimadas, e a sua memoria será sempre saudosa não só na Hespanha, onde a sua pessoa conseguiu um geral respeito e estimação da côrte e dos grandes, mas tambem na nossa, da qual muitos o tratarão, e universalmente na Europa, sendo allegado de muitos auctores graves com elogios, de que só faremos menção do eminentissimo cardeal Alvaro Cienfuegos, n'aquella estimadissima obra da *Vida de S. Francisco de Borja*, que, em discreto, elegante, e harmonico estylo, imprimiu em Madrid no anno de 1702, onde no capitulo x, § 2.º, fl. 42, tratando da duqueza de Gandia, D. Leonor de Castro, portugueza, então marqueza de Lombay, com quem o Santo fôra casado, a qual era filha de D. Alvaro de Castro, senhor do Morgado do Torrão, depois de ter relatado a sua illustre ascendencia, diz: *Pero confessamos gustosamente deber esta luz al que los és ay la Historia, a D. Luiz de Salazar y Castro, Cavallero del Orden de Calatrava, y Coronista de nuestro Rey Catholico D. Carlos II, cuya pluma ennoblece todo lo que escribe, y retrocediendo con vuelo felis hacia la antiguedad, rompe su densa nebla, con mucho Sol; mereciendo sus incomparables fatigas en las noticias genealogicas el blason de principe en esta siempre difficil parte de la Historia, en que supo quitar ya la osadia a la envidia.*

«D'esta sorte responde agradecido um varão sapientissimo em letras, como o é pela Sagrada Purpura. E confundam-se aquelles, que desconhecidos aos soccorros das noticias e genealogias, que lhe deram, e de que não tinham noticia, com affectado silencio as publicam como suas, com escandalosa gratidão, dos que o sabemos.

«Falleceu D. Luiz de Salazar em Madrid, a 9 de fevereiro de 1734, de idade setenta e seis annos, empregados desde a puericia em gloriosas fadigas, que farão eternamente memoravel a sua pessoa. Na sua *Historia genealogica da casa de Sylva*, que imprimiu em Madrid em 1685, em dois volumes em folha, quasi todo o segundo tomo pertence a Portugal, e parte do primeiro; na admiravel obra da

Casa de Lara, impressa em Madrid no anno de 1696, tem em diversas partes muito que pertence ás familias illustres de Portugal; e tambem no livro *Advertencias historicas*, Madrid, 1688, in 4.°, e em outros *Memorias* seus, que imprimiu. Deixou de muitos privilegios, e outros manuscriptos preciosos, de que muitos foram a Portugal, sete volumes de folha em *Taboas genealogicas*, provadas com privilegios e documentos, *A illustre e antiga familia de Menezes*. E em cinco volumes á dos *Cunhas*, não menos antiga, que illustre, declarando que não historiava a primeira por não caber em muitos volumes, e a de *Gusmão*, que tambem reduziu a taboas genealogicas.»

CASTRO MZ. (D. H. DE ——).

E. *De Synagoge der Portugeesch. Israëlietische Gemeente to Amsterdam. S' Gravenhage. S' Grate Gebroeders.* Belmvenhage, Gebroeders. Belmfinte, 1875 66 — LXXVII pag., e 4 photographias.

CAT (EDOUARD ——). — Professeur agrégé d'histoire, maître de conférences de geographie à l'ecole superieure des lettres d'Alger. . . . Paris. 2 vol. in-8.

*
* *

«Desde os primeiros annos conceberam os portuguezes esperanças não só de monopolisarem o commercio da India, mas tambem de se apossarem da propria India.

«Uma tal esperança poderia parecer a primeira vista algum tanto chimerica: a fraqueza das expedições que se podiam enviar ao levante, e a distancia dos portuguezes, pareciam dever ser para tal fim um obstaculo serio; porém as guerras intestinas que assolavam os reinos da India, a inferioridade do armamento, e a da de disciplina nas tropas dos rajahs, tinham de os fazer passar bem depressa para debaixo do jugo dos portuguezes.

«O sultão do Egypto via com maus olhos as mercadorias e as especiarias tomarem o caminho pelo Cabo da Boa Esperança: via assim seccar a principal fonte de seus rendimentos, os direitos das alfandegas nas mercadorias que passavam por Alexandria. Veneza tomava parte nos seus receios e cuidados, e induziu o sultão do Egypto a empregar todos os esforços para expulsar os portuguezes da India.

«Dentro em pouco as esquadras egypciacas e as esquadras portuguezas disputaram o Oceano Indico.

«D. Francisco de Almeida, um dos mais illustres generaes d'aquelles tempos, commandou em 1505 uma esquadra composta de 22 embarcações. Tinha a bordo 1:500 homens, assoldadados para servirem por tres annos nos mares de levante, ao passo que o emir Hassan, trazendo tambem 1:500 homens, vinha tomar suas estancias em frente de Diu.

«Durante um dia inteiro combateram sem vantagem de grande monta, quando a tarde um grito de alegria echoou a bordo dos navios mussulmanos, uma esquadra vinha em ajuda d'estes, enviada pelo governador de Cambaya.

«D. Francisco teve então de se retirar durante a noite. Outros combates, nos quaes os portuguezes mostraram uma brilhante audacia, e em que morreu o

valente filho do vice-rei, fizeram sobresair o brilho das armas, mas não o poder dos conquistadores.

«Tornou-se-lhes preciso descarregar um grande golpe.

«A frota egypciaca e a frota guzerate, orgulhosas com algumas prosperidades parciaes, esperavam ancoradas debaixo da protecção da cidade de Diu, que Almeida estivesse ao alcance d'elles.

«Os mussulmanos esperavam terminar a guerra descarregando um só golpe.

«Almeida corre, e depois de um cruento combate, que durou desde pela manhã até á noite, os portuguezes apoderaram-se do navio do almirante egypciaco, e do Guezerate. Quasi toda a esquadra d'este foi destruida, e o emir dos mamelukos deita a fugir para Cambaya, e o governador de Diu comprou a paz.

«Os rajahs da India perderam todas as esperanças de serem efficazmente soccorridos pelos egypciacos.

CATALOGUE *des produits minéraux de Portugal. Exposition universelle de Londres, 1862.* London, 1862. 26 folhas numeradas só no verso.

CATALOGUE *of the cities, towns, villages, &c., of Spain and Portugal, with their exact distances.* London, 1706.

CATALOGUS *librorum omnium facultatum præstantium apud Bonnardels et Dubeux bibliopolas Ulyssipone in via vulgo dicta Portas de Santa Catharina in fine.* Anno Domini 1755.

Offerece interesse este catalogo, pois por elle vemos quaes os livros mais procurados em Portugal n'aquelle tempo, em que o commercio d'esta mercadoria se achava como que na mão dos estrangeiros.

CATANEIS (IL COMTE FRANCESCO SPINEDA DE ——).

I. *Per il celebre Monastero e nobilissimo Templo che la Sacra Real Maestà di Giovanni V Re di Portogallo, dell' Algarbie, dell' Indie, &c, ha fatti eriggere al Mafra.* Soneto.

II. *A Sua Excellenza il Signore Gioachino, Marquese di Abrantes e Fontes. Conte de Pennaghione. Commendatore nell' Ordine di San Giaccomo, &c.* Soneto.

CATANZARO (CAROLO ——).

E. *Don Luiz de Camoens. Profilo Critico-Biographico.* Firenze. Coi tipi di M. Cellini. 1881. 8.º, 36 pag.

*
* *

«Salve a te dunque, ó Lisbona, patria gloriosa de Camoens, di Vasco di Gama, di Pedro Alvarez Cabral, di Dias, e di tanti guerrieri, artisti e litterati famosi, salve ó terra ospitale, e squisitamente cortese. Benignamente accogli questo povero ma sentito omaggio che io vo' rendere alla memoria di quel grande sventurato che ti fu, figlio e che te celebró nei suoi canti immortati.»

CATTANI ou **CATTANEO.** — Jesuita, natural de Modena, e que andou nas missões do Paraguay pelo espaço de quatro annos, desde 1729.

Escreveu varias cartas acerca do Paraguay. Tres d'ellas foram dadas á luz por Muratori, acerca das missões d'este paiz.

Lettere del Padre Gaetano Cattaneo della Compagnia de Gesu, al Sig. Giuseppe suo Fratello à Modena. In Venetia, 1743, presso Giambattista Pasquali, in-4.°

Relation des Missions du Paraguay. Traduite de l' italien de M. Muratori. A Paris, chez Bordelet, 1754, in-12, XXIV, 402, tipi Gissey.

Lettres du P. Gaetan Cattaneo, Missionnaire de la Compagnie de Jesus, a M. Joseph Cattaneo, son frère. Pag. 283 a 389. Traducção do P. Felix Esprit de Lourmel. S. J.

A relation of the Missions of Paraguay. Wrote originally in italian by Mr. Muratori, and now done into English from the french translation. London. Printed for J. Marmaduke, in Long Acre, 1759, in-12, XVI, 294 pag.

Em seguida encontram-se as tres cartas do P. Cajetano, escriptas em 1729 e 1730, pag. 205 a 289.

E. *Extract of a Voyage to the East Indies through Paraguay, Chili, &c. By Florentine de Bourges, a Capuchin, 1713, from the 15th vol., of the Lettres edifiantes.* Pag. 280 a 294.

O conde Algarotti ainda possuia mais cartas de Cattani, que não chegou a dar á estampa [1].

CATROU (FRANÇOIS ——).— Jesuita, natural de Paris, onde nasceu em 1659. Morreu em 1737.

Histoire générale de l'Empire du Mogol depuis sa fondation. Sur les Memoires portugaises de M. Mamouchi Venitien. Par le Père —— de la Compagnie de Jesus. A Paris, chez Jean de Nully, MDCCV, in-4.°, 2 vol.

Histoire générale de l'Empire du Mogol, depuis sa fondation jusqu'à present. Sur les Memoires Portugaises de Manouchi Venitien. A la Haye, chez Guillaume de Voys, 1708, in-12, 380 pag. A Paris, chez Jean de Nully, 1715, in-4.°

Histoire générale de l'Empire du Mogol, troisième partie, contenant le regne d'Orang-Zeb, sur les Mémoires de M. Mamouchi Venitien. A Paris, chez Jean de Nully, 1712, in-12, 2 vol.

Histoire générale de l'Empire du Mogol, depuis sa fondation. Sur les Memoires portugaises de M. Manouchi Venitien. Par le Pere ——. A Paris, chez Jean de Nully, rue de Saint Jacques, à l'image de Saint Pierre, 1705, in-4.°, 272 pag.

*
* *

«Mr. Manouchi, cujas memorias escriptas em portuguez serviram de base a esta obra, é um medico veneziano, que reside nas Indias ha mais de quarenta e oito annos, que d'estes passou quarenta na côrte dos imperadores mogoes, e que nenhuma cousa deixou de praticar com o fim de se instruir perfeitamente na historia d'aquelle imperio, havendo com a sua profissão de medico conseguido algumas entradas no serralho, o que se nega a todo e qualquer outro [2].

---

[1] Augustin et Alois de Backer. *Bibliothèque des ecrivains de la Compagnie de Jesus*, vol. VI pag. 81.
[2] *Journal des Savans* de 1707, pag. 231.

CAUSA *jesuitica de Portugal. Os documentos autenticos, bulas, leyes reales, despachos de la Secretaria de Estado, y otras piezas originales, que precedieron à la reforma, y motivaron despues la expulsion de los Jesuitas de los dominios de Portugal. En que se halla la Republica del Paraguay y Marañon, que contiene la Relacion de la Guerra que sustentaron los Jesuitas, contra las tropas españolas, y portuguezas, en el Uruguay y Paraná. Traducidas del latin y Portugués, è ilustradas en esta edicion española. Con la licencia necessaria.* En Madrid, en la imprenta real de la *Gaceta*. 1768, in-4.º, XXVIII, 172 pag., afóra o prologo.

O padre Tadeo Henis verteu este volume para allemão[1].

CAUSES *de l'évènement de Portugal. (Affaire des Jesuites.).* Sem logar de impressão. 1759.

CAVAGNARI (AFFONSO ——).

E. *Nelle Nozze di S. A. R. la Principessa Pia Maria di Savoya con S. M. Luigi I, Re di Portogallo. Canzone.* Parma. Tipi F. Cavignani. 4.º gr., 11 pag.

CAVAJANI (G.)— Professor.

E. *Grammatica italiana para uso dos Portuguezes.* Livraria Ferreira. Typographia do *Diario da Manhã.* 1879. 8.º gr. 178 pag.

Cavajani é empregado na casa de Bragança.

CELEBRITÉ *de la canonisation de Saint Ignace de Loyola, fondateur de la Compagnie de Jésus, et de Saint François Xavier, de la même Compagnie, faite à Rennes.* A Rennes, chez Pierre l'Oyselet, et Pierre Poulain, rue de Saint Germain, 1623, in-8.º, pag. 64.

CELEBRITÉ (LA) *des devoirs honorables rendus dans la ville d'Avignon, dès le 23 jusques au 31 de juillet de 1622. A l'immortelle mémoire de Saint Ignace de Loyola et Saint François Xavier, de la Compagnie de Jesus, canonisés à Rome par N. S. P. Gregoire XV, le 12 mars 1622, à l'instance de Louys XIII, Roy Très Chrétien de France et de Navarre.* En Avigon, de l'imprimerie de J. Bramereau, imprimeur de Sa Sainteté, de la Ville et Université. Avec permission des supérieurs. 1722, in-4.º

CELLIEZ (MADEMOISELLE ——).

E. *Les Reines d'Espagne, suivies de celles de Portugal.* Paris, 1857, 8.º gr.

CENTAZZI (G).— Der Student v. Coimbra.

Novelle aus der neuern portugais. Deutsch v. A F. H. Leipzick. 1844.

CÉRÉMONIE *qui doit s'observer à l'investiture de Sa Mageste Très Fidèle le Roi de Portugal et des Algarves, des enseignes et décorations du Très-Noble Ordre de la Jarretière.* 1858. Londres, imprimerie de Woodfall et Kinder. 4.º, 8 pag.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 421.

CEREMONIE *qui aura lieu à l'investiture de Sa Majesté Très Fidèle le Roi de Portugal et des Algarves, des enseignes et des decorations du très noble Ordre de la Jarretière.* 1865. 4.º de 6 pag.

CESARE (ROVIGHI ——).

Cenni sul Portogallo. Torino, 1865.

Vem mencionada esta obra na lista dos livros offerecidos e adquiridos pela academia real das sciencias de Modena, vol. 8.º

CEVA (THOMAS ——).— Poeta e mathematico. Nasceu em Milão em 1640, professou na companhia de Jesus, e morreu em 1736.

E. *Vita e miracoli del sempre ammirabile S. Giovanni di Dio, fundatore del Sacro Ordine dell' Ospitalità dei padri Fate bene fratelli, scritta dal P.——.* Venezia, dalla tipographia de S. Lazaro, 1833, in-12, 112 pag.

Vita di S. Giovanni di Dio, padre de poveri, et fondatore del Sacro Ordine dell' Ospitalità de' Padri Fate bene Fratelli. Milano, per Giuseppe Quinto. 1691, in-12.— Seconda edizione, Genova.— Terza edizione, Milano, Domenico Bellagatta, 1714, in-12.— Milano, tipographia Bernardoni, 1838, in-12, 112 pag.— Milano, coi tipi della dita Boniardi.— Pogliani, 1846, in-16, 164 pag.

A advertencia diz que esta vida foi vertida para italiano pelo P. Emmanuel de Herrera, segundo o texto hespanhol do P. Antonio de Goca, e depois refundida e abreviada por um jesuita, que se julga ser o padre Thomas Ceva[1].

CEVALLOS.

Exposicion de los hechos y maquinaciones que han preparado la usurpacion de la Corona de España y los medios que el emperador de los francezes ha puesto en obra para realisarla. Texto em portuguez e em inglez. London, 1808.

CHAGAS (FR. JOÃO DAS ——).— Natural de Culemburg, estados da Allemanha Baixa[2]. Estudou theologia na cidade de Lovaina. Aqui teve noticia das penitencias e rigores a que se entregavam os frades da Arrabida em Portugal, affeiçoou-se a este modo de viver, do qual o tinha informado um arrabido portuguez por nome Jeronymo Pereira, que tambem tinha ido estudar para Lovain, e por D. Fulgencio de Bragança, que tambem ali residia, e que era prior de Guimarães. Obteve, pois, em Lovain uma patente do padre geral fr. Christovão de Capite, para transmigrar para a provincia de Portugal, para onde veiu na companhia de um padre portuguez. Foi depois eleito provincial, entregou-se a penitencias rigorosas, e veiu a fallecer em S. Jose de Ribamar no anno de 1637. Jaz n'uma ermida d'este convento, n'uma sepultura que lhe mandou fazer um inglez seu amigo por nome Gualter Jacques. Quando veiu para este paiz exprimia se em latim, por ignorar completamente o nosso idioma. Depois fez no estudo d'elle taes progressos, que em portuguez chegou a compor livros.

E. I. *Tratado da pratica da oração mental.*

II. *Triunfos da Pobreza Evangelica.* Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1623, in-4.º, 2 tomos.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des ecrivains de la compagnie de Jesus*, vol. 1, pag. 158.

[2] Fr. Joseph de Jesus Maria, *Chronica da Provincia da Arrabida*, vol. II, pag. 85.

CHALESME (DE ——).

Recit fidèle en abrégé de toutes les particularités qui dans l'Amérique, autrement le Nouveau Monde, qui fut découvert par Christophe Colon Genevois (sic), *en l'an 1492, et cinq ans après Améric Vespuce Florentin fit de plus grandes découvertes, et c'est à cause de ce nom d'Amerie, qu'on nomme l'Amérique.* A Poitiers, par Robert Courtois, 1676, in-12 pequeno, 60 pag.

Muito raro: 130 francos no catalogo Maisonneuve[1].

CHALON (RENIER ——).— Officier de l'ordre de Leopold, président de la société de numismatique.

E. *Dom Antonio, Roi de Portugal, son histoire et ses monnaies.* Bruxelles, Fr. Gobbaerts, 1868. 4.º de 33 pag. e 4 estampas lithographadas.

Don Louis, Roi de Portugal, son histoire et ses monnaies. Bruxelles, 4.º, 33 pag. e 4 estampas lithographadas.

CHAMPFLEURY (JULES ——).—Litterato francez, celebre, nascido em 1821.

Entre muitas outras obras escreveu *Os excentricos,* onde se encontram algumas paginas consagradas a um portuguez, o commendador José Joaquim da Gama Machado, addido á legação portugueza em Paris, fidalgo da casa real portugueza.

Foi na verdade este homem um excentrico, ou antes um sabio, como confessa o proprio Champfleury, pois vivia rodeado de aves, passando grande parte da sua vida a comparar os seus costumes, as suas aptidões, e as suas tendencias. A casa do commendador Gama Machado parecia a casa de um obscuro passarinheiro: as avesinhas volitavam livremente de sala em sala, de movel em movel, conhecendo o dono, estimando-o, e morrendo de amores por elle.

Muitas vezes foi visto o commendador Gama Machado em pleno caes Voltaire segurar com uma das mãos uma luneta de oiro, e com a outra uma gaiola, onde uma avesinha rara parecia tremer de susto ouvindo o grande rumor de Paris[1].

CHAPELLE (MATHURINO DE LA ——).— Diz ser muito cultor da lingua portugueza *(linguae Lusitanicae multum studiosi),* e enviou ao principe D. Theodosio a seguinte poesia em honra do nosso Antonio de Sousa de Macedo[3]:

Saepius insignis Macedo illuminat orbem,
Dum sua dat Patriae, dumque aliena notat.
Tu sequere, o Princeps, atavorum exempla tuorum,
Solus dignus eis, solaque digna tui.
Ille patrum dicit, dicet quoque facta nepotis,
Te tanti ergo sinas esse laboris opus.
Quos tibi reddet primus, sic sumet honores,
Nam sua semper erunt nomina juncta tuis.

---

[1] Descharps et G. Brunet, *Supplement au Manuel du libraire de Brunet,* vol. II, pag. 999.

[2] *Diario Illustrado,* n.º 2.286, setembro de 1879.

[3] Foi esta poesia estampada na *Armonia Politica,* de Macedo, impressa em Haya na officina de Samuel Broun, 1651.

CHAPPUS (A. M.) — Membre des ci-devant academies des sciences et belles lettres de Villefranche et de Marseille.

E. *Histoire abrégé des Révolutions du Commerce, ou Precis historique et raisonne des changements que le Commerce a éprouvés á l'occasion des transmigrations et des Revolutions politiques, depuis le commencement du monde jusqu'a nos jours.* A Paris, 1803, in-8.º, 270 pag.

*
* *

«Emquanto as grandes nações da Europa estavam occupadas em fazerem a guerra umas ás outras, um pequeno reino deu ao genero humano o exemplo da maior habilidade e da maior coragem, e rompeu o caminho para a descoberta de metade do mundo.» Pag. 197.

«Henrique, infante de Portugal, irmão do rei Affonso V, alliava, com a nobreza do sangue, um genio e sentimentos ainda mais nobres. Suas vistas eram vastas, elevadas, e profundas. Abrangiam todo o genero possivel de gloria, de grandeza e de felicidade, para os portuguezes, cuja situação lhe parecia um favor da natureza para o bom exito das navegações as mais extraordinarias. Emprehendeu, como o teria podido fazer um particular, mandar á sua custa alguns navios ás costas de Africa, até á embocadura do Niger e do Senegal. E os commandantes d'estas frotas, havendo regressado com um lucro extraordinario, encheram Lisboa de jubilo, e foram na cidade recebidos como em triumpho.

«O rei D. João II, determinado pelo bom exito, occupou-se d'esta grande empreza; e, pouco tempo depois, seus navios descobriram a costa de Guiné, Angola e Loanda: e ali desembarcaram, e fizeram com os habitantes do paiz trocas mui vantajosas.

«Assim, ao prazer de verem novos paizes, se ajuntaram a esperança e a certeza do ganho; mas de um ganho tão consideravel que os proprios portuguezes não o podiam crer com seus proprios olhos. Vê-se bem que não fallo eu aqui dos passageiros que foram trazidos d'aquella costa africana para a Europa. Não devo, porém, deixar de advertir que a vista d'aquellas magnificas aves não deixou de fazer tambem alguma impressão no espirito de varios portuguezes. Todos os mancebos queriam tomar parte na expedição: e o governo viu-se obrigado a escolhel-os.

«Não se fallava na Europa de outra cousa, do que de descobertas: mas, emquanto os outros povos se limitavam á admiração, os portuguezes, engolphando-se um pouco mais para o occidente, descobriram a bella ilha da Madeira, e se apossaram d'ella.

«Então o enthusiasmo da nação já não conheceu limites: todas as forças da nação, todos os thesouros recentemente adquiridos, concorreram á porfia para a tentativa de uma navegação mais importante. Apesar dos ventos, e dos temporaes, dobraram o Cabo da Boa Esperança.

«Havendo sido ultimado metade do giro da Africa, acharam-se vencidas as maiores difficuldades para a viagem á India. Felizes os portuguezes, se nas suas futuras colonias não houvessem elles excedido os limites da população do seu reino. Emquanto este acontecimento occupava mais do que em tempo algum todos os espiritos, e arrancava admiração aos europeus os mais insensiveis, um geno-

vez, por nome Christovão Colombo, não se contentava com admirar o infante D. Henrique e Vasco da Gama.»

CHAPUIS (P.).—Ancien directeur e rédacteur des régulateurs de Madrid et de Lisbonne.

Du Portugal. Lisboa. 1822, 4.º

CHARLEVOIX (PIERRE FRANÇOIS XAVIER DE ——).—Da companhia de Jesus. Nasceu em Saint Quentin no anno de 1682, professou primeiramente as humanidades e a philosophia, e embarcou em 1720 para as missões do Canadá. Voltou para a França e trabalhou pelo espaço de vinte e dois annos no *Journal de Trévoux*, e morreu em Flèche no anno de 1761.

E. I. *Histoire de l'établissement, des progrès et de la décadence du Christianisme dans l'empire du Japon, où l'on voit les différentes révolutions qui ont agité cette monarchie pendant plus d'un siècle.* A Rouen, chez Jacques Joseph le Boulenger, 1715, in-12, 3 vol.: 337, 398, 440 pag. Louvain, Valinthout et Vandersande 1828-1829, in-8.º, 2 vol.: 410 e 510 pag.

O auctor refundiu totalmente sua obra, e a reproduziu com o titulo seguinte:

II. *Histoire et description générale du Japon, où l'on trouve tout ce qu'on a pu apprendre de la Nature et des Productions du Pays, du Caractère et des Coutumes des Habitants, du Gouvernement et du Commerce, des Révolutions arrivées dans l'Empire et dans la Religion; et l'examen de tous les auteurs qui ont écrit sur le même sujet, avec les Fastes Chronologiques de la découverte du nouveau Monde. Enrichie de figures en taille douce.* A Paris, chez Gandoin, Lamesme, &c. 1736, in-4.º, 2 vol.: 667 e 748 pag., ou 9 vol. in-12.

Nova edição. —— *révue, corrigée, augmentée, et mise dans un nouvel ordre par l'auteur.* Paris, chez Ganeau, Bauche, d'Houry, 1754, in-12, 6 vol.

Por uma analyse que d'esta obra se encontra no *Journal des Sçavans*, anno 1736, vê-se que esta obra falla muito dos feitos dos nossos antepassados. Começa de pag. 687 até 794, e continua no volume seguinte, anno 1737.

III. *Histoire du Paraguay.* Paris, Dessaint, et Saillant, Didot, Giffart, &c. 1756, in-4.º, 3 vol.: 459, 356-160, e 285-317, &c. 1757, in-12, 6 vol.

Histoire du Paraguay, translated into english. London, 1769, 8.º, 2 vol.

Geschichte von Paraguay und dem Missionswerk der Jesuiten in diesem Lande aus dem Franzosischen des P. Fr. Xaver de Charlevoix, von der Geselschaft Jesu. Nüremberg, by Gabriel Nicolaus Raspe, 1768, in-8.º, 2 vol.

Outra traducção: *Geschichte von Paraguay; Nach dem Französischen des P. Fr. Charlevoix.* Wien, 1830, in-8.º, 2 vol.

The history of Paraguay. With a full and authentic account of the establishment formed there by the Jesuites. Written originally in french. Dublin, 1769, 2 vol. in-8.º

CHARNOCK (DR).

Illustrated hand book to Spain and Portugal. With maps, town plans, and steel illustrations. London, in-8.º

CHARPY (GAETAN ——).

Histoire de l'Ethiopie Orientale. Traduite du portugais de fr. João dos Santos. Paris, 1688, 8.º, 1 vol., 237 pag. É um resumo.

CHARRIERI (I. C.).

Panegyricus Lusitanae dictus.

É um poema, no qual canta as glorias de Portugal. É dedicado a D. Alvaro Pires de Castro, conde de Monsão. Tem 52 pag. e não declara o logar de impressão.

CHART (A NEW) *of the Azores, or Western Islands, Madeira, the Canary Islands, and party of the coasts of Portugal and Africa, between the borlings and Cape Bojador.* London, 1842.

Ha outro mappa com a data de 1821.

CHART (A NEW) *of the Coast of Brazil from the banks of Saint Roque to the Island of Saint Sebastian.* London, 1794.

CHARVAZ (MONSEIGNEUR ——).— Archevêque de Gênes, chevalier gran-croix, decoré du grand cordon de l'ordre des Saints Maurice et Lazare.

Discours de ——, à l'occasion de la bénediction du mariage de S. M. Louis I, Roi de Portugal, avec S. A. R. la Princesse Maria Pie de Savoie, le XXVII *septembre* MCCCLXII. Folheto in-4.°

CHASSANG.

Les chefs d'œuvre épiques de touts les peuples. Paris, 1879, 1 vol. in-12.

Contém um estudo ácerca dos *Lusiadas.*

CHASTONNIERS DE GRENAILLE.

E. *Le Mercure portugais, ou rélations politiques de la fameuse révolution d'état arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien jusques au couronnement de D. Jean, à présent regnant.* Paris, 1643, LVI, 645 pag.

Consta de seis Mercurios ou narrações, sendo o quinto e o sexto de successos posteriores á coroação de D. João IV, com o titulo especial: *Le prince vendu, ou contrat de vente de la personne du Prince libre et innocent Don Edouard, Infant de Portugal, passé à Vienne le 25 jour de Juin, 1642.*

CHATELAIN (HENRI ——).

E. *Grammatica elementar da kimbunda ou lingua de Angola.*

CHAUMEIL DE STELLA (IM.) e A. DE SAUTEUIL.

Essai sur l'histoire de Portugal, 1080 1834. Paris, 1839, 2 vol.

CHAUVAIN (LEONCE ——).

E. *Histoire du Portugal et de la Maison de Bragance.* Cette, 1871, 1 vol., 8.°, 232 pag. Apparecem exemplares dando a obra como impressa em Paris.

Esta obra é offerecida a D. Luiz, rei de Portugal.

CHAVARRIA (D. DOMINGO NOVI —).

En aplauso del nombre soberano del siempre invicto augusto Monarca D. Juan V, en dia del grande Precursor S. Juan Baptista. Poesia.

CHÉNEDOLLÉ (CHEVALIER DE ——).
Études poetiques. 2e édition. Bruxelles, 1822. *Le Camöens.*

CHERMONT (B. DE ——).
Summario Chronologico da Historia de Portugal. Lisboa, 1805.

CHERY (WILHELM VON ——).
Camoens, traverspiel in fünf acten. Bayreuth, 1832. in-12.

CHESTER (HENRY ——).
E. *Spain and Portugal, or relation with the Peninsula by* ——. London, 1834.

CHIFLET (J. J.).
Vindiciae Hispanicae, in quibus Arcana regia, politica, genealogica publico pacis bono luce donantur. Antuerpiae, 1645.

CHIFLET (LAURENT ——).— Jesuita. Natural de Bragança. Nascido em 1598, e fallecido em Anvers no anno de 1658.

E. *Panegyricae Epitomae praecipuarum laudum SS. Ignatii et Xaverii ex italico latinae redditae.* Bruxellae, 1649, in-16.

CHILLERON (FR. JOSÉ ——).— Religioso da mesma ordem, leitor na sagrada theologia, e procurador geral da Santa provincia de Carthagena, da mesma regular observancia.

Sermão da Bulla da Santa Cruzada, prégado no real convento de S. Francisco da Cidade, no anno de 1747. Pelo M. R. P. Mestre ——. Lisboa. Na officina de Francisco da Silva. 1748. 4.º

CHOFAT (P.).
E. *L'homme tertiaire en Portugal.*
Na obra *Bibliothèque de Genève,* tomo IV, n.º 12.

CHOMÉ (IGNACE ——).— Jesuita natural de Douai, onde nasceu em 1698. Foi recebido na provincia Gallo Belgica em 1715. Mostrou muita facilidade no estudo das linguas. Obteve ser mandado para as missões do Paraguay em 1727. Trabalhou com muito zêlo e bom exito n'estas paragens até á expulsão dos jesuitas pelo governo hespanhol. Morreu quando se dirigia para o exilio em 1768 [1].

E. I. *Lettre du P. Chomé, Missionaire de la Compagnie de Jésus, au P. Van Thiennen, de la même compagnie. Traversée de Cadix au Brésil. Notes sur les missions du Paraguay. A la ville de las Corrientes, ce 26 Septembre 1730.* Nas *Lettres Édifiantes,* Paris, 1843. Tomo II, pag. 101 a 108.

II. *Seconde lettre du P. Chomé au P. Van Thiennen. Missions des Guaranis. A Buenos Ayres, le 21 juin 1732.* Ibid., pag. 108 a 110.

---

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus,* vol VI, pag. 89.

III. *Lettre du P. Ignace Chomé au P. Van Thiennen. Voyage à travers le Tucuman pour arriver au pays des Chiriguanes. De Tarija, le 2 Octobre 1735.* Ibid., pag. 123 a 133.

IV. *Lettre du P. Ignace Chomé au P. Van Thiennen. Nouveaux détails sur le Paraguay. A la réduction de Saint Ignace des Indiens Zamucos, 17 mai de 1738.* Ibid., pag. 190 a 192.

As tres primeiras cartas foram traduzidas em allemão no *Neue-Welthott*, do P. Stöklein. Tomo XXIX, n.os 559, 560 e 562.

CHOMEGGIALI (FRANCESCO ——).

Publicou em Milão, no anno de 1845, um poema sobre Camões em cinco cantos. O primeiro trata de Lisboa e dos seus primeiros pensamentos; o segundo, de Santarem; o terceiro, do Oriente; o quarto, da gruta de Camões; o quinto, Lisboa[1].

CHOSY (ABBÉ DE ——).

Journal du voyage de Siam, fait par M. l' ——. Nouvelle édition, augmentée d'une table des matières. A Trevoux. Par la Compagnie. 1741.

CHOUPPES (MARQUIS ——).— Ambassadeur a la Cour de Lisbonne. *Mémoires.* Paris, 1753.

CHRISTOPHE (MARTIN ——).— Jesuita, natural de Tours, onde nasceu em 1585. Morreu em Cambrai no anno de 1615.

La vie de bienheureux Père François Xavier, premier de la Compagnie de Jesus qui a porté l'Evangile aux Indes et au Japon. Divisée en six livres, par Horace Turselin, de la Compagnie de Jésus, et traduite en françois par un père de la même Compagnie. A Douay, chez Balthasar Béllere, 1608, in-8.°, 862 pag.

CHRONICA *del moro Rasis, traduzida do arabe para portuguez por mandado de El-Rei D. Diniz, pelo clerigo Gil Peres, com o auxilio do mouro Mahomed el Alarif.*

Parte d'esta *Chronica* apparece traduzida por P. Gayangos, no tomo 8.° das *Memorias da Academia de Historia de Hespanha.*

CHURCHILL.

Viagens.

Baldeo trata n'esta obra dos portuguezes em Ceylão.

«O proprio Baldeu, auctor hollandez, é a melhor auctoridade para a final contenda entre hollandezes e portuguezes, dando um esboço das negociações e movimentos militares, com relação por menor dos cercos de Colombo e Cochim, e apresentando gravuras das differentes fortalezas e cidades.» Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama*, Nova Goa, pag. 136.

CIALDI (ALESSANDRO ——).— Socio onorario della pontificia academia de' nuovi Lincei, dell' ateneo di Venezia e di quello I. e R. italiano; corres-

---

[1] Visconde de Juromenha. *Obras*, vol. I, pag. 268.

pondente della R. academia economico-agraria de' gergofili e di quella di Pesaro, socio residente e già segretario della Tiberina, &c.

Idraulica e nautica. Cenni sul moto ondoso e sulle correnti di esso. Memoria del comm. ——.

Nos Atti dell' Accademia Pontificia de' nuovi lincei. Anno VI. 1855. Sessione II del 30 gennaro 1855.

N'esta memoria vêem citadas as seguintes obras portuguezas:

Arte de navegar, M. Pimentel, 1762.

Tratado de navegar, A. G de Freitas, 1823.

Astronomia spherica e nautica, M. V. do Couto, 1839.

O piloto instruido, A. L. de Costa e Almeida, 1839.

Roteiro geral dos mares e costas, A. L. de Costa e Almeida, 1835.

CIBRARIO.

Lettere scritte di Spagna e Portugallo nel 1849. Torino, 1856, in-16.

CIBRARIO (CONTE LUIGI ——).

Notizie di Matilde di Savoia.

Na obra: *Atti dell' Academia delle Scienze*, lib. XI. serie II, dell' Estrato. Torino. Pag. 7, &c.

CIENFUEGOS (BERNARDUS ——).

E. *Vida del Padre Gonzalo de Sylveira, de la Compañia de Jesus, Martyr.* Madrid, por Luiz Sanchez, 1614, 4.º

CIENFUEGOS (EL MAESTRO ALVARO ——).— De la misma compañia, del gremio, y claustro de la universidad de Salamanca, cathedrático de visperas de theologia en ella, calificador de la suprema, y general inquisicion.

La heroica Vida, virtudes, y milagros del grande S. Francisco de Borja, antes Duque quarto de Gandia, y despues Tercero General de la Compañia de Jesus. Escrivela ——. *Y se consacra esta segunda impression al gran Patriarca Santo Ignacio de Loyola, Fundador de la Compañia de Jésus.* Año 1717. Con privilegio. En Madrid. Por la viuda de Juan Garcia Infanzon. Fol., 594 pag., não incluindo o indice e prologo innumerados.

*
* *

«S. Francisco de Borja nasceu na villa de Gandia, no reino de Valencia, no anno de 1510. Em 1523 passou para Tordesilhas com o fim de servir de pagem a D. Catharina, a qual mais tarde casou com D. João III, rei de Portugal.

«Casou em 1529 com D. Leonor de Castro e Menezes, dama da imperatriz, mulher de Carlos V; *señora de alta sangre portuguesa, con quien se avia criado desde niño*[1]; *raroml mujer, cuyas prendas solas bastaron a llenar de soberbia a Portugal*[2]. *Hermoso dechado de mujeres de alta calidad, espejo fiel donde reverve-*

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 30.

[2] Id. ib., pag. 91.

raram todas las virtudes de S. Francisco de Borja, honor de los Castros, de Portugal y Castilla, corazon heroe de un pecho femenil, matrona de insigne piedad o quien dia cuna el Tajo[1].

«Em 1534 saiu com o imperador Carlos V para Valladolid, e d'aqui para Toledo, d'aqui para Madrid, onde se prepararam para a expedição de Tunes. Fizeram-se grandes aprestos, e n'ella tomaram parte o serenissimo infante D. Luiz, o valente D. João de Castro, e grande parte da nobreza de Portugal.

«No principio da primavera do anno de 35, partiu o imperador para Barcelona, acompanhado de toda a grandeza, anciosa por consagrar sua espada e sua vida a empreza tão ardua. Foi tambem Francisco de Borja, n'aquelle tempo marquez de Lombay, o qual foi o primeiro que se offereceu para uma expedição tão sagrada.

«Communicou então pela primeira vez com o infante D. Luiz, com o qual depois tinha de se estreitar com tão divinos laços de amor, começando agora a ser exemplo do que depois havia de ser assombro. Tratou tambem com intimidade, em Barcelona, a D. João de Castro, mais tarde grande vice-rei na India, e com outros parentes da marqueza. Achou-se na vistosa revista que o imperador passou ao seu exercito, no dia 14 de maio, na porta chamada de Perpignan. No dia 16 de maio entrou com o Cesar na capitania de André Doria, saudando ao imperador com *harmonia furiosa* a esquadra portugueza; e no dia 30, prestes a fazer-se á vela, mandou Carlos V que se retirasse para ir fazer companhia a imperatriz, a qual, fallecida em 1538, foi a causa de Francisco de Borja abraçar a vida ecclesiastica.

«Morreu, pois, a imperatriz D. Izabel, filha do esclarecido rei D. Manuel de Portugal, no primeiro de maio de 1538, em Toledo, nas casas do conde de Fuensalida: Mulher verdadeiramente varonil em tudo, menos na formosura; mulher a mais bella de quantas em tantos seculos deu Portugal a Castella, e agora jazia tristemente no coração da primavera. Suas virtudes são mais do que seus elogios, sendo infinitos; tão honesta, que pouco antes de morrer, rogou ternamente ao imperador que nem embalsamasse, nem tratasse do seu cadaver outra pessoa que não fosse a marqueza de Lombay. De tão animoso coração, que padecendo crueis dores n'aquella parte em que deu á luz Filippe II, pedia a marqueza que gemesse ao menos, ao que respondeu com invencivel soffrimento, no idioma portuguez: *Morrer, sim; queixar-me, não.*

«Mandou-se enterrar com o ditoso habito do Serafim, e pediu em segredo ao Cesar que conduzissem os marquezes de Lombay seu cadaver para Granada. As demonstrações do imperador n'esta desgraça foram iguaes a perda, chorando tanto tempo e com tanta alma, que bem se conhecia que com o amor e com o tracto com a imperatriz se lhe tinha pegado toda a ternura portugueza: e se

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 117. «A ascendencia d'esta dama contava entre os illustres: era irmã de D. Rodrigo de Castro, estribeiro-mor e alcaide-mor de Cea, general de Salinas. Era filha de D. Alvaro de Castro, senhor do morgado de Torrão, e de D. Izabel de Mello e Barreto. Neta de D. Rodrigo de Castro, senhor do morgado de Torrão, e de D. Leonor Coutinho, filha de Martim Gomes de Azevedo e de D. Beatriz Coutinho, e neta de Martim Gomes de Parada, commendador-mor da Ordem de S. Thiago. Cienfuegos emprega duas laudas na enumeração dos ascendentes da mulher de S. Francisco de Borja. A mãe da mulher era D. Izabel de Mello Barreto e Menezes, filha de Nuno Barreto, senhor da Quarteira, e [illegible] de Ferro.

retirou por alguns dias para o insigne convento de la isla de San Geronymo, fóra de Toledo.

«Apenas o sentimento deixou livre a respiração ao Cesar, chamou o marquez de Lombay, e lhe disse que era forçoso conduzir immediatamente aquelle cadaver para a real capella de Granada, onde jaziam seus dois grandes avos; que não devia fiar de outrem aquella despedaçada prenda, senão do marquez e da marqueza, não só porque havia sido esta a ultima vontade da imperatriz, como porque seu amor e lealdade eram similhantes á d'aquelle bruto, que não sabe apartar-se do cadaver do seu dono, nem que o deixem sepultado. E em premio d'esta fidelidade lhes offerecia sua real protecção, e ordenou então que o marquez fosse mordomo-mór do principe D. Filippe, apenas este se casasse, e sua mulher camareira mór da princeza.

«Obedeceu o marquez com a mais prompta execução, encarando esta confiança como a mais alta mercê. Encerraram o cadaver em uma caixa de chumbo coberta de brocado e mettida n'uma liteira. Partiu o marquez no outro dia com a marqueza e com algumas damas.

«Chegaram a Granada na tarde do dia 7 de maio, dia certamente o mais digno de uma pavorosa recordação, e de uma especial reflexão para os devotos do Santo. Dia digno de se marcar só com uma pedra branca (embora fosse occasião de morte, devendo, por isso, ser negra), mas até mesmo com a mais preciosa, e ainda com o globo de uma estrella.

«Foi o marquez á real capella a verificar o deposito, e entregar o corpo na presença do arcebispo, Dom Gaspar de Avalos, do venerando cabido, de muita nobreza, do capellão mór, notarios, e testemunhas que fizessem fé publica, e recebessem o juramento que havia de prestar o marquez de Lombay, em como era o real cadaver da imperatriz D. Izabel o que lhe entregava n'aquelle funebre caixão. Para maior solemnidade d'esta ceremonia, e para que fosse mais juridica, abriu-se o caixão para mostrar o cadaver d'aquella flor que em maio havia fenecido; chegou-se o marquez a tirar uma toalha, que cobria o rosto macilento, e o deixou ver.

«Oh Deus! Que objecto tão espantoso! Que monstruosidade digna de ser observada attentamente! Deixou-se ver o espectaculo mais horroroso de quantos porventura têem sido representados nas tragedias d'este grande mundo! Porque aquelle bellissimo semblante, ao mesmo tempo tão sereno, que se julgava faria formosa até a mesma morte, estava não só monstruosamente feio, com aquelle commum estrago que faz a Parca no mais formoso, mas tambem de horrivel disformidade, que, a não haver sido deposito de uma alma tão justa, e de cuja gloria teve tantos dotes na terra, se poderia dizer que nem o inferno, ainda que se abrisse, representaria nas suas abominações objecto mais detestavel. Excedia este aos outros cadaveres muito mais no horror, do que antes os havia excedido na magestade. Os olhos, aos quaes toda a alegria se tinha acolhido, e que vestiam com esperanças a Hespanha, eram duas obscuras cavidades, infame e funesto albergue de bichos, que já tinham o imperio d'aquellas duas defuntas magestades; da bôca e de grande parte da face[1] se tinha assenhoreado um animal infame e peçonhento, nascido para abominação dos sentidos; e, em summa, Deus tinha

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 57.

esforçado sua omnipotencia em fazer aquelle cadaver espantoso a vista para a conversão e prodigioso desengano de um S. Francisco de Borja. Exhalava tão insupportavel corrupção, que, junta com o espanto, que causava nos olhos aquelle terrivel monstro, o mesmo foi olhar para o rosto descoberto, que voltarem todos as costas, embaraçando-se na sua mesma fuga; e estando presentes tantos grandes vassallos e animosos, fugiram todos desordenados, e precipitados, com aquelle terror panico, ao qual não poude resistir toda a lealdade; de sorte que não ficou junto do feretro mais que o marquez de Lombay, só, com ares de admiração, tão attonito, tão enleado, que parecia bem outro segundo cadaver, que tinha tomado a insensibilidade do primeiro, como que, inficcionando o ar, se apegava ao defunto, ou então collosso de um sol apagado, ou estatua de marmore erigida ao pé de um triste sepulchro!

«Ficou o marquez chegado, e quasi com o semblante unido á defunta, com a cabeça algum tanto inclinada, levantada ao alto a mão direita, com a toalha, que tinha tirado d'aquelle rosto denegrido; a esquerda sobre a borda do caixão, fria, e que pouco se distinguia da que estava defunta e visinha; os olhos abertos com muita expressão, todos os movimentos embargados, o coração extactico por algum espaço, e sem que sentisse palpitar o coração; o cabello hirto com o susto, e que d'antes ondeava pelo pescoço, mansamente, se encrespou confuso, desordenado e retrahido até ao alto, fugindo de olhar para aquelle assombro, como cobra que se enrosca enfurecida, ou assustada; ficando por muito tempo n'aquella natural acção, em que o preoccupou o horror de tão assombrosa novidade. Estavam os demais temerosos, ainda de tão longe, e assombrados, não menos de terem visto aquelle esqueleto, que de ver ao marquez perseverar immovel, e tão visinho; porém elle estava fixo, bebendo todo o desengano, que em tão funesto calix lhe offerecia a Providencia.

«N'esta silenciosa e obscura região estava a alma do marquez de Lombay, quando se sentiu interiormente ferido da luz celestial: conheceu o lastimoso estrago que causou na natureza a culpa do Paraizo; viu n'aquella corrupção, como em seu proprio effeito, a copia mais parecida do peccado, e reconheceu qual deixaria o semblante da alma, se um effeito seu deixava tão terrivel o do corpo: viu, emfim, que a felicidade defunta é o cadaver mais desgraçado que se dá á terra.

«Representou-se-lhe a vaidade presumida da gloria humana, cuja resplandecente pompa com o mais leve sopro se apaga, e reduz a fumo sua chamma. Considerou a fragilidade da vida, e que sua idade, ainda que florida, quando estivesse mais descuidada, se transformaria em outro monstro, parecido ao que estava contemplando. Infundiu-se-lhe um vivo conhecimento do eterno, e um desprezo inexplicavel do caduco. Via a noite fria e tenebrosa n'aquella fronte dilatada, que tinha sido a religião do dia; via a neve pallida n'aquellas mãos, e em partes denegrida; contemplava que aquelle tinha sido tantos annos o idolo da Magestade, e da belleza, a quem elle, com dois mundos, dobrava reverente o joelho, observando ainda os mais leves movimentos de seus olhos, para lhes obedecer; e agora estava derribado este idolo em seu mesmo desprezo, tendo por docel a abominação, por archeiros os bichos, e em logar de lisonjas os horrores mais immundos. De todas estas luzes divinas tirava um proposito de bronze na firmeza, e de cera na ternura, de nunca mais pôr uma só folha de sua esperança nos principes da terra.

«Aonde, ó bellissima mulher (discorria mudamente comsigo), aonde está aquelle primeiro resplendor que para fazer-se monarcha não necessitava de sceptro nem de corôa? N'este borrão se muda a mais brilhante joia da natureza! N'esta funebre urna se estreita a maior soberania? Em tão pouca ruina, e tão pequeno despojo a grande Troya? Em carvão tão denegrido uma estrella? E a neve toda em negra cinza? Aquella gentil formosura, que era lisonja da vista, subornando os corações com ella, agora é medo formidavel dos olhos e terror dos mais sentidos? Aquella belleza, em cujo fabrico se tinha passado á natureza toda a phantasia Lusitana, hoje é muito mais que estrago, que ruina? Aquelles olhos, que faziam felizes só com olhar agradaveis, hoje fazem infelizes só com serem vistos! Aquella lingua, que articulando uma clausula, fazia nascer uma dita, hoje está gelada na bôca, e póde servir de oraculo á desdita? Que tendo sido sua nobre alma exemplo na vida, hoje seja seu cadaver escandalo da natureza! Que é isto? Isto é verdade ou illusão? É sombra ou realidade? Ou é tudo? Que em um cadaver são realidades as sombras? Oh theatro enganoso! Oh esperanças mentirosas! Oh bens falsos e traidores, que daes vulto ás apparencias! E principiando em rosto aprazivel de mulher, acabaes, como monstro, em um dragão! Oh que mal te tinha conhecido, mundo ingrato! Mas agora, com este desengano, eu prometto fazer tão espantosa penitencia, que assombre o mundo onde se contar este exemplo! Seguir por todos os caminhos e com todos os meus affectos aquelle Sol que não tem occasos; e servir sómente aquella antiga formosura, que nunca desfallece! Ai! dizia, como se ignora! Ai!

«Tendo-se cobrado já do susto muitos dos fugitivos e dispersos, e vendo ao extactico marquez por tanto tempo, temendo que fosse pasmo occasionado do horror, se chegaram alguns dos mais animosos; e recatando um e outro sentido, a vista e o olfato, puxaram ao marquez pelo vestido, primeiro com moderação, e logo com violencia; porém o marquez tinha muita parte da alma fóra do corpo, e era necessario tempo e força para tornar a cobral-a. Chamavam-no com altas vozes: porém o marquez tinha muito longe de si o pensamento, e o desengano o tinha deixado surdo aos gostos do mundo; e até depois de varias experiencias, e terem forcejado com elle, tornou a si, como attonito; e dando um suspiro do mais intimo do peito, disse: «Nunca mais, nunca mais servir a senhor que me possa morrer! Assim morre triste o mais alto monarcha, como o mais vil mendigo da terra! Pois nunca mais servir o senhor que me possa morrer!»

«Levaram-no pela mão, e o apartaram do feretro, tirando-lhe da mão a toalha, que arrojaram sobre o rosto macilento; porém voltava muitas vezes os olhos a empregal-os no cadaver! Retiravam-no mais, e ainda d'ali olhava, e attendia n'aquella cinza fria fumegar um documento: e lhe parecia que palpitava quente o desengano.

«Cobrou, emfim, a attenção: e olhando a uma e outra parte com novidade, e como quem tinha saído de um lethargo mysterioso, apenas conhecia aos que via, porque lhe parecia ter-se mudado tudo, depois que seu coração tinha dado tão grande volta.

«Não ousou o marquez affirmar com juramento que fosse aquelle o cadaver da imperatriz sua Senhora, porque estava tão demudado, que teria por menos alheio da verdade se jurasse que era outro; e assim só juron, que á vista do grande zêlo e cuidado com que o tinha conduzido, não podia ser senão o corpo da Imperatriz D. Izabel.

«Prestado solemnemente o juramento, retiraram o cadaver, e pretenderam com outros aromas impedir o passo á ruina, que ia estragando com outro horror aquella fabrica. Tornaram logo a fechar o caixão, e o pozeram no logar deputado. Ao collocar o mesmo caixão, e ao sair o marquez pela porta, voltou novamente a cabeça ao sitio, onde estava ainda o mesmo melancholico reflexo, como que estava enamorado de escarmento, e queria ser girasol de um astro defunto, e seu pensamento de um sol funesto. Perseverou este tragico successo impresso sempre na memoria os trinta e tres annos que ainda viveu, sem que jamais podesse expellir da imaginação tão triste e macilenta estatua.

«Retirou-se logo á sua pousada com a marqueza e mais familia, porque era já entrada a noite, quando se deu fim a tão funesta ceremonia, de que se havia de seguir tanto fructo á Egreja, e tantos exemplos á historia. Dispoz com brevidade todas as cousas, para que no dia seguinte se désse principio ás reaes exequias, e se celebrassem nove dias as suas honras. Não quiz ceiar, e deixando a marqueza, se recolheu em logar retirado do commercio da casa; fechou apressadamente a porta, e ao dar volta á chave, lhe pareceu que fechava tambem os passos ás esperanças do mundo.

«Toda a noite passou o marquez banhado em lagrimas, com o peso da imaginação e do sentimento, e vencido do desengano, dizia comsigo: «Nunca mais, nunca mais adorar enganos, arrastando sombras atrás de luzes falsas: nunca mais inclinar a cabeça, nem dobrar o joelho a estatua vã da pompa; nunca mais servir principes da terra. Que firmeza presume o valido, se caiu o monarcha, a cujo tronco estava abrigado? Ó grande imperatriz, tua dignação e agrado inspirarão felicidade em meu valimento; porém nunca me favoreceste tanto do throno, como agora do feretro![1] Ó quanto mais interessa minha vida em ter privança com um cadaver, que com uma corôa! Eu prometto fazer tão grande mudança em minha vida, como a que acaba de fazer a morte n'essa real formosura.»

«Entre estes affectos e soluços passou a ultima vigia da noite, promettendo a Deus e ajustando comsigo duas cousas: a primeira instituir um novo modo de vida perfeita, solicitando para esse fim retirar-se da confusão da côrte por todos os caminhos, que podesse alcançar do Cesar este favor, e viver só para si e para Deus todo o tempo que respirasse; a segunda, que se alcançasse de dias á marqueza, se abraçaria com a cruz de Christo, despindo-se de toda a grandeza humana; e que se fosse em idade, que lhe deixasse alguma robustez, se recolheria em alguma religião; e a esta se obrigou com voto.

*
* *

«Ao arraiar o dia oito de maio, depois de tão tempestuosa noite, principiou o marquez a dispor as prevenções para as exequias, a que assistiram os nove dias o bispo, a cathedral, as religiões, o senado e o povo. Pregou o primeiro dia o P. João de Avila, grande apostolo de Andaluzia: este sermão foi outro laço, que

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, traduzida e resumida por José Ribeiro Neves. Coimbra, 1757, pag. 77.

atou novamente a sua resolução; saiu attonito, considerando que lhe tinham gritado os cadaveres, as almas, os anjos, e os homens, conspirando á sua conversão todos os elementos, e todas as creaturas, e só faltava darem vozes os troncos.

*
* *

«Applicou-se depois Francisco de Borja ao estudo, como lhe mandava Santo Ignacio, e estudou philosophia com o padre Manuel de Sá nas escolas publicas de Gandia, e depois a de theologia. Portuguez de rara viveza de engenho, como hoje reconhece o orbe litterario, bem como reconhece a abundancia fertil de doutrina, e discurso, a concisão de vozes em estylo elegante e claro, tão succinto e tão puro como seu appellido: cada sentença, e mesmo cada palavra, um diamante com muito brilho, e muito fundo em pouco corpo, mereceram que o comparassem na eloquencia á immensidade profunda do Rio Maranhão n'aquelle sitio, onde ostenta toda a presumpção e magestade de quasi oitenta leguas de bôca em tão breve e arrebatado districto, que se póde quasi galgar n'um pulo, achando-se n'elle a profundidade sem latitude. Esta precisão e clareza guarda tambem na exposição dos quatro Evangelhos, que dedica ao Santo Borja, como n'aquella Summa, onde está abreviada praticamente a Sabedoria. Tinha só dezesete annos, e já lia o Curso philosophico, e juntamente estudava theologia, apurando os mais subtis conceitos, e mais elevados discursos de seu heroico e antigo mestre, que celebrava, já com admiração, já com elogios, a presteza d'aquelle engenho divino, que se engolphava nos abysmos candidos da Theologia, como aquelle heroe Colombo pelos do mar. Defendeu um acto de theologia, ao qual presidiu seu esclarecido mestre Perez, e foi o primeiro com que resoou aquelle theatro, merecendo a memoria com que o celebra a Historia da Companhia, a elle que o sustentava, cujo luzimento, presteza e vivacidade não se comparam bem sem se buscar a penna, e a vista da ave do Sol, e por causa d'aquelle que estava presidindo, que era toda a luz d'este polo real[1].

*
* *

«Deu tanto brado a fama do duque de Gandia, que não houve região, ou clima distante, onde não soasse com respeito o echo do seu nome. Vinham muitos titulares, cavalleiros, e até mesmo prelados, a Gandia, sob varios pretextos, para verem de perto um varão milagroso, e ufanarem se algum dia de terem fallado com elle. Entre outros veiu o bispo de Murcia e Carthagena, D. Estevão de Almeida, no principio da primavera de 1548: Portuguez glorioso e homem sabio, mui amante e não menos amado do duque, e na sua companhia veiu uma dignidade da Egreja de Murcia, com o desejo de ver o rosto de Borja. Teve aquelle prelado largas e familiares conversas com Francisco, e cada dia encontrava na santidade d'aquelle peito, e no concerto d'aquelle palacio, alguma novidade para encommendar á admiração. Observava o incansavel zêlo d'aquelles primeiros jesuitas, e escutava o Espirito Santo nas linguas d'elles; tornava a contemplar o

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 138.

duque, e confundia se só com ouvil-o, não se atrevendo sequer a imital-o, porque tencionava passar de Gandia á côrte de Hespanha, aonde o chamavam altos pensamentos de gloria [1].

«Pela primavera do anno de 1550 veiu desde Coimbra a Gandia o padre Gonçalo Silveira, grande cavalleiro portuguez, filho do conde de Sortelha, e ainda mais illustre cavalleiro de Christo, por cujo amor deram todo seu sangue suas veias prodigas em Monomotapa; veiu acompanhado do P. João Ricio, flamengo, e de outro jesuita, passando todos tres a Roma, e havendo de tomar o gran de doutor na universidade de Gandia, onde Borja desejava muito ver e conversar com o insigne martyr Silveira. Hospedou o duque aos tres peregrinos com tantos signaes de amor, que o P. Silveira andava confuso por se ver tão regalado, e tão obsequiado pelo duque. Communicaram os dois familiarmente suas almas, e ficaram desde então enamorados aquelles gigantes espiritos. Dispoz o duque todas as cousas para o gran, e quiz fazer as despezas de tudo, e assistir ás funcções litterarias para as ilustrar. Ouviu os sermões do P. Silveira em Gandia, cuja facundia era a d'aquelle orador da Grecia, de quem se disse que vestia sempre de côr de fogo sua eloquencia, porque todas suas flores passavam a ser rosas abrasadas, não se aproveitando de tanta variedade formosa com que florescia em tantos jardins a Grecia, mas antes as cortava dos vergeis de Alexandria [2].

*
* *

«O mais alto cedro que padeceu logo terremoto com a espantosa mudança de Francisco, foi o Serenissimo Infante D. Luiz, irmão de D. João III, Rei de Portugal, e irmão da Imperatriz D. Izabel, pois se resolveu a imital-o na Companhia de Jesus, arrastado do seu exemplo, e do seu trato, como sabemos por testemunho do P. Orlandino, na historia da Companhia em Portugal, e de todas as que escrevem os feitos do nosso Santo. Embora não tivesse effeito, porque nem a Santo Ignacio, nem a S. Francisco pareceu convir isto para maior gloria de Deus.

«Havia tido este principe alguma noticia do desengano que o padre Francisco havia achado, como thesouro escondido na urna da Imperatriz, sua irmã: soube a vida assombrosa e a penitencia, com que depois havia affligido sua alma, e seu retiro em Gandia; e agora, vendo esta ultima façanha do seu espirito, não cabendo já nos seus ouvidos tanto estampido, começou a fazer algum echo, desejoso de seguir a voz que o chamava com tanta gritaria.

«Havia tratado já com elle em Castella, quando veiu ver a Imperatriz, sua irmã, e passando á jornada de Tunes, tinha caminhado com Francisco até Barcelona. E agora apenas sabe que o Santo tinha chegado a Biscaya já transformado em jesuita, escreveu-lhe varias cartas, e entre ellas uma que daremos aqui á estampa, porque ella só é o mais irrefragavel testemunho de tudo quanto se refere a este capitulo.

«Mui reverendo padre.— Outras tenho escripto a vossa reverencia, e na presente só acrescentarei que receberei grande prazer, se o que por ellas tenho pe-

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 147.
[2] *Id. id.* pag. 152.

dido, se podesse effectuar sem grande desgosto seu: porque ainda que o fazer-se me importe muito, pelos fundamentos que a esta obra tenho posto, nenhuma cousa minha póde tanto importar, como a consolação e contentamento, que sempre nos tempos passados desejei a vossa reverencia, do que Deus é boa testemunha. E se o não mostrei exteriormente tanto em muitas occasiões, que desejei mostral-o, tambem sabe Deus que foi, nem por falta de amor, nem de bom desejo e vontade, que tenho aos passados e presentes da casa de vossa reverencia, a qual haveis tornado muito mais illustre com deixal-a. E esta só rasão basta, quando outra não houvesse, como as ha, para que eu seja mais obrigado e desejoso de lhe dar todo o contentamento: pois já se vê que na actualidade nenhumas outras cousas a dão a vossa reverencia, senão as que são do agrado de Deus Nosso Senhor, e seja elle muito louvado por isso.

«Maravilhoso é Deus em seus servos, e suas misericordias não têem fim: dê-lhe vossa reverencia graças infinitas, porque sua conversão faz maiores fructos do que vossa reverencia pensa.

«Emquanto a mim sei certificar, que suas palavras muitas vezes me soam em meus ouvidos, como se da sua bôca as estivesse ouvindo, e echoam-me seus passos como se agora os estivesse ouvindo.

«O bemaventurado servo de Deus, que no tempo de tão grandes perturbações ha sabido achar a paz do homem interior! Deixando o mundo burlado no melhor do jogo, porque elle armava com enganos, e recolhendo os sentidos e potencias para a vontade pura e justa do Senhor! No que consiste esse pouco que de felicidade se póde imitar com esta vida, e o que sem fim, e sem medida se deseja gosar na outra.

«Por isto, senhor, peço encarecidamente a vossa reverencia, que d'aqui por diante tenha lembrança de mim, e sempre me encommende nas suas devotas orações e sacrificios, para que o Senhor me ensine o proprio caminho de sua vontade, e sem nunca ter outra viva, e acabe n'ella, onde e como Sua Divina Magestade for servido.

«E se vossa reverencia de mim ordenar alguma cousa, entenda que o farei com muito gosto, para em tudo lhe comprazer.

«De Almeria (Almeirim?), 13 de julho de 1551.=*Infante D. Luiz.*»

«Estas linhas traçava um principe joven, as quaes poderam ser objecto para a emulação do espirito mais religioso e mais contemplativo, dictando desde o seu docel o que fizerá famosa a pena de um solitario.

«Respondeu com muito affecto o padre Francisco em uma carta, que nem o ser prolixo poude fazer com que deixasse de ser a mais discreta, a qual dizia:

«Serenissimo Senhor.—O Espirito Santo, que é chamado Pae de pobres, e é remunerador das misericordias, que a elles fazem, retribua a Vossa Alteza a mercê, que com suas cartas hei recebido de sua mui poderosa mão, que não foi pequena haver-se servido lembrar-se d'este seu servo, e de tão miseravel peccador. E sobretudo querendo servir-se de mim em cousa que é toda de Vossa Alteza, pois tão particularmente toda a Companhia de Jesus, até o minimo d'ella, que sou eu, muito folgâmos de nos chamarmos e termo-nos por servos de Vossa Alteza.

«Vejo, tanto pelas cartas de Vossa Alteza, como pela mão que as escreve, a mão do Senhor Eterno, que não sei como diga e como explique o que n'ellas transluz.

«Bem sei dizer e affirmar que minha alma se ha consolado muito mais do que soberia encarecer. E ainda que estava anteriormente mui rendida ao serviço de Vossa Alteza pelas mercês recebidas, se ha de novo rendido a desejar mais servil-o e mostrar-se agradecida a ellas: e assim espero no Senhor que me dará graça para que continuamente me empregue em supplicar a sua immensa Bondade, exalce a Vossa Alteza no exterior, e o humilhe no interior, para mais o sublimar no ceu. Bemdito seja aquelle Senhor, *qui auferet Spiritum Principum*, que se n'isto e terrivel com os outros principes, não o ha sido com Vossa Alteza, senão mui piedoso e benigno, em tirar-lhe aquelle espirito que alguns dos principes costumam ter, que e espirito levantado, desconhecido ou ingrato para com Deus, e em logar d'este lhe ha dado o espirito principal, o qual desejava, e n'elle pedia ser confirmado o santo principe e propheta David.

«Oh Serenissimo e Christianissimo Senhor, que boas e ditosas ferias tem tido Vossa Alteza, e quão melhorado ha sido no terço e no quinto entre os outros principes! Oh quanto deve Portugal a Deus por haver-lhe dado principes sem espirito de principes! Oh Senhor! E quem soubesse entender que cousa e faltar no principe o espirito de principe, e ser confirmado no espirito principal. Oh quem soubesse dizer a differença que vae de um ao outro, e como um é de guerra e outro de paz, um desconsola e enfada, e o outro e consolador; e por fim um e espirito humano, e o outro divino! Oh que lucro haveria, se a diligencia que se põe em provar dos usos do mundo, e da carne, se posessem em provar e experimentar os do espirito celestial, como nos aconselha o Apostolo, dizendo que provemos os espiritos e conheçamos se são de Deus! Oh quantos se desenganariam dos seus erros e enganos que os trazem cegos![1] Mas dôr é que se põe tanta industria e diligencia no outro, e por esta causa se proferem tantas sentenças contra o bom espirito, porque o condemnam, sem o chamarem, sem o conhecerem, e sem o ouvirem! E segue-se o proprio espirito, que é cego, e terreno, e nos leva para tantos despenhadeiros, pedindo a rasão e a verdade de Deus, que este fosse deixado e esquecido, e o espirito principal buscado! Virá dia, quando hajamos de passar o golphão d'este seculo, em que estes enganos se conheçam, quando muito se hão de achar burlados, cheios de espirito que era de trevas, vaidade e falsidade, e vasios do espirito de Deus, que os devêra chegar ao porto da eterna felicidade.

«E por isto, poderoso Senhor, dou eu humildes graças a Nosso Senhor, vendo a Vossa Alteza tão alheio e apartado do mau espirito proprio, e tão ancioso do espirito principal. É este o que faz render o espirito proprio, como o experimentava aquelle Santo Rei, que dizia: *Expectabam eum, qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus et tempestate.* É este aquelle divino espirito, *qui ubi vult spirat.* É este aquelle espirito ao qual o mau mundo não póde acolher, por se não querer emendar. Este e aquelle, no qual clamamos *Abba Pater*, porque e espirito de adopção. É este aquelle a quem devemos sempre inflammar com a abundancia das dôres e obras feitas com caridade: porque d'este modo se ha de cumprir o que S. Paulo manda: *Não queiraes apagar os espiritos.* Este e o que, (como eu espero na Divina Bondade), se ha de augmentar sempre na alma de Vossa Alteza. E a sua entrada e presença dirá com o outro Santo Principe

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 173

Defuit spiritus meus. E não ha de achar em si outra vontade e querer senão o que o espirito do Senhor manda e quer; nem seu entendimento abrangerá nem abraçará senão as verdades que a Santa-Egreja Catholica, nossa mãe, ensina; nem sua memoria se recordará das creaturas, senão para as reduzir ao Creador, e tomal-as por escadorio para subir a seu conhecimento e amor. Pois todas as creaturas resplendecem mais, e são mais limpas no Creador, do que em si mesmas; e n'elle dão goso, considerando-as, e sem elle dão pena desejando-as, e temor possuindo-as, e dôr deixando-as. Se com o espirito de Deus Vossa Alteza vive, viverá vida verdadeira, e suas sensações nem hão de buscar, nem hão de querer outros gostos, a não serem os que forem conformes ao espirito e vontade divina, e com isto poderá dizer: *Defuit spiritus meus,* e d'aqui subirá a dizer: *Exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* Prouvera a nosso Redemptor que eu podesse com verdade dizer: *Defuit spiritus meus.* Mas, pois até mesmo no exterior, com a mudança e estado, parece que ha faltado meu proprio espirito, pela grande misericordia de Deus, que me chamou, e se dignou receber-me entre os servos da sua Casa.

«Offereço a Vossa Alteza, a quem estava já d'antes affeiçoado, offerecido e obrigado, de hoje por diante ainda mais offerecerei a vontade, que me fica, e o desejo, persuadido eu, que, pois Deus Nosso Senhor a recebe, e se contenta com ella (quando não ha outra cousa em que o sirvamos), que tambem Vossa Alteza a receberá, pois é sua vontade, conforme á Divina, cuja caridade infinita guarde sua mui alta e poderosa pessoa para engrandecel-a mais no reino eterno. Amen.

«Em Oñate, a 15 de agosto de 1551.= *Francisco Peccador.*»

«Esta é a carta, em que mostra não sómente o espirito do desengano e do Evangelho, mas tambem o da eloquencia e da sabedoria, espirito de discrição, e um engenho fecundo, que vae picando opportunamente as flores da Escriptura, para lançar raios de luz e de piedade christã.

*
* *

«Por estes dias escreveu aquelle divino tratado[1] das Excellencias da alma de Christo, trasladando da oração o que escrevia no papel, e dictando todas as suas clausulas os olhos, que compunham primeiro no semblante os caracteres formados pela penna.

E se não fossem tão doces as lagrimas vertidas em tão nobre assumpto, as houvera enxugado a consolação de ver em Oñate, ainda que de passagem, ao venerável Simão Rodrigues, portuguez glorioso, e um dos grandes companheiros de Santo Ignacio, com cuja vista se consolou inexprimivelmente aquella nobre alma: e assim escreveu aos padres e irmãos de Portugal uma carta, em que dizia:

«Vosso padre Simão Rodrigues, e tambem meu, será carta viva, e vos contará melhor tudo quanto toca a este vosso indigno e minimo irmão; minimo, digo,

[1] Vida de S. Francisco de Borja, pag. 180.

porque tudo quanto é se avisinha do nada, porque, emquanto ao mais, bem creio que na santa humildade não mereço nome de menor, mas sim o de maior, como foi Caim, porque eu sou aquelle que matou Abel, cujos sacrificios eram acceitos: eu sò maior, como Esaú, que foi caçador: eu não só fui caçador de feras, mas tambem de almas, que enlacei, e apanhei na rede para entregal-as ao demonio; finalmente, não sou menor como Benjamim, mas antes um de seus irmãos maiores, que venderam a José. Digo estas cousas, irmãos em Christo carissimos, para que tenhaes misericordia do vosso irmão, e com tanto maior cuidado rogueis ao Senhor por mim, para que Deus queira que seja de tal maneira minimo, que seja contado entre os minimos do Reino dos Céus.

«Oñate.= *Francisco Pecador.*»

*
* *

«Achava-se a Princeza D. Joanna na cidade de Toro, desposada com o Principe de Portugal, e apenas soube que andava Borja tão visinho, enviou logo um gentil-homem, rogando-lhe que passasse a Toro, adivinhando-lhe o coração, que havia de trazer Borja a seu palacio; escreveu tambem a D. Leonor Mascarenhas, significando-lhe seu desejo, de que o santo apressasse a jornada. O qual passou por Tordesilhas e beijou as mãos á Rainha D. Joanna, que o recebeu com o mais aprazivel semblante do que permittia seu accidente. Achava-se em Tordesilhas a condessa Lerma, sua filha, por ser mordomo mór da Rainha D. Joanna seu sogro o marquez de Denia; porém não tiveram bastante eloquencia para o levarem a sua casa, e se recolheu ao Hospital, de onde se deixou ver e admirar, ainda que de passagem, dos senhores que assistiam no palacio da Rainha. Passou logo a Toro, onde passou o resto da Semana Santa; porque ainda que queira passar, sem deter-se, por Salamanca, para se juntar, quanto antes, com o padre Torres, como ordenava Ignacio, resistiu á Princeza, despachando um proprio a Salamanca para que o padre Torres viesse a Toro juntar-se com Borja.

«Desde Salamanca enviou o irmão João Guttierrez, em Portugal, para que avisasse ao padre Miron, que governava aquella provincia, de sua viagem a Lisboa[1] (que não teve effeito n'aquelle anno por cessar o principal motivo), pedia-lhe tambem algum aviso secreto para proceder conforme as ordens de Santo Ignacio, e ao padre Domenek enviou a Biscaia para outra importante diligencia. E preveniu-os de que na volta não fossem a Salamanca, mas passassem a Tordesilhas, onde os esperaria, e para onde partiu, passado algum tempo, com o padre Bustamonte, e se hospedou segunda vez no hospital, deixando seus filhos com pena e dôr.

«Certo dia, depois de haver acabado sua oração, disse a Bustamonte, de um modo muito positivo: «Ámanhã hão de estar aqui o irmão Gutierrez e o padre Domenek.» Estranhou Bustamonte a noticia, sendo mais que difficil a concorrencia dos dois, que vinham de paizes tão distantes, como Portugal e Biscaia; porque sabia que Borja não tinha tido carta sua, nem a prudencia humana podia

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 180.

discorrer, ou marcar dia em materia tão incerta, e tão exposta ás contingencias de uma jornada prolixa, e sem ter tempo fixo para sair de Lisboa. Mas no seguinte dia, com a vinda de ambos, conheceu Bustamonte que tinha na sua oração noticias reservadas o santo Borja, e que sua alma n'ella ouvia outro tanto, como fallava.

*
* *

«A tormenta que em Portugal havia padecido a companhia[1] proviera de uma grande e sempre desconfiada felicidade, que tinha soprado n'aquelle reino desde a origem, quando os principios devem ser contrastados para serem seguros: pois nunca foram alicerces firmes as ditas para as grandes fabricas. Porém agora com a borrasca cessou a rasão de a padecer, e havia cessado em parte o motivo para que o santo Borja passasse a Portugal, ainda que Santo Ignacio se tinha sentido de que o padre Miron houvesse embaraçado a jornada, e não menos se doia El-Rei D. João III, desejoso de tratar com aquelle coração, maior que o mundo que tinha pisado. Por isso, enviando aquelle piissimo Rei ao padre Luiz Gonçalves da Camara, com embaixada secreta a Roma, mandou-lhe que passasse por Biscaia com carta sua (o que refere a historia da companhia), na qual rogava com ternura a Francisco que viesse até Lisboa.

«Encontrou o padre Luiz Gonçalves a Borja em Vergara, antes de ir á missão de Calahorra, quando a febre quartã, ainda que já mui errante, e mui remissa, tinha mais forças do que Borja, que se dispunha promptamente para jornada tão prolixa, se os superiores e os medicos lhe não houvessem cortado os passos, escrevendo ácerca d'isto a Ignacio, que approvou resolução tão acertada, para não expor a perigo vida tão preciosa.

«Mas agora, acabando a missão em Burgos, se achou com uma carta da Rainha de Portugal, D. Catharina, irmã do Cesar, em que lhe exprimia seus ardentes desejos de que não dilatasse a jornada; e com uma outra, que a instancias da mesma Rainha, do Infante D. Luiz, e da Princeza D. Joanna, lhe escrevia o padre Jeronymo Neudal, que por este tempo estava em Lisboa, e era commissario geral de Hespanha; pois ainda que Francisco, por ordem de Santo Ignacio, estava isento da jurisdicção de commissario (querendo aquelle sabio patriarcha que Borja vivesse senhor de sua auctoridade, e de sua prudencia, para que discorresse livremente pelas cidades de Hespanha, conforme julgasse sua presença mais conveniente para a gloria de Deus e bem da Companhia), comtudo pareceu a Neudal que bastava o titulo de superior na Hespanha, e aquella sombra, para impellir uma alma, quando tinha o discurso mui delgado a obediencia, ao mesmo tempo que cegava com pressa.

«Foi-se despedir do condestavel, que porfiava em maltratar a humildade de Borja com o tratamento de sua antiga grandeza; mas Francisco rogava-lhe agora que fizesse reflexão sobre o muito que aquelle ceremonial desacreditava a sua prudencia: pois dava a entender que fazia mais apreço d'aquillo que elle tinha deixado no mundo, do que d'aquelle sublime estado religioso; e o grão condes-

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 187.

tavel teve de ceder, senão a rasão, ao menos a consolação d'aquelle humilde espirito. Levou comsigo ao padre Bustamonte, e a um irmão coadjuctor, que parece haver sido o irmão Bernardo, a quem suas virtudes deram o cognome de Santo, pois tal era o nome que lhe dava, e com que o distinguia o mundo.

«De Burgos partiu para Salamanca (anno de 1553), de onde em sete dias entrou em Coimbra, embora a estação ardente do verão lhe fatigasse a cabeça, e lhe minasse a vida.

«Certo dia, em que elles caminhavam vencendo o ingreme de uma serra fragosa, vizinha ao rio Mondego, e não longe de Coimbra, junto a um logar chamado a *Barca dos Pelleiros*, quando havia chegado á altura d'aquella montanha, de onde observa a susto uma profundidade horrorosa, em que se perde a vista, caminhando por uma senda tão ardua e estreita, como a que sabe pintar o medo para caminhar ao pincaro da perfeição christã, faltaram os pés da mula, em que ia o padre Bustamonte, o qual levava o rosario na mão direita, e assim na alma, como na bôca, as excellencias de Maria Santissima; perdido o pé, se foi despenhando com seu mesmo peso no maior e mais espantoso precipicio; as vezes recebia todo o golpe do impulso violento o padre Bustamonte, opprimido pela mula; outras, ao contrario, alternando-se entre um e outro aquelle desesperado allivio. Havia perdido desde o primeiro passo, ou estremecimento que deu Bustamonte, até sua quéda, todo o tino, ao mesmo tempo que perdeu o rumo; só teve, ou costume, ou advertencia para ir articulando em voz alta os dulcissimos nomes de Jesus e de Maria; gritos, que desde o mais profundo do valle, e do peito subiam inteiros até acima.

«Observaram uns passageiros, que caminhavam medrosos pelo mesmo sitio, este successo tragico, e esforçavam a compaixão, apesar do susto, com repetidos clamores, que formavam um espantoso alardo.

«Caminhava adiante Borja tão absorto, que havia já passado aquelle estreito tão sem reparo, como se fosse um campo o mais espaçoso: porém, ás vozes tristes dos passageiros cobrou a attenção, e a volta, e voltando a cabeça, viu aquella lamentavel e inopinada ruina, e comtudo o alento que lhe prestou a confiança, fixando no Céu os olhos, exclamou: «Jesus te valha! defenda-te o pae de misericordias!» Foi este clamor imperioso, e confiado obstaculo á desdita, como o grito de Josué, para deter arrebatado o movimento do sol, porque no mesmo ponto se detiveram no meio da ruina, e no mais arduo da costa, sitio tão em declive e escorregadio, que, como depoz o padre Bustamonte, e outras testemunhas, que foram depois reconhecer aquelle despenhadeiro, era impossivel que podesse manter-se quieto algum espaço de tempo o mais ligeiro gamo, nem suster-se o mais industrioso bruto, especialmente quando o impeto da queda, a modo de rocha precipitada, ajuntava nova impossibilidade a suspensão tão repentina e milagrosa. E não podendo descer uns homens, que tinham vindo por aquelles montes a cortar lenha, ao sitio em que Bustamonte estava parado (continuando a cada instante o prodigio), deitaram cordas, e subiu amarrado a ellas, deixando bem affiançadas outras na mula, que subiu meio conduzida, meio arrastada, ainda que fixando signal a ferradura.

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 199.

«Achou-se o padre Bustamonte com o rosario na mão, de modo que se encontrou o precipitado, e sem lesão alguma, o que foi novo milagre, havendo dado tão repetidos e impetuosos tombos, que bastava cada um para despedaçar o duro corpo de um tronco; e assim meditando no successo milagroso, attribuia esta primeira parte á protecção da dulcissima Maria[1], a quem teve sempre no coração e na lingua, e á devoção admiravel do seu rosario, tão fecundo em prodigios como em mysterios. A segunda, de haver obedecido á sua voz tão prompta a desdita em paragem tão ruinosa, á fé e confiança de Francisco, cuja voz chegou ao Céu antes que elle á maior profundidade, aonde era rapidamente conduzido. Não foi menor portento o parar a mula em tão mau sitio, como se houvesse parado no ar, fincando as ferraduras no vento.

*
* *

«Logo que Bustamonte, forcejando, subiu á altura, apeou-se Borja, e ambos com os joelhos no chão, com os olhos levantados, que, com inundação ditosa de lagrimas, estavam cegos, começaram a entoar louvores ao Deus das misericordias, e ao formoso conducto d'ellas, e logo cantaram ambos juntos o *Te Deum laudamus*, a *Salve*, e outros hymnos em acção de graças, que em Bustamonte foram perpetuas, guardando com fiel memoria este beneficio, para praticar todos os dias alguma recordação agradecida.

«Chegaram a Coimbra, onde os esperavam em nosso collegio o desejo, o amor, e o descanço. Bem quisera Borja sair logo de Coimbra: mas achou-se obrigado da caridade, da cortesia, e até mesmo da reverencia, a permanecer por seis dias n'aquella cidade, delicias ao mesmo tempo de Marte e de Minerva, porque a nobreza toda com rogativas, e seus irmãos com lagrimas, o forçaram a que illustrasse estes seis dias seus templos e seus pulpitos. Começou a prégar, e em cada sermão e pratica sua deixou estampada a admiração aos seculos em Coimbra; innumeravel juventude d'aquella universidade famosa consagrou suas flores e suas esperanças ao melhor templo, chegando ao desengano sem haver conhecido o escarmento.

«Não ficou jesuita n'aquelle grande collegio, que não fosse communicar sua consciencia com Francisco, e achavam que por sua voz respirava o consolo, saindo cada um do trato com Borja cheio de luz e de animo para subir á sumidade. O padre Francisco reconheceu virtudes tão heroicas e tanto zêlo das almas n'aquelle collegio, que não poude conter a pena, e escreveu a Ignacio em cada linha um elogio. Communicou com os homens sabios do collegio o precioso tratado, que em Oñate havia composto sobre as perfeições da alma de Christo; alta doutrina que sua contemplação havia bebido no Céu. A materia d'este livrinho foi durante estes dias a de sua conversação dentro do collegio, e a de admiração de tão cultivado engenho, e assim escreveram tantas lembranças os de Coimbra aos padres de Lisboa, que, logo que chegou Francisco, saiu a recebel-o o desejo de que lhes franqueasse aquelle thesouro, que bastava a enriquecer um entendimento.

«Partiu, por fim, de Coimbra, e chegou em dois dias a Lisboa, onde toda a familia real o esperava com impaciencia, porque aquelles serenissimos Reis, o

Principe e os Infantes, desejavam conhecer vivo aquelle valente desengano, que havia nascido da rama mais formosa, que havia dado o mundo, e ao seu inclito tronco com que contemplavam a santidade de Francisco com não sei que parentesco[1].

* *

«Já chegando Francisco no ultimo dia de agosto á côrte de Lisboa, e ao fitar a vista nas suas torres, se quebrou em uma rocha, revolvendo tristemente na phantasia a imagem pavorosa da imperatriz, que n'aquelle ninho real havia tido feliz berço. Iam perdendo algumas lagrimas seus olhos, quando obrigou a enxugal-os o mesmo que bastava a emudecel-os, porque viu chegar á sua procura toda a grandeza, o nuncio, o arcebispo de Lisboa, o grão duque de Aveiro, dois irmãos do duque de Bragança, os parentes de sua defunta duqueza, e tantos fidalgos, que se confundia o campo, a vista, e muito mais o proprio Borja, que os saudava antes com a timidez, do que com a lingua.

«Apenas se apeou no collegio, logo El-Rei D. João enviou um gentil-homem a dar-lhe as boas vindas, e a expressar-lhe a consolação de o ter dentro em Lisboa. Chamava-se este cavalheiro D. Pedro de Carvalho, que ao cumprimentar em nome do seu rei a Borja, lhe deu o tratamento de senhoria; e passando a perguntar-lhe logo, se vinha fatigado do caminho, respondeu o santo: «Não posso negar que venho com algum cansaço, porém muito maior me causa essa senhoria.

«Mandou tambem a Rainha D. Catharina dar as boas vindas com outro creado seu a Borja; logo o Infante D. Luiz e a Princeza, competindo áquelles Principes uns com os outros, sobre qual favoreceria com excesso a Borja; que no dia seguinte, por ordem expressa de El-Rei, esteve no collegio para que tomasse algum descanso: mas concorreu tanta nobreza a visital-o, que se atropellavam á entrada, de sorte que, ou a curiosidade ou a veneração deixavam desattendido, e até mesmo queixoso o respeito, ao encontrar-se um fidalgo com outro, padecendo o santo um tormento successivo com a honra n'aquelle dia de descanso.

«Em seguida foi ao palacio, e achou na humildade do Rei e da Rainha aquella honra que se deve a uma virtude heroica, muito maior do que a que deram anteriormente á sua grandeza, porque estando ambas as magestades em uma sala, a rainha se poz em pé ao ver entrar Borja; El-Rei tirou o barrete, e saiu para fóra do seu docel e estrado: tinham ali perto uma cadeira, instando para que a occupasse apenas beijou a mão, mas recusou esta honra invencivelmente Francisco, dizendo que só n'este ponto negaria obediencia a tão insigne monarcha; e assim fallou de joelhos, sem que bastassem a obter de sua humildade outra cousa os rogos porfiados de El-Rei e da Rainha.

«Foi incomparavel o goso que tiveram, escutando a dulcissima santidade d'aquella sagrada bôca, pois tambem sabem ter seu feitiço as virtudes para captivarem corações reaes: nem todas as victorias da eloquencia têem de ser devidas a lisonja.

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja* pag. 200. Anno 1551.

«Estava El-Rei fatigado de ver a Borjá de joelhos por tanto tempo, e levantando-se da cadeira, foi com a Princeza conduzindo o santo ao quarto da Rainha D. Joanna, logo ao das Infantas Izabel e Maria; depois o Principe D. João e o Infante D. Luiz o accumularam de honras, que, sendo excessivas, não eram bastantes para explicar sua veneração. Aqui tornou o Infante a renovar seu ardente desejo de abraçar nosso instituto, esperando que suas lagrimas alcançassem de Borja e de Santo Ignacio esta consolação, e, entretanto, propoz para seu modelo a vida de Francisco, procurando trasladar d'aquelle peito para o seu o desprezo do mundo, e queria escrever na sua alma até mesmo as aspirações d'aquella vida. Lia com estudo as obras do divino areopagita, porque viu o gosto com que as revolvia, e meditava S. Francisco de Borja, com quem gastava muitas horas cada dia, escutando da sua lingua a explicação d'aquella mystica Theologia; e affirmou diversas vezes Borja, que não havia tratado sabio theologo, que penetrasse tão profundamente os sentidos e conceitos delicados de S. Dionysio, como o Infante D. Luiz, cujo entendimento era pharol d'aquella divina obscuridade.

«Mas reconhecendo que Ignacio e Borja iam cerrando a porta á sua esperança de entrar na Companhia, quiz dar grandes argumentos ao mundo, de que seu coração estava vestido com a roupeta; e assim introduziu ao infante cardeal (rei Henrique depois), bem dentro do peito o amor ao novo instituto; persuadiu-o a que fundasse o Collegio de Evora: elle empregava toda a sua eloquencia em ganhar almas illustres para a Companhia, a qual amou como filho, favoreceu como principe e amou como santo, começando a primeira faisca d'este amor de S. Francisco Xavier, cuja respiração lhe abraçou a alma ao passar por Portugal. Visitava elle os enfermos que havia em o nosso collegio de Evora, informava-se das suas doenças, tomava-lhes o pulso, tratando a cada um como a irmão, e remediando seus males com remedios tão doces. Dispoz que se augmentassem os rendimentos ao Collegio de Santo Antão, e teve muita parte na fundação da Casa professa. Fez votos de castidade e de pobreza, e professou um modo singular de obediencia. deixando preso seu alvedrio no de um sabio jesuita. Vendeu sua baixella dourada, todas as suas joias e tapeçarias para dar esmolas. Suas disciplinas eram frequentes. o cilicio foi sua arma e vestidura todos os dias, sua oração, de muitas horas, escutando cada dia da bôca de seu confessor os pontos, e o padre Miron ia ao palacio de Xabregas a distribuir-lhe este alimento, segundo a pratica saudavel de Ignacio, cujos exercicios eram seu nutrimento, e todas as delicias do seu espirito. Teve o dom das lagrimas, chegando a distinguirem-se os regos nas faces; dava conta a mais exacta da sua consciencia; sua conversação era quasi sempre com os jesuitas, ou elle no Collegio ou elles no palacio. Tão humilde, que, enviando um pagem desde Xabregas até á Casa Professa, não se atrevendo ás vezes a chamar o que frequentemente o confessava, lhe dizia que estivesse com o padre proposito, e lhe pedisse o confessor que elle quizesse designar, como se costuma fazer para assistir a um pobre, que pede este allivio, quando está doente. Tão modesto, que trazia escriptas no rosto as regras admiraveis que d'esta virtude deixou Santo Ignacio.

«Este grande exemplar de principes foi a copia mais parecida e mais bella que deveu toda a sua valentia ao pincel de Borja, e elle mesmo costumava dizer «que seu desengano era um echo do que habitava no peito de Francisco; assim o affirmava tambem a historia da Companhia. Telles, na portugueza, e todos

quantos escreveram façanhas de Borja, cuja vida se illustra como reflexo com as virtudes esclarecidas do infante D. Luiz, que mesmo sendo reaes, devem este tributo á sua memoria, como os rios a origem de sua rapida fortuna

*
* *

«Enviava-lhe o Rei D. João o Terceiro a vianda do palacio, sem que Francisco podesse embaraçar nem o regalo nem o estrondo; e dando-se por desentendida, a Rainha remetia-lhe todos os dias esplendida comida; o mesmo praticava a Princeza: e o que é mais admiravel, cada uma das Infantas, o Principe D. João, e o Infante D. Luiz imitavam á porfia este regio obsequio, que, custando muitas lagrimas e queixumes a Borja, só as poude alliviar o gosto de soccorrer com opulencia continuada aos hospitaes de Lisboa; duas vezes cada dia o chamavam ao palacio, sem que os negocios politicos fossem bastantes para embaraçar alguma vez a corrente d'este favor; e, sendo grande a distancia, pois mediavam duas milhas entre o Collegio e o palacio, não se poude admittir d'elle, nem quando ainda se não achava bastante convalescido, nem mesmo quando se achou enfermo, que admitisse uma liteira, para não andar, doente, oito milhas cada dia.

«Em uma indisposição ligeira que padeceu por estes dias em Lisboa, não acha a pena bastantes hyperboles para expressar a solicitude com que se interessavam por elle o Rei e a Rainha, a qual, havendo refrescado o tempo, e sabendo que Francisco jazia enfermo n'uma pobre cama, sem abrigo nem cortina, enviou ao companheiro um pavilhão de panno verde, para abrigar o humilde catre do santo, ajuntando que lhe não mandava panno de brocado, ou rica tela de oiro, mas sim a mais pobre alfaia que tinha podido descobrir no palacio; motivo que poderá lisongear sua repugnancia, em quem tão sómente se vestia do que outro desprezava; comtudo isso nunca quiz usar d'aquelle decente abrigo; pois para fugir d'elle lhe bastava tão sómente o sobrescripto de ser mobilia do palacio, cujos favores enchiam com tanta amargura seu espirito, que fallando d'elles em uma carta a Santo Ignacio, diz: «Praza a Deus que me não fique pegada alguma parte do pó do Egypto», pois tal nome dava ás estimas do mundo, e aos favores do palacio.

«Isto fizeram a Borja os Serenissimos Reis de Portugal; mas se houvessemos de referir o que praticou Borja na sua côrte, no seu palacio, e no seu coração em pouco mais de um mez, fôra mister que este capitulo se convertesse n'um volume rasoavel.

«Prégava muitos dias na capella real, onde o estava esperando El-Rei; e subindo ao pulpito, fallava livremente contra os vicios, e sua voz junta com sua vida penitente, era um bramido contra a grandeza licenciosa, ou somnolenta, e foi prégando seus desenganos aos palacianos, empreza tão ardua, que o poude fazer accessivel um S. Francisco de Borja.

«A Rainha escutava-o muitas vezes com assombro, e sempre com gosto notavel, deleitando-se em ver mestre da perfeição christã aquelle com quem tinha convivido menino no seu palacio. Estava depois muito tempo com o padre Francisco, tomando direcções para a salvação da sua alma; o mesmo executava o Principe, logo a Princeza, á qual se seguiam as damas, deixando a cada uma suas instrucções por escripto; e a tarde, juntas n'um oratorio com a Rainha, lhes fazia praticas fervorosas, ferindo os corações com settas vivas, as quaes obrigaram muitas a enterrar com sua liberdade suas esperanças.

«Borja introduziu n'aquelle palacio a frequencia de sacramentos, de sorte que a Rainha e as damas se confessassem todos os oito dias; o uso da oração mental, dos livros devotos, e não se encontrava no palacio mais do que horror á culpa, e desprezo ao mundo. E para que perseverasse este fructo, dispoz Borja que viessem todas as semanas alguns padres da Companhia ao palacio, para confessarem, e que outro fosse todos os dias festivos explicar a doutrina, e declarar as leis do Christianismo e o bom exemplo, do qual os principes nascem devedores ao mundo.

«Finalmente, Borja fez que aquella casa real se mudasse em templo, onde cada virtude tinha o seu nicho; e não faltou um cortezão de genio mais livre que devoto, que fazendo satyra do exemplo, dissesse: «que o padre Francisco tinha vindo a Lisboa transformar o palacio em mosteiro».

«O fogo sagrado, que introduziu no peito da Princeza D. Joanna, mãe de El-Rei D. Sebastião (joven tão animoso quanto infeliz), pede mais dilatado logar n'esta historia[1].

«Sómente direi aqui, que n'esta occasião, vespera da Natividade de Nossa Senhora, estava Francisco promovendo diante da Princeza a devoção suavissima d'aquella grande Rainha, que havia nascido para vestir de esperança e de alegria a natureza humana; e discorrendo algum novo modo para que todo seu palacio se consagrasse a este culto, escreveu em diversos papeis suas virtudes e louvores, e ao pé d'ellas algumas orações opportunas para aquellas excellencias; e logo outras tantas cedulas com os nomes da Rainha, da Princeza e de todas as damas. Sorteavam depois umas cedulas com outras, obrigando-se cada uma á imitação d'aquella virtude, que a sorte lhe offerecesse, e a resar sua oração toda a oitava. Rogou depois á Princeza, que, em premio de haver inventado este jogo devoto quizesse commungar no dia seguinte com todo o palacio; obedeceu gostosa, mas com a condição de que o santo lhe havia de dizer a missa, e dar-lhe a consolação de commungarem todos da sua mão.

«Borja assim o executou, e tendo nas suas mãos o Christo Sacramentado, fez uma breve pratica (como outras vezes costumava), exhortando á frequencia d'aquella mesa com a preciosa veste do respeito e da confiança; mas depois de curtas phrases se achou sua voz ou interrompida ou truncada com o suspiro, e sua eloquencia padeceu naufragio, com assombro de todo aquelle concurso florido, o qual, compondo-se de tanto coração feminino, e de tanta piedade, bastava menos esforço para arrancar á ternura tanto pranto. Ficou esta illustre Princeza tão devota, tão entregue á oração, que sua vida foi causa de não pequena admiração: e mais adiante, com o sangue que derramou tão penitente e delicada Rosa, escreveremos a tinta com que a ambição e a calumnia quizeram enodoar sua fama, e manchar com indigno borrão a do grande Borja.

*
* *

«Prégou tambem varios sermões na côrte, no collegio, e n'outros templos, e se poderiam contar por suas syllabas seus triumphos, como se vê n'uma carta, que por aquelles dias escreveu um jesuita para Roma. Escutavam-no com rara

[1] Anno de 1553.

suspensão os cortezãos, os quaes, acabado o sermão, saiam mudos, enxugando os olhos; e havendo exhortado certo dia á frequencia dos Sacramentos, foi tão feliz aquelle sermão, que se viu estabelecido desde então, com raro exemplo, na côrte de Lisboa, tendo sua lingua a renda dos corações, para manejal-os até onde quizesse.

«Em dia de S. Martinho prégou no Collegio, assistindo El-Rei e todo o palacio, compondo-se o auditorio de um exercito, o mais illustre, o mais florido e o mais discreto; e por isso foi maior o fructo, e mais feliz o tiro, que logrou a energia do seu bisarro discurso; e os que não sairam convertidos, sairam, ou assombrados, ou confusos, ufanando-se a maioria dos fidalgos em seguirem as bandeiras do desengano, quando mais não fosse, porque no duque de Gandia o observavam tão ennobrecido [1].

«Com a auctoridade e calor de Borja, se deu principio á Casa Professa, em uma ermida visinha á muralha, sitio cercado então de olivaes, e depois de victorias, e povoados agora de edificios aquelles campos.

«Foram escabrosos os primeiros passos d'esta planta, que depois cresceu até ser honra de Lisboa; e foi mister que El-Rei esforçasse todo o seu braço para abrir caminho, dando ordem apertada a D. Pedro Mascarenhas, para que dissipasse todas as difficuldades, como se executou, pagando com real magnificencia tudo em quanto o sitio importou, e a fabrica, que era da confraria de S. Roque; devendo-se a Borja esta grande machina, na qual depois se occupou a architectura, e então a inveja.

«Era a egreja d'aquella ermida bastantemente espaçosa, e assim tomou logo posse a Companhia, domingo, dia 1.º de outubro, assistindo El-Rei, a Rainha, os Principes e a Côrte toda vestida de alegria. Disse a missa o padre Nadal, e prégou Borja com tanta alma na lingua, que se consagrou com lagrimas do auditorio aquella Casa, da mesma sorte que na Grecia se horrifavam com lagrimas os altares de algumas deusas.

«Acabado o sermão, exclamou o principe D. João: «A este prégador, sim, gosto eu de ouvir, porque préga com obras, e executa o que ensina com as palavras.

«E assim é, que só ao vel-o subir ao pulpito se enternecia o concurso, que o esperava, servindo de rhetorica antecipada sua presença muda.

«No fim d'aquella missa fizeram a profissão de quatro votos ao invencivel martyr Gonçalo Silveira, planeta portuguez no berço, e depois na morte astro da Companhia; o padre Gonçalo Vaz, provincial, que foi, d'aquella provincia, e o padre Antonio Quadros, que o foi na India. Receberam alguns o grau de coadjuctores formados, e outros fizeram os votos simples, estando a tudo isto presentes os Reis, os Principes, e os Infantes; e o povo observava curioso os graus, e signaes occultos d'este labyrintho simples, ignorado do vulgo; até mesmo El-Rei lhes prestava attenção, silencioso, informando-se da harmonia d'este grande corpo, das ordens de cordas diversas, que o fazem com tanta novidade sonora, e formam um povo de musica mais aprazivel do que ruidosa.

«Veiu por estes dias a tratar com Francisco, o veneravel Fr. Luiz de Montoia, varão de conhecido espirito, e alta sabedoria, prior do insigne convento de Santo Agostinho de Lisboa, que a instancias de El-Rei de Portugal havia passado de Castella a reformar aquella provincia famosa; assumpto em que cançou gene-

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja* Madrid 1717, pag. 203 anno 1553

rosamente suas duas grandes azas de santidade e de prudencia aquelle filho caudaloso da mais real aguia. Estiveram muito tempo na visita estes dois espiritos illuminados, bebendo um ao outro os pensamentos. Ao despedirem-se, porfiava entre os dois a caridade vestida em trage de cortezia; e saindo por uma porta baixa, insistindo n'esta disputa, se feriu o Santo Borja na cabeça, e, sendo terrivel o golpe, se achou no seu semblante o soffrimento disfarçado em riso. Ao regressar ao seu aposento ia todo banhado em sangue, agradecendo ao acaso aquella inopinada ferida, de onde soffre sem escolha a paciencia. Soube a Rainha este successo, e mandou visital-o immediatamente, para saber se a pancada havia sido perigosa, e mandou que seus cirurgiões fossem immediatamente ao convento, e era este real cuidado golpe mais sensivel para Borja, do que o que tinha recebido na cabeça.

*
* *

«Havendo cumprido com as obrigações de apostolo, em Lisboa, deixando altamente introduzida no palacio a oração e a penitencia, havendo convertido ao gremio da virtude tantas almas, havendo promovido á Companhia seus collegios e fabricas, mantendo com suas exhortações alguns jesuitas, que, fraquejando na sua vocação, queriam dar costas á luz, partiu no dia 5 de outubro de Lisboa para a cidade de Evora, onde foi recebido nos braços do cardeal D. Henrique, arcebispo d'aquella sabia metropole.

«Estava informado o cardeal, por cartas de seu irmão o infante D. Luiz, dos prodigios, que com sua presença e voz se tinham visto na côrte de Lisboa, e assim dispoz que viesse por Evora, ancioso de communicar com um homem, em cujos elogios enrouquecia a fama.

«Deu ordem ao reitor do collegio de Evora, que apenas chegasse Borja o informasse logo para vir visital-o, como o fez immediatamente. Alvoroçou-se tanto com esta visita, estreitando sua familiaridade com Borja, que podera parecer ligeireza, a não trazer esta acção sua origem de mais alta e segura noticia. Rogou-lhe que prégasse na cathedral no outro dia, não lhe dando mais tempo, porque nem Borja podia deter-se muito, nem sabem deixar de ser impacientes os desejos no soberano.

«Ouviu-o com deleite, e com edificação de seu nobre espirito; e affirma o padre Dionysio Vasques, que se gravaram tão profundamente as palavras de Borja, assim desde o pulpito, como desde a cadeira, n'aquelle regio peito duraram tanto quanto sua vida, mesmo depois que o capello passou a ser corôa, e o baculo sceptro.

«Achava-se alguma cousa distante seu amigo Jorge de Mello, honra de seu seculo e fiel amigo do santo; tinha ardentes desejos de ver-se agora com Francisco; porém cortava as azas a seus desejos uma febre, que, havendo-o lançado na cama, o impossibilitava de saír para se encontrar com Borja. Mas aquelle coração animoso, agitado então por um vivissimo desejo, aguilhão que, ensanguentando o espirito, costuma fazer vigoroso o corpo mais fraco, se poz a caminho, com resolução não menos temeraria que ditosa, pois encontrou a saude mesmo antes de encontrar a Francisco, com quem esteve muito tempo abraçado, este goso acabou de fomentar a vida, que havia cobrado alento com aquelle desesperado esforço da natureza, que reconheceu por milagrosa a medicina.

«Confessou-se o grande Jorge de Mello com o padre Francisco, saindo d'esta confissão tão satisfeito e consolado, que temia menos a morte, elle que havia banhado seu espirito nas correntes de seu pranto. E tornou para sua casa livre da febre, havendo passado ditosamente o figo para o interior da alma.

«Apenas havia pisado Borja a raia de Portugal, quando o duque de Bragança, D. Theodosio, mandou um seu gentil-homem a saudar ao santo, rogando-lhe que no regresso para os reinos de Castella, quizesse passar por Villa Viçosa, a encher de consolação seu palacio com a sua presença. E agora saiu Francisco arrebatadamente de Evora para Villa Viçosa, para que o duque, informado, não saisse ao caminho; porém, nas oito leguas que ha de distancia, foi mais facil ao duque ter antecipado o aviso de que Borja partia n'aquella manhã, e saiu acompanhado da nobreza e da pompa a encontrar-se quanto antes com a felicidade, que tanto desejava.

«Ao descobrir ao longe a Borja, apeou-se do cavallo, e Francisco approximando-se, se lançou aos pés do duque, não menos humilhado que confuso, ao ver-se favorecido d'aquelle principe, que com o real sangue havia tambem herdado um espirito igualmente generoso; levantou-o o duque nos seus braços, e se encaminhou para o palacio, onde teve por alguns dias a Francisco, posto n'aquella Cruz, que encontram os homens de muito espirito aos regalos.

«N'aquelle pouco tempo deixou povoado de memorias suas aquelle theatro, havendo honrado por diversas vezes o pulpito, enternecido o povo, e abrazado no amor e zêlo do estado ecclesiastico. Aproveitou-se o duque de seus conselhos em varios pontos de sua consciencia, onde introduziu muita luz Borja, deixando-a formosamente esclarecida. Ouviu da sua lingua, bem explicado, o instituto da Companhia, a qual amou depois o duque D. Theodosio com rara ternura, e ficou como herança nos seus heroicos descendentes o amor á Companhia, como joia vinculada na real casa de Bragança; ia saltando de um coração para outro passando ao coração do vivo, antes de se esfriar nas cinzas do defunto.

*
* *

«Havia perdido a princeza D. Joanna, ao principe, seu esposo, a 2 de janeiro d'este anno de 1554, com inconsolavel dôr sua, lastima da Europa, e gemidos do seu reino, onde se deteve até que deu á luz El-Rei D. Sebastião, pouco depois que a morte havia eclypsado seu marido[1]; e não tendo seu coração outro recurso para o allivio, senão ao Santo Borja, lhe escreveu agora, que se não afastasse de Castella, para onde se dispunha a ir apenas se achasse convalescida.

«Recebeu o Santo esta carta em Tordesilhas, de onde se despediu Francisco do principe D. Filippe, que ia embarcar á Corunha, e tinha vindo segunda vez dar o ultimo abraço na sua afflicta avó. Disse-lhe que n'aquella jornada a Inglaterra deixava o governo da monarchia nas mãos da princeza sua irmã, e queria que estivesse ao seu lado, mui perto do throno, sua prudencia, a qual havia manejado com tanta dextreza, ambas rendas da privança, e seu entendimento para os negocios publicos era o que é o sol para o fertidade dos campos. Disse-lhe que

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 208. Anno 1554.

em sua irmã deixava a auctoridade, porém n'elle a rasão acreditada da experiencia, que seu talento o fazia navegar á Inglaterra sem cuidado, e sem levar embarcado comsigo o susto.

«Não soube que responder Borja, embargando-lhe a voz este percepto, e com o semblante confuso beijou a mão, e se retirou a buscar em suas lagrimas algum consolo.

«Veiu a princeza a 9 de junho, e Borja partiu para Valladolid (onde havia estado a maior parte da primavera), a consolar aquelle espirito attribulado, e a servir de oraculo em seu governo, com violencia de toda a alma, que depois de se ter curado no porto, se achava nos vae-vens de um mar borrascoso, e na fuga da privança tropeçava com o mesmo de que fugia.

*
* *

«Depois de haver passado por alguns collegios, sendo elle coração, e como fonte da vida de todos[1], voltou a Simancas o padre Borja, que era seu jardim delicioso, e seu doce retiro. Ali recebeu a funesta noticia de ter fallecido em 11 de junho de 1557 El-Rei de Portugal, D. João III, principe religiosissimo, em cujo gabinete acharam suas disciplinas banhadas de sangue, cujo real seio se póde chamar patria commum, e berço illustre tambem da Companhia. Influiu elle para que fosse approvada pela Sé Apostolica; enviou elle os primeiros jesuitas á India, e a seu zêlo se deve grande parte no apostolado de Xavier no Oriente. Foi o primeiro Rei que trouxe a seus reinos a Companhia; elle a encheu de gloria e a elevou nos seus braços ao mais alto do templo da fama. Fundou insignes collegios, universidades, e estudos. E, por fim, aquelle coração muitas vezes real, foi para a Companhia, e todos os seus filhos. o que o sol para os pimpolhos mais tenros.

«O sentimento que esta morte derramou por toda a Companhia não se exprime bem com as maiores hyperboles da eloquencia, sendo universal o pranto, d'onde era tão commum o golpe, e o motivo. Succedeu-lhe áquelle joven mallogrado, El-Rei D. Sebastião, seu neto, fabula agora do vulgo, e então delicias do seu reino. Deixou por tutora sua avó, a esclarecida rainha D. Catharina, a quem o Santo Borja consolou n'esta perda com uma carta cheia de piedade e de energia, ensinando,n'ella a extrahir dos successos amargos a maior doçura.

«Dizia a carta:

«Mui alta e mui poderosa senhora.—Se os consoladores de Job estiveram calados por sete dias, muitos mais devera eu estar callado, pois a materia da afflicção é maior, e o sentimento do protector e senhor que ha perdido a Companhia, com justo tituto podéra pôr silencio por annos, quanto mais por dias. Quem ha que tenha lingua para tratar dos secretos juizos de Deus? Quem ha que, tendo sua casa apoiada em espeques, para não caír, os vae tirando, pretendendo d'este modo dar-lhe o remedio? Oh como é cousa de ver a Casa de Deus, que está segura com espeques, que são os principes christãos, que a sustentam, e que o Senhor, para remediar a sua Casa, os vá tirando, e a um e um, dos prin-

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 270, anno 1557.

cipaes? Quem ha que tenha lingua para o dizer? E que seja isto para reparo da sua Egreja, e de maior admiração? Digo que para reparar a Egreja triumphante tiraram este arrimo da militante. E se os mortaes querem saber a causa, é porque o Espirito Santo diz: *Diligit Dominus portas Sion, super omnia tabernacula Jacob.* Quer Deus tanto que se repare a Egreja triumphante, e se ufanem as cadeiras dos anjos caidos, que arranca d'esta terra os principaes sustentaculos para os introduzir no Céu, e por isso lhe ficam obrigados todos quantos entendem esta linguagem.

«E, pois, Vossa Alteza é uma das pessoas reaes, que pela bondade de Deus melhor o entende, fica mais obrigada a reconhecer o beneficio, pois que nada tem que ver a vida de la com a de ca, nem o reino dos Céus se póde comparar com o da terra.

«E a resposta que se deve a este favor e mercê de Deus, é abaixar os hombros e a cabeça para sustentar o peso que levava aquelle Rei santo, para ajudar a sustentar a parte que da Egreja lhe cabe. E quanto mais apertarem os trabalhos d'este peso e governo, tanto mais erga Vossa Alteza os olhos para o Céu, e diga: «Louvem-vos, Senhor, os Anjos, pelos gosos que daes aos da Casa de Jacob! E, pois, elle está gosando, não tenho eu por bem empregada a dôr; e por seu descanso offereço o trabalho do peso dos meus hombros; e para que elle esteja sem cuidados, acceito eu o peso dos cuidados; e para que elle durma em paz, quero eu velar nas guerras; e para que elle seja d'aquelles de quem enxugueis as lagrimas, offereço eu as minhas por vossa paixão. Supplicando-vos que me as deis da soledade de vós, que sois meu Creador e Redemptor, esquecendo toda a soledade das creaturas, ou, ao menos, para que a não tenha senão lembrando-me de vós, e de vossas creaturas em vós, e como de cousa vossa, e não minha, pois não me destes a mim, para mim, mas para que vos servisse com ella.» E depois d'isto, fazendo-o assim, confie Vossa Alteza no Senhor, que ambos hão de reinar na eternidade, gosando do premio dos trabalhos, da paciencia e do exemplo christianissimo que deram no mundo; e assim hão de estar no dia de juizo dos reis; que hão de condemnar aos peccadores, pois por seu exemplo foram prégadores do Evangelho, e pela justiça foram executores d'elle, hão de levar alli a corôa, porque levaram aqui a cruz, e por a terem posto em tão diversas partes da gentilidade.

«Praza á Divina Magestade, que em conformidade com o que supplicámos, seja servido concedel-o; porque sendo nossa supplica ouvida no divino acatamento, Sua Alteza ha de gosar muitos graus de gloria, e Vossa Alteza ha de augmentar em muitos de graça, aos quaes correspondem os da gloria, quando o Senhor for servido de lhe dar o premio de seus trabalhos.

«Em Simanca, a 24 de junho de 1557.— De Vossa Alteza, obedientissimo servo, *Francisco.*»

«Enviou o ardente zêlo de Francisco muitos varões de conhecido espirito a India Oriental, para levarem a luz, aonde o sol nasce; e entre elles ao P. André Gonçalves de Medina, e Afonso Lopes de Navarra, que se fizeram ao mar n'um soberbo galeão; mas, pouco antes de chegarem a India, quando ja suas esperanças saudavam as margens, encalhou n'uns areaes desertos, fazendo-se em muitos pedaços. Sairam nadando sobre as ondas mais de quinhentos homens, e entre elles os dois jesuitas; alguns occuparam as duas barcas, e rogavam aos dois padres

que entrassem n'ellas, esperando introduzil-os com brevidade e com bonança no collegio de Goa [1].

«Mas, reflectindo o padre Medina, que, se ficavam isolados quinhentos homens n'aquelle despovoado areado, onde haviam de perder todos irremediavelmente a vida, sitiados pela fome, e pela sêde, e alguns até talvez ás mãos, com o desespero, quiz offerecer-se em holocausto á caridade, antes que salvar a vida no batel; prodigioso fogo de amor, quanto mais rodeado de todas as ondas de um mar! Deixou-se ficar tambem o irmão Alonso Hernandez, para ser cadaver n'aquella deserta praia, onde o amor, mais que a agua, lhes formou voluntariamente uma ilha. N'aquelle desamparo os foi confessando a todos o padre Medina, esforçando os corações para uma morte ditosa, e no emtanto o irmão ia tirando alguns viveres do navio encalhado; mas d'ahi a pouco tempo não havia outro alimento que não fossem lagrimas, e ainda assim faltavam forças aos olhos para as despedirem.

«E eram tão grandes os fervores d'aquelles infelizes, que adoçava a morte ao padre ver o fructo, que lograva n'aquelle esteril areal, á custa da sua vida que já ia fraquejando.

«Os ardentes suspiros de tantos peitos resoavam tristemente por aquelles desertos incultos, e aqueciam até os frios juncos. Iam assistindo o padre e o irmão já a este, já áquelle moribundo, que por aquellas praias ia deixando a vida, e ao mesmo tempo deixava ao padre Medina uma firme esperança de sua eterna dita.

«Foi singular demonstração da Providencia o morrerem todos antes do padre Medina e do seu companheiro, para que a ninguem faltasse na morte este grande allivio, quando estes dois fatigavam mais a vida do que todos juntos.

«Pouco antes de expirar, o padre Medina, havendo encaminhado quinhentos homens para a gloria, e tirado alentos de um esqueleto para tanta energia, acabou de escrever esta lamentavel tragedia, para que a encontrassem junto do seu cadaver n'aquella ilha os que fossem reconhecer o navio perdido, e ver se encontravam alguem vivo no areal. E observando-se já sós os dois jesuitas entre tantos cadaveres, despediam do coração settas abrasadas, e respirando cinzas incendiadas o amor desde seu espirito, caíram sobre a agua estas duas victimas do fogo.

*
* *

«Sendo a Cruz aquella vara com que se mede a virtude na terra, não poude deixar de ser grande a santidade de Borja, pois sua cruz não sómente foi continua, senão a mais cruel, e a mais sangrenta, elevada tambem n'ella a honra, e servindo de inscripção, ou rotulo, a mais grosseira calumnia, que souberam formar a ambição, a malignidade, a inveja, e até mesmo o inferno conjurado para atiçar com todo o fumo de seu fogo tenebroso a mais cristallina fama, e um espelho onde reverberava claramente a innocencia.

«Havia observado a emulação aulica, não sem impaciencia raivosa, que o Cesar desde Yuste tinha chamado repetidas vezes a Borja; que d'elle havia confiado algumas emprezas occultas, ignoradas, para seu martyrio, pela curiosidade da malicia; que havia entre os dois secreta e fiel correspondencia; que, estando

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, liv. IV, pag. 283, anno 1559.

para morrer, tinha chamado o santo padre Borja, nomeando-o executor da sua vontade ultima, a qual, com tanta exacção tantas vezes tinha cumprido na vida. Este amor lançou algum fogo na inveja, mas algum mais ainda o que lhe mostrava a Princeza governadora.

«Sabiam que não dava um passo, conduzida ao acerto, sem consultar este Oraculo[1], que na balança d'aquella real Astrea fazia mais peso o dictame só de Borja, que o de todos os ministros, e até mesmo proceres de Castella.

«Cada ministro supremo pensava ou temia, que o valimento de Francisco o impedisse de ser arbitro do palacio, e do governo, aprendendo cada um na soberania do sceptro, a querer dominar sósinho. Não ignorava que Fillippe II lhe tinha escripto diversas vezes para Castella, desde Flandres e desde Inglaterra; que antes de partir o tinha chamado a Tordesilhas para reconhecer e adorar ao desengano no seu trage, e na sua mudança; que lhe havia ordenado que ajudasse a Princeza com seus conselhos. E temiam que ao regressar agora, como se esperava todos os dias, victorioso da França, fizesse arbitro do governo ao Santo Borja, fiando de seu zêlo, desinteresse e experiencia, as rendas de tão vasta monarchia. Pois havendo-se reclinado amorosamente nos seus braços desde seus primeiros annos, não era muito querer fiar o reino de seus hombros acostumados a sustentarem imperios.

«Mas, havendo de se desvanecer qualquer maxima ou nevoa com o esplendor da sua vida, convieram em que era mister obscurecel-a, ou eclypsal-a, para que a vista se não arrebatasse d'aquella aguia de Austria.

«Havia muito tempo que iam solapando aquella mina, e lhe iam lentamente lançando fogo, para que rebentasse algum dia com horror e escandalo da nação hespanhola.

«Tentaram, pois, introduzir o veneno mais activo nos ouvidos de Filippe II, para matarem o valimento de Borja, e para arruinarem a confiança, derribando a estima, e até mesmo irritando a ira com uma offensa. Porque ousaram, que temeridade tão impia! ousaram, que detestavel horror! ousaram lançar veneno na correspondencia da Princeza com o Santo Borja, quando era mais facil ser a neve rosada, ou ser uma estrella no céu um borrão! Porém a malicia arrima aos olhos aquelle instrumento com que os astrologos modernos blasonam de haver descoberto não sei que manchas no sol. Esperavam opportunidade para encaminharem até ao peito de El-Rei esta grosseira e torpe accusação.

«Tinha casado contra a vontade de Filippe II, D. Pedro Luiz Galceran de Borja, primeiro marquez de Navarres, com D. Leonor Manuel, terceira neta de D. Fernando, segundo duque de Bragança, e da duqueza D. Joanna de Castro. E persuadiu-se El-Rei Catholico que o Santo Borja houvesse intervindo n'este matrimonio de seu irmão, soltando n'esta occasião algumas expressões de desgosto, e o regio franzir da testa chamou com opportunidade a inveja e tambem a lisonja. Apenas a occasião abriu esta porta, derramou a malicia toda a sua mortal peçonha, chegando o veneno mais activo, quanto mais esfriava com a distancia, porquanto era colhido d'aquella lagoa de Stygia, que abrigava a morte no mais frio, e no coração do gêlo.

«Porém vêdes aqui que a cegueira, como costuma, poz uma venda na emu-

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja* pag. 290, anno 1559.

lação, e outra na malicia, não advertindo que por aquelle mesmo tempo Borja acabava de resuscitar um defunto, de converter em sangue um madeiro, de dar saude repentinamente a tantos enfermos, com assombro dos grandes e do vulgo. E trabalhavam então para fazer crivel o mais enorme delicto? Então? Quando era mais facil persuadir que Cicero fôra mudo, e que Alexandre fôra um cobarde? Então? Quando seria mais crivel a fabula de Narciso alterada, e fazel-o monstruosamente feio? Então? Oh Providencia, como sabes com sua mesma infame perspicacia, os olhos, linces da intenção e da malicia! E elle, que sendo joven tão formosamente disposto, foi tido por mancebo alado, ou anjo puro, feito Argus do recato, e custodia fiel do decoro do palacio, pelo grande Carlos V; agora coberto de cans, e de desenganos, macerado com as disciplinas, debilitado pelos jejuns, o corpo chagado por causa dos cilicios, tão alquebrado pelos rigores, e pelos achaques, que apresentava a imagem pavorosa de um esqueleto, sem que a pelle, separadamente enrugada, podesse desmentir o retrato, foi agora accusado como réu da honestidade e do decoro!

«Agora? Quando mesmo fosse um homem sem reputação alguma e sem consciencia, se achava em tão lastimoso estado, que faria esta accusação digna de riso? Agora? Quando era templo da santidade, e da honra, sua fama, illustrado por milagres, e lampadas por votos, e com velas rotas? Agora? E não sobe pouco de ponto o assombro, se reflectirmos até ao outro extremo, e se a admiração leva o semblante a contemplar com quem? Com o mesmo coração da honestidade, com o centro real da honra, com a Princeza mais religiosa, de quem os arminhos estudavam pureza. Porém os ciumes e as suspeitas olham por aquelles vidros que representam de côr negra, ou de azul todos os objectos.

«Os caminhos por onde introduziram esta cegueira, foram tão secretos, tão artificiosos, e com taes visos, que poderam causar impressão n'um animo então doentio, especialmente em materia tão sagrada, d'onde toma corpo de delicto até mesmo a sombra.

«E chegando logo Filippe II a Hespanha, acabaram de dominar aquella real fortaleza; pois, ainda que tinha horror á phantasia de atrever-se a padecer suspeita, por se não ennegrecer a si propria, comtudo as artes da malicia se valeram de uma erva, que sabe alterar a imaginativa, e lhe dá aquella côr negra, que deixa sempre uma suspeita por onde passa, serpe tão venenosa que mancha a innocencia n'um paraizo inteiro. E assim não falta quem presuma que esteve Borja destinado a ser victima secreta. Não deve causar muita novidade que lograsse tão infames tiros a malicia, depois de terem acreditado do grande Athanasio ser elle o monstro mais detestavel; e depois que poude o engano eclypsar a rasão do grande Constantino, pois não foram menos manhosas as astucias para mancharem no conceito de El-Rei Catholico a fama d'este segundo Athanasio, cujo soffrimento invencivel foi muro de bronze guarnecido de diamantes; especialmente em um tempo confuso, no qual se ia todos os dias descobrindo tanto erro lastimoso, e tanta abominação escondida entre apparencias de desengano.

«Não duvidavam os emulos de que engano tão mal nascido e tão descoberto, que tinha contra si toda a luz de que não podesse durar muito tempo, porque a mentira raras vezes chega a ser velha, a não ser nas fabulas do vulgo; porém governaram-se por aquella infeliz maxima, de que sempre logra seu effeito a mentira que vive um dia.

«Os auctores d'esta abominação, verdadeiramente feia e villã, e que manchou

torpemente sua honra, igualmente como sua consciencia, foram cinco, que encontrei bem declarados n'uma cifra secreta (ainda que se podiam contar só tres: a inveja, a malicia, e a ambição, furias que, querendo reinar sósinhas, arrojaram para fóra do palacio a virtude). Quero, porém, deixar seus nomes enterrados no esquecimento, para os não infamar com tão ruim epitaphio.

«Via Borja a casa de Gandia combatida por seus emulos; seus filhos maltratados da fortuna; a Companhia agitada furiosamente pela inveja, inficcionada da heresia da nação hespanhola. Seu corpo tão arruinado, que a seus mesmos inimigos causaria lastima; o seu espirito assaltado continuamente pelo inferno, e achava-se desterrado da confiança e do peito do seu Rei. E todo este theatro de males, que deram materia ao soffrimento de um Job, não lhe mereceu uma queixa, nem desperdiçou um ai em tanta desdita; porque estava á entrada do seu coração a virtude da fortaleza, como gigante, ou collosso de bronze, sem permittir que saisse d'aquella alma um sentimento queixoso, nem que entrasse algum estranho allivio para soccorro do soffrimento. E assim, só passado anno e meio, ao ir para Roma, reflectindo que a calumnia fazia a Princeza cumplice, e que devia ao menos soltar um grito com a pena em defeza d'ella, escreveu a Filippe II uma carta com algumas expressões de sentimento, de valor e de honra.

«A carta escripta em Portugal pela mão de Borja, era do seguinte teor:

«Catholica Magestade.—Nunca eu podéra imaginar que houvesse de chegar tempo, ou occasião, em que tivesse necessidade de escrever descargos meus a Vossa Magestade, e muito menos na materia presente, que é tão indigna de ser tratada. Mas se o silencio tem de ser attribuido a rendimento, não permitta Deus que eu me cale, e confesse por obra ou intenção minha o que sempre aborreci e abominei.

«Parece-me que desde a minha meninice, na qual vim servir aos gloriosos paes de Vossa Magestade, tenho sido fiel, leal vassallo e creado, e não me accusa a consciencia de não haver faltado no serviço nem n'um só ponto, nem em nenhuma cousa d'aquellas, de que me accusam perante Vossa Magestade. Será, por certo, muito ditoso este proceder, se a Justiça Divina não tiver outros capitulos que oppor ás minhas culpas, senão estes, com os quaes os homens agora me criminam.

«Porém conheço que, embora me ache livre de taes crimes, nem por isso estou justificado, pois não têem numero meus peccados, dos quaes, se como os conhece Deus, e os conheço eu, hei de ser julgado conforme a justiça de meus merecimentos, desde já dou minha causa por perdida, e eu corroborarei a sentença da minha condemnação. Mas, se se trata das invenções que levantam os homens, para me derribarem d'aquelle logar, que eu estava no costume de ter no real coração de Vossa Magestade, sómente direi com David «que faltou a verdade nos filhos dos homens».

«Não penso em trazer á memoria de Vossa Magestade, para justificar meus antigos serviços, nem a vida consumida com tanta vontade no palacio imperial, da gloriosa memoria de seus paes, nem creio que do vergel de suas reaes e christãs virtudes se consentirá arrancar facilmente uma tão formosa planta, como é a memoria dos leaes serviços e beneficios; nem Vossa Magestade se ha de esquecer das muitas horas durante as quaes em sua tenra idade o trouxe n'estes braços, e n'elles se deixou adormecer; mas uma cousa não calarei, que, quando considero e reflicto attentamente no amor, e lealdade, com que sempre hei reverenciado a meus principes na terra; mais temor e vergonha tenho da Magestade do meu

Deus, porque não o hei tanto servido, nem tanto amado, e por isso receio haver muito faltado ao que devo. Pois sendo isto assim (como Deus sabe que é), como não sentirá minha alma amargura ao ver que tenham sido linguas de homens parte para cuspir peçonha, e misturar rosalgar nos manjares, onde só a verdade e a lealdade pozeram as mãos, e se dirigiram ao fogo de tanto amor e reverencia. E como não chorarei lagrimas de sangue, por viverem no mundo pessoas, que, a troco de subirem um degrau mais alto, e de alcançarem suas humanas pretensões, e de que ninguem se lhes ponha adiante na privança, não temem atropellar a justiça, nem menoscabar a verdade? Não é, Sacra Magestade, nem do meu habito, nem de minhas inclinações e costumes, nem cercear, nem tocar na fama de ninguem do meu proximo. Mas tambem sei que todas as leis do Céu e da terra permittem, que o aggravo que se faz contra a innocencia e verdade, se póde repellir e sacudir, ainda mesmo que da minha justa defeza resultasse algum damno aos que me firam minha justiça. E arrimando-me eu a este direito tão natural, e tão conforme a toda a boa rasão, podéra, em defeza minha, magoar, e até mesmo tirar sangue aos caudilhos e inventores das accusações, que contra mim se levantaram perante Vossa Magestade.

«Mas não permitta Nosso Senhor que eu use d'este direito, nem faça mal a alguem, mesmo que seja para limpar e defender minha fama (a qual não quero nem pretendo para me exaltar com ella; se fôr para gloria de Deus, elle a defenderá e porá a salvo), sómente n'este ponto digo que nunca temi, nem imaginei que homens, a quem jámais offendi, mas pelo contrario lhes fiz boas obras, como elles sabem, podessem acabar comsigo, que para desviarem a mim da presença de Vossa Magestade (a causa porquê, elles a sabem, e de mim ninguem o saberá), architectassem taes invenções, se não pretendiam mais que ausentar-me da côrte; e se tinham por segurança do seu logar o não ter eu nenhum na vontade de Vossa Magestade, mais breve e mais barato o haviam negociado commigo, porque sem quebra de suas consciencias, e sem menoscabo da fama alheia, alcançariam de mim que, para lhes dar contentamento, eu me privaria de qualquer commodidade temporal; porém elles escolheram um caminho, com que foram de detrimento a elles e a mim; e não serviram a Vossa Magestade, e praza á Eterna que não fique d'elles offendida.

«Mas não se arreceiem, nem pense ninguem que eu procure com que me vingue; antes digo, que lhe desejo toda a prosperidade nas almas e nos corpos, e supplico a Deus Nosso Senhor, que lhes dê prosperidades no Céu, e a Vossa Magestade que lhes faça bem e mercê na terra. Elles alcançaram o que pretendiam, pois acharam audiencia, onde a buscavam; eu lhes deixo o campo livre, e por minha vontade lhes deixo o logar e a côrte. E bem sabem elles e o mundo quantos annos ha que eu renunciei voluntariamente, e desamparei o que elles agora andam mendigando. E se por algum tempo me têem visto residir na côrte com este habito, bem sabem que não foi por vontade, nem eleição minha, senão pela de meus superiores, que expressamente m'o ordenaram assim, entendendo que seria do serviço de Deus Nosso Senhor, e o mesmo me ordenava a Serenissima Princeza de Portugal, a qual para algumas occorrencias importantes do governo, que Vossa Magestade lhe tinha encarregado de seus reinos, se quiz servir do meu parecer e conselho, o qual poderia ser menos acertado que o de outrem teria sido; porém foi certo que ao dal-o nunca faltei á devida lealdade, nem ao desejo de fazer inteira justiça a todos. E se, Senhor, para descargo meu, houvesse

de apresentar testemunhas abonatorias, a nenhum dos vivos havia eu de apresentar, senão tão sómente a Vossa Magestade Catholica, nem a nenhum dos defuntos senão a gloriosa memoria do Imperador meu senhor, e nas suas mãos e juizo poria toda a minha justiça.

«Mas quando na terra me faltasse o abono e a defeza, espero n'aquelle alto e immortal Senhor, que esquadrinha os corações, que perante seu justo e misericordioso tribunal serei ouvido, e que ali se vera quem é o mais culpado, e quem o innocente.

«Entretanto, com licença e boa graça de Vossa Magestade, eu me retiro para Roma, para onde, por um seu breve apostolico, a Santidade de Pio IV manda que eu va, dizendo-me que n'aquella santa cidade se quer servir da minha ignorancia e baixeza; ali, e onde quer que me encontrar, hei de ser mui fiel e leal vassallo, e servo e capellão de Vossa Magestade, e continuamente hei de supplicar ao Pae das misericordias, que n'este mundo prospere a Vossa Magestade e a seus reinos, para que, gosando-os e governando-os com soberana paz por mui largos annos, seja depois melhorado no reino eterno da liberal e piedosa mão do Altissimo Rei dos Reis.

«Cidade do Porto, a 6 de fevereiro de 1561.

«Desde então começou a raiar a serenidade sobre a cabeça de Borja, dourando sua sua fama, não sem grande usura.

«Leu esta carta El-Rei diante do duque de Feria e de Ruy Gomes da Silva, por cujas mãos havia passado a sua; e como já o tempo lhe havia trazido alguma luz de desengano (que por fim chega, embora caminhe vagaroso), como reconheceu o admiravel exemplo que havia occasionado o trato de Borja na Princeza sua irmã, como havia advertido que seu palacio e seu peito eram o mais nobre presidio da virtude, entregue a uma penitencia rigorosa e a uma continuada oração. Agora, com esta carta, acabou de sacudir da imaginação aquella sombra errante, que tinha denegrido sua face, eclypsado o dia com uma nevoa mentirosa, porque, envergonhado até mesmo de haver duvidado, disse diante de um e outro: «Eu nunca acreditei que na pessoa do padre Francisco tivesse havido cousa que fosse indigna de suas exemplares virtudes, nem do logar que occupa, nem do estado que professa.»

«Esforçaram n'esta occasião ao rei sua fama de santidade, aquelles dois fieis amigos seus, expressando singulares exemplos e milagres. Tornou El-Rei a olhar com ar colerico sua mesma suspeita, e logo revolvia sua indignação contra os auctores da calumnia, e repetia: «Nunca eu dei credito a tal infamia contra o padre Borja»; mas porque seus pensamentos não o deixavam socegar, pegou na penna e escreveu ao santo Borja uma carta cheia de satisfações, de benignidade e de confiança; porém o santo, sem esperar resposta, havia já tomado o caminho de Roma. Foram, porém, muitas as cartas que El-Rei escreveu depois a Francisco, consultando sua opinião acerca do governo.

*
* *

«Estava retirado Borja n'aquelle ninho ditoso do seu noviciado, aonde se recolheu esta ave real, quando lhe escreveu a Princeza que o Cesar mandava que

elle passasse pelo mosteiro de Yuste, porque se queria servir da sua prudente fidelidade n'uma empreza bem ardua[1] e bem gloriosa; e que sentiria qualquer tardança, que não fosse causada por um impossivel, porque as expressões do Cesar na sua carta eram as mais efficazes e as mais vivas. E ainda que se estava no rigor do verão, e se achava indisposto, partiu nos principios de agosto com os padres Dionysio e Bustamonte, e o irmão Francisco Briones. Passou por Valladolid com o fim de beijar a mão á Princeza, e se encaminhou para Yuste com menos forças do que ousadia.

«Ia o santo maltratado de saude, e viu-se talvez necessitado a deter-se nos campos na maior força do sol. Chegou a Yuste, onde o Cesar, depois de o ter abraçado, se retirou só com Borja para o seu aposento. Disse-lhe que da sua experiencia e cordura queria fiar um negocio, que importava á monarchia hespanhola, na proxima esperança de unir Portugal aos reinos de Castella. Pois, ainda que vivia o menino Rei D. Sebastião, creando-se robusto, não passava isto de um fio delgado, e que a parca costuma cortar com golpe duro os mais fortes marmores, que seguram o peso, e romper cadeias de oiro. Que desejava muito que Portugal jurasse condicionalmente por seu successor, na falta do seu joven Rei, ao Principe D. Carlos, seu neto, segundo as capitulações feitas no feliz matrimonio da Rainha D. Maria com El-Rei Filippe II, e conforme toda a rasão, que dá ás veias o direito natural. Que não era tão irregular, nem tão odiosa esta empreza, que devesse turvar os animos dos portuguezes, como novidade antecipada; antes servia de freio para que se (o que o Céu não permittisse), succedesse á vida d'aquelle famoso Adonis do seu seculo, algum caso d'aquelles com que a fortuna costuma tambem dos Reis fazer tragedia, não houvesse alvoroto nem fluctuasse em ondas o vulgo, golpho sempre inquieto, quando falta o tridente ou o braço de Neptuno. Que, quando não bastasse a rasão e o interesse de uma e outra monarchia, não faltavam exemples recentes, que achavam caminho para a pratica d'esta empreza, pois os castelhanos haviam jurado a El-Rei de Portugal, D. Manuel, por successor d'esta corôa, quando os Reis Catholicos a honravam e sustinham na cabeça.

«Que este negocio o havia só de fiar do amor e prudencia da Rainha D Catharina. Que tinha de se tratar no principio com um segredo quasi supersticioso, que nos negocios politicos, e até mesmo em todos, costuma ser o caminho do acerto, e se cifra bem n'aquelle rio, que se não vê nascer, até que desde uma penha salta para o mar, crendo a vista, que tem seu nascimento perto do sepulchro, n'aquella rocha, elle que nasce n'uma provincia distante, e escondido logo corre por mineraes secretos, sem que perceba a attenção, ou a curiosidade seus passos; e se alguma vez se escuta algum som confuso, parece mais um rouco som, do que movimento de rio.

«Inclinou a cabeça o santo Borja, por mais que seu dictame recusava emprehender um negocio, do qual não esperava outro fructo, senão o da sua obediencia. Mandou logo o Cesar a seu secretario Gartelu, que escrevesse os despachos que dessem fé juridicamente a Borja para com a Rainha D. Catharina. E que dispozesse cifras, para que se podessem livremente corresponder Sua Magestade

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 273, anno 1557. A respeito de Carlos V em Yuste, vide Mignet.

e o padre Borja, sem o perigo ou susto, embora se perdesse algum papel. Na cifra chamava-se o Imperador «Misser Agustinho», e o santo era «Francisco de Morales». A quem, ao despedir-se, apertou nos seus braços Carlos V, e lhe disse: «Que fiava este importante negocio de sua industria e de seu talento milagroso, e que não considerasse como alheio á profissão do seu estado, porque Sua Magestade estava persuadido de que era muito do agrado de Deus, pois se desamava com esta prevenção a insolencia, e se assegurava a paz.» Tornou a expressar a Borja quanto importava que o vasto corpo de todas as provincias de Hespanha vivessem sujeitas a uma cabeça, se, o que Deus não quizesse, fenecesse aquella tenra flor, que era toda a columna da esperança. Que este remate formoso da Europa ficaria então inaccessivel á indignação, e á inveja, tendo por fossos o Oceano e o Mediterraneo; por baluartes e padrões seus os montes Pyreneus. Escutava modestamente Francisco estas expressões do Cesar, que poderia ter observado n'aquelle semblante mudo a escassa luz de um presagio.

«Partiu Borja para Plasencia, de onde logo no dia seguinte se encaminhou para Lisboa, á tarde, levando dentro do peito fria a confiança n'aquella dependencia politica, por mais que se esforçavam a inflammal-a, ou a acalental-a toda a rasão de Borja, e o grande amor que experimentava sempre na Rainha D. Catharina.

«Foram n'aquella noite dormir a um logar vizinho, onde não encontraram outra cama que não fosse o chão, penetrado das chuvas por causa da debilidade do tecto. Pela manhã se achou o padre Dionysio com uma dôr tão aguda n'um hombro, que o andar embargava a respiração, e o impossibilitava de pôr-se a caminho. Recolheu-se o santo com brevidade á oração, e saiu apressadamente a mandar que molhassem um lenço n'um fonte fria, a qual tinha sua origem perto da mesma casa, e que lh'o applicassem ao hombro; remedio que bastava para causar o mal de que padecia, nascido de causa bem similhante[1]. Porém no mesmo ponto, em que cegando-se a rasão por causa da obediencia, se applicou tão desesperado remedio, se achou livre da dôr, e cobrou o movimento do braço com admiração do proprio doente; d'antes ao ver que lhe mandasse a prudencia de Francisco augmentar o mal com o renovar a origem d'elle, e depois do successo, com o ter encontrado o allivio todo em tão inimigo remedio; prodigio que nunca duvidou dever-se á oração do santo, que havendo querido dissimulal-o com o ser um apparente remedio, se havia cegado com a applicação, buscando para dissimulação aquillo que dava mais corpo ao milagre.

«Entrando em Portugal, pararam pelo meio dia n'uma povoação chamada Evora-Monte, havendo caminhado seis leguas n'aquella manhã. Foram o santo Borja e o padre Dionysio dizer missa, deixando a Bustamonte na pousada; porque, attendendo Borja aos seus achaques, e á sua idade crescida, o obrigava a tomar algum alimento pela manhã; e agora, por causa do rigor do dia, não o deixou passar á Egreja. N'esta occasião, chegou-se o padre Bustamonte ao dono da pousada: exhortava-o a frequentar o sacramento da Penitencia, a encarar com horror qualquer culpa, a distribuir christãmente as horas, e a ter suas devoções fixas; e entre outras cousas lhe disse que rogasse todos os dias pela vida do joven Rei D. Sebastião, a qual tanto importrava á corôa, que na falta d'elle passaria a eno-

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 274

brecer a fronte do Rei de Castella. Disse isto incautamente, ignorando a missão que levava a Portugal o santo Borja, e pouco pratico no terreno que pisava.

«Apenas escutou o estalajadeiro esta devoção, quando arrebatado por aquelle espirito de lealdade que degenera commummente em furor, entrou a gritar. Juntou-se muito povo, e bradava contra aquelle sacerdote inimigo do seu Rei e do reino todo, olhando como delicto até mesmo o receio de que podesse morrer o Rei. Inclinavam-se muitos a procurar pedras, outros repetiam injurias, offendendo afropelladamente suas cãs, sem que a rasão, a brandura, e a submissão bastassem a socegar aquelle villão tumulto: antes se enfurecia mais a plebe com as desculpas, crescendo as ondas agitadas por si mesmas.

«Chegava a este tempo Borja, e com aquella confiança que dão a verdade e a innocencia, foi rompendo intrepidamente por entre a confusão e o alvoroto, que á sua presença deteve o impeto, e se suspendeu o furor como por instincto.

«Perguntou a Bustamonte a causa, e, depois de informado, apresentando a mansidão no rosto, lhes disse que não estranhava sua indignação, filha só da lealdade; porém que se servissem advertir na candura, e no fim com que aquelle sacerdote fallava, a qual costuma ser a veste da innocencia, e faz facil o perdão em qualquer culpa. Que aquelle ancião era subdito seu, e que elle o puniria, para que em idade tão madura aprendesse a tratar, ou mais advertida, ou mais cortezmente a nação portugueza.

«Fallou com tanta graça e doçura, que aquelle monstro, ao qual se dava o nome de vulgo, se foi domesticando com as palavras fagueiras de Francisco, sendo a brandura aquella firme firme rocha, em que a ira quebra seus impetos.

«Não faltou entre o rumor popular quem tivesse alguma noticia de Borja, de que havia sido antes grande de Castella, de que era o mais favorecido da Rainha, e que havia tido por mulher a D. Leonor de Castro, dama tão illustre e tão conhecida da grandeza lusitana.

«Com isto se separaram mudos uns depois dos outros, deixando cair sem estrondo as pedras das mãos.

«Reprehendeu a Bustamonte o Santo Borja, e desde ali fez com que se retirasse para Castella, observando este successo como mau prognostico para o motivo da sua embaixada, e escutando n'esta casualidade uma voz da Providencia. Despediu-se d'elle o padre Bustamonte no outro dia, e caminhando com mais pressa do que esperanças, chegou á cidade de Evora, onde n'aquella tarde se entregaram á cama Dionysio e Borja, com uma febre maligna, que, embora no padre Dionysio não fosse continua, em Francisco passou a ser tão maliciosa, que o insigne proto-medico do Infante Cardeal lhe assistia, e se chamava o dr. Barbosa, dava poucas esperanças da sua vida, porque degenerou em terçã dupla, com tão fortes desmaios e outros accidentes, que, mesmo quando as forças fossem gigantes, bastariam para rendel-as todas, e apagariam a fraca luz com que podia alumiar a esperança a uma saude tão destroçada e combatida. Dispoz-se para a morte aquelle glorioso coração com os ultimos esforços de ternura e piedade; converteu-se em confusão, e pranto, todo o collegio, e em cada paroxismo consideram defunto a Borja por algum tempo, quando repentinamente tornava a surgir a vida, arrastando uma respiração com muita violencia do mais profundo do peito á bôca.

«Estava já immovel, e sobrevindo um d'aquelles grandes desmaios, perdeu todo o uso dos sentidos, achando-se sósinhos o irmão Briones e o medico, que

choravam por morto aquelle a quem viam insensivel tronco. Mas Borja, entretanto, occupava as potencias livres em dulcissima contemplação da Divindade, e commerciava com os Anjos tudo quanto os accidentes lhe negavam ao commercio dos homens. E agitado com violencia de prophetico impulso, banhado de claridade seu entendimento, despertou d'aquelle suave lethargo, e com voz forte e continuada, disse: «De que serve malograr tantas lagrimas, que podem ser preciosas, bem empregadas, e aqui são perdidas? Porventura deixaria de morrer por causa do vosso pranto, se Deus quizesse libertar-me ditosamente de tão prolixo desterro? Mas, ai, que não está sazonada a fructa para se apresentar em tão delicada mesa. Ainda faltam muitos dias de navegação borrascosa n'esta rota barquinha. Dentro de quatro dias partiremos d'aqui para Lisboa, com o favor divino, e assim será sem falta.

«Escutavam ambos estas vozes de Francisco, attonitos de que houvesse percebido sua conversação em um peito, ao parecer defunto, alento para tão grande grito, e de que parecesse prophecia, quando se achava em tal estado, que mais deveria parecer delirio, que furor prophetico. Mas aquelle cadaver começou logo a tomar semblante de vivo, e cobrava por instantes alento, com assombro do dr. Barbosa, que mandou que elle tomasse um purgante as tres horas da manhã, e Borja se preveniu desde a uma, tomando a Sagrada Eucharistia, para não privar dia algum d'aquelle dulcissimo allivio sua vida fatigada. Esteve aquellas duas horas em oração altissima, e depois, sem admittir os defensivos, que lhe havia preparado o temor de que não abraçasse o estomago aquelle remedio, tomou a sorvos a purga, como costumava, saboreando-se com o horror e com a amargura, porque pensava no precioso fel, que desde o alto de uma cruz, levantada sobre um monte soberbo, distillava doçura n'aquelle vaso.

«Chegou a Lisboa a noticia do estado lastimoso em que se achava a saude de Borja; despachou a Rainha alguns creados, que em seu nome passassem a visital-o na cidade de Evora; enviou tambem uma liteira, e muita prevenção de regalos, para o caso de o Céu lhe querer restituir a vida, e tornar a proseguir na jornada.

«Rogava-lhe que, apenas se achasse com algumas melhoras, partisse para Lisboa, por serem doentios os ares de Evora. Chegou a liteira em a noite do dia terceiro, para que se cumprisse a prophecia do santo, que no dia seguinte se poz a caminho, acompanhando-o o reitor do collegio, e o dr. Barbosa. Entraram em Aldeia Gallega, sitio onde expira o rio Tejo, tão soberbo ao morrer, que se dilata por tres leguas de largura, para chegar magestosamente ao mar. Havia mandado antecipadamente a Rainha um bergantim, no qual passasse aquelle pedaço de rio, por onde corre com presumpções de mar inchado; mas o piloto, que ia governando o bergantim, perdeu o tempo e o rumo, achando-se obrigado Francisco a tomar um barco, mal agourado dos que encontrou na praia, e entrando no barco recostado dentro da liteira.

«Iam cortando o rio, quando se levantou fóra de horas um fortissimo temporal; de sorte que, embravecido o Tejo, se levantava sobre si mesmo, competindo com o Oceano. Os delphins atravessavam, rompendo o mais aprumado das ondas, rodeando e embarcação estes annunciadores musicos da maior tormenta. Os marinheiros augmentavam com seus gritos a confusão, e, enfurecendo-se a tempestade, perderam a vela, levando tambem o vento da esperança; porque, impellido o mastro contra a agua, caiu derribado na sua mesma violencia. Não

se ouviam senão clamores e supplicas, só Borja parecia que ia dormindo, e serenamente recostado sobre a cerviz profunda do perigo.

«Mas, crescendo o pranto dos marinheiros, e vendo que a barca entrava no mais largo do rio, levantando a cabeça, disse em alta voz: «Tende bom animo, que breve chegaremos ao porto».

«Esforçaram se todos como se houvessem escutado a voz d'aquelle que tem o imperio e o tridente dos ventos no mar; dentro de pouco tempo recuperaram a véla, que andava arrastada lastimosamente pela agua, triste pompa do batel na sua ultima ruina; apenas a arvoraram, restituindo-a ao seu elemento, logo os corações e esperanças submergidas subiram tambem ao mais alto; de sorte que, rompendo por entre redemoinhos tempestuosos, chegaram perto da meia noite á praia, tendo embarcado ás duas da tarde, e sendo uma viagem só para duas ou tres horas. E para que fosse mais admirada a Providencia, que teve o Céu de Borja, no mesmo sitio, e á mesma hora que o santo fluctuava, foram a pique tres barcos, que vinham de conserva áquelle em que se achava o santo Borja, tirando a obscuridade e a confusão aos olhos de Francisco esta lastima, para que seu coração não fluctuasse segunda vez na ternura, não sendo pouca a que lhe causou esta noticia chegada pela manhã. E confessavam todos que a oração de Francisco havia sido milagroso e vivo Santelmo do seu rumo. Entrou finalmente pela barra de Lisboa victoriosamente a barquinha, dando no santo Borja um corpo quasi defunto á praia, e dentro d'elle um coração mais dilatado do que sua areia, e que palpitava sem susto dentro da mais desfeita fortuna.

«Foi repousar ao collegio de S. Roque[1], açoutado da tormenta, e combatido do mal que ainda o fatigava. Soube a Rainha da sua vinda, e mandando-o visitar no dia seguinte, lhe rogou que, emquanto se restabelecia, passasse ao palacio de Xabregas[2], real sitio illustrado e aformoseado pelo Tejo: disse-lhe que a amenidade d'aquelles jardins deliciosos, e os ares mais puros, faziam aquelle logar o mais proporcionado a sua breve convalescença. Obedeceu o padre Borja, a quem a Rainha enviava todos os dias do seu palacio a comida, com tanta solicitude e benignidade, «que não podéra, diz o padre Dionysio Vasquez, fazer mais excessos, ainda mesmo que fossemos todos irmãos seus». Deteve-se tres dias o santo n'aquella vistosa paragem, e na tarde do dia terceiro saíu a visitar um convento de religiosos de S. Francisco, vizinho ao palacio de Xabregas, que tambem olha para o Tejo, galgando as ondas quasi até ás janellas.

«Estava o céu mui sereno, sem algum signal de tormenta, senão o que principiou a soar na sua prophecia, pois exhortou os religiosos, cujas cellas eram salpicadas brandamente das aguas, que não ficassem dormindo n'aquella noite dentro d'ellas, mas que se retirassem antes para outro qualquer logar do convento, recolhendo tambem os livros, e outras alfaias, porque se encapellaria o mar mui furiosamente n'aquella noite, e trepando as ondas pelas janellas haveria grande perigo de se converterem as cellas em sepulchros, e de que as ondas sorvessem os que na cama dormissem profundamente.

«Ouviram alguns este conselho com riso; outros, que faziam alto apreço de Borja, acreditaram mais nas suas palavras, do que nas serenidades traiçoeiras

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 276.

[2] Hoje (muito alterado), fabrica de tabacos em Xabregas.

das nuvens, e das aguas, e se recolheram a praia segura antes da tormenta; a qual soprou n'aquella noite furiosamente, com estrago e lastima, como logo declarará a penna.

«Saiu Borja do convento, e apenas entrou no palacio de Xabregas, começou immediatamente a instar com seus companheiros, e com os creados da Rainha, que lhe assistiam por ordem d'ella, para que se retirassem immediatamente d'aquella casa, e fossem com elle para S. Roque, de Lisboa.

«Ignoravam todos o motivo occulto d'esta fuga inopinada, e de resolução tão importuna, que presumiam fosse nascida do amor a pobreza, desejando fugir do regalo que, entre salões, fontes e jardins, lhe offerecia aquelle sitio. Apertavam com elle para que se detivesse por alguns dias mais, pois conhecia quanto necessitava d'aquelle recreio sua pouca saude, e que ao menos esperasse até a manhã, pois sendo quasi noite, havia de parecer antes uma fuga secreta, do que saida. Representava-lhe o padre Dionysio o que diria a Rainha ao saber esta resolução intempestiva e accelerada. Mas Borja persistia com o rosto inflammado, asseverando que a pedido de ninguem iria dormir aquella noite no palacio, nem companheiro seu, nem algum creado, se tivesse eloquencia para persuadir a saida aos que viviam, onde podessem perigar com a tormenta. Tiveram de render-se todos, cegando a rasão e a vista ao dictame de Borja, que, cheio de luz, previa a tempestade obscura, que a noite forjava, e foi uma das mais pavorosas, que povoaram de destroços navaes aquellas praias. E era muito maior a claridade com que raiou dentro de sua alma o espirito de prophecia que o horror tenebroso da tormenta, ou furia que ameaçava.

«Aquella noite, pois, começaram a escutar-se os bramidos do Oceano, monstro irritado, que parecia revelar-se contra o Céu, e enroscado sobre o ar, como que mudava de sitio a todo seu elemento, e voltava a derribar-se impetuosamente, com formidavel ruido. As naus grandes da India, que estavam amarradas com fortes calabres e ancoras, quebradas as amarras, e arrancadas todas as seguranças, eram arrojadas ao alto, indo de encontro umas contra as outras; e tornavam a cair despedaçadas, algumas batendo contra as casas vizinhas, foram movediço escolho a tantos edificios firmes. O palacio de Xabregas, sendo soberbo alcaçar, que tinha sempre zombado das ameaças das ondas, e da inchação de suas montanhas, padeceu lastimoso naufragio, sendo uns lanços sorvidos e outros lanços arruinados, especialmente nos salões que deitavam para o rio.

«Assim o depõe o mesmo padre Dionysio: «Aquella casa forte, da Rainha, de onde haviamos saido, foi aquella noite tão combatida da furia das ondas, que ficou arruinada: e se houvessemos ficado aquella noite ali, só Deus fôra poderoso para que não perecessemos dentro.» Não foi mais piedosa a borrasca com o religioso convento de S. Francisco, porque entrando o mar pelas janellas, inundou as cellas, boiando livros, mesas e camas, e fluctuando muitos religiosos, que foram soccorridos por seus irmãos, e por outros vizinhos, penetrando o coração seus clamores e supplicas.

«Até hoje dura illustremente a memoria d'aquella prophecia n'aquelle sabio convento, escapando do esquecimento, que é um naufragio ainda maior[1]. Ficaram todos seus filhos com singular veneração á santidade de Borja, sendo clarins

[1] Cienfuegos. *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 277. Anno 1557.

d'este prodigio, e admiravel prophecia por toda Lisboa. Veiu esta tempestade celebrada pela historia, desde os ultimos confins da India, sem que perdesse a furia no meio de tanta distancia; e trouxe aquelle contagio pestilente, que começando esta noite, em setembro de 1557, em Lisboa, se estendeu depois por quasi toda a Europa e Africa, cobrindo de cadaveres a terra, e deixou impresso seu horror na posteridade, e um proverbio no vulgo: «No anno de Catarro». Fez depois o santo muitos sacrificios em acção de graças, e Lisboa o attendia com aquelle semblante, com que a admiração observa até os ademanes de uma santidade heroica, enchendo se as varandas e as ruas quando passava Borja, com adoração profunda, que ao dobrar o joelho, lhe trazia a confusão todo o sangue á face.

«Apenas se achou um pouco fortalecido, foi beijar a mão, acompanhado da estima e do respeito. Logo que a Rainha o viu, não poude dissimular o prazer, nem quiz esconder o pranto, luctando as memorias tristes de seu monarcha defunto, com a consolação de ter em seu palacio a Francisco, a quem reverenciava vivo, como a grande santo. Passou logo a beijar a mão a El-Rei e ao Cardeal Infante D. Henrique, porque o Infante D. Luiz, seu objecto amado, já tinha morrido. Todos se persuadiram em Lisboa que Francisco vinha visitar os collegios da Companhia, pois era commissario geral de Hespanha; só a Rainha D. Catharina soube da embaixada secreta, a respeito da qual teve largas conferencias com o padre Borja. Concordaram ambos em que seria erro intoleravel contra a prudencia, e até mesmo contra os interesses de Castella, dar publicidade a taes negociações, pois sobre parecer odioso á vida de um Rei menino, e agouro o mais funesto para o publico, quando não quer o Direito que se providenceie importunamente um acaso tão ominoso. Alem do que estava ainda com alguma robustez o Infante Cardeal[1], que depois occupou dignamente a corôa, e era algum presidio ainda que fraco, para a esperança, se succedesse alguma tragedia.

«Sobre estes poderosos motivos estavam os animos tão mal dispostos, que se divulgassem aquellas conferencias, se levantariam mais ondas no peito lusitano, que em a noite passada com o Oceano. E, como disse com sensatez a Rainha (informada do que havia acontecido em Evora Monte a Borja), «nos apedrejariam a mim, e a vós, como quizeram fazer a um vosso companheiro, na entrada de Portugal.» E se o zêlo está tão vivo á porta, como andará aqui no coração da Monarchia? Despacharam ambos um expresso a Carlos V, com a cifra combinada, apresentando os motivos que faziam impraticavel aquella maxima. E alem d'isto visitou tanto o padre Borja alguns collegios mais vizinhos d'aquella provincia, a quem olhava com especial carinho, e com inexprimivel ternura, não se deixando exceder n'este ponto da nação portugueza.

«Por esta occasião lhe remetteu a Rainha D. Catharina um pomo grande de crystal, com flor de canella distillada, como quinta essencia preciosa; de tanta fragrancia, que trazia á lembrança o vaso de alabastro da Magdalena, e se esperava que fosse isto um remedio para o estomago de Borja, e que ficasse espirituoso aquelle corpo debil e macilento. Porém o irmão Briones, occupado n'outro exercicio, tropeçou incautamente no pomo, o qual, caindo sobre uma pedra, se

---

[1] Mignet prova que as propostas do Rei de Castella foram do agrado da Rainha. V. *Charles Quint, son abdication, etc.*

fez em migalhas, derramando pelo aposento toda a preciosidade, e toda a esperança n'aquelle remedio, espalhada com o bom cheiro. Logo que o santo deu fé de tal, perguntou a causa ao seu companheiro, que, referindo o acontecido, ou o acaso, mostrava no rosto que tinha o coração afflicto e attribulado. Olhou para elle Borja, com algum riso, e lhe disse, patenteando-lhe o coração: «Meu irmão, até aqui temos vivido sem esse regalo ou remedio; porque não poderá, pois, passar sem elle d'aqui por diante o padre Francisco?

*
* *

«Ficou o Cesar tão convencido das rasões, que apresentava a Rainha e o santo Borja, que lhe escreveu logo não passasse adiante n'aquellas negociações, escondendo-as no mais recondito do silencio, e mesmo do esquecimento; e que logo que estivesse bem assegurada sua convalescença, partisse para Yuste, onde o desejava. Ao despedir-se lhe pediu o dr. Barbosa, a cujo amor, sabedoria e cuidado, desejava parecer agradecido, que servisse de empenho para com o Cardeal, para que quizesse admittir no insigne mosteiro de Religiosas Bernardas, a uma legua de Lisboa, uma sua filha; e, ainda que o dr. Barbosa se offerecia a pagar o que o convento pedisse, tinha esta supplica duas difficuldades insuperaveis á prudencia humana; uma, que aquella religiosa donzella havia muitos annos que jazia, não só enferma, mas até mesmo quasi tolhida, sendo inutil para tudo que não fosse dar bom exemplo; a outra, que n'aquelle insigne monumento entrava só a grandeza do reino, e era aquelle sitio como um jardim real[1].

«Porém ambas desappareceram a pedido do santo: e o Cardeal infante, com aquella generosidade, que não soffria limites dentro do seu coração, offereceu tambem o dote, deixando o proto-medico banhado em lagrimas de alegria, e deixando mudo o reconhecimento ao santo Borja. E ainda acrescenta confusamente o padre Dionysio, que lhe alcançou sua oração outros bens do Céu, reconhecido á saude, da qual sua mão havia sido o instrumento. Pois a mostrar-se sempre agradecido o incitavam as duas prendas de cavalleiro e de santo, porque ambas influem memoria até nas aguas do Lethes.

«Chegado a Yuste, declarou com mais extensão a Carlos V, o que tinha dado a entender na carta; e o Cesar lhe agradeceu a fadiga d'esta jornada, e o tino com que havia manejado dextramente a empreza, que, se a tivesse continuado a ousadia, ter-se-hia accendido uma inextinguivel lavareda, na qual se abrazaria a concordia publica.

«Havia o santo Borja tido larga oração sobre este ponto, e movido do Espirito Santo, depois de ter dito a Carlos V que era mister não menor exercito para esta empreza, do que para conquistar aquelle reino com a espada, acrescentou, respirando com intervallos seu peito o sopro divino: «Senhor, não é tempo agora de tratar d'este assumpto; não é tempo agora. Eu tenho uma esperança concebida, a qual se estriba sobre firme columna, de que com muita brevidade, por caminhos occultos, estes reinos hão de vir a unir-se; e o que Vossa Magestade

---

[1] Este convento não pode deixar de ser o de Odivellas; mas fica a duas leguas de Lisboa, e não a uma, como diz o auctor.

desejava para o neto, ha de se cumprir antes em seu grande filho, o senhor Rei Filippe Segundo.»

«Escutava o Cesar este presagio quasi attonito, e como não ignorava o hospede, que costumava agitar o peito do santo, e que nunca dava sua bôca, nem eloquencia, nem rasão ao vento, confessava o proprio Imperador, que não tinha ousado perguntar o motivo. Mas ficou cheio de confiança, e se viu alterado seu rosto com mostras de jubilo, dando á fé tudo que havia de conceder á alegria. Esta foi a ultima, e a quarta vez, que Borja se viu em Yuste com o Imperador. Ao despedirem-se, se apertaram com mais ternura os braços, e mudos um e outro com a abundancia de affectos, se entregaram ás lagrimas, que vaticinavam os successos futuros, pois tambem os olhos algumas vezes sabem ser cysnes.

*
* *

«CAPITULO XXIII.— Passa Borja pela terceira vez a Portugal, fugido de Castella; e depois de ter illustrado Evora, e Coimbra, e assistido á fundação de um collegio em Braga, e admirado Lisboa, retira-se para a cidade do Porto, onde se dá nobre principio a outro collegio. Passa desde Santins a reverenciar o cadaver victorioso do invencivel patrono das Hespanhas, o apostolo S. Thiago.

«Arrojavam-se as ondas á praia, como succede talvez na maior borrasca, que tambem sabe ser tábua segura a tormenta; intentavam seus emulos que sossobrasse no mar alto, e a mesma perseguição o conduziu á praia, sem molhar a roupa, e sem soffrer detrimento na costa[1]. Porque, informada a Rainha de Portugal, D. Catharina, e o Cardeal Infante, por cartas da Princeza, da tempestade em que Borja fluctuava, lhe escreveram immediatamente para que viesse para Portugal, onde necessitavam de sua pessoa e de sua prudencia.

«Recebeu a carta do Infante Cardeal em Montilla, e n'ella lhe rogava enviasse dois insignes mestres jesuitas, que fossem as primeiras ricas pedras d'aquelle alcaçar da sabedoria, que em Evora fundava, do qual se ha seguido tanta gloria, correndo-se os véus mais subtis ás sciencias, e rasgando Apollo suas cortinas. Dizia-lhe o grande bem que tinha experimentado Evora n'aquelle collegio da Companhia; e o ultimo capitulo acaba dizendo: «E já que estaes tão perto, que, segundo me escreve o padre Gonzalez, podem ser quarenta leguas de Evora, receberei grande contentamento, se no regresso para Castella quizerdes vir ver esta minha universidade, e os principios que n'ella se põem ás lettras, o que será de tanta consolação para os mestres, que se hão de animar para fazerem com sua doutrina mais serviço a Nosso Senhor, e hão de se esforçar a trabalhar para fructificarem com ella. E crede, que nenhuma cousa estimarei mais, do que a vossa vinda; pelo que terei por grande mercê que tenhaes por bem tomar este trabalho por amor de mim.—Nosso Senhor guarde vossa illustre e reverenda pessoa.—Em Lisboa, 11 de novembro de 1559.= *O Cardeal Infante.*» E começava a carta: «Mui illustre e reverendo senhor».

«A Rainha lhe enviou uma liteira, da qual Borja não fez uso, porque lhe pareceu poderia ir a cavallo, ainda que estava indisposto. Enviou adiante dois sabios mestres para Evora, que foram o padre dr. Pedro Pulo Ferrer, natural de

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 298, anno 1560.

Malaga, um dos homens mais eruditos que deu á Hespanha a Andaluzia, chamado em Portugal «Bibliotheca viva», e estando muitos persuadidos de que teve sciencia infusa; e o padre dr. Fernan Perez, que foi ler na cadeira de vespera, engenho a quem as Historias de Portugal chamam portentoso, podendo Cordova contar em o numero dos mais celebrados, a este seu filho.

«Partiu, pois, o santo Borja para Portugal desde Montilla, acompanhado do padre Bustamonte, do irmão Marcos, e do padre dr. Saavedra, com quem n'aquelle tempo se confessava; saiu ignominiosamente arrojado da sua patria o grande Francisco de Borja, e foi recebido com incrivel goso, veneração e ternura, em paiz estrangeiro; porque sempre um elemento abraça o que outro larga, e os principes têem mais qualidades dos primeiros elementos, do que os outros homens.

«Deixou Borja uma cifra em Toledo (para onde passava então a côrte), ao padre Pedro Domenek, para que por meio d'ella o avisasse do rumor, que se levantasse entre os palacianos e os cortesãos a respeito da sua ida para Portugal. E era assim que as espumas e as ondas iam muito mais altas, enfurecido o mar de que houvesse chegado a terra esta baixel. Chamavam a esta ausencia fuga ignominiosa, e diziam que acreditava o que tinha bruxuleado a suspeita: e quando gosavam alguns por elle lhes ter deixado livre o campo, accusavam o motivo do seu mesmo goso. Mas Borja ia visitando com passo lento os subditos e ovelhas, que Deus lhe havia entregado. Considerava que seu valimento no palacio era toda a rasão da malicia, e o sopro d'aquelle incendio: e queria deixar o branco ao odio, para desarmar o tiro, e remover a causa para que descançasse a inveja. E se este monarcha escondesse alguma fatal ira dissimulada, queria afrouxar a corda ao arco da indignação, com a distancia, ou pôr-se fóra do alcance do tiro, para que o não alcançasse a frecha. Sua fuga era a do magnanimo, que Homero pinta em Ajax, e a compara á do leão, que agita magestosamente a espadua sem perder o decoro á sua melena; e acossado dos cães, e dos veados, em campo aberto, se retira com tanta magestade, que parece mais desprezo de tantos inimigos, do que fuga, a qual é n'elle mais valorosa, do que o rompimento de batalha contra outra fera.

«Em Evora foi recebido pelo Infante Cardeal, que regressava de Lisboa, com amor inexprimivel á pena. Rogou-lhe que prégasse na cathedral nos domingos de quaresma, porque a cidade estava anciosa por o escutar; e os padres dominicos, que estavam na posse de prégar durante aquelles dias, foram os primeiros a supplicar-lhe que quizesse illustrar aquelle anno o pulpito, cedendo gostosamente do seu direito.

«A commoção causada por seus sermões em Evora encheu os sentidos dilatados da esperança, que se tinha concebido; porem, achava-se tão enfermo, que o levaram em braços do collegio, e posto sobre uma mula até ao atrio da igreja, era mister leval-o em braços ao pulpito, com admiração do auditorio ao ver aquelle Job renascido, no qual sómente a lingua estava desembaraçada, e florescente a eloquencia. Conhecendo certo dia que não poderia esforçar a voz de modo que despertasse um coração somnolento, porque a enfermidade o tinha prostrado de todo, mandou supplicar ao Infante que o tivesse por escusado, pois a debilidade tinha tomado posse do seu corpo e da sua rasão. Respondeu Sua Alteza, que não havia necessidade de que fallasse, mas que subisse, levado em braços, ao pulpito, de onde prégava mudamente seu exemplo, e levantava mais o brado

do que o escandalo quizera. Quiz o Infante Cardeal fazer um como que alarde de toda a sabedoria, para que o santo Borja viesse juntar n'um ramilhete todas as sciencias e as insignias proprias, estendendo as aguias suas pennas. Mandou que viessem todos ao seu palacio, de onde sairiam formados em fileiras vistosas. Concorreu toda a juventude e nobreza, de gala, e o cabido honrou esta pompa, saindo a fechar o esquadrão Sua Alteza, que illustrava cada insignia com o reflexo da sua purpura. Ia ao seu lado o veneravel padre Leon Henriquez, reitor do collegio e da universidade, e seu confessor, deixando-se ver pelas ruas de Evora respeitada e movediça a sabedoria.

«Deixou-se ficar o santo Borja no collegio, negando-se á assistencia n'aquelle triumpho, em que Minerva se viu mais ufana, do que Marte ao triumphar em Roma. Quando chegava ao collegio aquelle luzido troço, saiu o divino Borja á porta, acompanhado pelo cozinheiro e por outros irmãos; deitou-se aos pés do Infante Cardeal, que, não querendo ouvil-o antes que elle se cobrisse, e não podendo conseguil-o de Borja, lhe fallou tambem em pé e descoberto, apesar de ser Cardeal.

«Fez Borja um breve discurso panegyrico em louvor da magnificencia e zêlo, com que tinha erigido uma outra Athenas na Lusitania, que havia de resuscitar da Grecia. Foi aquelle discurso tão cortezão, como se sua memoria tivesse sempre prompta uma oração profundamente meditada, achando na sua eloquencia promptas côres e pinceis para qualquer quadro. Abriu logo caminho para a desculpa, não menos humilde do que attenta, por não ter ido na procissão, dizendo que não devia ser contado em uma resenha, que faz a sabedoria, nem introduzir-se entre os homens doutos, elle que tinha sido leigo durante a maior parte dos seus annos: «E, que, por isso, tinha resolvido deixar-se ficar entre os irmãos leigos».

«Admirou-se o Infante d'esta humildade em ponto tão subido, e o acompanhou na admiração tão grande auditorio sabio, triumphando d'esta sorte Borja da presumpção vã (a qual costuma ser qualidade infusa da sabedoria), com mais admiravel pompa, do que aquella, em que Minerva acabava de ostentar suas victorias e estandartes. E n'esta profunda humildade de Borja se abriram os alicerces á torre mais alta, que é divisa e fortaleza á escola da Companhia; pois não muito depois começou a dictar e a defender em Evora o padre Luiz de Molina áquella maxima batalha, a que o mesmo chama fructo da universidade de Evora, e se póde chamar igualmente fructo da humildade de Borja.

«Visitaram logo o Cardeal e o santo as aulas com todo aquelle lustroso acompanhamento. Depois subiram ambos a um corredor, que estava sobre o pateo da universidade, em um quarto, que para seu retiro edificou aquelle principe religioso; estiveram por largo tempo fallando ácerca de assumptos espirituaes, e no que tocava ao estabelecimento, e duração d'aquella machina real, bebendo e impondo dictames mais sabios, do que os que formou o engenho nas escolas, que não costumam aprender-se das aguias. Os exemplos de Borja, por estes dias, foram á cidade de Evora e á Companhia uma fertil chuva, na qual as nuvens arrojam espigas sobre a terra. Juntou certo dia a communidade para a pratica, e logo que teve junta, exclamou Borja: «Oh quanto melhor se préga com as obras, do que com as palavras! E logo dobrando os joelhos, foi beijando os pés a toda a communidade, que não poude ver sem muita ternura esta acção, arrancando mais gemidos uma novidade tão inesperada, do que soubera exprimir a mais facunda energia. Iam os jesuitas com os hombros opprimidos a levar agua

aos carceres do arcebispo e da cidade, a varrer as salas dos hospitaes, e a fazer as camas aos doentes; de sorte que pegou o fogo d'esta caridade em a nobreza, até competir n'esta gloria com a Companhia.

«Causava edificação singular ver tantos illustres fidalgos, tantos jovens florescentes caminharem desde a fonte mais pura em tanta distancia, com um cantaro ao hombro, consolando aos infelizes presos com agua apetecida, e com muitas esmolas. Andavam os irmãos estudantes em affectos fervorosos; parece que n'isto só empregavam seus estudos, e as delicadezas de seus engenhos. E toda esta chamma teve sua origem n'uma faisca, que saltou do peito de Borja. Sua prudencia povoou de subditos grandes o collegio de Evora, onde, entre outros, tomou a roupeta um illustre prebendado de rara sabedoria, cujo entendimento era um dos pharoes da Lusitania.

*
* *

«Achou-se Borja alguma cousa melhor, e a Rainha tornou a enviar a sua liteira para que passasse a Lisboa, onde apresentou seus respeitos a El-Rei D. Sebastião, e achou um abrigo contra a calumnia no coração da Rainha D. Catharina; fallaram os dois confidencialmente ácerca dos pontos mais delicados, e o coração varonil d'aquella regia matrona descobriu novos motivos para desprezar os tiros da inveja, e zombar da colera do vento, levando a tranquillidade á alma. Passou a Coimbra, onde inflammou inextinguivel chamma nos da Companhia; fez muitas praticas fervorosas, e movidos os irmãos estudantes, do seu exemplo e das suas palavras, lhe iam pedir licença para fazer as mortificações publicas as mais heroicas[1]. Prégou n'um domingo, depois da Paschoa da Resurreição, com tanta energia, que bastava só este caso para deixar em Coimbra eternizada sua memoria. Liam-se quatro cursos de philosophia, e dez classes de humanidades n'aquelle regio lyceu, que fabricou á Companhia o glorioso Rei D. João; e Borja distribuiu o sermão e a vida espiritual n'outras tantas classes, que as fez todas de rhetorica sua facundia, e sua piedade de theologia mystica. Concorriam os cavalleiros e ecclesiasticos a escutar suas respostas, e o que decifrasse seus enygmas, pelo que ás vezes chegava tarde ao refeitorio, e a outras funcções domesticas; punha-se então de joelhos, e pedia penitencia por aquella falta, como se assim o fôra o ter-se detido em utilidade forçada d'aquella republica. Se usava da auctoridade de commissario para não admittir allivio algum, pois querendo o padre ministro, que mudasse de vestido, porque o que trazia, passava de ser pobre a ser pouco decente, nunca Borja o consentiu, e obrigou a que lhe restituissem sua roupa conhecida. Mostrava-se singularmente affavel para com todos.

«Porém iam opprimindo seu espirito ditoso as dependencias do seculo, buscando-o abertamente o reino, como canal dos favores do palacio, e para fugir com o corpo, e muito mais com a alma, a esta chusma embaraçadora, partiu para Santins, casa de recreio do collegio de Coimbra, sitio saudavel e ameno, nos confins de Portugal, perto do reino de Galliza. Chegou nos principios de agosto a cidade do Porto, fundada sobre o rio Douro, que a curta distancia morre sub-

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 300. Anno 1560

mergido pelo mar. Foi dormir ao hospital de S. Roque Amador; mas, logo que se soube da sua vinda, o foi visitar o bispo D. Rodrigo Pinheiro, a cidade e o cabido, e entrava pelo hospital o vulgo para reconhecer aquelle varão portentoso, a quem a fama por toda a parte cognominava santo, ou divino.

«Apenas o bispo chegou, quando Borja, postos os joelhos no chão, lhe beijou mão, e lhe pediu sua benção, inclinada reverentemente a cabeça até aos pés d'aquelle prelado, que o abraçou, e contemplava uma e outra vez no seu rosto o retrato mais vivo do exemplo.

«Havia feito missão n'aquella cidade o padre Francisco Estrada, e deixado tão bom cheiro á Companhia, que o bispo, a nobreza e todas as margens do Douro desejavam eternisar n'aquelle sitio o nosso instituto, especialmente o nobre e piedoso fidalgo Henrique de Gouveia, que se dispoz a levar o santo Borja a sua casa, e convertel-a em collegio da Companhia. Prégou um sermão o padre Borja, e partiu para Sanfins no mesmo dia, ainda que teve de voltar logo, instado da fundação de Gouveia, e do bispo, que, quando lhe pediram licença para adornarem a capella, na qual Borja exercitasse com seus subditos os ministerios, levantou as mãos e o rosto ao Ceu, a cuja piedade reconhecia este beneficio, que trazia a suas ovelhas tão doces pastagens. Em dia de S. Lourenço d'este anno de 1560, se poz na capella d'aquella illustre casa o santo, disse missa o padre Francisco, e ficou transformada em collegio, tendo feito vir o santo commissario alguns jesuitas de grande credito, para dar glorioso principio á fundação do Porto, a cujos cidadãos olhou sempre Borja com especial carinho, enamorado do seu genio e do seu clima, no qual os ares mais sãos purificavam sua vida quebrantada, e tornavam a respiração mais deliciosa.

«Foi inexplicavel a satisfação da nobreza n'aquelle dia, passando a solemnisal-o o povo com harmonia ruidosa. Porém, ainda foi mais celebrado da piedade no coração da Rainha D. Catharina, a qual escreveu logo uma carta ao santo Borja, na qual dizia:

«Padre Francisco.— Soube agora, como passando vós por essa cidade, o o bispo, juiz e vereadores, vos pediram que estabelecesseis n'ella um collegio, por causa do grande fructo, e serviço de Nosso Senhor, que esperavam se faria. E tambem soube que vós lh'o concedestes, e que estavam já na cidade alguns padres, pelo que recebi muita consolação, pois sempre desejei que a Companhia se estabelecesse n'essa cidade. E porque terei muito gosto se derdes ordem sobre a maneira como se perpetue, pois d'isso se espera grande fructo, vos rogo muito que assim o façaes. Eu escrevo ao bispo, juiz e vereadores ácerca d'isto, e tenho por mui certo que hão de folgar em dar toda a ajuda e favor necessario para bem d'ella.

«Escripta em Lisboa, a 26 de agosto de 1560.»

«Tal foi o amor á Companhia, e a veneração ao santo Borja, d'esta clarissima mulher, com quem dividiu o Cesar, seu irmão, todo o valor e em correspondencia repartiu ella com seu augusto coração a piedade.

«Aos primeiros passos da fundação, no Porto, se offereceu um grande escolho (qualidade inseparavel das grandes operações—nascer entre as difficuldades). E posto que se abaixavam os montes, que oppunham á nova fabrica suas frontes, e suas cervizes, se achou Borja combatido desesperadamente de seus achaques, e

se retirou para Sanfins, ou para outro visinho recreio, onde se entregou todo á solidão, convalescendo com o que bastava para roubar todo o calor a um corpo estatico, que olhando sempre para o Céu, parece que se não alimentava, senão como flôr immovel, do orvalho.

«Passou d'ali a Braga, a dar começo a outro collegio da Companhia, que estava fundando o veneravel arcebispo de Braga, Fr. Bartholomeu dos Martyres, segunda estrella da religião dominicana. Consolou-se muito aquelle prelado, varão divino, com a presença de Borja, o qual prégou repetidas vezes na cathedral, com admiração dos homens. Succederam muitas conversões assignaladas, das quaes fazem illustre memoria o padre Telles, e outros escriptores. Entraram alguns individuos nobres para a Companhia, e o arcebispo tinha Borja na conta de um apostolo vestido de fogo, por cuja lingua explicava suas maximas o Espirito Santo. E reciprocamente o padre Francisco respeitava n'aquelle pastor sabio, e zeloso, um d'aquelles prelados da primitiva igreja, digno de um grande altar na veneração e na fama, no qual o silvo ás vezes foi brando arrulho, e ás vezes trovão espantoso, até que, retirado á solidão, e ao silencio, arrojando ao chão o peso da mitra, abriu com a chave da sua cella uma porta á quietação da vida, e outra antecipadamente á gloria, vendo sossobrar tantos no mar desde a praia, e quebrarem-se em sua mesma inchação montes de espuma.

«Regressou á cidade do Porto o padre Borja, onde encontrou já tranquillas as ondas, como em sitio proprio para a bonança. Começou a cultivar aquella dilatada vinha com afan, e com suor da alma, como se a saude fosse a mais robusta, ia com o padre Bustamonte a visitar os hospitaes, levando consolação e soccorro a tantos infelizes. Prégou muitas vezes na igreja de S. Francisco, com immenso concurso; e nas sextas feiras de quaresma em S. Lazaro, fóra da cidade, seguindo-o, como em tumulto, o povo todo. Tambem prégou frequentemente na cathedral, nas parochias, e na igreja da Companhia, embora tão acanhada. Confessava innumeraveis penitentes, assistia aos enfermos, e occupava-se em lhes dar os exercicios. Iam muitos receber a Sagrada Communhão de sua mão, e, ao virar-se com o augusto Sacramento, fazia uma breve exhortação ao concurso, em que cada syllaba era um ardente gemido, e cada sentença uma lavareda de fogo. Nos dias festivos saía pelas ruas com a campainha na mão, convocando o povo, e explicava a doutrina em algum sitio largo. Seu coração era aquella fonte que ás vezes lança chammas, e ás vezes ondas: porque derramava lagrimas, e dardejava palavras inflammadas.

«Certo dia que Borja estavà para dizer missa, succedeu aquelle eclypse do Sol, que ao principio derramou sangue em vez de espargir luz, e depois se vestiu de luto ao celeste globo, e passou a ser negro cada raio; occuparam tão espessas trevas aquelle contente coração, desde o dia que padeceu lastimoso deliquio até no seu melancolico aspecto, e se deixavam distinguir as estrellas, como se o monarcha estivesse ausente, ou defunto. Andavam attonitos os cidadãos, errantes uns pelas ruas, e templos, outros cobardemente fugitivos pelos campos, eclypsada, tambem, em grande parte, a luz da rasão em muitos. Foi curar-se innumeravel chusma á nossa casa e á igreja, procurando as azas de Francisco de Borja, cuja santidade ponde allumiar a esperança n'aquelle dia. Davam alaridos espantosos, que, anoitecendo o tempo, formavam pios tristes de passaros nocturnos. Acabado o Evangelho, voltou-se Francisco para o povo, e começou um arrazoado o mais discreto, o mais eloquente, e o mais devoto; declarou a causa natural d'aquelle

eclypse de Sol, interpondo-se descortezmente a Lua, para escurecer sua face formosa. Passou logo d'este eclypse natural ao que padece a alma por causa da culpa, terra grosseira e villã, posta de permeio ousadamente entre a Divindade e o homem; representou com viveza o eclypse funesto, com que obscurece um peccado á alma.

«N'este theatro se occupava o zêlo de Borja, quando chegaram repetidos expressos com o aviso de que se ia augmentando mais a tormenta em Castella: que com sua ausencia ía a pique sua honra, e havendo escapado o corpo da borrasca, fluctuava muita honra na sombra. Respondeu uma e outra vez o santo, com um suspiro, que n'aquella materia podia ser algum tempo mudo. Serenava ligeiramente o rosto, e tornava a occupar-se do governo, e do cultivo d'aquelle campo. Escreveu differentes cartas ás provincias, despachava para os collegios varias ordens e providencias: inflammava os corações com suas palavras, sendo muito nobres e grandes os engenhos, que pediam para entrar na Companhia, o que esforçou rhetoricamente Henrique de Gouveia, cuja memoria merece uma estatua de oiro em templo mais culto; sua vida foi uma reprehensão á nobreza relaxada; seu exercicio a assistencia aos enfermos, e hospitaes, e á Egreja; sua bôca um instrumento de fogo, que aquecia o peito mais frio, e empregava sua eloquencia em conquistar a juventude mais gentil para a Companhia, onde foi recebido antes de morrer, enfermo de uma doença contagiosa, proveniente da caridade, que tornou doentio o alento de sua vida, e encheu sua morte de fragrância. Deixou tres prendas á Companhia, em tres filhos seus, vestidos da roupeta da religião, e de modestia, os quaes, devendo a seus illustres paes a primeira respiração, a beberam em ultimo logar.

«Os principaes jesuitas de Toledo desejavam que tornasse á côrte o padre Francisco, e enviaram ao padre Nodal, para lhe declarar verbalmente os motivos que tornavam urgente seu regresso a Castella, porque viam crescer a tempestade com a ausencia, e boiar a calumnia sobre a borrasca. Mas Borja, com illustração divina, tinha reconhecido quanto por então importava aquillo, a que davam o nome de fuga; e era animo o soffrimento, e mesmo prudencia; e ainda que conspirava para este mesmo dictamen o padre Laynez, por causa das representações, que lhe fizeram desde Castella, deixava, comtudo, o assumpto ao arbitrio de Borja, e que escolhesse sitio e collegio, que parecesse mais opportuno para sua residencia. Expressava Nodal com rara energia as rasões que accusavam de menos prudente aquella fuga, e sendo tão grande mestra a experiencia, ella mesma o acreditava no que a tormenta crescia; pois como póde ser remedio aquelle com que cobra alento e forças o mal?

«Será maior cordura, accudia Borja, lançar cebo na chamma, e dar nova materia á ira com minha presença, havendo sido ella mesma na côrte toda a rasão da inveja? E se ha de servir para a defeza, não será mais valor christão fugir o corpo á indignação enfurecida, do que não puxar da espada? Mas é mister advertir, replicava Nodal, que a emulação cega-se no mais vivo da luz, e da mesma paciencia faz argumento da culpa, que, não podendo ferir o corpo, se irrita contra a sombra, qual touro perseguido na praça; que os inimigos dizem ser esta fuga propria da cobardia de uma consciencia atormentada, e que se estivesse seguro o baixel na innocencia, não fiaria sua honra Borja de tão infame tábua; e, abusando da voz, acrescentam que esse mesmo sitio do porto é naufragio. Se a inveja está mais furiosa, tornou a replicar Francisco, será porque se vê desarmada com a

minha ausencia, e esse mesmo despeito da raiva, antes acredita essa mesma fuga de prudente. Meu padre Nodal, quando o inimigo sente muito algum movimento do exercito contrario, não deve elle estar bem, a não ser que tenhamos de crer que attentam elles contra a minha honra, e que por isso lhes doe tanto esta minha ausencia.

«Eu ando por este reino cumprindo com as obrigações de meu officio: obedeço aos monarchas lusitanos, cujo preceito é uma cadeia de oiro, que me prende nos seus dominios. Desejo parecer mudo nas accusações de meus emulos: resolvo-me a deixar minha honra defunta em Castella, se a Providencia a não quizer resuscitar. Só estranho, que chamem a esta cobardia, ou fuga temerosa, porque estou persuadido que são estes os passos, por onde caminha com lentidão o soffrimento, que é todo o valor christão. Senão, dizei-me, foi porventura cobarde ou réu da prudencia, o discretissimo rei David, por fugir com o corpo a Saul, cuja lança tinha a ponta molhada em uma erva venenosa, que se chama inveja? Cedeu o padre Nodal, ou á representação ou á eloquencia de Borja; o mesmo fizeram desde Castella o padre Araoz e outros jesuitas, venerando, não tanto as rasões, que expressava, quanto as que escondia inspiradas de prudencia mais alta. Escreveu Borja do Porto ao padre Laynez, a respeito da pobreza em que se achava aquelle novo collegio, mas que o estimava mais do que ao palacio mais opulento e mais delicioso. Que não ignorava a summa pobreza da Companhia em Roma: materia, em que lhe podia ter inveja, mas que se via dentro de uma curia, frequentada da novidade, e da inquietação quasi perpetua, quando no Porto achava a mesma pobreza sem aquelle bulicio, desejando acabar sua vida fatigada n'aquelle retiro ditoso. Porém, Laynez, entretanto, andava solicito em arrancar da Hespanha ao padre Borja, e collocal-o onde não o alcançasse a fortuna, ou a inveja. O mesmo desejava seu grande parente e leal amigo o cardeal de Este, e não menos o Summo Pontifice Pio IV, informado por cartas reservadas da Princeza e da Rainha D. Catharina, da infame tormenta, em que fluctuava, impellido da emulação aulica; porque meditava uma nova e admiravel reforma n'aquella curia: desejava introduzir nos tribunaes a justiça; pôr um freio de ferro á liberdade escandalosa; estabelecer no mundo os irrefragaveis direitos do Trindentino, a cuja ultima reformação queria que se achasse Borja, e que passasse antes á côrte romana. Repetia muitas vezes que tão esclarecidos varões deveriam estar sempre ao lado dos Summos Pontifices.

«Chamou Sua Santidade ao padre Laynez, e lhe perguntou se a saude do padre Borja poderia emprehender uma jornada prolixa. Porque necessitava d'elle em Roma, para muito bem da Egreja. E estava tão informado da submissão do seu espirito, e de sua obediencia, que, se o chamasse sem esta consulta, não duvidava de que emprehendesse a jornada, mesmo que estivesse quasi moribundo. Celebrou Laynez dentro de seu peito esta occasião, que offerecia a Providencia para honra da Companhia e do padre Borja. Respondeu que seus males, embora tão prolixos, não bastavam para impedir-lhe as visitas dos collegios, caminhando sem abrigo, sem tempo e sem reparo, de uns logares para outros, e que ainda antes de chegar o preceito, se elle soubesse esta insinuação de seu gosto, se poria sem duvida a caminho, quando mesmo desde Portugal até Roma tivesse de vir arrastado. Pois mandaremos immediatamente, disse o Papa, um breve apostolico, exhortando-o a emprehender esta fadiga em serviço da Egreja. Enviou, pois, o breve, o qual vae traduzido aqui fielmente, pelo qual se verá que o veneravel

Borja achou nas margens do Tibre toda a festa e honra que lhe negaram os Reis de Castella.

«Pio Quarto, ao amado filho em Christo, Francisco de Borja.— Amado filho, saude e benção apostolica.— O cargo do officio pastoral, que o Senhor poz sobre nossos hombros, é maior do que as nossas forças e merecimento, nos obriga a desejar ter perto de nós, n'esta santa cidade, abundancia de bons e fieis ministros, para ajuda das almas, n'este tempo tão necessitadas. E porque entre as outras religiões, das pessoas que se têem dedicado ao serviço de Deus, se vê claramente que a Companhia de Jesus foi fundada pelo mesmo Deus, que lhe deu seu santo nome, como o testificam os grandes e copiosos fructos, que até agora ha produzido, e cada dia produz na Egreja, nos pareceu mandar-vos chamar a Roma, a vós, cuja vida e santas obras, derramam tão suave cheiro, e fragrancia em todas as partes, de modo que podemos confiar que vosso ministerio e serviço nos será proveitoso. Pelo que, entendendo que a devoção e reverencia, que tendes a esta Santa Sé, é tal, que não haverá mister outros mandados nossos mais urgentes, vos exhortamos no Senhor, que o mais cedo que poderdes (não havendo enfermidade que vos estorve), venhaes a esta santa cidade; pois é nossa vontade, que de tal maneira façaes esta jornada de maneira que tenhaes attenção com a vossa saude. Ser-nos-ha mui grata a vossa vinda, e de grande consolação para todos esses vossos irmãos, que residem em Roma, e vos esperam com grandes desejos.

«Escripta em Roma, no palacio apostolico de S. Pedro, e sellada com o annel do Pescador, a dez dias do mez de outubro de 1560 annos, que é o primeiro do nosso Pontificado.= *Antonio Floibello, Bispo Avelino.*

«Recebeu este breve o humilde Borja com uma carta de Laynez, em que o exortava a partir quanto antes para Roma, a não ser que as circumstancias em que se achasse, ou alguma maxima occulta da prudencia o obrigassem a dilatar a jornada. Pareceu a Borja que devia representar ao Papa, que tendo-se notado algumas doutrinas impressas sob o seu nome, se faria suspeito passando á Italia antes que o Santo Officio tivesse procedido a averiguações, e aquillo que desejava que fosse tido por perfeita obediencia, se tivesse por fuga vergonhosa. Enviou esta resposta por intervenção do cardeal Ferrari, e o Papa lhe escreveu segunda vez com palavras cheias de benignidade, e de honra, mandando-lhe que emprehendesse desde-logo a jornada, e que viesse seguro de que a Santa Sé olharia pela honra d'elle, e que sua reputação vivia dentro do seu conceito tão pura, que antes presumiria uma torpe mancha no mais bello planeta. Escreveu-lhe tambem novamente o padre Laynez na mesma substancia, e Borja inclinou com humildade a cabeça, e retirando-se para Sanfins, começou a dispôr com a maior brevidade sua jornada[1].

«A primeira disposição foi uma confissão geral de toda a sua vida, a qual fez com o padre Nadal, limpando com abundancia de lagrimas não sómente suas culpas, mas até mesmo as mesmas letras, nas quaes as trazia declaradas. Escreveu a Filippe II annunciando sua partida para Roma; veiu visital-o a Sanfins o bispo de Tuy, que depois foi de Leon, e saíu tão admirado d'aquelle commercio

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, anno 1561, pag. 304.

divino com o espirito de Borja, e com tão grande amor a Companhia, que pouco depois deu principio ao collegio, que na antiga e nobre cidade de Leon possue a Companhia, devendo sua origem esta fabrica ao coração abrazado de Borja.

«Tendo de passar por França para Roma, começou a pensar se seria mais acertado embarcar n'um d'aquelles portos visinhos, para fugir da tempestade, que com a sua vista se poderia levantar em terra. Houve pareceres oppostos: propendiam uns a que fiasse sua vida e sua honra antes das ondas que das paixões humanas, que com a sua presença tinham de embravecer-se em nova furia. Outros diziam que o fazer-se ao mar fugindo de Castella, tinha todas as apparencias de fuga. O padre Nadal procedia agora n'esta duvida como o fiel entre uma e outra balança, pelos motivos prudentes apontados pela historia da Companhia. Abraçou Borja o segundo partido, que lhe facilitava visitar de caminho o sepulchro do grande apostolo S. Thiago, e adorar as cinzas quentes d'aquelle raio, a quem o som dos clarins serviu tantas vezes de trovão.

«Saiu, pois, de Sanfins, no estio, com os padres Pedro de Saavedra, Gaspar Hernandez e o irmão Marcos. Apenas, porém, os limites do reino de Galliza se lhe offereceram aos olhos, alguns homens a cavallo, com mascaras, que iam observando seus movimentos, sem fazerem uso da lingua nem atterrarem com a pistola, ou com a espada, nem darem outras mostras senão as de seguirem Borja, como pessoas que o acompanhavam na jornada. Perturbou-se Francisco com este inopinado encontro, e reconhecendo na porfia, que se occultava algum fim secreto, determinou furtar-lhe o corpo, e deter-se n'uma povoação proxima, e logo que as espias deixaram de o esperar na estrada real, voltou para Sanfins. E, passando alguns dias, se fez de vela no porto de Bayonna, resolvido em passar á França, evitando por mar os escolhos, nos quaes tropeçava na terra. Um temporal, porém, fez com que tivesse de voltar para Sanfins, onde esteve alguns dias, entrando depois em Galliza no rigor do estio, se encaminhou a pé e com socego para a cidade de S. Thiago.

*
* *

«Apenas Francisco de Borja foi nomeado geral da Companhia de Jesus[1], levaram-no logo a beijar o pé ao pontifice Pio IV no convento de Araceli, e foi-o acompanhando todo o sabio congresso, que o tinha elegido: ia tambem illustrando magestosamente esta funcção o embaixador de Portugal; apenas o Papa ouviu a noticia, immediatamente cheio de alegria, e voltado para a Congregação, disse: «Não haveis podido eleger pessoa mais digna, nem de mais agrado para nós, nem de mais utilidade para a Companhia, e para a Santa Egreja: e eu com esta eleição fico maravilhado e tão reconhecido, como se me houvesseis feito o mais particular obsequio.» Olhou então para o embaixador de Portugal, e apontando para elle com o dedo, e para a Companhia, que estava prostrada a seus pés submissa, ajuntou: «Bons soldados são estes, e a toda a prova no serviço da Egreja, gente escolhida, exercito bem formado para a conquista espiritual do mundo»; e estendendo segunda vez amorosamente a vista sobre aquella favorita tropa sua, levantou a mão para lhe lançar a benção.

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 316 anno 1565

«O cardeal D. Henrique, que depois foi Rei de Portugal, fundador do insigne collegio de Evora[1], verdadeiro pae de toda a Companhia, pediu ao geral Borja lhe désse por confessor ao padre Leon Henriquez, no anno de 1570, no qual acabava de governar aquella famosa provincia, porquanto, ainda que o era, havia algum tempo, desejava agora tel-o seguro e desembaraçado das occupações do governo; e acrescentava que desejava hospedal-o dentro de seu palacio real, para a consolação mais chegada. Obedeceu o santo á primeira e mais nobre parte d'aquelle preceito, porém com ordem de não viver dentro do palacio, porque desde o collegio podia servir a Sua Alteza com mais espirito, sem deixar aos vindouros um exemplo pernicioso de que onde ha collegio, vive um filho seu em outra casa, ou no palacio.

*
* *

«A provincia de Portugal foi uma das que roubaram com mais affecto o cuidado e o coração do santo, conhecendo que aquella alma tinha não sei que sympathia com a nação portugueza, onde encontrou asylo e abrigo, e em cada coração uma ara devota. Deu principio ao collegio do Porto, ao de Braga, e ao de Bragança. Adiantou muito as reaes machinas, que encontrou erigidas em Lisboa, onde se deveu á sua sombra a insigne casa professa de S. Roque, como já disse esta historia, em Evora e Coimbra. O collegio da ilha da Madeira, no anno de 1570, cujo primeiro superior foi o padre Manuel de Sequeira. O de Angra, na ilha Terceira, cabeça das outras oito, cujo primeiro reitor foi o padre Luiz de Vasconcellos. O do Rio de Janeiro, no Brazil, no anno de 1567 (e com este outros quasi ao mesmo tempo), cuidando de tão sumptuoso edificio o victorioso martyr padre Ignacio de Azevedo. E a fundação d'estes tres saíu da prodiga e regia mão de El-Rei D. Sebastião, digno objecto de tantos elogios, como de suspiros, que de uns e de outros serão fecundos para seu epitaphio os seculos. Em Angra esperavam aos novos jesuitas na ribeira o governador, o bispo, o clero, a nobreza, e os magistrados, dando salvas a artilheria, apenas avistaram o navio portuguez, saíndo em bateis a receberem sua dita, para se não mostrar preguiçoso o desejo, se os esperassem na praia. Na ilha da Madeira foram recebidos pelo povo com acclamações de triumpho; e ainda que o governador se mostrou avesso, foi parte da felicidade para que não faltasse inimigo a tão grande assumpto. Começaram a cultivar aquellas immensamente estendidas selvas.

*
* *

«No anno de 1568, passando de Cochim para Goa o padre Francisco Lopes, com o padre Antonio Dinin, João de Carvalho, e Manuel Lobo, no navio de Luiz de Mello, que levava 150 portuguezes ambiciosos de gloria, em breve tempo se viram cercados por baixeis malabares, os quaes formavam uma armada, supprindo com a multidão a pequenez de suas embarcações. Rodearam o navio portuguez, disparando suas iras n'uma infinidade de setas, e procurando chegar

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 324.

a bordo para assaltarem aquillo que parecia torre ou castello, coroado de ameias entre humildes cabanas, causando cruel estrago sua artilheria, porque cada tiro dava ao mar uma ruina n'uma canôa, e se deixava respeitar o navio, qual escolho levantado, onde os embates das ondas quebram seu orgulho. Quando uma faixa de fogo pegou no paiol da polvora, e começou a embarcação a ser lavaredas. Arrojavam-se precipitadamente á agua os soldados, fugindo do incendio, outros procurando as embarcações inimigas para asylo, caiam no ferro.

«O padre Francisco Lopes, com tres nortes á vista quizera gosal-os a todos, se lh'o permitisse a vida, mas quiz lançar outra faisca mais viva na armada, e se chegou a nado para uma embarcação victoriosa, para ser apostolo desde as ondas, antes que a morte afogasse a respiração, e o mar lhe sorvesse a voz. Apenas conheceram pela corôa que era sacerdote, gritando alguns que era jesuita, logo o exhortaram com ameaças e rogos a que desse credito ao propheta d'elles, Mafoma, negando a que professava, senão queria que naufragasse em muito sangue, e agua sua vida; então deram a fé e o amor n'aquelle extraordinario espirito sua ultima lavareda, prégando a Divindade de Christo, gritando que não havia outra praia senão a nau da Egreja Catholica, e assignalando o precipicio, em que Mafoma despenhava a seus sequazes, e aquelle coração abrazado ia espalhando fogo sobre a agua: *Spiritus Domini ferebatur super aquas.* Irritou-se aquella ignorante turba vendo que a feria com todo o sol na face, e vibrando um mais atrevido o arremesso, o atravessou pelas costas, como a fera inimiga, a apoderando-se a crueldade d'aquelle corpo moribundo, lhe decepou a cabeça, e arrojou o tronco do cadaver á agua.

«Observava de perto este espectaculo o padre Antonio Dinin, que, seguro a um calabre, estava submergido na agua até ao pescoço, offerecendo a Deus sua vida, que já respirava com o ultimo folego, pendente de um fio, quando, reparando n'elle, os mouros o subiram á embarcação, e depois de inexprimiveis vexames, resolveram leval-o captivo, do que tiravam mais utilidade, do que de o matarem. Queimaram-lhe o logar da corôa, foi duas vezes vendido por escravo, esteve condemnado ao sacrificio, e já palpitando amarrado em cima do altar como victima dos barbaros destinada para seu infame propheta; mas serviu-lhe de salvação a cubiça d'aquella turba, assim como tambem de outros prisioneiros, que estavam para serem sacrificados; e no anno seguinte entrou em Goa triumphante, havendo escapado de tão grande perigo, e servido á Providencia de instrumento para muito bem, que secretamente fez n'algumas almas, emquanto durou sua escravidão nas cadeias. Os outros dois companheiros ficaram sepultados na ruina, e abrasados na agua. Um d'elles bracejando sobre as ondas se approximava de uma canôa, quando um malabar lhe fez uma cruel ferida, com a qual o corpo foi ao fundo, emquanto a alma subiu até ao Céu. Do outro não se poude distinguir, entre o fumo, o incendio, a furia dos mouros, e a perturbação dos vencidos, o genero de morte, com que poz fim á sua navegação; mas não poude ignorar-se que havia sido o fim mais ditoso, e que a fé soube converter para elle o martyrio em naufragio de Santelmo.

*
* *

«Pelo estio d'este mesmo anno de 1569 se retirou para Frascati o Borja divino, e d'ali escreveu aos padres de Portugal, que empregavam continua e

intrepidamente seu zêlo nos feridos de contagio, animando-os a serem victimas do fogo.

*
* *

«Mas é já rasão que busque a memoria[1], novos apoios d'esta verdade dentro da mesma Companhia, ainda que era sufficiente a voz de S. Francisco de Borja para que a executasse attentamente á fé humana; porém quiz repetir os gritos por meio de muitos clarins bem sonoros. Entre os quaes merece toda a attenção do ouvido o veneravel padre e estatico Diogo Monteiro, portuguez illustre, cheio de santidade e de fama, que foi mais de trinta annos mestre de noviços n'aquella provincia, proposito da casa professa de Lisboa, e provincial depois, venerado como oraculo em Portugal, cuja alma foi arcano dos segredos mais reservados da Providencia, que ao deposital-os no seu seio o arrancava da terra em extasis divino, para lhe communicar tão grande thesouro, sem que só elle o percebesse. A este espirito, pois, acostumado a ver recolhida toda a gloria no semblante de Maria, revelou Deus o mesmo que ao santo Borja, segundo a constante fama d'aquella provincia, e segundo escreve o padre Pedro Bazurto, napolitano, em carta de 22 de fevereiro de 1628, desde Lisboa a um jesuita de Alcalá, achando-se de partida para o Paraguay, aonde com esta esperança levava escondido no seu coração o fogo e a luz.

*
* *

«CAPITULO XI.— Morte animosa de quarenta illustres filhos da Companhia, que enviava para dilatar a fé no Brazil o santo Borja, e os viu entrar coroados de louro no Céu Santa Thereza. Milagres com que Deus acreditou seu martyrio. Immortal elogio do inclito martyr e caudilho o padre Azevedo, cujo ensanguentado cadaver guardou no seio do mar profundo uma imagem de Maria Santissima, até que, surgindo tres dias depois de defunto, o entregou a um baixel catholico.

«No anno de 1570 succedeu o glorioso triumpho d'aquelle esquadrão formado, que viu Santa Thereza entrar pisando corôas pelo Céu, quarenta jesuitas vestidos de estrellas, e brandindo palmas victoriosas.

«Havia assignalado o padre Francisco por visitador do Brazil ao padre Ignacio de Azevedo, que era as delicias da Companhia, um dos espiritos de santidade mais venerada, que teve a Europa n'aquella era. A cidade do Porto lhe deu illustre berço, deixando-se ver seus escudos orlados de trophéus, e os salões vistosos com as façanhas de seus avós. Tinha communicado com elle em Portugal o santo Borja, tornando-se intimas aquellas duas almas com repetidos laços de amor e confiança; tratava-o Borja não só com carinho, mas até com reverencia, que deu occasião a que o padre Dionysio Vasques insinuasse, de que havia tido do Céu alguma noticia antecipada de sua victoria. Tinha governado o padre Azevedo os collegios de Santo Antão de Lisboa, Coimbra e Braga, onde foi toda a consolação do esclarecido Fr. Bartholomeu dos Martyres, sabio pastor d'esta egreja, o qual, em uma carta do Santo Pio V, diz que «o padre Azevedo era varão santo, e cheio de zêlo apostolico», escripta em 1569, a 4 de março; seus milagres

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 392.

foram repetidos e portentosos. Veiu desde o Brazil até Roma, para dar noticia ao santo geral do estado e fructo d'aquella fecunda vinha, com o fim de levar comsigo novos operarios ao cultivo d'ella. Mostrou singular prazer o santo Pio V, com sua vinda, concedeu-lhe raros privilegios, e o enriqueceu com dons sagrados. Deu-lhe faculdade Borja para que podesse conduzir cinco individuos de cada provincia de Hespanha, e da de Portugal todos os que parecessem convenientes á prudencia, sem retirar muitos dos ministerios d'aquella provincia. Deu-lhe uma copia d'aquelle original formoso de Maria, que o pincel de S. Lucas deu á tela, para que em seu nome a apresentasse á Rainha de Portugal D. Catharina; e o inclito martyr fez que seu companheiro tirasse quatro copias d'ella, e de outra que ao partir lhe deu o Papa.

«Ao despedir-se de Borja sentiu o coração extraordinariamente abrazado. Concedeu-lhe Pio V indulgencia plenaria para toda a comitiva que o acompanhasse para o Brazil, para tão alta empreza.

«Saiu de Roma aquelle coração, seraphim e ardente, passou por Hespanha, onde foi de caminho formando aquelle esquadrão victorioso: juntaram-lhe tres jesuitas em Valencia, tres no collegio de Salamanca, um ou dois no de Medina, e um em Plasencia. E d'este modo se reuniu em breve tempo aquella invencivel tropa, tirando a Providencia cinco soldados felizes de cada provincia, e com os de Portugal chegavam a sessenta e nove os que compunham este formoso esquadrão. Dispozeram-se tambem para a jornada alguns seculares, desejosos de conseguirem a roupêta, e de mostrarem n'esta expedição que eram dignos soldados d'aquella Companhia.

«Esteve o grande Azevedo esperando em uma quinta de Santo Antonio de Lisboa, chamada «Valle de Rosal», com toda a sua gente, emquanto se punha de verga de alto a embarcação, preparando-se por cinco mezes para o martyrio, com a vida a mais aspera entre sangue e fogo. E um grande fidalgo, que se achou em Valle de Rosal por este tempo, depoz nas informações as heroicas façanhas e virtudes de cada um, que entre as rosas d'aquelle sitio ameno aprendia a cercar com crueis espinhos o corpo, ensaiando-o para as crueldades de um verdugo. Aqui aprenderam todos os officios, até mesmo os mechanicos, para ensinarem a vida civil aos indios, e fabricar templos á religião. Partiram na esquadra de Luiz de Vasconcellos de Menezes, commendador de Vallada, do habito de Christo, fidalgo de muita reputação, que passava para governador do Brazil; dividiram-se por tres navios os jesuitas, constando a armada de sete vélas; occupou o animoso padre Azevedo o navio *S. Thiago*, com outros trinta e nove da Companhia.

«Sairam no dia 5 de junho de Lisboa, dando ao vento alguma parte da vella[1], e muita mais á esperança, uns de chegarem ao Brazil, outros á gloria, e todos á praia. Soube conseguir o espirito fogoso do padre Azevedo, que cada um dos navios se mudasse em mosteiro religioso; tinham os nossos distribuidas as horas para seus exercicios, aos quaes fazia signal a campainha com a mesma ordem que nos collegios. Faziam-se exhortações aos soldados, perguntava-se a doutrina a todos, dando exemplo até os principaes cabos. Cantavam-se ladainhas, e se resava o rosario em córos; deitaram se para fóra do navio todos os juramentos, liam-se em voz alta os livros sagrados, e entre o furioso estrondo do Oceano se

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 396, anno 1570.

guardavam para a oração muitas horas de socego profundo. Lançaram-se nas chammas muitos livros profanos de comedias, e outros versos, e por cima de suas cinzas se lançaram naipes e dados. Os sermões eloquentes do provincial Azevedo tomavam frequentemente para assumpto o amor divino, e aquelle mutuo laço, com que a caridade sabe ligar um coração ao outro. Nos dias festivos se punha a imagem de Maria sobre o throno, e, derretido o coração, accendia tambem muita cêra á que é estrella do mar. Estava raivoso o inimigo commum ao ver aquelle exercito religioso, que ia ao Brazil, para ser estrago seu, não havendo até então sustentado o Oceano por uma só vez tantas tropas de soldados de Christo, Ia a armada mui impellida por um elemento, e mal sustentada por outro, rompendo as quilhas em cada onda um naufragio; porque conjurou contra ella sua furia o demonio. E mais arrojada, do que conduzida, deu fundo no porto de Santa Cruz, na ilha da Madeira, onde estiveram hospedados por vinte e quatro dias, pelo padre Manuel de Sequeira, reitor do novo collegio, que a magnificencia real estava fabricando. Era forçoso que o navio *S. Thiago* passasse á ilha de Palma, porque afiançava n'esta volta todo o commercio do Brazil, aonde ia, por mais que perigava um navio sósinho, estando o mar infectado de piratas, inimigos da Egreja, encontrando-se a cada vae-vem uma rocha movediça, e uma fusta inimiga escondida insidiosamente n'uma onda, que, ao romper-se, paria um monstro armado, parecido com aquelle, com que a Grecia soube introduzir fatal ruina.

«Conhecia com alta luz este perigo muito mais perto, o padre Azevedo; e assim, ao tomar o navio, disse a seus companheiros: «Bem sei, filhos meus, que por este rumo não hão de faltar herejes corsarios, que porventura andam já girando prevenidos e armados de lanças, nos esperam para sepultar-nos nas ondas. A empreza a que somos conduzidos pede um alento sobrehumano, que opponha esforçadamente o peito á ruina e ao cutello. Aquelle que não encontrar este animo no seu espirito, não ponha o pé covarde em a nau *S. Thiago.*»

«Achavam-se entre a comitiva quatro noviços da Companhia, cujo coração fraquejava; e os que se não atreveram a seguir o esquadrão, que ia ser triumphante na gloria, retrocederam tambem do militante que ficava na Companhia. Eram já só trinta e seis os soldados do valoroso Azevedo, que se offereceram animosamente ao perigo, e a sangrar suas veias gota a gota na defeza da fé e religião sagrada. Havia tido o insigne martyr Azevedo revelação expressa e gloriosa, de que, com outros trinta e nove da Companhia, havia de conseguir entre agua, fogo e sangue, a mais alta victoria, com que tirou dos outros navios quatro companheiros esforçados. Deu a communhão por sua mão a todos, e deixando nos braços com inexprimivel ternura aos que ficavam na ilha da Madeira, até que tornasse a incorporar-se a armada toda (se bem que o coração presago banhava em tantas lagrimas o rosto, e o instincto eloquente lhes dizia que se apartavam para se não verem mais n'este mundo). Foi tambem revelado este successo victorioso ao irmão Estevão de Zurayre, cantabro animoso, ao irmão Nicolau Diniz, Manuel Alvares, Antonio Correia e Marco Caldeira, segundo consta da informação juridica, de onde toma a penna tudo quanto traslada a esta historia. Porém, havia sido mais repetida, e com mais luz do Céu a que havia tido seu caudilho valoroso o padre Azevedo, que escreveu uma carta desde a embarcação ao santo Borja, arrancando do seu coração uma frecha, para que servisse de penna, expressa n'ella o excesso de sua alegria, pelo triumpho que esperava, e juntamente a pena

de que se cortasse o passo á luz que navegava para desterrar a idolatria, fazendo-se verdadeira a fabula de que morre o sol sepultado no mar.

«No dia de S. Pedro e S. Paulo fizeram-se de véla; e sem saber quem, ou como houvesse pegado o fogo na pôpa, se viu arder a embarcação em gemidos abrazados, que respiravam aquelles peitos animosos. «Oh irmãos meus! exclamava o inclito martyr Ignacio, a cada solavanco da navio! Oh irmãos meus, se Deus quizesse fazer-nos favor tão appetecido, que topasse este baixel com um tyranno! Como fôra aprazivel a meu peito este duro escolho! Oh se este pedaço de mar passasse a ser vermelho! Oh como estes piratas inimigos da religião não desejam mais ser tyrannos d'aquillo que appetecem ser victima sua meus affectos! Mas ai, que desmerece nosso coração, senão covarde, tibio, este ramo de louro salpicado antes em sangue, e depois em luz!»

«É inexplicavel o fervor d'aquelles espiritos, que arrojavam brasas aos labios com assombro dos soldados e marinheiros. E para desterrar da chusma qualquer affecto, ou canção, que não fosse sagrada, deu ordem para que os irmãos Magalhães, Alvaro Mendez e Francisco Peres de Godoy, cuja voz é doce e serena, cantassem entre as sombras da noite, morto recentemente o dia, louvores a Deus, ao som da harpa e da tiorba, lisongeando a furia do mar com aquella musica, que entre o fragor impetuoso das ondas, e o horror das trevas, dá logar mais aprazivel á sua harmonia, deixando-se subornar tambem d'este affago a tormenta.

«Depois de sete dias acharam-se á vista da ilha de Palma; mas, forcejando por tomar terra, os obrigou um temporal furioso a entrar n'um surgidouro proximo de Terça Côrte. N'aquelle porto encontrou o padre Ignacio a um amigo seu, flamengo, em cuja companhia se havia creado desde pequeno na cidade do Porto. Hospedou-os a todos com extraordinario prazer, deixando-lhe em recompensa abrazado o peito o ardente padre Azevedo, que o confessou, e deixou bem instruido para tomar o rumo desde aquella praia para o Céu. Estiveram cinco dias n'aquelle sitio, esperando vento, ainda de noite, e de dia por muito tempo se recolhiam ao navio. Exhortava-o seu amigo a que fosse por terra á cidade de Palma, porque cruzavam muitas embarcações inimigas aquella ilha, que sendo tão curta a distancia, se podiam conduzir todos os fardos por terra. Estava já resolvido o insigne Azevedo a tomar este partido, quando na manhã do dia em que se tinha de alijar a nau, depois de ter dito missa e dado communhão á sua invencivel tropa, tomou inopinadamente resolução contraria, porque n'aquelle alto sacrificio se viu arrebatado, e no extasis achou este dictame infuso: e ainda que lhe havia sido antes revelado o successo, agora com luz nova descobriu o modo e tempo fixo. Viram durante a missa que se mudava aquelle semblante em fogueira, não dando outro signal de vivo, mais do que ter tão quente o rosto.

«Despediu-se do hospede amigo com grande ternura, dizendo-lhe que tinha resolvido ir por mar á cidade de Palma, que seria mau exemplo para tantos soldados de Christo mostrar-se temeroso ao primeiro perigo; que alguns subditos seus eram noviços, e era mister acostumal-os a desprezar ousadamente os ultimos perigos, e a caminhar pelas vias mais difficeis. E ajuntou logo com eloquencia inflammada, esta que se teme como desdita, é outra cousa mais do que arribar ao Céu antes do que á tal ilha? Pois quem haverá que não troque uma praia por outra? Se o martyrio corta o mais victorioso ramo da palma, não é para nós muito melhor do que a ilha?

«Rendeu-se aquelle nobre amigo, reconhecendo que os santos costumam fazer

muitos calculos, que encarados pela prudencia humana parecem errados; e é engano, ou fraqueza da vista observar obliquo o remo dentro de agua.

«Fizeram-se ao mar, acalentando a agua sua respiração com ancias novas de morrerem, e fatigado o coração, com aquella ditosa seda, que só poude apagar um mar inteiro. Cortava o baixel as ondas com movimento vagaroso, e mais do que navegação era circulo que ia formando pela ilha de Gomera com o rodeio.

«Era então famoso pirata o valente francez Jacques Soria, natural do condado de Aùx, na provincia da Normandia, para ser caudilho e alma da facção huguenote, todo o valimento da infeliz princeza de Bearn, Joanna de Labrit, rainha que se dizia de Navarra, logar tenente do almirante Coligni, que soube ser continuo terror da França, sem haver merecido ver uma só vez no seu campo a fortuna, mantendo-se em pé no meio das ruinas.

«Tinha saido Jacques Soria da Rochela com uma esquadra composta de cinco vélas, desejoso de encontrar-se com a frota portugueza, e chegar depois do estrago das balas ás armas curtas. No dia seguinte áquelle em que saiu o navio *S. Thiago*, teve aviso D. Luiz de Vasconcellos da ousadia de Jacques Soria, e de que rondava aquelles mares com sua esquadra. Saiu arrebatadamente á procura d'elle, cego com a mais nobre chamma, levando alguns jesuitas para servirem de consolação nos perigos d'esta empreza. Mas o pirata, havendo apresado um baixel flamengo, em que fez prisioneiros, entre outros, a dois religiosos de S. Francisco, dois sacerdotes, um illustre prebendado, soube que o navio *S. Thiago* navegava errante e sósinho na volta d'aquellas ilhas, e que conduzia ao Brazil um esquadrão de jesuitas, dos quaes era capital inimigo este corsario, porque na França eram a ruina de Calvino; pelo que resolveu fugir do encontro com o animoso D. Luiz de Vasconcellos, e cevar sua ardente colera na mansidão desarmada, e, qual ave de rapina, enterrar o bico e as garras n'aquella innocente presa, achando-a desunida da sua tropa.

«Sabbado, 15 de julho de 1570, ao raiar a aurora, madrugou a felicidade com o dia, porque estando o padre Azevedo com seus filhos na oração da manhã, á frente d'aquella ilha duas vezes victoriosa, uma por este triumpho, e outra pelo nome da Palma, gritou o grumete desde a gavea: «uma grande embarcação se avista!» Assustou-se o navio com esta noticia inesperada, e ainda mais quando gritou com voz forte: «Outras quatro embarcações menores a acompanham!»

«Enganavam seu temor alguns com a esperança de que fosse a esquadra portugueza, crendo facilmente o coração o que deseja, até que, approximando-se formadas as naus inimigas, conheceram quanto enganam a um desditoso as esperanças e as vélas.

«Dispozeram-se os portuguezes para uma vigorosa defeza, embora não ignorassem ser mais temeridade que valor oppor-se a tanto galeão bem artilhado e a tanto francez vestido de aço, com um baixel quasi desarmado, que servia de transporte ao commercio, e ás facções militares só de numero. O padre Azevedo, cheio de espirito, animava a seus filhos, não á defeza do baixel e da vida, mas sim da Religião Catholica, nem quiz que se achasse algum da Companhia no conselho de guerra.

«Porém, depois que viu aos soldados, mercadores e marinheiros resolvidos a tomarem as armas, os esforçava, dizendo em alta voz, que era infallivel a victoria, ou vencendo, ou perdendo a vida ás mãos dos mais crueis inimigos da Egreja. Apresentou a imagem formosa da Virgem Maria, e voltando-se para seus

filhos e irmãos, que estavam cantando as ladainhas, e rompendo a alma nos suspiros, lhes disse: «Eia, amados filhos, é ja tempo de fallarmos abertamente a respeito da nossa felicidade. Sabei que é hoje o dia destinado para irmos povoar um collegio no Céu. Não vos parece ser incomparavel dita trocarmos a praia da terra pela do Céu? Ponhamos o coração e os olhos na patria, que nos convida depois de uma breve e animosa lucta.» Responderam todos mais constantes do que as rochas visinhas, offerecendo prodigamente suas veias: «Aqui estamos, grande Deus, para consagrarmos mil vidas á vossa fé: cumpra-se em nós outros vossa santa vontade.» Andava apressado de um lado para o outro o inclito Azevedo, com a imagem sempre na mão, e o padre Andrade, com o espirito inflammado, confessando a uns, e esforçando a outros. Os irmãos estavam n'um camarim, de joelhos, soltando ternos suspiros, e com os olhos suspirando lagrimas ardentes; quando se chegaram alguns portuguezes pedindo-lhes que fossem combater na companhia d'elles, pois eram quarenta soldados só contra milhares de inimigos; porquanto só o navio almirante trazia trezentos homens de guerra. Ao que responderam que não deviam pelejar, senão com orações e gemidos, pois são as armas dos religiosos; porém que assistiriam aos feridos, confortariam os fracos, expondo sua vida gostosamente em todos os perigos. Comtudo os cabos emprehendiam esforçadamente uma resistencia, que só podia servir ao decoro, para que se não dissesse algum dia, que se tinha rendido covardemente um navio, em que ia um portuguez armado.

«Começaram a jogar furiosamente a artilheria, e o navio portuguez, investido por um e outro lado, abria por cada bala um grande porta para a sua ruina. Abordou Jacques Soria intrepidamente com a sua almirante, forrada de bronze na prôa, e lançou dentro do navio portuguez alguma gente capitaneada pelo patrão do seu orgulhoso baixel. Porém os portuguezes repelliram valorosamente este assalto, arrojando ao mar a maior parte d'aquelles infelizes, que, vestidos de ferro, foram logo ao fundo, e entre elles um soldado de muita fama, deposito das confianças de Jacques Soria, que, aferrando com a capitaina, e com as demais a um tempo, deixou prisoneira a nau portugueza, mesmo antes de vencida. Mandou que soltassem dentro cincoenta homens, e apesar de se ter travado um combate assanhado, não poude durar muito, porque, morto o piloto portuguez, perderam o alento, e o valor, perdeu tambem seu rumo. Com o que se apoderou o inimigo do navio *S. Thiago*, rendendo-se este á discrição, conjunctamente com o dono.

«Deu ordem o general Soria para que não ensanguentassem a espada, nem nos soldados, nem na chusma, perdoando a todos liberalmente a vida. Mas, informado de que estavam alli quarenta jesuitas, aos quaes conduzia ao Brazil uma empreza mais gloriosa, se approximou cheio de raiva, e com voz rouca dizia: «Morram, morram os papistas, que vão espalhar no Brazil a falsa doutrina». E renovando o odio com gritaria mais alta, repetia: «Deitae ao mar esses perros jesuitas, inimigos mortaes da nossa fé.» Com este pregão repetido e sonoro dispoz o Céu que soubesse o mundo, porque despedaçava tanta innocente vida aquelle tyranno, e que fosse a sangue frio, quando tratava aos outros rendidos com humanidade desacostumada; para que se conhecesse que tão sómente o odio á fé, sem o impeto de alguma outra paixão, havia sacrificado aquellas victimas á crueldade.

«Logo que o grande Ignacio de Azevedo viu o inimigo senhor do navio, saiu intrepidamente ao encontro, e posto no meio da comitiva, armado de grande

ousadia, feito cysne começou a respirar os ultimos accentos da sua fé. Reprehendeu a obstinação e a raiva da heresia huguenota: exaltava a religião catholica. «Eia, irmãos dulcissimos, repetia, voltado para seus subditos, viva a santa fé, e morramos todos animosamente por defeza d'ella. Estes perros inimigos da verdade e da Egreja Romana, poderão tirar o fragil á vida, mas immortalisam com o mesmo cutello nossa gloria.»

«Ergueu-se um hereje cheio de furia, e com o alfange lhe abriu profundamente a cabeça, salpicando seu sangue a imagem de Maria, que este arvorava. Recebeu esta mortal ferida com admiravel serenidade no rosto, e na alma, e, partido em duas metades o casco prégava o Evangelho.

«Saiu a este tempo o fervoroso Bento de Castro, que apesar de não estar ordenado sacerdote, fazia o officio de mestre de serviços em o navio, e escutando agora o estrondo desde o sitio em que estava orando, com o seu novel exercito, tomou um crucifixo, e despedindo-se com ternura d'aquelle esquadrão rendido, e devoto, saiu á frente do inimigo, e em grande voz, como quem recolhia todo o alento, disse: «Eu sou catholico, filho da Egreja Romana, e servo humilde de Jesus Christo, a quem desejo com ancia sacrificar minha vida». E alem d'isto inflammava os catholicos, e confundia os erros de Calvino, lhe deram tres huguenotes muitas cutiladas no peito, mas a constancia manteve em pé aquelle corpo derrotado, e tão furiosamente impellido, persistindo tambem milagrosamente sua eloquencia esforçada, até que se aproximaram os herejes furiosos, e o atravessaram com punhaes, arrojando ás ondas o cadaver correndo sangue por tantas feridas, e merecendo ser o primeiro n'aquelle triumpho, que desde o noviciado havia ardentemente apetecido.

«Resoava o apostolico Azevedo, invejoso da ditosa ruina, que padeceu seu irmão, quando se atiraram a elle tres francezes com ferocidade impetuosa, e lhe atravessaram o peito e as costas com tres botes de lança, dos quaes veiu a terra, despedaçado; porém desde o chão ergueu a voz, dizendo: «Sejam os anjos testemunhas e os homens, de que morro por defender a santa fé que professa e prega a Egreja Romana».

«Forcejou um e outro tyranno por tirar d'aquella mão, já frouxa por estar moribunda, o retrato de Maria Santissima; porém não foi menos inacessivel á força e á ousadia porfiada, do que para arrancar ao Céu uma estrella fixa. Com o que, irritados por se verem vencidos todos por um corpo sem alento, cevaram as pontas dos punhaes n'aquelle peito, onde estava mais vivamente copiado o original divino. Acudiu pressuroso o padre Andrade com outros da Companhia, os quaes expondo seus peitos ao perigo, conduziram o invencivel martyr Ignacio para um camarim do navio, junto ao leme, e depois de se ter abraçado com o padre Andrade, abraçou a muitos de seus filhos com singular doçura, e lhes dizia: «Filhos da minha alma, não tenhaes medo a morte tão gloriosa; olhae que a faz dulcissima a nobreza e a formosura da causa; soltae o ultimo alento para aquelle que vos dá uma occasião tão apetecida. Eia, amados filhos, pelejar varonilmente, que está mui visinha a corôa, e fôra intoleravel descuido, e perda, o ter a mão entre tantos ramos de louro, e não arrancar sequer uma folha. Eu morro com a esperança de que nenhum de vós ha de fraquejar n'esta lucta, onde tenho visto ao vosso lado a fortaleza e a ousadia».

«Emmudeceu logo um pouco, e tornando a cobrar harmonia aquelle cysne moribundo, com o nome do seu capitão Jesus na lingua, e com a imagem de

Maria, que forcejava por chegar a bôca, enviou o seu espirito victorioso desde a nave da Egreja á mais ditosa praia. Arrojavam-se seus filhos sobre o cadaver, beijando porfiadamente seus pés e mãos com lagrimas e bramidos, opprimindo com tanta violencia e amor aquelle invencivel defunto, como podera pouco antes o odio do tyranno.

*
* *

«Sobresaia entre os demais o espirito e o valor do irmão Francisco Peres Godoy, parente chegado da seraphim Santa Thereza, e que parecia ter alma de fogo, pois até a respiração ardia. Deu-lhe a villa de Torrijos nobre berço, e havendo entrado na Companhia no collegio de Salamanca, passou a tão alta empreza, desde o collegio de Medina. Seu engenho foi divino, e mereceu nos annos mais floridos a fama de sabio no direito canonico. Seus favores no noviciado inflammaram uma inextinguivel fogueira dentro do seu coração, acreditando bem seu parentesco um Seraphim. Ardente, pois, agora novos raptos da alma, repetia em alta voz esta sentença generosa, que havia escutado frequentemente na lingua do seu divino mestre Balthazar Alvares, que a imprimia profundamente em cada noviço, e tinha tido alta origem no espirito e eloquencia de S. Francisco de Borja, que nas exhortações domesticas repetia: «Irmãos, não degeneremos dos altos pensamentos dos Filhos de Deus». Discorria, tambem, por entre o tumulto, inflammado em zêlo apostolico, o irmão Nicolau Diniz, a quem, por causa do seu genio meigo, chamaram em Portugal o *Mimoso*. Tinha nascido em Bragança, e, sendo menino, costumava dizer a seu mestre: «O coração me diz (ainda que não sei como), que hei de ser ditoso martyr de Christo». E depois, estando na Companhia, teve revelação mais expressa, como narrou o mesmo em Bragança ao irmão dispenseiro, que vendo um dia o rosto apagado em singular doçura, lhe perguntou repetidas vezes a causa. Escutavam agora sua prégação e sua energia os herejes com muita raiva, e correndo furiosamente[1], um d'elles lhe atravessou com uma lança o corpo no sitio, onde havia caido gloriosamente seu capitão Ignacio. Porém, abraçando-se o odio com o corpo ensanguentado, o arrojou vivo ao mar, sendo sómente de dezesete annos. Chegou a noticia do seu triumpho a Bragança, na occasião em que se achava n'aquella cidade D. Antonio Pinheiro, o qual quiz prégar ao povo a gloria d'este martyrio, e chegando a referir a victoria do irmão Diniz, exclamava: «O mestre Nicolau, que vistes aqui andar pelas ruas de Bragança, está agora coroado de immortalidade na gloria, como esclarecido martyr da Egreja; e eu, fatigada a fronte com a mitra, estou bem duvidoso da minha salvação eterna».

«Andava solicito no campo de batalha o insigne aragonez João de Mayorga, cujo pincel era o centro da valentia, da destreza, e até mesmo mereceu que o appellidassem milagroso, porque apenas se acha obra sua (sendo divino sempre seu objecto), por quem o berço omnipotente não quizesse ostentar algum prodigio, como em Lisboa e em outras cidades está authenticado. Achava se no collegio de Saragoça, quando foi escolhido para tão illustre empreza, e abraçando-se com elle n'esta facção cruenta cinco francezes com sanha impetuosa ensanguen-

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 199.

taram os punhaes no peito, e nos hombros, caindo moribundo ao pé de outra copia de Maria, a quem deu vida seu pincel, e o arrojaram vivo ao mar. E atraz d'elle ao padre Gonçalo Henriques, diacono, natural da cidade do Porto; logo aos irmãos Manuel Pacheco, portuguez, de Ceuta; Manuel Rodrigues, da villa de Alcochete; Estebam Zurara, cantabro victorioso, que ao sair do collegio de Placencia, disse a seu confessor, o padre Joseph de Acosta, que nos santos exercicios que acabava de fazer, dispondo-se para a jornada do Brazil, lhe tinha communicado o Céu a gloria, que o esperava do martyrio, e agora ia cantando o *Te Deum laudamus,* ouvindo os hereges com assombro a musica d'este cysne moribundo.

«Foi tão amavel a candura da sua vida e do seu trato, que não houvera encontrado tyranno no mundo, se antes o tivesse conhecido. Todos estes (não se poude saber se com algumas feridas), deitados ás ondas, mantiveram por algum espaço a vida n'ellas, respirando chammas, pois poderam beber a morte em todo aquelle Oceano, mas não apagar o fogo, em que ardia seu espirito.

«O valoroso irmão Manuel Alvares, a quem Evora deu patria, e desde pastor de rebanhos e de santos affectos, chegou a ser coadjuctor da Companhia, onde se fez admirar a pureza d'aquella alma; ao sair da oração um dia, em que deixou ver seu rosto vertendo luz, interrogado pelo padre Pedro Luiz, respondeu inflammado segunda vez: «Não posso eu achar côres para representar a consolação que tenho mal guardada dentro do meu espirito; pois n'esta hora de oração me foi revelado, que navegando para o Brazil, hei de voar martyr á religião da felicidade, depois de me haver quebrado o odio, ou antes o amor, braços e pernas, e marcado com muitas feridas».

«Achava-se já no ditoso conflicto que havia prophetisado, e desde o castello de pôpa proferia em altas vozes elogios da religião catholica, e volvendo o semblante até os huguenotes, dizia: «Ai, infelizes, que ides caminhando precipitados de um erro para o outro, até aos abysmos!» Irritados os francezes, empunharam contra seu peito os estoques, e um d'elles, mais cego, lhe metteu a espada pelo rosto, para cortar a voz ao zêlo, caiu mal ferido, e querendo cumprir por miudo o oraculo, lhe cortaram os braços e as pernas, assignalando elle mesmo os sitios, por onde com menos difficuldade fossem divididas; deixando truncado aquelle corpo, que, desengrado em tantos rios, ainda respirava alento caudaloso. Porque, rodeado de lagrimas e consolos, em seus queridos irmãos, disse: «Não me tenhaes lastima, mas antes inveja, porque estou banhado em mais doçura do que sangue, vendo-me feito em pedaços por aquelle que é o unico amado dono da minha vida, e lh'a entrego agora, que está despedaçada, e foi tão piedoso o amor commigo, que, para que eu gosasse vivo este consolo, me permittiu sobreviver a meu estrago este breve tempo. Quinze annos ha que me conduziu a providencia a tão amada Companhia, e ha dez que suspiro por esta jornada do Brazil, porque me esperava laurel nascido entre as ondas do mar. Com estas feridas dou por bem premiados todos meus suspiros, e sinto tão sómente não ter depositadas em meu peito mais vidas, para consagrar victimas do amor a essas aguas e ás espadas huguenotas». Reconciliou-se com o padre Andrade, e rogou a seus irmãos que dissessem o symbolo da fé, para ouvir distinctamente a causa por que morria.

«Escutava um huguenote a dulcissima harmonia, com que aquelle animado cadaver regalava seu mal, protestando em voz alta a fé, e tomando-o nos braços o lançou á agua, gritando aquella inimiga turba: «Sepulta nas ondas esse infame

padre, para que não possa esforçar mais a voz rouca contra a nossa doutrina; sorva o mar seu derradeiro suspiro, que o guardara mais calado do que o vento».

«Dividiram-se logo como feras crueis, cevadas no sangue de tantas victimas humildes, buscando por todos os reconcavos da nau pescoços para sacrificarem á morte. Acharam aquellas almas puras, que diante de umas imagens devotas estavam distillando em lagrimas os desejos de que lhes abrissem todas as veias, e padecendo o intoleravel martyrio da esperança, n'aquillo em que se demorava a corôa. Carregaram atropelladamente sobre o irmão Braz Ribeiro, coadjuctor, nascido em Braga, e uns com os copos da espada, mais cruel agora do que a ponta, lhe quebraram todo o craneo, até que, bem esmigalhado, espalharam os pedaços pelo navio. Accommetteram logo ao irmão Pedro de Fontaura, ou Fontouro, coadjuctor, filho illustre tambem da cidade de Braga, e um calvinista lhe enterrou com tal violencia a espada pela bôca, que, cortada a lingua, lhe derribou toda a queixada. Passaram logo ao irmão Antonio Correia, honra da cidade do Porto, e de toda a Lusitania, estudante e noviço, cuja indole lhe havia merecido o nome de *Anjo Formoso;* e estando certo dia em oração profunda diante do Santissimo Sacramento, viu envolto em luz e salpicado de sangue o lannel de seu martyrio. Estava accusando com fogosa impaciencia a morte, porque tardava, e a crueldade, porque não punha azas para se chegar pressurosa, quando romperam a duros golpes o casco, e caiu palpitante escorrendo em sangue no solo; começou a cantar a fé divina com voz harmoniosa, confessou-se com muito pranto, e vendo que ainda se mantinha a vida, bem deixada n'aquelle templo da paz, a alma, lamentava com festividade digna de sua admiração o duro de sua cabeça, que tinha podido resistir sem partir-se de tantos golpes inimigos. Até que, pouco depois, viu coroado felizmente seu desejo, quando o precipitaram no Oceano com o irmão Fontaura.

«Fez aqui alguma pausa a desordem ruidosa d'aquella furia mais que franceza. Mandaram aos que ficaram vivos que fossem fatigar os braços em esgotar a agua, que inundava o baixel, expostos a serem victimas soberbas do mar. Conduziram-nos ao castello da prôa, repetindo injurias a lingua, e golpes a espada, vingando-se insolentes a malicia, e a tyrannia, na innocencia. Chamavam-lhes perros do papa, emulos implacaveis da facção huguenota. Ao padre Andrade arrebataram o sombreiro, que arrojaram ao mar, e reconhecendo que tinha corôa, lhe deram continuados golpes na cabeça, de sorte que vomitava sangue pelos olhos, e ainda assim desatava a sua lingua para elogios divinos. Ao irmão Aleixo Delgado lhe arrancou tantos arroios de sangue o ferro, que creram seus irmãos que se agastava aquella innocente vida; esforçaram-no a não fraquejar na batalha, e aquelle espirito robusto, humildemente ousado, temendo que o consolo disfarçasse alguma suspeita, de que n'elle podesse haver covardia, disse: «Irmãos da minha alma, agradeço-vos vosso amor e vossa doçura; mas que haveis visto em mim, que degenere da constancia, ou que argua fraqueza? Tudo posso n'aquelle que me conforta; e meu coração, pela piedade divina, se acha entre as ondas de sangue, convertido em rocha.»

«Entretanto haviam disposto os herejes a comida, e, porque os cadaveres embaraçavam com o horror a vista, ao sentarem-se á mesa, arrojaram os que haviam deixado olvidados no baixel a sanha; mesmo nos dois palpitava ainda com debil explicação a vida. E para que não fossem desacompanhados os corpos defuntos, e os mal vivos, arrebataram ao irmão Manuel Fernandes, filho da nobre

villa de Celorico, do bispado da Guarda), porque o achou mais á mão a ira, e o despenharam subitamente na agua, cantando docemente sua ruina, até que o golfo lhe sorveu a voz com o alento[1].

«Logo que os huguenotes se sentaram á mesa, intentaram contrastar com o afago e os incentivos da gula, aos que não tinham podido render á navalha, nem á ameaça; lembrando-se que era sabbado, lhes enviaram umas gallinhas e outras viandas; olhou o padre Andrade com desconfiança aquella infiel demonstração de carinho, e arrojou ás ondas aquellas carnes prohibidas com fuga mais arrebatada, que a com que os inimigos haviam precipitado tanto martyr glorioso em pelagos de agua.

«Inflammou-se novamente com este desprezo a tyrannia; enviaram um batel a Jacques Soria, perguntando-lhe que fariam dos papistas infames, que haviam escapado até então dos fios da espada. N'esta chalupa foram amarrados o capitão do navio *S. Thiago*, e o calafate, que tinham dado a morte ao ousado amigo do corsario, e com elles enviaram ao irmão Simão da Costa, coadjuctor, noviço, de uma indole verdadeiramente generosa, e seu semblante favorecido cultamente da natureza; persuadiram-se de que tinha nascido de distincta geração (na cidade do Porto a tinha merecido honrada); ou já o julgaram filho de algum mercador poderoso, e o soltavam para que Soria soubesse d'este joven os interesses e o commercio da armada portugueza; ou já fosse, porque não o achando vestido da roupeta da Companhia, estylo que nos primeiros mezes do noviciado se frequentava, esperavam que, reduzido á sua infame seita, acrescentasse numero florido á familia de Jacques Soria, que apenas o viu na sua capitaina, quando retirando-o da chusma lhe perguntou se era jesuita, porque se fazia suspeitosa aquella modesta compostura. Respondeu intrepidamente que era, e que primeiro lhe arrancariam a alma, do que o apartariam d'este indizivel consolo d'ella, nem da fé catholica que professava. Instavam com elle, por meio de promessas, afagos e ameaças, a que abraçasse seus dogmas, e saíndo vãs suas porfias, lhe mandou cortar a cabeça, caíndo dividida no Oceano esta formosa, e algumas pennas querem haja sido este Adonis o ultimo que foi sacrificado, e que fechou com chave de oiro a historia d'este dilatado e glorioso triumpho.

«Renovou logo o general Soria a ordem para que morressem aquelles furiosos perros do papa, respondendo assim a crueldade á pergunta, quando já a sanha militar, depois de tantas horas que havia alcançado a victoria, se tinha convertido em frias cinzas, e tão sómente o odio da fé fumegava[2]. Apenas o padre Andrade viu vir pressurosa a chalupa, quando reconheceu a sentença, presago o coração, da sua ruina ditosa. «Eia, irmãos, disse, já a morte se approxima navegando á véla e remo; animo, que hoje temos bem melhorado o caminho, e o rumo em tanto exemplo. Olhae, que os nossos companheiros nos chamam desde as estrellas, onde estão jogando com as palmas e com as ditas». Absolveu-os a todos, e aquelles corações unidos se aquietavam uns aos outros, bebendo os gemidos, e prestando affectos abrazados. Offereceram-se risonhos os semblantes, dando-se mutuamente os parabens. Emquanto o arraes, desde a chalupa, intimava a cruel sentença, se arrimou o mesmo Jacques Soria ao navio vencido, por mais que estava distante

---

[1] *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 401.
[2] Id., id., pag. 402.

como um terço de legua, não querendo fiar de outra expressão a tyrannia: «Morram já, clamava desde o galeão, em que vinha, esses perros jesuitas, inimigos nossos, arrojae-os ao mar, para que não cheguem ao Brazil a semear enganos». Ao imperio d'aquella voz foram separando aos da Companhia de toda a gente portugueza, e volveram primeiramente sua ira contra o capitão e superior o padre Diogo de Andrade, que illustrou com seu nascimento a villa de Pedrogão, professo de tres votos na Companhia, onde viveu com opinião de virtude heroica. Fizeram alvo dos punhaes a seu peito fogoso, e foi lançado ao mar meio vivo. Seguiu-se no triumpho o irmão Domingos Fernandes, coadjuctor, natural de Villa Viçosa, em Portugal, a quem deram tambem repetidas punhaladas antes de o sepultarem nas ondas. Assignalaram logo com outras tantas crueis feridas ao irmão Soto, ministro, Antonio Soares, da villa de Pedrogão, e com pouca vida o lançaram á agua. Estava o general corsario desde o seu castello de pôpa observando este espectaculo sangrento, havendo convocado aos dois religiosos Franciscos, aos dois prebendados, que poucos dias antes tinha feito prisioneiros, e a muitos soldados, para que fossem testemunhas d'aquelle estrago lastimoso, e á providencia os conduzia, para que fossem depois eloquentes panegyristas do triumpho, para o qual olhavam com attenção especial os anjos desde o Céu. Mas, para que se apressasse mais a ruina, que em tanto numero, já que não embaraçava, se detinha, parecendo-lhe ao tyranno, que lenta caminhava, mesmo quando voava, deu ordem que ensanguentassem os punhaes só nos que tivessem algum caracter sagrado, antes de os sepultarem profundamente no Oceano; que aos de poucos annos arrojassem vivos e sem outras feridas ao mar, como menos delinquentes n'aquillo a que dava o nome de obstinação.

«Enterraram arrebatadamente os punhaes no peito do esclarecido portuguez o irmão Francisco Alvares, coadjuctor, da villa da Covilhã; no irmão João Fernandes, estudante, de rara modestia, grande filho da cidade de Lisboa, e ainda com vida foram deitados ao mar; como tambem o irmão estudante, Aleixo Delgado, menineiro no rosto, pois contava tão sómente quinze annos, e o qual havia tido illustre nascimento na cidade de Elvas. E atraz d'elle precipitaram ao irmão Luiz Correia, depois de ter fatigado o braço, repetindo as punhaladas no peito d'elle. Foi filho da cidade de Evora, e seu exemplo illustrava a Companhia, onde estudava, mais comtudo a perfeição religiosa, do que qualquer outra sciencia. Ao irmão coadjuctor, Amaro Baez, da cidade do Porto, mesmo sem o terem ainda ferido. Ao irmão estudante, André Gonçalves, honra da villa de Vianna, no arcebispado de Evora, depois de muito ferido com o mais cruel punhal, que lhe não poude arrancar a alma, até que fiaram do mar toda esta empreza. Ao irmão João de Baeza, sacrificado furiosamente á agua, sem que o punhal se houvesse ensanguentado em sua innocente vida; e não referem as pennas sua patria, lembrando-se sómente d'aquillo que era gloria. Ao irmão Marques Caldeira, portuguez, que havia merecido muito antes este aviso do Céu na sua oração, e não podendo conter o goso nos limites do peito, rompeu n'este inopinado grito: «Oh! Quão feliz me faz meu doce Capitão e Mestre, pois me tem destinado para o martyrio!» E mesmo dentro do baixel, no meio de suspiros, ia declarando esta verdade! Ao irmão estudante, Francisco de Magalhães, portuguez, de Alcacer do Sal, onde achou o mais nobre berço, e tirou uma indole a mais generosa, mais abraçado do que outro qualquer ao veneravel cadaver do padre Azevedo, o ungia preciosamente com seu prato, e agora foi enterrado vivo, e sem ferida alguma no mar.

Ao irmão Alonso de Vaena, coadjuctor, filho da imperial cidade de Toledo, mui ferido e logo sepultado com violencia no golfo. Ao irmão Fernando Sanchez, estudante castelhano, arrojado com muitas feridas ás ondas. O irmão coadjuctor, Juan de Zafra, ou Zaura, natural de Toledo, afogado primeiramente no sangue, e depois no mar. O irmão Juan de San Martin, estudante fervoroso, que uns dizem natural de Ilescas, e outros de Yancos, no arcebispado de Toledo. O irmão Simão Lopes, lustre da villa de Ourem, em Portugal, sem feridas, foi submergido nas ondas. O irmão Pedro Nuñez, ou Muñoz (como pretende Eusebio), da villa de Fronteira, no bispado de Elvas, que estudava, desejoso de se fazer digno clarim do Evangelho, navegando para o Brazil, todo inflammado, e por dois mares de sangue e agua deu fundo pressurosamente na gloria.

«O irmão Gaspar Alvares, coadjuctor portuguez, da cidade do Porto, arrojado ao mar, sem que o punhal lhe tivesse antes arrancado o alento. O irmão Antonio Fernandes, coadjuctor portuguez, natural de Montemór o Novo, atravessado com muitas punhaladas, e sepultado nas ondas. O irmão Diogo Peres de Niza, illustre filho da villa de Niza, em Portugal, do priorado do Crato, estudante philosopho, que, sendo menino, o castigou em Evora seu mestre, porque faltou um dia ao estudo, e depois de receber com humilde silencio o castigo, disse a seu mestre que se tinha dirigido no dia antecedente ao convento de Valverde, distante legua e meia, com o fim de pedir o habito de frade, mas que sua pouca idade e menos fortuna o tinham dilatado[1].

«Admirou-se o mestre de que não houvesse antecipado esta noticia, e tão nobre desculpa, até depois de ter beijado a mão que o açoutava, e fazendo alto apreço d'aquelle espirito, lhe disse que passava ao Brazil o padre Azevedo, levando um esquadrão animoso á espiritual conquista d'aquelle terreno inculto; pediu logo ser alistado n'aquelle feliz exercito, e mereceu que a tyrannia lhe desse urna dilatada nos montes de espuma, onde o sepultou vivo a violencia. O irmão Francisco Braz de Godoy distillava fogo pela lingua, quando um huguenote atrevido o deitou no fundo, embora despedisse faiscas e misturasse brazas entre as espumas, que poderiam por esta vez presumir de cinzas. Refere sua fogosa vida o veneravel Luiz de la Puente na do padre Balthazar Alvares, e foi dos ultimos que a insolencia sacrificou á ira. O irmão Luiz Rodrigues, de cujo nascimento se gloria justamente Evora, e de suas virtudes a Companhia, dando esperanças seus exemplos e seus estudos, de que havia de vir a ser um grande apostolo em ambos os mundos; mas os punhaes huguenotes cortaram estas esperanças.

«Achavam-se os irmãos na cama fatigados de um ardente calor, e muito mais abrazados da febre, que o amor e o zêlo sopravam na sua alma; porque, enxergando de um camarim retirado, o destroço que o tyranno fazia em seus irmãos, e vendo que os não encontrava a ira por se acharem occultos n'aquelle esconderijo do navio, começaram a queixar-se docemente de sua dôr, não porque lhes embaraçava a morte pressurosa. Resolveram ambos deixar o incommodo leito em que jaziam, e sairem ao campo do triumpho, com o corpo tremulo, e com o coração intrepidamente esforçado. E já diziam um para o outro, que era pouca a vida que expunham ao cutello, pois a enfermidade lhes tinha roubado

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 403.

já a maior parte do alento, e ia talando a fogo e sangue o que tinha deixado. Pois quão maior gloria não será perder entre os punhaes inimigos da Santa Egreja estes debeis fragmentos da vida, e não aos tios da febre. É porventura mais doce morrer ao fogo lento sobre este duro catre, ou beber de um trago entre as ondas a morte? Isto é só fazer que a parca mude de elemento, e o que havia de ser commum transito passe a ser martyrio. Chamava-se um Gregorio Escrivano, coadjuctor, natural da cidade de Logroño, que se corôa de honra com o laurel d'este seu filho. O outro se chamou Alvaro Mendes, estudante portuguez, da cidade de Elvas. Sairam, pois, do camarim, onde os deixava esquecidos a crueldade, e envolvendo o corpo na sotaina, sem outro abrigo, se encorporaram no esquadrão, que iam despedaçando os inimigos de Christo Começaram a protestar a Fé Catholica, e a respirar desejos de morrerem por ella, os quaes se viram brevemente cumpridos, porque lhes enterraram os punhaes no peito, e os arrojaram vivos ao mar.

«Faltava só o irmão João Sanchez, noviço. Mas sabendo os tyrannos que elle exercia o officio de cozinheiro, e que seu general tinha necessidade de um, lhe deixaram a vida, embora bem mal tratada da violencia. E com intoleravel sentimento d'aquella illustre alma, que bradava por todo o navio: «Eu tambem sou jesuita! Não é bem que a mim só perdõem!» Guardava-o, porém, o Céu, para testemunha individual d'esta victoria, podendo contar as feridas dos martyres uma a uma, bem salpicado no sangue, que se derramava.

«Mas, já que tinham entrado quarenta n'aquelle duro conflicto, não quiz a Providencia que faltasse um Adauto, concorrendo aqui o singular brazão de que ninguem tinha covardemente fraquejado. Foi este um joven sobrinho do capitão do navio *S. Thiago,* que embarcou para acompanhar a seu tio n'esta viagem, e muito mais para merecer que o recebessem na Companhia do santo martyr Azevedo, que havia offerecido dar-lhe logo a roupeta, e entretanto assistia como noviço á oração, penitencias e exercicios humildes, com outros irmãos da Companhia. E vendo na segunda parte da batalha que separavam aos jesuitas n'um grupo, para os sacrificarem á crueldade sanguinolenta, passou arrebatadamente para aquelle lado, contando-se entre os soldados de tão nobre milicia[1], e fazendo-se voluntariamente réu da pena, protestando ser da santa Companhia, á qual tinha destinada a alma, e que desejava morrer entre aquella valente chusma em defeza da Religião e da Egreja Romana, com o nome de João Adauto, com que o appellida a historia. Emmudeceu logo, e tomando uma sotaina, que viu no chão, despojo sangrento de um martyr invencivel irmão seu, a vestiu á pressa, para ir á morte com o melhor vestuario. E observando o tyranno todas estas scenas com raiva, lhe arrojou crueis golpes, e o sepultou profundamente n'aquelle inchado elemento, que, envolvendo no seu seio tantos cadaveres, não poude inundar os laureis, que sobre as espumas se deixavam ver triumphantes.

«Porém, antes que o cutello acabasse de consagrar tantos pescoços ao odio, cevaram tambem a sanha nas imagens e reliquias santas (salpicadas umas e outras com o sangue dos martyres), declarando com este novo sacrilego argumento, que o odio implacavel da Religião Catholica era o tyranno. Tomaram uma primorosa estatua de Santa Ursula, que tinha no peito engastada uma reliquia, e arrancan-

---

Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 404.

do-a do ninho que occupava, a fizeram pó, e deixaram pendente da arvore maior a estatua, enganando sua adoração com o escarneo e com a mofa; até que, enfurecido o vento e o mar, poz uma mordaça ao desprezo da religião; e por não terem á vista a que tiveram que fosse occasião d'aquella tormenta, a arrojaram com impeto á agua. Executaram um *Lignum Crucis* (toda a herança do esclarecido martyr Ignacio), e o entregaram ao fogo; e encontrando um crucifixo, d'este blasphemaram com tão fero horror, que nem a penna se atreve a transcrevel-o, nem o soffre o ouvido catholico. Pozeram-no depois sobre uma tábua, para que padecesse a imagem n'outro lenho, as injurias que ultrajaram o original n'aquelle feliz tronco, e chegaram a intentar vezes repetidas arrancar sangue ao bronze com os punhaes. Profanavam os calices sagrados primeiro com os brindes, e logo com os desprezos, arremedando com ademanes de irrisão as ceremonias do incruento sacrificio do altar. Espalharam pelo vento e pelas ondas os registros, os rosarios e as medalhas; e só tiveram respeito a uma copia de Maria Santissima, que se tinha tirado por aquella que tinha sido do padre Azevedo. Depozeram os soldados e marinheiros portuguezes, que a Portugal regressaram depois da prisão, que até os huguenotes viam com assombro fluctuar entre as reliquias, imagens e estatuas, tantas imagens vivas, com cujo sangue se avermelhavam as ondas; sustentando-se por algum tempo sobre a agua ou sobre a propria morte, até que, fatigados os remos, ia a pique a nau *Victoria*. Como se escutavam os mais doces affectos e colloquios ternissimos, esforçando-se uns aos outros, enviando ao Céu seus corações exaltados em lembranças, e em pacificos gemidos. Que em todos observaram á vista da morte tão alegre semblante, que em cada um se deixava ver o caracter da felicidade sobrescripto na frente, que não só explicavam seu consolo com fervorosas respirações de goso, senão que até mesmo alguns accusavam de ligeiro o corpo, porque tardava em ir para o fundo, e a preguiça das ondas em sorverem victimas tão voluntarias. Que entre os outros se fizeram notar com admiração os irmãos Francisco de Magalhães, que, voltado o rosto sereno para a pôpa do navio, os saudava com a voz da alegria, e com o aspecto de uma alma ditosa; Alonso de Vaena, João Fernandes e Marcos Caldeira, que se regalavam dulcissimamente com a morte visinha, e com o objecto divino e formoso, que sabe fazer aprazivel o estrago, até que ia para o fundo, sagrado cadaver, o corpo, inclinadas as cabeças até ás ilhas, onde nascem as palmas.

«Assim encontrou este esquadrão triumphante a palma da victoria no mar alto; assim derramou a graça seus esforços e suas maravilhas entre o sangue e as espumas.

«Concorreram, porém, muitos e sensiveis prodigios, que estão authenticados nos processos que se fizeram em Coimbra no anno de 1628, com maior numero de testemunhas do que o numero de pessoas de que constava o esquadrão de martyres gloriosos mortos pela fé.

*
* *

«Este martyrio deu grande brado por todo o mundo catholico. S. Francisco de Borja, ao ter noticia de um tal caso, exclamou: «Ó santo padre Ignacio de Azevedo, nunca vos olhei com outros olhos, desde que em Portugal dos vossos

aprendi a modestia! Ó claro espelho de religião e de virtude!»[1] E escreveu logo para Portugal, dizendo que não fizessem suffragios por taes martyres.

«Ainda outra vez S. Francisco de Borja foi mandado a Portugal pelo Rei de Hespanha. Mas não quiz morar no palacio real como queria o Adonis de Portugal, que vinha a ser El-Rei D. Sebastião, e os fidalgos iam atraz de S. Francisco de Borja admirando-o, e apontando-o com o dedo para o pae do embaixador de Hespanha, pois effectivamente D. Juan de Borja, filho de S. Francisco de Borja, era então o embaixador de Castella.

«Em primeiro logar pediu S. Francisco a D. Sebastião que entrasse na liga contra os turcos. Em segundo, para propôr, por causa dos desejos de Pio V, que se casasse o nosso rei com madama Margarida, filha de Henrique II, e irmã de Carlos IX, Rei de França, e conseguiu que fosse pedida esta princeza, e D. Sebastião escreveu ao Papa, em 20 de dezembro de 1571, dizendo que escrevêra effectivamente pedindo uma tal princeza, por ver que o papa levava em gosto um tal casamento.

«A virtude de Francisco de Borja era tão grande, que D. Anna de Almeida, parenta chegada de Borja, dama de rara gentileza e fidalguia, no anno de 1535 foi de Portugal a Castella com o fim de se educar com os exemplos de Borja. E d'aqui foi professar nas «Descalças Reales de Madrid», com sua tia, soror Joanna[2].

CIERA (MICHEL ANTONIO ——).

E. *Il sacrificio de' Pastori, componimento dramatico al felicissimo giorno natalizio di S. M. Fidelissima D. Giuseppe I, Re di Portogallo, Algarve, &c.* Lisbona, 1772. Nella Stamperia Reale.

CINCO PIEDRAS (LAS), *de la honda de David, por el reverendo padre Antonio Vieira.* Madrid, 1767, in-4.º

CINTRA.

Versos na quinta da Penha Verde, por uma senhora:

As campinas retalhadas,
Cerrado bosque no centro,
Mimosos vales por dentro,
Fóra, as serras penduradas,
Sempre as aguas prateadas,
Continuo verde a espessura,
Zephyro sempre em doçura,
Mil Satyros, mil Silvanos,
Brandas Nymphas, seus enganos,
São de Cynthra a formosura

Em tempos remotissimos aquelles logares de Cintra eram habitados por um povo, ao qual chamavam Sarrios.

---

[1] Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*, pag. 409.

[2] Id., id., pag. 522. Reputo: este livro trata muito de Portugal, e são dignas de leitura as passagens em que trata dos jesuitas, no reinado de D. Sebastião, pag. 434 e segg.

No tempo de Costa e Silva não havia em Cintra vestigios do templo romano. (Emilia e Leonido, *Poesias*. Notas, pag. XXXIX.)

CINTRA.
Vue gr. en t. d., coloriée. Bradfort. del. Clark sculpsit. London, 1809.

CIRUELO (PEDRO ——).—Lente de mathematica na universidade de Salamanca.

Escreveu ácerca do nosso Pedro Hispano, ou Papa João XXII, a seguinte obra:

E. *In Summulas Petri Hispani praeclarissimus commentarios.* Salamanticae, 1537, fol.[1]

CISSEY (CH. ——).
Amelina e Florello. Histoire portugaise. 3 vol. Avec gravures. Paris, l'an IX. (1801).

CITOLEGUE.
Enseignement du premier âge. Méthode Jacob. Rodrigues Pereire, par mrs. Magnat. Directeur de l'École des Sourds-Mouets. Ouvrage adopté pour les Écoles communales de Paris. Quatrième édition. Paris, 1882. 46 pag.

CIVILIAN.
Observations addressed to the Author of Portugal, &c. Lisbon, 1829.

CLAIE (L.).—Président du syndicat et de la parfumerie.

Culture des fleurs et des plantes aromatiques; fabrication des parfums en Portugal et dans ses colonies; avenir de cette industrie dans ce royaume, par ——. Paris, 1865.

CLAIMANTS.
British naval and military on the portuguese government. With appendix. Westminster. 24 pag.

CLAIROIN (HECTOR ——).—Professor de francez no Funchal.

O nec plus ultra *das grammaticas methodicas para o ensino da lingua franceza, por ——. Segunda edição. Inteiramente refundida do* Methodo michaelense, *approvado pelo conselho superior de instrucção publica.* Lisboa. Lallemant Frères, 8.º 111-547 pag.

CLAIREVILLE (O. S. SIEUR DE ——).—Gentilhomme Loudonois.

La Méthode Françoise ou la manière d'apprendre à parfaitement discourir & bien écrire: pour se former en la conversation de toutes personnes, et particulièrement des dames. Sous les diverses amours de plusieurs personnages, non moins

---

[1] D. Alejandro Vidal y Diaz, *Memoria historica de la universidad de Salamanca*, pag. 431.

véritables, que d'agyreable lecture. Par ——. A Paris, chez Pierre Billaine, rue Saint Jacques, à la Bonne Foy. 8.º, 1622. 714 pag.

*
* *

Entre as muitas historietas que se encontram n'esta obra, apparece uma dos cavalleiros Braccho e Letor. Este, vencedor de Braccho, passava o tempo nas castas delicias de uma familiar conversação com a sua dama Dorothéa, quando Byresias, vice-rei de Lisboa, capital de Portugal, e tio da bella Dorothéa, a mandou vir para assistir as nupcias de Dalchméa, sua prima, a qual ia casar com D. Frederico de Melitano, vice-rei de Aragão. Domathéa, mãe da nossa bella amante, por ser já caduca e excessivamente bella, e por conseguinte, não podendo aguentar a fadiga de uma tão longa viagem, não quiz ir; mas com o fim de contentar seu irmão, ali enviou sua filha Dorothéa, que ella confiou de Pantidea, sua tia, e depois de ter posto de verga de alto alguns navios proprios para a sua navegação, aprazam dia para partirem, com o fim de chegarem cedo a Lisboa, distante de Sevilha mais de cem ou de cento e vinte leguas sobre o Oceano; de modo tal, que no decimo nono dia do mez de abril se fazem de véla para Lisboa. Pantidee e Dorothea embarcaram n'um pequeno patacho, que elles tinham mandado preparar para uma tal viagem, onde Letor, que era o predilecto de Pantidea, teve logar, e os outros que os acompanhavam se pozeram uns em os navios de guerra que Aldado lhes tinha dado para os defenderem contra aggressões dos piratas e dos barbaros, e mui principalmente dos Turcos, que pairam vulgarmente por este mar; os outros em pequenas galeotas, de modo que, todos bem acondicionados, e desamarrados do porto, tiveram de tal modo vento de feição, que chegaram no vigesimo quinto dia do dito mez, apesar de terem sido retidos por algumas tempestades na ilha de Segara; Byresias, sendo advertido da chegada de sua sobrinha Dorothéa, a qual tinha comsigo uma nobre companhia, principalmente de bravos e generosos cavalleiros, prepara uma bella entrada para a receber. Era o barulho tão grande por toda a cidade, que Dorothea, a mais bella do universo, vinha ás bodas da Princeza Dalchméa, acompanhada de um bello numero de bravos cavalleiros; cada um anciava vel-a; as damas lisbonenses tinham nos dois lados das ruas, pelas quaes ella devia passar, theatros enriquecidos de mil maravilhas, e ellas n'elles estavam deslumbrantes de rubis, esmeraldas, saphiras, carbunculos, diamantes, n'uma palavra, ellas estavam mais brilhantes do que as estrellas do céu; e as pedrarias com as quaes estavam ornadas, não deslumbravam menos do que os fulgurantes raios do sol no meio da sua força; todos os cavalleiros em ordem e tão ricamente ataviados que uma tão bella comitiva era maravilhosamente admiravel. Dorothéa, pois, tendo chegado ao porto que se chama das Damas, distante da cidade uns dois ou tres mil passos, onde ella desembarcou, foi ali recebida por Philesio, filho de Byresias, e por Aristipodos, irmão de D. Frederico de Melitano, seguidos de trezentos ou quatrocentos cavalleiros, destros e escolhidos; e depois de ter sido ella assim recebida por seu primo (bem como por toda a sua comitiva), montou n'um cavallinho branco, coberto de jaezes de velludo azul bordado de oiro, tão amplo, que tocava na terra; e todo o seu sequito não ficava inferior em riqueza; mas particularmente Letor, nosso amante, que estava então mui vantajosamente montado n'um ginete

de Hespanha, em cuja cauda estavam entrelaçados mil laçarotes de diversas côres, sendo o freio de prata dourada, tendo as redeas enfeites de oiro, a sella da mesma fórma, e bordada tão preciosamente; emquanto á sua pessoa, nada se podia encontrar de mais gentil; estava elle vestido de setim azul, coberto de listões de oiro, que lhe davam um tal brilho, que se tornava impossivel olhar para elle sem ficar amoroso.

Assim entraram elles na cidade de Lisboa, seguidos da fidalguia, e com tal magnificencia, que sumptuosidades taes nunca mais tornaram a apparecer. Todo o mundo concorria de todas as partes ao encontro d'esta deslumbrante belleza, e o borborinho era tão grande, e a ancia de a verem tão forte, e os caminhos estavam de tal modo apinhados de gente, que ella gastou mais de tres horas em caminhar desde a porta da cidade até ao palacio de Byresias, vice-rei, seu tio, que a recebeu com grandes applausos.

Os musicos não poupavam gargantéios não interrompidos de suas delicadas vozes; os alaudes, as rebecas e as charamelas, resoavam por todas as partes á chegada d'esta rara belleza. Byresias estava bem alegre e contente de ver toda a gente cheia de jubilo por causa da bella Dorothéa, sua sobrinha, a quem elle não amava menos do que a sua filha; o tempo passa assim alegremente até á ceia, e durante a ceia Aristipodos ficou sentado defronte da bella Dorothéa, por cujas perfeições seu espirito estava de tal modo attrahido, que o desejo de uma tão bella graça lhe fazia bastantes vezes exhalar mui profundos suspiros, nos quaes a companhia fazia bastante reparo, mas entre outros Letor, que julgava de onde elles provinham, e que d'elles resultavam alguns sinistros acontecimentos, pois estava resolvido a morrer antes do que deixar que lh'a arrebatassem; apenas foram servidos, cada um toma logar, e todos se retiraram para o lado, D. Frederico de Melitano, approximando-se da bella Dorothéa, lhe fallou com humildade, de modo que era facil reconhecer o contentamento que recebia com a chegada d'ella.

«Bella: tenho tido tão grande desejo de vos ver, que algumas vezes suppliquei a Byresias que vos mandasse buscar; é bem verdade que elle tinha desejo que honrasseis com vossa presença as bodas da bella Daschméa, mas elle de nada mais se receiava do que da extensão do caminho; comtudo, visto o céu me ter sido tão favoravel, de modo que vos induziu a tal, segundo o ardor dos meus desejos, asseguro-vos que é o mais nobre favor e a maior gloria que poderiamos apetecer, para honrar o ditoso successo de nossa alliança, e que, com respeito, disporei todos os cavalleiros da nossa côrte a reconhecer vossos merecimentos, por meio de justas e de alguns bellos torneios, que para tal effeito hão de ser feitos em vossa honra.»

Dorothéa, que, bem instruida, não ficava jamais muda, lhe responde:

«Senhor Frederico: v. ex.ª quererá desculpar-me, se eu não me dilatar mais: mas achará bom, se lhe aprouver, que lhe diga que venho aqui como sobrinha de Byresias, para lhe obedecer e agradar, e para prestar a minha prima Dalchméa (e pelo mesmo motivo a vós), a honra que lhe devo de um caso de tal importancia, e não para servir de divertimento á côrte; palavras tão graciosas são boas para uma dama estrangeira, e que estimasse mais os elogios do que eu; fiquemos por aqui, e não interrompâmos o contentamento de toda a companhia».

Byresias sorria ouvindo Dorothéa; respondeu com uma graça tão segura, e

chamando para si D. Frederico de Militano, despedindo-se de sua sobrinha, e aconselhando-a a que se retirasse para as damas, que estavam de tal modo allegoadas por causa do seu grave porte, que ellas não podiam desviar os olhos d'ella. Aristipodos, tomando-a pela mão, chegou-a para junto de si, esperando ter a honra de lhe fallar toda a tarde.

«Eu não creio, lhe disse elle, que os deuses tenham um quadro tão perfeito dentro do ceu para contentar o poder da sua vista, como o vosso rosto, que eu considero antes como o retrato de alguma divindade, do que o de uma dama mortal.»

Aristipodos teria ficado bem contente de ter a alegria de conversar, sem ser perturbado, com a bella Dorothea, cuja excellente belleza o tinha já tão vivamente tocado, que se sentia quasi consumir pelo arder de seus fogos: mas Letor houvera ficado bem triste de passar esta tarde sem se regosijar por meio de mutuas palavras com sua amada, que tambem nada mais desejava; porque, embora disfarçasse, tudo que não fosse o seu querido Letor, lhe desagradava; de modo que, para contentar um, e descontentar o outro, se introduziram rebecas, charamellas, os contrabaixos, todos elles instrumentos de musica, para começarem o baile; e quem primeiro entrou na liça foi o nosso amante, que, tomado pela joven allíança, incitou os outros a seguirem-na; por este meio, pois, o contentamento de Aristipodos foi adiado, porque todos, confusamente, com alegria, se preparavam para dançar, com o fim de agradar, por amor e por ciumes: mas de todas as damas que estavam ali presentes, a bella Dorothéa era a mais bella, e de todos os cavalleiros, quem mais sobresahia era o nosso bravo Letor; continuaram a dança até depois da meia noite, tempo em que, sendo chegada a hora de se retirarem, quiz Byresias dar o contentamento á companhia, o de ouvir cantar Dorothéa, sua sobrinha, que n'isto não tinha quem a igualasse: pois, incitada pelas supplicas de seu tio, começou a afinar sua voz, com o accento de suas doces palavras:

Canção de Dorothéa

Belle Aurore, douce & vermeille,
Plaine de roses & de lys,
Sur vôtre front plain de merveille
On void Venus avec son fils:
Sur vos isouës plaines de charmes,
Dedans vos yeux plains de douceur
On void le feu, dont j'ay les flames
Par trop d'Amour dedans mon cœur.
Portraites par l'apas
De l'Amoureux trépas.
Puissante mère Cytheree,
Chère deesse des plaisirs!
Mon âme, helas! par vous navrée
N'a plus que ces piteux souspirs,
Grand Cupidon, prends, je te prie
Pitié, de mon cruel esmoy
Ou si non mets fin à ma vie,
Je ne puis plus vivre sans toy.

Mon bien heureux espoir
Viens donc bien tost me voir.
Hélas, dès longtemps je souspire
Amour, sans avoir reconfort;
Si tu ne finis mon martyre
Donne moy, donc, soudain la mort;
C'est avoir l'humeur trop cruelle
Que de me faire tant souffrir,
Mais ce seroit estre fidelle
De me tuer ou me guarir,
Hélas, donc, cher Amour
Mets fin à mon sciour.

Nem é preciso perguntar se ella cantava delicadamente sobre os accentos d'este queixume: pois era ella sufficiente pela doçura do seu canto, para arrebatar não sómente os mortaes, mas até os proprios deuses impassiveis: Aristipodos estava bem encantado por causa d'ella, e tinha já sentido as settas da sua belleza: mas depois de ter ouvido a doce melodia da sua voz, pouco faltou para ficar immobil: de modo tal que a companhia se retirou com tal admiração da bella Dorothéa, que de nada mais se fallava na côrte, senão d'ella; as damas tinham ciumes d'ella, e d'ella todos os cavalheiros estavam enamorados.

No dia seguinte houve o jogo da argolinha, onde nada foi poupado d'aquillo que era digno de dar contentamento ás damas; havia seis cavalleiros vestidos á turca, seis vestidos á egypciaca, seis á franceza, e seis á moda do paiz, mas tudo era oiro e azul; os seis que eram vestidos á franceza eram os cavalleiros que tinham acompanhado a bella Dorothéa, da qual Letor era o chefe.

Ora emquanto elles estavam todos mascarados, não podiam ser facilmente reconhecidos, principalmente em particular; antes que elles entrassem na carreira, eis que quatro trombetas, cobertas de velludo carmezim, á judia, que fazem um edito da parte do Vice-Rei, que prohibia aos cavalleiros, quaesquer que elles fossem, o fazerem mal de proposito, e o emprehenderem qualquer cousa uns contra os outros; pelo contrario, que fossem todos por sua ordem em fileira, e aquelle que apanhasse o annel por tres diversas vezes, não se retiraria da liça senão com a face descoberta, depois de ter saudado as damas; que aquelle que o obtivesse havia de sustentar no dia seguinte a justa contra seis outros cavalleiros, e que d'este modo não haveria confusão, e que tudo caminharia regularmente.

Dalchméa foi quem deu o annel, e em honra d'ella fizeram immediatamente a corrida. Houve desordem logo desde o começo, pois todos queriam ser o primeiro a começar, e nem um só queria ceder; de sorte que foi necessario que a ordem de Byresias interviesse ainda n'esta questão, e deu a preferencia a nossos cavalleiros francezes, dos quaes o primeiro foi Letor, que corria com uma destreza tão grave, com uma graça tão admiravel, que todas as damas estavam amorosas d'elle, sem comtudo o conhecerem, pois só a bella Dorothéa era a unica que o conhecia, por causa de uma facha que lhe tinha dado. Na primeira corrida é elle o vencedor, e de seis que eram, quatro o alcançaram, e emquanto aos mais, só houve um cavalleiro hespanhol que o apanhasse, do que estavam elles bem aborrecidos; mas na segunda corrida esperavam resgatar sua honra, no que se enganaram, por que Letor d'isto os impedia sempre, e obrou tantas maravilhas,

que nove corridas que fez ganhou nove vezes, lembrando-se do edito que o Vice-Rei tinha publicado no começo da corrida, estava bem zangado de ter de se manifestar em virtude d'este; comtudo, enxergando n'um theatro á parte sua bella Dorothéa, com Dalchméa, sua prima, abaixou algum tanto a viseira, voltando-se para ellas, mas tão promptamente, que se Dorothéa não tivesse ali estado, difficilmente houvera sido reconhecido; assim gloriosamente ganhou elle o anel, que a nova promettida, a bella Dalchméa tinha dado, e foi levado em triumpho até ao palacio do Vice-Rei, pelos outros cavalleiros do mundo.

Dalchméa estava de tal modo enamorada, que incessantemente d'elle estava fallando; Dorothéa, que, reconhecendo-o, para obviar a tudo, lhe tirava a lembrança por meio de outras conversas; assim, a reputação dos cavalleiros francezes correu por Lisboa inteira, e principalmente do cavalleiro ditoso (Letor por tal nome se fazia conhecer).

Não terieis vós ouvido outras conversas senão as relativas ao valor d'este cavalleiro e da nobre comitiva que tinha levado a bella Dorothéa, cuja belleza lhe adquiriu varios servidores, e sobre todos Aristipodos andava apaixonado, e procurava por todos os modos obedecer-lhe; porem ella, prudente e sabia, e que sabia bem que não podia, sem ciume, amar igualmente duas pessoas, não quiz esquecer o seu Letor, nem crear uma outra fé, para dar a um segundo amante, o que muito o mortificava, pois bem reconhecia que sua attenção estava preoccupada por um outro objecto, como de facto estava; eis porque lhe foi bem custoso amar Aristipodos, que ella não tinha jámais visto, e que não era para entrar em comparação com Letor, ao qual se tinha ella votado, e de cujos laços ella não queria sair. Cavalleiro feliz, se alguma vez, se jamais a tabua redonda tiver permittido que sejaes nas boas graças da mais bella e da mais perfeita do mundo, de amardes e serdes amados do mais divino objecto que o universo tenha para o enriquecimento de sua gloria, de participardes dos votos da mais excellente belleza que se podesse desejar, e feliz porque o céu e a natureza te têem doado prodigamente tantas graças, glorioso por terdes alcançado uma victoria assignalada, sobre todos quantos têem conjurado contra ti, e inimigos da tua gloria conspiravam a desolação da tua perda; tu ganhaste ainda hontem a palma verdejante d'esta honrosa corrida que fizeste a favor d'esta nova affiançada; mas isto ainda não é tudo; não és tu o alvo da tua honra; tu deves-te ainda preparar bem para maiores luctas. Não te occorre que tu és obrigado a sustentar a justa que se deve fazer publicamente na presença do Vice-Rei e das damas? É de onde tu deves regressar victorioso, e não te deteres no começo de tuas armas; prepara-te, pois, generoso Letor, pois eis que chega a hora que te deve dar a honra e a gloria, ou fazer-te perder inteiramente o louvor de tua fama; a bella Dorothéa, que n'isso tem interesse, não te ha de negar seus favores; pelo seu amor tu te pódes tornar triumphante acima de todos os cavalleiros do mundo.

Chegado, pois, o dia seguinte, devia Letor ser o defendente no torneio; eis porque elle se preparou e armou com bellas armas de prata, sobre as quaes tinha mandado gravar quatro divisas com letras de oiro, a primeira sobre o capacete, que dizia: *Fide conjunctus amori*; sobre suas armas, na dianteira, *Præmium cum labore donatur*, e no lado posterior, *Intrepidus agens*, e por cima do seu escudo: κατα τῆς ευδοξιας δωρον του; appareceu, pois, assim, no torneio, depois de terem chegado Byresias, D. Frederico de Melitano, e todas as damas da côrte, onde immediatamente se apresentaram seis cavalleiros, que pareciam não receiar a

ninguem, e deviam fazer tremer todo o universo, que tendo dado sua volta se retiraram; depois um d'elles avançou contra Letor, para o assentar, e arrojaram alguns furiosos golpes de uma parte e de outra, e logo que ambos foram bem abalados, o cavalleiro feliz empurra tão fortemente, que derriba seu homem com tal violencia, que a terra estava toda regada de sangue; o segundo vem tomar o logar d'aquelle que tinha sido vencido, e a quem Letor achou um pouco menos conquistavel; mas, comtudo, não o deixa em melhor estado do que o primeiro, e tendo este tambem sido derribado, vem o terceiro tambem apresentar-se, e consecutivamente os seis, que todos foram tratados do mesmo modo, á excepção do primeiro, que apresentou um pouco mais de resistencia, e feriu o cavalleiro feliz no braço, mas não deixou aquelle, por isso, de lhe render homenagem, como vassallo, da sua valentia. Acabado o torneio, retira-se Letor, e cede o logar áquelles que o quizeram acceitar. Todas as damas estavam maravilhadas ao verem este cavalleiro feliz combater tão gentilmente. Estava este, por isso, bem reconhecido, mas não emquanto ao amante de Dorothéa, que recebia um grande contentamento de ver tanto estimar aquelle a quem ella amava perfeitamente; de nenhuma outra cousa se fallava na côrte senão da bella Dorothéa e dos valorosos cavalleiros que ella tinha comsigo, cujo renome e gloria tanto tinham já corrido, de modo tal que a inveja e o ciume começavam a introduzir-se na maior parte, que estavam zangados de se verem supplantados e vencidos pelos cavalleiros estrangeiros.

Eis porque n'uma tarde, tendo Letor ido a casa de um capitão da cidade, foi Dorothéa advertida por meio de Aristipodos, de que havia algumas emboscadas, e algumas secretas ciladas contra a sua pessoa, e mesmo de que havia alguns cavalleiros que o esperavam no caminho para lhe causarem desgosto, ao que, querendo remediar promptamente, ella lhe enviou um dos cavalleiros que o tinha acompanhado durante toda a sua viagem, com esta carta:

«Meu querido e muito amado Letor. — Acabo de ser avisada que vossa coragem e vossos dignos feitos de armas vos têem grangeado alguns inimigos, que nenhuma outra cousa pretendem mais do que a vossa morte. Estão elles em armas pelos caminhos por onde tendes de passar. Tomae, portanto, cuidado no que é do vosso interesse e do meu contentamento, e esperae antes a luz do dia para regressardes, e crêde que é a vossa fiel Dorothéa quem vos escreve com medo que algum mal vos aconteça, e se a amaes fugi da occasião de a affligirdes.»

Iemenis, que estava encarregado d'esta carta, sem saber o que estava dentro, foi de prompto leval-a a Letor, o qual apenas a viu despediu-se immediatamente do capitão, saiu para ir ter com a sua namorada, mas encontra n'uma encruzilhada dez ou doze homens disfarçados e armados de cima abaixo, os quaes se lançam sobre elle e sobre Iemenis com tal violencia, que antes de terem tempo de pensarem na defeza, se viram lançados por terra. Procederam contra estes tão ultrajosamente, que os não quizeram jamais deixar, emquanto os sentiram respirar. Não havia membro n'elles que não fosse machucado e chagado, e assim á traição assassinaram dois pobres cavalleiros, que se teriam de bom grado defendido, se lhes houvessem dado tempo para tomarem a espada.

Ao rumores do boato, e ao retintim d'estas armas traidoras, a gente correu immediatamente para ver o que era, pois não era ainda bastante tarde; mas,

tendo descoberto que era o cavalleiro feliz e um outro da sua comitiva, ficaram tão confusos como attonitos sobre este pavoroso espectaculo (pois bem sabiam que Byresias o amava muito), e que elle não deixaria esta morte impune. Propaga-se por toda a cidade o boato repentino, e chega até ao palacio do Vice-Rei, ao qual foram referir que o cavalleiro feliz estava morto, e que fôra assassinado na grande encruzilhada de S. Domingos, mas que se não sabia por quem. Ah, pobre Dorothéa, quanto eu te lamento! Eis tristes novas para te levarem as tuas bodas!

Ai, que a amargura que tu has de receber da morte de Letor, te ha de dar ainda maiores tristezas, do que todos os fulgores da côrte te poderiam dar regosijos!

Estando esta pobre amante com sua prima, vieram dizer-lhe que Letor e Iemenis tinham sido mortos segundo o funesto boato d'esta morte tragica. Dorothéa deixa-se cair desmaiada, sem pulso e como morta, e sem até mesmo suspirar; apertam-lhe as fontes, fecham-lhe a bôca, mordem-lhe as orelhas, e nada; apesar de tudo isto ella não voltava a si; deitam lhe agua fria na face, e fazem-lhe tantas invenções, que finalmente tornou aos seus sentidos, e a primeira palavra que disse, foi esta: «Ai! Porque me tendes vós retirado do logar onde eu estava com o meu amigo Letor! Porque me fizeram tornar aos meus sentidos! Sendo eu tão infeliz, ser me ia preciso vir de tão longe perder aquelle que jamais me quiz deixar! Por que motivo, Byresias, meu tio, me tendes vós feito vir, para me despedirdes agora com um tão grande desgosto? Oh deuses! Não me fareis vós bem depressa seguir no tumulo aquelle a quem eu não podia abandonar na vida? Que crime commetti eu contra vossas divindades, para me terdes tão cedo arrebatado a minha alegria, e acabado minhas esperanças? Que me não houvesseis vós feito morrer com elle, sem me deixardes sobreviver á dôr? E tu, querida parca, que tens o fio de minha vida, não o cortarás tu n'esta hora, em que nada mais peço do que a morte? E tu, morte infame, não me levarás tu n'esta occasião, em que estou toda prompta a servir-te de pasto? Nada; tudo está banleado contra mim, o céu, e terra, e até mesmo as potencias subterraneas a isto se oppõem, e é mister que eu miseravel seja o ludibrio da fortuna, e o alvo da adversidade. Mas, ó grande Deus, se vos quereis permittir que eu viva com tantas saudades, dae-me os deliciosos pensamentos do meu querido Letor.»

Ora, como vieram dizer a Byresias que o cavalleiro feliz tinha sido assassinado, mandou com diligencia saber o que havia a tal respeito, e de facto acham que fôra assim como lhe haviam dito; mas não tanto até tão grande extremo, porquanto, depois de os terem bem examinado tanto a um como ao outro, viram que ainda respiravam, e que não estavam mortos, o que bem prompta e alegremente mandou participar ao palacio do Vice-Rei.

Dorothéa e a sua companhia ali tinham estado alojadas, e onde estando se reanimaram um pouco. No meio de tantas pessoas afflictas, o nosso cavalleiro, lançando um olhar lastimoso e languido para todos os lados, ali avistou a fiel Dorothéa gemendo, e que chorava tão abundamente, que não podia ella bastar para limpar suas lagrimas: Ai! não se póde exprimir quanto a esta vista elle recebeu de dôr, e não se póde crer a coragem e a força que teve, ainda que ferido em tudo quanto podia ser sem morte, quando elle viu a pobre Dorothéa affligir-se de tal sorte; duvidar-se-ia, digo eu, de sua constancia, para dar consolação á sua dama, porque, vendo renascer nos seus olhos a todos os momentos novas fontes de lagrimas, dirigindo sua palavra a Byresias: «Meu senhor, lhe

diz elle, não vos assusteis por isto, nada será se a Deus aprouver, mas que vos apraza mandar que me levem para o meu quarto, e que ali não esteja eu importunado de tanta gente». Isto requeria elle com o fim de ter occasião de ver em particular a bella Dorothéa, que elle via tão attribulada, e a compaixão da qual o tocava mais vivamente do que o resentimento de suas feridas. Byresias manda, portanto, que o levem para o seu quarto, e que não deixem entrar n'elle outras pessoas que não sejam os cirurgiões, para o tratarem. Sua dama tambem ali esteve, onde é facil de querer os requebros, os suspiros e os ternos abraços de um ao outro.

Vieram, pois, para pensar Letor, e porem-no a geito; põem o primeiro apparelho, e ali o deixaram até ao dia seguinte á mesma hora. Não ha motivo para duvidar de que tivessem feito o mesmo a Icmenis e com outra tanta curiosidade foram tão diligentemente tratados, que desde que principiaram a estar melhor, que foi de ahi a um mez ou cinco semanas, Dorothéa despede-se de Byresias e de Pantidéa, sua tia, que depois de ter saudado a toda a côrte e deixado Dalchméa com D. Frederico de Melitano, seu novo marido, embarcam para se fazerem de véla para Sevilha, apesar de não estarem ainda completamente restabelecidos o pobre Letor e Icmenis; mas não os fez isto deterem-se mais, embora Byresias tivesse bem vontade de lhes dar mais contentamento do que o que elles haviam recebido, pois o assassinato de Letor perturbou toda a boa convivencia, e de modo tal que nenhuma cousa mais se podia encontrar para ennobrecer esta nobre côrte, do que suas raras perfeições.

*
* *

D'este cavalleiro ditoso, que foi no entanto seguido de uma grande desgraça, mas *nihil est ab omni parte beatum*, conta-se que, vendo Aristipodos a bella Dorothéa, resolveu acompanhal-a até Sevilha, e para este effeito embarcaram elle, Phillesis, e varios outros cavalleiros que os seguiram nos navios de Lisboa para acompanharem a mais rara belleza do Oriente.

CLAMORES, *lagrimas y suspiros de Madrid, al Rey nuestro Señor Don Phelippe Quinto (que Dios guarde felices siglos), desde la cruel oppression de los Enemigos.*

CLARETTA (BARONNE GAUDENZIO ——).—Membro della Reale Deputazione sovra gli studi di Storia Patria.

E. *Vita di Maria Francisca di Savoia Nemours, Regina di Portogallo, con note e documenti inediti.* Torino, tipografia Eredi Botti, 1865, 8.° gr., 312 pag.

Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo, Duchessa di Savoia. Torino, 1863, tipografia Eredi Botta, 4.°, 195 pag. Com o retrato de D. Beatriz.

Diz que os auctores portuguezes de pouco lhe serviram para a composição d'esta obra, e que, por isso, teve de se guiar pelo: *Storia delle Alpi marittime,* del Gioffredo; da *Monarchia Piemontese,* di Ercole Ricotti; e das *Istituzioni della Monarchia di Savoia,* do conde Cibrario.

Na *Chronica portugueza* diz-se que o casamento de D. Affonso Henriques

foi em 1145, mas por dois documentos encontrados deve assentar-se no de 1146 (pag. 13).

Sentava-se então (pag. 23) no throno da Lusitania, Manuel, decimo quarto Rei, e um dos melhores que governaram aquella nação. Foi no seu reinado, que as prosperas navegações dos trabalhadores e intelligentes portuguezes e italianos conquistaram um notavel augmento de imperio, e deram ao mundo um magnifico testemunho do arrojo e valor d'aquelles povos, justamente cantados pela musa divina de Camões.

Beatriz nasceu no ultimo dia do anno de 1504.

Em 1516 o duque de Saboya tinha principiado suas diligencias para obter a mão da Infanta, cujo casamento elle cubiçava.

CLARKE (FRANCIS L. ——).

The life of the most noble Arthur Marquis, of Wellington, Duke of Ciudad Rodrigo, &c., with copious details and delineations, historical, political, and military, of the various important services, in which has been engaged in Flanders, India, Ireland, Denmark, Spain and Portugal, &c., &c., &c. By ——. 1812.

CLARKSON (REV. F. ——).

I. *An Essay on the comparative efficiency of Regulation or abolition, as applied to the slave trade.* London, 8.°, 82 pag.

II. *An Essay on the slavery and commerce of the human species, particularly the African. Translated from a latin dissertation.* 2d edition. London, 1788, 167 pag.

III. *An abstract of the evidence delivered before a select committee of the House of Commons in the years 1790 and 1791; on the part of the petitioners for the abolition of the slave trade.* London, 1791, 8.°, XXVI, 155 pag.

IV. *An Essay on the impolicy of the african slave trade.* In two parts. 2d edition. London, 1788, 8.°, 1 vol., 138 pag.

CLAUDIUS PLANUS, legista, et **HENRI SCHAEFER,** professeur d'histoire.

E. *Histoire de Portugal depuis la séparation de la Castille jusqu'à nos jours, avec une note sur la Chronique inedite de la Conquête de Guinée, donné par le Vicomte de Santarem.* Paris, typographie de Coson, 1867, 8.° gr., 663 pages.

CLAVIGERO (FRANCISCO XAVIER ——).—Jesuita, natural de Vera Cruz.

E. *Elogio de S. Francisco Xavier.* Mejico, 1762, in-4.°[1]

CLEF (LA) *du Cabinet des Princes de l'Europe, ou Recueil historique & politique sur les matières du tems.* Juillet, 1704. Tome premier. Imprimé chez Jacques Le Sincère, à l'Enseigne de la Verité. 1704, 8.°, 443 pag.

Segundo um aviso que se vê no verso da primeira folha, apparecia á luz um volume no principio de cada mez.

O primeiro volume, porém, pertencente ao mez de julho de 1704, principia

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. IV, pag. 139.

por conter as pretensões das casas de Austria e de Bourbon sobre a monarchia de Hespanha, e do que aconteceu de mais notavel n'este reino, e em Portugal no no mez ultimo.

*
* *

Carlos II, Rei de Hespanha, com cerca de quarenta annos de idade, havendo reinado trinta e sete annos menos seis semanas, morreu em Madrid no 1.º de outubro de 1700. Filippe V, duque de Anjou (segundo filho de Luiz Delphim de França, e neto de Luiz XIV, cognominado o *Grande*, Rei de França), nascido em Versailles a 19 de dezembro de 1683, foi proclamado Rei de Hespanha a 16 de novembro de 1700: partiu de Versailles para ir tomar posse d'esta monarchia a 4 de dezembro seguinte, e chegou a Madrid a 18 de fevereiro de 1701.

No mez de setembro de 1703, o Imperador Leopoldo, como filho de Maria de Austria, filha de Filippe III, por meio de renunciação feita pelas Rainhas de França Anna de Austria e Maria Thereza de Austria, pretendendo que as corôas de Hespanha lhe pertenciam por direito de successão, cedeu todos os seus direitos, e o Rei dos romanos renunciou tambem os seus, a favor do archiduque Carlos, filho do sobredito Imperador e de Maria Anna Joseph de Neubourg, sua terceira mulher, e se declarou ao mesmo tempo Rei de Hespanha, com o nome de Carlos III.

Partiu este Principe pouco tempo depois para Hollanda, e d'ahi passou á Inglaterra, onde embarcou para Portugal, e chegou a 9 de março de 1704 com as tropas que a Rainha de Inglaterra e os Estados Geraes lhe forneceram, para desthronar, se fosse possivel, o Rei Filippe V.

Como são os interesses d'estes dois Principes a causa unica da guerra, que ha tres annos abraza toda a Europa, os que não estiverem perfeitamente instruidos das rasões allegadas de um lado e do outro, achal-as-hão nas duas cartas seguintes: uma do almirante de Castella, que abraçou os interesses da casa de Austria, e a outra do arcebispo de Sevilha, que lhe é diametralmente opposto.

A primeira carta corre de pag. 4 até 15, e a outra de 15 a 29. Segue-se (pag. 29) uma outra carta escripta em Lisboa a 1 de junho de 1704. N'ella se narra a chegada do archiduque, os progressos das armas francezas, e se assevera que os portuguezes estão consternados. É, porém, necessario que se saiba, que o jornal é defensor dos interesses do neto de Luiz XIV. Copía depois o manifesto do Rei de Portugal.

Na pag. 73 começa o volume pertencente ao mez de agosto, e, como de costume, principia pelas noticias de guerra da acclamação. Informa-nos de que o Rei de Portugal entregára o governo a sua irmã, viuva do Rei de Inglaterra, e se dirigira para Santarem, com o fim de d'este ponto, dar impulso á guerra.

No vol. III do mez de setembro (pag. 164), apparece a carta do commendador de Villa Hermosa, escripta ao cardeal G. . ., ácerca do manifesto do Rei de Portugal, e a pag. 202 uma carta do duque Schomberg, relativa á guerra.

No jornal de outubro refere-nos que a côrte tinha saído de Santarem, que em Portugal grassavam muitas doenças, e que até o proprio archiduque havia por quinze dias tido accessos de febre mui violentos. Milord Galloway fôra substituir Schomberg, mas tinha sido recebido com frieza por não levar soccorros. No emtanto, por esta occasião, apoderaram-se os inglezes de Gibraltar, e ainda estão de posse d'ella.

Parece que o redactor d'este jornal no mez de novembro não estava muito contente, parece estar murcho. Diz-nos que o governador de Salvaterra, accusado de covardia e de traição, fôra condemnado á morte.

No mez de setembro apparece a carta do general Fagel, commandante do exercito hollandez em Portugal, a um dos seus parentes, a 15 de outubro de 1704, na qual se diz que o Rei Carlos quasi que não tinha partidarios na Hespanha.

No tomo III, julho de 1705, ainda continuam as noticias d'esta guerra. Começa por uma carta escripta de Badajoz a 28 de maio, na qual se diz que o prolongamento e a obstinação do cêrco de Gibraltar, não sómente deu tempo aos inimigos para restabelecerem seus negocios, que anteriormente pareciam arrumados, mas animou de tal modo a coragem abatida dos portuguezes, que se tornaram inteiramente insolentes.

O barão Fagel, mestre de campo geral, que commanda os hollandezes em Portugal, escreveu aos Estados Geraes em 8 e em 20 de maio: reduzem-se estas duas cartas a dar-lhes aviso que, para evitar a desintelligencia entre os generaes, tinha-se concordado em que commandaria o exercito alliado, uma semana milord Gallway, e outra o general Portugal. Que a 8 de maio tinham tomado com a espada na mão a povoação de Valencia de Alcantara, que a 20 tinha-se rendido a villa de Albuquerque, por capitulação, tendo saido a guarnição pela brecha, com uma peça, e que a guarnição fôra conduzida para Merida.

Em o numero de agosto de 1705, dá noticia das conspirações que na Hespanha se tinham formado a favor do archiduque (pag. 81).

Tomo I.—Carta do almirante de Castella, escripta de Lisboa, em Portugal, a D. Manuel Arias, arcebispo de Sevilha, acerca da successão á corôa de Hespanha, em Portugal. (De pag. 4 a 15.)

Resposta do almirante de Castella. (Pag. 15 a 22.)

Declaração de guerra contra Portugal. (Pag. 26 a 29.)

Copia de uma carta escripta de Lisboa no dia 7 de junho de 1704.

Manifesto do Rei de Portugal. (Pag. 33.)

«Um auctor moderno asseverou que o fallecido marechal de Schomberg, commandante das tropas francezas em Portugal, quando este reino sacudiu o jugo dos hespanhoes, escrevia o que se passava n'aquelle paiz n'um vidro, e que expondo-o á lua, o cardeal Mazarin, que estava em Paris, com a ajuda de um telescopio, lia n'este astro tudo quanto o marechal queria que elle soubesse.»

*
* *

«As doenças que reinam em Portugal, não pouparam aos principaes da côrte, nem mesmo ao archiduque, que pelo espaço de quinze dias foi atacado de dysenteria com alguns accessos de febre muito violentos. O que fez resolver ao Rei de Portugal a mudança de residencia. No dia 5 de agosto foi para Coimbra, na margem do Mondego, onde os medicos pretendem que o ar é mais puro do que em Santarem. Sua Magestade portugueza declarou que se poria á frente do exercito e que o archiduque commandaria separado as tropas auxiliares[1].»

---

[1] Este volume apresenta bons artigos para a historia d'esta campanha.

Tomo III.— Julho 1705.— Artigo 1.º— Contendo o que passou de consideravel na Hespanha e em Portugal desde o ultimo mez. Pag. 1 a 8. Dá noticia de que os portuguezes tomaram Salvaterra, e de que Valencia de Alcantara foi tomada pelos inglezes e hollandezes. Em summa, o redactor d'este artigo, todo partidario da França, mostra-se um pouco desanimado.

«Tinha morrido em Extremoz o almirante de Castella, e seu corpo foi embalsamado e depositado nos Jeronymos em Belem, até que as circumstancias permittissem que o corpo fosse levado para Hespanha. Em outubro estava Badajoz ameaçada de cerco pelos portuguezes. Em dezembro está effectivamente cercada por um exercito composto de 20:000 infantes e 5:000 cavalleiros. O cerco, porém, foi levantado, e compozeram contra os alliados a seguinte poesia franceza:

Fut-il jamais entreprise,
Faite avec plus de bon sens?
La ville auroit été prise,
Sans les Soldats du dedans.
De l'approche d'une armée,
La leur étant allarmée,
Pour se faire un grand renom,
Ils ont tous avec courage,
Abandonné le bagage,
Les boulets et le canon.

Seja como for, os francezes não ganharam despojos tão consideraveis no acampamento portuguez, como aquelle de que falla o sabio Mr. B., quando diz que os portuguezes, havendo perdido uma batalha, encontraram-se 14:000 guitarras no seu acampamento.

Tomo IV, Janeiro de 1706:

Rondeau sur les craintes des espagnols

C'est fait de nous Espagnols et François
Nous voila tous en des piteux emois.
Plus ne nous reste ici bas d'esperance,
D'Autriche il faut reverer la Puissance,
Ou nous cacher au plus profond des bois.

Tous leurs soldats causent de grands effrois.
Ils vont partout exercer leur vengeance,
C'est fait de nous.
Ils ont réduit Barcelone aux abbois.
Les Catalans sont soumis à leurs lois.
Tout va bientôt leur rendre obéissance,
De tels vainqueurs, helas! pour cette fois
C'est fait de nous.

«A guerra do norte e a da successão, têem de tal modo incendiado toda a Europa, que quasi não ha estado que se não resinta d'essa violenta agitação, e na qual se não vejam revoluções terriveis que fazem admirar essa Providencia Soberana, que se apraz alguma vez em assignalar sua omnipotencia por meio de occorrencias prodigiosas.» (Pag. 70.)

*
* *

«Tendo os portuguezes reunido seu exercito perto de Elvas, marcharam para a fronteira de Hespanha, mas não pozeram ainda cerco algum, embora andem sempre a ameaçar Badajoz.

«Tendo o Rei de Portugal reconhecido quanto a subordinação é necessaria entre os generaes de um exercito, não desconhecendo a pequena capacidade que os seus têem, deu a milord Galoway a patente de generalissimo, o que produziu descontentamento e murmurio do marquez das Minas, e de alguns outros senhores portuguezes. E quando alguns de seus conselheiros lhe representaram áquelle senhor como pouco habil, por ser canhoto, respondeu-lhe este Principe: «Que não era o braço do general que ganhava as batalhas, mas sim a sua cabeça.»

*
* *

«Como não foi possivel persuadir aos administradores das egrejas nacionaes «del anima» dos allemães, e de Santo Antonio dos portuguezes, não sómente a que prestassem contas da sua administração, mas tambem a que provassem que cumpriam os encargos impostos pelos fundadores, o Papa poz interdicto em taes egrejas. Foram, portanto, fechadas desde o começo da quaresma, e n'ellas já se não resam os officios divinos.

Janeiro de 1707.— Noticia de ter sido pedida em casamento para o filho do Rei de Portugal a archiduqueza filha do Imperador Leopoldo. Diz que esta princeza se tornava notavel pelos seus estudos de philosophia. Dá noticias relativas á continuação da guerra.

Pag. 335, etc.— Biographia de D. Pedro II.

Setembro de 1707.—Traz as seguintes noticias: «Nada se passou de consideravel nas fronteiras de Portugal desde o ultimo mez; os calores obrigaram o marquez de Bay, como se tinha previsto, a adiar o cerco de Olivença, e pôr suas tropas em quarteis de refresco até ao mez de setembro. Os portuguezes abandonaram Ciudad Rodrigo; mas antes de se retirarem levaram a prata e os ornamentos preciosos das igrejas, e até um docel que servia na procissão do Sacramento, o que irritou de tal modo os hespanhoes, que protestaram vingar-se apenas tivessem occasião.

«O Rei de Portugal, para preencher seus regimentos dizimados na batalha de Almanza, tinha ordenado que prendessem os creados dos fidalgos e dos ecclesiasticos em estado de pegarem em armas; mas esta violencia causou um tão grande alarido nas principaes cidades do reino, que Sua Magestade viu se obrigado a revogar esta ordem, e a mandar soltar os creados que já tinham prendido. Este

principe nomeou o conde de Villa Maior para ir da sua parte á côrte de Vienna pedir, segundo dizem, uma das archiduquezas em casamento.

Julho de 1708.—Diz que as chuvas continuadas retardaram as operações da campanha sobre as fronteiras de Portugal, bem como na Catalunha.

«Tudo que se póde dizer presentemente de positivo sobre as cartas de Madrid de 29 de maio, é que os exercitos estavam acampados á vista um do outro na provincia do Alemtejo, a algumas leguas abaixo de Badajoz; o de Hespanha, commandado pelo marquez de Bay, e o de Portugal pelo marquez das Minas; mas, tanto um como outro d'estes exercitos são pouco numerosos; é provavel que estarão naturalmente em defensiva, e que nenhuma outra cousa hão de emprehender que dê muito nas vistas.»

Setembro de 1708.—Não havia novidade emquanto ás operações dos exercitos inimigos. Casamento do Rei de Portugal.

N'este mesmo numero de setembro dá noticia de uma rapariga que tinha nascido em Monsaraz, perto de Elvas, e que fallava, apesar de não ter lingua.

Novembro de 1708.—Dá noticia da chegada da Rainha de Portugal a Lisboa, e de uma frota do Brazil ricamente carregada.

Janeiro de 1709.—«Se as noticias chegadas de Londres e da Hollanda não fossem exageradas, a côrte de Portugal teria andado mal em dar ordens tão precisas a seus ministros na Inglaterra e na Haya, para pedirem com tanta instancia o pagamento dos subsidios em divida a Sua Magestade Portugueza, sem os quaes (dizem estes ministros), ella ficaria privada de fazer os preparativos necessarios para a proxima campanha. Pois taes avisos nos asseguram que a frota do Brazil, alem de uma quantidade grande de diamantes, perolas e outras mercadorias preciosas, tinha trazido para Lisboa 10:000 arrobas de oiro, pesando cada arroba 32 libras de oiro fino e puro.»

Fevereiro de 1709.—Tinha-se celebrado um tratado entre Portugal e Hespanha para os lavradores das duas nações não serem hostilisados, e poderem lavrar e cultivar suas terras sem receio.

Junho de 1709.—«Um medico inglez, por nome Mr. Lecaan, querendo dissipar a repugnancia que a maioria dos inglezes têem de irem servir nos exercitos de Hespanha e de Portugal, por morrerem alli mais pessoas pelas doenças do que pelas armas, mandou imprimir no anno passado uma obra dedicada ao conde de Sunderland, secretario d'estado, a qual é um methodo pelo qual pretende que os inglezes e os outros estrangeiros possam conservar sua saude n'aquelle paiz. As rasões allegadas por este doutor não têem ainda persuadido seus compatriotas, porquanto n'este anno se têem encontrado maiores difficuldades em fazer os recrutamentos em Inglaterra para enviarem tropas para alem mar; que o parlamento se viu obrigado a passar um documento para auctorisar os alistamentos forçados, extremo desconhecido dos inglezes antes do reinado actual, a não ser para pegar em armas para defeza da propria patria.

«Entre os conselhos que este doutor dá ao estrangeiro para conservar sua

saude na Hespanha, são os de não beberem alli vinho novo, nem outro qualquer sem agua.»

Julho de 1709.— Tinham os alliados soffrido uma derrota. Em agosto os nossos tinham abandonado Valencia. Em setembro tinha a inquisição mandado queimar quatro homens e uma mulher por actos de judaismo, e o mesmo queria fazer a dois inglezes que tiveram refugio em casa do ministro de Inglaterra.

Janeiro de 1710.— «O Rei de Portugal, que não protege menos os jesuitas nos seus estados, que o Imperador da China nos d'elle, mandou pelo seu embaixador em Roma apresentar urgentes admoestações ao Santo Padre por não se decidir nada com clareza ácerca da questão que se conserva sempre indecisa, e que não se sabia o que fazer; que no emtanto era visivel que a missão da China ia ser arruinada, e que o Rei de Portugal incorria no risco de perder Macau; que era absolutamente necessario terminar esta questão, decidindo claramente o que era permittido das cerimonias chinezas, ou o que não era: este embaixador, para apertar mais fortemente com o Papa, lhe representou que havia algum tempo que os estados da Hollanda propozeram ao Rei seu amo, que se lhes quizesse ceder o que possue nas Indias Orientaes, elles o indemnisariam mui vantajosamente na America, cedendo-lhe outros logares e paizes, e por grossas sommas que lhe haviam de pagar; que, embora esta proposta parecesse vantajosa a Sua Magestade, tanto mais que aquillo que ella possue no Oriente lhe é mais oneroso que util, ella recusou esta offerta, porque a religião com isso padeceria. Este ministro, ao terminar sua representação, ajuntou que, se este negocio não estivesse promptamente terminado, o Rei seu amo estava resolvido a tomar suas medidas.»

Fevereiro de 1710.— «Os portuguezes que estavam no exercito do conde de Staremberg, se separaram em virtude de uma carta que o commandante recebeu do ministro de Portugal em Utrecht, com a copia da suspensão de armas: estas tropas esperavam ordens de Lisboa para se retirarem; consistem ellas n'um regimento de infanteria de mil homens, com outro regimento tambem de infanteria, que, não se tendo restabelecido depois da batalha de Villaviciosa, apenas alli ficaram alguns officiaes, muito poucos soldados, e onze esquadrões, compondo ao todo uns dois mil homens.»

Março de 1710.— «Sobreveiu uma differença entre a côrte de Roma e a de Portugal, que será facil de terminar sem effusão de sangue. Eis por que motivo: o Rei de Portugal, tendo unido certos beneficios aos collegios dos jesuitas do seu reino, Dattaria, que não tem menos amor ao dinheiro do que a um cantão da Suissa, pretendeu que os jesuitas lhe deviam pagar sommas consideraveis por esta annexação; o Rei de Portugal, ao contrario, prohibiu aos jesuitas o terem alguma contemplação para com as ameaças da Dattaria; mas o geral dos jesuitas, prevendo as consequencias d'este negocio, e temendo elle tivesse consequencias desastradas com a Sociedade, principalmente n'um tempo em que ella tinha necessidade de todo o seu credito, e de todos os seus amigos, por causa dos desgostos que lhe suscita Roma relativamente ás desavenças da China; este geral, digo eu, chegou a um accordo no mez de dezembro, com os officiaes do Papa; e lhes mandou pagar as sommas reguladas segundo as taxas ordinarias. O Rei de

Portugal, informado pelo seu ministro de Roma, d'esta convenção, mandou publicar um decreto, pelo qual prohibe a todos os jesuitas em seus estados, o reconhecerem ou obedecerem a seu geral, sob pena de serem desterrados.

«Aconteceu um incidente em Lisboa, que tem, talvez, de intrigar as côrtes de Vienna e de Portugal. Como ainda não sabemos todos os pormenores, contentar-nos-hemos com a simples narrativa, que as primeiras noticias nos trouxeram. O corregedor de Lisboa, que é um magistrado que traz pela cidade o bastão levantado, passando por defronte do palacio do embaixador do Imperador, os creados, que estavam á porta, disseram ao corregedor que abaixasse, como signal de respeito, o seu bastão, á vista da casa do amo d'elles. O magistrado contentou-se com dizer-lhes, que elles eram insolentes, e que havia de apresentar suas queixas ao amo d'elles; que o seu bastão erguido era o signal da auctoridade, na qual seu amo o tinha investido; que não pedia cousa alguma á casa nem aos creados do embaixador, mas que esperava que a audacia d'elles não havia de ficar impune. Ao mesmo tempo quatro lacaios, dois allemães e dois catalães, deitaram-se ao corregedor, obrigaram no a baixar o bastão, e o arrastaram até vinte passos alem do palacio. N'um instante reuniram-se mais de duzentas pessoas do povo baixo, que apenas vingaram o corregedor com injurias que vomitaram contra seus creados, mas asseveram que o embaixador imperial ficou tão chocado, que saiu da cidade com a resolução de não tornar a apparecer na côrte sem que o Rei de Portugal lhe dê antes uma satisfação, tal como o Imperador seu amo desejar. Milord Galloway e o ministro da Hollanda quizeram intrommetter-se para serenar esta questão; mas o embaixador respondeu que, tendo informado a côrte de Vienna e a de Barcelona, nada podia fazer sem que tivesse recebido ordens. Espera-se na presente conjunctura que não passará de um fogo na palha, que não ha de produzir cinzas nem carvão.

«Noticias posteriores de Lisboa, vindas pela Inglaterra, nos trazem outros pormenores ácerca das questões sobrevindas na côrte de Portugal a respeito dos ministros da casa de Austria e dos officiaes de justiça de Sua Magestade portugueza. Eis o essencial:

«Em 1681 o Rei de Portugal, D. Pedro, pae do que reina actualmente, publicou um edito pelo qual abolia a isenção dos bairros dos embaixadores e enviados de todas as potencias estrangeiras que residiam, ou residissem para o futuro, na côrte portugueza. Foi ao mesmo tempo ordenado que os ministros e officiaes de justiça poderiam passar pelas ruas e defronte do palacio dos embaixadores, com seus bastões, que são os signaes da auctoridade que lhes é conferida. Desde aquelle tempo, os embaixadores do Imperador de França, de Hespanha, de Inglaterra, nem os outros ministros estrangeiros não pozeram obstaculo algum na execução d'este edito ou decreto real; mas no mez de junho de 1709, o bispo de Lubiana, embaixador do Imperador (embora incognito) até ao presente pretendeu fazer reviver as franquias ou isenções e immunidades dos bairros abolidos ha vinte e oito annos; tendo mandado que seu suisso carregasse sobre dois alcaides que iam passando por defronte do seu palacio. O Rei de Portugal mandou fazer queixas ao embaixador pelo seu secretario d'estado, por meio de cartas que lhe escreveu a 26 de junho e a 28 de agosto.

«Julgava-se este negocio terminado, quando o conde de Stampa, ministro da côrte de Barcelona, querendo ter a primazia em Lisboa sobre os embaixadores da Inglaterra e da Hollanda, pretendeu gosar tambem dos privilegios ou franquias

dos bairros. Seus creados emprehenderam prohibir o corregedor do Bairro Alto, e o juiz da Mouraria, de passarem por defronte do palacio de seu amo. O corregedor, havendo apresentado suas queixas ao Rei, Sua Magestade mandou ao secretario d'estado que escrevesse a todos os embaixadores e enviados das potencias estrangeiras, que residem na sua côrte, para os informar da abolição das franquias Este secretario cumpriu a ordem do Rei seu amo a 17 de dezembro; reiterou-lhes a 8 de janeiro os sentimentos do Rei.

«No dia seguinte os creados do embaixador do Imperador insultaram o juiz criminal da Ribeira e um dos corregedores da justiça civil; obstaram ao ultimo d'estes magistrados que passasse com sua cadeirinha pela rua em que o palacio de seu amo está situado. O secretario d'estado escreveu ainda ao embaixador para lhe apresentarem suas queixas. O ministro imperial respondeu-lhe em termos que faziam conhecer que as pessoas do seu caracter não são flexiveis, e que elle queria manter seus direitos. A 10 o mesmo secretario escreveu a este bispo, que o Rei lhe tinha ordenado que o advertisse para não apparecer na côrte.

«O conde de Stampa, de quem já fallámos, querendo interessar na questão dos dois ministros de Austria, os da Inglaterra e da Hollanda, fez-lhes algumas visitas; pediu depois uma conferencia particular do secretario d'estado, tanto em seu nome como no dos outros ministros estrangeiros; tendo a hora sido marcada, este conde se encaminhou a casa do secretario d'estado, com o conde de Galloway, embaixador de Inglaterra, m.r. de Schonemberg, ministro da Hollanda, e o principe de Cienfuegos.

«Representaram elles que não era de uso deixarem passar por defronte de seus palacios, quaesquer ministros ou officiaes de justiça, com seus bastões erguidos, nem presos, e que nenhum ministro da jerarchia d'elles o consentiria. O secretario d'estado lhes respondeu: «que nenhum embaixador nem enviado tinha posto a menor difficuldade a tal respeito desde a abolição das franquias; que se este pretendido privilegio estivesse em vigor, os malfeitores ficariam impunes na capital do reino, pois não existe rua principal em Lisboa, onde algum ministro estrangeiro, não tenha ou não possa ter alojamento; que o privilegio dos embaixadores não se póde entender senão a suas pessoas, creados, effeitos, e interior de seus palacios, mas não impedir o livre transito nas ruas, ainda menos a officiaes revestidos de um caracter que o Rei, o soberano do estado, lhes deu, que os ministros estrangeiros não deviam gosar de outros direitos, senão d'aquelles que seus predecessores têem gosado ha vinte e oito annos, que as franquias foram abolidas; que as ordens do Rei a tal respeito eram positivas, e que elle não se podia encarregar da commissão de lhe propor o contrario.

«Os ministros, reunidos em conselho, replicaram que elles não tinham intenção de se opporem ás vontades do Rei; mas que era mister procurar algum expediente, para os contentar, e para accommodar o negocio que se tinha passado entre os creados do embaixador imperial e os officiaes de justiça. Que, emquanto ao que dizia respeito aos ministros em geral, o Rei podia mandar a seus officiaes de justiça que abaixassem as varas defronte das armas de seus amos.

«Não tendo essa conferencia mudado o estado das cousas, o embaixador do Imperador se dirigiu á Rainha, irmã de Sua Magestade Imperial, e pediu-lhe que junto do Rei accommodasse esta questão. Mas este Principe, querendo ser obedecido, e que se não fallasse mais de franquias ou immunidades de bairro, todos os passos dos ministros e supplicas da Rainha foram inuteis.

«O Rei ficou muito mais irritado com o novo incidente a que deu origem o conde de Stampa, a 20 de janeiro. Pois por sua ordem seus creados prenderam o corregedor civil que passava n'uma cadeirinha por defronte do palacio d'este ministro, e o fizeram retrogradar com violencia. No mesmo dia, o Rei fallando n'um tom mui desabrido á Rainha, lhe disse: «Que é isso, senhora? Pois ainda vos interessaes por pessoas que veem disputar minha auctoridade soberana? Não serei eu o senhor na capital do meu reino? São esses os signaes de reconhecimento que eu tinha motivo para esperar de vossos irmãos? Depois d'aquillo que o Rei meu pae e eu temos feito a favor d'elles?» E saindo do aposento da Rainha muito encolerisado, deu ordem ao secretario d'estado para escrever immediatamente aos ministros das côrtes de Vienna e de Barcelona, ordenando-lhes que saissem de Lisboa no praso de quatro dias para se retirarem para onde quizessem, a não ser que elles no mesmo instante não quizessem desistir de suas pretensões; e para prevenir qualquer desordem mandou entrar no mesmo dia em Lisboa quatro regimentos portuguezes, e pôr corpos da guarda n'alguns bairros da cidade.

«O conde de Galloway e M. de Schonemberg, não querendo abandonar os interesses dos ministros de Austria, não deixaram de propor ao secretario d'estado temperamentos para obstarem ás consequencias d'este negocio; pediam, entre outras cousas, que o Rei ordenasse aos seus ministros de justiça que não passassem com presos por defronte dos palacios de nenhum ministro estrangeiro; que, quando por ali quizessem passar sósinhos, pedissem com antecedencia licença. Mas estas propostas, parecendo tambem oppostas á auctoridade do Rei, como o insulto feito a seus officiaes era irregular, foram rejeitadas pelo secretario d'estado.

«Então os quatro ministros de Vienna, de Barcelona, de Londres e da Haya, escreveram em 24 de janeiro ao mesmo secretario, para protestarem que sustentavam os direitos communs dos embaixadores até elles haverem recebido de seus amos novas instrucções a tal respeito.»

Maio de 1710.—«As questões occorridas entre a côrte de Portugal e os ministros da casa de Austria, ainda não estão terminadas. Emquanto esperava a volta do correio despachado para Vienna a tal respeito, o bispo de Lubiana, embaixador do Imperador em Lisboa, mandou imprimir uma especie de dissertação ácerca das franquias dos bairros dos embaixadores.»

Julho de 1710.—«Nada tem occorrido de consideravel na fronteira de Portugal, e parece que a campanha não será mortifera alli, achando-se os exercitos pouco numerosos tanto de um lado como de outro; o dos portuguezes se reuniu perto de Elvas, e o de Hespanha, debaixo das ordens do marquez de Bay, nas immediações de Badajoz, e se apossou da ponte de Gevora, perto de Campo Maior, e tinha feito passar este rio a seu exercito, que subsiste á custa dos portuguezes. Mr. de Bay nada esquece para attrahir os portuguezes a uma batalha; mas emquanto se conservarem no campo que occupam, atraz de uma collina, debaixo da artilheria de Elvas, não ha apparencia de que os exercitos se juntem.»

Vem depois a noticia circumstanciada da batalha de Saragoça, que os hespanhoes perderam, e da entrada do exercito alliado em Madrid. Em 1711 os portuguezes recuperam a cidade de Miranda, que tinham perdido.

Julho de 1712.—Conta-nos que nenhuma expedição militar se tinha feito em Portugal, com excepção de algumas correrias nas terras portuguezes, sem importancia para a historia; e que o Infante D. Francisco, irmão do Rei, tinha quebrado uma perna no mez de abril.

*
* *

«No mez de setembro soube-se que a esquadra franceza, commandada por Mr. Cassart, tinha tomado a cidade de S. Thiago, capital de todas as ilhas de Cabo Verde, e a tinha saqueado a 14 de maio, por terem o bispo e o governador recusado pagar 1:000 piastras pelo resgate. No mez de outubro apparece a noticia circumstanciada d'esta tomada.»

Novembro de 1712.—«A 4 de setembro publicou-se em Madrid e successivamente nas outras cidades da monarchia, a suspensão de armas por quatro mezes, combinada entre as corôas de França, de Hespanha e de Inglaterra; esta publicação foi seguida de todas mostras de jubilo e satisfação que os povos têem por costume manifestar em identicas circumstancias. Em execução d'este tratado, os hespanhoes levantaram o cerco de Gibraltar, com o fim de que os inglezes que ali estão tenham a liberdade de negociar nas provincias vizinhas; desde aquelle tempo seus navios têem uma livre entrada nos portos de Hespanha, o que prova a boa intelligencia restabelecida entre as tres casas, que, pelas medidas que tomam, poderá dentro em pouco restabelecer a paz na Europa.

«Todas as cartas de Lisboa asseveram que a côrte de Portugal pendia para tomar o mesmo partido, que Sua Magestade portugueza tinha enviado ordens a seus plenipotenciarios na Hollanda para concordarem com uma tal suspensão de armas com as da França, debaixo da condição que o tratado que elles concluissem comprehendia n'elle tambem a corôa de Hespanha; tres cousas principaes obrigaram o Rei de Portugal a tomar este partido; a primeira para fazer cessar o murmurio de seus povos, dos quaes a maior parte foram arruinados pelas expedições militares feitas no Brazil, e nas ilhas de Cabo Verde; a segunda, a inexecução das promessas feitas havia mais de um anno, pelas côrtes de Vienna e de Haya, que tinham promettido pagar os atrazados e o corrente dos subsidios estipulados no tratado de alliança, e de enviar poderosos soccorros para Portugal, com o fim de porem o reino a coberto do estrago que os hespanhoes ali fazem de vez em quando; e a terceira, porque o ministro de Inglaterra em Lisboa tinha notificado ao Rei de Portugal a suspensão de armas que a Rainha sua ama tinha concluido com as duas corôas de França e de Hespanha; que assim Sua Magestade Britannica já não pedia fornecer subsidios a nenhuma das potencias que quizerem conservar-se em guerra; que pela mesma rasão a Rainha tinha mandado ordem ao conde de Portmore, seu general em Portugal, de licenciar todos os regimentos a soldo n'aquelle paiz, como tropas que eram presentemente inuteis a Sua Magestade Britannica; com effeito houve aviso que Mr. de Portmore tinha já executado as ordens de sua Soberana, licenciando os regimentos levantados em Portugal á sua custa; que os officiaes inglezes ou religionarios francezes, que estavam n'estes corpos, seriam conduzidos a Gibraltar para serem encorporados nos regimentos que ali estão de guarnição, e seus soldos reduzidos a metade. Propozeram ao mesmo tempo ao Rei de Portugal, que se elle julgasse a proposito

chamar as tropas que tem na Catalunha, Sua Magestade Britannica lhe offerecia seus navios, que estão no Mediterraneo, para as transportar para os seus estados. Não se duvida de que elle acceite este offerecimento, porque, quando mesmo se não concordasse n'uma suspensão de armas a seu respeito, estas tropas não deixariam de lhe ser necessarias para substituir parte dos auxiliares de Inglaterra, que veem de ser despedidas, com o fim de velarem na defeza de seus proprios estados.»

Dezembro de 1712.—«Apesar das declarações que a côrte de Inglaterra mandou fazer á de Portugal sobre o licenceamento e embarque das tropas inglezas, o Rei de Portugal deixou de acceitar a suspensão de armas que os ministros de Inglaterra propozeram tanto em Lisboa como em Utrecht, na esperança de que as côrtes de Vienna e da Haya seriam mais exactas do que têem sido até agora, em cumprir as condições de suas allianças com a corôa de Portugal. Esperando o marquez de Bay, general do exercito de Hespanha na Extremadura, formar o cerco de Campo Maior, praça situada a tres leguas de Elvas, e a quatro leguas de Badajoz, alem do Guadiana, na provincia do Alemtejo. A praça, havendo sido investida, os hespanhoes abriram a trincheira a 5 de outubro. A 14 começou-se a bater a praça com 20 peças de artilheria e 11 morteiros. A 17 os sitiados fizeram uma numerosa sortida, com o designio de encravarem a artilheria dos sitiantes, mas foram repellidos com uma perda consideravel.»

Janeiro de 1713 —«Depois que o Rei Filippe V subiu ao seu throno, D. Pedro, Rei de Portugal, pae do que reina hoje, não se contentou com o reconhecer o novo Rei de Hespanha; renovou com elle os tratados e allianças feitas anteriormente entre as duas corôas.

«Quando se viu formar uma nuvem dos espessos nevoeiros, que se tinham levantado sobre o Danubio, o Tamisa e o Pó, sobre as terras pantanosas das extremidades do Rheno e do Meuse, reconheceu-se que algumas tempestades ameaçavam a Hespanha; o Rei de Portugal jurou solemnemente que não permittiria que as exhalações do Tejo engrossassem o furacão que divisava já; para fallarmos em linguagem intelligivel a toda a sorte de pessoas: o Rei de Portugal, que Deus tem, prometteu aos Reis de França e da Hespanha, que se Sua Magestade Catholica fosse atacado por qualquer potencia da Europa, que fosse, Sua Magestade Portugueza se obrigava a não favorecer em cousa alguma aos inimigos do seu vizinho; ao principio elle se obrigou mesmo a defendel-o com todas as suas forças; pouco depois reduziu-se a prometter guardar uma rigorosa neutralidade; mas logo que as frotas hollandezas e inglezas tomaram os galeões hespanhoes em Vigo, na Galliza, o Rei de Portugal julgou ser de seu interesse unir-se aos inimigos das duas corôas, com o fim de participar com elles dos despojos da Hespanha, promessa com que o tinham lisonjeado. Este Principe morreu só com as simples esperanças; o Principe do Brazil, que lhe succedeu, persistiu na mesma vontade, lisonjeando-se sempre de que o poriam na posse das provincias que lhe tinham promettido para sua partilha, e que n'ella o manteriam; porém, promessas taes em nada mais vieram a redundar, do que em fazer de suas provincias fronteiras o theatro de uma guerra ruinosa; alguns de seus ministros têem sempre convertido em seu proveito os subsidios que Sua Magestade Portugueza tirava da Inglaterra, e o que entrou nos cofres do estado quasi que não

chegava para o sustento das tropas que elle poz em pé de guerra, quando a Rainha de Inglaterra teve por bem terminar esta guerra, Sua Magestade Portugueza resistiu a entrar nos mesmos contratos, e se deixou arrastar pelas lisongeiras promessas das côrtes de Vienna e da Haya, o que produziu a ruina de suas colônias do Rio de Janeiro e de S. Thiago, na America, com o cerco de Campo Maior, uma das praças fronteiras da Extremadura; mas, emfim, este Principe, depois de sensatas e excessivamente longas reflexões, reconhecendo seus verdadeiros interesses, concordou n'uma suspensão de armas por quatro mezes, com as corôas de França e da Hespanha, cujo termo começou a 15 de novembro, e se obrigou pelo mesmo tratado a retirar as tropas portuguezas que estavam na Catalunha, depois que a derrota da batalha de Almanza os obrigou a procurarem refugio alli.

«A respeito do cerco de Campo Maior, foi levantado antes da suspensão de armas.»

*
* *

«Dentro de mui pouco tempo os portuguezes tiveram quatro occasiões de patentearem a sua alegria; a primeira, pela chegada da frota vinda do Brazil, que abordou a Lisboa a 9 de outubro, ricamente carregada; a segunda, pelo nascimento de um Principe, que a Rainha deu á luz a 19 do mesmo mez; a terceira, pelo levantamento do cerco de Campo Maior, tendo o marquez de Bay abandonado esta empreza a 27 do mesmo mez de outubro, tanto pela continua firmeza dos sitiados, que, tendo recebido um soccorro de mil homens, e feito entrincheiramento atraz das brechas da praça, sustentaram um assalto em que os hespanhoes foram repellidos, o que, junto ás chuvas continuas, fez com que se aborrecessem de continuar o cerco; a quarta, é a suspensão de armas, cujo tratado foi assignado em Utrecht, como o notamos n'outra parte, a 7 de novembro, entre as corôas de Hespanha, França e Portugal.

«Todos estes motivos são sensiveis para povos que amam a paz, a abundancia, e que temem os horrores e os incommodos da guerra.»

Janeiro de 1715.—«A 21 de outubro a frota do Brazil que se esperava havia tanto tempo com muita inquietação, chegou ao rio de Lisboa, em numero de quarenta embarcações. Consistia o carregamento em 10:000 caixas de assucar, 10:000 rolos de tabaco, 150:000 cruzados, com algum oiro em pó e barras de prata. Soube-se, com a vinda d'esta frota, que as colonias do Rio de Janeiro e da Bahia de Todos os Santos, não tinham ainda podido reparar as perdas e os estragos que alli tinha causado a esquadra franceza durante a ultima guerra; e que os portuguezes teriam poupado alguns milhões de escudos, e teriam ganhado muitos mais, se não tivessem entrado n'uma guerra que lhes causou muitos prejuizos.»

Abril de 1715.—«O Rei de Portugal faz executar com rigor as ordens que fôram dadas para se visitarem escrupulosamente todos os navios tanto portuguezes como estrangeiros que sairem do porto de Lisboa. Os ministros das potencias estrangeiras, principalmente os de Inglaterra e da Hollanda, apresentaram queixas ao Rei, pedindo que ao menos os dias de taes visitas fossem indicados, e que se fizessem na presença de um consul da nação á qual os navios pertencessem; mas

o pedido foi negado, querendo Sua Magestade Portugueza que o visitador geral, seus officiaes ou empregados, fizessem essas visitas todas as vezes e tão frequentemente como o julgassem a proposito, sem serem assistidos de ninguem. É com o fim de remediar as fraudes que se commettiam defraudando os direitos do Rei e para evitar que levem para fóra barras, numerario e oiro em pó, que os estrangeiros estavam no costume de exportar com prejuizo do estado, pois durante o curso da ultima guerra, o que se tirou das colonias portuguezas da America foi quasi tudo transportado para paiz estrangeiro, o que deu causa a um notavel prejuizo ao commercio dos portuguezes, e ao fabrico das moedas do reino.»

*
* *

«Os prazeres do carnaval, tanto na côrte como em París, tiveram fim, como nos outros annos, para darem logar ás mortificações da quaresma. De todos os bailes que se viram em París, nenhum houve mais sumptuoso que o do conde de Lusace (é o nome pelo qual o principe eleitor da Saxonia, filho unico do Rei Augusto, viaja na França), deu a 16 do fevereiro no palacio de Soissons. Começou ás oito horas da noite, e só terminou a igual hora no dia seguinte pela manhã. Havia quatro grandes salas nas quaes se dançava; mas sómente alli se estava á larga pelas cinco horas da manhã, por causa da grande affluencia de mascaras que alli foram durante toda a noite, entre as quaes appareceu uma que attrahiu particularmente os olhares e a attenção de toda a companhia: ella estava vestida á portugueza, de um modo mui rico e mui proprio. Seus cabellos eram do mais bello louro que se possa imaginar, semeados de diamantes e de outras pedrarias riquissimas. Depois de ter dansado muito, tirou sua mascara; era a embaixatriz de Portugal, uma das mais bellas damas e das mais prendadas que têem sido vistas das de sua nação. Ás bellezas do corpo e do espirito junta uma mocidade de cousa de dezoito annos, attractivo digno de inveja para a maior parte das outras damas que se achavam n'esta illustre assembléa. Não entrarei em pormenores d'esta festa; basta dizer que a profusão, a delicadeza, a magnificencia e a boa ordem foi notada em todas as salas. Dizem que a despeza subiu a perto de 10:000 escudos.»

«Junho de 1715.—Traz a substancia do tratado de paz entre Hespanha e Portugal. Pag. 403.

Julho de 1715.—«Recebeu-se aviso de Lisboa, que no momento em que se recebeu a ratificação do tratado de paz concluido em Utrecht entre Hespanha e Portugal, fizeram regosijos extraordinarios durante tres dias, tanto em Lisboa, como nas outras principaes villas dos reinos de Portugal e dos Algarves. O conde da Cunha, um dos ministros portuguezes que negociaram e assignaram esta paz, e que foi enviado extraordinario d'esta corôa na Inglaterra, foi chamado, e ha de ser recompensado ao chegar a Lisboa, de seus importantes serviços n'esta negociação.»

*
* *

«No momento em que o Rei de Portugal soube da morte do cardeal d'Estrées, protector de sua corôa em Roma, Sua Magestade Portugueza escolheu para sub-

stituir n'este emprego ao cardeal Conty, bispo de Viterbo, concedendo-lhe as mesmas prerogativas e vantagens que desfructava o cardeal d'Estrees n'esta qualidade.»

Outubro de 1715.—«A 18 de agosto o conde da Ribeira, tenente general, embaixador extraordinario d'esta corôa na França, fez sua entrada publica em Paris, com magnificencia extraordinaria. Tinha carruagens a oito cavallos, dos mais bellos e mais soberbos; seis pagens a cavallo, vinte e quatro creados a pé, cujas librés eram riquissimas. O marechal de Tallard e o cavalleiro de Saintot, introductor dos embaixadores, foram recebel-o a Picpus, na carruagem do Rei, seguidos de todos os Principes e Princezas da Casa Real O escudeiro do embaixador espalhou medalhas de oiro e de prata pelas ruas, tendo de um lado a effigie do Rei de Portugal e do outro um emblema relativo ao restabelecimento da paz entre as duas monarchias, e por baixo — A Paz de Utrecht.—

«Este ministro foi conduzido ao palacio dos embaixadores extraordinarios, onde foi tratado por tres dias pelos officiaes do Rei, segundo o costume. O dia da sua primeira audiencia publica em Versailles foi fixado para 21 de agosto.»

Janeiro de 1717.—«Nada occorreu muito interessante, nos reinos de Hespanha e Portugal no ultimo anno, se exceptuarmos o nascimento dos Infantes. Póde-se, porém, contar em o numero dos acontecimentos pouco communs, a resolução que tomou o Principe D. Manuel de Portugal, de se subtrahir occultamente ás vistas do Rei, seu irmão, e de toda a sua côrte, para ir viajar por paizes estrangeiros; foi assignalar sua coragem na Hungria, e aprender ali o mister da guerra, debaixo da direcção de um dos melhores mestres que existem hoje na Europa. Este joven Principe já deu alguns signaes, na sua primeira campanha, do projecto que formou de chegar á dignidade de Herse; lá chegará dentro de mui pouco tempo, comtanto que o seu excessivo ardor para com a gloria não o precipite em alguma desgraça, á qual já se expoz varias vezes.

«E tambem podemos apresentar o Infante D. Pedro, o das sete partidas do mundo, que por elle peregrinou por muito tempo, cousa que não era vulgar em epochas ainda tão pouco esmeradas na cortezia.»

Fevereiro de 1717.—«O Rei de Portugal, querendo conhecer pessoalmente o estado de suas praças fronteiras, foi visitar no mez de novembro as da sua provincia do Alemtejo, e demorou-se alguns dias em Elvas, com dois Principes seus irmãos, que o tinham acompanhado. Sua Magestade mandou fazer um relatorio das fortificações, dos arsenaes e dos armazens. Ordenou aquillo que julgou necessario, quer para as aperfeiçoar quer para as augmentar. Fez a mesma cousa em Olivença e em Campo Maior, e nas outras cidades e fortalezas por onde passou. Asseguram que tinha resolvido ir successivamente ver as outras fronteiras do seu reino, o que não póde deixar de produzir grandes vantagens. Seria para desejar que todos os soberanos de vez em quando se fizessem ver nas provincias do seu estado (comtanto que isto fosse sómente com pequena comitiva), pois estas visitas não devem ter por objecto mais do que reconhecer e remediar os abusos que se praticam muitissimas vezes com desvantagem e oppressão dos povos, sem que o saibam os soberanos, que, sendo os paes d'elles, deveriam ser tambem os protectores.

«Havia-se dito n'um dos precedentes jornaes, que o Papa tinha permittido erigir em capitulo a capella real do palacio do Rei de Portugal, em Lisboa, debaixo do governo de um deão, que teria a regalia e honras episcopaes, sem depender de fórma alguma da jurisdicção do arcebispo de Lisboa.

«Depois d'aquelle tempo fomos informados que a graça que o Summo Pontifice concedeu se estende muito alem do que se tinha dito, e que até mesmo é tão extraordinaria, que nunca se viu exemplo igual. Pois o chefe do capitulo d'esta Capella Real, composto de trinta e dois conegos prebendados, não é simplesmente um deão, mas sim um arcebispo sem nenhum suffragante, ao qual conferiram toda a jurisdicção episcopal sobre os que compõem este novo arcebispado, 60:000 libras de renda a perceber sobre os rendimentos do de Lisboa. Assim (o que se não encontra em nenhuma outra parte) ha presentemente dois arcebispados na cidade capital do reino de Portugal, independentes um do outro, que hão de usar de vestuario vermelho, como os cardeaes, exceptuando o calotte[1], o barrete, e o chapéu. Esta ultima honra lhes é commum com o arcebispo de Strasburg, na Allemanha.

«N'esta consideração, Sua Magestade Portugueza, mandando agradecer ao Santo Padre pelo seu embaixador, deu seguranças que uma esquadra portugueza mais forte e mais numerosa do que a do ultimo anno, se dirigiria ao Levante na proxima primavera para abrir cedo a campanha contra os turcos. Estes offerecimentos, que não podem deixar de ser agradaveis ao Papa, obrigaram Sua Santidade a exaltar em pleno consistorio a piedade de Sua Magestade Portugueza, e o seu grande zêlo em prol dos interesses da Christandade.» (Pag. 127).

*
* *

Nosso auctor dá a pag. 77 a descripção da cidade de Goa, que veiu a ser a metropole e a capital de todo o paiz que os portuguezes possuem nas Indias orientaes. «Apoderaram-se d'elles no anno de 1510, e os dominicanos foram os primeiros que alli prégaram o Evangelho. Ha n'aquella cidade, presentemente, varias egrejas, bellas, e diversos mosteiros, tanto de homens como de mulheres.»

Dá a pag. 153 uma noticia da obra impressa em Paris, tratando do Indostão, e que fórma o 3.º volume das *Viagens á roda do mundo*, por Mr. de Gemelli Careri. E por esta occasião o redactor do *Journal historique* dá uma noticia do que os portuguezes ainda têem de importante no oriente. «Havia alli uma tendencia extraordinaria para o luxo, e os proprios frades não andavam a pé pelas ruas. Todavia os padres e os frades nada tinham conseguido emquanto ás mulheres não se lançarem nas fogueiras depois da morte dos maridos. Parece, todavia, que pelos sertões ainda se celebram essas costumeiras tão estupidas e barbaras. Emquanto, porém, a diamantes, encontravam-se com toda a facilidade. Diz-nos que n'aquelle tempo Macau continha 15:000 chinezes, e cerca de 1:000 portuguezes, e que havia varias egrejas, e mui bellas.

«A frota destinada para a Bahia de Todos os Santos, e varios navios que se deviam fazer de véla para as Indias orientaes e occidentaes, partiram do porto de

[1] Calotte n'aquelle tempo significava cópa do chapéu, e era palavra da moda.

Lisboa a 15 de maio com um vento favoravel, sob a escolta de alguns navios de guerra. As tropas e os cavallos que estavam nas embarcações de transporte hespanholas, que fundearam no Tejo, tomaram o caminho de Hespanha, com a permissão do Rei, porem as embarcações conservam-se fundeadas na bahia de Lisboa, sem que se saiba para onde são destinadas, não ousando aliás arriscarem-se a fazerem-se ao mar, com receio de serem encontradas pelos navios inglezes que estão cruzando actualmente nas costas de Hespanha e de Portugal.»

Março de 1717.—«Ao que dissemos n'outro logar sobre a erecção de um novo arcebispado em Lisboa, cumpre acrescentar que o decoraram ainda com o titulo de patriarchado. Asseveram que as bullas expedidas para o novo arcebispo, patriarcha de Lisboa, produziram para a côrte de Roma 30:000 cruzados, que, avaliados em dinheiro de França, fazem cerca de 75:000 liras apesar, de se ter esperado que a expedição seria gratis, em consideração do zêlo que Sua Magestade Portugueza tem para com o interesse da christandade e das grandes despezas que este monarcha tem já feito, e que se continuam ainda no seu reino por occasião das esquadras portuguezas destinadas á guerra contra os turcos, na qual o Papa tem tanto mais interesse, quanto elle está mais exposto á invasão dos infieis. Este beneficio foi dado por este preço a D. Thomás de Almeida, bispo do Porto. Fizeram grandes festejos em Lisboa á chegada d'estas bullas, e o conde de Avintes, irmão do novo patriarcha, queimou a este respeito durante tres noites, fogos de artificio no jardim do seu palacio, onde havia mesa franca. Eram estes festejos acompanhados de instrumentos musicaes, e com o concerto das mais bellas vozes do reino.»

*
* *

«O Rei de Portugal fez um outro estabelecimento na sua cidade capital, que lhe não é menos glorioso do que o precedente. É a creação de uma academia de bellos espiritos, á qual deram o titulo de Anonyma. As conferencias academicas celebrar-se-hão aos domingos de tarde, e devem versar sobre arte poetica, regras para escrever historia, estylo epistolar, pensamentos engenhosos e jogos de espirito. O padre Simão de Santa Catharina, religioso da ordem de S. Jeronymo, presidiu á primeira conferencia.»

*
* *

«Dizem de Roma que o embaixador de Portugal mandava preparar um aposento para o Principe Manuel, que alli se esperava de Vienna, antes do fim da quaresma. Julgam que este Principe fará a campanha no Levante, e que terá o commando em chefe da esquadra que o Rei de Portugal, seu irmão, destina aos Turcos.»

*
* *

«Ao sairem de um grande jantar o Imperador e o Principe de Portugal foram para o divertimento da caça nos arredores de Vienna, n'um tempo em que o frio era fortissimo. Estes dois Principes voltaram do seu passeio muito incom-

modados de um defluxo e de uma indigestão, que ao principio assustou muito aquelles que se interessavam pela sua saude. Como se attribuiu a falta de regimen á morte do Imperador Joseph, receiaram-se tristes consequencias da indisposição do Imperador. Os medicos sangraram Sua Magestade Imperial, bem como ao Principe de Portugal, para os alliviarem de defluxo, e prescreveram tanto a um como ao outro uma dieta de alguns dias, que restabeleceu sua saude, mas aconselharam-nos a que se acautelassem para o futuro, fazendo-lhes comprehender que os excessos da mesa faziam perecer mais gente do que a espada, e que os Principes não são mais isentos do que o commum dos homens. Este sentimento dos medicos foi acompanhado de instantes supplicas das tres Imperatrizes, e até agora têem ellas tido o effeito que esperavam.»

*
* *

«O Rei de Portugal a demonstar seu zêlo para com a guerra do Levante contra os turcos: tendo este Principe dado suas ordens para enviar para alli cedo sua esquadra, mais forte do que era a do anno anterior, trabalhavam em a pôr de verga de alto com tanta diligencia, que para tal fim não respeitavam sequer nem os dias santos nem os domingos, nos portos onde se fazem esses preparativos. É uma despeza que ha de exceder bastante os fundos de 100:000 cruzados, que Sua Magestade para ella tinha destinado, e mesmo este armamento ha de exceder a 250:000 libras.»

*
* *

«A desavença que se suscitou entre o novo patriarcha de Lisboa com o arcebispo de Braga e outros prelados de Portugal, ainda não está terminada. As partes queixosas deputaram a Roma o bispo da Guarda para representar ao Papa o prejuizo que sua bulla causa, não sómente á Egreja de Lisboa e á de Braga, mas tambem a algumas outras, cuja auctoridade e rendimentos foram cerceados para os dar ao novo patriarcha. Este oppõe o fim de não receber aquelles que lhe invejam a nova dignidade; baseia-a sobre a infallibilidade do Santo Padre, pretendendo que não é permittido appellar, nem recorrer de uma bulla emanada da auctoridade de Sua Santidade, que se acha ainda sustentada pela dignidade real. Este novo prelado obteve de Sua Magestade Portugueza ordens para seu embaixador em Roma, para alli apoiar e defender os direitos do Patriarcha, o que tem retardado este ministro, o qual havia tido sua audiencia de despedida por occasião da chegada do bispo da Guarda. Tudo isto faz assás julgar que os bispos descontentes têem uma parte excessivamente forte para deverem ousar lisonjear-se de ganhar a victoria, principalmente não ignorando que é difficil obter retractações d'aquillo que uma vez foi decidido na côrte de Roma.»

*
* *

«A 27 de maio, festa do Santissimo Sacramento, o novo arcebispo patriarcha appareceu pontificalmente na procissão solemne d'aquelle dia, em compa-

nhia de seu cabido, todos com habitos prelaticios, tendo a mitra na cabeça, um minorista trazendo adiante d'elles um chapéu verde, e um ecclesiastico segurando as caudas das suas tunicas. O Rei e os Infantes D. Francisco e D. Antonio, seus irmãos, seguiram a procissão. Eram seguidos dos grandes officiaes da corôa, e de seiscentos cavalleiros da Ordem de Christo, com seus fatos de gala.»

*
* *

«Foi a 29 de abril que a esquadra portugueza, destinada contra os turcos, no Levante, se fez de véla da Ribeira de Lisboa para ir juntar-se com a frota veneziana. Leva esta esquadra provisões para cinco mezes. É composta de seis naus de linha desde 56 até 84 peças de artilheria, com dois brulotes, um hospital, e uma tartana carregada de provisões. É commandada pelo conde de Rio Grande, na qualidade de almirante, e ás suas ordens o conde de S. Vicente. Desde aquelle tempo chegaram noticias de que a tinham visto nas costas de Italia, navegando para a ilha de Corfu, e de que finalmente se tinha juntado com a frota veneziana.»

Abril de 1717.— Já não ha motivo para duvidar que D. Manuel, Infante de Portugal, haja de passar de Vienna á Italia, por isso que o embaixador de Portugal mandou já mobilar um aposento em Roma, e preparar magnificas carruagens para a recepção d'este Principe; o que faz julgar ter elle tenção de se abalisar contra os turcos por mar, como já praticou por terra na ultima campanha da Hungria, onde elle correu o risco de uma assignalada victoria e de um cerco dos mais memoraveis, no qual foi ferido (é a batalha de Peterwaradin, e o cerco de Temeswar). A esquadra portugueza que o Rei, seu irmão, manda armar para se reunir á frota veneziana, lhe fornece uma occasião favoravel para assignalar seu valor e dar um grande realce á generosa despeza que fez o Rei de Portugal para a defeza da christandade.» (Pag. 295.)

«Agosto de 1717.— Todas as tropas que devem operar na Hungria se juntaram com o exercito imperial no mez de junho. Segundo as revistas geraes que foram feitas, e das quaes enviaram listas á côrte imperial, estas forças, que são mui consideraveis, consistem:

Em infanteria	107:170	homens
Em cavallaria	35:040	»
Em dragões	12:380	»
Em hussars	3:220	»
Total	157:810	»

«Com taes forças, commandadas por um general experimentado, e de reputação tal como o Principe Eugenio, coadjuvado por um tão grande numero de officiaes generaes de diversas nações, Sua Magestade Imperial tem motivo para esperar grandes progressos de suas armas durante esta campanha.

«Este numeroso exercito acha-se ainda animado pela presença de um mui

grande numero de principes e de jovens senhores estrangeiros, a quem a gloria attrahiu á Hungria, para assignalar o seu valor, e para aprender a arte da guerra ás ordens de um dos mais habeis mestres que jámais houve na Europa. Entre estes jovens filhos de Marte, encontra-se D. Manuel, irmão do Rei de Portugal, que preferiu fazer ainda uma campanha na Hungria, embora lhe houvessem proposto o ir commandar a esquadra portugueza no Levante.»

*
* *

«Porém no começo do catalogo dos mortos, que temos para annunciar n'este mez, uma rapariga que, embora houvesse renunciado ao mundo, havia mais de cento e vinte annos, não tinha renunciado á vida. É soror Michaela da Encarnação, religiosa de S. Francisco, no mosteiro da Esperança, na villa de Abrantes em Portugal, que morreu no fim de abril ultimo, com cento e trinta e seis annos de idade, e mais alguns dias. Era de um tão bom temperamento, que asseguram que n'uma tal idade nada tinha sido alterado de sua saude ou de sua memoria. Por este motivo não era ella sómente, havia muito tempo, a decana do seu mosteiro, mas até mesmo de todos os filhos de Adão que se acham com vida. Pois é de presumir que desde o dia do nascimento d'esta freira, todo o universo tenha sido renovado nas duas especies: suppondo que se não viva por mais tempo nas terras desconhecidas aos europeus, do que nas que estão situadas no nosso hemispherio. Ha pessoas que julgam haver um excessivo numero de conventos na christandade; mas, se a clausura operasse uma tão longa vida em todos aquelles e aquellas que a ella se dedicam, é bem certo que ainda haviamos de ver um maior numero de candidatos á vida religiosa, pois em toda a sorte de estados se ama a prolongação da vida.» (Pag. 155.)

Outubro de 1717.—«Fizeram grandes festejos em Lisboa por occasião do nascimento de um novo Principe, que a Rainha de Portugal deu á luz a 5 de julho, e do qual se julga que o Papa ha de ser o padrinho. Os embaixadores portuguezes nas diversas côrtes, principalmente em Roma, em París, em Londres e na Haya, têem dado, por esta causa, magnificas festas, acompanhadas de banquetes, bailes, illuminações e fogos de artificio.»

*
* *

«Sua Magestade Portugueza, conhecendo o zêlo e a dedicação ao seu serviço de M. de Mairie, gentilhomem francez, capitão nas suas tropas, e presentemente primeiro escudeiro de s. ex.ª o sr. conde da Ribeira Grande embaixador extraordinario de Portugal na côrte de França, Sua Magestade honrou ha pouco M. de Mairie com a dignidade de cavalleiro da ordem de Christo, da qual o Rei de Portugal é Grão Mestre.

«Esta ordem militar foi creada por D. Diniz I, Rei de Portugal, em 1318. Alexandre VI, no seu pontificado, expediu uma bulla, pela qual permittiu aos cavalleiros de Christo o casarem; o Rei Diniz lhes deu as terras que haviam pertencido aos Templarios. No começo do seu estabelecimento faziam elles sua

residencia em Castro Marim, perto do mar, e praça forte pela sua situação, por causa dos rochedos que defendem a approximação d'ella, sobre as fronteiras da provincia do Algarve. Depois, para estarem mais ao alcance de combaterem os mouros, foram-se estabelecer em Thomar, grande villa da provincia da Extremadura, sobre a estrada real de Coimbra a Lisboa, e no meio de uma floresta de oliveiras. Alli se vê ainda o antigo castello dos Templarios.

«Os cavalleiros, dos quaes estou fallando, têem alli uma casa grande e rica, onde o sub-grão-mestre da ordem faz ordinariamente sua residencia, e gosa de um quarto dos rendimentos de todas as commendas da ordem, que são no numero de quarenta e cinco. N'esta casa ha doze claustros, uma bellissima egreja, da qual o côro é sustentado por oito columnas douradas; uma grande sala é occupada pela bibliotheca, a qual é mui numerosa, e onde se conservam curiosos manuscriptos, que são como outros tantos talentos enterrados, por isso que poucas pessoas fazem uso d'elles. Os cavalleiros de Christo trajam ordinariamente fato branco, com uma cruz patriarchal em bordadura de seda encarnada, carregada com uma cruz de prata. Quando o Rei, como grão mestre, convoca o capitulo, os cavalleiros têem o privilegio de estarem sentados e cobertos diante de Sua Magestade.»

*
* *

Informe de que o Principe D. Manuel obrou maravilhas na batalha do Belgrado.

Novembro de 1717.—«É muito difficil o introduzir novidades, sem excitar invejas e descontentamentos; mas quando contestações taes são apenas entre particular e particular, aquelle que se acha protegido pela auctoridade soberana, tem motivo para se lisonjear do ganho da questão. O novo arcebispo, patriarcha de Lisboa, que vem de ser erigido na cidade capital de Portugal, por auctoridade do Papa, e pela requisição de Sua Magestade Portugueza, estriba-se sobre estas duas columnas (que lhe parecem solidas), para se defender contra o arcebispo de Braga, primaz de Portugal. Este intentou contra elle um grande processo, por isso que o novo patriarcha de Lisboa quiz impedil-o de levar adiante de si a cruz archiepiscopal em Lisboa, disputando-lhe, alem d'isso, varios outros artigos de sua antiga auctoridade, da qual seus predecessores na primaz do reino tem sempre gosado.

«Estas contestações eram desconhecidas dos prelados da primitiva Egreja, pelo menos no tocante aos direitos honorificos, bem como ao estabelecimento de dois bispos da mesma religião na mesma cidade.

«A côrte de Roma está n'uma tão perfeita união com a de Portugal, que o Rei tem motivos para esperar o obter do Papa o novo pedido que lhe fez recentemente. É o ser permittido a Sua Magestade Portugueza o nomear para os bispados estabelecidos nos seus estados nas Indias orientaes; a proposta foi já posta em deliberação n'uma assembléa particular da congregação de *Propaganda Fide*.»

Dezembro de 1717.—«As esquadras do Papa, de Toscana e de Malta, regressaram aos seus portos; emquanto a de Portugal, que tinha fundeado na Sicilia, para se calafetar, antes de poder regressar a Lisboa, tendo-se o commandante

d'esta esquadra dirigido a Roma, foi admittido á audiencia de Sua Santidade, acompanhado do embaixador de Portugal; explicou ao Santo Padre as rasões do descontentamento que tinham obrigado os portuguezes a separarem-se dos venezianos antes de terminada a campanha; mas os motivos d'esta sizania ainda se não tornaram publicos.»

Janeiro de 1718.—«Quando o marquez de Fontes, embaixador do Rei de Portugal, se despediu do Papa, no mez de outubro, para regressar a Lisboa, Sua Santidade lhe fez presente de algumas orações e de varios outros objectos de devoção: o mais consideravel foi um «Corpo Santo», tirado das Catacumbas de Roma, que elle enviou a Sua Magestade Portugueza para ornamento da sua capella real, de novo erigida em arcebispado provincial; o que não contribuirá pouco para excitar e reanimar a devoção dos povos para com esta Egreja.»

Fevereiro de 1718.—«As difficuldades sobrevindas em Lisboa por occasião do novo arcebispado erigido n'esta capital de Portugal azedam-se cada vez mais. O clero do reino deputou o bispo da Guarda a Roma para representar ao Papa o prejuizo que esta creação fazia aos outros prelados, tanto para o que diz respeito ao espiritual, como no tocante ao rendimento temporal de suas sés. Este deputado solicita a revogação das bullas e dos breves expedidos a favor do novo patriarcha de Lisboa; mas julgam que estas instancias e estas penas serão inuteis, não sendo costume da côrte de Roma desmanchar sua propria obra.

«Ha cousa de dois mezes occorreu em Lisboa um incidente que não teve as consequencias que eram para receiar. M. Worsley, enviado extraordinario da Inglaterra, passando certa noite por uma rua muito estreita, sua carruagem se embaraçou na do conde de Athouguia; tendo as injurias dos creados obrigado este conde a apear-se, descarregou uma cutilada n'um lacaio do ministro inglez, antes de ter conhecido nem o amo nem a libré, por causa da obscuridade da noite. No dia seguinte o Rei de Portugal mandou, depois da queixa de M. Worsley, que o conde de Athouguia fosse remettido preso para a torre de Belem, situada á borda do Tejo. Havendo esta ordem sido executada, e o conde tendo declarado que não tinha conhecido que o creado que o insultára com palavras pertencia ao enviado de Inglaterra, este ministro pareceu ficar satisfeito, e o preso foi solto.» (Pag. 115.)

Março de 1718.—«Sua Alteza Real o Principe de D. Manuel de Portugal chegou á Haya a 19 de janeiro, e tomou seu alojamento, como tinha feito ha dois annos, em casa do conde de Tarouca, embaixador de Sua Magestade Portugueza. Este Principe, tendo feito as duas ultimas campanhas na Hungria, nas quaes adquiriu muita gloria e reputação de bravura, atravessou uma parte da Allemanha, vindo de Vienna. Assegura-se que passará pela Inglaterra, na chegada da bella estação, para se dirigir a Lisboa, onde o Rei de Portugal o convidou a voltar.

«O sr. conde de Mello, tendo chegado a Roma para alli exercer o cargo de embaixador de Portugal, o sr. marquez de Fontes, que occupava este emprego, partiu d'alli a 17 de janeiro para regressar a Lisboa. Como Sua Magestade está muito satisfeito com seus serviços, asseguram que elle lhe destina um emprego de distincção e mui lucrativo, tanto em consideração dos serviços, como para o in-

demnisar das grandes despezas, que fez na Côrte de Roma, para sustentar o esplendor e a dignidade do seu caracter.

«Escrevem de Roma, que este senhor não estando no caso de pagar as suas dividas, que tinha contrahido, havia mandado levar ao «Monte de piedade», dez cofres cheios da sua baixella de prata, sobre a qual lhe emprestaram 10.000 escudos romanos para pagar parte das suas dividas aquelles que não estavam no caso de esperar as remessas que o marquez prometteu fazer quando estivesse em Lisboa.»

Abril de 1718.—«Ainda que trabalham com attenção noarmamento naval, nos portos de Portugal, é ainda mui incerto se a esquadra portugueza irá fazer a campanha no Levante contra os turcos. Parece que a descontiança reina muito nas diversas côrtes, por occasião dos armamentos que se fazem de todas as partes, uns por necessidade, e outros por temor, e alguns por prudencia, com o fim de estarem, ou no estado de se defenderem, ou de se fazerem respeitar. É por um d'estes dois motivos que Sua Magestade Portugueza julgou a proposito, que na conjunctura presente devia augmentar sua infanteria com dez homens por companhia, e com cinco homens sua cavallaria e dragões, e ordenar o recrutamento de alguns novos regimentos. Apesar d'este armamento, asseguram que a côrte de Lisboa não tem projecto de seguir nenhum partido, comtanto que a guerra seja distante das fronteiras; que a neutralidade será mais vantajosa a seus vassallos vista a triste experiencia, que tiveram na ultima guerra. A côrte de Madrid dizem que se explicou de um modo a dissipar todas as suspeitas que Portugal poderia ter dos armamentos que se faziam na Hespanha.

«Uma das resoluções muito louvaveis que tomou Sua Magestade Portugueza, foi a de mandar prender todos os vadios que se podessem encontrar nos seus estados, os quaes são conhecidos pelo nome de «ciganos», os quaes não tendo domicilio algum, e não exercendo nenhuma profissão, só vivem de roubos, e dos quaes as mulheres e as filhas são quasi outras tantas prostitutas. Mandou-os transportar para as colonias as mais remotas. Seria para desejar que fizessem o mesmo em todos os outros estados da christandade, pois que gentes taes para nada são boas, e só vivem da rapina[1].» (Pag. 256.)

Maio de 1718.—«Como as corôas de Hespanha e de Portugal não têem uma com a outra nenhuma desavença que faça temer uma ruptura immediata, não é senão por um principio de prudencia e de precaução, que o Rei de Portugal mandou augmentar suas tropas, e reforçar as guarnições nas praças fronteiras. Este monarcha tem outrosim uma forte esquadra em estado de se fazer de véla á primeira ordem, mas não se crê que ella vá ao Levante na campanha proxima, exigindo a mesma prudencia que Sua Magestade a empregue na guarda de seus portos, n'um tempo em que parece que havera no mar Mediterraneo forças navaes de diversas nações.»

Junho de 1718.—«O Rei de Portugal, havendo tido novas seguranças da côrte de Madrid, de que elle nada tinha a temer d'este grande armamento, que

---

[1] A pag. 257 e 258 encontra-se uma historia de Ceuta, e da maneira como os portuguezes a ganharam e perderam.

não tendia a mais do que a consolidar a paz nas Hespanhas, e obstar aos que pretendessem ter desejo de perturbarem a tranquillidade, da qual dependia a do reino de Portugal, dissiparam-se as desconfianças das duas corôas, de maneira que Suas Magestades. Catholica e Portugueza, apenas deixaram nas suas praças as guarnições ordinarias, o que é uma prova da sua boa intelligencia.

«Esta resolução e esta boa harmonia entre os dois monarchas, reduziram a nada os falsos boatos que tinham pretendido propagar, de uma proxima ruptura entre estas duas corôas. Seu interesse mutuo é o estarem bem unidas, e o viverem como bons vizinhos, sem se envolverem em questões estrangeiras. Assim, segundo as noticias chegadas de Lisboa, o Rei de Portugal não tem presentemente outro cuidado senão o proteger e fazer florescer o commercio dos seus vassallos; eis porque Sua Magestade poz uma esquadra no mar para escoltar seus navios mercantes. Este Principe continua a limpar seus Estados dos vagabundos e das pessoas vadias, fez embarcar para as colonias portuguezas uma porção de ciganos, que consistia em cincoenta homens e cincoenta e uma mulheres, e quarenta e tres creanças dos dois sexos, d'essa raça, que pretendem ser egypciaca, mas que não passam de larapios errantes.»

Julho de 1719.—«Pelo fim do mez de abril ultimo, publicaram em Lisboa uma declaração do Rei de Portugal, tendo força de lei, registrada na grande chancellaria, e enviada a todas as jurisdicções do reino, para obstar aos homicidios, roubos e outras desordens que se commettiam muito frequentemente, tanto debaixo dos olhos da côrte como nas provincias. Por esta declaração fica prohibido a toda a sorte de pessoas, sem distincção de estados, de condição ou de qualquer qualidade que seja, o trazer punhaes, floretes e estoques, ou quaesquer outras armas similhantes de ferro, aço, bronze ou qualquer outro metal, que se possa esconder debaixo do fato. É igualmente defeso o trazer pistolas de algibeira, ou quaesquer outras armas de fogo mais curtas do que a lei o permitte. As espadas, que podem usar, terão, pelo menos, de comprimento, alem dos copos, tres palmos (é cousa de um terço de vara, medida de París). Os soldados não poderão trazer bayonetas senão quando estão de guarda; os infractores d'esta ordenança são condemnados; a saber: os gentishomens em dez annos de degredo para o reino de Angola (é um reino da Africa, do qual parte pertence a Portugal), e a multa de 200$000 réis; os mecanicos são condemnados a serem fustigados publicamente, a 100$000 réis da multa, e a dez annos de galés.»

*
* *

«O Imperador deu ao Principe Manuel de Portugal o regimento que tinha o fallecido conde de Groensfelt. Este Principe foi tambem feito major general dos exercitos de Sua Magestade Imperial, que elevou á mesma dignidade militar o Principe Fernando da Baviera, um dos filhos do eleitor d'este nome.»

Agosto de 1719.—«O ministro de Inglaterra em Lisboa solicita o Rei de Portugal desde alguns mezes para entrar na alliança contra Hespanha, com vistas em adiantar a conclusão da paz, com as condições propostas á côrte de Madrid; mas Sua Magestade Portugueza respondeu que, não tendo motivo algum de queixa

contra a Hespanha, sua honra o obrigava a manter a fé dos tratados com seus vizinhos, e que o interesse de seus povos, e a vantagem do seu commercio eram melhor consolidados na paz, do que nos furores de uma nova guerra, e que a precedente tinha custado excessivamente caro a Portugal. Que não se tinha esquecido que as promessas que tinham feito ao Rei, seu pae, de varias vantagens quando elle tomou a si os compromissos da guerra, tinham ficado sem effeito, que assim Sua Magestade queria observar uma stricta neutralidade, offerecendo comtudo sua mediação, para a negociação de uma paz rasoavel, se as partes interessadas n'isso quizessem annuir.

Outubro de 1719.—«Segundo os avisos chegados das fronteiras, o Rei de Hespanha, seguido da sua côrte, tinha deixado seu exercito excessivamente fraco para fazer frente ao da França, e Sua Magestade Catholica havia tomado o caminho de Saragoça. Asseguravam tambem que, depois de ter M. de Berwick feito descançar seu exercito, e assegurado a conquista de S. Sebastião, marcharia para outras expedições antes do fim da campanha; crêem uns que se fará o cerco de Pamplona, capital da Navarra hespanhola, e outros são de opinião que irão antes a Bilbau, porto de mar famoso da Bisraia, com o fim de enfraquecer mais a marinha hespanhola, cortando-lhes o commercio por aquelle lado, para levar os povos a pedirem a paz ao Rei, seu soberano, já não podendo contar com os grandes projectos, com os quaes o cardeal Alberoni tinha lisonjeado a côrte de Madrid. Esta paz é desejada por toda a Europa, e asseguram que os hollandezes e o Rei de Portugal estão bem intencionados a diligenciarem procurar, por uma mediação imparcial, da qual dão continuamente provas, pela sua neutralidade.» (Pag. 268).

* * *

«A 17 de agosto, o enviado de Portugal levando tres gentishomens na sua carruagem, foi tomar o fresco á borda do Tamisa; tres ladrões, havendo-se apresentado á portinhola com o punhal na mão, pediram a bolsa. Deram-lhes perto de duzentos guineos, tanto em oiro, como em bilhetes do banco, com o que se retiraram.»

Novembro de 1719.—«O ponto de honra emquanto á passagem entre duas mulheres, teria sido capaz de indispor as corôas de Portugal e de Hespanha, se estes dois monarchas tivessem estado um tanto dispostos a romper a estricta amizade e a boa intelligencia que reina entre estas duas corôas; mas ha motivos para crer que este negocio não terá nenhuma consequencia desagradavel.

«Eis o facto tal qual o podemos saber. A embaixatriz de Hespanha em Lisboa, estando na sua carruagem, encontrou n'uma rua estricta a mulher de um grande de Portugal (de quem se não diz o nome), o postilhão da embaixatriz quiz fazer parar a carruagem da dama portugueza, e a recusa que fez o cocheiro, lhe disparou um tiro de pistola, que felizmente não acertou. As queixas foram apresentadas á côrte de ambos os lados; a embaixatriz pede reparação; os officiaes de policia trabalham junto do secretario d'estado para sustentarem que os creados da embaixatriz infligiram as ordenanças regias que prohibem o porte de armas. N'este intervallo a embaixatriz tomou o partido de deixar Lisboa sem se despe-

dir da côrte, e de regressar para Madrid. Eis o estado em que a questão se acha, esperando-se as ordens do Rei Catholico.»

*
* *

«D. Luiz da Cunha, embaixador de Portugal, que tinha acompanhado a côrte para o campo, voltou a Madrid. E Mr. Colster, depois do regresso do Principe regente, abriu varias conferencias. Nota-se que o cardeal Alberoni presta do melhor grado os ouvidos ás propostas d'este ministro, do que antes da sua partida para o exercito, o que vem cada vez mais a confirmar que a côrte está na disposição de encetar alguma negociação para conseguir terminar a guerra. O Principe regente tambem convocou diversos conselhos secretos, embora recebam frequentemente alguns correios da Italia, da Catalunha e de outros logares, seus despachos guardam-se tão occultos, que não se póde penetrar cousa alguma. É de presumir que não sejam elles do agrado da côrte, sem o que seriam dentro em pouco publicos, conforme o uso do ministerio hespanhol, que nas occasiões proprias sabe fazer valer admiravelmente as mais pequenas vantagens.»

*
* *

«Sua Magestade Portugueza parece continuar a persistir sempre na resolução de não contrahir compromisso algum na guerra presente, e o reino continua a gosar de uma perfeita tranquillidade. E eis o que se soube ha pouco por meio de um capitão de um navio que regressou da Bahia de Todos os Santos, a respeito da sublevação de algumas colonias portuguezas na America.

«Que a cidade de Por, situada a quarenta leguas da praça de Diu, que era tributaria á corôa de Portugal havia muito tempo, tendo-se sublevado por instigação dos arabes, o conde da Ericeira, vice-rei d'aquelle paiz, para alli tinha enviado uma esquadra para obrigar os sublevados a render-se ao dever, quer a bem, quer a mal. Que a pessoa que commandava os navios, não tendo brandura, os tinha atacado com tão bom exito, que d'elles tinha matado uns quatrocentos, tomado o forte, que foi demolido, e tomado varias embarcações que estavam no porto, entre as quaes se achavam cinco que pertenciam aos arabes. Que o sophi da Persia, vendo que os arabes se tinham apossado da ilha de Baharem, e tinham posto cerco a Ormuz, havia mandado um embaixador ao sobredito vice-rei para renovar os antigos tratados com Portugal, e pedir-lhe que lhe enviasse um prompto soccorro. Que a isto o vice-rei pozera de verga de alto uma esquadra de cinco alterosas embarcações, que tinham de se fazer de véla para as costas da Persia, sob o commando de D. Lopo de Almeid'a, emquanto que os persas tinham um exercito de 80:000 homens em campo contra os arabes. E que por meio de cartas escriptas de S. Salvador, no Brazil, se tinha sabido que o conde de Vimieiro mandára reparar a fortaleza de Barbalho, e construir um forte á borda do mar.»

Janeiro de 1720.—«Emquanto a Hespanha se esgota em sustentar com forças desiguaes as despezas de uma guerra, que lhe não póde ser senão mui prejudicial, outros estados se enriquecem debaixo da neutralidade e da paz que faz florescer

o seu commercio. As ricas frotas das Indias chegadas da Hollanda ha poucos mezes, são d'isso uma prova. Portugal, vizinho da Hespanha, acaba de fazer d'isso a experiencia, pois a 20 de outubro chegaram a Lisboa tres navios da frota que partiu do Rio de Janeiro a 20 de julho ultimo; foram separados pela tempestade dos outros que eram esperados todos os dias, na altura de Cabo Verde. Os que já chegaram (alem das mercadorias), descarregaram em Lisboa 1.725:000 cruzados por conta do Rei, e 8.935:000 por conta dos particulares.»

Fevereiro de 1720.—«No mez de dezembro um navio portuguez vindo da Bahia de Todos os Santos, no Brazil, chegou a Lisboa. Entre as noticias que trouxe d'aquelle paiz, soube-se que os portuguezes tinham em parte limpado aquelles mares de flibusteiros, ou armadores não auctorisados por nenhum soberano, que tomavam os navios mercantes de todas as nações indifferentemente, e perturbavam muito a liberdade de commercio. Que os portuguezes haviam tomado 39 d'aquelles corsarios, entre os quaes havia 35 inglezes, 1 hollandez, 1 francez, 1 genovez e 1 portuguez. Que todos tinham sido julgados e mortos, e seus navios e fazendas confiscados. Se as outras potencias christãs interessadas no commercio das Indias, fizessem iguaes capturas dos larapios dos mares, a navegação ficaria livre dentro em pouco.»

*
* *

«Apesar de todas as diligencias feitas pelos ministros das côrtes de Vienna e de Londres, em Lisboa, para induzirem o Rei de Portugal a entrar na quadrupla alliança contra a Hespanha, este principe, que julga não ser esta guerra de longa duração, e que seus subditos tirariam d'ella menos vantagens do que da liberdade de commercio, recusou as propostas que lhe fizeram, declarando querer manter-se n'uma stricta neutralidade.»

Agosto de 1720.—«Chegou aviso a 19 de janeiro ultimo, que M. Carlos Antonio Mezzabarba, patriarcha de Alexandria, visitador e legado apostolico da China, chegou a Lisboa com vinte e dois missionarios, onde esperou o embarque para passar as Indias orientaes. Espera-se que ha de ter melhor resultado do que M. Maigrot, e M. de Tournon, que tinham sido anteriormente visitadores e legados apostolicos n'aquelle paiz, em conciliarem os espiritos dos missionarios da China, comtanto que não encontre os mesmos obstaculos que o sabio M. de Flechier, bispo de Nimes, cita na sua carta de 5 de janeiro de 1702.»

Fevereiro de 1721.—«No principio de novembro, a frota que veiu do Brazil, chegou a Lisboa com um rico carregamento; entre as mercadorias, havia por conta do Rei de Portugal, 2.192 marcos e 3 onças de oiro em pó, e 28:260 cruzados de prata. E por conta dos particulares 8.215 marcos e 2 onças de oiro tambem em pó, com 279:880 cruzados de prata.»

*
* *

«A inquisição continuava sempre, pelo menado do mez de fevereiro, suas perseguições contra as familias judias, as quaes ella mandava prender, e encarce-

rar nas prisões de Evora. Pelos depoimentos de alguns d'aquelles desgraçados, aos quaes applicaram a tortura, tinham já mandado 250 pessoas para Beja, e procediam a rigorosas investigações para ainda apanharem mais. No dia 18, dois ricos negociantes judeus, tendo achado meios de fugirem, embarcaram com suas familias e seus haveres em um navio de guerra inglez, que estava no Tejo, e fugiram para Inglaterra.

«Falla-se das tenções que ha de fundar a Academia de historia.» (Pag. 195.)

*
* *

«Alem da academia das sciencias que o Rei de Portugal instituiu em Lisboa, Sua Magestade portugueza estabeleceu uma outra na villa de Santarem, com o titulo de academie des Lauriers *(sic)* composta de pessoas de profunda erudição.»

«Maio de 1721.— Por decreto de 8 de dezembro ultimo, o Rei de Portugal instituiu uma academia de sciencias *(sic)*, composta dos mais habeis historiadores dos seus estados, tendo-lhes indicado para logar de sua reunião uma bella casa na praça de Bragança, em Lisboa. Sua Magestade portugueza declarou-se, e tambem os reis seus successores, os protectores perpetuos d'esta nova academia. Nomeou os cinco directores que devem presidir alternativamente ás assembléas, cuja abertura se deve fazer no dia da Conceição da Santa Virgem. São: D. Manuel Caetano. conego regular; os marquezes de Fronteira e de Abrantes; os condes de Alegrete e da Ericeira; o secretario perpetuo é o conde de Villar Maior. Devem trabalhar na historia ecclesiastica e politica de Portugal, como tambem na das conquistas portuguezas, em separado uma da outra.»

Julho de 1721.—«A 23 de julho baptisaram no palacio Albani a filha recemnascida de D. Carlos Albani, principe de Soriano. O embaixador do Rei de Portugal pegou na creança em nome de D. João V, Rei de Portugal, que era o padrinho, e lhe poz o nome de Anna Maria José. Depois d'isto lançaram-lhe ao pescoço uma cruz de diamantes avaliada em 6:000 escudos romanos, do que Sua Magestade Portugueza lhe fez presente.»

Agosto de 1721.—«Por ordem das côrtes de Madrid e de Lisboa, tinham-se feito regosijos extraordinarios nas duas cidades, capitaes da Hespanha e de Portugal, por causa da exaltação e coroação do Papa Innocencio XIII. Fizeram-nos particulares nas cidades mais consideraveis dos dois reinos, onde os prelados quizeram dar a reconhecer o seu zêlo e o seu reconhecimento para com os beneficios que d'elles tinham recebido ou esperavam. O novo patriarcha de Lisboa foi quem mais se distinguiu n'esta occasião.

«Ha cartas que asseguram que o Papa, conservando a lembrança dos bons tratamentos que recebeu outr'ora na côrte portugueza, quando n'ella desempenhava as funcções de Nuncio do fallecido Papa, destinava um chapéu de cardeal para um dos irmãos do Rei de Portugal, mas que elle queria, antes d'isso, ser informado da vontade de Sua Magestade a tal respeito.

«A Academia real, estabelecida em Lisboa pelos fins do anno ultimo, para trabalhar na *Historia geral da monarchia portugueza*, continua a preparar os materiaes que devem servir para edificar este monumento á gloria do monarcha que durante o seu reinado fez um tão bello estabelecimento. Os sabios propostos para esta construcção communicaram reciprocamente uns aos outros as descobertas que fizeram, tanto a respeito das medalhas e moedas cunhadas desde o estabelecimento do reino, sobre as antigas inscripções sobre os bispados e abbadias e outras principaes igrejas, tanto de Portugal como do Brazil, bem como de outras partes da India, onde os portuguezes têem estabelecimentos. Continuam a proceder a investigações, tanto sobre estes materiaes, como sobre quantidade de outros que têem relação com a historia da monarchia. Porém encontram-se n'este nobre caminho grandes difficuldades em poder desenvolver e esclarecer a verdade a respeito de bastantes artigos essenciaes, por causa do pouco cuidado que houve nos precedentes seculos, de levantar e conservar memorias, que possam instruir a posteridade, dos acontecimentos consideraveis occorridos n'aquelles tempos. Assim, não se crê que a academia real de Lisboa possa no espaço de quarenta annos dar a perfeição á obra que ella acaba de começar.

«A corôa de Portugal acaba de adquirir uma nova ilha, por direito de mercê sem que lhe custe cousa alguma. Ignora-se ainda se ella produzirá muito, e mesmo se ella se conservará por muito tempo debaixo do mesmo dominio.

«As ilhas dos Açores, do grande oceano, entre os dois grandes continentes, defronte de Portugal, são mui commodas para a navegação que os portuguezes fazem, tanto para o Brazil como para as Indias Orientaes. Eis porque elles têem grande cuidado de conservarem a posse d'ellas, e não permittem que os estrangeiros andem em volta da ilha Terceira, que serve como de cidadella a todas as outras. Ha uns quatro ou cinco mezes, que perto da ilha de S. Miguel, que tambem é uma dos Açores, se formou uma nova ilha fluctuante, com perto de quatro leguas de comprimento, a qual parece ser toda de pedra pomes, ao julgar pelo primeiro aspecto; pois ainda se não atreveram a il-a procurar, pois enxergam no meio da ilha um vulcão que lança chammas mui altas. Contentaram-se com lançar a sonda a alguma distancia da costa, onde encontraram vinte e duas braças de agua. Alem d'isso, a pedra pomes é esponjosa, leve e esbranquiçada, calcinada pelos fogos subterraneos, e lançada pelos furacões no mar, onde se encontra boiando, por causa de ser leve.»

Setembro de 1721.— «Sua Magestade Portugueza fez publicar, a 23 de maio ultimo, uma ordem para a reforma dos officiaes e dos soldados de suas tropas, de onde se devem escolher os antigos officiaes e os mais bellos homens para com elles formar um novo regimento, que ha de ter o nome de regimento de marinha e artilheria, que ha de ser distribuida pelas fortalezas do reino. D. João Alvares de Seixas foi nomeado o seu coronel.»

*
* *

Noticia desenvolvida da abertura da nossa Academia de historia.

Outubro de 1721.—«Alem da academia real, que o Rei de Portugal estabeleceu na sua cidade capital, alguns sabios do reino insinuaram a Sua Magestade

que erigisse uma outra na villa de Setubal. É uma cidade maritima que faz parte da Extremadura portugueza, fortificada com cinco bastiões e outras obras para segurança do seu porto. Fica a cinco leguas de Lisboa, e a igual distancia do Cabo de Espichel, sobre o rio Sado, tendo treze portas, quatro parochias, alem dos conventos de um e outro sexo. Esta nova academia só se deve reunir no ultimo dia de cada mez, e como se declarou pertencerem á sua alçada todas as Questões problematicas, exceptuando os problemas de geometria, discutiu-se na sessão de abertura: — Qual fôra maior: Alexandre, que conquistou o mundo, ou Diogenes, que desprezou o mundo e tudo quanto elle continha.

«Viram então em primeiro logar pedir a palavra um doutor da ordem de S. Thiago, chamado Clemente Rodrigues Montanha, commissario da inquisição, que discorreu a favor do conquistador, e o dr. Paulo Soares da Gama, habil jurisconsulto, tomou o partido do philosopho. Apresentaram-se, tanto de um lado como do outro, argumentos tão convincentes, que a questão não pôde ficar decidida n'esta sessão. Tambem a não discutiram na sessão de 31 de junho, pois sómente n'ella se occuparam de um outro problema, sobre esta questão de politica, a saber: — Se houvera sido mais util ao imperio romano o conservar a cidade de Carthago, ou destruil-a.

«Até agora estas disputas para nada mais têem servido do que para aguçar o espirito, sem nada estabelecerem de solido para a verdade da Historia.»

Novembro de 1721.— «Até agora a nova academia dos bellos espiritos de Setubal, em Portugal, não tem decidido nem determinado nenhuma das questões problematicas que foram propostas na assembléa, taes como a de saber quem era mais estimavel: Alexandre o Grande por ter conquistado todo o mundo, ou Diogenes, que o desprezava. E se convinha mais aos romanos conservarem a cidade de Carthago depois de a terem conquistado, ou destruil-a. Os academicos constituidos juizes d'estas questões, acharam rasões fortes tanto de um lado como de outro, tão bem apoiadas e tão exactamente compassadas, que tomaram o partido de darem louvores aos oradores, sem darem ganho á causa de nenhum d'elles. Succederia talvez o mesmo ao novo problema proposto por esta academia, que devia ser examinado no ultimo dia de agosto, isto é, o saber se é mais glorioso para um Principe proceder segundo suas proprias luzes, ou seguir os pareceres de um conselho.»

*
* *

«A frota portugueza chegada a Lisboa em 20 de agosto, da Bahia de Todos os Santos, e de Pernambuco, em numero de sessenta e dois navios, trouxe, alem das mercadorias, mais de 6.000:000 de libras em oiro amoedado ou em barras.»

*
* *

«Ha rasão para dizer que um homem honesto, só pela sua industria, póde fazer sua fortuna, se estiver acreditado com a auctoridade do seu soberano. Um coronel de cavallaria (o conde dos Arcos), a serviço do Rei de Portugal, tendo obtido licença para mandar construir um amphyteatro defronte do palacio real

em Lisboa, para alojar aquelles que quizessem participar do prazer de ver um combate de touros, com o qual a côrte e o publico foram regalados duas ou tres vezes por semana, durante todo o mez de setembro. Mandou fazer camarotes de diversos tamanhos capazes de conterem 2.500 pessoas, camarotes que alugavam uns por mais, outros por menos, segundo o numero dos logares e a sua situação. Havia alem d'isso bancos ao longo das trincheiras para os homens do povo, cujos logares eram mais baratos que os dos camarotes. Emfim, a despeza que fez o emprezario, lhe importou em cerca de 17:000 cruzados, e o producto dos camarotes subiu a 180.000 cruzados, alem do que produziram os logares mais ordinarios, que palpavelmente subiam, pelo menos, a 20:000 cruzados. Assim, segundo este calculo, o coronel aproveitou-se de 183:000 cruzados, sem que o monopolio n'isso tivesse o minimo logar, porquanto esta somma entrou para os seus cofres por livre vontade e sem constrangimento.»

* * *

«A 21 de agosto, a frota portugueza que regressava da Bahia de Todos os Santos e de Pernambuco, entrou felizmente o Tejo, em numero de 62 embarcações mercantes, escoltadas por 2 navios de guerra, e 1 navio de Goa, alem de 11 pertencentes a commerciantes do Porto, e 3 aos de Vianna. Esta frota veiu abarrotada de riquezas commerciaes, e causou uma alegria universal no reino, e entre outras mercadorias trouxe 24:000 caixas de assucar e 7.000:000 de cruzados, tanto em generos como em oiro em pó.»

Dezembro de 1721.—«O cardeal Cunha, portuguez, é do numero d'aquelles que mais figuram, e fazem mais despezas em Roma; julgar-se-ha pela seguinte amostra: Insinuou mui polidamente as Princezas Cesarini, Ruspogli e algumas outras damas de distincção, todas parentes ou relacionadas com o Papa, a que viessem ao seu palacio ver alli passar uma procissão que devia desfilar por esta rua. As damas, assás curiosas por indole, acceitaram o convite, e se dirigiram a casa do cardeal no dia e hora marcada. Tendo acabado o espectaculo da procissão, o cardeal, sob o pretexto de lhes mostrar alguns quadros, as introduziu n'um aposento ricamente mobilado, onde serviram uma soberba merenda, e este festim foi acompanhado de um concerto de vozes e de instrumentos, que não encantava menos o ouvido do que o gosto ficava satisfeito com o que estava sobre a mesa. Quando as damas estavam resolvidas a retirarem-se, Sua Eminencia, agradecendo-lhes a honra que ellas tinham tido a bondade de lhe fazer, deu a cada uma d'ellas um diamante, como presente, ou outras joias de preço; e assim terminou a festa galante d'este senhor, que encantou tanto mais os convidados, quanto tudo pareceu ser um improviso sem preparo. O cardeal Pereira, tambem portuguez, a imitação do seu collega, convidou as mesmas damas para virem ao seu palacio com o fim de verem passar o cortejo do embaixador do Rei seu amo (o conde André Mello de Castro), indo a sua primeira audiencia do Papa a 28 de setembro.

«Esta cavalcata era das mais deslumbrantes, porque n'ella se observaram cincoenta pessoas de libré, e treze carruagens a seis cavallos. As damas, parentas do Papa, que acceitaram o convite do cardeal Peretra, eram em numero de cinco, a saber: a duqueza de Acquasparta, irmã de Sua Santidade; as Princezas Sforza

e Ruspogli, com a duqueza de Gravina, e mademoiselle Cesarini. O cardeal deu-lhes uma esplendida refeição, e fez em seguida presente de um relogio de ouro de repetição, enriquecido com diamantes, á duqueza de Acquasparta, e de outras joias de valor ás outras damas, proporcionando seu valor ao grau de parentesco que as unia ao Santo Padre.»

*
* *

«O conde de Tarouca, embaixador de Portugal, mandou transportar para Cambrai o palacio portatil que tinha mandado construir na Hollanda. É uma casa de madeira, cujos repartimentos apenas são separados por tábuas de pinho, bem juntas e apropriadas. Todas as peças necessarias para cada differente aposento d'este grande palacio, havendo sido numeradas na Hollanda no tempo da sua construcção, pozeram-nas a cada uma na sua classe, e embarcaram-nas em varias embarcações até Anvers, de onde as fizeram subir o Escaut até Cambrai, emquanto este rio se achou navegavel. Quando tudo alli chegou, levantaram o edificio no terreno que pessoas propostas para isto tinham destinado. Cada um vae vel-o por curiosidade; este ministro ficará alojado mais á larga e melhor do que nenhum d'aquelles que foram os primeiros que n'aquelle sitio alugaram alojamento. Nada mais se esperava do que os armadores e a demais mobilia, para alojarem n'aquella casa o conde. Embora a despeza pareça consideravel, os que têem feito o calculo, julgam que um alojamento mais pequeno ficaria muito mais caro, pagando o aluguer aos mezes na mesma proporção que os outros embaixadores pagam o d'elles. E depois de se ter servido d'elle durante todo o tempo do Congresso, será facil fazer ainda dinheiro dos materiaes, quando mesmo algum senhor da vizinhança não tivesse o gosto de habitar n'uma casa tão vasta e tão commoda. É sómente para receiar que algum accidente proveniente das cozinhas ou das vélas de algum aposento, não engula este palacio em menos tempo do que o foi o palacio do conde de Rochester.»

*
* *

«Como os membros da nova academia dos sabios erigida em Portugal, destinados para trabalharem na antiga historia geral d'este reino, carecessem de bons materiaes para se desempenharem com toda a exactidão, que d'elles exige um tal assumpto, recorreram á auctoridade regia para compulsarem os gabinetes e bibliothecas dos curiosos d'este reino. Foi com estas vistas que Sua Magestade Portugueza mandou publicar uma ordenança no mez de setembro ultimo, pela qual se manda a todas as pessoas, de qualquer jerarchia e dignidade que possam ser, que apresentem incessantemente aos commissarios estabelecidos para este effeito, as estatuas, medalhas, moedas antigas, estampas, livros antigos, manuscriptos, inscripções em quaesquer linguas que ellas sejam, como são a phenicia, grega, carthagineza, as dos godos, arabes, mouros, etc. Em summa, tudo quanto se possa ter nas mãos que possa ter alguma relação ao tempo dos phenicios, gregos, godos, romanos, carthaginezes, etc.; os mouros eram os senhores de Portugal. Como tambem o que elles têem depois do reinado de D. Sebastião, morto na Africa, na batalha de Alcacer em 1578. Tudo sob

penas contra os nobres ecclesiasticos que recusarem a obedecer a esta ordem, de incorrerem no desagrado de Sua Magestade, e contra os almocreves, de serem punidos com regras do titulo v da Ordenação das moedas, etc.»

Janeiro de 1722. — «Por cartas chegadas de Portugal sabemos que tinha alli chegado aviso da Bahia de Todos os Santos, no Brazil, que a 5 de abril de 1721 foi acompanhada com intervallos, de tremores de terra, que derribaram ruas inteiras, e até mesmo destruiram bastiões. Os rios engrossaram de modo tal que submergiram as cidades de Santo Amaro e de Cagonveira, onde a maioria dos estudantes pereceram. Havendo as pontes mais solidas sido derribadas, e não permittindo os ventos impetuosos que os navios ou quaesquer embarcações manobrassem, não foi possivel levar soccorro a logar algum. A maior parte dos que poderam salvar sua vida, acharam-se reduzidos á miseria por falta de viveres, tendo se estragado todas as farinhas, e sido derribados os moinhos. Os rebanhos que se achavam nos logares baixos foram afogados pelas aguas. Os governadores e outros empregados deram ordens, tanto quanto lhes foi possivel, para grangearem algum soccorro para tantos desgraçados attribulados, tirando alguns mantimentos das montanhas onde havia estabelecimentos; comtudo ainda alli reinava a fome tres mezes depois.»

*
* *

«Os corsarios barbarescos assustaram-se pouco com a chegada da esquadra hollandeza, na juncção do Mediterraneo com o Oceano, embora ella tenha sido reforçada com tres navios de guerra hespanhoes. Pelo contrario, parece que estes infieis quizeram fazer frente aos christãos, pois em vez de se conservarem de parte, vieram em numero de quatorze navios, tanto algerianos como Saletinos, cruzarem quasi á vista d'esta esquadra, e capturar quasi até á foz do Tejo alguns navios de diversas nações christãs, cujas tripulações foram lançadas nos carceres. É verdade que os hollandezes fizeram tambem algumas tomadias aos corsarios, mas em pequeno numero, e muito abaixo do valor das despezas que fizeram, quando mesmo não tomassem em nenhuma conta o que os africanos tomaram na ultima campanha aos christãos.»

*
* *

«O conde do Prado, filho do marquez das Minas, fugiu do castello de Cascaes, onde estava encerrado havia quatro annos, por ordem do Rei de Portugal, sem que se soubesse o motivo. Era mister que houvesse desagradado muito a este monarcha, pois aliás não seria tratado tão rigorosamente, quando mais não fosse, por consideração aos serviços do marquez seu pae, que na ultima guerra commandava as tropas portuguezas que se tinham unido aos inimigos da corôa de Hespanha.»

*
* *

«Por uma ordem emanada do Rei de Portugal detiveram em Lisboa como presos, ao sr. Fernando Wing field, banqueiro inglez, com dois dos seus socios,

por haverem negociado em oiro em pó, que elles fizeram sair do reino, contra a severidade das ordenanças regias. M. Worlslay, ministro da Inglaterra em Lisboa, apresentou a este respeito um memorial aos ministros, para pedirem a liberdade do banqueiro, pretendendo que nenhum inglez podia ser preso em Portugal, sem ter antes obtido a permissão de Sua Magestade Britannica; pedindo a tal respeito uma ampla satisfação sobre um caso que «recaia sobre toda a nação ingleza». O ministro d'estado a quem este memorial foi entregue, disse a M. Wortslay: «Que era surprehendente que do crime de alguns particulares quizesse elle fazer uma questão d'estado. Que era notorio que cada soberano tem direito de estabelecer leis nos seus estados, e que havia uma em Portugal conhecida de todas as nações que têem commercio com este paiz, a qual prohibe, sob pena de morte, a toda a sorte de pessoas o negociarem em oiro em pó ou em barras, e mórmente de as fazerem sair do reino. Que se algum portuguez, estabelecido na Gran-Bretanha, violasse as leis do soberano n'aquelle paiz, não se lembrariam n'elle de mandarem pedir licença ao Rei de Portugal, para prenderem ou punirem aquelles que por desprezo, e avidez de se enriquecerem por vias illicitas, as houvessem violado.

«Quando esta noticia chegou a Londres, o cavalleiro Ward, e outros correspondentes dos tres inglezes presos em Lisboa, foram queixar-se ao Rei, como de uma violação dos tratados de commercio entre os inglezes e os portuguezes; mas Sua Magestade Britannica, com sua bondade ordinaria, prometteu-lhes que havia de se informar das particularidades d'este incidente, e que a tal respeito havia de mandar suas ordens ao seu ministro em Lisboa. Julga-se que tudo isto terminará por mandar pedir perdão das penas corporaes nas quaes aquelles inglezes podessem ter incorrido, pois os reis são sempre zelosos em manterem a execução de suas leis, o que é um dos principaes direitos de sua soberania.»

*
* *

«A 30 de outubro o cardeal Pereira, portuguez, tendo-se dirigido com um numeroso sequito para a egreja de Santa Suzanna, foi o padrinho de um judeu que n'ella se baptisou, ao qual deu o nome de João José Pereira. Este senhor, para melhor desempenhar as obrigações ás quaes a qualidade de padrinho induz, quiz que no mesmo dia aquelle novo proselyto entrasse para o seu serviço, querendo tomar cuidado da sua educação, e sem duvida da sua fortuna, se o afilhado se mostrar digno das bondades do padrinho.»

*
* *

«O cardeal Cunha, portuguez, acaba de praticar novas liberalidades em Roma. «Deu 1:000 escudos ao collegio romano, em consideração de uma tragi-comedia que os estudantes n'elle representaram na presença d'elle. Poucos dias antes tinha dado 4:000 escudos romanos para as reparações da egreja de Santa Anastacia, da qual é titular.»

Fevereiro de 1722.— «Na conferencia que a academia real de Portugal celebrou em Lisboa, no dia em que se celebrava o anniversario do nascimento do

Rei, Sua Magestade Portugueza, Suas Magestades e toda a familia real, honraram com a sua presença esta assemblea.

«O marquez de Abrantes, fez por esta occasião uma falla em nome da academia, no fim da qual apresentaram ao Rei uma medalha de oiro, na qual de um lado se via a effigie de Sua Magestade Portugueza empunhando o sceptro real, e na outra apresentando a Historia com estas palavras: «Faz reviver a Historia»; em baixo lia-se: «Academia Real de Portugal, instituida no dia 6 antes dos Idos de dezembro de 1720»; e do outro lado tinham gravado o nome do Rei reinante por estes termos: «João V, Rei de Portugal».

*
* *

«Muitas vezes os interesses de alguns simples particulares são capazes (quando os espiritos se encontrem propensos para a irritação), de abysmarem nações inteiras nos horrores da guerra. Viu-se no jornal precedente porque motivo o Rei de Portugal tinha mandado prender em Lisboa um banqueiro inglez chamado Wingsfield, com dois dos seus associados. Como o ministro inglez residente em Lisboa tinha reclamado esses presos mesmo antes de ter recebido as ordens da côrte de Londres, Sua Magestade Britannica não poude recusar, a pedido dos seus subditos, o insistir em pedir a liberdade dos tres inglezes presos, com as satisfações que se pedem como reparação, em identico acontecimento, e nas Ilhas Britannicas.

«Tendo a côrte de Portugal persistido em sustentar que pelo direito incontestavel inherente á soberania das testas coroadas, não tinha de modo algum violado os tratados celebrados entre as duas corôas, nos quaes não se encontra artigo algum que auctorise um estrangeiro a violar as leis de um paiz, debaixo do pretexto de fazer alli um commercio prohibido pelas mesmas leis.

«Não tendo estas rasões sido capazes de serenar os inglezes, reiteraram elles suas instancias junto do Rei da Gran-Bretanha, e obrigaram Sua Magestade a dar suas ordens para pôr de verga de alto uma esquadra destinada para Portugal, com o fim de n'este paiz ir reclamar os presos da sua nação.

«Esta esquadra, que se armou com muita diligencia em Chatam, e em Portsmouth, é composta de onze navios de guerra, duas galeotas para bombas, e de dois brulotes, commandados pelos vice-almirantes Hosier e Wagner. Fariam disposições taes temer que a paz geral da Europa não seria de longa duração, no caso d'esta divergencia ter consequencias; mas asseveram que as côrtes de França e de Hespanha, conjunctamente com a republica da Hollanda, propozeram já sua mediação para terminarem esta differença de tão pouca monta, cujas consequencias, comtudo, podiam ser lamentaveis; e que emquanto se esperam as resoluções do Rei de Portugal, a esquadra suspenderá a sua viagem. Seria para desejar que em todas as difficuldades que sobreviessem entre os soberanos, se tomassem tão sensatas e uteis precauções para prevenirem os desastrosos effeitos.» (Pag. 144).

Março de 1722.—«Havia rasão para conjecturar que a divergencia, da qual já n'este logar se fallou, sobrevinda entre as corôas de Inglaterra e de Portugal, era de natureza a poder terminar-se sem effusão de sangue, e que sem ir de encontro as leis estabelecidas em Portugal, os dois soberanos guardariam suas pre

rogativas sem chegarem ás do cabo. Foi só para fazer cessar os queixumes dos inglezes, e condescender com as suas inquietações excessivas, que o Rei da Gran-Bretanha deu suas ordens para aprestar uma esquadra destinada contra Portugal, visto a côrte de Lisboa não ter julgado a proposito mandar soltar os inglezes que tinham sido presos, por isso que de encontro ás leis de Portugal tinham elles negociado e feito saír do paiz algum oiro em barras e em pó. Estava prestes esta esquadra a fazer-se á véla para ir executar na embocadura do Tejo e nas costas de Portugal as ordens, das quaes os vice-almirantes Wager e Hosier estavam encarregados, quando um correio enviado de Lisboa pelo ministro de Inglaterra, chegou a Londres, com despachos que continham em substancia: «Que pelo processo instaurado perante os magistrados, os srs. Viendfield e Robert, negociantes inglezes em sociedade, tendo sido convencidos de haverem negociado e feito saír oiro em pó e em barras do reino de Portugal, sem embargo das leis por elles conhecidas, que prohibe tal commercio com pena de morte, tanto aos portuguezes como aos estrangeiros; pela qual transgressão os ditos Wiendfield e Robert, accusados, convencidos e presos, o tribunal de justiça os havia condemnado á morte a 8 de janeiro, com confiscação de seus bens, moveis e pertences confiscados pela auctoridade da justiça. Que no dia immediato, dia em que os deviam levar para o supplicio, os criminosos depois de terem ouvido a leitura da sua sentença, foram agradavelmente surprehendidos, quando o conde de Prado, primeiro gentilhomem da camara do Rei de Portugal, entrou na prisão para lhes entregar um acto de perdão que Sua Magestade portugueza lhes concedia, com ordem de liberdade para suas pessoas e bens, sem isto poder ser allegado para obter perdão para o futuro, tanto a respeito d'estes como daquelles que viessem a praticar similhantes prevaricações. Emfim, que a 10 de janeiro os tinham mandado saír da prisão, entregando-lhes os objectos confiscados, á excepção do que era contrabando, o que era pouco consideravel, por haver sido a maior parte enviado para Inglaterra antes de terem sido presos.

«Foi assim que, sem alterarem a força das leis portuguezas, a côrte de Londres obteve livramento para os presos, que ella reclamava, sem haver despendido mais do que as despezas do armamento naval, que não perdeu de vista os portos da Gran-Bretanha.» (Pag. 225.)

Abril de 1722.—«Embora já se tenha fallado da prisão de dois negociantes inglezes estabelecidos em Lisboa, por nome Wingfield e Robert, que foram presos a 17 de setembro de 1721 (o que obrigou a côrte britannica a mandar armar uma esquadra contra Portugal), vem a proposito para o esclarecimento do facto, mencionar aqui algumas circumstancias a respeito da maneira como esta pendencia foi terminada no mez de janeiro, sem effusão de sangue e com satisfação de ambas as corôas.

«Como M. Worseley, enviado extraordinario de Inglaterra em Lisboa, tinha tomado com calor a defeza dos presos de sua nação, mesmo antes de ter podido receber as ordens da côrte de Londres, este negocio, que não passava de particular ao principio, interessou sensivelmente os dois Reis, porque Sua Magestade Britannica, solicitada pelos commerciantes correspondentes ou associados dos presos, viu-se obrigada a apoiar o procedimento do seu ministro em Portugal, para obter a soltura d'elles. Diversos correios foram enviados para um tal fim das côrtes de Londres e de Lisboa; mas durante este tempo, o tribunal de justiça que

se achou encarregado da causa, não deixou de instruir o processo dos criminosos e de proferir a sentença de morte, com a confiscação dos bens dos accusados. Por uma outra parte, o armamento que se fazia na Inglaterra com toda a diligencia possivel, estava prestes a fazer-se de véla, no tempo em que houve aviso que o Rei de Portugal tinha mandado expedir cartas de perdão aos criminosos.

«D. Diogo de Mendonça, secretario d'estado, encaminhou se a casa do enviado de Inglaterra, a 8 de janeiro ultimo, para lhe notificar, segundo as formalidades, por ordem do Rei de Portugal seu amo: «Que Sua Magestade, por um effeito de sua clemencia, acabava de assignar um decreto, pelo qual não sómente perdoava a vida aos referidos Wingfield e Robert, mas até mesmo o banimento que se lhes podia infligir pelos crimes que haviam commettido, e que para os eximir de outras punições corporaes e pecuniarias, Sua Magestade tinha tambem ordenado a restituição dos objectos que lhe haviam sido confiscados em proveito da Camara Real de Portugal. Que, não duvidando de que isto fosse mui agradavel ao Rei da Gran-Pretanha, lhe podia participar, etc.» (Pag. 273.)

«Maio de 1722.— Participam de Lisboa que nos dias 19, 20 e 21 do mez de fevereiro, avistou-se em Portugal, perto do disco do sol, um cometa ou phenomeno, em fórma de duas lanças ardentes, que se apoiavam sobre um crescente ou semi-circulo, similhante a uma barra ardente saindo da forja. As pontas das lanças lançavam raios de uma luz tão viva, que os olhos do homem só com muito custo a podiam contemplar. Estendia-se este phenomeno do nordeste ao sudoeste, e appareceu no primeiro dia desde as nove horas da manhã até ao meio dia; nos dias seguintes sua claridade já não era tão brilhante, e foi de menos duração. Não se soube se os astronomos de Portugal ou das outras academias publicaram já suas reflexões ou conjecturas a respeito de um tal phenomeno. Emquanto ao vulgo, raciocina conforme o seu costume, e nunca deixa de lhe attribuir prognosticos taes como sua imaginação lhes suggere.»

* *

«Alem da academia das sciencias, que o Rei de Portugal estabeleceu em Lisboa, Sua Magestade Portugueza estabeleceu uma outra na sua cidade de Santarem, debaixo do titulo de academia dos Loureiros, composta de pessoas de uma profunda erudição. Estes estabelecimentos não são menos gloriosos para os principes do que vantajosos para os litteratos, com o fim de fazerem florescer as letras.»

Junho de 1722.—«A ultima frota portugueza chegada a Lisboa, proveniente do Rio de Janeiro, vinha carregada de uma grande quantidade de oiro, de prata e de outras mercadorias. Havia entre ellas, por conta do Rei de Portugal, 33 ½ arrobas de oiro e mais 33:500 cruzados em oiro, que tambem pertencem a Sua Magestade, por causa do quinto que se tira das minas. Havia, outro sim, 124:000 arrobas e 14 libras de oiro de uma especie, e mais 420:000 cruzados amoedados de outra especie. Entre as mercadorias, 42:100 couros do Brazil, 3:900 caixas de assucar em pó, e 160 varias outras por conta de varios particulares.»

«*Regulamento do Rei de Portugal relativo ás tropas.*— Por um novo regulamento publicado por ordem do Rei de Portugal, são obrigados os fornecedores de suas tropas a fazerem para o futuro cada ração de pão de trigo do peso de tres libras e meia, a de centeio de cinco libras, e a de centeio misturado com milho, de seis libras cada pão. O soldo em dinheiro, tanto aos officiaes como aos soldados, ha de ser pago pelos thesoureiros das tropas todos os dois mezes, em cada provincia, por occasião das revistas. Os que se acharem ausentes, mesmo com licença, não têem de receber nenhum soldo durante sua ausencia, senão no caso de doença; mas aquelles que sem licença deixarem suas companhias, hão de ser punidos segundo o rigor das ordenanças. É expressamente prohibido aos officiaes e aos commissarios das guerras o mandarem fornecer ás tropas outros fardamentos, que roupas, barretinas, meias, sapatos, senão os fabricados no reino de Portugal, com o fim de obstar a que o dinheiro saia do estado, e que o lucro das fabricas passe para os estrangeiros.»

*
* *

«Sua Santidade concedeu ao Rei de Portugal uma nova bulla, que lhe permitte o receber por um anno o quarto dos rendimentos ecclesiasticos de seus estados, tanto na Europa, como no Brazil, do qual se formará um fundo consideravel para estabelecer as prebendas da egreja patriarchal, estabelecida em Lisboa no precedente pontificado.» (Pag. 415.)

Julho de 1722.— «A certos commerciantes avidos de maiores lucros no seu commercio, custa-lhes o terem de pagar os direitos estabelecidos pelo Principe; mas a fraude custa-lhes cara quando são apanhados em flagrante, expondo-se á confiscação do total, quando muitissimas vezes as despezas da alfandega não lhe teriam custado a vigesima parte do que elles se arriscam a perder. Dezenove negociantes de Lisboa, em Portugal, fizeram a experiencia d'esta verdade, no mez de abril ultimo; pois tendo sido convencidos de haverem apresentado falsas declarações das mercadorias que faziam entrar no reino, foram condemnados, alem das penas ordinarias, a serem transportados para as Indias Orientaes no primeiro navio que saisse para Goa, para alli acabarem seus dias. Talvez que esta grande severidade venha a ser nociva aos rendeiros portuguezes, porque se julga, geralmente fallando, que uma fraude d'esta natureza produz mais por meio das penas pecuniarias modificadas, do que ella renderia se pagasse exactamente os direitos segundo a tarifa, ao passo que, uma vez reduzidos á miseria, estes taes negociantes, nada mais produzem para o publico nem por meio dos direitos ordinarios, nem dos casuaes.»

*
* *

«D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, voltando da sua vice-realeza das Indias Orientaes, tendo embarcado em Goa n'um navio portuguez, foi atacado e capturado por alguns «Forbans», ou piratas inglezes, na altura da ilha de Madagascar, os quaes lhe roubaram todas as riquezas que trazia para a Europa, tendo-se apoderado do navio e de toda a carregação. Tiveram humanidade bastante para

conservarem a vida a este conde; enviáram-o á ilha de Bourbon n'uma chalupa com alguns creados, de onde foi transportado ao porto d'Orient, na Bretanha, em um navio da Companhia das Indias francezas. Deu-se aviso ao Rei de Portugal, que lhe enviou algumas remessas para continuar sua viagem até Lisboa.»

*
* *

«O cardeal Cunha, portuguez de nação, tendo-se despedido do Papa, saiu de Roma a 4 de maio. Tomou o caminho de Loretto, de onde ha de passar á côrte de Turim; d'alli deve encaminhar-se para Paris, onde resolveu passar algum tempo, antes de regressar a Lisboa. Sua polidez, liberalidade, e magnificencia, distinguiram-se em Roma, onde fez despezas extraordinarias durante a residencia que fez n'aquella cidade. Ao retirar-se mandou Sua Eminencia ao Papa oito bellos cavallos de frisa, para puxarem a carruagem; ao cardeal Conti, irmão de Sua Santidade, seis grandes taças de prata dourada; tendo sabido que o cavalleiro Conti, sobrinho do Santo Padre, tinha regateado um movel da China, e que não o comprava por não chegar ao preço, foi o cardeal Cunha ver ao armazem tudo quanto o cavalleiro tinha querido escolher, mandou pôl-o de parte, addicionou-lhe outras curiosidades na importancia ainda de mil cruzados ou mais, e enviou tudo ao tal senhor. Quando Sua Eminencia foi despedir-se da duqueza de Guadagno'a, parenta do Papa, o cardeal a presenteou á saida com uma boceta mosqueada das mais simples, mas onde se encontravam dentro brincos de diamantes, que tinham custado seiscentos luizes de oiro. O governador de Roma, bem como a maior parte das damas aparentadas com Sua Santidade, tiveram parte nas liberalidades d'este cardeal, exceptuando a duqueza de Gravina, que sem duvida não houvera ficado no esquecimento, se o decoro houvesse permittido que Sua Eminencia a fosse visitar na situação com que ella se acha pira com seu marido.» (Pag. 36.)

*
* *

«O Rei de Portugal deu ao conde Fernão Telles da Silva, neto do marquez de Alegrete, uma commenda de 600$000 réis de rendimento, e uma outra ao neto do conde de Valladares, que rende annualmente 400$000 réis.» (Pag. 192.)

*
* *

«A 13 de junho fez-se em Lisboa a ceremonia do casamento do conde Fernão Telles da Silva, filho do conde de Villa Maior, e neto do marquez de Alegrete, com D. Maria de Menezes, filha do conde de Tarouca, embaixador de Portugal na Hollanda.» (Pag. 230.)

Novembro de 1722. — «D. Antonio Manuel de Vilhena, filho do fallecido D. Sancho Manuel, general dos exercitos de Portugal, e primeiro conde de Villa Flor, é o terceiro senhor portuguez que foi elevado a dignidade de Grão Mestre de Malta. O primeiro d'esta nação que subiu a este cargo, foi D. Affonso, filho

do Rei de Portugal Affonso Henriques, eleito em 1194, do qual deu sua demissão alguns mezes depois. Sua Magestade portugueza escreveu em termos mui obsequiadores ao novo Grão Mestre, para o felicitar da sua eleição, pela qual os cavalleiros portuguezes e os parentes do Grão Mestre fizeram regosijos em Lisboa.»

*
* *

«Já se disse em outra parte de que maneira o conde da Ericeira, regressando da vice-realeza de Goa, foi apanhado pelos «Torbans», e deixado com alguns creados na ilha de Bourbon, depois de ter sido roubado, e de onde teve a fortuna de passar á França em um navio da Companhia das Indias, do qual era commandante Fougeray Garnier. Em reconhecimento d'este serviço, e do bom tratamento que recebeu o conde, o Rei de Portugal, seu amo, deu a este capitão francez o titulo de cavalleiro da ordem de Christo, com a faculdade de gosar dos direitos honorificos que lhe são inherentes.» (Pag. 341.)

*
* *

«Vieram noticias da Haya, na Hollanda, de que no 1.º de outubro pegara o fogo no palacio de Tarouca, e o reduzira a cinzas, com a maior parte da mobilia e de outros objectos, que n'elle se achavam. Pertencia esta casa ao conde Nassau Zeit.»

*
* *

«O Rei de Portugal tem o maximo cuidado em fazer florescer as artes e as sciencias. Acaba de se fazer receber membro da Academia dell Arcadia, em Roma, sob o pseudonymo de *Pastor de Alvano*.»

Dezembro de 1722.— «O cardeal Cunha, regressando de Roma e da França, demorou-se alguns dias na côrte de Hespanha antes de voltar á patria. O Rei de Portugal estabeleceu na sua cidade capital uma academia de medicina, que se deve reunir duas vezes cada semana para conferenciar e trabalhar efficazmente em aperfeiçoar esta arte tanto quanto se poder fazer, em proveito do publico. O marquez das Minas, general da cavallaria portugueza, foi morto em Lisboa a 27 de setembro por um outro senhor, com o qual tivera uma questão.»

Janeiro de 1725.—«A 12 do mez de outubro sentiram-se em Lisboa, com intervallo de algumas horas, dois fortes estremecimentos de terremoto, os quaes assustaram, mas não tiveram outras consequencias desastrosas senão o abalo e algumas fendas nos muros de algumas casas velhas, já pouco solidas, das quaes, comtudo, nenhuma caiu.»

Fevereiro de 1725.—«As violentas tempestades que reinaram durante alguns dias nos mezes de novembro, dezembro e janeiro, causaram estragos infinitos, tanto por terra como por mar, nos differentes estados da Europa. Seria mui

difficil entrar nos pormenores das perdas que ellas occasionaram, mas podemos fazer uma idea só por este extracto: «No porto de Lisboa, em Portugal, houve mais de cincoenta navios que foram ao fundo, ou se esmigalharam nas praias, no dia 19 de novembro. Viram-se obrigados a cortar os mastros a alguns navios de guerra (tres dos quaes foram a pique), para poderem melhor resistir aos ventos. Os que vinham do lado do mar levantavam ondas taes, que pareciam montanhas liquidas, as quaes, impedindo o curso do rio Tejo, fizeram inchar as ondas, que inundaram os largos, e encheram a maior parte das ruas baixas de Lisboa até as alturas dos primeiros andares. Viu-se durante alguns dias fluctuarem sobre ambas as margens corpos mortos, fragmentos de navios, caixas e fardos com varias mercadorias. Emquanto das alturas se enxergava este triste espectaculo sobre as aguas, as tempestades exerciam tambem suas furias sobre a terra, pois viram-se em Lisboa algumas casas arrasadas até aos alicerces, torres derrocadas que derribavam as egrejas, um grande numero de outras construcções, principalmente chaminés, não poderam resistir ao furor d'esta tempestade, que desarraigou ou quebrou ao mesmo tempo uma grande parte das oliveiras, limoeiros, laranjeiras e outras arvores, com as quaes a terra se viu coberta dentro de poucas horas.»

* * *

«Por outras cartas chegadas de Lisboa, sabe-se que a tempestade do dia 19 de novembro, da qual acabamos de fallar, tinha causado estragos e perdas infinitamente mais consideraveis do que ao principio se tinham calculado. Pois em vez de cincoenta e tres navios que dizem ter naufragado, soube-se por meio de exactas informações, que tinham perecido cento e oitenta e dois navios de diversas grandezas e de differentes nacionalidades, mas entrando n'este numero barcos grandes, chalupas e embarcações pequenas.

«Nem tres nem quatro amarras, apesar de seus grossos cabos, bastavam para aguentar os navios amarrados; a violencia do furacão os arrojava uns contra os outros, e os esmigalhava, fazendo perecer a tripulação e as mercadorias. O que não sossobrava logo, era impellido pelas vagas para a praia, com uma força tão medonha, que arrebentava os caes, e d'elles arrancava as maiores lages. As duas margens, durante mais de duas leguas, acharam-se dentro de poucas horas cobertas de tristes destroços d'estes naufragios, entre os quaes se contavam cento e sessenta corpos mortos; julga-se, porem, que os afogados passaram de oito mil. Na cidade de Lisboa (quasi toda construida em amphitheatro, fazendo frente ao lado de onde vinha o vento tão impetuoso), teve mais de mil casas arruinadas, sendo a maior parte inteiramente lançadas por terra. Outras ficaram sem telhado, bem como as egrejas e as casas ficaram com os vidros partidos. Emfim, poucos edificios publicos houve que não soffressem muito, entrando tambem as estatuas que faziam o ornamento dos jardins, as quaes, embora de marmore, agarradas com espeques de ferro, foram arrancadas das suas posições, e a maior parte esmigalhadas, bem como as cruzes expostas nas praças e caminhos publicos, pelo menos no local em que se achavam erguidas na columna que este furacão percorreu. Em geral não se julga que uns quarenta milhões de escudos sejam sufficientes para o reparo de todos os estragos occorridos no tempo

de quatro horas, n'umas tres ou quatro leguas á roda de Lisboa, não fallando das pessoas e animaes que pereceram.»

*
* *

«Por cartas vindas da Hollanda chegou a confirmação das noticias que se tinham espalhado dias atraz, a saber: que o conde de Pinos, enviado extraordinario do Imperador em Lisboa, tinha concluido um tratado de commercio entre a corôa imperial e a de Portugal. Que n'um dos artigos se declara que todos os navios, tanto da Companhia das Indias estabelecida nos Paizes Baixos Austriacos, como os outros navios que hastearem pavilhão imperial, devidamente munidos dos passaportes do Imperador, ou de seus officiaes, generaes e commandantes dos estados de seu dominio, terão entrada livre nos portos de Sua Magestade portugueza, tanto na Europa como no Brazil, costas de Africa, ilhas e Indias Orientaes, onde hão de receber, não sómente a protecção que os dois monarchas devem um ao outro, mas tambem os soccorros necessarios de que tiverem necessidade, pagando, etc.»

Março de 1725.—«Pelas cartas de Lisboa se recebeu a lista das embarcações e navios, e outros barcos que naufragaram, ou ficaram mui arruinados com a tempestade ou furioso furacão de 19 de novembro ultimo, o qual tantos estragos causou no porto de Lisboa e no Tejo até ao mar. Por esta lista que se imprimiu em portuguez, e que as diversas nações traduziram para os seus idiomas, com o fim de as enviarem para as principaes cidades maritimas, nas quaes têem correspondentes, soube-se que de quinze embarcações portuguezas, carregadas e prestes a fazerem-se de véla para a Bahia de Todos os Santos, oito tinham-se perdido. De seis destinadas para o Rio de Janeiro, pereceram tres; cinco carregadas para Pernambuco, tiveram a mesma sorte; bem como tres para Angola. Um muito maior numero de embarcações portuguezas (não fallando nos navios do Rei), ficaram consideravelmente arruinadas. Ha dois mezes que estão a concertar os que se acharam ainda em estado de poderem vir a navegar.

«Tres navios francezes tambem padeceram estragos; tres hollandezes não soffreram tanto. Um maior numero, que se achou no mar, pouco expostos á furia da tempestade (não se tendo, felizmente, achado em frente das columnas que o furacão seguia), entraram no Tejo sem terem padecido perda consideravel e apenas foram espectadores das tristes ruinas que viram subindo o rio, cujo aspecto se tornava mais pavoroso á medida que iam approximando-se de Lisboa.

«A nação ingleza foi a que mais perdeu (depois da portugueza), n'este triste e lamentavel dia; pois houve sete navios, fragatas ou embarcações inglezas, que ou foram a pique ou se esmigalharam, nada se podendo salvar, tanto das tripulações como das mercadorias. Outras trinta e seis embarcações inglezas ficaram tão consideravelmente estragadas, que só com grandes despezas hão de poder-se restaurar para outra vez navegarem. Como se prevê que estas perdas enormes vão arruinar um bom numero de commerciantes, temem se tambem muitas fallencias.»

Maio de 1725.—«Segundo as noticias chegadas de Lisboa, a frota portugueza aportada ao Tejo no mez de fevereiro, composta de vinte e tres navios,

entrando duas fragatas, que a conduziram, e das mais ricas que jamais vieram do Rio de Janeiro. Dizem que os lucros chegam a 400 por cento. Os portuguezes devem-n'a considerar como um effeito da Providencia, que os quiz indemnisar das grandes perdas que tiveram com os temporaes de novembro ultimo.»

*
* *

«No jornal de junho de 1724, pag. 407, fallou-se dos dois primeiros tomos do livro intitulado *Les journées amusantes*, par madame Gomes, dedicadas ao Rei. Acaba de apparecer a continuação d'esta obra, que não é menos instructiva que divertida, em outros dois volumes.

«Madame Gomes, com um estylo claro, fluente e muito eloquente, nos dá conferencias que ella suppõe terem servido de entretenimento a varias pessoas nobres, tanto de um como de outro sexo, as quaes passavam a bella estação n'uma casa de campo, onde se tinha uma bibliotheca formada de obras selectas, e onde cada um encontrava livros segundo o seu gosto; e depois de algumas horas de leitura, a conversação versava sobre as observações e reflexões feitas acerca das differentes obras, nas quaes tinham bebido aquelles conhecimentos. Acompanhavam-nos com a recitação de alguma historia ou aventura extraordinaria, que podesse interessar a alguma pessoa d'esta sociedade, ou doutoras do seu conhecimento, sempre adubadas com alguns casos historicos, extrahidos dos livros santos ou profanos, que n'aquelle logar foram introduzidos muito a proposito.

«Por exemplo, a pag. 21 do tomo III, encontrámos uma resumida historia de D. Antonio[1], Rei de Portugal, que, tendo largado a corôa em beneficio de seu filho, para ir acabar seus dias em Jerusalem, na vida religiosa. Que Luiz XI, Rei de França, informado d'esta resolução, enviou alguns senhores d'esta côrte atraz de D. Antonio[1], a quem elles apanharam nas fronteiras de Italia e que o obrigaram a voltar para Portugal, aonde elles o acompanharam, conforme a ordem que para isso tinham, do Rei christianissimo, seu amo.

«O filho, que tinha subido ao throno de Portugal, advertido do regresso de seu pae, foi procural-o seguido de toda a côrte, e, havendo se deitado a seus pés, ali deixou o sceptro e a corôa, rogando-lhe que o deixasse tomar o titulo de primeiro de seus subditos.»

Junho de 1725.—«Pelos navios saídos de Lisboa para as Indias Orientaes, enviou o Rei de Portugal, como presente ao Imperador da China, um magnifico lustre de prata, que tinha mandado fazer em Roma; algumas caixas cheias de joias, que tinham mandado vir de Paris e de Londres; algumas mesas de marmore o mais raro e de um trabalho delicadissimo; dois cofres cobertos de velludo verde, um bordado a oiro e outro a prata, que se poderam achar em Lyon.»

Agosto de 1725. — Falla-se em estradas e em nivelamentos de montanhas na Haya, na Lorena, etc., e tambem na construcção de pontes, etc.

Descreve depois o furioso vendaval que houve em Lisboa.

---

[1] Parece que [illegible] lista [illegible] [illegible] em D. Affonso V.

Dezembro de 1733.— Vem mencionado o obito de um portuguez celebre, do modo seguinte: «D. Joseph da Cunha Brochado, conselheiro do conselho do Rei de Portugal, e do conselho real das finanças, gentilhomem da camara de Sua Magestade Portugueza, commendador da ordem de Christo, chanceller das ordens militares, deputado ao conselho das finanças do reino, e censor da academia real de historia de Lisboa, morreu n'esta cidade a 27 de setembro, com oitenta e dois annos de idade. Havia sido enviado extraordinario de Portugal junto dos Reis de França e de Inglaterra, e primeiro plenipotenciario na côrte de Madrid para regular os artigos do contrato de casamento do Principe das Asturias com D. Maria de Portugal, e de D. Maria Anna Victoria, de Hespanha, com o Principe do Brazil.

«Póde-se asseverar que de todas as nações que tinham relações com a côrte de Roma, é Portugal a que n'esta obra que acabâmos de citar, faz uma figura mais brilhante.»

*
* *

«Em 10 do agosto de 1734 houve um grande incendio na cidade de Lisboa, sessenta bellos predios da rua Nova do Almada foram consumidos pelas chammas, e n'esse numero foi comprehendido um mosteiro celebre de religiosas da ordem de Cister, e da congregação de Aviz. O fogo pegou no mesmo dia nas immediações da igreja do Paraizo, n'um predio que foi completamente reduzido a cinzas, assim como varios outros.»

*
* *

De vez em quando tambem apparecem poesias, e para exemplo a seguinte:

Enigme

Je suis de petite figure
Et de differente façon,
Je plais à Corine et à Manon
Quoique d'une couleur obscure.

Je suis mince de ma nature,
Mon rang me donne de renom;
Mais ont me fait porter le nom
D'une fort vile creature.

Souvent, à la ville, à la cour,
Je suis un enfant de l'amour,
J'ai droit de baiser ma maîtresse.

On m'inventa pour l'agrement:
Je sais exciter la tendresse
Quand on me place proprement.

E diz que o enigma significa — *mecha*.

E trata depois minuciosamente da jornada e dos desposorios e troca das duas princezas de Hespanha e de Portugal.

*
* *

«E a frota do Brazil, composta de 16 navios, em 1734 trouxe o valor de 12.000:000 de cruzados, tanto em oiro, como em prata e diamantes, 10:000 caixas de assucar, e uma grande quantidade de outras mercadorias.

«A frota do Rio de Janeiro chegou em 28 de novembro a Lisboa, escoltada por duas naus de guerra commandadas por D. Luiz de Abreu Prego, chefe de esquadra.

«Era esta frota composta de 16 embarcações mercantes, e fez a viagem em 99 dias de navegação, havendo partido a 22 do mez de agosto. Seu principal carregamento consistia em oiro em barras, e oiro amoedado, o que prefaz pouco mais ou menos 75:000:000 da nossa moeda. Alem d'isso ha cerca de 1.000 quilates de diamantes, 12.000 caixas de assucar, tendo cada caixa 12 quintaes, e 42:000 couros.»

*
* *

«É verdade que as divergencias entre as côrtes de Roma e de Portugal estão completamente findadas. M. Cavalieri, nuncio do Papa em Lisboa, teve em 9 de fevereiro uma audiencia particular do Rei de Portugal, á qual foi conduzido por D. Francisco e D. Rodrigo de Sousa, visitadores da casa de Sua Magestade, e no mesmo dia foi admittido á audiencia da Rainha, as do Principe e da Princeza do Brazil e dos Infantes, e o tribunal da Nunciatura foi aberto no dia 11.

«O Papa tendo sido informado por M. Cavalieri, Sua Santidade deu ordens para a expedição de uma bulla de indulto, concedido ao Rei de Portugal, para lançar em seus estados, sobre os rendimentos ecclesiasticos, uma taxa, cujo producto seria empregado em augmentar as prebendas dos conegos da egreja patriarchal de Lisboa.

«Sabe-se ao mesmo tempo que Sua Magestade portugueza tinha dado ordem ao cardeal Motta para se encaminhar a Roma.»

*
* *

«A 13 de janeiro de 1739 morreu em Lisboa o barão Jean Leopold de Seegh, coronel de um regimento de cavallaria da guarnição de Elvas. Era suisso de nação, e tinha sido educado no lutheranismo, que abjurou quando contava dezoito annos, para abraçar a religião catholica. Servira nos exercitos de alguns Principes europeus antes de entrar para o de Portugal. Não sómente tinha adquirido a reputação de um official mui experimentado na arte militar, mas até mesmo sua grande erudição o tornava celebre.»

*
* *

«A 27 de abril a Rainha dirigiu-se a S. José de Ribamar para ver partir a frota destinada para o Brazil, e composta de tres navios mercantes, a que escol-

tavam os navios de guerra *Nossa Senhora da Conceição* e *Nossa Senhora do Pilar*, commandadas pelos capitães D. Joseph de Vasconcellos e D. Antonio de Sousa. Outras 16 embarcações, das quaes 4 vão para o Maranhão, 2 para o Grão Pará, 7 para Pernambuco, 2 para Angola e 1 para Bengala, fizeram-se de véla ao mesmo tempo que a frota. A do Rio de Janeiro chegou ao Tejo em 12 de maio, e compunha-se de embarcações mercantes, e de 2 navios de guerra. Sua riquissima carga, não fallando no mais, consiste em 20.000:000 de florins. E para acabar de dar ao menos uma idéa do commercio dos portuguezes, acrescentarei que desde 21 de abril até 4 de maio entraram 65 embarcações estrangeiras, e que á saida das cartas achavam-se no Tejo ancorados 32 navios portuguezes para diversos portos. E a pag. 121, mez de agosto, falla o escriptor de outra frota chegada do Brazil, escoltada por 2 navios de guerra.»

CLEIN ou **KLEIN.**—Jesuita bohemio.

E. *Pensamientos Cristianos, samacatovid manga paninimdinim mang tavong Cristiano sa arao arao halagang sanghoran. Nagava sa vican Frances nang P. Domingo Bohours sa la Compañia ni Jesus, at ysinalin sa vican Tagalog nang P. Pablo Clain dito din sa la Compañia ni Jesus. Iniaalay sa mahat na Apostol nang las Indias S. Francisco Xavier. Pena Apostol nang dating manga mayeapangyarihan.* Liniimberg sa Collegio nang la Compañia ni Jesus, ni D. Gaspar Aquino de Belen; nang taong 1714, in-32, 128 folhas[1].

CLEMENCIN (D. DIEGO ——).

I. *Elogio de la Reina Católica Doña Isabel leido en la junta publica que celebró la Real Académia de la historia el dia 31 de julio de 1807, por ——. Su individuo de Numero.* Vol. VI das *Memorias de la Academia Real de Historia de Madrid.* Madrid, 1821.

Anda a historia de Hespanha de tal modo entrelaçada com a de Portugal, que todos os trabalhos historicos que se publicarem n'aquelle paiz não poderão deixar de ser de interesse, mais ou menos directo, aos portuguezes.

Termina o referido elogio com:

Illustraciones sobre varios asuntos del reinado de Doña Isabel la Católica, que pueden servir de pruebas á suo elogio. Presentadas á la Real Academia de la Historia por ——. (Pag. 55.)

CLÉMENT (FRANÇOIS ——).—Jesuita francez, que viveu no seculo XVII, e estava nas missões orientaes.

Du voyage du Père François Clement à la Chine, et de ce qu'il a appris à Goa.

Lê-se de pag. 204 a 238 da *Relation des Missions des Pères de la Compagnie de Jesus, dans les Indes Orientales, où l'on verra l'état présent de la Religion Chrétienne, et plusieurs belles curiosités de ces Contrées. Dressée par un Père de la même Compagnie.* A Paris, chez Jean Henault, 1659, in-8.º, pag. 238[2].

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 137.
[2] Ibid., vol. V, pag. 141.

CLEVERUS (DR. ANDRÉ ——). — Medecin et membre du conseil de Batavie.

E. *Sur les Chrétiens de Saint Thomas, dans les Indes Orientales, qui portent aux jambes des tumeurs scrophuleuses d'une prodigieuse grosseur, par* ——.

Vem no 3.º vol., pag. 589, da obra: *Collection Académique, composée des Mémoires, actes ou journaux des plus célèbres Académies et Sociétés étrangères.* Dijon

A pag. 593 vem algumas palavras do dr. Herman Grimonius acerca da pesca das perolas na ilha de Manar (Ceylão), pelos portuguezes.

CLUSIO (CAROLUS ——).

Rariorum plantarum Historia et Appendix ad Historiam plantarum. Antuerpiae, officina Plantiniana, 1601, fol., em duas partes: uma de 364 pag. e a outra de CCCXLVIII, com 12 de principio e 10 de indices, com muitas estampas intercalladas no texto.

Acham-se n'esta obra muitas plantas da peninsula lusitana, e todas as que o mesmo De l'Ecluse havia publicado no anno de 1576.

CLUSIUS (CAROLUS ——).

Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observanturum Historia. Antuerpiae, per Plantin, 1576, 8.º, 530 pag.

Esta obra é o fructo das viagens feitas por Clusio (L'Ecluze), em Valencia, Murcia, Andaluzia, Extremadura, Portugal, Castellas, em 1560 e 1564, e é tambem a primeira publicação em que se encontram grande numero de noticias sobre a vegetação da peninsula hispano-lusitana. Mais tarde as reuniu Clusio com outras relativas a diversos paizes, na *Rariorum plantarum historia.* Foram tomadas das obras de Clusio cincoenta plantas medicinaes de Hespanha, que enumerou J. P. Lecaan [1].

COBATCH.

An account of the Court of Portugal, under the reign of the present king Don Pedro II, by ——. 1700, in-8.º

COCRICO (DIEGO DE ——).

E. *Réponse precédée d'un preface d'un stile nouveau, où se trouve insérée une lettre curieuse par Monsieur Don Diego de Cocrico, Chevalier des ordres errants, Geographe imaginaire de Sa Majeste Portugaise, Au Bourg stultorum candidorum dans la principauté du Brésil, arrivé depuis peu dans ce pays. A messieurs les fameux poëtes que sous le nom de Troubadour ont donné au Public le poëme comique de la patte enlevée, en langage provençal à Carpentras. A l'enseigne de la verité, l'an de l'invasion paruassine.* 1741.

CODINE (J.).

I. *Padrões ou colonnas commemorativas das descobertas portuguezas, ao sujeito do estudo de M. Alexandre Magno de Castilho.*

---

[1] D. Miguel Colmeiro, *La botanica y los botánicos de la Península Hispano-Lusitana*, pag. 61.

Vem no *Bulletin de la Société de Géographie*, anno 1869, 2 vol., pag. 455 a 487.

II. *Découverte de la côte d'Afrique, depuis le Cap Sainte Catherine jusqu'á la rivière Great Fish (Rio do Infante), et padrons plantés sur cette côte par les Portugais pendant les années 1484-1488.*

Mesmo *Bulletin*, anno de 1876, pag. 53-86 e 303 a 330.

III. *The life of Prince Henry of Portugal surnamed the Prince Navigator by Richard Henry Major. Compte rendu par* ——. Paris, 1873, in-8.º, 114 pag.

CODORNIU (P. ANTONIO ——).—Natural de Barcelona, onde nasceu em 1719, vindo a fallecer em Ferrara no anno de 1770. Professor de philosophia em Barcelona, e de theologia em Gerona.

E. *Indice de la philosophia moral christiano politica, dirigido a los nobles de nacimiento, y espiritu, dedicado al Excellentissimo Señor Don Joseph Fernandez de Cordoba y Alagon, &c. Comendador de Bien Venida en la Orden de San-Tiago, &c., &c.* Gerona. Por Antonio Oliva, 1753, in-4.º

Desagravio de los autores y faculdades que ofende el Barbadino en su obra; verdadero metodo de estudiar, &c., segun la traduccion castellana del todo, conforme al original portugués. Dedicado a las universidades y litteratos de España, por el P. ——. Barcelona, 1764. Imprenta de Maria Angela Marti, in-4.º

CODRONCHIO (TIBERIO ——).

De nova insula in Oceano orta.

Trata da nova ilha que se disse ter apparecido em 1721 nos mares dos Açores.

Vem esta memoria a pag. 201 do 1.º vol. da *De Bononensi Scientiarum et Artium Instituto atque Academia Commentarii.* Bononiae, 1748.

COIMBRA. *City of Coimbra, from near the bridge.* Vers 1800. 0m,020 × 0m,28.

*
* *

Ácerca das relações d'esta universidade com as dos outros paizes, lê-se o seguinte no *Instituto*, jornal de Coimbra, anno de 1853, pag. 101.

Portaria: «Tendo aproveitado o intervallo do adiamento das camaras para ir examinar o estado da instrucção publica em Hespanha, visitei a faculdade de medicina em Cadiz, e as universidades de Sevilha e Madrid, bem como os estabelecimentos de instrucção secundaria de Cadiz, Sevilha e Madrid, e as livrarias das duas academias de Madrid.

«Estabeleci relações com muitos dos principaes professores e escriptores, alguns dos quaes me deram as suas obras, que offerecem para a livraria da universidade de Coimbra.

«Nas lojas de livros de Hespanha não se encontra á venda um só livro portuguez; nem os homens lidos têem conhecimento das obras modernas de Portugal, e mesmo das antigas apenas conhecem poucas.

«E permitta-me v. ex.ª, em prova d'esta verdade, que transcreva a nota que os insignes professores La Serra e Montalhen, auctores do *Derecho civil e penal*

de España, escreveram a pag. 32: «*Historia del derecho civil de Portugal*, por el P. Mello, citado por Landizabal», no que mostra bem que estes escriptores não conhecem as obras immortaes de Paschoal José de Mello, sobre disciplinas analogas áquellas em que escreveram.

«Nós, os portuguezes, achâmo-nos quasi no mesmo estado quanto ás obras de Hespanha. Parece que entre os dois paizes ha uma muralha de separação similhante á que existe entre a China e a Tartaria. As obras de uma nação, porque não são conhecidas na outra, não são procuradas; e porque não se procuram, os livreiros não cuidam em estabelecer relações commerciaes, e fazer transportar os livros.»

Por essa occasião estavam nos prelos da typographia as seguintes obras:

Compendio de veterinaria ou medicina dos animaes domesticos, por J. F. de Macedo Pinto.

Revista historica de Portugal, por J. A. dos Santos Silva, em duas partes.

Principios geraes de mechanica, por A. de Sanches Goulão, lente cathedratico.

Complementos de geometria descriptiva de Fourcy, por Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.

Tabuas da Lua, de Burkard, reduzidas para o observatorio de Coimbra, por Florencio Mago Barreto Feio.

Elementos de economia politica, por A. P. Forjaz, lente cathedratico da faculdade de direito, 4.ª edição.

Ephemerides anatomicas, para 1854.

Indice das plantas do jardim botanico, por Antonio José Rodrigues Vidal.

Poesias, de André Falcão de Rezende.

Dictionarium græco-latinum, por José Vicente Gomes de Moura. Até hoje este diccionario grego não saiu á luz.

E saiu á luz o novo catalogo de livros da feira da Paschoa, em Leipsick. O catalogo antecedente, desde a Paschoa até ao S. Miguel de 1851, continha 3:860 titulos de obras publicadas, e 1:136 que estavam para sairem do prelo. E um catalogo mais moderno contém 4:527 livros publicados e 1:163 que estavam em via de publicação. E havia portanto 700 livros a mais do que no anno anterior. Os 5:590 livros foram publicados por 903 livreiros.

Só a uma casa de Vienna pertenciam 113 publicações.

Existiam em 1851, nas universidades prussianas, 56 professores ordinarios e extraordinarios de theologia evangelica, e 717 estudantes.

28 professores leram a theologia catholica nas academias catholicas de Munster e de Braunsberg, na Prussia oriental, frequentadas por 645 alumnos.

Havia nas faculdades de direito 42 professores e 1:591 estudantes. A medicina era ensinada por 72 professores, e contava 653 estudantes.

Em summa, as faculdades de philosophia, que reuniam as disciplinas que em França se professavam nas faculdades de sciencias e das letras, tinham 205 professores e 1:061 estudantes.

O grego ensaiava-se *(sic)* no collegio de Frederico Guilherme, em Berlim. Os discipulos ensaiaram e representaram em lingua grega a *Antigone*, de Sophocles.

E emquanto ao ensino particular pelos professores dos lyceus, é completamente prohibido, o governo diz: «O meu mais ardente desejo e exaltar o

ensino publico á face das familias, mostrando a todos que esta nobre profissão é estranha ás idéas vulgares de exploração mercantil: que os mestres a quem está confiado o ensino da mocidade não hesitem em renunciar os mesquinhos lucros.»

COISSARD (MICHEL ——).— Jesuita, francez.

E. *La vie du bienheureux François Xavier, mise en françois sur le latin de Horace Tursellini.* Lyon, 1612, in-8.º

COLERIDGE (REV. HENRY JAMES ——). — Jesuita, inglez.

Francis Suarez.

Coleridge no *The Mouth a Magazine*, London, February 1865 (vol. II), traz a biographia desenvolvida do celebre lente da universidade de Coimbra, Francisco Suares.

Vida e cartas de S. Francisco Xavier. 1872 [1].

Este escriptor inglez celebrou em verso a historia de uma freira da ilha da Madeira, freira que ainda vivia no tempo de outro escriptor inglez Robert White.

A obra de Coleridge nunca eu pude encontrar; mas, quem desejar mais esclarecimentos, leia: Robert White, *Madeira*, 1.ª edição, pag. 21.

COLIN (ANTOINE ——).— Maistre Apoticaire Juré de la ville de Lyon.

Histoire des drogues, Espiceries et de certains Medicamens simples, qui naissent ès Indes & en l'Amérique, divisé en deux parties.

La première comprise en quatre livres, les deux premiers de Madame Garcie du Jardin, le troisième de Madame Christophle de la Coste, & le quatrième de l'Histoire de Baulme, adioustée de nouveau en ceste seconde edition; où il est prouué, que nous auons le vray Baulme d'Arabie, contre l'opinion des anciens & modernes.

La seconde composée de deux liures de maistre Nicolas Menard, traictant de ce qui nous est apporté de l'Amérique.

Le tout fidellement translated en François, par ——, par luy augmentée de beaucoup d'Annotations, de diverses drogues étrangères & illustrée de plusieurs figures, non encore veués.

Seconde edition reueué & augmentée.

A Lyon. Aux despens de Jean Pillehotte, à l'enseigne du nom de Iesus. MDCXIX. Avec priuilege du Roy.

COLLODUS (DIDACUS ——).— Dominicano hespanhol.

Historia Ecclesiastica Japonis ab anno 1601 ad annum 1622. Matriti. Apud Petrum Farrum. 1632, in-4.º

COLLÉ (ABRAHAMO DEWIN e JOÃO ——).

Thesouro dos vocabulos das duas linguas, Portugueza e Belgica. Amsterdam, 1714. 8.º, 1 vol., 933 pag.

---

[1] Parece que esta obra foi escripta em inglez: não a pude ver, mas d'ella faz menção Tolbert, no *Instituto Vasco da Gama*, 1874, pag. 131, Nova Goa.

COLLECÇÃO *primeira que comprehende a Bulla do Santissimo Pad e Benedicto XIV, Nosso Senhor, dirigida aos Excellentissimos e Reverendissimos Arcebispos e Bispos dos Reinos de Portugal; o Edital do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha, Inquisidor Geral; a Pastoral do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarca; Huma Carta do mesmo Santissimo Padre, a outra do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Valenti, escrita ao mesmo Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha; As Pastoraes dos Excellentissimos e Reverendissimos Arcebispo de Evora, e Arcebispo Bispo do Algarve; e a Carta, que o Excellentissimo e Reverendissimo Bispo de Elvas escreveu ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha, Inquisidor Geral, sobre a inquisição dos cumplices na Confissão Sacramental.* Madrid. Na officina dos herdeiros de Francisco del Hierro. Anno 1746. 4.º (8.º gr.) 38 pag.

COLLECTION (A GENERAL), *of voyages and discoveries made by the portuguese and spaniards.* London, 1789.

CÖLLEN.
Der Brautkranz. Ihrer Hoheit der Prinzessin Stephanie von Hohenzollern Sigmarigen zur Vermählung mit Seiner Majestät dem König Pedro V. von Portugal in hiefs ter Ehrfur gessidmet. 4.º gr.

COLLIN (FRANCIS. ——).
E. *Voyages to Portugal, Spain, Sicily. 1796 to 1801.* London, 1822.

COLLIN (THOS. ——).
Scraps and stubborn facts as to the calumny against D. Miguel. London, 1830.

COLLINS (FRANCIS ——.).
Voyages to Portugal, Spain, Sicily, Malta, Asia Minor, Egypte, from 1796 to 1801. London. Printed for the auctor 1807.

COLLINS (THOMAS ——).
Scraps and stubborn. Facts refuting the calumny lately propagated by the enemies of D. Miguel. London, 1830.
Statement of claims on the Portuguese Government. London, 1844.

COLMEIRO (D. MIGUEL ——).— Doctor en medicina, cirurjia, y en ciencias, catedratico de organographia y fisiologia vegetal en el museu de ciencias naturales de Madrid, y antes de botanica en las universidades de Barcelona y Sevilla, vocal del real consejo de agricultura, socio de varias academias nacionales y estrangeras.

I. *Cuan importante sea que los naturalistas españoles se relacionen, porque deben hacerlo con los portugueses, y noticia de la instruccion publica en Portugal, particularmente en lo tocante a ciencias naturales.* Madrid, 1848. (No *Boletin oficial de instruccion publica,* tomo III. Epigraphe.)

II. *La Botanica y los Botanicos de la Peninsula Hispano-Lusitana. Estudios bibliographicos y biographicos por* —— Obra premiada en la bibliotheca nacio-

nal en el concurso de enero de 1858. E impresa á expensas del gobierno. Madrid, imprenta y estereotipia de M. Rivadeneyra. 1858. 4.º gr. x — 216 pag.

Secção 1.ª:

Interpretações, extractos, commentarios, e edições hespanholas ou portuguezas de auctores gregos e latinos, que têem relação com a botanica.

Cita os trabalhos do nosso Amato Lusitano ácerca de Dioscorides, trabalhos de que ha varias edições.

Secção 2.ª:

Obras hespanholas e portuguezas destinadas ao estudo das plantas mencionadas na Biblia.

Cita o tratado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na Sagrada Escriptura. Por Izidoro Barreira. Lisboa, 1622. Ibid., 1625.

«És una obra curiosa por el ingenio y conocimientos que muestra el autor en la interpretacion de los sentidos figurados que tienen los nombres de las plantas en la Biblia.» Pag. 5.

Historia da creação do mundo, segundo a Sagrada Escriptura e a melhor doutrina dos sabios, por Manuel Dias de Sousa. Lisboa, 1825.

Obras didacticas.

Falla das seguintes portuguezas:

Domingos Vandelli, *Memoria sobre a utilidade dos jardins botanicos.* Lisboa, 1770.

Id., *Diccionario dos termos technicos extrahidos das obras de Linneo.* Coimbra, 1788.

Felix Avellar Brotero, *Compendio de Botanica.* Paris, 1788, 2 tomos.

«Obra muy buena para su tiempo, y todavia apreciable, a pesar de su modesto titulo.» Pag. 22.

2.ª edição, posta em harmonia com os conhecimentos actuaes, por Fonseca Benevides. Lisboa, 1837–1839.

Domingos Vandelli, *Memoria sobre a ferrugem das oliveiras.* Lisboa, 1789.

Antonio Soares Barbosa, *Sobre a causa da doença chamada ferrugem.* Lisboa, 1791.

Felix de Avellar Brotero, *Principios de Agricultura philosophica.* Coimbra, 1793.

José Francisco Correia da Serra, *On the fructification of the submersed Algae. (Philosophical Transactions).* London, 1796.

Antonio Soares Barbosa, *Observações sobre um hygrometro vegetal.* Lisboa, 1797.

Correia da Serra, *On a submarine forest on the east coast of England. (Philosophical Transactions).* London, 1799. *Nicholsons Journal,* vol. III. *Philosophical Magazine,* vol. IV.

Felix de Avellar Brotero, *An account of the fructification of Lycopodium denticultum. (Transactions of Linnean Society,* vol. V. London, 1800.

Correia da Serra, *Observations sur la famille des orangers et sur les limites qui la circonscrivent. (Annales du Museum,* tomo VI. Paris, 1805).

Observations carpologiques. (Annales du Museum, tomo VIII. Paris, 1806).

«És una memoria en francez, acompañada de tres laminas, y del *Observationum corpologicarum fasciculus prior,* que en el mismo tomo se continua con el titulo de *Suites des observations carpologiques,* en latin, acompañadas de tres laminas.

Vues carpologiques (*Annales du Museum*, tomo IX. Paris, 1807).

«En el mismo tomo se hallan otras *Suites des observations carpologiques*, en latin, acompañadas de tres laminas».

Vues carpologiques (*Annales du Museum*, tomo X. Paris, 1907).

«En el mismo tomo se hallan otras *Suites des observations carpologiques*, en latin, acompañadas de duas laminas.»

Sur la Germination du Nelumbo (*Annales du Museum*, tomo XIV. Paris, 1809. Memoria acompanhada de uma lamina.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva, *Fundamentos botanicos de Carlos Linneo, que expõe em fórma de aphorismos a theoria da sciencia botanica*. Lisboa, 1809.

Note sur la valeur du perisperme, considéré comme caractère d'affinite des plantes. (*Annales du Museum*, tomo XVIII. Paris, 1611. *Bulleton de la Societé philomatique*, tomo XI.)

Antonio José Neves Mello, *Circa Stipae arenariae aristam (hygrometraloso adhibendam), atque Cinchonam brasiliensem et alias observationes*. Rio de Janeiro, 1811.

José Maria da Conceição Velloso, *Jacobi Dickson plantarum cryptogamicarum Britanniae botanicorum lusitanorum in usum*. Lisboa, 1820.

Id., *Naturalista instruido nos diversos methodos antigos e modernos de ajuntar, preparar e conservar as producções dos tres reinos da natureza*.

Id., *Instrucções para se transportarem por mar as arvores, plantas vivas, sementes e outras curiosidades naturaes*.

Agostinho Albano da Silveira Pinto, *Primeiras linhas de Chimica e Botanica*. Porto, 1827.

J. J. Gama Machado, *Theorie des ressemblences, ou Essai philosophique sur les moyens de determiner les dispositions physiques et morales des animaux, d'après les analogies de formes de robes et de couleurs*. Paris, 1831.

Antonio Albino da Fonseca Benevides, *Diccionario de Glossologia botanica*. Lisboa, 1841.

José Maria Grande, *Guia e Manual do cultivador*. Lisboa, 1849, 2 tomos.

Appendice á secção 5.ª:

Obras descriptivas de plantas exoticas:

Damianus Goes, *Aliquot opuscula... Hispaniae ubertas et potentia*. Antuerpiae, 1544.

Barros, *Decadas da Asia*.

«La historia de los portugueses en Asia offrece interés á los naturalistas, porque aquellos no pudieron menos de observar desde luego las producciones utiles ú notables de las regiones que recorrieron.»

Fernão Lopes de Castanheda, *Historia do descobrimento e conquista da India*.

«Esta obra, como las *Decadas da Asia*, puede suministrar noticias sobre las principales producciones de la naturaleza, que observaron primeramente los portugueses en la India.» Pag. 56.

Relação verdadeira dos trabalhos que o governador Fernando de Soto e outros, passaram no descobrimento da Florida. Evora, 1557. Lisboa, 1844.

Garcia da Horta, *Colloquio dos simples e drogas, &c.* Goa, 1563. Anvers, traducção para latim por Clusio, 1567, por Plantin, 8.º, 250 pag.; Ib., por Plan-

tin, 1574, 8.º, 227 pag.; Ib., por Plantin, 1579, 8.º, 217 pag.; Ib., Officina Plantiniana, 1593, 8.º, 217 pag.; Ib., Plantin, 1605; Londres, em inglez, 1577, 4.º italiano; Venezia, 1582, 8.º, 219 pag.; Ib., 1589, 8.º, com estampas intercalladas no texto; Ib., por Sabio, 1616, 8.º; Lyon, em francez, 1619, 8.º, 369 pag.

Pedro Magalhães Gondavo, *Historia da provincia de Santa Cruz, que vulgarmente chamámos Brazil.* Lisboa, 1576.

Christoval Acosta, *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al vivo.* Burgos, 1578; Anvers, em latim, 1582; Ib., lat., 1593, com a obra de Garcia da Horta; Ib., por Plantin, 1605; Venecia, ital., 1585; Lyon, em francez, 1619.

Memorial de varios simplices que da India Oriental, da America e de outras partes do mundo vem ao nosso, &c. Sem data nem logar de impressão.

An senibus? Por João Baptista da Silva Paris, por Muguet, 1712, 4.º

José Carvalho Martins, *Diccionario portuguez das plantas.* Lisboa, 1765.

Domingos Vandelli, *Dissertatio de arbore Draconis seu Draconense.* Lisboa, 1768.

Domingos Vandelli, *Fasciculus plantarum cum novis generibus et speciebus* Lisboa, 1771.

Id., *Florae lusitanicae et brasiliensis specimen.* Coimbra, 1788.

Id., *Memoria sobre algumas producções das conquistas, as quaes ou são pouco conhecidas, ou não se aproveitam.* Lisboa, 1789.

Id., *Memoria sobre as producções naturaes do reino e das conquistas, primeiras materias de differentes fabricas, ou manufacturas.* Lisboa, 1789.

José Henriques Ferreira, *Memoria sobre a Guaxima.* Lisboa, 1789.

Manuel Ferreira da Camera, *Ensaio de descripção fizica e economica da Comarca dos Illhéus, na America.* Lisboa, 1789.

João de Loureiro, *Memoria sobre o algodão.* Lisboa, 1789.

João de Loureiro, *Memoria sobre a transplantação das arvores mais uteis de paizes remotos.* Lisboa, 1789.

Id., *Flora Cochinchinensis.* Lisboa, 1790. Berlim, 1793.

«Exceden en mucho de mil las especies, no pocas entonces nuevas y pertenecientes á generos igualmente nuevos. De ellas corresponde la mayor parte á la Cochinchina y las restantes á los demas paises del Asia, que Loureiro habia visitado. Jussieu (Antonio Lorenzo) publicó algunas observaciones sobre varios generos establecidos por Loureiro, que pueden verse en los *Anales del Museo de Paris,* 1808–1810, en fórma de notas.

Id., *Da incerteza que ha ácerca da origem da gomma Mirrha.* Lisboa, 1797.

Id., *Memoria sobre a natureza e verdadeira origem do pau de Aguila.* Lisboa, 1797.

Manuel Jacintho Nogueira da Gama, *Memoria sobre o loureiro Cinnamomo, vulgo Canelleira de Ceilão.* Lisboa, 1797.

João de Loureiro, *Descripção physica das cubebas medicinaes.* Lisboa, 1799.

Id., *Consideração physica e botanica da planta Aerides, que nasce e se alimenta no ar.* Lisboa, 1799.

José Mariano da Conceição Velloso, *Quinographia portugueza.* Lisboa, 1799.

Id., *Memoria sobre a cultura do Girofeiro.*

Id., *Memoria sobre o Piper nigrum.*

José Francisco Correia da Serra, *On two genera of plants belonging to the*

natural family of the aurantia. (*Transaction of Linnean Society*, vol. v.) London, 1800.

Bernardino Antonio Gomes, *Memoria sobre a Ipecacuanha fresca do Brazil.* Lisboa, 1801.

José Francisco Correia da Serra, *On the Doryanthes a new genus of plants from New-Holland next akin to the Agave.* (*Transactions of Linnean Society*, vol. vi). Londres, 1802.

Felix de Avellar Brotero, *Description of Callicocca Ipecacuanha.* (*Transactions of Linnean Society*, vol. vi). Londres, 1802.

Bernardino Antonio Gomes, *Observationes medicae de nonnullis Brazilae plantis.* Lisboa, 1803.

Id., *Memoria sobre a canella do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro, 1809.

Id., *Modo de cultivar a canelleira.* Rio de Janeiro, 1809.

Id., *Ensaio sobre a Chichonina.* Lisboa, 1810. Traduzido para inglez. Edinburgo, 1810.

Manuel Arruda da Camara, *Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem dar linhos proprios para muitos usos da sociedade, e supprir a falta do canhamo.* Rio de Janeiro, 1810.

Antonio José Neves Mello, *Circa Stipae arenariae aristam (hygrometri loco adhibendam), atque Cinchonam brasiliensem et alias observationes.* Rio de Janeiro, 1811.

Collecção de noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas. Lisboa, 1812-1841.

«Contienen las navegaciones y viages de varios portugueses que exploraron diversas regiones de Africa, Asia y America, hallandose dissemmadas algunas noticias sobre las producciones naturales.»

Francisco Manuel Barroso da Silva, *Memoria sobre a verdadeira origem e natureza do Catto, ou terra Japonica.* Lisboa, 1814.

João da Silva Feijó, *Memoria sobre a urzella de Cabo Verde.* Lisboa, 1815.

Felix de Avellar Brotero, *Description of a new genus of plants named Ajauja, and of a new species of Passiflora.* (*Transactions of Linnean Society*, vol. xii.) Londres, 1817.

Balthazar Silva Lisboa, *Riqueza do Brazil em madeiras de construcção e carpinteria.* Rio de Janeiro, 1823.

Felix de Avellar Brotero, *Descriptions of two new species of Erythina.* (*Transactions of Linnean Society*, vol. xiv). London, 1824.

Gabriel Soares de Sousa, *Noticia do Brazil.* Lisboa, 1825. Rio de Janeiro, 1851.

Felix de Avellar Brotero, *Noções botanicas.* Lisboa, 1826.

Id., *Noções geraes das dormideiras, da sua cultura, e da extracção do verdadeiro opio.*

Joaquim Velloso de Miranda, *Florae Fluminensis Icones.* Paris, 1827, 11 tomos, fol.

«La publicacion fué hecha por Arrabida (Antonio), obispo de Anemuria, consejero del emperador del Brazil y jefe de la Biblioteca imperial do Rio de Janeiro. De las plantas criptogamas contenidas en el tomo undecimo de la *Flora fluminensis*, trató Kunze (Gustavo). Flora Ratisbona 1837, 321-335.

Domingos Ribeiro de Guimarães Peixoto, *Dissertation sur les vertus [illegible]*

brésiliens que l'on peut substituer aux médicaments exotiques dans la pratique de la médicine au Brésil. Paris, por Didot, 1830.

Antonio Luiz Patricio Silva Manso, *Enumeração das plantas brazileiras que podem promover a catarze.* Rio de Janeiro, 1836.

Jonathas Pereira, *Materia Medica.* Londres, por Longmann, 1842. 2 tomos, 8.º Leipzig, 1845-1847.

Francisco Freire Allemão. *Descripção das duas plantas Silvia dos Arsenaes e Mirocarpo fastigiato.* Rio de Janeiro, 1849 (?).

Id., *Ophthalmoblapton, genre nouveau de la famille des euphorbiacées. (Annales de Sciences naturelles.* Paris, 1850)

Secção 6.ª:

Obras hespanholas e outras, descriptivas de plantas da peninsula hispano-lusitana, e ilhas adjacentes, com algumas noticias ácerca de sua vegetação:

Juan Vigier, *Historia das plantas da Europa e das mais usadas que vem da Asia, da Africa e da America.* Lyon, 1718, 2 vol.

José Carvalho Monteiro, *Diccionario portatil das plantas, arbustos, &c.* Lisboa, 1765.

Joaquim Ignacio Seixas Brandão, *Catalogo das plantas que n'esta primavera de 1780 observámos no sitio dos banhos das Caldas da Rainha.*

Memorias para servirem de historia das aguas thermaes da villa das Caldas da Rainha. Lisboa, 1781.

Florae lusitanicae et brasiliensis specimen. Coimbra, 1788.

Domingos Vandelli, *Memoria sobre algumas producções naturaes d'este reino, das quaes se poderia tirar utilidade.* Lisboa, 1789.

Domingos Vandelli, *Memoria sobre as producções naturaes do reino e das conquistas, primeiras materias de differentes fabricas ou manufacturas.* Lisboa, 1789.

«Primeiramente falla das producções do reino vegetal, indicando porção de plantas uteis debaixo de diversos pontos de vista.»

Florae Conimbricensis specimen, por Manuel Dias Baptista. Lisboa, 1789.

«É uma lista das plantas ordenadas conforme o systema de Linneo, incluindo um *Ensaio de uma descripção physica e economica de Coimbra,* o qual havia sido premiado pela Academia, e inserido por esta nas suas *Memorias.*»

Francisco Pereira Revello, *Das especies ou variedades da videira.* Lisboa, 1791.

José Mariano da Conceição Velloso, *Alographia dos alkalis fixos vegetal ou potassa, mineral ou soda.* Lisboa, 1798.

Felix de Avellar Brotero, *Flora Lusitanica.* Lisboa, 1804. 2 vol.

«Obra mui conhecida e justamente estimada. Link possuia em Berlim o manuscripto original d'ella. N'uma das bibliothecas publicas de Lisboa existe um exemplar da mesma *Flora,* com addições manuscriptas do auctor.

Id., *Phytographia Lusitaniae selectior seu novarum, rariorum et aliarum minus cognitarum stirpium, quae in Lusitania sponte veniunt.* Lisboa, 1816-1827.

Id., *Historia natural da urzella.* Lisboa, 1824.

Id., *Historia natural dos pinheiros, larices e abetos.* Lisboa, 1827.

Jeronymo Joaquim de Figueiredo, *Flora pharmaceutica e alimentar portugueza.* Lisboa, 1825.

Joaquim Luiz Cruz. *Memoria sobre a cultura dos pinheiros.* Lisboa, 1839.

Agostinho Albano da Silveira Pinto, *Codigo pharmaceutico lusitano*. Porto, 1846.

Bernardino Antonio Gomes, *Relatorio sobre o herbario da Flora Lusitana do dr. Welwitsch*. Lisboa, 1849.

Bernardino Antonio Gomes e Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, *Catalogus plantarum Horti Botanici medico-chirurgicae Scholae Olyssiponensis*. Lisboa, 1852.

«É um catalogo methodico com indicações geographicas e com os nomes vulgares correspondentes a muitas plantas, algumas d'ellas espontaneas em Portugal e tambem na Hespanha.»

Secção 7.ª:

Catalogos e noticias de plantas cultivadas nos jardins publicos e alguns outros de Hespanha e Portugal.

José Maria Grande, *Passeios no jardim botanico da Ajuda*. Lisboa, 1846–1847.

Bento Antonio Alves, *Catalogo das plantas e sementes de flores e hortaliças*. Lisboa, 1850.

Secção 8.ª:

Felix de Avellar Brotero, *Sobre a origem, progresso e estado geral da botanica*. Paris, 1788.

Manuel José Maria da Costa e Sá, *Elogio historico de José Correia da Serra*. Lisboa, 1848.

José Maria Grande, *Noticia biographica do dr. José Francisco Valorado*. Lisboa, 1850.

Secção 9.ª:

Collecções academicas e periodicas de Hespanha e Portugal citadas n'esta obra.

Memorias de agricultura, premiadas pela academia real das sciencias de Lisboa.

Memorias economicas da academia real das sciencias de Lisboa. Lisboa.

Memorias da academia real das sciencias de Lisboa.

Actas das sessões da academia real das sciencias de Lisboa.

COLMENAR (J. A. DE ——).

Beschryving van Spanjen en Portugal. Avec une grande carte et un grand nombre de gravures en cuivre representant des vues de villes, costumes & fol. Leyden, van der Aa, 1707.

Traduction hollandaise de *Delices de l'Espagne et du Portugal, &c.*

COLOMBO (CHRISTOVÃO ——).

Revue espagnole, portugaise, bresilienne et hispano-americaine, 1858.

*
* *

Em 1492, depois de ter descoberto S. Salvador, a Conception, Ferdinanda e Isabella, Christovão Colombo abordou a uma terra nova, que sua extensão lhe

fez tomar pelo continente que elle procurava. E chegou a estar de tal modo persuadido de que tinha chegado á extremidade oriental da India, que deu aos habitantes o nome de Indios, nome que depois se tem conservado aos indigenas do novo mundo. A belleza do paiz fez com que elle cresse por alguns momentos que tinha encontrado o paraizo terreal, ou para melhor dizer, o logar em que estivera, e sobre tal respeito escreveu ao rei e rainha de Hespanha uma carta, na qual se nota a seguinte passagem:

«Descobri uma ribeira onde uma galé póde entrar facilmente. Sua belleza me instigava a sondal-a, e achava de cinco até oito braças de agua. Depois de ter penetrado por essa ribeira até uma distancia consideravel, tudo me attrahiu para alli estabelecer uma residencia. A belleza da ribeira, a limpidez das aguas, que permittia ver-se o fundo areento, a grandeza de palmeiras de toda a especie, as maiores e mais bellas que tenho visto, o numero extraordinario de outras arvores magnificas, os passaros, a verdura das planicies, tudo isto perfaz um quadro tão interessante, que este paiz supplanta todos os outros, tanto quanto o dia supplanta a noite em brilho e luz, o que me tem obrigado a dizer muitas vezes que eu tentaria de balde apresentar uma descripção completa a vossas altezas, pois nem minha lingua, nem minha penna poderiam dizer a verdade, e o espectaculo de tantas bellezas me assombra a ponto que não sei como descrevel-o.»

A intenção de Christovão Colombo era fundar um estabelecimento importante n'aquelle paiz, mas seus ajudantes, que elle tinha deixado em S. Domingos, andavam em tantas baralhas entre si, e tambem com os indios, que foi dentro em pouco obrigado a fazer-se ao mar, e voltar para esta ilha. A necessidade de munições de toda a especie tanto se fazia sentir, que Colombo resolveu voltar á Hespanha, deixando em S. Domingos um pequeno troço de cento e quarenta homens n'um forte, ao qual deu o nome de «Espaniola».

«Partiu, pois, a Hespanha, onde foi recebido quasi como um rei, e depois de uma curta residencia em Madrid, voltou para a America. Porém, no seu regresso, já não encontrou seus companheiros. Durante a ausencia de seus chefes de tal modo tinham molestado os indios, que se tinham reunido, e os tinham assassinado.

«E ao mesmo tempo que reconhecia os aggravos de seus soldados, Colombo não deixava de tirar vingança dos assassinos, ao passo que seus tenentes, comprehendendo menos do que elle o caracter dos indios, lhes causaram de novo tantos vexames, e mataram um tão grande numero, que a maioria d'aquelles que sobreviveram, se expatriaram e fugiram de S. Domingos para Cuba, ás ordens de um cacique por nome Hatuey.

«E estas emigrações se tornaram tão consideraveis, que dentro em pouco os navegadores se acharam em S. Domingos em numero não sufficiente para a exploração das minas, e mesmo para a cultura das terras, embora elles não quizessem colher senão aquillo que fosse strictamente necessario para a sua existencia.

«A emigração dos indios fez mais do que nunca pensar aos navegadores que Cuba era um continente, do qual não tinham elles mais do que entrever a costa, e foi resolvido que a galgassem n'uma expedição destinada para reconhecer a importancia da terra visinha.

«Foi em 1508, sob o governo de Nicolau Ovando, e por suas ordens, que um capitão por nome Sebastião de Ocampo foi enviado a Cuba para demarcar a

extensão, tomar conhecimento dos productos, e apreciar os recursos. Sebastião chegou primeiro ao logar onde tinha desembarcado Colombo, a que poz o nome de S. Thiago de Cuba, mas não desembarcou, seguiu as costas, regressou ao seu ponto de partida, depois de uma longa navegação em volta da ilha, e só então se soube que não era um continente.

«Mas o alvo d'esta expedição não era tanto descobrir uma nova região, do que procurar homens, e na sua exploração Sebastião de Ocampo não os tinha visto, sem duvida por se terem refugiado no interior, assustados com a vista dos navios europeus.

«Eis porque Ovando não tratou d'ahi por diante de tomar posse da ilha, que o relatorio de Sebastião lhe asseverava ser fertilissima, e em tudo conforme, no tocante á belleza, ao que d'ella tinha dito Colombo ao rei de Hespanha.

«Mas a côrte de Madrid, havendo dado o governo das terras do novo mundo a D. Diego Colombo, irmão do celebre navegador, este seguiu o plano de procedimento de seu irmão, e enviou D. Velasquez para fundar um estabelecimento em Cuba.

«Valazquez partiu de Espaniola com quatro navios tripulados por quatrocentos homens, e desembarcou na bahia de S. Thiago.

«Á vista dos navios hespanhoes, o cacique Hatuey convocou a sua gente, aprestando-se ao mesmo tempo para uma resistencia desesperada, que tornasse para si propicio o deus dos estrangeiros.

«Este deus era o oiro, no dizer d'elles. Suppoz que, se os hespanhoes estivessem certos de não acharem seu deus na ilha, elles não desembarcariam, e aconselhou aos seus fieis que lançassem ao mar todo o oiro que tivessem. Ia uma tal ordem receber seu cumprimento, quando os hespanhoes saltaram em terra. O ribombar do canhão fez fugir os mais intrepidos, e o cacique feito prisioneiro e condemnado ao fogo.

«Diego Velasquez estava convencido de que o chefe supremo morto, os outros fariam sua submissão, mas comtudo teve a singular generosidade de entregar o cacique aos cuidados de um missionario que não lhe pôde fazer abraçar a religião christã, mesmo no ultimo momento, pretendendo o cacique que não havia céu possivel onde se encontrassem os hespanhoes.

«Esta execução teve o resultado que era esperado. Todos os indigenas da ilha se submetteram a Velasquez e foram condemnados ao trabalho das minas e á cultura da terra. A repugnancia que elles mostraram ao servirem taes estrangeiros, que tinham queimado o chefe d'elles, fez com que fossem maltratados pelos tripulantes de Velasques, que os dizimaram a ponto que só uma vez ainda chegaram para os trabalhos do solo.

«E como o paiz não produzisse já o que os conquistadores esperavam, estes exterminaram os habitantes, que elles consideravam como servidores inuteis.

«E então os hespanhoes se contentaram em pedir á terra o que lhes era mister para suas necessidades quotidianas, e fizeram um pequeno commercio de permutação com os navios europeus.

«Um anno depois de tomada a ilha, Ponce de Leon descobriu o canal de Bahama. Esta passagem, parecendo commoda aos europeus para suas excursões para o continente americano, resolveram estabelecer ao nordeste da ilha um abrigo para os navios.

«Havia exactamente n'este logar uma bahia vasta e commoda, cuja entrada era segura; e aqui estabeleceram um porto, ao qual deram o nome de Havana. N'este porto, dentro em pouco convertido em ponto de reunião de todos os navios europeus carregados de despojos, se estabeleceu uma colonia de pequenos mercadores, cuja especialidade era albergar as equipagens dos navios que no porto se abrigavam.

«Os colonos da Havana grangearam bellas fortunas, e tambem outros europeus, achando-se alli já estabelecidos, a cidade prosperou rapidamente, e desde 1560 contavam-se alli trezentas familias. Era, comtudo, o unico ponto da ilha onde havia algum movimento commercial.

«S. Thiago de Cuba, residencia do bispo e do governo, não tinha podido tomar desenvolvimento industrial, por causa de dissenções entre as auctoridades, e o resto da ilha estava pouco mais ou menos ao desamparo. Com todos estes recursos que ella apresentava a uma administração intelligente, Cuba era ainda, á excepção da Havana, antes um encargo, do que um producto para a corôa de Hespanha.

«Cuba, porém, nos primeiros tempos da occupação, não passava de uma especie de escola, onde se prepararam varios celebres navegadores. Foi alli que Fernando Cortez começou a sua reputação de soldado corajoso e de habil official.

«Foi em 10 de fevereiro de 1519 que Cortez se fez de véla para ir fazer a conquista do Mexico, em harmonia com as instrucções de Velasquez. Este ultimo, invejoso da reputação de Cortez, enviou Narvaez á frente de uma frota consideravel para o desapossar do seu commando, mas o mau exito de Narvaez causou a Velasquez um tão grande pesar, que d'elle morreu.

«Por sua morte, occorrida em 1522, a fórma do governo de Cuba foi claramente desenhada. A ilha foi dividida em sete provincias, que dependiam da capitania de S. Domingos. E o papa Adriano VI, por uma bulla publicada em 1522, a erigiu em bispado dependente tambem de S. Domingos.

«Porém, apesar d'essas vantagens civis e religiosas, a colonia não estava florescente.

«A corôa de Hespanha tinha reservado para si o privilegio do commercio. Todas as transacções se faziam por intermedio de um factor do rei, e os judeus eram excluidos de toda e qualquer operação commercial. A corôa reconhecia para si a propriedade exclusiva das minas, das pedras preciosas, e até mesmo da madeira para tintas. A posse da colonia não era mais do que um meio de augmentar o brilho e opulencia do throno, mas em nada aproveitava ao commercio dos particulares.

«A emigração de uma parte dos habitantes e dos escravos para o Mexico, descarregou um golpe mais terrivel em Cuba, porque ao mesmo tempo que o governo tirava a esta colonia o meio de se repovoar, prohibia-lhe a entrada de estrangeiros. E a politica de Hespanha punha obstaculos cada vez maiores ao movimento commercial e agricola da ilha.

«A lei que defendia o estabelecimento dos estrangeiros nas colonias, consideradas como dominios da corôa, reduzia a proporções restrictissimas o numero dos colonos, que a extensão e as riquezas mais ou menos problematicas do Mexico attrahiam de preferencia este paiz.

«A ilha de Cuba, ficou, pois, no tocante aos negocios commerciaes, n'uma

estagnação completa. Sómente a cidade de Havana, por sua posição de porto de abrigo, tinha alguma apparencia de vida[1].

*
* *

«Tres elementos havia que se oppunham ás expedições que os portuguezes audaciosamente emprehenderam: a sciencia, a fé e a lenda.

«Foi a primeira que se oppoz sempre a que os ousados navegadores da antiguidade lustrassem o caminho que os portuguezes depois percorreram. Não eram de certo mais terriveis os mares africanos do que os mares da Europa septentrional, e aos marinheiros phenicios que affrontaram a bahia de Biscaya, e o canal da Mancha e o mar do Norte até á Islandia, não podiam facilmente assustar-se com os mares muito mais navegaveis da costa africana. Mas a idea da navegação para o sul fazia recuar os mais audaciosos. Era ahi que o sol estendia o seu terrivel dominio, era ahi que os seus raios queimavam a terra e o mar, e tornavam impossivel a passagem do homem.

«Á medida que esses calores excepcionaes iam sendo mais proximos, o seu

---

[1] Em seguida o traductor francez trata da versão franceza do *Buscapé* ou *l'Investigateur ruse, opuscule inédit, écrit pour la défense de la première partie du* Don Quichotte, *par Michel Cervantes de Saavedra, par D. Alphonse de Castro.* (Da bibliotheca do duque de Latões.)

O editor diz (em portuguez): «Ignoro como este manuscripto saiu da bibliotheca do duque, e como foi ter á Hespanha; mas eis como veiu ter á minha mão:

«Ainda não ha tres mezes que trouxeram da cidade de S. Fernando para a de Cadiz, muitos livros para n'esta serem vendidos publicamente. Tinham estes livros pertencido a um advogado chamado Pascal de Gandarra, amador de litteratura, se bem que de um gosto pouco attrahente, no caso de o julgarmos em harmonia com a sua bibliotheca. Viam-se alli, entre as edições mais antigas dos santos padres, alguns auctores da antiguidade e latinos, alguns auctores que brilharam no seculo das letras da Hespanha, uma grande quantidade de obras jesuiticas, vidas de santos, tratados de theologia, e varios outros livros, todos escriptos no seculo XVII; e estes livros continham, ainda que sommariamente, tudo quanto a estravagancia d'esses homens deixados a si proprios e desamparados das sciencias e tambem da rasão, tinha podido inventar. É, pois, entre tudo quanto este cahos pode produzir, que eu encontrei o *Buscapé*.

«Porem D. Vicente de los Rios, na *Vida de Cervantes*, diz o seguinte: Vendo que o *Don Quichotte* era lido por pessoas que o não comprehendiam, e que não era lido por aquelles que o podiam comprehender, procurou despertar a attenção de todos por meio da publicação do *Buscapé*. N'esta pequena obra, que se publicou anonyma, e que é extremamente rara, fez elle apparentemente uma critica mui engenhosa do *Don Quichotte*, dando a entender que era uma satyra finamente disfarçada de certas pessoas mui conhecidas e altamente collocadas, que elle deixava sempre mui destramente sob o véu do incognito.

«Por uma critica tão habilmente encaminhada, fez elle a reputação do *Don Quichotte*, e despertou a curiosidade do publico, de maneira que, cada um, avido de descobrir claramente tudo que tinha sido indicado pelo *Buscapé*, procurava á porfia o *Don Quichotte*, e devorava a leitura.

«Crê-se tambem que n'este livrinho Cervantes fazia zombaria do imperador Carlos V e do duque de Lerma, favorito de Filippe III. Dizem que o *Don Quichotte* era uma satyra dirigida contra elles, o que é falso. Cervantes fez algumas insignificantes excepções, mas nunca designou qualquer pessoa nos seus satyricos escriptos. Elle mesmo diz na sua *Viagem ao Parnaso*: «Minha humilde penna nunca dirigiu seu vôo para a região satyrica, baixeza que não produz mais do que recompensas infames e desgraças.»

Tambem o escriptor francez não se esqueceu de fallar de uma das nossas maiores glorias litterarias, quero dizer *A Diana de Montemor*, ou de *Monte Maior*: «*A Diana de Montemor* é um dos melhores livros entre aquelles que sobreviveram a esse ephemero engrandecimento.»

«Muito antes de chegar á França, no fim do XVI seculo, este romance era já celebre no na Hespanha. A morte, havendo surprehendido o auctor no momento de terminar a sua obra, D. Alonso Perez,

effeito fazia-se sentir na vegetação e na fauna, e na propria humanidade. Então a natureza, violentada por assim dizer, produzia os mais extraordinarios monstros.

«Por mais de uma vez tentaram os phenicios e os carthaginezes demandar essas regiões do sul, mas a mais insignificante estranheza os fazia recuar.

«De Hannon se conta que percorreu quasi a Africa toda, e no seu periplo se relata essa viagem maravilhosa. Logo mostraremos como ella de certo não passou para alem da costa de Marrocos. Gabava-se a sua intrepidez, porque voltára narrando que vira horrorosos monstros, cynocephalos, quer dizer: homens com cabeça de cão, e gorgonas ou mulheres com o corpo absolutamente coberto de pellos.

«Os escriptores modernos, que têem procurado benevolamente interpretar essas descripções phantasticas, dizem que os cynocephalos eram simplesmente macacos, e as gorgonas simplesmente gorilhas. Na hypothese mais favoravel para elle, o que isso prova é que apenas viu na costa de Africa duas especies de macacos, julgou-se chegado ao paiz dos monstros, e confirmou todas as mentiras que ácerca da vizinhança da zona torrida estavam estabelecidas, e não chegou, portanto, á zona torrida.

«Mas não é bem mais natural ainda que Hannon, um carthaginez, um africano, não ignorasse a existencia do macaco, e portanto não podesse confundir facilmente o genero simiesco com uma variedade monstruosa do homem?

«Essas noções rudimentares de cosmographia, que existiam no espirito dos

---

medico de Salamanca, se encarregou de a continuar. Em 1564, imprimiu-se debaixo do seu nome, em Alcalá de Henares, um supplemento da *Diana*, em oito livros, dedicado a D. Berenguer de Castro y Corbellon.

«Embora este ultimo trabalho fosse mais amplo do que o original de Montemayor, o romance não appareceu completo senão quando Gaspard Gil Polo lhe addicionou uma terceira parte, dividida em cinco livros, e a qual dedicou a D. Hieronima de Castro e Bolea. D'estes tres escriptores só o primeiro e o ultimo são estimados.

«Cervantes, no exame da *Bibliotheca de D. Quichotte*, põe em primeiro logar *A Diana de Montemaior* ou *Montemór*, e condemna ao fogo a segunda. Porém a terceira, na sua opinião, deve ser conservada como se o proprio d'ella fosse o auctor.

«Com effeito na *Diana de Montemór* ha mais imaginação do que na de Gil Polo; mas este ultimo tambem escreve bem. Sempre elegante, raras vezes falta á precisão. Suas situações são bem pintadas, e suas descripções vivas e coloridas. Possue muitas vezes o condão de uma ingenuidade encantadora, e suas imagens são ás vezes encantadoras por causa da sua frescura e da poesia...

Lope de Vega diz no seu *Loureiro de Apollo:*

Quando Montemaior con su Diana
Ennobleció la lengua castellana
.....

«O proprio Calderon imitou o romanceiro: acha-se n'uma das suas comedias doze versos que são a paraphrase de um pensamento já traduzido por Montemór.

«Lemos na *Histoire de la littérature espagnole*, de Bouterweck, que o maior merecimento de Montemaior é o fallar sempre de ternura, sem cair na monotonia. A versificação de alguns trechos não é sempre, diz elle, harmoniosa e correcta. Mas em outros casos une-se com arte ao encadeamento dos pensamentos. Sua prova servin de modelo a todos os auctores dos romances do genero. Jámais é trivial nos seus termos; suas palavras são sempre bem cadenciadas.

«A *Diana* foi assim classificada por Florian: «Esta obra pecca pela direcção, inverosimilhança, e multiplicidade dos episodios. Alem d'estes tem o defeito capital de começar pela infidelidade não motivada da heroina, e de empregar a magia para curar da sua paixão o heroe. Mas uma infinidade de

antigos, chegaram ao seu apogeo com a escola de Alexandria. Sabios notabilissimos imprimiram grandes progressos á sciencia, e principalmente á astronomia. O nome de Ptolomeu e o nome de Hipparcho bastam para fazer a gloria de uma escola, de um paiz e de um seculo. A conclusão a que chegaram era falsa, mas quantas descobertas importantes lhes serviram para assentar os primeiros alicerces de uma sciencia a que pozeram então uma cupula errada, por lhes terem faltado informações e elementos que só a audacia dos navegadores lhes podia levar.

«Que maravilhosos instrumentos de estudo não encontraram elles! Que calculos levaram a cabo que os sabios do seculo XVI, ao poderem juntar-lhes novos elementos, aproveitaram para a transformação da sciencia! Sem Ptolomeu, como se comprehenderia Copernico? Sem Hipparcho o que poderia fazer Tycho Brahe?

«N'esta conquista da verdade, os antigos tomaram as obras avançadas, e julgaram estar senhores da cidadella; mas, só depois de occupadas essas obras, só depois dos maravilhosos esforços dos navegadores peninsulares, é que se podia descortinar e assaltar a cidadella... E quem sabe se será esta definitivamente a verdadeira?

«Mas o que é absolutamente indispensavel saber, para que se possa avaliar a transformação produzida no seculo XV pelos descobrimentos portuguezes, e quaes eram os principios estabelecidos como certos e indubitaveis com relação á terra por esses sabios, cuja auctoridade era incontestavel, cujas doutrinas se ensinavam ás creanças, como hoje se ensinam as novas theorias, e que representavam,

---

pormenores e muitos trechos de poesia levam comsigo um caracter de sensibilidade que attrahe o leitor, e que faz que elle derrame lagrimas. Muitissimas vezes o gosto é offendido, e quasi sempre o coração gosa. É preciso não traduzir a *Diana*, porque a graça não se póde traduzir.»

«A primeira versão conhecida é a de Gabriel Chappuis, estampada em Lyon em 1582, em casa de Louis Chappuis. Algum tempo depois um anonymo estampou em Paris a primeira parte sómente, com o hespanhol ao lado. Em 1621 João Bertranet corrigiu esta edição. Em 1631 appareceu uma nova, onde se encontram reunidos os tres auctores, ainda que Montemaior seja so assignalado no prefacio. A enfadonha exactidão que a distingue, não obstou a que se saisse bem. Não é mister citar entre as versões, mesmo as peiores, o livro que madame de Saintonge publicou em 1655, sob o titulo de *Diane de Montemaior*; não passa, quando muito, de uma imitação.

«Cousa notavel na França: no seculo XVII, o exito da *Diana* é prodigioso; e todavia nenhum dos traductores tinha sabido dar d'ella ao menos uma idéa. Uns, arrastando as palavras umas atrás das outras, tinham uma fórma grotesca e obscura. Outros, querendo, sem duvida, embellezar o hespanhol, afogavam-no na verbosidade emphatica que flagella a litteratura d'esta epocha. Quasi que só no seculo XVIII, quando ella estava quasi esquecida, é que a obra de Montemor foi verdadeiramente bem comprehendida e traduzida com gosto; nós queremos fallar do *Romance hespanhol* ou *Novella hespanhola*, traducção da *Diana* de Montemayor, que appareceu em 1735. O auctor anonymo cortou no seu trabalho quasi todos os versos do original; os que se encontram no livro são menos uma versão do que uma imitação, porém imitação superior. Mas este romance, tão bem principiado, teve um triste desenlace. George, havendo voltado da Hespanha depois de uma ausencia muito longa, achou o seu pilolo casada, e eis porque morreu de repente; mas percebe-se na *Diana*, que elle compoz então para se distrahir, que a ferida não podia ser cicatrizada desde muito tempo. Seu livro teve uma acceitação tão grande, que a rainha de Portugal o chamou a sua côrte e o accumulou de beneficios. Mas no coração de um poeta a fortuna não pode substituir o amor. E George, esgotado pela insomnia, expirou em 1561...

«A *Revue espagnole et portugaise* no volume VII, falla muito da *Diana*. E seja ella considerada como for, é um romance que deu brado no mundo litterario. Hoje, porem, está posto de parte, como o *Palmeirim de Inglaterra* e como muitos outros. Mas o que posso asseverar é que os portuguezes andaram sempre a par dos outros povos, quer nas artes, quer nas letras. E Cervantes, Florian, Bouterwek, Sismondi e Borgella fallam d'elle e[illegible]rosa, e dizem ser mais simples e elegante que a de [illegible]tores.»

portanto, a verdade absoluta d'esse tempo. Alguns pontos havia que encontravam contradicção, como o da redondeza da terra. N'outros, porém, não havia a mais leve divergencia, como em todos os que se ligavam com o movimento dos corpos celestes, com a marcha do sol em volta da terra, para produzir o dia e a noite, com a marcha do sol pelo zodiaco, produzindo as estações. Tantas maravilhas conseguira já a astronomia, que as doutrinas que ella promulgava não podiam soffrer contestação. Se ella já conseguira adivinhar os eclypses, que maior prova podia dar de que encontrára a chave do mechanismo celeste?

«Essas doutrinas de Ptolomeu passaram para a idade media, que teve sempre pela sciencia antiga um louco fanatismo. Encontrâmol-as ás vezes adulteradas, misturadas com manifestações de ignorancia, com superstições e crendices, mas naturalmente arraigadas nos espiritos, e exaltadas com enthusiasmo pelos sabios da primeira renascença, pelos que arrancaram das trevas a Europa barbara, e que levantaram como um facho luminoso a doutrina já completa, e bem comprehendida do grande geographo antigo.

«Vamos encontrar n'um dos livros d'esses sabios medievaes, n'uma d'essas *Imago mundi* ou *Thesaurus*, que eram as encyclopedias do tempo, a condensação de toda a sciencia, a doutrina antiga resumida, explicada, mas tambem modificada. Queremos fallar nos *Dialogos*, de Pedro Affonso. Os dois que dialogam, são Pedro e Moysés. Aquelle é o mestre, este o discipulo:

«*Moysés*: — Não ha, pois, na terra, senão uma só parte habitavel. Que parte?

«*Pedro*: — Desde o meio da terra até á parte septentrional.

«*Moysés*: — Demonstre-me isso n'uma figura geometrica, porque n'essa materia cada nação tem tido, segundo os auctores, idéas differentes. Divide-se effectivamente a terra em cinco zonas: uma no meio, queimada pelo ardor do sol, e por conseguinte inhabitavel; duas nas extremidades muito afastadas do sol, e igualmente inhabitaveis por causa do rigor do frio; e duas medias, temperadas pelo calor da primeira, e pelo frio das outras duas, e unicas habitaveis.

«*Pedro*: — Esse systema está em contradicção com o testemunho dos nossos olhos. Vemos effectivamente Aren situado no centro da terra, no seu zenith principiam o Aries e a Balança; o ar é alli tão suave, que a temperatura das quatro estações é quasi sempre a mesma. Nascem alli plantas aromaticas de côr brilhante e sabor delicioso; os homens não são descarnados nem obesos, mas de uma compleição bem proporcionada. O clima que exerce esta salutar influencia no corpo, não actua menos efficazmente sobre o espirito, que brilha pela sensatez e por uma moderação cheia de acerto. Como se póde, pois, dizer que um logar que o sol percorre em linha recta em toda a sua extensão é inhabitavel? Não: todo o espaço da terra comprehendido entre esse logar e o segmento septentrional é habitavel sem interrupção, e os antigos dividiram-no em sete partes chamadas climas, em conformidade com o numero de sete planetas. O primeiro clima está na linha do meio, ahi é que Aren foi fundado. O setimo occupa a extremidade do mundo septentrional. Nenhuma d'essas partes é inhabitavel, se exceptuarmos os sitios em que grandes massas de areias quasi sem agua, ou então montanhas pedregosas se recusam ao trabalho da charrua.

«.....

«Que immenso cuidado é necessario, quando se procura destruir uma tradição profundamente e fortemente documentada!

«Quantas causas de erro escapam ao investigador ou frivolo, ou negligente, que se ufana de encontrar n'um velho alfarrabio um facto que vem destruir completamente o que parecia assente e demonstrado! Basta uma variação de nome para transtornar todas as deducções. Basta que uns não saibam, que outros não reparem que o nome de Guiné foi mudado de sitio, como outros muitos nomes geographicos, á medida que os descobrimentos foram caminhando, para que todas as interpretações cáiam por terra!

«Não basta que se diga que no seculo XIV ou XV houve francezes que chegaram á Guiné; torna-se indispensavel apurar tambem se a Guiné do principio do seculo XV era a mesma que assim se denominou depois dos descobrimentos. Este apuramento, de onde resulta sabermos que a Guiné ficava, para os capeltães de Bettencourt, áquem do Cabo Bojador, destruiria completamente a singularissima reivindicação franceza, se tantos argumentos fortissimos não houvesse para lhe demonstrar a inanidade.

«É o que succede tambem com os detractores de Colombo. Não vêem immediatamente os que dizem que antes de Colombo chegaram a terras americanas João Vaz Côrte Real, ou o francez Jean Cousin, que, se algum d'elles tivesse levado a termo tão importante expedição, bastava isto para ficar logo resolvido o grande problema do fim do seculo XV, que trazia proccupados sabios e estudiosos, diante do qual tanto hesitou D. João II, que inflammou em França o animo do cardeal Pedro d'Ailly, em Italia o do famoso Toscanelli!

«Com que jubilo se saudaria essa resolução do grande problema!

«O que faz tambem com que homens de valor no nosso tempo possam acceitar fabulas tão pueris como a de João Vaz Côrte Real e a de Jean Cousin, é que raros estudam a fundo o problema que pretendem resolver a seu modo, e não o sabem pôr em equação. Uns estabelecem a lenda de Christovão Colombo considerado como visionario, por dizer que se encontraria a India navegando-se pelo occidente, outros a lenda de Christovão Colombo tratado como um lcuco, por imaginar que para o lado do occidente havia terras. E por isso dizem uns que elle sabia perfeitamente que havia terras, porque elle tinha conhecimento de viagens a que os navegadores não tinham ligado importancia alguma, e que tinham passado desapercebidas, outros que alguns dos reis que com elle tratára, D. João II, por exemplo, não ignoravam que havia terras para o occidente a grandissima distancia da Europa, porque a essas terras já um portuguez aportára, mas estavam convencidos que essas terras não eram a India, e n'isso, acrescenta-se, eram elles que tinham rasão, e não Colombo.

«É mal posto o problema: que se poderia chegar á Asia indo-se pelo Occidente. Raros seriam os homens de alguma instrucção que o podessem pôr em duvida. A idéa da esphericidade da terra já penetrára em todos os espiritos, e a sua consequencia natural era que pelo Occidente se poderia chegar ao Oriente. Que devia haver terras para o Occidente, era por conseguinte igualmente incontestavel. A questão toda estava exclusivamente na distancia.

«D. João II não julgava Colombo um visionario por elle lhe dizer que pelo Occidente se chegaria á India; julgou-o um visionario por elle suppor que poderia atravessar, para chegar ao seu destino, a enorme extensão dos mares. Não o suppoz visionario por elle cuidar que encontraria terras ao occidente, ainda que essas terras não fossem a India; suppol-o visionario por elle imaginar que teria tempo de chegar a essas terras a salvamento. Logo, se Jean Cousin ou João Vaz

Côrte Real, tivessem realisado essa façanha, estavam dissipadas todas as duvidas. Havia terras a grande distancia da Europa, terras que, ou seriam a India, ou alguns d'esses archipelagos em que Toscanelli tinha fé, que serviriam de escala aos navios que demandassem pelo occidente a Asia?

«O jubilo immenso que se sentiu na Hespanha quando Christovão Colombo voltou, sentir-se-hia em Lisboa, quando João Vaz Côrte Real tornasse, ou sentir-se-hia na França quando Jean Cousin entrasse em algum dos seus portos[1].

« . . . . . .

*
* *

«Se eram as idéas scientificas predominantes no principio do seculo XV, é importante saber-se se a religião as acceitava. Era tão poderoso o dogma nos espiritos medievaes, que a condemnação de uns certos principios pela auctoridade ecclesiastica, bastava para que a grande maioria os suppozesse completamente falsos. Espiritos independentes, como os tem havido sempre, protestavam contra a condemnação da sciencia pela fé; mas protestavam timidamente, e nós veremos que nos pontos mais capitaes a fé estava completamente de accordo com a sciencia, de fórma que uma e outra fechavam diante das tentativas dos navegadores o mar mysterioso, que a audacia portugueza conseguiu devassar. O principio assente era a impossibilidade de se franquear a zona torrida, mas poucos homens de sciencia punham em duvida que para além da zona torrida existisse outra zona temperada similhante á do norte, e onde fosse possivel a vida da raça humana. Contra este ponto é que o dogma protestava.

«Era inultrapassavel a zona torrida, não a tinham podido franquear os discipulos de Christo, portanto a palavra divina de redempção promettida a todos os que tivessem fé, não podia chegar a esses povos que Deus esquecêra, o que era completamente absurdo[2]. Se a humanidade toda descendia de Adão, como é que viera ao mundo essa raça humana? Tivera outro Adão, como alguns sustentaram que tinha outro sol e outras estrellas[3]? Tudo isso era incompativel com a verdade suprema expressa na Biblia. E demais, se Deus dividira a terra depois do diluvio entre os tres filhos de Noé, se dera a Sem a Asia, a Japhet a Europa

---

[1] Do *Jornal do Commercio.*

[2] «Et dien (disen), que illec sont antipodes, c'est-à-dire, gens qui ont leurs pieds contre nous et pour ce qu'ils sont à l'opposité partie de la terre, aussi comme s'ils fussent soubz nous et nous soubz eux. Cette opinion n'est pas à tenir, et n'est pas bien concordable à notre foy. *Car la loi de Jésus Christ a esté preschié par toute la terre habitable; et selon cette opinion, telles gens n'auraient oncques ouij parler, ne pourroient estre subgés à l'eglise de Rome. Pour ce, reprenne saint Augustin, ceste erreur ou ceste opinion.* Lib. XVI, *De Civitate Dei,* Nicolau d'Oresme, cosmographo francez do seculo XIV, preceptor do rei Carlos V, *Le Sage.* Manuscripto cosmographico existente na bibliotheca nacional de París, com o n.º 7:487, *apud* Visconde de Santarem, *Essai sur l'histoire de la cosmographie,* etc., tomo I, pag. 142.

[3] Quoniam nullo modo scriptura ista mentitur quæ narratis præteritis facit fidem et quod ejus predictà complentur; nimisque absurdum est, ut dicatur aliquos homines ex hac in illam partem, Oceani immensitate trajecta navigare ac pervenire potuisse, *ut etiam illic ex uno primo homine genus institueretur humanum.* Lactancio, *Divinarum institutionum,* liv. III, cap. IX.

e a Cham a Africa, qual fôra o desconhecido filho de Noe que recebêra da Providencia a terra antichthona[1]?

«Encontrara-se em parte uma solução para essa difficuldade. Reconhecia-se a existencia da terra antichthona, mas suppunha-se que fôra a habitação da raça humana antes do diluvio. Alli ficava o Paraizo, e alli vagueando em torno da deliciosa habitação para sempre defesa, vivêra a humanidade criminosa os seus primeiros annos. Na arca de Noé salvára-se uma fraca reliquia d'essa gente condemnada. A arca boiára sobre as aguas, e viera poisar emfim no monte Ararat. Nunca mais o homem tornaria a ver a sua antiga patria[2].

«Assim Cosmas suppunha um mar immenso coberto de trevas, porque o sol só illuminava a terra, e formando quatro golphos, o Mediterraneo, o mar Vermelho, o golpho Persico e o mar Caspio; para alem d'esse immenso mar, a terra antichthona, e n'ella o Paraiso[3].

«Outros, porém, não se podiam resignar a estar para sempre separados do Paraizo, e collocavam-no no extremo Oriente, no sitio onde, ao que diziam, principia o mundo. Esses baseavam-se na phrase do Genesis, que diz que «Deus plantou no Oriente um jardim delicioso». Para alem da India, dizia Santo Avito, fica o Paraizo, cercado por barreiras que o homem não póde transpôr. É a theoria adoptada por S. Bazilio, Psellus, Philostorgo, Isidoro de Sevilha, Beda o Veneravel, geographo de Ravenna, Raban Mauro, Hugo de Saint Victor, Jacques de Vitry, Honoré d'Autun, Gervais, Vicente de Beauvais, Joinville, Jourdain de Sévérac, Omons, que ainda suppunha que lá estava o anjo da espada chammejante, Ranulpho Hydgen, Dati, Bartholomeu Anglicus, Brunetto Latini, Dante, etc. Uns suppunham-no erguido n'uma alta montanha, outros n'uma ilha. E em torno d'esta idéa dogmatica ferviam as lendas.

«Do Paraizo, dizia-se, saiam quatro grandes rios: o Nilo, o Ganges, o Tigre e o Euphrates. Era necessario, porém, explicar-se como é que estes rios appareciam tão longe de sua celeste origem, e sobretudo como é que o Nilo apparecia na Africa, tendo nascido na Asia. A explicação era a da corrente subterranea, e submarina tambem com relação ao Nilo, quando a supposição de um mar mediterraneo, que trazia comsigo a união da Asia com a Africa, não tornava dispensavel esta conjectura[4].

---

[1] Qua propter inter illos tunc hominum populus qui per septuaginta duos gentes, et totidem linguas colliguntur, fuisse divisi, quæramus, si possimus invenire, illam in terris peregrinam civitatem Dei, quæ ad diluvium arcanique perducta est, atque in filiis Noe per eorum benedictiones perseverare monstretur, maxime in maximo qui est appellatus Sem, quando quidem Japhet ita benedictus est, ut in ejusdem fratris sui domibus habitaret. Ibid.

[2] Cosmas Indicopleustas, *Topographia Christã*.

[3] Ibid.

[4] Cosmas, Santo Izidoro de Sevilha, Anonymo de Ravenna, Raban Mauro, Honoré d'Autun, Hugo de Saint-Victor, Vicente de Beauvais, Brunetto Latini, Joinville. A noticia do famoso chronista de S. Luiz a respeito do Nilo, transcripta pelo visconde de Santarem no *Essai sur l'histoire de la cosmographie*, tomo I, pag. 112, nota 3, não deixa de ser curiosa: «Ici il convient de parler du fleuve qui passe par le pays d'Egypte, et vient du Paradis Terrestre... Quant celui fleuvé entre en Egypte, il y a gens tous experts et accoustumez, comme vous diriez les pecheurs des rivieres de pays-ci, qui au soir jettent leurs reyz au fleuve et es rivières; et au matin souvent y trouvent et preunent les espiceries qu'on veut en ces parties de par de ça (dans l'Europe), bien chierement et au pois, comme canelle, gingembre, rubarbe, girofle, lignum, aloes et plusieurs bonnes choses. Et di! — un pays que ces chouses — là viennent du Paradis terrestre et que le vent les abat des bonnes arbres, qui sont en paradis terrestre.»

«Esta opinião religiosa perdurou largo tempo no espirito dos homens ainda depois das grandes descobertas. Colombo, cuja alma enthusiastica se deixava invadir facilmente pelas seducções do mysticismo, e que tinha a fé ardente que foi um dos principaes elementos do seu triumpho, nutria a secreta esperança de chegar a esse Paraizo cubiçado, como contava encontrar n'esse Cathay maravilhoso os capitaes indispensaveis para a reconquista do sepulchro de Christo. Era logica a sua esperança. Se elle, partindo do Occidente, esperava chegar ao extremo Oriente, se no extremo Oriente estava o jardim de delicias em que Deus collocára os nossos primeiros paes, como podia duvidar de que o encontraria? Quando na sua terceira viagem chegou á bôca do Orenoque, imaginou finalmente ter chegado ao Paraizo terrestre, não pela formosura das paizagens e pela abundancia da vegetação, mas porque, vendo a torrente das aguas do grande rio, suppoz que era um dos que borbulhavam da elevada montanha do Paraiso terrestre [1].

«Christovão Colombo não admittia absolutamente a esphericidade da terra. Como varios outros geographos da edade media, que lhe tinham dado uns a fórma ovoide, outros a fórma de um cone ou de um pião [2], Christovão Colombo suppunha que ella teria a fórma de uma pera, e que junto do pé, é que estava exactamente o Paraizo [3].

«Tambem a esphericidade da terra era absolutamente contradictada pelos santos padres, que lhe davam a fórma de um quadrado ou de um parallelogrammo, fórma, emfim, que se assemelhasse á do tabernaculo de Moysés. Desdenhando a idéa scientifica oriunda dos gregos, e sustentada pelos arabes, vindo talvez para uns e para outros dos orientaes, de que o centro do mundo era Aryn, de onde se principiavam a contar as latitudes e longitudes, que ficava exactamente a 90° de cada um dos pontos cardeaes, ponto geographico que foi muitas vezes representado pelos cartographos como uma cidade maravilhosa, com um castello em que habitava um mysterioso soberano, os padres da egreja reclamavam para Jerusalem a honra de ser ella o centro da terra, ou pelo menos o centro da terra habitada, quando se imaginava que o resto do mundo estava coberto pelas aguas desde o diluvio [4].

. . . . . .

---

[1] «Para elle (Colombo), o Paraizo Terrestre correspondia ao castello de Kang — diz dos Persas, e devia achar-se n'um logar elevado e inaccessivel.» Reinaud, *Géographie d'Alboulfeda*, tomo I, pag. 252. «A corrente do Orenoque é tão forte, que Diogo de Lepe reconheceu por meio de um *escalfador* que só se abria no fundo das aguas, no mar defronte da foz de Orenoque, que, n'uma profundidade de oito braças e meia, só as duas primeiras braças do fundo eram de agua salgada, e as outras de agua doce.» Humbold, *Histoire de la géographie*, etc., tomo I, pag. 314.

[2] Lemos n'um manuscripto cosmographico datado d'essa epocha (seculo VII), «*que a terra é da fórma de um cone ou de um pião*, de fórma que a sua superficie vae, segundo esse systema, elevando-se do sul para o norte.» Visconde de Santarem, *Essai sur l'histoire de la cosmographie*, etc, tomo II. Int. pag. LX. A fórma ovoide era-lhe attribuida pelo philosopho grego Thalés, seguido por alguns geographos da edade media. Possidónius dava-lhe a fórma de uma funda, como Prisciano tambem.

[3] N'uma carta de 1498, publicada por Navarrete, tomo I, pag. 256, compara Colombo a terra com uma pera dividida ao meio, sendo uma parte redonda e a outra terminada em cone. Esta carta vem tambem nas *Select letters of Christopher Colombus*, publicadas por Major, pag. 130. (Londres, 1847.)

[4] *Os descobrimentos portuguezes e os de Colombo*, do sr. Pinheiro Chagas.

«A descoberta de Christovão Colombo não teve sómente por effeito abrir ao antigo mundo um campo quasi illimitado de colonisação e de conquistas; teve ella ainda por consequencia habituar os marinheiros da Europa a arriscarem-se atravez da immensidade do Oceano, sem terem por guias as costas, das quaes os navios quasi que se não afastavam anteriormente. Os portuguezes, mesmo nas memoraveis explorações que lhes fizeram transpor o Cabo Bojador, e que os trouxeram até o Cabo das Tormentas, quasi que não tinham perdido ainda de vista o litoral africano, do qual estavam elles resolvidos a tentar a circumnavegação. É a datar da descoberta do novo mundo que os marinheiros portuguezes e hespanhoes não temeram mais o engolpharem-se em pleno mar, n'um local onde não podiam ser guiados senão pelas noções imperfeitas da astronomia nautica, que se possuiam por aquellas epochas, e mórmente por esse instincto de navegação que fere nos phenicios e nos gregos, na antiguidade, e que se tornou a achar, na idade media, entre os venezianos, genovezes e catalães.

«E por isso a arte nautica é grandemente devedora á descoberta da America. Na França Jacques Cartier foi um dos primeiros que, graças á sua intelligencia e á sua resolução, soube familiarisar-se com as navegações longiquas, e não poderiamos nós esquecer que nos abriu em o novo continente uma região que temos explorado durante dois seculos, com tanto proveito quanta gloria. Os historiadores folgam em retraçar a biographia dos homens que têem mais illustrado seus paizes nos campos de batalha; os marinheiros que se têem assignalado por descobertas geographicas, não têem menos direito ao nosso reconhecimento, e entre estes Jacques Cartier merece seguramente um dos melhores logares. É, pois, uma obra ao mesmo tempo piedosa e patriotica, desempenhada por Mr. Jouon des Longrais, addicionando por meio de suas investigações conscienciosas varios capitulos á biographia do celebre capitão malonino[1].»

*
* *

«Mas como foi no tempo do nosso Infante D. Henrique que as descobertas portuguezas maritimas e terrestres medraram de um modo quasi incrivel, a olhos vistos, e como medraram muito e muito no tempo em que o famoso Christovão Colombo tinha sua residencia em Portugal, dar-se-ha noticia d'aquillo que Pedro Mariz escreveu ácerca de um tal assumpto:

«O Infante D. Henrique foi magnifico em despender e edificar, e tão amigo de provar novas experiencias em proveito commum, que trazia em sua divisa esta letra: *Talan de bien fayre* Foi tão zeloso da creação e doutrina dos fidalgos, que se póde com rasão affirmar ser sua casa uma escola de virtuosa nobreza; e n'ella se creou a maior parte da fidalguia d'este reino, que elle liberalmente sustentava e satisfazia de seus serviços; e tão confiado na creação e pessoa de cada um d'elles, que encommendou em seu testamento a El-Rei D. Affonso, e ao Infante D. Fernando, seus sobrinhos, que seus creados houvessem as tenças que tinham d'elle. Disse mais que lhes pedia recebessem seu serviço como de creados, porque,

---

[1] *Journal des Savans*, 1888.

louvores a Deus, taes eram, que n'elles haveriam por bem empregada toda a mercê que lhes fizessem. E, ainda que em honestidade e trato de suas pessoas, palavras, jejuns, resar o officio divino e institutos de sua capella, toda a sua vida parecia uma perfeita religião; não lhe faltaram pensamentos de altas emprezas, e obras de generoso animo, de que nasceu tão alta honra a este reino. Porque em seu tempo muitos principes foram senhores de mais terras, gentes e rendas, mas não houve em seus dias algum ante quem elle em perfeição de virtudes, e bondade de armas, e esforço de coração, se podesse contar por segundo. Entre as letras sagradas, que elle, por devoção e veneração muito amava, tambem das humanas foi muito estudioso, e com ellas chegou a ser grandissimo cosmographo, e alcançou tanto d'esta sciencia, que mediante sua profunda erudição e diligencia, mostrou ao mundo que havia antipodas e que a zona torrida era habitada, cousa ignorada de todos os cosmographos e mathematicos, que até seu tempo floresceram.

.....

*
* *

«Houve no dia 21 de novembro de 1892 festas grandiosas em Boston, em commemoração do centenario da descoberta do novo mundo. A colonia portugueza teve o logar de honra nos festejos, distinguindo-se de maneira admiravel.

«E eis o que escreve o *Colombo,* folha portugueza do New-Bedford, relatando as festas:

«Ainda não se me varreu da mente o espectaculo imponente e grandioso que faziam as corporações portuguezas no prestito civico e militar, com as suas bandeiras e pendões de seda riquissima, tremulando ás brisas auriferas, e todos com os seus uniformes, marchando na mais perfeita ordem, de luvas brancas e capacetes, com faxas de côres nacionaes a tiracollo, as guardas do monte pio, com as suas espingardas e pennachos azues e brancos, bulindo ao vento, as bandas portuguezas com bonitos uniformes e instrumentos, tudo luzindo como oiro, e tocando os hymnos nacionaes portuguezes, e atraz d'estes 1:500 homens de sangue lusitano, as carruagens com o clero, as direcções das sociedades e o consulado!

«Que quadro grandioso faziam os portuguezes! Que palmas não receberam pelas ruas repletas de milhares de pessoas, e guardadas por policias gigantescos! E que gloria não foi para elles ganharem tão bom nome, e tanto bravo n'aquella procissão de 30:000 pessoas! Marchando todos na primeira divisão, logar de honra, e logo atraz da colonia italiana, as suas bandeiras distinguiam-se nas ruas espaçosas e nas avenidas arborisadas, como se distingue a lua das estrellas no firmamento. Ao passarem por defronte da cathedral, onde milhares e milhares de pessoas acabavam de ver a descoberta da estatua, e de ouvir o discurso na lingua de Camões, pelo nosso consul o sr. visconde do Valle da Costa, todos descobriram as cabeças em signal de respeito a Colombo, que luzia como o oiro em cima de um pedestal de granito, e os sons alegres dos hymnos portuguezes espalhavam-se pelos ares como annunciando o nosso triumpho nas festas colombinas.

«Quando as corporações portuguezas passaram pela casa da camara e casa do estado, as auctoridades, que estavam todas uniformisadas á porta principal.

para darem revista, conservaram as cabeças descobertas, e deram-nos grandes ovações.

«Diga-se a verdade: a colonia portugueza nunca desempenhou um papel tão importante como no dia 21.»

*
* *

«Amanhã chegarão a Madrid os Reis de Portugal. Este acontecimento, tanto pelo que se refere aos jovens monarchas que vão ser nossos hospedes, como no relativo ao povo nosso irmão que elles representam, tem grandissima significação n'este momento, em que a Hespanha commemora o descobrimento da America.

«A Rainha Amelia, filha do conde de Paris, e seu esposo D. Carlos de Bragança, formam um par encantador.

«Jovens ambos, enlaçados, não pelas exigencias da fria quanto severa rasão de estado, senão pelo impulso do amor, a sua visita a Madrid, áparte as exigencias que impõe a etiqueta cortesã, faz pensar n'essas poeticas viagens que emprehendem os recem-casados no dia seguinte ao do seu matrimonio.

«E por certo que as circumstancias que precederam o regio enlace têem um caracter novelesco, de todo o ponto alheio á prosaica realidade dos actuaes costumes.

«Viajava pela peninsula iberica no anno de 1884 a condessa de Ferronays, viuva de um dos mais devotados amigos do conde de Chambord. Chegou a Lisboa a nobre dama, e immediatamente foi recebida na côrte.

«Sabia a condessa que o duque de Bragança, principe herdeiro então, havia manifestado varias vezes sua firme resolução de não se casar senão por amor.

«Então a senhora de Ferronays ideou um expediente muito usado em nossas comedias do theatro antigo, e cujo resultado foi o casamento do principe com a formosa descendente da familia de Orléans. Pediu para Paris o retrato da Princeza, e arranjou as cousas de maneira que o Principe, tendo ido visitar a condessa de Ferronays, poude ver e admirar o retrato, que, juntamente com um elogio tão habil como discreto, da belleza da illustre joven, despertou no futuro monarcha o desejo de ir a Paris e de apreciar por si proprio as bellas prendas que o retrato annunciava.

«Tal foi — segundo refere a lenda — a origem d'esta boda real.

. . . . . .

«A viagem dos Reis portuguezes a Hespanha é um dos actos de maior solemnidade dos que se têem verificado em honra de Colombo, e, como acima dissemos, o mais significativo de todos sob o ponto de vista historico.

«Parece que a Providencia havia destinado á peninsula iberica, situada no limite occidental do mundo conhecido dos antigos, a missão de completar a integridade do nosso planeta. As naus portuguezas, como as hespanholas, sulcaram com as suas quilhas todos os mares, e realisaram os mais prodigiosos descobrimentos. Nas costas de Africa, da India, na America Central e na do sul, não ha ilhota nem continente, nem rio, nem montanha, que não tenha sido baptisada com algum nome pertencente ao idioma lusitano, ou ao de Castella.

«Se nós temos Colombo, Grijalva, Vasco Nuñez, Cortez, Pizarro... os portuguezes têem Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Cabral e Magalhães. Suas

glorias são tão grandes como as nossas glorias, e suas conquistas tão maravilhosas, como as nossas conquistas.

«Comprehendendo o marinheiro genovez o destino providencial d'estes dois povos heroicos, a ambas as corôas offereceu, nos dias de sua peregrinação, o mundo que trazia no cerebro.

«Fortuna foi de Hespanha que regesse seus destinos Rainha como Dona Izabel, em cuja alma tinham mais cabida os fulgores da inspiração do que os compassados calculos do egoismo. Mas se toda a gloria d'aquelle feito corresponde primeiro a Colombo, e depois a Hespanha, é innegavel que, graças aos marinheiros portuguezes, logrou o illustre genovez colher dados importantissimos e provas evidentes, que não pouco contribuiram para a realisação do seu projecto.

«Isto sem contar com a nobre emulação que despertaram nos peitos hespanhoes os exemplos dos seus heroicos vizinhos.

«Hoje que, após quatrocentos annos, desappareceram as rivalidades entre as monarchias de D. João II de Portugal e de D. Izabel I de Castella, e que se riscou aquella linha que nos mares traçára a mão de Alexandre VI, alegra o animo mais indifferente ver como dois povos de larga e gloriosa historia, que nada têem que invejar-se no que respeita a grandes recordações, contribuem juntos e por meio de seus reis a exalçar o errante genovez que havia de levar ás inexploradas plagas americanas, a civilisação, a fé e a cultura européas[1].»

*
* *

«A visita de Suas Magestades ao palacio da exposição realisou-se ás duas horas e meia da tarde.

«Os monarchas eram seguidos de uma grande comitiva, e durante o trajecto foram affectuosamente saudados pela multidão. Á entrada da exposição achavam-se os membros do ministerio, todo o corpo diplomatico, grandes de Hespanha, titulares, altos funccionarios, que receberam os reis, acompanhando-os emquanto durou a visita.

«Na majestosa sala da bibliotheca, adornada com o maior esplendor, o sr. Canovas del Castillo, presidente do conselho, leu um eloquente e brilhante discurso, allusivo ao acto. Seguiram-se os srs. Reverter, delegado geral da exposição, e o padre Fita, director das secções de arte historica. Todos os oradores foram ouvidos com o mais vivo interesse.

«A visita á exposição principiou pela secção portugueza. Alli foram Suas Magestades aguardados pelos srs. Ramalho Ortigão e Bordallo Pinheiro. Tanto o illustre escriptor como o notavel caricaturista foram muito comprimentados por Suas Magestades, pela Rainha regente e por todos os personagens que constituiam a comitiva. O aspecto que a nossa exposição offerece, e em que se manifesta o talento artistico dos nossos illustres compatriotas, é devéras dnslumbrante. Todos os visitantes a admiram, fazendo os mais sinceros elogios.

«Entre todas as senhoras que se achavam nas salas da exposição, destacava-se pela elegancia e gentileza da sua figura, a Rainha D. Amelia. A expressão insi-

---

[1] Em artigo de fundo do periodico madrileno *La Epoca*.

nuante da sua physionomia tem despertado as mais affectuosas sympathias no povo hespanhol, que a todos os momentos se refere a ella com as mais agradaveis e mais lisonjeiras palavras.

«A guarda de honra ao palacio da exposição era feita pelo regimento n.º 19 de Castella. As bellas carruagens *à Daumont*, que conduziam Suas Magestades, eram seguidas por um esquadrão da guarda real, com os seus pomposos uniformes. Á estribeira ia o duque estribeiro-mór, que apenas chegou a porta do palacio se apeou, para abrir as portinholas das carruagens reaes.

«Emquanto durou a visita á exposição, nos jardins do palacio ouviram se varias bandas marciaes, que principiaram tocando o hymno da Carta.

«Na recepção de hontem foi muito notada a figura palaciana e distincta do sr. bispo de Bethsaida, revestido com as suas respeitaveis vestes episcopaes. Foi muito admirada a maneira correcta com que s. ex.ª fallava a lingua castelhana.

«A cidade mantém a mesma ornamentação do dia da chegada. Em todas as janellas se vêem soberbas colgaduras, sobresaindo o esplendido palacio Medina Celi, cujas numerosas janellas se acham guarnecidas com preciosos e ricos pannos de Arrhas.

«Esta noite realisa-se nas salas do palacio real o concerto, em que tomarão parte os principaes artistas da opera lyrica.

«Na casa da legação de Portugal darão Suas Magestades recepção a todos os portuguezes que aqui se encontram.

«O povo hespanhol tem recebido os nossos compatriotas com as provas de maior cordealidade[1].»

COLOMES (JOÃO BAPTISTA ——).—Jesuita, natural de Valencia.

E. *Agnese de Castro, ò sea Ines de Castro.* Tragedia impressa em Liorna. 1781, en la imprenta de Juan Vicente Falorni, in-4.º

Francisco Torti dirigiu alguns versos ao auctor para o felicitar pela composição, tanto d'esta tragedia, como pela publicação de outra, com o titulo de *Caio Marzio Coriolano*[2].

COLONIA (DOMINIQUE ——).—Jesuita, natural de Aix, na Provença, onde nasceu em 1660. Falleceu em Lyon no anno de 1742.

E. *Nouvaine de S. François Xavier contenant le Panegyrique de ce Saint, avec neuf méditations sur les vertus.* Lyon, 1742, in-12.º

COLUMNAE *Herculis Christiani amplius et satis, seu adversa et prospera Magni Indiarum Apostoli D. Francisci Xaverii olim toti orbi: nunc vero a praenobili ac generosa Humanitatis Facultate, in Alma Episcopali Universitate Cassoviensi, septimo Idus Julii Conferentur Neo Baccalaureis.* Impressum Cassoviae, 1674, in-8.º, 16 folhas em verso.

COMEDIA *Eufrosina. Traducida de lengua portuguesa en castellana por F. de Ballestreros y Saavedra.* Madrid, 1735.

---

[1] Telegramma enviado ao *Jornal do Commercio*, por occasião da visita de Suas Magestades a Madrid, em novembro de 1892.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. I, pag. 147.

COMEDIA *nueva. Al Freir de los huevos.* São tambem personagens soldados portuguezes.

É relativa esta comedia á guerra da acclamação em 1640.

COMITIBUS MACCHI (ALOISIUS ——).

E. *Oratio habita in parientalibus solemnibus Petri V Portugalliae et Algarbiorum Regis Fidelissimi... in sacra aede regali S. Antonii.* Romae, 1862, in-folio.

COMMERCE *des Romains dans l'Inde.*

Os romanos, que não estenderam jámais o seu dominio até ás Indias, e que até mesmo não tiveram na Persia mais do que alguns passageiros estabelecimentos, não estiveram ao alcance de fazerem um commercio consideravel na alta Asia. Suas frotas quasi que não frequentavam mais do que o Mediterraneo, e o porto da Alexandria era o termo ordinario de suas mais longas navegações.

Quando transferiram o seu imperio para Constantinopla, começaram a dar-se ao commercio das Indias. Alexandria era o deposito das mercadorias que extrahiam d'este paiz; mas a exportação era difficil, porque uma parte do trajecto se fazia por terra.

As mercadorias, depois de terem passado para o golpho persico e o mar Vermelho, se transportavam depois em camellos até ás margens do Nilo, de onde desciam até Alexandria. As guerras que tiveram de sustentar no Oriente e no Occidente, foram mui damninhas para um tal commercio, que foi sempre depois decaindo, ao passo que o imperio romano decaía tambem. Decaiu inteiramente no tempo dos imperadores gregos, quando os arabes conquistaram a Persia e o Egypto. Os califas, senhores da embocadura do Nilo, prohibiram a entrada ás embarcações que vinham do Mediterraneo, e se apossaram d'aquelle commercio, do qual extrahiram grandes vantagens. Bastava só o direito que se extrahia das mercadorias da India, para igualarem o terço do seu valor.

«As costas de Malabar e de Cambaia eram os logares mais frequentados dos arabes, que transportavam ao principio suas mercadorias por mar para Aden, e d'alli para o mar Vermelho n'um trote de nove dias. Do mar Vermelho levavam-nas ao Cairo, e do Cairo a Alexandria pelo Nilo. Os sultões do Egypto eram tão ciumentos d'este commercio, que não consentiam que passageiro algum europeu passasse por suas terras para voltar por ellas, com o fim de irem para as Indias.

«O que apenas poderam conseguir os negociantes da Europa, foi o dirigirem-se a Alexandria, que continuava sendo o emporio ou deposito de todas suas mercadorias que vinham da India.

«Os venezianos, então os mais celebres navegadores da Italia, fizeram em primeiro logar este trafico com muito melhor exito. Mas, tendo sido interrompida esta prosperidade por causa dos maus tratamentos que receberam no Egypto, estabeleceram algumas feitorias na Arabia, na Syria e em outras povoações mais visinhas da India. Esta mudança descarregou golpes sensiveis no negocio da Alexandria, e contribuiu muito para o engrandecimento do Cairo.

«Com o decorrer dos tempos, os christãos e os sarracenos, achando-se igualmente interessados em levantarem o commercio da Alexandria, as cousas alli se restabeleceram de novo no antigo esplendor.»

COMPANS (TERNAUX ——).

E. *Warhafftig Historia und Beschreibung einer Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, &c.*

É uma traducção da *Historia do Brazil*, composta em francez por Hans Staden de Homberg.

A ultima edição d'esta obra em francez foi feita por M. Paul Gaffaret.

COMPENDIO *historico de l'établissement, des progrès et de la decadence du Christianisme dans l'empire du Japon.* 2 vol. Rouen, 1715.

Traducido del francez par M. A. Ramirez. Cordoba, 1773.

COMPENDIO *(breve) de las innumerables, lamentables ruinas y lastimosos estragos que à la violencia y conjuracion de todos quatro elementos experimentò la ciudad de Lisboa el dia 1 de Noviembre deste año de 1755.* 9 pag. Sem logar, nem data de impressão.

Bibliotheca da Ajuda.

COMPENDIO *della vita di S. Francesco Saverio... tratto dalla vita scrittane dal P. Gius... Massei.* Roma, 1793.

COMPENDIO *istorico de l' espulsione dei gesuiti dai regni di Portogallo.* Nizza, 1741.

COMPENDIO *istorico dell' espulsione dei Jesuiti dai regni di Portogallo e da tutti i suoi domini.* Nizza, 1791.

COMPLOT (DU) *contre le prince D. Miguel, infant de Portugal, ou introduction à l'histoire secrète du Gabinet de Lisbonne. Par un loyal portugais.* Paris, Imprimerie de Béthune. 1826, in-8.º, VI, 45 pag.

Seconde partie, &., 62 pag.

COMPOSTELLA.

Houve n'esta cidade um hospital real, fundado pelos reis catholicos Fernando e Izabel, depois de terem conquistado a capital do ultimo reino mourisco da Peninsula. Destinado para albergue de invalidos de todas as condições e de ambos os sexos, que vinham em romagem ao sanctuario de Compostella, foi ampliado por Joanna a Louca, para tambem acolher enfermos.

Havia alli uma tradição, de que a torre de Hercules, obra dos phenicios, fôra reedificada pelo lusitano Caio Servio Lupo.

COMTE.— Maréchal d'Angleterre.

E. *Description des Mines de diamants presentée à la Société Royale de Londres*

A leitura d'este trabalho interessa aos portuguezes.

Apparece na *Collection Academique composée des mémoires, actes ou journaux contenant les transactions philosophiques de la Societé Royal de Londres, depuis l'année 1665 jusqu'en 1678.* 2 vol.

N'este mesmo volume, a pag. 495, é citado o nosso Amato Lusitano, como auctoridade em assumptos relativos á Tenia.

COMTE *de Puymaigre.* Paris, 1881, in-12.

CONART (LOUIS ——).—Jesuita, natural de Paris, fallecido em 1648 na ilha de S. Christovão.

E. *La vie du P. Marcel François, Mastrilli de la Compagnie de Jésus, guéri miraculeusement par Saint François Xavier, et mort depuis au Japon pour la défense de la Foy, le 17 d'octobre 1637. Composée en espagnol par le P. Eusebe Nieremberg, de la même compagnie. Et traduite nouvellement en françois par le P. Louys Conart, de la même Compagnie.* A Paris, chez Mathurin et Jean Henault, 1647, in-12, 271 pag.

CONCORDANZA *delle scienze naturali e principalmente delle geologia con la generosi, fondata per il Maresciallo Duca de Saldanha.* Roma, 1863, 8.º

CONDAMINE (M. DE LA ——).—De la même academie.

Relation abregée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale, depuis la Côte de la Mer du Sud, jusqu'aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la rivière des Amazones; lue à l'Assemblée publique de l'Academie des Sciences le 28 avril 1745. Par ——. Avec une Carte du Maragnon, ou de la Rivière des Amazones, levée par le même. A Paris, chez la veuve Pissot. 1745. 8.º gr., 916 pag. com um mappa.

Condamine diz ter sido muito bem tratado pelos portuguezes de S. Paulo, e que entre elles achou as commodidades, que não encontrou nas missões hespanholas.

CONDÉ (HECTOR DE ——).—Ancien officier de l'Armée belge.

E. *Gloires militaires de l'Espagne et du Portugal.* Bruxelles, imprimerie de F. Vromant, 1865, 8.º de 371 pag.

CONDER (J.).

Modern traveller: Spain and Portugal. London, 1826, 2 vol.

CONDUITE (LA) *du comte de Galloway en Espagne et en Portugal. Traduccion de l'Anglais.* Rotterdam, 1711.

CONESTAGIO (JEROME ——).

Dell' unione del reyno de Portogalle alla Corona di Castiglia. Genova, 1585. Milano, 1616.

CONFERENCIA *sobre o padroado portuguez.* Proferida na sociedade de geographia de Lisboa pelo dr. Pedro Manuel Lisboa Pinto, enviado especial das christandades do Oriente. (1887.)

*
* *

«Conhecedor do pouco que vale a minha humilde individualidade e da fama que no mundo das letras tem a sociedade de geographia de Lisboa, não devia eu, por certo, atrever-me a vir fallar perante esta illustre assembléa, diante de um auditorio tão respeitavel.

«Mas eu tinha de tornar de algum modo util a missão de que venho incumbido, e esse dever me mandava que não recuasse diante das difficuldades.

«Eis me, pois, aqui, senhores, ousando dirigir-vos a palavra, e rogo a vossa benevola indulgencia a muitas imperfeições de elegancia e de dicção que por força encontrareis n'esta tosca falla de quem, vivendo sempre na India britannica, alcançou por seus trabalhos o pouco conhecimento que tem da bella lingua portugueza.

«A missão, senhores, que me traz aqui tão longe dos que me são caros, é a causa do real padroado portuguez do Oriente. É para representar, posto que indignamente, as christandades de Ceylão, Bossaval e Canara, nas excelsas côrtes do preclaro padroeiro, e do venerando chefe do catholicismo, que venho a este brioso Portugal, de gloriosas tradições.

«Vós sabeis melhor do que eu que a Portugal coube a mais sublime de todas as glorias — a de ter espalhado a luz do Evangelho entre os povos do Oriente, que jaziam nas trevas do paganismo.

«Foram os catholicissimos monarchas de Portugal que outr'ora enviaram para o Oriente esses valorosos guerreiros e corajosos argonautas, que, navegando por aguas ate então desconhecidas, assentaram n'essas remotas regiões o dominio portuguez, levantando em numerosos pontos fortalezas e baluartes que attestassem aos vindouros o poderio lusitano.

«Acompanhavam sempre a esses guerreiros os soldados da cruz, que, empunhando o estandarte da redempção, penetravam pelas terras da India, pelos sertões da Asia, a procura de almas a redimir. Levava-os para alli a santa e desinteressada missão de ampliar o dominio do todos os soberanos, o qual abençoava, por isso, a sua causa, com resultados verdadeiramente admiraveis.

«Eram innumeras as conversões para o catholicismo; principes e povos idolatras curvavam a fronte altiva diante da imagem do Crucificado, e levantavam-se em varios pontos da India, Ceylão e Malacca, da China, Japão e Africa, magestosos edificios para o culto verdadeiro, fabricados a expensas do thesouro portuguez, e liberalmente doados pelos soberanos lusitanos.

«Senhores.— Eram epochas essas, em que a Santa Egreja Catholica carpia inconsolavel a perda de milhares de seus filhos na Allemanha, pelas heresias de um frade catholico; nos estados centraes da Europa pelas de Calvino; quando a Inglaterra toda era assolada pelo scisma de Henrique VIII, o *Fidei Defensor*, Portugal, esse pequeno Portugal que no mappa da Europa occupa uma tirasinha do vasto continente, fazia-se grande, immenso mesmo, no Oriente, onde, ao passo que estendia o seu dominio temporal, perfazia ao mesmo tempo dezenas de milhares de vezes a perda que o catholicismo soffreu no Occidente.

«A Se Apostolica, representante na terra do que ha de mais justo e equitativo, vendo esses prodigios, que os portuguezes obravam no longiquo Oriente, reconhecia jubilosa os favores que recebia das mãos de Portugal, e lhe concedia o mais amplo direito do protectorado sobre as egrejas por elle levantadas e sustentadas no Oriente, e invocava a ira de Deus Omnipotente, e dos seus santos apostolos Pedro e Paulo, sobre quem attentasse, sem previo consentimento do soberano padroeiro, por qualquer pretexto, e em qualquer tempo, contra esse direito, não excluindo a propria santa sé apostolica, e ao excelso padroeiro rogava o Summo Pontifice, em attenção aos relevantes serviços prestados a religião catholica, que adoptasse para si um titulo que distinguisse dos principes remantes

do orbe catholico, e Sua Magestade de Portugal, com a sua modestia caracteristica de um monarcha verdadeiramente catholico, preferia ser chamado «Rei Fidelissimo.»

«É assim que Portugal adquiriu o direito do padroado.

«De caso pensado, senhores, emprego aqui a palavra adquiriu, porque foi uma justiça que se lhe fez, e não um privilegio, como hoje se procura fazer crer, pois a Santa Sé tambem concede o padroado por privilegio, mas a quem? *qui ecclesiam nec fundavit, nec extruxit, nec dotavit*, como diz Soglia, e Portugal fizera tudo isso.

«Obtido o direito do padroado, Portugal não descansou; pelo contrario, trabalhou mais que nunca a bem da religião confiada á sua tutela e protecção; e Goa, a séde de seus vice-reis, e de seus metropolitanos, essa Roma do Oriente, cooperava de um modo admiravel com a metropole na propagação da Fé.

«E hoje, senhores, é do real seminario de Rachol, de Goa, que sáe essa cohorte de zelosos missionarios que vão pastorear os povos do Indostão e de Ceylão; é d'alli que o metropolitano e primaz das Indias rege as immensas christandades, que ainda ficam debaixo do real padroado; é do thesouro de Goa que sáem quasi todas as congruas dos missionarios espalhados pelo Oriente, e dos prelados; é Goa que tem a dita de possuir os restos mortaes de S. Francisco Xavier, d'esse immenso homem a quem o Oriente todo não poude conter, d'esse inclito varão que sob a benefica protecção dos reaes padroeiros, conquistou centenas de milhares de almas para o reino dos céus.

«Alguem, fallando de Goa, dizia: «Bem pequeno é o territorio de Goa, mas é d'alli que partem esses zelosos missionarios, que com a sua palavra ardente levam a luz do Evangelho pelo Oriente. Tambem pequena é a chamma de um pharol, mas d'elle partem os raios que consolam os que luctam com os ventos procellosos e as vagas tempestuosas do mar.»

«Portugal e Goa foram os conquistadores religiosos do Oriente; Portugal e Goa espantaram o orbe com seus gloriosos feitos em prol da religião, a quem a historia da Egreja dedica com justiça a sua mais brilhante pagina.

«A egreja lusitana do Oriente, senhores, devia passar por afflicções, e passou. Curta, infelizmente, lhe foi a epocha de venturas, que só duraram quasi um seculo e meio; após ella veiu a epocha das suas provações.

«Em 1627 Roma instituiu uma sociedade da *Propaganda Fide*, que devia enviar bispos e padres para terras pagãs, para propagar n'ellas a fé catholica. Pergunto agora eu, senhores, se a India era terra para esses missionarios, India, que n'esse tempo tinha centos de padres, egrejas, capellas e seminarios, casas professas, conventos e orphalinatos!

«Em 1637, porém, já estava nomeado o primeiro vigario apostolico para o Grão Mogol, muito proximo de Bombaim, e em seguida outros para Cranganor, que (note-se bem) era bispado portuguez, para Madrasta, outro bispado portuguez, para Calcuttá e para varias outras partes da India.

«É meu desejo, senhores, deitar um véu sobre os acontecimentos que, em consequencia da entrada na India dos vigarios apostolicos da *Propaganda Fide*, alli se deram; pois, fallando d'elles, é indispensavel entrar em uma descripção de excommunhões e interdictos, doestos e injurias, ludibrios, vituperios e mais cousas a que eram sujeitos os que amavam o padroado; é sobremaneira triste esse quadro, todo repleto de iniquidades, que em nome da santa religião catho-

lica se praticavam no Oriente, causando escandalo não só aos christãos, mas ainda aos protestantes e pagãos!

«Não venho, senhores, accusar ninguem; outra, e muito diversa, é a minha missão — a de procurar a sympathia dos briosos portuguezes pela causa a que venho ser util. Deixarei, por isso, fallar por mim, das epochas a que me refiro, a vultos muito mais famosos e eminentes, do que eu jamais podia ser.

«Logo depois da estada na India, depois de dois ou tres vigarios apostolicos, foi enviado a Roma como embaixador de Portugal o eminente arcebispo de Braga, D. Luiz de Sousa, o qual offereceu ao santo padre uma brochura intitulada *Demonstratio Juris Patronatus Portugaliæ Regni*, escripta por elle em latim classico, e impressa ha poucos annos em Goa pelo erudito amador das glorias portuguezas — o conselheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, de mui saudosa memoria. Diz n'ella o insigne prelado de Braga: «Depois da morte de El-Rei D. João IV, em 1656, Portugal esforçou-se repetidas vezes, não só em representar á Santa Sé que o seu direito de padroado era gravemente violado por esses missionarios estrangeiros, e especialmente francezes, mas que ainda a propaganda da fé n'aquellas regiões era estorvada, sem que os rogos e instancias dos nossos Reis fossem escutados, rasão porque a sagrada congregação absteve-se de despachal-os, nem Portugal de reclamar contra elles. Portugal lamentava estas cousas dignas de lastima, até então pouco conhecidas n'esta curia.

«N'esse mesmo tempo, alguns annos atraz (1658), celebrada a paz entre os Reis Fidelissimo e Catholico, o Serenissimo Principe Lusitano nomeou prelados para as egrejas do ultramar, sem comtudo poder obter a sua confirmação, a que a missão apostolica dos vigarios apostolicos da *Propaganda Fide* punha empeços, de onde resultou excluirem-se os proprios bispos portuguezes, e admittirem-se os estrangeiros n'essas egrejas, quer adquiridas por nosso sangue, quer fabricadas e dotadas á nossa custa, e sempre pastoreadas por prelados portuguezes, e desde 1640 destituidas de pastores proprios, ainda que Portugal lamente por isso e deplore.

«Isto dizia, senhores, um bispo da Santa Egreja, cujo coração de portuguez lhe doia, ao ver minada, em nome da mais santa religião, e com fins sordidos, a gloriosa instituição do real padroado do Oriente.

«A epocha da viuvez das dioceses indianas, a que se refere o illustre arcebispo, era, como sabeis, a que se seguiu á dominação castelhana, em que Portugal se achava fraco e esgotado, e os seus mais sagrados direitos podiam ser impunemente calcados aos pés, mórmente quando d'este modo se podia agradar aos Filippes de Hespanha.

«Citarei outro escriptor. O padre Antonio Vieira, em uma carta escripta em Roma, em 1672, a Duarte Ribeiro de Macedo, diz: «Muito será que a França se contente, quando tem os olhos postos no Oriente, e armado companhias, e empenhado cabedaes, e procurado tanto que de nossos portos lhe dessemos algum. Aqui vi os dias passados um livro traduzido do francez, em que o seu auctor declarava, debaixo do pretexto da fé, e zêlo da propagação d'ella nas missões, quanto o Rei Christianissimo da França as queria adiantar n'aquellas partes.

«A este fim são mandados lá bispos francezes, que, com as omnipotencias d'aqui levam, perturbam as jurisdicções dos nossos bispados, e têem inquietado quanto lá estava em paz, não sem graves indicios e provas quasi certas de que

são iscados de jansenismo. E comtudo, aqui em Roma os defendem, e se oppõem á observancia de nossos antigos privilegios, sem valer nenhuma rasão ou justificação d'elles, sendo mais claros do que a luz do sol, e não tendo outros Hespanha, a quem se guardam inviolavelmente. Tudo isso faz e póde a prata de uma corôa, e as bandeiras despregadas de outra.

«E nós cuidâmos que podemos ter victorias sem interesse nem temor. Tudo o que não tem opposição, alcançam e alcançarão os nossos ministros com poucas diligencias que façam; mas em juizo contradictorio sempre ficaremos os vencidos, e ainda desprezados.»

«E ainda na carta escripta em 3 de janeiro do anno de 1673 ao mesmo Duarte Ribeiro de Macedo, diz:

«Cada dia crescem as rasões da minha dôr, de não termos a v. s.ª n'esta curia, para a guerra que n'ella se nos faz... O cardeal que v. s.ª nomeia será portuguez sómente, onde se não atravessem os interesses da França... O cardeal Ursini veiu dizer ao nosso residente, da parte do secretario da *Propaganda,* que se não haviam de confirmar os bispos nomeados por Sua Alteza para a China, Japão, etc. V. s.ª tirará a consequencia, me guardará segredo.

«O padre Simão Teixeira, procurador da nossa assistencia, que v. s.ª deve conhecer na universidade de Evora, fez sobre esta materia um tratado largo e muito douto e erudito, de que mando a v. s.ª a summa. D'elle consta o nosso direito, e, como nenhum outro Principe o póde ter ou pretender, antes *eo ipso* incorre na excommunhão reservada ao Papa...

«A este direito se ajunta a posse, de mais de duzentos annos, continuando sempre os Reis de Portugal na assistencia das mesmas conquistas, com infinitas despezas, de que os mesmos Pontifices fazem menção nas suas bullas... Os governadores ecclesiasticos e seculares da India resistiram sempre aos bispos mandados pela *Propaganda:* e de facto tornaram a embarcar e a mandar para a Europa alguns d'elles, um dos quaes se acha hoje em Roma; e João Nunes da Cunha, sendo vice-rei, pouco antes de morrer escreveu uma carta ao cardeal Ursini, em que dizia (palavras formaes): «que se á India fossem bispos não nomeados pelo Rei de Portugal, os havia mandar enforcar na praça de Goa, ainda que fosse com o risco de a congregação da *Propaganda* os declarar por martyres, e que soubesse sua eminencia e a congregação, que não haviam de escapar em nenhuma parte, porque elle tinha soldados e armadas. Aquelle nosso amigo deixou em Portugal poucos herdeiros da sua resolução e espiritos. A congregação insiste; em Portugal não se toma esse negocio tão resolutamente como se devia, e o nosso residente procede mais lentamente do que, a nosso parecer, convinha.»

«Senhores: devo dizer que estas ultimas palavras tambem são do grande Antonio Vieira, para que não penseis que eu fallava dos tempos presentes. Tenho citado auctoridades insuspeitas para vos mostrar como a *Propaganda* se portava na India de um modo pouco edificante, nos dominios do padroado portuguez, por nós adquirido á custa de insanos trabalhos apostolicos, e heroicos sacrificios. Devo pôr diante de vós specimens do que a imprensa dos vigarios apostolicos publicava n'esse tempo, e ainda hoje publica na India.

«Haverá quinze annos, dizia o bispo Bonjean, hoje diocesano de Colombo, em Ceilão:

«Estâmos vendo que, sem embargo das vicissitudes pelas quaes por dois seculos tem passado o pobre Portugal, sem embargo da quasi total ausencia de

espirito christão que ao governo d'esse paiz tem produzido a impiedade, e o seu mesquinho orgulho espiritual ainda não soffre diminuição...

«Felizmente passaram já dois seculos sobre os protestos impotentes de Portugal, e em vez de poucos vigarios apostolicos, cuja nomeação em 1696 excitava a sua bilis, ha hoje na India e na China não menos de sessenta e um vicariatos apostolicos independentes de Goa. Esta é a melhor resposta da Providencia Divina ás pretensões anti-catholicas do outr'ora fidelissimo, mas hoje o mais maçonico reino.

«Senhores: não faço commentos; a peça, creio, não carece d'elles. O sr. Bonjean diz mais o seguinte:

«Existem na corôa portugueza rasgões e fendas, pelas quaes mui facil e claramente se póde prever a sua futura extincção. O melhor plano seria deixar ficar atraz de uma cortina e não expor aos olhos irreverentes de um publico profano, a miseria, ou peior, do pobre padroeiro, senhor da Guiana, e da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia e *(sic)* da India.

«Não é tudo, ainda, senhores: é muitissimo, pouco mesmo. Não vos quero incommodar a attenção. Vejâmos só o que dizem de nós em Bombaim, n'essa cidade que é a séde do governo da presidencia, n'essa Babylonia habitada por alem de 80:000 homens. O *Bombay Catholic Examiner*, orgão do vigario apostolico de Bombaim, na epocha calamitosa de 1857, fazia de nós o seguinte lisonjeiro conceito:

«Portugal é uma nação miseravel e bancarrotada, typo o mais verdadeiro da degradação moral e intellectual, sem dinheiro, sem commercio, e sem agricultura, sem homens e até sem bestas.»

«Não tendes vós, senhores, um grito de indignação, saído dos vossos peitos de portuguezes, ao ver ludibriados e insultados, vilipendiados e tão vilmente escarnecidos o excelso padroeiro e monarcha fidelissimo, o governo e a nação portugueza, o clero e povos christãos do Oriente? Ou deverei eu bradar aos manes illustres do grande ministro D. José e outros heroes portuguezes, que, se hoje saíssem de seus gloriosos tumulos em que dormem, merecedores de respeito e homenagem de gerações presentes, não descansariam emquanto não fosse exterminado da face do mundo quem tivesse ousado ultrajar e cobrir de doestos a face da sua amada patria.

«Senhores: no meio d'essas escandalosas luctas, que se travavam no Oriente, veiu consolar-nos em 1857 a grata noticia de que o augusto padroeiro, de saudosa memoria, D. Pedro V, ratificou uma concordata com a Santa Sé, com o fim de pôr termo aos males que affligiam a Egreja Catholica da India. Por essa concordata foram cedidas á *Propaganda* as importantes missões portuguezas na China, Cochim e Japão, com o fim de ao menos ficarmos de posse absoluta, e livre de impecilhos, das da India e Ceilão. Deviam ser delimitadas as dioceses indianas por dois commissarios, pontificio e portuguez, e em seguida deviam deixal-as ao cuidado pastoral de diocesanos portuguezes, os vigarios apostolicos da *Propaganda* que n'elles estivessem. Acontece assim?

«Não, senhores, nunca!

«As dioceses nunca foram circumscriptas, pois tendo fallecido na India (envenenado, como muitos disseram, e de certo *um pouco rapidamente*, como diz hoje uma auctorisada folha de Lisboa), Mons. Saba, o chorado arcebispo de Carthago, nunca foi substituido por outro, e os vigarios apostolicos continuam a

estar de posse de varias e importantes missões, que sempre pertenceram ao real padroado, e pelos quaes a *Propaganda* não despendeu um ceitil, e, finalmente, os injuriosos doestos e calumnias contra a moralidade, zêlo e saber dos missionarios do padroado, são a ordem do dia, como o são tambem os aviltantes doestos contra o Rei Fidelissimo e seus ministros, contra o governo e nação, e contra os povos que pertencem ao real padroado.

«Ainda mais uma vez chegou do Oriente, no anno preterito, a consoladora noticia de uma concordata entre o governo de Sua Magestade Fidelissima e a Santa Sé. Parecia que o catholicismo na India ia entrar em uma epocha de paz e socego.

«Mas aos inimigos do real padroado portuguez convem muito a desharmonia e inquietação no Oriente, pois a tranquillidade da egreja indiana importa a quéda do seu dominio. Previa isso mui claramente o padroeiro D. Pedro V, e na sua carta escripta em novembro de 1856 ao Santo Padre Pio IX, deixava exaradas estas memorabilissimas palavras, que oxalá não venham a realisar-se ao pé da letra prophetica como ellas soam! Pois dizia Sua Magestade:

«Esse espirito de hostilidade (da parte da congregação da *Propaganda Fide),* revela-o a historia em innumeraveis e bem expressivos factos, especialmente desde o meiado do seculo XVII, e apparece em maior evidencia depois das deploraveis desintelligencias que sobrevieram em 1834 entre as duas côrtes. Nenhum acto de docilidade, nenhuma concessão da parte do padroeiro real, satisfaz a esse espirito hostil; só poderá contentar-se, ao que mostra, com a aniquilação de todo o effeito do padroado em qualquer parte, que não esteja sujeita ao dominio temporal d'esta real corôa.»

«Têem estas palavras visos de uma prophecia, pois Portugal, por uma fatalidade qualquer, parece que não póde entrar em uma negociação com a Santa Sé sem ser vencido. Nem é isto para admirar, porque os seus homens d'estado vêem espectros por todos os lados, espectros levantados por elles proprios, filhos da sua imaginação, que os fazem tremer de medo!

«Declaro aqui, senhores, expressa e emphaticamente, que eu não venho accusar ninguem, nem incriminar o governo, nem levantar partidos; a minha missão é tão sómente supplicar.

«É do meu dever, porém, elucidar a questão quanto eu possa, a bem da causa santa dos catholicos no Oriente, e é com este fim que faço as seguintes ligeiras observações.

«Ouço dizer a muitos, que se Roma nos tivesse negado a prorogação das faculdades extraordinarias do primaz goense, que ella ultimamente de dois em dois mezes nos regateava, o padroado portuguez ficava aniquilado. Devo dizer que essa supposta anniquilação do padroado é sem duvida uma pathetica possibilidade, como o é tambem a morte de todo o catholicismo, se o Santo Padre não confirmar prelados para nenhuma diocese do mundo. O caso era saber se Roma ia revolucionar comsigo mesma, o que jámais fará. Se agora que, pelo novo convenio, ficam no seio do padroado tantos milhares de catholicos no Oriente, comtudo tão imminente é ahi o perigo de um schisma, o que seria então se a propaganda tivesse acabado com uma pennada com o padroado?

«Ao presente acham-se fechadas na India as seguintes egrejas e capellas: Ceylão, Udiavar, Poona (capellas); Satara, Darvar, Mahableshwar, Hydrabad, Secundrabad e outras.

«E tão pertinaz é a resolução d'essas povoações, de não se sujeitarem á jurisdicção da *Propaganda*, que se declarou já em Hydrabad o scysma, e o jornal *Deccan Times* publica uma carta pastoral do bispo de Caprotti, excommungando esses catholicos!

«Quando foi publicado em Darwar em 2 do corrente o decreto pelo qual o arcebispo de Goa ordenava o missionario a dar entrega da sua egreja a *Propaganda*, reuniu-se a freguezia e dirigiu ao arcebispo o seguinte telegramma, depois de fechar a egreja e despedir-se do parocho:

«Da communidade portugueza de Darwar ao sr. arcebispo patriarcha.— Estamos determinados a não dar entrega da egreja e bens á *Propaganda*. Tentativas da parte d'esta devem terminar em resultados desastrosos. É este um *ultimatum*. Revogue o seu decreto 132 immediatamente. Informe o delegado papal, vigario expulso. Egreja é nossa.»

«Creio que esse telegramma e outro que de Sholapur foi dirigido ao arcebispo de Goa, revelam, sem mais commentos meus, o desespero, a indignação, a excitação que por ahi vae, e julgo que de tudo isso se póde inferir o que teria sido o resultado, se a *Propaganda* ou o Santo Padre tivesse querido abolir o padroado todo. Teriam acabado com a religião na India!

«Ainda outro espectro por aqui, é que o governo inglez não olha com bons olhos o padroado de um Principe estrangeiro nos seus dominios temporaes. Isso de certo é ignorar a politica que com respeito a religião a Inglaterra segue nos seus dominios. No meu humilde modo de pensar, o padroado portuguez ainda subsiste na India, porque a Inglaterra é ahi o poder dominante, pois a sua caracteristica tolerancia de todas as religiões, e a justiça baseada n'essa mesma tolerancia, que nos fazem sempre os tribunaes inglezes, têem sido o mais poderoso sustentaculo do nosso direito do padroado nos dominios inglezes.

«A celebre proclamação da Rainha Victoria, em 1858, dizia: «Recommendâmos a todos quantos tenham auctoridade debaixo de nós, que se abstenham de toda a intervenção nos sentimentos religiosos, ou culto de qualquer dos nossos subditos, sob pena do nosso maior desagrado.»

«Haverá tres annos, dez bispos e um pro-vigario apostolico da propaganda da India, dirigiram ao secretario d'estado, lord Kimberley, um memorial, em que, depois de apresentar rasões politicas para abolir o padroado de um monarcha estrangeiro, pediam que o governo inglez conseguisse o abandono por Portugal do seu padroado na India. Quanto ao numero, importancia e influencia dos signatarios do memorial, nada deixava este a desejar. Mas o que fez o governo inglez? Votou-o ao mais completo desprezo, não se dignando o secretario d'estado de até accusar a recepção. Nem outra cousa era para esperar de um governo illustrado e liberal, que tolera na India britannica a jurisdicção do schah da Persia sobre os numerosos «parsis» que se acham ahi, como tambem a do sultão da Turquia sobre os mussulmanos. E de mais a mais não se nos dá da parte do governo inglez uma solemne promessa na occasião da cessão da ilha de Bombaim, sobre o exercicio do direito do padroado? Mas creio que tenho dito quanto basta sobre este conto.

«Do valioso apoio que por suas decisões os tribunaes inglezes na India têem dado ao padroado portuguez, não é possivel fallar cabalmente n'uma conferencia como a presente. Citarei só de memoria uns poucos de exemplos:

«Depois do famoso breve *Multa præclare*, a *Propaganda* fez attentados para

apoderar-se da capella e hospicio de Colaba, em Bombaim, pertencentes ao governo portuguez, e até recorreu ao governo inglez para este fim.

«Mr. Legeith, então magistrado da policia, foi encarregado pelo governo da investigação, e decidiu-se a causa a favor dos padroadistas.

«Tres successivos vigarios apostolicos de Bombaim procuraram usurpar por todos os meios ao seu alcance a egreja portugueza de Mane, o fr. Luiz Maria, o dr. Whelan, e o dr. Hartmann, chegando este ultimo até arrombar as portas da egreja por seus sequazes, e perpetrar outras iniquidades. No primeiro caso, as investigações feitas pelo collector inglez, Mr. Langford, o levaram a decidir a questão contra a *Propaganda*. Na segunda occasião o proprio governo inglez fez com que o sr. Whelan deixasse ao nosso missionario o padre Godinho, de posse da egreja; e o mesmo aconteceu com o bispo Hartmann, com a differença de que a sentença contra este mitrado foi pronunciada por um juiz gentio, filho da India, no tribunal de Thana! A bem conhecida egreja de Mane pertence ainda hoje ao padroado portuguez, e fallando d'ella dizem todos: «É celebre, porque tem escapado de unhas sacrosantas.»

«A egreja de Nossa Senhora da Salvação, em Mahim, muito proximo de Bombaim, fôra usurpada pela *Propaganda* em 1813, mas reverteu á jurisdicção do arcebispo de Goa em 1856.

«O bispo Hartmann, o mesmo que queria salvar as almas de Mane, quiz tambem arrombar as portas d'esta egreja, cerradas contra elle pelos padroadistas. Não conseguiu, porque a policia fel-o conter no seu demasiado zêlo de apanhar ovelhas alheias; mas o pastor recorreu ao supremo tribunal de Bombaim, onde, infelizmente para elle, a sentença foi dada a favor dos juridiccionados do padroado.

«Não ha muitos annos que do orphalinato do Bandorá, da *Propaganda*, foram despachados uns seminaristas pelas duas horas da manhã, para á força tomarem posse da egreja portugueza de Versová. Devo dizer que isto de invadir um templo, quebrar as portas e outras cousas d'esta ordem, eram, ainda não ha muitos annos, pratica corrente na India. Os seminaristas entraram na parochial, pozeram o missionario goano na rua, e tomáram posse da casa e da egreja. O pobre missionario, que ainda vive em Goa, e chama-se Sebastião de Sousa, recorreu ao tribunal de justiça de Thana, onde se decidiu que a egreja de Versová devia ser immediatamente entregue ao padre goano. Todos os que tomaram parte n'essa scena ainda vivem, e um d'elles é bispo *in partibus infidelium!*

«Ao tempo que na presidencia de Bombaim se davam essas occorrencias, lamentaveis escandalos não menos horrorosos eram perpetrados pelos padres e bispos da *Propaganda*, em Madrasta, em Cochim, em Ceylão, Darwar, Calcuttá, Sibpor e varias outras partes da India.

«A pag. 87 da *Memoria sobre o real padroado*, do ex.mo arcebispo resignatario de Braga, o sr. Amorim Pessoa, se lê a historia de um d'esses escandalos. Era victima o missionario portuguez Sirampur, e diz o auctor: «O missionario da *Propaganda* abriu, já alta noite, a porta da residencia parochial, chamou os homens do povo que havia angariado, e auxiliado por elles, poz no meio da rua o nosso missionario com toda a sua pouca mobilia.»

«A justiça ingleza tem sido, n'estes casos, a nossa unica salvação.

«Senhores, a doutrina que o primeiro artigo da nossa concordata contém, parece-me carecer de attenção, pois diz o artigo: «Em virtude das antigas con-

cessões pontificias, continuará o exercicio do real padroado da corôa portugueza em conformidade dos sagrados canones, etc.»

«Já disse que o real padroado é um direito inalienavel, um direito adquirido por Portugal por titulos os mais sagrados; um direito, emfim, que representa heroicos sacrificios de thesouros, de fadigas, de vidas dos briosos filhos de Portugal e de Goa.

«Dizia a concordata de 1857: «Em virtude das respectivas bullas apostolicas e dos sagrados canones, continuará o exercicio do direito do padroado da corôa portugueza.»

«Um direito, senhores, jámais póde ser uma concessão, mesmo que o contrario fosse affirmado n'uma solemne concordata. Isso de privilegio já se tem dito da parte de Roma por mil vezes, mas que o real padroado é um direito incontestavel e sagrado, já se tem demonstrado outras tantas vezes que a *Propaganda* tem feito esta soez asserção.

«Pelo novo convenio perdeu o padroado as importantes missões de Ceylão, os dois varados de Calianpur e Pejavar no Canará, todas as egrejas do varado de Gattes, menos a Poona, e varias outras populações.

«No que diz respeito á cessão dos catholicos de Ceylão, meus constituintes, occorre-me observar que não se póde justificar essa cessão por principio algum. Se é que se attendeu ao facto da distancia d'essa população do bispado de Cochim, distancia que podia embargar a directa influencia da auctoridade ecclesiastica, devo dizer que Daca, que fica no bispado de Meliapor, dista d'esta cidade tres vezes mais do que Ceylão de Cochim.

«Nem se póde dizer que a idéa da extincção da dupla jurisdicção foi o fundamento, pois a ser assim não se devia conservar a dupla jurisdicção em Bombaim, em Madrasta, em Calcuttá, em toda a India, como se vê conservada.

«Vejo-me constrangido a contrahir estas minhas reflexões, para não dar tratos á attenção d'esta illustre assembléa.

«A questão da jurisdicção ecclesiastica, é, como sabeis, não tanto uma questão de religião, como é quasi inteiramente uma questão de administração das temporalidades. Posto isto, é difficil dizer porque se diz tão violentamente arrebatar esses milhares de dedicados catholicos da antiga jurisdicção do primaz metropolitano, do seio maternal da egreja primacial do Oriente, do amado padroado dos Reis Fidelissimos. Sim, senhores, do amado padroado.

«Tomara eu ter a habilidade de poder descrever cabalmente o que é o amor, a dedicação dos povos do Oriente, e sobretudo, dos meus constituintes de Ceylão, Bossaval e Canará, ao nome portuguez, ás glorias portuguezas, ás tradições de Portugal, ao seu augusto monarcha, e á real familia e nação portugueza.

«Senhores: Não é possivel dar, a quem não tem estado no Oriente, idéa exacta do amor entranhado que esses catholicos dedicam a Portugal. Não me ajudam expressões adequadas para mesmo descrever ligeiramente essa enraizada dedicação. N'este ponto a causa dos dedicados ceylonenses soffre por motivos da incapacidade do seu delegado.

«Repetirei aqui, em parte, o que antes tive occasião de dizer sobre o assumpto. Não seria linguagem figurativa affirmar que os catholicos do Oriente estão promptos a dar a vida pelo padroado. Os meus constituintes de Ceylão solemnemente declaram isto perante monsenhor Agliardi, delegado pontificio na India,

quando instados por este a sujeitarem-se á jurisdicção da *Propaganda*, lhe disseram: «Ex.mo sr, conceda nos o padroado, e peça-nos até a vida.»

«Se alguem affirmou que essa dedicação dos povos do Oriente lhe parecia um milagre, não disse mais que a verdade. Quem poderia crer que esses catholicos, vivendo no longiquo sul da peninsula indostanica, por alem de dois seculos debaixo da soberania ingleza, quizessem ainda hoje manter tenazmente o uso da lingua portugueza, da doutrina christã n'esse idioma, e de varios costumes introduzidos ahi outr'ora por nossos missionarios!

«Os catholicos de Ceylão, no seu sincero empenho de permanecer na jurisdicção de Goa, dirigiram em 1885 uma representação a Sua Magestade Fidelissima, implorando que por compaixão de suas almas lhes permitisse viver no gremio do padroado! É tão verdadeiro, senhores, este facto, como elle é incrivel e tocante!

«Mas o governo portuguez sacrificou-os, desprezou-os, e a suas supplicas, engeitou seu entranhado amor, fez-se de madrasta para com esses seus dedicados filhos religiosos! É triste, e mais triste não podia ser a dilacerante condição d'esses numerosos defensores da mais preciosa perola da corôa portugueza, do real padroado do Oriente.

«Não vos quero deter mais, senhores, pois tenho cansado já bastante a vossa benevola attenção. Cumpre-me dizer, cá em Portugal, e o faço o mais emphaticamente possivel: Compenetrem-se os nossos homens d'estado do facto de que o padroado do Oriente é o maior sustentaculo da honra e prestigio de Portugal; extincto o padroado, o nome portuguez não será pronunciado senão dentro de um apertadissimo recinto.

«Senhores: Os catholicos meus constituintes, desprezados por aquelles a quem corria o dever de os proteger e defender, engeitados pela centesima vez, ainda de novo recorrem a Portugal, ainda supplicam e persistem em supplicar.

«Não é este, senhores, um rasgo do seu amor a Portugal? Isto é possivel de se explicar? Não é isto simplesmente admiravel?

«Quantos milhares de libras esterlinas não daria a Inglaterra para ter essa espontanea e enraizada dedicação a seu favor?

«Emquanto eu viver, diz o arcebispo de Braga D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, emquanto meus labios poderem articular palavras intelligiveis, emquanto a minha penna formar algumas letras que possam ser lidas, nunca deixarei de affirmar por palavra ou por escripto quanto os povos da India amam a jurisdicção do padroado.

«Não será esta, senhores, a medida do seu amor a Portugal? Esses christãos, que desde remotos tempos têem vivido no seio da Santa Egreja, que têem afagado com indizivel soffreguidão as crenças que lhes legaram os seus antepassados, collocam-se hoje á beira de um abysmo aonde os conduz a sua inabalavel dedicação pelo padroado portuguez! O espirito d'elles é essencialmente catholico e essencialmente portuguez, e quasi me occorre dizer: Elles amam mais o padroado portuguez, do que as proprias almas immortaes!

«Senhores, não prosigo mais. O magnanimo Pontifice, que com mão tão certeira empunha hoje o leme da barca de S. Pedro, espirito conciliador e sobretudo tão bem disposto para com Portugal, jámais póde permanecer indifferente, quando lhe constar que o catholicismo na India está atravessando uma crise tristissima, e que é eminentemente arriscada a situação de milhares de filhos espirituaes de Sua Santidade.

«Elle de certo não permittirá que essas populações catholicas, por causa da administração das temporalidades das suas egrejas, se colloquem á borda de um abysmo que tão funestos resultados póde trazer á religião.

«Esses infelizes nomearam-me seu representante em Lisboa, firmemente convencidos de que, chegando aos pés de Suas Magestades o nosso excelso e fidelissimo monarcha e sua augusta consorte, conhecida no Oriente como protectora dos desconsolados, a sua protecção os acoberte.

«Seja-me permittido aproveitar esta occasião para consignar aqui os meus vivos agradecimentos ao inclito ex-primaz do Oriente, pelo solemne testemunho que em phrase inequivoca deixa escripto na sua valiosa *Memoria sobre o real padroado portuguez*, do amor e veneração dos povos indianos pela nação que outr'ora os amou e protegeu immenso.

«Os catholicos de Igatpuri e Bossawal, na procuração que me passaram, dizem o seguinte: «Esquecidos pelo soberano padroeiro, desprezados pelo arcebispo de Goa, e ignorados tambem pelo amantissimo Pontifice que rege a Egreja de Deus, aos constituintes de v. ex.ª encara o desespero. Em sua magoante situação, temendo com justa rasão que, se os governos portuguez e pontificio ainda recusarem a ouvir este seu grito, muitos abandonarão a sua amada religião — de que só o pensar lhes horrorisa — constituem a v. ex.ª seu especial procurador, e rogam se sirva de fazer ouvido perante os excelsos thronos do preclaro padroeiro e do venerando Pontifice, nas camaras dos dignos pares do reino e dos illustres deputados da nação, este seu derradeiro brado.»

«Os meus commitentes de Celyão, vendo que eram baldadas as suas esperanças, e desattendidas as suas mais ardentes supplicas e instantes rogativas, trazem hoje fechadas as suas egrejas e capellas, não tendo quem os confesse, quem os ajude a bem morrer, nem quem encommende as suas almas depois da morte, e declaram em seu desespero a sua pertinaz resolução de abandonar o catholicismo de preferencia a viver sujeitos a . . .

« . . . a sua supplica, e que sendo-lhes esclarecida a triste situação d'essas povoações, Suas Magestades de certo não recusariam pedir a Sua Santidade o Papa Leão XIII a conservação da corôa portugueza no padroado do Oriente.

«Com a maior satisfação e regosijo declaro aqui, que tendo tido a distincta honra de ser apresentado a Sua Magestade Fidelissima, El-Rei, e a Sua Magestade a Rainha, a affabilidade com que se dignaram receber-me, e a bondade com que Suas Magestades me prometteram fazer o possivel por meus committentes, me dão toda a esperança de que os meus fracos esforços não serão baldados. O vivo interesse que Sua Magestade a augusta Rainha manifestou por esses desgraçados, é uma confirmação do titulo, pelo qual Sua Magestade é conhecida na India.

«Senhores: Surprehendeu-me deveras o officio que hontem recebi do ex.mo secretario d'esta illustre associação, pelo qual me constou que eu fôra eleito socio d'ella em 5 do corrente, dois dias depois da minha chegada a Lisboa. Grato pela distincta honra que se me faz, rogo á illustre sociedade de geographia que se digne de secundar, do melhor modo que julgar, os meus esforços a bem da causa a que venho ser util.»

CONFERENZA *spirituale tra il M. R. P. Gabriele Malagrida, Gesuita, e Madama la Marchesa D. Eleonora de Tavora.* Lugano, 1760, 8.º, 1 vol., 120 paginas.

CONGO (LE) *devant l'Europe. Le traité anglo-portugais. La mission Brazza. L'association internationale du Congo.* Paris; éditeur, Maurice Dreifous.

Todas estas obras fallam dos heroicos feitos de nossos antepassados n'aquellas paragens tão avessas a tudo quanto é portuguez, Mas que digam os marroquinos se n'aquelle imperio a cada passo não se topam recordações portuguezas.

*
* *

Eis algumas particularidades que dizem respeito á dynastia reinante. O estado de Angola era outr'ora (segundo diz Drapper), uma provincia do reino do Congo, e só era conhecido sob o nome de Dongo. Um sova do paiz, nomeado Angola, se revoltou pelo meiado do seculo XVI, e fundou um imperio independente, ao qual poz seu nome. Teve por successor a Dambi Angola, que começou a reinar em 1560. Quilongo succedeu a pae Dambi, em 1578.

Houve grandes dares e tomares com os portuguezes, que se apoderaram no seu reinado de quasi toda a costa de Angola. Havendo este principe fallecido em 1640, um de seus sobrinhos usurpou o throno, com prejuizo de Anna Zinga, filha de Quilongo, que se retirou para o reino de Matamba, de onde ella fez guerra até á sua morte, tanto ao usurpador, como aos portuguezes seus alliados. Esta mulher, que tinha sido baptisada pelos missionarios, e que os historiadores portuguezes fazem passar por uma heroina, construiu no logar do seu retiro uma cidade chamada Matamba. Tinha ella a coragem, força e agilidade dos negros mais intrepidos e os mais robustos. Sempre vestida como um homem, e por isso com um arco nas suas mãos, ou um machado, consultava os demonios e lhes sacrificava a mais bella rapariga do paiz, a quem ella degolava por sua propria mão. Bebia um grande vaso de sangue, e obrigava todos seus capitães a imitarem seu exemplo.

Asseveram que em logar do marido ella conservava na sua companhia cincoenta ou sessenta homens ainda novos, a elles mandava vestir com fatos de mulher, e aos quaes permittia terem tantas amantes quantas elles quizessem, mas sob condição de matar todas as creanças que proviessem de seus galanteios. Prolongou até muito longe as suas conquistas do lado de Este, e levou sua guerra para o meio dia, até aos desertos de Jaggas. As possessões portuguezas são repartidas em varios districtos, aos quaes D. Vaissette dá o nome de capitanias. O auctor conta uns oito, não fallando de Loanda, que é o mais consideravel.

São taes estabelecimentos os seguintes:

1.º Quisama, na parte mais meridional do reino, a pouca distancia do mar. É uma região vasta, mas cheia de serranias, e mal cultivada. Encontra-se alli mel, cera, e minas de sal muito abundantes. Os pretos espalhados por esta habitação são mui bravos, e os portuguezes tiram d'alli alguns soldados para as suas guarnições;

2.º Muchina, ao norte de Quisama;

3.º e 4.º Massangano e Kambamba, cuja posição já se marcou;

5.º Mapungo, ao éste de Massangano, sobre o rio de Coanza;

6.º e 7.º Ensacka e Embacká no interior das terras;

8.º Danda, na costa do norte.

E eis-aqui o que se refere á origem de taes acquisições: Desde o reinado de

El-Rei D. João II, isto é, antes do começo do seculo XVI, faziam os portuguezes um grande commercio de escravos em Loanda, com a permissão do rei do Congo, o qual tinha então Angola sob sua dependencia. Com o decorrer dos tempos, Paulo Dias de Novaes, cujos antepassados tinham descoberto esta costa, fez á sua custa um armamento consideravel, e obteve do Rei D. Sebastião, para indemnisação de taes despezas, a concessão de todos os paizes que elle podesse conquistar no interior das terras, com um espaço cerca de trinta leguas sobre as bordas do mar. Os portuguezes avançaram do lado de éste até á villa de Kabazo, a cincoenta leguas da costa, e alli estabeleceram uma praça de commercio. Porém, todos os mercadores que occupavam este novo escriptorio ou armazem alli foram assassinados em 1578, em numero de quarenta, por ordem de Quilongo, rei de Angola, o qual suspeitou, por desconfiança das tentativas d'esses estrangeiros, da doação que se lhes tinha feito de uma parte de seus estados, sem o consultar.

Porém esta violencia não fez mais do que despertar cada vez mais a ambição e a avareza dos portuguezes, os quaes conquistaram durante o seu reinado a maior parte das possessões maritimas de Angola.

Foram perturbados em 1641 na posse de taes estabelecimentos pelos hollandezes, que os expulsaram de Loanda, arruinaram ainda uma outra de suas habitações nas margens do Bengo, e alli fizeram prisioneiro o governador Cesar de Menezes, com sete ou oitocentos portuguezes. Loanda ficou alguns annos sob a posse dos hollandezes.

Dapper assevera que um tratado concluido em 1648 restituiu os portuguezes aos seus antigos dominios. Angelo pretende que elles não foram devedores d'esta restituição senão ao valor d'elles, e que expulsaram seus inimigos com as armas nas mãos.

Distinguem aqui varias classes de europeus, a saber: os padres e os frades, cujo numero não é consideravel relativamente submettido ao dominio portuguez; os criminosos a quem os tribunaes dão liberdade n'esta parte africana; os portuguezes de raça judia, que apresentam o nome de christãos novos, e a quem a inquisição fez transportar para Angola, com o fim de purificarem Portugal. Estes ultimos, que se não convertem quasi nunca sinceramente, são excluidos das ordens sacras. Asseveram que não deixam de ser mui assiduos na frequentação dos santos mysterios, e que dão grandes esmolas aos frades e aos christãos novos.

O numero dos mulatos é mui grande. São de uma insolencia extrema para com os negros, e procuram metterem-se n'uma especie de igualdade com os brancos. Porém, longe de se elevarem a essa igualdade, nem sequer têem o direito de se sentarem na presença d'elles. As mulheres mulatas, cujo pae não é conhecido, não devem trazer nem punhos, nem camisa, e a lei não lhes permitte outro trajo senão um pedaço de estofo, que ellas prendem a seus braços. Os homens da mesma raça podem entrar na egreja, porém nunca chegam ao grau de official, ou ás prelaturas.

Todos os pretos de Loanda e dos outros estabelecimentos portuguezes são em escravidão, exceptuados alguns antigos habitantes, que, em virtude das antigas capitulações, têem conservado sua liberdade. Os escravos estão empregados na cultura dos campos, na pesca, na construcção, e n'outros trabalhos. Poucos ha que não saibam algum officio. Quando seus amos os não occupam directamente, alugam-se ao serviço de particulares, com obrigação de lhes levarem a maior parte do seu ganho. Todos os pretos da colonia professam o catholicismo: «Mas

é menos a persuasão, diz o missionario Merolla, do que o temor que lhes faz observar os deveres da religião. Exigem que elles se confessam todos os annos, e como vivem n'uma libertinagem habitual, deixam sua concubina no principio da quaresma, para obterem absolvição, e depois da paschoa tomam outra amante, julgando-se quites para com o verdadeiro Deus, diz o mesmo missionario, cessando de verem aquella que elles desampararam.»

Esta relaxação é de alguma sorte auctorisada pelo exemplo dos brancos, que addicionam a uma horrorosa dissolução, o costume barbaro de condemnar á escravidão, e de vender até mesmo aos estrangeiros, os filhos que têem de suas negras. E as pretas portuguezas não davam de si melhor idéa, as quaes, entre outros vicios, tinham um genio feroz, um orgulho insolente, e uma avareza sordida.

Os homens fazem-se transportar n'um *hamac,* ou liteira chata, a quem os negros sustentam, ao passo que um terceiro escravo sustenta um guarda-sol na sua cabeça. Se dois brancos marcharem juntos, seus negros juntam os para-soes, e formam em volta de si uma sombra continua. As damas sáem nos mesmos transportes, mas com maior cortejo. A maca está coberta com um rico tapete, o qual é sustentado por quarenta pretas. Outras quatro Makomas ou acompanhadoras. Dois pretos levam a carruagem, e dois outros sustentam os guarda-soes. O governo das possessões portuguezas está nas mãos de um vice-rei, de dois bradores, que são seus conselheiros, de um bridor *(sic)* que preside como chefe á administração da justiça, de dois genses, ou juizes inferiores, e de um secretario. Os sovas submettidos á colonia pagam ao vice-rei um tributo annual de escravos, e lhes prestam outros serviços a titulo de vassallos. Obrigam-nos, alem d'isso, a fornecerem aos portuguezes, nas suas viagens, alguns portadores para as macas, algumas provisões de bôca, e todos os outros soccorros dos quaes elles houverem mister. O tributo que paga cada sova é arrematado a differentes mercadores, os quaes se tornam mui odiosos, por causa dos seus vexames. Seu chefe, chamado Contractador, tem seu escriptorio em Loanda, onde exerce ao mesmo tempo a funcção de consul, julgando em ultimas instancias todas as contestações que dizem respeito ao commercio.

Tal era o estado antigo d'esta colonia européa. Trezentos portuguezes, conduzidos pelo bravo Dias, conquistaram com uma facilidade incomprehensivel tantas vastas regiões, defendidas por um milhão de negros. Um dos seus escriptores dá em poucas palavras a explicação d'esta maravilha: «O exercito de Angola, diz elle, estava nu, e sem outras armas alem dos arcos e dos punhaes; ao passo que os portuguezes tinham vestes duplas, que lhes punham o corpo a coberto até aos joelhos, e bonnets da mesma espessura, que lhes defendiam a cabeça. Suas armas eram picas, espadas compridas, e fusis que ainda causavam o terror dos negros. Alem d'isso, na maioria andavam a cavallo, outra causa de grande susto para os barbaros. N'uma palavra, um só portuguez a cavallo, e com a pistola na mão, fazia parte igual contra cem negros.

O reino do Congo tem por limites: ao norte, os estados de Loango, do qual está separado pelo rio Zaire; ao meio dia, pelo paiz de Angola; a éste, paizes desertos ou desconhecidos; e a oeste o Oceano, e uma porção do reino de Angola, que o aperta consideravelmente do lado do mar. Sua maior extensão é de oriente a occidente, e abrange cerca de cento e vinte leguas, no seu comprimento vulgar. Antigamente fôra mais vasto, pois as regiões de Loango, Angola e Benguella, estavam encerradas nos seus limites.

Seus principaes rios são o Zaire, Lelunda, Ambriz, Enkokoque, Matari, Bengo, Koanza, etc. O Zaire, a quem outros chamam Barbela, e que é, sem contradição o maior, corre do norte para o sul, recebe no seu curso varios riachos, e se lança no Oceano entre o 6° e 7° de latitude meridional. Abundam alli os crocodillos e os hippopotamos. Dapper só da á sua largura tres leguas até á sua embocadura, e Lopez, assim como Merolla, lhe dão dez. Entra este rio no mar com tal impetuosidade, que suas aguas abrem um caminho particular, sem se misturarem com as do Oceano; de maneira que o distinguem a mais de tres leguas da costa por causa da sua côr amarella. Sua navegação é interrompida a oito ou nove leguas da sua embocadura, por uma cataracta, formada pelos rochedos, de onde se precipita com um barulho atroador. Depois d'esta catarata, seu canal, que se alarga consideravelmente, é cortado por varias ilhas habitadas, das quaes cada uma fórma uma senhoria, governada por um sova, sob a auctoridade do rei do Congo. As mais consideraveis são as de Bomma e de Quantalla, situadas na embocadura do rio. A primeira, ainda que muito povoada, offerece poucas casas, porque uma grande parte das suas terras está submergida. Os negros são obrigados a habitar o cume das arvores, onde erigiram barracas similhantes a ninhos de passaros. São de uma altura vantajosa, e de uma constituição robusta, mas de uma tal ferocidade, que difficilmente merecem ser distinctos dos brutos. Asseveram que os sagrados laços do matrimonio lhes são desconhecidos, e que os dois sexos se misturam não seguindo outra lei mais do que um instincto brutal.

Em minas de ferro tambem o paiz é rico, e é o principal commercio dos seus habitantes, que forjam frechas, zagaias, e outras armas, as quaes vendem a seus vizinhos para grangearem viveres por meio das trocas.

A ilha de Quantalla não é menos povoada. Seus povos adoram um idolo de prata, mui famoso no paiz, mas que não é visivel senão aos ministros que presidem ao culto. Os padres occultam o logar em que elle habita, e tudo quanto se sabe relativo ao seu domicilio, é que está alojado n'um grande bosque. Enviam-lhe desde muito longe alguns presentes, os quaes suspendem na floresta, n'um grande muro, que está construido com dentes de elephantes.

Dividem o reino do Congo em seis provincias, que se prolongam do meio-dia para o norte, na ordem seguinte: Bemba, precisamente no centro do reino, Batta, Pengo, Sundi, e ainda mais para o norte. Os portuguezes têem dado a essas differentes provincias alguns titulos de marquezados, condados e ducados, que elles ainda conservam nas relações por mim consultadas.

Bemba é a maior e a mais rica provincia do reino. Um viajante lhe dá tanta extensão como ao reino de Napoles e ao reino da Sicilia.

Encerra quantidade de senhorias, taes como Bamba, o principal de seus dominios, Lemba, Vamma, Koanza, Rovagongo, Kabonda, Quinquongo, Muffula, onde ha uma cidade com o mesmo nome, frequentada em diversos tempos pelos hollandezes, Oanda, grande e bello terreno, Ensala, Lovato, Quitungo, etc. Todos estes districtos particulares são governados por alguns sovas, cujo chefe, chamado Mani, é o mais poderoso dos vassallos do rei do Congo. Faz sua residencia na capital, a quem uns chamam Bamba, e outros Panza e Bonga. Esta cidade, situada a trinta ou trinta e cinco leguas da costa, sobre dois pequenos ribeiros que atravessam, contém um mui vasto terreno, mas onde os edificios são dispostos sem ordem, e por vezes mui afastados uns dos outros. Não deixam de conter um grande numero de habitantes.

CONSIDERATIONS *importantes sur l'abolition générale de la Traite des negres par un portugais.* Paris, 1814.

CONSPIRATION *contre la légitimité des thrones et libertés des peuples. Crimes de D. Miguel et Droits de D. Pedro et de sa fille.* Liège, 1828.

CONSTANTINO (A) *rei dos floristas, em todo o mundo sem rival. Poesia.*

Constantino, a ti me curvo,
A ti só me curvarei;
És un astro luminoso,
És do mundo o genio-rei!
Quando a Europa os seus primores,
Variados, de mil côres,
Na Bretanha apresentou,
Quiz a França disputar-nos
Alta gloria — quiz roubar-nos
O teu nome, que assombrou...

Mas tu de altivo bradaste:
«Sou filho de Portugal!
Embora eu viva na França,
É minha terra natal.»
Oh! Bem haja o homem nobre,
Que ama ainda a patria pobre,
Rica outr'ora tanta vez...
Bem haja o filho valente,
Que da honra não desmente
N'esta acção de portuguez!

Constantino! vinga a patria
Que foi grande entre as nações;
Ennobrece-a, ennobrecendo
Mais e mais os teus brazões:
Genio raro! Ergue-te ovante!
O teu futuro é brilhante;
Será teu nome immortal!
Viverás na lusa historia,
Qual vive inda a memoria.

CONSTANTINUS (LUSITANUS).
In funere Seraphinae a Portugali. Auctore Emmanuele Constantino Lusitano. Romae, 1604.

CONSTANTIUS (KONSTANTIUS) GEORGE ——.—Jesuita, bohemio.
E. *Philo Xaverii, pietas hebdomadaria pro felice morte cum compendio vitae S. Xaverii.* Pragae, 1666, in-8.°

CONSTITUTION *politique de la monarchie portugaise; decrétée par les Cortès Générales, Extraordinaires et Constituantes, reunies à Lisbonne l'an 1821, promulguée et jurée le 1er octobre 1822; traduite du Portugais par* ***. Paris. Octobre, 1822. 8.º gr., 48 pag.

CONVENTION *of Evora Monte.* London, 1834, in-fol.

CONVENTIONS *of Evora Monte.* London, 1838.

CONVENTO DE S. FILIPPE EM MADRID.

Está ou estava n'este convento um tumulo com o seguinte epitaphio:

«*Aqui yace, debajo de este altar, el ilustrisimo e reverendisimo señor don frey Alejo de Menezes, que habiendo tomado el habito de esta sagrada religion, en San Agustin de Lisboa, de edad quince años, de treinta fué nombrado predicator de Su Majestad, siendo definidor en aquel convento; y en treinta y dos arzobispo de Goa, Primado de la India Oriental, por el prudentisimo rey Felipe II. Y habiendo sido diversas veces visorey de aquellos Estados, el papa Clemente VIII le envió por su legado apostolico a la conversion de toda la Sierra y reynos del Malabar; y en ellos, con su predicacion, ejemplo y santa vida, convertió gran multitud de infieles y cismaticos, y ganó à la obediencia del santo Evangelio muchos reynos, y a la de su rey muchos reyes; de onde el Católico rey Don Felipe III lo llamó para la primacia y dignidad de Braga. Y habiendo llegado alli despnés de muchos naufragios, viniendo a esta córte para renunciar aquella dignidad arzobispal, y recogerse à la soledad de una cella, Su Magestad Católica, conociendo su valor y ejemplar vida, le embió por visorey de Portugal, y por tener cerca de si tan insigne varon, dentro de un año lo mandó volver a esta córte, y le hizo del consejo de Estado, capellan mayor y presidente del supremo de aquellos reynos, donde estando viviendo, con aprobacion de singular prudencia, dormió en el Señor, con increyble dolor de los que lo conocieron, a 2 de mayo de 1617, de su edad cincuenta y ocho años, tres mezes y once dias.*»

*
* *

D. Joanna, princeza de Portugal, contribuiu com grandes esmolas para a fundação do convento dos carmelitas calçados, fundado em 1573.

*
* *

N'este convento foi sagrado bispo de Elvas, em 17 de novembro de 1591, D. Antonio de Matos de Noronha, pelo cardeal D. Gaspar de Queiroga, arcebispo de Toledo. V. *Catalogo dos bispos de Elvas,* no 1.º volume das *Memorias da academia de historia.*

*
* *

D. Sebastião de Matos Noronha, quinto bispo de Elvas, foi sagrado na egreja de S. Martinho, do convento de S. Bento de Madrid, em 7 de junho de 1626, pelo cardeal Julio Zachetti.

O padre Basilio de Varen Soto, segundo continuador do padre Marianna, a pag. 456 do tomo II, falla de uma baroneza, mulher de Jorge de Paz Silveira, assentista, e homem riquissimo que fundou um convento de carmelitas para quinze freiras, e entregou á cidade este convento. Este convento de Monjas de la Baroneza data do anno de 1651.

CONVERSACION *entre un forastero y un vecino de la Isla de Leon, sobre los derechos de la princeza Doña Carlota Joaquina de Bourbon á la sucesion eventual del trono de España.* Cadiz, 1811. Imprenta de D. Manuel Santiago de Quintaña. 4.º de XXIV pag.

COOPER (W. M.).
E. *The Invalid's Guide de Madeira.* London, 1820.

COPIA *de una carta de Lisboa de un cortezano de Madrid. Escrita a un señor de Titol de la Andaluzia, dandose noticia de los buenos progresos de España; governados por el Conde Duque. En esta segunda impresion van muchas cosas emendadas, sacadas de una copia que ha venido de Paris.* Impresa en Lisboa. Y agora ab Licencia en Barcelona, en la Estampa de Jaume Romeu, devant Saint Jaume. Any 1641. 4 folhas não paginadas. B. P. Lx.ª

COPIA *de una carta que ha enviat lo abat Joan Masó, de la escaramuça que han tingut en Roma lo Marqués de los Velez, Embaxador de Castella, contra lo Embaxador de Portugal, los morts que en dita escaramuça y ha de una part y altra, y tambe se anomenan tots los Catalanes que pelearon en favor del Embaxador de Portugal.* Ab Licencia. En Barcelona, en la Estampa de Jaume Romeu. Any 1642. In-8.º gr. 2 folhas não paginadas. B. P. Lx.ª

COPIA *de una carta que ha escrito un cavallero de Lisboa a un correspondiente suyo, que vive en esta Ciudad de Barcelona, en la cual le da noticia de lo que pasa por allá, y de unas nuevas, y cosas notables, que ha referido el Capitan de una esquadra de vaxeles Holandezes; que han llegado a la dicha Ciudad de Lisboa, a los ultimos de Abril del presente año de 1642.* Ab Llicencia. En Barcelona, en la Estampa de Jaume Romeu, devant San Jaume. Any 1642.

COPIA *de unas cartas de algunos padres y hermanos de la compañia de Jesus, que escrivieron de la India, Japon y Brazil a los padres de la misma compañia en Portugal, transladadas de portugués en castellano.* Sem logar de impressão.

«Acabose a trece dias del mes de diciembre, por Juan Alvarez, 1555, 4.º, pag. gothico, 33 folhas innumeradas.

Opusculo quasi desconhecido. 275 francos. D. J. Miró [1].

COPIA *de una carta, que un hidalgo embió a un cavallero andaluz, deseoso de saber nuevas de la Córte. Dásele razon, non solo de ella, sinó de los sucesos de*

---

[1] Descharmps et G. Brunet, *Supplement au Manuel du libraire de Brunet*, vol. II, pag. 1007.

Cataluña, y otras partes. No fim: Con licencia. En Barcelona, en la Emprenta de Jayme Romeu. Año 1642. B. P. Lx.ª

COPIE *du verbal du voyage de Portugal... en l'an 1428.* Publicada por L. P. Gachard, tomo II. Bruxelles, 1834, in-8.º, pag. 63 a 91.

Trata da viagem de D. Izabel, princeza de Portugal, que tinha ido para seu marido Filippe *o Bom,* duque de Borgonha.

COPIE *d'une lettre écrite par un Particulier a Son Excellence Mylord Comte de Galloway, Ambassadeur Plénipotentiaire de Sa Mayesté Britannique à la Cour de Portugal, & reçue par la Poste.*

Ácerca da guerra da Acclamação.

COPLAS *para coplas. Escrutinio Recto.*

Versos relativos aos portuguezes na guerra da Successão.

COPY *of the convention of Evora Monte.* London, 1838.

CORDARA (JULIO CESAR ——).—Jesuita, italiano.

Relazione della vita e martyrio del ven. padre Ignazio de Azeredo, ucciso dagli Eretici con altri trenta nueve della Compagnia di Gesù cavata da' Processi autentici formati per la loro Canonizzazione. In Roma, pella Stamperia di Antonio de Rossi, 1744, in-4.º

CORDIER (J.).

E. *Les derniers jours de la Constitution portugaise.*

CORDOBA (LUIS CABRERA DE ——).—Creado de su Majestad Catolica y del Rey Felipe III, nuestro señor.

Felipe Segundo Rey de España al Serenissimo Principe su nieto, esclarecido Don Felipe de Austria. Edicion publicada de Real Orden. Imprenta estereotipica y galvanoplausta de Aribau. 1876, in-fol., 2 vol.

CORDOVA (D. VASCO AFFONSO DE SOUSA Y ——).—Terceiro senhor da Villa del Rio, e de los Herdamientos de Roanales, Morales, Hayal, Veinte y quatro de Cordova.

E. *Memorial sobre la Casa de Guadalcasar.* In-fol [1].

Vi o no tomo IV dos *Memorias da bibliotheca Ericeirana.* Seu filho D. João Affonso de Sousa Fernandes de Cordova, Conde de Arenales, Vedor da Casa del Rey e do Principe, no memorial que fez quando litigou a dita Casa, imprimiu em 1728 um memorial em folha, em que mostra descender por varonia del Rey D. Affonso III, por seu filho Affonso Diniz, que teve por filho a D. Pedro Affonso de Sousa, de quem procede esta linha. CCXX.

CORNER (MISS.).

The histories of Spain and Portugal, with illustrations. London, 8.º

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa: *Historia Genealogica da Real Casa Portugueza,* vol. I.

CORNU (JULIO ——).

«Partiu hontem, de regresso á Bohemia, o distincto professor de litteratura e linguas roumanicas na universidade de Praga. O illustre philologo esteve tres mezes em Lisboa, aonde tem vindo, nos annos anteriores, passar as suas ferias. Durante esse tempo fez interessantes investigações sobre a lingua e a litteratura portugueza, das quaes professa os mais minuciosos conhecimentos. Tambem fez parte do congresso anthropologico. O illustre professor, como os srs. Shugart, Kaisser, de Lhefeld, e outros sabios allemães, occupa-se, com muito affecto, das cousas portuguezas[1].»

CORONADO (D. CATALINA ——).—Poetiza hespanhola.

Escreveu uma poesia intitulada: *La luz del Tajo.*

CORONADO (CAROLINA ——).

Sigea. A tragedy.

Vem mencionada esta tragedia em George Ticknor, *Catalogue of the Spanish Library and of the portuguese Books, &c.* Boston, 1879.

CORPUS CHRISTI.

«Quinta feira 15 do corrente se fez a procissão solemne, na fórma costumada, levando o Santissimo Sacramento o patriarcha e os infantes D. Francisco e D. Antonio. Durou a procissão das tres horas da manhã até ás tres da tarde.» *Gazeta de Lisboa,* 1724, pag. 200.

CORREA (G.).

The three voyages of Vasco da Gama and his viceroyalty. From the Lendas of India. Translated with original documents, notes, introduction. By H. J. Stanley. London, 1869.

CORRESPONDENCE *relating to the affairs of Portugal, presented to the parliament, june of 1847.* Londôn, 2 vol., fol.

CÓRTE (D. JUAN ANTONIO DE LA ——).—Marquez de la Córte.

Publicou uma serie de artigos ácerca de Portugal no anno de 1845, em o ornal *Semanario Pintoresco español*[2].

CORTÉS Y MORALES (D. JOSÉ ——).

E. *El Terremoto de Lisboa, año 1755. Poema dedicado a S. M. F. D. Luis I, Rey de Portugal y de los Algarves.* Madrid, Oficina tipografica del Ospicio. 1867, 4.º gr. 49 pag.

Traz o retrato photographico do auctor.

COSE *delle Portogallo rapporto à PP. Gesuiti.* Lugano, 1760-1762. 18 vol. in-8.º

---

[1] *Diario de Noticias,* de 22 de outubro de 1880.

[2] Luiz Vidart, *Los poetas liricos contemporaneos de Portugal,* pag. 7.

COSTA ALVARENGA (DR. P. F. DA ——).— Membre titulaire de l'academie royale des sciences de Lisbonne.

Précis de thermometrie clinique générale, par le ——. Traduit du portugais par le docteur Lucien Papillaud (Henri Almes), membre correspondant de l'academie royale des sciences de Lisbonne. Lisbonne, 1871.

COSTA (BALTHAZAR DA ——).— Jesuita portuguez, missionario no Maduré pelo meiado do XVII seculo.

I. *Lettre du P. Balthazar da Costa, missionaire du Maduré, au P. Provincial.* Tirouchirapalli, 1643, pag. 317.

II. *Lettre du P. Balthazar da Costa, missionaire de la Compagnie de Jésus, au P. Caraffa, général de la même Compagnie.* Tirouchirapalli, 1644, pag. 340.

III. *Lettre du P. Balthazar da Costa, missionaire du Maduré au R. P. V. Caraffa, général de la même Compagnie.* Cochim, 1648. Pag. 365 a 392.

IV. *Lettre du P. Balthazar da Costa, missionaire du Maduré, aux PP. et FF. des collèges de Coïmbre et d'Evora.* Tanjaour, 1653, pag. 1-40.

Estas quatro cartas vertidas para francez encontram-se nos tomos III e IV da obra do P. Bertrand: *La Mission du Maduré,* Paris, 1847-1854.

COSTA (GABRIEL DA ——).

Era um theologo portuguez, nascido pelo meiado do seculo XVI, e fallecido em 1616, chanceller e professor de theologia na universidade de Coimbra.

Deixou: *Commentarios sobre o quadragesimo nono capitulo do Genesis, Ruth, Lamentações de Jeremias, Jonas e Malachias.* Lyon, 1641, in-fol.

COSTA (JEROME A ——).

Histoire de l'origine et du progrès des revenus ecclesiastiques. Francfort, 1684 1 vol., 246 pag.

COSTE (F. HILARRION DE ——).

Vita S. Elisabethae Lusitaniae Reginae. Aquis Sextis. apud Stephanum David. 1693, 8.°

COSTIGAN (W.).

Suas cartas escriptas em inglez foram vertidas para francez por Boursier. Paris, 1810.

COSTUMES DU PORTUGAL.

Illustrés de 50 gravures coloriées, avec la description des usages du pays, en anglais et en français.

COTE (R. P. M. FR. ALONSO PARRA Y ——).— Qualificador do Santo Officio, examinador da nunciatura de Hespanha, prégador da religião de S. João de Deus, e commissario da mesma n'esta côrte.

E. *Real solemnisacion natalicia en debida plausible celebridad á el feliz cumplimento de años de la augustissima y Fidelissima Señora D. Marianna Victoria. Reyna de Portugal.* Lisboa, officina de José da Costa Coimbra, 1751, 4.°, 24 pag

COUPÉ (ABBÉ ——).

As *Soirées Litteraires* são uma collecção preciosa para qualquer amigo dos latinistas modernos[1]. Foi ao sabio redactor d'ellas que devi, em parte, conhecel-os e aprecial-os. Essas grandes collecções, que debaixo do nome de *Deliciae poetarum*, contêem os titulos poeticos da maior parte das nações dadas ás letras, o abbade de Coupé as explorou cuidadosamente. Acreditar-se-ha sem custo que se não esqueceu dos poetas portuguezes. Com o designio de fallar d'elles igualmente como elle recorri á edição que os contém; como elle li-os e julguei-os, de maneira que uma parte do meu prefacio nada mais parece do que uma copia do d'elle. Ouso no emtanto declarar que do meu predecessor tão sómente tomei a nomenclatura; confessaria sem me envergonhar o que d'elle houvesse bebido, se na realidade o houvesse feito; alem d'isso as provas andam pelas mãos do leitor.

O XI volume das *Soirées Littéraires* o habilitará para decidir. Meu unico pesar é que a similhança não seja mais perfeita. Mas o abbade Coupé não é um homem a quem se possa facilmente igualar: tal é o conceito de todo e qualquer que, como eu, tiver a felicidade de o conhecer.

COURNAUD.—Professor de litteratura franceza no Collegio de França.

Descripção da ilha de Venus. Episodio do canto IX dos Lusiadas *de Luiz de Camões, traduzido em francez por* ——.

Appareceu esta traducção no *Jornal das bellas artes* ou *Mnemosine Lusitana*. Lisboa, 1817. Tomo II, pag. 202.

COUROS (MATHEUS DE ——).—Natural de Lisboa. Fez-se religioso na idade de 15 annos, em 1584, e partiu em 1586 para as missões do Japão. Foi duas vezes provincial, e durante nove annos administrador da egreja do Japão, no tempo das perseguições. Residiu por quarenta annos n'este paiz, e n'elle morreu em 1633, depois de trabalhos e de soffrimentos extremos.

E. *Lettera annua, scritta dal Giapone al P. Claudio Aquaviva, generale della Compagnia de Giesù dell' anno 1603. Di Nangasaki il di 6 d' ottobre 1603. Matteo Couros.* Lê-se esta carta a pag. 3 a 7 d'esta collecção.

Tre lettere annue del Giappone de gli anni 1603, 1604, 1605 e parte del 1606, mandate dal P. Francesco Pasio V. Provinciale di quelle parti al M. R. P. Claudio Aquaviva, generale della Compagnia di Giesù. In Roma, appresso Bartholomé Zannetti, 1608, in-8.º, 318 pag. In Bologna, Gio. Battista Belgraba, 1609, in-12.

Esta collecção contém ainda:

Lettera annua scritta dal Giappone al P. Claudio Aquaviva, generale della Compagnia di Giesù, dell' anno 1604. Di Nangasaki, 23 di novembro 1604. Per commissione del padre provinciale Gio. Rodriguez Giron, pag. 72 a 136.

Lettera annua scritta dal Giappone al P. Claudio Aquaviva, generale della Compagnia di Giesù, dell' anno 1605. Per commissione del padre vice provinciale Gio. Rodriguez Giron, pag. 137 a 313. Esta carta foi vertida para latim e para francez.

Annuae litterae anni MDCIII. *Ad P. Claudium Aquavivam, Societatis Jesu generalem datae...*

---

[1] S. Delatour, *Guerre de Tripoli, poème traduit pour la première fois du latin en français*, pag. LXXV.

Nangasaco. 6 octobris 1603. V. Paternitatis Filius in Christo. Matthæus Couros, pag. 1 a 66 da collecção seguinte:

Relatio historica rerum in Japoniae, regno gestarum anno Domini 1603, 1604, 1605 et parte 1606, ternis annis litteris comprehensa, et a P. Francisco Pasio illarum partium V. provinciale ad R. P. N. Claudium Aquavivam Societatis Jesu Præpositum Generalem missa. Edita primum, Romae, 1608, apud Bartholomæum Zannettum italice, nunc vero Balthazari Lippi. MDCX, in-8.° 300 pag.

Lettres annales, escriptes du Japon au R. P. Claude Aquaviva, general de la Compagnie de Jesus, l'an 1603... De Nangasaki, le 6 octobre 1603. Mathieu Couros, pag. 1 a 100.

Nas duas edições d'esta collecção:

Lettres Annales du Japon. Envoyées par le R. P. François Pasio, vice provincial de ces quartiers là, au R. P. Claude Aquaviva, general de la Compagnie de Jesus. Nouvellement traduites d'italien en françois, par les pères de la même compagnie. A Lyon, chez Pierre Rigaud, en rue Merciere au coing de rue Ferrandière, à l'Horloge. MDCIX, 496 pag.

Trois lettres annuelles du Japon, des annèes 1603, 1604, 1605, 1606, escriptes par le R. P. François Pasius, vice provincial de la Compagnie de Jésus. Jouxte l'exemplaire imprimé à Rome, l'an 1608. Chez Barthélemy Zannetti. A Douay, chez Jean Bogart, 1609.

COURRET (CHARLES ——).

A l'Est et à l'Ouest dans l'Océan Indien. Sumatra. La côte du poivre. Massacre dans la mission Wallon a Atjeh. Zanzibar. Nossi-Bè. Moçambique. Quelimane. Le Zambèze et la route des grandes mers intérieures. Édition ornée d'une carte de la Zambezie et de douze desseins de Reballier d'après les photographies de l'ancteur. Paris. A. Chevalier Marescq, éditeur. In-8.°, 374 pag.

COUTINHO (PASQUAL RIBEIRO ——).

Jornada de la Reyna de Portugal. Entrada del Embaxador Conde de Villar Maior en la Córte de Heideberghi. Fiestas que se celebraron en Lisboa desde 11 de agosto hasta 25 de octobre. Grandesas que Elrey D. Pedro II hizo en su desposorio. Madrid, 1687.

COUTINHO (RODRIGO DE SOUSA ——).

E. *La virtu del throno. Cantata per la nascita di S. A. R. D. Antonio di Braganza, Principe di Beira.* Fol. Parma, 1796.

C. R.

Os Lusiadas. Poema epico de Luiz de Camões, nova edição, correcta e dada à luz por D. José Maria de Sousa Botelho.

Artigo laudativo de 4 pag., in-fol., no *Il Conciliatore foglio Scientifico litterario.* Milano, 1818. Dalla Tipographia dell' Editore Vincenzo Ferrano.

CRAMONER (ANTONIO ——).— Jesuita, natural de Pfaffenhoffen.

E. *Leben des heil. Franciscus Xaverius Indianer und Japoneser Apostels.* München, 1880, in-8.°

CRAWFURD (OSWALD ——).—Her Majesty's consul at Oporto. Author of *Latouche's Travels in Portugal.*

Portugal old and new. By ——. With maps and illustrations. London, 1880, 8.º, 386 pag.

Tambem trata de Camões.

CRÉHANGE.

Prières des Israelites du rite espagnol et portugais. (Hebreu e francez). Paris 1855. 1 vol., in-8.º gr.

CREUS Y MARTI (D. JAYME ——).—Obispo de Menorca, en la santa iglesia de dicha Isla.

E. *Sermon que en la solemne accion de gracias celebrada por la universidad de Jurados Generales de la Isla y particulares de ——, el domingo 13 de octobre de 1816, con motivo de los enlaces del Señor D. Fernando VII, Rey de las Españas, y su serenissimo hermano D. Carlos Maria, con las serenissimas Infantas de Portugal D. Maria Francisca de Assis, por ——.* Barcelona, por Miguel y Tomas Gaspar. 1816, 4.º, 16 pag.

CRISIS *the present politic in Portugal submitted to the public of Great Britain.* London, 1847, in-fol.

CRITICA *de un Romano alle riflessione del Portoghese sopra il memoriale presentato dalli PP. Gesuiti alla Santità di Papa Clemente XIII, distessa in una lettera mandata a Lisboa.* Genova, 1759, 8.º

CROFT. (J.).

E. *Treatise on the wines of Portugal; and what can be gathered on the subject and nature of the wines. Second edition.* York, 1788, em duas partes.

CROIX (FÉLIX RENOUARD DE SAINTE ——).—Ancien officier de Cavallerie au service de France, chargé par le Gouverneur des îles Filippines de l'organisation des troupes pour la défense de ces îles.

E. *Voyage commercial et politique aux Indes Orientales, aux îles Philippines, à la Cochinchine et le Tonkin, pendant les années 1803, 1804, 1805, 1806 et 1807. Contenant des Observations et des Renseignements, tant sur les Productions territoriales et industrielles, que sur le Commerce de ces pays; des Tableaux d'importations et de exportations du commerce de l'Europe en Chine, depuis 1804 jusqu'en 1807; des Remarques sur les Mœurs, les Coutumes, le Gouvernement, les Lois, les Idiomes, les Religions, etc: Un Aperçu des moyens à employer pour affranchir ces contrées de la puissance anglaise. Par ——. Cet ouvrage est accompagné de Cartes geographiques de l'Inde et de la Chine, par MM. Montelle, Membre de l'Institut, et Chaulaire, l'un des Auteurs de l'Atlas national.* Paris, aux *Archives du Droit Français,* 1810, 3.º vol. 8.º gr.—1.º 299 pag.; 2.º 390 pag.; 3.º 289.

O 1.º volume traz muitas noticias da India portugueza, e o 2.º tral-as mui amplas e minuciosas âcerca de Macau.

CROIZIER (LE MARQUIS DE ——).

E. *Notice des manuscrits siamois de la Bibliothèque nationale, par* ——. 8.º gr. 84 pag.

A primeira prégação de Somanakhodon, le Bouddha du bouddhisme siamois. 1 vol.

Encontram-se duas paginas em portuguez de um sutra extrahido do Dirghanikâaja. Pag. 58 e 59.

CROMWELL.

E. *Panegryci Cromwello scripti. Unus a legato Portugallici Regis alter a quodam Jesuita.* Cambrige, 1644.

*
* *

Cromwell, sempre muito indisposto para com a França, dava ouvidos ás propostas do embaixador imperial.

«Carlos V, que já não tinha sua tia a defender, e que podia temer que o rei de Inglaterra se decidisse a algum casamento contrario aos interesses do imperio, passou para o lado de Anna Boleyn. Comprehende-se facilmente o motivo por que assim procedeu.

Anna Boleyn, ficando rainha sem poder, por occasião da sua morte disputaria com vantagem a corôa com Maria, e entre as duas filhas do rei, nascidas de mulheres differentes, esta ultima princeza seria a preferida. Alem d'isto, era dos interesses de Carlos V operar uma approximação entre a filha de Catharina e de seu pae. Cessou desde então de apoiar Maria na sua resistencia contra Henrique VIII, para pôr esta princeza a coberto dos perigos que o cercavam na Inglaterra, pensou em lhe fazer desposar o infante D. Luiz de Portugal, de quem era cunhado.

A familia de Joanna Seymour tornou-se promptamente o objecto dos favores reaes, como tambem se tinha praticado para com os parentes de Anna Boleyn, no tempo em que tinha possuido o amor do rei. Pelos fins de fevereiro de 1536, Eduardo Seymour era nomeado gentil-homem da camara privada.

«Mas se Joanna deixava seu irmão acceitar um favor, que lhe era manifestamente concedido por causa d'ella, evitava ao mesmo tempo enfadal-o. N'um dia do mez de março seguinte, tinha este principe enviado a Joanna, que se achava então em Greenwich, uma bolsa cheia de oiro e uma carta de amores, o que ella tornou a remetter aos emissarios que lhe tinham levado a carta, sem a abrir, e o dinheiro, protestando com energia a pureza de suas intenções. Acrescentou que, descendente de uma familia sem mancha, ella se conservaria fiel aos exemplos que os seus lhe tinham deixado. E até mesmo mandou dizer ao rei que ella lhe supplicava que guardasse seus presentes para o momento em que Deus lhe concedesse um bom marido honesto.

«Mr. Fiedmann não quer ver em todas estas palavras mais do que dissimulações e nós pensamos que não deasacerta.

«Joanna Seymour sabia muito bem que sua resposta não pedia offender a pessoa cuja mão ella ambicionava. E talvez alguns servidores do rei lhe tivessem ensinado a lição. Se assim foi, ella representou bem o seu papel. O rigorismo

que ella testemunhava servia para as vistas de Henrique VIII, e eis porque elle affectou respeitar sua virtude[1].»

CROZE (MONSIEUR MATURIN VEYSSIERE LA ——).— Ancien professeur en philosophie et bibliothecaire et antiquaire du Roi de Prusse.

E. *Histoire du Christianisme dans les Indes. Par* ——. A la Haye, aux depens de la Compagnie. 1758. 2 vol. in-8.º. 1.º, 423 pag.; 2.º, 498. Com estampas[2].

Esta obra trata minuciosamente das grandes luctas dos portuguezes na India para d'aqui deitarem fóra os sectarios da seita nestoriana, aos quaes alguns tambem chamam Christãos de S. Thomé.

«... os portuguezes, que se tinham tornado poderosos e formidaveis nas Indias, de tudo lançaram mão para reduzirem esta igreja ao jugo do Papa, ao qual não estivera ella em tempo algum sujeita; o que, bem longe de lhes trazer proveito, fez com que, pelo andar dos tempos, viessem a perder seus principaes estabelecimentos n'esta costa.»

Crozer, que em geral baseou sua obra nos livros escriptos pelos nossos, é um rancoroso inimigo dos portuguezes.

Histoire du Christianisme d'Ethiopie et d'Armenie, par ——. A la Haye. Chez la veuve Le Vier. 1739, 8.º, 402 pag.

É uma das obras que mais por miudo trata dos feitos dos nossos maiores na Abyssinia. Este trabalho é principalmente baseado na obra do nosso Balthazar Telles.

CRUCIUS (P. LUDUVICUS ——).

Tragicae comicae datae Conimbricae. Lugduni, 1605.

CRUZ (D. JOANNA IGNEZ DA ——).— Religiosa de S. Jeronymo da provincia do Mexico das Indias Occidentaes.

E. *Um tratado com o nome de* Crisis, *impresso no Mexico, contra varias asserções do Padre Antonio Vieyra, n'um Sermão do Mandato, sobre qual fóra a maior fineza de Christo quando estava proximo a morrer.*

Escreveu contra o tal tratado escripto pela freira mexicana, soror Margarida Ignacia, religiosa no convento de Santa Monica em Lisboa, uma obra com o titulo de *Apologia,* trabalho muito gabado no seu tempo, e que foi impresso em Lisboa na officina de Bernardo da Costa, anno 1727.

CRUZ (FRANCISCO DA ——).— Vulgo o *Hamburguez.*

Nasceu em Hamburgo, de paes herejes, que lhe deram o nome de Nicolau. Enviaram-no com quatorze annos de idade para Lisboa, para aprender a lingua portugueza e a pratica do negocio[3], servindo de caixeiro. Entrou a frequentar o convento de S. Francisco da Cidade, e a sympathisar com o catholicismo, e instruido por um dominicano catholico, deixou o lutheranismo tendo dezeseis annos

---

[1] *Journal des Sçavans,* 1888, pag. 89.

[2] Pendant le séjour qu'il fit à Guadeloupe, acquit la connaissance des langues anglaise, espagnole, et portugaise. *L'histoire du Christianisme des Indes,* c'est son meilleur ouvrage. F. Didot, *Nouvelle Biographie Générale,* vol. XLVI, pag. 74.

[3] Fr. Joseph de Jesus Maria, *Chronica da Arrabida,* vol. II, pag. 767.

de idade. Aos vinte filiou se no Instituto Arrabido, no convento de S. José de Ribamar, tomando então o nome de Nicolau. Foi depois estudar artes no convento de Alferrara, e de aqui para Londres com o fim de ler um curso de Artes e Theologia aos frades que assistiam á Rainha D. Catharina n'aquella Cidade, e aqui se conservou pelo espaço de dez annos. Em Lisboa frequentou os pulpitos com grande applauso, sendo considerado como um dos mais notaveis pregadores do seu tempo. El-Rei D. Pedro II o estimava muito, mandando «Que lhe pozessem sempre sermões na tabua, especialmente no advento e quaresma.» Em 1690 passou ás ilhas dos Açores por secretario de fr. Manuel de S. Boaventura, que ia visitar a provincia de S. João Evangelista, onde fez sermões de missão. Foi encarregado pelos prelados de escrever a chronica da sua provincia, e ainda chegou a escrever a vida do fundador Fr. Martinho de Santa Maria, com mais algumas breves noticias das fundações de alguns conventos. Morreu em Lisboa em 1711, sendo enterrado em S. Pedro de Alcantara.

CUCCAGNI (LE).

E. *Esame del libro «Analyse della professione di fede del Santo Padre Pio IV, da Antonio Pereira de Figueiredo.* Roma, 1792, 8.°

CUDOT ORCA *swiata, opieka krolestwo, miast obrana etz, Patron Franciszek Xawery S. J. Kalisz.* Dr. S. J., 1765. in-12.

(Prodigios do mundo, presidio dos reinos, defensão das cidades & o patrono S. Francisco Xavier. Calissii, typ. S. J.)[1].

CUNHA (D. MANUEL DA ——).

E. *Lusitania vindicata. Traduite en français avec une préface par J. Thierry. Texte et traduction.* Dieppe, 1863, in-8.°

CUNHA DE AZEVEDO COUTINHO (J. J. DA ——).

E. *Über Brasilien und Portugals Handel mit seinen Kolonien. Aus d. Portugal. v. K. Murhard.* Hamburg, 1808, IV, 183. Seiten.

CURIOSA *letra: Desengano de matutos y danza de los Aliados.*

CURIOSAS *decimas, con las cuales se pretende desengañar y traer al verdadero conocimiento de la razon á los Sevilleteros y sacarlos del error en que estan metidos, con cuatro Sonetos al mismo asunto, y uno en elogio del nuestro Católico Monarca y señor D. Felipe V (que Dios guarde).* En Sevilla, por los herederos de Tomas Lopes de Haro, en Calle de Genova. B. P. Lx.ª

Versa sobre a guerra da acclamação.

CURTI (PIER AMBROGIO ——).— Advocato alla Reale Corte di Cassazioni, Cav. del R. Ordine dei SS. Maurizio e Lazaro, membro di varie academie scientifiche e litterarie.

E. *Italia e Iberia. Per le auspicatissime nozze di Sua Maestà Don Luigi I,*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des ecrivains de la Compagnie de Jesus*, Liège, 1856, vol. III, pag. 53.

Re di Portogallo, con Sua Altezza Reale Maria Pia di Savoia. Cantica del Dottore ——. Fol. max., 15 pag. Milano, 1862. Tip. Guglielmini.

Suovia, dissi alla Musa, os non più mesta
In me, o cara degli astri ispiratrice,
De' lieti carmi la virtù ridesta!

Per le patrie contrade une felice
Corse novella, che plaudendo udia
Ogni piano, ogni lido, ogni pendice.

Dicea che il sacro diadema offria
Il Sir che ha sovra i Lusitano impero
Seco a partir colla regal Maria.

Levommi allor mio pensiero
In parte ov' era una commossa gente,
Come di religione a pio mistero.

CUSANI (FRANCESCO ——).

E. *Don Duarte di Braganza, prigionero nel Castello di Milano. Episodio storico del secolo* XVII. *Estratto dal Giornal La Perseveranza.* Milano, coi tipi della *Perseveranza,* 1871, 8.° de 125 pag.

CUTILLAS (P. FRANCISCO ——).

Cartas de S. Francisco Xavier, recogidas y traducidas de latin en castelhano por el ——. Madrid, 1752, 2 vol. in-8.°

Cumpre pôr termo a este volume, pois o leitor já está fatigado com tanta leitura. Mas permitta-me por alguns momentos que lhe diga alguma cousa ácerca da Belgica, paiz que muitos ares dá do nosso Portugal.

Ao entrar a porta chamada de Halle, em Bruxellas, e seguindo a esquerda da rua Alta, encontrava-se um convento de Capuchinhos, o mais vasto e o mais sadio de todos quantos existiram em Bruxellas, e o mais bello da ordem franciscana, fundado em 1587. Demoliram-no, porem, nos annos de 1803 e 1804. Alli havia quadros representando o nosso lisbonense Santo Antonio de Padua ou de Lisboa, e taes quadros tinham sido pintados por Van Dyck.

Ao descer da egreja de Santa Gudula, do lado do côro, chega-se ao quartel de Santa Izabel, outr'ora convento de religiosas, fundado por uma dama portugueza em 1434, por nome Izabel de Portugal. E o escriptor belga que nos dá esta noticia, diz que tambem alli havia a rua de Santa Izabel.

E o mesmo auctor nos diz que a palavra portugueza «Amigo» tinha então na Belgica a significação de «Prisão ou casa de detenção», e que era um vocabulo official. Recordações portuguezas por todos os lados!

E que me direis vós ácerca da Persia? Dir-me-heis, talvez, que é um assumpto para muitos volumes. Pois é assim mesmo, e nós lá chegaremos.

E bonda que por ora digamos que em Madrid (alem do que já se disse), na Corredoura Baixa, á esquina da rua de la Puebla, encontram-se o hospital e a egreja de Santo Antonio dos Portuguezes. E no convento de S. Filippe em Madrid jazeu o celebre D. Aleixo de Menezes. Ha tambem alli a travessa de S. João de Deus e o passeio de Santo Antonio, junto da estação dos caminhos de ferro do norte. É um tal passeio que se encontra á direita fóra da porta de S. Vicente, proximo da egreja de Santo Antonio da Florida, tão idealisada por Trueba, no seu livro *Los cantares*, em que tambem falla nos festejos de Santo Antonio *á orillas del Manzanares*.

Mas a travessa de S. João de Deus em Madrid, o passeio de Santo Antonio, a egreja de Santo Antonio de las Floras veladas, o templo de Santo Antonio nas margens do Manzanares, nada valem comparadas com o templo de Santo Antonio dos Portuguezes.

Esta bella e elegante egreja está pintada a fresco pelo celebre Lucas Giordano, conhecido pelo nome de Jordan na Hespanha, e por Luca Presto em Napoles, sua patria. A imagem de Santo Antonio, que occupa o altar mór, é uma esculptura magnifica de Pereira, e a abobada está pintada por dois pintores que tinham, um o sobrenome de Ricci, e outro o de Carreño.

Ha outrosim a egreja de Santo Antonio do Prado, onde existem excellentes pinturas, e encerra o corpo de S. Francisco de Borja.

E sabem os leitores para que veiu cá Francisco de Borja? Para tratar da annexação de Portugal á Hespanha!

Ha ainda a egreja de Santo Antonio de la Florida. A primitiva foi fundada em 1720, e a actual data de 1792. A cupula foi pintada por Goya, e a architectura é de Fontana.

Tambem nós os portuguezes temos em Madrid o celebre Collegio de la Purisima Concepcion, para educação de meninas (conhecido vulgarmente por San

Antonio de los Portuguezes). Porém o collegio de San Antonio de los Portuguezes foi fundado pela *Santa hermandad del Refugio em 1851, quien conserva gobierno y patronato.* Tem duas classes de collegiaes: uma de pensionistas e outra dos fundadores da casa.

Na centuria decima segunda, Lisboa e grande parte de Portugal e Hespanha estiveram na posse dos mouros. Affonso, o primeiro rei de Portugal, foi quem mais do que nenhum outro rei trabalhou para expulsar do nosso paiz os mauritanos. No seculo XV e XVI ainda ella era vasta, e a inquisição não a deixava pôr o pé em ramo verde. Depois lá fomos ás regiões mais remotas, e o nome de Portugal andava com applauso na bôca de todas as pessoas.

Os quatro Filippes hespanhoes pozeram os portuguezes a pão e laranja, mas o 1.º de dezembro de 1640 fez prever que á força de polvora e bala os hespanhoes haviam de ser expulsos de Portugal, e assim aconteceu. E ao findar o seculo XVII os hespanhoes tinham bem vontade de pedirem pazes. Não as pediram então, mas pediram-nas depois. E as pazes fizeram-se com grande gloria para o nosso povo. E tambem é mister asseverar, mais uma vez o digo, que em todos os paizes africanos, europeus, asiaticos e oceanicos ha recordações dos nossos portuguezes.

E para que nenhum povo do orbe deixasse de ter vestigios da sua existencia n'este territorio, hoje Portugal, cumpre dizer que os maltezes, ainda em 1830 numerosissimos em Lisboa, n'este solo portuguez já se não encontram. Desappareceram d'este solo, como tambem dos outros paizes.

APPENDICE

APPENDICE

Ao findar este volume (e o mesmo farei nos subsequentes), apresentarei poesias de poetas estrangeiros celebres, para que d'este modo se possa amenisar certa aridez que um ou outro leitor porventura tenha encontrado, e para comprovar que os estrangeiros não só nos exaltam em prosa, mas tambem em verso.

A MONSIEUR AGOSTINHO DA ROCHA E CASTRO

Vous m'avez dit, Monsieur, de réveiller ma muse,
Secouer le sommeil dans lequel elle muse.
Pour moi, je crois mieux faire en la laissant dormir,
Elle est vieille et radote et ne fait que gémir,
Au point que si, parfois, brusquement je l'éveille,
Je la vois regimber, faire la sourde oreille.
Et, j'ai beau la prier, être à ses pieds rampant,
Elle avance et recule, et va clopin-clopant,
Mais enfin, cher Monsieur, pour vous être agréable,
Je vais voir si je peux la rendre plus aimable . . .

Pour chanter deux héros, je n'ai pas les vertus,
La charge est trop pesante, et l'esprit trop obtus.
Et comment voulez-vous que moi, pauvre myope,
Je puisse être en faveur auprès de Calliope?
Hélas! je suis trop vieux, accablé par les ans,
La neige, sur mon front, couvre mes cheveux blancs.
Ma jeunesse flétrie a perdu son haleine,
Et le froid maintenant circule dans ma veine.

La gloire ni l'amour, ni l'or ni la grandeur,
Ne peuvent ranimer la flamme dans mon cœur.
Pour chanter des hauts faits, au monde pour le dire,
Il est trop tard. Hélas! il faudrait à ma lyre,
Les cordes qu'Apollon reçut, jadis du Ciel,
Avoir pour protecteur le Génie Ariel.

Les Titans ne sont plus. Des enfants de Titée,
Par deux héros nouveaux, la gloire est éclypsée.
Pour chanter ces héros, il faut être un Géant,
Dont la puissante voix résonne au firmament;
Aux héroïques temps, remonter près d'Homère,
Virgile et Camoens, arriver à Voltaire.
Etre Eole soufflant sur sa harpe infinie,
Faire trembler les cieux d'une immense harmonie,
Dont les reflets bruyants, retombant ici-bas,
Remplissent terre et mers de leurs brillants éclats.

Il faut à ces héros, à ces deux intrépides,
Une voix pour crier, du haut des pyramides :
Salut, frères, salut : vous avez mérité
De la patrie heureuse et de l'humanité.
Soyez les bienvenus, enfants de la Victoire,
Vous avez vaincu tout, à vous toute la gloire.
Le sang n'a pas coulé dans vos rudes combats.
Le péril n'est pas moindre à vaincre les climats.
Du haut de ces sommets, l'univers vous contemple,
Et chacun dans son cœur, vous édifie un temple.

Ne me parlez jamais des héros de là-bas.
Hercule aux pieds d'Omphale a tricoté des bas;
Achille se cacha vêtu de robe en soie,
Pour échapper au feu de la guerre de Troie.
Ulysse fit le fou pour la même raison,
En vous plantant du sel pour avoir du gazon;
Ce qui n'empêcha pas, qu'Homère eût la pensée,
D'écrire, en son honneur, l'immortelle Odyssée!
On rencontrait, alors, un tas de Demi-Dieux,
Que personne, aujourd'hui, ne voudrait pour aieux.

On voit de tous côtés, dans les places, les rues,
Á d'illustres guerriers élever des statues,
Et c'est le prix du sang qu'ont répandu leurs mains.
En des jours ténébreux de combats inhumains.
C'est Rome au front altier, jalouse de Cartage,
Livrant ses citoyens aux horreurs du carnage.
Alexandre, César, Scipion, Annibal,
Grands sacrificateurs de l'autel infernal,

A quoi vous ont servi ces immenses batailles,
Ces morts et ces mourants, ces grandes funérailles?
Qui jamais a béni le nom que vous portez,
Vous, fameux assassins, destructeurs de cités!
Et pourtant on élève, au temple de Mémoire,
De ces hommes bourreaux, un trophée à la Gloire.

Voyez, même aujourd'hui, ce trio d'Empereurs,
Sous le prétexte vain de pacificateurs,
Venir troubler la paix des nations timides,
Et puis les asservir sous leurs sceptres avides.
Regardez l'ours du nord, depuis plus de cent ans,
De son pouvoir fatal, jeter les fondements.
Sorti du berceau froid de terre boréale,
Sa patte atteint déjà la région australe.
Et toujours, en passant, de ses flancs onctueux,
Il prend, comme à la glu, des peuples malheureux.
Il s'avance toujours, son corps, affreux reptile,
S'étend, s'étend, partout comme la goutte d'huile:
Et bientôt, un moment, s'arrêtant en chemin,
Il prendra, sans façon, les murs de Constantin;
Marchant de morts en morts, de ruine en ruine,
Alors il se croira d'une essence divine!
Et puis, et puis après, ce nouveau Jupiter,
Tendra toute l'Europe en un cercle de fer.
C'était là ton project, ô Grande Catherine,
Que chaque successeur réalise en sourdine!...

Le second triumvir ne paraît pas meilleur,
Et comme son voisin, est un envahisseur.
Chacun, quand il le faut, de l'autre est le compère.
On voit facilement que les deux font la paire.

Je vais vous présenter le troisième larron,
Il est entièrement de la même façon.
Même cœur, mêmes goûts et les mêmes idées,
Qui le font accourir à toutes les curées,
Tous les trois réunis sont signe de malheur,
Qui répand autour d'eux la crainte et la terreur...

Pologne

Leur début est infâme, et sans foi, sans vergogne.
Ils ont volé, pillé, dévoré la Pologne.
La Pologne, qui seule arma tous ses enfants,
Qui seule les sauva du fer des Musulmans.

O grand Sobieski ! du fond du séjour sombre,
En voyant ces forfaits, que doit penser ton ombre ?
Par tout le monde errant, ton peuple dispersé,
Reçoit ainsi le prix du sang qu'il a versé !
Tels, fils dénaturés, au millieu de l'orgie,
Frappent, percent le sein qui leur donna la vie !
(La justice de Dieu qui punit les forfaits),
(Au jour marqué, viendra venger les Polonais.)
A ceux qui sont restés sous le joug Moscovite,
Il ne reste d'espoir qu'en la mort ou la fuite !
La Pologne n'est plus ! car ils ont tout détruit.
Le Polonais n'est plus ! son langage est proscrit.

Turquie

Tous les moyens sont bons, et la force et l'astuce.
Dans le grand coup de patte asséné par le Russe
A l'Empire Ottoman. Pour être du complot
Sans entrer en combat, l'Autriche eut, pour son lot,
D'abord l'Herzégovine, ensuite la Bosnie,
Qu'un traité léonin, ravit à la Turquie.
Grâce aux sinistres faits de ces tristes Héros,
Il ne reste au Sultan que la peau sur les os.

France

De ce marbre sculpté, cachée à la lumière,
Quelle est cette statue au crêpe funéraire ?
C'est Strasbourg de la France à ses derniers instants,
C'est Strasbourg au tombeau, qui pleure ses enfants !
Oh ! c'est un drame affreux, une terrible histoire,
Qui vit s'ensévelir deux cents années de Gloire !

Voyez à l'horizon le soleil s'obscurcit ;
Devant le grand point noir qui le couvre, tout fuit...
Bientôt ce point grossit, se divise, il s'avance,
De ses mille sillons, envahit la distance,
Et de tous les côtés, il s'allonge et s'étend !
Tels les plis tortueux d'un immense serpent...

C'est du Germain du Nord, l'invasion sauvage,
Qui ne laisse après lui que ruine et carnage !

Les voilà vingt contre un ; ils sont deux millions,
Dès longtemps précédés par deux mille espions !

Écoutez, entendez ces hurlements de joie.
Ils sont forts et nombreux pour attaquer leur proie,
Car depuis cinquante ans la Prusse est un vivier,
Où, de tout citoyen, on a fait guerrier.

La force avec le nombre ont écrasé la France!
Hélas! Tout est perdu, hors l'honneur, l'espérance!

Voilà ce qu'est l'Empire et ce qu'est l'Empereur,
La rapine, le vol, le meurtre et la terreur.

Mais la France saura patiemment attendre,
Et, comme le Phénix, renaîtra de sa cendre.

Capello et Ivens

Deux hommes, Portugais ainsi que vous et moi,
On fait, dessus la terre, un fameux tour, ma foi.
Partis de Mossamede, une ville d'Afrique,
Ils se sont promenés jusques à Mozambique!

Il a fallu qu'ils aient la poitrine d'airain,
Qu'Horace, dans ses vers, donne au premier marin.
Eh bien! ces deux héros, à peine en une année,
Ont parcouru l'Afrique et fait sa traversée.
Quand Moïse et ses juifs ont été quarante ans,
Pour aller de l'Égypte, au pays des Canans,

En deux mots, simplement, je vais conter l'histoire,
Qui placera leur nom au temple de Mémoire.
IVENS et CAPELLO, hommes de volonté,
Et leur divise au cœur (SCIENCE, HUMANITÉ)
En lettres d'or tracés, flottant sur leur bannière
Qui, comme le soleil, va verser la lumière,
Partent... Ils sont partis... quels travaux, quels combats,
Attendent nos héros sur ces lointains climats?

A peine débarqués sur l'Africain rivage,
La fatigue et la faim vont être leur partage.

Déjà paraît l'aurore, annonçant le matin,
Et nos explorateurs se mettent en chemin.
Mais par où commencer? On reste dans le doute,
Car on n'a devant soi pas l'ombre d'une route.

C'est égal : en avant ! faisons notre devoir.
Adieu frères, amis, et peut-être au revoir. . .
Si le Destin fatal nous arrache à la vie,
Notre dernier soupir sera pour la patrie.

Et les voilà, tous les deux, le bâton à la main,
Qui s'en vont conquérir le pays Africain ! . . .
Il ne faut pas penser avoir une voiture,
Ni même utiliser un mulet pour monture.

Ils ont de gros souliers et de guêtres de cuir,
Un bon gourdin ferré, carabine à long tir.
A leur côté pendu le fort couteau de chasse,
Pour couper la forêt et s'y faire une place.

Avec cet attirail, nos explorateurs vont
Arpenter d'ouest à l'est, juste, six millions
Sept cent cinquante mille et huit cents enjambées,
Dont chacune est d'un mètre, assurément comptées.

Allons les voir à l'œuvre. Ils sont accompagnés
D'une troupe de noirs pour porteurs engagés.
Chacun est à son rang et lentement s'avance,
Le noir chante et son pied lui marque la cadence.

On arrive, il est nuit, les fardeaux mis à bas,
A la hâte l'on prend un suffisant repas.
Nos amis fatigués, retirés sous leur tente,
Vont dormir en pensant à la patrie absente.

Les ombres de la nuit ont fait place au matin,
Chacun est à son poste, on se met en chemin.
La terre seche et dure, et l'eau dans les ornières.
On passe des ruisseaux, on franchit des rivières ;
Les pieds sont dans la fange et les fronts ruisselants,
Se courbent harassés sous des rayons brûlants.

On fait peu de chemin, on avance avec peine.
Le sang précipité se gonfle dans la veine.
Le courage, pourtant, n'en est pas abbatu.
De vaincre ils ont juré, le vœu sera tenu.

Malgré tout, tout le monde a bien fait son service,
Et chacun au travail, a fait son sacrifice.
De nos explorateurs l'ouvrage a commencé,
Le chemin déjà fait, sur la carte est tracé.

Pour les récompenser de leur rude labeur,
Le sol fait apparaître, à leurs yeux, une fleur;
Cette fleur est pour eux d'un favorable augure,
Et ce bienfait du Ciel les rassure et rassure.
Et cette fleur chérie, exemplaire premier,
Avec religion, est mise dans l'herbier...

Hélas! ces doux propos, auront peu de durée...
Je vois à l'horizon une lourde nuée.
Ce terrible signal s'avance lentement,
Voile d'un crêpe noir la voûte au firmament...

Marchons, amis, marchons, ce sinistre présage
Amollirait nos cœurs?! c'est un petit orage.
Et ce petit orage en s'abattant des cieux,
D'une avalanche d'eau, les terrasse tous deux.

Marchons, amis, marchons, oh! que l'aurore est belle!
Voyez dans le lointain, ce sommet nous appelle.
C'est la terre promise, et la fin de nos maux,
C'est le temple qui va couronner nos travaux.
Marchons, amis, marchons, allons à la victoire,
Ou vaincre avec péril ou mourir avec gloire.

Et devant eux s'élève une immense forêt,
Dont tout homme nouveau ignore le secret.
Impénétrable mur formé par la nature,
A qui le Typhon seul peut faire une ouverture.
Enfermés et perdus sur des bords étrangers,
Accablés par le sort, menacés de dangers,
Le reptile est partout, sous leurs pieds sur leur tête,
Et de tous les côtés, le vent et la tempête.

C'est égal, en avant! il faut braver le sort.
En avant c'est l'espoir, et rester c'est la mort.

A ces mots vigoureux règne un profond silence.
Reculer, impossible; il faut bien qu'on avance.
Mais bientôt, dans la foule, on entend un grand bruit,
José vient annoncer que sept porteurs ont fui.
Le fait est sérieux et fort désagréable,
Mais ce nouveau malheur, n'est pas irréparable.

On donne le signal, et le sabre à la main,
On coupe la forêt, on se fait un chemin,
Après mille travaux, on voit de la lumière,
Et paraît à leurs yeux, une immense clairière.

La terre est rouge et noire, et le sol altéré,
Et le peu d'eau qui tombe est bientôt dévoré;
Les pieds sont dans le feu, le feu dans l'atmosphère,
On respire du feu qui tue et désespère.

Déjà plusieurs porteurs sont morts sous le fardeau,
Pour étancher la soif, pas une goutte d'eau.
Puis paraît le scorbut, la fièvre les décime,
A chaque pas on voit tomber une victime.

Ah! quel spectacle affreux! Grand Dieu, du haut des Cieux,
Prenez, prenez pitié des pauvres malheureux.
J'implore en leur faveur votre Haute Puissance,
Pitié, pitié pour eux, rendez leur l'Espérance!

La prière ranime et réchauffe le cœur;
Prions, frères, prions, implorons le Seigneur...
Et tous, en un instant, à genoux sur la terre,
Élèvent vers le Ciel leur fervente prière.

Dieu, sans doute, eut pitié, leur envoya l'espoir...
Après avoir, aux morts, fait le dernier devoir,
On se lève et l'on marche animés de courage.
On a quitté l'aspect de ce désert sauvage,
Laissant en souvenir de ces tristes exploits,
Sur la tombe des morts, le signe de la croix.

Enfin va commencer une nouvelle vie.
Moins mauvaise, il est vrai, mais peu digne d'envie.
Je ne puis pas conter leurs faits et leurs labeurs,
Car il me faut finir; j'en passe et des meilleurs.
Ma muse a tant pleuré durant cette journée,
Sur le sort des héros, dont voici l'Epopée.

Cependant je ne puis m'arrêter à l'instant,
Et laisser mon récit sans aucun dénoûment.
Voilà, donc, mes amis arrivés au Zambèze;
Presque frais, plus dispos, beaucoup mieux à leur aise.

Beaucoup mieux à leur aise. Ah! ce dire est plaisant,
Et ne puis m'empêcher de rire en le disant,
Maintenant, je suis gai, l'aspect de ce rivage,
D'arriver à leurs fins, est sûrement un gage.

Sur ces bords parfumés, désirés ardemment,
Le nénuphar en fleur sourit allégrement,
Et mille oiseaux brillants, s'éveillant à leur vue,
Accourent devant eux chanter la bienvenue.

L'indigène lui même, apparait à leurs yeux
Moins negre de couleur, avec un air joyeux,
Et qui, dans un moment, pour fêter leur présence,
Se rassemble autour d'eux, organise une danse !

Ils reviennent vainqueurs, avec leur drapeau blanc
Intact et sans repandre une goutte de sang.
Il semble à nos héros, que tout dans la nature,
A pris, dans ce moment, une heureuse figure.

Et tout est oublié, la lutte, les autans,
L'hiver quitte la place, apparait le printemps.
Quoi que privés de tout, de vivres, de chemise,
Les voilà parvenus dans la terre promise.

Encore quelques jours, ils verront le palais,
Où flotte, avec orgueil, le drapeau Portugais.
Et leurs pieds fouleront une terre chérie,
Et leurs bras presseront, sur leur sein, la Patrie.

Et vous, *mon cher Monsieur,* qui lirez ce récit,
Modeste dans sa forme, en peu de mots écrit.
Vous voyez des héros de différente race,
Que je viens aujourd'hui, vous mettre face à face.

Les premiers n'ont connu que le fer et le feu
Et de l'humanité ne se firent qu'un jeu...
Les seconds, des humains éclairant la carrière,
Versent sur l'univers des torrents de lumière.
Les premiers ont passé, les seconds sont à nous...
A ces hommes nouveaux, notre siècle jaloux,
Poussé par un élan noble, patriotique,
Décerne, avec bonheur, la couronne civique...

J'ai dépeint les premiers, ce trio d'Empereurs
Dont le règne est baigné, dans le sang des fureurs !
Entre tous ces Héros. Ah ! quelle différence !
De quel côté le bien fait pencher la balance ?

Les premiers arrachant des larmes de douleur,
Les seconds font couler des larmes de bonheur —

AO MOSTEIRO DA PENHA EM CINTRA

(Poesia de uma dama ingleza)

T'is a most lovely spot, how the weary heart
After scant breathing's; in the heated air
Of the close city, and the crowded mart
Treasure's a place like this where it may dwell.
And breathe its beauty in: like some sweet, hallowed spell.

ODE A CAMOENS

(De Raynouard)

I

Habitants des rives du Tage,
Dirigez mes pas incertains:
J'apporte mon pieux hommage
Au chantre heureux des Lusitains;
Montrez-moi l'auguste retraite
Où repose ce grand poëte
Comblé d'honneurs et de bienfaits.
Que vois-je? Votre indifférence
Dans le besoin, dans la souffrance
Laisse l'Homère Portugais?

II

Barbares! L'affreuse indigence,
Les noirs chagrins et la douleur
Auraient épuisé sa constance,
S'il ne dominait le malheur.
Dans ce délaissement funeste,
Un ami toutefois lui reste.
Mais ce n'est pas un Lusitain;
Chaque soir sa main charitable
Quête le pain que sur leur table
Ils partagent le lendemain.

III

Antonio! ton digne maître
T'aurait célébré dans ses chants...
Les miens t'assureront peut-être
Des souvenirs non moins touchants.

Apprends, serviteur magnanime,
Qu'un dévouement aussi sublime,
D'âge en âge sera cité ;
Oui, de mes chants écho fidèle,
L'avenir dira que ton zèle
Ennoblit la mendicité.

IV

Cependant ce zèle pudique,
Durant la nuit, à demi-voix,
Demande à la pitié publique
D'acquitter la dette des Rois.
Pourquoi te cacher, Belisaire,
Étalant sa noble misère,
Ne croyait pas s'humilier,
Lorsque ce casque où la victoire
Ceignit les palmes de la gloire,
Était réduit à mendier.

V

Ose le montrer dans Lisbonne.
Mendie à la clarté du jour,
Impose une pieuse aumône
Et sur le peuple et sur la cour ;
Qu'avec toi l'illustre poëme
Plus hardi que l'auteur lui-même,
Implore ses concitoyens :
Et les cœurs les plus insensibles
Frémiront à ces mots terribles :
«Faites l'aumône à Camoens.

VI

Mais non : digne rival d'Homère,
De son indigence héritier.
Il sait souffrir, il sait se taire,
Il veut le malheur tout entier.
Leur pitié serait un outrage.
Que la gloire le dédommage,
Et de sa vie et de sa mort :
Fort de courage et d'espérance
Il se résigne à la souffrance
Sans orgueil, comme sans effort.

VII

J'écoute, il s'explique lui-même ;
Dans les succès de mes héros,
N'ai-je pas offert un emblème

Du génie et de ses travaux ?
Pour conquérir aux eaux du Tage
Les tributs d'un lointain rivage,
Suffisait-il de la valeur ?
Non, non, il leur fallait encore
Cette constance qui s'honore
De lutter contre le malheur.

VIII

«Le géant du cap des tempêtes
Soudain se dresse devant eux,
Déploie au-dessus de leurs têtes
Son corps immense, monstrueux.
D'une main il touche aux nuages
D'où la foudre et tous les orages
Seront à l'instant détachés ;
De l'autre il refoule les ondes,
Ouvrant les cavités profondes
Où les abîmes sont cachés.

IX

Fuyez, leur dit-il avec rage,
O téméraires étrangers !
C'est moi qui fermait ce passage ;
Ici j'amasse les dangers.
Mais eux au haut du promontoire
On bientôt reconnu la gloire
Qui les promets à l'Univers ;
Soudain, ces guerriers magnanimes,
Bravant la foudre et les abîmes,
Ravissent le sceptre des mers.

X

«Qui n'applaudit en cette image
L'homme dont l'intrépidité
Force le pénible passage
Qui mène à la postérité ?
Si jusqu'aux palmes immortelles
Il tente des routes nouvelles
Son siècle voudra l'en punir ;
Mais quand l'ignorance et l'envie
Persécutent sa noble vie,
Il se jette dans l'avenir.

XI

Et n'attendez pas qu'il se plaigne
Ni des hommes ni du destin ;
Qu'on l'oublie ou qu'on le dédaigne,

Son espoir n'est pas incertain.
Souvent l'envie inexorable
S'applaudit d'un essai coupable
Elle croit l'avoir insulté ;
Et lui, sans regret ni murmure
Expiant la gloire future
Rêve son immortalité.

XII

Il a dit : «Mon respect contemple
Ce vainqueur de l'adversité
A l'univers donnant l'exemple
De souffrir avec dignité.
Imitez cet exemple auguste,
Talents, qu'outrage un sort injuste,
Ou l'ignorance des mortels,
Soutenez cette noble lutte :
Si, vivants, on vous persécute,
Morts, on vous dresse des autels.

SEGUIDILHAS EM HONRA DE SANTO ANTONIO

(D. Emilio Lafuente y Alcantara)

A San Antonio le pido
Que me dé conformidad
Que los bienes de este mundo
Dios los quita y Dios los da.

Que tienes con San Antonio
Que tanto te acuerdas de él ?
— San Antonio está en el cielo,
Quien estuviera con él ?

San Antonio está en cielo
Eso no lo ignoro yo,
Y tanbien está en la tierra
La Antonia que adoro yo.

La stampa de San Antonio
Siempre la llevo en el pecho,
Quando me acuerdo de Antonio
Saco la estampa y la beso.

San Antonio lleva el niño,
Santo Domingo la estrella,
Y San Juan lleva la palma:
Entiendame quien me entienda.

Tan imposible lo hallo
El duvidar tu cariño,
Como llegar á quitarle
Á San Antonio su niño.

Ni mi padre, ni tu madre,
Ni San Antonio bendito
Me pueden á mi quitar
Que yo te quiera un poquito.

Aunque me digan de ti
Lo que dicen del demonio,
Yo te tengo de querer
Carita de San Antonio.

San Antonio bendito,
Ramo de flores
A las descoloridas
Dales colores.

La primera verbena
Que Dios envia,
Es la de San Antonio
De la florida.

De San Antonio
Antonia mia,
Solo de ver el Santo
Tengo alegria.

Tienes una carita
De San Antonio,
Y una condicionsita
Como un demonio.

LE GÉNIE DES TEMPÊTES

Ce hardi portugais, Gama, dont le courage,
D'un nouvel océan nous ouvrit le passage,
De l'Afrique déjà voyait fuir les rochers;
Un fantôme du sein de ces mers inconnus
S'élevant jusqu'aux nues,
D'un prodige sinistre effraya les rochers.

Il étendait son bras sur l'élément terrible;
Des nuages épais chargeaient son front horrible,
Autour de lui grondaient le tonerre et les vents;
Il ébranla d'un cri les demeures profondes,
Et sa voix sur les ondes
Fit retentir au loin ces funestes accents:

«Arrête (disait-il), arrête, peuple impie;
Reconnais de ces bords le souverain génie,
Le dieu de l'Océan dont tu foules les flots!
Crois tu qu'impunement, ô race sacrilége,
Ta fureur qui m'assiége,
Ait sillonné ces mers qu'ignoraient tes vaisseaux?

Tremble, tu vas porter ton audace profane
Aux rives de Mélinde, aux bords de Taprobane,
Qu'en vain si loin de toi placèrent les destins
Vingt peuples t'y suivront; mais ce nouvel empire
Où tu vas les conduire
N'est qu'un tombeau de plus creusé pour les humains.

J'entends des cris de guerre au milieu des naufrages
Et les sons de l'airant se mêlant aux orages
Et les foudres de l'homme au tonnerre des cieux
Les vainqueurs, les vaincus, deviendront mes victimes;
Au fond de mes abîmes
Leurs coupables trésors descendront avec eux»

Il dit, et se courbant sur les eaux écumantes,
Il se plongea soudain dans ces roches bruyantes,
Où le flot va se perdre, et mugit renfermé.
L'air parut s'embraser, et le roc se dissoudre,
Et les traits de foudre
Éclatèrent trois fois sur l'écueil inflammé.

(La Harpe, *Ode sur la navigation.*)

UNE NUIT D'ÉTÉ AUX ENVIRONS DE LISBONNE

Charmant séjour des belles rives du Tage
Triste et pensif je vous fais mes adieux!
Je vois les flots s'endormir sur la plage;
La lune éclaire et la terre et les cieux.

Le nautonier sur sa barque fragile
Laisse, en passant, un sillon lumineux;
La rame fend la surface mobile,
L'écho répète ses amours et ses vœux.

Le doux zéphir, inconstant et volage,
Sème partout des parfums délicieux...
Charmant séjour, belles rives du Tage
Triste et pensif, je vous fais mes adieux[1].

AL TAJO

(Poesia de D. Barcia Roque)

Al pié sentado de arboles umbrosos
Casi me consolé de mis revezes:
Que floridos, que alegres, que frondosos
Son los hermosos campos portugueses!

Miro aqui el Tajo que á las playas corre,
Allá una nave de pujante proa;
Allá á los lejos la moruna torre
De una bella ciudad: Salve! Lisboa!

Y quizá un dia (aun que no sepa quando)
Entre torrentes de materia informe,
Nade sobre tus aguas chispeando
De hondo volcan la catarata enorme.

Y acaso esa ciudad, raro portento,
A eterna perdicion la frente inclina,
Y tus ondas, en curso macilento,
Resarán sollozando su ruina.

---

[1] Foram escriptos estes versos em Lisboa no verão de 1852.

ALMADA-HILL

(An Epistle from Lisbon, by William Julius Mickle)

Embora nenhuns assumptos sejam mais apropriados para a poesia, do que os que são baseados em assumptos antigos, o auctor de um tal poema tem contra si desvantagens mui particulares: cada um póde comprehender e ler varias vezes uma obra meramente ficticia, descriptiva ou sentimental; porém um previo conhecimento e até mesmo intimidade com a historia e caracteres sobre os quaes o outro poema é baseado, é absolutamente necessario para fazer justiça ao seu auctor. Sem um tal previo conhecimento, as ideas que elle reuniria passariam sem serem observadas, como se estivessem n'uma lingua desconhecida. E a mais feliz allusão, se ella for bastantemente para attingir alguma cousa de um tal nome, é não sentido nem visto Debaixo de taes desvantagens a seguinte epistola é apresentada ao publico, cuja indulgencia e candura o auctor tem ja amplamente experimentado.

While you, my Friend, from louring wintery plains
Now pale with snows, now black with drizzling rains,
From leafless woodlands, and dishonour'd bowers
Mantled by gloomy mists, or lash'd by showers
Of hollow moan, while not a struggling beam
Steals from the Sun to play on Isis' stream;
While from these scenes by England's winter spread
Swift to the cheerful hearth your steps are led,
Pleas'd from the threatening tempest to retire
And join the circle round the social fire;
In other clime through sun-bask'd scenes I stray,
As the fair landscape leads my thoughtful way,
As upland path, oft winding, bids me rove
Where orange bowers invite, or olive grove,
No fullen phantoms brooding o'er my breast,
The genial influence of the clime I taste;
Yet still regardful of my native shore,
In every scene, my roaming eyes explore,
Whate'er its aspect, still, by memory brought,
My fading country rushes on my thought.

While now perhaps the classic page you turn,
And warm'd with honest indignation burn,
'Till hopeless, sickled by the climate's gloom,
Your generous fears call forth Britannia's doom,
What hostile spears her sacred lawns invade,
By friends deserted, by her chiefs betray'd,

Low fall'n and vanquish'd! — I, with mind serene
As Lisboa's sky, yet pensive as the scene
Around, and pensive seems the scene to me,
From other ills my country's fate foresee.

Not from the hands that wield Iberia's spear,
Not from the hands that Gaul's proud thunders bear,
Nor those that turn on Albion's breast the sword
Beat down of late by Albion when it gored
Their own, who impious doom their parent's fall
Beneath the world's great foe th'insidious Gaul;
Yes, not from these the immedicable wound
Of Albion.— Other is the bane profound
Destined alone to touch her mortal part;
Herself is sick and poisoned at the heart.

O'er Tago's banks where'er I roll mine eyes
The gallant deeds of ancient days arise;
The scenes the Lusian Muses fond display'd
Before me oft, as oft at eve I stray'd
By Isis' hallowed stream. Oft now the strand
Where Gama march'd his death-devoted band,
While Lisboa awed with horror saw him spread
The daring sails that first to India led;
And oft Almada's castled steep inspires
The pensive Muse's visionary fires;
Almada Hill to English Memory dear,
While shades of English heroes wander here!

To ancient English valour sacred still
Remains, and ever shall, Almada Hill;
The hill and lawns to English valour given
What time the Arab Moons from Spain were driven,
Before the banners of the Cross subdued,
When Lisboa's towers were bathed in Moorish blood.
By Gloster's lance.— Romantic days that yeld
Of gallant deeds a wide luxuriant field
Dear to the Muse that loves the fairy plains
Where ancient honour wild and ardent reigns.

Where high o'er Tago's flood Almada lowers,
Amid the solemn pomp of mouldering towers
Supinely seated, wide and far around
My eye delighted wanders.— Here the bound
Of fair Europa o'er the Ocean rears
Its western edge; where dimly disappears
The Atlantic wave the slow descending day

Mild beaming pours serene the gentle ray
Of Lusitania's winter, silvering o'er
The tower-like summits of the mountain shore;
Dappling the lofty cliffs that coldly throw
Their sable horrors o'er the vales below.
Far round the stately-shoulder'd river bends
Its giant arms, and sea-like wide extends
Its midland bays, with fertile islands crown'd,
And lawns for English valour still renown'd:
Given to Cornwallia's gallant sons of yore,
Cornwallia's name the smiling pastures bore;
And still their Lord his English lineage boasts
From Rolland famous in the Croisade Hosts.

Where sea-ward narrower rolls the shinning tide
Through hills by hills embosom'd on each side,
Monastic walls in every glen arise
In coldest white fair glistening to the skies
Amid the brown-brow'd rocks; and, far as sight,
Proud domes and villages array'd in white
Climb o'er the steeps, and thro' the dusky green
Of olive groves, and orange bowers between,
Speckled with glowing red, unnumber'd gleam —
And Lisboa towering o'er the lordly stream
Her marble palaces and temples spreads
Wildly magnific o'er the loaded heads
Of bending hills, along whose high-piled base
The port capacious, in a moon'd embrace,
Throws her mast-forest, waving on the gale
The vanes of every shore that hoists the sail.

Here while the Sun from Europe's breast retires,
Let Fancy, roaming as the scene inspires,
Persue the present and the past restore,
And Nature's purpose in her steps explore.

Nor you, my Friend, admiring Rome, disdain
Th' Iberian fields and Lusitanian Spain.
While Italy, obscured in tawdry blaze,
A motley, modern character displays,
And languid trims her long exhausted store;
Iberia's fields with rich and genuine ore
Of ancient manners wooe the traveller's eys;
And scenes untraced in every landscape lie.
Here every various dale with lessons fraught
Calls to the wanderer's visionary thought
What mighty deeds the lofty hills of Spain

Of old have witness'd.— From the evening main
Her mountain tops the Tyrian pilots saw
In lightnings wrapt, and thrill'd with sacred awe
Thro' Greece the tales of Gorgons, Hydras spread,
And Geryon dreadful with the triple head;
The stream of Lethe, and the dread abodes
Of forms gigantic, and infernal gods.
But soon, by fearless lust of gold impell'd,
They mined the mountain, and explored the field;
'Till Rome and Carthage, fierce for empire, strove,
As for their prey two famish'd birds of Jove.
The rapid Durius then and Bœtis' flood
Were died with Roman and with Punic blood,
While oft the lengthening plains and mountain sides
Seem'd moving on, slow rolling tides on tides,
When from Pyrene's summits Afric pour'd
Her armies, and o'er Rome destruction lour'd.

Here while the Youth revolves some Hero's fame,
If patriot zeal his British breast inflame,
Here let him trace the fields to freedom dear
Where low in dust lay Rome's invading spear;
Where Viriatus proudly trampled o'er
Fasces and Roman eagles steept in gore;
Or where he fell, with honest laurels crown'd,
The awful victim of a treacherous wound;
A wound still bathed in Honour's generous tear,
While Freedom's wounds the brave and good revere;
Still pouring fresh th'inexpiable stain
O'er Rome's patrician honour false and vain!

Or should the pride of bold revolt inspire,
And touch his bosom with unhallowed fire;
If merit spurn'd demand stern sacrifice,
O'er Ev'ra's fields let dread Sertorius rise,
Dyed in his country's blood, in all the pride
Of wrongs revenged, illustrious let him ride
Enshrined, o'er Spain, in Victory's dazzling rays,
'Till Rome look pale beneath the mounting blaze.
But let the British wanderer thro' the dales
Of Ev'ra stray, while midnight tempest wails:
There as the hoary villagers relate
Sertorius, Sylla, Marius, weep their fate,
Their spectres gliding on the lightning blue,
Oft doom'd their ancient stations to renew;
Sertorius bleeding on Perpenna's knife,
And Marius sinking in ambition's strife;
As forest boars entangled in a chain,

Dragg'd on, as stings each Leader's rage or pain;
And each the furious Leader in his turn,
'Till low they lie, a ghastly wreck forlorn.

And fay, ye tramplers on your country's mounds,
Say who shall fix the swelling torrent's bounds?
Or who shall sail the pilot of the flood?
Alas, full oft some worthless trunk of wood
Is whirl'd into the port, blind Fortune's boast,
While noblest vessels, founder'd, strew the coast!

If wars of fairer fame and old applause,
That bear the title of our country's cause,
To humanise barbarians, and to raise
Our country's prowess, their asserted praise;
If these delight, Hispania's dales display
The various arts and toils of Roman sway.
Here jealous Cato laid the cities waste,
And Julius here in fairer pride replaced,
'Till ages saw the labours of the plough
By every river, and the barren bough
Of laurel shaded by the olive's bloom,
And grateful Spain the strength of lordly Rome;
Hers mighty bards, and hers the sacred earth
That gave the world a friend in Trajans's birth.

When Rome's wide empire, a luxurious prey,
Debased in false refinement nerveless lay,
The northern hords on Europe's various climes
Planted their ruling virtues and their crimes.
Cloister'd by Tyber's stream the slothfull staid,
To Seine and Loire the gay and friv'lous stray'd,
A sordid groupe the Belgian marshes pleased,
And Saxony's wild forests Freedom seized,
There held her juries, poised the legal scales; —
And Spain's romantic hills and lonely dales
The pensive Lover sought; and Spain became
The land of gallantry and amorous flame.
Hail, favour'd clime! whose lone retreats inspire
The softest dreams of languishing desire,
Affections trembling with a glow all holy,
Wildly sublime, and sweetly melancholy;
'Till rapt devotion to the Fair, refine
And bend each passion low at Honour's shrine.
So felt the iron Goth when here he brought
His worship of the Fair with valour fraught:
Soon as Iberia's mountains fixt his home,

He rose a character unknown to Rome;
His manners wildly colour'd as the flowers
And flaunting plumage of Brazilian bowers:
New to the world as these, yet polish'd more
Than e'er the pupil of the Attic lore
Might proudly boast. On man's bold arm robust
The tender Fair reclines with fondest trust:
With Nature's finest touch exultings glows
The manly breast which that fond aid bestows:
That first of generous joys on man bestow'd,
In Gothic Spain in all its fervour glow'd.
Then high burn'd honour; and the dread alarms
Of danger then assumed the dearest charms.
What for the Fair was dared or suffered, bore
A saint-like merit, and was envied more;
'Till led by love-sick Fancy's dazzled flight,
From Court to Court forth roam'd Adventur's Knight;
And tilts and tournaments, in mimic wars,
Supplied the triumphs and the honour'd scars
Of arduous battles for their country fought,
Till the keen relish of the marvellous wrought
All wild and fever'd; and each peaceful shade,
With batter'd armour deckt, its Knight display'd,
In soothing transport, listening to the strain
Of dwarfs and giants, and of monsters slain;
Of spells all horror, and enchanters dire,
And the sweet banquet of the amorous fire,
When Knights and Ladies chaste, relieved from thrall,
Hold Love's high holiday in bower and hall.

'T was thus, all pleasing to the languid thought,
With magic power the tales of magic wrought;
Till by the Muses armed, in all the ire
Of wit, resistless as electric fire,
Forth rode La Mancha's Knight; and sudden fled
Goblins and beauteous nymphs, and pagans dread,
As the delirious dream of sickness flies,
When health returning smiles from vernal skies.

But turn we now from Chivalry diseased,
To Chivalry when Honour's wreath she seized
From Wisdom's hand.— From Taurus rugged steep,
And Caucasus, far round with headlong sweep,
As wolves wild howling from their famish'd den,
Rush'd the devouring bands of Sarazen:
Their savage genius, giant-like and blind,
Trampling with sullen joy on human kind,
Assyria lay its own uncover'd grave,

And Gallia trembled to th'Atlantic wave:
In awful vaste the fairest cities moan'd,
And human Liberty expiring groan'd
When Chivalry arose: —Her ardent eye
Sublime, that fondly mingled with the sky,
Where patience watch'd, and stedfast purpose frown'd
Mixt with Devotion's fire, she darted round,
Stern and indignant; on her glittering shield
The Cross she bore, and proudly to the field
High plumed she rush'd; by Honour's dazzling fired,
Conscious of Heaven's own cause, and all inspired
By holy vows, as on the frowning tower
The lightning vollies, on the crested power
Of Sarazen she wing'd her javelin's way,
And the wide-wasting giant prostrate lay.

Let supercilious Wisdom's smiling pride
The passion wild of these bold days deride;
But let the humbler Sage with reverence own
That something sacred glows, of name unknown,
Glows in the deeds that Heaven delights to crown;
Something that boasts an impulse uncontroul'd
By school-taught prudence, and its maxims cold.
Fired at the thought, methinks on sacred ground
I tread; where'er I cast mine eyes around,
Palmela's hill and Cintra's summits tell
How the grim Sarazen's dread legions fell;
Turbans and cymeters in carnage roll'd,
And their moon'd ensigns torn from every hold: —
Yes, let the Youth whose generous search explores
The various lessons of Iberia's shores,
Let him as wandering at the Muse's hour
Of eve or morn where low the Moorish tower,
Fallen from its rocky height and tyrant sway,
Lies scatter'd o'er the dale in fragments grey,
Let him with joy behold the hills around
With olive forests, and with vineyards crown'd,
All grateful pouring on the hands that rear
Their fruit, the fruitage of the bounteous year.
Then let his mind to fair Ionia turn, —
Alas! how vaste Ionia's landscapes mourn;
And thine, O beauteous Greece, amid the towers
Where dreadful still the Turkish banner lowers;
Beneath whose gloom, unconscious of the stain
That dims his soul the peasant hugs his chain.
And whence these woes debasing human kind?
Eunuchs in heart, in polish'd sloth reclin'd,
Thy sons, degenerate Greece, ignobly bled,

And fair Byzantium bow'd th' imperial head;
While Tago's iron race, in dangers steel'd,
All ardour, dared the horrors of the field.
The towers of Venice trembled o'er her flood,
And Paris' gates aghast and open stood;
Low lay her Peers on Fontarabia's plains:
And Lisboa groan'd beneath stern Mah'met's chains:
Vain was the hope the North might rest unspoil'd;
When stern Iberia's spirit fierce recoil'd.
As from the toils the wounded lion bounds,
And tears the hunters and the sated hounds;
So smarting with his wounds th' Iberian tore,
And to his sun-scorch'd regions drove, the Moor:
The vengeful Moors, as mastiffs on their prey,
Return'd; as heavy clouds their deep array
Blacken'd o'er Tago's banks.— As Sagrez braves
And stems the furious rage of Afric's waves,
So braved, so stood the Lusitanian bands,
The southern bulwark of Europa's lands.
Such were the foes by Chivalry repell'd,
And such the honours that adorn'd her shield.
And ask what Christian Europe owes the high
And ardent soul of gallant Chivalry,
Ask, and let Turkish Europe's groans reply!

As through the pictured abbey window gleams
The evening Sun with bold though fading beams,
So through the reverend shade of ancient days
Gleam these bold deeds with dim yet golden rays.
But let not glowing Fancy as it warms
O'er these, high honour's youthful pride in arms,
Forget the stern ambition and the worth
Of minds mature, by patriot Kings call'd forth;
That worth that roused the nations to explore
Old Ocean's wildest waves and farthest shore.

By human eye untempted, unexplored,
An awful solitude, old Ocean roar'd:
As to the fearful dove's impatient eye
Appears the height untry'd of upper sky;
So seem'd the last dim wave, in boundless space
Involved and lost, when Tago's gallant race,
As eagles fixing on the Sun their eyes
Through gulphs unknown explor'd the morning skies;
And taught the wondering world the grand design
Of parent heaven, that shore to shore should join
In bands of mutual aid, from sky to sky,
And Ocean's wildest waves the chain supply.

And here, my Friend, how many a trophy woes
The Briton's earnest eye, and British Muse!
Here bids the youthful Traveller's care forego
The arts of elegance and polish'd shew;
Bids other arts his nobler thoughts engage,
And wake to highest aim his patriot rage;
Those arts which raised that race of men, who shone
The heroes of their age on Lisboa's throne.
What mighty deeds in filial order flow'd,
While each still brighter than its parent glow'd,
Till Henry's Naval School its heroes pour'd
From pole to pole wherever Ocean roar'd!
Columbus, Gama, and Magellan's name,
Its deathless boast; and all of later fame
Its offspring — kindling o'er the view the Muse
The naval pride of those brights day reviews;
Sees Gama's sails, that first to India bore,
In awful hope evanish from the shore;
Sees from the silken regions of the morn
What fleets of gay triumphant vanes return!
What heroes, plumed with conquest, proudly bring
The Eastern sceptres to the Lusian King!
When sudden, rising on the evening gale,
Methinks I hear the Ocean's murmurs wail,
And every breeze repeat the woeful tale,
How bow'd, how fell proud Lisboa's naval throne —
Ah heaven, how cold the boding thoughts rush on!
Methinks I hear the shades that hover round
Of English heroes heave the sigh profound,
Prophetic of the kindred fate that lowers,
O'er Albion's fleets and London's proudest towers.

Broad was the firm-based structure and sublime,
That Gama fondly rear'd on India's clime:
On justice and benevolence he placed
Its ponderous weight, and warlike trophies graced
Its mountings turrets; and o'er Asia wide
Great Albuquerk renown'd its generous pride.
The injured native sought its friendly shade,
And India's Princes blest its powerful aid:
Till from corrupted passions basest hour
Rose the dread demon of tyrannic power.
Sampaio's heart, where dauntless valour reign'd,
And counsel deep, she seiz'd and foul profaned.
Then the straight road where sacred justice leads,
Where for its plighted compact honour bleeds,
Was left, and holy patriot zeal gave place
To lust of gold and self-devotion base:

Deceitful art the Chief's sole guide became,
And breach of faith was wisdom; slaughter, fame.
Yet though from far his hawk-eye markt its prey,
Soon through the rocks that crost his crooked way,
As a toil'd bull, fiercely he stumbled on,
Till low he lay dishonour'd and o'erthrown.

Others, without his valour or his art,
With all his interested rage of heart,
Follow'd, as blighting mists on Gama's toil,
And undermined and rent the mighty pile;
Convulsions dread its deep foundations tore,
Its bending head the scath of lightning bore:
Its falling turrets desolation spread;
And from its faithless shade in horror fled
The native tribes — yet not at once subdued;
Its pristine strength long storms on storms withstood:
A Nunio's justice, and a Castro's sword,
Oft raised its turrets, and its dread restored.
Yet, like the sunshine of a winter day
On Norway's coast, soon died the transient ray.
A tyrant race, who own'd no country, came,
Deep to intrench themselves their only aim;
With lust of rapine fever'd and athirst,
With the unhallowed rage of game accurst;
Against each spring of action, on the breast
For wisest ends, by Nature's hand imprest,
Stern war they waged; and blindly ween'd, alone
On brutal dread, to fix their cruel throne.
The wife and good, with indignation fired,
Silent from their unhallowed board retired;
The Base and Cunning staid, and, slaves avow'd,
Submiss to every insult smiling bow'd.
Yet while they smiled and bow'd the abject head,
In chains unfelt their Tyrant Lords they led;
Their av'rice, watching as a bird of prey,
O'er every weakness, o'er each vice held sway;
Till secret art assumed the thwarting face,
And dictate bold; and ruin and disgrace
Closed the unworthy scene. Now trampled low
Beneath the injured native, and the foe
From Belgia lured by India's costly prey,
Thy glorious structure, Gama, prostrate lay;
And lies and desolated awful gloom,
Dread an instructive as a ruin'd tomb.

Nor less on Tago's than on India's coast
Was ancient Lusian Virtue stain'd and lost:

On Tago's bank's, heroic ardour's foes,
A soft, luxurious, tinsel'd race, arose;
Of lofty boastful look and pompous shew,
Triumphant tyrants o'er the weak and low:
Yet wildly starting from the gaming board
At every distant brandish of the sword;
Already conquer'd by uncertain dread,
Imploring peace with feeble hands outspread;—
Such peace as trembling suppliants still obtain,
Such peace they found beneath the yoke of Spain;
And the wide empires of the East no more
Poured their redundant horns on Lisboa's shore.

Alas, my Friend, how vain the fairest boast
Of human pride! how soon is Empire lost!
The pile by ages rear'd to awe the world,
By one degenerate race to ruin hurl'd!
And shall the Briton view that downward race
With eye unmoved, and no sad likeness trace!
Ah heaven! in every scene, by memory brought,
My fading country rushes on my thought.

From Lisboa now the frequent vesper bell
Vibrates o'er Tago's stream with solemn knell.
Turn'd by the call my pensive eye surveys
That mighty scene of Hist'ry's shame and praise.
Methinks I hear the yells of horror rise
From slaughter'd thousands shrieking to the skies,
As factious rage or blinded zeal of yore
Roll'd their dire chariot wheels through streams of gore.
Now throbs of other glow my soul employ;
I hear the triumph of a nation's joy,
From bondage rescued and the foreign sword,
And Independence and the Throne restored!

Hark, what low sound from Cintra rock! the air
Trembles with horror; fainting lightnings glare;
Shrill crows the cock, the dogs give dismal yell;
And with the whirlwind's roar full comes the swell;
Convulsive staggers rock th' eternal ground,
And heave the Tagus from his bed profound;
A dark red cloud the towers of Lisboa veils,
Ah heaven, what dreadful groan! the rising gales
Bring light; and Lisboa smoaking in the dust
Lies fall'n.—The wide-spread ruins still august,
Still shew the footsteps where the dreadful God
Of earthquake, cloath'd in howling darkness, trod:
Where mid foul weeds the heaps of marble tell

From what proud height the spacious temples fell;
And penury and sloth of squalid mien
Beneath the roofless palace walls are seen
In savage hovels, where the tap'stried floor
Was trod by Nobles and by Kings before;
How like, alas, her Indian empire's state!
How like the city's and the nation's fate!
Yet Time points forward to a brighter day;
Points to the domes that stretch their fair array
Through the brown ruins, lifting to the sky
A loftier brow and mien of promise high;
Points to the river-shore where wide and grand
The Courts of Commerce and her walks expand,
As an Imperial palace to retain
The Universal Queen, and fix her reign;
Where pleas'd she hears the groaning oar resound;
By magazines and ars'nals mounded round,
Whose yet unfinished grandeur proudly boasts
The fairest hope of either India's coasts,
And bids the Muse's eye in vision roam
Through mighty scenes in ages long to come.

Forgive, fair Thames, the song of truth that pays
To Tago's empress-stream superior praise;
O'er every vauntful river be it thine
To boast the guardian shield of laws divine;
But yeld to Tagus all the sovereign state
By Nature's gift bestow'd and partial Fate,
The sea-like port and central sway to pour
Her fleets, by happiest course, on every shore.

When from the sleep of ages dark and dead,
Thy Genius, Commerce, rear'd her infant head,
Her cradle bland on Tago's lap she chose,
And soon to wandering childhood sprightly rose;
And when to green and youthful vigour grown
On Tago's breast she fixt her central throne;
Far from the hurricane's resistless sweep
That tears with thundering rage the Carib deep;
Far from the foul-winged Winter that deforms
And rolls the northern main with storms on storms;
Beneath salubrious skies, to summer gales
She gives the ventrous and returning sails:
The smiling isles, named fortunate of old,
First on her Ocean's bosom fair unfold:
Thy world, Columbus, spreads its various breast,
Proud to be first by Lisboa's waves carest;
And Afric wooes and leads her easy way

To the fair regions of the rising day.
If Turkey's drugs invite or silken pride,
Thy straits, Alcides, give the ready tide;
And turn the prow, and soon each shore expands
From Gallia's coast to Europe's northern lands.

When Heaven decreed low to the dust to bring,
That lofty oak, Assyria's boastful King,
Deep, said the angel voice, the roots secure
With bands of brass, and let the life endure,
For yet his head shall rise.—And deep remain
The living roots of Lisboa's ancient reign,
Deep in the castled isles on Asia's strand,
And firm in fair Brazilia's wealthy land.
And say, while ages roll their length'ning train,
Shall Nature's gifts to Tagus still prove vain,
An idle waste! — A dawn of brightest ray
Has boldly promised the returning day
Of Lisboa's honours, fairer than her prime
Lost by a rude unletter'd Age's crime —
Now Heaven taught Science and her liberal band
Of Arts, and dictates by experience plann'd,
Beneath the smiles of a benignant Quen
Boast the fair opening of a reign serene,
Of omen high.— And Camoens' Ghost no more
Wails the neglected Muse on Tago's shore;
No more his tears the barbarous Age upbraid:
His griefs and wrongs all sooth'd his happy shade
Beheld th' Ulysses of his age return
To Tago's banks; and earnest to adorn
The Hero's brows, he weaves the Elysian crown,
What time the letter'd Chiefs of old renown,
And patriot Heroes, in the Elysian bowers
Shall hail Braganza: of the fairest flowers
Of Helicon, entwined with laurel leaves
From Maxen field, the deathless wreath he weaves;
Anxious alone, nor be his vows in vain!
That long his toil unfinished may remain!

The view how grateful to the liberal mind,
Whose glow of heart embraces human kind,
To see a nation rise! But ah, my Friend,
How dire the pangs to mark our own descend!
With ample powers from ruin still to save,
Yet as a vessel on the furious wave,
Through sunken rocks and rav'nous whirlpools tost,
Each power to save in counter-action lost,
Where, while combining storms the decks o'erwhelm,

Timidity slow faulters at the helm,
The crew, in mutiny, from every mast
Tearing its strength, and yielding to the blast;
By Faction's stern and gloomy lust of change,
And selfish rage inspired and dark revenge —
Nor ween, my Friend, that favouring Fate forebodes
That Albion's state, the toil of demi-gods,
From ancient manners pure, through ages long,
And from unnumber'd friendly aspects sprung;
When poison'd at the heart its soul expires,
Shall e'er again relume its generous fires:
No future day may such fair Frame restore:
When Albion falls, she falls to rise no more.

POESIA EM HONRA DE LISBOA

Ciudad hermosa, reina del Occidente,
Que en orillas del Oceano sentada,
Riendo ostentas tu orgullosa frente
De castillos y torres coronada;
Mansion de encantos, hoy por ti suspira
Lejos de ti mi abandonada lira.

Ay quien me diera, de la brisa en las alas,
Cual paloma cruzar tu puro cielo
E nagenado contemplar tus galas,
Y adormirme un instante en ese suelo
Respirando el aroma de tus flores,
Que brinda al corazon dulces amores!

Sirve á tus piés de matizada alfombra
La mar azul cubierta de bajeles,
Cada bandera al ondular te nombra
Y parece saluda tus laureles;
Que es vano empeño oscurecer tu gloria,
Pues grabada hondamente está en la historia.

De esa playa salió el inclito Gama
Con su flota á buscar el rico Oriente;
Y entre Colon y el plugo de la fama
Repartir uno y otro continente...
Oh! si: los dos surcando el mar profundo
Dieron á Iberia posesion del mundo.

Y para eternizar tamaña empreza,
Gran monasterio alzaste en esa orilla,

Y el onda humilde murmurando besa
Su augusto templo, insigne maravilla,
Monumento precioso, tan sagrado
Qu'el mismo terremoto ha respetado.

Ai! al pisar aquelle recinto santo
Bajo la inmensa bóbeda sombria,
Revuela absorta en alas del espanto
A otros tiempos la ardiente fantasia;
Y al ver del gran Manuel la regia tumba,
La Lusitania gloria en torno zumba.

Arrostrando las olas y los vientos
En la cuna del sol las armas lusas
Brillaron, y en los magicos acentos
Del plectro que Camoens robó á las musas
Para enzalsar, ó Portugal, tu gloria,
Y legar á los siglos tu memoria.

Patria ingrata! ni aun le has consagrado
Un humilde sepulcro reverente
Al que doble guirnalda ha laureado
Como vate ilustre y adail valiente!
Dios lo ha querido asi!... de esta manera
Tiene por tumba la nacion entera.

Desaparecieron tus pasadas glorias;
Mas no por eso llores, Lisia bella;
Otras te esperan menos ilusorias,
Eclipsada no está tu blanca estrella
Que si dueña ayer fuiste del Oriente,
Serás mañana reina del Occidente.

Cuando de Tubal la indomable raza
En vinculo fraterno se haya unido,
Vasto horizonte el porvenir nos traza
Iberia será aun más de lo que ha sido,
Que no es grandeza conquistar por guerra,
Sino el ser libres é ilustrar la tierra.

Y entretanto del cefiro en las alas
Quien pudiera cruzar tu puro cielo,
Gozoso contemplar tus ricas galas,
Y dormir en el cesped de tu suelo,
Aspirando el aroma de tus flores,
Que brinda al corazon dulces amores.

Madrid, 18 de febrero de 1857.

AL MONASTERIO DE LA PEÑA EN CINTRA

Esa que vés altisima montaña,
La plantó Dios en el inmenso llano:
Mira alli al Tajo, que los campos baña,
Y allá la mar en el confin lejano...
De enormes rocas sobre eterno asiento,
De los siglos al paso desafia;
Y qual gigante torre y atalaia,
Vé a sus plantas yacer la humilde playa
Y su cerviz eleva al firmamento.
Alli latiendo el pecho generoso,
Bañado el rostro en llanto de alegria,
El monarca piadoso
Las anheladas vélas descobria:
Al subito contento
Falta la voz y aliento,
A Dios levanta los humildes ojos,
Y un voto hace ferviente;
En tanto que á sus piés arrodillado
Vése el heroe esforzado
Que al sol robó las llaves del Oriente.
De austeros cenobitas
Esa fué la mansion, ese el asilo:
Del mundo aislados, qual la misma roca,
Sereno el pecho, el animo tranquilo,
Ruda tormenta, del sagrado albergue
Un dia los lanzó: mas la memoria
Del gran monarca vivirá por siempre,
Cual de Vasco inmortal la eterna gloria;
Y es comun voz que en la callada noche
Suelen alli vagar sus sombras graves;
En tanto que en las nubes se retrata
La imagen fiel de las ansiadas naves.

CAMOENS

(The Stranger's Guide. Lisbon, 1847.)

Lusus the loved companion of God,
In Spain's fair bosom fixed his last abode,
Our kingdom founded, and illustrious reigned
In those fair lawns, the blest Elisium feigned.
Where winding oft the Guadiana roves,
And Douro murmurs through the flowery groves.

Henry with his bones he left his deathless fame,
And Lusitania's clime shall ever bear his name.

That other chief th' embroidered silk displays,
Tossed on deep whole years of weary days,
On Tagus' banks at last his vows he paid
To Wisdom's Godlike power the Jove-born maid.
Who fired his lips with eloquence divine,
On Tagus' banks he reared the hallowed shrine.
Ulysses he, though fated to destroy
On Asia's ground the Heaven-built towers of Troy,
On Europe's strand, more grateful to the skies
He bade eternal walls of Lisbon rise.
The desolation which he caused is thus hinted at by Camoens:
«The stern Castilian drew the vengeful brand:
And stroud proud victor the trembling land
How dread the hour, when injured Heaven in rage
Thunders its vengeance on a guilty age
Unmanly sloth the King, the nation stained;
And lewdness fostered by the monarch reigned.
Such was his rage for beauteous Leonore,
Her from her husband's widowed arms he tore;
Then with unblest, unhallowed nuptials stained,
The sacred altar and its rights profaned
Alas! the splendor of a crown how vain
From Heaven's dread eye to veil the dimmest stain.

POESIA INGLEZA EM HONRA DE CINTRA

T'is a most lovely spot, How the weary heart
After scant breathing's; in the heated air.
Of the close city, and the crowded mart,
Treasure's place like this where it may dwell
And breathe its beauty in; like some sweet, hallowed spell.

How beautiful it is, the very skies
Bend o'er it with a holier look of love.
And in the dewy dark i'ts starry eyes
Seem gazing down, like angel from above,
As though to guard it through the long night
Were a sweet privilege, and a rare light.

T'early autumn, and a calm bright day,
Half wistfully I turned, and gazed around,
How smilingly and fair before me lay
Cintra; with all its weight of beauty crowned.
How beautiful, the sunset cloud's hung o'er it with warm light.
And throwing o'er the villa a flush unearthly bright.

POESIA SOBRE O DESASTRE DE LISBOA

Ó malheureux mortels! O terre déplorable!
Ó de tous les mortels assemblage effroyable!
D'inutiles douleurs eternel entretien!
Philosophes trompés qui criez : «Tout est bien»
Accourez, contemplez ces ruines affreuses,
Ces débris, ces lambeaux, ces cendres malhereuses,
Ces femmes, ces enfants, l'un sur l'autre entassés,
Sous ces marbres rompus ces membres dispersés
Cent mille infortunés que la terre dévore,
Qui, sanglants, déchirés, et palpitants encore,
Enterrés sous leurs toits, terminent sans secours
Dans l'horreur du tourment leurs lamentables jours!
Aux cris demi-formés de leurs voix expirantes,
Au spectacle effrayant de leurs cendres fumantes,
Direz vous : C'est l'effet des eternelles lois
Qui d'un Dieu libre et bon nécessitent le choix?
Direz vous, en voyant cet amas de victimes:
Dieu s'est vengé, leur mort est le prix de leurs crimes?
Quel crime, quelle faute, ont commis ces enfants
Sur le sein maternel écrasés et sanglants?
Lisbonne, qui n'est plus, eut elle plus de vices?

SONETO

Ao sympathico barytono portuguez Antonio Maria Celestino em digressão pela America

Queria atravessar o immenso espaço,
Bem como aguia altiva, erguendo o collo,
Como o raio voar de um a outro polo,
E tudo para dar-te estreito abraço.

Meu desejo, porém, não satisfaço,
Pois não sáio d'aqui do patrio solo,
Acredita, velho amigo, não ha dolo,
N'esta simples lembrança que aqui faço.

Recordo de tua voz os sons maviosos,
No palco de S. Carlos tanta vez
Coroados pelos «bravos» estrondosos;

E tu, bello cantor, sem altivez
Cercado por um bando de invejosos,
Só tinhas contra ti ser portuguez.

1866.

SCÈNE EN VERS

(A l'occasion du mariage de Sa Majesté D. Maria II)

UN FRANÇAIS

Dans les airs quels cris d'allegresse!...
Les cloches au son argentin,
La voix tonnante de l'airain,
D'un grand peuple attestent l'ivresse!
Quelle solennité, remplissant tous les cœurs,
D'un bonheur éternel semble aujourd'hui le gage!...
Habitants désolés des bords fleuris du Tage,
Ce jour a-t-il seché vos pleurs?...
J'ai fui, naguère, un sol en proie à trop d'alarmes,
J'ai vu les Portugais déchirer leur pays;
L'un contre l'autre ils dirigeaient leurs armes!
Ceux par le sentiment, par la nature unis,
Confondaient leur sang et leurs larmes!
O vous, témoin de tant d'horreurs,
De leurs combats, de leurs guerres civiles;
Expliquez-moi ces jours tranquilles
Et ce pavé jonché de fleurs.

UN PORTUGAIS

Français, qui revoyez notre Lusitanie,
Sachez que de son sein la discorde est bannie.
L'artisan de nos maux, l'auteur de nos dangers,
Avec elle a dû finir vers des bords étrangers.
Du retour de la paix nous célébrons la fête:
Et l'hymen fortuné dont la pompe s'apprête
Assure au Portugal un heureux avenir.
Ce jour de tous nos droits garantit la conquête;
De nos sanglants débats chasse le souvenir;
Et pour jamais va nous unir.
Cependant il n'est point de bon jour sans nuage!...
Aux accents du plaisir se mêlant des regrets;
Et les flambeaux du mariage
Brillent à travers les cyprès!!!
Brave et sage Don Pedro!... ainsi que Henri-Quatre,
Pendant près de trois ans il lui fallut combattre
Pour ressaisir le sceptre à sa fille échappé,
Par un perfide ami, par un frère usurpé,
L'exil et les malheurs, rien n'avait pu abbatre.
Il triomphe à la fin... et la mort l'a frappé!
Quel Souverain, pourtant, méritait davantage
De recevoir le prix de son noble courage?

Lorsqu'aux champs de Oporto l'ont cité ses exploits,
Le but de ses efforts est le règne des lois.
Pour l'affermir il brave les revers.
Des Portugais il brise enfin les fers!
La Constitution succède au Despotisme;
La Tolérance au Fanatisme.
D'un peuple sous le joug réveillant la fierté,
Il consacre ses droits, fonde sa liberté!...
Et quand tant de bienfaits semblent encore un rêve
La Parque inexorable à sa gloire l'enlève!
Près de goûter un éternel repos,
Tombant, hélas! à la fleur de son âge,
Il consolide son ouvrage;
Sa mort est celle d'un héros!...
Le bonheur de son peuple et celui de sa Fille,
Préoccupent son dernier jour,
Il confond dans un même amour
Et ses sujets et sa famille:
Maria, pour régner, je te dois un appui,
En Brésil tu as connu Auguste... eh bien, c'est lui
Qu'en secret, dès longtemps, t'a choisi ma prudence...
Il fut l'ami de ton enfance;
Et pour époux je te l'offre aujourd'hui...
Ses grandes qualités égalent son courage,
Il marche avec le siècle, il sait bien que les Rois
Par leurs seules vertus méritent son hommage:
Qu'ils ne peuvent avoir de véritables droits
Que par l'amour du peuple et le respect des lois!...

Un Français

Quoi! Leuchtenberg... le fils d'Eugène!
Le fils adoptif du grand Napoléon!
Le petit-fils de cette Reine
Dont mon pays bénit le nom!
Bonne et sensible Josephine,
Ta mémoire toujours sera chère au français
Il se rappelle tes bienfaits,
Et joint au souvenir que son cœur te destine,
Le nom sacré d'Eugène Beauharnais,
Heureux Enfant de la victoire,
Seul il sut conquérir sa gloire,
Et moissona ses plus brillants lauriers
Aux champs de la Russie, en sauvant nos guerriers!
Ses vertus le font vivre encore en Italie...
Du siècle qui l'admire il fixa le regard;
Mourut fidèle à sa patrie,
Fidèle à son noble étendart,
Sans reproche et sans peur, comme un autre Bayard!

Quel bien au Portugal promet cette alliance !
Esprit, beauté, douceur et bienfaisance,
De Donna Maria sont les trésors heureux
Auguste, de vos lois défenseur courageux,
Mettra tout son bonheur à soulager vos peines ;
En des liens de fleurs il changera vos chaînes ;
Vos droits, sa loyauté saura les garantir
Et sa valeur les soutenir
Le sang de Beauharnais, circule dans vos veines
Et ce généreux sang ne peut se démentir !

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

9336

3 vols.

SUBSTITUTE 'R' CAR

Location Main

No. of copies 1

Binding

Z
2726
B522

Z
2726
B522
v.1

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 23 11 14 021 9